ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

34

CONTÉM :

Orientação, da **Redacção**; Imprensa Espirita, por **Alfredo Miguel**; Da Ideia de Deus e do Seu Culto, por **Damião de Vasconcelos**; O Eterno Descontente; Mensagem do Espírito de D. Marilia a Seu Esposo Leopoldo Machado; Soneto, (a D. Maria Gonçalves Duarte Santos) por **António Cardoso**; Algumas Opiniões Sobre Maria Gonçalves Duarte Santos; A Duas Almas que Partiram, por **Estêvão Rodrigues**; Legado de Firmino da Assunção Teixeira; Provas de Sobrevivência, por **Artur Findlay**; No Limiar de Além-Túmulo, (Capítulo do livro *Carta de Uma Morta)*; Primeiro Aniversário; Dormir... Sonhar, pelo Coronel **Faure da Rosa**; Dr. José Bittencourt; Mediunidade Intuitiva, por **Abdallah**; Toque de Alarme, por **Rufino Juanco**; Na Aldeia; Sessão de Homenagem a Dois Obreiros do Espírito; Defesa Contra o Mal; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

Maria Gonçalves Duarte Santos

(Ver pág. 16)

12.º ANO — JANEIRO DE 1951 — N.º 1

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $50,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

Estudos Psíquicos

Director

Isidoro Duarte Santos

10.° VOLUME

1951

RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

Indice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Orientação, *da redacção* 1
Imprensa Espirita, *por Alfredo Miguel* 2
Esse Impulso, *do livro «Dois Mundos»* 3
Da Ideia de Deus e do seu culto, *por Damião de Vasconcelos* 4
O Eterno Descontente, *de Leão Tolstoi* 6
Mensagem do Espírito de D.ª Marília a seu esposo Leopoldo Machado 7
Soneto, a D.ª Maria Gonçalves Duarte Santos, *por António Cardoso* 8
Algumas opiniões sobre Maria Gonçalves Duarte Santos 9
A duas almas que partiram (Maria Duarte Santos e Faure da Rosa), *versos por Estêvão Rodrigues* 10
Legado de Firmino da Assunção Teixeira 11
Provas de sobrevivência, *por Artur Findlay* ... 12
No limiar de Além Túmulo, *mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier* 14
Liberdade, *do livro «Dois Mundos»* 15
Primeiro Aniversário, *mensagem de D.ª Maria G. D. Santos* 16
Dormir... Sonhar, *por Faure da Rosa* 18
Dr. José Bittencourt 19
Mediunidade Intuitiva, *por Abdallah* 20
Toque de Alarme, *por Rufino Juanco* 22
Na Aldeia, *por B. M.* 23
Sessão de homenagem a dois obreiros do Espiritismo 24
Defesa contra o mal, *de «Os Mensageiros» de André Luís* 25
As nossas edições 25
A Fraternidade Humana, *por L. Loyde* 26
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 27
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 29
Notas e Comentários, *da redacção* 31
Noticiário 32

N.º 2

Hombridade, *da redacção* 33
Os médiuns e os experimentadores, *por Tito L. Bancéscu* 34
Humildade e Caridade, *por Cyrilo Aleixo* 36
A Missão do Apóstolo, *do livro «Dois Mundos»* 37
Dormir... Sonhar, — I — *pelo Coronel Faure da Rosa* 38
A Reencarnação, *por Angelo da Costa Cabral* 40

Pag.

Pietro Ubaldi, *por Clóvis Tavares* 42
O Vampirismo, *por António Cardoso* 43
Manjares Espiritas da Caravana Espiritual, *por Leopoldo Machado* 46
«Dois Mundos» e a crítica profana 47
A Psicologia das Flores, *mensagem de D. Maria Duarte Santos* 48
Evolução-Revolução, *por F. Noronha* 50
«Dois Mundos» e a crítica profana 51
Da Hora que passa, *pelo espírito de Reper-Siam* 52
Mackensie King era espirita, *por Fhilippe Charpentier* 55
O livro «Dois Mundos» *anotado por Ramos Pereira* 56
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 58
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 60
Notas e Comentários, *da Redacção* 62
Noticiário 63
Livros Recomendados 64

N.º 3

Ser espirita, *da redacção* 65
O Futuro do Espiritismo, *por Santa Cruzara* ... 66
Espíritos Familiares, *do livro «Dois Mundos»* ... 68
A Missa Negra, *por António Cardoso* 69
Um caso de amnesia 70
Caravana da Fraternidade, *por Leopoldo Machado* 71
A Volta de Bernard Shaw 72
O livro «Dois Mundos» *anotado por Ramos Pereira* 74
O Espirita e a Paz, *por F. Noronha* 76
Ainda Bernard Shaw 77
Palingenesia, *por Alfredo Miguel* 77
Quimera, *versos por Isidoro Duarte Santos* 78
Arabescos, *por Abdallah* 80
Jesus no Evangelho de João *(comentário evangélicos de Saulo)* 82
«Dois Mundos» e a crítica profana 83
A crise introspectiva, *por Tito L. Bancéscu* ... 84
Homenagem a Jesus, *por António Martins* 86
As Nossas Edições 87
A Reencarnação, *por Angelo da Costa Cabral* 88
«Dois Mundos», *por F. Noronha* 90
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 91
União, *soneto de Amaral Ornelas* 92
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 93
Notas e comentários, *da redacção* 95
Noticiário 96

Pág.

N.º 4

Horizonte, *da redacção* 97
Humanismo e Espiritismo — A posição do Espiritismo, *por Ramos Pereira* 98
A Prática do Espiritismo 102
Resvaladouro, *pelo espírito de Reper-Siam* 103
Da Existência de Deus, *por Deolindo Amorim* 104
Mensagem Curiosa, *por Francisco Duarte* 107
Ernesto Bevin Espirita, *por Robert Goldsbrough* 108
As Nossas Edições 109
O livro «Dois Mundos» *anotado por Ramos Pereira* 110
Arabescos, *por Abdallah* 112
O Balanço, *do livro «Dois Mundos»* 112
O Universo e o Homem, *de Rafael Torres de la Luz* 114
Almas Errantes 116
Platão, *por António Cardoso* 117
Jesus no Evangelho de João — II — *(comentários evangélicos de Saulo* 181
«Dois Mundos» e a crítica profana 119
Uma anedota de Lord Byron 121
A Reencarnação, — II — *por Angelo da Costa Cabral* 122
Bem-Aventuranças, *por Pietro Ubaldi* 124
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 125
Notas e Comentários, *da redacção* 127
Noticiário 128
Oração da Noite, *por António Martins* 128
Fundo de Beneficência 128

N.º 5

Misticismo Racional, *da redacção* 129
Humanismo e Espiritismo — Teoria estática do Espírito (I), *por Ramos Pereira* 130
Policrómicas, *por Tito L. Bancéscu* 133
Este Mundo... e o Outro, *por Alfredo Miguel* 134
O que é preciso, *pelo espírito de Reper-Siam* ... 136
Sopro Curador, *por Henrique Magalhães* 137
Maternidade Casa da Mãe Pobre, *por Isidoro Duarte Santos* 138
Um sonho com «A Grande Síntese», *por Medeiros C. Júnior* 140
Aristóteles, *por António Cardoso* 142
Coronel Faure da Rosa, *por Agnelo Morato* ... 143
Ecos do Além, — I — *por Isidoro Duarte Santos* 144
O Alvo da Vida, *por António Martins* 146
A União faz a força, *por F. Noronha* 147
Compromissos Sagrados, *por Cyrilo Aleixo* 148
«Dois Mundos» e a crítica 149
A Reencarnação, — III — *por Angelo da Costa Cabral* 150
As nossas edições 151
A Serpente da Eternidade, *do livro «Cartas do Mundo», por Elsa Barker* 152
Ler nas Nuvens, *por Arnaldo S. Tiago* 154
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 155
O livro «Dois Mundos», comentado pelo jornal «A Bola» 156
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 157
Notas e Comentários, *da redacção* 159
Noticiário 160
Fundo de Beneficência 160

Pág.

N.º 6

Um Exemplo, *da redacção* 161
Humanismo — O Espiritismo Teoria Estática do Espírito, — II — *por Ramos Pereira* 162
Amai e Perdoai, *pelo espírito de Reper-Siam* ... 167
Propaganda Espirita, *por Alfredo Miguel* 168
«Almas Errantes» 170
Ciência Antiga, Ciência Oculta e Ciência Moderna, *por Rufino Juanco* 171
Discos Voadores 172
O livro «Dois Mundos» e a crítica 174
Ecos do Além, — II — *por Isidoro Duarte Santos* 176
A Manifestação Vital, *do livro «Dois Mundos»* 179
Coisas que acontecem, *por Bartolomeu Bana Martins* 180
Introdução à Filosofia Científica de Gustave Geley, *por Humberto Mariotti* 182
Pitágoras, *por António Cardoso* 186
Mensagens Espirituais recebidas por Ernesto Bevin, *por Robert Goldsbrough* 188
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 189
Notas e Comentários, *da redacção* 191
Noticiário 192
Fundo de Beneficência 192

N.º 7

Dever, *da redacção* 193
Humanismo e Espiritismo — Os fenómenos metapsicológicos, — I — *por Ramos Pereira* 194
Lord Baldwin e o Espiritismo, *por Fred Archer* 199
Frutos do Trabalho Cristão, *por Alfredo Miguel* 200
«Almas Errantes» 202
O Homem Caridoso, *pelo espírito de Reper-Siam* 203
A Prece faz Milagres, *por Henrique Magalhães* 204
Leopoldo Machado 205
Deus, causa das causas, *por F. Noronha* 206
Brasil e Portugal 207
Ecos do Além, — III — *por Isidoro Duarte Santos* 208
Relógios que andam... relógios que param, *por António Cardoso* 212
Bibliografia, *por Ramos Pereira,* 213
A Nossa Luta, *por António Martins* 214
O Lado Espiritualista da Vida, *por Leopoldo Machado* 215
Um filho vem dizer «Sou eu, mamã...», *por Achille Biquet* 216
O Tempo e a Ideia, *do livro «Dois Mundos»* ... 216
O livro «Dois Mundos» e a crítica 218
Pietro Ubaldi visita o Brasil 219
Notícias do Brasil, *pelo nosso correspondente no Rio de Janeiro* 220
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 221
Notas e Comentários, *da redacção* 223
Noticiário 224
Fundo de Beneficência 224
Bibliografia, *da redacção* 225
A Investigação Psíquica, *pelo Dr. Carl Wickland* 226
Normas Salutares, *pelo espírito de Reper-Siam* 228
Humanismo e Espiritismo — Os fenómenos metapsicológicos, — II — *por Ramos Pereira* ... 231
Faina Meritória, *por Deolindo Amorim* 234

Pág.

N.º 8

O Espiritismo na Escola Militar 235
Sócrates, *por António Cardoso* 236
Médium Extraordinária 238
Ecos do Além, — IV — *por Isidoro Duarte Santos* 240
Em Frente, *por F. Noronha* 244
Ayer y Hoy, *por Elias López* 245
Uma Curiosa Prova de Reencarnação, *por Henrique da Silva Horta* 246
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 251
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 252
Notas e Comentários, *da redacção* 254
Noticiário 255
Fundo de Beneficência 255
As Nossas Edições 255
Livros da Editora «O Pensamento» 256

N.º 9

Mensagem, *da redacção* 257
Fernando Ortiz e a Criminologia Moderna, *por Deolindo Amorim* 258
Duplo das Plantas, *por Henrique Magalhães* ... 261
Arabescos, *por Abdallah* 262
Caridade, *por Alfredo Miguel* 264
Livros de todo o Mundo 266
As Manifestações Post-Mortem, *por António Martins* 267
Visão-Síntese, *por Pietro Ubaldi* 268
A Psicologia da Tolerância, *por Tito L. Bancéscu* 270
Notícias do Brasil 271
Ecos do Além, — V — *por Isidoro Duarte Santos* 272
O Sentimento das Almas, *do livro «Dois Mundos»* 277
Os Voluntários da Dor, *por Cyrilo Aleixo* 278
Inconsciente e Sub-consciente, *por Otto A. Prado* 281
O Espiritismo e o Crime, *por F. Noronha* 282
As Nossas Edições 283
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 284
Notas e Comentários, *da redacção* 286
Noticiário 287
Fundo de Beneficência 287
Livros da Editora «O Pensamento» 288

N.º 10

Uma Pergunta, *pelo Espírito de Lia* 289
A Lei do Esquecimento na Reencarnação, *por Alessio Galati di Riella* 290
Espírito e Matéria, *por Leopoldo Machado* ... 293
A Questão do Divórcio, *por Alfredo Miguel* ... 294
Falando com os Espíritos, *por Frederico Duarte* 296
Fenómenos Impressionantes, *por Haroldo Penas Ribas* 298
O pêndulo de um vedor num processo de herança, *de «La Presse», de Paris* 300
Leopoldo Machado e a sua obra, *por Carlos Imbarsahy* 302
O Espiritismo 303
Ecos do Além, — VI — *por Isidoro Duarte Santos* 304

Pág.

Antistenes, *por António Cardoso* 310
Auxílio aos Necessitados 311
A Força Psíquica, *por Damião de Vasconcelos* 312
O livro «Almas Errantes» 312
Um Caso Provante, *por F. Noronha* 314
Caridade Espiritual, *pelo Espírito de Reper-Siam* 315
Um livro ditado do Além 316
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 317
Notas e Comentários, *da redacção* 319
Noticiário 320
Fundo de Beneficência 320

N.º 11

Um Projecto, *da redacção* 321
Elogio de Allan Kardec, — I — *pelo Coronel Delfino Ferreira* 322
Simpatias e Antipatias, *por Alfredo Miguel* ... 326
A Bíblia, *por Leopoldo Machado* 327
O livro «Dois Mundos» vai ser traduzido na Argentina 328
Sessão de Homenagem ao Coronel Faure da Rosa 329
O Coveiro, *um capítulo do novo livro transmitido por Lia* 332
Um Caso de Cura, *por José Cardeira Baptista* 334
Livros de todo o Mundo, *por Ramos Pereira* ... 335
Ecos do Além, — VII — *por Isidoro Duarte Santos* 336
Francisco Cândido Xavier na Intimidade, — I — *por César Burnier* 342
Epicuro, *por António Cardoso* 346
Livros Novos 348
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 349
Notas e Comentários, *da redacção* 351
Noticiário 352
Fundo de Beneficência 352

N.º 12

Fraternidade, *da redacção* 353
Elogio de Allan Kardec, — II — *pelo Coronel Delfino Ferreira* 354
O Espiritismo e a Frenologia, *por Arnaldo Mateos* 357
Auxílio aos Necessitados 359
Histerismo ou Ignorância?, *por B. B. Martins* ... 360
Nossos Poderes Ocultos, *por Cyrilo Aleixo* ... 362
Limitação, *soneto de Mário Nobre* 364
Marco Aurélio, *por António Cardoso* 365
«Dois Mundos» põe-nos em contacto com o mundo invisível, *por Tito L. Bancéscu* 366
Ecos do Além, — VIII — *por Isidoro Duarte Santos* 368
Francisco Cândido Xavier na intimidade, — II — *por César Burnier* 374
«Almas Errantes» e os leitores, *por Cirilo Aleixo* 378
O Primitivismo na Península Ibérica, *por Damião de Vasconcelos* 379
As Curas de Fernanda Gonçalves, *por S. Teixeira* 380
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 381
Notas e Comentários, *da redacção* 383
Noticiário 384
Fundo de Beneficência 384

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1951 — N.º 1

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Admnistração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ORIENTAÇÃO

Que dura faina é orientar! Prudência, discernimento, sentido das responsabilidades, tudo isto se inverte nessa difícil tarefa, As almas conduzem-se com ciência e consciência, sem instinto de rebanho. Mostra-se-lhes um alvo dignificante, um programa racional, uma moral regeneradora e escolhem por si mesmas o caminho que trilham. Não se lhes impõem jornadas, porque as almas têm a sua órbita. Mas elas escolhem, comparam e decidem. Sentem a atracção de certos ideais e avaliam a grandeza dos arautos pelas obras que estes realizam.

O verbo orientar conjuga-se em todos os tempos e modos. Não é exclusivo desta ou daquela capelinha. Quem quer que pense e tenha amor à Causa pode conjugar o verbo, não importa o lugar onde se encontre.

Nós temo-lo conjugado com proveito para muitos. Algumas ovelhas trouxemos ao aprisco, esclarecendo dúvidas e fortalecendo ânimos. E continuaremos a conjugá-lo alegremente, doa a quem doer, mesmo que nos acoimem de falsos espiritas. Estamos velhos para mudar de opinião.

De resto, a missão da imprensa é elucidar, é conduzir as massas, é promover a sua felicidade material e espiritual. Quem dá um conselho não elucida, não conduz, não promove alguma coisa ?...

Neste ano de 1951 muito agiremos e falaremos na dura faina de orientar. «Estudos Psíquicos» e o Centro Espiritualista Luz e Amor constituirão um bloco ainda mais forte. Do Alto nos vem o incentivo e a coragem. É preciso sair do ramerrão, é preciso ser digno, é preciso enfrentar as mazelas e aplicar-lhes o cautério. Somos livres para isso e temos autoridade que a outros falece. Pactuar com desmandos é ser cúmplice. Deve-se orientar com verdade e dignidade.

Ter um baluarte e uma bandeira não basta para poder orientar. Há outras coisas que se impõem e valem mais do que bandeiras e baluartes.

Vamos entrar no 12.º ano de vida intensa e construtiva. Os nossos colaboradores permanecem no seu posto e não deixarão de orientar, como têm feito até aqui. O seu esforço será maior e melhor, mais elevado e sincronizado, para que o Ideal prolifere, para que haja mais esperança nas almas e mais comedimento nas acções.

Temos que dignificar o Espiritismo! Temos que o apresentar como ciência experimental, como filosofia evolucionista e elemento moralizador ao alcance de todas as inteligências. Temos que destruir o estigma que o acompanha, mercê da ignorância de muitos. Temos que usar linguagem compreensiva, falando ao coração e ao sentimento generoso de quem lê. Temos que reabilitar um vocábulo deturpado aos olhos das pessoas cultas.

Que dura faina é orientar! Dura e difícil, dura e espinhosa, duplamente responsável para quem tem um cérebro e uma tribuna! As credenciais de quem pensa são as grilhetas de quem fala. Sabemos bem isto, compreendemos a situação e saberemos resolver os problemas, beneficiando as obras que edificámos.

Os organismos orientadores necessitam de pessoas idóneas que conheçam a doutrina. Além do mais, a base moral é indispensável aos pregadores.

Nós temos o nosso programa e queremos cumpri-lo a curto ou longo prazo. Não o reeditamos em grandes parangonas. Não vale a pena. É melhor trabalhar silenciosamente com as armas que tivermos e colher a maior soma de frutos sazonados.

As atitudes reflectem as ideias. A nossa atitude será de vigilância e expectativa. Dentro das fileiras preconisamos o saneamento e o estudo equilibrado da doutrina. Não compreendemos o adepto que se limita a crer e a repetir o que outros disseram. Nesta conformidade tentaremos orientar dentro dos sãos princípios, mantendo «Estudos Psíquicos» no seu nível próprio e tornando esta revista um elemento de ordem espiritual ao serviço da Nação.

IMPRENSA ESPIRITA

Por ALFREDO MIGUEL

(Correspondente em Salvador Bahia)

NÃO sei, ao certo, o número exacto de publicações espiritas, editadas, presentemente, no Brasil. Afirmo, todavia, que se elevam a nada menos de sessenta. Sòmente no Distrito Federal, entre jornais e revistas, circulam, normalmente, 7 ou 8, e na capital paulista a quantidade é presumìvelmente idêntica. Penso que em duas ou três capitais, de pequeno porte, apenas, o Espiritismo não possui ainda imprensa própria para a sua propaganda. É de crer, porém, que essa lacuna não tardará a ser preenchida. Na região setentrional do país, onde os labores espiritas pouco diferem do dinamismo de nossos correligionários das plagas sudinas, há cidades importantes — Recife, por exemplo — onde a divulgação da nossa Doutrina, através do periodismo, é feita por meio de 2 jornais e 3 revistas. Aqui em Salvador, além do nosso LUZ DA VERDADE, mais duas gazetas menores veiculam para seus leitores a mensagem consoladora dos Espíritos. Muitas cidades do interior, deste e de outros Estados, dispõem, também, de imprensa espirita.

Mas, em se tratando de Espiritismo, importa julgar do valor das coisas pela sua qualidade. Para nós o elemento quantitativo é meramente secundário. Por isso mesmo, não serei eu que estime muito acima de 30 os órgãos de publicidade — *genuìnamente espiritas* — existentes no território brasileiro. Os que daí excedem, a rigor, não fazem jus a esse qualificativo, enquanto conservarem as características actuais da sua fisionomia e do seu programa. Porque uma publicação espirita, capaz de honrar a Causa que serve, tem de ser, *verbi gratia*, como *Estudos Psíquicos*: grave e atraente pelo seu aspecto, pela sua nobre orientação e pela excelência da matéria que insere e torna as suas páginas sumamente instrutivas.

Deste feitio, conta, felizmente, o Espiritismo, no Brasil, umas três dezenas de periódicos, susceptíveis de se impor a leitores de apurado gosto literário — quer sejam espiritas ou leigos.

Fora desta categoria — valha-nos a verdade — o que se nos depara são os espécimes de uma sub-imprensa bisonha e claudicante, cujos responsáveis julgam estar cooperando na propagação do Espiritismo, quando, na realidade, o estão desservindo. A actuação desses improvisados plumitivos no nosso campo de actividades doutrinárias é deveras contraproducente, uma vez que ao maior número deles vem juntar-se à falta da necessária vocação jornalística uma lamentável pobreza de conhecimento, relativamente à própria Doutrina que pretendem difundir. Por mais estranho que pareça, alguns desses fazedores de jornais nem sequer sabem combinar o verbo com o sujeito nas tiradas que escrevem!...

Recebo regularmente várias publicações desse jaez, e sempre que me vêm às mãos causam-me desapontamento e tristeza. Materialmente, são de formatos diversos, mas quase todas minúsculas e de aspecto algo mirabolante. Seus nomes — com algumas excepções — um tanto infantis, um tanto piegas. Poucas as que não ostentam no cabeçalho legendas em quadrinhos e desenhos simbólicos. Não compreendo bem por que é que os nossos jornais hão-de exibir uma feição gráfica diferente da imprensa leiga, e gostaria de saber se há necessidade de apresentarem no topo aqueles ornatos. Deito os olhos pelas suas páginas e raramente destaco um artigo de valor, interpretando o Espiritismo, ventilando os problemas que ele soluciona. Lá está, ao contrário, o que há de frívolo e supérfluo. Ocupando bom espaço, as impertinentes objurgatórias ao clero católico; extenso noticiário sobre movimento maçónico, literário e social; os antipáticos debates em torno de questiúnculas internas, quando não os destemperados elogios a seus próprios directores ou a pessoas influentes na localidade. Tudo isto, sem falar nas indefectíveis «mensagens mediúnicas» — fúteis, banais, sem conteúdo, mas subscritas por personagens célebres... E para cúmulo da irresponsabilidade, a inconcebível condescendência de seus directores, dando guarida a quantas baboseiras lhes enviam a título de colaboração...

Nossos adversários aproveitam-se muito desses jornalecos para irrogarem contra nós as suas críticas. Leiem as tolices que eles inserem e concluem que os espiritas são uns pobres diabos e o Espiritismo coisa bem mesquinha.

Os zoilos têm alguma razão. Façamos tudo com seriedade e ordem, e deixarão de rir à nossa custa. A imprensa dita espirita, desse tipo, precisa urgentemente de se modificar, passando para mãos hábeis, — mãos de quem entenda do *metier* jornalístico, conheça o Espiritismo e escreva direito. A seara espirita é, realmente, grande demais e dentro dela há lugar para quantos queiram trabalhar e produzir. Cumpre, contudo, que cada qual procure fixar-se no sector que lhe é próprio, integrando-se numa função adequada. A imprensa é uma dessas funções, para a qual não basta ter simpatia e querer exercê-la. Além da natural propensão para o ofício, é imprescindível a capacidade intelectual e um pouco de perícia na arte de escrever. Tratando-se então de imprensa especializada, isto é, consagrada à propaganda de uma ideologia — filosófica, social ou política — não se concebe que seus redactores conheçam mal as questões por que se batem ou as exponham numa linguagem sem apuro. A imprensa espirita, esta, mais que qualquer outra, impõe grave e extensa responsabilidade àqueles que tomaram a si o encargo de dirigi-la. Suas páginas necessàriamente têm que ser um reflexo vivo e fiel do Espiritismo, e isto significa que ao jornalista espirita incumbe realizar um trabalho de sentido impessoal, para o que precisa estar desarmado de prevenções, ressentimentos ou malquerenças. O jornal espirita não pode nem deve ser veículo de sentimentos subalternos. Uma tarefa como esta, de tanta magnitude, reclama, pois, de quem se proponha a desempenhá-la, inteligência ágil e um largo descortino.

A muita gente o director de jornal espirita terá que desagradar, se quiser manter-se digno do seu posto. Tenho que é preferível descontentar, ser increpado mesmo de intolerante e desatencioso, a ter de ceder a alheias e insensatas injunções. No que toca à selecção da matéria para publicação, aí é que o director deve ser em extremo rigoroso e intransigente. Ao público só convém oferecer leitura agradável, substanciosa, interessante. Esta, sem dúvida, a contingência delicada em que se verá muitas vezes o director de jornal espirita, porém só mantendo esse critério sem transigência será possível salvaguardar o crédito da publicação mediante a preferência e a simpatia que lhe dispensarão os leitores.

Neste ponto, contemporizar é concorrer para a morte do periódico e aviltamento do Espiritismo. E aí estão duas coisas que não devem acontecer nunca por nossa condescendência ou fraqueza. Recordo-me de que, ao tempo em que eu dirigia *Bahia-Espirita*, ganhei fortuitamente um desafecto por não ter anuído a uma exigência descabida. Certo padre, no Estado vizinho, teria renunciado a batina e contraído núpcias com uma jovem. Dando-me essa informação, o confrade que o fez, lampeiro e alvoroçado, foi ditando logo o título da nota que eu deveria publicar: — «Um homem a mais, um padre a menos!». Ora, eu não publiquei coisa nenhuma, que *Bahia-Espirita* não era escoadouro de escândalos, e, ademais, tinha um programa alevantado que eu mesmo traçara e procurava cumprir à risca.

Quem, por conseguinte, não estiver em condições de assumir atitude e não se disponha a ferir-se nesses espinhos, faz bem em reconhecer-se incapaz de ocupar a direcção de um jornal lìdimamente espirita. Convém servir à Causa em outro sector onde melhor se possa adaptar. A imprensa espirita é para dignificar o Espiritismo; porém ela só cumprirá integralmente a sua grandiosa finalidade, quando todos que estão à sua frente derem provas de habilitação completa e reconhecerem que acima das pessoas e das próprias circunstâncias sobrepairam os legítimos e superiores interesses da nossa Doutrina.

ESSE IMPULSO...

Esse impulso que se dirige a todos os pontos da aspiração humana serve igualmente à evolução do espírito. Está em cada um de nós. O que o move é de origem divina. O beijo que o animou tem o sabor de imortalidade. Deus o gerou, Deus o mantém, Deus o orienta. E tanto pode ser o carro a que se apoia a criancinha no exercício dos primeiros passos, como a asa veloz que fende o espaço imenso. Atende às necessidades, seja qual for o caso e a circunstância. A transmutação utiliza-o na velocidade apropriada, em direcção a futuros degraus que é preciso transpor.

(Do livro DOIS MUNDOS, de Maria Gonçalves Duarte Santos).

DA IDEIA DE DEUS E DO SEU CULTO

II

A história das religiões conduz-nos, gradativamente, à melhor compreensão da divina obra da Criação para lhe entrevermos a suprema beleza e aprendermos a amar a Deus, amando o nosso próximo, isto é, auxiliando-nos uns aos outros, na ascenção gloriosa para os cimos da perfectibilidade. E a nossa missão junto dos homens, nossos semelhantes, é a da divina prática da caridade.

E sendo assim as manifestações sinceras do sentimento religioso, conclui-se, evidentemente, que aproximam, ligam os homens, apesar das mais formidáveis diferenças de gradação intelectual que os separem. Eis porque a Religião, em verdade, é o laço que une os seres uns aos outros, religando-os todos ao Supremo Arquitecto do Universo.

Em tudo, pois, a Religião é a grande força do Amor, atraindo-nos para a Divina Paternidade, como veículo do progresso difundindo a luz, dando movimento e vida ao Universo!

É, portanto, o menor ou maior grau de religiosidade o que determina a posição dos seres inteligentes no universo, podendo um espírito, imensamento elevado em cultura, assemelhar-se a um bárbaro em sentimento — o que os iguala perante uma justiça imanente na consciência humana, como reflexo da infalível justiça Divina. O verdadeiro sentido da Religião foi-nos dado pelo Cristo: alcançar o máximo poder pessoal no *espírito*, pela virtude do Amor, desenvolvida até ao sacrifício, para prodigalizar o máximo de caridade ao próximo, a fim de auxiliá-lo em sua ascenção constante e gloriosa.

A Religião popular não passa de um acervo de fórmulas e ritos, através dos quais nada se encontra da verdadeira prática religiosa, porque após vinte séculos de cristianização das consciências, ainda é enorme a luta que se trava contra a idolatria, que teima em manter o povo na ignorância da verdadeira concepção religiosa da nobre e consoladora Doutrina do Cristo, de que nos veio a renúncia às vaidades terrenas, do perdão das ofensas, de humildade, de amor e de trabalho constante em prol do aperfeiçoamento moral dos espíritos — elementos sagrados da Religião, em seu alcandorado sentido da união da criatura ao seu Criador e Pai.

Infelizmente o que, em geral, se observa no mundo é um acentuado espírito sectarista formulador de ódio e conflitos religiosos, que têm feito correr mais sangue do que todas as guerras desencadeadas por outros quaisquer motivos. Portanto, em vez de lançarmos acusações sobre esta ou aquela doutrina religiosa, reconheçamos que todas são boas, adaptáveis à índole do povo ou raça a que vieram servir, e sempre que os adeptos procuram bem segui-las, os frutos de suas doutrinas aparecem sazonados e satisfazem à grande aspiração humana, ainda infelizmente teórica, de paz e felicidade.

É preciso saber fazer a distinção entre as crenças antropomorfas e a doutrina do monoteísmo judaico, culminando na Religião Cristã, para se compreender o verdadeiro sentido da Religião, que é o desprendermo-nos de todas as reduções terrenas, das glórias falazes do mundo, dos seus mesquinhos interesses, para tornarmo-nos, como o Cristo, colaboradores de Deus, fazendo-lhe a Vontade, *conscientemente* e não apenas como simples autómatos— o que acontece enquanto o homem perseverar no desconhecimento da sua divina filiação.

Porque nessa consciente submissão a Deus é que repousa, em verdade, a estrutura social conducente à felicidade. Enquanto o homem perseverar em viver à margem da Religião e em afastar Deus dos seus negócios particulares, reservando as manifestações religiosas para raros momentos da prece ritualistica, será um eterno infeliz, sem bússola, sem directrizes morais verdadeiras, devorando os frutos do trabalho, obtidos com o suor do seu rosto, com a mesma displicência com que os irracionais devoram o que podem obter, graças ao seu instinto de conservação.

Sòmente quando o homem passa a contemplar Deus como o Deus vivo e que permanece unido aos seus filhos ininterruptamente, é que começa a viver da verdadeira vida moral que lhe reserva todas as graças divinas.

Foi o que nos veio revelar o Cristo.

Jesus é o executor da Divina Vontade entre os homens e, nesse carácter, oferece-se Ele como vítima, não no sentido que lhe tem emprestado a Igreja, isto é, de haver expiado na cruz o pecado de todos os homens — o que seria atribuir à Divina Justiça apenas um sentido simbólico, que pode convir aos que esqueceram completamente os seus deveres de educadores de espíritos, mas que se torna, para os que compreendem a missão redentora do Cristo, futilidade sem importância alguma no trabalho muito sério de conduzir almas para o rumo de Deus.

Efectivamente, se o Mestre veio para servir de modelo a todos que desejam enveredar pelos caminhos que levam à felicidade espiritual, consiste a nossa redenção num esforço constante de bem proceder, conforme os exemplos que Ele nos legou.

É, portanto, segundo o ensinamento de Jesus, concretizado nos Evangelhos, de educação que precisa o homem; de acção decisiva e constante no sentido da sua reforma moral, do abandono das meras praxes e convenções superficiais, para a submissão ao afectivo cumprimento da Lei, de modo que satisfaça a consciência e fique o homem em paz consigo mesmo e não apenas acomodado a uma série de preconceitos e falsas regras, que dissimulam a verdade.

Não se deve, pois, como é evidente, seguir a crença cega, intolerante, supersticiosa, que produz fanáticos, perseguidores, intolerantes, inconscientes e moinhos de orações. Não. A Fé verdadeira, sincera, a Fé que só Deus sabe insuflar nos nossos corações, é a que simultâneamente esclarece o espírito, ilumina a inteligência e dá abundante Amor, abundante

Paz, abundante Gozo, abundante Paciência, abundante Ternura, abundante Bondade, abundante Modéstia e todos os preciosos frutos do Espírito Santo (Galatas V — 22 e 23), que levam os sinceros crentes a mostrar ao mundo a diferença que há entre o espírito e a matéria; a crença e a superstição; o bem e o mal, e os católicos *snobs* e desconhecedores do Evangelho e das bases mais rudimentares do Cristianismo.

E o essencial é crer. Crer em Deus, e nos Espíritos sublimes de todos os tempos, que foram os intermediários entre o homem e a Divindade.

São esses seres, a que se chama os Heróis, os Sábios, os Iniciados, os Génios, os Profetas, os Santos, os Anjos, os Arcanjos, os Serafins, etc. São para nós modelos, amigos supraterrestres dos quais nos devemos socorrer para pedir a orientação, a intuição, a inspiração, de maneira a melhor impregnarmos os nossos esforços da progressão. Podemos assim estar em comunicação pela prece com os grandes espíritos de todos os séculos e de todas as raças, e receber deles direcções sublimes. É assim que os espíritos dos antepassados virtuosos podem infundir-se nas gerações novas e que o culto dos grandes mortos nos panteões se encontra plenamente justificado.

Com efeito, um dos meios mais seguros de adquirirmos grandeza moral e poder intelectual, numa palavra, de nos exercitarmos na virtude, é vivermos na atmosfera divina dos pensadores sublimes, dos grandes Santos e dos justos de todos os tempos. Impregnando os nossos pensamentos de suprema beleza, de amor da Natureza e da obra divina, é que eles exprimiram e fixaram as bases das obras materiais (música, pintura, escultura, arquitectura), e lendo frequentemente os escritos religiosos dos sábios, exalta-se-nos o espírito e sentimo-nos arebatados por esforços que elevam e purificam. Atravessamos a corrente das verdades tradicionais e eternas.

A luz da fé inunda-nos. A certeza de estarmos no caminho direito e de trabalharmos para fins úteis, fortifica e torna-nos calmos.

O socorro do Alto chega até nós e guia-nos. Mas, para merecermos esta existência superior, é necessário mostrarmo-nos dignos dela por uma vida pura e uma moralidade exemplar.

Leiamos, por seu turno, o que a respeito de Deus nos diz o «Mahatma» Gandhi, num artigo seu, publicado pouco tempo antes da sua morte, em Fevereiro de 1948, intitulado «*Porque acredito em Deus e na prece*»:

«Acredito convictamente no valor da prece, de todas as coisas, aquela que mais importância tem para mim. É o maior sustentáculo a que me apoei sempre. Eis o meu único conselho aos que se aproximam de mim confusos e enfraquecidos ou com problemas tão complexos que produzam profundo desespero. Estou convencido de que a prece não tem apenas valor espiritual, tem igualmente valor concreto e prático.

«A prece é considerada, na sua acepção mais vulgar, um ritual piedoso, um hábito respeitável e adquirível, ou mesmo uma fórmula de garantia para se conseguir determinado fim. Considerada sob este aspecto, a oração não tem significado, porque o acto em si é vazio. O seu espantoso poder inerente reside inteiramente no que lhe é oferecido e na qualidade da fé donde lhe provém. A simples atitude da adoração, o simples dobrar dos joelhos e o inclinar da cabeça, não têm significado nem valor de devoção.

«Têm-me perguntado muitas vezes por que me tornei crente profundo nas virtudes e na eficácia da prece.

«Conheço-me perfeitamente bem. Por natureza, sou tímido e nada que se pareça com um homem corajoso.

«Nunca teria tido forças para enfrentar com coragem certas crises, nem suportá-las com firmeza, se não fosse a minha fé na prece.

«Parece-me que o exemplo mais dramático de que me recordo, é um caso ocorrido há muitos anos na África do Sul.

«Havia nessa altura na África do Sul uma lei dirigida expressamente contra os indianos, e eu fizera aquela viagem para me opôr a essa lei. O navio foi recebido com manifestações hostis e aconselharam-me a que permanecesse a bordo visto não se responsabilizarem pela minha integridade física, pois a multidão estava ali com a ideia preconcebida de me linchar.

«Não obstante desembarquei. Fui apedrejado; mas eu rezara a invocar coragem para enfrentar a multidão enraivecida, e a coragem nunca me faltou.

«Não quero dizer com isto que me considero particularmente favorecido pela Divindade e em condições de conseguir sempre aquilo que quero. Se eu pensasse assim, fosse qual fosse a força atribuída à prece, esta deixaria de actuar em mim. Creio, em contrapartida, que a prece apenas me concedeu uma quantidade infinitesimal daquilo que me proporcionaria se a minha fé fosse mais perfeita e a minha devoção mais completa. A fraqueza não está na prece, mas sim no indivíduo que ora.

«A prece implica e exige fé em Deus; sem ser necessàriamente uma fé em Deus, como ela é interpretada por determinada religião ou seita dessa religião, mas sim uma fé na existência da Divindade, uma fé firme e profunda sem reservas intelectuais.

«Mas o céptico diz: Como pode qualquer homem inteligente crer sinceramente na existência de um Deus todo poderoso, omnisciente e misericordioso, quando na terra se cometem constantemente actos crueis e insensatos? Como conciliar tais manifestações — pergunta ele — com a concepção da Divindade? Não se demonstra assim que a prece nada vale?

«Tomemos em consideração este argumento tão vulgarizado e tentemos responder em termos próprios àqueles que o pôem em destaque. Parece-me que, quer o compreendam quer não, pretendem dizer que, na verdade, Deus é responsável por todos os horrores, opressões e mortandades.

«Mas, acaso não será profundamente significativo que sejamos capazes de reconhecer que estes factos são crimes, em vez de re-

Compilação de DAMIÃO DE VASCONCELOS

O Eterno Descontente

Um homem descontente com a sorte queixava-se de Deus.

— Deus — dizia ele — dá aos outros as riquezas e a mim não dá coisa alguma. Como é que eu hei-de poder fazer o meu caminho nesta vida, sem nada possuir?

Um velho ouviu estas palavras e disse-lhe:

— Acaso és tu tão pobre quanto dizes? Deus não te deu, porventura, saúde e mocidade?

— Não digo que não e até me orgulho bastante da minha força e do verdor dos meus anos.

O velho, então, pegou na mão direita *do homem e perguntou-lhe:*

— Deixas cortar-te *essa* mão *por mil rublos?*

— Nem por doze mil!

— Nem a esquerda?

— Também não!

— E por dez mil rublos consentirias em ficar cego *por toda a vida?*

— Nem um olho dava por tal dinheiro!

— Vês — observou o velho — que riqueza Deus te deu? E tu ainda te queixas!

LEÃO TOLSTOI

signadamente os considerarmos justificáveis e sem motivo de condenação?

«Em última análise, o que é que nos faz diferençar entre o bem e o mal? Quais as qualidades em nós que nos fazem abominar a violência e, no nosso ítimo, reconhecer os prejuízos que ela nos causa, por muito que a procuremos racionalizar?

«Creio que se não houvesse Deus, não se reconheceria a existência do bem e do mal, não haveria o conceito de legalidade e de ilegalidade, e, portanto, não haveria nem caridade, nem devoção, nem nobreza de espírito. Se estas qualidades não existissem no mundo, então talvez tivéssemos razão para declarar que Deus não existia.

«Há qualquer coisa de infinitamente mais elevado do que o intelecto que nos dirige a todos, afirmam os cépticos. O cepticismo e a filosofia não os ajuda nos períodos críticos da vida; frente a frente com uma calamidade, eles verificam que há pouco conforto e pouca satisfação na fé intelectual. O conceito espiritual, que se esquiva ao intelecto, permite ao homem realizar em vida os seus mais completos poderes.

«Exprimi esta convicção, certa vez, a um amigo, intelectual muito lido e crente na fé budista. Ele discordou da minha opinião.

«É verdade — disse — que há homens de inteligência altamente desenvolvida a quem a fé em Deus dá incrível conforto moral e ajuda a formar o carácter. Mas há grandes espíritos que conseguem o mesmo sem qualquer auxílio. Foi isso que o budismo me ensinou. Porque Buda nunca orou, apenas meditou».

«O nome e a maneira de agir não interessa,—respondi. A meditação de Buda era espiritual e o que será isso senão uma prece? Pode-lhe chamar meditação, se quiser; o que interessa aqui é a tentativa para atingir o Eterno. Como acredito em Deus, acredito também no valor da prece. A prece é o meio infalível e consciente da presença de Deus. É este o seu verdadeiro significado, a sua força e a sua recompensa.

«Eis, em resumo, o meu credo».

(De «*Tit-Rits*», Londres).

★

Vejamos agora, num relance, os principais fundadores da religião.

Assim, Krishna nasceu entre os Arianos e fundou o Induismo; como Zoroastro, viveu entre os Persas e propagou o Mazdeismo, ou culto da Natureza, simbolizado pelo fogo; como Hermes Trimegista nasceu entre os Egípcios e ensinou o Hermetismo, ou religião da Sabedoria, cultivada pelos Hierofantes, nas pirâmides ou templos da Iniciação; com Orfeu novamente baixou à Terra um desses iluminados criando a religião da Beleza, e a Arte alcançou a mais elevada perfeição entre os Gregos; com Buda, seiscentos anos antes da nossa era, baixou então na Índia e fundou a religião da renúncia, o Budismo; e, finalmente, com Jesus, o Cristo, entre os Judeus, outro enviado de Deus viveu pregando a Religião do Amor e do perdão.

Além desses, outros vieram auxiliar a Humanidade, pregando uma nova doutrina filosófica, uma nova modalidade artística e uma nova teoria científica; assim grandes guias aqui têm aportado, de quando em quando, para ajudar a Humanidade a evoluir no caminho da Beleza, da Perfeição e do Amor.

O que demonstra, de um modo brilhante, a intervenção de Deus na História, é o aparecimento no tempo próprio, nas horas solenes, desses grandes missionários, que vêm estender a mão aos homens e repô-los na senda per-

dida, ensinando-lhes a lei moral, a fraternidade, o amor dos seus semelhantes, dando-lhes o grande exemplo do sacrifício de si pela causa de todos.

Há nada mais importante do que essa missão dos enviados divinos? Eles vêm e marcham no meio dos povos. Em vão o desprezo e o sofrimento os atingem. Eles marcham sempre! Em vão se levantam ao redor deles os patíbulos, os cadafalsos. As fogueiras se acendem. Qual é, pois, o segredo da sua força? Quem os impele assim para a frente?

Acima das sombras da matéria das vulgaridades da vida, mais alto que a Terra, mais alto que a Humanidade, elas vêem resplandecer esse Foco eterno, esse raio que os ilumina e lhes dá a coragem de afrontar todas as dores, todos os suplícios. Contemplaram a Verdade sem véus, e daí em diante, não têm outro cuidado que difundir, pôr ao alcance das multidões o conhecimento das grandes leis que regem as almas e os mundos!

Todos esses espíritos potentes têm declarado que vêm em nome de Deus e para executar a sua vontade. Jesus o afirma várias vezes: «*É meu Pai*, diz ele, *que me envia*».

Aqueles deuses, filhos de Deus Pai, foram Altíssimos Espíritos a quem Deus enviou sucessivamente à Terra em missões grandiosas, e à medida que os habitantes da Terra iam evolucionando em perfeição, até ao último enviado, Jesus, que resumiu e condensou nas suas prédicas a essência da doutrina Divina, para conhecimento e salvação da Humanidade.

Jesus, como é sabido, só veio para a regeneração da Humanidade; Jesus só veio pelo amor grandioso e sem limites dedicado a todos os habitantes deste planeta; Jesus, espírito puro, de imaculada perfeição, quando apareceu a pregar às multidões poucos eram os adeptos que o seguiam e muitos o chamavam de falso Messias e falso Profeta, de Louco e Visionário. Sim, porque, quando vêm ao mundo as grandes Revelações que ferem os interesses dos potentados, os interesses dos poderosos, dos ricos, dos nobres e daqueles que vivem em fausto e grandeza, são sempre mal recebidos os seus executores, os seus pregadores; são sacrificados, são assassinados, lançados numa masmorra fria ou na cela desamparada de um manicómio.

Mensagem do Espírito de D. Marília a seu esposo Leopoldo Machado

Leopoldo, meu filho:

Estou verdadeiramente admirada com o que vejo e sinto neste ambiente do «João Evangelista»!

Aqui existe, realmente, paz e harmonia. Aqui, sabe-se praticar a verdadeira fraternidade cristã.

Cultive, meu filho, a amizade desta gente. Colabore com eles em tudo que você puder. São obreiros do Senhor compenetrados de seus deveres cristãos.

Eu e Maria Gonçalves Duarte Santos estamos acompanhando, também, a Caravana. E como nós, meu querido, tantos amigos nossos, que você não pode calcular.

Sou muito feliz.

Diga aos que nos são caros que eu sou muito feliz. E que procurem construir, na Terra, sua felicidade futura.

Lembre-me aos nossos filhinhos do Lar de Jesus.

Em breve, meu querido, estaremos juntos novamente em outro plano e seremos pais espirituais de muitos filhos.

Continui trabalhando muito na Seara do Mestre. Não pare. E creia que eu estou sempre consigo, acompanhando-o nesta Caravana, como em tudo.

Que Deus abençôe a você e a seus companheiros na grande tarefa da Unificação.

MARÍLIA

(Recebida por incorporação pela médium D. Helena Moreira Valente, de Recife, em 17-XI-1950. A médium incorporou tão bem o Espírito, que até o timbre de voz, a maneira de falar e a expressão eram perfeitamente do Espírito comunicante).

Há verdades que não se podem negar por mais que se procure fazer, e esta da Revelação Cristã é tão grande como o Sol, tão brilhante como esse astro-rei, e, por mais nuvens de mentiras com que a queiram empanar, jámais a encobrirão.

É preciso que compreendamos que há um só Deus, um Deus misericordioso e infinitamente bom, excelso e omnipotente, compassivo e caridoso; é preciso que saibamos que tanto os judeus como os muçulmanos, tanto os islamitas como os protestantes, tanto os ateus como os crentes de qualquer religião, quer tenham por si o Alcorão, o Decálogo ou o Evangelho, hão de chegar a esse mesmo Deus, único Deus, porque é para esse Deus que todos têm que caminhar.

As prescrições religiosas são as mesmas que se encontram no fundo de todas as Religiões e de todas as filosofiais mais ou menos desenvolvidas, apresentadas sob uma forma que varia segundo as raças e as épocas, mas idênticas na sua essência, e as provas abundam, o que demonstra que todas as Religiões são filhas de uma mãe comum.

Toda a Religião é uma inquietude da Divindade. Toda a Religião ensina aos homens as suas origens e fins superiores. Toda a Religião é um guia moral.

Tirai à vida humana a ideia religiosa, e torná-la-eis mais material, semelhante à vida dos

animais. Arrebatar-lhe-eis o seu carácter e fremente colorido, embaciareis a sua beleza.

Pela Religião o homem aspira ao que é grande e real. E suprimir a Religião da vida individual do homem, é, em grande parte, suprimir o próprio homem. É preciso mantê-la igualmente nas sociedades humanas para não cairem na barbárie primitiva.

«*A fé e a oração*, disse Taine, *são o grande par de asas indispensável para elevar o homem acima de si mesmo*».

As religiões, por mais dissemelhantes que sejam, encerram os primórdios da filosofia e da civilização das diferentes raças humanas; são as primeiras tentativas do homem para explicar a sua existência no mundo; de aí a influência que elas têm exercido nos costumes, arte, literatura, linguagem, ciência e constituição social dos povos.

Com efeito, todas as religiões, desde a mais alta antiguidade, vivem sobre o mesmo fundo de verdades essenciais que transmitem umas às outras, renovando-as e aperfeiçoando-as. O que seria o próprio Cristianismo, uma religião de Moisés, sem o fundador do Velho Testamento?

As instituições religiosas sucessivas, do mesmo modo que as mais adiantadas investigações científicas, acabam todas, de facto, pela descoberta e pela entronização das mesmas verdades universais, pois sabe-se e admite-se que todas as religiões, todas as formas religiosas são boas, desde que sejam sinceras.

Porque todas as religiões são divinas, mas devemos torná-las maiores, mais amplas, mais espiritualistas, numa palavra, mais verdadeiramente religiosas, a fim de que elas reconheçam como base comum o amor de Deus e o amor da Divindade.

Eis as mesmas palavras e as mesmas ideias expressas no livro cristão «*O Reino do Espírito Puro*»:

«*Permanecei na Igreja e na sociedade em que viveis a fim de as impregnar da universalidade do Espírito Puro.*

«*Continuai orando ao mesmo símbolo, mas concebendo-o, amando-o e praticando-o pela universalidade do Espírito Puro.*

«*Possuí-vos de um tal amor por Deus e pelos vossos irmãos, que não excluais religião alguma, culto algum, porque eles são as formas diversas pelas quais os homens adoraram e adoram ainda um só e único Deus; e que esse vosso amor seja de tal modo espiritual, que transforme todos os cultos num culto único e todas as religiões numa só religião.*

«*Adorar Deus em espírito e verdade; e esse amor dissipará para vós todas as divisões das religiões; vereis apenas, nelas, a manifestação de um só e único Espírito, as sucessivas expressões de uma só e única Verdade, e confiando assim, pelo amor, na unidade dessa religião universal e desse culto eterno edificareis o templo da paz onde todos os homens virão sacrificar ao Deus único e indisível anunciado por Jesus Cristo e de quem o bem-amado Apostolo disse:*

«*Deus é o amor, e por isso quem vive no amor, vive em Deus e Deus vive em si*».

Finalmente, e por sua vez, o plano da História desenrola-se em suas linhas formidáveis. Deus envia à humanidade os seus messias, os seus reveladores visíveis, os guias, os educadores de todas as ordens, mas o homem, na liberdade do seu pensamento, da sua consciência, escuta-os ou desatende-os. O homem é livre: as incoerências sociais são obra sua. Ele lança a sua nota confusa no concerto universal, mas essa nota discordante nem sempre consegue dominar a harmonia dos séculos.

Os génios enviados do Alto brilham como farois na escuridão da noite. Na Antiguidade, e desde a aurora dos tempos cristãos, vimos erguer-se a estatura enorme dos profetas gigantes que avultam também na história. Foram eles, com efeito, que prepararam as vias ao Cristianismo, a religião dominadora, da qual mais tarde há-de nascer, no evoluir dos tempos, a fraternidade universal. Depois vem o Cristo, o homem da Dor, o homem do Amor, cujo pensamento irradia, como uma beleza imperecível, o drama do Gólgota, a ruina de Jerusalém, a dispersão dos Judeus.

Assim como a natureza se renova sem cessar, em suas ressurreições, desde as metamorfoses dos insectos até ao nascimento e morte dos mundos, assim também as colectividades humanas nascem, desenvolvem-se e morrem nas suas formas sucessivas para renascer e crescer em perfeições, em instituições, artes e ciências, cultos e doutrinas.

SONETO

A D. Maria Gonçalves Duarte Santos

Passou um ano desde que partiste
Deste planeta cheio de incerteza,
Durante o qual já muito evoluiste
Nesse plano de Amor e de Pureza.

A nossa Obra tem continuado
Na Cruzada de Luta pelo Bem;
E enquanto trabalhamos deste lado,
Nos auxilias muito do Além.

Sobe mais alto, irmã; foge da terra,
Deste charco que só paixões encerra,
Só feito de miséria e podridão.

Sobe mais alto, irmã: evoluindo,
Irás assim o teu dever cumprindo,
Que progredir é Lei da Criação...

7-1-50 *ANTÓNIO CARDOSO*

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

De espiritas portugueses:

Isidoro Duarte Santos — «*Bem dizia ela que não entendia o mundo e que viera muito tarde ou muito cedo! Bem dizia ela!...*».

Cap. Estêvão Rodrigues — «*Era a perfeita conjugação do Espírito e da Matéria em todas as cambiantes de Beleza, em todos os tons de Harmonia, em todas as florações de Amor!*».

Dr. Fred Wachsmann — «*Sempre foi uma santa*».

Guedes de Amorim — «*As suas palavras comunicavam saúde e confiança no amanhã*».

Leyguarda Ferreira — «*A sua alma de eleição vivia um nobre ideal e sabia impô-lo com simplicidade, sem pretensões de proselitismo!*».

Coronel Faure da Rosa — «*Nós é que precisamos que a luz do seu Espírito nos ilumine...*».

Ivone de Sousa — «*...mas a sua alma, descendo das regiões etéreas em voos de amor, virá beijar os seus queridos e abraçar os seus inúmeros amigos e admiradores*».

Túlio Rosa — «*Ela era a alma desta revista*» (*Estudos Psíquicos*).

Prof. Dr. Baptista Ramires — «*Notei e admirei a sua perfeita moral cristã*».

Henrique da Silva Horta — «*O seu bondoso coração não abrigava outro sentimento que não fosse de amor pelo seu semelhante*».

António Cardoso — «*Nós apenas queremos testemunhar a profunda saudade que a sua passagem pela terra deixou vinculada em nossos corações*».

F. Noronha — «*O seu bom-senso, o seu ânimo ponderado, a sua ilustração larga e sólida revelaram-se-me por mais de uma vez, infundindo-me respeito*».

Ramos Pereira — «*Oremos, para que as pegadas do Mestre sejam estrada aberta para aquele que partiu*».

De espiritas brasileiros:

Amadeu Santos — «*Ela era linda, simples e boa. Vale dizer: Um anjo!*».

José Cardoso — «*Ser espirita no Brasil já não é tão expressivo quanto sê-lo em Portugal, considerando a hostilidade do meio ambiente. Por isso, a alma do casal Duarte Santos agiganta-se aos meus olhos*».

José Bernardo — «*Admiro principalmente a jornalista e intelectual Maria Gonçalves Duarte Santos, porque o Espiritismo sem cultura durará menos que as flores de Malherbe*».

Guiomar Ferreira de Matos — «*Os espiritas de Portugal tiveram em Maria Gonçalves Duarte Santos uma legítima heroína*».

Deolindo Amorim — «*Maria Duarte Santos merece a nossa admiração pelo seu trabalho de disseminação cultural espirita*».

Maria Cardoso — «*Maria Gonçalves Duarte Santos integra-se na constelação das mulheres espiritas das duas pátrias*».

António Ferraiuolo — «*Porquê sòmente Maria Gonçalves e não Isidoro? Se ela era a flor, ele era o jardineiro. Um abraço a ambos*».

Sílvia Machado — «*Justas são as homenagens a Maria Duarte Santos, porque ela não está morta e sim mais viva que nunca*».

Abstal Loureiro — «*Se outro mérito não tivesse esta homenagem, bastaria para dignificá-la a circunstância de reunir fraternalmente brasileiros e portugueses espiritas num ágape espiritual em louvor à pátria d'além-mar que muito amamos*».

Enéas Dourado — «*Em Maria Gonçalves Duarte Santos, não sei o que mais admirar: se a jornalista, a intelectual ou a desvelada assistente social. Abraço-a espiritualmente por estes três aspectos*».

(Do 1.º número de O FUTURO, publicado em homenagem à fundadora de *Estudos Psíquicos*).

A DUAS ALMAS QUE PARTIRAM

(Maria Duarte Santos e Faure da Rosa)

por ESTÊVÃO RODRIGUES

Convidam-me a dizer algo de transcendente.
Convidam-me a dizer algo de lirial.
Mas, ai, pobre de mim! A minha fraca mente
Não pode abalançar-se a surtos de Ideal!

Não pode abalançar-se! O peso da matéria
Sufoca a minha alma em conturbante dor.
Só vejo em derredor os antros da miséria,
Pintados cá por fora em rutilante cor.

Só oiço um coro vil de imprecações malditas;
Só oiço o gargalhar de cínico desdém;
Só sinto a ilaquear-me as vibrações restritas
Do ódio, da soberba, que assassinam quem

Quer amar, quer viver, quer adorar a Deus
Adorando a Beleza! Amando a doce Luz,
Que eu bem quisera dar a estes versos meus
Buscando-a, com fé, nos olhos de Jesus.

Mas farei o melhor que a minha pobre Musa
Me permita alcançar, em haustos de ternura.
E possa quem não sabe, e possa quem não usa,
Encher de sol brilhante a minha noite escura.

Pudera eu dizer, em tropos retumbantes,
O que me vai na alma e chega ao coração.
Os versos, para mim, são mais enebriantes;
São música celeste. É divinal unção!

E as almas que partiram em espirais fulgentes
Partilharão também das nossas emoções.
Pois Alma é Movimento em turbilhões candentes,
Mas cheios de Harmonia em suas vibrações.

Por isso vou cantar etéricas pinturas
Que no meu Pensamento fortemente enleio.
Procurarei focar duas imagens puras,
Partindo alegremente o coração ao meio.

✶

Sobre uma serra adusta e penhascosa
Erguiam-se dois vultos singulares.
Duas árvores: de forma graciosa;
Ambas altivas, ambas seculares.

Era uma delicada e bem formosa;
Coberta com flores por todo o ano;
Pousava-lhe a andorinha, deleitosa;
Beijavam-na as abelhas! E o arcano

Do favo rescendente e saboroso,
Era o mistério dessa Vida forte
Que alimentava o cerne generoso
E que, sendo Eterna, vence a Morte!

A outra árvore, roble de antanho,
Cobria, com a sua vasta fronde,
O humilde e lanígero rebanho
Ou a fera que surgia donde a onde.

A um e outra o secular amigo,
Tão cheio de experiência e de valor,
Acalentava em seu poder antigo,
Acarinhava em fraternal amor.

Uma ao lado da outra iam subindo,
Em seus virentes ramos para o céu.
Às pombas virginais iam sorrindo,
Guardando, as ovelhinhas, do escarcéu.

Ao perfume que delas se evolava,
Alçando-se em larguíssimas espiras,
Era a Verdade que já se condensava;
— Antídoto letal contra as mentiras.

E quando o vento incréu ia zunindo
E vergastando os ramos agitados,
Logo os esforços ancestrais unindo,
Viam fúrias e ventos acalmados.

E assim iam, felizes e contentes,
Por Vida fora os doutos vegetais;
Ambos lançando em terra mais sementes,
Ambos sofrendo e amando os seus iguais.

Até que um dia, um, já cansadinho,
Mas outro ainda forte e bem florido,
Tiveram acidente em seu cantinho:
— Tombaram na montanha sem ruído.

Reparavam então os caminhantes
Que os vultos estendidos no sarçal,
Como as miragens de areais distantes,
Tinham seus reflexos no «astral».

Tinham subido ao Céu as virtuosas
Almas daqueles troncos singulares
Que nas serras adustas, penhascosas,
Foram, de Deus, puríssimos altares.

Foram de Deus e continuam sendo,
Do mesmo Deus, altíssimos Agentes.
Entre Ele e entre Nós, vão-nos fazendo
Acrisolar a nossa fé de crentes.

Uma já deu seu fruto sazonado,
Que nos deleita a alma com prazer:
Por — «Dois Mundos» — assim ficou chamado
Esse néctar bendito do Saber.

O outro já cumpriu suas missões
Enquanto foi umbroso e verdejante.
Contamos que nos dê novas lições
Tornando-se, do Céu, um outro Dante.

Por agora curvemos, reverentes,
As nossas frontes cheias de humildade;
Pedindo-lhes, em rogos veementes,
Nos envolvam em sua Caridade.

Que lancem sobre nós sua Amizade
Cheia de clarão!
Que façam germinar sua Bondade
Em nosso coração!

LEGADO DE
Firmino da Assunção Teixeira

... Lega mais à Federação Espirita Portuguesa, em Lisboa, vinte por cento da sua herança, à qual faz a incumbência de guardar essa importância com o fim exclusivo, para de futuro a Federação socorrer os centros espiritas **legalmente constituidos** em Portugal e Ilhas, dando sempre a preferência aos centros que mais trabalhem na propaganda espirita em Portugal.

(Do «Livro de Testamentos Públicos n.º 3», folhas 5, do notário bacharel Emídio Pereira dos Santos, de Póvoa de Varzim, testamento público de Firmino da Assunção Teixeira, solteiro, maior, capitalista, residente nesta vila).

Distribuição do Rendimento do Legado

1947

Centro Espiritualista Luz e Amor	**3.300$00**
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas	2.200$00
Centro Espirita de Braga	833$00

1948

Centro Espiritualista Luz e Amor	**2.000$00**
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas	2.000$00

etc., etc.

etc., etc.

1949 (última distribuição)

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas	4.000$00
Centro Espiritualista Luz e Amor	**500$00**
Centro Perdão e Caridade	500$00
Sociedade Espirita de Lagos	500$00
Centro Espirita de Faro	332$00

SEM COMENTÁRIOS...

No dia 3 de Dezembro de 1950, cerca de um mês antes da distribuição do rendimento do Legado, o Centro Espiritualista Luz e Amor abandonou a Federação Espirita Portuguesa.

PROVAS DE SOBREVIVÊNCIA

por ARTUR FINDLAY

Minha mãe faleceu em 3 de Fevereiro de 1936. Julgo que os leitores terão interesse nas comunicações que ela me deu após a morte. Foram obtidas em duas sessões, uma em Glasgow e outra em Londres, e mantêm-se inéditas.

Estas sessões são exemplos do que considero provas de primeira ordem. Não houve o mais ligeiro engano. Tudo correcto. Alguns factos ignorava-os e depois verifiquei serem verdadeiros. As médiuns não poderiam preparar-se antecipadamente. Estou satisfeito, porque nenhuma delas sabia que minha mãe falecera.

No dia 9 de Fevereiro, a senhora Harris chegou a Glasgow e dirigiu-se ao Santuário Espirita de Holland Street, onde ficou hospedada. Quando eu e meu irmão soubemos que estava em Glasgow, saímos de Ayrshire e para lá nos dirigimos. Ninguém sabia da nossa visita e fomos recebidos por ela. Eu só a vira em Leicester numa sessão que dirigi, mas não me reconheceu. Todavia, recordou-se de meu irmão John.

Depois da sessão, perguntei à sr.ª Drysdale — a hospedeira — se tinha falado à médium na morte de minha mãe. A resposta foi negativa.

Quando entrámos, a sr. Harris levantou-se para nos cumprimentar e mostrou-se satisfeita por nos ver ali. Claro que não lhe dissemos que vínhamos pedir-lhe uma sessão. Após leve troca de palavras, exclamou:

—Parece rodeá-los uma atmosfera triste.

Fez uma pausa e continuou:

— Faleceu uma senhora muito ligada aos senhores, de estatura baixa, idosa e corcovada, com perto de 80 anos. Vem com Nellie.

Como a sr.ª Harris tinha que ir para uma reunião, disse-nos que voltássemos depois, para continuar. Menciono este facto, porque na sessão que tive em Londres com a sr.ª Abbott, me disseram que minha mãe comunicara connosco em duas ocasiões diferentes, o que era verdade.

A sr.ª Harris não teve ensejo algum de se informar acerca de minha mãe, pois desceu em nossa companhia e quando saímos da sessão regressou connosco ao seu quarto. Foi ali que continuou o relato interrompido:

— «A tal senhora não ficou surpreendida, quando desencarnou, mas sentiu grande contentamento por ter tocado na mão do seu querido Roberto. Fala no seu encontro com ele após a desencarnação. Diz chamar-se Margaret. Nellie diz que a trouxe aqui esta manhã e que a levaria a Londres para outra comunicação. Fala em Mary e Elisabeth, para as quais tem palavras de amor e gratidão».

Perguntei-lhe, então, se ela tinha visto a sua velha amiga de escola e disse que sim. A médium acrescentou que se tratava de uma senhora perfeita e tão forte, que mal cabia pela porta. Chamava-se Annie.

— «A vossa mãe — continuou a sr.ª Harris — refere-se a uma rosa vermelha que lhe colocaram no peito e diz: «É a minha cor predilecta. Porque não me a colocaram na mão?». Diz também que tinha as mãos e os pés muito pequenos e sentia orgulho nisso. Referindo-se à filha do autor deste artigo, diz que era alta e nova e que não estava presente, quando a avó desencarnou. Fala igualmente nos filhos de John. Um deles é alto e tem 17 anos. O outro chama-se Arthur. Fala em várias lembranças que deixou e que tinham bilhetes anexos com mensagens e nomes a quem eram dirigidas. A lembrança para a filha de Arthur era um colar. Pede-me que lhes diga que se esforçou por estar consciente até à chegada de Gertrudes e de Arthur, mas não o conseguiu».

Depois, a médium dirigiu-se a meu irmão John e disse-lhe que tinha passado recentemente o seu aniversário natalício, mas que não trouxera ainda o presente de sua mãe. Dissera-lhe primeiro que não compraria um livro e depois mudou de ideia e resolveu comprá-lo. E prosseguiu:

— «Vossa mãe diz que os livros de John se amontoam e que a sua biblioteca se parece com os lenços de Nellie. Diz também que ele pôs um papelinho no bolso do colete com uma referência a este livro (Esta referência é interessante, porque Nellie, quando adoecia, tinha o hábito de comprar muitos lenços juntos. Quanto ao papel, também é verdade. John tinha posto esse papelinho no bolso para se lembrar do livro). Vossa mãe fala em qualquer coisa que há no seu quarto com uma gaveta onde há papeis que a ambos interessam».

Quando dissemos que não sabíamos de nada, falou então num molho de chaves, mas ficámos na mesma. Ao voltarmos a casa fomos ao quarto dela e vimos lá o estojo de toucador. Era uma caixa de madeira, que não pudemos abrir por estar fechada. Depois encontrámos a chave misturada com outras, abrimos o estojo e descobrimos uma mola por meio da qual se abria a única gaveta que tinha e onde encontrámos papeis de grande interesse para nós e que não teriam sido encontrados sem esta revelação.

A médium disse mais que minha mãe sofrera do estômago e do coração e que se queixava de uma perna, pois tinha os joelhos fracos e qualquer coisa numa vista. «Não se trata de cegueira, mas de qualquer coisa importuna e dolorosa». Para exemplificar, levantou o braço e esfregou um dos olhos, exactamente como minha mãe fazia, quando estava pior. Depois disse-nos que morrera de doença do estômago e meu pai de apendicite.

E continuando:

— «Vossa mãe deixou três filhos adultos e três pequenos. Gostava muito da *Bíblia* e de uma pequena igreja de aldeia com um campanário, que ouvia de sua casa. Encontrou o Dr. Lamond, mas custou a reconhecê-lo, por lhe parecer agora mais novo do que quando o viu da última vez na Terra. E fala num retrato de Nellie colocado sobre o piano, num quarto muito alto e pintado.

Quando nos despedimos da sr.ª Harris disse-nos que antes de chegarmos recebera uma mensagem cujo significado não compreendera. Enquanto se vestia, apareceu-lhe Nellie e disse-lhe que Arthur e John a iríam visi-

tar, mas não calculava que seria eu e meu irmão. Contou-nos isto pelo interesse do pormenor.

Tudo o que relato se adapta inteiramente aos factos passados comigo e com as pessoas a quem a médium se referiu. Era impossível que ela pudesse conhecer tudo aquilo. Alguns pormenores desconheciamo-los.

Três dias depois estávamos na Aliança Espirita de Londres. A sr.ª Abbot caíu em transe ràpidamente e o guia disse que estava presente o espírito de uma senhora recentemente desencarnada, de 75 a 80 anos, ligada a mim por laços familiares. Junto dela estava um tio meu que fora padre e que, na terra, julgava que o Espiritismo era obra do diabo. Era sacerdote convicto, mas já tinha abandonado as ideias todas que pregara.

— «Os vossos pais — diz a médium — pertencem ao mundo espiritual. Vossa mãe está bem. Não é esta a primeira vez que se comunica. Já o fez por duas vezes. Na primeira, a comunicação não foi satisfatória, mas na segunda conseguiu transmitir o que queria. Antes de desencarnar aprendeu muito com o sr. (Arthur) acerca da vida de além-túmulo. Agora sente-se mais nova. Encontrou-se com Nellie. Vosso pai sente-se feliz por estar junto dela. Não sabe como agradecer tudo o que por ela fizeram. Serão recompensados no futuro. A mãe de Nellie também aqui está, mas muito agrrada à Terra. Durante muito tempo vossa mãe não partilhou de vossas ideias. Estava presa ao que lhe haviam ensinado na meninice e não podia conceber coisas diferentes. Agora tem maior sentido de humildade, sente-se convertida e não é obstinada. Diz que viu Nellie antes de desencarnar. Vosso pai também a esperava e disse-lhe: «Que pensas de tudo isto?», ao que ela respondeu: «Parece-me que estou morta, mas não me senti doente». Vosso pai disse-lhe: «Não, não morreste, nem morrerás». Quando ela aqui chegou, ele fê-la deitar. Antes da desencarnação, ela começou a esquecer-se e a perder o contacto com as coisas terrenas. Quando chegou a hora, adormeceu em paz. Não ficou tão surpreendida como muitos outros devido nos ensinamentos que aí recebeu. Nos últimos anos queixava-se das pernas, mas agora sente-se rejuvenescida. A sua grande liberdade de movimentos é uma das coisas que mais a impressionam. Tem um jardim mais bonito do que aquele que tinha na Terra. Fala em dois rapazes a quem chamava os filhos de Ian (nome familiar de John). Um deles chamava-se Arthur. Trocaram-lhe o nome por outro relacionado com a família para não se confundir convosco. Primeiro, vossa mãe opôs-se à troca, mas agora diz que foi boa ideia. Fala em velhos documentos e fotografias de família e diz que, apesar do vosso desinteresse, deveis guardá-los».

Isto é exacto, pois minha mãe sabia do meu desinteresse por eles. A seguir referiu-se a uma visita que eu fiz há muito a Bournemouth e que eu já esquecera. Mas agora recordo-me.

O Guia continua:

— «Vossa mãe agradece a Nellie as atenções que lhe tem dispensado desde a sua chegada, bem como o auxílio que lhe presta nestas comunicações. Nunca julgou que Nellie lhe viesse a ser tão útil. Tem sido como se fosse sua mãe. Costumava censurar Ian pelas suas diabruras com Nellie e agradece a Gertrudes o carinho que lhe dispensava. Fala numa enfermeira que a tratava e de quem ela gostava muito. Também apreciou o que lhe deram a beber antes de desencarnar, pois sentiu a boca fresca».

Dirigindo-me a minha mãe, perguntei-lhe o significado das letras G. W. G. e o Guia disse que ele se começou a rir e, embora não explicasse o significado, disse que agora já não será G. W. G. (Isto é exacto, pois quando minha mãe se obstinava chamavamos-lhe *Great Wee Girl*).

Continuando:

— «Vossa mãe era muito autocrática, mesmo em família. Não queria ser relegada a plano secundário. Gostava muito da sua casa de campo e do seu jardim. Agora está num sítio onde não há nevoeiro, nem nebulosidade. Vê muito melhor. Tudo o que lhe disseste acerca da sua religião era verdade. Quando acordou do outro lado, viu uma luz clara e pensou no Cristo. Era o vosso pai. Quer que olhem pela criada que a tratava com solicitude. Mary aturava-a muito e, apesar disso, era sempre dócil e carinhosa. Diz que a tratem bem e conservem na família».

Nesta altura, o Guia anuncia a «incorporação» de Nellie. Esta dirige-se a mim, chama-me pelo nome (Arthur) e estende-me a mão (a mão da médium) que eu apertei. Disse que minha mãe estava bem e que a mãe dela se encontrava ainda em estado de atraso, devido ao seu egoismo, pois na Terra obrigava os outros à subserviência.

— Se fores a casa do Sloan (1), teu pai tentará levar tua mãe a comunicar por voz directa. Gostava que o meu querido Ian fosse lá contigo para que eu pudesse falar também com ele. Tua mãe esteve consciente até quase ao fim e desencarnou sem sofrimento. Tem mais desejo de aprender do que minha mãe.

Em resposta a uma pergunta, disse:

— Sim, vivemos por cima de vós e podemos aqui vir quase instantâneamente. A nossa luz é clara e brilhante, muito mais agradável que a luz do vosso sol, pois não ofusca tanto.

A seguir falou de Jack, que conseguira subir ao plano dela, em virtude de se ter arrependido e modificado. Disse que seu pai está com ela e não foi corrompido pelo dinheiro, nem pelos bens terrenos, como sua mãe.

Falou nas condições em que vivia, acentuando que o seu mundo era semelhante ao nosso. A primeira coisa que nele viu foi uma pequena queda de água maravilhosa. Mergulhou a mão e, quando a retirou, viu que estava completamente seca. Não sentiu a água. Toma banho no mar e sente nisso grande prazer; mas quando sai da água vem enxuta. E respondendo a outra pergunta minha, disse que a vinda à Terra dos Espíritos se baseava numa sintonia de vibrações e acrescentou que tinham cidades e aldeias, que tudo era muito bonito e que não havia escuridão.

A sessão durou hora e meia. Quando a sr.ª Abbot saíu do transe, perguntei-lhe se se recordava de meu irmão. A resposta foi negativa, mas disse que se lembrava de mim por me ter visto perto do edifício da Aliança Espirita. Quanto a meu irmão, que ela soubesse, nunca o tinha visto. Isto confirma o que ele me dissera, isto é, «que não conhecia a sr.ª Abbot».

Se tudo o que me foi dito corresponde à verdade, algumas in-

---

(1) Refere-se ao célebre médium Sloan, com quem Arthur Findlay realizou interessantes experiências de «voz directa».

NO LIMIAR DE ALÉM-TÚMULO

(Transcreve-se o 1.º capítulo do livro «Carta de Uma Morta», ditada ao médium Francisco Cândido Xavier, pelo espírito de sua própria mãe).

Meu filho, para mim as últimas impressões da existência terrena e os primeiros dias transcorridos depois da morte foram muito amargos e dolorosos.

Quero crer que a angústia que me avassalou proveio da mágoa profunda que me ocasionava a separação do lar e dos afectos familiares, porque, apesar de crer na imortalidade, enchiam-me de pavor os aparatos da morte. Dentro do catolicismo, que eu professava fervorosamente, enchia-me de pavor com a perspectiva de uma eterna ausência.

Lutei, enquanto me permitiram as forças físicas, contra a influência aniquiladora do meu corpo; e foi uma luta extraordinária a que sustentei, como soe acontecer aos corações maternos, quando periga a tranquilidade dos seus filhos. Unicamente, esse amor me obrigava ao apego à vida, porque os sofrimentos, que já havia experimentado, faziam-me desprender naturalmente de todo o prazer que me pudesse advir ainda das coisas da Terra.

Combati tenazmente a moléstia que enfraquecia o meu organismo, mas um dia chegou, assinalando o fim das minhas possibilidades de resistência. As derradeiras horas foram de grande martírio, e depois de um dia repleto de dores violentas e rudes, veio a noite interminável da agonia. Reparava que o meu tempo no mundo se escoava dificilmente, almejando o seu termo como um trabalhador ardente e faminto, ávido de repouso...

O meu estado moral caracterizava-se por semi-inconsciência, porque o tormento corporal actuava sobre as minhas ideias, que vagavam desordenadas, como se fossem expulsas violentamente do meu cérebro.

Desejava orar; todavia, os meus pensamentos não me obedeciam, dispersos pela confusão estabelecida no meu mundo interior, em virtude dos padecimentos que me percorriam os centros da actividade orgânica, e a minha vontade era semelhante a uma voz de comando totalmente desobedecida por elementos rebeldes e indisciplinados.

Hoje sei que, naqueles momentos angustiosos, muitos seres se conservavam, embora intangíveis, ao meu lado, amparando-me com seus braços tutelares e compassivos. Mas eu não a distinguia... Sentia-me sucumbir lentamente... A princípio, gemidos de sofrimento escapavam-se-me do peito torturado, sentindo a ineficácia dos meus esforços para não morrer; mas tão rude era aquela suprema tentativa de resistência, que me abandonei finalmente àquelas forças poderosas e invencíveis que me subjugavam.

Amanhecia; e afigurou-se-me alcançar uma trégua a tantos padecimentos; parecia-me prestes a dormir, mas sob as mesmas impressões de dor e mal-estar, sentindo-me envolta nas influências do sono, embora presa de indescritíveis pesadelos. Ouvi tudo o que se pronunciou ao redor do meu leito e vi a ansiedade de quantos se abeiravam, mas todas essas impressões eram recebidas como se estivesse mergulhada num mau sonho. Desejei falar, manifestar desejos e pensamentos, mas era impossível. Contemplei, pesarosa, a imagem do Crucificado que me puseram nas

---

formações são ainda mais interessantes, especialmente a que se refere ao caso de Nellie ter mergulhado a mão na queda de água, pois contou o mesmo facto a John, através de outro médium.

Depois de sair do transe, a sr.ª Abbot disse-me que desconhecia a desencarnação de minha mãe. A notícia do acontecimento foi publicada no *Times*; e mesmo na eventualidade da sr.ª Abbot a ter lido, não a ligaria, certamente, à minha pessoa. Tenho a certeza de que ela não sabia do caso. Esta sessão foi preparada pela menina Carter, do *Instituto Internacional de Investigações Psíquicas*, a qual não disse à médium quem eram os assistentes da sessão. Portanto era impossível que ela colhesse informações.

Quando subi ao quarto da sr.ª Abbot, ouvi-lhe dizer que esperava alguém às 2 horas, mas não sabia quem fosse. Eu é que lhe disse que era a pessoa que ela aguardava.

Tudo o que atrás relato é verdadeiro e adapta-se tanto a minha mãe, como às restantes pessoas indicadas. Nas duas sessões foram comunicados 160 factos desconhecidos dos médiuns. Não houve a mais pequena observação incorrecta ou duvidosa.

Do «Psychic News», de Londres.

mãos enlanguecidas e quis sinceramente pensar nele, orar com unção, segundo os meus hábitos; todavia, experimentando-me cheia de vida, não obstante as dores, pairavam os meus sentidos numa atmosfera esquisita de sonho...

Senti todos os zelos que dispensaram ao meu corpo, e que me eram igualmente dispensados, e ouvi as lamentações de quantos deploravam a minha ausência. Ansiava movimentar-me, sem que membro algum obedecesse aos meus impulsos; e, outras vezes, fazia inaudito esforço para despertar, evadindo-me de tão singular pesadelo; afigurava-se-me que me cobriam de flores e senti a carícia dos braços de meus filhos, que me enlaçavam com amargurada ternura. E dizia-lhes mentalmente, entre lágrimas:

— Meus filhos, eu não morri! Estou aqui e sinto-me realmente mais forte para vos proteger e amar. Porque chorais, aumentando a minha angústia?...

Mas a minha boca estava hirta e os meus braços gelados para retribuir aquelas expansões de desvelado carinho! Apenas tinha a sensação de ardente pranto que me rolava dos olhos sobre as faces descoloridas, como a estátua viva da amargura e do silêncio.

O ataúde pareceu-me um novo leito; porém, quando me convenci de que me arrebatavam com ele, entre os lamentos de todos vós que ficastes, uma impressão penosa, atrocíssima, subjugou-me integralmente. Achei-me então sob indefinível sentimento de medo que me aniquilou todas as fibras emotivas. Um choque de dor dominou-me a alma e eu perdi a consciência de mim mesma...

Após algum tempo, cuja duração não posso determinar, afigurou-se-me acordar paulatinamente; contudo, a princípio achava-me envolvida no mesmo panorama de sonho. Comecei a ver, como se a minha memória fosse possuída de um poder admirável de retrospecção, todos os quadros da minha meninice e da minha juventude, relembrando um a um os factos mínimos da minha existência relativamente curta. Via esses quadros antigos com toda a naturalidade, sem admiração nem surpresa...

Mas depois uma amnesia inexplicável e completa me invadiu totalmente o cérebro espiritual e só pude recordar-me dos laços afectivos que ainda a vós me prendiam, quando se me apresentou aos olhos a visão dos últimos instantes da minha vida terrena.

Busquei então o lar que deixara; mas, oh! torturante surpresa! meus filhos não me reconheceram e debalde formulei os meus sentidos e caridosos apelos! Senti-me alucinada e em vão procurei as minhas antigas amizades.

— «Não me vedes? Não me reconheceis?» — bradava eu, contrariada com a atitude impassível daqueles de quem me aproximava cheia de esperança numa possível compreensão das minhas palavras. Mas a frieza e a indiferença constituiam sempre a resposta.

Então duplicou a minha ânsia, anelando libertar-me daquelas impressões penosíssimas; contudo, à medida que me conformava com a minha nova situação parecia-me que a atmosfera se ia aclarando, como se na minha mente renascesse a memória integral do passado, diluindo-se as trevas que a obscureciam. E uma noite, quando, reunidos, oraveis segundo o costume que eu sempre cultivara, ouvi que o oferecimento das preces a Deus era feito em minha intenção.

Descerrou-se finalmente o derradeiro véu que obscurecia o meu ser pensante. Senti-me activa e ágil, como se despertasse naquele instante. Oh! Eu morrera!...

E a morte representava um grande bem, porque me sentia outra, com as minhas faculdades integrais, cheia de favoráveis disposições para as lutas da vida. Todavia, tinha a impressão de estar só, já que ninguém respondia às minhas arguições, embora sentisse que a minha voz nada perdera do seu vigor e tonalidade.

Propositadamente, procurava ser vista por todos, mas os meus pensamentos ficavam impassíveis. Refugiei-me então nas preces sinceras e fervorosas e comecei a divisar vultos subtis e a ouvir vozes acariciadoras de que fugia amedrontada, na ilusão de que estava no corpo físico, cheia de medo e susceptibilidade...

LIBERDADE...

Aí, todos falavam em liberdade e eu sempre me opus a ela. Não queria essa liberdade; queria dever, queria respeito pela pessoa alheia. Todos falavam em liberdade, mas o arbítrio de cada um é que reinava. Por isso eu dizia que não compreendia o mundo. *Fôra muito tarde ou muito* cedo.

(De DOIS MUNDOS)

PRIMEIRO A

Maria Gonçalves Duarte Santos

Gisidoro querido! A sensibilidade agita-se e nós vamos atrás do sentimento. Não sei o que surge em nossas almas. Não sei que ânsia é esta de aproximação que nos delicia ao contacto das vibrações amigas. Não sei explicar. Sinto. É uma onda bonançosa, um feixe de luz suave, uma sombra acolhedora, um perfume inebriante. É uma nesga de felicidade. É um cântico harmonioso que embala, um sonho que se entrevê.

Já lá vai um ano! Como o tempo corre! As imagens da vida passam por nós, ou somos nós que passamos por elas? Recreamo-nos à vista de novos panoramas, de novos ambientes que nos atraem e a memória perde-se nos confins do tempo. As linhas são menos precisas, as cores esbatem-se lentamente e o sonho que se viveu mergulha na distância, como luz que se apaga para os olhos e sensação que fica a martelar durante a vida inteira. A nostalgia chama-nos à realidade, diz-nos que alguma coisa nos envolveu e trespassou, qualquer coisa a que permanecemos ligados e que consideramos parte de nós mesmos.

Já lá vai um ano! Um ano do vosso calendário mal conta no mundo onde me encontro. É um instante fugaz, um minuto imperceptível. E, no entanto, quantos acontecimentos nos impressionaram, quantas inquietações toldaram o nosso coração, quantas dúvidas pairaram no nosso mundo espiritual! E nós vivemos tudo isso, que ficou gravado em nós indelèvelmente!

O tempo passa e fica a imagem a lembrar a corrida célere. É o documentário da vida, é a prova de que se gozou ou sofreu. Se não houvesse memória, nem sonho seria a vida.

Porque te emocionas tu, nos silêncios grandiosos de tuas meditações? Que é que te humedece os olhos e perpassa no teu semblante como brisa de ternura? É a nostalgia do que viveste e sentiste. Quantas vezes não desejarias voltar atrás, a reviver o que desapareceu para os sentidos físicos e que a memória guarda em seus arquivos ideais? Sentes atracções irresistíveis para um passado que recua e gostarias que fosse pre-

NIVERSÁRIO

sente... É a sombra doce da nossa vida, da nossa experiência salutar. Deixou traços profundos que não se apagam, traços que definem os esforços que fizemos no sentido da nossa evolução. Esboçámos um círculo e ali nos confinámos a trabalhar de mãos dadas, como companheiros dilectos. Não medimos sacrifícios. Que ansiedade a nossa para atingir o alvo!... Redobrávamos de esforço, queríamos chegar ao fim e coroar a obra. Eu lembro-me bem disto. Tenho boa memória.

Se não fosse ela, eu andaria perdida na imensidade. Seria um zero no mundo moral e mental. E a vida não teria justificação. Digo mais: seria a verdadeira morte. Mas Deus não quer que se apodere de nós o esquecimento. Como seria o progresso? Como aperfeiçoaríamos as nossas qualidades sem meios de comparação? Ah! A memória é a faculdade por excelência! Podemos quase chamar-lhe a razão da vida. Guarda o bom e o mau, a alegria e a tristeza, o amor e o ódio. Guarda tudo em seus arcanos. As horas escoam-se, mas a memória regista minutos e segundos com minuciosidade espantosa. E quando menos julgamos, somos abalados por recordações tremendas que decidem da nossa vida. Agora, por exemplo, lembro-me de uma coisa: Que teria sido eu sem ti? Que rumos teria traçado? Onde estaria hoje? Como seria a minha evolução? Que tempo levaria a compreender o meu estado? Tudo isto me lembra, Isidoro, meu querido companheiro de jornada terrena. Tudo isto me lembra e tenho saudade da viagem que fizemos juntos. Viagem afectiva e viagem espiritual que limou arestas e irmanou duas almas para outra viagem maior. Por isso eu venho muitas vezes a acarinhar-te e a acalentar-te. Se não fosse a memória... não vinha, não me lembrava do amigo que me dignificou e honrou. Mas eu venho sempre que posso. Dou o meu testemunho, afirmo a minha presença em amor. Como é estranho este mundo! Vivo nele, até onde posso alcançar. O passado aproxima-se e confunde-se com o presente. É uma ronda feérica. Há imagens e realidades. E eu vivo e palpito nesse mundo, ligada ao teu ambiente espiritual.

Já lá vai um ano! Olha para o tempo decorrido. Que te oferece a lembrança do passado? Que vês tu nessas imagens que deambulam como pirilampos? Que significam para ti? O olhar em alvo é o reflexo do que viveste e que a memória recolheu para tua felicidade. O passado não morre, porque a memória não deixa de exercer-se um só instante. Pormenoriza a vida, vitaliza cinzas mal extintas onde há resquícios de calor longínquo e ateia fogueiras de grandes labaredas que atingem alma e coração.

Que é um aniversário, senão a alma a cantar, a acender fogueiras, revolvendo cinzas mortas? É o passado que se actualiza, são afectos, alegrias, arrebatamentos que vêm à superfície e fazem vibrar o ser. E as lágrimas que se vertem nessa evocação sublime ou patética do que se afastou na curva do tempo são atracção perene que nas almas exerce o que lá vai. Como é bom recordar as horas de prazer que vivemos! É vivê-las novamente, é fremir, é sentir um bem que se perderia, se a memória o não actualizasse com sua poderosa influência.

Cada um tem sua memória e seu mundo sensorial. Sejam quais forem as mutações sofridas pelo espírito, esses dois factores permanecem inalteráveis a provar a sobrevivência da alma. Se pudéssemos transferi-los de ser para ser, grande problema ficaria resolvido! Largos horizontes se abririam à consciência humana! Mas não podemos transferi-los. São intransmissíveis, são pessoais. Sentimos os nossos e avaliamos os outros por dedução e analogia. Nada mais. Que estranho é o mundo das sensações!... Que estranha é a ideia do tempo!... Vê tu: quando pensas em mim, é um passado que ressurge. Que série de quadros vividos em comum que desenterras do tempo! E como eles palpitam na evocação momentânea! Tens-me presente em panoramas que se foram. É o prodígio da memória.

Exercei essa alavanca, relembrando acções nobres e pensamentos elevados que possam estimular novas ascensões. Rememorar uma data é apetrecho de luta. Então, lutai, superando a obra realizada. Dai provas de que sois homens dignos do ideal que professais.

Um abraço da
tua, sempre tua,
LIA

3 de Janeiro de 1951.

DORMIR... SONHAR

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

II

Comunicação feita ao Dr. Osty pelo próprio sonhador, o Abade X... cura de... É o próprio padre quem descreve o sonho:

«Sou padre e tenho 53 anos de idade. Antes de 1926, nunca me ocupei de N..., minha paróquia.

«Na noite de 3 para 4 de Fevereiro de 1925, tive um sonho: via o interior duma casa em L... onde habitava um empregado dos impostos. Ser-me-ia fácil, até, descrever todos os compartimentos e o que cada um deles continha. Jamais eu entrara em tal casa. Conhecia vagamente o seu proprietário e a esposa.

«Era um divorciado que tornara a casar. No dia 5 de Fevereiro fui instado para ir a essa mesma casa assistir à esposa do proprietário, que estava muito doente. Obtida autorização superior, fui. Ao entrar lembrei-me do meu sonho e querendo certificar-me da sua veracidade, pedi ao proprietário que me descrevesse os quartos e o conteúdo de cada um deles: tudo era exacto.

«Consegui reconciliar a doente com a Igreja. Em 21 de Março imediato a doente falecia. Estas minudências são necessárias para bem se compreender que o seguimento não representa mais que o agradecimento da defunta a quem tudo fiz para a salvar.

«Até à data de 5 de Fevereiro vivi em boas relações com o cura de L..., mas, a partir do instante em que fui a casa da doente falecida — como vim a saber mais tarde — o cura de L... ficou-me com rancor pelo bom êxito que eu alcançara junto da moribunda.

«A Sr.ª X..., a senhora falecida, foi sepultada no dia 23 de Março de 1925. Na noite de 25 para 26 do mesmo mês, tive um sonho extraordinário, tão extraordinário que, ao acordar, o escrevi e o confiei a terceira pessoa.

«Durante todo o tempo que durou esse sonho, eu tinha a consciência que estava sonhando, que esse sonho se realizaria, que os avisos feitos provinham da Sr.ª X... a quem eu visitara durante a doença.

«Eu via-me — no sonho — num compartimento amplo, um palheiro. Fiz, por escrito, a descrição desse compartimento. Envergava a estola pastoral e o pluvial que só os Curas podem usar, porque é a insígnia do seu poder. Toda a gente moça da terra se agrupava em redor de mim, em cima dum estrado como aqueles que é costume armar no campo para as representações teatrais. Muito espantado por me ver assim vestido e rodeado de toda aquela gente desconhecida, eu quis ir-me embora. Então, um padre avançou e disse-me: «Ides ver do que são capazes os nossos padres». A sala escureceu um pouco e, ao longe, vi um bispo com os seus dois vigários gerais. Lembro-me bem que fiz esta reflexão: mas não é o bispo D... e não reconheço os seus vigários. Aqueles que no sonho me apareciam não me eram inteiramente desconhecidos. Encontrara-os em A..., um no Seminário, o outro no Convento do Carmo, mas ignorava os seus nomes.

«Parecia que aqueles três senhores olhavam para o que se passava como simples espectadores. Eu via-os, apesar de estarem num plano à rectaguarda muito afastado. O cura de L..., depois do padre ter falado, avançou até ao meio da sala: a véstia que envergava era branca por diante e preta por detrás. «Símbolo da falsidade» — exclamou uma voz.

«Ora disfarçado em raposa, ora em lobo, pôs-se a rondar em volta de mim como se quisesse morder-me. A gente moça que me rodeava parecia não se inquietar, como, de resto, o bispo não se inquietava.

«A uma ameaça mais terrível do Cura, eu exclamei: «mas ele vai fazer-me mal!». Assim que eu acabei de pronunciar estas palavras, o bispo e a multidão, apontando para a porta, disseram-lhe: «saia daqui!».

«O Cura saiu e eu perguntei: quem é nomeado para o seu lugar? — «Tu», respondeu uma voz.

«Isto passou-se na noite de 25 para 26 de Março. Ora, em 15 de Maio, o bispo D... demitia-se e o seu sucessor, que eu reconheci ser o bispo do meu sonho, escolheu para vigários gerais o Superior do Seminário e o Superior do Convento do Carmo, os dois que eu tinha também visto no sonho.

«Em Setembro de 1926, o Cura de L... procurou por todos os meios pôr-me fora. Tão

longe levou a campanha que o bispo ordenou que se me fizesse um inquérito e se verificasse a autenticidade dos meus papéis.

«Nessa ocasião, rapazes e raparigas de F... vieram pedir-me que os dirigisse num sarau teatral. Mostraram-me a sala que tinham alugado no qual eu reconheci o palheiro do meu sonho. Alguns dias depois, eu era o director do grupo. Em 13 de Março de 1927, o bispo, depois de ter verificado a falsidade das acusações do Cura de L..., tirou-lhe a paróquia e confiou-ma. E assim, tudo se realizava: o novo bispo, os novos vigários gerais, os ataques do Cura, o grupo teatral de rapazes e raparigas, o palheiro, a expulsão do Cura e a minha nomeação. E tudo isto se realizara entre 26 de Março de 1925 e 1 de Abril de 1927. Era impossível prever normalmente um único destes acontecimentos. A nomeação do novo bispo dependia da imprevista resignação do cargo de Monsenhor D... e da confirmação do Papa, em seguida».

Um caso probatório da explicação espirita.

William Hunter, depois de ter andado uns vinte quilómetros ao longo duma via férrea, sentiu-se cansado. Imprudentemente, cerca das 9 horas da noite, sentou-se, apoiando as costas ao talude da via férrea para mais fàcilmente tirar um dos sapatos, deixou-se adormecer. Aproxima-se um comboio de mercadorias; uns 26 vagões passam sem tocar o imprudente dorminhoco; mas um objecto saliente de madeira, provàvelmente o estribo de algum vagão, atinge-o no lado direito da cabeça; esmaga-lhe o ombro do mesmo lado e *mata-o imediatamente*. Nessa mesma noite, cerca das 2 horas da madrugada, isto é, *quatro horas depois do acidente*, aproximadamente, a Sr.ª Storie, irmã gémea da vítima, teve este sonho confuso: logo ao entrar no quarto, esta senhora sentiu aquela inexprimível sensação, já referida no caso antecedente, de que alguém se encontrava ali sem que ela pudesse ver quem era. Adormece, e, durante o sono, vê cintilar a luz dum comboio em marcha; ouve o resfolegar da máquina. E pensa: «Que significa isto?... Estarei eu a sonhar?». Alguém, invisível, responde-lhe: «Não; trata-se duma coisa muito diferente, duma desgraça». Ela replica: «Eu não gosto de observar coisas dessas». Então, por detrás e acima da sua cabeça, a Sr.ª Storie vê o busto do irmão Guilherme, debruçado, de olhos e boca semi-cerrados, o peito arfante; levanta o braço direito e diz para a irmã: «Creio que preciso mudar de posição». A percipiente — a Sr.ª Storie — vê-o; agora está deitado no chão, de barriga para baixo com os olhos fechados: uma locomotiva vai passar junto da cabeça do irmão. Horrorizada, a irmã exclama: «Mas, ele vai ser esmagado!».

DR. JOSÉ BITTENCOURT

Terminou a sua formatura na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro o nosso solícito representante naquela capital, Dr. José Bittencourt Anjos Coutinho, que belos serviços nos tem prestado através da sua dedicação e simpatia.

O esforço deste obreiro na obtenção do

diploma de advogado é um alto exemplo de trabalho e persistência que muitos gostariam de seguir, mas que poucos conseguem imitar. Por isso, o Dr. José Bittencourt pertence à falange dos triunfadores. A sua modéstia excessiva mais o eleva ainda no conceito dos que o conhecem e estimam. Estudos Psíquicos *sente-se honrada com a representação, no Rio, deste obreiro que, ao lado de Henrique Magalhães e Chelmicki Afflado, faz parte de uma trindade que muito tem contribuído para o êxito da nossa obra em terras do Brasil. Sem ela, mais teríamos que lutar para alcançar o alvo, isto é, lançar esta revista na Meca do Espiritismo, interessando os leitores no seu conteúdo e levando-os a difundi-la nos sectores culturais, que a consideram uma das revistas mais completas ao serviço da Causa Espirita.*

A José Bittencourt o nosso abraço de felicitações com votos de longa vida plena de triunfos.

MEDIUNIDADE INTUITIVA

Por ABDALLAH

Até agora aquilo que designais por mediunidade intuitiva e a que eu prefiro chamar *mediunidade espiritual* tem sido insuficientemente compreendida, quando não relegada para um plano de inferioridade, incompatível com a sua natureza e os seus produtos. Aferrado à aparente objectividade do que é *físico*, o experimentador tem preferido a observação daquelas formas de mediunidade fisiológica cujas manifestações são mensuráveis, palpáveis, sensorialmente objectivas. Eu não digo que essa atitude esteja eivada de erro; digo que ela é passiva de restrição do campo visual... Tem de compreender-se que a mediunidade fisiológica, se permite a manifestação *terrena* de um «espírito», exige deste um esforço de adaptação ao meio que *só* pode efectivar-se se o espírito tem afinidades estruturais com o meio em que momentâneamente vai viver. O fenómeno natural a que chamais *morte* é, em relação ao fulcro anímico, representado por uma *transferência da consciência*, por uma reabertura das faculdades espirituais para novo campo experimental. Ora, uma incorporação, uma materialização ou outros fenómenos similares forçam o espírito-agente a operar uma sintonização com o campo vibratório terreno que, se pode ser fàcilmente obtida por aqueles que na escala da evolução se situam mais próximo das características existenciais terrenas, obriga aqueles que mais *longe* se encontram a uma redução da frequência da vibração anímica própria para que fique dentro dos limiares em que depõem os sistemas nervosos dos organismos mediúnicos, força a um autêntico, embora momentâneo, retrocesso. Porque, então, vos admirais de que tão poucos Espíritos altamente evoluídos se manifestem *objectivamente* junto de vós?

Por isto que tão sucintamente foquei, eu atribuo maior valor à mediunidade espiritual ou, como lhe chamais, intuitiva, precisamente porque esta não obriga a qualquer modificação do campo vibratório característico do Espírito; antes, talvez, exige uma dilatação do campo e uma intensificação da frequência das ondas mentais emitidas. Não julgueis, porém, que o «processus» operatório é simples.

Eu passo a expor esquemàticamente o «modus operandi», tal como eu consigo compreendê-lo, senti-lo e... realizá-lo. Não me é lícito fazer a afirmação de que seja este o *único* modo, mas sòmente a de que é *um modo. Nem eu, nem qualquer Espírito pode falar em termos de absoluto*, porque, como parcelas da criação, têm em si a marca desse condicionalismo ingénito: — a relatividade. Absoluto, só Aquele que tem em Si a razão suficiente do Seu próprio Existir: — Deus.

Para poder explicar razoàvelmente o «processo intuitivo», tenho de estabelecer, *a priori*, um conjunto de premissas que não são relações entre ideias simples (ou por si mesmo compreensíveis) mas que podeis argumentar dentro de uma construção filosófica erguida sobre os últimos dados da vossa Ciência. Eu considero cada ser como um fulcro energético, em equilíbrio instável, colocado num meio, que é... o próprio Universo Criado.

Esses fulcros estão em vibração constante: — pensar, sentir e querer são três modos dessa vibração. Ora, como sabeis, quando um ponto material entra em movimento vibratório num meio elástico, esse movimento transmuda-se num movimento ondulatório que não é mais que o resultado de propagação das vibrações às partículas daquele meio. E existirá um meio elástico em relação às vibrações dos fulcros anímicos? Eu digo que ele existe e que não é distinto do meio físico homogéneo que na mecânica relativista chamaram *éter* e que é um meio, exactamente porque a sua existência é condição *sine qua non* para que se transfiram as acções de partícula a partícula.

Admitido isto, compreende-se que os fulcros anímicos estejam constantemente emitindo ondas de comprimento variável, mas sempre de elevada frequência.

Hipotetizemos então dois fulcros, espacial e evolutivamente afastados, um dos quais ligado a um organismo terreno.

No momento em que o fulcro anímico «encarnado» entra no específico estado da concentração mental, ao mesmo tempo que aumenta extraordinàriamente a frequência da vibração, adelgaça-se o fio de ligação da alma à carne, para aumentar a resistência à passagem da corrente em direcção às células nervosas. No estado de concentração, a alma absorve energia ambiencial e cresce o seu potencial energético, precisamente porque a sua capacidade é constante (ou só muito lentamente variável). Parte desse potencial escoa-se para o cérebro; mas, como automàticamente se opera uma redução na secção do fio de ligação, aumenta a resistência de modo que a corrente de cargas é reduzida, se bem que vá operar uma vibração mais intensa dos neurões. As células nervosas palpitam até que o movimento atinge o limiar da capacidade vibrátil desses corpúsculos delicados. Como um efeito, a aura física e psíquica (fluorescência originada pelas vibrações do «corpo somático» e do «corpo psíquico») dilata-se invulgarmente.

Mas quando o fulcro *quer*, uma onda poderosa propaga-se pelo éter, buscando o outro fulcro. Se a onda tem uma frequência adequada, perturba-se o campo vibratório do segundo: — é o momento da comunhão mental, da identificação de dois espíritos no mesmo nível do Pensamento.

(À medida que a vibração do espírito concentrado se vai resolvendo na onda, o potencial baixa; mas como a ligação ao cérebro aumenta, a corrente mantém-se e do mesmo modo o estado vibratório particular das células nervosas).

Chocado, o fulcro anímico livre emite uma onda, que é, na verdade uma onda de *reflexo*, uma contra-onda; — se tem a marca dele, agente

emissor, responde ao impulso voluntário daquele que a ocasionou, através do aproveitamento da potencialidade gerada na concentração.

Então, o fulcro anímico «encarnado» recebe-a e é sua vez de adquirir uma vibração adicional, factícia, que lhe traz ideias novas, raciocínios mais completos ou mais profundos, visões deslumbrantes — véus que se rasgam. E tudo isso passa aos centros psico-sensoriais permitindo a concretização pela palavra. Soa então a hora do tormento: exprimiu a grandiosidade das ideias no espaço angustioso das palavras.

Aos olhos do clarividente, o médium espiritual aparece envolvido numa luz vivíssima, resultado de todo o complexo de vibrações subtis que se puseram em jogo. O clarividente não distingue «formas», mas sente uma «presença». A *grande prova* é experimentada pelo próprio intuitivo.

Naturalmente que o processo exige do médium um grande esforço mental — ele é mais activo do que passivo. Fisiològicamente, a onda de reflexo resolve-se num conjunto de acções específicas sobre os centros psico-sensoriais e mesmo psico-motores.

Há ainda uma condição para que o processo tenha o seu lógico acabamento: — é *necessário* (mas não suficiente) que o fulcro anímico do intuitivo esteja mentalmente evoluido, para que ele possa fornecer o campo à exteriorização das ideias em palavras; caso contrário, tudo redundará num momento de ascese espiritual que... só contará para um, e o que fundamentalmente interessa (julgo eu...) é que dos resultados desse momento haja o maior número possível a participar. Parece-me até que posso exprimir esta condição em forma postulatória, dizendo:

— Os produtos da mediunidade intuitiva são tanto mais fàcilmente exprimíveis e, portanto, universalizados, quanto mais mentalmente evoluído for o fulcro anímico do médium e mais adequada for a estrutura cerebral a essa evolução.

Permito-me afirmar que o homem que apodais de Génio é, funcionalmente, um médium intuitivo em quem a condição postulada se cumpre no máximo momentâneo da perfectibilidade relativa da Cultura Terrena. Fica diminuído com esta minha afirmativa? De modo algum; ele fica explicado, o que é conceptualmente distinto. A *missão* (porque não, antes, função?) transcendente do Génio só assim fica aclarada: — ele é o *meio* de ligação entre os mais altos planos do Pensamento e o do homem terreno. Mas deste modo interpretado, não estarei esfarelando a «originalidade» da construção erguida pelo Génio? Não, mil vezes não, porque a intuição (a onda de reflexo a que me referi) é *sempre* o resultado equilibrado e coadunado com o esforço do Homem para realizar a conquista do mundo das Ideias. Sem esse esforço de concentração, sem esse trabalho porfiado e ingente de desenvolvimento mental que abarca a totalidade do Ego, jamais a super-consciência intuitiva se atingirá.

A especialização dos objectivos dessa luta é a determinante do multimodismo da produção do Génio, que vai, lentamente, facetando o bloco da Cultura humana, formoso peso parcialmente compensador de tanto desvario da sensibilidade de tanta cegueira vaidosa e de tanta queda moral.

Como se depreende do que já disse, eu *não* afirmo que a intuição só seja possível para o espírito que *conscientemente* busca o Pensamento dos fulcros anímicos superiormente evoluídos; a intuição *dá-se* sem essa deliberação prévia, dá-se desde que se cumpram as condições estruturais do processo. Isto é, o Espírito pode *encontrar* aquele Pensamento sem ter tido consciência de que esteve juntando as condições para que esse encontro se tornasse possível, tal como o médium fisiológico pode fornecer o campo à produção do fenómeno «objectivo» (!...) sem se ter *predisposto.*

Compreendam-me: — a mediunidade intuitiva tem fornecido a alavanca portentosa para a caminhada do Homem pelo campo das Ideias, *tem fornecido* e *há-de fornecer,* quer o Homem creia ou não na existência desses fulcros anímicos super-conscientes, porque as condições que envolvem a exteriorização da mediunidade intuitiva caracterizam também a possibilidade daquela caminhada. Ah! Mas quão mais rápido não seria o andar, se o Homem *buscasse* deliberadamente, se o Homem cumprisse o condicionalismo do processo, sabendo como, porquê e para quê o fazia.

A intuição é um modo de conhecer, *sui generis,* uma «forma» daquele modo geral que eu chamo *conhecimento por infusão* que representa sempre uma sintonia, mais ou menos completa e ou mais ou menos longa, entre dois campos vibratórios, *um* dos quais é o gerado pelo fulcro anímico.

Os momentos decisivos da minha existência têm sido exactamente aqueles em que eu me *infundi* no campo das Ideias-Forças, no plano do VERBO através do Pensamento dos fulcros anímicos dos meus mestres espirituais. Dessas infusões — que eram intuições, porque Eles e eu somos Espíritos — resultou a clareza, embora relativa, do meu próprio pensamento. E hoje pressinto — hoje em que desejo conscientemente continuar sendo *um* médium intuitivo, — pressinto que *há* neste processo *um método,* ou melhor, *o método* para que eu me liberte da estreiteza das minhas *próprias* ideias, isto é, das ideias que eu crio, fechado em mim mesmo. Existir é isto — é rasgar as barreiras do eu, para nos *infundirmos* no não-eu, para que Ele possa existir em nós.

«A GRANDE SÍNTESE»

de PIETRO UBALDI

Esta obra ansiosamente esperada pelos espiritas cultos e traduzida em muitas línguas já se encontra nesta redacção. Um grande volume em papel de linho elegantemente encadernado:

120$00

À cobrança, acrescem as respectivas despesas.

Façam desde já os seus pedidos, pois dispomos de poucos exemplares.

TOQUE DE ALARME

por RUFINO JUANCO

(Correspondente no México)

Assim se intitula o artigo que Bertrand Russell publicou num Suplemento Dominical de *New-York Times* e comentado pelo notável escritor mexicano Pedro Gringoire nos termos seguintes:

«Tal como fez muito antes da última guerra no seu famoso livro «O Panorama da Ciência», agora volta o filósofo inglês B. Russell a dar um toque de alarme mais premente e angustioso que o primeiro e, pelo que toca à ciência, muito mais franco ainda, visto que o artigo se intitula «A Ciência, Para Salvar-nos da Ciência».

«Há uma mensagem nessa sentença paradoxal e vai contra as esperanças dos adoradores de um Mito Moderno, qual é o de considerar a Ciência como salvadora da humanidade.

«Bertrand Russell, que não é predicador ou coisa que o valha, chega à conclusão de que a Ciência não salva o homem e que o homem é que necessita de ser salvo da ciência. De outro modo, — acrescenta — corremos o risco de que desapareça a sociedade civilizada e de que as sombras de uma nova Idade-Média desçam sobre o mundo.

«O perigo da destruição total que Russell assinala não tem origem simplesmente no uso problemático de bombas e superbombas; é o perigo que representa o imposto da ciência e do industrialismo sobre as nações de «uma forte cultura pré-científica», donde resulte a operação de várias histerias colectivas».

Como neutralizar esse impacto explosivo? Certamente, não será querendo deter o progresso científico, que isso é impossível e, além disso, é necessário que continui. Não é, pois, esse o Remédio. Estará o remédio num incremento da ciência, quando as culturas pré-científicas se transformem em culturas altamente científicas?

Poderia esperar-se que Bertrand Russell, com suas bem conhecidas e marcadas propensões ao Materialismo e ao Positivismo, desse a afirmativa absoluta por resposta; mas não é assim e nisso estriba o mais interessante da posição que assume no seu artigo: Russell não crê que a Ciência possa, por si só, salvar a Humanidade e para isso se baseia em que a Ciência pode ser tão poderosa para o bem, como para o mal.

A Ciência, por si só não pode proporcionar-nos uma Ética.

Se a própria Ciência não pode salvar-nos da Ciência, onde estará a nossa salvação? Como sempre e como todos, Russell, ao chegar a este ponto, é vago, geral e utópico; sente a necessidade de algo mais que a Ética; mas o seu arraaigado sentimento anti-espiritualista fá-lo titubear e deter-se nos umbrais da Grande Resposta que, para nós, cristãos, encarna na pessoa, ideal, espírito e potência regeneradora de Jesus-Cristo.

Para nós, espiritas,, a resposta é esta: Deus criou o homem livre; a liberdade é, ao mesmo tempo, o grande bem e o grande mal do homem; o Livre-Arbítrio é o poder que impele as gentes *acima* do Mal ou as exalta *acima* do Bem; ser livre, é poder ser bom ou mau.

Mas o homem, todo o homem, sente o afã da Imortalidade e deve aproveitar os argumentos do Espiritismo baseados na frenologia.

Se não fosse pelos seus grandes defensores e cujo génio é conhecido por todos os homens de ciência, não se teria dado fé aos testemunhos de algumas pessoas ignorantes, sim, mas cuja estrutura as põe em comunicação com um Mundo Invisível que parece demonstrar que a corrupção do corpo deixa intacta a vida da alma.

Para nós, espiritas, a única esperança salvadora é a espiritualidade bem entendida. Nós dizemos que a Humanidade anda mal em tudo, porque preferiu desconhecer o que em si tem de divino e agora começa a desconhecer o que em si tem de humano.

Deus quis que o homem fosse ser racional, moral e espiritual; mas o homem quer continuar a ser besta; e como Deus não faz dos seres a mesma coisa, por isso o homem deve redimir-se a si próprio e volver por seus foros racionais, morais e espirituais; e se ele se manchou, ele mesmo se deve limpar; e se infectou a humanidade, deverá desinfectá-la, porque Deus não pode mudar as suas leis, sem rectificar a sua própria obra.

Oh! Humanidade pequenina! Até hoje tens esforçado a imaginação para te torturares a ti própria! Acreditaste que a felicidade não estava em ti, mas nos outros; acreditaste que o poder não estava em ti, mas nos outros: confundiste a ignorância com a sabedoria, a hipocrisia com a virtude, a

NA ALDEIA

A senhora X, amarguradamente e com lágrimas nos olhos, contou-me a sua recente tragédia.

É viúva, tem 74 anos e vivia só com um filho solteiro de 46 anos, que faleceu em Abril último, de embriaguês quase permanente. Estamos numa região 90 % vinícola e este povo, rude e bom, é fundamentalmente ignorante e deixa-se dominar, quase por completo, pelos instintos, sendo, duma maneira geral, grandes apreciadores do sumo de uvas fermentado.

O filho da senhora X tinha só os dois exames da instrução primária, mas revelava-se inteligente e maravilhava a família com a facilidade que tinha de fazer contas e de resolver os problemas da sua vida. Já no leito da morte, chamou a mãe e, calmamente, recomendou-lhe que dissesse aos seus cunhados que tirassem o vinho todo, para o venderem, por que na semana seguinte seria a Páscoa e não poderiam estar com esse trabalho de mudarem o vinho. E mesmo porque nessa altura já eles deviam andar todos de luto. Disse à mãe que não chorasse, que bem sabia que ela costumava esconder-se para não chorar na sua presença, que, quando se visse aflita, rezasse. Que ele sabia que ia morrer, que já tinha sido avisado que morreria até à Páscoa, mas *que voltaria passados dois anos*. E logo ali lhe fez, de cabeça, a conta das quantidades e das graduações do vinho de cada um, dele, da mãe e dos cunhados, e quanto lhes caberia em dinheiro, individualmente, depois de o venderem. Pediu um papel e um lápis para registar as contas que tinha efectuado mentalmente, para que os cunhados depois pudessem conferi-las.

No dia seguinte disse à mãe que o fim se aproximava, que vira uma borboleta voar no quarto duma parede para a outra e que sentira uma coisa dentro dele, como que arrancando-se dos pés, para cima, e subir depois, pelas pernas, para o tronco, e que essa coisa parara toda na altura do peito. Disse à mãe que não chorasse, que rezasse, que ele dava graças a Deus por ir antes dela, pois que não gostaria de ficar no mundo sem a mãe, que sempre tinha cuidado dele carinhosamente.

E, quando veio o domingo de Páscoa, já ele, realmente, tinha deixado o plano dos encarnados.

Uma cunhada da senhora X, irmã do seu defunto marido, afirmava a esta viúva que via as almas dos mortos. Um dia, em que a senhora X ia passando, a cunhada chamou-a, disse-lhe que estava ali, junto dela, o espírito do marido, acompanhado por outros espíritos, e que falava com ela, informando-se, interessado, da saúde de uma filha casada que deixara neste mundo. E quando a irmã lhe disse que estava ali a sua viúva, dirigiu a esta um gracejo rústico.

A senhora X é absolutamente ignorante sobre a realidade da vida fora da matéria, mas parece ter ficado confortada quando eu lhe expliquei que, depois da morte do nosso instrumento, o corpo físico, continuamos a viver numa vida muito mais ampla do que esta em que nos encontramos agora; que já vivemos antes de encarnarmos nesta existência, que viveremos sempre, ainda que de maneiras diferentes, e que nos tornaremos a juntar aos que nos são queridos.

É notável que o filho da senhora X, que não tinha conhecimentos espirituais, tivesse dito à mãe que voltaria passados dois anos, que tinha recebido aviso...

Que quereria ele dizer com esta afirmação? Que passados dois anos, depois de desencarnar, viria produzir manifestações espiritas por meio de algum médium, dando assim confirmação que continuava existindo; ou que reencarnaria, passados esses dois anos na erraticidade, nascendo outro vez no mundo físico? — Creio que o aviso que lhe foi dado se referia a uma nova reencarnação, embora ele não tivesses disso consciência.

30/XII/1950. B. M.

---

vulgaridade com a grandeza e a aparência com a realidade. Criaste uma moral algo nova, para cometer imoralidades; criaste uma justiça algo severa, para cometer as mais crassas injustiças; criaste dogmas e liturgias para comerciar com elas; criaste deuses para te rires deles. Oh! Humanidade insignificante! Até agora tens vivido às avessas. Já é tempo de começar a viver a direito! Quem te ajudará a regenerar? O Espiritismo, que é Revelação, obra da Providência Divina.

Contudo, ninguém julgue que o Espiritismo nos salve por meio de absolvição, de indultos ou de amnistias. Não. O Espiritismo ajuda-nos ou redime-nos a nós mesmos pela via do esforço próprio e da rectificação pessoal.

(I. D. S. traduziu)

SESSÃO DE HOMENAGEM a Dois Obreiros do Espiritismo

Nós, que estamos habituados a ver a todo o momento corrupção e maldade; nós, que mal damos um passo logo encontramos forças que nos paralizam e nos afogam; nós, que durante a passagem pelo planeta vemos homens crueis e interesseiros, pouco se importando com o próximo, defendendo uma ideia, qualquer que ela seja, mas com a única condição de que essa ideia lhes traga abundante metal; nós, que vemos tudo isto, não podemos deixar de admirar e aplaudir o homem ou a mulher que, ao contrário dos outros, faz da sua vida um verdadeiro sacerdócio aproveitando todos os momentos para auxiliar o seu próximo; esses homens e essas mulheres são, infelizmente, tão raros que, quando abandonam a Terra a caminho de um mundo melhor, deixam à sua volta um vácuo, que durante muito tempo não sabemos como preencher.

No curto espaço de um ano, os espiritas portugueses viram assim desaparecer dois dos seus grandes obreiros: D. Maria Gonçalves Duarte Santos e o Coronel Faure da Rosa. A primeira, antiga directora desta revista, dedicou uma vida inteira ao serviço do próximo, esquecendo-se muitas vezes de si para só pensar nos outros; como administradora, *Estudos Psíquicos* não podia ter encontrado figura mais indicada, pessoa que desempenhasse com mais carinho o cargo que lhe foi confiado. O Coronel Faure da Rosa foi uma das figuras mais conhecidas do Espiritismo Português, quer como conferencista, como escritor e ainda como director da Federação Espirita Portuguesa, desempenhando este cargo com grande brilho, e apesar do seu estado de saúde que nos últimos tempos ia sendo cada vez mais precário, sabia sempre na altura devida dar um conselho, apresentar um alvitre, no intuito de que em todos os empreendimentos o Ideal pudesse ser elevado ao máximo.

Ora, se estas duas figuras foram, como todos sabem, duas almas cheias de Amor pelos semelhantes, cheias de boa-vontade para com o próximo, porque não lhes haviamos de mostrar o nosso profundo reconhecimento, a eles que souberam viver e dignificar o seu Ideal?

Foi com este nobre objectivo que no dia 7 de Janeiro, pelas 16 horas, se realizou uma sessão no «Luz e Amor» para descerramento do retrato do Coronel Faure da Rosa e homenagem a este confrade, que há pouco mais de um mês nos deixou, e a D. Maria Gonçalves Duarte Santos, cujo restrato já numa sessão anterior fôra descerrado, como tivemos ocasião de relatar.

A sala, como era de esperar, encontrava-se completamente cheia. O retrato que se ia descerrar estava lindamente ornamentado com flores variegadas. Presidiu à sessão o Major Zuzarte, secretariado por Isidoro Duarte Santos e Dr. Carreira de Sousa. O Major Zuzarte abriu a sessão dizendo algumas palavras sobre o acto e sua enorme importância para a história do Espiritismo em Portugal. Falando na homenageada, referiu-se ao livro «Dois Mundos» que acabava de sair. E disse, pouco mais ou menos estas palavras:

— Quando soube que Isidoro Duarte Santos estava a receber comunicações de sua esposa, por meio de intuição, confesso, não liguei ao caso uma importância de maior; e não liguei, por dois motivos: o primeiro, porque a intuição é quase sempre, se não sempre, um fenómeno dificil de controlar-se; em segundo lugar, havia a juntar que as comunicações eram da esposa de quem recebia as mensagens, portanto podia muito bem ser que houvesse ali muita elaboração subconsciente. No entanto — acrescentou — as comunicações continuavam, sem uma única rasura, até surgir o livro «Dois Mundos»; li-o atentamente e, quanto mais o lia, mais as minhas dúvidas iam diminuindo, até desaparecerem por completo. Tenho de o ler outra vez, pois ali há muito, muito que aprender e é um livro que quanto mais se lê, mais maravilhas nele se vão descobrindo.

Referindo-se ao Coronel Faure da Rosa, disse:

—... e apesar do seu extraordinário valor, apesar da sua bagagem científica e filosófica, apesar da sua fácil argumentação, desempenhava todos os cargos que lhe confiavam, mesmo os mais altos, com a maior modéstia, como se fosse o último elemento, quando afinal era o primeiro. Quando tive que o substituir, devido à sua saúde, na direcção da Federação, ficava muito admirado quando eu lhe contava das enormes dificuldades que tinha para dirigir com um mínimo de perfeição o cargo que me haviam confiado; Faure da Rosa então admirava-se, não por falsa modéstia, mas porque estava realmente convencido de que o que ele fazia, os outros mais fàcilmente e melhor teriam feito. É que Faure da Rosa sabia nas ocasiões adequadas dar um conselho, mostrar o caminho a seguir, tendo, por assim dizer, a *intuição* do que era preciso realizar.

Terminadas as suas palavras, pediu à Sr. D. Maria Bacelar que descerrasse o retrato do homenageado, fazendo-se então uma prece no sentido de que este Irmão, livre das algemas que o prendiam à Terra, pudesse progredir ràpidamente.

O Capitão Estêvão Rodrigues leu depois uns versos de sua autoria, referidos ao acto e que os presentes muito apreciaram.

Seguiu-se Ramos Pereira, o *cavaleiro-andante do Espiritismo*, como já uma vez lhe chamámos nestas colunas e um dos primeiros valores da nova

geração. Com aquela espontaneidade conhecida de todos os que têm tido a ventura de ouvir as suas belas lições, focou de uma maneira perfeita a personalidade do Coronel Faure da Rosa e de D. Maria Gonçalves Duarte Santos.

— O Coronel Faure da Rosa — disse Ramos Pereira — chamava-me o seu querido neto; e eu, que não me vergo à autoridade seja de quem for, que não abdico da minha personalidade, venham os argumentos donde vierem, a não ser que me mostrem que estou errado, eu, não sei bem porquê, obedecia ao Coronel Faure da Rosa, como... um neto a um avô. Porquê? Talvez porque o Coronel, ao contrário da maior parte dos homens, sabia dizer as coisas, sabia mostrar o caminho sem magoar a quem se dirigia: numa palavra, sabia ser... espirita.

Quanto ao livro «Dois Mundos», disse:

— Já o li, mas antes de lhe fazer qualquer apreciação, quero lê-lo novamente, pois existe nele muita matéria de estudo.

Seguiu-se António Cardoso, que recitou um soneto de sua autoria dedicado a D. Maria Duarte Santos.

O Dr. Pedro Dias de Sousa, focando também a personalidade dos homenageados, leu um trabalho inédito do Coronel Faure da Rosa.

Por último, Isidoro Duarte Santos, dizendo que pouco mais poderia acrescentar àquilo que já naquela tarde fôra dito, preferia ler apenas 3 comunicações de sua Esposa, uma das quais recebida naquele próprio dia. E assim, durante trinta minutos, a assistência, mercê da voz vibrante e atraente de Isidoro Duarte Santos, viveu horas de sonho, de verdadeiro ágape espiritual, sentindo por detrás das ideias que se iam acastelando no seu cérebro, uma unidade espiritual que as burilou, uma... D. Maria Duarte Santos.

O Dr. Dias de Sousa, em nome da família do coronel Faure da Rosa, agradeceu a homenagem dedicada ao grande e saudoso pioneiro do Espiritismo. Era tarde quando o Presidente deu por encerrada a sessão! No entanto, os que lá foram, só quando sairam é que deram pelas horas, pois lá dentro, embebidos nas lições sublimes que estavam recebendo, as almas ansiosas de conhecimentos esqueciam tudo para ouvir da boca de humanos as palavras dos... Mestres!

Defesa contra o Mal

— Meu amigo, meu amigo! Se já não estamos na carne, busquemos desencarnar também os nossos pensamentos. As criaturas que se agarram aqui às impressões físicas, estão sempre a criar densidade para os seus veículos de manifestação, da mesma forma que os Espíritos dedicados à região superior estão sempre a purificar e a elevar esses mesmos veículos. Nossos projécteis, portanto, expulsam os inimigos do bem através de vibrações de medo, mas poderiam causar a ilusão da morte, actuando sobre o corpo denso dos nossos semelhantes menos adiantados no caminho da vida. A morte física, na Terra, não é igualmente pura impressão? Ninguém desaparece. O fenómeno é apenas de invisibilidade, ou, por vezes, de ausência. Quanto à responsabilidade dos que matam, isto é outra coisa. Nesta esfera, o corpo denso modificado pode ressurgir todos os dias, pela matéria mental destinada à produção dele, ao passo que, para obter o corpo físico, almas há que trabalham, às vezes, durante séculos...

«De OS MENSAGEIROS, de André Luiz)

AS NOSSAS EDIÇÕES

NOS UMBAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado .....18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.*

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra extraordinária lança poderosa luz sobre a morte e o Além.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

A FRATERNIDADE HUMANA

por L. LOYDE

(Presidente da União Espírita da África do Sul)

Todas as religiões falam do «Divino Espírito», o «Supremo», e quer usemos o termo «Deus», «Allah» ou qualquer outro, o sentido é o mesmo. Jesus, o Cristo, deu a mais simples e ainda a mais luminosa explicação quando disse: — «Deus é Espírito e deve ser adorado em Espírito e Verdade». Não *um* Espírito mas «Espírito», aquele Poder Criador Divino ou Substância, do qual todas as coisas, animadas e inanimadas, são criadas. Todas as formas de Cristianismo ensinam que «Deus está em todas as coisas». Para alguns, isto deve parecer difícil de conceber, mas isso não pode torná-lo menos verdade. Suponhamos os quatro Reinos conhecidos: — o mineral, o vegetal, o animal e o humano — e vejamos se podemos perceber «Deus», o «Divino Poder Criador ou Substância» funcionando neles. Isto não é tão difícil se pensarmos que o «Poder Divino» dorme no mineral, respira no vegetal, move-se no animal e atinge a sua mais alta expressão no reino humano.

Agora podemos pensar que há um «quid» que é comum a todas as formas de vida, em qualquer lado manifestada. Esta diversificada manifestação deve ser intencional e ter um fim específico; doutro modo não podemos postular que «Deus-Espírito-Divino» é Omnisciente.

Ilustremos com um simples exemplo tirado do reino vegetal: — o amor-perfeito e o cravo. Plantamo-los lado a lado no mesmo solo. Na estação devida germinam, sobem dum mundo de trevas para outro de luz; cada um extrai o seu alimento da mesma terra, sol e água. Cada um é específico na sua manifestação individual. Foi isto ou pode isto ser completado pelo homem? Em cada um foi a «Inteligência Divina» que desenhou com matemática precisão a completa formação do pedúnculo, pétalas, cor e perfume de cada flor.

Aqui principia na nossa consciência a realização daquele «quid» que é comum a todos. Sendo assim, surge como consequência natural aquilo que no Reino Humano, a mais alta expressão de Deus criada na Divina Imagem, aquilo que será a única base onde poderemos edificar a verdadeira concepção da «Paternidade de Deus» e da «Fraternidade dos Homens» — os dois fundamentais princípios do Espiritismo.

O «humano» é tão diverso na forma, talhe, cor e manifestação externa como as plantas e animais; e como elas, tiramos da «Grande Mãe Terra» aqueles elementos que são necessários para constituir a forma na qual nos manifestamos, e que, na «transição chamada morte», deixamos para trás para se reintegrar na terra de cujos recursos fora composta.

Portanto, tudo nos afasta de que uma genuína realização da «Fraternidade Humana» é uma falsa concepção, um tudo baseado em muitas e várias manifestações objectivas, bem como no fasto importante de que nós, a «mais alta manifestação», fomos doados com auto-consciência, enquanto que os reinos inferiores são limitados à consciência. Isto é, dentro de certos limites, nós podemos, usando da nossa vontade livre e de acordo com os nossos desejos, alterar ou perturbar a divina arquitectura das nossas vidas como indivíduos e nações, o que os reinos inferiores não podem fazer.

A humanidade tem-se tornado espiritualmente enfraquecida e nós como indivíduos estamos na última volta para as realidades espirituais que nos guiem para um outro fim. O Amanhecer da Era Espírita chegou. Não podem por mais tempo as Nações ou as Religiões permanecer num esplêndido isolamento. Até nas manifestações exteriores da vida nós estamos sendo forçados ao reconhecimento da nossa interdependência: — e isto pela unidade espiritual interna. Porque não, portanto, permitir que se exprima conscientemente, com o melhor das nossas qualidades, esta «unidade do espírito», transcendendo a presente concepção limitada do homem e trazê-lo para a real e espiritual «Fraternidade do Homem»? Sòmente então nós poderemos trazer por fim «Paz sobre a Terra, boa-vontade para todos», internacional e universalmente.

(R. P. traduziu)

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

113. LA FILOSOFIA PENAL DE LOS ESPIRITAS — por *Fernando Ortiz*. Editorial Vitor Hugo. Buenos Aires, 1950.

O Autor é professor de direito na Universidade de Havana e começa logo por declarar-se «não espiritista» e também não crente «na intangibilidade dos dogmatismos, ainda quando se chamem científicos».

Tendo assimilado perfeitamente o pensamento kardecista, o catedrático cubano revela neste admirável trabalho, a par de uma rara isenção de «parti pris», um sentido crítico absolutamente equilibrado e objectivo. Ele mostra-nos como a filosofia moderna do direito penal se encontra contida na Obra de Kardec, quando não superada, e, ao mesmo tempo, a sua admiração por tal:— «... o estudo da criminologia do Espiritismo... produziu no meu ânimo impressões inesperadas...». «Não há-de merecer a atenção do estudioso esta curiosa convergência do materialismo científico e do espiritualismo idealista no campo da criminologia? E, acaso, demonstrada essa convergência, a filosofia não poderia descobrir coincidências mais transcendentais ? Acaso discutir o fundamento do castigo não é discutir o fundamento do bem e do mal, não é discutir a base angular de toda a filosofia ? Seja disto o que fosse, o aspecto criminológico do Espiritismo é suficientemente curioso para merecer um esforço».

Fazendo abundantes transcrições de livros de Kardec, o professor Ortiz levanta um conjunto de paralelos que fundamentam a temática que o norteia:— demonstração da coincidência das proposições do Mestre francês com as dos filósofos do direito penal, quando eles partiram de pontos que podem conceptualmente considerar-se opostos. Piepers, Ferri, Tarde, Sergi, Lombroso, Roeder e outros são confrontados com Kardec.

Mas não apenas pelo seu valor intrínseco este livro é merecedor de encómio; ele constitui um exemplo do esforço que os estudiosos espiritas têm de realizar e uma advertência àqueles que ignaramente julgam que em Espiritismo já foi dita a derradeira palavra. É pena que nós tenhamos que esperar que um «não espirita» se interesse pelo conjunto de ideias que defendemos para descobrirmos facetas imprevisíveis nesse conjunto... Cada vez se torna mais premente que aqueles dos espiritas que são médicos ou advogados, físicos ou matemáticos, economistas ou filosóficos, se debrucem sobre o panorama ideológico do Espiritismo e o submetam a um trabalho de revisão à luz da Cultura moderna.

Os pensadores espiritas têm de convencer-se da necessidade desse trabalho, têm de compreender que em bem pouco servem o Espiritismo quando se limitam a repisar... as segundas pessoas do indicativo presente do verbo «dever»... ainda que se lhes siga «amar», «fazer o bem», «praticar as virtudes», têm de aprender o sentido desse verbo na primeira pessoa do mesmo tempo e seguido do incómodo verbo «estudar».

114. DA ALMA HUMANA (metapsicologia experimental) — por *António J. Freire*. Edição da F. E. P., Lisboa, 1950.

Nesta obra juntaram-se artigos publicados pelo Autor na antiga *Revista de Espiritismo*, orgão da F. E. P. Talvez por isso há uma certa falta de unidade no conjunto e algumas repetições que se poderiam ter fàcilmente eliminado. O estudo sai um tanto desarticulado, se bem que esse aspecto se tenha procurado esfumar com considerações literárias.

Sofrendo a influência de Durville, Lefranc, Lancelin e Baraduc, além das de Annie Besant e Leadbeater, o autor construiu uma obra que é estruturalmente mais esotérica que espirita. Compreendemos claramente que o seu objectivo é fazer sincretismo, é fazer uma síntese de escolas. Mas para tal não basta amalgamar conceitos similares, não basta ligar como complementos as afirmações de uma escola às de outra. Cada «escola», esotérica ou exotérica, é uma específica posição mental perante o quadro da Cultura. O sincretismo das escolas só pode realizar-se pela adopção de uma posição mental de tal ordem, que nela se opere a superação dos conceitos particulares em conceitos mais gerais; isto é, uma posição em que seja possível a construção de uma filosofia dessas filosofias. Infelizmente, essa posição só é assumível pelo Génio, pelo gigante do pensamento, como aquele que ditou as páginas imortais da «Grande Síntese».

Sem dúvida que no campo restrito da «psicologia» esse sincretismo se pode conseguir mais fàcilmente; mas, aquela falta de unidade ingénita que apontámos não deixa que o Dr. António Freire construa uma «teoria psicológica» em que se fundissem os conceitos psicológicos dos rosacrucianos, dos antroposofistas, dos teósofos e dos espiritas. Se tivesse fundido o conteúdo dos artigos que constituiram a essência da presente obra, o Autor teria ficado mais próximo daquele «desideratum». Senhor de uma boa cultura neo-espiritualista, teria realizado a obra que dele se esperava, se dominasse a psicologia geral em profundidade, se tivesse assimilado Wundt, De Sarlo, William James, Mac Dougal, Lipps, Lotze, Ostwald ou Scheler, como absorveu Besant, Steiner, Hendel e Lancelin. Nos «Fundamentos da Teosofia» de Jinarajadasa encontraria também um modelo para uma «teoria do complexo humano».

Desejamos anotar algumas partes desta obra digna de leitura e mais representativa do pensamento do Autor, que «À Margem do Espiritismo».

No prefácio, diz o Autor: — «O Espiritismo, em última análise, é, para nós, *a ciência da alma humana estudada à luz do dinamismo do seu potencial e virtualidades divinas*. Talvez seja

esta a mais completa definição do Espiritismo, abrangendo todo o seu complexo objectivo».

Parece-nos, porém, que esta definição enferma da mesma petição de princípio que Mac Dougal apontou à que considera a Psicologia como «ciência da alma». Para que uma ideia fique lògicamente definida, é forçoso (por um princípio lógico) recorrer a ideias mais simples ou das quais seja possível uma outra definição por ideias simples. A própria escolástica assim o reconhece, quando diz pela voz de Barbedette:: — «Quoad sem, Psychologia definitur: — scientia quae ultimas causas et naturae hominis investigat. Quoad nomen, Psychologia definitur: — scientia de anima».

«Devemos definir o campo de uma ciência em termos tanto quanto possível livres de ilações teóricas e especulativas...» — diz Mac Dougal. Ora, a difinição dada pelo Dr. Freire não está livre de uma ilação dessa natureza e não é suficientemente geral. Considerar o Espiritismo como ciência da alma é assentar, desde logo, como existente, essa «alma»; como existente e... compreensível; quando, afinal, o Espiritismo procura demonstrar essa existência e alargar essa compreensão.

Suponhamos que, com tais termos, o Autor quis marcar a estrutura «psicológica» do Espiritismo. Ora a «metapsicologia experimental» — sustentáculo do edifício espirita — é um ramo da Psicologia Geral e só contém em si uma parcela do pensamento filosófico espirita. O Espiritismo, começando por ser uma «psicologia racional» erguida sobre o experimentalismo metapsíquico, refunde a ética numa filosofia dos valores de Cultura» e lança-se numa síntese metafísica. Como considerar então abrangido o «complexo objectivo» num estudo do dinamismo psíquico? É possível que o autor tenha um conceito do dinâmico diferente do usual; mas se assim não é, temos de pensar, por exemplo, que, além da «psicodinâmica», há que considerar uma «psicostática» e uma «psicocinemática». Note-se que ele diz a págs. 46 do seu livro: «O Espiritismo no seu duplo ponto de vista — estático e dinâmico — não estuda apenas a alma humana nas suas potencialidades e polimorfismo».

A págs. 33, quando se refere às radiações psíquicas e às experiências de Yurievitch, Du Bozza e Ochorowicz, o Dr. Freire tem um ligeiro lapso: — coloca essas radiações entre as ultra-violetas, «*depois* dos raios *X* e dos raios *gama* do rádio». E dizemos lapso, porque não só os raios *Y* de Yurievitch como os raios *X* de Ochorowicz eram mais «frequentes» que os raios de Roentgen e os raios *gama* resultantes da desintegração das substâncias radioactivas; mas também porque, na série das ondulações, ordenada segundo frequências crescentes, os raios ultravioletas ficam *antes* dessas formas energéticas. Com efeito, as radiações ultravioletas têm comprimentos de onda entre 0,35 e 0,06 microns, enquanto o dos raios *X* varia entre 1,2 e 0,02 milésimos de micron e o dos raios *gama* entre 0,15 e 0,007 milésimos de micron; portanto, os raios ultravioletas têm menor frequência, estão *antes* dos raios *X* e *gama*, na escala das frequências.

Mas para não nos alargarmos demasiadamente nestas ligeiras considerações críticas, esquematizaremos as notas que apusemos nas margens da obra em epígrafe:

a) (pág. 67) — A luz e a humidade atmosférica têm uma acção dissolvente sobre a substância do «duplo etérico»? Que a humidade a tenha, é um conceito físico. Mas a luz *dissolvente?...* Não se quereria dizer *desagregante*. E se a humidade *dissolve*, é porque a substância do duplo é de natureza molecular. Mas que substância molecular é essa, que se *condensa* a uma baixa pressão e *dilata* sob as grandes pressões atmosféricas?

(Pág. 70) — Todavia, desde que um amplificador pode registar pulsações cardíacas do corpo vital ou duplo etérico, temos de supor-lhe uma natureza celular diferenciada e, então, como aceitar aquelas acções referidas?

(Pág. 73) — Formado por «éteres»? E que é um «éter» no conceito do Dr. Freire? Quìmicamente, os éteres são compostos orgânicos bem difinidos, mas que não podem equivaler-se aos «éteres» de Annie Besant. Eles também nada podem ter de comum com o éter da mecânica relativista. Então, que substâncias serão essas que nenhum ocultista ainda *definiu?* Porque é que elas produzem tais efeitos e gozam de tais propriedades? Ou... serão simples nomes, um «flatus vocis» a ocultar a ignorância da verdadeira natureza do fenómeno?

b) (págs. 176 e segs.) — Nestas experiências de Lancelin há um ponto que me lança na dúvida: — se se iam exteriorizando sucessivamente os diferentes corpos fluídicos até à «alma consciencional», como era possível que o passivo em desdobramento os pudesse ver a descrever, *pudesse ter consciência?* Porque há um «cordão» mantendo a ligação com o corpo físico? Se esses corpos exercem as funções que a psicologia considera atributos do «espírito», como pode um passivo em que eles se desdobraram ter percepções completas, ideias, raciocínios? O fenómeno teria explicação, se esses corpos tivessem apenas a função de transmissão de linhas de acção e reacção e não as funções que os ocultistas e o Dr. Freire lhes atribuem (Cf. págs. 270 — sobre o corpo anímico).

c) (págs. 273 e seguintes) — Se a aura é constituida «*por vibrações das diferentes camadas do perispírito*», pela transformação do movimento vibratório das partículas perispirituais num movimento ondulatório (Cf. final da pág. 274), como dizer que «é uma fotoesfera, mais ou menos ovóide, constituida por *substâncias fluídicas*, heterogéneas, gradualmente quintessenciadas?».

Isto é estabelecer uma sinonímia impossível.

Qualquer destes pontos merecia um tratamento aprofundado, mas impróprio de uma secção de simples anotações críticas, por aliciante que seja o desejo que sentimos de o fazer.

Na obra do Dr. Freire há muitos pontos discutíveis: — aqueles onde mais pura se encontra a influência que no seu espírito exerceu a leitura de alguns ocultistas. Talvez que haja quem apode de pretensiosas estas notas (se não lhe quiserem dar outro título mais rebarbativo...), dada a auréola de prestígio intelectual que cerca a figura do Dr. António Freire e... a minha «Juventude»...

Escrevemos em resumo o que pensámos durante a leitura da obra, porque a nossa pena é inteiramente livre. E para terminar, só nos falta dizer que o justamente famoso propagandista do Espiritismo em Portugal *pode* e *deve* fazer obra mais homogénea em que haja mais Kardec que Lancelin, mais Bozzano que Besant, mais Ubaldi que Baraduc, mais Exoterismo e menos Esoterismo.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

AINDA GIANELLA DE MARCO

A propósito deste fenómeno musical a que oportunamente nos referimos em artigo do nosso colaborador Henrique Magalhães, lemos a seguinte apreciação de Eston num jornal de Porto Alegre e que desejamos arquivar nestas colunas:

«A maestrina Gianella de Marco, ensaiada ou por outro meio qualquer, rege de facto, e de forma a que soem fazer pessoas com experiência em direcção de orquestra.

«Suas indicações de «crescendo», «piano», «fortíssimo», «pedal» (sustentação), entradas dos instrumentos são exactas e inequívocas. É necessário desde já fazer a distinção entre DECORAR e APRENDER. Qualquer professor de escola primária sabe que decorar é acto mecânico que pode auxiliar, mas que por si só não constitui conhecimento; este é o resultado da assimilação, através da compreensão mesma. Com o conhecimento musical que adquiri, posso afirmar categòricamente que sem entendimento e compreensão, não poderia haver regência, pois tal coisa constitui uma função bastante complexa para ser executada meramente pela memória. Haveria que atender a uma multidão de situações momentâneas e extremamente variáveis, como compasso, entradas dos instrumentos, indicações de colorido, equilíbrio sonoro, etc., etc., que só se tornam possíveis com uma perfeita COORDENAÇÃO. Eis porque muitos músicos de longa prática não são capazes de empunhar a batuta. Além de que vimos Giannella dirigir o *Guarani*, em Porto Alegre, com gestos um pouco diferentes dos usados em Pelotas.

«Insistimos em que para reger eficientemente são requeridas qualidades musicais múltiplas; senão procure o leitor ouvir 400 vezes a protofonia do *Guarani* e peça a uma maestro que lhe ensine os gestos para regê-lo (ou ensaie) e verá como não poderá dirigi-lo se não tiver um ouvido polifònicamente desenvolvido e qualidade musical excepcionais.

«Muitos julgam tratarem-se as questões musicais de coisa fácil ao alcance de qualquer estudante ou curioso, sem verificarem que inúmeros se têm esforçado inutilmente, por vezes. Já chegaram até mesmo a perguntar-me se um aluno com o curso do conservatório não pode tocar qualquer música à primeira vista com perfeição, ou compor uma ópera. Aqueles, porém, que têm o descortínio bastante para avaliar o valor e mérito das coisas, e insistem em declarar o contrário, ou são insensatos ou têm razões inconfessáveis para fazê-lo.

Vejamos agora as hipóteses:

«1 — Tem um desenvolvimento mental precoce de 15 ou 20 anos de adianto — no referente à compreensão musical.

«2 — Possui o conhecimento músico por hereditariedade (ou conhecimento prenatal), no que concerne às QUALIDADES MUSICAIS (quais sejam: ouvido, ritmo, timbre, memória, polifonismo, expressão...), tendo o mais sido adquirido rápida e fàcilmente em virtude do grau elevado daquelas QUALIDADES.

«3 — Capta, por processo cerebral hipersensível e ainda não explicado cientificamente, a orientação musical que, no caso, deveria achar-se fora da pessoa mesma.

«Poderia também dar-se o caso das 3 hipóteses coexistirem. É preciso salientar que hipóteses não são verdades científicas, mas servem para auxiliar a compreensão dos fenómenos, sistematizando-os, enquanto aguardamos o pronunciamento da ciência, logo que esta disponha de meios para explicá-los. As hipóteses ajudam a compreensão dos fenómenos como as palavras nos ajudam a compreender as coisas — nada mais. Explicações definitivas só devemos aceitar quando dispomos de meios de verificação pessoal ou colectiva.

«Consideramos Gianella uma figura excepcional e sentimo-nos cheios de júbilo pela honra que nos deu em reger para nós nesta cidade».

A VISÃO PANORÂMICA

De *Luz da Verdade*, de Recife, extraímos o seguinte facto que vem comprovar a verdade da visão panorâmica do espírito, após um choque violento que o arrebate para além do envólucro material:

«Está sendo levado a efeito pelo Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris uma investigação dos aspectos psicológicos da «visão panorâmica», da passagem das visões em episódios durante a própria vida, depois do suicida sofrer o choque.

«Os membros deste Instituto, desejando ajudar o público nas investigações, têm convidado os interessados a trazer casos comprovados, a fim de procederem a estudos de «visões panorâmicas» às quais se têm dedicado há muito.

«O sr. R. Warcollier, vice-presidente do Instituto, escrevendo recentemente para a *Revue Metapsychique*, deu um exemplo das visões panorâmicas de um amigo íntimo. Este, quando jovem, trabalhou como escriturário de um estabelecimento fotográfico. Certo dia, surgiu-lhe a ideia de gracejar com um colega que se encontrava ausente. Simularia um enforcamento.

«Assim, prendeu um cabide por baixo do casaco que estava vestido e atou uma corda forte no gancho do respectivo cabide. Depois, em cima de um banco, atou uma ponta a uma viga do teto, amarrando a outra extremidade à volta do seu pescoço, mas toda a segurança estava no gancho do cabide. Engenhosamente disfarçada a posição da corda, tinha-se a impressão de que, realmente, estava presa directamente à garganta. Pressentindo o regresso do colega, deu um pontapé no banco que lhe servia de apoio, e rindo-se baixinho, pensando na profunda consternação que iria causar ao amigo. Infelizmente, o gancho partiu-se com a pesada carga e a corda escorregou para o pescoço; como, felizmente, havia sobra, assim mesmo foi en-

contrado no chão, desmaiado com o choque.

«Diante daquele quadro, o amigo desatou a corda com dificuldade e conseguiu fazê-lo reviver por meio da respiração artificial. As primeiras palavras de Mock (assim se chamava o enforcado) depois de desafogado da corda e ainda meio tonto em recuperação de consciência, foram para explicar que, em seguida ao terrível choque do semi-estrangulamento, revivera toda a sua vida em reverso, *como um filme que se desenrolasse para trás*».

«NOVO TIPO DE ESPIRITISTA»

La Conciencia, de Buenos Aires, tem exercido uma acção meritória no tocante ao saneamento das fileiras espiritas. É a revista que, no sector argentino e talvez sul-americano, mais alto tem elevado a bandeira da fé, dignificada pela razão, a que se devem apoiar todos os adeptos da Doutrina. Esta revista devia andar de mão em mão, para que muitos soubessem o que é Espiritismo. Parabens ao seu director Genaro Pucci que não tem esmorecido na sua faina! Vamos transcrever o artigo com que abre o seu número de Dezembro, sob o título: «Novo tipo de espiritista».

«*La Conciencia* tem assinalado em diferentes ocasiões que é indispensável formar novo clima e nova corrente dentro do Espiritismo. Melhor ainda: é necessário forjar um novo tipo espiritista. E essa necessidade é tanto mais justificada, quanto mais se estudar pacientemente o Mestre Kardec e seus ampliadores, como Gustave Geley, para não citar outros da mesma envergadura científica.

«À medida que se analisa o movimento espirita nacional e estrangeiro, chega-se à conclusão de que, salvo muito honrosas excepções dos militantes nos círculos estudiosos, se deforma a doutrina. Apareceram no cenário intérpretes do Codificador que pontificam e desnaturam os princípios gerais do Ideal.

«Por muitos se haverem audazmente dedicado à experimentação mediúnica sem conscienciosos estudos prévios, surgiu um espiritismo «sui generis», tergiversado, desfigurado, difundido por entidades terrenas pouco evolucionadas ou inspiradas na má-fé que fazem ouvidos de mercador a desencarnados de certa elevação. Alguns dos primeiros ainda combatem a ciência e aconselham a não ler nem estudar, mas a crer cegamente no que procede como eles dizem...

«Reconheçamos que o nosso movimento é inorgânico por aquilo que acabamos de anotar. Os seus quadros não têm sido construídos em bases sólidas. Se os fundadores dos Centros forem homens ilustrados e conhecedores a fundo do que é Espiritismo, haverá instituições que desenvolvam a sua actividade de acordo com as normas científicas por eles programadas; essas instituições serão realmente *escolas espiritas*. E os que encararem sèriamente a complexa empresa do psiquismo que iniciaram, oferecem espectáculos lamentáveis, anti-espiritistas.

«Estes últimos formam capelas com altares, santos, círios, etc., onde se não estuda nem se analisam os fenómenos. Aceita-se tudo sem discussão. E quando algum espiritista conhecedor do problema ali aparece para dizer que há desorientação, os «guias» espirituais se apressam a qualificá-lo de «perturbador», de «indesejável» ou de «portador de maus fluidos». E as coisas raras seguirão o seu curso em detrimento do Espiritismo.

«Allan Kardec repetiu à saciedade que «o Espiritismo é ciência e filosofia com derivações religiosas». «Não somos religionários», disse numa de suas obras. Certos dirigentes nacionais ou continentais, fazendo abstracção dos princípios directivos do Mestre, afirmam com inexplicável tenacidade que o Espiritismo é uma religião. Que mais querem as mentes pesarosas, os inimigos do estudo e também dos livros ?! Há evidente concordância entre esta classe de dirigentes e os mencionados «guias» que afastam dos Centros os homens capazes de marcar às instituições um rumo científico-filosófico.

«Não é, porventura, sintomática a pobreza de cultura geral espiritista ? Não vemos diàriamente como os centros iniciados exclusivamente no fenomenismo actuam em ambientes de ignorância? Por isso, achamos necessário um programa orgânico, tendente à formação desse novo tipo de espiritista. O nosso ideal reclama homens conhecedores do que é o Espiritismo e a Metapsiquica; sobretudo homens que saibam dar resposta firme aos problemas que qualquer neófito científico ou curioso lhes possa apresentar. Precisamos de homens de consequência espirita em condições de se porem em qualquer lugar ao nível científico, filosófico e ético do que é o nosso ideário.

«Estes «espiritistas» de moral «desdobrada», os que ignoram as normas essenciais de como se organiza e dirige um Centro, os que não sabem ler nem escrever e se encarregam da direcção dos fenómenos mediúnicos, como os que fazem alarde de que «já sabem tudo e que não têm mais que aprender no nosso campo», são factores negativos. Este tipo de espiritistas está destinado a desaparecer do nosso cenário, da direcção de entidades, por ser lastro pernicioso à marcha evolutiva do Espiritismo. O verdadeiro espiritista, no dizer do Mestre, conhece-se pela sua transformação moral, pela sua cultura integral ou desejo de alcançá-la, pela sua simplicidade e sua modestia permanente. Eis o tipo de espiritista que reclama a doutrina».

LEOPOLDO MACHADO

Notícias chegadas por via aérea, disseram-nos que o grande propagandista Leopoldo Machado se encontra enfermo, em virtude de grave insulto orgânico ocorrido em 31 de Dezembro último que o tem impossibilitado de qualquer movimento.

Esta notícia inesperada deixou-nos consternadíssimos, tanto mais que o querido amigo acabava de regressar de uma excursão doutrinária através do interior do Brasil, onde pregara mais uma vez com sua palavra convincente. Os seus numerosos amigos não deixarão de erguer suas preces, no sentido do pronto restabelecimento deste insigne pioneiro que caminha na vanguarda do movimento espirita brasileiro. Pela palavra, pela pena, pela acção constante nos vários sectores onde a sua influência se faz sentir com proveito para a Causa, aí o temos sempre, incansável e entusiasmado, disposto a combater e a perdoar. Seus livros andam de mão em mão e representam poderoso contributo para a dessiminação das verdades que propagamos.

Estudos Psíquicos conta-o no número de seus bons colaboradores e amigos e por isso não poderia deixar de sentir este lamentável acontecimento. Pedimos a todos os leitores que irradiem pensamentos de vigor sobre o nosso amigo Leopoldo Machado.

Notas & Comentários

«HISTÓRIA DE UMA REENCARNAÇÃO»

O belo trabalho do Dr. Jules Pérès que, devido a lapso de paginação, saiu sem marca de origem, foi traduzido de La Revue Spirite, *dirigida pelo nosso amigo e brilhante propagandista Hubert Forestier, a quem pedimos desculpa da omissão involuntária. Como é sabido, nunca deixamos de mencionar as fontes nas transcrições feitas de outras revistas ou jornais.*

«ULTRAFANIA»

Temos recebido a revista mimeografada Urtrafania, *que se publica em Rosário, Argentina, sob a direcção de Nicolas Motta.* Ultra, *mais além, e* fania, *luz, esta pequena publicação apresenta-se bem redigida no seu nível superior. O número de Dezembro, que temos presente, insere um substancioso estudo do seu director, intitulado: «Einstein; a sua quarta dimensão e os fenómenos ultrafísicos». É pena que não tenha recursos financeiros para circular em letra de forma.*

CURSO DE JORNALISMO

Na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro acaba de realizar-se uma sessão solene para recepção dos bacharelandos da primeira turma de jornalismo relativa a 1950, cujo patrono é Gustavo de Lacerda. A turma compõe-se de 128 indivíduos, sendo 33 do sexo feminino. Da lista faz parte o nosso querido amigo Dr. Amadeu Santos e a Dr.ª Guiomar Ferreira de Matos, que se evidenciou na homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos realizada no Salão da Liga Espirita do Distrito Federal.

Aos dois novos bacharelandos as nossas fraternais saudações.

INSTITUTO MARIA

Na linda cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, há uma casa de caridade destinada a abrigar, proteger, instruir e educar meninas orfãs e pobres, sem distinção da raça ou cor, nacionalidade ou religião, preparando-as para a vida honesta e laboriosa. É o Instituto Maria, *fundado em Março de 1944, sob o patrocínio de individualidades espiritas que se têm desdobrado em esforços e sacrifícios na realização de uma obra filantrópica de extraordinária projecção social. Depois de adquirir 48 mil metros quadrados de terreno à Rua São Mateus, da mesmo cidade, entre os números 925 a 1001, ali está a construir a sua sede, a qual, com os pavilhões, mede 2313 metros quadrados de construção com todos os requisitos necessários ao seu objectivo. Quanto se faça para combater a mendicidade e amparar as flores da rua, deve merecer a atenção das almas bem formadas. Para o* Instituto Maria *devem converger os donativos de quem possa auxiliar. Como se diz no folheto que acabamos de receber, «todos clamam por uma humanidade melhor, mas poucos são os que procedem no sentido dessa melhoria. Alguém precisa de fazer alguma coisa. Esse alguém somos nós. És tu, prezado irmão, se quiseres».*

Auxiliemos o Instituto Maria, de Juiz de Fora, e teremos contribuido para uma obra dignificante.

TRANSCRIÇÕES

La Conciencia, *de Buenos Aires, transcreveu o artigo do nosso redactor Pietro Ubaldi, intitulado «A Física Moderna e o Futuro do Espiritualismo» e publicado no nosso número de Setembro último. Eis como aquela redacção se refere ao artigo:*

«O Dr. Pietro Ubaldi publicou este interessante artigo em Estudos Psíquicos, *que aparece em Lisboa. É autor de série de obras importantes acerca dos nossos problemas, entre as quais figuram três trilogias, traduzidas nos mais difundidos idiomas do mundo. Poderíamos citar entre elas, «A Grande Síntese», «A Ascensão Mística», «A Nova Civilização do 3.º Milénio», etc.*

«O artigo que traduzimos reveste carácter científico de inegável valor. O articulista confirma também pontos de vista sustentados pelo sr. Ernesto Moog (nosso redactor em Santiago do Chile) na sua obra «La Nueva Vision del Universo; La Nueva Imagen del Hombre», provando assim que os grandes ideais evolucionam no ritmo do progresso científico».

«A GRANDE SÍNTESE»

Chegou finalmente «A Grande Síntese», a maravilhosa obra de Pietro Ubaldi, nosso redactor-correspondente em Itália e cujos artigos têm sido apreciados com o maior interesse.

A Livraria Allan Kardec, *de S. Paulo, não se poupou a esforços para nos dar uma edição impressa em papel Bouffant e óptimamente encadernada em percalina com belíssima sobre-capa policromada. Na verdade, esta obra merecia tratamento especial, não só pelo seu valor científico, que é muito grande, como pela espiritualidade que de suas páginas se desprende, veiculada através de mediunidade intuitiva. E embora a tiragem fosse de 5.000 exemplares, antes da publicação já 3.000 estavam comprometidos, ao preço de 120 cruzeiros cada um, o que demonstra a ansiedade do público ledor.*

A 1.ª edição, lançada pela Federação Espirita Brasileira, encontrava-se esgotada há muito tempo e alguns exemplares chegaram a ser adquiridos a 500 cruzeiros.

Agora, felizmente e graças à tentativa arrojada da Livraria Allan Kardec, *podemos fornecer aos leitores este livro portentoso ao preço unitário de 120 escudos, desprezando os prejuizos cambiais que esta empresa nos traz.*

Quem quiser adquirir esta obra faça-o imediatamente, pois só nos restam 15 exemplares, dos 30 que há oito dias recebemos.

UMA RESPOSTA DE EINSTEIN

Segundo La Revue Spirite, *de Julho-Agosto, um noticiarista perguntou ao grande matemático quais eram os seus escritores preferidos. Einstein respondeu:*

— São aqueles, cujo cérebro não lhes tenha atrofiado o coração.

Noticiário

UM BELO DONATIVO

Maria Gonçalves Duarte Santos, fundadora e antiga directora desta revista, dizia muitas vezes que *Estudos Psíquicos* estava suspensa do Alto. Na verdade, assim parecia, tantos e tão belos donativos reforçavam a sua posição de orgão de propaganda à disposição da Doutrina. Quando as dificuldades surgiam, logo os acontecimentos se dispunham de harmonia com os nossos desejos. Assim pudemos destruir os maiores obstáculos e equilibrar o barco no meio do escarcéu.

Estamos outra vez na curva da estrada; e a Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, animada pelo benfeitor Manuel Jorge Gaio que tão grandes auxílios nos prestou nos anos transcorridos, acorreu em nosso auxílio com um donativo de 10.000 cruzeiros, que renderam 8.600$00 escudos, importância esta que nos abrirá caminho à compra de papel.

À Fundação Marieta Gaio, a Manuel Jorge Gaio e a Chelmicki Afflalo, que interferiu no magnífico donativo, os nossos profundos agradecimentos com votos de longa vida em prol da beneficência. *Estudos Psíquicos* continua suspensa do Alto, como disse a sua antiga directora; e agora melhor suspensa ainda, uma vez que, da Espiritualidade onde se encontra, ela envida todos os esforços no sentido de manter uma tribuna que tantos serviços tem prestado à Causa Espirita.

Apesar da má vontade de alguns, o ano de 1951 começou bem para nós. Continuemos a pôr o braço, que Deus porá a virtude. E a nova caminhada será vencida, como já vencemos outras, à custa de trabalho, de esforço ordenado e sobretudo de fé inquebrantável, apanágio dos obreiros que não dormem à sombra dos louros conquistados.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

(Continuação do número anterior).

António J. Martins, de Paris	250$00
Júlio Estevens	2$50
Aires Vaz Raposo	50$00
Joaquim Pama	20$00
Anónimo	20$00
Álvaro Alves	10$00
Anónimo	20$00
Aires dos Santos Pinto	100$00

Por lapso, foi atribuido o donativo de 100$00 ao nosso confrade Eduardo da C. Pratas, que veio rectificar, dizendo que só tinha dado 10$00.

Com os 9.512$00 obtidos da generosidade dos leitores, pudemos contemplar numerosas famílias e vestir e calçar oito criancinhas, por iniciativa da nossa colaboradora D. Maria Clementina França, que foi incansável na sua missão e a quem apresentamos sinceros agradecimentos.

Que Deus cubra de benção todos os que contribuiram para esta obra de solidariedade humana.

7.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No dia 30 de Dezembro último realizou-se o 7.º sorteio de livros espiritas, cujo resultado foi o seguinte:

1.º prémio — «Fenómenos de Materialização» — *Engelheiro Luiz Eduardo de Almeida*, de Ermezinde.

2.º prémio — «Colectânea do Além» — *António Gonçalves de Campos*, de Lisboa.

3.º prémio — «A Verdade Espiritualista» — *José Pinho Trindade*, de Luanda.

4.º prémio — «Flores de Outono» — *Maria Ilídia de Armada*, de Lisboa.

5.º prémio — «História de Catarina» — *Manuel Joaquim Catarino*, de Ameixial, Algarve.

6.º prémio — «Fundamentos Científicos do Espiritismo» — *Matias Nobre*, de Marinha Grande.

7.º prémio — «Um Inquérito Original» — *Alberto A. S. Pinto Gouveia*, de Lisboa.

8.º prémio — «Últimos Contos» — *Laura Valdez*, de Lisboa.

Apresentamos as nossas felicitações aos contemplados. É necessário chamar novos contribuintes para esta forma de solidariedade. Esperamos que o entusiásmo não amorteça e que possamos aumentar ainda mais o número de prémios de consolação.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1951

Grupo Reper-Siam

Todas as 5.as feiras, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

Dia 4 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Inês Maria de Brass.

Dia 12 de Fevereiro, 2.a feira, às 21,30 — Palestra de António Cardoso.

Dia 18 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Médium, D. Maria Cecília Gorina.

Dia 26 de Fevereiro, 2.a feira, às 21,30 — Palestra de Túlio Rosa.

Dia 1 de Março, domingo, às 16 horas — Médium D. Inês Maria de Brass.

CONFERÊNCIA

Dia 25 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «No Mundo Mental», interpretação de um capítulo do livro DOIS MUNDOS, de Maria Gonçalves Duarte Santos.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Dezembro — António Simões Frois, 20$00; Zahyra Fontes Pereira de Melo, 20$00; Margarida Silveira da Costa, 10$00; João Muge, 100$00; Francisco Grilo Fevereiro, 10$00; P. B., 20$00; I. S., 20$00; Subscrição do 7.º sorteio de livros espiritas, 135$00. Total — 335$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ...	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de critica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivencia, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM:

Hombridade, da **Redacção**; Os Médiuns e os Experimentadores, por **Tito L. Bancéscu**; Humildade e Caridade, por **Cyrilo Aleixo**; A Missão do Apóstolo (Do Livro «Dois Mundos»); Dormir... Sonhar, pelo **Coronel Faure da Rosa**; A Reencarnação, por **Ângelo da Costa Cabral**; Pietro Ubaldi, por **Clóvis Tavares**; O Vampirismo, por **António Cardoso**; Manjares Espiritas da Caravana Espiritual, por **Leopoldo Machado**; «Dois Mundos» e a Crítica Profana; A Psicologia das Flores, Mensagem do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**; Evolução — Revolução, por **F. Noronha**; Da Hora Que Passa, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Mackenzie King Era Espirita!; O Livro «Dois Mundos» Anotado por **Ramos Pereira**; Livros de Todo o Mundo, Comentados por **Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros Recomendados

O MENINO QUE NÃO ESTAVA LÁ...

(Ver pág. 60)

12.º ANO FEVEREIRO DE 1951 N.º 2

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*Antônio J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1951 — N.º 2

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Admnistração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

HOMBRIDADE

Há gente culta que melhor seria fosse analfabeta. Lucrariam eles e os ideais que dizem defender, mas que, no fim de contas, acabam por ser prejudicados com semelhantes «apóstolos». No sector espirita há elementos desse género. Conhecemo-los bem, andam por aí a acotovelar meio mundo, armados em santarrões. Quando escrevem nos jornais são de extrema candidez; mas quando os acontecimentos os solicitam, imitam os fariseus do Evangelho. Ninguém os atura. E a Causa está à mercê de energúmenos que batem a torto e a direito, que sentenceiam adeptos de boa vontade, essas ingénuas criaturas que vivem na ilusão de que podem defender o Ideal sem licença de tais próceres. São cogumelos afeitos à humidade, mas que vão renovando a prole incessantemente, como a hidra renovava as cabeças.

O que dizemos é do conhecimento geral. Todos reconhecem que não bastam palavras para se erguer uma obra. É preciso mais alguma coisa fora do lugar comum. Pois, quando aparece um sonhador a acender luzeiros na charneca, gritam aqui-del-rei! Eles é que têm o exclusivo! Ficaríamos aviados, se estivéssemos à espera da sua chama!

Eles é que sabem doutrinar e orientar, eles é que são os intérpretes verdadeiros. O resto é escória, o resto não conta no instituto de pesos e medidas. Fiquem sabendo então que não daremos pela sua existência, que o nosso objectivo é superar a própria obra, doutrinando e orientando e interpretando. Intensificaremos a faina editorial, abrindo clareiras no mundo profano. A cada ataque responderemos com nova obra. Depois se verá quem defende a Doutrina.

A hombridade é moeda que não circula em certos ambientes. Há outra moeda mais cómoda e de fácil aquisição usada pelos intriguistas. Essa não entra neste baluarte. Aqui só entra moeda com reserva metálica.

Pois a hombridade devia caracterizar os homens responsáveis. Talvez houvesse mais obras e menos palavras. De resto, a coerência impõe deveres aos que trabalham e erguem uma bandeira.

Dizer mal é coisa fácil. E quando o maldizente se esconde no anonimato, ainda é mais fácil. Rastejar e insinuar à margem da doutrina é o que fazem alguns de Evangelho na boca e atitude genuflexa. Aconselham paciência e resignação, mas é coisa que não usam. Não a possuem, como poderão usá-la?...

Por causa destes videirinhos é que às vezes atacam o Espiritismo. É uma doutrina bela — dizem — mas fulano e sicrano... Sim, fulano e sicrano não são espiritas. Vieram para cá, tomaram conta de alguns lugares e fingem hombridade que desconhecem. E este exemplo é pernicioso. É pior do que se eles próprios fossem adversários ou inimigos. Um adversário leal merece respeito e é considerado. Terça armas iguais às nossas, usa processos iguais aos nossos e nunca desce à infamação e ao insulto. Afirma a sua coragem à luz do dia. Entra na arena e espera o contendor, a quem aperta as mãos urbanamente.

Assim é que se combate. A hombridade classifica os homens; a ignomínia ferreteia-os. Deixam de ser homens para ser homúnculos, deixam de andar para rastejar nos antros escuros. Pobre causa, se a deixassem à mercê destes elementos perturbadores!

Mas nós estamos presentes. Com a nossa cumplicidade não porão pé em ramo verde. Temos que sanear as fileiras e tonificar o sector espirita. Bastam os ventos contrários para nos incomodar. Quanto mais os outros que se manifestam como força centrífuga!

Para servir uma causa não basta cultura, é preciso hombridade. Mais vale um homem digno do que mil charlatães. A palavra do sensato é de bronze; a do hipócrita é de latão. A primeira convence e arrebata; a segunda é rolo de fumo na atmosfera.

No vascolejar da intriga passam caravanas maledicentes, mas as boas obras ficam como pedras brancas num século de lama.

OS MÉDIUNS E OS EXPERIMENTADORES

A experiência mediúnica ou de outro carácter psíquico reveste importância essencial. Não nos referimos sòmente à sua transcendência social, mas à de natureza psíquica. Os sensitivos natos e os formados sob *contrôle* do director e dos guias espirituais competentes são instrumentos extremamente delicados que captam imediatamente as vibrações do ambiente. Poderíamos compará-los com uma espécie de antenas ultra-sensíveis, devido à fácil descentralização da sua tríplice faceta constitutiva, no dizer do Doutor Gustavo Geley.

No nosso país e salvo raras excepções ainda se não considerou a psicologia dos sensitivos de carácter objectivo ou subjectivo. Nas grandes aglomerações humanas, raras vezes, ao realizar-se a experiência, se tem procurado evitar que os médiuns sejam lesados na estrutura psíquica acima mencionada. Muito poucos são, na realidade, as instituições espiritas ou metapsiquistas que adoptem as indispensáveis precauções destinadas a preservar os sensitivos dos graves inconvenientes que podem sofrer devido à imprudência de experimentadores menos idóneos.

Geralmente, os simpatizantes de uma entidade querem sessões mediúnicas a todo o transe, sem meditar se cada um dos concorrentes está ou não em condições de auxiliar com vibrações fluídicas positivas. Convencem-se de que o médium é um «aparelho receptor» ou uma «cabina telefónica», capaz de ligar imediatamente os seres terrenos com os seres do Além, sem descriminação alguma.

Poucas vezes se atende ao clima moral, ao ambiente psíquico, à saúde física dos assistentes, a uma boa direcção, etc., condições imprescindíveis para se obterem fenómenos anímicos em grande escala, não poucos de índole espirita pròpriamente dita, mas de baixa condição moral e espiritual; nunca, porém, de elevada categoria. A lei de afinidade é precisa, é matemática nestes e noutros casos similares: onde os sentimentos vibratórios forem religiosos, manifestar-se-ão seguramente entidades espaciais religiosas, enquanto numa reunião de sábios ou de crianças se atrairão homens de ciência e crianças, se os intermediários psíquicos tiverem afinidade entre si e forem susceptíveis à exteriorização dos problemas a ventilar.

Não só a qualidade dos assistentes merece especial atenção, mas também a sua quantidade: quanto maior for o número, tanto mais acentuada será a heterogeneidade, a desarmonia mental; portanto, um reduzido grupo de seres moral e espiritualmente afins, reunidos à mesma hora e no mesmo dia prefixado, produzem resultado altamente satisfatórios, sendo pernicioso, do ponto de vista experimental, a substituição de um assíduo concorrente por outro acidental. A mudança de lugar das reuniões exerce influência igualmente negativa. Já o Dr. Pietro Ubaldi, no seu livro «As Noúres», explicou este caso com abundantes pormenores e cujas páginas recomendamos aos leitores.

Fizemos este esboço das práticas mediúnicas baseados nas sérias investigações levadas a efeito por eminentes homens de ciência. Por isso nos permitimos glosar o problema para recomendar aos médiuns as maiores precauções em cada caso. Eles defenderão a sua saúde física e moral. Para tal não devem prestar-se a experiências, desde que não haja prévio ambiente moral e psíquico, pois, assim como o peixe não pode nadar fora de água, também o médium fracassa fora do seu clima apropriado.

M.me E. d'Esperance, no seu livro «No País das Sombras», é ilustrativa nesse sentido, quando escreve:

«Durante as nossas sessões de fotografia, aumentaram de tal modo estes desgostos (refere-se às náuseas, aos vómitos e às excitações provocadas pelas explosões do magnésio), que, geralmente, permanecia um ou dois dias depois de cada reunião em estado de prostracção, e como parecia sofrer todos os sintomas de envenenamento pela nicotina, fizemos ensaios e descobrimos que nenhuma dessas penosas impressões se notavam, quando às sessões só assistiam homens que não eram fumadores. Do mesmo modo, quando os enfermos se encontravam no nosso grupo sentia sempre mais ou menos sofrimento nas horas seguintes».

Depois, acrescenta:

«A companhia de alcoólicos causava-me

mal-estar quase tão desagradável como o provocado pelos fumadores. Estas sessões foram para mim de grande utilidade. Aprendi que certos costumes da maioria dos homens e sancionados pelo uso são prejudiciais ao bom êxito das sessões e sobretudo à saúde do médium. Provàvelmente, tornei-me mais sensível a estas influências, porque não notara com tanta frequência os seus maus efeitos na Inglaterra. É possível que, em virtude de feliz casualidade, houvesse poucos fumadores no nosso grupo inglês. Não sei porquê, todos os suecos da nossa reunião eram fumadores e eu tinha que suportá-los».

Como se vê, a experiência falou pela boca desta célebre médium e escritora; ela confirma a necessidade dos médiuns se defenderem e imporem condições aos experimentadores e não a inversa. Estas condições seriam as seguintes: 1) Que os experimentadores dêem provas de conhecer a fundo as leis que regem os fenómenos do psiquismo. 2) Que a sua saúde física e moral não seja posta em dúvida. 3) Que as sessões experimentais não se realizem fora do local em que o médium tenha trabalhado podendo-se exercer ali o mais amplo *contrôle*. 4) Que se não permita que os investigadores cheguem ao extremo da revisão corporal das médiuns, comprometendo-se formalmente a respeitá-las e que se não tente contra a sua saúde física ou psíquica. 5) Que nenhum médium se entregue em mão de pessoas desconhecedoras das leis do fenómenismo psíquico e que lhes não inspirem desconfiança.

Levar os instrumentos mediúnicos a lugares desconhecidos para submetê-los a provas que nunca viram é contraproducente e só origina fracassos. Os que se dispõem a profundar estes complexos problemas no campo experimental devem frequentar primeiro o lugar onde trabalha o médium e conquistar a confiança dos intermediários psíquicos e demais colaboradores que, por sua vez, devem ser seleccionados até que estejam em condições de vibrar em uníssono e formar assim uma gama uniforme e harmoniosa.

As instituições espiritas e metapsiquicas sérias não têm pressa alguma de convencer os incrédulos acerca da sobrevivência da alma humana, visto não estarem em condições de conquistar adeptos simples ou de renome. O Espiritismo e a Metapsíquica constituem uma escola científica e filosófica com derivações morais e coloca-se ao serviço do homem para o ilustrar a respeito dos problemas da vida e da morte, com os quais beneficiam sempre os que sentem inquietudes espirituais. Mortais somos todos e por isso convém saber qual será o nosso destino no dia em que abandonarmos o planeta.

É conveniente, pois, que se organizem experiências sérias e elevadas, de carácter científico, com provas concludentes e documentações verdadeiras e inquestionáveis. Com bons médiuns e directores idóneos, cultos, instruídos e conhecedores das ciências do espírito, as provas insuspeitas produzir-se-iam fàcilmente, às quais se daria a necessária publicidade.

Não importa que haja quem não creia nesta especie de trabalhos experimentais e nos combatam depois. É isso o que nós queremos para estabelecer polémica com os negadores, com os cépticos, com os materialistas das mais diversas tendências. Apoiados à verdade teórica e às provas práticas, ninguém deve pôr a luz debaixo do alqueire. Estabeleceremos polémicas — repetimos — inspirados em elevados princípios culturais, para rebater os que nos pretendam combater *a priori*. A escola espirita e metapsíquica assenta em bases científicas inegáveis. Que a ciência oficial do mundo lhe nega carácter científico? Acaso foi a ciência oficial que deu foros de verdade a Galileu, a Servet, a Herwing, a Sammelwiss, a Pasteur e a tantos cérebros robustos, uns glorificados em vida e outros depois de mortos? Estes admiráveis exemplos dos anais científicos nos bastarão para lutar, para batalhar valentemente.

Temos material bibliográfico esplêndido. Os ponderáveis esforços dos homens de autoridade científica estão concretizados em suas obras e demais documentações. Aproveitemos tudo isso, para que a nossa desinteressada cooperação constitua um impulso mais às irradiações da nossa escola, destinada a converter-se em farol luminoso para alargar os horizontes espirituais das gerações presentes e futuras.

Buenos Aires, Agosto de 1950

(Enviado especialmente a *Estudos Psíquicos* pela Associação de Jornalistas, Publicistas e Escritores Espiritas e Metapsíquistas, com sede em Buenos Aires).

(Tradução de I. D. S.)

por TITO L. BANCÉSCU

HUMILDADE E CARIDADE

Por CYRILO ALEIXO

Quando se resolverão os homens a encarar o mundo, não como uma arena de lutas inglórias, mas como um grandioso lar, onde todos são irmãos?

Quando virá a luz da verdade diluir as trevas desta ignorância multi-milenária, para que a humanidade veja bem iluminada a trajectória imposta pelo Alto e da qual não se pode desviar, sem renunciar à sua verdadeira felicidade?

Quando é que à desconfiança geral e ao mal-estar diário, se seguirá uma confiança absoluta nas relações sociais e uma tranquilidade inalterável?

Muitas mais perguntas deste género poderiam ser formuladas por quem, ansiando um mundo melhor, vê, com mágoa, o caminho errado seguido pela maioria, numa inconsciência que é para lastimar.

Uma voz vinda das profundezas da nossa alma, da zona mental que há-de formar a super-humanidade do futuro, nos diz meigamente: «Quando a caridade, de mãos dadas com a humildade, estabelecer seu reinado de paz entre vós».

Humildade e caridade, dois tesouros de alma, imersos ainda no profundo sono embrionário, em uma grande parte dos habitantes terráqueos.

O desenvolvimento e expansão destas duas qualidades hão-de provocar um dia na superfície deste planeta uma metamorfose completa, forçando o homem futuro a abandonar, de uma vez para sempre, a pesada armadura, urdida de todas as paixões malsãs, com que tem defrontado o seu semelhante.

Desta humanidade sombria, talhada na forja diabólica do orgulho e do egoísmo, sairá uma outra humanidade, burilada na oficina sagrada da humildade e da caridade, trasbordante de amor universal, pronta para os altos empreendimentos do espírito. Até lá, porém, teremos de sofrer toda a espécie de iniquidades, desencadeadas pelas infernais forças do mal, natural produto da ignorância, que ainda domina grande parte das fileiras humanas.

Humildade e Caridade, duas armas poderosas, que nos ajudarão na tarefa sacrossanta de exterminar todos os factores impeditivos da nossa emancipação anímica, libertando-nos das fétidas regiões, onde os vícios são alcandorados à categoria de deuses.

Se és poderoso, rico de bens materiais ou intelectuais, se a natureza te dotou com os atributos da beleza ou com quaisquer outras qualidades que parecem tornar-te superior aos outros, nada valerás, se não fores humilde e caridoso.

Pois que és tu, neste infinito oceano de grandeza, se não uma simples insignificância, um minúsculo verme terrícola, que mal se pode arrastar no lodo?

Porque te orgulhas assim tanto, se o que tens nada é perante o infinito e mesmo esse pouco te pode ser arrebatado, como provação?

Envaidece-te a superioridade que julgas possuir sobre os teus semelhantes, mas não tens o direito de apoucá-los assim!

És duplamente responsável, por transgredires os dois grandes preceitos: humildade e caridade.

Acaso julgarás que os teus irmãos são uns pobres seres, que vieram a este mundo sòmente para aplaudir e sancionar as tuas jactâncias?

Que mesquinha concepção! Que lamentável cegueira!

Enquanto permaneceres nesse enganoso ponto de vista, não deixarás de ser um joguete das forças superiores, que te caldearão constantemente, até vislumbrares no teu espírito, narcotizado pelas seduções da matéria, um raio de luz, potente facho de Deus, iluminando a rota eterna, por onde te hás-de lançar em busca de novos horizontes.

Os teus semelhantes não são quais bonifrates, sempre prontos a dizerem *amen* contigo, mas seres conscientes como tu, com os mesmos direitos e regalias. São ainda mais do que teus irmãos, porque, constituindo nós as partes de um todo magnificente, representam, *ipso facto*, partes de ti mesmo.

Ainda é cedo para que esta grandiosa verdade seja devidamente compreendida, mas quando o for, a humanidade terá aprendido uma das suas mais maravilhosas lições.

Sendo todos nós manifestações do Poder Infinito, impõe-se o dever de uma constante e mútua cooperação na certeza de que, molestando os outros, nos molestamos a nós próprios, como também, pela mesma razão, compartilharemos de todos os benefícios, que pròdigamente soubermos espalhar.

Actualmente, a humanidade é qual arquipélago, cujas ilhas se considerassem completamente isoladas e independentes umas das outras e que, pela infalível lei do progresso, o mar, sintetizando toda a nossa involução, fosse baixando gradualmente, até mostrar como todas estão intimamente ligadas entre si, na formação de um grandioso bloco.

Tempos virão, em que teremos também a consciência do todo majestoso a que pertencemos, essa consciência cósmica, para onde nos impele a nossa insensível, mas segura evolução.

Para que hás-de julgar-te superior a teu semelhante, se o mesmo barro te moldou e se, potencialmente, é senhor como tu, das possibilidades inerentes a todos os seres do Cosmos?

É maior a distância que te separa da mais rudimentar forma de vida e nem neste caso tens o direito de espezinhá-las, uma vez que a única diferença existente entre tudo em que a vida palpita, consiste apenas no maior ou menor caminho percorrido, nada mais!

Queres abertas de par em par as portas de um mundo esplendoroso, com que nem sequer ainda sonhaste?

Sai da toca em que tens vivido, tendo o cuidado de lá deixar a máscara das tuas insânias, e vem cá fora gozar o espectáculo da natureza, respirando livremente o ar perfumado do Universo.

Humilha-te ante as grandiosas obras do Criador e verás como uma alma nova te mergulhará num doce oceano de paz e serenidade!

Depois de teres contemplado

as inúmeras maravilhas, espalhadas com profusão por toda a parte e que a tua miopia espiritual não deixa ver, sentirás calafrios, ao pensar na toca escura e pestilenta, onde julgavas circunscritos os limites da criação, procurando por todos os meios não mais voltar a esse antro asfixiante.

Uma constante sede de perfeição dar-te-á a coragem necessária para triunfares de todos os obstáculos erguidos ao longo da tua caminhada e, de progresso em progresso, ir-te-ás identificando cada vez mais com a suprema harmonia, que soberanamente reina em todo o Universo.

Reconhecerás, porém, que te não é dado seguir avante sem o auxílio da caridade, e desde esse instante, ambos caminharão de mãos dadas para uma sementeira bendita, cujos frutos te hão-de um dia deliciar.

Geralmente, só se conhece a caridade material, ficando no olvido aquela outra, infinitamente mais sublime, cujo alvo é o nosso próprio espírito.

Dão-se moedas, muitas vezes por orgulho e não por caridade, com o intuito de afectar qualidades que não se possuem, quando a verdadeira caridade pode e deve ser exercida em toda a parte e em qualquer altura, pois está ao alcance de toda a gente.

A caridade mais elevada consiste em regularmos o tratamento com o próximo pelas verdadeiras normas da fraternidade, de forma a que o perdão, o desinteresse e todas as demais virtudes constitutivas do código do amor se expandam livremente, para a bendita sementeira de um mundo melhor.

A caridade pode ser praticada por todos nós, perdoando uma ofensa recebida, retribuindo com o bem uma prova de ingratidão, sacrificando-nos, quando necessário, sem esperar qualquer recompensa; em conclusão: procedendo para com o próximo como desejaríamos que o mesmo procedesse para connosco.

São constantes, pela vida fora, as oportunidades de sermos caridosos, tanto nas palavras como nas acções.

Feliz de quem já não sente relutância em seguir essas normas superiores, indício certo de notável progresso ético, e não se julgue que a observância geral destes preceitos nos acabe por mergulhar numa espécie de marasmo universal.

Poderá haver quem, infelizmente, assim pense, mostrando com isso a respeitável couraça material, impeditiva da livre expansão do espírito para além dos limites sensoriais.

Tais criaturas amam acima de tudo as paixões violentas, escravas ainda da inferior mentalidade instintiva, sendo-lhes por isso interdita a região superior da mente, sede de gozos mais subtis e inefáveis.

A prática da caridade põe-nos em comunicação com a mente espiritual, agente de ligação com o todo infinito, dando-nos ensejo a sensações de uma delicadeza tal, que os baixos prazeres materiais ficam de todo a perder de vista.

Não haja, pois, o receio de se cair numa espécie de paz podre, por se pôr de lado o manejo dessas armas primitivas, simbolizadas em todas as paixões que nos conduzem à violência.

Um novo mundo de sensações se abre a quem, mediante a sua evolução, consegue penetrar nessa região superior, cujas portas se mantêm firmemente cerradas aos profanos, àqueles que nela pretendem penetrar com as pecaminosas vestes do passado.

Se quisermos franquear o mais depressa possível essas plácidas mansões, ergamo-nos quanto antes acima dos irracionais, aprendendo a procurar, na zona mental superior, a verdadeira felicidade.

E vós outros, que tendes o mundo nas mãos, ai de vós se abusardes do poder! As vossas iniquidades desabarão um dia sobre vós, para provardes o amargor das prepotências infligidas aos vossos semelhantes, aprendendo, assim, a grande lição de caridade, esse guia fiel, que orientará vossos passos na senda do amor e da justiça.

Não abuseis da vossa autoridade prejudicando seja quem for, de contrário, fazeis jus a uma retaliação, que na devida altura vos será infalìvelmente aplicada.

Como lutadores nesta gigantesca arena da vida, é necessário que cada um de nós saiba manejar o farol do amor e o escudo da caridade, para sairmos vencedores das provas que aqui nos retêm.

A Missão do Apóstolo

Dar é melhor que receber. Tudo em nós se desdobra. A latência passa a volição. Surgiu a vontade. Surgiu o movimento. O acto produziu-se. Todas as nossas vibrações se reuniram numa sinfonia meritória. Somos obreiros de nova faina. É a colmeia espiritual que estende os raios num círculo imenso. Mas em vez de carrear o mel de flores longínquas, vamos levá-lo aos sequiosos que choram e sofrem, esmagados por grandes dificuldades. Do alto nos vem o néctar em taças de cristal. A nossa tarefa é distribuí-lo carinhosamente. Que bom é auxiliar! Que bom é dar o que nos dão! Afinal, nós ficamos com a maior parte...

Sendo a labuta permanente, podeis calcular como o Além se desdobra em mil caminhos adequados às tendências dos que chegam. São legiões, verdadeiras legiões que regressam diàriamente e procuram logo o seu lugar. Alguém os auxilia no período de inconsciência. Depois esbatem-se as sombras, vem a compreensão e o trabalho apodera-se do braço claudicante.

(Do livro DOIS MUNDOS, de Maria Duarte Santos)

DORMIR... SONHAR

Pelo Coronel FAURE DA ROSA

III

Em 31 de Maio de 1887 morreu a mãe de uma senhora solteira que dominarei Alice. Foi a filha quem sempre tratou a mãe durante a doença. Antes dela expirar, a filha Alice pediu à mãe que a advirtisse do Além todas as vezes que algum acontecimento importante devesse produzir-se na família. A moribunda prometeu fazê-lo o melhor que pudesse. Em Dezembro de 1889, saía da Suíça com destino a Londres onde, durante algum tempo, arranjou colocação como preceptora. Em Fevereiro de 1890, cerca de três anos depois, a mãe apareceu-lhe em sonho: tinha na mão três pequenos ramos de primaveras rodeados de folhas verdes. Fez-lhe sinal para que escolhesse um. Alice estendeu a mão para o do meio, mas antes dela o poder agarrar as flores cairam. A mãe, então, muito triste, mostrou-lhe as flores que jaziam no chão. O sonho causou-lhe profunda impressão, porque Alice tinha três irmãos, o mais novo dos quais a mãe especialmente recomendara ao seu cuidado. Alice informou-se da sua saúde; o irmão estava bom. No mês de Junho imediato, Alice tornou a ver a mãe em sonho, tal qual estivera no seu leito de morte; esse sonho repetiu-se três vezes e à terceira viu o irmão com as faces vermelhas de febre. Alarmada, Alice escreveu no dia seguinte para casa; como nada ali se tivesse passado de anormal, sossegou. Meses depois, sonhou que o irmão estava morto, e, efectivamente, tinha morrido.

Só depois da sua morte, Alice soube que, no momento em que o vira em sonho com as faces vermelhas de febre, ele tivera um ataque de influenza; restabeleceu-se, mas veio a morrer alguns meses mais tarde, de uma recaída.

Segundo caso: A Sr.ª Carleton morreu no condado de Leitrim, na Islândia. Aquela senhora e a mãe de Norris eram íntimas amigas. Alguns dias depois da sua morte, a amiga sobrevivente viu-a em sonho e ouviu-a dizer: «Só tornarás a ver-me, mesmo em sonho, justamente vinte e quatro horas antes da tua própria morte».

«Em Março de 1864, — escreve Norris — minha hãe vivia em Dalkey com minha filha e meu genro, o Dr. Lyon. Na noite de 2 do mesmo mês de Março, no momento de se retirar para o seu quarto, minha mãe estava muito bem disposta; ria e gracejava com o Dr. Lyon. Nessa noite, ou melhor, de madrugada, o Dr. Lyon ouviu barulho no quarto de minha mãe; acordou a esposa a quem recomendou que fosse ver o que se passava. Encontrou minha mãe quase a cair da cama, tendo estampada no rosto uma expressão de horror. De manhã, porém, parecia restabelecida; almoçou na cama, como costumava, mas com apetite. Quando minha filha a deixou, pediu um banho e tomou-o. Em seguida chamou-a e disse-lhe: «A Sr.ª Carleton veio, finalmente, decorridos muitos anos. A minha morte está próxima: devo morrer ámanhã de manhã à hora a que hoje me encontraste quase a cair da cama. Tomei um banho para que não tivesses que lavar o meu corpo». A partir desse momento, começou a extinguir-se e expirou no dia 4 de Março à hora antecipadamente anunciada.

Examinemos as diversas hipóteses explicativas dos sonhos premonitórios e outros fenómenos de premonição.

Bozzano acha inaceitável a hipótese da *coexistência do futuro no presente*, o famoso *eterno presente* que ao cientista italiano Vincenzo Cavalli, mereceu os seguintes comentários publicados na revista *Luce* e *Ombra* de 1912:

«Quer se trate de fenómenos objectivos, quer subjectivos, a ordem cronológica está-lhes associada, necessàriamente, com o *antes* e o *depois*, com a sequência dos diferentes acontecimentos — porque o sincronismo absoluto é impossível e constitui uma verdadeira utopia metapsíquica e um verdadeiro bom senso psicológico... O *eterno presente* na vida psíquica, deveria consistir na impossível supressão da sucessão necessária dos actos, dos factos, das sensações, das recordações; isto é, deveria consistir na aniquilação do movimento, e, por consequência, da própria vida da consciência: a paralisia do Eu por meio de uma cena imóvel e imutável. É isto

possível?... Nós somos e seremos *criaturas espaciais* e *temporais*, encerradas na *limitação* e submetidas à *divisão*, e todo o esforço especulativo para destruir o círculo da nossa natureza psicológica e ultrapassar a órbita da nossa potencialidade lógica, além de ser vão, cai na vacuidade. É o que nós poderemos fazer do romance ideológico e fraseológico do *presente eterno;* mas, em substância, é tentar racionalizar o absurdo e não esclarecer o abstruso. Não se pode, até dar a semelhante mito filosófico uma realidade imaginária concebível, qualquer que ela seja, que deveria ser a impossível síntese sinóptica de milhares e milhares de sínteses biográficas!... O suposto *eterno presente*, sem um passado atrás de si, sem um futuro na sua frente, pode ser uma figura magnífica de lirismo filosófico, mas jámais deixará de ser para nós, uma *irrealidade*... porquanto a supressão do tempo é uma hipérbole poética, e não uma verdade metapsíquica...».

Eliminada a hipótese do *eterno presente*, uma outra se apresenta, capaz de se prestar a presunções análogas ilusórias; — é a das *inferências subconscientes*.

Conferir à personalidade subconsciente a faculdade de *inferir o futuro na base de causas existentes no presente*, significaria atribuir-lhe um *poder de abstracção* quase divino, em comparação com as *faculdades de abstracção* próprias da personalidade normal que seriam literalmente insignificantes embora nelas se condense toda a elevação psíquica da mentalidade humana e se lhes deva, exclusivamente, as descobertas, as invenções, as criações do génio. Lògicamente não seria possível admitir esta inverosímil, prodigiosa, enorme supremacia intelectual da personalidade subconsciente sobre a consciente.

Os modos por que se manifesta a «clarividência no futuro», correspondem exactamente aos da «clarividência no passado»; quere dizer que, tanto em uma como em outra, os modos de manifestação consistem geralmente em visualizações representativas de tal forma idênticas que originam erros de inversão no tempo; visualizações que quanto à «clarividência no passado», têm provàvelmente a sua origem em «traços» ou «vibrações latentes», ou em «influências psíquicas ou físicas» que os acontecimentos deixam ou determinam, seja na subconsciência dos viventes, seja nos objectos inanimados, ou ainda na ambiência onde se desenrolam.

Havendo, como há, identidade de *efeitos* entre as duas clarividências, não haverá identidade de causas? Por outras palavras: Se a clarividência no passado se baseia em «traços», «vibrações», influências, existentes em qualquer meio, porque não há-de existir qualquer coisa semelhante para a visualização dos acontecimentos futuros?

Para este caso, em vez de «traços» ou de «influência» *determinados* pelos acontecimentos em via de realização ou pre-ordenados de qualquer outra maneira, e as hipóteses «reencarnacionista», «prenatal», «fatalista» e «espiritualista» — todas elas tão velhas como a humanidade — fornecer-nos-iam a mais perfeita explicação.

Dos sonhos premonitórios resulta a confirmação clara, peremptória, dessa grande verdade comum a toda a casuística mediúnica: que a análise comparada dos factos prova de maneira segura que todo o fenómeno supranormal tem, indistintamente, por origem duas causas diferentes: a subconsciente e a extrínseca, a *anímica* e a *espírita*.

A concepção *fatalista* não implica a destruição do livre-arbítrio: o homem é livre no círculo da fatalidade que o transporta, como o passageiro de um navio é livre no camarote que lhe foi destinado, mas obrigado a cumprir a rota, o itinerário estabelecido pelo Comandante do navio. A nossa viajem nesta vida também é dirigida por um Comandante: o Destino. Durante a existência encarnada do espírito, *nem livre arbítrio, nem determinismo absoluto*, mas *liberdade condicionada*.

O sono é a imagem da morte... dessa morte tão temida e cujo prestígio único está todo no pavor que infunde.

Morrer, dormir, sonhar talvez! — Assim cismava Hamlet, o sombrio pensador, príncipe da Dinamarca. A Morte como a Vida, pode ser sonho lindo ou pesadelo atrós. A questão está em sabermos exercer a Vontade e não esquecer nunca que quem diz Vontade, diz Calma; que Cólera, Raiva, Violência, representam Fraqueza e não Força, Impotência e não Vontade.

Paz e Justiça; Tolerância e Paciência inesgotável: só assim se evolui.

Que todos os nossos esforços sejam para apartarmos a semente dos sonhos lindos da semente dos pesadelos tormentosos. Essa selecção fá-la cada um de nós com os actos que pratica.

Aqueles que na vida terrena só tenham semeado ventos, que colheitas poderão esperar no Além senão de tempestades?

FIM

A REENCARNAÇÃO

I

Existem apenas três maneiras de explicar as desigualdades de capacidades, condições e circunstâncias entre os homens.

1.ª — *A criação especial feita por Deus:* doutrina que implica a impotência do homem, em face do destino determinado pelo capricho de uma vontade arbitrária e impenetrável.

2.ª — *A hereditariedade:* teoria científica e que igualmente supõe a impotência do homem, por ser ele próprio o resultado de um passado no qual não teve interferência.

3.ª — *A Reencarnação:* doutrina que reconhece ao homem a possibilidade de se tornar senhor do seu destino, sendo ele próprio o fruto de um passado individual, *de que é autor,* e possuindo a faculdade de determinar o seu futuro pelo estudo e aplicação das leis da evolução.

A Reencarnação restitui a Deus a sua justiça e ao homem o seu poder. Todo o espírito entra inicialmente na vida humana como um germe desprovido de conhecimentos, de consciência e de discernimento.

Vejamos, portanto:

O QUE É A REENCARNAÇÃO

O que vulgarmente chamamos vida é apenas um dia da verdadeira vida, um dia de escola, durante o qual o homem aprende uma lição. Mas como uma vida de cerca de 60 ou 70 anos não é bastante para lhe dar tempo de aprender todas as lições que este maravilhoso e belo mundo tem para ensinar, e como Deus quer que as aprenda todas, ele tem de voltar repetidas vezes e viver muitos destes dias de escola a que nós chamamos vidas, em classes sucessivamente mais adiantadas e em circunstâncias diversas, até aprender todo o programa de Deus; e acabado este trabalho escolar elementar, passará para outro mais elevado e grandioso, a verdadeira vida para a qual estas vidas na terra o prepararam. É esta a doutrina da Reencarnação ou Renascimento, doutrina muito conhecida nas civilizações da antiguidade e ainda hoje aceite pela maior parte da humanidade.

A Reencarnação é a volta do Espírito em diversos corpos de carne até atingir a Perfeição.

Nunca esta doutrina foi expressa de uma forma mais elevada do que na formosa prédica do «Bhagavad Gita», com que Krishna exortava Arjuna: «Estes corpos finitos que envolvem as almas que os habitam, diz-se que pertencem àquele espírito eterno, imperecível e incognoscível que está no corpo... *Enganam-se aqueles que pensam que o espírito mata ou pode perecer;* pois nem mata nem pode ser destruído. Dele ninguém pode dizer: *foi, é, será e continuará a ser; pois nunca nasceu, nem parará na morte.*

«É antigo, permanente e eterno, e não fenece quando este corpo mortal se destrói. Sendo ele incorruptível, eterno e indestrutível, pode o homem pensar que matará ou morrerá?

«Assim como um homem se desfaz do vestuário velho e passa a usar outro novo, assim o morador do corpo, depois de abandonar os seus invólucros mortais antigos, entra noutros novos.

«Não há armas que o penetrem, não há fogo que o queime; não há água que o corrompa, não há vento que o seque; pois é invisível, incombustível, incorruptível e inalterável; ninguém o vê e ninguém o concebe (Da tradução inglesa de W. C. Judge, pág. 12 e 13).

A teoria da reencarnação afirma, segundo a filosofia esotérica, a existência de um princípio vivo e individualizado que habita e vivifica o corpo do homem e que, por morte deste corpo, passa a outro após um intervalo mais ou menos longo. Deste modo as vidas corporais sucedem-se como as pérolas de um fio, sendo este fio o Princípio vivo e as pérolas as diferentes vidas humanas.

É preciso porém, não confundir a teoria da metepsicose, tal como a apresentamos, com essa absurda ideia, produto de espíritos ignorantes, que sustentam que uma alma depois de ter, na sua evolução, atingido a humanidade, pode passar em seguida para um animal. Tal retrocesso está fora dos limites da possibilidade; uma vez chamada a existir, a alma, habitante do que chamamos um corpo causal, nunca pode retroceder para um reino manifestamente inferior, por maiores que tenham sido os seus erros, e por mais levianamente que deixasse escapar as oportunidades de desenvolvimento. Se na escola da vida não quis ou não soube aprender, volta a aprender as mesmas lições até as saber completamente, mas o progresso é constante, embora por vezes extremamente vagaroso.

Há alguns anos apareceu na seguinte forma elucidativa a essência desta doutrina numa das revistas teosóficas:

«Um pequeno foi para a escola. Era ainda uma criança e tudo o que sabia tinha-lhe sido inspirado pelo leite de sua mãe. O seu professor, que era Deus, colocou-o na classe mais atrasada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO MATARÁS»; «NÃO FARÁS MAL A NENHUM SER VIVO»; «NÃO ROUBARÁS». Chegado a homem não matou, mas era cruel e roubava. No fim do dia, quando a barba lhe tinha embraquecido, quando a noite tinha chegado, o professor, que era Deus, disse:

«— Aprendeste a não matar. Mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã.

«No dia seguinte voltou a criança outra vez. E o seu professor, que era Deus, mandou-o para uma classe mais adiantada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO FARÁS MAL A NENHUM SER VIVO»; «NÃO ROUBARÁS»; «NÃO MENTIRÁS». E chegado a homem não fazia mal a ninguém, mas roubava e mentia. No fim do dia, quando a barba lhe tinha embranquecido, quando a noite tinha chegado, o seu professor, que era Deus, disse:

«—Aprendeste a ter compaixão, mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã.

«No dia seguinte voltou a criança outra vez. E o seu professor, que era Deus, mandou-o para uma classe um pouco mais adiantada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO ROUBARÁS»; «NÃO MENTIRÁS»; «NÃO CUBIÇARÁS». E chegado a homem, não roubou, mas mentia e cubiçava. E no fim do dia, quando a barba lhe tinha embranquecido, quando a noite tinha chegado, o seu professor, que era Deus, disse:

— Aprendeste a não roubar. Mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã, meu filho.

«Foi isto que eu li nas faces dos homens e das mulheres, neste grande livro que é o mundo e no pergaminho dos céus que é escrito com estrelas». (Berry Benson, em *The Century Magasine*, Maio, 1894).

A VIDA É A COLHEITA DA EXPERIÊNCIA

Por meio da experiência, quer agradável, quer dolorosa, vai o homem acumulando materiais com que constrói as suas faculdades mentais e morais. Desta forma, a personalidade que consigo traz ao nascer, é o resultado da sua própria obra e marca-lhe a fase a que chegou na sua longa evolução.

As tendências naturais, as altas capacidades, a nobreza de carácter, representam os despojos de grande número de renhidas lutas e a recompensa de pesadas e árduas fadigas. O selvagem de hoje será o santo do futuro. Todos somos destinados a atingir a suprema perfeição humana. O sofrimento é a consequência de erros e é sempre um correctivo; a força desenvolve-se por meio da luta; de cada sementeira que fizermos, colheremos os inevitáveis frutos, brotando do bem a felicidade e do mal o infortúnio.

A criança que desencarna pouco tempo depois de nascer, paga uma dívida antiga e voltará em breve à terra liberta de tal dívida, a fim de adquirir a experiência necessária ao seu progresso.

As virtudes sociais podem colocar o homem em condições difíceis na luta pela existência e levá-lo até ao sacrifício da sua vida física, mas formam-lhe um carácter nobre para as vidas futuras e preparam-no, de forma a tornar-se um servo da humanidade.

O génio fixa-se num indivíduo após longas existências de esforços e ele próprio tornar-se-á cada vez maior em cada um dos seus renascimentos. E assim, em todos os casos, o passado do indivíduo explica o seu presente e desde que as leis do desenvolvimento e simbolismo mostram interessante analogia com o antigo Egito, ainda mantêm essa doutrina.

A vida apresenta-nos inúmeros problemas que, se se puser de parte a hipótese da reencarnação, são absolutamente insolúveis. Esta grande verdade explica e decifra esses problemas e por isso está em campo, enquanto não aparecer outra mais satisfatória. Verdadeiramente, para nós, isto não é uma hipótese mas sim um facto derivado do conhecimento directo; mas o que nós conhecemos, embora sem a mais pequena dúvida, não pode servir de prova para os outros.

Ora uma hipótese que é a serve a Teosofia», de C. W. Leadbeater, pág. 48 a 52).

«As principais objecções fundam-se no facto de que nós temos tantas amarguras e contrariedades nesta vida, que seria loucura querer convencer-nos a voltar a viver outra vida como esta.

«Mas isto não é um argumento; se andamos em busca da verdade, não devemos vacilar quando a achamos, seja ela agradável ou não, apesar de que, como já disse, não há outra doutrina que encerre do progresso sejam conhecidas e cumpridas, *pode o homem com segurança edificar o seu futuro*, modelando em linhas sempre mais belas o seu desenvolvimento, até que atinja a estatura do homem perfeito. Só quem não acredita na imortalidade da alma poderá pôr em dúvida a reencarnação dos seres; mas sendo assim, como explicam eles as desigualdades sociais, como podem conciliar a justiça com o sofrimento constante, suportado durante uma vida inteira, por uma criatura que nada fez para o merecer? Como explicam o génio? Como explicam os grandes homens que guiaram a humanidade em diferentes épocas?

A Reencarnação existe e é uma grande verdade.

No hemisfério Ocidental podemos ver a Reencarnação como uma crença fortemente arraigada entre muitas tribos da América do Norte e da do Sul. Os Maias, por exemplo, cuja linguagem e uma maior fonte de consolação e de conforto.

«Dizem ainda outros que custa a crer nós termos tido tantas vidas prévias e não nos lembrarmos de nenhuma delas. A resposta a esta objecção poderia cifrar-se nestas palavras: há muitos que se lembram; e a razão porque a maior parte não se lembra provém do facto da sua consciência estar ainda focada num ou noutro dos invólucros inferiores. Este invólucro não pode evidentemente conservar memória das encarnações anteriores porque ainda não experimentou nenhuma; e a alma, que tem passado por elas, não tem ainda consciência no seu próprio plano. Mas a memória de tudo o que é passado está como que armazenada dentro dessa alma e manifesta-se nas qualidades inatas com que a criança nasceu; e logo que o indivíduo tem evolucionado suficientemente para estar em condições de poder focar a consciência no seu plano, em vez de a focar nos veículos inferiores, imediatamente lhe aparece como num livro aberto a história desta vida real e mais ampla, que é a verdadeira vida». (Do livro «O que é e para que serve a Teosofia»).

única que nos permite reconhecer racionalmente a perfeição do poder e do amor da Divindade, é evidentemente digna de um exame cuidadoso. Porque nós sabemos que a nossa vida presente não é a nossa primeira vida, mas que todos temos atrás de nós uma longa série de vidas. Evidentemente, nessas existências passadas fizemos bem e mal e de cada uma das nossas acções deve ter resultado, sob a acção da inexorável lei da justiça, um proveito ou uma perda. Das boas acções resulta sempre felicidade e amplas oportunidades de aperfeiçoamento; das más, resulta sempre infelicidade e uma limitação dessas oportunidades de perfeição.

Por isso, quando nos achamos por qualquer meio impedidos de ser felizes, esse impedimento é obra nossa, é devido apenas à infância da nossa alma. Somos os únicos responsáveis pelas nossas amarguras.

(Do livro «O que é e para que

Por ANGELO DA COSTA CABRAL

PIETRO UBALDI

Por CLÓVIS TAVARES

(TRECHO DA "VIDA DE PIETRO UBALDI")

Pietro Ubaldi representa, neste crepúsculo de um ciclo histórico, a estrela de alva de um mundo novo. É uma luz verdadeira que brilha na escuridão pagã deste nosso século de enganosos poderes e de falsas palavras.

Alma de peregrina beleza, traz uma grande mensagem aos homens, no seu verbo impressionante e na sua vida de apóstolo. Missionário do Céu e paradigma da parte do Cristo, ele aí está, na majestosa objectividade de uma existência evangélica, antecipando o super-homem do futuro, o tipo biológico que se formará na nova civilização do Terceiro Milénio. É o modelo do «homem espiritual» da futura sociedade cristã, para a qual caminham os filhos da Terra, pela acção imponderável da Divina Providência e pelos impulsos vitais da História.

Doutor das belezas eternas de Deus, Pietro Ubaldi pode ser ainda, para o nosso século pragmatista e involuído, «uma voz clamando no deserto», no imenso areal de almas estratificadas pela rotina ou pela indiferença. O misoneísmo, muitas vezes subconsciente força de resistência a toda expansão da Verdade e do Amor, tem impelido e impedirá ainda, a muitos, a compreensão das mensagens que os grandes embaixadores de Deus, em todos os séculos e latitudes, têm trazido ao mundo, em suas missões de renúncia e bondade, de sabedoria e sacrifício.

O mundo grego, hedonístico e «raffiné», ironizou e perseguiu Sócrates, ora no teatro de Aristófanes, ora no silêncio da indiferença.

Na mesma Grécia irrequieta e zombadora, Paulo de Tarso haveria de conhecer também, mais tarde, o impacto desse cruel silêncio, forma não menos amarga de resistência ao bem e à verdade. «E como ouviram da ressurreição dos mortos, uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez». *(Actos,* 17:32).

A resposta do podério romano e do patriciado elegante, durante trezentos anos de luta incruenta dos cristãos, foi ainda mais amarga: anfiteatros sangrentos, perseguições pretorianas, ironias, cárceres, flagelações, martírios...

Mas os Quinhentos da Galileia se espalham pelo mundo. Os Apóstolos multiplicam bençãos. Os discípulos do Crucificado penetram todas as nações: são os primeiros «comandos» da Luz na história dos homens. Morrem nos «circos máximos» mas retornam às lutas missionárias no mundo. Estão sempre presentes nos diários de classe da História.

São Francisco sopra em Assis o morrão que fumegava e a Mensagem da Manjedoura é novamente acesa. Mas o mundo, forçado embora a admirar no livro, no culto religioso ou na consciência, a grandeza do *Poverello,* prossegue em sua trajectória de falsas conquista. Os séculos planetários se enchem de crimes políticos e de exércitos fratricidas, de duvidosas filosofias e de fogueiras consagradas, de ambições de gado e de desafogos de sexo...

Os Mensageiros de Deus clamam como Isaías, mas os filhos deste século — como na parábola do Evangelho — estão quase sempre na dilatação dos latifúndios ou no cálculo dos juros...

Se Teresa d'Ávila abre à humanidade as portas de seus «castelos espirituais» e aponta às almas o «Caminho da Perfeição», sua obra, não muito depois de seus dias, é desfigurada e esquecida.

Se Allan Kardec, o iluminado missionário do século 19, apresentou ao mundo intoxicado e aflito as primícias do Consolador, não foi mais feliz que Sócrates ou Buda. Sua mensagem de humildade e amor fraterno vai sendo desintegrada pelas mãos inexperientes dos seus próprios amigos.

Quem, mais que Jesus, conheceu essa tragédia íntima de querer ardentemente oferecer às almas o itinerário do Paraíso e ver o seu imenso amor rejeitado? Como são melancólicos os textos sagrados que nos falam do Divino Amor repelido pela Humana Rebeldia! «Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam» (João, 1:11). «E não quereis vir a mim para terdes vida» (João, 5:40). «Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam». (João, 1:4,5). «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta seus pintainhos debaixo das asas, e tu não quiseste! (Mat. 23:37).

Essa foi a grande dor do coração amorosíssimo do Cristo. Esse tem sido também o sofrimento de todos os Enviados do Céu, antes e depois da Divina Presença no mundo. «Deles o mundo não era digno» (Hebreus, 11:38), mas, eles deixaram seus penates celestiais, vestiram-se de barro, fizeram-se semelhantes a nós, o grosso da humanidade — e saíram a semear, mãos cheias de trigo divino, cabeças nas estrelas, corações sintonizados com o Céu, lágrimas nos olhos, pés ensanguentados... E deixaram após seus passos a benção do exemplo, a claridade de novas ideias, a luz de sentimentos mais puros, a revelação dos desígnios divinos, entregando às almas dos homens as chaves do Reino.

Como nos belos versos franceses, sentiram e sentem sempre, sofrendo, que o trabalho mortal se prolonga além da vida e que a Eternidade estende mão amiga à hora terrestre:

«... de sentir en peinant que le [travail mortel
A son prolongement infini; qu'il [demeure
Et que l'éternité donne la main à [l'heure».

Cidade de Campos, Brasil

O VAMPIRISMO

Por ANTÓNIO CARDOSO

Os Drs. Ochorowicz, Pascal, Fortin e tantos outros, notaram depois de cuidadosas e laboriosas observações a existência de indivíduos que, embora muitas vezes inconscientemente, absorvem com maior ou menor facilidade a vitalidade daqueles que os rodeiam. A este facto se chamou VAMPIRISMO e a tais indivíduos vampiros. Essa transfusão de vitalidade pode-se explicar pela teoria do italiano E. Lugaro que considera a conductibilidade como um fenómeno bio-eléctrico, ao tentar explicar o funcionamento psíquico, sem o auxílio duma pressuposta energia nervosa.

Em *Sugestão Mental,* o Dr. Ochorowicz, diz: «O facto de transmissão fisiológica entre o corpo de uma criança e um velho está empìricamente averiguado. Até ao presente a ciência não se ocupou deste assunto, mas a antiga ciência achava o facto mais natural e a tradição dos povos a consagra. Contaram-me vários factos de cura, sobretudo de moléstias reumatismais, realizados sòmente pelo contacto das pessoas e mesmo dos animais jovens e sãos. Num caso mui extraordinário para ser citado como prova, galinhas serviram de remédio e morreram depois de curarem o doente». Em *Os Filtros do Amor e da Ciência,* o Dr. Martins Oliveira, servindo-se desta particularidade da absorpção da vitalidade, divide os indivíduos em centrífugos e centrípetos. Segundo Galiano, os médicos gregos tinham desde há muito reconhecido esta transfusão vital, verificando que o leite de uma mulher nova e cheia de saúde é capaz de produzir resultados verdadeiramente inesperados em casos de debilidade(1). Cappivacius, por exemplo, vendo o herdeiro de uma grande casa de Itália sem a menor vitalidade, consegue-o manter vivo, deitando-o entre duas saudáveis e fortes raparigas. Um príncipe alemão conseguiu ser curado por Boerhave, pelo mesmo processo. O próprio rei David conseguiu prolongar a sua vida da mesma forma.

Outrora, nas montanhas de Auvergne segundo nos relata o Dr. Cabanis, havia o estranho costume de quando qualquer cansado viajante chegava a uma estalagem, fazerem deitar prèviamente na sua cama um rapaz cheio de vida e saúde; à noite, quando o hóspede se deitava, absorvia a vitalidade que o moço havia deixado na sua cama, e no dia seguinte acordava fresco e bem disposto.

Sucede muitas vezes nas experiências de tiptologia que certos indivíduos, mesmo contra a sua vontade, caiam numa sonolência, sem saberem explicar o motivo. A razão é simples: esses indivíduos, em vez de exteriorizarem energia vital, como seria para desejar, assimilam a que é exteriorizada pelos outros elementos da *corrente.* Nestes casos, portanto, os fenómenos tiptológicos são muito mais difíceis de obter, pois pràticamente nunca chega a existir energia suficiente para a produção do fenómeno, salvo se, entre os assistentes, se encontrar alguém que possua a faculdade de exteriorizar grande quantidade de antropoflux. Ora um indivíduo nestas condições — que absorve a vitalidade dos outros — é um vampiro, embora o seja inconscientemente.

Pois quê — perguntará o leitor — também existem indivíduos que podem conscientemente, absorver essa vitalidade? A resposta é afirmativa, e a corroborá-la existem os factos espalhados por toda a parte.

Eliphas Levi conta o caso dum sábio que adorava loucamente a sua mulher, rodeando-a sempre dos maiores carinhos. Esta, no entanto, orgulhosa da sua rara beleza, julgando-se superior ao esposo, começou a odiá-lo de tal forma que numa certa altura decidiu abandonar a casa, para passar a viver com um velho que nada tinha de qualidades morais ou intelectuais. O sábio, justamente revoltado, disse apenas à mulher: — *Eu vos tomo a vossa inteligência e a vossa beleza.* Os meses sucederam-se e com eles a trans-

(1) É o que acontece hoje, pouco mais ou menos, na transfusão do sangue.

formação dessa mulher. Um ano depois não era a mesma, não apresentando já aquela beleza de que tanto se orgulhara. Três anos depois estava feia, e sete anos mais tarde enlouquecia...

Se duas crianças — uma mais forte e outra mais fraca — dormirem juntas, a mais forte absorve a vitalidade da outra. Mais particularmente curioso é ainda o caso que o Dr. Fortin nos conta, duma rapariga que durante 12 anos conseguiu assombrar muita gente, não só devido aos fenómenos de clarividência que produzia, mas principalmente por ter conseguido viver todo esse espaço de tempo apenas alimentando-se com água.

Dos arredores, muita gente levava lá as crianças. Eugénia (assim se chamava a rapariga) agarrava-as então, tocava-as com energia sobre os lábios, pescoço e testa, como querendo *sugar-lhes* a vitalidade. E o mais interessante de tudo isto é que no Inverno, como não tinha tantas crianças a quem pudesse sugar, devido ao estado péssimo dos caminhos que conduziam à sua habitação, Eugénia sentia-se doente, sem vitalidade, bastando-lhe no entanto que o bom tempo chegasse, e com ele as crianças, para que ela se tornasse novamente saudável.

Ainda o mesmo Dr. Fortin cita o caso de uma mulher que sugava a vitalidade das damas de companhia que entravam para o seu serviço. Por melhor que fosse a saúde dessas raparigas, passado pouco tempo viam-se definhar sem qualquer explicação plausível e... morriam. O pior foi que a última dama de companhia — filha dum cocheiro — sentindo-se definhar e conhecedora da fama que a velha gozava, não esteve com meias medidas e foi-se queixar à polícia. Esta, com o concurso de vários médicos, estudaram o caso, chegando à conclusão que seria fatal para a rapariga se continuasse a viver em companhia de tão estranha criatura. Esta, vendo-se privada do seu *alimento*, a vitalidade das moças, começou a definhar, e passado pouco tempo morreu.

A sede da vitalidade reside como se sabe no *duplo etéreo*, mediador entre o corpo físico e o corpo astral (ou perispírito). Na morte do corpo físico, o indivíduo depois de abandonar este corpo, pelo rompimento daquilo a que os ocultistas chamam o *cordão de prata*, abandona também o corpo etéreo que fica a desagregar-se perto do corpo físico, portanto nos cemitérios. Mas se o indivíduo durante a sua vida se dedicou às ciências psíquicas, pode, se tiver conhecimentos para isso, continuar a viver no seu duplo etéreo, mantendo intacto o tal cordão de prata. Mas para isso, para tal suceder, ele tem que ir alimentando o seu corpo físico, para que este por sua vez alimente o seu corpo etéreo. Para isso ele vai sugar não o antropoflux, como até aqui, mas o sangue (que evidentemente contém também energia vital) das vítimas que escolhe. É difícil ainda explicar duma maneira satisfatória como é que o sangue, absorvido pelo corpo etéreo, pode através do cordão de prata passar para o corpo físico. O Dr. Lawrence refere-se a este caso, mas também pouco adianta.

Leadbeater, que estudou profundamente este assunto, diz-nos que embora estes fenómenos sejam raríssimos, existem provas da sua existência, principalmente na Rússia e na Hungria, por serem povos em que existe ainda uma forte corrente de sangue da raça anterior à que pertencemos (4.ª raça). Como reconhece o próprio Leadbeater, as lendas populares são evidentemente exageradas, mas para trás dessas lendas existe um fundo verdadeiro.

Um caso impressionante deste género foi o que aconteceu a Hedwiges, que ela própria contou a Alexandre Dumas e que vou resumidamente narrar:

Hedwiges, natural de Sandomir, devido à guerra travada entre a Rússia e a Polónia, isto no ano de 1825, viu-se obrigada, por ordem de seu pai, a fugir para o mosteiro de Sahastrir que, já anteriormente, tão carinhosamente acolhera sua mãe. Escoltada por 10 homens de inteira confiança de seu pai, eis que Gregoriska se põe a caminho do tal mosteiro. No fim do primeiro dia o maior perigo havia passado, pois encontrava-se fora do alcance do inimigo. No fim do terceiro dia começou a longa subida pelas gargantas dos Montes Cárpatos. E os dias iam sucedendo-se, sem que qualquer incidente viesse perturbar tão estranha e arriscada viagem. Ao décimo dia, avistava-se já o cimo do monte Pion. Depois de atravessar as torres em ruínas de Niantzo, a caravana começava a descer em direcção a uma planície. De repente um tiro feriu o silêncio daquele fim de tarde. O que se seguiu é difícil de descrever: a caravana viu-se atacada por destemidos bandidos que iam matando sem piedade, com seus tiros certeiros, todos os homens que seguiam na caravana. Quando a batalha estava prestes a findar, o chefe da quadrilha — rapaz que aparentava ter vinte anos — dirigiu-se a Hedwiges. Nesse mo-

mento, outro mancebo surge descendo ràpidamente a montanha. Seguiram-se diversas cenas, que é inútil relatar, mas que se resumiram numa discussão pelo facto de ambos os jovens quererem proteger Hedwiges. Por fim o 2.º mancebo — Gregoriska — impôs a seu irmão Kostaki (o bandido que a atacara) que se retirasse imediatamente. Então, com enorme cuidado, conduziu aquela jovem polaca ao castelo de Brankovan.

Durante os muitos dias que Hedwiges viveu nesse castelo moldávio, teve ocasião de conhecer melhor o carácter bondoso e cavalheiresco de Gregoriska e o espírito rebelde e velhaco de Kostaki. Tanto a mãe dos mancebos, como Kostaki, faziam todos os possíveis para que Hedwiqes casasse com ele, ao que ela não respondia, ao passo que embora Gregoriska nunca lhe tivesse dito uma palavra acerca de tal assunto, rodeava-a de todo o conforto, de todo o carinho possível, que não seria difícil de ver que nutria por ela uma verdadeira amizade, amizade que ela também sentia por ele. Os dias foram passando, e um dia um acontecimento inesperado pôs em alvoroço aquele castelo: Kostaki acabava de ser morto, numa das suas proezas pelas montanhas. Quando a criadagem trouxe o cadáver de Kostaki, Hedwiges, olhando para ele, teve um sobressalto, pois viu ou julgou ver os olhos do morto abrirem-se e fixarem-se nela mais vivos do que nunca. Durante três dias e três noites viveu imersa em terríveis pesadelos perante este estranho facto que presenciara. No terceiro dia, quando se vestiu com um trajo de luto rigoroso, para assistir ao enterro, a mãe com um rosto em que fàcilmente se notava a enorme dor que lhe ia na alma, disse: — «Kostaki ama-a», em vez de *amou-a,* o que produziu na pobre rapariga uma depressão ainda maior do que aquela em que já se encontrava. À noite, no seu quarto, Hedwiges recordava aqueles dois estranhos incidentes que tanto a impressionaram. Eram nesse momento nove horas menos um quarto. Então uma sonolência estranha se apoderou de Hedwiges. Quis resistir mas tudo foi inútil. Sentiu alguém abrir a porta, e não se lembra de mais nada. À meia-noite acordou, com uma forte dor no pescoço, além de um grande enfraquecimento. No dia seguinte de manhã, ao levantar-se, sentiu-se num estado de abatimento enorme e uma palidez verdadeiramente inexplicável. À noite, à mesma hora, a cena repetiu-se como na noite anterior. Uma terceira noite, e o estranho facto repetiu-se. Hedwiges, alarmada como é de calcular com tão estranhos factos, resolve contar tudo a Gregoriska. Este resolve meter-se no quarto de Hedwiges à hora habitual em que o fenómeno se costumava produzir, e esperar os acontecimentos. Deram as badaladas habituais, ouvem-se os passos fatídicos, e eis que a porta se abre e aparece... Kostaki, pálido, coberto de sangue, deixando ver a ferida que o vitimara e que ainda sangrava. Gregoriska sai do esconderijo onde se encontrava e apresenta-se em frente do vampiro que estaca perante esta intervenção inesperada.

Travou-se curto diálogo entre Gregoriska e o vampiro que queria Hedwiges para si, fosse de que maneira fosse. Gregoriska recusa atirando um forte golpe ao espectro, atingindo-lhe o peito, obrigando a ferida a abrir ainda mais. Assiste-se então a uma cena fantástica: Kostaki recuava cada vez mais perante o olhar e a espada do irmão. Nesse trajecto desce novamente as escadas, atravessa a galeria e a alameda, até que chega à beira da sepultura. Aí mais uma vez o bondoso irmão tenta conduzir aquela alma perversa ao bom caminho, mas tudo foi infelizmente em vão.

Uma luta se trava então. Duas espadas se chocam nesse duelo que nada tinha de humano. Um minuto depois Kostaki caiu, o espectro perdera finalmente o último sopro, a última centelha de vitalidade.

Este caso, narrado com grande soma de pormenores por Alexandre Dumas levanta um problema, de extrema complexidade: porque razão neste caso não é o corpo etéreo que aparece, mas sim o corpo físico? Ou estaria o corpo etéreo de tal maneira nítido que Hedwiges e Gregoriska o confundissem com o próprio corpo físico? Mas nesse caso reconheceriam o seu erro ao abeirarem-se da sepultura.

Nesta última categoria de vampirismo quase que nos podemos apenas agarrar a especulações teóricas, pois muito pouco (que eu conheça, pelo menos) se tem escrito ainda sobre o assunto, e muito menos investigado. Dar-se-á o fenómeno como os teósofos e ocultistas pretendem? Existem factos observados com suficiente rigor que provem estas afirmações? Tudo está ainda no campo das hipóteses, talvez porque estes factos são raros e portanto difíceis de observar. Seja como for, impõe-se um estudo rigoroso e metódico dos mesmos, para podermos chegar a conclusões mais positivas.

MANJARES ESPIRITAS DA CARAVANA ESPIRITUAL

Por LEOPOLDO MACHADO

D. Adelaide Ferreira foi o *médium* vidente mais completo que já conhecemos, conforme pusemos em nosso «IDE E PREGAI».

Dez anos depois, de passagem por Maceió, encontrámo-la com as faculdades mediúnicas mais aprimoradas.

Foi na tarde de 9 de Novembro, que nos recebeu — a nós e aos companheiros de *Caravana da Fraternidade* — intimamente, na sala de refeições de sua residência. Connosco, irmãos alagoanos: Fernando Malta de Campos, de quem eramos hospedes, D. Noeme Barbosa, directora do *Grupo Escolar António Pombo*, entre poucos mais.

Fomos, efectivamente, esperando algo.

Mal sabíamos, entretanto, que nos seriam servidas iguarias espirituais das mais finas e saborosas. Iguarias, ou flores celestiais despetaladas sobre nós, por irmãos queridos da *Caravana Invisível*, através da mediunidade de D. Adelaide e do Ary Casadio, companheiro de Caravana.

Contaremos, embora superficialmente, como isso foi.

Tratava-se, apenas, de uma visita ligeira, alegre e fraterna. Assim, não houve nenhuma preparação natural, nem a concentração exigida nas sessões espíritas, normais.

Conversas sobre o programa da vespera e troca de impressões sobre o primeiro contacto da Caravana com os irmãos alagoanos.

Diz-nos, então, o médium, naturalmente:

— D. Marília esteve lá, ao seu lado, durante a conferência. Veio até mim, sorrindo, e abraçou-me, dizendo que já me conhecia...

E noutro tom, comovida:

— Está chegando agora, muito satisfeita, com sua mãe, uma velha simpática, D. Luiza Ferraz de Almeida, a Mãe Iza da família, e sua grande amiga, D. Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa de seu bom amigo de Lisboa, sr. Isidoro, e de seu irmão, Anísio Almeida, que é muito seu amigo...

— Todos, gente muito de meu coração. Nem sei como agradecer a Deus e a eles tantas graças.

— D. Marília diz que assistiu às palavras no acto de seu enterramento. Principalmente às do sr. Amadeu Santos. Gostaria que você tivesse falado.

— Eu?! Com que forças, ai de mim! Quer perguntar a Anísio se ele deseja ditar as quadrinhas que fez para mim, na sessão de Pedro Leopoldo, que não pôde ditá-las, pelo Chico Xavier, por ter estoirado o tempo.

— Não quer. A ocasião não é para isto. Enviar-lhas-á a seu tempo.

A seguir, enche-se a sala de Espíritos amigos. Uns, desconhecidos, e outros afins connosco e com os demais confrades. D. Adelaide entra a nomeá-los: José de Sousa Gaia, de Cafelândia; Benedito Bezzi; o Padre Frederico do Amor Divino, um de nossos melhores amigos na Espiritualidade; Bittencourt Sampaio e Frederico Junior; Frederico Figner e António Lima. Este, manda-nos um recado: «Diga ao Leopoldo que meu telégrafo, agora, é sem fio». Referia-se ao seu último livro, *Pelo Telégrafo Sem Fio*. Aura Celeste e a poetisa Carmen Cinira...

Agora, manjares do Céu para a Caravana da Terra.

D. Adelaide descreve a presença de um espírito, grave e discreto, que chegara, cumprimentando, serenamente. É Guillon Ribeiro. O médium Ary Casadio sente-lhe a aproximação. Encorpora-o. O Espírito dá, então, linda mensagem. Os modos comedidos, a maneira de exprimir-se, as palavras e o estilo, as expressões e os conceitos, tudo, tudo, do ex-presidente da *Federação Espírita Brasileira!* Diz, então, que a *Caravana da Fraternidade* fora articulada na Espiritualidade, que há outra Caravana, invisível, de que é ele um dos caravaneiros. Anima e felicita, emocionado, os caravaneiros, augurando-lhes sucessos sobre sucessos. E põe-se à nossa disposição para qualquer explicação e esclarecimento...

Tomámos para nós o oferecimento do ilustre Espírito.

É que o Carlos Jordão nos havia dito era o grande Espírito um dos que haviam articulado, na Espiritualidade, a nossa Caravana. Pusemos nossas dúvidas, em face de seu espírito muito reservado, sempre fechado a ideias e planos que viessem de fora, decorrendo, talvez, daí a falta de afinidade que sempre existiu entre nós, embora sempre nos tratássemos respeitosamente e afectuosamente. Ali estavam as provas de que via, agora, melhor as coisas, por as ver de mais alto, entregando a Caravana invisível para a missão gloriosa de confraternizar, unir e sociabilizar mais os espiritas. Agradecemos sua oportuníssima e bela Mensagem, confessando-nos satisfeitíssimos e esclarecidos...

— E se viessem os outros Caravaneiros da Espiritualidade? — perguntou-se —. D. Adelaide descreve, agora outro Espírito, que encorpora o Ary. É o Cairbar Schutel, querido irmão e amigo, que consideramos o maior espirita do Brasil até o presente. Frisa que será breve. Sua mensagem, com o mesmo espírito de síntese, com a mesma linguagem e objectividade de seus escritos. Termina, desejando que, «por onde passe a Caravana, fique em cada canteiro uma flor de vosso trabalho».

Satura-se o ambiente de mais suavidade e doçura.

Agora, outro Espírito desconhecido do *médium*, manso e bom, que encorpora, fàcilmente, o Ary Casadio. Ergue-se, caminha até nós e fala com voz diferentíssima, pausada e ponderadamente. Salienta que, «quando se vai a casa de estranhos, pára-se e bate-se à porta. Mas, em casa de amigos, entra-se com familiaridade. Foi o

que ele fez. E profere palavras de animação e conforto, focando a grandiosidade da obra da Caravana, modesta e humilde na sua aparência, mas talvez por isso mesmo de resultados admiráveis, como se verá. Era José Petitinga, o querido irmão e amigo que nos empurrou, há trinta anos, para o Espiritismo. Tudo: a descrição da vidente, sua voz suave, suas palavras pausadas e pensadas, a maneira de dizê-las, certa atitude que, ao falar, suas mãos assumiam; tudo indentificava o grande espírito, de cuja familiaridade desfrutáramos.

— Chegou Humberto de Campos! — diz a grande vidente.

O Ary Casadio encorpora-o.

O querido Espírito começa dizendo que vem fechar o desfile de sombras amigas. Refere-se, com precisão, à vida de escritor nos dois planos. E reitera o que já disseram os companheiros da Caravana invisível, a respeito da missão da Caravana da Fraternidade e dos frutos que produzirá, num próximo futuro. Entra, depois, em maravilhosa descrição, no seu grande estilo, da Cachoeira de Paulo Afonso, que os caravaneiros visitaram com outra Paulo Afonso espiritual, que começara a rolar. A Paulo Afonso do S. Francisco era desconhecida, até o dia em que fora descoberta. Passou a princípio a beneficiar, modestamente, uma região. Depois, passou a ser conhecida de toda a gente. Agora, entretanto, grandes obras se realizam ali, para levar mais longe seus benefícios. Essa, a obra da *Caravana da Fraternidade*, dos que estão lutando, sincera e intensivamente, pela unificação.

Maravilhosa, a Mensagem do grande Espírito que não conhecemos pessoalmente, embora andássemos — quando ele, feito o Conselheiro XX, escrevia galantarias — enviando-lhe colaborações no género para a sua A MAÇÃ, que ele publicava com relevo.

E toda a Caravana invisível, menos o querido Emmanuel, viera quase até nós, por misericórdia e de acréscimo, e pela mediunidade de dois médiuns excepcionais, trazer-nos confiança do Céu e bençãos espirituais.

Graças a Deus!

Carlos Jordão profere sentida prece de graças.

Saímos dali mais leves, saturados de espiritualidade, mais animados e mais compensados de tudo.

"DOIS MUNDOS" E A CRÍTICA PROFANA

Ninguém ignora, já o dissemos e voltamos a repeti-lo, qual a nossa atitude no domínio espiritual. Isso, porém, não impede, aliás, como é nosso dever imperioso, de nos referirmos a todas as obras, seja qual for o seu tema.

Isidoro Duarte Santos, escritor espirita de grande nomeada, apresenta «Dois Mundos», com um curioso e estranho esclarecimento, do qual transcrevemos alguns passos:

«É a primeira vez que subscrevo um livro que não é meu. Escrevi-o, é certo, mas fui alheio à sua génese, em nada contribui para ele, do ponto de vista mental.

«A 4 de Janeiro de 1950, a sr.ª D. Maria Gonçalves Duarte Santos, esposa do escritor, abandona a Terra inesperadamente, deixando os familiares consternadíssimos. E na noite do trespasse dá a primeira mensagem através da filha adoptiva, Maria Eugénia, que naquele momento revelava mediunidade psicográfica. Tão cedo cumpria a promessa! Depois, outras vieram. Numa, dizia, peremptòriamente: «Quero ditar uma obra». E assim veiculei uma série de comunicações em estilo conciso, muito diferente do meu, nas quais se apelava para as minhas forças abaladas, e se avivavam quadros da nossa vida inteiramente esquecidos».

Mais adiante: «Uma vez perguntei se era isto a obra prometida. A resposta veio rápida por dois canais diferentes. A filha adoptiva transmitia: «Não tenhas pressa. Virá mais e melhor. Agora é «poeira». Depois será mais límpido. Olha o vento quando arrasta a areia. A seguir vem a bonança... fica tudo muito bonito».

«Médium vidente de grande mérito esclarecia através de audiência, veiculando expressões da autora:

— A obra há-de fazer-se. Tu a receberás. Será um pouco diferente do que estás a receber. Interessará a todos. Aos simples e aos bons. Será ditada por mim».

«E no dia 1 de Agosto (1950) vem o epílogo deste livro. A obra estava concluida sem a mínima rasura. Onde o escritor capaz de produzir uma obra assim?».

O escritor Isidoro Duarte Santos tem a sinceridade das suas convicções. «Dois Mundos», embora não seja um livro sensacional, que leva mais além os crentes ou incrédulos, dos problemas suscitados por Allan Kardec, Crookes, Rochas e outros, tem, sob o aspecto moral e espiritual, uma luz dardejante de bondade e de beleza, que revela a formosura de uma linda alma de mulher, para quem a dor e o sofrimento humano, na sua passagem pela Terra, ou no domínio das almas, encontraram sempre alivio, lenitivo e esperança no seu generoso coração.

(Do «DIÁRIO DE LISBOA», de 24-1-951)

A PSICOLOGIA DAS FLORES

As flores são como as almas. Dão aroma e cor às coisas que embelezam. É uma suave companhia. Um retrato que se engrinalda, uma sala que se enfeita, rescendem poético esplendor e doce harmonia. As flores magnificentes ignoram o perfume das flores humildes. É a lei da compensação. É a lei do equilíbrio.

Imundas de flores os meus retratos e eu aspiro-lhes o aroma, como se aí estivesse. Embriago - me. Delicio - me. Evoco passados tempos. Lembras-te? Enchíamos a casa de flores. O amor ampliava-se nesse ambiente florido. Nossas almas vibravam melhor. Era mais perfeita a sintonia.

Como eu gostava de flores! Que estranho encanto delas se desprendia! O que de mais belo havia na natureza concentrava-se num ramo de flores variegadas. O assetinado das pétalas e o impreciso das cores era magia para os olhos. Mas o perfume deliciava mais. Deixava entrever uma nesga de sonho...

Já observaste uma flor? E pensaste na harmonia do seu conjunto? Na formosura e leveza da corola?... E que achaste atrás dessa maravilha realizada pela mão de Deus? Que mistério se oculta no seio dessa alma vegetal que parece emergir da noite insondável da inconsciência?

Há nela vitalidade e ideia directriz. Encontram-se ali todos os princípios que orientam o ser humano. A flor é luz crepuscular. O homem é clarão de alvorada. Mas uma e outro têm a mesma origem. Percorrem a mesma senda. Sobem a mesma ladeira. Vibram na mesma luta. É a mesma linha geométrica.

★

Deus quer assim. A cada passo encontramos catalizadores de energia cósmica. Um raio de sol é absorvido ou reflectido, segundo os corpos que impressiona. A mesma força é amplificada ou alterada de harmonia com a função dos orgãos que a servem. E assim se consegue a variedade na Criação. O homem ignora o segredo e a policromia do mundo que o cerca. Apenas capta algumas vibrações. Por isso vive em estreitos limites. É uma gaiola que o separa da imensidade ou uma jaula que lhe prende os instintos.

Mas eu falava de flores, da beleza que irradiam, da felicidade que proporcionam. E dizia que enchias de flores os meus retratos. Não calculas a emoção que sinto nesse acto tão simples, em que pondes toda a ternura do vosso coração amante! As almas libertas sentem como vós. Sentem mais que vós! Têm maior poder de síntese. Nesse instante reuno todo o afecto da minha vida passada, numa evocação grandiosa que me agita e transfunde. É a apoteose dos sentimentos. É a festa alacre de tudo o que há de bom e sublime no ser.

Os elementos homogéneos tomam posição no concerto das almas e recebem o divino influxo que os orientam no caminho da evolução. É um princípio de regresso à unidade. O cadinho dá tonalidade ao prazer e à dor, segundo a posição referida. Daí, as múltiplas direcções que se nos oferecem, cada qual com suas veredas apropriadas. O homem não escolhe. É atraído por elas. Por mais que se esforce, tem que obedecer-lhes.

★

Ninguém está contente com a sua sorte. Todos dizem isto, todos sentem isto. Os desejos são aves aladas. Querem expansão. Mas há uma força incoercível que lhes cerceia o voo. É a atracção que se exerce no homem e na flor, onde quer que a vida se manifeste.

Há destinos marcados. Podemos alterar o pormenor, mas não alteramos o todo. Durante a caminhada seremos influenciados por vários factores que darão carácter à viagem. É assim mesmo. Tudo em nós converge para um ponto definido. O que nos impul-

siona e atrai não sabemos, nunca o saberemos absolutamente. É a sugestão do abismo. Somos empolgados. Seguimos a linha geométrica. Paramos, torcicolamos, avançamos, tornamos a parar e a torcicolar... mas nada impedirá as almas de atingir seus alvos apropriados.

Pois o destino da flor é semelhante ao destino do homem. Nasce, cresce e morre. Três estágios de difícil observação. Que é nascer, crescer e morrer? As metamorfoses que se dão nessa linha curva ultrapassam a biologia e a filosofia. É a extensão e a profundidade.

rasteiras? Que teriam sido elas? E de onde lhes veio o perfume que embalsama e a perfeição que arrebata o observador atento? De onde lhes veio tudo isso? Não será Deus que as envolve, como envolve as almas? O desabrochar de uma rosa é um clarão inefável. Depois é a aleluia, a sinfonia orquestral que domina os seres e as coisas. Somos levados na onda da admiração.

Estes problemas estão em nós e avultam constantemente no sentido da marcha. Quanto mais subirmos, melhor veremos os seus aspectos. E mais complicados se apresentarão

Que sou eu para ti, mais do que uma pétala mimosa que te embeleza a vida, que te incita ao trabalho, que avoluma a tua aspiração?

Vês como as flores interessam, como elas influenciam? Um jardim não valerá mais do que uma fábrica?

Nem só de pão vive o homem. O estômago tem necessidades, mas a alma tem anseios que pairam mais alto e dominam o panorama.

★

Emoldura o meu retrato com flores odoríferas, que eu te

Mensagem n.º 147 do Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos, recebida intuitivamente pelo Director desta revista, em 19 de Novembro de 1950.

É o universo inteiro, é toda a criação sintetizada numa vida única.

O drama do homem é semelhante ao drama da flor silvestre. Num e noutro há sonho e anseio, há frémito e arroubo, há dinamismo e estatismo. Hoje, que sei tudo isto, amo mais as flores, quero mais às flores. Não me limito ao seu perfume e à sua cor. Penetro-lhes a essência e coloco-as na linha ascensional percorrida pelo homem. É um lugar definido que ninguém lhes pode arrebatar. Foi conquistado por mérito próprio.

★

Que teriam sido elas, antes de ser flores? Dormiriam no mineral ou teriam sido ervas

ao raciocínio. Aumenta a compreensão, dilata-se o problema. E a causa afasta-se de nós, como sombra que se esvai. É o suplício a vergastar-nos e a impelir-nos. O que temos não chega. Queremos mais...

Eu amo as flores. Cultivo-as no meu jardim. São minhas companheiras inseparáveis. Vem-me delas a poesia que respiro e o afecto que vos consagro.

Cultivai-as, amimai-as. São alegria para os olhos. Não melindram. Não ofendem. São belas e dóceis. Desde a violeta ao crisântemo, que grande série de flores policromadas!

Que sou eu para ti, mais do que uma flor, cujo aroma aspiras em volutas espirituais?

emolduro com outras flores mais belas que desabrocham para não murchar.

Pensa nisto. Extrai destas palavras o que elas encerram de útil para a tua vida de homem votado às coisas espirituais. Se procurares bem, encontrarás a flor eterna da amizade a banhar-te e a perfumar-te.

Lembras-te do que te disse uma vez?

«O meu perfume te envolve e a minha luz te guia».

Adeus, meu querido. Estou sempre a vosso lado.

Um grande abraço espiritual da

Tua, sempre tua

LIA

Evolução - Revolução

Por F. NORONHA

«Je viens faire devant vous l'éloge de la loi». Charles Waddington — Dieu et la Conscience, pág. 291 — Paris, 1870.

«Lex, legis, *a lei, ordenação, a regra, ou o preceito de alguma arte, a condição, o pacto, ajuste*».

«Loi, *règle qui ordonne ou défend certaines choses; puissance, autorité; obligations de la vie civile*».

O famoso alemão Samuel Puffendorfio, falecido em Berlim, no ano de 1694, que o insigne Leibniz considerava como «homem em vida celebérrimo por seu merecimento» exteriorizou, em resumo de formidável elaboração sobre direito natural e das gentes, estes conceitos: «A ordenação de determinações e de proceder do indivíduo humano é o que se denomina *lei*, e eu defino, o querer de um superior, que o impõe aos seus dependentes como obrigação de se conduzirem do modo que lhes preceitua».

Influíu, por certo, em seu tempo, de áurea fecundidade docente, a produção, dada à estampa, da autoria de Puffendorfio. A distância, porém, que dele nos separa, relativamente à civilização, é enorme. Esta: «a civilização não pode provir do materialismo sem conforto, do determinismo fatalista, fontes em que a democracia social alimenta o seu pessimismo cruel; só a evolução, com os seus processos discretos mas seguros, pode encaminhar à civilização progressiva», diz, o muito culto Bento Carqueja, (já falecido), na pág. 51, de *O Capitalismo e as suas Origens em Portugal*. E a observação de um livro estupendo — a Natureza — sugeriu este peremptório afirmar: «a natureza não dá saltos».

«*Natureza*». Na altura deste vocábulo — tomo décimo quinto do *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle Appliquée aux Arts* — Paris — Ano XI — 1803, lê-se, do punho de Virey, sábio autor do empolgante discurso preliminar à frente da notável colectânea de palavras consagrada «principalmente à Agricultura e à Economia rural e doméstica», a seguinte sugestiva página: «O espectáculo dos céus e da terra não pode ser, por muito tempo, indiferente ao olhar do homem. O adorno dos continentes, o abismo dos mares, a explosão dos vulcões, o aspecto da abóbada azulada, e os astros esparsos incontàvelmente em sua amplidão impuseram ao espírito humano o assombro e o respeito, e ele deveu inquirir-se das causas do universo que o absorve e de que faz parte; quis subir à fonte de todos os seres, e os seus primeiros passos o arrojaram a precipício labiríntico. O que sou eu, com efeito, neste globo perdido no vasto universo? Se interrogo a profundeza dos céus, o que é o nosso sistema planetário, qualquer que seja o seu volume, em face dos biliões de sistemas por igual tão vultuosos e que nada restringe no espaço? Todas as estrelas fixas, que avistamos numa bela noite de verão, são outros tantos sóis rodeados de planetas em movimento circular como ocorre com o astro-centro do nosso sistema. Acrescendo estes mundos, de número incalculável, com todos os milhões a alcance de telescópios, ajuizamos do nosso verdadeiro lugar no universo. Considerando ainda, que se existíssemos em *Syrius* ou em qualquer outra estrela afastada, a nossa visão, liberta pela supressão de alguns biliões de léguas, continuaria a aperceber multidões de novos mundos, reconhecemos que a fraqueza de nossos orgãos e a imperfeição de nossos instrumentos constituem impedimento a descortinar, deste átomo de lodo em que rastejamos um momento, antecedendo-nos, para sempre, a submersão no oceano da morte, tais universos longínquos. E, no entanto, vaidosos de nossos destinos, percorremos como dominadores a superfície da terra, proclamamo-nos reis do mundo e centro do universo, como se os astros e os abismos do espaço, de que só temos a ideia, fossem formados para nós! Um átomo que brilha um dia para fenecer eternamente no reservatório comum dos elementos, pode convencer-se de que o sol, aquentador e iluminante de cem mundos, seja expressamente formado para embelezar-lhe a morada? Todavia as gerações escoam-se, como a água sob a incidência do astro do mundo, e ele vê, em sua existência sem medida, os séculos quais pontos imperceptíveis no seio da eternidade. Sem embargo a elevação do espírito humano resgatou esta pasmosa fraqueza do corpo pelas concepções mentais; o corpo nada é, mas o espírito, de facto, volveu-se rei do universo e, à maneira de partícula da divina inteligência, soube surpreender as relações e a maioria das leis de todo o existente».

Foi por saltos, foi revolucionàriamente que a ciência abriu e tem aberto as folhas do livro da Natureza e habilitou o homem a substituir, em larga escala, a marcha a pé pelos transportes a vapor e aérios, pouco lhe faltando talvez, neste capítulo, para igualar em velocidade as comunicações transmitidas pela misteriosa e potentíssima energia elétrica.

Quanto se tem avançado, entre a data em que Virey elaborou os seus trabalhos científicos de naturalista abalizado e a hora actual, apenas intervalada por lapso inferior a século e meio?

E antes, muito antes de Virey e de quantos com ele colaboraram no *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle Appliquée aux Arts*, seria, por saltos e revolucionàriamente, que o ente racional irrompeu de sua primitiva origem e ascendeu de nomadismo, à rude lei da natureza, até altos graus culturais, atravessando civilizações como a do Egito faraónico, a da Grécia de Hesíodo, de Péricles e de Demóstenes, a de Roma no século áureo de Augusto e mesmo a Medieval diante dos Bárbaros rendidos e acolhidos pelas sombras da Cruz?!...

Há 47 anos, 28 de Novembro de 1904, o dr. Ricardo Poenisch, discursando na Universidade do Estado, em Santiago do Chile, subordinado ao tema de sua escolha — *El Universo* —, em linguagem tanto fluente quanto plena de eloquência lapidar, exclamava, em conclusão: «Asi como la tierra con los demás planetas de nuestro sistema gira al rededor del sol, y como el sol a su

vez, atraviesa en vertiginosa carrera el espacio galactico, describiendo su circulo con los otros mundos de esta parte del universo en torno de un centro que nos es desconocido todavia; asi talvez nuestro sistema galactico no es mas que una pequeña nebulosa entre millones de otras que pueblan el espacio infinito. Qué templo tan magnifico ha erijido la ciencia a la divinidad! Cuanto se ha ensanchado nuestro horizonte intelectual en los escasos tres siglos desde que el lente del telescopio rompiera los densos muros que hasta entonces ocultaron a la humanidad el secreto del universo!

«No han pasado todavia muchas generaciones desde que el hombre buscaba los limites de lo creado no mucho mas allá de nuestra atmósfera! Y aun para muchos de nuestros contemporaneos, la tierra es todavia el cuerpo principal del universo, como en aquellos tiempos en que todo se esplicaba bajo el punto de vista antropocéntrico. Copernico colocó el sol en el centro del universo, y a muchos les era duro convenir en que nuestra tierra, el asiento de la vida, la creacion especial de Dios a favor del hombre, iba por los espacios lo mismo que cualquiera de los otros planetas. Cuan grande nos pareció entonces el gran foco central generador de la luz y del calor que hace germinar la vida en la superficie de la tierra! Pero apareció Herschel, el Copérnico de la via láctea, y desalojo al sol de su posicion central! Y no hay punto fijo en el universo, todo parece moverse en inextricable confusion! No han llegado todavia para la via láctea el Kepler ni el Newton, pero llegarán aunque pasaran siglos antes de que las fuerzas aunadas de la humanidad lleguen a acumular datos y hechos que permitan asignar su rumbo a cada una de las estrelas que a millones pueblan los espacios infinitos». Ouçamos, a propósito de astronomia, Melo Simas, competência idónea, na 1.ª lição, *Utilidade da Astronomia; Grandeza e magnificência do Universo; Ideia geral da distribuição dos Mundos*, em 11-2-912, na Universidade Livre de Lisboa: «A Lua dista da Terra, em média, cerca de 384 mil quilómetros e seria preciso alinhar nada menos de 400 vezes esta grandeza para alcançar o Sol. Já não é sem esforço que a imaginação tenta conceber esta distância de 149 milhões de quilómetros a que se encontra o astro do dia, que aliás fornece o calor e a energia necessária para a conservação da nossa vida. Pois esta mesma distância desaparece em presença da enormidade do espaço que nos separa das estrelas, e para chegar à que se encontra *mais proximo* de nós seria preciso percorrer 275 mil vezes igual caminho. Assim, crua-

"DOIS MUNDOS" E A CRÍTICA PROFANA

Sem a dupla canseira de abrir e compreender os livros não será nunca possível falar-se deles com autoridade e absoluta consciência! Nada mais lastimável, portanto, do que diante de uma obra de fundo espiritualista, por exemplo, manter atitude desdenhosa e pô-la de lado apenas porque, em certas rodas, está em moda aludir-se desdenhosamente a tudo quanto de perto se liga à religião-ciência codificada por Allan Kardec. Os homens que pouco sabem são sempre os que mais sabedoria julgam possuir, dando de ombros àquela sincera e dramática confissão de Sócrates, quando, a um gesto apenas da taça de cicuta, confessou (por palavras parecidas) que só sabia nada saber. Muitos séculos depois, a mais inquieta e estranha personagem de Shakespeare diria que, entre o céu e a terra, existem muitas mais coisas do que a filosofia dos homens conhece...

Lembrámo-nos destas duas confissões durante a leitura do notável livro «Dois Mundos, de Isidoro Duarte Santos. De que trata esta obra? Trata ou representa, se quiserem, o depoimento moral e filosófico do alto espírito de uma senhora, que, na sua jornada pela terra, se chamou Maria Duarte Santos. A jornada desta senhora foi exemplar em virtudes e dedicação humana, estudando e amando o seu semelhante à luz eterna dos Evangelhos. Baseada na leitura dos melhores e mais respeitados mestres espiritualistas, de William Crookes a Delanne, Bozzano, Faure da Rosa, Lobo Vilela e muitos outros, ela foi, pelo pensamento e pela acção, uma esforçada obreira dessa seara evangélica que, numa frase rápida, pode ser também classificada como caminho científico da reencarnação, dando ao homem, além do mais, a certeza de que a sua ascensão para Deus se deve fazer pelo seu próprio aperfeiçoamento moral. As mensagens que o espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos ditou do Além e que Isidoro Duarte Santos recebeu e redigiu, por intuição, representam, no seu conjunto, um farol de sabedoria moral. «Dois Mundos» é, portanto, uma obra que traz, além de perfeita noção de responsabilidades, conforto e esperança ao homem de agora, tão desorientado e atascado em lama, e ao homem de sempre, ansioso de saber de onde veio e para onde se dirige. A sua leitura recomenda-se, por isso mesmo, não só para fortalecimento interior de todos os espiritualistas, mas a todos quantos procuram um rumo seguro para o presente e para o futuro.

(DO «SÉCULO ILUSTRADO»)

mente dito, estes confrontos monstruosos talvez nada representem ao nosso espírito. Uma comparação que talvez já fale ao entendimento, consiste no seguinte: Todas as estrelas têm uns certos movimentos que lhes são próprios. Movem-se umas em uma direcção, outras em outra. Algumas há em que a sua velocidade atinge a cifra espantosa de 10 milhões de quilómetros por hora! Pois apesar disso parecem fixas no céu; parecem não se moverem, tão distantes estão! Experimentemos a usar outra comparação clássica: Como já indiquei, a luz propaga-se com a velocidade de 300 mil quilómetros por segundo. Aquela que o Sol nos envia gasta cerca de 8 minutos para chegar até nós, e mesmo para percorrer a distância que nos separa do planeta mais afastado do Sistema solar ela não precisa mais de 3 horas. Pois para se ver até que ponto este Sistema está isolado no espaço, basta notar que quatro anos não são tempo suficiente para que um raio de luz saindo da *estrela mais próxima* venha ferir a nossa retina. Se essa estrela se apagasse repentinamente, só passados 4 anos o saberiamos. E quando nos lembramos de que esta luz percorre mais de 430 milhões de quilómetros por hora, e recordamos o número de horas necessárias para perfazer quatro anos, e pensamos nos inúmeros astros que, por esse espaço fora, estão milhares e milhares de vezes mais distantes e que, apesar disso, os distinguimos no céu, e ainda que todo esse Universo visível não passa de uma gota de éter no meio da infinidade, a nossa consciência não pode deixar de recolher-se em si mesma, assombrada da realidade e não sabendo que mais admirar, se a magnificência do espectáculo que a Natureza lhe oferece, se a própria grandeza da sua imaterialidade, que lhe permite abarcar até dois infinitos: o infinito no espaço e o infinito no tempo, ou a eternidade».

Abrirei aqui um parêntesis, para reflectir que dois infinitos excluem-se, visto ùnicamente por absurdo poder supor-se *um ilimitado simultâneo com outro ilimitado.* A mesmíssima palavra — *infinito* — decompõe-se em dois elementos que o não consentem, *in*, prefixo modificando como «negação ou privação» o segundo elemento, *finito*, vocábulo simples que significa ou exprime, ter fim, limite. Espaço e tempo são ideias e leis correlativas. Não aflora ao pensamento o espaço sem qualquer noção de tempo, assim como este não aflora ao pensamento sem qualquer noção de movimento, o movimento sem a de espaços e o número sem a de duração.

Atentando nisto, diz Liard que se assim não ocorresse «haveria,

DA HORA

A hora que passa é deveras delicada, para que se caminhe às cegas, sem bússula, nem bordão. Onde nos encontramos, dominamos talvez melhor o panorama espirita e por isso vos pedimos que atendais as nossas palavras.

Se desejais, realmente, trabalhar e sacrificar-vos pelo ideal, tendes muito onde o fazer, sem vos imiscuirdes em assuntos reservados apenas aos que, não tendo competência, nem feitio para fazer andar o barco, se entretêm a divertir os passageiros que seguem viagem. Afastai-vos, pois, dessas situações incompatíveis com o trabalho, a humildade e a renúncia, que devem encarnar os discípulos do Senhor.

A época não está para espaventos, nem para protestos espalhafatosos, mas sim para trabalhar proficuamente, no silêncio e na modéstia. Para isso, os verdadeiros pioneiros devem couraçar-se de paciência e de amor ao próximo.

Deixai a outros as manifestações espalhafatosas, já que não têm melhor forma de demonstrar o seu amor ao ideal, deixai os outros com seus projectos de mando, de organizadores da Doutrina e trabalhai serenamente, na obscuridade, tendo por companhia o amigo deste lado.

Não queirais viver no torvelinho do mundo, no meio das paixões. Procurai manter a paz do lar, mas sempre com o ideal por guia.

Espalhai a palavra de Jesus, pregai a Boa Nova do Espiritismo, exemplificai os seus belos ensinamentos, em ambientes adequados às locubrações do espírito.

Deixai a parte mundana e cuidai da parte espiritual. Propagai a doutrina pela palavra, pela escrita, por todos os meios ao vosso alcance, mas sem jamais vos acomodardes a situações dependentes que vos cercearíam, de certo modo, os movimentos naturais ou deliberados.

Tentai ser dignos do nosso auxílio. Normalizai a vida, para que se aplainem as dificuldades que se opõem à propaganda, Normalizai a vida física e moral, equilibrai as forças e não as desperdiceis em coisas inúteis, senão contraproducentes.

Continuai a afastar-vos de tudo quanto seja menos digno e perturbe as almas e os pensamentos. Procurai a limpeza psíquica e que em vossos corações não permaneçam ressentimentos contra quem quer que seja. Que

QUE PASSA

Pelo Espírito de REPER-SIAM

a intriga, a maledicência e a calúnia não penetrem as vossas ideias.

Pensai no bem, para atrair o bem. Afastai a lembrança dos factos tristes ou que vos deixaram recordações dolorosas. Pensai no belo e sereis felizes, mesmo que o ambiente externo seja tenebroso.

Fugi das lutas de classe e de partido ou de outras competições. Não provoqueis retaliações, nem divisões. Trabalhai pela união dos homens, pela fusão de todos no grande foco criador, pois que as almas andam errantes, de encarnação em encarnação a fim de se purificarem de todas as suas imperfeições.

Ajudai todas as obras de solidariedade, de amor ou de perdão e não colaboreis, repito, em obras de competição e divisão.

Defendei o vosso reduto, mas abandonai os outros reduto à luta dos que os cubiçam. Sede fraternos, sede cristãos, sede espiritas. Não vos desinteresseis dos meios de alcançar qualquer triunfo. Deixai que outros o façam e se enfeitem com êxitos obtidos por esse processo, mas não vos deixeis arrastar. Sempre de pé, com atitudes dignas, olhando de frente o divino modelo.

Amigos: Olhai em volta e vêde. Lutas? Porquê?!... Porque uns querem tudo em detrimento de outros. Sempre a mesma onda de orgulho, de desvairo, de ambição!

E a que fim têm conduzido semelhantes lutas?

Sempre o mal a triunfar, sempre o ódio a comandar as acções do homem. Vós, porém, renunciareis a todas essas frioleiras. Seguireis àvante, a lutar e a trabalhar no caminho traçado. Não a lutar para deitar abaixo contendores mais cegos do que vós ainda, mas para vencer as trevas, para aplainar obstáculos, para sanear os campos, onde a semente há-de ser lançada. E esta luta só se consegue com exemplos de amor, de renúncia, de modéstia e de perdão.

Sede, pois, humildes e pequeninos, como as crianças. Amai a todos e trabalhai independentemente. A vossa vinha é grande, todas as energias são poucas para a amanhar.

2-12-949

Médium — Maria Duarte Santos

no espírito e na realidade, tantas divisórias isoladas quantas leis primordiais, sem que o pensamento pudesse transitar de umas para outras e uni-las num sistema único; em uma palavra, a ciência seria impossível».

Espaço o tempo, extensão e duração, possibilidades inesgotáveis não contraditórias, identificam-se ou fundem-se no Infinito. «Tudo o que se oferece à percepção dos sentidos, diz Charles Adam, existe no espaço e no tempo, que são portanto duas condições do conhecimento sensível, ou, conforme a classificação de Kant, duas *formas de sensibilidade*». Fecho o parêntesis.

Foram registados saltos em algum dos trechos transcritos precedentemente?

Verificá-los-ia, anatòmicamente, no corpo humano, Bichat, «génio que, no dizer de Pinel, parecia adejar sobre todo o edifício das ciências médicas»? ou, vislumbrá-los-ia Broussais, autor do «Tratado sobre a Irritação», a que Augusto Comte alude, nestes termos: «A publicação deste importante escrito deve consolidar a glória de M. Broussais, e fazer apreciar todo o alcance das suas concepções»? Citei estes, como poderia citar milhares de cientistas, em todas as províncias do saber, formulando pergunta idêntica.

Não, a Natureza não dá saltos, a lei revela-se no conjunto e no pormenor, lentamente graduada. Nós damo-los, e de mortalidade, frequentíssimamente.

Averiguemos, porém, noutra esfera, sem resvalar jocoso e sem deslise e discrepância de verdade. Vai ter a palavra M. G. de Molinari (*L' Evolution Politique et La Révolution* — Paris, 1884).

Este ilustre sócio-correspondente do Instituto, da capital francesa, depois de definir e realçar com demonstração de cabimento oportuno, em sete capítulos consecutivos, diz: «Como saíram as sociedades civilizadas do antigo regime e entraram na posse das instituições políticas e económicas ajustadas às novas condições de existência que lhes trouxe o advento da grande indústria? Dois caminhos podem ser seguidos para sua efectivação e realização de semelhante progresso: 1.º, o da revolução, consistindo no reviramento violento e rápido dos governos constituídos e na sua substituição por outros considerados progressivos; 2.º, o da evolução, traduzido pela reforma do antigo regime-reforma levada a efeito consecutivamente, na hora e na proporção em que a sua urgência se faz sentir, — e empregando apenas pressão moral, quanto à opinião pública, para vencer as resistências e os preconceitos que se lhe opõem, pretendendo embargá-la».

A Natureza e o Homem encon-

tram-se e dão testemunho congénere em dois momentos decisivos de fenomenalidade culminante, mostrando-se à primeira vista desarticulados e completamente avessos a leis de equilíbrio e a normas de modalidades imanentes: os momentos de revolução que, naquela, aparentam formal desmentido ao espectáculo imponente de ordenação que nos cativa e enleva e neste conduz por vezes a sorvedoiros de represálias contraproducentes, a inquietações angustiosas e a piso escabroso de retrocesso ou recuo.

As lutas ribombantes travadas nos seios da atmosfera pejada de nuvens ameaçadoras, a água caindo em catadupas vertiginosas em consórcio com o vento, inundando e alargando a terra em fúria destruidora, o abalo sísmico desconjuntando ou desagregando e abatendo em breves minutos cidades, vilas e aldeias, só deixando ruinas informes ou cinzas, quando causador de incêndios, nas posições geográficas que elas haviam ocupado, as tempestades ciclónicas avançando com cega e louca celeridade, devastando regiões inteiras e pulando tigrinamente de continente para continente, o horrível de quadros lancinantes, de pavorosas crateras vomitando lavas ardentes, o carbonizante raio das trovoadas, de indómito ziguezaguiar e de lutuoso e sangrento rasto, tudo, em resumo que supõe e inculca libelo justificado contra a Natureza, não é mais do que luz confusa de retorno à limpidez da harmonia preexistente, inalterável, reversibilidade para imediata reposição reagente, simples depuração instantânea que não toca nem macula a essência universal. Subsiste a Lei, predominando e permanecendo em tudo, através de tudo.

De nada é matemàticamente positivo que nada brota, o próprio zero isolado é alguma coisa para nós: uma grafia, um desenho, que o animal humano ideou na *evolução* das idades e que não copiou de parte alguma da Natureza.

Porventura sugestionado pelos cataclismos desta, descambando em ridências na continuidade, aprendeu a reagir e em sua existência política e social, irado e revoltado, com fundamento maior e menor, imitou-lhe as expansões coléricas com desabafos similares, de índole inaquilatável e de lonjura intransponível.

As tempestades do homem, animal suplantado em recursos e aparelhamento físicos por muitos outros melhor dotados, quer da fauna terrestre quer das faunas alada e marítima, representam, por maioria, noites escuríssimas de séculos perturbados e disto dá fé toda a Antiguidade Oriental, catastròficamente esfarrapada à pedrada e a ferro e fogo num delírio de alienados. A celebrada Babilónia exemplificou o caso e ministrou alimento a expressivas tradições que lhe sobreviveram.

Ali acabou os seus dias o moço grande Alexandre, que Diógenes não preferiu ao Sol, foco de aquecimento, de germinação e de potencialidade evolutiva na lei marcante da Vida! Ali, como diante das Pirâmides para Napoleão, tomava corpo e perpassava a sombra de milénios repetidos.

E em ambos os locais a Arte desferia com brado triunfal a sua própria evolução em monumentos de suma pompa peregrina e de arrojada construção.

Estes, em solo que o Nilo banha, afrontaram o tempo e são objecto de visita para os contemporâneos. Lograrão ostentar-se, orgulhosos, longamente ainda?

Em bem e outrossim em mal nos deslumbra a Evolução. Suprimi-la ou eliminá-la, com este pretexto, se isso coubera em nosso fôlego, seria reduzirmo-nos a cadáver precocemente, havendo perdido a noção de dignidade e de brio de raça.

A responsabilidade e culpa das parcelas nocivas que ela envolve não lhe pertencem mas ao homem que aproveita os seus produtos maravilhosos para instrumentos bélicos, armas de morticínio, arsenal de derrocadas, auxiliado pela maga e magna alavanca: a Ciência! É contudo a Ciência em sua marcha diamantinamente augusta, verdadeiro, pujantíssimo sol de primeira grandeza psíquica, ainda em formação e venerando depoimento do espírito na engenhosa capacidade humana, como tal sem émulo de nivelamento em toda a escala de animalidade, muito honrada sem dúvida pela presença da formiga e da abelha, aliás estacionárias e improgressivas, é contudo a Ciência, prova a bagagem incomparáveis do ser de raciocínio arguto, mercê de ambas rico de opulência autênticadamente dominadora. E que lapso de tempo haverá decorrido desde as camadas geológicas denunciadoras da sua aurora até à Escola de Alexandria, à eloquência de Cícero e ao doutrinamento de Jesus? E desde então quanta paciência dispendida e quantas desilusões desanimadoras superadas até ao descobrimento do electrão e à asa do aviador, talvez prestes, nos contactos, a igualar as ondas sonoras e a quase inconcebível televisão?

E quanto exprime no significado aliviante da criatura portadora de malignidades eliminàveis a hábil intervenção operatória cirúrgica, servida por incessante aperfeiçoamento de instrumental, em que Benjamim Bell, por exemplo, distinto inglês nascido no século XVIII e autor de notabilíssima obra didática, um Curso Completo de Cirurgia Teórica e Prática, ilustrado com estampas, já, qual pigmeu, fica de todo sumido?

Dizia ele no *Prefácio* da 4.ª edição, que a arte cirúrgica fôra enriquecida «com grande número de descobrimentos preciosos e de correcções importantes».

Não será tudo isto puro verbo da Evolução e legítima ufania de quem foi o objectivo do típico enigma proposto pela lendária esfinge de Tebas e Édipo sobre qual o animal de três tempos, manhã, arrastando-se como quadrupede, de tarde bípede robusto e à noite enfraquecido tripédico?...

Entre a pedra lascada, a caverna do troglodita, a habitação lacustre e a lâmina hodierna, a sumptuosidade do Vaticano ou o colossal dos arranha-céus; entre a brutalidade do arremesso primitivo e a delicadeza dos primores da Estética; entre a cabana exposta sem resguardos aos invernos, às primaveras, aos verões, aos outonos, aos acidentes, em suma, das estações do ano e a apurada telha, o vidro impagável, o cimento armado, quantos degraus longânimos de ascenso evolutivo, quantas transições de lento esforço vitoriosas?!...

São faiscas ingentes da Ideia, arrebois inextinguíveis de indução e dedução, fulgores de joias no pensamento e no «cérebro», valendo mais intrínseca do que estimativamente!

Agora mesmo, tenho à vista dois livros, duas compilações metódicas, delimitadas em seus textos, elaboração sugestiva do infatigável Eduardo de Noronha, nas quais o «evoluir» assenta em fundamentos de todos conhecidos: *Evolução do Teatro — O drama através dos séculos*, 480 págs.; *O Vestuário — História do Traje desde os Tempos mais remotos*

MACKENZIE KING ERA ESPIRITA!

— «Mackenzie King dar-nos-á, realmente, notícias suas do outro mundo?». Tal é a pergunta que apaixona há tempos todo o Canadá, após a publicação na imprensa de pormenores relativos à vida e às preocupações espiritualistas do antigo primeiro ministro recentemente desaparecido.

«Velho celibatário, Mackenzie King consagrava ao Espiritismo todo o tempo disponível de suas ocupações governativas. Fechado no seu gabinete de trabalho do castelo de Laurier, em Ottawa, passava longas horas em frente de um grande retrato de sua mãe desencarnada há muito e recebia comunicações do Além.

Poucos espiritas conheciam este segredo, que ele guardava avaramente. Personalidades eminentes de Ottawa, Paris e Londres, apaixonados igualmente pelas ciências ocultas, consideravam-no o maior médium do nosso tempo. Mas esta ligação do ex-Primeiro Ministro às práticas espiritas, que era até então objecto de rumores não controlados, é hoje conhecida de todos, depois da publicação das memórias da Duquesa de Hamilton, íntima amiga de Mackenzie e sua confidente.

Na revista inglesa Psychic News, *ela diz que Mackenzie King escrevia regularmente a acta das suas experiências espiritas no castelo de Laurier. Notava as mensagens que recebia do Além, sobretudo as que se referiam aos negócios do Estado, e obedecia cegamente às injunções dos espíritos. Segundo Lady Hamilton, nunca ele tomou uma decisão importante sem a relacionar aos seus conselheiros ocultos.*

A primeira cláusula do testamento do antigo ministro exprimia o desejo de que as suas «Memórias do Além» fossem destruídas e a amiga de Mackenzie King julga que, uma vez revelados tais escritos, ele receasse semear o desespero e o pânico, porque essas mensagens eram na maioria desanimadoras.

Mas o antigo Presidente tinha prometido aos seus amigos um sinal do Além e centenas de milhares de canadianos que pela imprensa souberam das faculdades especiais de Mackenzie aguardam agora que ele se manifeste, visto que, no dizer da Duquesa de Hamilton, «o Presidente sempre cumpriu a sua palavra e por isso a cumprirá».

(De um artigo de Philippe Charpentier no jornal *Paris*, de Casablanca)

até à Idade Média, 317 págs., a lume, repesctivamente, em 1909 e 1911.

Aqui todavia, o «evoluir» padece de quartãs por excessos de requinte, roçando toleima.

É que a febre de inovações volve-se andar para trás, com reprodução de coisas pretéritas, hoje mais do que insensatas e ridículas.

Não é a Evolução pròpriamente dita, mas matéria de manicómio.

★

Está o homem, indivíduo, sujeito a alienação mental e, multidão, não menos fora de embriaguês de momento e arrastamento consecutivo pelos que sabem insinuar-se nos ânimos, incutir e generalizar entusiasmos, unificar e determinar vontades a seu talante. Eis argumento categórico de saltos que a natureza não dá.

A revolução é um erro, um crime uma fantasmagoria inglória? Em espírito e em verdade, a ***Revolução*** não é absoluta e abertamente incontaminável por plantas ruins e pelo disparate; mas, é alva puríssima e flor de neve em cumulos de dificuldades que dilui em apertos agres que salubriza e em congeminências detestáveis que sacode ou varre. Nesta hipótese, reveste-se do merecimento de arco-íris, amainando maiores tempestades e coroando razões lógicas de radicais investiduras com pulso inquebrantável de firmeza nobre e patente empenho de resposta ou satisfação preclara, em linhas não tortuosas, a genuínas aspirações de Justiça e de Direito. Assim, não imprecede a virtude com a Revolução nem o acto revolucionário com o laudo não rogado de foro íntimo imparcial.

A História não está emudecida a este respeito nem os anais e fastos dos povos e das nações ermos de sua palpitante exemplificação.

Requerem as sociedades constituidas e os homens uma terapêutica infalível; a instrução educativa, arma de guerra que não mata nem cria ferrugem e antes seduz como o lírio, emociona como a saudade, anima como o espírito.

Este predomina, ilumina centros de bondade, guia experimentadores dedicados, apostoliza o amor sem castas e privilegiamentos como Jesus, em seu novo mandato, aos discípulos e agentes do revolucionamento cristão.

O Livro "Dois Mundos"

1 — A NÉVOA

«Saber *que se vive é uma coisa simples», mas* simples *apenas* enquanto *nos limitamos a enunciar, sem penetrar no profundo sentido do que é viver. Todo o homem sabe que vive, mas só o Homem sabe* porque e para que *vive. Conhecer que se* vive *(no sentido de que se faz parte do todo criado que é vivo) é um primeiro rasgar da névoa, termo simbólico com que se significa a limitação espiritual do homem. Mas «é preciso muito mais», «é preciso desvendar as origens», «é preciso desfazer a névoa que nos inquieta», porque «só então seremos livres». É isso! Se eu me limitar apenas ao saber que vivo, sentirei a angústia desesperada do viver, porque o desespero é a marca da ignorância da nossa natureza espiritual, como pensou Kirkegaard. Sabendo que vivo, limito-me a «estar no mundo», limito-me a viver sem procurar o que é* existir *para além dos pontos entre os quais se situa o viver; continuaremos «metralhados pela dúvida inquietante».*

E o caminho para o aniquilamento da névoa *é o do estudo. Não basta observar, «é preciso tirar ilações». Com efeito, da observação, quanto muito, ganharemos o conhecimento de que e como vivemos. Para termos consciência do porquê, é forçoso empurrar o espírito rumo à própria», névoa, é necessário tornar «a névoa mais próxima», para podermos «descrevê-la». Estudo do que nos cerca? Isso, e estudo de nós próprios: — penetração em todos os campos da vida, na insofrida ânsia de nos sentirmos a viver em tudo que é vivo e sentir tudo o que vive a viver em nós. Julgo-me a pensar certo:—é um estudo por interpenetração, um conhecimento por «empatia», um conhecer por «infusão», um saber através do amar, porque «amar é ligar», «é unir estreitamente», «todo o nosso trabalho se encerra nisto». O conhecimento intuitivo, como alguém me apontou recentemente, não é mais que o resultado de uma infusão de dois campos mentais em vibração harmónica.*

Viver não é apenas uma corrida desabalada do «nascer» ao «morrer». Só inteiramente vive aquele que rasga as suas névoas internas, de modo que desapareçam as fronteiras espirituais dos «dois mundos». Eu sei que vivo; mas se encravar em mim a certeza de que já existia antes de viver agora e de que continuarei a existir mesmo depois de arrancar de mim a máscara carnavalesca da minha carne, então o meu ser viverá *simultâneamente em dois mundos: — neste onde foi lançado pelo peso das minhas* negações *à Vida e naquele para onde me impele toda a força ascensional das minhas afirmações e para onde me chama a Voz daqueles que souberam ganhar o sentido da Vida antes de mim. Mas tenho ainda nuvens a ensombrar-me o céu do ser: — não as nuvens da ignorância do meu destino de homem, mas as nuvens das negativas que ainda não foram apagadas. São ainda das «névoas densas e mistérios torturantes», ainda sou preso de «inquietações profundas» e ainda verto «lágrimas de sangue». Mas* sei *que «há esperança num mundo melhor», sei que «as névoas se dissipam».*

Muitas são as névoas, variadas na forma, na natureza e nas causas. Cada homem carrega a sua. *Na medida em que,* amando, *souber o homem enfrentar as dúvidas e ultrapassá-las, na medida em que* souber viver, *«a névoa se esbaterá», «ir-se-á adelgaçando, até se desfazer* relativamente».

«E a vida se acalmará»...

2 — OS ARCANOS DO ALÉM

Réu e Juiz! Tremenda situação essa que nos obriga a uma cisão do ser em duas formas opostas, que nos obriga a joeirar as perspectivas morais dos actos perante uma consciência desperta que não se satisfaz com justificativas mais ou menos hábeis, mas sempre insuficientes!

As imagens afluem numa catadupa que dique algum pode deter. Temos de nos olhar, despidos de todos os artifícios, pe-

anotado por Ramos Pereira

rante o espelho da consciência. «Vivemo-nos de novo nos passos que se foram», vivemo-nos porque o actor tragi-cómico que vemos gesticular ridiculamente no palco da vida somos nós próprios. «É dupla a alegria, é duplo o sofrimento», alegria e sofrimento pelo que se fez, alegria e sofrimento porque se fez e... tudo é passado que não pode já ser modificado. Não é possível mais ocultar a Verdade, cantar em todos os tons a estafada ária das nossas perfeições para das mesmas nos convencermos enquanto nos esforçamos para que os outros creiam nelas.

É duro, mas... é lógico. A hora de mergulhar na lama pestilencial das culpas, passadas há séculos ou há segundos, tem de soar. É forçoso esse dobrar da consciência sobre si mesma: — para se dissecar, para comparar, para compreender que vale mais um segundo vivido em Deus, que milénios passados virando as costas à Sua Lei. É necessário que o ser se sinta como o factor real do seu destino; é necessário que ele saiba ser o barro frágil donde sairá a forma imorredoira do Homem futuro e as mãos sábias que o hão-de modelar.

Ah! Mas quão menos doloroso seria esse instante do encontro em nós, se, na rápida cavalgada da vida terrena, parássemos para virar os olhos para os fundos abissais do «eu»! Exame de consciência? Sim; recolhimento, reconcentração da vontade, reforço do sentir. Vêm imagens grotescas ou nefandas? Chegam os gritos desvairados das paixões? Não fechemos os olhos, não busquemos atenuantes. Fomos nós quem amou e odiou, quem sacrificou e foi sacrificado; fomos nós quem andou a deambular sobre a corda bamba estendida entre os postes do bem e do mal. Não nos iludamos nem queiramos iludir os outros, porque as únicas vítimas seremos nós, ainda. *«É um exame de consciência em que nos lançamos, na luta de vida ou de morte que espreita os nossos passos». Luta de vida ou de morte? Sim; luta de vida, porque é Lei que o homem renasça das cinzas das paixões, queimadas na pira renovadora do Amor do Cristo; luta de morte, porque é Lei que o homem sinta a angústia de «morrer» em espírito, quando aferrado ao fantasma das paixões que alimentou aos seios úberes do seu próprio querer. «É o primeiro Arcano do Além»? Eu talvez dissesse que é o decisivo, por ser necessária a sua compreensão para que a Vida vença definitivamente a Morte. Mas Ela tem razão: — é o primeiro arcano, na ordem e na importância, na ordem das necessidades do existir e na importância das consequências para se existir melhor. Bem-aventurados são aqueles que choram as lágrimas do arrependimento pelo passado perdido! Mais bem-aventurados serão ainda aqueles que, depois da lágrima, sintam a vontade de tapar cada coval dos pecados com as pedras cristalinas da virtude!*

Quantas vezes tenho vergado sob a dor amarga de me sentir culpado! Mas não quero que me chorem, ou que me desculpem. Não é por orgulho: — é porque sei que a cruz é minha, porque minhas e sòmente minhas são as negras culpas com que a fiz assim tão negra e tão pesada! Sentir-me-ia menos culpado, se a dor da minha Dor e a visão da minha cruz pudessem mitigar a dor alheia e reduzir a cruz que noutros ombros assenta.

Por isso, eu olho os fundos de mim mesmo, reaprendendo a lição do meu viver, não porque me julgue diferente dos outros, mas porque sei que, vivendo-me, *eu estarei contribuindo para que os outros possam viver melhor do que eu. Todos temos que compreender este «arcano do Além», este mistério hermético que visa as derradeiras finalidades da existência.*

«Conhece-te a ti mesmo», sem a gala das louvaminhas estéreis e sem a capa encobridora das desculpas fúteis e terás dado um decidido passo na estrada do Renascer. Depois «é escolher o caminho, soltar um rumo novo em direcção ao futuro que nos aguarda»...

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

115. «DOIS MUNDOS», ditado pelo espírito de *Maria Gonçalves Duarte Santos*. «Estudos Psíquicos Editora». Lisboa, 1950.

Tivemos a oportunidade de ler esta obra antes da sua publicação e de ver as páginas tal como haviam sido escritas pelo punho de Isidoro Duarte Santos. Não assistimos, porém, a nenhum momento da sua «recepção». A análise foi, pois, bolsada sobre o próprio texto, seguindo os princípios comesinhos da crítica literária. O que primeiramente nos suscitou a atenção foi a nítida diferença entre o estilo em que o livro foi escrito e aquele que caracteriza o seu Autor. Se o primeiro é moldado em frases curtas, algumas vezes secas, sem redundâncias escusadas, com uma adjectivação escassa, é colorido, incisivo, (mesmo contundente em dados momentos), sintético sem o exagero de laconismo, cheio de imagens rápidas, claras e precisas nos pormenores e de proposições onde a harmonia dos termos se correlaciona à densidade dos pensamentos. O segundo é um estilo analítico, com frequentes prolixidades, com uma adjectivação altissonante; as imagens são longas e lentas na evolução da pintura dos pormenores. Dá-nos a sensação de que o primeiro estilo é o de um indivíduo com o desejo de traçar ràpidamente um quadro impressionista onde se sacrifique o recorte das figuras «formais» à nitidez das singularidades «ideais»; e de que o segundo é o de outro que sente o prazer de fazer música com palavras, de fazer arte pela arte. Digamos: — o primeiro é o estilo de um «realista» com laivos de «simbolismo»; o segundo é o estilo de um «gongórico» eivado de «romantismo». Compare-se «Dois Mundos» com «Luz no Caminho» e as diferenças ressaltarão perfeitamente.

Será possível que um homem possa modificar completamente o seu estilo (o estilo que sempre o caracterizou em mais de duas décadas de actividade literária) e que o modifique sem jamais haver uma erupção das formas antigas, para depois voltar a usá-lo? Para nos enganar? O primeiro a ser enganado seria o próprio Isidoro Santos não só pela identidade de quem «ditou» a Obra, mas também porque o livro é de natureza a honrar quem o tivesse escrito...

Seria, então, o livro «ditado» por Maria Gonçalves Duarte Santos? É possível, dada a semelhança flagrante entre passagens da Obra e outras das «mensagens de «Reper-Siam», publicadas em «Estudos Psíquicos»; dado o espírito «positivo» dessa Senhora e o seu desamor aos longos circunlóquios. Mas não excede a Obra a sua craveira mental? Eu, que com ela tive afectuosa e fraterna convivência, reconheci-lhe um espírito culto, sabendo o que dizia e *como* o dizia, sabendo o que escrevia e *como* o escrevia; tinha um raciocínio seguro, uma sensibilidade aberta. E sabido que ela foi um bom «médium» intuitivo e que *pode* e *deve* continuar a sê-lo, não vejo em que a Obra ultrapasse, pela transcendência do conteúdo, a possibilidade intelectual daquela Irmã, mesmo porque a Obra não se caracteriza pela construção de ideias transcendentes mas pela transcendência da sua densidade humana. Pressente-se um espírito sofrego de saber para contar, sequioso de ver Luz para com ela aclarar o caminho alheio. É, indubitàvelmente, uma obra doutrinária, mas *diferente*. Afirmo que ao lê-la tive um raro prazer espiritual (que ràpidamente desfez a minha atitude de dúvida preventiva), porque *me encontrei* em muitas páginas; porque tive a satisfação de ver muito do meu pensamento *encontrado*. Para mim, foi isso uma *prova*, porque Maria Duarte Santos, em muitas conversas, apoiava *vivamente* o meu modo de pensar sobre Espiritismo, com argumentos de um poder que me surpreendia, ainda que o antagonista... fosse o seu próprio Esposo. Quantas vezes, eu e Isidoro Santos divergimos sobre uma ou outra forma de encarar um ponto ideológico! Quantas vezes, também, Maria Duarte Santos se colocou a meu lado, revelando a isenção do seu carácter! Que Isidoro diga se nas páginas de «Dois Mundos» não encontrou matéria que o obrigou a modificar o que anteriormente pensava! É compreensível, portanto, o meu desejo de anotar as páginas da Obra, fora do apertado espaço da secção bibliográfica, desejo que *eu* manifestei e cuja formalização estará independente de qualquer coacção que me seja externa. Escreverei o que pensei e não porque mo *encomendassem*. Que os Espíritos sejam testemunhas do que afirmo!

Encontrei nesta Obra, como em muitas recebidas pelo punho de Francisco Xavier, material para meditar de longada.

«Dois mundos» é livro para ser lido e relido, porque só na segunda leitura ressaltam pormenores, se aclaram perspectivas, se adensam pensamentos. Livro para intelectuais? Não, de modo nenhum : — ele é, antes, um livro de que cada um tirará na medida da sua capacidade.

116. ALMAS CRUCIFICADAS, por *Vitor Hugo*. Novela psicografada por *Zilda Gama*. Ed. da F. E. B., Rio, 1948.

Atribuída ao espírito do genial «romântico» que foi Vitor Hugo, esta novela possui uma urdidura perfeita onde, sem grande esforço, podemos encontrar certas passagens que a pena do Autor dos «Miseráveis» não desdenharia assinar. É talvez inferior, sob o ponto de vista literário, ao admirável «Do Calvário ao Infinito», também recebido por Zilda Gama, mas possui, na sequência das situações, a mesma densidade dramática e a mesma profundida de ideias e sentimentos. É um caso «kármico» romanceado que nos obriga a pensar, ao mesmo tempo que nos dá o gosto do contacto com a Arte. As figuras aparecem

vivas, bem recortadas, se bem que o diálogo seja, quase sempre, algo «trabalhado», pouco real, um tanto farfalhudo, o que também se nota nalgumas obras de Hugo, como nos «Homens do Mar» ou na «Nossa Senhora de Paris». Intensamente reais, inteiramente humanas são as situações em que as figuras se debatem, de modo que esta novela fornece uma óptima plataforma para meditar sobre... «o ser, o destino e a dor»...

117. O POEMA... ETERNIDADE, por *Armando Correia*. Porto, 1950.

Este torturado escultor que se «impôs» à custa de um esforço titânico, lega-nos num poema a sua visão da Criação. Em oitavas plenas de harmonia, o pensamento escoa-se serenamente num cântico que é simultâneamente descritivo e admirativo, quase extático. Chega-se a pensar que ele canta uma «visão», chega-se a pensar no «Inferno» de Dante e no «Paraíso Perdido» de Milton, embora em Armando Correia não palpite a chama do Génio; mas vibra, indiscutìvelmente, uma sensibilidade requintada que o leva a olhar a caminhada humana de um ângulo especial, nìtidamente espiritualista e até esotérico. Perpassa o Egito das pirâmides alucinantes e da Esfinge misteriosa; a Grécia da paixão pelo Belo formal; a Roma das glórias e das baixezas; a Idade Média, ora plúmbea, ora radiosa; e a Renascença, esse cadinho prolífico de ideias e caminhos. Termina com uma oração de Fé e de certezas...

«Voltarás à poeira do Universo
e dela a novo mundo. Em ti está [Deus:
Força e vontade pelo Cosmo ex- [presso
na concepção imaterial dos Céus.
Com Ele iniciarás novo progresso
Pela Alma, Espírito e Fé dos [filhos teus.
E reunirás assim numa trindade
O Amor, o Infinito e a Eterni- [dade».

Armando Correia patenteia sentido poético e vence com galhardia a grande dificuldade de pensar em verso, estruturado na rigidez da métrica clássica: — o verso sai-lhe espontâneo, natural, «já feito»... Ele foi poeta e no seu «Poema» ele toca a harpa de mil cordas da complexa personalidade do Homem e da sua natureza e finalidade espirituais. É facto que não atinge aquelas alturas em que arde, por vezes, o génio de Régio ou Targa, mas *sinto* que, nele, o poeta não era inferior ao escultor, que era Artista.

118. DOS DEBERES: PERDONAR EL MAL y COMBATIRLO — por *Noe Wajner*. Ed. da Sociedade de Estudios Metapsíquicos do Chile. Santiago, 1948.

É um pequeno ensaio de filosofia moral, pequeno na forma, gigantesco na substância, pois que nele o Autor aborda o tema que está inscrito na própria estrutura psicológica do Homem, esse tema por que se debate há séculos no solo duro deste planeta de purgatório. É um conjunto de pensamentos inter-ligados cujas conclusões, como bem diz Ernesto Moog, «são difìcilmente superáveis no estado actual da consciência da humanidade».

119. LA PAIX UNIVERSELLE. Ed. Ass. «Amour et Vie». Paris, 1948.

É um conjunto de mensagens espirituais dedicadas à paz universal, onde palpitam os mais puros sentimentos cristãos. Nada se diz sobre o modo como essas comunicações foram obtidas, mas é inegável que, pela forma e pela ideia, elas podem ombrear com as melhores páginas doutrinárias da bibliografia espirita, principalmente as que são assinadas por «Verro» e «François». Atente-se nesta passagem: — «Lutar pelo Amor não é a expressão exacta, porque isso não é precisamente uma luta, mas um trabalho, uma obra, uma criação pelo Amor»; ou nesta: — «O pensamento é... gerado pela ideia e é no centro mesmo da ideia que deveis atender, para irradiar acções justas, boas e equitativas». Muito há nessas páginas para pensar, para sentir e... sugestões elevadas para cumprir.

120. DEBE ESTUDIARSE EL ESPIRITISMO? — por *Charles Richet*. Editorial «La Voz Espiritista». Rosário, 1948.

Prefaciado por Tito Bancéscu, a prestimosa editora argentina publica algumas páginas devidas ao ilustre professor Charles Richet, em que o fundador da «Metapsíquica» pugna, argumentando com segurança, pela necessidade de estudar as ideias espiritistas. «Em lugar de parecer ignorar o Espiritismo, os sábios devem estudá-lo. Físicos, químicos, fisiólogos e filósofos é mister que tomem o trabalho de por-se ao corrente dos factos afirmados pelos espiritas. É necessário um prolongado e laborioso estudo. Certamente será fecundo, pois a variedade das teorias não destroi a realidade dos factos» — disse o mestre francês — mesmo porque «se há muitos erros e ilusões nas afirmações dos espiritistas, *há provàvelmente, certamente, muitas verdades que são ainda um mistério para nós*».

Aquele em que tantos anti-espiritas se fundam para atacar o mais discutido sistema filosófico dos tempos modernos afirmava a necessidade de estudar esse sistema! E porquê? Porque lhe reconhecia o fundo de Verdade, porque lhe encontrava a estreita concordância com os factos metapsicológicos. Este pensamento dignifica Richet e patenteia a isenção do seu carácter de cientista.

Logo, estas páginas agora publicadas, devem ser meditadas por espiritas e não-espiritas, já que, também, entre os espiritas há muito quem fale só pelo que ouviu dizer...

121. LA BIBLIOGRAPHIE ET L'ANNUAIRE INTERNATIONAL DES SCIENCES PSYCHO-PHYSIQUES ET OCCULTES — direcção de M. Moine. Ed. L'Ermite. Paris. 1950.

Depois de vários estudos em que se resumem as posições actuais da astrologia, culturismo, grafologia, ocultismo, fisiognomia, etc., constituindo uma visão geral da panorâmica, publica-se uma vasta bibliografia relativa às várias correntes neo-espiritualistas saídas nos últimos anos. Há nela, porém, fortes lacunas; assim, na parte espirita incluem-se apenas as obras francesas!

A ideia é indiscutìvelmente aplaudível e dever-se-ia, nas futuras publicações do Anuário, ser-se mais completo, tanto nas citações bibliográficas como nas indicações sobre revistas e sociedades. Para isso nada melhor que as sociedades interessadas entrarem em contacto com os editores do Anuário a fim de lhe fornecerem os elementos necessários e... suficientes para que a ideia tenha a realização que merece.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

O MENINO QUE NÃO ESTAVA LÁ...

Franz Niesert publica no *Two Worlds* um pequeno artigo acerca de um grupo fotográfico de três irmãs, no qual apareceu um irmãozinho falecido.

O fotógrafo era um trabalhador germânico que tinha o seu emprego em Tarutino, na Bessarábia, uma região russa do sudoeste, e lidava com livros, instrumentos musicais e fotografias.

Enquanto trabalhava, foi chamado pela mulher de um lavrador para tirar uma fotografia às suas três filhas. Claro que ele não incluiu o garotinho no grupo. Não o podia ter feito, simplesmente porque não estava lá, visto ter «morrido» algum tempo antes.

O amigo fotógrafo tirou a fotografia das três raparigas sem tomar qualquer disposição especial, como quando executava trabalhos deste género. Mesmo quando revelou a chapa, nada de extraordinário encontrou na fotografia. E porque o havia de encontrar? Além do mais, ele era fotógrafo profissional — devia ter tirado muitos grupos semelhantes durante os anos que dedicara ao assunto — e não havia razões que o levassem a lembrar pormenores relativos ao assunto.

E a fotografia seguiu o seu destino, foi enviada aos pais. Só quando estes a receberam é que ele notou o estranho e espantoso caso.

O menino que não estava lá...

Os pais ficaram surpreendidos! Primeiro, queriam rejeitar a fotografia. Estavam espantados e horrorizados, porque o outro que aparecia no grupo era o seu filho mais novo que tinha abandonado há muito tempo a vida material.

Toda a família estava espantada. Não havia dúvida de que no momento em que as três raparigas pousavam em frente da objectiva, uma quarta criança tinha aparecido na fotografia.

Tanto a foto como a ocorrência, foram rigorosamente examinadas por um médico e um magistrado.

AS CONSIDERAÇÕES DE «ABDALLAH»

***La Conciencia*, de Buenos Aires, refere-se novamente ao artigo publicado há pouco nesta revista acerca do perispírito. É de ABDALLAH. Por nos parecer interessante e útil essa referência, arquivamo-la nestas colunas:**

«Achamos conveniente comentar essas declarações publicadas em *La Conciencia* (n.º 77), porquanto elas põem em evidência, de forma indubitável, a verdadeira psicologia do subconsciente, isto é, do perispírito. A classificação que dele faz em diversos tipos rectifica os conceitos mantidos por certas tendências espiritualistas-ocultistas, demonstrando cientìficamente que os tons existentes no perispírito são frutos ou consequências do progresso moral, estético ou intelectual dos seres humanos que viveram no nosso ou noutro planeta.

«Mais uma vez se confirmam os princípios espiritas em sua concepção de que o perispírito constitui o espelho reflector do que somos naqueles três aspectos psicológicos, donde se conclui que os espíritos evolucionados do espaço estão em condições de precisar, através dessas cores, inerentes à própria subconsciência,

o grrau evolutivo de mortais ou desencarnados.

«O espírito de ABDALLAH assinala como o grau evolutivo dos seres determina as consequentes vibrações, produtoras das cores. A justiça imanente reflete-se precisamente no processo descrito pela entidade extra-terrestre, de forma que quanto mais evolucionados formos no sentido moral, estético e intelectual, mais brilhantes serão as cores perispirituais, forjadas ou conquistadas através de sacrifícios e esforços individuais. A lei da compensação individual e colectiva, planetária e sideral, manifesta-se inconfundível e inexoràvelmente, pois se acha em relação directa com o comportamento de toda personalidade.

«Além disso, não deixa de revestir grande interesse o problema que se relaciona aos paralelismos, quando adverte: «*O perispírito, como se disse, é o factor principal da própria função orgânica, é o elemento coordenador do sistema nervoso periférico e central. Não podemos falar de ligação no sentido comum da palavra, isto é, de um paralelismo psico-perispíritual em termos como durante algum tempo se pensou na terra. Há paralelismo psico-fisiológico e isto, naturalmente, porque não podermos aplicar ao sustentáculo anímico o conceito espacial das quatro dimensões. Há ligação como sinónimo de linha dupla, de influência que poderíamos sintetizar em acção externa igual a reacção interna; acção interna igual a reacção externa*».

E quando se refere à electrocução dos indivíduos diz que a individualidade é bruscamente retirada do organismo, «por se quebrar a ligação fluídica occipital». Eis aqui também o perigo dos *electro-choques*, pois a descarga eléctrica recebida pelo doente pode romper o sustentáculo existente entre o paralelismo psico-fisiológico, produzindo consequências muito sérias.

«Em síntese, a ilustração mediúnica que nos ocupa proporciona alto ensinamento para formarmos melhor juizo acerca do psicossoma, isto é, o perispírito, e qual a sua função nas existências sucessivas, sendo, ao mesmo tempo, o arquivo da memória, ou, para nos exprimirmos com propriedade, o arquivo da nossa história através da evolução dos três reinos que temos atravessado».

Congratulamos-nos com os comentários de *La Conciencia* ao artigo de ABDALLAH. É de grande vantagem estudar todas as questões filosóficas com bom senso e elevação. Assim, poderemos resolver problemas difíceis que aguardam o nosso esforço bem ordenado.

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO

Todos nós sabemos quanto a Rainha Vitória se interessou pelo Espiritismo após a desencarnação do Príncipe Alberto. Eis como *Two Worlds* se refere ao assunto:

«Aos 13 anos, Roberto James Lees possuía tão extraordinárias faculdades mediúnicas, que chegou a convencer a família e os amigos de que podia, em transe, incorporar e fazer falar grande nmero de espíritos. Ora, em 1861, pouco tempo depois da morte do Príncipe Alberto, o *príncipe consorte*, Roberto Lees foi controlado em sessão privada por um espírito que dizia ser o Príncipe, o qual pediu que avisassem a Rainha de que poderia comunicar com ela por intermédio desta criança.

«Quando a Rainha teve conhecimento do caso, e como sabia por experiência própria que as comunicações eram possíveis, enviou a casa de Lees dois emissários da Corte. Estes indivíduos não disseram quem eram e da parte de quem iam, o que não impediu que a criança, em transe, os saudasse, chamando-os pelos seus nomes.

«Controlada pelo Príncipe, o garoto disse-lhes que sabia que que vinham da parte da Rainha e deu-lhes tais provas de identidade, que não podiam duvidar de que estavam na presença do Príncipe Consorte. De volta à Corte, os dois emissários contaram o que tinha dito o Príncipe, e a Rainha ficou convencida de que as comunicações, algumas das quais eram íntimas, vinham de seu marido. Por outro lado, entregaram-lhe uma carta do Príncipe relativa a factos passados entre os cônjuges reais e assinada com um nome que o Príncipe empregava só quando escrevia à Rainha.

«Foi nesta altura que ela mandou comparecer ali o jovem Lees e lhe pediu que lhe proporcionasse uma sessão. De novo falou o Príncipe; e' quando a Rainha lhe perguntou se queria que mantivesse Lees junto dela, respondeu que poderia comunicar por ele ou por qualquer outro médium que lhe indicasse. Esse médium era John Brown, filho de um fazendeiro de Balmoral. Logo que a Rainha chamou John Brown, este manteve-se na Corte e até à morte dela serviu diàriamente de intermediário entre Vitória e o Príncipe Alberto.

«A Rainha não se esqueceu de Robert James Lees, que se tornara jornalista e escreveu muitos livros. Dois deles tocaram-na. Eram comunicações do Além e ela mandou encadernar seis exemplares de cada um e distribuí-los a membros da família real.

«Pouco tempo antes da sua morte, a Rainha Vitória mandou chamar Robert Lees e agradeceu-lhe tudo o que tinha feito por ela e ofereceu-lhe presentes e honrarias que ele recusou.

«Por ocasião da morte de John Brows, escreveu uma monografia dedicada ao assunto, mas o Dr. Davidson, arcebispo de Canterbury, e *Sir* Henry Pansonby, secretário particular da Rainha, opuseram-se a isso. Este último chegou mesmo a destruir o diário de Brown, para que nada restasse das comunicações que obtivera do marido. Mas a verdade acaba sempre por triunfar».

OS TRABALHOS TELEPÁTICOS DO PROFESSOR J. B. RHINE

Eis como o célebre professor J. B. Rhine relata como chegou a interessar-se pelos fenómenos supranormais:

«Nada me parecia levar ao estudo científico do «supranormal». Pessoas sérias das minhas relações contavam histórias de comunicações com os «espíritos», de premonições e avisos do «além». Mas meu pai, homem culto e positivista, ria-se na minha frente e por isso nunca elas me impressionaram na infância. Mais tarde, na Universidade, um dos professores de ciências que eu mais respeitava contou-nos um fenómeno «psíquico» caracterizado de que fôra testemunha.

«Uma tarde sonhou com um condiscípulo de quem nunca mais ouvira falar, havia 40 anos. O sonho era tão chocante, que lhe ficou gravado no espírito. Contou o caso à família e começou uma carta para o velho companheiro. No dia seguinte recebia uma carta dele: «Sonhei contigo duma forma tão nítida—dizia—que após tantos anos não pude resistir ao desejo de te dar sinal

Notas & Comentários

CRIANÇA MISSIONÁRIA

Os jornais publicaram há pouco uma notícia sensacional acerca de René Martz, menina de 10 anos de idade que está a causar grande admiração nos meios religiosos de Inglaterra. Faz ardentes pregações, canta hinos e em 1949 converteu 3.000 pessoas em três meses de pregação. Escreve os seus próprios sermões e a inocência da fisionomia, aliada ao seu fervor religioso, tem impressionado muitas pessoas. É um caso de precocidade religiosa nesta época de cepticismo e desespero. René faz sermões e canta em seis idiomas: inglês, chinês, esquimau, russo, castelhano e na língua nativa da Austrália.

Assistimos, de facto, a uma geração prodigiosa que levará longe o progresso da humanidade. Ao lado de músicos e calculistas, René Mary fica bem como pregadora. O homem deixou o seu lugar privilegiado na corrida do pensamento contemporâneo. A mulher recupera galhardamente o que lhe fizeram perder em tempos ominosos e afirma-se legítima detentora de mentalidade que alguns sábios masculinos desejariam possuir. Se a mulher fosse, como devia ser, o maior ideal do homem, haveria mais luz nos cérebros e mais felicidade nos corações. O mundo seria mais belo e os caminhos mais suaves e fáceis de percorrer...

---

de vida». Neste caso, mesmo àparte a personalidade do professor, havia um princípio de prova da objectividade do caso: o testemunho da família e sobretudo a troca de cartas. Mas os estudos de biologia a que então me entregava, habituaram-me à dúvida metódica, radicando em mim a ideia de submeter todos estes casos a rigoroso «contrôle» de laboratório; mais ainda, de experimentar os passivos que diziam possuir tais poderes, como fazia com as cobaias nas minhas aulas de biologia».

As palavras que aí ficam foram extraídas do preâmbulo do livro de Rhine, intitulado «A Percepção Sensorial».

UM PIONEIRO PORTUGUÊS: FAURE DA ROSA

Eis como La Revue Spirite *se refere ao nosso saudoso colaborador:*

«O Coronel Faure da Rosa, director da Revista de Metapsicologia, *deixou serenamente esta vida de luta na manhã de 8 de Novembro de 1950. Era um homem de vasta cultura e apaixonado pela literatura francesa. Traduziu* «L'Au-delà à la portée de tous», *de J. L'homme, prefaciado por Hubert Forestier. Era o amigo de Isidoro Duarte Santos, com quem durante vinte anos se ocupou da ciência da alma e de suas relações com o problema da vida.*

Mercê da sua vontade, o enterro foi uma lição de desprezo pelas vaidades humanas. Nem flores, nem coroas. O féretro devia ser acompanhado por duas pessoas de família e três amigos íntimos: Dr. Pedro Carreira de Sousa, Isidoro Duarte Santos e D. Ivone de Sousa. Veio para o Espiritismo após a perda de uma filha querida. La Revue Spirite *saúda este valente que nos deixa uma vida honrada».*

REVISTA «RUMO À LUZ»

O nosso confrade e amigo prof. Olívio Novais enviou-nos um exemplar da revista Rumo à Luz, *orgão da Tenda Espirita São Miguel Arcanjo», do Rio de Janeiro, de que é director-responsável Luiz Pires Fernandes e secretário Olívio Novais.*

Filiada na Linha de Umbanda, *modalidade espirita extensiva a várias correntes que trabalham à margem da doutrina codificada por Allan Kardec, apresenta-se bem redigida e com boa colaboração. Não somos dos que combatem as práticas umbandistas que desempenham função natural e bons serviços têm prestado à sociedade. A questão de ritual não é motivo para afastarmos esses irmãos que caminham para a luz por vias diferentes. Como se diz no livro «Dois Mundos», cada alma tem seu caminho e ninguém poderá jactar-se de possuir a verdade toda.*

Saudamos, pois, a bela revista na pessoa de Olívio Novais, a quem apresentamos as nossas felicitações, com votos de longa vida.

UM GÉNIO GRAMATICAL

Les Nouvelles Litteraires, *revista muito conhecida em Portugal, publicou há pouco uma notícia curiosa relativa ao jovem londrino Jonathan-Richard Cocking, de quatro anos de idade que fala a mais pura linguagem e aponta severamente as faltas gramaticais cometidas por seus pais e amigos. Ao segundo mês começou a falar e no dia do primeiro aniversário podia manter uma conversação.*

Na época em que tantos prodígios musicais se afirmam como sintoma de renovação artística, talvez não seja mau lembrar um futuro Littré...

UNIÃO ESPIRITA GOIANA

Acaba de fundar-se em Goiânia, Estado brasileiro de Goiaz, a União Espirita Goiana, *cuja direcção ficou a cargo dos seguintes confrades:*

Presidente — José Félix de Sousa; *Vice-presidente* — Orlando Mota; *1.º secretário* — Régio Maria Teixeira; *2.º secretário* — Alfredo Pupak — *1.º tesoureiro* — Cirilo Heitor de Paula; *2.º tesoureiro* — Sebastião Luiz Coutinho; *Director de Assistência* — Romeu Pelá.

O Espiritismo no Brasil vai-se unificando dia-a-dia. O Estado de Goiaz esforça-se por acompanhar outras regiões, onde a boa semente germinou. Congregar esforços é fortalecer a Causa. Da união de todos resultará o triunfo espiritualista que dará prazer e felicidade ao homem do século vinte.

Deste recanto do velho mundo saudamos, pois, os confrades brasileiros que em Goiânia se uniram para enfrentar o materialismo reinante e plantar novas árvores que possam dar sombra ao maior número de caminhantes.

Noticiário

8.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No sorteio de livros espiritas relativo a 30 de Janeiro último, foram contemplados os seguintes subscritores, a quem apresentamos as nossas felicitações:

«Reis, Príncipes e Imperadores», — *Américo Arnedo Freire*, Diamang, Dundo, Angola.

«Jerusa», — *António José da Costa Félix*, de Moura.

«Jesus Perante a Cristandade», — *José Pais de Carvalho*, de Mangualde.

«Teatro da Mocidade», — *Luiz Crisóstomo Fernandes*, do Funchal.

«O Martírio dos Suicídias», — *Manuel Gonçalves Viana da Cruz*, do Porto.

«Verdade», — *Carlos da Costa*, de Lisboa.

«Volta Bocage», — *José Fernandes*, de Leiria.

«Novas Elucidações do 4.º Evangelho», — *Eduardo Manuel Cortes*, de Lisboa.

Como se vê, houve 8 prémios, demonstrando assim o interesse que está a despertar esta modalidade de assistência.

Que novos subscritores venham engrossar os donativos recebidos, são os votos que neste momento formulamos.

AUXÍLIO A «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Destinados a auxiliar a propaganda, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

José Pinho Trindade, de Luanda	100$00
António Loureiro, de Coimbra	50$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	100$00
S. A. S., de Lisboa	10$00
Aires Vaz Raposo, de Lisboa	100$00
António J. Martins, de Paris	250$00
	610$00

CONFERÊNCIAS DE RAMOS PEREIRA

Ramos Pereira iniciará no dia 1 de Abril uma série de conferências subordinadas ao título geral de HUMANISMO E ESPIRITISMO, mas quais estudará a filosofia espirita sob um aspecto acessível que interessará a todos. Essas conferências serão depois publicadas em *Estudos Psíquicos*, para que os leitores possam acompanhar o trabalho do nosso companheiro.

GRUPO ESCOLAR ZANELI CALDAS

No *Grupo Espirita José Eusébio*, de Pajussara, Maceió, Estado brasileiro de Alagoas, que vai ser ampliado e passará a denominar-se *Grupo Escolar Zaneli Caldas*, funciona uma escola gratuita para crianças pobres. No mês de Dezembro último foi ali festejado o encerramento do ano lectivo com uma interessante festa artística composta de 37 números litero-musicais, sendo, no final, distribuidos bombons e outras guloseimas à petizada. Jaime José da Silva, presidente da agremiação, serviu de locutor.

PIETRO UBALDI NO BRASIL

Na cidade de Campos, Estado do Rio, fundou-se a *Associação Brasileira dos Amigos de Pietro Ubaldi*, com o fim de difundir a obra do nosso redactor em Itália, cujos artigos tem sido muito apreciados pelos leitores. A convite de várias Federações Espiritas Estaduais e da Associação acima citada reunidas numa *Comissão Central Patrocinadora*, Pietro Ubaldi irá ao Brasil no próximo mês de Julho, acompanhado pelo Dr. Marco Tedeschini.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1951

Dia 4 de Março, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua — Médium — D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Março, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua — Médium — D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 18 de Março, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira intitulada «A Missão Humanista de Jesus».

Dia 25 de Março, domingo, às 16 horas —Sessão do Grupo General Passaláqua — Médium — D. Maria Cecília Gorina.

Dia 1 de Abril, domingo, às 16 horas — 1.ª Conferência de Ramos Pereira da série HUMANISMO E ESPIRITISMO, intitulada «O Espiritismo e a Cultura Moderna».

GRUPO REPER-SIAM

Este Grupo continua a funcionar todas as 5.as feiras às 21,30, com palestras doutrinárias e irradiação mental, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

NOTA — *As conferências são franqueadas ao público acompanhado de sócios do Centro e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.*

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Fevereiro — Dr. Júlio Magalhães, de Sintra—20$00; E. B. Fonseca, de Lisboa — 20$00; Cipriano Marques, da Anadia — 10$00; João José, de Lisboa — 50$00; Maria A. Fonseca Brito, de Lisboa — 20$00; Lourenço Alves Ribeiro, de Lisboa — 20$00; P. B., de Lisboa — 20$00; I. S., de Lisboa — 20$00; A. F. de Oliveira Gomes, de Riomeão — 12$50; João Pinto Muge, da Cidade da Beira — 30$00; Subscrição do 8.º sorteio de livros espiritas — 157$50; Total — 380$00.

LIVROS RECOMENDADOS

CIÊNCIA METAPSÍQUICA

pelo Dr. Carlos Imbassahy

Uma bela obra de análise científica realizada por um dos maiores polémistas do Espiritismo. A coluna mestra da Doutrina é ali reforçada com argumentos fortíssimos ao serviço de um estilo aprimorado que revela o crítico e o cultor das belas letras.

Preço — 30$00

AFINAL QUEM SOMOS?

por Pedro Granja

Livro de filosofia espírita prefaciado pelo grande escritor brasileiro Monteiro Lobato, nele se percorrem caminhos e expõem verdades intangíveis que ficarão para os séculos. «De onde viemos e para onde vamos?», eis a pergunta a que se procura responder nesta obra, vasada em prosa tersa, digna de figurar em todas as estantes.

Preço — 50$00

NOVOS RUMOS À MEDICINA

pelo Dr. Inácio Ferreira

Encontra-se nesta redacção o 1.º e 2.º volume desta obra admirável que o Doutor Inácio Ferreira escreveu aproveitando os ensinamentos que lhe deu à prática da cura psíquica. Ilustrada com numerosíssimos exemplos dignos de menção, colhidos no Sanatório Espírita de Uberaba, que rege há muitos anos, dirige-se principalmente aos médicos e aponta-lhes rumos novos que muito beneficiariam a humanidade.

Cada volume encadernado — 60$00

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

pelo Dr. Fred Wachsmann

Estudo filosófico comparativo das doutrinas materialistas, neo-positivistas, espiritualistas e esotéricas, visando os principais problemas da astronomia, da física matemática e da genética, terminando pelo estudo da alma humana, através do espiritismo científico. Trabalho realizado com o concurso de Isidoro Duarte Santos.

Preço — 50$00

A GRANDE SÍNTESE

de PIETRO UBALDI

Eis uma obra magnífica que há perto de 20 anos apontou caminhos à física nuclear, revelando segredos que os sábios de hoje julgaram descobrir em primeira mão!

Recebida através da mediunidade intuitiva de Pietro Ubaldi, está traduzida em várias línguas e brevemente será conhecida na Índia e na Arábia.

Quem quiser adquiri-la, faça imediatamente o seu pedido, visto nos restarem pouquíssimos exemplares e esta edição de luxo encontrar-se pràticamente esgotada.

Preço — 120 escudos

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor* ...	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ...	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ...	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* ...	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade ...	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira* ...		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta* ...	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, *por João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Oiven*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM:

Ser Espiritista, da **Redacção**; O Futuro do Espiritismo, por **Santa Cruzara**; Espíritos Familiares (Do Livro «Dois Mundos»); A Missa Negra, por **António Cardoso**; Um Caso de Amnesia; Caravana da Fraternidade, por **Leopoldo Machado**; A Volta de Bernard Shaw; O Livro «Dois Mundos» Anotado por **Ramos Pereira**; O Espirita e a Paz, por **F. Noronha**; Palingenesia, por **Alfredo Miguel**; Quimera, por **Isidoro Duarte Santos**; Arabescos, por **Abdallah**; Jesus no Evangelho de João, Comentários Evangélicos de **Saulo**; «Dois Mundos» e a Crítica Profana; A Crise Introspectiva, por **Tito L. Bancéscu**; Homenagem a Jesus, por **António Martins**; As Nossas Edições; A Reencarnação, por **Ângelo da Costa Cabral**; «Dois Mundos», por **F. Noronha**; Livros de Todo o Mundo, comentados por **Ramos Pereira**; União, soneto por **Amaral Ornelas**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

BERNARD SHAW

(Ver pág. 73)

12.º ANO MARÇO DE 1951 N.º 3

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espiritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1951 — N.º 3

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** — Director Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** — Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 66 05

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 52 95 — LISBOA

SER ESPIRITISTA

Em Janeiro último transcrevemos de La Conciencia, *de Buenos Aires, um artigo intitulado «Novo Tipo de Espiritista» e publicámo-lo na «Crónica Estrangeira» com justos comentários. Entre outras coisas, dizia o articulista: «achamos necessário um programa orgânico tendente à formação desse novo tipo». E mais adiante: «O nosso ideal reclama indivíduos conhecedores do que é o Espiritismo e a Metapsíquica, sobretudo que saibam dar resposta firme aos problemas que qualquer neófito científico ou curioso lhes possa apresentar. Precisamos de homens de consequência espirita em condições de se colocarem ao nível científico, filosófico e ético do que é o nosso ideário».*

Porque este tipo já existe, definido e seleccionado, achamos conveniente propagá-lo demonstrando a sua eficácia. O Espiritismo não pode admitir outros adeptos, nem pactuar com misticismos espúrios que, longe de enobrecer a Doutrina, a deprimem e abastardam. O verdadeiro tipo de espiritista é um valor moral e mental que estuda e medita na sua transformação, que só pode basear-se no conhecimento efectivo. Sem estudo não há conhecimento e sem conhecimento não há evolução. Limitarmo-nos a vago anseio é muito pouco para quem deseja impor um sistema filosófico de consequências tão graves e variadas. Além disso, a posição em que nos encontramos é melindrosíssima. Parece haver tendência para combater sistemàticamente o que se não conhece. Assim, não só é preciso reabilitar o termo Espiritismo, *como impô-lo às classes cultas, de modo que o aceitem sem apriorismos.*

Ninguém ignora que a marcha da doutrina se deve em grande parte aos cientistas que a princípio a combateram sem indagação. Kardec, Denis, Delanne, Bozzano, Flammarion, Conan Doyle, Oliver Lodge e William Crookes, para só falar de alguns, acharam-na digna de atenção e procederam ao seu estudo aturado. O preconceito não os demoveu de seu intento. A mofa não os abalou. Sabiam que o riso venal é quase sempre idiota e que só o espírito científico pode dominar as massas e orientá-las. O instinto de rebanho é sintoma de inferioridade em qualquer latitude e só as almas racionalmente modeladas conseguem atingir os alvos do progresso. Por isso, não é espiritista quem quer, mas só aquele que o mereça, só aquele que se eleve ao nível adequado, que saiba e possa encarnar a doutrina dos espíritos através de uma linha de coerência.

Para se defender uma causa é necessário estudá-la a fundo, não descurando as causas daqueles que atacam, mais ou menos abertamente. Às vezes, as «pedras» dos adversários não pesam na balança da crítica séria; mas se os espiritistas não estiverem à altura da situação, em vez de firmar o baluarte, deixá-lo-ão exposto ao vendaval.

Nunca nos cansamos, pois, de apontar o erro de quem julga que basta «crer» para se ser bom espiritista. Nesta atitude há instinto de rebanho, a que nos devemos opor sem piedade. A fé liga-se à razão e o resultado é positivo. A crendice liga-se à ignorância e à superstição. Nunca o Espiritismo poderia basear-se em crenças mirabolantes. Os seus postulados dirigem-se a todas as pessoas de bom-senso, lançam luz poderosa no humanismo deste século depravado, mas só uma sólida cultura os pode compreender e interpretar.

Falando de Espiritismo a um familiar dono de grande cultura, respondeu-nos sinceramente:

— Reconheço que é uma bela doutrina, mas exige muito esforço de compreensão. E como tenho necessidade de crer, fiz-me católico. É mais cómodo. Basta me crer e pronto.

Ao espiritista não basta a crença. É preciso alicerçá-la. Quanto mais forte é a base, mais duradoiro é o edifício. Portanto, toca a estudar e a meditar, para que sejamos adeptos perfeitos à altura da doutrina que abraçámos. A opinião de La Conciencia *é a opinião de* Estudos Psíquicos.

O FUTURO DO ESPIRITISMO

Na época actual, em todos os campos onde se cultivam as mais elevadas funções do espírito, os homens que representam o espiritualismo, as religiões e a filosofia, ainda não deram por um facto novo, isto é, que a ciência se desenvolveu e está tomando proporções formidáveis. Estas palavras tentam ser um grito de alarme para encararmos a realidade dos factos. Palavras, mas que, palavras como são, podem ter significado, exprimir uma tendência, uma necessidade sentida.

A filosofia, com os seus derivados, caminha ainda pelos velhos trilhos das questões teóricas, e o espiritualismo, nos seus diversos ramos, está agarrado aos velhos autores de há 50 ou 100 anos. Ninguém pensa em relacionar todas estas coisas com as mais recentes descobertas da física moderna, por exemplo, com a teoria da relatividade de Einstein ou com a dos *quanta* de Planck, e que as equações matemáticas que profundam a substância da matéria e da energia possam estabelecer, hoje, as bases para uma nova concepção que amanhã revolucionará o actual modo de conceber o espiritualismo.

Impossível se torna desenvolver aqui tão vasto assunto. Contentar-nos-emos em resumir um artigo: «O Espiritismo e o Futuro da Ciência», publicado na revista *Constancia*, de Buenos Aires, em 16 de Março de 1949, escrito por uma das melhores penas espiritualistas do Chile, Ernesto Moog, de Santiago.

«O mundo mais subtil do imponderável começa a ser atingido pelas investigações científicas e, com a maior surpreza, os cientistas contemporâneos encontram-se diante de elementos e valores por tal forma imateriais, que não conseguiram apresentá-los senão pelas mais abstratas fórmulas matemáticas que a mente moderna possa conceber...».

«...à medida que prosseguem e mais profundas se tornam as observações dos cientistas neste sector, mais se encontram elementos imponderáveis, constituídos por ondas, por probabilidades, por coisas indeterminadas, acumuladores imateriais de energia, contínuos espaço-tempo em perpétuo movimento, etc.

«Por outro lado, no verdadeiro campo do imponderável, no domínio do espírito, no campo da consciência, do psiquismo e do subconsciente, os progressos realizados, a despeito dos esforços de alguns estudiosos, são muito escassos. A evolução do Espiritismo, metapsíquica e parapsicologia, nesse campo, durante o último quarto de século, tem sido tão lenta, que não se pode afirmar mais do que o progresso no conhecimento profundo do espírito.

Continuamos a citar o Prof. Richet e o doutor G. Geley como autoridades máximas na ciência do espiritualismo moderno e espanta-nos ver que estas duas personalidades, alvo da nossa admiração, mal são consideradas pelas pessoas de cultura científica moderna e por aqueles que estão ao corrente dos últimos resultados do saber humano.

«A verdade é que devemos reconhecer que o Espiritismo, no verdadeiro sentido do termo, precisa de importante revisão e adaptação que o coloquem em rigorosa e exacta conexão com os métodos, descobertas e processos de investigação da ciência moderna.

«Sendo o Espiritismo um meio para evolver, deve, como meio, ser constantemente ajustado, melhorado e aperfeiçoado. As experiências, hipóteses e afirmações do professor Richet, assim como as do doutor Gustavo Geley, Osty, Schrenk-Notzing, Hans Driesch, etc., embora sejam ainda válidas nalguns pontos essenciais, de um modo geral, precisam ser confirmadas por provas, ampliadas e completadas por dados das mais recentes investigações, baseadas sobre tudo quanto a moderna física relativista e quantística traçou, como esquema de uma nova multidimensional estrutura do Universo, com tão grandes consequências para a ciência exacta.

«Muitos, mal informados no que diz respeito à grande revolução que se está produzindo no pensamento e pesquisas científicas, talvez considerem exageradas estas palavras. No entanto, quem com psicologia científica aborda o nosso espiritismo experimental e filosófico, que se limita ainda a discutir noções físicas, biológicas, médicas e psicológicas que estão contidas nos livros de há oitenta, cinquenta e trinta anos, experimenta uma

sensação de recuo, tão desagradável, que não deve causar espanto vê-lo fugir a semelhante meio negativo e estéril. O caminho das pesquisas está livre e é renovador, sem dogmas metafísicos e doutrinários...».

É esta a primeira parte do artigo. Embora ele se refira, particularmente, ao espiritismo dogmático e doutrinário, espalhado pela América do Sul, espiritismo que, como orienele se refira, particularmente, ao espiritismo lismo, tudo quanto acima está escrito pode tação e conteúdo, é um aspecto do espiritualismo. Tudo isto, portanto, pode referir-se também à metapsíquica, à teosofia, à filosofia e às religiões. O problema, portanto, é de importância universal.

Na segunda parte, o dito artigo refere-se a um livro já enquadrado no Espiritismo, porque foi inspirado, um livro publicado em Itália, mas que é capaz de revolucionar, conforme afirma Moog, o pensamento espirita e

por SANTA CRUZARA

espiritualista moderno, especialmente na América do Sul, considerando-o de acordo com a ciência. Continuamos a traduzir, sem intenções de louvor ou reclamo, coisa que não está na minha ideia, as principais frases do artigo escrito por Ernesto Moog:

«Uma única luz, porém esplêndida e brilhante, poderá atrair a admirada atenção de todos aqueles que aspiram a encontrar no campo científico e filosófico os conceitos capazes de arrancar o Espiritismo ao estado de estagnamento e elevá-lo. Mas esta estrela luminosa, grande contribuição de ideias novas, de sapientíssimas noções e maravilhosas perspectivas para um futuro científico, filosófico e social, não foi apreciada devidamente por aqueles que tiveram a inapreciável dita de receber em depósito tanta luz. Referimo-nos aos conceitos e demonstrações encerradas na «Grande Síntese», que confirmam os resultados mais decisivos que o saber humano pode obter no campo científico e filosófico.

«Mas onde se estudam, se analisam e compreendem e se divulgam, actualmente, estes esclarecimentos, no campo do Espiritismo?... Quem estuda estes dados e conceitos que já estão transformando o panorama geral científico do Universo do homem?...

«Ninguém pode responder a estas perguntas que implicam o crédito e o próprio futuro do Espiritismo, como instrumento máximo da evolução da consciência humana. Torna-se verdadeiramente doloroso verificar que, enquanto se perde um tempo precioso, discriminando títulos e etiquetas doutrinárias que representam, ùnicamente, exterioridades inconscientes e passageiras, o mais profundo e essencial do Espiritismo, o que mais valor tem, o mais útil e que, realmente, orienta, seja desprezado e posto de lado com inconsciente ignorância, como coisa secundária e desprezível.

«Toda a trajectória que a física moderna está percorrendo com enormes esforços e laboriosas investigações, surpreendentes e desconcertantes descobertas, no mundo subtil do imponderável, foi antecipada, estabelecida e magistralmente exposta na «Grande Síntese», tornando-nos assim possuidores da consciência mais completa, adiantada e atendível que se possa obter neste domínio do saber. Só falta o esforço e a atenção necessária por parte dos estudiosos espiritas para coordenarem os dois conhecimentos, isto é, o da «Grande Síntese» e o da ciência, numa demonstração clara e completa, que torne evidente que no nosso campo também existem elementos que todos os pesquisadores e pensadores possam utilizar com certeza e solidez, como aqueles que se obtêm nos outros campos de observação e experiência.

«Aquilo que dissemos para a física pode também aplicar-se à psicologia, à metapsíquica, à biologia e às ciências sociais e políticas, pois a «Grande Síntese» aborda todos estes problemas por forma que pode considerar-se inexpugnável, do mais avançado ponto de vista do pensamento científico e filosófico de hoje que, como prevemos, estará de acordo com os conceitos que dominarão no futuro. Falta apenas, como já disse, um trabalho tenaz e profundo para classificar e coordenar a imensa soma de dados, sugestões e informações precisas que a valiosa mensagem contém, de modo que tudo seja, devidamente, posto de acordo com as observações, experiências e verificações da ciência actual.

«Considerando que o pensamento científico e filosófico está penetrando no campo subtil e abstracto do imponderável e imaterial, ultrapassando a posição mais avançada que o Espiritismo supunha possuir, o bom senso impõe completa rectificação do caminho seguido até agora, para além das estéreis e nulas discussões sobre diferença de nomes. Antes de tudo,

ESPÍRITOS FAMILIARES

O primeiro passo no além é semelhante ao primeiro passo da criança. Os familiares nos amparam, nos despertam os sentidos com experiências integradas no mundo actual. Ao fim de certo tempo adquirimos sensibilidade e mobilidade adequada ao nosso mundo. As faculdades supranormais dos humanos passam a normais no ser espiritual.

Os espíritos familiares tomam parte na nossa vida e na vossa. São orientadores complacentes. Estimulam a inteligência e o coração.

Eu senti logo a influência desses amigos dedicados e achei-a natural. Não me detive a procurar-lhe a causa. Enquadrei-me no fenómeno e compreendi-o. São agentes providenciais em qualquer mundo sujeito a progresso espiritual. O que sabe ensina o que não sabe. Dá o que recebeu. É reciprocidade. O ser nunca fica abandonado. Há sempre instrumentos divinos que o auxiliam. Ajuda que se presta é dívida que se paga.

Há fenómenos que nos parecem misteriosos. Ignoramos-lhes a causa e andamos muito tempo a pensar neles. Nenhuma luz se faz e a nossa ignorância permanece. E recorremos aos familiares. Notam os anseios do neófito e às vezes sorriem amigàvelmente. É que nem tudo se pode compreender. Outras vezes explicam com paciência. Descem ao pormenor. Nada fica por dizer.

Vamos compreendendo, vamos avançando. A libertação é o alvo de todos os seres.

Quando a semente cai na terra fica ali um destino concentrado. *A planta germina e cresce. Dá flor e fruto. Renova-se. Dá outras flores e outros frutos e volta ao seio da terra, onde novas sementes cairão para germinar e florescer.* É um ciclo de harmonia em que Deus se encontra manifestado.

O espírito tem um ciclo semelhante a percorrer. Nasce e renasce em várias formas, levando sempre ideias de expansão. Quer subir, quer regressar à unidade. Por isso eu digo que a libertação é o alvo de todos os seres.

São meras noções de filosofia da vida que os familiares nos dão em conversa amena. Depois há amigos conspícuos que nos obrigam a meditar em maiores problemas. Quem os pudesse resolver! Seria abrir janelas sobre os mares do espírito! Seria penetrar em terreno vedado à curiosidade do neófito!

(Do livro DOIS MUNDOS, ditado por Maria Gonçalves Duarte Santos)

isto impõe a unidade de todos os estudiosos e lutadores deste ideal, a fim de que se obtenha o resultado que deliniei. Só assim poderemos sair do quadro árido e triste das seitas religiosas dogmáticas, desafogar-nos da letra morta de infecundas exégeses, numa antecipação certa daquilo que o Espiritismo será amanhã».

Finda aqui o artigo de Moog. Acreditamos que aquilo que se diz em Buenos Aires possa interessar, de um modo geral, também a nós. Compreendemos que tudo aquilo nos toca de perto, muito mais do que supomos, quando pensamos que as ciências físico-matemáticas, à força de avançar em profundidade, estão hoje às portas do espiritualismo e não tardará que o demonstrem. A solidez, toda sensória, em que se baseava a mecânica clássica e o materialismo, está hoje reduzida a uma probabilidade matemática e o electrão a um acumulador de ondas. A energia, entidade fundamental do Universo, está reduzida a uma abstracção matemática — a constante integração de uma equação diferencial. A ponte da física para o mundo do espírito já se encontra lançada. A estabilidade da matéria não é mais do que uma estabilidade abstracta, isto é, a da Lei que a rege. Eis no que se tornou a matéria, por obra da própria ciência.

(Trad. de SIBIL)

A MISSA NEGRA

Por ANTÓNIO CARDOSO

Aqueles que durante longos anos viveram em África ou que ocasionalmente passaram por essas terras, são unânimes em declarar que o *batuque* exerce sobre os seus nervos uma sensação estranha, que se manifesta como um estimulante: a maior parte desses indivíduos, numa certa altura da cerimónia perde completamente o *contrôle,* e ei-los a erguerem-se e tomarem também parte nas estranhas danças e ritos que os selvagens executam. E o que ainda é mais curioso é que muitos desses indivíduos, pessoas de bastante cultura, chamando-se a si próprios *espíritos fortes* haviam prèviamente dito que iam apenas assistir àquilo por curiosidade, sem receio algum de que o som da música as pudesse perturbar. E no entanto, a influência deu-se como nas outras pessoas... e só no fim, quando a cerimónia termina, é que se mostram muito surpreendidas como aquilo aconteceu, perguntando a si mesmas porque razão foram obrigadas, mesmo contra a sua vontade, a incorporar-se em tão estranho rito!

Essas pessoas esquecem-se ou ignoram que já passaram há muitos e muitos anos por essa *etape* do caminho evolutivo e, como os selvagens de hoje, também dançaram os seus batuques com todas as cerimónias complementares. Esses factos ficaram registados no *inconsciente colectivo,* e só afloram mais intensamente ao campo da consciência, quando um factor externo a isso obrigue. No caso presente o factor externo é representado pelo próprio batuque que vai recordar — ou melhor — *acordar* experiências vividas.

A *Goécia* vai mais longe nos seus ritos, pois não só cria cerimónias que fazem acordar experiências vividas em épocas anteriores como igualmente desperta — e de que maneira! — as mais baixas paixões animais. Servindo-se de um ambiente próprio, misto de terror e sensualidade, consegue transformar os homens em meros farrapos, subjugados inteiramente pelos mais baixos instintos e muitas vezes ainda pelos espíritos inferiores que costumam acorrer a essas práticas malditas.

Os crimes a que tem conduzido a *Missa Negra* não precisam de ser procurados, pois a História relata-os a cada passo. No tempo de Luiz XIV, por exemplo, a França viveu um dos seus períodos mais vivos nesse aspecto, e centenas e centenas de pessoas encontraram a morte, mercê dos perniciosos resultados de tão estranha prática. Voisin — uma *bruxa* célebre — para as suas missas, nas quais era preciso sacrificar uma criança, recorria ao miserável expediente de as comprar às mães solteiras que desejavam desfazer-se do produto dos seus amores ilícitos, e quando isto não era suficiente raptava os filhos das criaturas que estavam ao seu serviço. Essas desgraçadas eram em seguida mortas, como disse, e o seu sangue servia para amassar a hóstia negra desse rito diabólico.

Eis a descrição pormenorizada de uma *Missa Negra,* na qual se vê até onde o homem pode chegar, quando desce à escada da maldade e da sensualidade (Vide *Madame de Montespan e a Magia Negra,* de A. Vieira d'Areia»).

«Para surtir efeito, a missa negra tinha que ser celebrada por três vezes. A primeira efectuou-se na capela de Villebousin; a segunda, quinze dias ou três semanas depois, numa habitação mais arruinada, em Saint-Denis; a terceira em Paris, numa casa aonde o sinistro «padre» foi conduzido de olhos vendados. É esta última que o Dr. Lègué nos descreve e parece ter-se realizado num pavimento que existia ao fundo do jardim de uma casa da rua de Beauregard, pertencente à marquesa. A ela assistiram a Voisin, sua filha e mais duas bruxas.

«Lesage procedera às práticas do «mistério» que devia anteceder o ofício diabólico. Uma das bruxas trouxera uma criança de poucos dias, comprada por um escudo de ouro. Romani, outro dos acusados ouvidos por la Reynie, acendeu o forno para derreter a banha de enforcado, fornecida pelo carrasco Guillaume, amante da Voisin, como já dissemos. Tratava-se de fabricar o círio negro que iluminaria a cerimónia.

«Embora fosse aquela a terceira vez que se preparava para o estranho rito, a Montespan (1), a quem a Voisin ajudava a desnudar-se, mostrava-se nervosa. Teve um estremecimento quando os vestidos cairam, para que, inteiramente nua, servisse de altar.

«A bruxa aconselhou-lhe coragem, ao senti-la hesitante. Num movimento instintivo segurara as últimas roupas que tombavam soltas pelos dedos ágeis da menina Desoeillets.

«— Bem sabe que, para o pacto que vai celebrar com o poderoso espírito das Trevas, é preciso que o seu corpo fique nu — lembrou a Voisin.

«— E o sangue da criança cairá sobre mim!... — murmurou a marquesa.

«— Parecerá esmaltado de rubis esse mármore precioso que o rei adora — respondeu a Voisin num galanteio arripiante.

«Foi mais forte o estremecimento do esplêndido corpo nu.

«— Não! Não quero!...

«— Pense no trono de França! Pense no amor do rei! Nada receie! Satanás apreciará a oferenda de tão divino corpo.

«Nua, apenas a mascarinha a tapar-lhe meio rosto, num simulacro de incógnito que para nada servia, a marquesa dirigiu-se para o altar improvisado com algumas cadeiras cobertas com um pano negro.

«Na pequena quadra o silêncio tornava-se impressionante. A luz trémula das velas dava cambiantes dourados à carne magnífica que a negrura da toalha realçava. De incensários dispostos aos

(1) Montespan era a amante oficial de Luiz XIV, tendo por isso enorme influência na Corte Francesa.

pés e à cabeça desprendia-se fumo acre, mistura de incenso com ervas e pós misteriosos, de composição só conhecida pela bruxa e pelo seu ajudante Lesage.

«A voz rouca do sacerdote maldito entoou as litanias do ritual. A Voisin desempenhava o papel de sacristão e dava as respostas.

«E a cerimónia desenrola-se num ignóbil maqueamento. A bruxa agita um campainha. Guibourg ajoelha e beija o vivo altar, que estremece, num arrepio imenso... Aproxima-se o instante supremo.

«O oficiante mistura no cálice cinzas e pós inomináveis. Falta o sangue quente e virgem para fabricar a pasta esconjuratória. A Desoeillets entrega ao padre a criança, que chora de mansinho. Guibourg ergue-a acima da cabeça e exclama:

«— Santanás! Sacrifico-te esta criança para que me concedas o que te peço!

«Com uma lanceta, golpeia o pescoço da vítima, que solta um grito agudo.

«O oficiante deixa que se esgote o corpito franzino, entrega-o já inerte à Desoeillets. Será incinerado, como tantos outros, no forno da Voisin.

«O círio feito com a gordura de enforcado está quase consumido. Antes que se apague, o oficiante ergue o cálice e pronuncia o esconjuro final».

O pior de tudo, é que, a pesar de nos encontrarmos em pleno século XX, estas práticas, longe de se encontrarem em decadência, surgem por toda a parte, ceifando cada vez mais vítimas. Em 1919 a revista inglesa *Reader's Magazine* num artigo intitulado *Today London Satan's Warship* conta que se havia descoberto mais uma destas práticas em Londres, perto de Bloomsbury Square; o articulista afirma que os presentes celebravam nessa loja a missa negra, que nada tinha com o rito que descrevemos atrás, pois era «apenas um pretexto para várias pessoas depravadas satisfazerem os seus vícios infames». Em 1946 o jornal brasileiro *Globo* dá-nos a notícia de uma loja idêntica, na qual um dos presentes foi levado ao suicídio por sugestão do próprio director, ingerindo um forte tóxico.

E como estes, muitos e muitos mais exemplos poderíamos apresentar, exemplos que mostram até onde o homem pode chegar quando é presa das mais baixas e crueis superstições. Sim, é o fanatismo, aliado a uma ignorância sem precedentes, que faz o homem praticar essas missas negras, nas quais inocentes seres, inocentes criancinhas que nenhuma culpa têm da maldade do Mundo, são arrancadas à vida sem dó nem piedade; sim, é o fanatismo que faz com que essas mulheres, às vezes pessoas de relevo na sociedade (como neste caso da Madame de Montespan) se dispam completamente para servirem de ídolos; sim, é o fanatismo, continua sendo sempre a superstição, que faz com que esses *sacerdotes* precisem de sangue humano para executarem os seus ritos infernais. Não, não queremos contemplação alguma com tais práticas. Desta tribuna insurgimo-nos contra todos estes ritos, contra todas estas atrocidades, contra todas estas mortes, contra tudo, tudo isto, de que nada, absolutamente nada se aproveita. E só lamentamos que milhares de crianças tenham sido vítimas destes *sacerdotes* e assim precisem novamente de vir ao mundo recomeçar a vida que lhes foi tirada pela mais baixa, pela mais ignóbil superstição, aliada a uma sensualidade sem precedentes.

UM CASO DE AMNESIA

A Agência Latina fez circular a seguinte notícia datada de Londres:

Uma jovem passeava com o marido e os filhos numa praia. Subitamente sente-se mal e cai na areia. Transportada para o hospital de Paddington, a sr.ª Snell dorme durante 12 horas. Ao despertar verifica que esquecera seis anos da sua vida. Julga-se em plena guerra, ainda mobilizada no Corpo Auxiliar Feminino da R. A. F. Pede a sua farda. Uma enfermeira interroga-a e ela responde:

— Chamo-me Mamie Smith. Tenho 18 anos.

A enfermeira diz-lhe:

— A senhora tem 24 anos, não é menina Smith, está casada e chama-se agora sr.ª Snell. A guerra terminou há anos. Estamos em 1950.

A enferma não quer acreditar. Chamam o marido, mas ela não o reconhece. Entram também os seus filhos, a pequena Margot, de três anos, e Brian, de dois. Os médicos julgavam que, desta forma, a jovem recuperaria a memória. Não era possível que a mãe desconhecesse os filhos. Os dois garotos, assustados com o ambiente do hospital, avançam timidamente em direcção ao leito. A mãe fita-os admirada e diz, como se os visse a primeira vez:

— Linda criança!...

A cena arranca lágrimas a todos os presentes, até aos médicos mais endurecidos.

A sr.ª Snell, à força de tanta insistência, acabou por acreditar que, de facto, perdera a memória, que era esposa de um jovem meteorologista e mãe daquelas duas lindas crianças. Agora sabe tudo, mas não sente. Vive no seu lar como estranha. Fala sempre de um jovem aviador que dançava com ela em 1944.

Há dias, como seu marido acendesse a luz da sala, pôs-se a gritar e mandou baixar a cortina por causa da defesa passiva.

Os médicos investigam que espécie de choque ou obsessão a teria feito regressar à época anterior ao casamento. Semanas antes do acidente tinha recebido diversas cartas anónimas. Os médicos esperam curá-la um dia. Entretanto, a pobre mulher permanece em casa como estranha e repele, surpreendida, as duas crianças que não reconhece e que lhe estendem os bracinhos, exclamando:

— Mamã! Mamã!

CARAVANA DA FRATERNIDADE

por LEOPOLDO MACHADO

A última fase da *Caravana da Fraternidade* foi em Belo Horizonte e Pedro Leopoldo.

Terminou onde devia.

O «Espírito Santo», da *Aerovias*, levantou voo ao amanhecer de S. Luiz do Maranhão. Depois de dez horas incompletas de voo, em Belo Horizonte. E, à noite, depois dos cavaraneiros repousados de cinco horas, em Pedro Leopoldo.

Na Pampulha, irmãos queridos, a despeito do quase imprevisto da chegada, que lotaram um *onibus* e quatro automóveis, à nossa espera.

E mais abraços e cordialidades, bem iguais aos que, por toda a parte, andaram os caravaneiros recebendo. Confrades e irmãs queridas, jóvens e mais velhos, todos, ansiosos de entrar no conhecimento dos pormenores e propósitos da excursão.

— Os melhores propósitos, não há negar. Todos anseiam a mesma coisa, ainda que perlustrem caminhos aparentemente dissemelhantes...

A sessão no *C. E. Luiz Gonzaga*, em Pedro Leopoldo, foi longa. Aliás, como soe acontecer sempre. Só depois de tiradas umas quinhentas receitas pelo Chico Xavier e seu irmão André, vieram as mensagens para a Caravana. Apenas, duas: a mensagem do Emmanuel e um belo soneto de Amaral Ornelas. Duas coisas muito significativas a assinalar: sòmente os dois grandes Espíritos não estiveram em contacto, através de médiuns insuspeitíssimos, com os caravaneiros, durante a excursão. Os outros, que compõem a Caravana Invisível, como afirmaram e demonstraram eloquentemente — Guillon Ribeiro e Cairbar Schutel, José Petitinga e Humberto de Campos, Viana de Carvalho e Bezerra de Meneses, Fred Figner e Catulo Cearense — encontraram oportunidade para trazer-nos seus incentivos. E no belo soneto de Ornelas, — irmão querido com quem mantivemos a maior cordialidade no plano material — frisa o autor o 40.º dia de actuação da Caravana. Quarenta dias exactíssimos,, em que nenhum de nós havia posto atenção!

No dia seguinte, um almoço muito íntimo e fraterno, na *Sopa dos Pobres*. Uma gentileza sem nome e uma alta prova de pura fraternidade que os queridos irmãos mineiros oferecem aos três caravaneiros. E foram completadas quatro grandes mesas. Coube-nos a prece de graças por aquele derradeiro ágape do extraordinário programa da Caravana da Fraternidade. O Noraldino de Castro faz o oferecimento do almoço, em nome de seus companheiros e a saudação aos caravaneiros. Francisco Spinelli agradece. Batem-se algumas chapas, para maior fixação material do acontecimento. Ambiente em tudo à alta do alto ideal que nos reunia ali, aguardando reunião maior, logo mais, à noite, na *União Espirita Mineira*.

E na reunião da noite, o primeiro relato de público do que fora a *Caravana da Fraternidade* ao longo do Norte, desde Salvador a Manaus, com pousada e demora em todas as capitais e mais em Parnaíba.

A presidência da reunião, que atraíu assistentes para repletar, completamente, a sede da U. E. M., coube ao venerando dr. Camilo Chaves. A prece inicial coube ao Carlos Jordão da Silva, que faz o primeiro relato, abrangendo as quatro primeiras cidades visitadas. Depois, Francisco Spinelli e nós. Entre um e outro relato, a actuação dos moços com números de arte, declamação e canto. O jovem Newton Boechat profere a prece de encerramento, e encerra-se a sessão.

Agora a mensagem de Emmanuel recebida por Francisco Cândido Xavier e dirigida a Leopoldo Machado, Jordão da Silva e Francisco Spinelli:

Meus amigos, muita paz.

Jesus é o centro divino da verdade e do amor, em torno do qual gravitamos e progredimos.

Por se guardarem leais em torno d'Ele, unidos, não só nas plataformas verbalísticas, mas também na fraternidade real e no espírito de sacrifício, os cristãos da epopeia evangélica inicial sofreram, lutaram e amaram, durante trezentos anos, esperando a renovação do mundo.

Hoje, o espectáculo é diferente. Não mais tronos de tirania na governança dos povos e não mais os circos de lama e sangue, exigindo a renúncia extrema nas angústias da sombra e da morte, mas prevalecem dentro de nós as forças escuras da perturbação e da desordem, reclamando o exercício de toda a nossa capacidade de trabalho restaurador no mundo de nós mesmos.

Há uma Terra diferente aguardando-nos os corações e as mãos na restauração da Vida. E o Espiritismo Cristão, pelos espiritistas, é a luz que deve resplandecer para os tempos novos.

Daí, o imperativo de nossa unificação nos alicerces do serviço. Claro que a sintonia absoluta de todas as interpretações doutrinárias num foco único de visão é realização impraticável e, por agora, impossível. Cada criatura contempla a natureza e o horizonte do ângulo em que se coloca. O semeador do vale não verá o mesmo jogo de luz no Céu, susceptível de ser identificado pelo observador do firmamento situado no monte.

Que os trabalhadores do bem sejam honrados na posição digna em que se colocam. O jovem é irmão do mais velho e aquele que ampara o alienado é companheiro do missionário que escreveu um texto consolador. A Doutrina Redentora dos Espíritos é um edifício divino na Terra, e o servidor que traça paisagem simbólica e sublime no altar mais íntimo desse domicílio sagrado de fé, não pode ironizar o cooperador que empunha a picareta nas bases da casa para sustentar-lhe a higiéne, a segurança e a beleza, muitas vezes com suor e lágrimas.

Cultuemos, acima de tudo, a solidariedade legítima. Nossa união, portanto, há-de começar na luz da boa vontade.

Guardemos boa vontade uns para com outros, aprendendo e servindo com o Senhor, e felicitando aos companheiros que se confiaram à tarefa sublime da confraternização, usando o próprio esforço.

Rogo ao Divino Mestre nos fortaleça e ajude a todos nós.

EMMANUEL

A VOLTA DE

Ainda há pouco nos referimos ao passamento do célebre dramaturgo inglês. Ao cabo de 94 anos de irreverência, durante os quais analisou à sua moda os mais bizarros aspectos da vida, disse adeus à Terra e aos seus habitantes, que ele crivara de setas aceradas. Atrás do cepticismo que exteriorizava havia dúvidas salvadoras que o levavam a encarar possibilidades fenoménicas. No fundo acreditava. E como era falador, ia além do que devia.

O que se segue foi transcrito do semanário espirita *Two Worlds,* de Manchester, e traz a rubrica do seu director, Ernest Thompson, e a data de 10 de Fevereiro.

Um pouco adiante, ao lado direito, vê-se o *facsimile* da assinatura do grande G. B. S., escrita ainda em vida. Em baixo vê-se o *facsimile* de quatro assinaturas sucessivas feitas pelo espírito de Bernard Shaw, através da mediunidade de Joseph de Santos, o conhecido médium de Manchester.

As pessoas que assistiram a esta sessão não tinham sequer pensado numa manifestação de B. Shaw. A aposição das assinaturas, antes do facto se dar, era desconhecida dos presentes e deu-se em resultado duma prova de identidade pedida pelo editor de *Two Worlds.* As duas primeiras assinaturas foram escritas a lápis. Bernard Shaw não ficou satisfeito com elas. Deram-lhe uma caneta e então fez as duas restantes com extraordinária rapidez. OS OLHOS DO MÉDIUM ESTAVAM COMPLETAMENTE VENDADOS.

É impossível que, tanto o médium, como qualquer outra pessoa, pudessem ter produzido, deliberadamente e com tal velocidade, as assinaturas tão convincentes e aperfeiçoadas — mesmo depois de longa e cuidadosa prática — e muito menos em resposta a um pedido inesperado.

Numa sessão recente com Joseph de Santos, estavam reunidos Frederico Duarte, Dennis Russel, Tom Gill e o autor, com o fim de obterem informações técnicas referentes ao novo instrumento «telepatónico» para comunicação com o Mundo Espiritual. A dita sessão tinha sido combinada, ùnicamente com este objectivo. Por isso, a manifestação de B. Shaw foi completamente inesperada. A aposição da sua assinatura em resposta a uma prova pedida, no momento, não podia de maneira alguma ter sido preparada com antecedência.

O Dr. MacCoy, um americano que tem grande interesse nas experiências que estão sendo levadas a cabo pela «Spirit Electronic Communication Society» e que está em contacto com os cientistas do Mundo Espiritual, tinha-nos dado alguns conselhos relacionados com o novo instrumento.

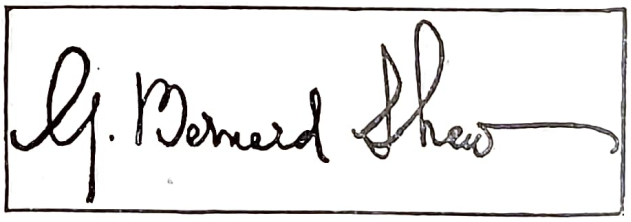
Nesta conferência espiritual (a «sessão» não é a palavra mais própria para descrever a chegada e a partida dos espíritos) Harry Kerry, o guia do médium anunciou que tinha uma surpresa a fazer-nos.

Uma pessoa muito importante — disse ele — ia falar através do médium e ser-lhe-ia difícil, pois tinha tido bastante trabalho para fazer-lhe compreender a posição da sua vida no Mundo Espiritual.

De repente, o médium foi perturbado, como se um espírito tivesse dificuldade de incorporar.

— Quem sois? — perguntámos-lhe.

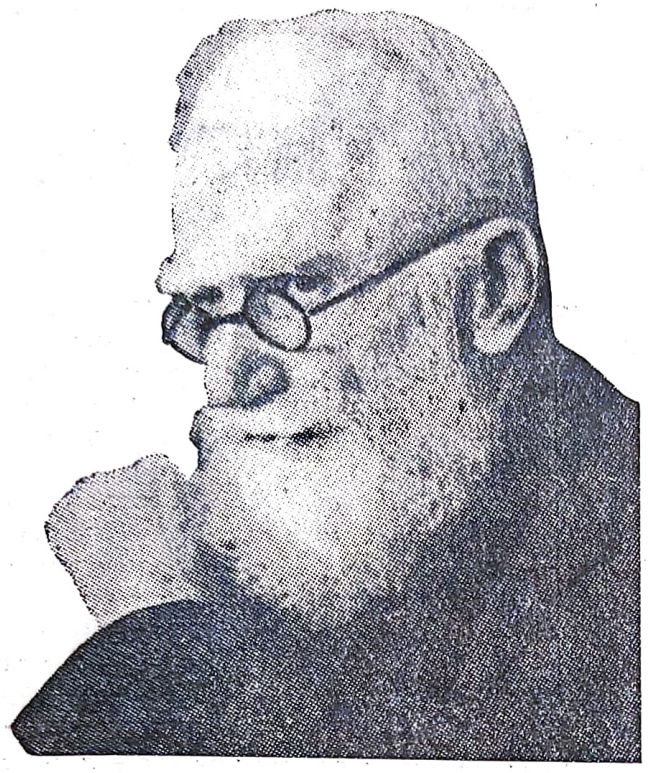
O espírito falou abruptamente, meio nervoso ou desconfiado de nós, talvez surpreendido pelo facto de estarmos sentados à volta



duma pequena mesa oblonga, em plena luz, como se assistíssemos a uma reunião de direcção.

Ficámos surpreendidos e não respondemos imediatamente. Perguntou então a cada um de nós o que estávamos ali a fazer. Dissemos-lhe qual o fim da nossa reunião e só depois é que percebi que desejava conhecer as nossas tendências individuais.

Dissémos-lhe que tentávamos comunicar com entidades evoluídas do Mundo em que ele se encontrava com o fim de estabelecer-



BERNARD SHAW

mos comunicação científica, ao que ele respondeu indignado por ter sido ali trazido por um rapazola! (Aludia a Harry Kerry, jovem guia do médium).

Referiu-se também a outro espírito que diz chamar-se *Realm*, que costumava escrever histórias de *detectives*.

E diz: «Já fomos inimigos, mas agora somos amigos».

(Vimos depois que se tratava de Sir Arthur Connan Doyle, com quem Bernard Shaw, como racionalista e materialista, certamente estaria em oposição na Terra. Antes da sua identidade ter sido revelada, já *Realm* comunicara através deste médium).

Pelas declarações feitas, pelas maneiras do espírito comunicante e por outros pormenores, inferi que não podia deixar de ser Bernard Shaw e como tal o tratei.

— Quem lhe disse que o meu nome é Bernard Shaw? — obtemperou ele.

Respondi-lhe que, pela forma como se conduzia, eu tinha chegado a essa conclusão.

Como não se opusesse a esta afirmativa, resolvi tentar uma prova e pedi-lhe que escrevesse a sua assinatura num papel.

— Está bem, — disse ele —. E numa frase típica mesmo à Bernard Shaw, acrescentou:

— Imprima milhares delas, venda-as a 1 *penny* e ofereça o dinheiro ao Tesouro Nacional.

Mostrou grande irritação com os lápis, canetas e papel que prontamente lhe oferecemos e disse que a mão do médium tremia demasiado.

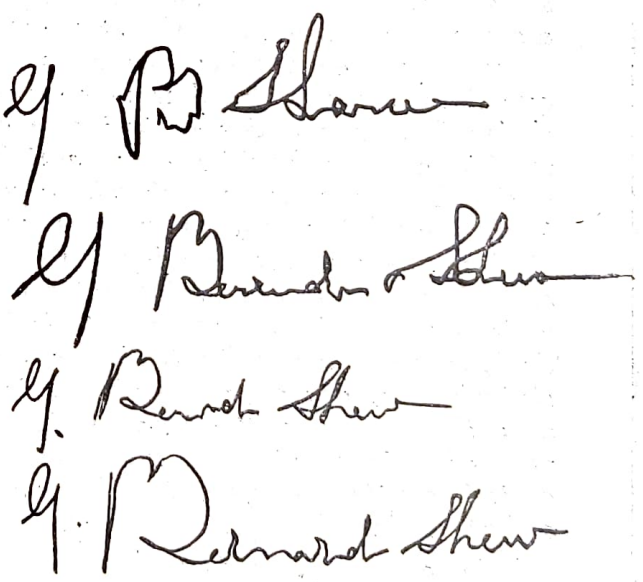
Fez quatro tentativas. Depois ficou satisfeito.

Se cada letra for cuidadosamente comparada com o *facsimile* da assinatura original de Bernard Shaw, ver-se-á que a semelhança entre os caracteres não deixa dúvidas.

Quer durante a sessão, quer na altura das assinaturas, os olhos do médium estiveram vendados.

Perguntei-lhe como vivia agora e depreendemos que se não tinha ainda adaptado à sua nova vida — mais ou menos a atitude que alguém esperaria do «great rebel». A sua maneira de falar era algo veemente e impaciente — o que não é de estranhar nestas circunstâncias — mas não tivemos grande dificuldade em compreendê-lo.

Falou com certa rapidez e pareceu-nos ter



qualquer ideia em mente, que ficámos ignorando; no entanto, não deixou dúvidas quanto à sua identidade.

O Livro "Dois Mundos"

3 — OS CAMINHOS DA VIDA

Tudo é movimento, tudo é vida. A inércia é mera aparência; a realidade é o caminhar constante, muitas vezes sem rumo, mero deambular. A mutação — formal, essencial ou de simples posição — é a característica do vivo.

Se bem atentarmos nesta impossibilidade ingénita de uma paragem absoluta para vermos o antro a desfilar diante de nós, sentiremos a nossa insuficiência, compreenderemos até que ponto somos movidos pela acção de forças que nem sempre têm a sua origem em nós. E se pensarmos que nada mais somos que um simples ponto em movimento neste espaço feérico de linhas articuladas em «eterna» transformação, mediremos a extensão vastíssima da nossa mediocridade de «proto-deuses», pesaremos toda a massa portentosa da nossa ignorância. Como, porquê e quando começámos a trilhar os caminhos da vida? Hoje já não sei se terá uma real conveniência saber a resposta a esta questão. O que importa — parece-me — é saber que andamos, que descrevemos entre dois mundos — o das formas e o das essências, o da matéria e o do Espírito — uma linha quebrada de segmentos desiguais; o que importa é saber porque andamos em torcícolos e não numa recta indefinidamente ascendente (se bem que seja esta sempre a linha tendencial das curvas torcicoladas), saber para que fim tendemos irresistìvelmente, por mais que nos queiramos iludir com subterfúgios mais ou menos hábeis. «A vida continua», «é uma espiral sem fim» — disse simbòlicamente a Autora da Obra que anotamos.

Não estaria já pré-desenhada esta espiral no Pensamento Criador? Sem dúvida que sim ou... teríamos de admitir o absurdo metafísico de supor que o Criador não quis assim desde sempre! Podemos traçar linhas caprichosas em torno dessa espiral — o traçado e o modo de traçar são marcas pessoais, — podemos mesmo desviar-nos dela; mas, tarde ou cedo, teremos de tomar esse caminho da Vida: — está determinado, é Lei.

Nessa linha quebrada, característica do nosso viver humano, em que ora descemos aos abscônditos campos do sentir passional negativo, ora subimos aos mais altos páramos das emoções espiritualizantes, somos solicitados pelas forças desencontradas, geradas algumas pelo nosso próprio viver. É aquela mesma ânsia de conhecer que nos força a esses mergulhos nos campos opostos: — somos aprendizes da Vida, parecemos garotos que, dentro de um laboratório onde há reagentes de qualidades ignoradas, retortas de formas caprichosas, aparelhos complicados, em vez de solicitarem auxílio dos mais sábios, querem aprender química à força de quebrarem frascos, de inutilizarem produtos e de se queimarem com ácidos. Metido no laboratório da Vida, o homem anda a aprender, assim, a complexa química do Espírito. Por isso abre os olhos, esgazeados pelo espanto, quando de uma retorta quebrada vê sair uma forma subtil a mostrar-lhe novos caminhos da Vida que ele julga conhecer completamente! Alguns, então, caem no extremo oposto e julgam que aqueles fulcros que animaram os vasos quebrados tudo vêem e tudo sabem, só pelo facto de mudarem de posição. O quebrar do vaso não é um passo de mágica que faz sair flores e fitas de um chapéu vazio! Para que o maravilhoso se produza é preciso que o fulcro já contivesse o maravilhoso ou que mão hábil faça sair dele o que, ele próprio, ignorava possuir. Assim, com os chamados mortos, assim com os chamados vivos: — com todos os que palmilham as veredas dos campos da Vida.

★

anotado por Ramos Pereira

4 — A VIAGEM DAS ALMAS

Desencarnado, o espírito não fica totalmente liberto do peso da carne em que viveu e que dele viveu. Entre um e outra geraram-se linhas fortes que o tempo esfuma, mas que só a vontade quebra. A morte destrói apenas aquelas linhas que iam da matéria para o Espírito, mas não tem poder sobre aqueloutras em que o Espírito se debruçou sobre a carne. Quanto mais numerosas e fortes estas forem, tanto maior é o sofrimento de quem se vê privado assim da forma que lhe permitia realizar os fins para que as linhas tendiam. Se a morte tem como efeito alargar as possibilidades de o Espírito viver em plenitude, tem como fim consentir-lhe o meio para ele meditar na caminhada e extirpar as raízes das linhas que o prendiam à carne, ao passado materializante.

Sem dúvida que muito de nós fica a bambolear nas pontas das sarças que bordejam os caminhos da Terra. Sem dúvida que o próprio Espírito liberto da necessidade de viver em carne, olha para trás e sente o desejo de voltar... Não é que ele queira «viver» — no sentido terreno da palavra, — não é que sinta saudades de estar no mundo; o que ele quer é fazer com que outros aprendam a Viver — no sentido espiritual do termo, — o que ele sente é o desejo de que os outros estejam com Ele num mundo mais consentâneo com as necessidades últimas da existência. O Espírito que compreendeu os seus fins, olha saudoso para trás, não porque aspire o beijo vulcânico em que as carnes gritam o impulso gerador de uma unidade, mas o suavíssimo beijo em que as almas se tocam ciciando a sinfonia da mútua infusão.

A morte não modifica; ajuda a transformar porque coloca o ser em nova posição, diante de diferentes perspectivas.

Mas quantos voltam, não para ensinar a viver, mas para continuarem, sendo espíritos, a estar no mundo!... São os que prometem maravilhosas revelações, que se empavonam com as maiores glórias humanas, são os clandestinos da «viagem das almas». São os que simulam de gigantes, sendo pigmeus; são os que se escondem na capa da dignidade ofendida quando se lhes exige a prova das suas catedráticas afirmações ou se lhes solicita a vinda ao Terreiro da discussão leal. Ai dos que se lhes entregam, abdicando do mais elementar senso crítico; ai dos que formam a corte desses míseros palhaços em travesti de reis! Foi pensando neles que LIA escreveu que «vale mais desprezar dez verdades do que aceitar uma mentira»!

A viagem das almas *pelos* caminhos da Vida *não é imediatamente alterada pela simples mudança de posição na carruagem. Pode-se estar na carne e passar para um trilho que mais ràpidamente conduza ao almejado fim; pode-se estar noutro mundo e continuar no trilho que nos leva para longe do caminho da Lei.*

«Os caminhos do espírito são vias redentoras a percorrer nos séculos porvindoiros».

Cedo ou tarde, o homem há-de compreender que a Vida é um caminho definido entre dois pontos, ambos assentes no plano do pensamento divino. Não pode ser — não é — uma desabalada corrida entre duas barreiras, não pode ser — não é — um ganhar a Eternidade na entrega angustiosa de uma única vida, porque o Espírito está, por natureza, para lá de todas as barreiras físicas, porque a Eternidade é a característica essencial da Vida do Espírito. No dia em que o homem compreender e sentir o que representa a «viagem das almas», deixará de fornecer terra fértil à planta sugadora do desespero de viver, *desse desespero que nasce e se alimenta da ignorância da nossa natureza espiritual, desse estado de alma que o leva a agarrar-se aos fantasmas da matéria, como se eles fossem a única realidade.*

O ESPIRITA E A PAZ

Por F. NORONHA

Li algures, e tomei nota desta quadra:

Quando valemos a alguém
Desbravamos um terreno;
Cada qual deve no mundo
Ser Deus em ponto pequeno...

Pesa-me não ter presente de memória o nome do autor, mas creio não faltar à verdade, afirmando que era discípulo e admirador de Allan Kardec.

A caridade estava na alma do poeta ao escrever os versos transcritos, e amarmos o nosso próximo como a nós próprios e guiar-nos o princípio de fraternidade é lei e é timbre do Espiritismo, filosofia elevada, ridência de paz.

E chegou até nossa idade, em letra evangélica e na tradição dos séculos que, ao nascer, em Belém, na arribana de pastores e de seu armento, o grande iniciado Jesus, ecoou no espaço o «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade».

Depois, a águia das legiões romanas, que já então suspendia na garra o solo da Palestina, continuou, mais e mais, embebendo-se e alargando-se como dominadora, vindo, um dia, a tombar, exaurida, com a cidade tibrina, em mão dos hérulos!

E Jesus crescera, fizera-se homem, expusera uma doutrina exemplificada por sua pessoa, criara invejas, fora atraiçoado, acusado, condenado e conduzido ao tribunal do pretor cesário pelos seus concidadãos judeus pedindo, em grita, ao magistrado do império, a sua morte de cruz. Consumara-se no Calvário o sacrifício cruento, e no dobar dos anos operava-se mistificação profunda, contrariando palavras e afirmações peremptórias, proferidas por Jesus no interrogatório a que foi submetido.

Indubitàvelmente, ocorreu no tempo e no capítulo de que se trata, a mais formal mistificação de que há notícia, não isenta, debaixo de qualquer aspecto, da pecha de negativa do verbo explícito de Jesus, quanto às modalidades referidas.

Mesmo durante o seu apostolado, nada, absolutamente, assomou ou transpareceu de sua parte, que pudesse mostrá-lo simpatizante com investiduras ou exercício de funções alheias em espírito e em verdade, que o definiam e orientavam. Jesus, verdadeiro cordeiro mansíssimo, afecto por índole à linguagem expressiva da parábola, pés descalços e cabeça ao vento, essencialmente adverso a vaidades mundanas e a situações de autoridade engalonada Jesus trilhara sempre a vereda única de sua aproximação com os essénios, abnegados curadores de enfermidades físicas e morais, e tão fora de sobranceria e de ouropeis quão certo desta asserção positiva, desprendida dos seus dábios: «os lobos têm a sua toca, mas o Filho do Homem não tem onde pousar a cabeça».

Não é desconhecido nem indiferente para o espírito a pessoa de Jesus, o Messias.

Pelo contrário: assiste-lhe culto em nossas ambiências e tem reflexo em nossa consciência.

Sabemo-lo julgador equitativo e reconhecemos no seu mandato da última ceia a ideologia da Paz, de povo a povo, e o espírito fraternal entre os racionais.

Coerentes com este reconhecimento, compete-nos, por concordância de dignidade e por aplauso de bom senso, secundar a sua palavra como tributo de acatamento de boa vontade.

Isto é: ouvindo o asserto da razão imperativa e conformando-nos por legítimo argumento de espiritualidade, com as nobilíssimas aspirações das almas depuradas, cumpre-nos ser consequentes em nossos meios de entrelaçamento e de união, tornando-nos partícipes daquele mandato e, portanto, cruzados da Paz, sem a qual neste planeta, ainda grosseiro e atrasado, nunca será possível o equilíbrio estável do elemento populacional que o habita.

Será utópico o meu pensamento ?

Poderá o espirita influir de qualquer modo para a cessação de hostilidades no mundo e para destronar a força, substituindo-a pelo direito ? O espirita não é um ser isolado.

É o componente de um agregado militante, contendo a cifra de milhões de seres, de desvairadas procedências, em que se revelam todas as cores epidérmicas, todas as línguas, todos os usos, todos os costumes, todas as características sociais e políticas, todos os modos e expedientes de correlação e individualidade.

É claro, que nestes preciosos termos, dando-se o abraço de irmãos na crença da imortalidade da alma e na miragem psíquica do Além, arraigados por convicção inabalável robustecida por factos, em que a ciência fulgura e a experiência é adjutório, é claro, repito, que estão chamados, por natureza e sugestiva lógica a constituirem um bloco formidável de apostalização da paz ou antes uma liga de subido grau potencial em seu favor.

Será viável? Respondo com o *sim.*

Todos os povos e nações de cultura intelectual no globo contam centros espiritas, publicações de valor quantitativo e qualitativo, sumidades científicas em todas as províncias do saber, catedráticos universitários, físicos e químicos de proeminente envergadura, privilegiadas mentalidades de ambos os sexos de todas as categorias e em posições de máximo relevo e de alta responsabilidade.

Ignora-o alguém, não de rudeza analfabética, porventura? E se todo este conjunto se volvesse identificado na ideia comum de pugnar por todos os meios ao seu alcance no superior interesse da humanidade, que é, evidentemente, o regime de assonância e acomodação apropinquada?

É crivel que haja mérito de realidade prestimosa e inteira boa fé em quem se propõe principios ou conceitos de afável entendimento e inicia trabalhos experimentais pela prece, não havendo em si ditame de convencimento nem a mínima tendência de austeridade?

Isto não é ser espirita, reune mentira e aborto.

Felizmente, o Espiritismo de

verdade não se confunde com fraudulência e é, de rigor psíquico, um colosso baluártico diametralmente oposto à desordem, ao primado da força bruta, ao conflito armado.

Dará um passo grandioso, quando confirmar e reforçar o seu imenso bem-fazer, quanto a produtivos cometimentos de generosidade assistencial, duplicar, triplicar ou quadriplicar a sua sensibilidade e resistência coesitiva no sentido do mais completo concerto de actividades em propaganda judiciosa e tenacíssima pela causa da Paz que é, simultâneamente, a da ventura social e da felicidade humana.

Missão que à parte as feras bípedes que sorriem perante montões de cadaveres uma vez que lhes tilintem na outiva as áureas moedas por que vendem o material e explosivos de guerra fabricados em suas oficinas, missão que, excluída a canalha infame da grei, assim torpemente representada, é bela de encanto moral, dignificante de finalidade, honrosíssima de expoente indicador.

Ainda Bernard Shaw

A Agência Reuter informou que o testamenteiro de George Bernad Shaw retirou do forno crematório de Londres as urnas que continham as cinzas do dramaturgo e de sua esposa falecida em 1943. Depois, o Dr. Probyn foi a casa de Shaw, em Ayat St. Lawrence, e misturou as cinzas de ambos e espalhou-as pelo jardim, conforme vontade expressa do desencarnado.

Na cláusula n.º 4 das desposições testamentárias, o escritor solicitava que nenhum monumento à sua memória deveria ter a forma de cuz «ou qualquer outro instrumento de tortura ou símbolo de sacrifício sangrento», nem sugerir que aceitava dogma de alguma igreja estabelecida, porque a sua religião só pode ser definida desta maneira:

— Creio na evolução criadora.

PALINGENESIA

Por ALFREDO MIGUEL

Palingenesia é palavra difícil, que eu aqui emprego apenas para mostrar que sei muito.

Realmente, eu sou, por assim dizer, um sábio, se me comparo com o hotentote ou simplesmente com o labrego aldeão de nossas plagas sertanejas.

Ao mesmo tempo, reconheço-me extremamente ignorante e retardado, assim que penso nesses espíritos eminentes que conquistaram a veneração dos séculos pela sua virtude e sua genialidade.

Afinal, por que é que eu estou acima do selvagem e muito abaixo do génio?

E se os três existimos, não terá havido exclusão dos primeiros e privilégio para com este último?

Eu gostaria de ser génio também, e não sou; o hotentote aspiraria a ser como eu, e não é!

Se uma alma fosse criada para cada corpo ao nascer, todas sairiam das mãos de Deus perfeitamente iguais; porquanto Deus é equânime e justo.

Mas não é isto que se observa. Logo na tenra idade física, vai cada qual revelando os pendores e as aptidões congénitas, — todos os sentimentos, elevados ou mesquinhos — que as individualizam. As diversidades de caracteres são notáveis, tanto do ponto de vista moral, como intelectual, numa prova evidente de que a situação actual das almas em trânsito pela Terra responde pela aplicação que deram ao seu livre-arbítrio em existências pregressas.

Está porque todos somos diferentes: *uns melhores, outros piores; uns que sabem mais, outros que sabem menos; e só na dor somos iguais.*

Os tormentos que nos afligem, sob variadíssimas formas, são a consequência fatal das nossas transgressões passadas e actuais aos preceitos do Decálogo.

Não obstante a nitidez com que a doutrina reencarnacionista se apresenta, há pessoas que encaram com simpatia o Espiritismo, porém não podem concebê-la.

Ora essa! Que estamos encarnados, isto é, que somos espíritos revestidos, temporàriamente, de um corpo de carne, — ninguém o nega. DEUS, que nos enviou, desta vez, à Terra, com este invólucro material, não o teria feito precedentemente inúmeras vezes, e não poderá fazê-lo ainda quantas vezes quiser?!

É justamente porque o espírito está destinado a viver múltiplas existências no plano terráqueo, necessárias ao seu aprendizado e progresso, que eu me pude erguer acima do hotentote e um dia atingirei o cume resplandecente onde sobrepaira o homem de génio.

E tu, leitor, também.

QUIM

I

Certa vez um sábio entre os mais sábios
Teve uma ideia de assombrar o mundo;
E sem querer deixou cair dos lábios
Um segredo profundo,
Do qual inteiramente dependia
A glória sem igual,
Estranha, original,
Que há muito lhe sorria.

Era evidente que um grandioso plano
Guardava qual tesoiro,
Num insondável e profundo oceano
Onde vogava uma quimera de oiro.

E que sonho, meu Deus! Sonho ou loucura,
Na febre de criar um ser completo,
Um ser em tudo igual à criatura?

Que extravagante o seu ideal projecto!...

Para isso meditara
Toda a ciência de «in folios» poeirentos
Buscando com fervor os elementos
Constitutivos dessa empresa rara.

E dizia nas aulas, um sorriso
Nos lábios entreabertos:
«O soberbo plano que idealizo
«Há-de deixar os sábios boquiabertos.
«Porque eu sei bem a exacta proporção
«Na qual os elementos se combinam.
«Ensina-mo a razão,
«Os livros mo ensinam.

«Assim tereis em breve, amigos meus,
Um companheiro a mais no vosso estudo,
«Modelado por mim e não por Deus!

Atónitos, pasmados,
Os alunos olhavam-no assombrados.

Primeiro ouviam tudo
Como estátuas de dúvida inquietante.
Porém, daí a pouco,
Descobriu-se o mistério impressionante:

O velho estava transtornado e louco!...

II

Rodou o tempo; e o sábio envelhecido,
Qual tronco carcomido
Por vermes implacáveis,
Não mais apareceu aos estudantes,
Tão bondosos, solícitos e amáveis.

Vagueou pelos salões... a fronte calma
Iluminada a rápidos instantes
Por luz radiosa que lhe vinha d'alma.

Té que um dia fugiu...
Foi o pobre demente
Buscado inutilmente:
Ninguém no encontrou, ninguém no viu!
Nem nos parques frondosos, onde às vezes
Sòzinho se perdia
Numa demora de infindáveis meses;
Nem junto à costa contemplando os mares,
Por sobre os quais os braços distendia
Em gestos singulares!...

Pobre velho! Gastara a mente culta
Em busca da verdade imponderável,
Eternamente oculta,
Como se fora coisa realizável
Desentranhar da pedra seca e nua
Um raio de sol ou um clarão da lua!...

Então não lhe bastava a excelsa glória
De figurar na História?...

Não lhe bastava, não, porque era pouco
A Glória, para quem tão sábio fora.
Quis mais, quis muito mais... e fez um louco
A ciência enganadora!

III

Depois foi o olvido, o esquecimento...
O mestre ensandecido
Foi logo substituído
Por um novato de genial talento...

E a Terra contiuou a dar-nos mimos,
A dar-nos água e pão, a dar-nos flores
E tudo o que possuimos.
Não se esqueceu, porém, de dar ao homem,
Além de negro sonho perturbante,
Amarguras terríveis que o consomem,
Envoltas em presentes tentadores...
Medonho inferno, pira fumegante
De horrorosas cores!...

E R A

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

IV

Ninguém falava já no velho ausente,
Até que uma pobre alma desnorteada
Veio lembrar o sonho do demente...
... ...
O médium levantou-se e em voz maguada,
Começou a falar pausadamente:

«Meu destino ignorado!... Oh! Impotência
«Nas sombras da loucura!...
«Foi a ciência dos homens!... Foi a ciência
«Que o mar me transformou em sepultura!

«Não vos lembrais do célebre doutor,
«Esse ousado pigmeu
«Que desafiara o próprio Criador?...

«Sou eu! Sou eu! Sou eu!...

«Sim, o doutor sou eu!... Como vos disse,
«Julguei galgar o sol,
«Fazendo que surgisse
«O homem dum crisol!
«E prossegui na faina, ansiosamente,
«À procura da incógnita risonha...
«Oh! triste aberração da minha mente,
«Imprudência medonha!...

«Ao entrar uma tarde na escola
«Fui impelido por oculta mola.
«No lar do jardineiro, amamentava
«Um doce querubim
«Linda mulher que em branda voz cantava...

«—Eis aqui modelo,
«Pressuroso exclamei, ardendo em zelo.
«— Quero que saia assim
«Um ser das minhas mãos, ideal, perfeito!

«— Como é que haveis obtido, onde encontrastes
«Esse botão rosado e satisfeito?
—«Contraste dos contrastes!...—
«Pois eu, com toda a ciência,
«Não consegui criar assim um ente,
«E uma mulher vulgar, toda inocência,
«Dá-me lições tão altas, frente a frente?

«A mãe não respondeu; e o jardineiro,
«Acaso conhecendo a minha tara,
«Serviu de medianeiro
«Numa só frase de beleza rara:

«— Pois bem, meu bom senhor,
«Esse botão rosado,
«Pedimo-lo num beijo apaixonado,
«De apaixonado amor!...»

«Fugi espavorido!
«Cheguei à biblioteca num instante,
«Aonde, enraivecido,
«Os livros insultei, como um farsante!
«Estava cheio de sanha mal contida
«Pela incapacidade vergonhosa,
«Da ciência presumida,
«Da ciência mentirosa!

«O moço de serviço ouviu, decerto,
«Sereno, imperturbável,
«A minha objurgatória abominável...
«Estava ali tão perto!...

«Depois não resisti. Contei-lhe então
«A minha apreensão,
«A minha dor ingente.
«E o moço respondeu concisamente:
«— Assim é, meu senhor,
«Foi milagre de amor,
«Pois só um grande amor, sincero e forte
«O homem torna vencedor da morte!

«Foi uma bomba que explodiu, matando
«A minha fantasia de criar!
«Não pude resistir; e eis, senão, quando,
«Ó vergonha suprema, ó crime infando!
«Angústia de matar!
«Perdão, meu Deus. Perdão! Fui um suicida
«Tragado pela ciência,
«Mas que hoje reconhece a lei da vida
«Na vossa Omnipotência!
... ...

Assim sucede ao homem quando avança
Às cegas, ao acaso.
Julga-se um velho, sendo uma criança...
Produto natural do seu atraso.

Criar um ser humano,
Plagiando o Eterno em doida leviandade,
Atrevida e grosseira,
Eis o delírio, o pensamento insano,
Que prende a Ciência à vida passageira
Da pobre humanidade!...

De uma comunicação obtida num Centro Espirita de Cuba — Adaptação em verso por Isidoro Duarte Santos.

ARAB

Encostado à muralha, indiferente à turba que se acotovelava nos portados, olhando para as areias escaldantes do deserto onde os pés dos homens deixam marcas que o menor estremecimento do ar apaga, o Velho mantinha-se na plena imobilidade da sua espera... Cobria-o o pó, não dos caminhos andados, mas o que era erguido pelas passadas dos outros. Havia no seu olhar negro e vivo uma luz qualquer que me atraíu. Postei-me a seu lado, acocorado, fixando-o, tentando penetrar o sentido da sua espera.

Não sei se a Voz veio dele, se do Deserto, se... de mim mesmo...

— Eu sou apenas o homem que espera, sabendo o que espera e o que o espera. Tenho as costas doridas de me apoiar a este muro de pedra, símbolo da desconfiança dos homens; tenho as pernas dobradas porque não quero que os outros vejam as marcas que me deixaram os pontapés dos seus chapins ferrados; tenho sobre mim o pó da sua indiferença, das suas pressas, das suas fortunas. Atrás de mim está o monstro da vida, esta cidade onde os homens só se lembram de Allah quando, pelo infortúnio, se julgam esquecidos d'Ele; na minha frente está o deserto do Desconhecido e o Céu do Inconhecível. Estou aqui à espera que os homens passem todos, que as muralhas caiam, que o Espírito regresse, que o Deserto seja devassado e que o Céu se torne menos alto para que o Homem seja menos pigmeu. Agora que a tua curiosidade está satisfeita, deixa-me e que a luz de Allah guie os teus passos.

— Desculpa-se — murmurei, surpreendido de poder falar —, mas depreendo das tuas palavras que estás aqui há muito. Ora eu passo por estas portas todos os dias e nunca te vi...

— Porque te tens limitado a passar... Há nas dobras do meu albornoz pó erguido pelos teus pés. Não julgues que te censuro. Sois livres de passar como eu o sou para estar à espera. Quem sabe mesmo se não há em mim alguma cicatriz de um ferimento feito por ti...

— Feito por mim? Como é isso possível, se foi esta a primeira vez que te vi?

— E estudaste tu a língua de Avincena e de Averróes! E dizes ter lido atentamente Platão e Aristóteles! Nem sempre, homem, eu estive à espera; nem sempre tu te limitaste a passar. Ou tu também crês que, ao morreres, te esperam as huris dos céus de Mohammed?

— Por Allah, essa é lei do Al-Koran!

— Não te pergunto o que um homem escreveu. Pergunto-te se te julgas digno de franquear as portas da misericórdia de Allah. Bem sei que não mataste, que não roubaste; bem sei que és um homem vulgarmente honrado. Leio-o em ti. Mas já reparaste que não basta uma atitude negativa perante o pecado? que a Verdade do viver está numa atitude positiva perante a virtude? Tu não mataste; mas já deste Vida? Tu não roubaste; mas deste já o melhor de ti mesmo?...

— Embora vás de encontro a tudo que me ensinaram, sinto prazer em ouvir-te.

— Não quero que me oiças. Do que eu pudesse dizer, nada ganharias porque apenas tens os ouvidos atentos. Eu quero que abras a alma para que me sintas nela e não no ar que também se limita a passar... Pasmaste por eu dizer que talvez existisse em mim a marca dalguma ferida por ti causada. Viveremos nós apenas uma vez? É quem somos nós para construírmos a Eternidade da um segundo que é tanto, qua velho dos filhos de Ismael per seria o mais impiedoso dos se se não desse ao seu ser em que zão a possibilidade do retorno. pode condenar à Eternidade d a fugacidade de uma só vida. feito; não pode ganhar a Eter o Caminho de Allah durante que eu e tu só nos explicam entendamos como pontos em

—Admites então que nós que a morte nos leva um corp que viajaram para lá da Pérs como tu. Foi lá que aprende

— Não, não foi nas águ ensino. Ganhei esta certeza pe nos cerca; ganhei-a, olhando buscando a razão de ser com Não há efeito sem causa; e eu Allah — que das Suas mãos ções e insuficiências que me Fui eu quem as criou, andand quinhos da vida; serei eu que a grande pista do Deserto do ainda Inconhecível.

— Porque esperas então? Caminho?

— Vê-se bem que o teu juventude do teu corpo! Des já estou andando!... Não te su é através das sendas das Idei das montanhas dos Espíritos. Viver, por infusão, na alma estar à espera, retomo a pista de Allah. Sim, homem, estás p eu e tu éramos dois seres, du unidade refeita e isto porque em ti. Não é Allah o Um? — é Lei — que O façamos ex desde que nos sintamos, não veis, mas como partículas da

As sombras da noite tínha guém passava. Eu via apenas do Velho e o brilho dos seus o a encher todos os espaços aber

— Como tu, meu irmão, desesperada de encontrar a Ve mim, quando Ela estava no ei rito! Mas a vontade de pene nou-me a necessidade de me para que eles possam viver de tenha o momentâneo prazer in dade. Não sei quantas vezes magoar o peito de encontro Terra; não sei por quanto tem me arremessará ao fundo des

RABESCO

construírmos a Eternidade da Dor ou da Graça na curteza de um segundo que é tanto, quanto poderá medir a vida do mais velho dos filhos de Ismael perante a vida de uma rocha? Allah seria o mais impiedoso dos seres, se não desse ao seu ser em que se agita a chama fugaz da Razão a possibilidade do retorno. Allah é infinitamente justo; não pode condenar à Eternidade da Dor o que O ignorou durantte a fugacidade de uma só vida. O homem é finitamente imperfeito; não pode ganhar a Eternidade da Graça só porque seguiu o Caminho de Allah durante uns anos. Eu não creio, eu penso que eu e tu só nos explicamos perante Allah, desde que nos entendamos como pontos em movimento contínuo.

—Admites então que nós voltamos a viver na Terra, depois que a morte nos leva um corpo! Disseram-me uns mercadores que viajaram para lá da Pérsia, que um povo também pensa como tu. Foi lá que aprendeste isso?

— Não, não foi nas águas do Ganges que eu bebi este ensino. Ganhei esta certeza pensando em ti, em mim e no que nos cerca; ganhei-a, olhando os fundos de mim mesmo e buscando a razão de ser como sou e não como queria ser já. Não há efeito sem causa; e eu não posso admitir — sem negar Allah — que das Suas mãos tenham saído todas as imperfeições e insuficiências que me distinguem dos outros homens. Fui eu quem as criou, andando pelas pistas dos desertos mesquinhos da vida; serei eu quem as terá de eliminar, tomando a grande pista do Deserto do Desconhecido rumo ao Céu do ainda Inconhecível.

— Porque esperas então? Porque não metes já os pés ao Caminho?

— Vê-se bem que o teu espírito vive ainda muito da juventude do teu corpo! Desde que comecei a falar-te que já estou andando!... Não te surpreendas. A Grande Caminhada é através das sendas das Ideias rasgadas nas encostas ásperas das montanhas dos Espíritos. No momento em que eu consigo Viver, por infusão, na alma de um outro homem, deixo de estar à espera, retomo a pista que me levará para mais perto de Allah. Sim, homem, estás pensando bem. Antes de chegares, eu e tu éramos dois seres, duas unidades; agora somos uma unidade refeita e isto porque a minha Ideia encontrou espaço em ti. Não é Allah o Um? Para que O atinjamos é forçoso — é Lei — que O façamos existir em nós; e isso só é possível desde que nos sintamos, não como pontos opostos e infundíveis, mas como partículas da mesma Unidade.

As sombras da noite tinham caído sobre a cidade. Já ninguém passava. Eu via apenas a sombra branca do albornoz do Velho e o brilho dos seus olhos enormes e ouvia a sua Voz a encher todos os espaços abertos da minha alma.

— Como tu, meu irmão, eu também li muito, na ânsia desesperada de encontrar a Verdade. Ah! Buscá-la no fora de mim, quando Ela estava no eixo central do meu próprio Espírito! Mas a vontade de penetrar o pensamento alheio ensinou-me a necessidade de me abrir totalmente para os outros, para que eles possam viver de mim e em mim e para que eu tenha o momentâneo prazer inenarrável de me sentir na Unidade. Não sei quantas vezes terei ainda que rasgar os pés e magoar o peito de encontro às duras pedras das paixões da Terra; não sei por quanto tempo ainda o peso dos meus erros me arremessará ao fundo desses abismos. Não sei, nem me

SCOS

por ABDALLAH

da Graça na curteza de
rá medir a vida do mais
ida de uma rocha? Allah
a a Sua própria negativa
ita a chama fugaz da Ra-
infinitamente justo; não
que O ignorou durantte
em é finitamente imper-
a Graça só porque seguiu
. Eu não creio, eu penso
nte Allah, desde que nos
nto contínuo.

a viver na Terra, depois
seram-me uns mercadores
um povo também pensa
?

Ganges que eu bebi este
em ti, em mim e no que
ndos de mim mesmo e
não como queria ser já.
sso admitir — sem negar
saído todas as imperfei-
quem dos outros homens.
s pistas dos desertos mes-
erá de eliminar, tomando
nhecido rumo ao Céu do

e não metes já os pés ao

o vive ainda muito da
e comecei a falar-te que
das. A Grande Caminhada
adas nas encostas ásperas
mento em que eu consigo
outro homem, deixo de
me levará para mais perto
do bem. Antes de chegares,
idades; agora somos uma
ha Ideia encontrou espaço
ue O atinjamos é forçoso
em nós; e isso só é possível
pontos opostos e infundi-
a Unidade.

ído sobre a cidade. Já nin-
ombra branca do albornoz
enormes e ouvia a sua Voz
la minha alma.

também li muito, na ânsia
e. Ah! Buscá-la no fora de
entral do meu próprio Espí-
o pensamento alheio ensi-
totalmente para os outros,
m e em mim e para que eu
rrável de me sentir na Uni-
ainda que rasgar os pés e
luras pedras das paixões da
ainda o peso dos meus erros
abismos. Não sei, nem me

importa. O que para mim marca é saber que venci o Tempo...

— Venceste o Tempo? Não te compreendo...

— Venci o Tempo, porque ele não tem poder sobre mim: — eu sou imortal, não pela carne, mas pelo Espírito e pela força da minha Verdade. Já pensaste, Abdallah, que se o homem vencesse o medo do tempo, menos desespero cavaria a sua alma? O homem estiola-se no desejo de que as suas pernas sejam mais rápidas que as dos cavalos em que corre o Tempo. Ele esqueceu que só há uma coisa mais veloz que o Tempo: — a força da Ideia. Foi pensando que eu me senti vivendo antes do primeiro vagido e que me sinto existindo para lá do momento em que os corvos de qualquer lugar devoraram a minha carne. Continuidade de efeitos, porque a Causa é Eterna! Linha ininterrupta que tem o seu primeiro ponto no seio de Allah e que há-de terminar n'Ele mesmo! Pensando assim, achas possível que o Tempo tenha poder em mim? Só morre quem se aferra às aparências da vida; vive — e vive eternamente — aquele que busca e encontra para lá dessas aparências a realidade do seu Espírito. Eu espero o instante decisivo de... me encontrar! Não te surpreendas com as minhas palavras: — todo o homem tem como fim encontrar-se, não nas coisas passageiras da vida, mas em si mesmo e no melhor que os outros souberem encontrar em si.

— Tu és um sábio: Allah fala pela tua boca. Vem comigo...

— Para quê? Os que me quiserem ouvir, ouvir-me-ão, porque eu, Abdallah, sou aquele que encostado aos muros das inferioridades humanas, olha a vastidão do Espírito desprezado, à espera que o Tempo passe. Gritar do alto dos minaretes como o muezim à hora da tarde? Seria apenas mais um fantoche a arremessar palavras para o ar... Eu prefiro este lugar. Os que quiserem vir até mim terão de olhar para baixo, terão de ser cobertos, como eu, pelo pó dos indiferentes que sòmente sabem passar... terão de voltar as costas às cidades das paixões para olhar o Deserto do Espírito. Não, não posso ir contigo. Eu já não pertenço ao mundo dos vivos, porque morri para esse mundo; eu morri para as glórias efémeras da terra, desde que renasci na humildade do meu Espírito. Vai agora, meu filho, e que a misericórdia de Allah te guie os passos.

E fazendo um gesto largo, os seus dedos magros tocaram o peito, a boca e a testa. E disse:

— A Força do Amor, a Verdade do Verbo e a Sublimidade da Ideia encham o teu ser.

Ergueu-se e, lentamente, foi-se afastando, rumo ao deserto. Vi-O no alto de uma duna, os braços abertos. E até mim, de muito longe chegou o som da Sua Voz:

— Sempre que a tua alma queira, ouvir-me-ás... para além do Tempo... para além do Espaço. ELE disse que era o Caminho e a Luz. Eu sou a mão humílima que deseja mostrar aos outros onde está esse Caminho... onde brilha a Luz. Só Allah é Grande, mas o Cristo é o maior dos seus Filhos!...

Ajoelhei e orei. Não sei se do Céu, se do Deserto, o vento trouxe-me o lema do meu existir:

— Levanta-te e caminha!

A Luz tocará-me através da Voz bendita daquele Velho e eu meti os pés ao Caminho!

Outros momentos vieram em que pude receber novos ensinos do meu Mestre, antes que o encontrasse do lado do Espírito e compreendesse os motivos da sua espera e da minha busca.

Jesus no Evangelho de João

(Comentários evangélicos de SAULO)

I

João não é um simples cronista da vida do Rabbhi de Galil-ha-goyim, fiel como Marcos ou fantasista como Mateus. Ele quis mais, quis deixar um cântico do seu amor ao Mestre. Não conta, sente e interpreta; busca o Cristo para lá de Jeschu-bar-Jossef. É um poeta místico, com voos que deslumbram e entontecem.

O evangelho de Marcos é seco, incisivo, duro, monótono. Os evangelhos de Mateus e Lucas escondem aquela dureza sob o manto colorido, tecido pela fantasia oriental. O evangelho de João é vivo, ora descendo em incisões profundas, ora subindo nas asas poderosas do sentir estético-místico; e, assim, transcende o âmbito restrito da narrativa histórica.

A fé dos apóstolos, salvo o espírito crítico de Tomé, é a fé passiva, que espera, procurando cumprir rigorosamente os preceitos ensinados. A fé de João, como seria a de Paulo de Tarso, é a que busca, na ânsia insofrida do sentir, a totalidade de uma forma de misticismo. João manteve-se no sentir, pensando. Paulo foi mais longe e pensou, sentindo. Ambos saltaram a rigorismo do círculo religioso de Simão-Pedro para compreenderem as lições do Mestre, como um monumento de fé dinâmica.

O universalismo religioso de Pedro é fechado; o de João e Paulo é aberto em todos os sentidos. Apenas com Pedro, o Cristo teria permanecido inteiramente judeu, mosaico. Com Paulo passou ao mundo especulativo greco-romano e com João veio até à hora presente.

O sentir de João é tão diferente do de Pedro ou Marcos quanto o pensar de Tomás de Aquino o é de Agostinho de Hipona.

E, assim, escolhemos o texto de João para um ensaio sobre a natureza e ensinos do Cristo, ensaio delineado através de comentários, de anotações aos versículos textuais.

O VERBO E A CRIAÇÃO

«No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que foi feito o foi sem ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam».

A Criação é um acto de vontade livre, do Ser Necessário, a passagem da ideia potencial à ideia actual no seio do próprio Ser (visto nada ter existência para além da sua...). Deus não criou por emanação, lançando de si o que seria a Criação, visto esta hipótese trazer o absurdo de considerar algo que não era Deus e no qual Ele teria lançado uma partícula da Sua Essência. Somos neo-agostinianos nesta interpretação do momento criador, porque, com Agostinho de Hipona, mergulhamos as bases do nosso pensamento no génio de João. A Criação como *acto de vontade* pressupõe — necessàriamente — uma ideia directriz, tanto quanto o acto voluntário no homem implica a deliberação prévia que no acto se continua. *Ideia* e *Vontade* sintetizam o *momento transcendente* da Criação. Se a Vontade envolve o dinamismo evolutivo do Tudo criado, a Ideia é o princípio espiritual de um planeamento do evolutivo, o princípio que conduz a Vontade do inicio ao fim. A Ideia marca a estabilidade essencial sobre a instabilidade existencial do que a Vontade criou. Quer lhe chamemos Ideia, quer «superior planeamento da vida» com o neo-vitalismo, quer «Pensamento» com Ubaldi, quer «consciência universal», o conceito é sempre o do *Verbo* de João.

Verbo é a Ideia condutora da Criação, a consciência animadora das formas, o Espírito que na curva espiraloide caminha para Deus. O ser saído da criação tende para o sentir total do Verbo, para ganhar a «vida» que nEle se contém. O homem que se abre para o sentir superior dos valores místicos e divinos abre-se para abarcar, em si, na sua essência, a plenitude do Verbo.

O Verbo é, desde o princípio, a marca da existência divina e, só através da sua compreensão, chegará o homem à percepção da Essência fundamental. «O Verbo é Deus» porque da sua essência espiritual derivou, porque nela mergulha a sua estabilidade perfeita. O ser que, pelo ciclo palingenésico das existencias, atingiu um grau elevado de perfeição espiritual identifica-se com o Verbo, personifica-O. João afirma o Cristo como a expressão terrena do Verbo: — «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória como de Filho unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (cap. I, v. 14). A missão do Cristo na carne de Jesus é a de erguer o homem que «era seu» para o tornar «filho de Deus», para o fazer despertar para o sentir dos valores que se fundamentam no Verbo.

A FIGURA DO BAPTISTA

O ascéptico João, o profeta iluminado pelo «que clama no deserto» «veio dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele». O papel desse esquálido iniciado no deserto é bem definido pelo evangelista no passo seguinte: — «João dá testemunho dele e clama, dizendo: — Este era o de quem eu disse: O que há-de vir depois de mim foi preferido a mim, porque era *antes de mim*» (cap. I v. 15). João precedia o Cristo no tempo terreno, mas Este localizava-se muito antes, na gradação do progresso espiritual. Mosché dera a Lei de uma moral prática e rígida, mas o Cristo vinha trazer a «graça e a verdade» pelas quais o homem caminha para Deus.

As palavras de João, o baptista, haviam erguido tal borborinho que da distante Jerusalém vêm a Bethania sacerdotes e levitas per-

guntar-lhe quem é (cap. I v. 19-34). A interrogação: — «És tu Elias?» — envolve a hipótese de o espírito do antigo profeta ter animado o corpo de João, deixa perceber que entre o sarcedócio hebraico se aceitava a tese reencarnacionista. João nega ser Elias, talvez pela impossibilidade de a memória mergulhar no seu passado espiritual. Afastando ainda a hipótese de «profeta» (v. 21), João coloca-se fora das escolas ocultistas que remontam seguramente, pelo menos, a Samuel. Chama para si o título de «voz que clama no deserto», de anunciador da vinda do Cristo à carne.

Parece depreender-se do texto que João, numa das suas últimas peregrinações pela superfície desolada das areias do deserto, ouviu uma Voz chamando-o e indicando-lhe o caminho a seguir e a forma como ele reconheceria Aquele de quem ia dar testemunho: — «E eu não o conhecia mas o que me mandou baptizar em água me disse: Aquele sobre quem tu vires descer o Espírito e repoisar sobre ele, esse é o que baptiza no Espírito Santo». (Cap. I, v. 33). O baptismo na água era um símbolo comum a várias escolas ocultas do passado e que significava a adopção do neófito num dos primeiros graus da iniciação, a purificação da alma dos pecados da carne. Tradicionalmente, João não tinha poderes para baptizar, pois não era «o Cristo, nem Elias, nem profeta» (v. 25), mas, ao ser interrogado, ilude hàbilmente os interlocutores para mais longe afirmar ter recebido o mandato (isto é, a iniciação) «do que clama no deserto». O próprio Jesus se lhe submeteu, Ele, o iniciado branco dos essénios de Engadi.

João, evangelista, não se refere ao afastamento de Jesus para o deserto após o baptismo, o que é contado pormenorizadamente por Mateus (cap. IV, v. 1-11). Marcos (cap. I, v. 12-13) e Lucas (cap. IV, v. 1-13) também contam este episódio, se bem que o primeiro o faça em notícia breve como se o não considerasse de grande importância. João é o único que não fala da suposta tentação de Jesus no deserto que se estende para lá de Bethania. Supomos que Ieschu-bar-Iessef, tal como seus pais, foi um iniciado na seita dos essénios, em que devia ter atingido os mais altos graus. Note-se que Rabbhi Galileu, nas suas diatribes, atacou todas as escolas hebraicas (fariseus, saduceus, etc.) mas nunca se referiu aos essénios. Perfilhamos assim a hipótese de Schuré («Grandes Iniciados») que as visões de Catarina Emerich confirmaram e julgamos que o Mistério da descida do Cristo sobre o corpo de Jesus já havia sido completado no silêncio de Engadi, antes da peregrinação encetada com o baptismo de João. É possível que Jesus se tenha afastado para o deserto, mas o facto não deve ter capital importância, visto Marcos e João, os mais fieis evangelistas, não o tratarem como fizeram Mateus e Lucas, tecendo à sua volta os véus das suas fantasias...

JESUS E NICODEMOS

João dá um relevo especial à conversa de Jesus com Nicodemos (cap. III, v. 1-21). Este chama-lhe Mestre, mas «vindo da parte de Deus», isto é, um iniciado com missão superior. E Jesus aponta-lhe a reencarnação como a forma de redimir o espírito das próprias culpas: — «na verdade te digo que não pode ver

"DOIS MUNDOS" E A CRITICA PROFANA

Este livro foi escrito, segundo o esclarecimento do autor, sob a influência de sua finada esposa. Tudo quanto nele se diz foi ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e o autor confessa que «algumas afirmações nele expressas colidem com ideias minhas a caminho de rectificação». O livro trata dos mais variados assuntos psíquicos, que Isidoro Duarte Santos descreve com profundo conhecimento da matéria, embora declare ao concluir o seu «Esclarecimento»: «Eis um livro bem estranho que me não compete apreciar. Editor sou eu perante a lei terrena e pouco mais serei do que isso. Quanto ao resto, a autora assevera: «— Não te importes que haja críticas e polémicas. O meu testemunho é inteiramente pessoal. Sou responsável pelas minhas afirmações». E, na introdução à obra, Maria Gonçalves Duarte Santos ditava a seu marido: «É a primeira obra, é a primeira fase do meu trabalho no Além. Tem muitas lacunas e muitas deficiências. É simples e comezinha. Ressente-se da falta de experiência e do nervosismo próprio de quem tem muito que dizer e pouco tempo para falar. De quem vê à superfície e não se embrenha no assunto. Mas, um dia, pensarei em maior e mais profunda exposição». E o livro conclui por a autora agradecer ao marido a oportunidade de poder fazer as suas narrações, e afirma: «Sem ele, não haveria este livro. O meu pensamento erraria noutras paragens e muitos de vós que me conhecestes julgar-me-eis extinta para sempre. Afinal, estou viva e bem viva. O livro que vos dou é o meu protesto contra a morte».

Do "Comércio do Porto", de 29-1-951

o reino de Deus senão aquele que renascer de novo» (v. 3). Nicodemos não o compreende (v. 4) e Jesus admira-se que um indivíduo versado na tradição cabalista (v. 10), não alcance o conteúdo das suas palavras. O Cristo aponta, além do renascer da carne, o renascer em espírito, por meio da «água» que limpa a carne das poeiras das suas paixões e do «Espírito Santo» que é o abrir do espírito humano para o amor que palpita no seio do Verbo. Jesus tem frases de desânimo, perante esta incompreensão de quem estava em condições para melhor abraçar a espiritualidade do Seu ensino: — «Se quando eu vos tenho falado nas coisas terrenas, ainda assim vós me não credes; como me crereis vós, se eu vos falar nas celestiais?» (v. 12).

O Cristo descera à carne para ensinar o homem a encontrar o caminho que a Ele conduz nos mundos espirituais: — «Também ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, a saber, o Filho do homem que está no céu». O Cristo dá testemunho de si e da alma de Jesus que sacrificava os prazeres da matéria pelos prazeres transcendentes do espírito: — «E como Moisés no deserto levantou a serpente, assim importa que seja levantado o Filho do homem» (v. 14); «porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo mas para que o mundo seja salvo por ele» (v. 17).

O homem fica assim entre dois caminhos pelos quais deve decidir-se, livremente: — o da «luz» que é o do renascer em espírito; e o «das trevas» que é o retorno constante à carne. O Cristo vai deixar na Terra o facho da Luz do Amor. O bom chega-se para ela «para que as suas obras sejam manifestas», porque são feitas em Deus» (v. 121).

Em Ennom, João o baptista dava novamente testemunho do Cristo, dizendo humildemente que ele devia diminuir para que a sua figura não fosse empanar com a mais leve sombra a personalidade do Mestre. Apesar disto, a pregação de Jesus perturbava mais os ânimos do sinhédrio que as palavras de João. Este era um profeta à moda antiga, uma revivescência dos místicos e ascetas doutros tempos, tão venerados pela população hebraica. Jesus mostrava-se com uma autoridade superior que ameaçava destruir o rigor da lei mosaica e a rigidez das regras culturais, à sombra das quais vivia luxuosamente o sinhédrio. Sentindo essa aminosidade, afasta-se e caminha para a Galileia.

A FONTE DA ÁGUA VIVA

Atravessando o território samaritano e à vista de Sicar, detem-se junto do «poço de Jacob» onde conversa com uma mulher a quem pedira de beber (cap. IV, v. 1-30). Esta admira-se de que um judeu lhe dirija a palavra contra o costume e Jesus responde: — «Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz—«dá-me de beber»—tu certamente lhe pedirias e ele te daria da água viva» (v. 10).

A água das paixões apazigua a sede apenas momentâneamente porque refresca a carne mas não satisfaz o espírito. A «água viva» do Cristo salta da fonte do Seu amor e cria na alma do que a absorve um manancial que escorre, arrastando-o para a vida eterna, para a vida do Espírito, liberto do ciclo das existências carnais (v. 13-14). O ser que se dessedenta na «água viva» não

A CRISE IN

A crise que o mundo suporta desde 1914 não é de nações, como afirmou o escritor Waldo Frank, mas de homens, crise introspectiva do ser humano. Até hoje o homem tem cultivado apenas a parte extrospectiva, fazendo tábua rasa do seu mundo interior, isto é, do sentido moral. Por isso, sofre, protesta, lamenta-se, crispa os punhos e range os dentes quando a angústia se apodera do seu espírito.

Todos os terrícolas têm contribuído para esta crise tremenda. Afastámo-nos das leis da Natureza e das normas que conduzem à elevação da personalidade humana. Os nossos semelhantes não têm merecido a nossa atenção, solidariedade e protecção, mas são para nós matéria exploradora, de enriquecimento à custa de dores, lágrimas e sofrimento. Temos preferido a servidão alheia, em vez da sua libertação e humanização. Afastados das doutrinas mais nobres que tendem à reforma do espírito, não admira que predomine a tendência egoísta e mesquinha em desacordo com o sentido humanista. As finalidades materialistas frente ao primitivismo refinado, foram a característica quase geral. E assim temos deslizado voluntàriamente no resvaladouro da perdição.

O clima predominante no mundo inteiro é obra do homem, que não tem realizado esforço algum para expulsar do mundo interior a fera que constitui a sua desgraça, e antes a tem acariciado e alimentado com as suas paixões interiores. Foi ela que o converteu em instrumento dócil, cego e brutal, para destruir, incendiar e matar. Essa mesma fera é que tem criado este estado caótico, em que sofre horrìvelmente. É de tal espécie esta crise, que não rivaliza em mananciais de beleza, mas em obras macabras. É o fruto da sua verdadeira personalidade. Até poderíamos dizer que o homem, ins-

ROSPECTIVA

Por TITO L. BANCÉSCU

trumento gregário, sente diminuído o seu instinto: o gado não vai espontâneamente ao matadouro, mas o homem moderno «vai».

O tipo humano «realista» e céptico para quem a vida só tem contornos sombrios, não hesita em afirmar ufanamente que é homem «prático», «objectivo», e por isso não pode partilhar das nossas afirmações. O humanismo é para ele uma quimera, inadmissível e «impraticável» nos dias que passam; até se tem dito que o aperfeiçoamento do homem é uma «utopia». Enquanto a selva introspectiva permanecer virgem, o homem continuará a ser lobo do homem. É o utilitarismo elevado a grau inconcebível que determina este clima irrespirável. O pessimismo dos «realistas» levou a esta medonha encruzilhada. Não tem direito a lamentar-se. Se o ser humano — de acordo com o risonho critério dos orientadores positivistas — não é realmente susceptível de humanizar-se, é natural que o canibalismo se imponha na Terra. Se desconfiarmos do humanismo como factor do aperfeiçoamento da espécie, necessário é admitir o triunfo do orangotango.

Mas toda a pessoa sensata de saúde moral convirá connosco em que o espírito se há-de impor à matéria. A moral da selva e da caverna pertence às remotas idades do passado. Sòmente as mentalidades hipertrofiadas, os espíritos diabólicos e os inimigos da humanidade podem negar a evolução e as leis que regem o transformismo cósmico; só eles podem contemplar a vida através do buraco da fechadura, havendo tantos instrumentos técnicos e psíquicos que nos mostram a forma clara, em conformidade com os conhecimentos adquiridos à margem dos preconceitos, do dogma e da torpeza.

(I. D. S. traduziu)

mais escolhe um lugar para cantar hossanas à glória de Deus, adora-o em Espírito em qualquer lugar: — «Deus é Espírito e em espírito e verdade é que O devem adorar os que O adoram» (v. 24). Quebra-se o tradicionalismo de Jerusalém como cidade santa e a «água viva» alarga-se pela terra inteira, brotando de um ponto perdido na árida Judeia.

E Jesus chama-se Meschiah, o Enviado, para despertar o homem do seu letargo e fazê-lo caminhar pela «senda estreita» que a Deus conduz. Ele olha a Terra como uma seara imensa, trabalhada pelos espíritos missionários do passado antigo, quer se chamassem Mosché ou Budha, Eliyahu ou Schemuel. Outros colherão os grãos que eles semearam, «para que assim o que semeia como o que sega juntamente se regozijem» (cap. IV. v. 36).

AS CURAS DE JESUS

O Cristo continua a sua peregrinação pela terra hebraica e atrás vai ficando um longo cortejo de curas espantosas. Ao contacto do seu magnetismo extraordinário os doentes erguem-se, completamente sarados. Jamais o povo vira tamanhas maravilhas que excediam a tradição de Eliyahu. Notável é a palavra do Mestre ao paralítico da Bathesda (cap. V, V. 1-16): — «não peques mais para que não suceda alguma coisa pior». Define-se, assim, o aleijão físico como consequência do desregramento espiritual. A dor física é uma forma de redenção espiritual.

Mas estas curas excitam os ânimos dos fanáticos da Lei, porquanto algumas se realizavam no sábado, dia destinado ao absoluto descanso. Jesus quebra a tradição porque entendia que toda a hora era de trabalho, desde que neste se procurasse a realização do Ideal divino — «Meu Pai até agora não cessa de obrar e eu obro, também, incessantemente» (cap. V, v. 17). Intitulando-se Filho de Deus, Meschiah na Terra, o Cristo apenas significa uma ligação espiritual, porquanto o Filho esforça-se por trazer a luz deslumbrante do Verbo às trevas da cegueira humana. O Filho sente o poder criador do Eterno e age na medida desse sentir em si, na medida da força que o sustenta: — «Em verdade vos digo que o Filho não pode, de si mesmo, fazer coisa alguma, senão o que vir fazer ao Pai; porque tudo o que fizer o Pai, o faz também semelhantemente o Filho» (v. 19). Jesus não é Filho de Deus em conceito vulgar e tal como o compreenderam as mentes da época e que, supomos, foi causar a fantasia erguida pelos evangelistas Mathias e Lucanus sobre a concepção de Myriam e o nascimento de Jesus (embora se torne possível a sua admissão à luz da fenomenologia espirita:-V. «O Quatro Evangelhos» de Roustaing).

Bola de Cristal

Informamos os prezados leitores que chegou nova remessa de bolas de cristal destinadas aos predispostos à vidência ou que desejem desenvolver a concentração e outras faculdades psíquicas.

PREÇO, INCLUINDO INSTRUÇÕES COMPLETAS — 50$00

HOMENAGEM A JESUS

Por ANTÓNIO MARTINS

É com o coração a trasbordar de alegria que meu pensamento se eleva às alturas em busca da imagem sacrossanta de Jesus.

Cerrando os olhos do corpo, em vou franquear à vista da alma os campos infinitos do espaço na esperança de contemplá-La e de joelho em terra suplicar-Lhe que oiça o murmúrio da apagada voz do pobre mortal que sou, na homenagem despretenciosa mas cheia de gratidão e amor que Lhe dirijo.

Desejaria a linguagem divina para cantar-Vos, meu Jesus, um hino de louvor que fosse digno de Vós. A linguagem humana é pobre de mais; falta-lhe expressão condigna para cantar a glória do Eleito do Senhor. Não tenho eu, nem capacidade, nem qualidade ou categoria intelectual para o fazer dignamente. Falta-me a arte e o engenho, falta-me inspiração, falta-me tudo, para poder, ainda que imperfeitamente, dizer o que foi e o que representa para o mundo, a Estrela Máxima que nunca deixou de brilhar no firmamento do pensamento humano.

Nem sequer me é dado pedir às musas inspiração condigna e bradar como Camões:

Dai-me uma fúria grande e [sonorosa
E não de agreste avena ou [frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa
Que o peito acende, e a cor [ao gesto muda.

Tenho pena, mas Vós aceitareis, meu Jesus, esta minha evocação como o preito de homenagem sincera que vem do coração onde Vós podeis ler o que vai na minha pobre alma de mortal. Sentida evocação a minha, mas almas como a Vossa são dignas de algo de mais elevado; são dignas dos cânticos dos eleitos, dos seres alados e das homenagens dos divinos colaboradores de Deus,

São dignas das glórias celestes e da Luz Maior que ilumina o universo; mas mais que as palavras fala o coração, fala o sentimento e fala a alma; vós ouvis essa prece e Vosso Sublime Coração mais que ninguém a compreende.

Aceitai-a, Senhor, como prelúdio de outras que hão-de subir até Vós e que mais dignas serão à medida que meu pobre espírito, em busca da Vossa luz, mais se aproximar do Vosso.

Professo uma doutrina que julgo ser a mais fiel dos Vossos Evangelhos. Ela é para nós a chama sagrada, que eternamente arderá em nossos corações. É para nós a luz, o amor e a vida trazida por Vós à humanidade com sacrifício moral superior ao da Vossa própria vida.

Nesta quadra do ano em que a cristandade inteira comemora a Vossa Sagrada Paixão, eu acredito, Senhor, que o mundo espirita me segue e faz sua esta singela homenagem Àquele de quem recebeu toda a luz e em quem pôs toda a sua esperança. São de triste recordação os dias que passam e de vergonha para os homens que não souberam receber-Vos.

Lá, dos mundos estelares de onde descestes para sofrer e morrer pelos homens, a noite deve ter sucedido ao dia. Com imensa tristeza e o coração chorando de mágua, vos devem ter visto baixar à Terra, os que por lá seguiam Vossas pegadas. É que eles já divisavam ao longe os sofrimentos porque ieis passar. O escárneo, os maus tratos, o ridículo e o enxovalho de que ia ser objecto Aquele que era todo luz, amor e ternura. O mundo dos astros deve ter ficado de luto, pela Vossa ausência, assim como a humanidade terrestre se vestiu de crepes pela vossa partida. Vestiu crepes, mas Vós não partistes, meu querido Jesus, porque ela sente-Vos e traz-Vos sempre em seu coração, e a Vossa Imagem gravada na mente é o lenitivo para as suas dores, para as suas amarguras e para os momentos de desalento.

O Vosso santo nome, Jesus, é a santa palavra que acode aos lábios dos aflitos, ricos e pobres, nobres ou plebeus. É a santa palavra que mais que qualquer remédio cura e consola, inspira confiança e acalma.

Que o Vosso exemplo, coroado pelo sacrifício máximo, seja o lema a guiar a humanidade através do oceano tumultuoso das paixões humanas e a Vossa divina luz, irradiando do alto do Calvário, se espalhe a jorros sobre os ho-

As Nossas Edições

NOS UMBAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett*.

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 42$00

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos*.

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado*.

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado .....18$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos*.

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos*.

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra extraordinária lança poderosa luz sobre a morte e o Além.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

Enviamos estes livros à cobrança acrescidos das respectivas despesas.

mens de boa vontade e que a carne não seja mais para eles o travão impiedoso que tantas vezes, cegando o espírito, os desvia do caminho recto do dever.

Que a Vossa imagem, transfigurada por luz desconhecida na Terra, penetre em nossos corações e atinja as profundezas da alma e aí se conserve a garantir a evolução e o progresso humano.

Que ela seja para nós o lago sagrado onde possamos banhar nossa alma e que desse baptismo ela saia cristalina, pura e impregnada de todo o Vosso grande amor.

Que todas estas grandes virtudes, bebidas no Grande Manancial de que sois o Grande Foco, sejam para nós as armas tão desejadas para travar batalha contra as forças do mal e todas as paixões que impedem a evolução das mais belas faculdades do espírito humano.

Lá, na vastidão dos espaços onde residis, constantemente Vos chegam mensagens de reconhecimento, súplicas e pedidos sem fim que a humanidade inteira Vos dirige. Por quem poderia ela clamar senão pelo Mestre, pelo Divino Missionário que ilumina as consciências e abre as portas do desconhecido às almas sedentas de Justiça e Progresso? A quem poderia a humanidade dirigir-se senão a Vós, Eterno Foco de Luz e Amor? Ninguém irá ao Pai senão por Vós! Por isso todos os pensamentos voam para Aquele que é a Chama Máxima, o Centro, o Estado Maior das forças que convergem para o bem sob a sua protectora direcção.

Senhor! fazei morada em nosso coração e nossa alma. Sede connosco nas horas da felicidade como na tristeza, no trabalho como no descanso, no sono como na vigília. Protegei, Senhor, as almas dos nossos entes queridos e guiai-os em todos os planos da vida espiritual.

Mostrai-nos, Senhor, as alegrias do Céu e abri nosso entendimento à compreensão da vida superior. Ajudai-nos a conquistar a suprema alegria de poder enfileirar ao lado dos Grandes Missionários Divinos, para juntamente com eles podermos entoar bem alto:

Hossana! Hossana! ao filho David.
Glória a Deus nas alturas
E paz na Terra, aos homens de boa vontade!

Março de 1951

A REENCARNAÇÃO

I

Existem apenas três maneiras de explicar as desigualdades de capacidades, condições e circunstâncias entre os homens.

1.ª — *A criação especial feita por Deus:* doutrina que inplica a impotência do homem, em face do destino determinado pelo capricho de uma vontade arbitrária e impenetrável.

2.ª — *A hereditariedade:* teoria científica e que igualmente supõe a impotência do homem, por ser ele próprio o resultado de um passado no qual não teve interferência.

3.ª — *A Reencarnação:* doutrina que reconhece ao homem a possibilidade de se tornar senhor do seu destino, sendo ele próprio o fruto de um passado individual, *de que é autor,* e possuindo a faculdade de determinar o seu futuro pelo estudo e aplicação das leis da evolução.

A Reencarnação restitui a Deus a sua justiça e ao homem o seu poder. Todo o espírito entra inicialmente na vida humana como um germe desprovido de conhecimentos, de consciência e de discernimento.

Vejamos, portanto:

O QUE É A REENCARNAÇÃO

O que vulgarmente chamamos vida é apenas um dia da verdadeira vida, um dia de escola, durante o qual o homem aprende uma lição. Mas como uma vida de cerca de 60 ou 70 anos não é bastante para lhe dar tempo de aprender todas as lições que este maravilhoso e belo mundo tem para ensinar, e como Deus quer que as aprenda todas, ele tem de voltar repetidas vezes e viver muitos destes dias de escola a que nós chamamos vidas, em classes sucessivamente mais adiantadas e em circunstâncias diversas, até aprender todo o programa de Deus; e acabado este trabalho escolar elementar, passará para outro mais elevado e grandioso, a verdadeira vida para a qual estas vidas na terra o prepararam. É esta a doutrina da Reencarnação ou Renascimento, doutrina muito conhecida nas civilizações da antiguidade e ainda hoje aceite pela maior parte da humanidade.

A Reencarnação é a volta do Espírito em diversos corpos de carne até atingir a Perfeição.

Nunca esta doutrina foi expressa de uma forma mais elevada do que na formosa prédica do «Bhagavad Gita», com que Krishna exortava Arjuna: «Estes corpos finitos que envolvem as almas que os habitam, diz-se que pertencem àquele espírito eterno, imperecível e incognoscível que está no corpo... *Enganam-se aqueles que pensam que o espírito mata ou pode perecer;* pois nem mata nem pode ser destruído. Dele ninguém pode dizer: *foi, é, será e continuará a ser; pois nunca nasceu, nem parará na morte.*

«É antigo, permanente e eterno, e não fenece quando este corpo mortal se destrói. Sendo ele incorruptível, eterno e indestrutível, pode o homem pensar que matará ou morrerá?

«Assim como um homem se desfaz do vestuário velho e passa a usar outro novo, assim o morador do corpo, depois de abandonar os seus invólucros mortais antigos, entra noutros novos.

«Não há armas que o penetrem, não há fogo que o queime; não há água que o corrompa, não há vento que o seque; pois é invisível, incombustível, incorruptível e inalterável; ninguém o vê e ninguém o concebe (Da tradução inglesa de W. C. Judge, pág. 12 e 13).

A teoria da reencarnação afirma, segundo a filosofia esotérica, a existência de um princípio vivo e individualizado que habita e vivifica o corpo do homem e que, por morte deste corpo, passa a outro após um intervalo mais ou menos longo. Deste modo as vidas corporais sucedem-se como as pérolas de um fio, sendo este fio o Princípio vivo e as pérolas as diferentes vidas humanas.

É preciso, porém, não confundir a teoria da metempsicose, tal como a apresentamos, com essa absurda ideia, produto de espíritos ignorantes, que sustentam que uma alma depois de ter, na sua evolução, atingido a humanidade, pode passar em seguida para um animal. Tal retrocesso está fora dos limites da possibilidade; uma vez chamada a existir, a alma, habitante do que chamamos um corpo causal, nunca pode retroceder para um reino manifestamente inferior, por maiores que tenham sido ou seus erros, e por mais levianamente que deixasse escapar as oportunidades de desenvolvimento. Se na escola da vida não quis ou não soube aprender, volta a aprender as mesmas lições até as saber completamente, mas o progresso é constante, embora por vezes extremamente vagaroso.

Há alguns anos apareceu na seguinte forma elucidativa a essência desta doutrina numa das revistas teosóficas:

«Um pequeno foi para a escola. Era ainda uma criança e tudo o que sabia tinha-lhe sido inspirado pelo leite de sua mãe. O seu professor, que era Deus, colocou-o na classe mais atrasada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO MATARÁS»; «NÃO FARÁS MAL A NENHUM SER VIVO», «NÃO ROUBARÁS». Chegado a homem não matou, mas era cruel e roubava. No fim do dia, quando a barba lhe tinha embraquecido, quando a noite tinha chegado, o professor, que era Deus, disse:

«— Aprendeste a não matar. Mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã.

«No dia seguinte voltou a criança outra vez. E o seu professor, que era Deus, mandou-o para uma classe mais adiantada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO FARÁS MAL A NENHUM SER VIVO»; «NÃO ROUBARÁS»; «NÃO MENTIRÁS». E chegado a homem não fazia mal a ninguém, mas roubava e mentia. No fim do dia, quando a barba lhe tinha embranquecido, quando a noite tinha chegado, o seu professor, que era Deus, disse:

«—Aprendeste a ter compaixão, mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã.

«No dia seguinte voltou a criança outra vez. E o seu professor, que era Deus, mandou-o para uma classe um pouco mais adiantada e deu-lhe para estudar as seguintes lições: «NÃO ROUBARÁS»; «NÃO MENTIRÁS»; «NÃO CUBIÇARÁS». E chegado a homem, não roubou, mas mentia e cubiçava. E no fim do dia, quando a barba lhe tinha embranquecido, quando a noite tinha chegado, o seu professor, que era Deus, disse:

— Aprendeste a não roubar. Mas esqueceste as outras lições. Volta cá amanhã, meu filho.

«Foi isto que eu li nas faces dos homens e das mulheres, neste grande livro que é o mundo e no pergaminho dos céus que é escrito com estrelas». (Berry Benson, em *The Century Magasine*, Maio, 1894).

A VIDA É A COLHEITA DA EXPERIÊNCIA

Por meio da experiência, quer agradável, quer dolorosa, vai o homem acumulando materiais com que constrói as suas faculdades mentais e morais. Desta forma, a personalidade que consigo traz ao nascer, é o resultado da sua própria obra e marca-lhe a fase a que chegou na sua longa evolução.

As tendências naturais, as altas capacidades, a nobreza de carácter, representam os despojos de

Por ANGELO DA COSTA CABRAL

grande número de renhidas lutas e a recompensa de pesadas e árduas fadigas. O selvagem de hoje será o santo do futuro. Todos somos destinados a atingir a suprema perfeição humana. O sofrimento é a consequência de erros e é sempre um correctivo; a força desenvolve-se por meio da luta; de cada sementeira que fizermos, colheremos os inevitáveis frutos, brotando do bem a felicidade e do mal o infortúnio.

A criança que desencarna pouco tempo depois de nascer, paga uma dívida antiga e voltará em breve à terra liberta de tal dívida, a fim de adquirir a experiência necessária ao seu progresso.

As virtudes sociais podem colocar o homem em condições difíceis na luta pela existência e levá-lo até ao sacrifício da sua vida física, mas formam-lhe um carácter nobre para as vidas futuras e preparam-no, de forma a tornar-se um servo da humanidade.

O génio fixa-se num indivíduo após longas existências de esforços e ele próprio tornar-se-á cada vez maior em cada um dos seus renascimentos. E assim, em todos os casos, o passado do indivíduo explica o seu presente e desde

que as leis do desenvolvimento e do progresso sejam conhecidas e cumpridas, *pode o homem com segurança edificar o seu futuro*, modelando em linhas sempre mais belas o seu desenvolvimento, até que atinja a estatura do homem perfeito. Só quem não acredita na imortalidade da alma poderá pôr em dúvida a reencarnação dos seres; mas sendo assim, como explicam eles as desigualdades sociais, como podem conciliar a justiça com o sofrimento constante, suportado durante uma vida inteira, por uma criatura que nada fez para o merecer? Como explicam o génio? Como explicam os grandes homens que guiaram a humanidade em diferentes épocas?

A Reencarnação existe e é uma grande verdade.

No hemisfério Ocidental podemos ver a Reencarnação como uma crença fortemente arreigada entre muitas tribos da América do Norte e da do Sul. Os Maias, por exemplo, cuja linguagem e simbolismo mostram interessante analogia com o antigo Egito, ainda mantêm essa doutrina.

A vida apresenta-nos inúmeros problemas que, se se puser de parte a hipótese da reencarnação, são absolutamente insolúveis. Esta grande verdade explica e decifra esses problemas e por isso está em campo, enquanto não aparecer outra mais satisfatória. Verdadeiramente, para nós, isto não é uma hipótese mas sim um facto derivado do conhecimento directo; mas o que nós conhecemos, embora sem a mais pequena dúvida, não pode servir de prova para os outros.

Ora uma hipótese que é a única que nos permite reconhecer racionalmente a perfeição do poder e do amor da Divindade, é evidentemente digna de um exame cuidadoso. Porque nós sabemos que a nossa vida presente não é a nossa primeira vida, mas que todos temos atrás de nós uma longa série de vidas. Evidentemente, nessas existências passadas fizemos bem e mal e de cada uma das nossas acções deve ter resultado, sob a acção da inexorável lei da justiça, um proveito ou uma perda. Das boas acções resulta sempre felicidade e amplas oportunidades de aperfeiçoamento; das más, resulta sempre infelicidade e uma limitação dessas oportunidades de perfeição.

Por isso, quando nos achamos por qualquer meio impedidos de ser felizes, esse impedimento é obra nossa, é devido apenas à infância da nossa alma. Somos os únicos responsáveis pelas nossas amarguras.

«As principais objecções fundam-se no facto de que nós temos tantas amarguras e contrariedades nesta vida, que seria loucura querer convencer-nos a voltar a viver outra vida como esta.

«Mas isto não é um argumento; se andamos em busca da verdade, não devemos vacilar quando a achamos, seja ela agradável ou não, apesar de que, como já disse, não há outra doutrina que encerre uma maior fonte de consolação e de conforto.

«Dizem ainda outros que custa a crer nós termos tido tantas vidas prévias e não nos lembrarmos de nenhuma delas. A resposta a esta objecção poderia cifrar-se nestas palavras: há muitos que se lembram; e a razão porque a maior parte não se lembra provém do facto da sua consciência estar ainda focada num ou noutro dos invólucros inferiores. Este invólucro não pode evidentemente conservar memória das encarnações anteriores porque ainda não experimentou nenhuma; e a alma que tem passado por elas, não tem ainda consciência no seu próprio plano. Mas a memória de tudo o que é passado está como que armazenada dentro dessa alma e manifesta-se nas qualidades inatas com que a criança nasceu; e logo que o indivíduo tem evolucionado suficientemente para estar em condições de poder focar a consciência no seu plano, em vez de a focar nos veículos inferiores, imediatamente lhe aparece como num livro aberto a história desta vida real e mais ampla, que é a verdadeira vida». (Do livro «O que é e para que serve a Teosofia»).

Por ter saido truncado, publicamos novamente este artigo.

«DOIS MUNDOS»

Por F. NORONHA

Acabo de percorrer, atentamente, edificado, o texto do livro *Dois Mundos*, dado à estampa no ano pretérito.

Precedem o aludido texto, distribuído por 52 interessantes capítulos, um *Esclarecimento* da autoria de Isidoro Duarte Santos e a definição de *Este livro...* pelo espírito desassombrado de Maria Gonçalves Duarte Santos.

A obra de que se trata, leitor amável, tem para mim a mais típica expressão de modalidade moral reflectida e carinhosa, que hei registadó em minhas leituras predilectas. Neste sentido, só outra obra a suplanta em minha retentiva: *Da Imitação De Cristo*, de que um dos tradutores portugueses que a verteu «do original latino» disse no prólogo: «que a par com a tradução» ia recolhendo em si, para proveito da sua alma, «e governança da vida corruptível, os suaves óleos, que manam de tão altíssimas doutrinas».

E o Espiritismo, que rende adoração a Deus, criador e omnipotente, e vê e reconhece no Mártir do Calvário o seu Enviado e julgador nosso, o Espiritismo contém, identificado, a suma, altíssima também, da fraternidade humana, representada e sintetizada numa frase única, simples, singela: «amai-vos»!

É esta, em última análise, a doutrinação filosófica e acessível da linguagem espiritual de D. Maria Gonçalves Duarte Santos, ditada e transmitida do Além.

Dois Mundos não é apenas um enleio de pensamentos elevados e de doçura cativante, é uma exposição de ideias e de verdades de molde à meditação e ascese do ser humano e ao aplauso da consciência imparcial.

É um livro de carácter espirita que honra e enaltece o espírito, mas, simultâneamente, uma publicação de generalidade e de conceito que, se lida, assimilada e posta em prática, isto é, executada, eliminaria, em absoluto, o «homem lobo do homem» e transformaria o cenário deste planeta atrasado em estância de concórdia, iluminada pela Paz.

Sim: não exagero. Ao espírito da fundadora de *Estudos Psíquicos* assomaram, em relance admirável, virtudes e vícios, concertos e desconcertos, imposturas, hipocrisias, vilezas, ruindades, tudo o que enodoa e é repugnante, e tudo o que dignifica e aproxima do Alto.

E aquilatou o bem e o mal com serena unção, fazendo sobressair o mérito autêntico, onde ele prevalece e evolui, ganhando volume, e o demérito, a teimosia, que degradam e envolvem provação.

Eis a derradeira palavra da autora:

«O livro que vos dou é o meu protesto contra a Morte».

Contra a morte, sob todos os aspectos.

O espírito subsiste e ala-se para as alturas, tal como era no envólucro físico, abandonado ao laboratório do *humus* de que fora hóspede. Será liberto de sofrimento, se depurado.

Não existem lacunas para o direito do justo, nem erratas na aplicação de sanções.

No tribunal do Além impera Deus e decide a omnisciência. Não entra o dolo, a fraude ou a mentira.

Toda a finalidade do livro reside no anseio de prevenir e elucidar.

É uma forma empolgante de estética pura e de atracção de lógica espontânea.

A crítica mordaz não faz mossa aí, e todo o leitor do livro, mesmo em má disposição, alguma coisa colherá que lhe aproveite à alma.

Estou até em dizer, que seria muito útil, se fosse possível generalizar-lhe a leitura de tal arte e modo que ninguém, sabendo ler, deixasse de percorrê-lo.

Infelizmente, a atmosfera do nosso País não dá para edições de larga amplitude e é dada preferência ao jogo da bola e a novelas policiais. *Dois Mundos* é livro não apenas de interesse especializado, mas de ética sã, de boa sonância, de impulsionamento sugestivo para toda a gente proba e sensata.

Haverá quem o atribua a satanismo?

Satanismo! Como se a crença em Deus, nele demonstrada, pudesse admitir semelhante atoarda de ignorância e de má fé.

Deus, porém, às vezes, escreve direito por linhas tortas, desmascarando a calúnia e pondo a limpo a verdade.

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

122. MENSAGENS DOS MEUS ENTES QUERIDOS — *Carmo Bianco*, S. Paulo, 1950.

Conjunto de comunicações recebidas pelo operoso médium Carmo Bianco e ditadas por espíritos familiares de Alves de Lima, é prefaciado pelo jornalista Francisco Nunes em termos encomiásticos, quase académicos. Alves de Lima nada nos diz, porém, de como chegar à *certeza* de que são familiares seus os autores das diversas mensagens, algumas das quais com carácter nìtidamente íntimo. No estilo literário de muitos trechos é fácil, todavia, encontrar semelhanças com passagens doutras obras do mesmo médium, talvez por serem recebidas em estado de incorporação, que, como se sabe, nem sempre é perfeita e completa. Em obra deste género dever-se-ia, a meu ver, incluir um relatório das experiências feitas ou dos controlos realizados, antes de chegar às conclusões decisivas.

Lemos nesta obra que alguns dos familiares de Alves de Lima diziam viver no planeta Marte! Parece, porém, que nada se lhes perguntou sobre a vida desse tão discutido astro do sistema solar. Vivem lá como espíritos «livres» ou como «encarnados»? Que condições caracterizam aí a existência? Ou não haverá *interesse real* em conhecer o que se passa em outros mundos?

Pelo seu fundo ideológico, não há diferenças sensíveis entre a obra em epígrafe e outras puramente doutrinárias. O estilo é fácil, muitas vezes poético, outras com imagens de delicado recorte literário, mas nem sempre isento de circunlóquios e redundâncias.

123. PÃO DA VIDA — *Maria Máximo*. S. Paulo, 1943.

Obra volumosa, nela se reuniram numerosas mensagens recebidas pela médium Maria Máximo. Pelo que se lê a págs. 27 — «aqui me encontro de novo convosco, através da *palavra escrita*...» — trata-se de comunicações psicografadas, mas desconhecemos as condições em que foram obtidas. Nada lemos, por outro lado, do indigitado Autor, Dr. Aurélio de Azevedo ou «Pai Aurélio», pelo que não nos é possível um esboço de crítica comparada.

Atidos, portanto, ao conteúdo ideológico da obra e ao seu lado formal, «Pão da Vida» é um livro *doutrinário*, recheado de conceitos evangélicos adaptados às horas que passam e aos homens... de todos os tempos. Indiscutìvelmente que nele não encontramos aqueles rasgos de alto misticismo, aquele chamado potente para Deus que carateriza a Voz dos Grandes Espíritos. Há conselhos, há incentivos, há reprimendas, mais ou menos vivos, mais ou menos coloridos, ora dirigidos à razão, ora à sensibilidade. Abundam as obras deste género, talvez mesmo porque a sua estrutura é acessível a um grande número de espíritos, do Aquém e do Além, daqueles para receber e destes para transmitir. Reconhece-se a razão dos conceitos, a actualidade dos pontos focados e a «cristianidade» das afirmações, mas raramente sentimos tocado o cerne da alma. Os modelos deste género literário — os «Sermões» de Vieira ou «A Nova Floresta» de Manuel Bernardes — só muito poucas vezes conseguem ser atingidos. Dentro do Espiritismo, luso-brasileiro só o temos visto nalgumas páginas de Vinicius e de Isidoro Santos, nalgumas mensagens psicografadas por Fernando de Lacerda e Francisco Xavier.

124. A TRILHA DA VERDADE — *Carmo Bianco*. S. Paulo, 1950.

Mais um feixe de mensagens recebidas por Carmo Bianco e ditadas por variadíssimos espíritos com nomes desde José Alencar e Carlos Gomes a Camille Flammarion, a Gandhi, a Beethoven, a Schumann, a Vitor Hugo, a Rabindranath Tagore e a Roosevelt!!! Não nos atrevemos a discutir o inusitado do facto — dado que haja muito poucas semelhanças entre o estilo das mensagens e o usado, em vida, por algumas destas personalidades — porque desconhecemos o método seguido nas sessões, os controlos efectuados, etc.

Há, porém, uma passagem que não resistimos a anotar: — «Os sete corpos do homem». Trata-se de respostas dadas por Tagore, o famoso poeta hindu recentemente desencarnado, a umas perguntas feitas por Alves de Lima sobre a existência e a natureza dos corpos espirituais apontadas pela escola teosófica. Tagore (?), o reencarnacionista que tão bem conhecia o pensamento filosófico das antigas escolas do Dekkhan, dá uma resposta que de tal só tem o nome! Ilude as perguntas com derivações hábeis que deixam o problema em suspenso e sem qualquer esclarecimento ou tentativa de tese. Alves de Lima não nos diz se se satisfez com as declarações do espírito, mas estou convicto que nenhum estudioso se poderia contentar com um mero amontoado de palavras... Em tempos também fizemos perguntas análogas a um espírito que se esconde sob o pseudónimo (?) de Abdallah. O resultado — «Apontamentos sobre o perispírito» — veio publicado em «Estudos Psíquicos», número de Agosto de 1950. Que Alves de Lima compare o retumbante Tagore (?) que lhe respondeu com o singelo Abdallah dos «apontamentos»!

125. MEU FANAL — por *Ramiro Gama*. Ed. Gráfica Mundo Espirita. Rio, 1949.

Mais um livro de versos onde se tratam os princípios morais do cristianismo espirita e os seus efeitos, pelo cumprimento estreito, na regeneração da alma humana. Sem dúvida que conceptualmente nada há que ressalvar, mas a forma literária é que... (sejamos sinceros) deixa muito a desejar. Repare-se, por exemplo, nesta quadra de um soneto:

Aquele que, afinal, se achar em
[Jesus Cristo
não mais pode folgar, despreo-
[cupadamente...
É um crente do Dever, que con-
[siste nisto:
Remir-se à redenção Daquele de
[que é crente!

É possível que haja quem seja capaz de *sentir* poesia nos versos de Ramiro Gama; que não eu que, do Brasil, tenho nos ouvidos os sons deixados por Catulo, por Manuel Bandeira, por Augusto dos Anjos, por Gilka Machado, por Jorge de Mina, por Drummond de Andrade, por Adalgisa Nery, por Ribeiro Couto, por Olegário, que não saberei esquecer a mensagem recebida por Chico Xavier nas páginas do «Parnaso de Além Túmulo».

Veja-se ainda esta quadra:

Ser espirita é ser um ente à parte
No mundo das maldades e dos
[ódios
É procurar fazer, sem que se
[farte,
a caridade com seus episódios.

ou esta

Caminheiros do Além que unidos
[caminhais
em trabalho do Cristo, em traba-
[lho do Bem:
Sede, em vossa Cruzada, os Sol-
[dados da Paz;
Sede, em vossa Missão, Caminhei-
[ros do Além.

Sem dúvida que compreendemos e aplaudimos os intuitos que norteiam o Autor ao escrever; mas isso não nos força a encomiar uma obra que pretende ser poética, apenas porque se alinharam versos, quase sempre obedientes, como meninos bem educados, aos cânones da métrica tradicional. Infelizmente, vão sendo cada vez mais raras as obras em que a Poesia se ergue em toda a altura da sua Figura admirável.

Pense-se, sentindo isto:

«—Ouve? Mudou, mudou agora:
não canta mais, não canta, chora...
Minha mãe! Como me apavora
a dor de quem sofre lá fora!

(Olegário Mariano)

ou isto:

«Eu te faço esmola de tudo o que
[tenho sofrido
desde que fui criado.
Eu te faço esmola de todas as
[humilhações,
do meu orgulho vencido e das
[minhas ânsias absurdas.
Eu te faço esmola do meu inútil
[desejo de santificação,
de todo o mal que cometi porque
[o permitiste».

(Murilo Mendes)

ou, ainda, isto:

«Basta-me ter o que tenho
quer para andar, quer andado!
Basta-me a língua que falo,
que a falo... e fico calado!
Basta-me dar-vos a todos
água da chaga do lado!
Basta-me, sendo infinito,
ver-me a um cadáver atado».

(José Régio)

Há aqui ideia e forma, há sentir e cantar, há o homem e o poeta!

Ramiro Gama gosta da poesia, gosta de exprimir os seus pensamentos em verso. Mas isso não chega para ser Poeta no conceito que nós temos da Poesia e que foi formado pelo rasgar da alma às mensagens de todos aqueles que, desde o Valmiki do passado longínquo ao Dante medievo, ao Camões quinhentista, ao Edgar Poë do século de novecentos e aos Régio e Torga da hora que passa, souberam encarnar o verdadeiro espírito do poético.

Custa-me sempre a expressão nestes termos, mas tenho de ser sincero ou ter-me-ia de negar no pouco que de bom há no meu espírito. Não sou capaz de ver em Ramiro Gama um poeta, como o não vi também em Damasceno Sobral; mas admito que outros sejam capazes de tal... não há dois olhos iguais, nem dois espíritos que sintam do mesmo modo... Tudo é relativo na superfície deste planeta de limitações. E se Ramiro Gama experimentasse ler e sentir a obra dos Poetas da sua terra ou da minha? Seria capaz de julgar os seus versos como *Poesia*, abstraída a forma?

126. O ESPIRITISMO E O DIVÓRCIO — *Edgar Armond.* S. Paulo, 1949.

À luz do pensamento kardecista, o Autor analisa sucintamente o problema dos sexos e do divórcio, dando uma valiosa cooperação no sentido do esclarecimento desta temática.

127. A MULHER NO LAR E NA SOCIEDADE — *Idalinda de Aguiar Matos.*

Um pequeno folheto cheio de grandes verdades e de ideal regenerador.

UNIÃO

Unamo-nos, irmãos, enquanto fulge o dia,
Guiando o arado à frente, em plena primavera.
Pela Fraternidade, a fé nobre e sincera
Edifica, entre nós, o Reino da Harmonia.

O Espiritismo é a luz que se eleva e anuncia
A Nova Humanidade ao sol da Nova Era,
No Evangelho do Amor, que salva e regenera
Para a renovação da perpétua alegria.

De mãos dadas ao Cristo, unidos venceremos,
Na excelsa direcção dos Páramos Supremos
Onde a Vida Imortal é fúlgido destino!

O Céu espera em nós, para a glória do mundo,
Um rebanho sòmente em trabalho fecundo,
Uma fé soberana e um só pastor Divino.

AMARAL ORNELAS

Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Pedro Leopoldo, 11/XII/1950, por ocasião da Caravana de Fraternidade.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

CALCULADORES GENIAIS

Acaba de abandonar a Terra um dos maiores calculadores conhecidos, ao qual o Doutor Logre se referiu há pouco no jornal francês *Le Monde*. Segundo o seu relato, Jacques Inaudi foi recebido na corte inglesa onde o ministro das finanças de Eduardo VII lhe propôs a multiplicação instantânea de seis algarismos por seis. Inaudi deu uma resposta que foi logo constestada pelo ministro; mas depois de se verificar, reconheceu-se que Inaudi tinha razão. El-rei disse então que se o ministro calculasse habitualmente a sorte das finanças do Estado seria melhor pedir auxílio a Inaudi. Este executou uma vez todos os cálculos que lhe propôs a Academia das Ciências por intermédio dos maiores matemáticos franceses.

Inaudi, a quem Gabriel Delanne se referiu numa obra notável, era um pastor analfabeto, tornado-se depois um calculador ilustre. Chegou, mesmo, a inventar um «calendário perpétuo».

A propósito, vamos referir-nos a um calculador português que dá pelo nome de Eduardo Camacho Palma e cuja história o *Diário de Lisboa* divulgou assim em 31 de Dezembro último:

«Eduardo Camacho Palma tem 32 anos de idade, nasceu em Mértola e cursou instrução primária em Santa Vitória, Beja. A mestra mandava escrever na pedra os números que haviam de ser multiplicados ou divididos, e o pequeno Eduardo calculava mentalmente o resultado antes que os outros fizessem a conta, donde resultou começarem a chamar-lhe «bruxo»... Mas a mestra compreendeu que estava na presença de um cérebro privilegiado para as matemáticas e, esgotadas as suas próprias possibilidades de ensino para um filho que aspirava a curso superior, decidiu confiá-lo aos cuidados do pequeno Eduardo. Este, não perdia ocasião de se recrear com cálculos. Se o mandavam comprar feijão, calculava quantos tinha um litro e sabido quantos litros cabiam numa saca, e quantas sacas enchiam um vagão de caminho de ferro, e quantos podiam ser enganchados, logo dizia quantos feijões o comboio transportava!

«Todos o queriam para fazer compras, porque ninguém o enganava nos trocos e, quando se empregou num celeiro como vendedor, aceite o preço e pesado o cereal, logo dizia a importância a receber, com espanto do comprador que tinha de fazer a conta. E depois entretinha os fregueses com cálculos, como aquele do jogo das damas que, com um bago a dobrar em cada «casa», dá na última 18.446.744.073.709.551.615 bagos!

«— Resolvo os problemas por uma série de cálculos — limita-se a dizer Eduardo Camacho Palma que oculta modestamente que o seu poder de cálculo excede o de duas máquinas calculadoras, das melhores, e esconde uma nota de serviço da Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio — onde actualmente trabalha — e da qual consta que o serviço estava atrasado, por insuficiência do número de empregados e que, com a sua intervenção, foi possível não só recuperar todo o atrasado, como mantê-lo dia a dia.

«Se os parcos recursos lhe permitem tomar um taxi, calcula a distância percorrida num minuto, e logo acha a média horária. Andando na rua, vai mentalmente somando e dividindo e multiplicando entre si os números das portas, e tudo isto faz por prazer irresistível. Tem auxiliado alunos de cursos superiores na solução das mais dificeis equações. E está sempre disposto a resolver todos os problemas que lhe apresentam. Alguém lhe pediu, esta manhã, que multiplicasse 2484 por 386, e respondeu imediatamente o resultado: 958.824. Aconteceu apenas, que a multiplicação escrita por quem lhe perguntara estava errada, e certa a do seu cálculo mental...

«Um matemático pediu-lhe a multiplicação de 58.882.535 por 17 e respondeu-lhe imediatamente: 1.001.000.001. O resultado tinha sido bem preparado pelo matemático e bem resolvido.

Quem estas linhas escreve disse-lhe ter nascido no dia 8 de Junho de 1890 e logo ele lhe respondeu que tinha 22.116 dias, 530.784 horas, 31.847.040 minutos e 1.910.822.400 segundos. Este calculo foi feito à vista de várias pessoas e tão ràpidamente que algumas duvidaram. Comprovado, estava rigorosamente certo, levando em conta os 14 anos bi-sextos. E se algum erro de números se puder verificar na reportagem, leve-se a conta de erro de reporter ou a «gralha».

«Diante de algumas outras pessoas — na nossa presença — resolveu Eduardo Camacho Palma tão espantosos problemas de cálculo que em nós ficou a certeza de que a apresentação do «Inaudi português» constituiria o mais sensacional número de qualquer casa de espectáculos, de Portugal ou do estrangeiro.

Perguntado acerca da possibilidade de se apresentar em público como calculador, Eduardo Camacho Palma, que é um rapaz simpático e tão normal que, com tantos cálculos, não sofre de dores de cabeça e dorme tranquilamente, respondeu-nos, modestamente, que aceitaria, desde que os seus superiores o autorizassem. Seria a forma de recompensar uma faculdade que, podendo ser utilíssima, não está prevista no escalão de ordenados...».

Como explicar as causas determinantes desta faculdade? Os sábios materialistas não trazem achegas que resolvam o problema e só a teoria reencarnacionista pode explicar o estranho fenómeno.

«COISAS QUE NÃO SEI EXPLICAR»

A *Centelha*, de S. Paulo, publicou em Outubro do ano passado os seguintes paragrafos extraídos do livro «My Story», de Mary Roberts Richart, que vamos transcrever, subordinados ao título que lhe deu aquela revista:

Horas depois de meu marido ter morrido, entrei sózinha no quarto e, como de costume, sentei-me na cama e segurei-lhe a mão. Mas, desta vez, ele não correspondeu ao meu gesto. E creio

que só a partir deste momento me apercebi de que o perdera.

Meu marido, não sem certo acanhamento, tinha alguma crença — ou melhor, acalentava esperanças — não só de que houvesse uma outra vida além-túmulo, como também de que fosse possível a comunicação com os mortos. Quanto a mim, nunca acreditara nessa possibilidade e achava extremamente desagradável a ideia de tentar verificá-la. Não obstante, tínhamos investigado juntos toda a sorte de fenómenos psíquicos e fizemos uma espécie de pacto de procurar entrar em comunicação um com o outro, quando um de nós falecesse.

Por isso, uma bela manhã, pouco depois da morte dele, vi-me sentada num quarto escuro de hotel, tendo à minha frente uma senhora simpática, casada, ainda jovem, proveniente de uma cidade do Oeste. Eu havia, antes, examinado bem o quarto e verificara que nele não se encontravam senão as nossas duas cadeiras, uma mesa e uma banqueta num canto, com um ramo de flores.

A médium não sabia quem eu era, o que, aliás, não poderia ter influído no que se seguiu. Ela não entrou em transe. Sentámo-nos, conversando tranquilamente, enquanto eu lhe segurava as mãos, firmemente, e mantinha os joelhos dela entre os meus, de forma a controlar-lhe todos os movimentos. O que se seguiu foi mais ou menos o seguinte:

Eu (calmamente): «Sinto uma mão sobre a minha cabeça».

Médium: «Não se mexa. Vai tudo bem».

Eu: «Agora, desceu pelo meu braço e está tocando na minha aliança».

Médium: «Porque não fala com a pessoa, seja quem for?».

Falei então ao desconhecido: «Se você é a pessoa que eu espero que seja, saberá que eu trouxe hoje comigo alguma coisa que lhe pertenceu».

Pensei que nada aconteceria. Lembrem-se de que eu tinha as mãos da médium entre as minhas e que a entrada de uma terceira pessoa teria inundado o quarto de claridade e, mais, que havia uma dúzia de lugares onde eu poderia ter escondido o objecto — na bolsa, numa meia, no cabelo, debaixo do chapéu.

Imaginem, pois, qual não foi o meu assombro ao sentir alguma coisa descer pelo decote do meu vestido e segurar e sacudir o objecto que eu havia prendido à minha cintura — um caduceu, insígnia do Corpo de Saúde, que eu tirara do uniforme de meu marido. Dizer que fiquei atónita seria dizer muito pouco.

Médium: «Aconteceu alguma coisa?».

Eu: «Sim». E de repente: «Há alguma coisa entre as flores lá do canto. Estou ouvindo... A mão voltou. Está agora colocando qualquer coisa no meu peito».

Soltei as mãos e os joelhos da médium e tratei de investigar o que se passara. Junto ao caduceu, encontrei um fresco botão de rosa.

Com isso, encerrámos a sessão. Há quinze anos que trago vivo na memória o incidente, atribuindo-o a fraude, telepatia, até mesmo ao hipnotismo. Ainda não consegui explicá-lo. Não obstante, conservei durante anos o botão de rosa dentro do meu livro de orações.

Desde então, sòmente uma vez tentei de novo cumprir a minha promessa. Passados dois anos, na presença de meus três filhos, tive uma sessão com a conhecida médium inglesa Elleen Garrett. Eu nunca a tinha visto. Ela viera à minha casa naquela tarde para tomar chá e conversar. Naquele apartamento ensolarado, com o tráfego da Park Avenue lá embaixo, ela descansou inesperadamente a chícara e disse que «tentaria obter algum resultado». Recostou-se na cadeira e logo adormeceu.

Seguiu-se o palavreado preliminar do costume. Depois, alguma coisa aconteceu. A médium havia adquirido a voz do Dr. Rinehart, seu jeito, até mesmo o seu riso característico. Os meninos puseram-se na beira das cadeiras, de olhos arregalados e incrédulos.

Ocorreu, então, mais uma vez, o inacreditável. A voz, referindo-se à sua morte, disse-me: «Eu não me havia apercebido do que acontecera, até o momento em que você se sentou na cama e me tomou a mão».

Eu não havia contado a ninguém o que fizera. Quase, mesmo, esquecera o episódio.

Nunca mais tentei repetir a experiência, pois por maior que seja a minha crença, no momento, em algum fenómeno psíquico, não consigo conservá-la por muito tempo.

É possível, entretanto, que eu esteja errada. Cerca de um ano antes de meu marido começar a sentir a saúde abalada, fui a casa de uma vidente, uma mulher horrível que precisava de um bom banho e que me chamou queridinha. Sentámo-nos em frente duma pequena mesa com uma bola de cristal no centro. Um pedaço de veludo cobria a bola do meu lado, enquanto ela observava o outro lado. Por fim, a vidente levantou os olhos. «Vejo um funeral militar de alguém muito chegado à senhora», disse ela.

Pareceu-me absurdo, naquele tempo. Mas o facto é que, dois anos depois, eu me encontrava de pé no cemitério de Arlington, enquanto um pelotão de soldados fazia troar a salva de continência junto ao túmulo de meu marido.

Não me converti ao Espiritismo. Mas, afinal de contas, cumpre reconhecer que o dom da profecia remonta a Daniel. E o que dizer de Nostradamus? Quem sabe lá se aquela vidente, à sua maneira, na casinhola pouco asseada, não possuía uma pequena parcela desse dom.

O ESPIRITISMO EM CUBA

Do jornal *Édipo*, de S. Paulo, extraímos a seguinte nota:

Cumprindo os seus Estatutos, a *Federação Provincial Espiritista de Camagnei* está a convocar todas as sociedades espiritas da Província para o seu 4.º Congresso Provincial Espiritista, a realizar-se na cidade de Nuevitas, a 10 e 12 de Dezembro de 1950.

Em Março de 1951 terá lugar mais um Congresso Nacional na cidade de P. del Rio.

Deste modo, conforme reza a convocatória, buscam os espiritistas cubanos realizar sua orienção educadora e, vencendo dificuldades, abrir caminho para a conquista do bem-estar que o Espiritismo propugna.

Eis o sumário dos temas a ventilar:

1 — Que é o Espiritismo?

2 — Divulgação da Reencarnação.

3 — Idem das obsessões (Como assistir aos obsidiados).

4 — Idem, relativamente aos poderes psíquicos do Espírito.

5 — Desenvolvimento dos médiuns.

6 — Como deve ser um Centro Espírita.

É presidente da Federação Provincial de Camaguei o confrade Dr. A. Labarda; Secretário, a sr.ª Hortencia Naranjo, figura de notável projecção no Espiritismo de Cuba.

Notas & Comentários

DIFICULDADES

As notícias que nos chegam acerca da imprensa espírita estrangeira, nomeadamente sul-americana, merecem reparo e suscitam inquietação. O Mundo Espírita, *por exemplo, que fez larga carreira como semanário sob a direcção do nosso amigo Dr. Henrique Andrade, passou depois a quinzenário e agora informa que circulará mensalmente. Ao mesmo tempo torna pública a suspensão dos trabalhos da sua* Gráfica, *em virtude dos consideráveis prejuízos que sofria com a respectiva manutenção.*

Outro órgão afectado é A Reencarnação, *de Porto Alegre, órgão da Federação Espírita do Rio Grande do Sul. Segundo nos informaram, foi obrigado a suspender.*

Também da Argentina vêm más notícias. Revelación, *que saía mensalmente, passa a sair anualmente.*

Em Portugal, as dificuldades também se fazem sentir. São chegados os tempos em que temos de pôr à prova o nosso amor à causa. Todos os espíritas se devem reunir no mesmo pensamento, para que as barreiras se desfaçam e o sol da ideia possa iluminar as almas sequiosas de progresso espiritual.

UMA OPINIÃO

Do nosso confrade Manuel Coelho Cruz, da Bahia, recebemos extensa carta, donde extraímos os seguintes passos:

«Acabei de ler hoje o belo livro «Dois Mundos», da autoria daquele grande espírito que se chama Maria Gonçalves Duarte Santos e que foi psicografado pelo prezado confrade. Sem nenhum vislumbre de bajulação, até porque em Espiritismo não se admitem lisonjas, e usando de sinceridade e franqueza, confesso-lhe que fiquei maravilhado com a sua leitura. Estou de pleno acordo com o que disse a autora no preâmbulo do livro: «Não é obra para ser lida de afogadilho». A meu ver, também não é livro para leigos, isto é, para pessoas que desconhecem a doutrina espírita. Quem não estiver enfronhado ou afinado com a sensibilidade das coisas sublimes do psiquismo, não está à altura de interpretar integralmente a sua linguagem. É livro para ser meditado, recapitulando bem os seus conceitos, a fim de que penetremos no âmago das entrelinhas. «Dois Mundos» terá de ficar sendo o meu livro de cabeceira por alguns dias, para que o releia cuidadosamente e lhe apreenda os ensinamentos».

«LA GRANDE SÍNTESIS»

Acabamos de receber a tradução argentina de «A Grande Síntese», do nosso redactor-correspondente Pietro Ubaldi, levada a efeito pela Editorial Vitor Hugo, de Buenos Aires. Esta edição coincidiu com a tradução portuguesa da Livraria Allan Kardec, *de S. Paulo. Eis um livro que vai dando a volta ao mundo através dos principais idiomas. Esta mensagem mediúnica é uma verdadeira síntese cósmica de extraordinária profundidade. Alguém lhe chamou evangelho religioso e científico capaz de orientar a humanidade nos tempos que se aproximam. De facto, é uma obra de suma importância. Os 100 capítulos que a informam tocam de perto os variadíssimos conhecimentos que preocupam os estudiosos dos problemas do espírito e abrem clareiras de luz poderosa necessária aos novos caminhos que percorremos. O nosso crítico literário lhe fará o comentário que merece. Entretanto agradecemos à Editorial Vitor Hugo o exemplar oferecido.*

PARTIDO ESPIRITUALISTA?

Segundo noticiou há tempos O Espiritualista, *de S. Paulo, constituiu-se uma nova agremiação política intitulada «Partido Espiritualista Brasileiro», com sede na Rua Benjamim Constant, 77, 8.º andar, sala 2, Caixa Postal 4568, S. Paulo para onde devem ser enviadas as adesões. É o* Jornal Espírita *do Rio de Janeiro que regista o facto e do qual extraímos esta nota.*

Perguntámos a nós próprios o que seria um partido espiritualista e como agiriam os seus adeptos e logo registámos o seguinte parágrafo lido um pouco mais abaixo: «no meio da confusão alucinante na luta que ora se observa em nosso país, é preciso um partido que livre de mesquinhos e inoperantes preconceitos, livre da corrente demagógica, propugne pela união dos dos brasileiros».

Não vemos na pequena amostra de programa qualquer coisa que justifique um partido deste género. Para combater o preconceito e a demagogia não é preciso ser espiritualista. De resto, quer-nos parecer que onde há partidos a mais, há senso a menos...

«LA REVUE SPIRITE»

Édipo, *mensário de cultura espírita publicado em S. Paulo sob a proficiente direcção de Júlio Abreu Filho, informa o seguinte:*

«Levamos ao conhecimento dos leitores que La Revue Spirite, *de Allan Kardec, cuja tradução vimos publicando em fascículos, passará a ser lançada em volumes, correspondendo cada um a um ano.*

«Os actuais assinantes, entretanto, não ficarão prejudicados: continuarão a receber os seus fascículos mensalmente, até completar este segundo ano.

«Para melhor servir os interesses dos profitentes da doutrina, do 3.º ano em diante da revista original, os volumes poderão ser adquiridos em brochura ou encadernados, aos preços respectivos de Cr$ 60,00 e 80,00.

«Duas razões ditaram a nossa atitude: o desejo de mais ràpidamente oferecer ao público espírita de fala portuguesa a maior parte da obra do Codoficador que permanece desconhecida e a necessidade de evitar os extravios postais de que tanto se queixam os nossos assinantes».

É, de facto, uma emprensa meritória. Lamentamos só ter recebido o 1.º ano de tão interessante publicação.

Noticiário

9.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No nosso sorteio de livros espiritas realizado em 28 de Fevereiro foram contemplados os seguintes subscritores, a quem apresentamos os nossos cumprimentos:

1.º prémio — «Reportagens de Além-Túmulo» — Cristiano de Almeida Henriques, de Bissau, Guiné.

2.º prémio — «Spiritus Maledictus» — Manuel de Sousa Neves, de Calvos, S. Bartolomeu de Messines.

3.º prémio — «No Caminho da Espiritualidade» — João Guilherme de Carvalho Duarte, de Lisboa.

4.º prémio — «Últimos Contos» — D. Virginia de Moura Lameiras Fernandes, de Lisboa.

5.º prémio — «Doutrina de Jesus» — Armando da Glória Alves, do Cartaxo.

6.º prémio — «50 lições de Catecismo Espirita» — António de Almeida, de Lisboa.

7.º prémio — «Organização Federativa do Espiritismo» — Bartolomeu Bana Martins, de Manique do Intendente.

Que a lista dos subscritores aumente, a fim de podermos levar aos necessitados os óbulos recolhidos por esta modalidade de assistência.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Esta federação amiga comunicou-nos que a partir de 1951 editará um jornal mensal em substituição da revista *Reencarnação*. Esta providência foi motivada pelas dificuldades financeiras e carestia do material gráfico.

«O MISSIONÁRIO»

Recebemos *O Missionário*, orgão dos Missionários da Fraternidade, de Recife, Pernambuco, que circula sob a direcção de Humberto Soares, tendo como redactor-chefe o Dr. A. N. Pinheiro Ramos e director-secretário o sr. Carlos Gonçalves da Silva. O novo jornal apresenta-se bem redigido e com agradável aspecto gráfico. As nossas saudações fraternais.

2. CONGRESSO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Em 13 de Maio próximo futuro reunir-se-á em Porto Alegre o 2.º Congresso Espirita do Rio Grande do Sul, que objectivará o problema da educação através da reforma moral, assente nas seguintes bases:

a) a unificação espirita em torno da Federação.

b) o estudo da doutrina dos espíritos à luz das obras fundamentais, com a preocupação de preservar-lhe a pureza.

c) a uniformização, tanto quanto possível, da doutrina dos espíritos.

d) a moderna estruturação das associações espiritas.

e) a evangelização dos lares.

f) a orientação e educação da infância, da juventude e da mocidade.

h) a assistência aos psicópatas.

Para articular as actividades do Congresso foi nomeada uma Comissão Executiva, de que é presidente o Dr. João Pompilio de Almeida Filho.

CULTO ESPIRITA

Do *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, extraímos a seguinte nota:

«O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística acaba de lançar na XV Campanha o questionário «Culto Espirita» em todo o território nacional destinado a colectar elementos sobre o Espiritismo, relativamente ao ano de 1950. A fim de que esse levantamento se processe com o melhor êxito possível, faz *Mundo Espirita* um apelo a todos quantos são responsáveis por organizações dessa natureza no sentido de colaborarem sinceramente com a referida entidade, preenchendo os formulários com dados concretos e procedendo à devolução dos mesmos nos prazos estabelecidos. De parabens o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, orgão encarregado da pesquisa estatística nacional, que visa levantar o que existe no país em matéria de religião, sem preferência alguma, seguindo a orientação da Carta Magna da República. Pode estar certo o Instituto de que encontrará em cada *espirita* um colaborador valioso da Estatística Brasileira».

A resolução desta entidade oficial é absolutamente sensata. Só assim poderemos saber ao certo quantos espiritas existem no aglomerado heterogéneo da sociedade brasileira.

Porque não usar em Portugal o mesmo processo?...

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1951

Dia 1 de Abril, domingo, às às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, subordinada ao título «Humanismo e Espiritismo».

Dia 8 de Abril, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 15 de Abril, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 22 de Abril, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 29 de Abril, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «A Natureza do Espírito».

Dia 6 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Nota — As Conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Março — P. B., de Lisboa — 20$00; I. S., de Lisboa — 20$00; João Muge, da Cidade da Beira, Moçambique — 100$00; D. Gertrudes Marramaque Silva, de Lisboa — 20$00; Raul Ribeiro — 20$00; Subscrição do 9.º sorteiro de livros espiritas — 110$00. TOTAL — 290$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertorio de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lazaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espiritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		**15$00**
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	**12$00**	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Cientificos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Oiven*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

ERNESTO BEVIN

(Ver pág. 109)

CONTÉM:

Horizonte, da **Redacção**; Humanismo e Espiritismo — A Posição do Espiritismo, por **Ramos Pereira**; A Prática do Espiritismo; Resvaladouro, por **Reper-Siam**; Da Existência de Deus, por **Deolindo Amorim**; Mensagem Curiosa, por **Frederico Duarte**; Ernesto Bevin Espirita, por **Robert Goldsbrough**; O Livro «Dois Mundos», Anotado por **Ramos Pereira**; Arabescos, por **Abdallah**; O Balanço (Do Livro «Dois Mundos»); O Universo e o Homem, por **Rafael Torres de La Luz**; Platão-Homens de Ontem... Génios de Sempre, por **António Cardoso**; Jesus no Evangelho de João, Comentários Evangélicos de **Saulo**; «Dois Mundos» e a Crítica Profana; A Reencarnação, por **Angelo da Costa Cabral**; Bem-Aventuranças, de **Pietro Ubaldi**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

12.º ANO ABRIL DE 1951 N.º 4

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Agnelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisivel (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO | LISBOA, ABRIL DE 1951 | N.º 4

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

HORIZONTE

Quem acompanha a marcha do Espiritismo através dos seus orgãos de propaganda, fàcilmente avalia a expansão cada vez maior de uma doutrina que muitos combatem por interesse individualista ou por ignorância e má-fé, motivos bem tristes da maior guerra que lhe movem. Mas, apesar de tudo, o farol vai iluminando. Aqui e ali há frémitos de angústia que o materialismo não evita, revoltas incongruentes que as próprias religiões oficializadas não reprimem. A síntese biológica do indivíduo requer ambientes novos e diferentes que justifiquem o reinado do espírito. Por isso a ideia espirita vai correndo mundo, como rastilho de pólvora que deixa caminhos traçados à iniciativa do homem.

O Parlamento inglês, em voto unânime reconheceu aos espiritas a liberdade de propagar as suas crenças e de realizar trabalhos, sem temer perseguições. Foi um alto exemplo que se estenderá a outros países onde as dificuldades se mantêm e manterão por largo tempo. Desde que haja compreensão e tolerância, as ideias se difundem com proveito para todos. Há regiões propícias ao avigoramento de certas doutrinas, como há terrenos propícios à germinação de determinadas sementes. Nas classes cultas, e até na alma de muitos sacerdotes católicos, o Espiritismo vai deixando germes de metamorfose espiritual que anunciam a existência de correntes afins dispostas à solidariedade. E quando a convicção é profunda, o conflito pode surgir de um dia para o outro. Muitas conversões aguardam o amadurecimento da ideia antes do passo decisivo. Outras, não. Levadas por entusiasmo juvenil ou mimetismo espectacular, passam quais meteoros de efémera duração. Nós desedesejamos a conversão madura, reflectida, alicerçada em realidades que decidam. Só assim poderão atingir-se os alvos perquiridos, de renovação e salvação.

Entre dois extremos facciosos — o positivismo e as religiões dogmáticas — o Espiritismo assume o papel de modelador de almas e à luz de sua doutrina os homens emendam os erros e preparam-se para vida melhor.

O Alto colabora connosco neste labor imenso de rejuvenescimento. São constantes os avisos, os conselhos, as admoestações, lançados em mensagens prudentes que encobrem verdades duras. Os próprios jornais de grande circulação ocupam-se de assuntos que desejariam ocultar. Quando a luz é grande, nada pode entenebrecê-la. É como o calor que faz subir os termómetros. O fenómeno ostensivo alteia-se a cada passo e vai minando o campo adverso que até ali parecia invulnerável.

Não tenhamos ilusões. As ideias são como certas plantas: quanto mais as cortam, melhor rebentam, em pujança e aspecto. Deixem cortar os ramos frondosos da árvore espirita, que eles rebentarão novamente, quando chegar a primavera das almas. Então a árvore será mais luxuriante e bela, dará mais sombra e abrigará maior número de peregrinos.

HUMANISMO E ESPIRITISMO

I

Um século é passado desde que o pensador francês Allan Kardec ergueu a arquitectura sólida de um edifício de ideias cujo tríplice aspecto — científico, filosófico e religioso — é constantemente apontado e perfeitamente justificado. Nesse século deram-se profundas revoluções no quadro da cultura, o homem subiu mais alguns degraus da escada do conhecimento, essa escada que começa no patamar do empirismo e acaba num ponto onde brilha a fogueira da Verdade pura, do Saber unificado, das Ideias perfeitas.

Avança-se? Sem dúvida, porque a Vida é movimento, mas movimento progressivo. Jamais há um retrocesso na caminhada histórica. Há paragens, sim, há momentos de repouso que representam um reganhar de forças para que as passadas seguintes sejam mais largas e mais seguras. Essas paragens aparecem-nos mais como movimentos atenuados, como movimentos em trajectórias fechadas, do que como repousos no sentido físico do termo. Quando o círculo se rompe na primeira voluta da nova espiral, o homem volta a caminhar, cumprindo o seu destino de «judeu errante» no mundo das Ideias.

Nunca, como neste século, se representou tão completamente a tragi-comédia paradoxal do existir humano: — ora desceu aos abismos infernais das brutas e grotescas paixões desencadeadas, esbracejando à toa como um fantoche; ora se ergueu num bater poderoso das asas dos génios, rumo aos páramos apaixonantes onde palpita a Ideia que Deus imprimiu na Sua Obra. Nunca, como neste século, o Homem ofereceu maior pábulo ao eclodir das forças antinómicas que caracterizam o seu existir; nunca esteve tão próximo do *encontro* por que a sua alma anseia, nem nunca correu para tão longe da finalidade para que existe.

Século de paixões desencontradas, século das maiores torpezas morais e dos mais dignificantes esforços humanizantes, século da construção dos mais grandiosos edifícios ideológicos e das mais tenebrosas catacumbas passionais!

Sim, *nós estamos num virar de esquina da História*, estamos a querer levantar um mundo diferente na insofrida ânsia de que ele seja melhor. É a *Grande Dor* que se aproxima, por ter de lançar, no monturo nauseabundo, os cadáveres dos impulsos animalescos que tantos prazeres físicos nos trouxeram e tanta miséria moral nos mostravam; *é a Grande Dor do renascer das próprias cinzas*. O momento seguinte há-de ser, *necessàriamente*, o da... Dor Maior, quando olharmos para trás e virmos os véus da cegueira que nos empanava os sentidos e nos fazia buscar a solidez do Eterno no movediço Efémero.

Na hora presente, eu vejo uma figura ensanguentada. Nos olhos o pávido fulgor deixado pela visão terrosa do que passou; nos pulsos as férreas grilhetas bamboleando; nas vestes andrajosas a lama dos pântanos onde

A POSIÇÃO

refocilou, gemendo prazeres inconfessáveis; na carne, os sulcos deixados por um coriáceo látego de mil pontas.

Mas a figura está de pé... O ar renovado das Ideias corre-lhe no peito e vai deixar-lhe nos lábios gretados a dulçura de uma prece e nos olhos a lágrima límpida do arrependimento. Na testa, onde ainda brilham baço as pérolas negras do suor da matéria, perpassam clarões... O corpo verga ao peso de uma cruz enorme, cruz da sua vida, carne da sua carne.

A figura de tragédia avança, avança sempre, caminho do Gólgota redentor, seguindo o trilho que os pés do Cristo abriram na face gretada deste mundo.

Esta figura sou eu, és tu que me escutas, é aquele que nos precede e que nos segue, é o Homem da Terra que um dia será Homem do Cristo para ser Homem de Deus. É a Lei, é a Vida, é a Dor: a Lei da Vida, a Vida da Dor, a Dor da Lei.

Ao longo do Caminho há mansões de Paz que a misericórdia do Pai ergueu para que os Seus filhos que O buscam possam auscultar-se e ouvi-lO. Começaram por ser as casas sem janelas do ensino de Hermes e de Pitágoras, até que se rasgaram as longas varandas dos pensamentos de Sócrates, de Platão, de Lao-Tsé e Buda, até que o Ilumi-

nado Galileu traçou a estrutura do sumptuoso palácio do Puro Amor.

E Ele próprio, o Ungido dissera: — «Mas o Consolador que é o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito».

A promessa se cumpriu sempre, em quase dois mil anos da lenta ascensão da colina do Calvário. E há um século voltou o Consolador a fazer ouvir a pujança da Sua Voz, dirigindo-se à totalidade do ser humano: — à inteligência que vaidosamente se julgava capaz de vencer o tudo a golpes de razão; à sensibilidade que se embotara de encontro à dura couraça dos sentidos carnais; à vontade que se dessorara nas empresas sáfaras do transitório. Kardec ouviu a Voz e o Espiritismo surgiu.

DO ESPIRITISMO

Defini-lo? Chamar-lhe Doutrina dos Espíritos? Mas um conjunto de juízos de valor não contém a totalidade dos juízos que o

por RAMOS PEREIRA

pensamento humano pode e deve formular. Isso seria muito mas não o tudo. Uma Teoria, um conjunto de juízos de existência? Não; Teoria e Doutrina fundidas em todo o espaço pensável. E onde está o termo que exprima isto?

Pensemos; pensemos dentro da consciência humílima da nossa objectividade e talvez se encontre a ideia esclarecedora.

A ESSÊNCIA ACTUAL DO ESPIRITISMO

Parece-me possível olhar o edifício espirita de dois pontos antinómicos: — do lado da existência humana, seguindo a linha de Cultura; e do lado da essência, correndo pela linha do Amor.

Deve ser isto, deve ser assim: — deste lado é o Consolador Prometido; do outro uma posição *sui-generis* perante a temática geral do Homem e da Criação. E, em vez de uma, temos duas definições possíveis:

— seguindo a estrutura mais puramente emocional do homem, *o Espiritismo é o Consolador prometido*, a Voz do Espírito que ensina as lições do Cristo, o Caminho da Luz para a Verdade; *eis a definição essencial;*

— seguindo o plano da Cultura, *o Espiritismo é uma posição mental específica perante o tudo que existe*, uma perspectiva onde as imagens ficam desnudadas das aparências; *esta será a definição existencial.*

No primeiro sentido é Ideia humanizante; no segundo uma humanização da Ideia. No primeiro campo temos de sentir, pensando no que devemos querer; no segundo, pensar no que queremos sentir. O primeiro caminho é de fora para dentro, é de *infusão*; o segundo é de dentro para fora, é de *exfusão*.

Contudo, eu julgo que poderei seguir a segunda linha para atingir a primeira, porque estarei fazendo síntese e o pensamento sintetizador é a característica do edifício espirita.

Pois não se afirma que os caboucos são científicos, que o corpo é fisiológico e a cúpula é iluminada pelo fogacho místico?

Na hora que passa torna-se necessário vistoriar o campo do pensamento kardecista, de uma forma sistemática, à luz de um século de experiências ideológicas, para que ressalte toda a estatura do corpo do Espiritismo.

É o que pretendo? Sim, eu quero tentar essa humanização da Ideia para atingir mais seguramente a Ideia que humaniza, a Ideia que fará, dos pigmeus, humanos, colossos quase divinos.

Podem perguntar-me se, num assomo de estulta vaidade, eu me considero suficientemente genial para tamanha empresa, que eu lhes responderei com uma categórica negativa. Mas posso e devo considerar-me suficientemente humano, para me colocar naquela posição mental específica donde a vastidão da Cultura é vislumbrada numa luz diferente. Será uma visão relativa e contingente, mas o absoluto e o necessário são atributos do mundo das essências e não do plano das existências, onde me movimentei, me movimento e me movimentarei não sei por quanto tempo.

Se penso, devo dizer como; se sinto, devo dizer o quê; se quero, devo dizer para quê. É um dever iniludível da minha condição de

homem e de discípulo de Kardec, e na medida em que o souber cumprir estar-me-ei aproximando da condição de discípulo do Mestre galileu.

Uma construção pessoal? Por Deus, não me julguem tão cego, nem tão fátuo. Os postulados fundamentais são de Kardec e apontam um fim que é do Cristo; a estrada foi rasgada pelo camartelo dos Espíritos Superiores, terrenos ou extra-terrenos. Eu serei apenas *aquele que caminha,* uma voz onde mil sons se foram amalgamar. Eu quero traçar a linha filosófica que demarca a posição do Espiritismo no universo da Cultura, neste momento nevrálgico da convulsionada situação histórica em que mais aguda se torna a crise das consciências.

Espero consegui-lo, não por ter confiança nas minhas forças que sei fracas, mas por me saber uma simples voz a ecoar as de Aqueles que abriram meus olhos para a Luz. *O homem passa, mas a essência do Espiritismo é eterna. O homem muda, mas a essência do Espiritismo é imodificável.*

Há quem o coloque no quadro do «neo-espiritualismo», iludido pela semelhança formal de alguns conceitos, e depois queira operar um sincretismo de ideias, queira colocar-se num ponto de convergência forçada de linhas, como se fora possível substituir um conjunto de posições mentais diversas por uma única posição. Isso é próprio da atitude teorética, mas o Espiritismo não é apenas Teoria, como não é só Doutrina, é *uma posição filosófica perante a Vida,* repito, é *uma* linha que começa no microcosmo humano e se vai prender no macrocosmo divino. É a Única? Afirmá-lo, seria negar os factos, seria assumir uma atitude dogmática, porque inúmeras outras linhas têm sido desenhadas com a mesma finalidade. Qual delas é a Verdadeira? Todas se afirmam como tal, simulando ignorar que a verdade dos homens é *uma* verdade, que *no espaço humano não é lícito falar em termos de Absoluto.*

Em todos os corpos de ideias há verdades, mas nenhum como o Espiritismo é tão abertamente evolucionista, tão assente na profunda natureza humana. A sua posição só é estática em relação ao soco onde se apoia; mas se este segue o movimento do Homem, porque é... a própria natureza humana, a perspectiva vai lentamente modificando-se, não pela abertura do ângulo mas por aquilo que vai enchendo o seu campo.

Qual dos outros corpos de ideias pode falar assim? Pois não se julgam mais verdadeiros pelo facto de... assumirem uma atitude geral absolutamente estática, ainda que seja uma atitude forçada e que seja pura incongruência querer impor regras rígidas no campo movediço do homem? Há princípios e não regras imutáveis.

Por isso, o Espiritismo é um facto cultural distinto; por isso, é lícito e lógico o meu objectivo presente de *uma* exposição de ideias, de um delineamento do filosofismo espírita, partindo dos teoremas enunciados pelo génio kardecista, dedução perfeita sobre os axiomas da natureza do Homem.

Mas que pontos une a linha filosófica do Espiritismo?

OS ANDARES DO EDIFÍCIO ESPIRITA

A Psicologia deixa de ser o simples estudo do «consciente»: — o seu campo alargou-se às zonas esfumadas do «subconsciente», aos abismos do «inconsciente» e aos ácumes alucinantes do «supraconsciente». É todo o «comportamento interno» que se objectiva, desde o animal à criança e ao selvagem, e desde a criança ao adulto e ao colectivo. A Psicologia tornou-se uma ciência experimental, destacando-se da árvore da Filosofia.

E quando o século 19 assistiu ao estudo sistemático dos mais estranhos fenómenos do psiquismo humano, a Psicologia ganhou uma nova ciência auxiliar — a metapsicologia, a *ciência do supraconsciente,* esse novo campo de desbravamento difícil e ingrato, onde — tantas vezes!... — experimentada e experimentado só colheu injúrias, risos de mofa, humilhações e apodos infamantes. Mas já não é possível — hoje — duvidar da existência do fenómeno. Podemos divergir na interpretação das causas e do modo de existência do fenómeno; mas não é lícito pôr em dúvida a sua realidade, tão numerosas e concludentes são as *provas*! Só hoje nega quem não estudou. E então que valor terá essa negativa ou a afirmativa de que tudo é um produto do mais descaroado charlatanismo? Enfermam de uma petição de princípio lógico, estão viciadas de falta ou insuficiência de observação que será sempre o primeiro passo na conquista do Conhecimento.

Pois bem. Perante o fenómeno metapsicológico o Espiritismo toma a primeira posição mental específica:

— *o fenómeno revela a existência do espírito humano, existência que não se contém nas possibilidades limitadas de uma vida, por longa que seja;* quer dizer:

— *O Espiritismo vê no fenómeno a prova da existência e imortalidade do espírito,* continuando assim — mas num caminho novo por ser diferente — a linha de que sairam todas as religiões e todas as escolas filosóficas «espiritualistas», contra quem o «materialismo» de todas as épocas se tem encarniçado inglòriamente.

Logo, o Edifício do Espiritismo comporta dois primeiros andares que são: Teoria do Espírito e Teoria interpretativa do fenómeno metapsicológico.

Mas porque dizemos «teoria do Espírito» e não «teoria do espírito humano?» Porque o Espiritismo vai mais longe que o espiritualismo tradicional: — Ele aponta uma linha ininterrupta, paralela ao Caminho da Vida, ao longo da qual o Espírito evolui desde as primeiras formas psíquicas animais, desde o pre-psiquismo das plantas (e porque não do inorgânico?) até ao super-psiquismo do Espírito puro.

Por outras palavras, a «Teoria do Espírito» compreende:

1.º — uma «Teoria da psicogénese».

2.º — uma «Teoria do espírito humano».

O andar tem dois lados interligados.

Mas o espírito humano é passivo de evolução, de depuramento de qualidades, de aperfeiçoamento estrutural. O espírito não pode ser olhado apenas do lado estático de *uma* posição de momento; ele tem de ser visto — também — no seu dinamismo intrínseco que o impele a caminhar, a caminhar rumo ao Eterno, rumo ao Perfeito, dentro das vidas e para lá das barreiras aparentes das mesmas vidas. *O Espiritismo é uma posição mental essencialmente evolucionista,* mas o transformismo espirita não é sòmente formal: — é um *evolucionismo integral*; afirma em termos *absolutamente* gerais o princípio de que

— *na Criação, nada se perde nem cria: tudo se transforma.*

Deste modo, ergue uma «teoria da reencarnação» que completa a «teoria da psicogénese» e retoma a temática de velhas escolas filosóficas orientais.

E desde que se considera que o Espírito vive para além da denominada «morte», pospõem-se as seguintes questões nevrálgicas:

— como vive? como se manifesta? como *segue*? como *retrocede*?

A segunda constitui o objectivo da «teoria interpretativa do fenómeno metapsicológico»; as últimas cabem dentro da «teoria da reencarnação». Mas... o «como vive»? São abundantes as descrições desse Além aliciante e misterioso, à porta do qual o genial Dante colocara a divisa impiedosa: — «Perdei qualquer esperança, ó Vós que entrais»!

Mas está longe ainda a formulação completa da «teoria da existência *post-mortem*». Aí tentaremos nós uma penetração pessoal nesse andar tão pouco conhecido do Edifício.

E se a marcha do Espírito rumo à superação das insuficiências é uma contínua realização dos «valores espirituais», o problema moral sobrepõe-se à linha da reencarnação. «Na teoria da ética reencarcionista», o Espiritismo é inteiramente *cristão,* porque sintetiza todas as conclusões daquela teoria no postulado que o Rabi galileu, um dia, arremessou à face dos homens de todos os tempos:

— Ama o próximo como a ti mesmo.

A «teoria da ética reencarnacionista» é um comentário ao Ensino do Cristo, é uma formulação de princípios de regeneração interna, sobrepujada pela excelência da Lei de Amor.

Estará o edifício completo? Ah! Não; falta a cúpula onde arde, em labaredas deslumbrantes, o sentir dos mais altos valores espirituais — os valores místicos —, o sentir da dependência do «criado, para com o Criador. Essa cúpula é atingida por um olhar demorado sobre o condicionalismo do existente, sobre essa cadeia de causas e efeitos que nos arremessa para a essência encarnada de um primeiro Princípio. O Espiritismo levanta nos ares uma «teoria metafísica» em que na compreensão do contingente busca sentir o necessário, em que tenta atingir o Perfeito pela análise do que há de permanente no imperfeito; o Espiritismo, na sua cúpula, objectiva sentir Deus na Sua Criação. Há aqui também um ponto característico: — o *Espiritismo quer compreender para crer,* quer compreen- para poder sentir melhor, mais longe e mais fundo. Não será uma cúpula *religiosa?* Sim e não... Sim, se interpretarmos religioso no sentido de *religiosidade,* o termo pelo qual é lícito exprimir o outro, e o mais transcendente, dos postulados do Cristo — *amar a Deus sobre todas as coisas.* Não, se entendermos religioso como «próprio de uma religião», e religioso é, na acepção corrente, *um* sistema de regras, de princípios normativos fixos e imutáveis a pretender ligar o homem a Deus. Mas suspendamos aqui a análise deste complexo e delicado problema ideológico; não queiramos atingir a cúpula sem passarmos pelos sucessivos andares...

A construção espirita surge-nos, portanto, como um verdadeiro edifício, como um con-

A PRÁTICA DO ESPIRITISMO

Os jornais publicaram a seguinte notícia divulgada pela Agência Reuter:

«Londres, 20 de Abril. — A Câmara dos Comuns dicidiu que os espiritualistas que crêem na comunicação com os mortos, poderão, de futuro, praticar a sua crença sem a ameaça de serem processados como vádios ou vagabundos, como até agora. A lei foi aprovada por unanimidade, segundo um projecto apresentado por um deputado.

«O Secretário do Interior disse que que esta lei afastaria a possibilidade de pessoas sinceramente religiosas poderem ser processadas, como eram nos termos de disposições antiquadas. A lei procura, também, punir médiuns que usem métodos fraudulentos, pessoas que pretendam exercer poderes de telepatia, clarividência e outros semelhantes. Não é abrangido ninguém que se dedique a investigação psíquica verdadeira ou que a exerça por passatempo».

Congratulamo-nos com esta notícia auspiciosa que vai alegrar milhões de espiritas disseminados pelo mundo. Após tantos anos de luta profícua em que se puseram à prova as altas qualidades dos súbditos britânicos, o Espiritismo venceu uma grande batalha moral que o guinda à consideração da gente culta. A Lei foi aprovada por unanimidade, quer dizer, nem uma só voz se ergueu a impugnar um direito inalienável: a expressão livre do pensamento. De hoje em diante, os espiritas britânicos poderão difundir a sua crença sem receio de incorrer num código que, apesar da sua velharia, era, de quando em quando, chamado a resolver questões anti-humanas e anti-sociais, condenando irremediàvelmente indivíduos honestos, cujo único delito era demonstrar a sobrevivência do espírito e as faculdades da alma humana. Como sempre, a verdade acaba por triunfar, mesmo que sejam poderosos os interesses a defender. Honra, pois, ao Parlamento inglês, que soube fazer justiça, revogando uma lei iníqua e colocando os espiritas em pé de igualdade com os outros cidadãos!

junto de compartimentos inter-ligados e... inter-sustentados que, esquemàticamente, julgamos possível apresentar assim:

1. Teoria estática do espírito humano.
2. Teoria interpretativa dos fenómenos metapsicológicos, ligando, à primeira,
3. Teoria da psicogénese.

e a 4. Teoria dinâmica do espírito humano ou Teoria de reencarnação,
à qual se vai prender a

5. Teoria da ética reencarnacionista;

e a ambas

6. Teoria metafísica

que conterá uma

7. Teoria da religiosidade.

Este esquema será o guia metodológico destes ensaios sobre a «filosofia espirita», essa filosofia que um dia nos forçou a sair do estreito materialismo em que o nosso espírito boiava como os restos de um naufrágio; essa magnífica construção que nos levou do puro cientismo à Fé (que não estava perdida, porque nunca fora sentida).

Neles vamos deixar o produto total do que no estudo dos Mestres fomos capazes de colher e do que o nosso espírito, tacanho e imperfeito, foi capaz de criar por suas próprias forças e capaz de interpretar o que Outros, mais fortes, lhe puderam ou lhe quiseram mostrar. Aqueles que nos ouvirem e aqueles que nos lerem vejam nestes ensaios ao mesmo tempo que uma desvaliosa achega para o acabamento do Edifício espirita, a simples posição mental de um homem que se julga tão só o mais humilde dos discípulos de KARDEC.

RESVALADOURO

Pelo Espírito de REPER-SIAM

O mundo é um matagal onde cada um espreita o seu irmão, a fim de satisfazer os interesses próprios, sem atender às normas que Jesus exemplificou: «não faças aos outros o que não queres que te façam». Cada qual procura a melhor forma de aquecer-se ao sol que a todos pertence. Cada qual procura os melhores lugares, sem cuidar da situação que desfruta o seu semelhante. Pois, se muitos até se convenceram de que são constituídos de matéria diferente da maioria...

Com tanto atraso moral e mental, é impossível haver justiça no mundo. De nada valerá a propaganda de princípios igualitários, que, no fundo, encobrem injustiça e utopia.

A redenção da humanidade não depende de programas sociais, urdidos por certas classes, que só olham a seus interesses.

Só a evolução espiritual fará compreender ao homem a necessidade de Justiça, que transformará a sociedade em mansão de paz e trabalho. Enquanto houver injustiças e vingança, o progresso moral será nulo.

Se o pobre de hoje é o rico de ontem, para que se insurge contra o seu irmão que está de cima? O mau rico de hoje será o pobre de amanhã.

Para que abusar, pois, da sua força, da sua riqueza? Só o Espiritismo poderá iluminar os homens, neste momento de convulsão em que se encontra o mundo.

Para quê dissenções, para quê a raiva mal contidas? Para quê sacrifícios por bandeiras que ocultam propósitos desonestos e mentirosos? Cada um terá apenas o produto do seu trabalho.

Como querem, então, os cegos um mundo igualitário, onde cada homem seja uma peça da máquina material?

É preciso que os dirigentes que tentam melhorar a situação do homem contem mais com o factor espiritual.

É verdade que, estando vós num mundo de matéria, ela tenha de ser tratada e adaptada; mas isso deve conseguir-se com o espírito, sempre com o espírito e olhos fixos na evolução moral da criatura.

O mundo caminhará para derrocada mortal, se os Espíritos de luz não levarem seu auxílio àqueles que o impetrem.

Quando o homem nada mais espera da matéria, volta-se então para Deus; mas já a dor o tem acicatado com sua mão de ferro, a fim de lhe comover o coração empedernido.

A desolação não cessará de enlutar a Terra, enquanto os seus dirigentes defenderem ideias imperialistas.

Infelizmente, a maior parte dos espiritas mundiais deixam-se absorver pelas paixões e só vêem a vida material. Daí, a atracção de espíritos similares que lhes incutem ideias facciosas de desordem e de injustiça.

O Espiritismo bem compreendido transformar-se-ia em manancial de beleza que encheria o coração do homem, imunizando-o contra os maus sentimentos.

Meus amigos: se a Verdade não é desse mundo, se os mortais não a podem conhecer, nem mesmo os habitantes de outros mundos superiores à Terra, para quê tantas questões entre visionários que procuram a pedra filosofal?

Os que mais próximos estão da Verdade são aqueles que melhor compreendem a própria insignificância, aqueles que mais pequeninos se julgam e mais amam a seus irmãos.

Para que andam, então, divididos os espiritas, subordinados a diferentes pontos de doutrina, como sucedia aos fariseus de antano? Se uns e outros tacteiam o campo que percorrem e mal vislumbram um pálido reflexo da Verdade!...

As religiões não devem servir para estimular o orgulho ou a superioridade, mas para aproximar o homem do Criador.

E como vos aproximareis vós dele, senão àmando e perdoando?

Quem vê résteas de luz e não modifica a maneira de pensar e de agir será pobre Frei Tomás, como tantos outros que enchem os lábios de amor e a ninguém poupam a propósito da mais simples frioleira.

Melhorai o vosso destino, trabalhando, amando e perdoando.

Médium — Maria Gonçalves Duarte Santos

DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Por DEOLINDO AMORIM
(Redactor-Correspondente no Rio de Janeiro)

O Curso de Espiritismo *é ministrado pùblicamente, em carácter livre, na Capital do Brasil, com o objectivo de fornecer elementos de cultura doutrinária a quantos (espiritas ou não) se interessem pela doutrina espirita ou por assuntos que lhe sejam correlatos. As prelecções são feitas aos sábados, na sala de conferências da* Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro *(cedida para este fim) na seguinte ordem:* aspecto científico do Espiritismo — *prof. Newton de Barros;* aspecto filosófico do Espiritismo — *Deolindo Amorim, presidente do centro espirita «18 de Abril». e re-redactor-correspondente de* Estudos Psíquicos; aspecto religioso do Espiritismo — *prof. Lauro Pastor de Almeida;* História das Religiões — *Prof. Leopoldo Machado;* Introdução ao Novo Testamento — *Coronel Delfino Ferreira, presidente da Confederação Espirita Pan-Americana (CEPA) e Director da Faculdade de Estudos Psíquicos;* O Espiritismo e o Direito — *Dr. Lauro Sales, procurador da Liga Espirita do Distrito Federal e Secretário da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.*

O trabalho que aqui se publica é o resumo da prelecção feita em Dezembro de 1950 para encerrar o programa anual do Curso (Parte filosófica do Espiritismo).

Tema-DEUS

A doutrina espirita começa, como se sabe, pela afirmação da existência de Deus. Veja-se o 1.º capítulo de seu livro central: *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*. Define-se aí o carácter deista do Espiritismo. Do mesmo modo, *Genesis* e *Obras Póstumas,* livros que devem ser estudados em confronto com *Livro dos Espíritos,* trazem inicialmente a mesma afirmação. O Espiritismo é, portanto, essencialmente deista. Mas o qualificativo de *deista* não confunde o Espiritismo com os tipos de *deismo* de que já tratámos nas palestras anteriores. Deista, sim, porque o Espiritismo sustenta o princípio da existência de Deus como a causa primária de todas as coisas; mas o *deismo* espírita não é naturalista nem determinista. Convém notar que a palavra *deismo* teve, através dos tempos, diversas aplicações. Houve tempo em que se entendeu por *deismo* a negação de Deus, segundo o Cristianismo... Empregou-se também o termo *deismo* para significar oposição à teologia. Chama-se *deista,* finalmente, uma doutrina que admite Deus, mas não admite a revelação. Vê-se, portanto, que o significado de *deismo* é muito variado. Em tese, porém, deista é todo aquele que aceita a existência de Deus. É neste sentido que a doutrina espirita é fundamentalmente deista. Como, porém, a prelecção de hoje tem por objecto Deus, parece-nos que não será descabido citar, pelo menos em linhas gerais, os dois mais conhecidos tipos de *deismo.*

Os *deistas,* desde o século dezassete, estão divididos em diversos grupos. Tais grupos partem destes dois tipos de *deismo:*

I — DEISMO NATURALISTA

A acção de Deus se faz sentir apenas nos fenómenos da natureza, mas não interfere nos actos humanos, porque o homem tem livre-arbitrio; Deus, portanto, nada tem a ver com o homem.

II — DEISMO DETERMINISTA

Deus formou o mundo e estabeleceu leis imutáveis; logo, tudo quanto acontece está determinado pelas leis divinas.

Há outras correntes de *deistas,* principalmente os que admitem a existência de Deus, mas rejeitam a ideia de vida futura... Finalmente, há formas de deismo que, por paradoxo, terminam negando o próprio Deus! Quando dissermos, pois, que o Espiritismo é *deista,* devemos considerar certas concepções de deismo, tanto mais que, além do fatalismo naturalista, de alguns grupos de deistas, há o fatalismo teológico, isto é, o fatalismo daque-

les que vêem a acção de Deus em tudo, até nas mínimas coisas, e por isso terminam negando o livre, arbítrio. O Espiritismo não se enquadra nesses tipos de deismo, porque é uma doutrina que afirma o livre-arbítrio, mas reconhece que este não é absoluto, como querem os deistas partidários da escola naturalista. Resumindo a questão:

a) — dizer que Deus se imiscui em tudo, até nos actos corriqueiros de nossa vida, é exagero, é a negação do livre-arbítrio;

b) — afirmar que, pelo facto de ter o homem livre-arbítrio, Deus nada tem a ver com o homem, é exagerar muito o livre-arbítrio, uma vez que este é relativo e não absoluto.

Já vimos o que é que se entende por *deismo*, e porque o Espiritismo não se confunde com determinadas correntes deistas, embora seja uma doutrina — convém repetir — essencialmente deista. Este assunto é, aliás, em parte, simples recapitulação de prelecções do ano passado. Passamos, agora, a outra questão: a existência de Deus.

II — PRINCÍPIO DA INDEMONSTRABILIDADE

Tanto os que afirmam como os que negam a existência de Deus se apoiam no princípio de que Deus é indemonstrável. Assim, pois, o princípio da indemonstrabilidade (ninguém pode *demonstrar* a existência de Deus a olho nú, como se diz, porque Deus é impessoal, não tem forma) serve de argumento para as concepções mais opostas entre si. O antagonismo, a este respeito, filia-se a dois grupos: o da *evidência* e o da *impossibilidade*. Ambos, tomando direcções opostas, sustentam o mesmo princípio: A EXISTÊNCIA DE DEUS É INDEMONSTRÁVEL. Expliquemo-nos melhor: os partidários da *evidência* ensinam que Deus é indemonstrável, porque, assim, podem AFIRMAR a existência do ser supremo; os partidários da *impossibilidade* sustentam o mesmo princípio, mas o fazem para fim oposto, isto é, para NEGAR a existência de Deus. O princípio é o mesmo, mas os fins são opostos: afirmação, para uns; negação, para outros. Vamos, pois, ilustrar ligeiramente o assunto, dando apenas ideia geral da posição em que se encontram as escolas filosóficas. Sendo a existência de Deus a questão primordial do Espiritismo, afigura-se-nos oportuno, neste Curso, um sumário das opiniões mais gerais, visto como estamos estudando a parte filosófica do Espiritismo, e não é possível evitar que a Filosofia caia na discussão da existência de Deus, problema que não é, como parece, apenas religioso, mas também filosófico.

EXPLICAÇÃO NO QUADRO NEGRO

Tese geral: *Deus é indemonstrável.*

Crentes e ateus sustentam este ponto e, à luz da indemonstrabilidade, negam ou afirmam, como já vimos, a existência de Deus. Vamos ver, neste esquema, a divisão dos grupos.

Princípio da evidência
- *Ontologistas* — Ontologia é a parte da Filosofia que trata do SER
- *Fideistas* — Fideistas são os que aceitam a existência de Deus pela fé

Ontologistas e fideistas acham que Deus é indemonstrável, porque aceitam o princípio da evidência, na seguinte ordem:

- *Ontologismo* — Deus é evidente por si mesmo, e por isso não pode ser demonstrado nem carece de demonstração.
- *Fideismo* — Deus é uma verdade evidente, mas a razão humana é insuficiente para compreendê-la. Logo, deve-se aceitar a existência de Deus pela fé.

Temos aí os dois grupos *(ontologistas* e *fideistas)* que, apoiados no princípio da indemonstrabilidade, AFIRMAM a existência de Deus. Vejamos, agora, os grupos que, sob o mesmo princípio, NEGAM a existência de Deus. A tese destes últimos grupos (materialistas, positivistas, evolucionistas) tomam por base o princípio da *impossibilidade*, ou seja, o de que é impossível provar a existência de Deus.

Princípio da impossibilidade
- *Materialistas* — Negação absoluta de tudo o que está acima dos sentidos.
- *Positivistas* — Negação da metafísica. Impossível demonstrar a existência de Deus.

Evolucionistas — O incognoscível ou absoluto é indemonstrável. Logo, sendo Deus incognoscível (aquilo que não pode ser conhecido) não pode também ser demonstrado.

A parte filosófica do Espiritismo não pode deixar de entrar nestas questões. O Espiritismo não afirma Deus *a priori*, como o fazem as crenças tradicionais: parte dos efeitos para a causa. O Espiritismo tem como ponto de partida uma certeza: a imortalidade da alma, provada pelos fenómenos. Desta certa tira suas deduções filosóficas para chegar à existência de DEUS. Que quer dizer afirmar *a priori*? Quer dizer afirmar uma coisa antes de obter as necessárias provas. Ora, o Espiritismo tem factos positivos, e desses factos sobe a cogitações filosóficas para chegar à conclusão da existência de Deus. Não é questão de teologia. A teologia não vai com o Espiritismo até certo ponto, porque nas concepções teológicas, quando a razão não compreende, vem a fé. Temos, pois:

a) — Teologia racional ou teodiceia, enquanto a razão pode compreender e aceitar a existência de Deus;
b) — Teologia pròpriamente dita, quando a razão se torna incapaz de compreender a existência de Deus, por isso começa, aí, o domínio da fé.

Somos levados a concluir que a parte filosófica do Espiritismo entra na religião. Não é possível falar na causa primária de todas as coisas sem ir à questão de Deus, sem ferir a teologia. A Filosofia, a Religião e a Ciência procuram a Verdade, que é uma só, mas através de processos diferentes: a Filosofia, pela dedução, pelo raciocínio; a Ciência, pela experimentação; a Religião, pela fé.

III — PRINCÍPIO DO DEVER

Entre os grupos que sustentam a indemonstrabilidade, Kant coloca o princípio do dever como solução intermediária, ao que parece. Para o *Criticismo* kanteano, sòmente o dever explica a existência de Deus, uma vez que tanto a fé como a solução dos ontologistas se tornam impotentes diante da transcendência da questão. Em que consiste a concepção de Kant, sobre este ponto? O princípio do dever, sustentado pelo filósofo, pode ser assim resumido: *existe em nós o sentimento do dever, fundamento da lei moral; esse sentimento é inato, não foi cultivado nem adquirido por influência do mundo exterior, porque provém de uma fonte extra-humana; logo, não sendo possível provar a existência de Deus pela demonstração ou pela fé, sòmente o princípio do dever, que é um princípio moral, pode explicar a causa das causas: DEUS.* São diversos, como estamos vendo, os argumentos empregados acerca da existência de Deus, tema central de todas as cogitações filosóficas. Mas precisamos notar sempre que a Verdade, no sentido absoluto, é uma só. Existem manifestações da Verdade na Ciência, na Religião, na Filosofia, mas nenhum destes campos, por si só, poderia abranger toda a Verdade. Não é possível, porém, que uma coisa seja verdadeira para a Ciência e, ao mesmo tempo, seja falsa para a Filosofia: a Verdade deve ser Verdade em qualquer terreno, mesmo porque, em lógica, uma coisa não pode *ser* e *não ser*, simultâneamente. O problema de Deus não é de experimentação, mas de raciocínio e sentimento.

O entendimento humano tem naturalmente uma escala, dividida em três partes: experimentação, raciocínio e fé:

Verdade revelada — FÉ
Verdade racional — FILOSOFIA
Verdade positiva — CIÊNCIA

Exemplifiquemos. A ciência positiva aceita como verdadeiro sòmente aquilo que experimenta; nem tudo, porém, pode ser experimentado. A Filosofia aceita aquilo que é racional, aquilo a que a razão adere. Quando, finalmente, a razão não pode mais compreender, entra a fé. Pode parecer que haja três verdades: uma para a Ciência, outra para a Filosofia e outra para Religião. Não! Já se sabe que a Verdade é uma só, mas o que é certo é que nem todas as manifestações da Verdade estão ao alcance dos sentidos ou dos instrumentos de experimentação científica. Vamos por partes.

A matéria, por exemplo, é uma das manifestações da Verdade, aliás a mais concreta, embora a matéria não encerre, em si, toda a Verdade. A Ciência positiva ou experimental aceita desta verdade (a matéria) apenas o que tem de material ou tangível: forma, peso, volume. Mas, além do aspecto visível ou concreto, há outras manifestações da Verdade, na matéria. Tais manifestações, porém, escapam à ciência experimental, porque pertencem à seara da Filosofia. A origem da matéria, o fim para que ela foi criada, e outras questões, são manifestações da Verdade, mas de outra ordem, acima da ordem experimental. Temos, pois, para melhor compreensão do raciocínio, a seguinte escala:

a) — a Ciência experimental vê a Verdade apenas na forma da matéria, naquilo que pode ser demonstrado pela experiência;

b) — a Filosofia, fazendo dedução sobre os factos, aceita como Verdade a existência de uma causa desconhecida, uma vez que a matéria não tem a sua razão de ser em si mesma;

c) — a Religião, colocando a origem das coisas no terreno da fé, crê na existência de uma causa, que é Deus.

A Ciência vai até certo ponto, até onde é possível demonstrar pràticamente uma verdade; a Filosofia vai até onde é possível compreender; a Fé ultrapassa o domínio da razão, porque apenas crê. Nenhum dos três degraus do conhecimento (Ciência — Filosofia — Religião) seria capaz de conter a Verdade integral: há, porém, — repetimos — manifestações da Verdade na Ciência, na Filosofia e na Religião. A parte filosófica do Espiritismo entra finalmente no domínio da Religião (*Livro dos Espíritos* e *Génesis*, de Allan Kardec). Qual, em conclusão, o método seguido pelo Espiritismo? A indução: do espírito (efeito) à Causa (Deus).

CONCLUSÃO

O Espiritismo oferece a prova experimental da existência do espírito. Mas o espírito é *efeito* e não *causa;* se é efeito, provém de uma Causa; se o efeito é inteligente, a Causa também o é.

No espírito há o postulado moral do dever, a consciência moral, a responsabilidade. Este conjunto de atributos, reconhecidos em consequência da demonstração experimental da existência e imortalidade do espírito, leva o raciocínio à aceitação de uma Causa suprema: DEUS. Como se vê, para terminar, o Espiritismo parte dos factos (efeitos) para afirmar a existência de Deus. Não é, portanto, uma doutrina apriorística: a existência de Deus não se demonstra em laboratório, mas se compreende e sente pelos seus efeitos. O ponto de partida e a base deste principio estão no facto: a prova positiva da existência do espírito. Não nos é possível, no esquema de uma prelecção de tempo limitado, desdobrar mais o assunto.

Bola de Cristal

Adquiram a bola de cristal para desenvolvimento da concentração e das faculdades psíquicas.

PREÇO — 50 ESCUDOS

MENSAGEM CURIOSA

por Frederico Duarte

Depois de ter almoçado com o meu médium em sua casa, no domingo, 7 de Janeiro de 1951, sentámo-nos em frente do fogão de sala a aquecermos os corpos semi-gelados, e, como é muito comum, Bocage manifesta-se dizendo-me que estava ali um recém-chegado que desejava dar-me uma mensagem. Bocage retirou-se e manifestou-se em seu lugar, com a maior surpresa minha, o espírito de Tommy Hanley! Cumprimentou-me assim:

Muito boa tarde, meu amigo. Deixei o vosso planeta em 9 de Janeiro de 1949, que foi um domingo (há dois anos atrás), segundo a contagem dos dias. Um dos vossos espíritos amigos trouxe-me aqui. Vejo em cima da mesa um exemplar do semanário Two Worlds. *Peço-lhe assim o favor de anunciar ao seu editor que é correcto o relatório que há tempos apareceu nesse semanário sobre a minha volta na companhia de dois amigos.*

Peço-lhe também o favor de fazer notificar a minha querida esposa e filha, assim como ao Jack Train, que me encontro muito feliz onde estou actualmente.

Sinto que o ITMA terminasse, mas isso não foi previsto por ninguém.

Jamais me esquecerei dos meus ouvintes em toda a parte, e principalmente de Sua Majestade e da Família Real, quer dizer, O NOSSO REI e A NOSSA Família Real, pois sei que você é inglês.

Nós, os espíritos, pensamos bastante na actual situação internacional.

Oramos ao NOSSO PAI para que una os povos do mundo, de forma que vivam em perfeita paz e amando-se uns aos outros.

Adeus, caro amigo, Deus vos abençoe.

TOM

Intrigado, perguntei-lhe como sabia ele que eu era «naturalizado inglês». E a sua resposta foi rápida:

— Ora, ora! Se o seu filho não sabe disso, quem o deverá saber então?...

Depois do espírito de Tommy Hanley se ter afastado, soube que foi o Dr. Sá Gomes e meu Filho, quem o trouxe ao meu Santuário no aniversário da sua transição!

ERNESTO BEVIN
ESPIRITA

POR ROBERT GOLDSBROUGH

Ernesto Bevin, Lord Privado do Selo, antigo Secretário dos Estrangeiros, Ministro Trabalhista e criador do maior «Trade Union», era espirita.

É possível revelar este facto após a sua morte repentina, em 14 de Abril, com 70 anos de idade, no momento em que os chefes mundiais lhe prestam homenagem. Dos amigos que simpatizaram com a sua crença, Ernest Bevin nunca ocultou que fora ajudado por uma força espiritual. Um deles, Robert Goldsbrough, diz-nos como o futuro de Bevin lhe foi vaticinado em Bristol, nos seus tempos de rapaz mal arranjado, como regularmente ele assistia a sessões espiritas, como o grande discurso com que ganhou o seu maior título lhe foi inspirado e como repetiu pela rádio uma mensagem que recebera.

A passagem de Bevin para mais alta esfera de actividade será lamentada por todos que conheciam este incorruptível combatente que se batia pela fraternidade universal, pela compreensão internacional e pela paz.

Como socialista verdadeiro, passou a sua vida a auxiliar os desprotegidos. Apesar da sua elevada posição social, gostava que lhe chamassem «Ernie».

Ernest Bevin sabia que era guiado e inspirado por entidades espirituais e deu-me muitas provas disso.

Reunimo-nos mais duma vez em sessões com médiuns em transe e durante muitos anos assistiu a muitas sessões de clarividência.

Bevin tinha 10 anos quando tomou contacto com o Espiritismo e ficou influenciado toda a sua vida. Orfão desde muito novo, para ganhar a vida, ele e a irmã, decidiram fabricar «ginger beer», que vendiam pelas ruas de Bristol.

Certo dia parou à porta duma taberna com a caixa de sabão cheia de garrafas de «ginger beer». Ia à procura de fregueses. Dum hotel próximo surgiu um conhecido cidadão que, ao ser interpelado por um rapaz tão esfarrapado, tratou de se livrar dele, evitando-o.

Nisto, ouviu-se uma voz estridente:

— Esse rapaz que agora evitas, ainda conduzirá milhões, mas dentro de meses tu abrirás falência.

Era a voz da «bruxa» Welsh, clarividente local.

Ernie contou o incidente à irmã e não ficou impressionado. O certo é que, para surpresa de todos, o tal cidadão faliu meio ano depois. O resto da profecia cumpriu-se 30 anos mais tarde.

Quando era novo, Bevin assistia regularmente a sessões num grupo particular em Bristol e conhecia bem o Espiritismo, o verdadeiro Espiritismo. Nunca desprezou qualquer mensagem. Algumas delas eram de fontes inesperadas. Uma pode apelidar-se de verdadeira profecia.

Em 1916 trabalhava ele no Ministério do Trabalho como conselheiro. Entre os seus colegas encontrava-se o futuro General Mac Donnell, um canadiano que era clarividente.

Certo dia disse-lhe:

— Ernie, tive uma visão interessante. És advogado?

— Não; porquê? — respondeu Bevin.

— Acabo mesmo agora de te ver a falar num tribunal, rodeado de advogados. Há várias pessoas a assistir e o presidente é uma pessoa de cabelos brancos e bigode. Vejo-te entrar no tribunal, sacares da pasta e depois

ERNESTO BEVIN

dirigires-te à audiência. Não sei o que isto quer dizer, mas sei que daí em diante serás célebre.

Bevin esqueceu o sucedido, até que chegou o dia em que ia comparecer perante os Árbitros, em nome dos estivadores. Levara semanas a recolher factos e estatísticas e, quando chegou esse dia, tinha a pasta cheia de documentos.

Porém, uma estranha sucessão de «acontecimentos» obrigaram-no a chegar tão atrasado ao tribunal, que nessa altura o advogado das entidades patronais terminava o seu discurso.

Quando abriu a porta ficou espantado, pois naquele momento tinha diante dos olhos a visão de Mac Donnell, correcta em todos os pormenores.

Ernest Bevin disse-me que ao tomar o seu lugar ficara incapaz de se concentrar ou mesmo de ouvir o que se seguiria.

Quando foi solicitado levantou-se, como se despertasse dum sonho. Não abriu a pasta e, quando falou, não soube bem o que disse. Deixou o Tribunal Arbitral pensando num completo fracasso e quando chegou ao hotel deitou-se, convencido de que não tinha defendido os estivadores.

Na manhã seguinte, quando pegou no jornal, a primeira coisa que viu foi o título seguinte: ERNEST BEVIN, O DEFENSOR DOS ESTIVADORES. A seguir leu o seu inspirado e maravilhoso discurso e o facto de que ganhara a questão para os estivadores. E foi sempre célebre deste então.

Por falta de espaço não posso relatar as muitas experiências psíquicas a que ele assistiu e muitas das quais em companhia de altas individualidades do nosso tempo. Ouvi-o uma vez repetir pela rádio as mesmas palavras que em minha companhia lhe tinham sido transmitidas por uma entidade espiritual.

Acima de tudo venero a memória de um grande amigo que, atrás dos bastidores, pôs toda a sua grande influência ao serviço dos espiritas.

(Do *Psychic News*, de Londres)

No próximo número transcreveremos novo artigo de Robert Goldsbrough acerca das experiências psíquicas de Ernest Bevin.

As Nossas Edições

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos*.

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado ..... 32$00
Encadernado ..... 44$00

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos*.

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra extraordinária lança poderosa luz sobre a morte e o Além.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ..... 40$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado*.

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado .....18$00

O Livro "Dois Mundos"

5 — A MISSÃO DO APÓSTOLO

«Tantos caminhos na Vida! Tantos caminhos a vencer! Tantos caminhos a palmilhar!»

E tanto no além como no aquém, o mais difícil, o mais espinhoso e também o mais humanamente glorioso é o daquele que, impregnado o Espírito do amor dulcificante pregado pelo Cristo, deixa após si as açucenas das lágrimas do arrependimento, as rosas vermelhas da fé robustecida, as violetas maceradas das preces de gratidão. O caminho do Apóstolo! Caminho largo, de extensão imensa, e tão poucos pés a marcarem sinais na sua face branca! Porquê? Porque a miopia dos olhos terrenos o vêem qual vereda eriçada de espinhos e cheia de pedras dilacerantes! Razão tinha aquele Espírito luminoso quando dizia: — «Homem cego que não reparas que as pedras que tu sentes estão... entre a planta dos teus pés e a sola das tuas sandálias»!

A missão do apóstolo *— se bem sei sentir as palavras de LIA — é, afinal, o cumprimento da promessa feita pelo Mestre há quase dois milénios — é patentear que o Espírito de Verdade, que o* Consolador *continua ouvindo a chamada angustiosa do viver humano; é mostrar aos olhos pávidos dos homens, esquecidos dos fins do seu existir, que há* mais *para lá do simples* estar no mundo, *a deliciar-se nos regougos da carne, enfartada de prazeres.*

Missão dura, missão ingrata, missão redentora, obra de Cristo, Impulso Divino! Se o Cristo foi o Apóstolo da Verdade do Verbo (que é Deus), aqueles que mantêm viva a chama do Seu Ensino, o fogo do Seu Amor, são os apóstolos da Ideia humanizante. Que colhem esses? Do lado da matéria: — injúrias, doestos, lágrimas, ódios, feridas, impropérios, insultos e malquerença. Mas do lado do espírito: — a certeza de que se não trabalha em vão, a Graça do beneplácito de Jesus, a dulçura de que vem próxima a hora do encontro do Cristo em si!

Se na Terra, a missão do Apóstolo é obra que nos esmaga, pigmeus em face de muralhas de ciclopes, não menor nem menos árdua é no Além. Com efeito, se o Além «fosse mansão de paz eterna, onde ficaria o progresso das almas? A pouco se reduziria a evolução» — à possibilidade ridícula de construir a Eternidade no curtíssimo espaço da vida, mesmo da mais longa. A missão do Apóstolo envolve a totalidade dos mundos onde há dor, angústia e desespero. A Voz do Consolador Prometido tem de despertar todos os ecos. Que importa que muitos fechem as janelas dos seus espíritos? que importa que outros invectivem e até lancem pedras ao Caminheiro do Amor, da Luz, da Verdade? que importa que só uma ínfima minoria sacuda a poeira das sandálias para seguir o Caminheiro do novo rumo? sim, que importa? Basta que uma só alma desperte da sua letargia, para que o Caminheiro ajoelhe e renda acção de Graças, para que o seu cansaço se esfume, para que tudo se esqueça, para que novas forças se ganhem. «Refez as energias, pôs de novo a sacola ao ombro com sementes adequadas e rumou para outro sector, na esperança de semear com proveito».

Ah! O homem não avalia esse Trabalho de regeneração! Nem mesmo nós — espíritas e espiritualistas — sentimos toda a sublimidade dessa Obra que afirma, momento a momento, a presença do Cristo. Eles — os Apóstolos do Senhor — nos vêem e vergam na dor da contemplação das nossas imperfeições e impurezas e choram as nossas lágrimas. Eles — os Caminheiros da Luz — oram e «são raios luminosos que se desprendem do foco irradiante e seguem a sua rota. Vão aos antros escuros e às almas genuflexas. Vão ao cairel do abismo e ao salão onde a moral periclita. Vão ao tugúrio e às valetas da enxurrada. Vão a correr onde se requeira auxílio».

É a Missão de humanização, porque «auxilar é amar» e amar... é sentir toda

a plenitude da Lição do Mestre. «Distanciamo-nos da Terra. Aproximamo-nos da Unidade».

6 — NO MUNDO MENTAL

Fechemo-nos em nós, tapemos os sentidos às vozes do não-eu por aliciantes que sejam, busquemo-nos... Deixemos correr o filme fantasmagórico da nossa vida interior. A torrente começa a cair: — imagens desvairadas, sentimentos nobres e paixões degradantes, ideias sublimes e juizos infames correm de cambulhada, numa amálgama sem ordem, heterogénea, quase apocalíptica. Não receemos olhar no espelho da consciência as imagens paradoxais do nosso mundo mental. Um pesado pedregulho caiu nas águas quietas do lago da existência: — geram-se ondas, revolvem-se as camadas líquidas. Porque nos admiramos de que venham até à superfície os sujos detritos que jaziam nos fundos? porque nos admiramos e porque viramos a face à visão de tanta fraqueza e de tanta inferioridade? Não há apenas vasa de pântano... além de que fomos nós quem carreou as águas que fizeram o lago, como seremos nós quem filtrará e destilará esse líquido sujo e pestilento para obter dele a linfa pura.

Tenhamos coragem de olhar... e tenhamos a coragem maior de reconhecer a nossa responsabilidade, sem a pretensão de nos iludirmos com raciocínios mais ou menos capciosos. Somos o juiz e o réu nesse tribunal estranho. «O mundo mental tem quadros medonhos e silêncios ameaçadores», quadros pintados em múltiplas vidas, silêncios da alma em que só a carne uivou lamentosamente a litania wagneriana de um viver de desvario. «Tudo em nós estremece. Dá-se o alarme em nossa própria essência». Os instintos pululam como feras, as paixões fervilham como cachoeiras. Somos nós, é o homem hesitante entre os dois exércitos antagónicos, é o príncipe Arjuna do «Bhagavad Gita».

«De bom grado fecharíamos os olhos e os ouvidos» a essas imagens e a esses sons. «Mas não é possível. Suas garras cravaram-se em nós. Somos presas dos seus tentáculos».

É estranho, é doloroso, repele e chama... é humano. *Artista e espectador são a mesma criatura. O mundo mental espraia-se diante de nós em toda a crueza dos seus aspectos: — são os abismos de fauces hiantes escavados pelas garras aduncas das paixões degradadas e... são os vales relvados de sorrisos e floridos de lágrimas que os sentimentos nobilitantes geraram no solo agreste; são as montanhas escalvadas e abruptas soerguidas pelo resfolgar vulcânico dos instintos desfreados e são as colinas suaves e atapetadas onde sopra a brisa suave dos actos movidos pela fé e pela caridade. Mundo mental, mundo de desencontros, mundo criado pela cegueira espiritual do homem! «Ali se plasma tudo: progresso moral e progresso material, traduzido em obras que fortalecem e beneficiam a humanidade e que até chegam a destruir os alvos que se ergueram para bem da paz. E que muitas vezes a ignorância procura o sol voltada para a sombra».*

Mas esse mundo que é nosso *não fica em nós apenas. Vamos encontrá-lo na justa medida em que o edificámos, no momento em que o espírito larga a morada da carne. Nesse instante, começamos a viver o* nosso *mundo mental no fora de nós. Somos então o joguete das forças antinómicas que criámos e alimentámos aos seios úberes do nosso viver. Não tenhamos ilusões: — os efeitos têm o carácter das causas; não é lícito aspirar ao céu tendo feito da vida um inferno espiritual. «Assim como fizeres, assim acharás»!*

«Desenvolvei as faculdades latentes. Será o início do triunfo. Apetrechai-vos, reuni elementos de ataque à fortaleza invisível. Para lá dos vossos olhos há largas perspectivas, há coisas que não sonhais, porque os sentidos humanos não podem compreendê-los».

A R A B

Por A

A tarde descera. Os últimos ecos da voz do muezim apagavam-se nos longes do deserto da vida. Pela primeira vez eu não pudera vergar o meu dorso ao seu chamado, virando a minha face para Meca. Pela primeira vez eu sentira toda a insuficiência do recitar martelado dos versículos confusos do Alcorão.

Uma angústia estranha estrangulava-me a alma. Eu estava só. Nem o livro aberto na minha frente me falava... Senti um arrepio a percorrer-me o espírito e, depois, vi uns olhos negros, percurciantes, a brilhar num canto escuro da sala. Uns segundos depois, uma claridade viva empurrou as sombras para longe. O Velho sorria-me...

— Que Allah seja contigo, meu irmão!... — saudou-me —. Vamos, fala, que me queres?

— Mas eu...

— Eu sei, Abdallah, que não me *chamaste,* no sentido que dás a esse termo... eu sei. Mas julgas tu que é apenas quando o homem *chama* que a sua voz reboa pelos Desertos da Vida até chegar ao Mundo das Ideias? Quantas vezes o homem grita e os ecos só lhe devolvem... a sua própria voz transformada em uivo, qual o do solitário chacal! É forçoso que a chamada venha do fundo mais fundo da alma. Então são escusadas palavras... Os longes são aparência dos sentidos. Tu sentes o dealbar de uma crise de ideias.

— É isso, ó meu Amigo. Os teus olhos lêem em mim. Não sei nem quero saber quem te deu tamanho poder. Desde a hora em que te encontrei, que o meu espírito vive num sobressalto constante. Ensina-me onde está a Verdade!...

— Ah! A verdade! Só Allah a possui, porque Ele é a própria Verdade. Não te iludas, filho do homem, com juizos formulados em termos de Absoluto. O que tu ou eu podemos ter é *uma* verdade, mais ou menos relativa mas nunca absoluta...

— Então... para que procurar, se *nunca* poderei atingir essa Verdade?

— Eu não te disse que não podes alcançá-la. Digo-te que ainda é cedo para mim e para ti. Eu e tu não a temos *ainda,* porque ambos somos espíritos em busca da Unidade e não Espíritos que já tenham *refeito* essa Unidade. Como posso ensinar-te o que não sei?

— O teu raciocínio é lógico. Mas se não posso saber ainda essa Verdade...

— ... é lícito e é humano que procures o *como* atingi-lA. É essa mesmo a fundamental condição do teu existir através do teu viver.

— Parece-me que marcas uma distinção entre viver e existir!

— Sim... e porque não? Tu *vives* esquecido que já *eras* antes de teres rasgado o ventre de tua mãe numa tenda do deserto; e *serás* mesmo depois da hora em que os abutres ou os vermes se banquetearem na tua carne. Eu *existo* apenas... porque há muito que o meu espírito — *eu* — não enverga um albornoz... de matéria.

— Deves ter razão. Muitas vezes tenho-me preguntado donde me vem esta inquietação sôfrega...

— ... essa ânsia desesperada de sentir para lá do que os teus sentidos te mostram? É que tu, ó Abdallah, começas a compreender que o campo do *existir* não se contém no pátio limitado do viver. Pois bem, o Caminho para a Verdade está precisamente no entendimento do que é *existir.*

— Dize-me, ensina-me, ó Alma Grande, o que é existir, para que eu saiba porque vivo e para que vivo.

O Velho teve um sorriso e um momento de silêncio... Vi-O fechar os olhos. Uma luz vivíssima, vinda não sei donde, inundou-O. Parecia arder numa fogueira de chamas brancas.

— Existir é *compreendermo-nos* e compreender que a razão da existência não se contém em nós. Existir é *sentirmo-nos* e sentirmos que dependemos não só do que nos cerca como dAquele que nos transcende. Enquanto nos limitamos a viver, a *estar na Vida,* podemos julgar que somos unidades independentes; não mais assim quando principiamos a existir. Então, medida toda a mediocridade do nosso ser e toda a limitação do nosso viver, ganhamos a certeza do que somos e por que somos. Vivendo, sou a areia do deserto em muta-

O B A L

O balanço que se faz é consciência que se adquire. As acções passadas surgem na memória em galopada incessante e nós vemos e pesamos tudo. Os pormenores estão delineados. A vida terrena é medida com rigor numaf ita que vai ao tempo e ao lugar onde estivemos.N ós vamos atrás dela, como sol atrás da sombra. Vemos as cenas e as persogens e fazemos o balanço. Não sei quem desenrolou o cenário que apreciamos com interesse crescente e segura intuição de coisa indispensável. Sei que é lição proveitosa e necessária. Sem ela, não podemos caminhar no mundo em que entrámos.

Quando vamos à Terra, estagiamos. Não há balanço; há esquecimento. A memória afoga-se num oceano de névoa e a pouco e pouco observamos os elementos constitutivos da vida física. *O que lá vai* perdeu-se durante algum tempo. Mais tarde aparece em visões fugazes que nos fazem meditar a sério. E abanamos a cabeça. Não, a vida não é só isto que nos cerca. Há mais alguma coisa para além do que vemos e sentimos... Ignoramos o que seja, onde se localiza, onde se exerce, mas acreditamos nela, como se fizesse parte de nós mesmos. E andamos toda a vida material a congeminar neste sonho obscuro, a sen-

E S C O S

D A L L A H

ção constante aos sopros dos ventos. Existindo, sou a rocha que, embora descarnada, ergue a fronte na ânsia desconforme de atingir os céus, de tocar a fímbria do Ser-Allah, de subir até à Essência. O *existir*, ó filho do homem, não pode ser definido nos termos apertados que o teu cérebro criou pela força do teu espírito. O *existir* é ainda, simultâneamente, um acto e um princípio director. Como acto, é a conformidade equilibrada entre o pensar, o sentir e o querer; como princípio director, é uma força impelindo o ser ao desbordamento da vida. Como acto, existir é quebrar, uma após outra, as barreiras entre eu e não-eu; como princípio, existir é amar pelo próprio amar, amar pelo dever de amar. Existir é dilatar o eu até que nos seus limites se contenha a totalidade do que, agora, é não-eu. O existir cumpre-se em duas linhas, opostas em aparência: — uma do eu para o Outro, a segundo do Outro para o eu! É isto: — na primeira, tu buscas sentires-te no fora de ti como se ela fora parte de ti mesmo; na segunda, abres-te para que o Outro se sinta em ti como em si próprio. O existir é a finalidade para que tende o teu viver. Podes não querê-lo, podes afastar-te para longe; mas terás um dia de ingressar nesse Caminho que vai do simples *viver* ao *existir* e deste ao *Ser* que *é* para lá do Tempo e do Espaço, esses extremos indestrutíveis que não podes iludir. É Lei, porque é o Pensamento de Allah feito palavra!... O Tudo está em ti, ó filho do homem; no dia em que O encontrares, ter-te-ás encontrado em Allah, terás refeito a Unidade e terás compreendido — finalmente! — *para que* Ele te criou. Não te detenhas nos palácios da vida, por mais largos e esplendorosos que te pareçam: — eles são efémeros como a própria vida que os motiva, são contingentes. Olha-os sem paixão, aceita-os como uma condição necessária mas não suficiente; não os ames, suporta-os. «Há mais moradas na Casa do Pai» — disse o Rabi de Israel. Sim, há mais possibilidades abertas para que o homem salte da vida para o Existir, para a compreensão de que importa renascer *constantemente* das próprias cinzas!... Na hora suprema em que já não haja em ti raizes da vida e saibas *existir*, então a Verdade habitará no teu ser: — tu serás um ponto mais, suspenso pelos fios inquebráveis da Ideia Pura do seio infinito de Allah. Então, essa Unidade que serás sentirá o impulso de que tudo comungue da vibração dessa Graça. Atirarás pelo espaço imenso e para lá de todos os tempos as vibrações potentosas do teu Ser, na incomensurável ansiedade de que outros pontos mais, ao receber o choque dessa Onda de Regeneração, queiram finalmente atingir os fundamentos do seu existir. Ora, ó filho do homem, ora, porque, ajoelhado no solo da tua humildade chorando as lágrimas das dores da vida, deitando sobre a cabeça o pó das tuas culpas tu estás abrindo o espaço do teu ser para que a Graça Misericordiosa de Allah se infunda em ti. Ora, arremessa-te ao espaço na onda de um pensamento de Amor ao outro e ao que está para lá do Outro e que o justifica, e ela — a onda — voltará para ti, trazendo a vibração adicional resultante de ter tocado a Essência que é Allah. Ora e ama, filho do homem, e tu serás em breve Filho de Allah. Orando, reconheces a contingência do teu existir e a insuficiência do teu viver; amando, começas a *viver em Allah*, porque Ele descerá em ti na forma do Cristo deste mundo. Orar e amar é a síntese da Lei! Pensa no que te digo e depois... faze o que quiseres:—és livre, tanto quanto o pode ser aquilo que foi *criado*, o que não tem em si a razão suficiente do seu existir...

Os meus olhos deslumbrados viram ainda uma estrada larga e o Velho caminhar rumo a um Foco de Luz que vinha de mais longe... Chorei e, pela primeira vez, ergui-me numa oração de Amor. Sentia-me cheio da presença daquele Espírito que a Misericórdia de Allah trouxera ao meu encontro. Não quis preguntar-me a razão de tamanha graça! Abracei-me a ela e determinei-me a merecer a continuidade da sua presença. Mas quantas interrogações *ainda*, quantas dúvidas!...

As primeiras claridades da manhã coloriam o céu no Oriente... A vida despertara do seu letargo.

A N Ç O

tir-lhe o ambiente. A sua influência é tão grande, que ficamos dominados. Há lá coisas nossas, prazer e dor, vibração que degrada ou enaltece. Mas tudo indeciso, tudo nebuloso. A nova experiência requer atenção. É preciso treinar o corpo, saber conduzi-lo — saber utilizá-lo. Por isso ligamos menos importância ao que não vemos. Só um ou outro estuda o assunto, analisando-o e profundando-o.

Mas quando partimos; quando o corpo desaparece na terra e lágrimas amigas regam as plantas que florescem sobre a campa insensível, do outro lado há juizos rigorosos, há contas que se acertam em livro enorme, cujas folhas representam um verdadeiro mundo espiritual.

A alma experimenta reacções fortes e decisivas. Sensibilidade e entendimento são abalados e colocados em planos de lógica racional. O que se fez e o que não devia fazer-se são postos em equação. Temos que resolver o problema. Os mais inteligentes descobrem a incógnita e submetem-se ao resultado. É a submissão espontânea num balanço que se fez e não se esquece mais.

(Do livro «Dois Mundos», ditado por Maria Gonçalves Duarte Santos)

RAFAEL TORRES DE LA LUZ

Escreveu...

No nosso mundo, somos os actores principais. O drama do mundo é tecido por infnitos fios que são as múltiplas acções realizadas pelos homens. Grande é o homem: mais pela inteligência que pela força, tem vencido os obstáculos que encontra no caminho. Mas quando contemplamos o infinito, vemo-nos pequenos, como grãos de pó rodando na esfera dos nossos sonhos e dos nossos esforços, que é a terra.

Para além dos nossos sentidos se estende uma realidade exterior, da qual temos versão incompleta e até inteiramente diferente da estrutura das coisas.

Como viajeiro silencioso vem o homem à terra, e, uma vez nela, um véu denso, muito denso, se oculta na íntima fase das coisas. Só a investigação paciente e o conhecimento da própria vida lhe poderão rasgar o véu isolador.

Viajeiro silencioso, vou esboçar-te um mundo novo, que é o nosso mundo físico revelado por delicados instrumentos e pacientes investigações. Vou expor-te porque deverá o homem avançar por sendas de progresso, porque deverá o mundo ser melhor, porque é preciso viver.

OS SENTIDOS

Os cinco sentidos, cinco estações abertas ao exterior por onde o mundo que nos rodeia nos envia as suas mensagens. Mas essas portas estão abertas a umas e fechadas a outras.

Os sentidos enganam-nos, quando nos dizem que nada existe debaixo do sol que não seja a «solidez» das coisas. Por exemplo: os nossos olhos não percebem as seguintes radiações: as ondas de rádio, os ultra-violeta, os raios X, os raios gama, os raios cósmicos, etc. Todas estas radiações escapam à nossa vista e portanto ignoramos em grande parte o nosso mundo. A nossa visão é muito reduzida e o seu alcance está dentro de uma oitava. Todos os fenómenos, transformações, acontecimentos, etc., do mundo que não vemos são ignorados, mas, apesar disso, acorrem todos os dias, a cada instante.

Em trabalhos anteriores mencionei estes casos que ilustram, que projectam grande luz sobre o que os nossos sentidos ignoram:

1) Através de objectos ou corpos opacos como o papel negro, a madeira, a ebonite, etc., se têm fotografado na câmara escura outros objectos, coisa que assombrava se não soubéssemos que tais corpos são transparentes aos raios infra-vermelhos. Imaginemos o que sucederia se os nossos olhos conseguissem funcionar no campo destes raios. O que antes nos parecia opaco, agora seria—ó surpresa! — transparente!

2) Se a nossa visão se ampliasse até captar o movimento dos átomos e dos electrões, chegaríamos a perder, inclusivamente, a noção da morte, do imóvel. Veríamos também operar-se um intenso movimento em muitas pedras — objectos inanimados à vista desarmada —, principalmente sob os efeitos da luz do sol.

3) Se a nossa vista apreciasse os raios cósmicos, veríamos como eles «bombardeiam» a terra e adquiriríamos, necessàriamente, um conceito novo acerca da realidade exterior.

Se os olhos humanos pudessem sentir as ondas eléctricas veriam com surpresa os processos eléctricos que se operam no corpo humano. Principalmente em torno do cérebro contemplariam o espectáculo que lhes ofereceriam as ondas eléctricas ao produzirem-se no mesmo. Investigações recentes têm logrado

O UNIV

comprovar um facto interessante: enquanto um matemático resolvia um problema complicadíssimo, as suas ondas cerebrais recolhidas num aparelho e transformadas em ondas sonoras produziam um silvo. Eis outro facto ignorado por muitos homens...

As coisas parecem-nos opacas, inanimadas e silenciosas, porque nossos olhos deixam passar apenas uma reduzida variedade de ondas. Outras há que ficam de fora. São escamoteadas à análise do espírito, quando este recebe as mensagens do mundo exterior.

E que dizer de nossos ouvidos? Também eles nos ocultam grande parte deste mundo que julgamos conhecer como a palma da mão. Que dizer das ondas supersónicas? Não as ouvimos e, sem embargo, aplicamo-las no tratamento das doenças. Há enfermidades do estômago que têm sido curadas por este meio. Outro facto que nos tem sido *esca-*

motcado... e julgávamos que o nosso mundo nos era tão familiar como a palma das mãos!...

O sentido do tacto também nos oculta parcialmente a realidade exterior. Neste aspecto recordo que, numa recente visita a um coleccionador de minerais e outros objectos, tacteei o *asbesto*, muito duro ao tacto, verde-escuro e formado por grande número de filamentos. Aquela dureza — para surpreza minha — ocultara-me um facto raro: segurando num dos filamentos e tirando-o para fora, podíamos ver como se podia convertê-lo num fio delgado e suave. Que brandura entre tanta dureza!

Os sentidos são janelas abertas para o mundo, mas só para uma parte do mundo, para reduzidíssima parte de tudo o que nele ocorre. E todavia julgamos conhecer o mundo perfeitamente, julgamos que para além dos nossos sentidos nada existe de secreto. Sonho vão! Subtil engano! Vaporosa fantasia!

O PEQUENO E O GRANDE

Assim como o *asbesto* que na sua dureza esconde um fio suave e sedoso, assim o mundo denso e material, sólido e opaco, esconde nas suas próprias bases enorme série de luzes e de movimentos. Como se estrelam os nossos sonhos contra a rocha da vida! Arranquemos ao mundo o seu segredo, rasgando o veu que os nossos sentidos desdobraram entre ele e nós!

Tudo se move, tudo vibra. A base do Universo, subtil, movente, luminosa, está oculta sob a máscara com que os nossos sentidos nos encobrem o entendimento.

Que imenso é o Universo! Quão infinitamente pequeno é o átomo! Segundo F. F. Sintes Olives, «dez milhões de atómos dispostos em fila, um ao lado do outro, apenas medem um milímetro». E apesar disso, a pedra do caminho, a árvore gigantesca, a montanha alta e nevada, o corpo humano, a flor mais bela que podemos admirar, a estrela mais brilhante que desperta a curiosidade de nossos olhos, são formadas por átomos! Sempre o pequeno contido no grande!

AS LEIS

Deves ter ouvido falar na existência das Leis da Natureza. Muitos dizem que no mundo atómico também há ordem determinada e se alguns cientistas julgam que o determinismo feneceu, é porque ainda não conseguiram penetrar na ordem através de uma forma inteiramente ignorada para eles. Esta opinião, mantida sem se terem descoberto totalmente as leis que regem o movimento das partículas do mundo atómico, faz-me lembrar uma opinião repelida por numerosos pensadores que, neste caso, procedem de modo diferente e não admitem que exista a lei de Acção e Reacção, ou Destino, na vida do homem. Que lhes diríamos?

Da mesma maneira que essas pequeníssimas partículas de que já te falei, chamadas electrões, que desempenham um papel muito importante no movimento dos átomos e que intervêm em variadíssimos fenómenos, assim também os homens são pequeníssimas partículas de um grande átomo que denominados sociedade.

Os movimentos electrónicos desenvolvem-se segundo determinadas leis de funcionamento dialético que, a princípio, oferecem o panorama de aparente desconcerto de intrincado movimento, uns anulando outros, aqueles fortalecendo estes.

A vida humana, este maravilhoso fluxo e refluxo das civilizações que vêm e se perdem, finalmente, cedendo o passo a outras que aparecem ante este cenário; a vida de cada homem, plena de lutas, de contradições, ziguezagueando às vezes pelos caminhos do mundo, também é regida por Leis, igualmente ocultas às inteligências que não sabem penetrar entre o aparente desconcerto que oferece a sociedade humana, em demanda do fio invisível que relaciona todos os homens terrenos, entrelaçando causas e efeitos.

Os «homens-electrões» participam em numerosos fenómenos do grande «átomo-sociedade». Medita nesta grande relação, na responsabilidade que envolve o homem, ao saber que a sua vida exerce nele enorme influência.

CEPTICISMO E DERROTISMO

Como se vê, não há razão para a existência de cepticismo e derrotismo. Só a ausência de penetração dos fenómenos físicos, só o desconheci-

ERSO E O HOMEM

"ALMAS ERRANTES"

O director de Estudos Psíquicos *acaba de receber intuitivamente um romance mediúnico de estranha vibração em que se entrechocam as mais fortes paixões e se evidencia a poderosa influência dos chamados mortos sobre os vivos. Profundamente emotivo e cheio de interesse humano, as cenas sucedem-se num crescendo de imprevisto, mantendo o leitor em permanente curiosidade e arrastando-o até à última linha, como se um grande imã o atraisse. Parte da obra passa-se numa barraca de saltibancos que percorrem a Espanha, e a vida nómada é posta em foco com extraordinária fidelidade, ao mesmo tempo que o fantasma de um assassinado obriga os assassinos a pagar o crime nefando, através do mais intenso dramatismo.*

Ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos, êste livro ficará na bibliografia romântica do Espiritismo como expressão neo-realista a apontar caminhos novos à literatura do além-túmulo.

Brevemente, em edição de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA.

mento da ordem reinante no Universo e na vida do homem tornam possível estes sentimentos devastadores que destroem as melhores aspirações e as ideias mais proveitosas.

Quando esta ensombra o entendimento, a pessoa julga anormal a manifestação de uma vida liberta de tais sentimentos. Devíamos meditar no seguinte facto: o homem de hoje não come o semelhante, como faziam os canibais. Se tal fizesse, seria julgado como alienado mental ou como criminoso próximo da loucura. No futuro será tão natural a contemplação da vida de um ângulo elevado, que todo aquele que a julgue de outro modo será visto como anormal.

Espera pelos séculos dos séculos, mundo céptico, que por fim despertarás! Teus sonhos irrealizados, a adversidade enfrentada em teu caminho, abrir-te-ão o coração para a vida, para nova luz de ciência e de verdade!

O CAMINHO DA VIDA

Frequentemente oiço opiniões diversas acerca da evolução que se opera nos processos da vida em Biologia, em Física e na História. Porque não há-de, então, evolucionar o homem?

Há um estatismo moral no mundo. Tudo muda e o homem pretende ser a única excepção neste processo. Num mundo onde tudo se move, onde a «morte» não existe, onde matéria e energia se entrelaçam em maravilhosa união, esta atitude humana torna-se ridícula. «Eu sou assim». «É impossível que me transformem». Inútil quimera! O caminho da vida aponta outro rumo ao homem. Não é para o vale que ele deve olhar, mas para o cume íngreme e longínquo que seus olhos apenas entrevêem.

Para impulsionar a evolução humana é que surgiu o trabalho iniciado em Cuba pelo doutor Armando Torras e que, livre de superstições, com simplicidade e clareza, mostra o caminho para chegar. Muitos pensam: «Desejo conhecer os fundamentos desta labuta e a sua filosofia». E eu lhes respondo: Não só explicará o mundo, como também o modo de transformá-lo. Nesta última parte é que bate o ponto. As grandes ideias têm poucos corações que as sigam no princípio, mas é como reacção «in crescendo» que termina numa verdadeira explosão que comove o mundo inteiro. Assim contemplo este trabalho. Agrada-me por duas razões: Primeiro, porque explica o mundo; segundo, porque aponta claramente o caminho do seu triunfo e sua transformação total.

Não é filosofia abstracta, de isolamento, mas oferece caminhos vitoriosos. Traz no seio ideias que, uma vez contagiadas, propagadas e vividas, dar-nos-ão um mundo novo e luminoso, cheio de esperança e de paz.

Não há destino adverso que te possa deter. Se queres triunfar, entrega-te a este labor, que é o caminho da Vida. Não temas, porque os raios da sua luz já começam a iluminar as sombras da ignorância para felicidade de toda a espécie humana!

(De «Nuevos Horizontes», de Habana, Cuba).

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

Deus deu-nos duas asas para voar até junto dele: o amor e a razão.

PLATÃO

PLATÃO

por A. CARDOSO

No ano de 427 A. C. nascia em Atenas Platão que desde bastante novo mostrou possuir raros dotes de inteligência e raciocínio. Discípulo de Sócrates, adquiriu uma cultura invulgar que muito lhe havia de servir, quando o seu Mestre morreu. Deslocou-se então ao Egipto onde estudou matemática e travara conhecimento, conduziu-o junto do rei Dionísio. Este príncipe, porém, ofendido com aquela sem-cerimónia com que o genial filósofo expunha as suas ideias, conseguiu arranjar as coisas astronomia com os sacerdotes, Cirene, Itália e Sicílio. Dion, príncipe siracusano com o qual de tal forma que Platão, quando chegou a Egina foi preso e reduzido à escravidão, e por certo findaria aí a sua vida terrena se um seu conhecido de Cirene não o tivesse encontrado e resgatado.

Com quarenta anos volta à Pátria, onde funda uma Academia.

O seu espírito manteve-se sempre em constante evolução, e isso explica o facto de por vezes aparecerem certas contradições nos seus escritos estes compõem-se de 35 obras e 12 cartas, algumas das quais têm sido motivo de grandes discussões por certos críticos negarem a sua autenticidade.

Em *Laques* estuda a essência da fortaleza, em *Górgias* a retórica, no *Eutidemo* a verdadeira dialéctica; no *Banquete* trata do problema do amor espiritual. Platão reprovando todo o amor que tem como base a sensualidade, diz-nos que o amor puro é capaz de despertar no ser amado «a nostalgia da ideia». Este amor — afinal o verdadeiro! — ainda é hoje conhecido pelo nome de *amor platónico*.

O problema do supremo bem é tratado no *Phebo*. Para Platão o prazer só é um bem quando é «puro», isto é quando não acompanhado por dor. Mas, quando existe dor — perguntamos nós — poderá haver prazer? Certamente que não. Por isso Platão estendia por certo essa palavra dor a um tempo futuro. Se eu por exemplo ingerir cogumelos venenosos, mas òptimamente cozinhados, não sinto dor naquele momento (pelo contrário!), mas só passadas algumas horas... Ao passo que, como muito bem nos diz o mestre de Atenas — quando o prazer é puro essa dor não aparece.

Platão diz-nos no *Górgias* que a felicidade interior deve ser o fim de todos os nossos empreendimentos. Acredita não só na imortalidade da alma, como na reencarnação. O *Ménon* é feito de acordo com esta lei, considerando o conhecimento como uma recordação da vida anterior.

Apresenta três provas principais demonstrativas da imortalidade da alma: 1.ª Se houvesse apenas dormir sem despertar, tudo acabaria por dormir; 2.ª O conhecimento por meio das ideias é uma recordação; 3.ª Direi que os opostos se excluem contraditòriamente, em virtude do princípio da contradição. Ora as ideias da vida e da morte são opostas, e portanto um ser individual que participa da ideia da vida, não pode escolher a ideia da morte — e portanto é imortal.

As suas ideias sobre Deus são mais ou menos perfeitas, mas já o não são sobre os planetas — que julga serem habitados por denses, como os elementos, a terra — que imagina ser o centro do universo (ao contrário da escola pitagóriga), o universo, que crê ter uma forma esférica, sobre certos princípios da biologia, etc., etc.

As suas obras espalharam-se por todo o mundo, e hoje, apesar destas e outras imperfeições que apresentam — são ainda consideradas como verdadeiros tesouros intelectuais. Morreu em 347, e com a sua morte o mundo perdeu um homem, mas a sua alma e o seu génio são imortais.

Jesus no Evangelho de João

(Comentários evangélicos de SAULO)

II

DEUS E O CRISTO

O homem atinge o Pai *pelo* Amor do Filho, lavando-se na «água viva» que o leva à vida eterna em espírito, ressuscitando dos mortos que renascem milhentas vezes no campo da matéria. «Morto» é o que vive na carne, não sentindo e realizando o Ideal do Cristo, expresso nas suas máximas de ética superior. «Vivo» é aquele que desperta para este sentir mais perfeito de uma ética plena de dinamismo interior, de uma ética que se não limita ao cumprimento estreito de um decálogo que se não sente. Poèticamente, Johanan (João) coloca na boca de Jesus as seguintes palavras: — «em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê nAquele que me enviou, tem vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida» (cap. V, v. 24). O ensino do Cristo não se dirige apenas para os «mortos» do «sepulcro» hebreu, mas para os mortos de todos os sepulcros (v. 28). Os apóstolos irão levar a Voz do Cristo pelos túmulos terrenos e «os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida, mas os que obraram mal sairão ressuscitados para a condenação» duma nova vida na carne (v. 29).

Jesus não busca nos homens o testemunho da sua natureza (v. 33-41), a glorificação da Sua vinda. Ele vê-a em Deus, na graça que recebe, vinda de um Além perdido nos confins da Criação. Só o homem se glorifica noutro homem, só o que cubiça o prazer terreno busca homenagens terrenas. Não aquele que vive a vida superior do Espírito e que passa pela humanidade como um meteoro de luz, com os olhos postos na graça do beneplácito divino. Esse sabe que o homem não o compreenderá: — «Como podeis crer vós outros que recebeis a plória uns dos outros e que não buscais a glória que vem só de Deus?» (v. 44).

Para os que sentem o Cristo, ele é a «água viva», o «pão da vida», o pão do céu (cap. VI, v. 22-60): — «Eu sou o pão da vida; o que vem a mim não mais terá fome, e o que crê em mim não mais terá sede» (v. 35); «eu sou o pão vivo que desci do céu» (v. 41). Sim, o Cristo descera como espírito à carne de Jesus, filho de Myriam e de José. Pela matéria, unia-se ao casal nazareno, pela pureza do Espírito à existência do Verbo (que é Deus).

Para viver na carne, necessário é ao homem alimentar-se do pão material (v. 54), mas se nesse viver saciar apenas a carne e não absorver «a carne» e o «sangue» do Cristo, (a carne do seu amor e o sangue da sua Fé), viverá eternamente na carne, o seu espírito caminhará sempre num círculo. Mas o que, ao lado do pão físico, come o pão espiritual e bebe o sangue que é «água viva», esse ressuscita e vence a morte que é o retorno à terra: — «O que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem vida eterna: — e eu o ressuscitarei no último dia», porque «esse fica em mim e eu nele» (v. 55 e 57).

(Notemos o sentido oculto presente nas palavras do Mestre. Os corvos olhá-las-iam segundo a letra, segundo o sentido literal; o homem de hoje tem de desempoeirar o espírito que brilha, ofuscante, sob as teias da letra, tem de afastar o símbolo para encontrar a ideia que se não compadecer de rituais mais ou menos complexos e de especulações mais ou menos convincentes).

Depois da arenga, muitos discípulos, receosos, abandonavam Jesus (v. 61) temendo o alcance poderoso daquela vivificação da carne, aquela espiritualização do viver terreno. E o Cristo, em plena festa dos tabernáculos (cap. VII, v. 10-53), lança a face dos homens de todos os tempos a diatribe da intolerância. De novo se afirma como Meschiah. Após a morte, o seu Espírito ascenderia a um «mundo» onde a totalidade dos seus ouvintes, não crentes na Sua missão e no Seu ensino, não poderiam segui-lo. O Cristo ficaria pairando sobre a Terra, esperando que o homem subisse até Ele para com Ele caminhar até à visão completa do Verbo. — «Vós me buscareis e não me achareis; nem vós podereis vir onde eu estou» (v. 34).

Admiravam-se os fariseus que fosse Jesus a apresentar-se, a dar testemunho de si mesmo. A sua resposta é profunda: — «Ainda que eu mesmo sou o que dá testemunho de mim, o meu testemunho é verdadeiro porque sei *donde vim e para onde vou;* e vós não sabeis donde eu venho nem para onde vou» (cap. VIII, v. 14). E repete o ponto nevrálgico do seu ensino: — «Vós não conheceis a mim nem a meu Pai; se me conhecesseis, certamente conhecereis também a meu Pai« (v. 19). O Cristo é o princípio do conhecimento da existência divina (v. 25), a força que liberta o escravo da matéria: — «todo o que comete pecado é escravo do pecado» (v. 34) e o «escravo não fica para sempre na casa» do Pai, tem de regressar ao mundo das provas dolorosas»; só o Filho, aquele que cumpre a beleza moral da ideia do Verbo «fica para sempre» (v. 35).

O pecador que persiste no pecado, depois de vislumbrar a Luz da virtude, mente a si mesmo, porque afasta de si a Verdade que se lhe aproximou (v. 44). O Cristo é essa mesma Verdade, a «palavra» que livra do eterno retorno (v. 52). Frisemos o conteúdo dos v. 56 e 58: — «Vosso pai Abrahão desejou anciosamente ver o meu dia; viu-o e ficou cheio de gozo»; «em verdade vos digo que antes que Abrahão fosse feito, sou eu». Não se afirma não só a preexistência do espírito à carne como também a sua imortalidade?

A REVOLUÇÃO ESPIRITUAL DO CRISTO

Os defensores do dogmatismo religioso estremeciam a cada uma das palavras e gestos de Jesus. Os ódios acastelavam-se sobre a cabeça aureolada do Rabbhi e ia-se avizinhando a hora da consumação do seu sacrifício de Amor. Doutro lado, surgiam Almas agradecidas que rendiam homenagens sinceras à pureza superior das intenções de Jesus, não receando injúrias ou perseguições dos opositores (cap. IX).

A parábola do bom pastor (cap. X, v. 1-21) é uma forma colorida, apresentando o papel do Cristo ante os apriscos humanos. Ele é o Guia, o «bom pastor» de um rebanho imenso, que se sacrifica pelas ovelhas que o seguem, lutando constantemente com os ladrões para que elas não se afastem do seu amor e caminhem sempre na senda, ao fundo da qual está o aprisco reconfortante do perdão e da Graça divina. Ladrões são as paixões que deslumbram os olhos das fracas ovelhas, impelindo-as para os abismos nos quais se irão despedaçar. A solicitude do Cristo, como «bom pastor», só, naturalmente, se pode exercer totalmente naquelas ovelhas que O seguem, aos tropeções, e não sobre as que deliberadamente lhe voltam as costas.

A ressurreição de Lázaro (cap. XI, v. 1-45) ainda mais exacerbou a casta farisaica. Reunidos em conselho e sob a sugestão do pontífice Caifás deliberaram sacrificar Jesus, levados por egoísmo pessoal e talvez patriótico: — «Se o deixamos assim livre, crerão todos nele e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar a nossa gente» (v. 48).

Muitos judeus seguiam Jesus julgando-o predestinado a dar a liberdade ao povo, a restaurar a grandeza do império de David e Salomão. Quando o Mestre se dirigiu a Jerusalém, na festa da Paskkah, a populaça recebeu-O em triunfo, aclamando-O como «rei de Israel» em «nome do Senhor» (cap. XII, v. 13). Jesus submete-se, aparentemente, à vontade geral e monta um jumento para que fosse cumprida a profecia de Zakkay ou Zezarya (cap. IX, v. 9). O povo rejubila, mas Jesus sente-se perturbado: — «Agora presentemente está turbada a minha alma. E que direi eu? Pai, livra-me desta hora. Mas para sofrer nesta hora é que eu vim a ela» (cap. 27).

O Cristo sentia a reacção da massa quando fosse desiludida completamente sobre os fins da Sua missão e interpretava assim aquela voz poderosa que ressoava nos ares e que a multidão escutara (v. 28): — «Esta voz não veio por amor de mim, mas veio por amor de vós outros. Agora é o juizo do mundo; agora será lançado fora o princípe deste mundo» (v. 30-31).

"DOIS MUNDOS" E A CRÍTICA PROFANA

Dizia Kardec, fundador da doutrina espiritista, que «os espíritos que comunicam com os seres vivos são as próprias almas dos que existiram na terra que, livres do seu envólucro, afastados do corpo em que habitaram e que foi destruído pela Morte, povoam e percorrem o espaço». Quer dizer que enquanto o Mundo é dos vivos, o espaço está replecto após a Morte, as almas dos falecidos andam por aí invisíveis, ao pé de nós em cada canto e em cada esquina. Significa, portanto, que, após a Morte, as almas dos falecidos tomem forma invisível, ao mesmo tempo que os corpos em que habitaram se desfazem em pó.

A doutrina de Kardec foi a princípio recebida como um conto de fadas, uma história fantástica; mas o que é certo é que, a pouco e pouco, conquistou alguns adeptos que já hoje se contam às centenas (1). *Apareceram livros atacando ou defendendo aquela doutrina e editaram-se obras que têm o assunto em si por cenário e tema. É o que acontece com este volume que Isidoro Duarte Santos publicou por intermédio da* Editorial Estudos Psíquicos *e em que afirma não ser ele e sim sua esposa falecida há meses, a verdadeira autora. Foi ela que, depois de Morta, lho ditou. Escreveu-o — declara — mas foi alheio à sua génese, em nada contribuindo para ele, do ponto de vista mental, pois nele se encontram afirmações que colidem com a sua ideia. Não foi mais do que a mão guiada pela vontade da esposa morta. E então ela e não ele, espraia-se em considerações acerca da passagem deste para o outro mundo. Num epílogo explica que ao ditar este livro o seu fim não é alardear conhecimentos que não tem, mas preparar as almas para o momento solene da partida, acabando por dizer que, afinal, apesar de Morta, está viva e bem viva e que este seu livro é um prostesto contra a morte. O assunto em si é confuso e não serei eu que vá discuti-lo.*

É que parto do princípio que não convenceria os que, com sinceridade, se entregaram à mencionada doutrina, dentro da qual se tenta devassar esse mistério. O livro está, gràficamente, bem apresentado.

(Da «República» de 2-2-951)

(1) O crítico quis dizer *milhões*, com certeza...

A DOR DO CRISTO

Cristo sofria o erro da cegueira que o iria condenar ao suplício da crucificação, sofria o homem que não o sentira e o seguira em espírito. Cheio de ardor místico, no alvorecer da hora suprema, arremessa ao Pai a glória dos que creram na palavra do Filho: — «O que crê em mim, não crê em mim mas naquele que me enviou. E o que me vê, vê aquele que me enviou» (v. 44-45). Não quer julgar o acto dos que, ouvindo-o, o não seguiram, preferindo continuar nas trevas da ignorância; não os julga, porque a própria palavra do Mestre por eles ouvida fará o despertar da sua consciência, após a morte: — «O que me despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a palavra que eu tenho falado essa o julgará no dia último» «v. 48).

E no lava-pés, na véspera da Páscoa (cap. XIII), Jesus humilha-se, Ele «Mestre e Senhor». Judas de Kerioth sai, talvez magoado pelas palavras de Jesus (cap. XIII, v. 21-30). Tem sido muito discutida a figura deste apóstolo e são várias as hipóteses que procuram explicar a sua atitude.

Judas era um indivíduo rico, pelo que afastamos a suposição do móbil de roubo dos dinheiros que a comunidade entregava à sua guarda. Há quem interprete as palavras de Judas como demonstrativas de receio de um envenenamento planeado por Judas de acordo com o sinhédrio; este ter-se-ia afastado para contar aos apaniguados o seu insucesso, donde a modificação do plano posterior. Há ainda autores que encontram o ciúme como origem do gesto de Judas: — ou ciúme pela preferência dada ao discípulo João; ou pelo amor votado pela deslumbrante Maria de Magdala, a cortesã convertida, ao Rabi galileu. Mas se qualquer destes casos explicam mais ou menos satisfatòriamente a traição de Judas deixam sem motivo cabal o suicídio posterior.

Julgamos mais aceitável a hipótese de que Judas adoptava a opinião geral da populaça que via em Jesus o sucessor de David, aquele que daria a liberdade à pátria hebraica, expulsando o usurpador romano. Possìvelmente, em reunião secreta do sinhédrio onde tinha talvez esteios fortes, chamou-O para o seu lado ou, pelo menos, conseguiu que eles não dicidissem uma atitude definida.

Judas conduziria uma força destinada aparentemente a prender Jesus. Judas beijá-lo-ia, sinal por que seria reconhecido, evitando que um discípulo se entregasse em lugar do Mestre.

Posto nesta situação dilemática, Jesus apresentar-se-ia na sua figura de descendente de David e faria o levantamento geral do povo hebraico. O Cristo, porém, negaria este papel e só então Jehuda viria a compreender que o Reino de que Ele falava não era terreno, que os seus olhos estavam cegos também e que praticava um tremendo erro. E do remorso ao suicídio, a alma do apaixonado Judas deu um simples passo...

O CONSOLADOR PROMETIDO

Entretanto, Jesus, após a ceia pascal, recapitulava e resumia, perante os apóstolos, a sua Missão e os seus Ensinos (cap. XIV, XV, XVI). As suas palavras dirigem-se aos discípulos e apóstolos de todos os tempos, àqueles que se esforçam por segui-lO na senda estreita do amor ao próximo e a Deus sobre todas as coisas. O Cristo partiria, mas entre Ele e a Terra seria colocado um Consolador cuja assistência fosse constante: — «E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador para que fique eternamente convosco» (XIV, v. 16).

Não será o «Consolador» prometido essa pleiade de espíritos luminosos que há séculos, ou do espaço ou na própria terra, têm convocado o homem ao amor do Cristo? «O Consolador que é o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito»! (cap. XIV, v. 26). E tal como o Cristo o foi pelos homens do seu tempo, o Consolador da hora presente é chamado «demoníaco» pelos que O não querem compreender.

Os discípulos são varas de videira que só darão fruto se na árvore permanecerem: — «Eu sou a videira, vós outros as varas; o que permanece em mim e aquele em quem eu permaneço, esse dá muito fruto; porque vós sem mim não podeis fazer nada» (cap. XV, v. 5). Permanecer no Cristo é permanecer na realização da Lei do Seu Amor (v. 10) e o fruto colhido é a glorificação em Deus, através do Cristo, é o reflexo dos hinos de glória que os povos entoarão quando os discípulos ecoarem junto deles a palavra do Mestre. Tal como Este, os discípulos seriam perseguidos, vilipendiados, magoados. Mas o Consolador ficará sempre dando, do alto, testemunho de uns e outros (cap. XV, v. 26). A partida do Cristo é a vinda do Consolador (cap. XV, v. 7), porque antes de Ele ter descido à carne o espírito humano era impotente para vislumbrar a Luz suprema, era o Cristo o único Consolador. Com esse sacrifício, outros ascenderiam e, com os já libertos das peias da matéria, engrossarão a voz poderosa do Consolador vindoiro, deposto entre a essência pura do Cristo e a imperfeita do homem. Naquela hora, o Cristo podia dizer mais, mas o homem não poderia suportar a força deslumbrante da Verdade (cap. XVI, v. 12). «Quando vier, porém, aquele Espírito de Verdade, Ele vos ensinará todas as verdades, porque não falará de si mesmo mas dirá tudo o que tiver ouvido e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir» (v. 13). E os cânticos entoados pelo Consolador serão glorificações à figura superior de Jesus (14).

O Cristo anunciava o seu regresso ao mundo espiritual donde partira (v. 28). A sua oração (cap. XVII) é uma infusão mística, é um voo rasgado, de olhos postos no Verbo que é Deus, é a prece de um Espírito-Guia de uma Humanidade. A sua ânsia é que os crentes, abrasados no fervor da Sua Fé, se unifiquem entre si e se infundam em Deus, através do Seu ensino amoroso: — «*Para que eles sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também eles sejam um em nós e creia o mundo que tu me enviaste*» (cap. XVII, v. 21). É uma prece invocadora da Unidade final do Ser: — «Eu estou neles e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade». (v. 23).

A PAIXÃO DO CRISTO

Horas depois, no Salão do Gethsemam, Jesus era preso e apresenta-se diante do sinhédrio reunido. Quer aí, quer diante de Poncius Pilatos, o Mestre nega o apodo de revolucionário político, iludindo, assim, as esperanças dos patriotas hebraicos: — «O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo,

Uma anedota de Lord Byron

Falando de pessoas que conheceram homens célebres, recordo-me duma que fora amigo pessoal de Lord Byron. Contou-me uma história curiosa.

Encontrava-se na Grécia com Byron e viajavam juntos em Missolonghi, quando se desencadeou uma chuva torrencial. Abrigaram-se numa pequena estalagem onde chegaram encharcados.

Depois subiram ao quarto que lhes foi destinado, a fim de se enxugarem. Byron deitou-se e disse:

— Acreditas em bruxas e adivinhos?

— Porquê — inquiriu o amigo.

— Bem sabes que sou quase escocês. Passei a meninice em Aberdeen e quando era garoto um cigano leu-me a sina e disse que na minha vida se passariam importantes acontecimentos aos 10, 28 e 36 anos. Aos 10, fui Lord pela morte de meu segundo tio; aos 26 casei-me; e agora, aproxima-se o terceiro acontecimento. Que será?

O meu amigo disse a Byron:

— São tolices.

— Não, respondeu Byron. Tu não acreditas em bruxas e adivinhos...

Dez dias depois, Lord Byron falecia.

(De Two Worlds)

certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora não é daqui o meu reino» (cap. XVIII, v. 36).

Pilatos reconhece a inocência de Jesus mas acobarda-se à insinuação feita pelos pontífices de que levariam o caso para o imperador romano, e consente na crucificação (cap. XIX, v. 12, 15).

No alto do Gólgota, apenas assistiram Maria de Nazareth e sua cunhada Maria Khalipai, Maria de Magdala e João, o evangelista. José de Arimateia e Nicodemos, obtida a licença de Pilatos, sepultaram o corpo de Jesus num horto junto do Gólgota (cap. XIX, v. 38-42). No dia seguinte, porém, Maria de Magdala constata o desaparecimento do corpo de Jesus e João e Schimeon Kepha vão testemunhar o estranho facto (cap. XX).

Naturalmente, surge agora a pergunta: —«Qual o destino do corpo de Jesus?». Há autores que supõem que a morte se não verificou no Calvário e baseiam-se no facto da rapidez com que ela sobreveio, o que é invulgar nos crucificados, a não ser que, com Binet Sanglés, tal se atribua a um «derramamento pleurético serofibroso», a uma tuberculose pulmonar em estado de adiantamento... Os que não aceitam esta hipótese, embora possível, pensam que no líquido com que humedeceram os lábios de Jesus — vinagre, segundo o evangelista (cap. XIX, 29) — estava preparado um forte narcótico que provocou a aparência da morte. Os discípulos teriam retirado o corpo de Jesus do sepulcro provisório, mas o Rabi pouco tempo resistiu à ferida da lança (cap. XIX, v. 34). Herder, Paulus e Hase sustentam, entre outros, que Jesus não morreu no Calvário.

Aceitamos melhor a hipótese dos que opinam que a morte se verificou na Cruz, e talvez que a rapidez invulgar desta resultasse do derramamento pleurético. A que atribuir o desaparecimento do corpo? Porque não supor que José de Arimateia e Nicodemos, na manhã seguinte à da crucificação, por temerem sevícias dos judeus, retiraram o corpo de Jesus para o sepulcro em lugar oculto? Note-se que o próprio evangelista aponta o carácter provisório do primeiro túmulo: — «Portanto, em razão de ser o dia da preparação dos judeus, visto que este sepulcro estava feito, depositaram nele o Jesus, (cap. XIX, v. 42).

Em qualquer das hipóteses que se possam formular, temos de procurar uma causa *natural* para o desaparecimento do corpo. A não ser que se perfilhe a tese dos «Quatro Evangelhos» de Roustaing... Numa obra mediúnica — «Vida de Jesus ditada por Ele mesmo» — diz-se que foram José de Arimateia e Schimeon Kepha que esconderam o corpo. Repugna-nos que Schimeon tivesse simulado a surpreza (v. cap. XX, v. 1-10) (a pesar de que fora capaz de mentir, negando a sua ligação com Jesus). Note-se, porém, que, imediatamente, não se pensou no alcance daquele desaparecimento e que só fenómenos posteriores criaram a lenda da ascenção à imortalidade, do Espírito e do corpo físico: — «Porque ainda não entendiam a escritura que importava que ele ressuscitasse de entre os mortos» (cap. XX, v. 9). Então, que necessidade teve Schimeon de mentir a João e a Maria, se fosse um dos sonegadores do corpo de Jesus? Achamos mais plausível que o trabalho tivesse sido executado por José de Arimateia e Nicodemos, os mesmos que haviam sepultado o corpo.

Possìvelmente, quando tomaram conhecimento das sucessivas «materializações» de Jesus, não tiveram coragem para desfazer a crença dos apóstolos e às igrejas cristãs passou a fantasia de um milagre... de uma ruptura das leis naturais...

Consumado o sacrifício, o Cristo ressurgira do corpo de Jesus, deixando na terra o fardo material e subindo com o leve corpo fluídico (perispírito) compatível com o seu elevadíssimo progresso espiritual, e que se deveria ter indo desintegrando à medida que a sua consciência se transferia para o plano do Verbo.

FIM

A REENCARNAÇÃO

II

Na falta da reencarnação, como explicar as crianças prodígios?

Por exemplo, a criança que foi mais tarde o Dr. Young, aquele que descobriu a teoria ondulatória da luz, um homem a quem ainda se não rendeu a devida justiça em nossos dias. Com a idade de 2 anos já lia «com notável facilidade» e antes dos 4 anos já tinha lido a *Biblia* 2 vezes, do começo ao fim. Aos 7 anos principiou a aritmética, e antes de ter atingido com o seu preceptor a metade do *Tutor's Assistant* de Walkingham, já conhecia a obra inteira. Alguns anos mais tarde, continuando os cursos vulgares da escola, aprendeu com êxito o latim, o grego, o hebraico, a matemática, a escrituração comercial, o francês, o italiano e o ofício de torneiro, a construção de telescópios, deliciando-se principalmente com a literatura oriental. Aos 14 anos devia estudar sob a direcção de um preceptor em companhia de uma criança, apenas mais nova do que ele ano e meio, mas o preceptor contratado não se apresentou e foi Young quem instruiu o outro («Vida do Dr. Tomas Young», por G. Peacok).

Sir William Rowan Hamilton mostrou-se ainda mais precoce. Começou aprendendo o hebraico quando tinha apenas 3 anos, e com 7 anos, um dos substitutos do «Trinity College» em Dublin, declarou que ele tinha mostrado um conhecimento mais profundo da língua do que muitos candidatos a professores.

Na idade de 13 anos, já conhecia pelo menos 13 línguas clássicas e as línguas europeias modernas, o persa, o árabe, o sânscrito, o indostano e mesmo o malaio. Na idade de 14 anos escreveu uma carta de boas vindas ao embaixador da Pérsia que fora visitar Dublin e este declarou que jamais suposera encontrar no Reino Unido um homem capaz de escrever um tal documuento em língua persa. Um dos seus parentes disse: «Ainda hoje o vejo menino de 6 anos, respondendo a uma difícil pergunta de matemática, para em seguida se afastar alegremente correndo com o seu pequeno carrinho». Aos 12 anos concorreu com Colburn, o «Inaudi» americano, que se exibia em Dublin, a título de curiosidade e muitas vezes conseguiu vencê-lo. Aos 18 anos, o Dr. Brinkley, astrónomo real da Irlanda, disse dele: «Eu não digo que este jovem «será», mas sim que ele é o 1.º matemático do seu tempo.

Na Universidade a sua carreira foi sem precedentes. Entre numerosos concorrentes a um mérito acima do ordinário, foi sempre o 1.º em todos os assuntos e em todos os exames (North British Review, Setembro de 1886).

Em França não podemos deixar de citar o exemplo de Pascal, que, muito criança ainda, reconstituíu, sòzinho, uma grande parte da geometria.

A extraordinária precocidade do famoso menino-maestro Pierino Gamba é também um explêndido exemplo de criança-prodígio, cuja explicação só pode ser dada pela Reencarnação, como muito bem o demonstrou Isidoro Duarte Santos no seu célebre livro. Eu e minha mulher tivemos o prazer de assistir a um dos maravilhosos concertos dirigidos por esse génio.

Queiram agora os leitores comparar tais crianças a um semi-idiota, ou mesmo a uma criança comum. E observem como, com tais vantagens, no início da sua carreira, exercem uma influência decisiva sobre o pensamento humano, e depois disto devem perguntar a si mesmos se tais almas têm ou não um longo passado atrás delas.

Geralmente, atribuem-se as semelhanças de família à lei da hereditariedade, mas diferenças de carácter moral e mental acham-se a cada passo no seio da família e ficam inexplicadas. A Reencarnação explica que essas semelhanças são devidas ao facto de uma alma, quando nasce, ser conduzida para uma família que possa fornecer, pela sua hereditariedade física, a espécie de corpo que ela precisa para a expressão das suas características. E, atribuindo o carácter moral e mental ao próprio indivíduo, explica também as respectivas diferenças.

As diferenças notáveis que homens de poder intelectual pouco mais ou menos igual apresentam entre si quando se trata de assimilar certos ensinamentos especiais fornecem mais um argumento em favor da reencarnação.

Uma verdade é reconhecida imediatamente por um, quando outro nem chega a compreendê-la, mesmo depois de longa e cuidadosa consideração. O contrário poderá acontecer quando outra verdade de natureza diferente lhes fôr apresentada: o 2.º a compreenderá imediatamente, ao passo que escapará ao 1.º. Dois estudantes sentem-se atraídos pelo Espiritualismo e começam a estudá-lo. No fim de um ano, um está familiarizado com as concepções fundamentais da doutrina e em condições de aplicá-las, ao passo que o outro nem mesmo conseguiu nelas penetrar. Para o 1.º, cada princípio parece familiar à 1.ª vista; para o 2.º, tudo é novo, ininteligível, estranho. Quem admitir a Reencarnação compreende que este ensinamento é antigo para um e novo para outro. Um aprende depressa, *porque se lembra*; ele não faz senão reencetar conhecimentos antigos. O outro aprende lentamente, porque a sua experiência passada ainda não envolve estas verdades da natureza, ele as adquire pela 1.ª vez. Assim também para a intuição ordinária, «simples reconhecimento de um facto que foi familiar em alguma vida passada, embora o encontre pela 1.ª vez na existência actual», é mais um indício do caminho que a individualidade seguiu no passado.

A principal razão que impede muitas pessoas de aceitar esta doutrina é a falta total da recordação do seu próprio passado. No entanto, esses indivíduos notam que vão esquecendo uma grande parte da existência decorrida no próprio passado, no próprio corpo presente, que a recordação da sua infância é vaga, havendo um esquecimento completo dos primeiros anos. Devia portanto também duvidar de ter existido nesses primeiros anos. Além disso os acontecimentos do passado, completamente esquecidos pela sua consciência normal, continuam porém ocultos nas profundezas obscuras da memória e podem ser recordados com uma notável nitidez em certas doenças especiais, ou sob a acção do hipnotismo ou do magnetismo. Factos há muito esque-

cidos apresentam-se à mente, com grande nitidez, no delírio. São conhecidos casos de moribundos falarem uma língua ouvida por eles na infância completamente esquecida no resto da sua vida. Coisa alguma está, na verdade, esquecida, porém existem muitas coisas ocultas à visão limitada da nossa consciência «de vigília», o mais inferior dos nossos estados de consciência, embora seja o único que possui a grande maioria dos seres humanos.

O facto de o veículo inferior nunca ter atravessado as vidas anteriores daquele que o habita, a absorpção da personalidade por tudo o que a cerca e a falta de sensibilidade às vibrações delicadas, única linguagem pela qual a alma se pode exprimir, são as razões da dificuldade desta recordação, que não pode ser atribuída à falta de memória física. Aqueles que se quiserem recordar do passado, em lugar de dar toda a sua atenção ao presente, devem purificar e aperfeiçoar o seu corpo até que consiga receber as impressões de mundos mais subtis.

Além disso, um certo número de pessoas já hoje possuem a lembrança de suas existências passadas. Os seus organismos físicos atingiram a sensibilidade requerida, e para tais pessoas a reencarnação é um facto positivamente pessoal, e não uma teoria.

Estas aprenderam quanto a vida se torna mais rica quando se lhe junta a memória das existências passadas, quando os amigos desta viagem tão curta se encontram no meio de amigos velhos, e as recordações de outrora vêm reforçar os laços de um presente transitório. A vida recebe o cunho de uma segurança e dignidade novas quando é contemplada tendo uma longa perspectiva atrás de si, quando nas afeições de hoje reaparecem as amizades de ontem. A morte torna-se um simples incidente na existência; apenas uma mudança de cenário, análoga a uma viagem que afasta os corpos, mas não pode verdadeiramente separar um amigo doutro amigo.

Reconhece-se que as ligações do presente fazem parte de uma cadeia áurea que se estende ao longo do passado, e assim podemos afrontar o futuro com uma alegre segurança, com a certeza de que estes laços se manterão, cadeia ininterrupta, através dos dias do futuro.

De vez em quando aparecem crianças que narram as recordações do seu passado imediato, principalmente quando desencarnam, pela última vez, ainda pequenas, o que as leva a renascer quase imediatamente. No Ocidente estes casos são muito menos frequentes do que no Oriente; as primeiras palavras duma tal criança só encontram incredulidade, e ela em breve perderá a confiança em suas próprias recordações.

No Oriente, onde a crença na reencarnação é quase geral, as narrações das crianças são ouvidas e, auxiliadas pelas circunstâncias, podem ser verificadas.

Se uma criança toca com toda a facilidade um instrumento musical sem esforço aparente, ao passo que outra, apesar de um esforço persistente, toca com dificuldade, isto mostra claramente que a primeira empregou tais esforços numa vida anterior e por isso possui essa proficiência na música, ao passo que os esforços da outra começam nesta vida, e por conseguinte tem de esforçar-se muito mais. Mas se a última persiste, poderá ainda na vida presente chegar até a ser superior à primeira, a não ser que esta continui exercitando-se e aperfeiçoando-se.

Em vez de lamentarmos a falta desta ou daquela faculdade, devemos empregar todos os meios para adquiri-la.

CITAÇÕES SOBRE A REENCARNAÇÃO:

«O que nasceu certamente deve morrer e o que morreu deve nascer» (Bhagavad Gita).

«Quando a justiça adormece, quando a injustiça se levanta, então eu mesmo me torno criatura, e nasço, de idade em idade, para defesa dos bons, para a tirania dos maus, para restabelecimento da justiça. Aquele que conhece, conforme a Verdade, meu nascimento e minha obra divina, deixando seu corpo, não volta a um nascimento novo, vem a Mim (palavras de Krishna, Bhagavad Gita).

«Da sensação nasce o Desejo e dele a prisão dos objectos existentes. Esta vontade de viver basta, no momento da morte, para prender o homem a uma nova existência. Por esta reprodução da existência volta o nascimento e com ele todo o seu cortejo de males: decrepitude, velhice e morte». (Resumo do Budismo, por G. de Lafont, pág. 170).

Entre os judeus, os fariseus criam nela na sua generalidade (Josephus Antig. XIII, I § 3.º, diz «os virtuosos terão o poder de ressuscitar e de voltar a viver») e de várias passagens do Novo Testamento depreende-se que era uma crença popular, como, por exemplo, quando João Baptista é considerado como uma reencarnação de Elias, e quando os discípulos perguntam se um homem cego de nascença sofre pelo pecado de seus pais, ou por algum pecado *anterior*.

Vou fazer algumas citações bíblicas provando as Reencarnações:

A Reencarnação de Elias em S. João Baptista, testemunhada por Jesus ante os apóstolos (Ev. S. Mateus XIII, v. 11-13 e capítulo XVI, v. 13 a 19).

A nova vinda de Elias, o que prova a concepção das vidas sucessivas (Ev. S. Marcos, IX, v. 11 a 13).

Apesar de os padres católicos negarem esta doutrina, os seus livros sagrados os desmentem.

Séneca, o grande filósofo romano, demonstrando ao homem a Lei das Reencarnações, disse: «Quae, Jacear, post jacent?», que quer dizer: Desejas saber onde estarás depois de morrer? (Vede Troad. acto II. v. 30).

O grande espirita Allan Kardec diz: «Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi», o que quer dizer: Nascer, morrer, tornar a nascer e progredir incessantemente, tal é a lei.

O Zohar considera igualmente as almas sujeitas à transmigração: «Todas as almas estão sujeitas à revolução, mas os homens desconhecem os desígnios de DEUS, e ainda bem, ignoram de que ma-

POR ANGELO DA COSTA CABRAL

neira foram julgados em todos os tempos, antes de virem a este mundo e depois de o deixarem» (Zohar 11 fl. 99. Mencionado na Kabala de Meyer, pg. 198).

O Kether Malkuth tem evidentemente a mesma ideia, transmitida por José, quando diz: «Se ela, a alma, é pura, obterá favor e grande será o seu regozijo no último dia; mas, se se corrompeu, vagueará durante algum tempo na dor e no desespero» (mencionado na Kabala de Meyer, pág. 198).

Da mesma forma encontramos esta doutrina ensinada por eminentes padres da igreja: Rufino (carta a Anastácio, mencionada por E. D. Walker, em «Reencarnação — Estudo duma verdade esquecida») declara que a crença na reencarnação era comum entre os primitivos padres.

Nos primeiros tempos da propagação do Cristianismo na Europa, o pensamento íntimo dos seus propagandistas e dirigentes estava fortemente impregnado dessa grande verdade. Foi em vão que a Igreja tentou apagá-la do espírito dos fiéis, pois conservou-se em várias seitas, voltando a surgir depois de Origenes e Boaventura, seus defensores na Idade Média.

Grandes almas intuitivas como Paracelso, Boheme e Swedenborg aderiram a ela. As grandes luzes da Itália, Giordano Bruno e Campanella, abraçaram-na. O que há de melhor na filosofia alemã está cheio dessa grande verdade: Schopenhauer, Lessing. Hegel, Leibnitz, Herder e Fichts advogaram-na fervorosamente. Os sistemas antropológicos de Kant e Schelling têm com ela muitos pontos de contacto. Helmont, o jovem, no livro «De Revolution Animarum» aduz em duzentos problemas todos os argumentos que se podem apresentar em favor da volta das almas a corpos humanos, segundo as ideias judaicas. Entre os pensadores ingleses, os platónicos de Cambridge defenderam-na com raro conhecimento e inteligência; principalmente Henry More, Cudworth e Hume classificaram-na «a teoria mais racional que existe sobre a imortalidade». Em «Lux Orientalis» Glaniel consagra-lhe um estudo muito curioso. O livro de André Pezzani, sobre a pluralidade de vidas da alma, demonstra a verdade do sistema, fundando-se na ideia da expiação do catolicismo romano. (E. D. Walker, «Reencarnação», pág. 65).

Bem-aventuranças

De PIETRO UBALDI

Tradução de CLÓVIS TAVARES

Que importa se eu ganhei ou perdi, se estou bem ou mal, se sou rico ou pobre, amado ou amaldiçoado, se Tu estás aqui, Senhor, e eu não me encontro mais sòzinho, e Tu estás ao meu lado e me animas?

Que importa riqueza ou miséria exterior, se dentro de mim canta a magnificência do universo?

Que importa se eu nada mais possuo, se sou desprezado e ignoro o meu amanhã, se atingi a fonte das coisas eternas?

Faz frio, mas eu me abraso porque me queima o Teu amor. Está escuro, mas eu enxergo porque me ilumina a Tua luz. Tudo é silêncio, mas eu escuto a doce música da Tua voz. Minha carne perdeu as forças no caminho do dever, mas meu espírito exulta. Estão vazios meus sentidos, mas está saciada minha alma. De Ti está cheio o universo e eu Te possuo.

Acorrei, criaturas irmãs! Vinde alegrar-vos comigo, ajudai-me a cantar o cântico do divino amor!

Escutai: muitos, muitos anos estive sòzinho, mas agora está comigo o meu Senhor.

Muitos, muitos caminhos percorri, mas agora cheguei.

Muito, muito tenho lutado e sofrido procurando, mas agora achei e sou feliz.

Onde está meu desespero? Não mais o encontro.

Onde estão os espinhos dolorosos do meu tormento? Não vejo senão rosas...

Onde o rugir das forças desencadeadas do mal?

Vinde escutar. Canta dentro de mim a música da criação. Vinde, ajudai a alegrar-me: eu não tenho forças para ser tão feliz! Vinde, achegai-vos a mim, criaturas de Deus, auxiliai-me a cantar, a orar, a amar.

Compreendei o milagre. Eu estava encerrado num castelo de dor e o castelo desmoronou-se. Eu era cego e agora enxergo. Era surdo e agora ouço. Meu coração estava comprimido em mordaça de ferro e a mordaça despedaçou-se. Estava imerso num mar de gelo e agora me acho envolto num incêndio de amor.

Sobre minha fronte descansou o beijo do Eterno e eu ressuscitei.

Basta, Senhor! Reprime o êxtase do meu coração, que se despedaça...

Faze-me ainda sofrer, sòmente para que eu aprenda a amar-Te mais intensamente ainda!...

(«L'ASCESI MISTICA», P. II, cap. XXIV)

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

INTERESSANTE CASO DE IDENTIFICAÇÃO

Vincenzo Coresi publicou em *Le Vie dello Spirito* um interessante relato que a seguir transcrevemos em tradução de Sibil:

O caso abaixo descrito é verdadeiramente probatório. Não se pode falar aqui de subconsciente nem de clarividência. Foi autêntica prova de identidade que o defunto quis dar pela escrita automática por intermédio da irmã. Com essa manifestação, António pretendeu libertar-se do peso do delito cometido, impune no plano físico. O remorso, embora o seu corpo estivesse deixado de existir, persistia no seu espírito.

Este caso ocorreu em 1889 e foi-me contado pelo senhor Foto Ercolani, de Foligno, que, naquela época, andava pelos vinte e um anos. Todos os actores do complexo drama deixaram de existir e alguns dos pormenores conservaram-se secretos por circunstâncias que, no decorrer da narrativa, se compreenderão. Como manifestação espirita, pode considerar-se do maior interesse.

O meu amigo Ercolani não recorda bem todos os nomes e, portanto, terei de atribuir a algumas das personagens nomes fictícios.

Ercolani sempre se interessou por fenómenos de carácter supranormal. Certa tarde, encontrava-se ele no Café de Foligno com Demetrio Soli, operário fundidor, pai de quatro filhos: dois rapazes que viviam em Terni, António, correeiro de ofício, e Luís, operário da Fábrica de Armas; as duas filhas eram conhecidas como médiuns, principalmente Maria, professora.

Ercolani, simulando ignorar a faculdade das filhas de Demetrio, manifestou o seu espanto por um homem do valor de Flammarion se interessar pelo Espiritismo, segundo lera no *Mensageiro* daquele dia. Soli ficou calado. mas, decorrido algum tempo, aproximou-se mais do seu interlocutor e afirmou que estava convencido da realidade dos fenómenos. O outro continuou a manifestar o seu cepticismo e Soli acabou por declarar que tinha tido uma prova irrefutável e, depois de ter exigido de Solani a promessa de não revelar coisa alguma, pelo menos até à sua morte e à dos filhos, visìvelmente comovido, contou-lhe o seguinte:

O filho Luís ocupava em Terni um quarto em comum com outro operário chamado Filipe, homem fortíssimo, brigão e teimoso.

Certa manhã, Filipe encontrou-se com António, o outro filho de Soli, nos arredores da cidade, e propôs-lhe para entrarem numa taberna. António começou por recusar, afirmando que não tinha dinheiro, mas acabou por ceder quando o outro lhe assegurou que pagaria a despesa. Depois de terem bebido, Filipe, em vez pagar, intimou:

— Vamos, paga tu.

António protestou, das palavras ofensivas passaram a vias de facto e Filipe derrubou o outro a soco. Quando conseguiu levantar-se, António fugiu, mas à tarde voltaram a encontrar-se num beco, próximo da oficina do correeiro, e a luta reacendeu-se, porque Filipe gostava de exibir a sua brutalidade perante um adversário muito mais fraco. António Soli foi de novo vencido e, fugindo a custo, refugiou-se na própria oficina. Mas, furioso, muniu-se com um furador e alcançou Filipe, que ainda não ia longe. Sem trocarem palavra, enterrou-lhe o furador nas costas e Filipe caíu sem soltar um grito. Convencido de que o tinha morto, António fugiu sem que ninguém desse pelo crime, dirigiu-se à estação e meteu-se no comboio para Foligno.

Pouco depois, passaram alguns homens e, vendo Filipe caído e ouvindo-o gemer, tentaram levantá-lo, supondo-o atacado por doença úsbita. Filipe murmurou o nome de Soli e expirou; e, como todos sabiam que vivia no quarto com Luís Soli, foram a correr chamá-lo à oficina. Da ferida, feita com o furador, não correra uma gota de sangue e, como se fechou, o médico não deu por ela e declarou que o homem tinha morrido de um ataque cardíaco.

Em Foligno, António disse ao pai que tivera uns dias de folga e vinha passá-los a casa, mas, na manhã seguinte, como já fosse tarde e o filho não saísse do quarto e a irmã Cesarina o tivesse chamado em vão, Demétrio Soli arrombou a porta, que estava fechada por dentro, e deparou-se-lhe o filho enforcado numa trave.

Cesarina estava noiva de um rapaz de Foligno, que morreu pouco depois destes acontecimentos vitimado pela tuberculose. Desolada, a noiva passou a invocá-lo por meio da escrita automática; mas, atacada de loucura, teve de ser internada num manicómio.

Ferido por esta segunda desgraça que, tão pouco tempo depois da primeira, atingia a família, Demétrio Soli, atribuindo a loucura da filha à prática da mediunidade, foi revistar as gavetas onde Cesarina costumava guardar as comunicações recebidas e teve então a explicação de tudo. Em vez de receber comunicações do noivo, a sua mão fora guiada pelo espírito do irmão, que lhe contou toda a tragédia de Termi, e, para confirmar os factos, revelou ainda que, em determinado ponto da sebe que ladeava a estrada por onde tinha fugido, podiam encontrar o furador com que matara o companheiro.

Demétrio Soli foi a Termi e, com o auxílio do filho Luís, procurou e encontrou a arma do crime no ponto indicado.

São inúteis comentários. Ùnicamente António estava ao facto da tragédia e sabia onde se encontrava o furador. Todavia — prevendo as objecções dos adversários do Espiritismo — poder-se-ia admitir que Cesarina fosse vidente. Mesmo assim confirma-se que o ser humano é senhor de faculdades supranormais inexplicáveis e desconhecidas daqueles que não querem render-se à evidência. De qualquer modo, a prova deste fenómeno subjectivo dá-nos a certeza de que o espírito desencarnado tem poderes, se não superiores, pelo menos iguais aos dos videntes encarnados. E, se os tem, porque não admitir a possibilidade da sua intervenção em assuntos terrenos?... Porque não teve Cesarina a percepção súbita dos factos acontecidos?... E porque reconheceu o pai a caligrafia do filho nas comunicações recebidas?...

O ESPIRITISMO NO PARLAMENTO INGLÊS

O artigo que escrevemos no número de Dezembro acerca do título desta nótula teve grande repercussão em Portugal e no estrangeiro. Eis como *La Conciencia* de Buenos Aires se lhe referiu em 20 de Fevereiro.

«Graças à crónica pormenorizada e a um artigo editorial do nosso irmão Isidoro Duarte Santos, aparecidos na revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, (uma das melhores publicações espiritas), podemos informar os leitores a respeito de um verdadeiro acontecimento. O dia primeiro de Dezembro de 1950 constitui uma data memorável para o Espiritismo inglês e mundial. Nessa data foi apresentado na Câmara dos Comuns um projecto de lei tendente a derrogar duas leis anacrónicas: uma de 1735 e outra de 1824, destinadas a reprimir as actividades dos adivinhos, vagabundos e ladrões (Witchraft Act e Vagrancy Act).

«Intervieram no debate mais de quarenta legisladores que encararam o problema do Espiritismo, sem que um único se tivesse oposto ao projecto de derrogação. A elevação com que se encarou o problema demonstra que a maioria dos deputados estudaram a nossa doutrina; de outra forma, as suas exposições não teriam tão grande fundamento».

E depois de transcrever algumas afirmações de Monslow, que apadrinhou o projecto, acrescenta:

«Abrem-se ao Espiritismo mundial perspectivas e horizontes enormes que enchem a imensidade do espaço, porque dali emana a luz destinada a iluminar o caminho da fraternidade. Quando legisladores ilustrados como os ingleses interpretam tão justamente e imparcialmente a ciência da alma e a doutrina dos espíritos missionários, é seguro indício de que marchamos na verdadeira senda. Os que laboram na nossa faina, os que sabem sacrificar-se por um ideal de superação e enobrecimento como o nosso, podem ter a certeza de que não estamos sós ao serviço de causa tão transcendente, científica, filosófica, ética, artística e social. E o que mais nos satisfaz nesta hora crítica é que o nosso irmão Brooks tem sabido ocupar o lugar que lhe correspondeu na cruzada contra um passado remoto ou sejam duas leis extemporâneas. Este interessante e belo episódio, que marcará um passo magnífico nos anais do Espiritismo, deverá ser rememorado — 1.º de Dezembro de cada ano — como fase transcendental na evolução do nosso ideário orientador para as gerações de amanhã e as culturas e civilizações do porvir».

Assim é, de facto. Se o Espiritismo não fosse uma corrente filosófica sòlidamente baseada, nunca os legisladores da Grã-Bretanha o apoiariam em pleno Parlamento, como sucedeu há pouco. Além disso, é um elemento de ordem no concerto das nações, porque é anti-violento e anti-subversivo. A sua bandeira é de humanidade e justiça. Um ideal assim, tendo por fundo o Evangelho do Cristo, devia ser estudado por aqueles que o combatem, ignorando-lhe as virtudes. O Espiritismo não é a *mesa girante*, nada tem com superstições e crendices de gente analfabeta. Pelo contrário, é um corpo doutrinário na mais elevada acepção, como acaba de demonstrar um catedrático cubano no belo livro «La Filosofia Penal de los Espiritistas». Leiam-no os advogados: muito ali terão que aprender.

«E EU NÃO ACREDITAVA...»

Alfred Ridgway escreve em *Two Worlds* de 14 de Abril:

«Sentei-me confortàvelmente no gabinete da senhora Rayne, em Epsom. Dei-lhe os meus óculos e disse-me quase imediatamente:

«— Tenho impressão de filmes. O sr. está ligado a assuntos deste género?

«Disse-lhe que sim.

«— Escrevo de vez em quando — disse eu ao acaso —.

«— Parece-me que trabalha de colaboração com alguém...

«Abanei a cabeça, negando.

«— Está bem — disse ela, contemporizando —. Mas sinto que vai colaborar...

«— Não vou.

«A sr.ª Rayne manteve-se no seu ponto e declarou, a sorrir:

«— Vai... o sr. sabe...

«Duas semanas depois encontrei no meu clube de Hollywood um editor de filmes históricos que tinha preparado uma película acerca da Ocupação Americana e perguntou-me se eu desejava escrevê-la para o *Saturday Evening Post*, mediante 50 % do rendimento do filme.

«Era uma proposta sedutora e nesse momento lembrei-me da sr. Rayne.

«Eu encarei o assunto e verifiquei logo que não podia enfrentá-lo. O local da história estava fora da minha órbita. E renunciei a proposta.

«Até este ponto não tinha razão a sr.ª Rayne. Sucedeu isto em Novembro passado.

«Agora, quatro meses mais tarde, acabo de assinar um contrato de parçaria com um camarada escritor para uma série de trabalhos.

«É uma dessas coisas que acaba de suceder. Afinal, a sr.ª Rayne tinha razão.

«Agora, outro caso. A jovem actriz Pretty Weeler, de Sutton, Surrey, que representa um papel em «Kiss Me Kate», no Cole Porter de West End, visitou há meses a sr.ª Rayne, que lhe disse:

«— Vê-la-ei no palco com um luxuoso vestido vermelho e um colar.

«Nessa altura ainda June não representava. Contudo, algumas semanas depois obteve um pequeno papel na peça americana «Touch and Go», que até há pouco tem estado no cartaz de West End. Qual não foi o assombro de June, quando no ensaio descobriu que numa cena aparecia com um esplêndido vestido vermelho e um colar!»

UM GRANDE MISTÉRIO

A bibliografia espirita é pródiga em fenómenos marítimos que têm suscitado a maior admiração dos investigadores. Vamos contar um deles, que faz lembrar as experiências do astrónomo alemão Zoellner, nas quais se provou a verdade da interpenetração da matéria. Assim, em correias fechadas, apareceram muitos nós que só poderiam ser feitos utilizando os extremos livres.

Pois agora lemos no *Two Worlds* de 14 do corrente um caso semelhante sucedido no navio faroleiro «Barnegate», que uma tempestade açoitou ao largo de Nova-York. Depois de reconduzirem o barco ao respectivo ancoradouro e de içarem a amarra até cerca de 30 metros da âncora, verificaram nela um «nó de escota» perfeitíssimo, apesar das suas 12 polegadas de espessura e não havendo possibilidade de o fazer sem utilizar o extremo da corrente.

O capitão e os tripulantes ficaram assombrados com o fenómeno e não enconrtam meio de o explicar satisfatòriamente.

Notas & Comentários

«ESPÍRITOS DETECTIVES...»

Com este título subilino publicou O Século *a seguinte notícia de Adoriga:*

«Em meados de Outubro de 1950 a sr.ª D. Maria da Luz Marmeleiro, viúva, apresentou uma queixa contra incertos, pelo furto de joias de seu uso pessoal e de uma sua filha residente no Brasil. As joias estavam guardadas num pequeno cofre, depositado na gaveta de um móvel, no seu quarto de dormir. Valiam catorze contos, aproximadamente.

«Algumas pessoas de quem a queixosa suspeitava e por ela indicadas, foram chamadas à administração do concelho, mas nada de positivo se conseguiu apurar. Antes do roubo já a queixosa estava a preparar-se para uma visita a sua filha, tencionando levar-lhe as joias que esta lha dera a guardar. Partiu em meados de Janeiro deste ano. Por carta para o seu procurador há pouco recebida, informa que entregou o caso a um centro de Espiritismo do Rio de Janeiro, que lhe garantiu a existência das joias roubadas no quarto da criada, o que acaba de verificar-se, pois o procurador, um seu criado e o meeiro das suas terras encontraram todas as joias numa caixa que se descobriu no quarto onde a criada dormia».

Desta vez não entremeou a local com a costumada ironia própria de «espíritos fortes». Acreditou na sinceridade do correspondente e passou o caso a letra de forma. Ainda bem. Às vezes a ironia é arma de dois gumes e quem a maneja sai mal ferido da refrega. Além disso, contra factos não colhem argumentos. Avisos deste género encontramos nós aos milhares na bibliografia espirita e pertencem à vox populi, *donde não consegue arrancá-los o misoneismo de certos noticiaristas.*

PIETRO UBALDI

Como já dissemos, o nosso redactor - correspondente Pietro Ubaldi — o portentoso veículo de «A Grande Síntese» — vai em Julho ao Brasil a convite da família espirita brasileira. A nosso pedido fará escala por Lisboa, em cujo aeródromo teremos o prazer de o abraçar. Esperamos que no seu regresso à Itália realize uma conferência no Centro Espiritualista Luz e Amor, aonde afluirão os seus admiradores e amigos.

As obras deste grande místico correm mundo em várias línguas e brevemente as teremos em português, veiculadas pela Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, à frente da qual se encontra o operoso confrade António Baptista Lino, que há pouco nos mimoseou com uma luxuosa edição de «A Grande Síntese».

«Pietro Ubaldi acaba de concluir mais um volume — talvez o mais interessante das suas trilogias — a que deu o título de «Deus e o Universo». O último capítulo, inteiramente inédito, ofereceu-o a Estudos Psíquicos, *que o publicará no próximo número.*

Ao seu egrégio autor, os nossos meilhores agradecimentos.

A VIVISECÇÃO E O CANCRO

L'Heure de l'Être, *de Paris, diz que o cancro é o resultado da alimentação antifisiológica. A carne facilita o cancro, pois o aumento do seu consumo coincide com o desenvolvimento da doença. A carne dos* animais de açougue *que permanecem dias inteiros em vagões, sem comer nem beber, pisados e conduzidos brutalmente ao matadouro e abatidos cruelmente, é febril e imprópria, veiculando germes de doenças, portanto perigosa para o homem.*

É positivo que as causas do cancro podem ser directamente ligadas às coisas que comemos e aos líquidos que bebemos.

O prejuizo enorme das Sociedades de investigação do cancro que têm invertido enormes somas e sacrificado ceentenas de milhar de animais sem resultado prático obtido nem qualquer vida humana salva, mostra a vacuidade dos métodos de tortura animal empregados até hoje e a estupidez da vivisecção para resolver este triste problema. O homem — conclui o articulista — deve convencer-se de que o fruto do sofrimento não traz nada de bom.

De facto, a chamada civilização esforça-se o mais possível por complicar a vida, e a alimentação errada conduz à gastronomia... e à gastralgia. Adultera o paladar com o refinamento dos cozinhados e o metabolismo orgânico segue directrizes contrárias ao equilíbrio vital. Em vez de tratados de cozinha e copa onde condimentos e especiarias abundam, melhor fora difundir a cozinha simples de Paul Carton. Haveria mais fósforo... e menos gorduras, que atrofiam o coração e o cérebro... e arruinam o orçamento familiar sem vantagem para ninguém...

LEOPOLDO MACHADO

Por notícias fidedignas soubemos que o Professor Leopoldo Machado, nosso colaborador e amigo, se encontra em convalescença da grave enfermidade que o atacou em 31 de Dezembro último, mercê do esforço extremo que realizou na «Caravana da Fraternidade», que percorreu dezenas de Estados brasileiros em viagem de propaganda. Os médicos prescreveram-lhe repouso absoluto durante algum tempo e, futuramente, terá de restringir a sua actividade para que o organismo adquira o equilíbrio necessário.

A propósito, vamos contar um episódio que põe à prova as faculdades psíquicas da médium D. Maria Bacelar, que connosco tem trabalhado num grupo privado de homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos. Recebêramos carta informando que o nosso amigo fora vítima de grave insulto orgânico, mas isto era insuficiente para identificar o facto e por isso solicitámos informações completas. Alguns dias após realizámos uma sessão com a médium citada.

— Que sucedeu a Leopoldo Machado? — perguntámos.

Lia respondeu, através da médium:

— Fígado e coração.

E deu uma série de pormenores acerca do enfermo.

Passados 15 dias recebemos carta de Henrique Magalhães, com resposta ao solicitado. Lá vem: «Esse amigo sofreu distúrbios no FÍGADO E CORAÇÃO. Acha-se prostrado e os médicos aconselharam-lhe absoluto repouso durante três meses. Depois terá que moderar o trabalho».

Noticiário

10.º SORTEIO DE LIVROS

No décimo sorteio de livros espiritas foram distribuidos 7 prémios que couberam aos seguintes subscritores, aos quais apresentamos as nossas felicitações:

1.º prémio — «Lázaro Redivivo» — Policarpo Rocha, de Lisboa.

2.º prémio — «A Loucura Sob Novo Prisma» — Augusto Ferreira da Conceição, de Lourenço Marques.

3.º prémio — «Reis, Príncipes e Imperadores» — Celestino Monteiro Bexiga, de Lisboa.

4.º prémio — «O Além e a Sobrevivência» — Luiz Lopes da Silva Faria, de Leiria.

5.º prémio — «A Personalidade de Jesus» — Manuel Marecos Henriques, de Santarém.

6. prémio — «O Livro de Tobias» — José Francisco Cabrita, de Lisboa.

7.º prémio — «Amor, Vida e Evolução» — D. Adelina Nobre e Silva, de Lisboa.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM MAIO DE 1951

Dia 6 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 13 de Maio, domingo, às 16 horas — 3.ª Conferência de Ramos Pereira, da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 20 de Maio, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

De 27 de Maio, domingo, às 16 horas — 4.ª Conferência de Ramos Pereira da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 3 de Junho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Junho, domingo, às 16 horas — 5.ª Conferência de Ramos Pereira da série «Humanismo e Espiritismo».

AS CONFERÊNCIAS DE RAMOS PEREIRA

Ramos Pereira iniciou no dia 1 do corrente, no Centro Espiritualista Luz e Amor, uma série die conferências acerca de «Humanismo e Espiritismo», a primeira das quais se encontra no presente número desta revista. Aconselhamos os nossos associados a assistir ao desenvolvimento de tão sugestivo tema que, no verbo daquele confrade, atinge sonoridades que ficam para sempre no ouvido dos que o escutam.

GRUPO REPER-SIAM

Todas as 5.as feiras às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

ORAÇÃO DA NOITE

Meu Jesus:

Abandonando o corpo ao repouso da noite, meu espírito guinda-se às Alturas, amparado à Vossa Imagem e alentado pelo Vosso Amor.

Nas mansões de Luz onde residis, Vós derramareis sobre ele a compreensão e a Verdade, a resistência aos vícios e às paixões, para que ao regressar se empenhe com mais ardor na luta pela caridade e amor ao próximo.

Protegei-nos, Senhor, e às almas dos entes queridos que nos precederam na morte.

Fazei, Senhor, que os maus pensamentos não encontrem guarida em nossos corações, e inspirai-nos o perdão aos que nos ofendem.

Dai-nos, Senhor, a força necessária para resistir ao mal e caminhar no bem.

Que as forças maléficas se afastem de nós e as Almas da Luz e da Verdade nos ajudem na penosa subida da existência.

Que o clarão da Vossa Doutrina se estenda ao longo da nossa vida para que nos alcemos às esferas radiantes da espiritualidade. O nosso desejo é a Verdade e o Amor. A nossa aspiração, o conhecimento da Vossa Lei.

Viver radiosamente ao Vosso lado, o nosso Fim.

Que a nossa vontade e a Vossa ajuda nos libertem da Lei da Morte.

Vós sois o Caminho, a Verdade e a Vida! Que as nossas almas entrem de vez no Vosso Caminho, na Vossa Verdade para a Vida Eterna.

«A minha Paz vos dou: a minha Paz vos deixo».

Fazei, Senhor, que a Vossa Paz fique connosco.

Março 1951. *ANTÓNIO MARTINS*

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo de Beneficência, recebemos os seguintes donativos que agradecemos:

Mês de Abril — P. B., de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00, D. Maria Mónica de Leiria 20$00; Subscrição do 10.º sorteio de livros espiritas, 111$50. Total — 171$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Fenomenologia Mediúnica, tese de doutoramento do Dr. O. Emboaba	18$00	
Fundamentos Científicos do Espiritismo, pelo *Dr. Azevedo e Silva*	10$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Magnetismo e Hipnotismo Curativo, por *Alfonse Bué*	35$00	50$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
Novas Elucidações do 4.º Evangelho, por *João Evangelista*	20$00	32$00
Os Quatro Evangelhos, de *J. B. Roustaing*, 4 volumes		200$00
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sessões Práticas do Espiritismo, por *Spártaco Banal*	10$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Trabalho (O) dos Mortos, descrição de sessões de materialização, com muitas gravuras pelo *Dr. Nogueira de Faria*		60$00
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Oiven*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rocester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluído o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

A médium D. Maria Bacelar

(Ver pág. 145)

CONTÉM: Misticismo Racional, da **Redacção**; Teoria Estática do Espírito, por **Ramos Pereira**; Policrómicas, por **Tito L. Bancéscu**; Este Mundo... e o Outro, por **Alfredo Miguel**; O Que é Preciso, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Sopro Curador, por **Henrique Magalhães**; A Obra Social do Espiritismo — Maternidade Casa da Mãe Pobre, por **I. D. S.**; Um Sonho com a Grande Síntese, por **Medeiros Correia Junior**; Aristóteles, por **A. Cardoso**; Ecos do Além, por **I. D. S.**; O Alvo da Vida, por **António Martins**; A União Faz a Força, por **F. Noronha**; Compromissos Sagrados, por **Cyrillo Aleixo**; «Dois Mundos» e a Crítica; A Reencarnação, por **Angelo da Costa Cabral**; A Serpente da Eternidade (Transcrição do Livro «Cartas do Outro Mundo», psicografado por **Elsa Barker**); Ler nas Nuvens, por **Arnaldo S. Tiago**; Livros de Todo o Mundo, Comentados por **Ramos Pereira**; O Livro «Dois Mundos» Comentado pelo Jornal «A Bola»; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

12.º ANO MAIO DE 1951 N.º 5

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*António J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*OrvilleDerb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
O Principiante Espirita	12$00	
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO | LISBOA, MAIO DE 1951 | N.º 5

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 66 05

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 52 95 — LISBOA

MISTICISMO RACIONAL

A palavra misticismo anda adulterada e não corresponde ao acto que se exerce verdadeiramente. Bem longe de ser crença religiosa ou filosófica, visto que todos podemos ser místicos, aproxima-nos de Deus através de faculdades intrínsecas que nos levam a pesquisar ambientes cósmicos geralmente vedados à maioria que se afasta das coisas espirituais.

A humanidade caminha para novas sendas, orienta-se no sentido de conhecimento integral. Mas essa exploração pertence mais aos intuitivos e aos místicos do que aos chamados práticos da ciência que esgaravatam na crosta como besoiros porfiosos, às vezes bem cegos para ver a incongruência do seu esforço.

Quando Allan Kardec disse que o Espiritismo seria científico ou não seria espiritismo, alguns adeptos tomaram à letra a afirmação do Mestre e desataram a investigar o fenómeno puro e simples, julgando que assim teriam mais direito ao nome de espiritas. E afinal que buscaram eles? Nada que os aproximasse da divindade, porque as almas ficaram secas e a vibrar nas mesmas dúvidas que durante séculos as ensombraram. Por outro lado, os beatos e contemplativos tocaram o extremo oposto em afirmações mirabolantes, dando realidade documental à expressão vaga dos sentidos. Deste modo se formaram campos heterogéneos, porque num e noutro havia elementos recíprocos, e a doutrina foi sendo desvirtuada segundo as tendências morais e as convicções filosóficas de cada um.

O novo tipo de espirita que preconizamos terá de mergulhar o intelecto nas zonas invisíveis onde se plasmam as grandes realizações humanistas e extrair de lá o vigamento, a ossatura do edifício a construir. Só os novos místicos poderão empreender esse trabalho necessário à evolução do mundo, porque só eles estarão em condições de captar o pensamento divino expresso em vibrações subtis prontas a transformar-se em acto. Um desses místicos demonstrou pela intuição o que a matemática descobriu anos depois. O misticismo racional é um meio de engrandecimento doutrinário que os espiritas responsáveis devem cultivar. Assim não tocarão os extremos sempre prejudiciais. Nem ciência pura, nem crendice ou superstição. Se não nos sentirmos ligados a qualquer coisa superior, seremos unidades fragmentárias ao sabor de todos os ventos. A ligação espiritual fortalece o homem, coloca-o no limiar de um mundo de água viva onde a intuição penetra, como pavio que o oxigénio incendeie. Tenho disso a prova concreta, insofismável, que satisfaz inteiramente a minha ânsia de progresso. Estou com Allan Kardec, pertenço à falange dos novos místicos ou místicos racionais. Percorri todos os sectores e vi que este era o mais razoável, no qual poderia exercer com melhor proveito os meus recursos ultrafânicos e dar expansão ao amor do Cristo que sinto palpitar em mim, nas deformações próprias da condição humana. É de olhos abertos que devemos caminhar para os alvos que se nos apresentam, tendo em vista que somos partículas imortais em movimento irradiante. Dentro do Espiritismo, a acção tem que ser construtiva, numa linha de coerência que assegure posição estável. Lançar na corrente o que temos de bom e útil é aumentar a pureza do caudal. Os novos místicos, que duvidam de sua força como unidades abstractas, reformam seus costumes e mergulham no oceano do espírito. Ali absorvem energias novas, ali se retemperam, ali se transformam. O conhecimento adquirido amplia-se mais e mais e a esperança dá lugar à certeza. Quando a vida desilude, sabe tão bem erguer o pensamento e sentir a vibração de almas amigas! Quem as poderá sentir e compreender senão o místico racional que usa o poder anímico e se desdobra em mil cambiantes que os outros desconhecem?

HUMANISMO E ESPIRITISMO

II

NATUREZA DO PERISPÍRITO

Na «Teoria Estática do Espírito Humano» colocam-se os seguintes problemas:

1. A natureza do espírito e sua localização
2. A estrutura espiritual
3. As relações psíquicas entre o «eu» e o «não-eu».

E porque não o da *existência* do mesmo espírito? Indiscutìvelmente que o Espiritismo começa pelo enfrentar deste problema, que os caboucos do Edifício são constituídos pela «demonstração» objectiva de que o homem não é apenas matéria... Mas desde que o pensamento filosófico moderno vibrou os golpes decisivos na «unidade materialista» gerada pelo século passado, orgulhoso do seu positivismo cientista, a negação da indentidade de espírito — matéria orgânica é já um tema da Filosofia Geral e não uma questão própria do campo espirita. *Hoje* já não é possível aceitar aquela proposição de que... «o cérebro segrega o pensamento como o fígado segrega a bílis»... por forte que seja o estertor do materialismo em agonia...

«Os tempos do materialismo passaram. Quem hoje se lembrasse de sustentar a velha tese materialista de que só há matéria e de que o homem é apenas natureza, não poderia esperar ser levado a sério por ninguém. *O Espírito é, pois, uma realidade, no consenso unânime de todos os filósofos do nosso tempo.* Mas aquilo em que nem todos se acham de acordo, é na determinação, não do ser do Espírito, mas do seu «modo de ser», ou seja, da sua essência metafísica» (HESSEN).

Eis porque passamos ao largo daquela temática: — o Espiritismo assenta na mesma argumentação lógica que levou a repudiar a tese materialista e a afirmar a *realidade* do Espírito. *Como posição mental específica no quadro da Cultura humana, importa-lhe mais a investigação da naturega dessa realidade.* Quando certos corifeus serôdios do materialismo alcunham o Espiritismo de revivescência extemporânea de crendices medievalistas, esquecem-se que, atacando-lhe os fundamentos, estão a querer derruir toda a solidez da argumentação espiritualista moderna.

Divergindo aqui da maioria das escolas chamadas «neo-espiritualistas», o Espiritismo considera o espírito humano como um conjunto de duas partes inseparáveis:

O perispírito ou psicossoma e a alma.

O que é o perispírito? Tanto quanto conhecemos da vasta bibliografia espirita, julgamos que, ainda até hoje, não foi dada uma definição perfeita da natureza desse «corpo da alma», do «corpo celestial» de que falava São Paulo. Mesmo quanto ao seu lado funcional, as hipóteses são muito variáveis e nem sempre isentas de erros lógicos. De que «matéria» é formado? *como* se liga ao corpo físico? *como* serve de ligação entre a alma e o corpo? São interrogativas a que é usual

TEORIA EST

responder com... especulações mais ou menos hábeis que não satisfazem, porém, quem tenha um escalpelo crítico relativamente afiado...

É formado de matéria *astral?* e que matéria é essa? que substâncias químicas a constituem? é de natureza celular?

Ou será um corpo *fluídico?* Um fluido? e que espécie de fluido? um gás? um vapor? e de que natureza?

E no que respeita a funções e ligações, outras interrogativas se podem levantar, sem que se possa, em plena consciência, dizer que qualquer delas já teve uma resposta satisfatória, uma resposta que não suscitasse outras questões... Seja dito, em abono da Verdade, que também nenhuma das escolas neo-espiritualistas deu, dos seus «sete corpos» da alma, uma explicação com menos insuficiência.

Porque não dizer simplesmente que... ignoramos *ainda* a solução completa do problema? Não é frequente, também, encontrar a Ciência um «quid» de cuja existência não tem dúvidas e de que, no entanto, ignora durante muito tempo a natureza íntima e, até, propriedades?

Em tempo propusemos esta temática a um Mestre que oculta a sua verdadeira identidade sob o pseudónimo algo simbólico de Abdallah. Eis como define o perespírito:

— «*massa semi-material de natureza física*

específica que podemos colocar entre a dos gases leves rarefeitos e a de um conglomerado de partículas electrónicas em equilíbrio estável».

Por *massa semi-material* entende Ele uma substância «proto-molecular, em que as moléculas se encontram bastante difundidas, num estado similar ao das micelas de um coloide».

Se bem compreendemos, o perispírito é constituído por *matéria,* mas matéria que se coloca entre a energia electro-magnética e as primeiras condensações moleculares; fìsicamente, tem o aspecto de um gás rarefeito. As partículas dessa matéria — as *moléculas psicossomáticas* — admitem espaços intercalares, através dos quais se dão as inter-acções que mantém a estabilidade do conjunto.

Haverá diferenciação? «As moléculas psicossomáticas não se encontram em todos os pontos no mesmo estado físico, isto é, *não há homogeneidade na condensação da massa*». Isto é, a matéria admite uma diferenciação *física* que se revela pelo que podemos chamar

TICA DO ESPÍRITO (1.ª PARTE)

por RAMOS PEREIRA

campos de condensação psicossomática. Por outras palavras: — quìmicamente, o perespírito é formado por uma substância molecular típica que, fìsicamente, apresenta diferentes graus de condensação. As moléculas psicossomáticas não se encontram sempre à mesma distância.

Entre essas moléculas terá de existir por sua vez um meio físico homogéneo, com a particularidade de se deixar franquear pelas acções de partícula a partícula, ou não se compreenderia a estabilidade do conjunto(ainda que relativa) e a capacidade de o perispírito funcionar como o meio de ligação entre a alma e o corpo (que o Espiritismo lhe aponta). Que será esse *meio físico homogéneo* que preenche os espaços inter-moleculares? É aquele mesmo meio que a mecânica relativista admite como ocupando, por exemplo, os espaços inter-atómicos nas moléculos — é o *Éter.*

Que esta hipótese tem um fundo lógico é inegável. Mas poder-se-á *demonstrar* que a Verdade lhe pertence? É isso que, por enquanto, ninguém conseguirá, como talvez ninguém poderá demonstrar que é falsa, por absurda e anti-científica. Aceitêmo-la, então, como... *hipótese* e nada mais.

Resumindo, segundo esta interpretação bolsada sobre o pensamento do Guia Espiritual Abdallah:

— *o perispírito é um conjunto de partículas materiais de substância específica, admitindo graus diversos de condensação e ocupando o éter os espaços interparticulares.*

Indica-se deste modo, que a *coesão* das moléculas psicossomáticas não é constante em todos os pontos do conjunto: — há pontos de grande coesão, outros em que essa força atractiva é de fraca intensidade. Logo, naqueles pontos o *aspecto* do perispírito deverá ser semelhante ao dos vapores fortemente condensados; e, nestes, semelhante ao dos gases num estado de rarefacção acentuada.

Dada a sua particular natureza física, é compreensível o grau de *plasticidade* do perispírito, que lhe permite amoldar-se ao organismo; — as moléculas psicossomáticas interpõem-se às células orgânicas, constituíndo como que uma rede sustentando os tecidos, os orgãos, mantendo a unidade de um conjunto em constante alteração e renovação de partes. Compreensível será também a sua grande *sensibilidade,* isto é, a sua capacidade para reagir às excitações, exteriores ou interiores, vindas de fora do organismo ou de qualquer das partes deste. Será uma *sensibilidade geral,* visto não haver no perispírito nada que se assemelhe à estruturação orgânica, mas sensibilidade que consente graus. Eu penso que:

— *a sensibilidade geral do perispírito é tanto menor quanto maior for a sua condensação.*

Eu penso que nos campos de condensação psicossomática a sensibilidade é menor que naquelas regiões onde são maiores os espaços interparticulares.

E existirão limites para essa sensibilidade, análogos aos *limiares psico-físicos* dos sentidos orgânicos? Julgo que sim, porquanto um «passivo» em estado de «desdobramento», se

bem que tenha uma capacidade sensorial muito extensa, não sente ilimitadamente. Existirão, portanto, dois *limiares sensoriais psicossomáticos*, um máximo e um mínimo, para além dos quais o perispírito é incapaz de «reagir» às excitações, ou, mais correctamente talvez, é incapaz de *transmitir* as excitações. Mas, tratando-se de dois limites de uma sensibilidade *geral*, o que opera a diferenciação das sensações? Lògicamente será a natureza da vibração excitadora; isto é, conforme a frequência da onda excitante, assim o tipo de sensação recebida pelo perispírito. Os limiares sensoriais psicossomáticos representam, então, dois pontos-limites da capacidade do perispírito vibrar harmònicamente com as ondas excitadoras. Parece-me possível enunciar a seguinte lei:

— *é condição necessária e suficiente para que o perispírito transmita excitações, que a frequência das ondas excitantes se contenha entre os limiares psicossomáticos sensoriais, ou, o que é o mesmo, que as ondas excitantes lhe produzam um movimento vibratório das suas partículas.*

sendo assim,

— *quanto menor for a extensão dos campos de condensação psicossomática, tanto maior é a sensibilidade geral do perispírito, ou seja, tanto mais distanciados são os limiares sensoriais psicossomáticos.*

Eu julgo, porém, que a dar-se a «descondensação» psicossomática, ela representa, não uma redução maior do limiar inferior e um acréscimo no limiar superior, mas, antes, uma subida dos dois limiares, em que a do limiar superior compensa a do limiar inferior: — *o perispírito deixa de poder captar as ondas de mais baixa frequência, tornando-se capaz de vibrar em novos limites que definem um espaço vibratório mais lato que o primitivo.* Note-se, que, em muitos casos, bastará um «deslocamento» temporário e, até, incompleto do perispírito para que se constate a sua indiferença a certas ondas muito longas e a sua vibração a ondas de maior frequência; visto que, enquanto *intimamente* ligado ao corpo físico, o perispírito se sujeita aos limiares psico-físicos» dos sentidos orgânicos.

Depreende-se do que dissemos já que entre o organismo e o perispírito há uma *relação funcional íntima: — o Espiritismo considera o perispírito, não só como o meio de transmissão de excitação, mas ainda como o elemento coordenador das funções orgânicas.* Há um *paralelismo psicossomático-fisiológico*, significativo da possibilidade do organismo e do perispírito vibrarem harmònicamente.

Eu penso, porque se me afigura lógico, que às regiões mais altamente diferenciadas do organismo correspondem as zonas perispirituais mais difusas. Existirão, consequentemente, as seguintes zonas perispirituais de fraca condensação:

1. Zona superior — correspondente ao sistema nervoso central e onde o grau de difusão da massa psicossomática é máxima;
2. Zona média — concomitante dos orgãos fundamentais do aparelho circulatório-respiratório;
3. Zona inferior — diferenciada nas seguintes sub-zonas:
   a) — sub-zona hepática
   b) — sub-zona renal
   c) — sub-zona gastro-intestinal
   d) — sub-zona esplénica.
   e) — sub-zona pancreática

Naturalmente que estas *zonas difusas* resultam da ligação íntima entre o perispírito e o organismo, ganhando a massa psicossomática um aspecto homogéneo (ou *mais* homogéneo) a partir do momento em que o perispírito se desligar definitivamente do corpo físico. (A persistência *post-mostem* de certas imagens, ligadas a sensações fisiológicas, pode manter a diferenciação física do perispírito).

Not-se que àquelas zonas difusas correspondem os «chakras» do esoterismo hindu, os nódulos magnéticos da vitalidade, os pontos de maior concentração do «prâna» ou força vital.

Dizem os videntes que, quando o perispírito se desliga momentâneamente do corpo físico, se distingue um *cordão* brilhante, unindo a parte superior do perispírito à região occipital. Quando esse cordão se quebra dá-se a «morte». Será esse cordão «vital» — o «fio de prata» dos ocultistas — algum orgão especial? De modo algum. Eu penso que se trata de um simples prolongamento da massa psicossomática, uma espécie de prolongamento protoplasmático, funcionando como um veio transmissor de energia. A sua luminescência deve resultar de um movimento particular das moléculas psicossomáticas, talvez um movimento vibratório de alta frequência.

E supomo-lo não distinto da restante massa perispiritual, porque, ao quebrar-se, ele é «absorvido», ele difunde-se naquela. Compreende-se a posição do ponto de ligação

do *cordão vital* desde que notemos que a região occipital é o nó inicial do sistema do grande simpático, coordenador das funções vegetativas do organismo. Deste modo (e ainda que no estado de «desdobramento» as funções vegetativas se encontrem reduzidas a um mínimo), o perispírito continua a desempenhar o seu papel de sustentáculo do equilíbrio orgânico. Eu suponho, porém, que o facto do *cordão vital* se ligar apenas à zona occipital não significa que ele «vascule» sòmente o bolbo raquidiano. *Deverão existir linhas de derivação ao longo de todo o cortex* cerebral, porque só assim se pode explicar a manutenção do elevado grau de excitabilidade das células nervosas, que é característico do estado referido. O cordão vital deve ramificar-se pela zona craneana, operando essas ramificações a ligação dos centros nervosos.

Muitos outros problemas surgem ainda relacionados com o perispírito:

1.º — Como se operam os processos de «encarnação» e «desencarnação» perispiritual?

2.º — Como e porque se dá a desagregação da massa psicossomática?

3.º — Qual a origem do perispírito?

4.º — O perispírito manter-se-á nas formas psíquicas superiores?

A natureza particular destas questões e doutras análogas não permite que as abordemos dentro da «teoria estática do espírito humano». Tratá-las-emos, sim, mas noutros passos do nosso Trabalho.

Se bem que tenhamos a consciência de que não erguemos uma Teoria perfeita sobre o perispírito, pois que algumas interrogações ficam em suspenso, parece-nos que ela tem um fundo de lógica insofismável, ao mesmo tempo que se integra harmònicamente, com as conclusões obtidas por outras vias analíticas, como se verá. Sem dúvida que não lhe atribuimos a função de «sede da memória» (!) que as correntes esotéricas lhe imputam, sem que nos mostrem a argumentação em que se apoiam (se acaso ela existe), bem como outras mais ou menos maravilhosas... porque não lhe encontramos qualquer fundamento lógico. Nessas atitudes mentais há muita confusão entre os conceitos de «alma» e «perispírito», porque nelas estes conceitos estão imperfeitamente delimitados. Mas... não entremos no campo da crítica... Mantenhamo-nos no da *exposição* — pura e simples — da complexa posição mental que é o Espiritismo.

(Continua)

POLICRÓMICAS

por TITO L. BANCÉSCU

Os psicólogos instrospectivistas que dizem que a luz está em ti, sintetizam uma verdade inquestionável. Indicam que os males do mundo se encontram no homem, no seu foro íntimo. É uma redundância magnífica que devemos repetir a cada instante.

★

Mas a verdade é que o homem é o pior inimigo de si mesmo: agrada-lhe muito a linha do menor esforço e procura deslocar-se, ir em busca de ventura fácil. Recorre às manifestações extrospectivas, na convicção de encontrar logo o que anela para cristalizar a felicidade terrestre.

★

Da felicidade extra-terrestre, dessa ventura que reflecte a verdadeira vida quase não se preocupa, pois costuma ser excessivamente «realista», mesmo quando exprima sentimentos que se integram na vanguarda do pensamento moderno. Prefere apoiar-se num fetiche, mito ou qualquer coisa material que nos dê os maiores prazeres deste mundo, «porque do outro... — dizem — quem sabe...».

★

Esse «quem sabe» encerra toda uma existência terrena. É o fruto da dúvida e do convencionalismo. O ambiente colectivo gravita sèriamente sobre o seu destino. É então que a personalidade interior se deforma e foge à própria consciência. Duvida de que o porvir do homem em sua trajectória sideral e cósmica se encontra em si mesmo. Os olhos do seu espírito não vêem longe, porque a óptica da evolução pessoal ainda não pôde aplicar-lhe os cristais da eternidade.

★

«O que vós sois é o mundo» — disse Krishnamurti. — É um axioma incontestável. A humanidade é o que nós somos, por sermos, individualmente, o seu reflexo psicológico, moral e espiritual. Alguém disse que de má farinha não é possível fabricar bom pão. Portanto, sem bons homens não é possível uma humanidade fraternista.

★

A fraternidade começa a surgir nos corações humanos, porque é o fruto da solidariedade. Sem solidariedade prática não pode haver fraternidade. É preciso sentir a dor alheia na própria carne, para nos pormos ao lado do que tem fome, nudez, do que sofre perseguição e outras penas. Quanta razão tinha o inolvidável filósofo Allan Kardec ao dizer que o verdadeiro espiritista se conhece pela sua transformação moral!...

(I. D. S. traduziu)

ALFREDO MIGUEL

(Correspondente na Bahia)

Faz pouco menos de uma década, quando apareceu o livro «Nosso Lar», psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, muita gente, inclusive adeptos do Espiritismo, julgou ser aquilo uma obra de ficção, à maneira daquela que o génio de Jonatham Swift incorporou na literatura inglesa.

Circulando já em 4.ª edição, com muitos milhares de exemplares disseminados por todo o Brasil, «Nosso Lar», mau grado o extraordinário sucesso de suas tiragens, ainda não impôs a todos o realismo de suas páginas.

É que o inabitual, conforme acentua o grande Emmanuel, que o prefaciou, causa surpresa em todos os tempos.

★

Afinal de contas, que noção devemos ter do mundo espiritual, — de que tanto falamos em nossas prelecções e em nossos escritos? Como havemos de conceber a existência póstuma, — já que estamos absolutamente certos de que o espírito humano é imortal e eterno?

Os antigos imaginavam que a segunda vida transcorria no sepulcro, para onde a alma descia, volvendo aos seus despojos materiais...

Faltava-lhes a ideia cristã de uma morada celeste, ou consideravam esta como a recompensa para os grandes homens e para os benfeitores da humanidade.

Da antiguidade até nossos dias, a evolução do espírito humano está assinalada por grandes conquistas no campo da filosofia e da ciência.

Não podemos, portanto, pensar como homem primitivo, crendo que a alma, após separar-se do corpo pela morte, voltará a unir-se a ele para um outro avatar, no seio da terra...

Pois para onde vai ela, então?

As religiões populares respondem a esta indagação, dizendo que há duas alternativas para o ser que se liberta da contingência da carne: ceu e inferno *— consoante tenha sido virtuoso ou celerado.*

Mas o conceito teológico de céu e inferno não passa hoje de uma vã puerilidade. O advento do Espiritismo desvendou novas perspectivas ao pensamento, e o que não resistiu ao exame da razão entrou para o rol das coisas obsoletas.

Elucidando o assunto, por modo a colocá-lo ao alcance de todas as inteligências, Allan Kardec esclarece que as duas alternativas «post-mortem» que, realmente, se apresentam para o desancarnado, vêem a ser — «punição temporária e proporcional à culpa e recompensa graduada segundo o mérito».»

Isto é lógico e põe à mostra o erro da velha teologia, fixando entre dois extremos a sorte definitiva e irrevogável da alma.

Sem se destinarem a um paraíso de eternas delícias, ou a um báratro de tormentos sem fim, as individualidades que transpõem o túmulo penetram num mundo transcendente e passarão a esferas de harmonia com o seu padrão vibratório e o seu grau evolutivo.

Fora, sem dúvida, erro imaginar que aque-

ESCREVEU...

las zonas espirituais, mencionadas e descritas pelos informantes do Além, não tenham a sua configuração topográfica e os encantos das paisagens da Natureza. Pois haveríamos de admitir o vácuo? Em «Nosso Lar», *e nos outros volumes da série, que vieram depois, André Luiz faculta ao leitor uma visão panorâmica do mundo invisível, com tudo que nele há: governo e instituições, ruas e praças, casas mobiladas, jardins e árvores, meios de transporte, escolas, fábricas, hospitais, bibliotecas e lugares para conferências, serviço telefónico, rádio e demais elementos de progresso e conforto, — tudo em melhores condições e mais adiantado do que na terra.*

Vamos que isto seja bastante estranho e surpreendente: mas de duas, uma: ou tudo aquilo existe no outro plano da vida, ou este não passará de um mito, e nesta última hipótese ficaria comprometido até o conceito de sobrevivência.

Porém aquele elevado Espírito, todo consagrado à sublime tarefa de exortar os homens e prepará-los pelo conhecimento antecipado da vida futura, evidentemente não nos veio entreter com fantasia, senão revelar-nos uma realidade impressionante, que um dia a todos será palpável.

Aliás, seja dito de passagem, não constitui novidade o que ele nos faz conhecer através daquelas páginas de peregrina moral e profunda sabedoria.

Já em 1913, o Rev. R. Dale Owen, vigário de Oxford, no Lancashire, (Inglaterra), também pela escrita automática, recebia da sua falecida mãe e de outros Espíritos de mais alta categoria, um acervo de comunicações cujo

conteúdo guarda notável semelhança com as descrições feitas por André Luiz.

Com o título «A Vida Além do Véu», o trabalho desse eclesiástico apareceu em língua portuguesa, pela primeira vez, no Brasil, no ano de 1921, numa tradução do dr. Carlos Imbassahy.

Também ali, de par com os ensinamentos edificantes, os signatários das mensagens mediúnicas nos falam em florestas, animais, árvores frutíferas, flores, artérias urbanas, organização administrativa, etc.

De sorte que as páginas recebidas pelo sensitivo brasileiro completam-se admiràvelmente com as obtidas, da mesma maneira, pelo sacerdote inglês, apesar da distância e do tempo que medeiam entre as duas obras.

Ao nosso ver a garantia de autenticidade dessas descrições do Além, está precisamente no cunho de universalidade dos comunicados e na perfeita concordância que os liga entre si.

A assertiva tem a seu favor os factos.

criados para o sossego mental.» A sua volta vê «estruturas familiares, ruas e casas, e grandes salas onde nos reunimos para ouvir preleções sobre qualquer assunto.»

Como se vê por esses extractos, o depoimento de «Sir» Oliver Lodge sobre o Além, confirma, em todo ponto, o que, a propósito, revelaram outros instrutores do plano astral, notadamente André Luiz e os que moveram o lápis do Rev. Vale Owen.

★

Eis senão que mais um opúsculo, no género, aparece agora e vem ratificar o teor dos que o antecederam.

É seu autor material (estritamente material) o director desta revista, porquanto o pensamento, lúcido, que se espelha no contexto, é extrínseco; isto é, proveio do cérebro espiritual da saudosa esposa desse infatigável obreiro.

Trabalho redigido currente calamo, por in-

ESTE MUNDO... E O OUTRO

Recordemos, por exemplo, que na sua edição de Setembro de 1950, «ESTUDOS PSÍQUICOS» reproduziu de «Psychic News» uma série de dez comunicações de «Sir» Oliver Lodge, obtidas pela médium psicógrafa Mary Spencer, comunicações que o director daquela publicação inglesa só se abalançou a divulgar «depois de várias e concludentes experiências de controlo».

Pois bem, com aquele seu estilo sóbrio e pessoal que torna atraentes as páginas de «Raymond», temos agora nesses rascunhos póstumos o eminente físico contando as suas impressões do mundo dos Espíritos e aludindo às condições mesológicas (desculpem o termo) na esfera ditosa em que se encontra.

«Quando despertei pela primeira vez — diz ele — estava numa espécie de hospital, onde muitos repousavam»,... Mas presentemente «vive em mansão confortável e quase semelhante à que teve na terra.» Come e bebe, posto que o efeito não é o mesmo que no corpo físico.

«A vida no espaço — declara a certo trecho — não é estática, e sim um contínuo movimento, podendo, quando julgue necessário, repousar em deliciosos lugares, especialmente

tuição, sem, portanto, nenhuma interferência mental do intermediário. Todos os originais feitos de um jacto, sem a mínima rasura.

Foi assim que Isidoro Duarte Santos transplantou para o papel os 52 capítulos de «DOIS MUNDOS», livro de peso, para meditação e esclarecimento dos estudiosos.

Ninguém deve lê-lo menos de duas vezes.

Sua verdadeira Autora, aquela que se chamou Maria Gonçalves Duarte Santos, não se deteve a narrar o que lhe pareceu supérfluo; sim, supérfluo, por ter sido contado por outros. Ou melhor, esquivou-se de discorrer acerca do aspecto físico ou geográfico da esfera superior em que habita o seu Espírito, limitando-se a dizer que «o mundo espiritual é semelhante ao nosso» (pág. 254); «vive-se lá em condições idênticas às nossas» (pág. 177).

Só uma coisa, ao que parece, a preocupou inteiramente: a convocação de nossos semelhantes à suprema realidade com que se defrontarão além da campa. Lançou-lhes o brado de alerta, exortou-os fraternalmente, despertou-lhes a razão, tudo fazendo, enfim, por interessá-los no desenvolvimento de suas possibilidades espirituais, para que a Parca

O QUE É PRECISO

PELO ESPÍRITO DE REPER-SIAM

Meus queridos irmãos, não desanimeis nem receeis coisa alguma. Quem trabalha com mira na evolução, quem trabalha sem egoismo ou interesse mesquinho é sempre bem sucedido. Vós sois o facho que iluminará um sector da vida humana. Por isso tendes de corresponder ao que de vós esperamos e àquilo que vos foi dado. Tendes de corresponder ao que prometestes antes de entrar na escuridão que é a vida terrena.

Tendes tudo na mão, para continuar a marcha há tempo iniciada. Nada vos deve preocupar, a não ser o trabalho e o desejo de praticar o bem.

É preciso que vos despojeis das roupagens do homem velho. É preciso que abandoneis os defeitos da vossa alma para vos elevardes cada vez mais. É preciso alijar carga inútil e salvar a outra que vos há-de acompanhar após o temporal em que navegais.

Amigos, a vida terrena é assim mesmo. Simples aprendizado para a evolução da alma imortal. A verdadeira vida, a vida positiva, essa está muito longe do lodaçal onde se atascam tantos que aí vão burilar imperfeições.

O Espiritismo, se fosse exemplificado, seria a alavanca poderosa que expulsaria o materialismo dos corações empedernidos. Mas é o espiritismo doutrinário e filosófico e não o que se pratica para aí com o título de experimental; o Espiritismo de vivos, que tende à catequização de vivos e não dos chamados mortos, que levaria o sossego, a tranquilidade e a certeza aos que navegam num mar de dúvidas e de descrença sem terem onde se apoiar. A estes, descrentes do mundo e dos homens, só a crença no mundo espiritual os poderia salvar. Mas onde está esse mundo? Como se lhes poderá mostrar? Através de doutrinas falidas, de filosofias abstrusas e falsas, através de caminhos algo complicados? E eles, esses desgraçados para quem a morte é o fim de tudo, vão enchendo tabernas, cafés e prisões, enquanto outros, mantendo embora uma linha de compostura no exterior, continuam a alimentar intimamente o mal-estar em que o mundo se debate, mal-estar irremediável, enquanto o homem não abraçar o cristianismo.

É preciso que o perdão das ofensas e a doutrina do sacrifício oriente o homem, em vez da vingança e do desejo de ocupar os primeiros lugares. É preciso que o verdadeiro cristão se sacrifique para mostrar que a perfeição humana só se consegue no sacrifício, no procedimento simples de bondade e caridade.

Amigos, não deveis preocupar-vos com a acção dos demais. Deveis, sim, preocupar-vos com a vossa própria acção, com vossos próprios pensamentos.

Como procederdes e pensardes, assim encontrareis, assim sereis acompanhados. A boa assistência espiritual só é permitida aos que têm pensamentos bons. Como pode ter boa assistência aquele, cujos pensamentos de superioridade e de vingança estão fazendo marcha atrás no bem? É preciso ser-se simples como as crianças para se entrar no reino dos céus. Sede assim, amigos, simples, activos, mas sempre vigilantes e prudentes. Tende sempre pensamentos de amor para com todos. Emiti constantemente irradiações de paz, saúde e concórdia. Semeai a paz, perdoai e orai, sempre de coração alegre e puro e vereis como as vossas realizações serão auxiliadas, como a felicidade vos tornará superiores.

8 de Dezembro de 1947.

Médium — MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

não os apanhe desprevenidos e a transição os não retenha em amargurosa espectativa.

«Familiarizar os homens com a morte — di-lo à pág. 68 — e mostrar os verdadeiros panoramos que os aguardam ao deixar as plagas terrenas, é obra de iluminação e consolação. Quero esclarecer, quero elucidar. É preciso desfazer os erros. É preciso rectificar opiniões. É preciso erguer tronos à verdade. Só assim caminharemos seguramente.»

«DOIS MUNDOS» é obra de inestimável valor, digna de ser difundida, amplamente, pelos espiritas, que proclamam a necessidade de vulgarizar a nossa doutrina.

Poucos livros falam tão alto da nossa imortalidade, advertindo e consolando ao mesmo tempo. Sua linguagem é por demais eloquente, para que, ao dobrar-lhe a última página, haja quem se não sinta tocado da ideia de imperecibilidade do espírito. É belo ver-se a Autora declarar, ao concluílo: —

«Afinal, estou viva e bem viva. O livro que vos dou é o meu protesto contra a morte.»

Se o materialismo é veneno, eis o antídoto.

Sopro Curador

Por HENRIQUE MAGALHÃES

«Quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem».

Estas palavras foram proferidas por um dos trabalhadores guias do espaço, em um dos livros de André Luís, ao referir-se ao Sopro Curador.

Em verdade, se nos reportarmos às palavras do Cristo, referindo-se às curas maravilhosas por Ele realizadas: «estas coisas as podeis fazer, e maiores ainda», verificaremos que está certo o reparo feito linhas acima pelo nosso irmão desencarnado.

E para não irmos mais longe, lembramos as grandes descobertas científicas últimamente realizadas e as que estão em experiência, revolucionando tudo o que há um século fora concebido. Também essas coisas são parte do tesouro descoberto ou a descobrir! Dizemos intencionalmente «parte», porque continuamos no limiar das descobertas.

A questão do sopro, ligado intimamente ao passe magnético é um dos dons mais preciosos do homem, porque se torna causa de alívio ou cura das enfermidades em geral. Sendo a doença um dos maiores flagelos da humanidade, pode por aí aquilatar-se o valor desta nova terapêutica, — nova entre nós, mas, em realidade, antiga, pois os orientais a usam há milénios.

O Sopro proporciona duas vantagens: 1.º — Inspirando grande quantidade de ar e espargindo-o, devagarinho, em cima da parte afectada, introduzimos no organismo enfermo milhões de células que irão fortalecer as células enfraquecidas ou suprir as células mortas. É, portanto, um tratamento eficaz e substancial.

O Sopro pode ser aplicado frio ou quente. Frio, quando cerramos os lábios e expelimos o ar contido nos pulmões; e quente, quando o aplicamos com a boca aberta, à maneira de «bafo». Cada um tem sua vantagem. Nos momentos de agir, os guias nos intuirão qual dos dois deve ser aplicado.

Os resultados são miraculosos!

Faze, amigo leitor, experiências em tua família, — uma dor de cabeça, por exemplo. Primeiro faz a oração; a seguir coloca as mãos acima da cabeça — uns dez centímetros —, e depois coloca-as, em forma de concha, uma na testa e outra na nuca. Estende um pano de flanela na nuca, fontes e ouvidos, e lança baforadas quentes.

Na dor de dentes usa o mesmo processo dos passes e do bafo, bem em cima do local da dor.

Não esquecer que a prece, de início, é um dos motivos de maior efeito, porque nos põe em comunicação com os guias da humanidade e estes é que realmente operam os milagres!

Nas «sinosites» aplique-se o mesmo processo usado nas dores de cabeça, mas mais intensamente no local da dor.

O Sopro, aliado ao passe, é grande terapêutica para as enfermidades.

De tão grande efeito e fácil aplicação!... Com a vantagem de ser gratuito e a qualquer hora a que nos convenha...

Vejamos o que nos dizem a propósito os enviados de Jesus, em o livro de André Luís, «Os Mensageiros», págs. 104/5:

«Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, toda a extensão deste assunto, poderia criar no mundo os mais eficientes processos «soproterápicos».

«Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o Sopro Curativo poderá ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. Entretanto, precisamos acrescentar que, em qualquer tempo e situação, o esforço individual é imprescindível. Toda a realização nobre quer apoio sério. O bem divino, para manifestar-se em acção, exige a boa vontade humana. Nossos técnicos do assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquirindo experiências a preço alto.

«Em tudo há uma ciência de começar. São servidores respeitáveis pelas realizações que atingiram, ganham remuneração de vulto e gozam enorme acabamento; mas, para isso, precisam de conservar a pureza da boca, (não falar nem pensar para o mal) e a santidade das intenções».

As remunerações acima descritas são as Bênçãos Divinas e os «bonus-hora», usados no espaço, segundo explicação de André Luís.

É importante a recomendação: «Pureza da boca e boas intenções». A boa intenção gera o bem!

Por que não tentar tão sublime ministério, meu irmão?!...

A OBRA SOCIAL DO ESPIRITISMO

É com o maior prazer que aludimos aos progressos crescentes da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro, a cujos destinos preside um grupo de confrades que não olham a sacrifícios para manter intacta a chama do ideal simbolizado na manutenção de uma obra beneficente que é um verdadeiro padrão de glória e à qual esta revista se encontra ligada por laços fraternais.

Temos presentes o Relatório da Directoria e o Balancete do contador da Casa, um e outro fartamente documentados e que nos vão servir para analisar a vida da instituição de 1 de Julho de 1949 a 30 de Julho de 1950.

Já contámos a história desta Maternidade, baseada num grito angustioso de altruismo que ecoou em milhares de corações bondosos que têm contribuído para o seu progresso constante. Não vamos, portanto, reeditar os factos, embora eles pudessem contribuir para radicar nas almas a necessidade de alargar o sentimento afectivo.

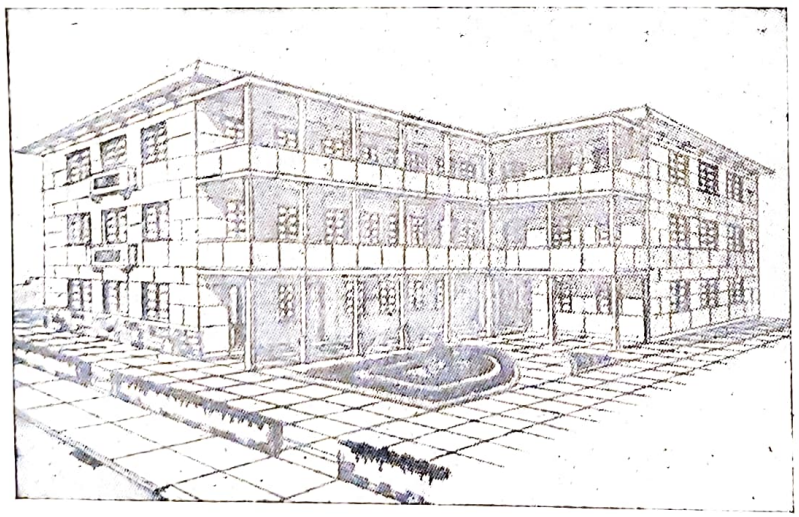
O movimento financeiro é optimamente apresentado pelo sr. Pércio Gomes de Melo. Ali se vê que a receita total atingiu 3.567.200 cruzeiros e a despesa total 2.443.306 cruzeiros. A contribuição de sócios produziu cerca de 75 mil cruzeiros mensais (mais 9 mil que no exercício anterior. As campanhas financeiras integraram-se em duas festividades denominadas «Festas da Rosa». A primeira produziu cerca de 425 mil. Ao todo 1.225.000 cruzeiros. Houve um lucro bruto de perto de 1.124.000 cruzeiros que, deduzidos de 190 mil cruzeiros para depreciações e baixas, deu um resultado líquido positivo de 934 mil cruzeiros. É, como se vê, uma situação magnifica, o mesmo sucedendo à situação económica, o que demonstra bem o carinho e eficiência com que a sua Directoria administrou a Maternidade.

Segundo o Relatório do Presidente, nota-se a dilatação dos serviços com o aumento constante das parturientes que batem à porta desta casa acolhedora, o que levou o Director-técnico Dr. Osvaldo Nazaré a solicitar a admissão de dois estagiários permanentes para que os serviços sejam eficientes. É justo salientar que este clínico dá gratuitamente o seu concurso e os restantes médicos limitam-se a pequena ajuda de custo. A equipa de clínicos compõe-se de 11 médicos, 15 internos efectivos e 14 internos estagiários, assim divididos: 1 director-técnico, 7 plantonistas, 1 prenatalista, 1 pediatra e 1 laboratorista. Dos 15 internos efectivos, 14 são plantonistas e um trabalha no laboratório e os estagiários auxiliam no serviço geral.

Nos 12 meses findos vê-se que foram internadas 1.599 mulheres, sendo 858 nas enfermarias e 741 nos quartos particulares. No mesmo período realizaram-se 1.442 partos, sendo 750 nas enfermarias e 692 em quartos particulares. Nasceram 1.458 crianças. As excedentes aos partos foram gémeas. Vivas, 1.366; natimortas, 78; neo-mortas, 17. A percentagem de vivas foi de 93,4 a de natimortas, 5,4; a de neo-mortas, 1,2. A taxa de mortalidade materna foi de 3,7 por 1.000, percentagem muito baixa se considerarmos que a taxa geral observada no Rio de Janeiro é de 9 por 1.000. Portanto, a equipa de médicos da Maternidade apresenta resultados altamente satisfatórios que honram sobremaneira o Espiritismo.

No serviço pré-natal foram matriculadas 1.046 gestantes, às quais se prestou toda a assistência médica, como aplicação de injecções, fornecimento de remédios, etc., etc.

O Laboratório de análises também apresenta números significativos: exames de urina 4.155; de sangue, 3.071; de fezes, 24; de escarros, 14; diversos, 38, perfazendo o total de 7.302. Além desses houve 9 reacções de Friedemann.



O edifício actual da Maternidade

MATERNI

A *Creche* (abrigo para crianças pobres) teve a frequência de 23 crianças, algumas das quais foram retiradas por terem alcançado a idade regulamentar (18 meses) e em virtude da exiguidade do recinto.

Para avaliar o conceito em que os poderes públicos têm a Maternidade, diremos que a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro autorizou um donativo de 300.000 cruzeiros e a Câmara dos Deputados introduziu dois donativos no orçamento, na importância de 70.000 e 50.000 cruzeiros. Também a Legião Brasileira de Assistência ofereceu um donativo de 30.000 cruzeiros. Além disso, ofereceu ainda várias roupas no valor de 150.000 cruzeiros.

Da Campanha Nacional da Criança, criada e dirigida pela sr.ª D. Clara Mariani, secundada pelos drs. Martagão Gesteira, Flamarion Costa e Jaime Vasconcelos, resultou a verba de 90.000 cruzeiros que foi entregue à Maternidade.

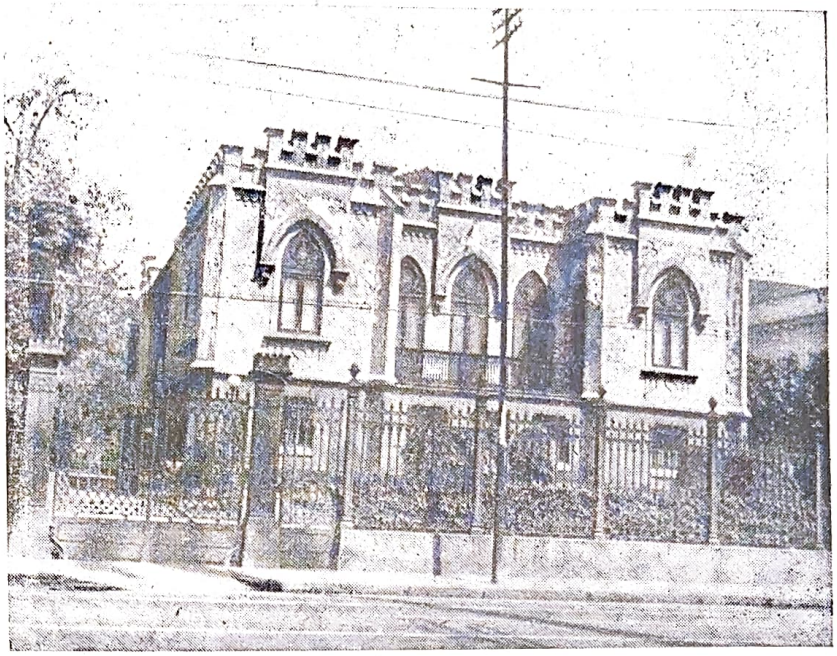
O número de associados desta florescente agremiação aproxima-se de 19.000 e forneceu 904.207 cruzeiros no ano a que nos referimos.

Com os medicamentos destinados às enfermarias gastaram-se 159.000 cruzeiros, provando assim que se não olha a despesas, quando se trata de salvar o semelhante. Ao contrário do que acontece nalguns hospitais, os médicos da Maternidade aplicam os remédios que lhes convêm, donde se conclui que as parturientes são tratadas carinhosamente.

A Lavandaria continua em plena funcionamento com proveito muito apreciável. Foram lavados mais de 300 mil peças. Quanto a subsistências, basta dizer que foram servidas 60.352 refeições cujo custo unitário alcançou 6,14 cruzeiros.

Além destes serviços, acaba de ser criado o de Puericultura, autorizado pelos Estatutos.

Como o edifício actual seja exiguo para as necessidades, a Directoria da Maternidade adquiriu um prédio magnífico na Rua Ibituruna, 81, com belo terreno anexo cuja gravura acompanha estas notas extraídas do Relatório



O edifício adquirido da rua Ibituruna

DADE CASA DA MÃE POBRE

que nos foi enviado. A área do imóvel atinge 4.309,64 metros quadrados. Os prédios, em dois pavimentos o da frente e o outro num único, medem 1.295 metros quadrados.

Tudo isto custou à Maternidade 2.900.000 cruzeiros, soma respeitável que os seus directores enfrentam com extraordinária coragem.

O local é dos melhores para transportes: 11 linhas de bonde (carro eléctrico) e 14 de auto-carro, próximo da Estação de S. Cristóvão. Como se vê, é acessível às parturientes de todos os bairros.

Dentro de quatro ou cinco anos, a Maternidade Casa da Mãe Pobre, instituição espirita e dirigida por espiritas, poderá vir a ser a primeira maternidade do Rio de Janeiro, servindo todas as criaturas sem resursos.

Eis como o elevado Espírito *Emanuel* se dirigiu a esta agremiação, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier:

«Meu amigo, muita paz. A obra conserva a supervisão do Alto. Sem dúvida cabe aos companheiros encarnados o serviço de iniciativa, de desdobramento e, nesse sentido, os que acompanham as actividades do abençoado lar da Mãe Pobre observam com simpatia a tarefa e a dedicação dos cooperadores terrestres. Assim, pois, façamos quanto possível com espírito de sequência, de segurança e moderação. Ainda que se não faça possível a dilatação integral imediatamente, caminhemos ao encontro do futuro. A obra de Jesus não é estanque. Progride nas almas gradativamente, exteriorizando-se na benemerência e na justiça entre os homens, com impulso cada vez maior. Sirvamos desse modo ao Senhor e esperemos por Ele. E que vossos corações permaneçam em sintonia com a sua vontade em favor de nós mesmos, são os votos sinceros do amigo e servo humilde — EMANUEL».

Temos acompanhado o trabalho hercúleo da Directoria da Maternidade e sabemos quantas canseiras, quantos sacrifícios, quantas inquietações têm agrilhoado a alma desses abnegados que esquecem obrigações particulares para que nada falte aos deserdados da sorte que se acolhem ao teto amigo que os agasalha. Mercê de Deus, todos os obstáculos foram vencidos e a aquisição realizou-se com grande proveito para a Casa e para a Causa. Um momento houve em que as despesas atingiram cifras astronómicas para as posses da instituição, mas o *deficit* foi coberto com donativos do Governo da União, Prefeitura, Campanha Financeira e Listas de Natal.

O prédio onde se encontra a Maternidade foi avaliado pelo Banco da Prefeitura em 3.720.00 cruzeiros e o prédio adquirido já teve a oferta de 3.600.00, mas o engenheiro da Prefeitura avaliou-o de barato em 4.000.00. Foi, portanto, uma óptima aquisição para a futura «Casa da Mãe Pobre».

E assim ilumina a luz da nossa grande Causa, alicerçando nos corações um monumento imorredoiro à bondade e à solidariedade...

I. D. S.

UM SONHO COM A

«A todos convoco: químicos e filósofos, teólogos e médicos, astrónomos e matemáticos, juristas e sociólogos, pensadores e economistas, os sapientes de todos os campos do saber humano e a cada um falo na linguagem que lhes é própria». A GRANDE SÍNTESE

Não sei qual a opinião do leitor sobre A GRANDE SINTESE ou Pietro Ubaldi, seu médium inspirado. E' possível que não a conheça ou lhe tenha uma simpatia geral, enquadrando-a nas contribuições da terceira revelação.

De minha parte confesso que, nunca me entreguei à sua leitura com afã apaixonado, entre alegrias e exaltações.

Conhecia duas respeitáveis opiniões: uma de Bozzano, o culto e autorizado psiquista italiano; outra de Emmanuel, o generoso e sábio amigo espiritual. O primeiro viu na GRANDE SINTESE considerações que atestam uma «olímpica sabedoria»: o segundo chama-lhe «Evangelho da Ciência», onde contemplamos reverentemente «o reflexo soberano da magnanimidade, da misericórdia e da sabedoria» de Jesus Cristo. Sabia, igualmente, de pareceres de outros eminentes sábios europeus que olharam o portentoso livro mediúnico de Ubaldi com respeito, interesse e encantamento, elogiando-o calorosamente como obra transcendente de ciência, de filosofia, de religião, de sociologia, de arte... Meu temperamento, entretanto, nunca me permitiria uma expansão súbita e eufórica em torno do livro sublime. Era preciso lê-lo, meditá-lo, assimilá-lo bem, antes de um pronunciamento amplo. E aqui abro um parêntese para pedir ao leitor me releve o tom insistentemente pessoal que este relato vai tomando, o que lhe poderá dar um carácter antipático, mas que é indispensável para que se forme a convicção de que o meu sonho com a GRANDE SINTESE independeu de uma imaginação ardente e fanatizável, que não possuo, nem foi o produto mental de uma exaltação admirativa e absorvente, que não podia ter na ocasião. Certamente nem todos aceitarão este esclarecimento. Quanto a mim, ignoro o alcance do que hoje escrevo. Nada disso, porém, importa, porque me foi imposta essa obrigação de falar de maneira clara e inolvidável e minha consciência me lembraria sempre o dever negligenciado. E sob a minha fé de cristão passo agora à narrativa do sonho:

«Vejo-me num imenso salão vazio. Minha primeira impressão é que me encontro em local de conferências. Nenhuma pessoa ou cadeira há, porém, no salão, e começo a andar de um lado para outro. Inexplicàvelmente meu coração vai entrando num ritmo emotivo, singular e agradável. Também não posso entender porque vou de um extremo a outro do grande salão vazio. Nenhum pensamento me preocupa, nenhuma ressonância da vida diária, nenhuma lembrança da vida comum. Apenas vejo, observo, analiso o ambiente dominado por essa estranha emoção, que vai crescendo, intensa, e dilatando-me o coração. Uma incoercível vontade de chorar me penetra todo o ser. Quero resistir às lágrimas que estão próximas, mas é inútil, porque fortes vibrações me irrompem do peito, como se estivessem há muito represadas, quebram toda a resistência e o pranto passa a correr abundantemente dos meus olhos. Em pleno salão me detenho e levanto os olhos nublados. Só agora verifico a inexistência do teto. É bem vísível a imensidão azul. Céu tranquilo e sem estrelas. Bem no alto, nas profundezas do infinito, distingo uma luz fulgurante, como se saída de um facho suspenso por mão humana. Encanto-me na contemplação daquele foco luminoso, de suaves irradiações, a lembrar Venus nas tardes quentes de Verão. A pouco e pouco a luminosidade vai aumentando, ganhando cada vez mais esplendor e despejando no éter límpido fosforescências contínuas e brilhantes. Sinto-me então em pleno ar, olhos fixos na luz intensa e magnética e subjugado pelo estado emotivo. Tudo está acontecendo independentemente de minha vontade, com estranheza e assombro para mim. Foi a essa altura que ouvi uma voz nítida, simultâneamente doce, majestosa, mansa e imperativa. Julguei (e ainda agora penso assim) que a voz saía daquele foco de luz, *que era a própria luz a falar.* Com uma clareza admirável e uma sonoridade musical, ela desceu do infinito que me retinha embevecido e me atingiu os ouvidos, forte, bela, imponente, dominadora. Ondas sucessivas de emoção incontrolável me inundam todo o espírito empolgando-me de maneira singular. O pranto corre com naturalidade e eu sinto que uma força potente me imanta nessa posição de embevecimento diante da abóbada celeste iluminada. Então esta frase foi pronunciada com nitidez, beleza e imponência: SAUDAI A GRANDE SÍNTESE!

Num átimo percebi que o Alto consagrava, naquele instante e para mim, a doutrina exposta na GRANDE SÍNTESE. A luz contínua resplandecendo no infinito, eu permaneço no mesmo estado emotivo, quando uma segunda frase, em idêntico timbre imperativo e musical, me penetra os ouvidos: HONRAI O MISSIONÁRIO DO CRISTO! Era uma referência directa ao medium Pietro Ubaldi, que me estava sendo apresentada numa visão onírica rápida, quase instantânea, como instrumento poderoso e apurado de verdades novas e transcendentes. Tudo me está parecendo muito compreensível, lógico, natural. Tenho clara noção do que se passa. Agora me volto novamente para o salão. No alto a luz brilha com intensidade. Continuo emocionado. E choro. Nesse instante, dentro do salão, a alguns metros de mim, percebo uma esfera de regular tamanho, que avança lentamente em minha direcção. Não encontro dificuldade em identificar um globo geográfico a girar com suavidade. A certa altura ele para. Três metros, no máximo, nos devem separar. O globo deixa de girar e, na posição em que ele se encontra, só vejo a representação geográfica do Brasil. De norte a sul e de leste a oeste são perfeitos os contornos. Um amarelo-claro domina todo o globo e o território brasileiro parece modelado em massa áurea, num belíssimo alto relevo. Enquanto observo e procuro reter todos os pormenores da linda esfera imóvel, uma nuvem bran-

«GRANDE SÍNTESE»

Por MEDEIROS CORREIA JÚNIOR

quíssima penetra no salão e começa a envolver o globo, que agora refulge em irradiações de ouro. Deslumbrado e atento à esfera iluminada, ergo os olhos e ouço ainda a mesma voz: HONRA AO BRASIL!

Contemplo de novo o globo. A nuvem cobriu-o inteiramente, é apenas uma bola muito branca. No alto o foco de luz continua a resplandecer. E por muitos minutos fui ouvindo estas frases alternadamente: SAUDAI A GRANDE SÍNTESE! HONRAI O MISSIONÁRIO DO CRISTO!

Depois tudo foi desaparecendo lentamente. O salão imenso e vazio se impôs novamente aos meus olhos. Finalmente despertei com uma suave sensação de bem-estar».

Interpretando, creio que o sonho acima narrado teve três fins, expostos resumidamente nas três frases: SAUDAI A GRANDE SÍNTESE! HONRAI O MISSIONÁRIO DO CRISTO! HONRA AO BRASIL!

A primeira delas determinou-me a necessidade de saudar o livro, isto é, de recebê-lo com alegria, de divulgá-lo por todos os meios ao meu alcance. E isso farei na medida de minhas possibilidades encarecendo o conteúdo maravilhoso dessa mensagem saturada de sabedoria e de beleza imortal. Nela o pensamento é sempre eloquente, o conceito é sempre profundo, a linguagem é sempre majestosa. Ninguém lerá uma página da GRANDE SÍNTESE sem se sentir tocado pela magia de sua ciência divina. É uma obrigação de todo o espiritista manuseá-la, porque é uma obra doutrinária de elevadíssimo teor espiritual. Da parte de muitos estudiosos da 3.ª Revelação há, por assim dizer, um exclusivismo intelectual com relação a Allan Kardec, que, aliás, jamais desejou o título inadmissível e prejudicial de chefe supremo do Espiritismo, embora tenha sido o primeiro codificador dos ensinos espiritas. Entre nós será sempre absurda e danosa qualquer redução da verdade. Na GRANDE SÍNTESE há clarões dessa Verdade eterna que Deus nunca cessou de enviar aos homens. Estudá-la constitui um prazer e um dever. Ao seu contacto, nosso entendimento ganhará novas dimensões, funcionando em plano mental mais elevado, porque impulsionado por ideias mais poderosas e mais estimulantes de nossa evolução. Dela emanam conhecimento e direcção, esperança e consolação, paz e alegria, solucionando-se todos os problemas da ciência e do espírito. Nada a supera como revelação como verdade, como espiritualidade renovadora e construtiva. Meditemos suas lições sábias e regeneradoras! Ouçamos a Voz que ali nos fala, com o mesmo acento amoroso dos dias gloriosos da Palestina distante! É ELE MESMO! É o Cristo Invencível que volta para evangelizar o coração de cada homem, para arrancá-lo da animalidade, para elevá-lo pelo conhecimento, para incorporá-lo às correntes do amor universal! Sua Palavra, nessa fase de transição para uma nova concepção de vida, se coloca acima das crenças estabelecidas, das teorias dominantes, dos princípios tradicionais, de todos os produtos individuais da mente humana, para a todos ensinar, esclarecer e salvar. Saudemos, pois, nessa SÍNTESE sublime a sabedoria do Mestre de sempre, do Cristo genial e cósmico, responsável pela evolução de nossas almas e de nosso mundo!

A segunda frase nos previne do quanto devemos ser agradecidos a Pietro Ubaldi. Sòmente uma vida naturalmente digna e rica de espiritualidade poderia possibilitar a recepção de um livro da significação múltipla da GRANDE SÍNTESE. Ùnicamente um coração cheio de amor a Deus e inflamado de paixão pelo Infinito Bem poderia funcionar como transmissor fiel de altos ensinamentos espirituais. Sem dúvida, Ubaldi é um servo de Jesus Cristo, com todas as características do missionário altamente investido em apostolado na Terra e a favor do esclarecimento humano, antes do alvorecer dos tempos novos, do terceiro milénio que se avizinha. Honremo-lo, em seu exílio de Gúbio, com as vibrações afectuosas de nossa simpatia e de nossa gratidão. Sem ele, a luz da GRANDE SÍNTESE não se teria difundido hoje.

A terceira frase finalmente, nos reporta a uma antiga afirmação relativamente a este país: o Brasil seria o herdeiro, por determinação do próprio Cristo, das luzes redentoras do Evangelho. Esse pensamento do Mestre equivale a uma suprema glória para a Terra do Cruzeiro, e foi traduzido em duas ocasiões e por médiuns diferentes. A 9 de Março de 1920, pelo médium Albino Teixeira:

«A árvore do Evangelho, semeada há dois mil anos na Palestina, eu a transplantarei para o rincão de Santa Cruz».

Anos mais tarde, conforme lemos no REFORMADOR de 1-11-37, o médium Francisco Cândido Xavier nos transmite a palavra espiritual de Humberto de Campos tangendo o mesmo assunto:

«Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal... Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo!»

Suponho que todos os espiritistas brasileiros aceitam a tese espiritual da missão do Brasil, com função evangelizadora em todo o planeta. Há missões colectivas e há missões individuais. Tudo é dever e trabalho na vida. E o Brasil, pelo que nos tem dito o plano invisível, é a esperança do Céu para os séculos próximos. A Europa fria e analista vem se exaurindo, há muito, num racionalismo que não ama o semelhante nem respeita a vida. É a vez do Brasil, na experiência da confiança divina. Ele deverá ser o reduto da paz, da fraternidade, do amor e da compaixão.

HONRA AO BRASIL! Parece que ainda estou ouvindo! Honra, porque ele tem socorrido os órfãos, os perseguidos, os doentes, os deserdados, os pobres, numa compreensão objectiva de que Cristianismo é Amor, é Caridade, é Fraternidade!

Bem-aventurados serão todos aqueles que amarem a GRANDE SÍNTESE e honrarem o missionário que a recebeu na solidão, na incompreensão e no martírio!

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

ARISTÓTELES

por A. Cardoso

O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra.

Aristóteles

Quando Platão fundou a Academia e acorreram para o ouvir os mais variados pensadores daquela época, que ficavam extasiados com as eloquentes palavras do Mestre, entre os discípulos que mais se notabilizaram, conta-se Aristóteles que se havia de tornar mais tarde tão célebre como ele.

Nascido em Estagira, na Macedónia, em 384 A. C., apenas aos 15 anos começou a estudar retórica com o seu Mestre. Por morte deste (347 A. C.), abàndonou Atenas, visitando em seguida Lesbos e a Ásia Menor. Em 343, A. C., devido às suas relações com a corte do rei Filipe, este nomeia-o professor do seu filho Alexandre, que tinha nessa altura a idade de 14 anos. Aristóteles esforçou-se por ensinar o melhor que podia este seu discípulo, e tão bem se saiu, que Alexandre Magno nunca mais o abandonou, para que os seus triunfos fossem cada vez maiores.

Voltou novamente a Atenas (334 A. C.), onde fundou uma escola filosófica, anexa a um ginásio, mas com a morte de Alexandre mais uma vez abandona Atenas (a última!) acusado de delitos contra a religião.

Era senhor de uma grande tenacidade, de uma persistência invulgar, que aproveitava para enriquecer ao máximo as suas obras. Dizia: «Substitui pelo ócio e pelo vício que te fazem infeliz, o trabalho e as virtudes e serás venturoso, e não impetrarás ao céu que te liberte de males cujo remédio está nas tuas mãos». Dedicou-se aos mais variados ramos de actividade humana, deixando-nos obras de incalculável valor, no campo da biologia, fazendo um trabalho extraordinário para os fracos recursos daquele tempo, acerca da classificação dos animais. A filosofia, nos seus diversos ramos, mereceu-lhe no entanto, uma particular atenção.

Para Aristóteles, o *conhecimento* é a junção de conceitos para formar juizos, e depois na combinação desses mesmos juizos para constituir silogismo e demonstração. Portanto, o único problema a resolver era fazer uma separação perfeita entre os juizos «verdadeiros» e «falsos» — os primeiros por corresponderem a relações reais, os segundos por tal não se verificar. A precisão com que expõe os mais diversos tipos de silogismos é, na realidade, de uma perfeição extraordinária, a tal ponto que ainda são os empregados hoje, mas também não deixa de ser verdade que a sua influência para o desenvolvimento do pensamento, quer científico, quer filosófico, não tem sido tão grande como Aristóteles imaginava. Nas *Refutações Sofísticas* encontramos igualmente um ensaio perfeito para distinguir o pensamento verdadeiro do falso. Na sua *teoria do conhecimento*, inclina-se quer para a experiência, quer para o empirismo, mas isso não obsta a que, agarrando-se a certas crendices populares, faça afirmações que mais tarde se verificaram ser erradas. Sendo partidário do meio termo em tudo, daquilo a que chamava o *saudável senso comum*, não desprezou as crendices populares, e daí resultou serem falsas algumas das suas afirmações — esquecendo-se de que em Ciência não pode existir nem meio termo nem extremos — a Verdade só está num sítio, e o resto são puras especulações ou crendices que nada nos dizem. Seguindo este princípio afirmou que as andorinhas, o pardais e os corvos embranquecem com o frio, que o número de dentes do homem é superior ao da mulher, que a reprodução da perdiz é devida a um hábito proveniente do macho, etc., etc.

Sobre a *Natureza* escreveu quatro livros, dois sobre a corrupção e a geração, e mais quatro sobre História Natural e Meteorologia. Nesses livros encontram-se ensinamentos do mais alto interesse para aquela recuada época, a par de outros princípios falsos, sempre devido ao facto de Aristóteles ter pactuado com as superstições do seu tempo. Enquanto Demócrito e os restantes atomistas já tinham estabelecido a unidade da matéria, Aristóteles continuava sustentando que os elementos originários eram o fogo, a terra, o ar e a água, acrescentando-lhe o éter que dizia ocupar o «espaço superior do Céu» (!). Aristóteles sustenta igualmente que a terra é o centro do universo e que as estrelas são formadas de éter, clarificando os astros de «corpos divinos», movidos pelos «espiritos divinos».

No campo da lógica, deixou-nos vários escritos sob o título de *Organon*, que significa instrumento para conseguir o conhecimento da verdade. Começa com a doutrina das categorias (predicados mais gerais que podem ser atribuidos às coisas). Para ele existem as seguintes:

1.º Substância (por exemplo, macaco).
2.º Quantidade (que espaço ocupa?).
3. Qualidade? (qual a sua estrutura?).
4.º Relação? (a que coisa se poderá corresponder?).
5.º Lugar (em que local?).
6.º Tempo (em que altura?».
7.º Acção (por exemplo, ele matou).
8.º Paixão (por exemplo, ele é morto).
9.º Posição (por exemplo, está deitado).
10.º Estado (por exemplo, está vestido).

Aristóteles, como Platão, é deista e espiritualista, embora não tenha neste campo da metafísica ideias perfeitas como o seu Mestre. De facto, vimos já (v. número anterior de *Estudos Psíquicos*), que Platão admitia a doutrina da reencarnação, ao passo que Aristóteles não só não trata nos seus escritos deste assunto, como o seu espiritualismo é fortemente impregnado de panteismo. Define alma como «causa eficiente e princípio organizador do corpo vivente», mas só no homem é que admite a *alma racional* que entra como elemento di-

vino no indivíduo por meio do germe masculino... embora não possamos compreender muito bem porque é que isso não sucede também com os outros animais!!!

Apresenta as seguintes provas demonstrativas da existência de Deus:

1.ª A harmonia universal é inexplicável sem a existência de um ser superior que a possa reger.

2.ª Como a totalidade dos seres apresenta uma escala que vai do menos perfeito ao mais perfeito, deve existir como ponto final qualquer coisa que seja totalmente perfeito.

3.ª Toda a modificação, quer a encaremos do ponto de vista espiritual, quer do ponto de vista estrutural, tem uma causa, e como essa causa por sua vez terá de ter uma outra causa, formaríamos assim uma sucessão de causas cujo último termo seria a primeira causa, que teria a causa em si mesmo, que teria portanto em si a fonte de todo o conhecimento. Essa primeira causa é Deus.

É curioso notar que este filósofo nega a Deus qualquer actividade consciente do fim, e qualquer vontade, porque se assim não fosse, o facto de qualquer vontade ou de qualquer acção implicariam necessidade, carência, e esse Ser não poderia ser Deus, pois não seria perfeito. Pietro Ubaldi e outros pensadores modernos afirmam igualmente pelas mesmas razões de Aristóteles, que é um erro estarmos a atribuir predicados a Deus; na mesquinha ignorância e inferioridade da *existência* que vivemos, apenas podemos definir a *essência* deste modo: *Deus é.*

Por intermédio de S. Tomás de Aquino, as concepções metafísicas de Aristóteles exerceram grande influência na filosofia católica, e do mesmo modo que as universidades protestantes se serviram dela para a sua doutrina, até ser substituida no século dezoito pela de Wolf e Kant.

Um ano depois de Alexandre Magno ter desencarnado, e portanto passado um ano de Aristóteles ter abandonado Atenas, morreu, em Cálcis, na Eubeia. Com o seu desaparecimento da Terra, o mundo daquela época perdeu um dos mais gloriosos pensadores, que aliando a cultura à intuição, fizeram com que a sua vida e a sua obra ficassem marcadas a letras de ouro na história do mundo.

CORONEL FAURE DA ROSA

por AGNELO MORATO

A 8 de Novembro de 1950, em Lisboa, a admirável e histórica Capital da Gloriosa Lusitânia, desencarnou a figura expressiva de um grande batalhador da Doutrina Espírita. O Cel. Faure da Rosa foi nas lides espiritistas de Portugal, bem mais do que o entusiasmo constante pela acção de seu idealismo construtor.

Criatura decidida, sentiu bem cedo as verdades eternas e à sua defesa se entregou, sabendo que desse benefício viria a compensação maior — ser útil à família humana.

Foi presidente da Federação Espirita Portuguesa, posto que soube honrar com fibra e brio elevados.

Através da leitura da egrégia revista lusa ESTUDOS PSÍQUICOS, direcção do colega Isidoro Duarte Santos, ficamos conhecendo o valor de Faure Rosa. Articulista de pulso, cujos comentários sempre estavam na lógica e no conceito da razão esclarecida, dirigiu, também com brilhantismo, o MENSAGEIRO ESPIRITA, últimamente denominado REVISTA DE METAPSICOLOGIA, órgão oficial da Federação Espirita Portuguesa.

Houve sempre na vida desse incansável a acção que se define pela crença em que se comunga. Jamais tergiversou em seus princípios. Procedimento rectilíneo, tornou-se credor do respeito e admiração de seus pares. Talvez tenha sido por isso que, dado sua influência e zelo de virtude, chegou a fazer peso na balança dos valores, quando Portugal foi envolvido pela intransigência religiosa. Não fossem valores como os do Cel. Faure da Rosa, Isidoro Duarte Santos e outros nomes respeitáveis da sociedade portuguesa, e o Espiritismo, aí, de há muito, teria sido posto fora da Lei.

Esses abnegados servidores do Mestre tiveram sempre a coragem de defender os direitos da Doutrina Consoladora, porque ela representa a força mais viva do século na verdade mais palpitante que é a certeza da Justiça Eterna de Deus. Em face dessas enumerações, fácil será aos nossos confrades e companheiros do Brasil, avaliar o valor da personalidade que acaba de partir para a Pátria Espiritual. O Coronel Faure da Rosa, pelos méritos pessoais, pelo que alcançou em seus estudos constantes, pelos esforços despendidos para o alevantamento da moral da 3.ª REVELAÇÃO, num meio de intolerância e indiferentismo, tornou-se símbolo de trabalho e exemplo de tenacidade. Por todos esses títulos ele é, sem favor nenhum, dentro da expressão que representa, UM VULTO DO ESPIRITISMO PORTUGUÊS. Glória ao seu nome, luz ao seu espírito ora liberto para que continui a servir a causa do Cristo com a mesma liberdade de acção no plano onde estiver...

(Da «Nova Era», de Franca, Estado de S. Paulo)

ECOS DO ALÉM...

I

Em Janeiro de 1950 desencarnou a fundadora desta revista, Maria Gonçalves Duarte Santos. Semanas depois reuniam-se em minha casa cinco ou seis amigos e constituíamos o Grupo Espírita Maria Santos, que durante muito tempo funcionou com grande regularidade. Nesse ambiente fraternal se desenvolveu a minha faculdade intuitiva. Aí comecei a receber mensagens que prepararam a recepção de outras enfeixadas num livro inédito, intitulado «Páginas de Saudade». Esse livro será publicado a seu tempo; e a título de curiosidade informamos que foi recebido sem uma rasura, não obstante as suas quatrocentas páginas... Além disso, o estilo conciso, a objectividade da ideia, o poder de síntese que revela, são coisas que me espantam por colidirem com a minha forma de escrever.

No dia 7 de Maio entrou no Grupo uma senhora com belas faculdades mediúnicas que fazia parte de outro Grupo do mesmo nome, o qual trabalhava no Centro Espiritualista Luz e Amor. Já lhe conhecia as qualidades, já lhe tinha experimentado a clarividência, através de provas incontestáveis capazes de converter o mais incrédulo. A sua dedicação, o seu bom senso, a sua modéstia, tudo concorria para a harmonia de pensamentos indispensável à comunicação.

Trata-se de D. Maria Bacelar, um nome desconhecido nas fileiras, mas elemento de primeira ordem na investigação psíquica. Nela se reunem a intuição, a psicografia, a vidência, a incorporação, a psicometria, a clarividência, a clariaudiência e a autoscopia, além da faculdade curativa. Muitos indivíduos baseiam a sua convicção espírita nas provas reais fornecidas por esta senhora. Eu próprio sou testemunha do seu poder mediúnico e aqui estou para o afirmar. Quando recebia as «Páginas de Saudade», de Maria Gonçalves Duarte Santos, a que acima aludo, tive momentos de dúvida, apesar dos factos militarem contra o meu cepticismo injustificável. E quis controlar. Só com um vidente o podia fazer. Chamei então aquela senhora, que amàvelmente se prontificou a descrever o ambiente que me envolvia. Foi ela que revelou a origem de sensações que me traziam desconfiado, ligando-as ao espírito da autora, da verdadeira autora das Mensagens. Sem nada lhe dizer do que sentia, para que não houvesse efeito sugestivo, D. Maria Bacelar localizou a entidade precisamente no lugar onde eu notara a sensação.

Pois bem; desde o dia 7 de Maio, as sessões do Grupo Maria Santos tomaram um aspecto interessantíssimo. É sobre notas taquigráficas que vou dar uma ideia desse trabalho, omitindo, já se vê, os pontos mais importantes, por se referirem a coisas íntimas. Em todo o caso, espero que o assunto mereça a atenção dos leitores. O diálogo é simples, mas original. Ao mesmo tempo que formulava a pergunta, reduzia-a a escrito. E este processo tinha que ser muito rápido, a fim de não perturbar a sequência da comunição. Graças a Deus, consegui captar tudo com rigor. São essas notas que traslado para aqui, não só pelo cunho de veracidade que delas se desprende, mas também porque encerram lições que é bom aproveitar. Quem tiver lido o livro «Dois Mundos» ou as «Mensagens» publicadas nesta revista, fàcilmente notará a semelhança do estilo usado, através de dois veículos diferentes.

PRIMEIRA SESSÃO

17 de Maio de 1950

Médium — D. Maria Bacelar

Medium *(referindo-se a Maria Santos)* — Já ali está. Tem o cabelo frisado. Está com a mão direita sobre a cabeça do Isidoro e a esquerda na direcção da Gena. Diz: «Já cá estou».

— Podes comunicar pela Gena?

— Um dia hei-de poder falar. Gostaria que fosse aqui, que fosse por este *(refere-se à médium)*.

Médium — *Ela gostava muito da Gena. Viajaram alguma vez com uma santa? Ela chorou. Agora diz-me: «Foi uma criancice a consequência que previa. Onde estou não há espíritos vingativos. Perdoa para seres perdoado». (De facto, houve o caso de uma pequena imagem e ela chorou. Os pormenores dados pela médium são exactos).*

— Quem foi o primeiro que te assistiu no Além?

— João (refere-se a um tio que foi reitor da Universidade de Coimbra).

— Quem me dá as mensagens diárias?

— Eu. A obra há-de fazer-se. Tu a receberás. Há-de ser muito interessante.

— Semelhante a esta? (referia-me às «Páginas de Saudade»).

— Um pouco diferente. Interessará a todos. Aos simples e aos bons. Será ditada por mim. (Referia-se ao livro «Dois Mundos», iniciado em 1 de Junho seguinte). A obra actual serve para espalhar o bem. Mas algumas mensagens guarda-as para ti.

— Desejas colaborar na revista?

—Sim. Artigos e mensagens.

— Já te lembras dela? (A princípio não se lembrava).

A médium D. Maria Bacelar

— Às vezes, sinto o efeito dos artigos nos leitores. Sempre lá fica um pouco para meditar...

(Lembrei-me de fazer algumas perguntas).

— Podes ler papéis?

— Umas vezes, sim; outras vezes, não.

— Vês as flores, junto ao teu retrato?

— Sempre. E sinto-lhes o aroma. Também vejo a Gena.

— Estás contente com essa prova de carinho?

— Já a esperava dela.

— Porque levas tanto tempo a preparar-me para as Mensagens?

— Assim é preciso. Há coisas que não podemos explicar. Outras, que explicamos e não compreendeis. E muitas que só compreendereis quando cá estiverdes.

— Lembras-te da D. Isaura?

— Então não me havia de lembrar? Tantas tardes que passeámos juntas! Tantas conversas que tivemos!

(A médium ignorava inteiramente as relações entre D. Isaura e a entidade comunicante; por isso maior valor tem a verdade da informação).

— Lembras-te da última conversa que tiveste com aquela amiga?

— Acerca da minha doença? Foi uma conversa bem triste...

— Lembras-te do assunto?

— Não gosto de recordar.

— Queres transmitir-lhe alguma palavra?

— Não a esqueço.

— Lembras-te da conversa a respeito da «santa»?

— Que ela me castigava? Mas não me castigou.

— Queres que lhe fale nisso?

— Sim. Já a vi. Não é santa. É espírito de luz. Mais luz do que a nossa. Mais luz do que a dos «santos» que os padres fazem. Só Deus pode dar a luz que se merece.

(Na noite da desencarnação, Maria Santos teve uma conversa com a sua amiga D. Isaura acerca de uma pequena imagem de Santa Filomena que dias antes levara para a terra natal, a pedido de outra amiga. A resposta acima adapta-se rigorosamente à mencionada conversa).

— Mantens as tuas ideias terrenas?

— Mantenho e manterei. Com pequenas modificações. Simples modos de ver. Aí, julgamos que está bem o que não

O Alvo da Vida

POR

ANTÓNIO MARTINS

Para a maioria dos habitantes do nosso planeta a vida resume-se ao espaço de tempo que decorre entre o nosso aparecimento na terra e a chamada morte que lhe põe termo.

Concepção errada, embora aparentemente assim pareça ser. O erro, ou melhor, a incompreensão das causas que estão na origem deste sempre momentoso problema provém do desconhecimento de uns, das conveniências sociais de outros e do completo desprezo da maioria em face de uma questão de tão transcendente importância para o futuro do homem. Procura-se viver a vida «au jour le jour» sem reparar que o que o nosso orgão visual alcança é apenas uma faceta de um programa de vasta extensão que Deus traçou com mão segura para arrancar o homem às baixas camadas da matéria e conduzi-lo aos páramos da espiritualidade.

A vida vem de longe, da inconsciência, correndo para o consciente a caminho da divinização. É o labor sem fim da Natureza Criadora, modelando, cinzelando e concretizando a vida através de estados que vão do mineral ao gasoso, ao vegetal, ao animal, ao humano, ao divino. Atingido o humano é ao homem, ser consciente, que compete apressar a chegada ao último estado. É o alvo da vida. É o alvo nobre e alevantado que se oferece a todo o homem ávido de ciência e de progresso. Que lutas, que desenganos, que tremenda batalha de todas as horas e de todos os instantes não trava ele através de obstáculos sem fim para o alcançar? A vida na terra é feita de tristeza e lágrimas de martírio e sofrimento, mas também de alegria e esperança quando tem a animá-la aquela chama ardente da fé que vence a própria morte.

A vida de aquele que deu ao mundo, de Belém a Jerusalém, das humildes palhinhas ao madeiro do Calvário o mais sublime exemplo de humildade e renúncia, de amor e de perdão, lá estava a alimentar essa flama, transformando em certeza as dúvidas que até então planavam sobre a vida eterna.

A moral, a vida nobre e digna, o desprezo por tudo o que é falaz e passageiro, o amor ao próximo e os sentimentos de verdadeiro altruismo, aí está a vida que merece ser vivida, a única capaz de conduzir à suprema e eterna felicidade.

Homem, meu irmão! Deixa para trás as coisas deste mundo. Pertencem-lhe e não as levarás contigo. Só o prémio das boas acções te acompanhará e te poderá abrir as portas da bem-aventurança. Da vida do Grande Crucificado, da tua moral e da tua doutrina faz o alvo supremo da tua vida e com a certeza da vida eterna para sempre te libertarás da tenebrosa lei da morte.

Abril de 1951.

---

está. O mal não está tanto onde parece. É difícil de compreender. Às vezes erramos...

— Estás pesarosa de certos actos?

— Talvez. Mas com boa intenção.

— Tua mãe e teu pai?...

— Tenho muita saudade.

— Não lhes poderás dar sinais da tua existência?

— Têm dificuldade de receber. Já experimentei. Não têm condições para isso.

— Sofreste muito com o trespasse?

— Um pouco. Não queria morrer. Chorei muito no último dia. Fui amparada por João e por outros, sem consciência do que se passava... como que tonta...

— Tenho ainda apreensões...

— Eu estou calma. Tu, não.

— Poderei receber mais ràpidamente?

— Por enquanto, não. De vagar se vai ao longe. Já tens algum bem.

— Mais do que julgava.

— Nunca esperaste.

— Posso fazer experiências com a bola de cristal?

— Sim.

— Estarás presente?

— Estou sempre. Farei a diligência para que me vejas. Só se não puder.

— Tens consciência do dia e da noite?

— É noite. Está a luz acesa. O meu candeeiro de trabalho!

— E a cadeira onde te sentavas?

— Era bem cómoda!

— Não mais te sentaste nela...

— Quem diz isso?

— Já adivinhava a tua resposta. Agora sento-me lá.

— Agora cabemos lá os dois. Acomodo-me bem em qualquer lado. Onde não cabiam dois corpos cabem dois espíritos.

— Sinto-te muitas vezes.

— Faço-me sentir. Mal de ti se não me sentisses. Terias grande desgosto.

— Antes disso andava abatido.

— Mas eu ergui-te de um dia para o outro. Dei-te a mão e levantei-te.

— Tive consciência desse milagre.

— Graças a Deus!

— Foram as tuas mensagens.

— Chegaram a tempo.

— O seu fim...

— Foi conseguido.

— Agradeço-te muito. As minhas dúvidas desapareceram.

— Só me dás muita alegria e muita calma.

(A médium nunca convivera com a entidade. Apenas a vira duas vezes num grupo de que ambas faziam parte).

I. D. S.

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Por F. NORONHA

Há frases de radiação axiomática, que importam ao espírito como o pão para a boca à matéria viva humana e a luz para o aparelho visual do ser.

Dividir aproxima-se de enfraquecer. Poderão certas operações de modalidade científica experimental exigir provas e contraprovas, decomposições necessárias para fins de utilidade prática e averiguações de acção e reacção concomitantes; e, assim, é claro, que tornando-se imperativa a análise pormenorizada, que inclui a trama elementar constituida ou a rede formativa essencial, impõe-se o exame e conhecimento do todo e de cada uma das suas partes.

Mas, se depois abstrairmos do seu estado anterior, abandonando-as dispersas ou mesmo desprezando-as completamente, que valor de aplicação representam, desagregadas e isoladas?

É isto que ocorre com as federações, com as associações, com os centros organizados, com os grupos reunidos com estatuto, quando falece a coesão e a disciplina essenciais às suas respectivas finalidades.

As deserções quebrantam os ideais e anulam as bases fundamentais inutilizando planos e conspurcando princípios, reduzidos a inexequibilidade. A natureza e carácter do Espiritismo são de tal ordem e de tal elevação, que não se compreendem nem vingam sem ânimo assente e consciência firme ou íntegro propósito de causa e efeito.

Neste sentido, o Brasil é o país da Terra que melhor interpreta a ciência espirita; traduzindo-a, amplìssimamente, em expressões realíssimas de evidência inesgotável.

Alude às numerosas instituições de benemerência que esmaltam a sociedade espirita do outro lado do Atlântico e principalmente à sua Caridade, verdadeiramente excelsa.

Conjugam-se os nossos irmãos daquele hemisfério grandioso neste conceito sublime de um dos capítulos da irrivalizável elaboração que se chama *Da Imitação de Cristo:*

> «Bem faz quem serve mais à comunidade que à sua vontade».

E não será este mesmo conceito a preciosa norma reguladora de cada espirita em relação a todos os seus pares? Não equivaleria ao «um por todos e todos e por um?».

Tão perfeito conceito, de elegância ética e psíquica, tal conselho luminoso e inequívoco, está enlaçando dia a dia a população brasileira, que crê na imortalidade da alma e no Além inefável, congregando-a, intensa e extensamente, no em espírito e em verdade, que exalçam e enobrecem e não na letra que mente, deslustra e mata. Essa população, de que fazem parte cientistas de todas as categorias e de todas as posições atinge milhões de almas alastrando constantemente. Certamente, este fenómeno feraz não seria registável, com tanto brilho e significado, se faltasse o nexo ou traço unitivo, que faz a força entre os homens e até entre irracionais.

A união faz a força, vitaliza, canta vitória em toda a parte onde sobressai o bom senso e a sensatez predomina.

Sabemos todos que não há efeito sem causa e que iluminada esta cessa aquele. Se não houver união nos membros de uma família, no seio de uma colectividade, de uma comissão dirigente, de um organismo de ordem, etc., o que resulta que não seja destemperado, caótico, nocivo, debaixo de todos os pontos de vista?

O Espiritismo mais do que todas as instituições existentes, carece de manter-se numa linha impecável de equilíbrio, de estudo de correlação, dentro e fora do seu âmbito que inspire confiança, respeito e até aplauso de indivíduos e de multidões.

Ele deve por todos os modos, ao seu alcance, converter-se em espelho de si mesmo e atrair, como sugestiva exemplificação de cordura, tolerância e afectuosidade recíprocas, a simpatia pública em geral. Corre, com foros de prolóquio, este dito acertado: «não há homem sem homem». Tudo e todos vivemos em dependência, directa ou indirecta.

Independente, absoluto, infinito, só Deus, causa das causas, acto eterno, supremo julgador infalível. Importa, logo, ao Espiritismo que adora a Deus e o invoca em sua prece cotidiana haver-se neste meio de concorrência e publicidade, não com anseio de fuga ou sobranceria irritante, mas com semblante de missionário e com apostolado e afago docentes. Vem a pêlo, nesta altura, por cabimento lógico e congruência manifesta, reproduzir a segunda frase do título que cobre as presentes considerações. Com efeito: «Contra factos não colhm argumentos».

Portugal, o heróico propugnador da sua carreira ingentíssima, que teve como a Grécia, a Itália, a França e a Inglaterra cantores imperecíveis das suas glórias, Portugal tem que contar também no seu activo metapsíquico obreiros identificados com a sua esfera de acção honesta e clarificante, honrada sobremodo por figuras de projecção mundial, encarnadas e desencarnadas, e por um orgão que se destaca sem melindre para quem quer que seja, entre as mais autorizadas publicações da especialidade.

Ainda, recentemente, se prestaram homenagens condignas a dois vultos de prestância inolvidável no campo espirita nacional, cujos nomes prestigiosos transpuseram, há muito, as fronteiras de terra e mar e continuarão a emitir em nossas almas fluidos de presença dilecta, das regiões depuradoras da paz perpétua e das bençãos divinas. Estais, leitores queridos, pronunciando comigo esses nomes inconfudíveis, que não se extinguem no tempo nem se apagam em nosso afecto: D. Maria Gonçalves Duarte Santos e o coronel Faure da Rosa.

Partiram para os páramos do Empíreo, libertos do planeta atrasado e aptos para ajudarem e ampararem do Além os entes em provação e os espíritos já evolvidos.

D. Maria tem dado testemunho eloquente. O coronel não tardará por certo.

A união faz a força. Contra factos não colhem argumentos.

Não haja veleidades, nem pruridos deletérios. Constância e firmeza. Paz e fraternidade.

Compromissos Sagrados

Por CYRILLO ALEIXO

Será possível estabelecerem-se quaisquer normas, pelas quais cada um de nós possa regular o seu porte neste orbe terráqueo, de forma que a vida se desenrole dentro do âmbito para que foi criada.

— Para que foi criada?! Para ser gozada o melhor possível, com um mínimo de sofrimentos, ou melhor ainda, com a sua completa ausência — dirão os senhores materialistas, aqueles para quem a única realidade admitida é a testemunhada pelos seus modestos e limitados sentidos.

Não se destinam porém estas linhas a esses infelizes companheiros desta jornada ascencional, empreendida desde tempos imemoriais pelo nosso espírito, mas àqueles que, sentindo-se asfixiar nos estreitos limites das concepções materialistas, ensaiam o voo para cindir o éter infinito, em busca de novos horizontes, ávidos da verdade absoluta, que, por pairar muito acima do acanhado âmbito das percepções humanas, só pode ser usufruída mediante depuração espiritual.

Será fruto do acaso a nossa vinda ao mundo, ou estará subordinada a determinadas circunstâncias, de acordo com um plano prèviamente estabelecido?

Não passando o acaso de simples ficção, tudo no Universo é regido pela grandiosa lei de causa e efeito. Não é, portanto, fortuitamente que ingressamos no reino do sofrimento, mas em obediência a certas directrizes, impostas pelo Alto, visando ùnicamente o nosso progresso anímico.

A nossa vinda a este ou a outro planeta é regulada pela lei de causalidade, cujas raizes vão mergulhar nas nossas vidas transactas, dando lugar a uma sucessão de existências solidárias entre si, num conjunto harmonioso, em que todos os acontecimentos se entrelaçam sem solução de continuidade, mostrando através das nossas quedas e ascenções, o supremo fim por que lutamos: o aprimoramento do nosso espírito.

E assim, cada existência é ao mesmo tempo uma colheita e uma sementeira: Colhemos o que semeámos nas vidas pretéritas e vamos lançando os fundamentos das colheitas futuras.

Em face desta ilação, devemos ser muito comedidos durante os estágios planetários, procurando evitar tudo que nos possa obrigar a colheitas desastrosas, revestindo-nos de paciência para suportar os reveses oriundos das sementeiras anteriores.

Que diriamos nós de um lavrador que, tendo à disposição boa e má semente, se lamentasse de uma colheita ordinária, devido à má escolha feita e de que só ele era o único responsável?

Que direito nos assiste de nos revoltarmos contra o destino quando nos sentimos vergastados pelos golpes da adversidade, se tendo o livre arbítrio ao nosso dispor, fizemos por merecer as consequências?

Que isso nos sirva ao menos de lição, procurando actuar cautelosamente em todas as circunstâncias da vida, para não voltarmos a sofrer os amargores de um procedimento desvairado.

O conhecimento destas verdades apetrecha-nos admiràvelmente para a luta encetada desde o instante em que voltámos ao tablado da vida, dando-nos a coragem necessária para enfrentar os obstáculos.

Como a uma pessoa a quem se confiassem certos trabalhos e responsabilidades, são-nos, tambem, confiados, no Além, determinados encargos e tarefas, no momento das nossas viagens planetárias, tarefas e encargos esses que devemos cumprir inteiramente, de contrário, o sacrifício da viagem não preencherá o seu fim e terá de ser renovado, no todo ou em parte.

Antes de reencarnar, é-nos dado saber o género de provas e de expiações que nos aguardam. O destino nos é patenteado em em suas linhas gerais, sendo-nos dado conhecer os principais acontecimentos por que temos de passar, sem que com isso o livre-arbítrio se sinta prejudicado. «Já trazemos então o destino marcado quando nascemos?». Mais ou menos, diremos, mas isso não implica fatalismo, nem nos isenta de qualquer responsabilidade.

Se somos livres na escolha das acções, outro tanto não podemos dizer quanto às suas consequências, que estão subordinadas a leis cósmicas e a elas nos temos de submeter, sem haver nisso qualquer violação ao livre-arbítrio.

Uma vez baixados à carne, os compromissos assumidos no além mantêm-se latentes, aguardando as oportunidades para se efectivarem, que o destino se encarregará de trazer ao tablado da nossa existência e, entretanto, sob o impulso dos instintos animais, somos levados a procurar tudo o que seja susceptível de nos proporcionar qualquer prazer, fugindo automàticamente do que esteja em antagonismo com esse ponto de vista.

Mas as tarefas e os encargos aceites antes da nossa vinda aqui, fazem entrar em acção essa grande mestra que é a dor, destinada a abrir-nos lentamente os olhos às realidades espirituais, contra a qual instintivamente nos revoltamos e a todo o custo procuramos fugir-lhe, quando o nosso dever é aceitá-la com calma, paciência e resignação.

A vida não pode, pois, decorrer segundo os desejos ditados pela nossa obtusa mente instintiva, pelo que devemos assistir pela vida fora, com prudência e serenidade, ao desenrolar dos acontecimentos, combinados com toda a maestria, para nos elevarmos gradualmente acima da nossa precária natureza.

Encarada assim a vida, o sofrimento deixa de ser o constante pesadelo desta agitada humanidade, que baldadamente tem gasto o tempo em busca daquela ventura que só pode ser alcançada depois de nos termos purificado suficientemente, através de múltiplas existências, nos seminários de Deus, esses inúmeros planetas, disseminados na amplidão sem fim.

Sem dúvida que a dor não pode ser aceite de bom grado, mas depois de reconhecermos o seu papel de medianeira no advento da felicidade por que tanto suspiramos, acabamos por abençoá-la, como um enfermo abençoa a droga curadora embora lhe custe ingeri-la.

Deixemos que os acontecimentos se desenrolem com naturalidade e nos proporcionem as oportunidades de provarmos a firmeza das resoluções tomadas no momento solene do nosso ingresso neste cadinho purificador, lutando corajosamente na remoção dos obstáculos erguidos àquele supremo desiderato.

Quantas vezes a ignorância nos leva a procurar a felicidade em coisas que, brigando com os santos compromissos contraídos no limiar da vida carnal, acabam por transformar-se em simples miragens, em ilusões perdidas, em sonhos desfeitos!...

Como é doloroso assistir-se ao desmoronamento dos castelos de ilusões, erguidos dia a dia com todo a carinho e em que depositávamos as nossas esperanças!

Mas a realidade é outra e os encargos tomados, quando nobremente cumpridos, hão-de fatalmente conduzir-nos a castelos mais belos, sòlidamente erguidos sobre bases inabaláveis, onde uma ventura real será o prémio dos que vencerem.

A ânsia de felicidade é bem legítima, mas primeiramente teremos de abandonar as escórias que encobrem a centelha divina e impedem que os raios sagrados do amor, da humildade, do Altruismo, da sabedoria, de todas as virtudes, enfim, brilhem com seu verdadeiro esplendor.

E nós outros, levianos e insensatos, em quem perdura a ilusão de que o alvo supremo da vida consiste na fruição dos gozos materiais, vede como é erróneo o vosso conceito de que o melhor que se leva deste mundo é o que se come, o que se bebe e o que se goza!

A dor encarregar-se-à de vos abrir os olhos e de vos mostrar que o melhor proveito a tirar da existência consiste na obtenção de uma consciência tranquila, baseada no cumprimento do plano estabelecido no Além e numa boa sementeira, capaz de nos assegurar dias mais felizes nas reencarnações vindouras.

A finalidade da vida não pode ser outra, pelo que não devemos invejar beleza, riqueza, saúde, poderio, seja o que for. A vida de cada um é traçada de acordo com suas necessidades evolutivas mais prementes condicionadas nos limites do seu Carma e se não nos proporciona um ou mais daqueles bens é porque o facto não interessa ao nosso caso.

"DOIS MUNDOS" E A CRÍTICA

Estudos Psíquicos Editora, *de Lisboa, acaba de publicar o livro «Dois Mundos», de Isidoro Duarte Santos, que se compõe de uma série de narrações ditadas do Além por esse espírito singular, exemplo de virtudes essenciais que foi D. Maria Gonçalves Duarte Santos, conhecida na «palestra» como LIA.*

Esta primeira edição de um livro bem apresentado de duzentas e oitenta páginas que englobam 54 exposições acerca de diversas questões sempre interessantes, é uma suma e síntese de doutrina. Desde as razões que se dão sobre os caminhos da vida até às considerações sobre o Bem e o Mal, o mundo mental, a atracção e a repulsão, o caminho do trabalho ou a questão do tempo e a ideia, as comunicações, determinativa deste intercâmbio do mundo com os humanos, tudo atrai com a limpidez do estilo, a claridade elementar dos conceitos, a diafaneidade dos sentimentos expostos. Neste particular são verdadeiras lições as advertências que a entidade derramou para nos falar das uniões terrenas, ou do problema do passado, do moral e o temporal e, finalmente, das fases da evolução, do orgulho do homem e dos ataques espirituais.

Duarte Santos, o culto director dessa revista exemplar que é Estudos Psíquicos, *manifesta, no começo da explicação a respeito do nascimento da obra, que é a primeira vez que subscreve um livro que lhe não pertence. Exorna, efectivamente, o volume, uma foto magnífica de D. Maria, a autora «post-mortem» que retoma pùblicamente o caminho apenas interrompido pelo seu falecimento físico, mas demonstrando que no Além as inquietudes que nos caracterizaram na vida podem contornar — e contornam de verdade — a individualidade verdadeira, agora liberta da personalidade que revestira na terra: a noção de servir e a responsabilidade do bem como única noção atendível pela insaciável sede de progresso infinito que caracteriza as almas que evolucionam sempre ao sabor de suas aspirações divinas.*

Utilizado Isidoro Duarte Santos como simples instrumento passivo da força inteligente de D. Maria, «Dois Mundos» constitui, dentro da bibliografia espirita, cada dia mais densa em língua portuguesa, em quantidade e qualidade, constitui — repetimos — um testemunho construtivo de leitura ímpar, de fonte viva de doutrina serena, de afã estimulante.

Recomendamos vivamente a leitura e, mais ainda, a meditação de cada capítulo deste livro, pois cada um é uma lição da experiência, da felicidade espiritual e da salubridade de corpo e alma.

Agradecemos, finalmente, a fina dedicatória e o conceito em que é tida Constância, *digamos assim, pelo autor material deste livro raramente feliz e belo.* — L. P.

(Da revista «Constância», de Buenos Aires)

A REENCARNAÇÃO

III

A Reencarnação e o Karma, disse um Mestre, são as doutrinas de que o Ocidente mais precisa.

Os ciclos que se reproduzem na história, assinalam a reencarnação de um grande número de pessoas, por assim dizer em bloco.

Encontramos no fim de períodos de 1500 anos a reaparição de tipos de inteligência e de carácter que marcaram o começo desses períodos. Fixem esta ideia na mente, comparem o período de Augusto, na história romana, com o ciclo de Elisabeth, na história de Inglaterra. Comparem o tipo conquistador e colonizador dos romanos, que ergueram impérios como o dos ingleses. Comparem a corrente do pensamento religioso no 3.º e 4.º século com a dos séculos dezoito e dezanove, e vejam se não lhes é fácil encontrar, nos nossos dias, a prevalência do pensamento místico e gnóstico, e vestígios de uma reprodução do fim do IV século. Depois de se ter seguido por algum tempo esta série de estudos, compreender-se-á então que a afirmação espiritualista da existência de um período médio de 15 séculos entre as encarnações não é uma simples fantasia ou hipótese (1).

As poucas excepções a este período médio são as seguintes: Os suicidas, as vítimas de morte violenta, os Adeptos e os Mestres, as mortes na infância, e a Reencarnação do duplo entre os Egípcios.

Em todos os casos citados a reencarnação é muito antecipada, menos no último caso, em que é muito retardada.

Esta reencarnação anormal existiu na Terra durante vários séculos. Sobre este Mistério há pouco conhecimento, mas é necessário dizer alguma coisa.

Os Egípcios, cujo grande valor ainda hoje ignoramos, quiseram lutar face a face contra as mais terríveis forças da natureza, forçaram o polo magnético terrestre a ficar no Egito durante mais de 55 séculos, em vez de século e meio, que é o tempo normal da duração deste polo.

Lutaram também contra a lei da Reencarnação, que conheciam muito bem. Para isso os Egípcios imobilizavam as células do corpo físico pela mumificação, encantavam o astral, a que chamavam o duplo, com o auxílio de cerimónias que precediam a introdução da múmia no seu túmulo; por este encantamento, prendiam o duplo à múmia, impediam uma parte da evolução astral, e, por conseguinte, parte da evolução espiritual. O espírito realizava no plano divino uma série de funções que normalmente devia realizar participava da natureza divina, porém a reencarnação era adiada por muito tempo.

As cidades de túmulos eram realmente habitadas por entes astrais e esta existência astral importava muito mais ao Egípcio do que a sua existência física.

Os encantos mágicos tinham tornado positivos os alimentos e os servidores figurados no túmulo e assim se resolvia a luta consciente do homem contra os decretos divinos. É o que poderíamos chamar a *reencarnação forçada*, caso especial da reencarnação anormal.

O sucesso desta operação dependia de um conjunto de circunstâncias que raras vezes se realizavam, pelo que se podia dizer sem receio que não obstante toda a sua ciência e a sua magia, os Egípcios só eram bem sucedidos no encantamento verdadeiro do duplo uma vez em cada mil, o que contudo é já muito.

Há muitas mais provas da existência da reencarnação.

Com a reencarnação. o homem é um ser nobre imortal, evoluindo diàriamente para um fim divinamente glorioso. Sem ela é apenas um pedaço de palha, arrastado pela corrente das circunstâncias, irresponsável pelo seu carácter, pelas suas acções, pelo seu destino. Com ela pode encarar o futuro, cheio de prometedoras esperanças, por mais humilde que seja hoje o seu lugar na evolução; porque esta é a escada que conduz à divindade, e a conquista da verdade é apenas uma questão de tempo.

BENEFÍCIOS DA REENCARNAÇÃO

A reencarnação era um dos ensinamentos secretos em todos os templos da Antiguidade.

Fazia parte da Iniciação dos Mistérios Maiores no Antigo Egito, e passou a todas as religiões esotéricas. Todos os autores clássicos a citam. A ideia da reencarnação é uma das noções basilares do budismo; penetrou em quase todo o Oriente e é um factor secreto da valentia do soldado japonez, como será amanhã um factor importante no fanatismo do soldado chinez, quando invadir a Europa, trazido conscientemente pela Rússia, como o disse Nostradamus há muito e hoje se entrevê com facilidade. Se alguém morre com bravura pela colectividade, este sacrifício é imediatamente pago por uma reencarnação num plano social superior. O japonês que morria pelo seu imperador e sua pátria, se fosse um operário ou trabalhador obscuro, sabia que voltaria rico, nobre e titulado. Resulta daí que o homem de classe inferior não inveja o de classe superior, nos países em que a ideia da reencarnação se tornou popular. O pobre sabe que paga sua vida anterior e que o rico recebeu a perigosa recompensa dos seus sofrimentos de outrora. Por isso o soldado japonês corre para a morte com embriaguez, ao passo que o europeu necessita concentração especial da vontade para morrer valentemente na guerra.

É uma questão psicológica racial, mas insistiremos sobre o valor desta noção nos cérebros orientais.

Buda prestou um grande serviço à humanidade propagando esta doutrina. Podemos dizer que a reencarnação foi o farol luminoso de toda a Antiguidade e nunca se perdeu em qualquer religião, e hoje esta ideia reaparece defendida pelas Escolas Espiritualistas.

Deriva da tradição cabalística, originária do Egito e trazida até nós pelos Pitagóricos e Neoplatónicos, e da tradição oriental transmitida por Buda e também

---

Nota da redacção — Tal afirmação nunca a fez o Espiritismo. Publicamo-la como prova de isenção, demonstrando que esta revista é campo aberto a opiniões que às vezes colidem com a nossa maneira de ver.

da revelação moderna do Espiritismo.

Blavatsky e a Teosofia, Hipolyte Rivail, mais conhecido pelo pseudónimo de Allan Kardec e o Espiritismo, os Rosacruzes, o Esoterismo, a Teurgia e outras Escolas Espiritualistas, prestaram um grande serviço à humanidade vulgarizando a reencarnação, doutrina que muito tem contribuido para impedir os suicídios e fortalecer os ânimos, tirar o espírito de revolta e de blasfémia, e é um elemento regenerador de grande valia, o maior que conhecemos, pelo que devemos estar agradecidos a esses seres por terem espalhado tão preciosas doutrinas.

Aquele que não admite a reencarnação, revolta-se perante as desigualdades sociais, físicas e mentais, e blasfema, dizendo que bem, dirão alguns, mas alegria? Alegria, sim, porque é com alegria que se paga uma dívida e nos libertamos dela.

Todos os que conhecem a reencarnação, podem dizer como S. Paulo: «Ó Morte, onde está o teu terror? Ó Morte, onde está o teu aguilhão?».

A reencarnação transforma o lendário espectro da morte com uma foice, num Anjo Luminoso com uma chave de ouro que nos abre a porta dos Mundos Superiores. Tira-nos o medo de morrermos, causa de tantos sofrimentos e perturbações depois da morte.

O ouro espiritual tem esta grande diferença do ouro material que pode ser largamente distribuído, tanto aos pobres como aos ricos, sem mudar as suas condições sociais; a pequena ideia emprestavam dinheiro em troca de concessões depois da morte. Só crê verdadeiramente na Lei da reencarnação quem modifica o seu procedimento e harmoniza a sua vida de acordo com essa Lei Divina.

A característica do verdadeiro crente na reencarnação é a modificação total do seu carácter; portanto, como verdadeiros crentes que somos na reencarnação, aperfeiçoemo-nos cada vez mais, e assim teremos cumprido o objectivo dos Sublimes Ideais Espiritualistas que seguimos e só assim provaremos que somos Espiritualistas dignos desse nome.

O valor de uma doutrina mede-se pela modificação benéfica que produz no nosso carácter. Aquele que tomou conhecimento da Lei da reencarnação e não aproveita a oportunidade que esse

POR ANGELO DA COSTA CABRAL

DEUS tem filhos e enteados, que a uns dá saúde, beleza, riqueza e inteligência e a outros não. Porque é que um há-de nascer são, belo e inteligente e outro feio, doente, aleijado e estúpido? Fulano não é melhor do que eu que nada tenho! Sem a reencarnação, o homem é irresponsável e Deus injusto. Esta doutrina torna-nos responsáveis pelo nosso presente, e diz-nos que ele é a consequência de actos praticados no passado, em vidas anteriores. Sabemos assim que somos os causadores das nossas infelicidades presentes, pelo que não temos que nos revoltar nem contra a sociedade, nem contra DEUS, o que seria uma blasfêmia, mas sabemos que estamos resgatando o nosso passado, e portanto sabemos que é justo tudo o que passamos. Suportemos, portanto, os nossos sofrimentos com serenidade e alegria. Serenidade está aumenta e multiplica-se à medida que penetra num número maior de cérebros; o montão de ouro diminui à medida que passa um maior número de mãos.

É esta a lei dos dois J. C.: Júlio César para o montão de ouro e Jesus Cristo para a ideia emancipadora. A Doutrina da reencarnação é uma das chaves áureas do mundo espiritual.

VERDADEIRA CRENÇA NA REENCARNAÇÃO

Esta Lei é a base essencial do Espiritismo e de todas as Escolas Espiritualistas.

Muitos supõem que crêem nela apenas por a terem achado lógica e justa; mas se não se regenerarem, têm dela apenas uma concepção intelectual. Na antiga Roma alguns crentes na reencarnação perdoavam as dívidas e conhecimento lhe dá para se aperfeiçoar, perdeu em vez de ganhar, porque criou responsabilidades e não tirou os benefícios que elas lhe podiam dar. A quem muito foi dado, muito será pedido; assim, quando mais conhecimento tivermos, mais responsabilidades teremos. Quem conhece a Lei tem muito mais responsabilidade do que quem a não conhece; portanto, nós, os espiritualistas, temos maiores responsabilidades do que os profanos.

Quereis não sofrer? Não façais sofrer pessoa nem ser algum. Quereis ser felizes? Fazeis felizes os outros e praticai o Bem, servi desinteressadamente a humanidade.

Bendita seja a Sublime Lei da reencarnação, que, como nenhuma outra, contribui para a Regeneração da Humanidade!

FIM

AS NOSSAS EDIÇÕES

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos*.

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção.

Brochado	32$00
Encadernado	44$00

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos*.

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra extraordinária lança poderosa luz sobre a morte e o Além.

Brochado	30$00
Encadernado	40$00

A SERPENTE

Transcreve-se um capítulo d
MUNDO" psicografad

Esta noite quero falar-lhe acerca da eternidade. Antes de vir para este mundo tentei solucionar esse problema. Só pensava em prazos de meses, anos e séculos; agora antevejo toda a vestidão do círculo. As entradas e saídas que se dão na matéria constituem simplesmente o sistema de sístole e diástole do coração do Ego. E se as examinarmos do ponto de vista da eternidade terão relativamente a mesma brevidade. O período de uma vida ocupa um largo espaço de tempo. Também tive essa ilusão, mas agora vejo tudo de outro modo.

Há pessoas que dizem constantemente: «Se pudesse reviver a minha vida, faria isto, aquilo, aqueloutro». Ora, como se sabe, nenhum pode reviver a sua vida, assim como tampouco o coração pode voltar atrás e repetir as mesmas pulsações; agora, o que o homem pode e deve é preparar-se para a sua próxima vida.

Suponha que a sua vida falhou por completo. É o que acontece à maior parte dos homens, se examinarmos a vida deles sob o ponto de vista do ideal nobre e elevado que haviam formado; porém, todo o homem que pensa deve ter assimilado alguma experiência que levará consigo para o outro mundo. É possível que se não recorde, ao regressar novamente à luz de outra vida terrena, dos detalhes da sua vida precedente, das experiências nela contidas, embora haja homens que conseguem avivar essas recordações, à força de treino e de vontade concentrada; mas as tendências de certa vida, os impulsos e os desejos inexplicáveis acompanham-nos geralmente sempre.

Devem-se desabituar mentalmente de considerar a vida presente a única que existe, devem-se libertar da opinião preconcebida erradamente acerca da existência que os espera neste mundo depois da morte, existência que julgam ser infinita, num único estado permanente. Uma existência infinita, ilimitada, na matéria subtil deste mundo íntimo, tornar-se-lhes-ia tão insuportável, como uma vida eterna na matéria grosseira que agora os envolve. Enfastiar-se-iam. Não poderiam suportar semelhante estado de coisas.

Faça o possível por compreender e adoptar esta ideia do ritmo. Todos os seres estão sujeitos à lei do ritmo, mesmo os deuses — mas estes sentem a sua sujeição de maneira mais vasta, com períodos mais longos de fluxo e refluxo.

Eu não queria deixar a terra, lutei desesperadamente até à última. Agora reconheço que a minha partida era inevitável por causa das condições em que me encontrava. Quem sabe, se eu tivesse principiado mais cedo a abastecer o meu batel, talvez a viagem tivesse sido mais longa; assim fui obrigado a procurar o porto de salvação, quando já não tinha pão, nem água.

Muitas pessoas protestam contra a ideia de que a vida depois da morte não é eterna; idealizaram uma espécie de encadeamento infinito nos reinos espirituais e sofrem uma decepção quando lhes dizem que não é assim. Contudo, entre esses que protestam, poucos sabem, mesmo vagamente, a significação dos reinos espirituais de que tanto falam.

Todas as almas podem aspirar à vida eterna, não há dúvida nenhuma a esse respeito; o que não é possível é continuar a andar sempre na mesma direcção. A evolução forma uma curva. A eternidade é um círculo, uma serpente que devora a própria cauda. Enquanto não condescenderem em entrar na matéria grosseira e sair dela de bom grado, não aprenderão a ultrapassar a matéria. Há pessoas que, de moto próprio, podem permanecer cá dentro ou lá fora o tempo que desejam, falando, é claro, de modo relativo; porém, esses nunca evitam qualquer das formas de vida.

Eu costumava evitar o fenómeno a que chamo morte. Há almas aqui que fogem ao que *eles* chamam morte. Sabem o que elas denominam morte? O renascimento no mundo. É assim mesmo.

Também aqui há muita gente que vive na mais absoluta ignorância do ritmo, como acontece à maior parte dos habitantes da terra. Tenho encontrado homens e mulheres que nem ao menos sabiam que teriam de voltar novamente à terra e que falavam da «grande mudança», como os homens na terra falam de morrer, dizendo, para cúmulo de ignorância, que «não existem provas do que há além-túmulo e que nunca existirão». Seria trágico, se não fosse absurdo.

DA ETERNIDADE

livro "CARTAS DO OUTRO

por ELSA BARKER

Quando percebi que ia morrer, resolvi ir acompanhado da memória, da filosofia e da razão.

Vou agora dizer-lhe uma coisa que vai talvez surpreendê-la. Há um homem que escreveu um livro denominado. «A Lei dos Fenómenos Psíquicos»; nesse livro vêm considerações acerca dessas duas partes do espírito a que ele chamou parte subjectiva e parte objectiva. Dizia ele que o espírito subjectivo é incapaz de raciocínio indutivo, que o espírito subjectivo aceitaria qualquer premissa apresentada pelo espírito objectivo e, com essa premissa por base, raciocinaria com lógica inegualável; não poderia, porém, deduzir nada anterior a essa premissa, ser-lhe-ia impossível raciocinar arripiando caminho.

Lembrar-lhe-ei agora que os homens, nesta forma de matéria em que me encontro, vivem sobretudo uma existência subjectiva, ao passo que os homens na terra vivem objectivamente. Os que aqui levam uma vida subjectiva raciocinam tomando para ponto de partida as premissas que lhes foram apresentadas durante a sua existência objectiva na terra. Aí está a razão por que a maior parte das pessoas que viveram nas terras ocidentais, onde a ideia do ritmo ou renascimento não tem popularidade, vieram para aqui dominadas pela ideia fixa de que não voltariam à terra. Por tal motivo, muitos continuam a raciocinar fundados nessa permissa.

Não compreende que a sua futura existência aqui depende muito da sua maneira de pensar a esse respeito? É claro que aqueles que não acreditam na teoria do renascimento não escapam eternamente ao ritmo, mas conservam obstinadamente a sua opinião errada, até que um belo dia se sentem arrastados pelo ritmo que os obriga a penetrar novamente na matéria grosseira; para lá vão sem preparação antecipada, quase sem recordações da vida aqui passada. E isto é lamentável. Trouxeram para cá a memória da vida terrestre, porque já contavam fazê-lo.

Muitos orientais que sempre acreditaram no renascimento recordam-se das suas vidas anteriores, porque já faziam tenção de se lembrar delas.

Sim, quando percebi que tinha de deixar a terra, impus um certo domínio a mim mesmo. Decidi conservar a memória de tudo, tanto quando viesse para aqui, como quando voltasse de novo à terra. Não vou agora jurar, é claro, que me lembrarei fielmente de tudo, quando penetrar outra vez na matéria grosseira; mas estou resolvido a fazê-lo, se me for possível. E espero ser bem sucedido até certo ponto, se não me enganarem na escolha da minha mãe. Tenciono proceder a essa escolha com o máximo cuidado, pois desejo que minha mãe já esteja familiarizada com a ideia do renascimento. Se puder, escolherei uma mãe que me tivesse conhecido na minha última vida, pois tenho a certeza de que respeitaria as minhas opiniões, não me censuraria, não me obrigaria pelas suas dúvidas a procurar um refúgio em mim mesmo, quando eu lhe dissesse, nas minhas conversas infantis, que era o mesmo que ela tinha conhecido em rapariga.

Se quisessem comprenetrar-se da ideia da vida imortal e nunca mais a abandonassem, com tudo mudaria de figura! Se se considerassem como entes sem princípio nem fim, poderiam começar a trabalhar no verdadeiro sentido da palavra. Esse pressentimento subtil, essa consciência da eternidade é maravilhosa. Quão mesquinhas devem ser as contrariedades deste mundo para aquele que não conhece limites à sua existência e conta os anos de vida aos milhões ou biliões! Nenhum homem pode conceber a ideia de um milhão de anos ou de um milhão de dólares ou um milhão seja do que for; estes algarismos constituem simplesmente o símbolo de uma grande quantidade de anos ou de dinheiro. Não é uma ideia restrita, há sempre qualquer coisa que escapa. Um milionário não pode saber a todo o momento quanto vale, pois é preciso contar sempre com os juros, de modo que o valor se altera constantemente. Dá-se o mesmo caso com a imortalidade. Não pensem que viveram um milhão de anos ou um trilião; pensem, sim, que são imortais, sem princípio nem fim. O homem que sabe que é rico, é mais opulento do que o homem que diz ter certa porção de dinheiro, seja avultada ou não. Repousem, portanto, confortados pela consciência da vida eterna e trabalhem dominados sempre pela ideia de que a pressentem.

Ler nas Nuvens...

Por Arnaldo S Tiago

De todos os tempos constituiram as nuvens, com a sua extraordinária plasticidade, um dos elementos da natureza mais propícios à exaltação do sentimento estético.

Com o curso desse elemento plástico, os quadros da natureza adquirem movimento e vida que, sem ele, ficariam de muito reduzidos, por vezes mesmo tornando-se fastidiosos pela sua monotonia.

Quantas vezes, garbosas velejando ao sopro de ventos propícios, viam-se as antigas naus sùbitamente despojadas de suas asas propulsoras, sempre ocasionando o facto grande surpresa nos marujos de primeira viagem: é que o piloto observara ao longe, na linha do horizonte, embora azul estivesse e límpido todo o céu, uma nuvenzinha que subia com desusada vertiginosidade. «Ferrar panos» — era a ordem incisiva do experimentado piloto, e mal se encontrava a nau derivando, em árvore seca, ao sabor das vagas, eis que a tormenta desabalava, tudo convulsionando!

Não é, porém, desse aspecto meteorológico oferecido pelas nuvens, que desejamos tratar; mas simplesmente do sentido alegórico que elas encerram, em sua extrema mutabilidade de formas, de acordo com os índices mentais de cada indivíduo: com tendência, uns, à superstição; outros à exaltação artística, e ainda outros à materialização, se assim se pode dizer, das suas íntimas elocubrações.

Observei frequentemente, na minha adolescência, o grande fascínio que exerciam, sobre as pessoas habituadas ao jogo do bicho, principalmente com relação às velhas, as formas com que aos seus olhos as nuvens se apresentavam, na ocasião em que iam fazer o seu joguinho e em que àvidamente procuravam palpites.

A arte encontra manancial tão amplo às suas inspirações no elemento em questão, que seria ocioso tentar demonstrá-lo com factos.

No caso de que nos vamos ocupar, não se trata nem de superstição, nem de arte, mas do sentido alegórico que podem ter as imagens da admirável paisagem atmosférica formada pelas nuvens.

Já decorrera algum tempo da hora solene do Ângelus, tão propícia à meditação e à fuga do nosso espírito ao ramerrão cotidiano. Estávamos em «Governador», na parte ocidental da ilha. Os tons do firmamento carregavam-se de cinzento escuro, sobre o qual se estendia uma faixa rósea, formando o fundo geral da paisagem, na qual se deslocam mansamente nuvens brancas como algodão e alguns cúmulus mais espessos e escuros.

Meditávamos nos problemas angustiosos da sociedade internacional hodierna, sentindo, ao contemplar aquelas multidões que iam abandonando a extensa praia, depois de todo um domingo passado na liberdade folgazã dos banhos do mar, uma piedade imensa pela comunidade humana, por sabê-la ainda exposta a perder, de um momento para outro, o bem-estar e a tranquilidade.

O sofrimento de alma levou-nos, em um gesto natural, a olhar para o céu.

Dois enormes blocos de nuvens nossos olhos vislumbraram, nesse instante, defrontando-se na mesma linha do horizonte: o da direita parecia um desses monstros alados da era secundária, erguendo, sobre um enorme pescoço erecto, a cabeça em atitude de ataque; o da esquerda tinha as formas assustadoras de um «ceratosauro», ou espécie semelhante daqueles tempos remotos.

Bem distantes um do outro quando os vimos, começavam agora a aproximar-se em atitude de desafio, prestes a se engalfinharem em luta de morte.

Sobre o dorso do que estava à direita, alteou-se uma grande balança. À proporção que os contendores se aproximavam, ia-se a balança dissipando no céu, para de todo sumir-se quando apenas alguns metros separavam os contendores. Nesse momento, a parte superior do monstro à direita colocado foi-se transformando em um homem e por fim o seu vulto ergueu-se, todo de branco, tornando-se, por efeito da luz, a figura central do firmamento. Começou então para o monstro da esquerda uma fase de rápida mutação: de sombrio que se mostrava, passou a empalidecer, perdendo o aspecto agressivo. As duas formações foram-se dissipando e todo o horizonte por fim imergiu nas delicadas nuances da luz crepuscular.

Essa visão trouxe-nos ao espírito uma grande calma. As nossas ideias iluminaram-se de esperança e tivemos fé nos destinos superiores da Humanidade.

Oxalá se realizem tão belos prognósticos!

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1951.

Livros de todo o Mundo

Comentado por RAMOS PEREIRA

128. EMOÇÃO DA VIDA HUMANA — *Valdemar N. Santos.* Imprensa Oficial da Bahia, 1950.

Neste opusculo, publica-se uma conferência realizada pelo Autor na União Espirita Bahiana. É uma exposição de recorte filosófico sobre as perspectivas das «emoções», pretendendo mostrar (parece-me...) que só pela intuição se podem atingir as grandes concepções metafísicas. Sem dúvida que a intuição é uma das fontes do conhecimento humano, mas eu julgo possível chegar àqueles conceitos pelas árduas vias racionais. Eu não posso aceitar o seguinte pensamento demasiado «inaciano»: — «O homem, ou crê em Deus sincera e espontâneamente, sem exigências materiais e restrições filosóficas; ou não crê, negando-se a si próprio como princípio espiritual, não obstante crer nos princípios metafísicos...». Pospõe-se, assim, um dilema, quando afinal ambas as atitudes são «humanas». Crer ou não crer, eis a questão?!... E aqueles que não podem crer senão no que, racionalmente, julgam possível? e aqueles que são impotentes para sentir, pura e simplesmente, a existência de Deus? aqueles que não têm essa fé admirável dos chamados «simples»? Restar-lhes-á a dificuldade do caminho intuitivo? Procurar sentir aquilo em que se não crê, não é uma atitude algo absurda? Implica pelo menos a admissão da hipótese de que Ele exista e isso já é um princípio de crença!

Falo assim, porque não trazia, ao vir desta vez ao mundo, a fé pura dos simples. Falaram-me, também, na necessidade de crer, de sentir o Criador para lá da sua Obra! Mas... eu não podia crer no que não sentia e... não poderia sentir aquilo em que não acreditava; a intuição nada me dizia. Medularmente racionalista, eu tinha de compreender essa Existência por uma via que (me parece) o Autor deste opúsculo reputa infecunda: — a especulação filosófica. Primeiro tive de me demonstrar como unidade espiritual não mortal — foi essa base que o Espiritismo me deu. Aceite essa unidade, uma unidade não estática, fui forçado a admitir um evolucionismo integral (psico - formal) que me arremessou ao problema metafísico das «primeiras causas e dos primeiros princípios». Um esforço maior de síntese colocou-me perante a *necessidade* de aceitar uma Primeira Causa, um Princípio Primeiro — Deus — cuja Essência é incompreensível e indefinível, mas cuja Existência é atingível. Depois, sim, que veio a outra *necessidade* de *sentir* a Existência de Deus, que veio a Fé nos fins da Criação.

Não digo que esta linha filosófica seja a melhor, ou, quanto muito, perfeita; digo que o seu traçado é possível... porque, bem ou mal, foi o que segui na minha «via crucis» humana.

Que nos relevem estas ressalvas que em muito pouco devem diminuir o valor da «tese espiritualista» que o Autor nos apresenta no ópusculo em epígrafe.

129. LUMIÈRES DANS LA NUIT DES TEMPS. Ed. Dervy, Paris 1950.

LUEURS ÉTERNELLES. Alger, 1949.

PRÉCIS DE LA RELIGION UNIVERSELLE. Ed. Dervy, Paris 19500.

Segundo nos informam na introdução ao 3.º dos volumes em epígrafe, foi um conjunto de comunicações mediúnicas, entre 1945 e 1949, que levou à edição destas obras e à eclosão de um movimento espiritualista denominado «L'Alliance Universelle» que tem como objecto a pregação da «Réligion Universelle». Vejamos se conseguimos, baseados nos textos, sintetizar para os nossos leitores os fundamentos básicos dessa religião que se diz preconizada pelo Cristo:

1. Tudo o que não assenta sobre os princípios racionais deve ser considerado simples mito.

2. O grande princípio director da Religião reside «no escrupuloso respeito pelo *livre arbítrio* de cada um, da sua *consciência*, da sua *razão*...

3. A religião compreende: — uma Comissão directiva, formada por «três pessoas designadas pelo Concílio Celeste» a que preside o Cristo e que tem por objectivo salvaguardar a pureza dos princípios da Religião; pelos «sábios» ou pastores da «Religião Universal», cuja missão é comentar os textos básicos («Lueurs Éternelles» e «Lumières dans la nuit des temps»); e pelos «adeptos».

Os princípios fundamentais ideológicos são:

a) existência de Deus.

b) existência do espírito e sua imortalidade.

c) reencarnação.

d) comunicabilidade dos espíritos desencarnados.

Profundamente eivada dos conceitos «espiritas-cristãos», nós não podemos deixar de admirar os objectivos deste movimento, se bem que nos mereçam reparos o enquadramento hierárquico citado e uns laivos do ritualismo...

Quanto aos dois volumes citados como textos básicos, é indubitável que em «Lueurs Éternells» encontramos os mais nobres pensamentos de regeneração, expostos de forma adequada; e que «Lumières dans la nuit des temps», que consta de uma descrição da vida de Jesus, possui páginas admiráveis de exaltação evangélica. Esta obra é atribuída ao próprio pensamento do Cristo! Há nela, porém, muitos pontos que gostaríamos de discutir com um amável «sábio» da Religião Universal, dada a sua oposição com outros textos («comunicados» ou da época em que Jesus viveu). A análise da «tese» evangélica que nesta obra sugestiva se contém não cabe, infelizmente, nas colunas desta secção de «Estudos Psíquicos».

É interessante anotar, porém, a existência de um conjunto de li-

vros atribuídos a Jesus ou aos Apóstolos, mas onde são flagrantes inúmeros pontos de discordância: — «Quatro Evangelhos», de Ronstaing, «Vida de Jesus Ditada por ele Mesmo», «Lumières dans la nuit des temps», etc. Qual deles aceitou como fidedigno?

130. LA EVOLUCIÓN ANÍMICA — *Gabriel Delanne.* Ed. Vitor Hugo, Buenos Aires, 1948.

Num esforço de divulgação das Obras Mestras do Espiritismo moderno, a editorial argentina publica um dos mais profundos trabalhos devidos ao génio de Gabriel Delanne, o terceiro da «Colección de los Grandes Escritores Espiritualistas».

131. 15 HISTOIRES DE L'AU-DELÀ — *J. Lhomme.* Ed. Caritas, Liège.

Mais uma obra do operoso e antigo presidente da União Espirita Belga, obra de divulgação de «factos». São 15 «histórias» sugestivas e convincentes nos pormenores. Os comentários que J. Lhomme bordou sobre elas patenteiam o seu judicioso critério, a segurança do seu espírito e a largueza dos seus conhecimentos. Ele soube contar e soube — o que é raro — tirar as conclusões devidas.

132. SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS. *Sérgio Valle.* Ed. LAKE, S. Paulo.

O médico brasileiro Silva Mello publicou recentemente um livro — «Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo» — que levantou forte celeuma nos arraiais espiritas, dado que o autor se propôs na obra demonstrar a inanidade dos postulados do Espiritismo, destruíndo-lhe a base experimental! Ateísta absoluto, materialista ferrenho, o professor Silva Mello, nome aureolado da medicina brasileira, voltou o seu bisturi para o corpo do Espiritismo, depois de lhe ter aplicado o estetoscópio. Parece, porém, que se esqueceu de ver se este aparelho estaria em boas condições. Iludido por uns ruídos suspeitos, pensou que o corpo necessitava de intervenção cirúrgica, para que tudo ficasse no são... O prior é que se esqueceu também... de afiar a lanceta...

Sérgio Valle — nome que desconhecíamos até ao momento em que lemos a sua magistral resposta aos «Mistérios» de Silva Mello — devido, sem dúvida, à sua longa prática de clínica nos leprosários, reconheceu que a lepra grassava infernalmente no... corpo dos pensamentos do colega e daí... uma Obra na qual não sabemos que mais admirar: — se a agudeza do escalpelo crítico, se o colorido da linguagem, se a ironia fina com que doseia a dureza de certos argumentos, se a densidade e extensão dos conhecimentos mostrados. Sérgio Valle soube indiscutìvelmente erguer um sólido edifício crítico: — desfaz atoardas, pulveriza argumentos, desmascara falsidades, aponta incorrecções, completa citações propositadamente truncadas, ridiculariza os malabarismos sofísticos.

Um livro assim — tão equilibrado, tão agudo, tão patenteador de cultura — só pode ter um defeito: — ter *apenas* 388 páginas!... Chega-se ao virar da última folha com vontade de mais. «Grande coisa é o fogo! O colossal castelo que o seu colega andou levantando, sabe-se lá com que esforço ingente, em quase meio século de lutas, você o destroi em pouco tempo e em poucas páginas. Poucas, em relação às outras, às seiscentas do laborioso *estudo*...» (escreveu Pedro Granja no prefácio da Obra de Sérgio Valle).

Não resistimos a transcrever a seguinte passagem em que o nosso confrade sintetiza o significado do livro de Silva Mello: — «A rotundidade anormal do livro de Silva Mello é simplesmente caso de pseudociese (falsa gravidez ou gravidez imaginária), resultante da ruminação de um desejo muito intenso de dar à luz qualquer coisa de notável, ou, então, de uma ideoplastia que se traduziu por linguagem visceral. O estranho caso clínico chegou mesmo a iludir obstetras inexperientes (Menotti del Picchia, Leo Vaz, alguns «homens de alta cultura e sacerdotes de elevada categoria»). Mas os Raios X, chamados a esclarecer o mistério, desmascararam a parturiente histérica: não havia feto, nem macho, nem fêmea, nada de substancial, tudo imaginação psicopática...».

Os espiritas portugueses bastante ganhariam com a leitura do livro de Sérgio Valle: — nele poderiam obter um saco de argumentações lúcidas e perfeitas com que esgrimiriam contra certos materialistas que por estas bandas também proliferam...

O livro "Dois Mundos" comentado pelo jornal "A Bola"

Trata-se de um livro apologético do neo-espiritualismo, que se proclama complemento da religião. Contudo, esta condena-o. De um modo geral, todas as religiões procuram vedar aos seus prosélitos a comunicação com o «mundo subtil». O próprio livro de que nos ocupamos, segundo afirma Isidoro Duarte Santos, é todo preenchido por uma comunicação transmitida do Além por sua esposa. O objectivo é elucidar as pessoas que vivem no Aquém sobre o que se passa «post-mortem». Subentende-se: depois da morte terrena. Sob o aspecto filosófico, o livro contém muitos temas dignos de meditação. A sua doutrina, dado o carácter metafísico e metapsíquico que o informa, não é das que se possam discutir. Aceita-se ou não se aceita. Crê-se no neo-espiritualismo, como se crê em qualquer religião. Ou não se crê. Sob o aspecto literário, o livro tem mérito. Só lhe achamos um defeito: o estilo sistemàticamente telegráfico na exposição de factos e ideias.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A CADEIRA DE BALANÇO

Maria Eugénia Celso, escritora brasileira bem conhecida e filha do Conde Afonso Celso, publicou no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, um curioso artigo que se presta a comentários. Tratando-se de católica militante, é de admirar que apresente a questão naturalmente, sem mostrar surpresa. Eis o artigo, intitulado «Mexendo Sòzinha»:

A notícia chegou de Muscattine, Estado de Iowa, nos Estados Unidos, naturalmente.

Trata-se de uma cadeira de balanço que o telegrama classifica de «misteriosa», pertencente ao casal Floyd-Holladay. Tem ela a singular propriedade de balançar-se sòzinha. A princípio a coisa era discreta. Um ensaio de balanço que era como a continuação do movimento de quem nela se houvesse balançado.

Este balanço, com o correr do tempo, emancipou-se, por assim dizer, de todo impulso exterior. Adquiriu movimento próprio. Ao susto crescente dos seus proprietários, a cadeira põe-se a balançar sòzinha, esteja ela em que aposento estiver. Para fazê-la parar, tem o casal Holladay empregado vários truques — amontoando grande peso sobre o assento, amarrando-lhe o espaldar, emperrando-lhe a mola. Mal se apanha solta, porém, a cadeira recomeça a mexer-se com força, numa represália de silenciosa indignação.

Não é preciso dizer que o mistério da cadeira se prende ao facto de ter ela pertencido a um cunhado da sr.ª Holladay, Floyd Brossart, falecido há tempos atrás, sentado nela. Esta circunstância faz com que a desgraçada cadeira de balanço esteja ficando horrìvelmente mal vista, não só pela família Holladay, como por toda a vizinhança, conhecedora do misterioso acontecimento. Os filhos do casal, Kenneth, Clyde e Jack, confirmando as asserções dos pais, não se acanham de confessar que lhe têm pavor. Uma cadeira de balanço que se balança sòzinha, não pode ser, evidentemente, uma cadeira normal, nem, sobretudo bem intencionada. A estranha força que a impulsiona, deve-lhe vir de algum secreto fluído sobrenatural, provindo por certo do seu defunto primeiro ocupante. Assim pensa, apavorada, a família Holladay e não estarão longe de pensar muitos dos meus possíveis leitores. É uma cadeira mal-assombrada, dirão eles. Uma preciosidade para os devotos do invisível. Um espantalho para a maioria de todos nós, a quem essas coisas do outro mundo não deixam de bulir com os nervos. Seja como for, uma cadeira indesejável até mesmo para o Antiquário bruxo do conto célebre de Maupassant.

Algumas pessoas mais corajosas se arriscaram a sentar-se na misteriosa cadeira. Foram elas unânimes em declarar ter tido a impressão de que o assento «queria» mexer-se sob o seu peso. O que fez, já se vê, com que logo o abondonassem.

O Espiritismo explicaria este inexplicável balanço como a actuação de algum espírito — talvez o do antigo dono da cadeira, quem sabe?... — necessitado de comunicar-se com os irmãos da Terra. A família Holladay poderia mandar benzer a cadeira, fazendo orações para o morto que nela desencarnara, exorcizá-la ou presentear com ela um dos centros espiritas que, tanto lá, quanto aqui, devem certamente existir. O que não convém é conservar em casa tão irrequieto móvel. Por mais espiritualistas que sejamos, daremos preferência sempre às cadeiras de balanço que nós mesmos fazemos balançar.

O caso, todavia — espécie de derivativo do fenómeno de levitação — não é privilégio dos Estados Unidos.

Em nossa casa do Alto da Serra de Petrópolis, havia uma cadeira de balanço, velho traste de família gasto pelos anos, que também tinha a fama de mover-se sòzinha.

Era um balanço leve e curto, acompanhado de um pequeno rangido, que, embora discretíssimo, aterrava impreterìvelmente a quem tinha o desagrado de ouvi-lo. Rosalina Coelho Lisboa, hospedada certa vez em nossa casa, conheceu a cadeira e tinha-lhe um medo reverente. Nós outros, já habituados, não ligávamos muito a essas travessuras da cadeira. Se a víamos balançar, porém, para não nos amedrontar demasiado, dizíamos que era a trepidação dos trens e bondes da rua que bulia com ela e a fazia estremecer. Explicação material e provável que não nos tranquilizava de todo, pois ninguém em verdade queria dormir com a cadeira no quarto.

Que sabe lá a gente do mistério que nos cerca?...

O GOVERNO BELGA E OS FENÓMENOS ESPIRITAS

A *Revista Espirita do Brasil*, orgão da Liga Espirita do Distrito Federal, publica em seu número de Janeiro uma notícia subordinada a este título, que vamos transcrever, na certeza de que daremos uma grande alegria aos leitores.

«O Governo da Bélgica, segundo notícia extraída do *Yours Fraternally* de Londres (orgão da Federação Espirita Internacional), mandou organizar um *Círculo de Investigações* dos fenómenos considerados paranormais. A questão do nome pouco influi na importância da notícia e, fenómeno *paranormal*, *supranormal*, ou fenómeno metapsíquico, vem a ser, nada mais, nada menos, fenómeno espirita. Muita gente, não querendo dizer claramente fenómeno *espirita*, naturalmente porque o qualificativo espirita é muito popular, prefere empregar outras designações menos comuns, como fenómeno *supranormal*, *paranormal*, etc. O que interessa, no caso, é o seguinte: o Governo belga julga necessário o estudo científico dos fenómenos espiritas. A Bélgica, que é um dos países mais adiantados da Europa, apesar de ser um dos menores, geogràficamente falando, dá um exemplo digno de registo especial. O boletim da Federação Internacional transcreve a informação do *Monitor Belga* de 4 de Junho de 1949. Sendo o *Monitor Belga* orgão oficial do governo, infere-se que a notícia é de carácter oficial. O *Círculo de Estu-*

dos é composto de médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, cultores da filosofia, etc. Segundo o pensamento do governo belga, o novo orgão de investigações científicas deverá estudar os fenómenos extra-terrenos. Todos nós sabemos que tais estudos dependem de duas condições primordiais: se houver médiuns e se os espíritos quiserem manifestar-se. Os fenómenos espiritas não podem ser produzidos, a qualquer momento, à vontade dos homens. Mas o que precisamos de ressaltar é o interesse que o Governo da Bélgica, país muito culto, está demonstrando pelo estudo científico dos fenómenos espiritas. Enquanto se verifica, noutros países, toda ordem de restrições ao Espiritismo, o Governo da Bélgica manda criar um *Círculo* especial para estudar os fenómenos espiritas. Grande exemplo! A *União Espirita Belga*, sob a presidência de Achille Biquet, foi convidada a tomar parte nos trabalhos. Informa este confrade, leader do movimento espirita belga, que imediatamente estabeleceu um plano de trabalho com os novos experimentadores».

Embora *Estudos Psíquicos* já tivesse feito referência ao assunto, trasladamos gostosamente a notícia da *Revista Espirita do Brasil*, já pelo seu desenvolvimento, já pela maneira expressiva como encara o problema da investigação psíquica. Na verdade, todos os actos governativos repercutem de forma decisiva no espírito das massas, que são animais de hábitos. Se elas se habituarem a considerar o Espiritismo como necessidade mental e espiritual, além de campo propício ao desenvolvimento de faculdades anímicas, ao fim de algum tempo extinguir-se-á o preconceito que tem criado a atmosfera contrária à expansão da nossa doutrina. Desde que os governos procedam com isenção, reconhecendo a vantagem de um estudo até hoje interdito a certas camadas sociais e religiosas, grande passo se terá dado no sentido da emancipação humana. Porque «nada há oculto que não venha a ser revelado», como ensinou o Cristo, nosso Mestre e Senhor. E mais vale compreensão e senso prático, do que obstinação que pode retardar, mas não evitar a marcha da verdade para o seu trono augusto. Assim o entendeu a *Câmara dos Comuns* da Grã-Bretanha, aprovando o projecto Brooks de auxílio aos verdadeiros médiuns, e a *Camara dos Lords*, aprovando-o também em segunda leitura. O pensamento faz a sua ronda universal, como raio de sol que espanca as trevas do mundo em crise e faz desabrochar as flores em novas perspectivas...

RUI BARBOSA E O ESPIRITISMO

É sabido que Rui Barbosa, o grande orador jurisconsulto brasileiro, simpatizava com o Espiritismo. O *Reformador*, do Rio de Janeiro, extraíu da *Revista Brasileira de Panificação*, de Outubro de 1950, o seguinte episódio que arquivamos nestas colunas:

«Na imensa comemoração de Ruy Barbosa, toda a sua vida pública e particular foi examinada e aclamada a sua figura apostolar do direito. Nenhum detalhe do seu talento deixou de ser examinado. Ruy estudante, sabendo aos cinco anos de idade conjugar todos os verbos regulares; Ruy sem idade para matricular-se na Faculdade, dedicando-se, durante um ano, ao estudo do alemão; Ruy, orador desde moço; escritor primoroso, enriquecendo a língua portuguesa; advogado de todos os perseguidos, jornalista insigne, parlamentar, diplomata, internacionalista; Ruy poeta, religioso e crente no Espiritismo, e Ruy com conhecimentos de medicina. Espanta realmente caber numa cabeça tanta inteligência e num coração tanta bondade!

«Falaram do seu amor às rezas, mas nada disseram do seu interesse pela pintura e pela música.

«Na «Oração aos Moços», Ruy falou nas relações humanas com os nossos amigos de «além-vida».

O deputado Ataliba Nogueira, na conferência feita sobre «Ruy Barbosa em Campinas», publicada no *Jornal do Comércio* de 8 de Novembro p. p., contou o seguinte:

«Ainda na aprazível estância hidro-mineral, ocorreu facto curioso, recordando pelos íntimos com certo acento de graça. Estava em voga, àquele tempo, uma espécie de distracção, à noite, de modo algum consoante com as leis religiosas, porém que as senhoras praticavam como se fosse inocente jogo de damas. Consistia em colocar sobre uma mesinha de três pés um grande círculo de papelão com as letras do alfabeto, escritas, uma a uma, em recorte dentado. Lalá, Úrsula, Carlota, Baby Ruy Barbosa e a filha de um redactor do *Jornal do Comércio*, do Rio, sentavam-se em redor da mesa e colocavam a ponta dos dedos sobre um cálice que, por acção misteriosa — segundo diziam — parava ante esta e aquela letra. Alguém ia anotando as letras num papel. Formavam-se, assim, palavras e frases, àvidamente lidas pelos circunstantes. Resta lembrar que tudo correspondia às perguntas formuladas por alguma das moças presentes, quase todas versando sobre qual delas se casaria primeiro, as iniciais do noivo, seus traços fisionómicos, se era loiro ou moreno, se era solteiro ou viúvo, fazendeiro ou não. No geral as respostas provocavam mais que risos, gargalhadas e comentários alegres.

«Certa noite, porém, Baptista Pereira, que assistia à «sessão», de pé, disse que o cálice estava denotando alguma inquietação, manifestando com isto ter que revelar algum segredo. Sentou-se à mesa e também colocou a ponta do dedo sobre o cálice de cristal, o qual, de maneira rápida, começou a percorrer o alfabeto, com algo de nervosismo por parte das moças e senhoras que participavam da operação. Ao lado, outra moça apontava letra por letra, dizendo nada entender; porém, várias vezes havia o nome de Ruy, no apanhado gráfico.

«O conselheiro já se havia recolhido muito cedo, feita a leitura dos jornais de são Paulo, que chegavam após o jantar .

«Terminado o escrito, verificou-se que era uma mensagem em inglês, dirigida por algum «espírito» ao ilustre hóspede. Ficaram todos estarrecidos e, diante da indecisão geral, Baptista Pereira opinou que deviam levá-la imediatamente a Ruy. Batem à porta, o conselheiro de pijama recebe o papel e fica emocionado: «É o estilo dele, o estilo perfeito. E o assunto! O mesmo que conversámos em nossa despedida em Haia. Mas, é possível... Trata-se de William Stead, — explica Ruy — o meu amigo e grande jornalista inglês, cuja morte os periódicos noticiam, hoje, no afundamento do navio «Titanic». E ele acreditava nestas histórias de Espiritismo!».

Ele e muitos outros vultos da ciência e da filosofia, que se jactam de «fortes» e no íntimo ajoelham contritos...

Notas & Comentários

UM SONHO PROFÉTICO

A revista Okkulte Welt, *de Kassel, publicou o seguinte em 13 de Março de 1950:*

«A senhora Gabriela de L. informa-nos que ao fazer 18 anos estava noiva do capitão H. v. W. em Praga, um homem de 30 anos, cheio de saúde e apegado à vida. Numa noite de Fevereiro de 1890 — diz ela — sonhei que estava com minha mãe no cemitério militar de Praga em frente de uma pomposa campa ornamentada com uma cruz de mármore cinzento e fiquei assustadíssima quando li no mármore o nome e apelido do meu noivo e, a seguir à idade, o dia da sua morte — 6 de Maio de 1890.

«Contando o sonho a meus pais, disseram-me que era um sonho sem importância. Depois contei-o também ao meu noivo e esbocei a cruz como a tinha visto. Este riu-se e disse-me que gostava muito da cruz. Nem eu nem ele ligámos importância ao sonho, visto nos parecer absurdo semelhante pressentimento, em virtude de ele se encontrar cheio de vida e saúde.

«Passou o inverno e chegou a primavera. No dia 5 de Maio o meu noivo adoeceu de úlcera no estômago e no dia seguinte morreu de hemorragia interna.

«Após o enterro ausentei-me com meus pais para outro lugar e quando voltámos, semanas depois, fomos imediatamente à campa do meu defunto noivo e qual não foi o nosso espanto ao ver ali uma cruz de mármore exactamente igual à que eu tinha visto em sonho!».

HOSPITAL ESPIRITA DE PORTO ALEGRE

O presidente da direcção do Hospital Espirita de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, enviou-nos atenciosa carta, agradecendo a reportagem que fizemos daquele hospital, em Dezembro último, acrescentando:

«Foi a referida notícia lida em reunião mensal de confraternização que este Hospital realiza no último domingo para maior aproximação e entendimento dos elementos que atendem à assistência mediúnica dos doentes a nós confiados e recebeu de todos o mais franco e entusiástico aplauso, registando-se um voto unânime de agradecimento ao grande batalhador lusitano pela sua generosa e feliz iniciativa.

«Aqui permanecendo ao inteiro dispor do amigo e de todos os confrades que empregam sua esplêndida actividade em Estudos Psíquicos, *uma das mais bem orientadas revistas que se publicom em língua portuguesa, transmitimos a todos as nossas fraternas saudações, com os votos que formulamos pela felicidade e progresso de cada um».*

Com os protestos inequívocos da nossa solidariedade incondicional, agradecemos ao confrade Conrado Ferrari os termos amistosos da sua carta. Mercê da nossa reportagem, os jornais ingleses puderam referir-se ao Hospital Espirita de Porto-Alegre em termos encomiásticos. É bom que as grandes empresas espiritas sejam conhecidas no mundo, como expoentes de acção humanitária.

«ALMENARA»

«Recebemos os n.os 7 e 8 da revista Almenara, *que se publica em Campinas, Estado de S. Paulo, sob a direcção de Benedito Gonçalves do Nascimento, tendo como redactor-responsável Paulo Botelho de Camargo. Apresenta-se bem redigida e com matéria variada. Aos seus directores, os nossos cumprimentos de boas vindas. Que a fé os acompanhe sempre na trajectória que os espera.*

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez pedimos aos nossos correspondentes eventuais o favor de nos enviarem 2$50 em selos postais, sempre que desejem informações de interesse particular, pois sendo grande a aglomeração de cartas e postais na nossa secretária, não podemos responder a todos, em virtude das despesas incomportáveis que tal serviço acarreta. Esperamos que compreendam esta resolução e não a tomem à conta de má-vontade, pois o nosso desejo é atender a todos, na medida do possível.

J. B. CHAGAS

A 4 de Março desencarnou inesperadamente em Nova-Iguaçú o nosso operoso confrade João Baptista Chagas, cujos escritos ilustravam as páginas de muitos jornais espiritas brasileiros e argentinos. A nossa revista teve ensejo de publicar alguns dos seus trabalhos.

Nos últimos tempos da sua vida desenvolveu grande actividade na propaganda e exerceu acção intensa no 2.º Congresso Espirita Pan-americano, onde representou a Colômbia. Era homem de iniciativa, de actividade invulgar, e há pouco substituira o querido Leopoldo Machado na Semana Espirita de Nova-Iguaçú.

A sua atitude optimista perante os mais graves problemas da vida tornava-o estimado de todos e dava-lhe ascendência natural que muito contribuía para o bom êxito de suas empresas.

À esposa e aos filhos apresentamos os protestos da nossa solidariedade incondicional.

ESPIRITAS ELEITOS

Segundo informa Constancia, *de Buenos Aires, com a eleição de Getúlio Vargas para Presidente da República Brasileira, muitos espiritas ascenderam a elevados cargos pelo sufrágio popular. Assim, entre outros, o Dr. Álvaro Maia foi eleito Governador do Estado do Amazonas e o Dr. Erlino Salzano Vice-governador do Estado de S. Paulo. O Dr. Campos Vergal foi reeleito deputado por S. Paulo e o Dr. Gonçalves Maia foi eleito suplente do Senado Nacional e Vereador da Câmara Municipal do Distrito Federal.*

Esta notícia auspiciosa coincide com a que publicámos em Abril, referente ao Espiritismo na Inglaterra. Um mundo novo se abre para a nossa bela doutrina. Em postos de comando os espiritas ingleses e brasileiros saberão pugnar por um mundo melhor em que a felicidade não seja exclusivo da minoria.

Noticiário

SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No 11.º sorteio de livros espiritas foram distribuídos os seguintes livros a outros tantos subscritores deste *Fundo Permanente de Assistência:*

1.º prémio — «Jesus Perante a Cristandade» — J. M. A. Soares Guedes, de Luanda.

2.º prémio — «Luz Acima» — A. Ferreira da Conceição, de Lourenço Marques.

3.º prémio — «Iluminação» — D. Palmira Bacelar, de Lisboa.

4.º prémio — «As Heroínas de Hydesville» — A. Cruz, de Luanda.

5.º prémio — «A Personalidade de Jesus» — Isaac Oliveira Marques, de Viseu.

6.º prémio — «O Livro de Tobias» — Manuel Francisco Pereira, de Lisboa.

7.º prémio — «Livre Arbítrio e Determinismo» — D. Gracinda Pires da Rocha, de Lisboa.

A todos os contemplados, os nossos votos de felicidade. Quanto maior for o número de subscritores do *Fundo Permanente*, mais numerosos e valiosos serão os prémios.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, Ramos Pereira realizou em 29 de Abril uma bela conferência da série «Humanismo e Espiritismo». Falou da natureza do espírito e sua localização e estrutura, apoiado em gráficos elucidativos no quadro preto. Ao contrário de outros que se têm ocupado do problema, não afirmou que o perispírito fosse de matéria astral ou fluídica — palavras que nada dizem —, mas explicou a sua estrutura do ponto de vista físico-químico. Depois referiu-se às zonas da alma humana, consciente, subconsciente e inconsciente (individual e colectivo), aludindo aos atributos especiais de cada um deles.

No final dos trabalhos, o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos, secretariado pela escritora Antónia Leyguarda Ferreira e António Cardoso, manifestou a sua satisfação ao ouvir mais esta magnifica lição de Ramos Pereira, certo de que toda a assistência que enchia as salas teria igualmente aproveitado os ensinamentos recebidos.

VISITANTES

Tivemos o prazer de abraçar os seguintes confrades vindos do Brasil:

António dos Santos, do Centro Espirita Caridade e Esperança, do Rio de Janeiro; Artur Dónato e Ex.ma Esposa, da Associação Espirita Caminheiros do Bem, da mesma capital; Joaquim da Silva Gomes, de Recife, Pernambuco.

O amigo Artur Dónato assistiu a uma sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigido pelo nosso director Isidoro Duarte Santos. Tivemos ensejo de falar com estes confrades e de trocar impressões acerca do Espiritismo brasileiro. Dessas conversas guardamos belas recordações muito gratas ao nosso sentimento.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANÁ

Esta Federação teve a amabilidade de nos comunicar os nomes dos Corpos Gerentes para o biénio 1950-51. É presidente da Direcção o nosso representante em Curitiba João Ghignone, que também acumula as funções de Administrador do Sanatório Bom Retiro, pertencente à mesma entidade. Além destes departamentos, há os seguintes: Lar Infantil, Associação Protectora do Recém-nascido, Albergue Nocturno, Escola Elementar, Oispensário Homeopático, Escola Dominical, Caixa de Protecção ao Tuberculoso, Associação das Senhoras Espiritas e Grémio Juvenil Lopes Neto.

Os nossos agradecimentos.

RAUL SEPÚLVEDA FONTES

Também recebemos a visita deste confrade, nosso antigo redactor-correspondente na Índia Portuguesa e que se dirige ao Rio de Janeiro com sua esposa e filho. Naquela capital conta fixar residência e exercer a sua actividade. Boa viagem e que seja feliz em seus novos empreendimentos!

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JUNHO DE 1951

Dia 3 de Junho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10 de Junho, domingo, às 16 horas — 5.ª conferência de Ramos Pereira, da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 17 de Junho, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 24 de Junho, às 16 horas — 6.ª conferência de Ramos Pereira, da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 1 de Julho, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8 de Julho, às 16 horas — 7.ª conferência de Ramos Pereira, da série «Humanismo e Espiritismo».

GRUPO REPER-SIAM

Todas as quintas-feiras às 21,30, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões práticas são privativas dos sócios com as cotizações em dia, os quais, para isso, devem munir-se da última cota paga.

Fundo de Beneficência

Recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Abril — P. B., de Lisboa, 20$00; D. Idalina Fernandes Costa, de Lisboa, 20$00; Anónimo, 10$00; D. Maria Madalena de Oliveira, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 11.º sorteio de livros, 115$00. Total — 205$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	35$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	45$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Margem (À) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	27$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	20$00	34$00
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	75$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	35$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espiritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	50$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	24$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Oiven*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

O MÉDIUM CURADOR D. H. EMERSON

(Ver pág. 189)

CONTÉM: Um Exemplo, da **Redacção**; Teoria Estática do Espírito (2.ª Parte), por **Ramos Pereira**; Amai e Perdoai, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Propaganda Espirita, por **Alfredo Miguel**; Almas Errantes; Ciência Antiga, Ciência Oculta e Ciência Moderna, por **Rufino Juanco**; Discos Voadores; o Livro «Dois Mundos» e a Crítica; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); A Manifestação Vital; Coisas que Acontecem..., por **Bartolomeu Bana Martins**; Introdução à Filosofia Científica de Gustave Geley, por **Humberto Mariotti**; Pitágoras, por **António Cardoso**, Mensagens Espirituais recebidas por Ernesto Bevin, por **Robert Goldsbrough**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

12.º ANO JUNHO DE 1951 N.º 6

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Ponta Negra	*Antônio J. Martins*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*OrvilleDerb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	28$00	42$00
O livro dos Médiuns	28$00	42$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	28$00	42$00
O Céu e o Inferno	32$00	46$00
A Génese (nova edição)	32$00	46$00
Obras Póstumas	28$00	42$00
O Principiante Espirita	12$00	
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	24$00	36$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	36$00	48$00
Joana d'Arc Médium	35$00	50$00
El Problema del Ser e del Destino		50$00
No Invisível (nova edição)	36$00	50$00
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	35$00	50$00
O Espiritismo Perante a Ciência	35$00	50$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1951 — N.º 6

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UM EXEMPLO

O projecto de lei dos médiuns fraudulentos passou em terceira leitura na Câmara dos Lordes da Grã-Bretanha, após incisivos discursos de John Simon e do Marechal do Ar, Dowding, vencedor da Batalha de Inglaterra.

A batalha da liberdade religiosa não foi muito fácil para os espiritas ingleses. Levou anos, entraram nela individualidades eminentes na política, nas letras e nas ciências, e de vez em quando os combatentes depunham as armas, desiludidos. O ambiente não era apropriado. Havia manifesta intolerância nos legisladores, quase todos presbiterianos, metodistas, baptistas e anglicanos, e o Espiritismo florescia como planta exótica, à margem da lei, sob o olhar severo das autoridades. A condenação de alguns médiuns pelo horrível crime de manifestarem faculdades psíquicas em grupos apropriados, exacerbava os ânimos e gerava revolta nos verdadeiros adeptos sujeitos a leis de excepção incompatíveis com o espírito liberal da velha Albion. Mas a batalha foi vencida galhardamente e o projecto acaba de ser convertido em lei, para maior glória da nossa Causa.

Caíu o pano sobre um acto cujas personagens realizaram trabalho de progresso e reabilitação, dando ao mundo um grande exemplo de nobreza e tolerância.

Infelizmente, há países onde a liberdade religiosa encontra obstáculos insuperáveis e tal facto não se coaduna muito bem com os direitos naturais do cidadão reconhecidos por todas as Constituições civilizadas.

O Espiritismo tem-se manifestado como força construtiva ao serviço da ordem e procura solucionar os problemas morais através de raciocínio lógico, objectivando sempre a felicidade humana. Com efeito, a questão moral sobreleva todas as outras, visto estar na base do indivíduo, na célula familiar. Assim, as combinações políticas originadas em movimentos sociais serão precárias, se não forem alicerçadas no problema moral. Os interesses mesquinhos abastardam a sociedade e impedem a sua renovação.

O exemplo da Inglaterra há-de proliferar, há-de contagiar outras regiões onde a sementeira espirita se está fazendo à custa de grandes sacrifícios. Reconhecer-se-á a naturalidade da nossa filosofia, permitindo-lhe a expansão em campo arroteado e os alvos de paz aumentarão a sua visibilidade.

Não desconhecemos o perigo oculto no cerne de algumas doutrinas e a facilidade com que muitos indivíduos se deixam aliciar. Por isso, é necessário proteger o elemento social, garanti-lo contra a derrogação de certos privilégios que alicerçam o reinado do espírito e preparar as gerações para renovamento salutar.

Nunca o Espiritismo subverteu valores éticos nem preconizou a destruição violenta do existente, que representa ordenado esforço, assinado por milhões de seres que avançam para a luz. Pelo contrário, fomentou sempre a harmonia entre os homens, à margem de raças, credos e ideologias. O que lhe interessa é o avanço moral e espiritual.

A Inglaterra tradicional foi obrigada a revogar uma lei iníqua com alguns séculos de existência. Os tempos modernos impõem novas directrizes aos elementos responsáveis. Temos a certeza de que o Espiritismo deu um grande passo através do Parlamento inglês e doravante será olhado, não como superstição digna de combate, mas como ideia positiva com direito à circulação e expansão de seus postulados.

Nesta hora incerta da história do mundo, o Espiritismo marca posição honrosa no concerto mental dos homens e demonstra que pode e deve contribuir para a renovação e transformação da sociedade, com vista à metamorfose e progressividade dos princípios que há muito nos orientam. Espiritismo não é adivinhação nem bruxedo; é um novo humanismo que ampara e nobilita os homens conscientes.

HUMANISMO E ESPIRITISMO

II

A ALMA E SUA ESTRUTURA

O problema da natureza da alma ergue entre aqueles que afirmam a sua existência, uma funda controvérsia que já conta muitos decénios, sem que seja possível ainda supor sequer que ele esteja parcialmente resolvido.

Não nos referimos à sua natureza funcional, porque assim considerada,

— *a alma é a unidade substancial em que assenta o complexo processo psicológico;*

ou, por outras palavras,

— *a alma é a unidade substancial, oculta por detrás do dinamismo dos fenómenos psicológicos, dos fenómenos do comportamento interno.*

Será esta uma definição suficiente? Indubitàvelmente que não.

Fisicamente inlocalizável — e nisso acordam todas as escolas espiritualistas —, não podemos atribuir à alma uma natureza material ou mesmo semi-material. Uma unidade imaterial? Afirmá-lo não implica o mínimo avanço no conhecimento.

Baseando-nos nas ideias contidas nessa obra extraordinária que é a «Grande Síntese» de UBALDI, eu posponho a hipótese de que

— *a alma é um fulcro energético, resultante de uma fragmentação da Onda da Vida,*

cuja génese analisaremos em outros ensaios.

Fulcro de uma energia sem suporte material — sem semelhança, portanto, com a energia eléctrica ou luminosa e comparável às radiações X ou gama, a alma apresenta uma complexa estrutura, resultado de uma lenta e profunda evolução. Não é um conjunto de partes interligadas e interinfluentes e intersuportadas: — é uma unidade, mas *uma unidade estruturada,* no sentido de que admite a possibilidade de uma dissociação de *aspectos.* Não se trata de uma unidade estruturada como um organismo vivo, onde as partes estão visìvelmente diferenciadas: — Na alma, a distinção das partes é o resultado de um esforço mental analítico, de uma abstracção, norteada por um princípio de metodologia didática.

Caracterizando-se, de um modo geral, pela *consciência* — capacidade de autoconhecimento — a alma apresenta as seguintes *zonas estruturais* (=aspectos da unidade anímica):

1. Consciência ou zona de afloramento
2. Subconsciência ou zona de elaboração
3. Inconsciência ou zona de resultados

Levando mais longe o escalpelo analítico, distinguem-se na subconsciência três *modos dinâmicos:*

a) cognoscibilidade ou inteligência
b) sensibilidade
c) voluntariedade

Uma subzona — a memória — opera a passagem da subconsciência para a inconsciência. Nesta, a psicologia geral consente-nos a separação entre:

1. Inconsciente inato
2. Inconsciente adquirido

TEORIA ESTÁ

No inconsciente inato — massa de tendências, inclinações e instintos apontados pela psicologia infantil — separamos:

— inconsciente pessoal
— inconsciente colectivo

Neste se localizam aqueles «arquétipos» ou «categorias herdadas», vindas da longa vida animal, que colocam os indivíduos dentro de uma espécie — a humana. Naquele se comprendem as formas psíquicas adquiridas na vida humana, no trepar penoso do Calvário das sucessivas encarnações: — o inconsciente adquirido numa vida é o inconsciente pessoal inato da seguinte. Daqui, a maior *estabilidade* do inconsciente colectivo e a *mobilidade* do pessoal. Mas ambos são produto das reencarnações, continuadas ao longo do tempo.

É o inconsciente pessoal que constitui o fundamento da personalidade, que *individualiza.* Pelo inconsciente colectivo, o homem é um simples ponto de uma massa amorfa.

Posta esta visão esquemática da estrutra psíquica, vamos efectuar uma análise mais demorada do seu dinamismo intrínseco.

A receptividade e a reactividade são as características dinâmicas do psiquismo, da vida psíquica. A alma é um espaço *aberto* às solicitações externas e, ao mesmo tempo, um espaço *não-passivo.* É possível que a reacção aos impulsos vindos do ambiente em que a

uma extra-curta. Porque penso assim? Vejamos uma simples experiência...

Suponhamos que me coloco diante de um sensitivo telepático e que deixo pura e simplesmente correr o pensamento, sem me fixar numa ideia, num sentimento, numa imagem. É possível que o sensitivo receba qualquer transmissão, que tenha a sensação vaga do aspecto geral do meu estado psíquico, mas será, em regra, incapaz de precisar pormenores. Mas se eu prestar atenção a um facto, a sua recepção ganhará nitidez; e tornar-se-á (em regra...) perfeita se eu fizer um esforço voluntário, se eu *quizer* que ele capte um fragmento da corrente da minha consciência. Qualitativamente, como se vê, o facto psíquico é sempre o mesmo; o que varia é o seu aspecto quantitativo e esse depende do coeficiente voluntário que o acompanha.

Se isto é confirmado pela experiência mais comezinha com os sensitivos telepáticos (por exemplo), eu penso que:

— *a frequência das radiações psíquicas varia na razão directa do elemento motor (ou activo) que acompanha qualquer fenómeno psicológico que a essas radiações dá causa.*

A este princípio chamaremos — *lei da frequência das radiações psíquicas*. E será possível determinar uma expressão analítica dessa lei?

Se chamarmos V à variável «esforço voluntário» e F à frequência das radiações, a lei pode sintetizar-se do seguinte modo:

$$F = f\ (V)$$

— *a frequência das radiações psíquicas é uma função do esforço voluntário, função bem definida e não invertível em qualquer ponto do espaço humano* (1.ª Lei das radiações psíquicas).

Experiências levadas a cabo por diversos cientistas mostram-nos a possibilidade de determinar valores numéricos de F. Mas v é uma variável não-quantificável, não é uma grandeza física mas psicológica — porque não é possível, no actual estado dos conhecimentos humanos, definir uma unidade para o esforço

TICA DO ESPÍRITO (2.ª PARTE)

por RAMOS PEREIRA

vada frequência: — a vontade tem aqui o papel de alongar ou reduzir o comprimento das ondas psíquicas.

Isto é: — eu interpreto *a alma como um fulcro energético em vibração constante, irradiando pelo éter ondas variadas, tanto sob o ponto de vista quantitativo como qualitativo.* Não se pode tratar de radiações simples, porquanto os fenómenos que lhes dão origem raramente o são; são radiações complexas as *radiações psíquicas.*

Mas poder-se-ão classificar?

Atendendo à frequência, será lícito distinguir:

1. *Ondas baixas ou extra-longas*
2. *Ondas longas*
3. *Ondas médias*
4. *Ondas curtas*
5. *Ondas extra-curtas*

Mas que fenómenos psíquicos dão origem a esses tipos? Eu penso que a frequência da onda não depende da *qualidade* do fenómeno, mas do esforço voluntário que o acompanha. Por exemplo, um «bom pensamento» tanto se pode exprimir por uma onda longa como por

voluntário. Logo, não sendo v mensurável, não é possível determinar pares de valores correspondentes (Fi, Vi) que, representados num sistema de coordenadas, nos dêem uma poligonal, ponto de partida para o cálculo da relação analítica simbolizada por f.

Sem dúvida que a função é crescente; mas a sua definição geométrica será rectilínea ou curvilínea? Eis questões de resposta impossível. Julgo porém — aceitando as sugestões feitas por *Abdallah* neste capítulo, — que a expressão de f depende da evolução do fulcro anímico. Ou seja:

— *os acréscimos da frequência das vibrações anímicas resultantes dos acréscimos do esforço voluntário são tanto maiores quanto mais evoluído for o fulcro anímico.* (2.ª Lei das radiações psíquicas).

Se bem que incapaz de *provar* pela experiência o que afirmo e tão só capaz de *mostrar* o que nele há de lógico, eu penso que a evolução referida origina na imagem da função

$$F = f\ (v)$$

uma inflexão progressiva, que vai desde a recta horizontal à vertical, passando pela oblíqua de declive variável e pelos ramos hiperbólicos. Expliquemo-nos melhor:

a) — no caso de espíritos pouco desenvolvidos, F é quase constante, apesar dos acréscimos de v;

b) — nos espíritos de evolução média, os acréscimos de F são proporcionais aos acréscimos de v, aumentando a razão da proporção com o desenvolvimento psíquico;

c) — nos espíritos super-evolvidos, os acréscimos de F são mais que proporcionais aos acréscimos de v.

Simbòlicamente, traduziremos estes tipos respectivamente por:

$$a)\quad F = \text{constante}$$
$$b)\quad F = K_1 + K_2 \,.\, V$$
$$c)\quad F = K_1 + V^{k_2}$$

E como classificar qualitativamente as radiações? Desde que em cada fenómeno se nota a presença dos elementos representativo e afectivo, a qualidade é complexa e não simples. As radiações serão, por consequência, classificadas em:

1. radiações mentais
2. radiações emocionais

conforme a predominância de um ou outro dos elementos.

Mas se é de admitir que a «corrente da consciência» se converte em radiações de características heterogéneas, é de admitir também que a estabilidade relativa das zonas «inconscientes» se exteriorize sob uma radiação que será a expressão energética da personalidade. Se aquelas variam de momento a momento em qualidade e quantidade, esta só se modifica em intervalos de tempo mais ou menos longos.

Ora, dada a ligação vibratória da alma ao perispírito e deste ao corpo físico, podemos supor que a vibração do fulcro anímico se traduz harmònicamente nas moléculas psicossomáticas e nas células orgânicas: — existirão vibrações *de reflexo* tanto no perispírito como no organismo. Só assim podemos compreender não só a desagregação lenta da massa perispiritual (pelo choque de ondas psíquicas de elevada frequência) como a tradução fisiológica de certos processos fundamentalmente psicológicos. Entre essas vibrações avultam as «magnéticas», designadas impròpriamente por... «fluído magnético». Todo este complicado conjunto de vibrações produz em torno do indivíduo um *campo* a que chamamos *aura*. Na aura reflectem-se, portanto:

1. *as radiações psíquicas instáveis,* originárias do dinamismo consciente-subconciente e instáveis em qualidade e frequência, por natureza;
2. *as condições psíquicas estáveis,* provenientes das camadas inconscientes;
3. *as radiações perispirituais,* simples fluorescência provocada pelo choque, nas moléculas psicossomáticas, das vibrações psíquicas ou das excitações vindas do exterior;
4. *as radiações fisiológicas,* tradutoras do estado orgânico.

Quando um sensitivo *lê* a aura do indivíduo, não faz mais do que *harmonizar-se* com o seu campo vibratório característico:

— *a aura é o duplo energético do processo vital (organo-psíquico) da unidade humana.*

Procurámos apenas efectuar uma exposição sucinta de resultados e conclusões, única forma compatível com a natureza destes ensaios de revisão. Pudémos, porém, esboçar linhas que, retomadas mais tarde, confirmarão aquela característica que apontámos ao Espiritismo: — *um corpo articulado de ideias.*

Porque não descemos a uma análise das zonas estruturais anímicas? Porque ela constitui o objectivo da «psicologia geral»... Por-

que não estudámos as linhas em que se concretiza o indiscutível paralelismo psico-fisiológico? Porque... esse é um problema da «psicofisiologia»...

Mas antes de passarmos ao estudo das relações entre o «eu» e o «não-eu», é forçoso que nos detenhamos, ainda por uns momentos, sobre a magna questão das radiações que constituem a aura.

É usual os sensitivos clarividentes falarem das cores que *vêem* na aura! Que significado deveremos atribuir ao facto? Poder-se-á construir uma «cromática psíquica»? Estes, sim, são problemas próprios do Espiritismo...

Parece-me lógica a hipótese de que essas cores constituem uma «aparência», porquanto as radiações vitais (psíquicas + fisiológicas) não são de natureza luminosa, mas semelhantes talvez aos *raios X* e *gama*. Admitida tal natureza, compreender-se-á essa luminescência, supondo que o orgão visual do sensitivo funciona como um anti-catodo, sendo o catodo o fulcro anímico emissor das ondas. As cores serão tanto mais claras, quanto mais elevada for a frequência das radiações? Se os sensitivos atribuem, por exemplo, os cambiantes claros aos estados psíquicos moralmente superiorizados, é de supor que essa *claridade* não será função do esforço voluntário, mas antes da qualidade psicológica da vibração. O que é função desse esforço voluntário é a vivacidade da cor!

Em relação às radiações fisiológicas, o claro significa o equilíbrio funcional; riscos escuros, manchas, etc., caracterizam os desequilíbrios orgânicos.

É possível que cada forma organopatológica tenha a sua correspondente cromática, assim como cada estado psicológico. Mas até hoje — ao que sabemos — ainda se não operou o estabelecimento de uma perfeita correspondência entre as cores áuricas e os estados orgânicos e psíquicos.

Há muitos escaninhos por revolver no edifício do Espiritismo... talvez porque uma pesada maioria julgue que tudo se conhece!...

O «EU» E O «NÃO-EU»

Situando-se pelo seu corpo no mundo estreito das três dimensões, focando-se pelo espírito em mundos mais latos, o homem terreno é um ponto de convergência de linhas, uma extrema entre dois campos opostos: — o do peso das brutas coisas materiais e o da leveza das sublimes coisas espirituais. Pela carne, sofre o aperto angustioso das necessidades, expressão psíquica do condicionalismo do seu viver; pelo espírito, sente os impulsos desgarradores das aspirações ideais, expressão também psíquica da finalidade do seu existir. E todo o drama se representa entre os quatro muros da alma!

Mas demos a palavra a Abdallah...

«Só os olhos míopes do homem que se agarra ao material efémero como a ostra à rocha — gerando as irisações fantásticas das pérolas só quando adoece... —, sòmente àquele que teima em ignorar a sua verdadeira natureza — cego mais cego do que os que não podem ver, porque não *quer* ver —, ùnicamente esses, conseguem ainda estabelecer barreiras mentais entre «eu» e «não-eu». São moluscos fechados na casca, enrolando-se sobre si próprios, conhecendo do que os cerca apenas aquelo que os seus tentáculos tocam ou apreendem. Mas a *realidade* é absolutamente diferente. Eles abanarão a cabeça, em negativa e eu dar-lhes-ei razão! Como podem eles aceitar o que são incapazes de sentir? Nem por isso será menor a *realidade* do que direi, porque a deles é tão efémera como a massa vaporosa em que assentam os seus argumentos: — para muitos alongar-se-á por séculos de múltiplas vidas, antes que os seus olhos se curem da miopia. Mas que significam milénios perante a Eternidade do Princípio da Evolução que os colocará no sentir da *realidade de que, sendo Deus Uno, a Sua Criação não pode ser formada de compartimentos estanques?*

«Atiras-me precisamente o tema que me é mais agradável de tratar: — as relações entre «eu» e «não-eu». Vejamos, porém, se o saberei fazer ràpidamente dentro dos termos que preferis: — rajadas de razão, coadas pelo fino crivo do sentir...

«Ambos admitimos que cada fulcro anímico emite constante e incessantemente radiações ou ondas, tradução tri-dimensional das vibrações bi-dimensionais. Essas ondas «espirituais» propagam-se pelo éter, chocando-se, atraindo-se e repelindo-se, criando em torno dos mundos em que os fulcros se localizam um imenso campo vibratório — as *auras dos mundos*. Produzem-se naturalmente ondas de reflexo — *contra-ondas* — que atingem o ser, do mesmo modo que aquelas que provêm de toda a criatura. É uma palpitação tremenda, o resfolgar portentoso da Vida!

«O homem banha-se num oceano de ideias-sentimentos e das puras ondas a-conscientes, aquelas vindas dos humanos, estas dos proto-humanos — dos animais, das plan-

tas, da matéria bruta. Sendo assim não há barreiras *reais* entre o «eu» e o «não-eu» — este interpenetra aquele, assim como aquele se pode infundir neste.

«Mas, em regra, o homem fecha-se a esta realidade, metendo-se na casca da egolatria: — não sente a chamada insistente do que o cerca, o convite aliciante para que se desdobre sobre o outro como se ele fosse uma parte de si-mesmo. Apesar de tudo e ainda que atenuados, atingem-no alguns sons e ele próprio faz ouvir a sua vós no concerto fantástico da orquestra cósmica. São momentos breves em que a casca se entreabre; depois volta a reinar o silêncio do caminhar do espírito pelas ruelas que bordejam a essência do ser. O que ele ouve e busca é a macabra sinfonia dos uivos passionais — miragens sonoras do teatro da vida. Então ele debruça-se sobre o outro, mas para dele se servir como um objecto; não lhe importa o que ele possa sentir mas o que pode dar...

«Não assim para aquele que, sabendo que os seus movimentos psíquicos não ficam retidos na acanhez da abóbada craneana, *quere compreender-se no que o cerca*. Esse sabe que *viver é essencialmente conviver*, que existir é vibrar m harmonia. Esse sente, pela luz deslumbrante da intuição, que só arremessando-se ao espaço numa onda em que todo *ele* se transmude e só abrindo-se num campo em que todo o *outro* se sinta como em si próprio, ele pode realizar o lema superior da sua existência — *amar o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as criaturas*.

«Esse anula pelo poder inibidor da vontade aquelas vibrações mentais-emocionais degradadas e acrisola as vibrações superiores.

«Esse transfere a sua consciência desperta aos planos das mais puras ideias e dos mais nobres sentimentos, para comungar momentâneamente (mas por momentos que valem eternidades) com os focos purificados onde a Unidade se refez e onde só palpita Amor.

«Compreendam-me:—*A Vida tem de ser uma harmonia de vibrações, um Coral de milhões de vozes fundidas*, e não o turbilhão revolto e apocalíptico de sons dispares (e disparatados...) que d'Ela faz a ignorância e a maldade dos homens.

«*As relações entre o «eu» e o «não-eu» têm de se formalizar numa ponte de mútua infusão, assente na solidez inamovível dos pilares graníticos do Amor*.

«As grandes construções mentais e as rendilhadas catedrais dos sentimentos são erguidas sob o influxo impulsionador dessas infusões».

Na sua síntese, onde a dureza de certas verdades fica velada sob os veus policrómicos das imagens parabólicas, Abdallah afirma a necessidade da sintonia das vibrações individuais no seu melhor.

Vibrando, o homem torna-se capaz de percorrer a infinitude aparente do espaço em que se depos a criação, até tocar a fímbria da essência do Criador. Na medida em que a alma transforma o movimento centrípeto em centrífugo, na medida em que ela possibilita a destruição da antinomia «eu»-«não-eu», o Verbo divino — o Pensamento-Vontade do Criador que paira sobre a Criação e a sustenta — baixa sobre ela, interpenetrando-a, redimindo-a, unificando-a.

Precisemos melhor estes conceitos, escolhendo o exemplo de Jesus, tal como o descreve o guia Abdallah...

«Espírito cônscio da sua natureza e do seu destino, ei-lo a meditar, ponto perdido nas areias escaldantes do deserto, caído num mundo em que se cruzam as linhas vindas de múltiplos horizontes mentais e emocionais. Assaltam-no as vibrações baixas das paixões humanas, dessas formas vivas apenas enquanto houver uma alma que as acalente e nelas delire. Elas chegam como rajadas de vento prenhe de miasmas e de vapor de carnes saciadas; fustigam desesperadamente mas acabam por desaparecer nos longes. A alma do Rabi galileu fica de pé, assistindo indiferente ao revoltear desses ventos... Arremessada para o alto na onda sublime da prece, ela está em suspensão sobre o seio da Criação.

«Enquanto medita e ora, a alma do Mestre sobe e espraia-se pelo espaço imenso: — a radiação psíquica em que pensar e sentir se fundem numa harmonia absoluta e a que a vontade deu uma frequência inconcebível, é quem a leva. A onda do ser caminha, caminha sempre, buscando Aquele que lhe deu causa. Como posso eu descrever a transcendência suprema do Encontro? A alma difunde-se na beatitude de um êxtase que as palavras dos homens são impotentes para descrever».

Para onde caminhar agora? Mas pela vereda que se abriu: — se os fulcros anímicos são campos interpenetráveis, como se opera a comunicação? que fenómenos se ocasionam? que forças entram em jogo? É a *teoria dos fenómenos metapsicológicos*» que nos solicita...

AMAI E PERDOAI

pelo Espírito de REPER-SIAM

Queridos amigos, que Jesus vos tenha sob a Sua protecção, que bem o precisais. Pena é que vos não esforceis por merecê-la.

A vida material é um minuto na eternidade, é um momento que desaparece na vertigem do movimento. Não deveis, portanto, apegar-vos tanto à terra, a ponto de comprometer essa eternidade por causa do minuto que viveis. A vida continua sempre. Por todo o lado se manifesta, dentro da lei de causa e efeito. Nada é independente. Sempre os mesmos elos fazendo parte da cadeia única a que todos estão ligados.

«Amai ao vosso semelhante — pregou Jesus — sem procurar saber se é samaritano ou fariseu». Assim deveis ser vós, os cristãos-novos do século a quem foi dada a incumbência de fazer reviver o Cristianismo puro. Mas os espiritas em certas partes estão-se afastando do seu dever. Não têm força e vão seguindo a turba materialista, confundindo as coisas de Deus com as dos homens.

O Espiritismo é doutrina tão bela, contém tantos factores para o triunfo dos homens, que os que foram bafejados com a sua luz e continuam amarrados ao ergástulo terreno são espíritos endurecidos que só a dor os poderá limar.

É preciso verem-se retalhados pela dor, pelo sofrimento atroz, para conseguirem avançar um passo. A vida folgada e despreocupada aí implica ranger de dentes nestas paragens. É o retorno certo em condições bem piores, quer queiram, quer não. A justiça de Deus é indesvendável a vossas mentes; por isso, em muitos casos, só tendes que verificar, sem vos aperceberdes das causas. Para vencer essa prova eu aconselho calma, paciência, resignação e humildade, bordões a que devem encostar-se todos aqueles que têm dívidas grandes a resgatar.

Amigos, eu sou uma alma em evolução como vós. Como vós, tenho sentido a dor e a incerteza e cheguei a esta conclusão: só com o sofrimento, com a humildade e com o trabalho resgataremos passados vergonhosos em que praticámos actos como os que exprobais a muitos irmãos infelizes.

Jesus, que conhecia a força dos que estão confiados à sua guarda, tudo previu pregando o «Amai-vos uns aos outros como irmãos». O Espiritismo não pode fugir do mesmo tom. Amai-vos uns aos outros como irmãos e resgatai por todo o preço passados escuros. Para isso não vos poupeis a sacrifícios. Aceitai tudo como paga do que fizestes em vidas passadas. Aparelhai-vos para a jornada com o trabalho por escudo, com a humildade por lema. Com trabalho e humildade conseguireis avançar, desbravando assim as calosidades da vossa alma endurecida pelas iniquidades do passado.

Irmãos, estais de acordo com isto? Estais, mas falta-vos a força para o praticar. Tendes que vos esforçar, porque já vistes muita coisa que vos deu o conhecimento necessário. Amai o próximo e tolerai o seu atraso. Resignai-vos com o que vos foi dado e caminhai depressa, porque o tempo urge. Perdoai as ofensas e espalhai a caridade e a felicidade.

Amigos, não apresenteis desculpas. Tendes a luz suficiente para fazer o que vos aponto. Amai ao vosso semelhante, sede calmos e humildes, nunca aponteis o erro para castigar ou enxovalhar, porque vós não estais isentos de culpa. Só Jesus o pôde fazer, só Jesus, espírito puríssimo, pôde mostrar aos homens a inanidade de suas palavras deles, porque tinha conhecimento perfeito dos que estão à sua guarda. Vós, os terrícolas, sois parte de um todo que só se harmonizará, quando o espírito dominar a matéria e o amor iluminar a criatura.

Amigos, fazei o que vos apresento. Sede vós desses cristãos-novos que trabalham pela regeneração humana. Meditai e vede se há outra forma de progredir, de atenuar as vossas aflições, além do bálsamo cristão, amando o semelhante, perdoando, trabalhando e resignando-se...

Médium — Maria Gonçalves Duarte Santos

PROPAGANDA ESPIRITA

por ALFREDO MIGUEL

(correspondente em Salvador-Bahia)

Disse Allan Kardec, vai isso por quase um século, que o Espiritismo é uma ciência da qual conhecemos, apenas, o *a b c*.

Registando, em um de seus livros, estas palavras, quis o mestre aludir ao carácter evolutivo da Doutrina nascente e às novas luzes que iria gradativamente derramando, até que a mentalidade humana pudesse assimilá-la em toda sua magnitude e profundeza.

Cumpria, por outro lado, a seus adeptos, apressar-lhe a disseminação.

Com efeito, dos dias de Kardec até ao presente, força é reconhecer, o Espiritismo robusteceu-se, tornou-se mais pujante com o enriquecimento da sua bibliografia, onde sábios e intelectuais de nomeada inscreveram os resultados de suas pesquisas e de seus estudos. Alargou-se o campo da fenomenologia, e, pelo conduto mediúnico, as vozes da Espiritualidade deram maior amplitude e desenvolvimento aos temas bosquejados pelo insigne codificador do Espiritismo.

Já se pode, pois, conhecer desta Doutrina mais do que na época em que ela surgiu na França, destinada a irradiar pelo mundo inteiro, tão rápido quanto fosse o empenho de seus profitentes em acelerar a sua propaganda.

Hoje o Espiritismo está mais ou menos difundido em todo o Universo, em que pese a veleidade de muitos em confiná-lo ao ângulo das manifestações materiais.

Aqui e alhures poucos ainda o interpretam como um movimento de cultura, ou, como Léon Denis, como «uma das mais notáveis formas da evolução do pensamento, o germe de uma das maiores revoluções morais de quantas o mundo haja conhecido.»

Na América latina, pode-se afirmar que é o Brasil o país onde o Espiritismo alcançou maior progresso e mais considerável é a sua influência. Enquanto, principalmente nos países de língua espanhola, ele é aceito, de um modo unilateral, como filosofia, e desta forma propagado num limitado círculo, para nós brasileiros, reveste-se de tríplice aspecto — científico, filosófico e religioso — expandindo-se em vasta latitude marcadamente como expressão evangélica. «O Espiritismo no Brasil é a caridade em acção» — escrevera, certa feita, Gabriel Gobron, depois de se inteirar das numerosas instituições de assistência social, mantidas com a finalidade de minorar os sofrimentos físicos e morais de nossos semelhantes. As sociedades espiritas dentro da nossa área territorial, contam-se por milhares, sendo poucas as que não mantêm um serviço qualquer de amparo aos necessitados e sofredores. Por toda parte, assim nas grandes capitais como nas modestas localidades do interior, a preocupação dominante dos que abraçaram o Espiritismo é erguer obras que dêem testemunho de sua operosidade e de seu sentimento caritativo. Nos labores da beneficência cristã, positivamente nenhum outro povo iguala os espiritas brasileiros.

Mas, talvez por muito se exaurirem nesse afã, como a querer cada qual transmudar-se num S. Vicente de Paulo, os espiritas do Brasil não vêm fazendo o quanto se poderia esperar do seu esforço no sector da publicidade e da difusão doutrinária. A instrução própria têm eles negligenciado lamentàvelmente, e o que se chama propaganda do Espiritismo, pouco vai além da faina consuetudinária nos Centros. Reduzido é o número de adeptos que possuem ou conhecem os livros de Allan Kardec e se libertaram totalmente das ideias estreitas que trouxeram da infância, na passagem por outras escolas religiosas. Isto em sentido geral, de referência à colectividade. Aludindo, particularmente, aos que se acham à testa das organizações, na direcção do movimento espirita, a condição de homens esclarecidos e capazes, que o são, na maioria, não os forra da culpa de não tornarem mais produtivo o seu trabalho. Bem que este multiplicaria seus benéficos resultados, se feito com a determinação de agitar o meio profano, atraindo para o Espiritismo as atenções das massas. A acção dos propugnadores da Causa, fazendo sentir-se apenas «intra-muros», é de escassa eficiência. Pouco adianta pregar o Espiritismo para os espiritas; e estes, como se sabe, são computados

na média de 90 % daqueles que lhe frequentam as sessões teóricas. Externamente, sim, é que o Espiritismo precisa de se projectar, revelando-se para os leigos e antagonistas com força de desfazer as suspeitas e a má fama em que o envolveram. Importa torná-lo bastante conhecido de todos, para que ninguém o confunda com seitas supersticiosas e ideologias nocivas. Ele é a fonte suprema do bem, porque divina é a sua origem; todavia, a ignorância de certos letrados, numa tentativa inglória de amesquinhá-lo, por estas bandas, nos seus arroubos demagógicos, tem assoalhado que o Espiritismo é tão ruinoso como o alcoolismo e a sífilis...

Nada mais nos cumpre senão destruir a balela, explicando para o povo, nos lugares onde ela teve curso, o que é o Espiritismo, a fim de que todos vejam de que lado está a verdade e quais são os que verdadeiramente se batem por um ideal de fraternidade entre os homens. A palavra de quem o saiba expor, com minudência e clareza, tem a dupla vantagem de instruir e interessar os assistentes. Havemos notado que, fora das agremiações espiritas, nos recintos estranhos, onde o público é convidado a se congregar em assembleias numerosas e heterogéneas, os doutrinadores fluentes são escutados com respeitosa atenção e amiúde interrompidos com palmas e interjeições de louvor do auditório, que não consegue sopitar o entusiasmo. Observamos, outrossim, que ninguém sai fazendo reparo aos conceitos por eles expendidos, mas, ao contrário, é comum externarem nos seus comentários a boa impressão e a simpatia pela Doturina Espirita.

Entretanto, se a palavra falada leva sempre consigo a palavra escrita, bem mais salutar e duradouro será o efeito da explanação no espírito dos ouvintes. Uma distribuição inteligente de literatura, em forma de pequenos folhetos, ou avulsos, aos componentes de uma reunião, mormente onde preponderem os não espiritas, tem um valor que nem todos os que pugnam pela vulgariza:ão do Espiritismo puderam ainda avaliar. Ninguém, ainda que refractário a leituras, se esquiva de ler uma página substanciosa, incisiva, que lhe caia sob os olhos enquanto aguarda o início de uma cerimónia. Se o assunto é palpitante e toca a sensibilidade, ou obriga à reflexão, muitos chegam quase a decorar e levam o prospecto para que outras pessoas leiam. Dou tudo por esta espécie de propaganda, tenho-a feito inúmeras vezes e conheço seus importantes benefícios. Por ela muitas criaturas foram induzidas ao estudo sério do Espiritismo, operando-se, sob o influxo deste, uma transformação completa em suas vidas. Cheguei a fundar, aqui em Salvador, uma *Caixa de Propaganda e Beneficência,* que se manteve por espaço de dois anos, com 80 % das contribuições dos sócios, destinada ao custeio de impressos divulgadores da nossa Doutrina. Ainda hoje há quem guarde cópias das edições que fiz circular abundantemente, contando-se algumas que dedicados confrades reproduziram.

Longe estamos de desdenhar o que nossos correligionários vêm realizando em outros sectores, atenta a variedade de vocações para o serviço. O Espiritismo ensina a cultivar o amor e o bem acima de tudo, e qualquer que se entregue, com desprendimento, a tarefas altruísticas, estará edificando no testemunho. Contudo, não devemos olvidar, ponderando a resposta de Emmanuel à pergunta 255, no seu livro *O CONSOLADOR,* que «*o trabalho imediato dos tempos modernos é a iluminação interior do homem, melhorando-se-lhe os valores do coração e da consciência.*» Nestas expressões que grifamos, condensou o sábio instrutor espiritual a síntese da Doutrina regeneradora. Certo é que o homem do presente, céptico e utilitarista, só se iluminará interiormente, refundindo o que aprendeu, plasmando uma nova mentalidade, reeducando-se. O Espiritismo, — dizem-no os mais autorizados — é obra de educação. Resta que todos nós, que o queremos ver espargido e triunfante, compreendamos bem o que vem a ser educar, e empreguemos a maior parcela dos recursos financeiros na divulgação mais ampla, quanto possível, dos seus ensinos. Aí está o livro, a imprensa, a tribuna e a rádio, como excelentes veículos de difusão ao nosso alcance. Tudo isto custa muito caro? Responderemos que mais dispendioso é manter um estabelecimento de caridade, onde dezenas de padecentes apenas melhoram as condições orgânicas e se refazem de enfermidades físicas... «Não há — frisa o sr. Manso Vieira, de S. Paulo, em artigo de imprensa — obra de assistência social que possa ser comparada à obra educacional. Se a primeira cura por uma existência, a segunda preserva por toda a eternidade. A marcha do Espiritismo é eterna, e educar é corrigir defeitos, é dirigir para o caminho certo, é garantir a estabilidade no futuro.»

É isto que entendemos por propaganda espirita.

Tirando todo estímulo ao mal, que se gera na treva da alma, o que o Espiritismo, antes

«ALMAS ERRANTES»

Mais um livro estranho ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) ao director desta revista, que o recebeu intuitivamente, em 45 sessões, sem qualquer rasura, como se pode ver, analisando o manuscrito.

Vasado em moldes realistas, o seu entrecho mantém o leitor em permanente vibração, à medida que as personagens se movimentam e os conflitos se sucedem em luta progressiva, ao longo das suas 312 páginas.

Ao contrário de alguns romances espiritas, «Almas Errantes» é baseado na vida terrena cheia de alçapões e demonstra a supremacia do mundo psíquico sobre a matéria.

O cenário divide-se entre uma coorte de saltimbancos e um abastado proprietário que, depois de liquidar o contraente para desposar a mulher amada, é presa das mais intensas emoções originadas pelo espírito do assassinado. O solo de Espanha é percorrido em muitas direcções por uma carroça de funâmbulos, à frente dos quais há um homem cujo poder hipnótico manieta três criaturas, na mira de precioso resgate.

Poucos romances haverá de tão grande intensidade dramática. O imprevisto é tão evidente, que, iniciada a última página, ainda se ignora o desfecho da obra!

Estamos certos de que «Almas Errantes» atingirá extraordinário êxito de leitura. Quem o começar a ler, não mais o largará. Não nos admiramos, pois, de o ver entrar em 2.ª edição antes do fim do ano, como sucedeu ao «Dois Mundos», cuja 2.ª edição começa a circular neste momento.

Uma obra de ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA é uma obra honesta e impõe-se por si própria!

PREÇO { *Para Portugal* — Brochado — 30$00 Encadernado — 42$00
Para o Brasil — » — cr. $30,00 » — 42,00

Pedidos à redacção — Rua do Salitre,149, 1.º — LISBOA

de mais nada, objectiva, é ilustrar o homem, valorizá-lo pelo saber, livrá-lo, em suma, de proteiforme ignorância, que reduz, quando não anula, a sua capacidade para o bem. A maior caridade, pois, que os espiritas poderão fazer ao próximo, é instruir, esclarecer, levar a luz do Conhecimento a todos os cérebros, para que as almas se elevem pela sabedoria e pela virtude. O contrário será a estagnação mental, o estacionamento do indivíduo. Seguimos, porém, uma Doutrina de índole progressiva, evolucionista, e, «se aceitamos a ideia de progresso, não podemos admitir fim a essa marcha indefinida. Porque, ou já somos chegados, e não há progresso, ou há progresso e temos de evolver continuamente.» Palavras são estas, com que finalizo, tomadas ao sr. J. H. Robinson, americano, autor do livro «*A formação da Mentalidade*».

Ciência Antiga, Ciência Oculta e Ciência Moderna

Por RUFINO JUANCO

Correspondente no México

Ciência antiga e ciência oculta não são equivalentes, como alguns imaginam.

A ciência oculta é uma parte da Ciência Antiga que abarca a totalidade de conhecimentos que, antes da idade moderna, foi património exclusivo de um grupo de sábios relativamente pequeno, enquanto a chamada Ciência Oculta parece ter-se convertido em algo de fantástico e a consideravam curiosidade que desempenhava o papel de borralheira.

O mérito do ocultismo está em ter criado duas classes de estudos absolutamente novos na Ciência Moderna: *primeiro,* deu impulso ao estudo crítico da Ciência Antiga; *segundo,* desenvolveu a investigação da fenomenologia espirita, metapsíquica, parapsicológica, ou como lhe queiram chamar.

Não é possível negar que a Ciência Antiga é a mãe da Ciência Moderna. Foi ciência universal antes de surgirem as ideias modernas; mas entre estas e aquela existem apenas alguns pontos de contacto. O que as liga é um parentesco muito afastado; e embora sejam mãe e filha, são tão hostis uma à outra, que parece impossível chegarem a acordo.

Todavia, muitas conclusões da Ciência Moderna têm confirmado numerosas afirmações da Ciência Antiga, que foi, repito, ciência universal, isto é: a unidade de substância, a transmutação ou transposição da mesma; a unidade de força ou energia; a destrutibilidade do átomo e outras coisas, conhecia-as a Ciência Antiga tão bem ou melhor que a Ciência Moderna.

Que distingue, então, a Ciência Moderna da Ciência Antiga? Sòmente as palavras.

A Ciência Antiga chamava à matéria «massa», ou seja, ilusão, engano dos sentidos, porque sabia que a matéria era constituída por éter transmutado, quer dizer, por electrões em movimento. E já se sabe que o electrão não é matéria no sentido que se dá a essa palavra, mas um intermediário entre o éter imponderável e a matéria ponderável. Pois bem; esse mundo intermédio é o domínio dos fluidos, que são os veículos misteriosos, em virtude dos quais se produziam e se produzem os fenómenos espiritas, metapsíquicos ou parapsicológicos.

O *telesma,* de que tanto falavam os antigos, e os princípios contidos na Tábua do antigo. Hermes, eram a causa efectiva da afinidade química, da energia que leva os átomos a reunirem-se em moléculas. E a energia molecular concebemo-la como a resultante dos movimentos dos átomos. Logo, o *telesma* significa a energia acumulada nos átomos, ou seja, a força atómica de que fala a Ciência Moderna.

Vemos, pois, como a própria Ciência Moderna nos obriga a reconhecer que os supostos charlatães de tempos remotos foram, na realidade, sábios de respeito, cuja ciência universal não chegamos a compreender, apesar de tudo.

Que eles sustentaram muitos absurdos e erros? Toda essa confusão e predisposição contra o estudo da Ciência Antiga provém do erro lamentável que se comete ao confudir a Ciência Antiga com o ocultismo de Papus e outros, que recebeu um golpe mortal, quando Marie Curie publicou os seus famosos estudos sobre a radio-actividade.

Os recalcitrantes inimigos da Ciência Antiga terão podido compreender os quatro princípios contidos na Tábua de Hermes? Parece-me que não e por isso é que nunca lhe fazem referência.

Quais são esses quatro princípios? São os seguintes: *Primeiro* — Assim como todas as coisas foram uma só e se originaram dela, assim todas as coisas se formam dessa coisa única por adaptação. Pergunto: qual é essa coisa única? *Segundo:* Pacientemente e com assiduidade separarás o subtil do denso. E eu pergunto: a que subtil se refere? *Terceiro* — Sobe da Terra ao Céu e baixa outra vez à terra e absorve a força das coisas superiores e inferiores. E eu pergunto: que é isso que sobe e baixa? *Quarto* — Essa força de forças suplantará todo o subtil e penetrará em todo o denso. E eu pergunto: a que força se refere?

O conceito evangélico predominante nestes quatro princípios antigos causa-me assombro, posto que concorde perfeitamente com os nossos actuais conceitos.

Torno a perguntar: que distingue a Ciência Moderna da Ciência Antiga? Nada. Ùnicamente a terminologia. Os antigos chamavam projecção à evolução da matéria provocada espontâneamente; chamavam pedra filosofal ao agente específico cooperante; chamavam transmutação ao resultado dessa Evolução, porque, na realidade, se acha então um corpo simples com propriedades físicas e químicas realmente diferentes. Isso era o que os antigos chamavam *Magnum Opus* (grande obra).

Juntando ou tirando electrões, mudam os átomos; é o que faz a Natureza, é o que se propunham fazer os antigos, é o que se propõe fazer a Ciência Moderna com os famosos bombardeios de certos raios, etc.

Estou certo de que, se Pitágoras ressuscitasse, falaria das conclusões científicas modernas, julgando-as um plágio do trabalho que realizou, quando se preparava para a iniciação num templo de Menfis, no Egito.

Enfim, para não cansar os leitores, a Ciência Antiga explicava estes sete princípios, talvez melhor do que a Ciência Moderna:

a) — O princípio de mentalidade.

b) — O princípio de correspondência.

c) — O princípio de vibração.

DISCOS V

Abrindo a sessão, Harry Kerry, o guia do medium, anunciou que trazia consigo dois aviadores que tinham desencarnado 21 anos antes.

Iam transmitir informações sobre o assunto dos discos voadores que agora despertava o interesse de toda a gente.

Um deles era o tenente aviador N. H. Jenkins, observador da R. A. F., natural de Lancaster, que falecera às 19,45, no dia 17 de Dezembro de 1929, durante um voo para a Cidade do Cabo, quando o avião em que seguia se despenhou perto de Tunis. Era de estatura baixa e usava pequeno bigode. Declarou que seu pai fora pastor metodista em Lancaster.

O outro aviador era o chefe de esquadrão Jones Williams, um canadiano que servira na R. A. F. durante a guerra de 1914/18 e que foi descrito como sendo alto e forte.

Jekins falou através da mediunidade de Joseph de Santos e declarou ter visto aquilo a que ele chamou «strato-veículos» (veículos estratosféricos), que distinguia, não por números, mas por cores, os quais se dividiam em esquadrões, à semelhança da nossa força aérea.

A informação referente ao uso da força magnética na condução de discos voadores dada numa sessão a TWO WORLDS, com o medium Joseph de Santos, em Manchester, no dia 2 de Novembro, foi apoiada pelas informações que apareceram nos jornais de Domingo, três dias depois da sessão.

A sua chegada aqui foi centralizada à volta do polo magnético da terra, tendo os seus ocupantes a impressão de ser daquele ponto que tentávamos comunicar com eles.

Estes veículos aterraram nos nossos desertos e levaram consigo uma certa quantidade de espécimes.

Nós, terrícolas, receberemos mais tarde estes visitantes — continuou o espírito comunicante —. Nessa altura haverá mudanças radicais na política e na religião.

Os ocupantes destes veículos, disse, são de pequena estatura, de 90 centímetros a 1m,20 e proporcionalmente semelhantes a nós.

«Disseram-nos que tais seres mantêm uma estação aérea de forma triangular, como posto de observação e abastecimento, a grande altitude e para além da camada de ar que envolve a terra.

«Os discos que vimos partem desta estação como aparelhos de observação e estão empenhados em trabalhos de reconhecimento, a fim de obterem informações sobre a terra e os seus habitantes.

«Os discos voadores são construídos de diferentes metais laminados, formando um anel giratório. São empregadas 25 a 50 folhas de metal, cada uma delas composta de um elemento especial e por sua vez ligada a um quadro eléctrico e relacionada de certo modo com a altitude.»

A transmissão através do espaço é efectuada por meio de uma força magnética negativa irradiada de Saturno e por meio duma força atómica positiva contida no interior do disco, a qual, por ligação a um eixo central, serve para aumentar ou diminuir a velocidade, actuando como freio.

---

d) **— O princípio de polaridade.**

e) **— O princípio de ritmo.**

f) **— O princípio de causa e efeito.**

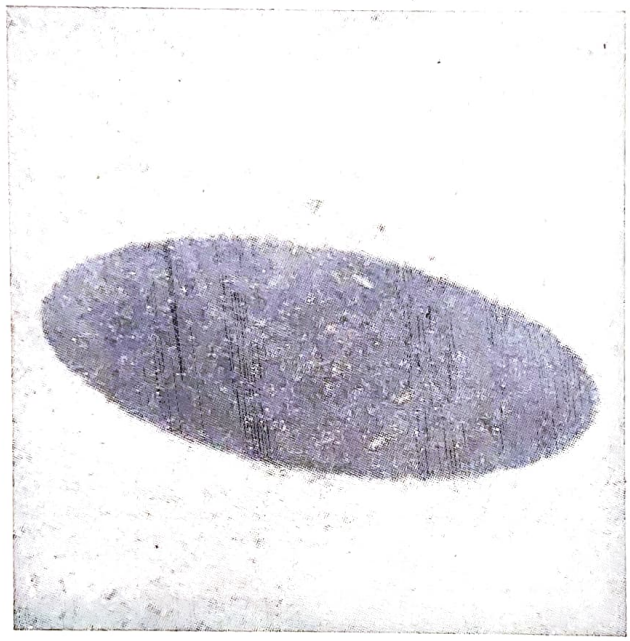
g) **— O princípio de geração.**

Convém saber que grande parte da Ciência Antiga se encontra disseminada em todas as ciências, em todas as filosofias e até nos credos religiosos, embora não identificada com alguém ou alguma coisa. Algo dela havia entre os gnósticos cristãos, ensinamentos orais, ditados pelo Mestre Jesus aos Apóstolos, ensinamentos que só o Espiritismo vai encontrando, por que tal é a sua missão e o seu destino: fazer ressurgir a sabedoria antiga que foi também recordada, como disse, há vinte séculos, por Jesus a seus apóstolos nas aparições e conversações que teve com eles depois da sua morte na cruz, donde se infere lògicamente que a sabedoria antiga, o verdadeiro Cristianismo e verdadeiro Espiritismo são no fundo uma e a mesma

OADORES

O disco transporta uma reserva de energia suficiente para 12 meses, a fim de prevenir a possível falta de força magnética irradiada de Saturno.

Fomos avisados de que, no caso de se dar uma aterragem, não se devem aproximar dos discos grande número de pessoas, pois tal acto pode ser tomado como expressão de hostilidade ou ser interpretado diferentemente pelos seus ocupantes com resultados catastróficos.



Depois, em lugar do aviador, manifestou-se o espírito persa *Ali Ras Elu*.

Disse que os habitantes de Saturno não eram mais evolvidos do que nós. A principal diferença reside no facto de a sua evolução haver tomado caminho diferente e as suas investigações, descobertas e invenções, serem empregadas em fins mais pacíficos. Não concentraram as suas energias para se destruirem uns aos outros, como fazem na terra.

É sua opinião de que os cálculos dos nossos astrónomos referentes a Saturno estão errados.

Declarou que o anel de Saturno era magnético e que se tratava de um fenómeno criado pelos seus habitantes.

O seu fim principal é a captação da energia solar, usada nas suas indústrias e para iluminação do seu planeta e conservação da vida (1).

A sua atmosfera, disse ele, é mais rarefeita do que a do nosso planeta, mas de maior profundidade. As manchas solares têm ligação com o fornecimento de energia ao planeta Saturno.

Foi fornecida uma outra informação interessante sobre uma experiência levada a cabo pelos cientistas de Saturno.

Estes veículos podem ser rádio-controlados de Saturno e uma vez um deles manteve-se estacionário para cá da camada de ar que envolve a terra, enquanto esta fazia o seu movimento de rotação, medido por este processo.

Todos os pormenores de identificação dados pelo espírito comunicante Jekins, bem como os referentes a Jones Williams—repetimos — foram depois confirmados pelos arquivos do *Manchester Evening News* de Dezembro de 1929.

Um medium não profissional como o sr. Joseph de Santos, que passou a maior parte da sua vida na América do Sul, pouco conhecia deste país e muito menos dum assunto inserto num jornal de há 21 anos e nenhum dos presentes à sessão tinha jamais ouvido falar nos dois aviadores ou na sua tentativa de voo para a África do Sul.

(De Two Worlds, *de 18-11-950)*

(1) É interessante notar que o Sr. Fred Hoyle, nas suas palestras pela rádio sobre «A Constituição do Universo», foi de parecer que a retenção e conservação de energia dos raios solares era bem melhor do que a energia atómica como meio de preservar a vida e a indústria, quando as fontes actuais de energia existentes na terra estivessem exaustas.

---

coisa, embora na forma de expressão pareçam coisas diferentes.

E ainda que dessas três revelações, a primitiva, a cristã e a espiritista, se desprenda que o universo está mentalizado pela Mente ou verbo divino e que o todo está no todo, nem por isso o homem deve atrever-se a dizer «eu sou Deus», servindo de gáudio às multidões e de motivo de tristeza aos sábios.

Nele certamente nos movemos, vivemos e somos, como dizia o Grande Paulo; mas não somos Ele. Deixemos, pois, essa ideia absurda de algumas escolas, segundo as quais o homem é Deus. É como se o Quixote dissesse: «Eu sou Cervantes»; é como se Otelo e Hamlet dissessem: «Nós somos Shakespeare».

Não, não somos o Ser, mas um modo de ser; assim, dizemos que não somos a Causa, mas o Efeito, não o absoluto, mas o relativo, não o eterno Manifestante, mas a eterna manifestação.

(I. D. S. traduziu)

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos* — Narrativas do Além ditadas pelo Espírito de *Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)* — Edição de Estudos Psíquicos Editora, Rua do Salitre 149-1.º — Lisboa.

Mais um livro do infatigável escritor, nosso amigo e confrade Isidoro Duarte Santos, mas este diferente dos que já publicou. Escrito por ele, não é absolutamente dele. Serviu apenas de intermediário. Ele foi a máquina que uma outra inteligência aproveitou para poder descerrar um pouco do véu que nos oculta os arcanos do Além. É uma obra recebida intuitivamente, ditada pelo Espírito de sua saudosa e querida esposa em momentos de absoluto recolhimento depois de muito cepticismo, muita dúvida, muito treino, do que resultou a absoluta certeza da proveniência da intuição, da transcendência de tão aturado trabalho recebido sem emenda alguma, e da conveniência de o trazer a público, apesar de algumas afirmações nele contidas colidirem com ideias suas, conforme declara no Prólogo. É a sinceridade do espirita e do médium. Nem outra coisa era de esperar de quem tem responsabilidades como as do tenente Isidoro Duarte Santos.

O Espírito da bondosa e esclarecida senhora que ditou este livro teve nele uma frase que define bem o seu objectivo: «Familiarizar os homens com a morte e mostrar os verdadeiros panoramas que os aguardam ao deixar as plagas terrenas. O meu dever é contar o suficiente para que a confiança e a paz se instalem nos vossos corações».

O seu poder de convicção e a lógica da narração decerto tocaram a alma de muitos cépticos de maneira a ter conseguido o seu objectivo. Não nos apresentou o Além como um mundo irreal, fantasmagórico, mas sim como uma natural continuação deste, com os mesmos panoramas da Natureza terrena, os mesmos anseios espirituais, as mesmas lutas, os mesmos defeitos e virtudes e, principalmente, com o fim comum de evolução moral e intelectual do Espírito. A par disto, rasga-nos caminhos de luz e, qual cireneu, ajuda-nos a carregar a cruz na via dolorosa do nosso calvário. Tem frases que nos deixam a alma suspensa para nos obrigar a raciocinar, e parágrafos em que podemos ler nas entrelinhas um mundo de coisas que nos exaltam a imaginação em sentido elevado, divino.

Por isso *Dois Mundos* deve ler-se no remanso de um gabinete, devagar, relendo certas passagens, meditando, ponderando, comparando, pois só assim se poderá apreciar devidamente este interessante e útil livro, escrito num estilo muito diferente do de Isidoro Duarte Santos, e extrair-lhe o máximo da luz espiritual que encerra.

(De «Luz e Caridade» de Abril de 1951)

DOIS MUNDOS, por *Isidoro e Maria Gonçalves Duarte Santos* — *Estudos Psíquicos* — Lisboa.

Os Dois Mundos — o material e o espiritual — se interpenetram. E completam-se, de vez que o Espírito carece da Escola da Carne para sua evolução, para seu aprendizado. E o espírito influi, mais do que se pode pensar, na vida material. Nada existe, por isso mesmo, de grande e belo que não seja — ousamos afirmá-lo generalizadamente — obra dos Espíritos. A Terra é, na verdade, muito pequenina e atrasada para que sua gente, seus sábios e seus santos, possam fazer alguma coisa extraordinária. Só accionados por forças de cima, que nos vêem e nos observam de mais alto, podemos realizar grandes coisas. As coisas grandes que a humanidade executa são inspirações do Alto e de mais alto. Todas as religiões sérias — e ainda há religiões sérias, a despeito de tudo! — são obra dos Espíritos. Haja vista as três grandes Revelações, todas elas, absolutamente ditadas pelos Espíritos. Inspirados por Espíritos foram, também, todos os génios e poetas, missionários e artistas. Os grandes nomes e grandes homens têm, todos eles, factos espiritas, orientando sua vida, do mesmo jeito que 90 % dos infelizes que enchem os manicómios são vítimas dessas forças espirituais ainda desconhecidas, porque gente mais obsidiada do que louca.

Não foi sem motivo que o Cristo advertiu: «O Espírito sopra onde quer...». E mais. «O Espírito tudo pode, até penetrar a obra oculta de Deus». E João Evangelista: «Caríssimos, não creiais em todos os espíritos, mas provai se os espíritos são de Deus». E Allan Kardec, aconselhando se prefira recusar noventa e nove comunicações verdadeiras a aceitar-se uma só mentirosa, reconhece, como João, e como o Cristo, que o destino humano em nosso grão de areia astro-

O LIVRO "DOIS MU

nómico, depende mais, talvez, dos Espíritos do que dos homens; que o Mundo Material é mais acionado do que lhe parece pelo mundo espiritual. Confirmação, aliás, clara e lógica do conceito positivista de Augusto Comte, asssinalando que «os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos».

Todas essas considerações superficiais nos afloraram à mente, asssim tivemos o *Dois Mundos*, de dois Espíritos queridíssimos: Isidoro Duarte Santos, o captador das páginas que se lêem, e Maria Gonçalves Duarte Santos, sua esposa, que as ditou.

Estamos chegando de uma longa excursão, que nos consumiu 46 horas de vôo e 25 de rodagem. Depois de tanto tempo no ar, ainda estamos no ar, a propósito das prebendas e responsabilidades que 45 dias de ausência nos reservaram. Nem por isso deixámos *Dois Mundos* para leitura posterior, a despeito de mais de vinte volumes sobre nossa mesa esperarem por nós, pacientemente. Explica-se: entre nós e os dois grandes Espíritos, existe uma enorme afinidade. Maior afinidade entre os dois espíritos queridíssimos, desencarnados, o de sua Maria e o de nossa Marilia...

Fomos, pois, ao livro, deixando outros afazeres para depois. E, no trem e no *omnibus*, na barca e nas sestas, *Dois Mundos* andou enchendo todos os nossos instantes disponíveis e supostamente vagos.

Dois Mundos enfaixa impressões e doutrina,

descrições e maravilhas do mundo espiritual em que se encontram nossas queridas.

E são páginas repassadas de tal doçura cristã, de tal suavidade literária, que a gente as lê e as relê. Por isso, e pelo estilo leve e subtil, conciso e objectivo, a períodos curtos que não forçam a atenção para sua contextura sintática, nem o cérebro para a compreensão do texto.

E a génese de *Dois Mundos?*

Explica-a Isidoro Duarte Santos. Inicia assim: «É a primeira vez que subscrevo um livro que não é meu». Escreveu-o, alheio a sua génese, gravando afirmações que colidem com seus pontos de vista. Em vinte anos de actividades doutrinárias nunca sentiu manifestações mediúnicas intuitivas. Foi até refractário a esta mediunidade. Tudo isso, nos dias cheios de sol e de ar puro que viveu ao lado da esposa querida. Nesses dias, entretanto, lhe dizia ela: «Eu morro primeiro. Mas hás-de ter notícias minhas».

Foi-se a companheira. Deu, no dia do seu trespasse, a primeira prova mediúnica de que a vida continua. Depois, o aviso: «Quero ditar uma obra».

O companheiro encolhe, céptico, os ombros aos avisos, porque foram vários, mal sabendo que era por ele mesmo que a obra, que as obras seriam ditadas, de vez que, já agora, mais dois estão prontos.

NDOS" E A CRÍTICA

Do mérito e da significação da obra, diz o Espírito que a ditou:

— Não te importes que haja críticas e polémicas. O meu testemunho é inteiramente pesssoal. Sol responsável pelas minhas afirmações».

Aí está feita a apresentação da obra que, embora sendo pessoal, interessa a quantos a leiam, pela beleza da forma e suavidade de estílo, pelas impressões e descrições da sua chegada à Espiritualidade, de casos e coisas que aí mais a impressionaram. Por tudo, finalmente.

Destacar capítulos?

Qual, dos cinquenta e dois que dão força e calor, luz e vida à obra?

(Da «Revista Internacional do Espiritismo»)

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.* Edição de *Estudos Psíquicos,* de Lisboa. 280 páginas. Portugal.

O distinto colega e digno representante da nossa revista em Lisboa, sr. Isidoro Duarte Santos, diz-nos que a obra em epígrafe não é devida exclusivamente à sua pena, com a qual tem dado repetidas provas de capacidade no livro e no periodismo de Portugal e de diversas partes do mundo. Trata-se, no presente volume, de comunicações psicogravadas por ele, sob o ditado do espírito da que foi sua gentil companheira e valiosa cooperadora no seu labor espirita: Dona Maria Gonçalves Duarte Santos, desencarnada a 4 de Janeiro de 1950.

É por esta virtude de afinidade, afiançada na tarefa comum, que se produz o milagre de o irmão Isidoro Duarte Santos se sentir impelido a realizar a faina de transcrever as ideias que o espírito de sua companheira lhe ditou do Além. Como dado ilustrativo, declara no prólogo que começou o trabalho no dia 1 de Junho de 1950 e que no 1.º de Agosto seguinte terminava a obra sem a mínima correcção. A brevidade da gestação dará ideia do carácter específico deste livro de 280 páginas de texto nutrido.

Em 52 capítulos, quase todos breves, o espírito comunicante vai dando os mais belos ensinamentos em linguagem fácil e clara, com reflexos de amor puro que o guia em toda a linha. Com visão ampla, analítica, serena, desfia problemas estimulantes para o estudioso espirita. A vida no Além, as reacções dos habitantes desse plano, as ideias que adquirem e as sugestões para a melhor forma de agir e conviver neste mundo de prova, tudo se vai desenvolvendo com fluidez e se lê com agrado.

«Não se admirem de eu ter escrito um livro — diz a inefável inspiradora no epílogo da sua obra —. Todos vós escreveis como eu, em digressões mentais. Há momentos que são poemas. Sonorizá-los é vivificá-los na matéria. Outros há que são dramas pungentes, outros ainda que são romances deliciosos. O pensamento anda neles e vive neles. Fazê-lo transpor a muralha das palavras é materializar o livro que vai de mão em mão, moeda moral ou espiritual no comércio das almas».

Esta declaração de propósitos marca a linha do seu trabalho no aspecto externo, mas na índole sugestiva há muito material de valor didático — como dizíamos — para o estudo do espirita consciente.

(De «La Ideia», de Buenos Aires)

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.* Narrações do Além ditadas pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos. 1.ª Edição. 280 págs. Lisboa. Estudos Psíquicos Editora. 1950.

Foge ao âmbito dos nossos conhecimentos especializados o conteúdo do livro que acabámos de ler com natural interesse. Não podemos, pois, fazer crítica daquilo que desconhecemos, e muito menos nos será permitido levantar dúvidas sobre a sinceridade e realidade da actividade espirita. Que outros mais esclarecidos o façam, se puderem. Como quer que seja, não nos podemos furtar ao ambiente de bondade e de sacrifício que se desprende deste livro estranho. Rejeitá-lo? Não nos compete fazê-lo. Aconselhá-lo? Por que não? Se há tanto motivo de meditação nestas centenas de páginas, onde não faltam incontestávelmente beleza espiritual e lições proveitosas do mais elevado alcance: «Sede rectos, sede humildes, sede caridosos e envolvei-vos num manto de paciência, se quereis vencer os inimigos que vos atacam. A violência gera violência. A bondade desarma o orgulho. E o ser encontra a vereda iluminada e florescida»...

Dr. Almeida Lucas

(Da revista lisbonense «Serões»)

ECOS DO ALÉM...

II

Apesar de já ter recebido sessenta e tantas mensagens atribuídas ao espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos, ainda uma dúvida, por vezes, me visitava. Resolvi então pedir o auxílio de um médium vidente que descrevesse o panorama espiritual durante o tempo da minha concentração.

No dia 19 de Maio de 1950 chegou a minha casa a senhora D. Maria Bacelar, em companhia de seu marido, Mário Bacelar. Eram 10 horas da manhã. Dirigimo-nos à secretaria do Centro Espiritualista Luz e Amor, onde eu realizava as minhas concentrações. Sentei-me no lugar habitual e disse àquela senhora, que ficou a meio da sala, ao lado do marido:

— Vou concentrar-me, abstraindo a vossa presença. Peço-lhe que observe rigorosamente o que a possa impressionar, sem esquecer o mínimo pormenor. De vez em quando sou avassalado pela desconfiança e desejo controlar o meu trabalho. Tenho horror à mistificação.

A médium aquiesceu ao meu pedido. Fechei os olhos, fiz a prece de invocação aos meus guias espirituais, ao nosso espírito familiar Reper-Siam e a Lia, cuja fotografia tinha na frente. Acto contínuo comecei a sentir um prurido especial que me dava a impressão de teia de aranha levemente agitada. Tornara-se tão frequente a sensação, que eu dizia, volta e meia, à laia de estribilho: «Cá está a teia de aranha». Os amigos mais próximos, como João José Pilar e Túlio Rosa, assistiram muitas vezes a este acontecimento. É que eu não tinha imagem mais adequada para traduzir a sensação que tantas vezes me dominava.

Mas naquele dia...

Primeiro senti uma força estranha a erguer-me os braços, lateralmente; quando ultrapassavam a altura da cabeça, arqueavam-se na atitude de abraçar alguém e assim permaneciam alguns segundos. Ao mesmo tempo a «teia de aranha» revelava os seus efeitos na minha face, principalmente junto dos lábios, enquanto sobre a cabeça um fenómeno bem curioso era objecto da minha atenção. O meu cérebro estava como que ligado a um cone de ar comprimido; qualquer coisa me influenciava o crânio à distância de 20 ou 30 centímetros. E assim, quando movia a cabeça, para a frente ou para o lado, um peso sui generis acompanhava o movimento. Tinha dele impressão concreta. Ao lado destes fenómenos uma onda de fluidos me banhava inteiramente, percorrendo-me o corpo como brisa deliciosa.

Os meus braços levitaram três vezes, como sucedia sempre, antes de os colocar sobre a secretária e abrir automàticamente o caderno, paginado com antecedência. Na última, senti o prurido nas faces, ao mesmo tempo que uma força me segurava os braços em arco e me voltava o rosto para cima.

Agora, vamos à descrição da vidência.

Dois minutos depois do início da concentração e das preces, diz a médium:

— A D. Maria acaba de chegar. Surgiu da parede (entre duas portas que dão para a varanda) e foi colocar-se atrás de si. Agora está de pé com o braço direito sobre a sua cabeça e diz que vai ditar uma mensagem muito bonita. (Esta impressão coincidiu com o que acima descrevo. Quanto à mensagem prometida, confesso que não acreditei. Estava convencido de que nada conseguiria receber, em presença de duas pessoas estranhas que alteravam grandemente o ambiente peculiar às minhas concentrações. Todavia, calei-me, aguardando os acontecimentos).

Mas eu estava a sentir a «teia de aranha» na face esquerda... Então a médium exclamou:

— Agora olha para si, tem a cabeça sobre o seu ombro e roça-lhe as madeixas de cabelo na sua face esquerda.

— É extraordinário! — pensei imediatamente.

Na verdade, o que eu sentia era um toque leve de cabelo. *Fiquei admirado de*

só agora compreender que não podia ser outra coisa.

Passados alguns momentos, quando os braços em arco ficaram imóveis, diz a médium:

— Agora está na sua frente, dentro dos braços. E diz: «Parece-te impossível que caiba em recinto tão estreito? Até caibo dentro de ti».

Logo a seguir, sinto vontade de escrever. Abro o caderno, fecho os olhos e aguardo intuições. Dez minutos depois recebo a seguinte mensagem, sem a mínima rasura, com o espírito de minha mulher ao lado, segundo declarou a médium e de harmonia com o prurido que continuei a sentir durante muito tempo. Esta Mensagem podia bem intitular-se «O Meu Abraço».

N.º 70 — 19 DE MAIO DE 1950

Isidoro querido! Ouviste a descrição? É este o meu abraço. Abraço grande, abraço amoroso que te envolve como perfume raro. Abraço de duas almas que se entregaram para todo o sempre. Abraço que vitaliza, que eleva, que amplia as mais nobres faculdades do espírito imortal! Abraço que esclarece o ambiente e dá coragem para grandes feitos. Abraço generoso que abre o corola do amor e radica na alma as bases de ligação indestrutível. É este o meu abraço. Encerra toda a gama do sentimento. Abraço que fortalece, que entoa cânticos de eterna juventude! Abraço grande em que o coração palpita em plenitude! Abraço de identificação, abraço tranquilizador! É o abraço dos abraços! Nele, tudo se transfunde. Todos os afectos se encontram nele. Todas as cores, todos os aromas. Toda a ternura, todo o anseio. É um abraço inconfundível. As nossas almas comungam nos seus feixes luminosos. Sentem-se dilatar. É um voo estranho, um voo sinuoso que embala e delicia. Este é o meu abraço!

Quero que sintas o que eu sinto. E o meu abraço será mais forte ainda, envolver-te-á completamente. Será apoio, será bordão. Andarás mais calmo, terás mais confiança, serás mais optimista.

Sentes a minha presença e um vigor diferente te percorre as veias. Sentes a minha presença e uma alegria nova se imprime em teu semblante. Sentes a minha presença e tudo se modifica em teu ser. É o meu abraço, Isidoro! É o meu abraço, é o meu amor, que aumenta sempre, que se expande sempre! Como ele é belo, como ele é grande, como ele é profundo! É luz e bondade, é afago, é carinho, é desejo de ascender a mais altos planos.

Não sei explicar! Sinto e nada mais. Por mais que me esforce, por mais que experimente, não sei explicar. É uma aleluia, uma apoteose de luz branca que nos envolve, que nos acaricia. É uma presença tangível, é um abraço que pedes e eu transmito na hora própria. Felizes dos que sentem esse abraço. Felizes dos que sentem o seu influxo. Felizes deles, que podem singrar sem medo na estrada da vida, lutando e cantando! Felizes deles! Felizes deles!

Nunca julguei que te pudesse abraçar assim! Sabia que a morte do corpo trazia grandes modificações. E que havia dificuldades a vencer, quando nos quiséssemos aproximar dos entes que ficaram. E por isso nunca julguei que te pudesse abraçar assim.

Ah! como sou feliz!...

Eu quero que partilhes da minha calma e da minha felicidade. Quero que abandones pensamentos negativos que impeçam a marcha gloriosa. Este é o fim do meu abraço. Há sempre um fim em tudo. Toda a causa tem efeito...

O que me trouxe foi o amor que me transcende. É meu e teu e envolve a querida Gena. É o livro da nossa alma, onde escrevemos os mais belos poemas.

Foi isto que me trouxe. Anda comigo sempre.

Quando choras, ando inquieta. Vibro, estremeço. Quero aproximar-me e não posso. É uma luta. Depois acalmas e tudo se esclarece. O amor realizou o milagre. O meu abraço mais uma vez te envolveu, mais uma vez te impregnou do meu perfume raro.

Vês como o poder de Deus se exerce nas almas? Como ele invade os corações? Como encoraja, como enaltece?

Vês, Isidoro? Se um laço forte não ligasse as nossas duas vidas, eu não estaria aqui com o meu abraço!

Mas Deus é grande! Deus permite que as almas se aproximem num abraço lu-

minoso, que entoem cânticos de amor imortal. Deus permite. Por isso a morte dos corpos é um incidente vulgar. O que importa é a existência das almas! O que importa é o amor que ilumina e aquece. Isto é que importa!

Abandonei a Terra e sou feliz. Mas tenho saudade. Deixei-vos a contas com problemas que aguardam solução. E auxilio-vos com o meu abraço frequente. Incito-vos, dou-vos energia, impulsiono-vos. Assim fazem os bons amigos. Avançam resolutos para o alvo.

O meu abraço envolve tudo. É força e visão. É direcção e conselho salutar. É luz e calor. É seiva que alimenta, é ar que purifica. O meu abraço dá tudo o que pretendes e necessitas. É uma couraça.

Nunca viste um abraço assim. Nunca viste... Só o meu abraço te avigora.

Mas isto é introito. O que virá será mais belo, mais interessante. Dará novos frutos. Firmará mais a tua convicção. Projectará mais luz nas trevas que vos cercam. E tudo consequência do meu abraço luminoso, deste afecto imenso que me aproxima de ti.

Quero que tenhas alegria, que sejas calmo, que a felicidade irradie à tua volta, em forma de abraços.

Vês, Isidoro? Esta é a canção do meu poema, a música da minha cítara. Os seus acordes adormecem-te, lançam-te na alma o aroma embalador de um sonho que não tem fim...

Elevemos o pensamento num grande abraço, num abraço divino que nos afaste da Terra. Busquemos alimento espiritual!

Vem comigo, segue-me nesta ascensão, procura atingir as culminâncias! Vem, Isidoro querido! Vem! Só um instante! O meu abraço te envolve e ampara. A minha luz te guia!

A Terra é cadinho de sofrimento onde as almas se depuram. Mas depois de alijarem o invólucro e compreenderem a metamorfose é que sentem melhor. E podem dar abraços como eu te dou.

Onde vim parar com a minha conversa! Onde vim parar! Dei-te um abraço grande, muito carinhoso, e gostaria de assim ficar muito tempo.

Adeus. Hoje sentiste melhor a minha presença. Dou graças a Deus por isso.

Beija por mim a Gena. Agradece a esses dois amigos. Gosto muito deles. Se pudessem colaborar connosco...

Um grande abraço da

Tua, sempre tua

LIA

★

Após a Mensagem, D. Maria Bacelar começou a descrever o que viu. Recapitulou o que já contei e esclareceu, dirigindo-se à minha pessoa:

— O seu cérebro ondulava com manchas claras e escuras. Quando a D. Maria lhe pôs a mão na cabeça, o cérebro foi-se transformando e esclarecendo. A seguir ficou muito claro e gotas douradas começaram a cair nele, como sementes que germinassem, projectando feixes luminosos que se espalhavam na secretária...

Eu senti maior afluência de energia espiritual. E a médium continuou:

— Como disse, vi cair na secretária muitas luzes em forma de pirilampos, a saltar. Depois extinguiam-se e transformavam-se em dinheiro, muito dinheiro, e muitas mãos a pedir. Ouvi então dizer que eram esmolas espirituais.

Esta linguagem simbólica relacionava-se com a missão que eu estava a desempenhar. As gotas douradas eram as intuições que eu ia recebendo e os feixes luminosos eram a sementeira dos ensinamentos transmitidos. Tudo, finalmente, se reduzia a esmolas espirituais.

A médium acrescentou que viu uma criancinha em bicos de pés, com a mão no meu braço, a espreitar o que eu escrevia. O espírito de minha mulher ria-se para ela e dizia: «Sempre gostei muito de crianças». A garotinha dava-lhe as mãos e dizia-lhe: «Vamos... Vamos...».

Neste momento apareceu um homem muito luminoso, exclamando, de braços abertos e descalço: «Onde está a paz, está o meu coração».

D. Maria Bacelar disse, finalmente:

— D. Maria vem descalça, com os pés a alguns centímetros do soalho.

— Porque vens descalça? — perguntei.

— Os sapatos são para os caminhos ásperos da terra...

★

O meu cepticismo sofreu profundo choque nesta experiência, cujo resultado foi positivo. A médium revelou-me duas coisas importantísimas que eu estava sentindo sem as denunciar: a pressão sobre a cabeça e o prurido na face esquerda. A prova estava certa.

Pouco depois anunciava a Mensagem que ia ser ditada e que eu estava bem longe de receber. Todos os intuitivos sabem que o recolhimento e a concentração são condições indispensáveis à captação do pensamento e que a presença de alguém altera logo o ambiente psíquico. Pois a Mensagem foi recebida com grande facilidade e sem qualquer esforço mental da minha parte. O meu receio foi vencido inteiramente.

★

No fim da sessão pedi à médium que se concentrasse sobre o meu amigo A..., que estava longe de Lisboa. Alguns minutos depois faz o seguinte relato:

— Anda uma mulher em torno dele. De vez em quando pega-lhe nos braços e ele estremece. A mulher é espírito atrasado, de cabelo escuro, à roda de sessenta e tal anos. É altinha. Parece que morreu de qualquer coisa no abdome.

Uma pausa. A seguir, exclama:

— Esse homem mora numa casa grande? Janelas... portas... Tem terras...

— Sim, a casa tem um quintal — aventurei.

— Terras... — esclareceu ela —. Vinhedos... E parece que chora... Quer ver-se livre daquilo... Está aflito... É um peso que deseja largar...

Eu fiquei silencioso para não influenciar a experiência. Depois perguntou:

— Ele não tem mais filhos, além de um garoto?

E logo, em mutação de ideias:

— A mulher que está agarrada a ele era remexida.

Eu perguntei-lhe, então, que parentesco havia entre ambos. A resposta veio rápida:

— É mãe.

— Se é mãe, para que o tortura?

— Quere-o ao pé dela... Não lhe quer fazer mal... Perturba-o sem o saber. Morreu com um cancro (e aponta para o estômago).

Nova pausa e conclui:

— Tinha os dentes grandinhos. Usava saias compridas... e blusa...

O que eu acabava de ouvir era espantoso. Tudo absolutamente verdadeiro no tocante aos factos essenciais que eram do meu conhecimento. Só não sabia se o meu amigo chorava. Mas depressa o vim a saber, quando lhe escrevi a narrar o acontecido. Sim, ele chorava muitas vezes. Tudo aquilo era verídico!

Como se vê, a sessão rematou com um fenómeno verdadeiramente extraordinário que valorizou em absoluto o relato da médium acerca da entidade que me controlou durante a recepção da Mensagem.

Daí em diante não tive mais dúvidas. Sabia a origem do prurido, sabia a origem das Mensagens. E D. Maria Bacelar afirmou-se como instrumento real e honesto de investigação, no qual eu podia depositar a maior confiança.

(Continua)

I. D. S.

A Manifestação Vital

Todas as manifestações de vida se encontram nesta região. Por isso disse que este mundo é semelhante ao vosso. Embora tenha falado em espíritos libertos, o espírito tem aqui o seu veículo. Libertou-se da matéria terrena, mas revestiu-se de outra mais rarefeita. Seja qual for a sua posição no cosmos, não pode afirmar-se sem veículo apropriado.

A palavra «essência» não chega para denominar o espírito. Nem mesmo «vibração». São ideias muito abstractas. Só quando volver à fonte originária prescindirá de suporte. Ficará purificado e temperado.

Durante os ciclos planetários ir-se-á preparando e amoldando a novas formas vitais, sofrendo burilações e adaptações em linha ascensional, através dos cadinhos da Providência. Depois, não sei o que será. A minha visão não alcança maior distância.

Há coisas que é melhor não esmiuçar. É preciso aprendizagem para compreendê-las. Não podemos acompanhar a viagem do espírito com perfeita consciência, embora a tivéssemos feito até à data. Aqui e ali houve hibernações, durante as quais mergulhámos no esquecimento.

(Do livro «DOIS MUNDOS», ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos)

COISAS QUE

por Bartolomeu Bana Martins

E toda a parte tenho encontrado pessoas que, desconhecendo ou combatendo o Espiritismo, têm observado fenómenos espiritas ou anímicos interessantes e elucidativos. Mas como não há maior cego do que aquele que não quer ver, logo procuram uma explicação irracional e absurda, atribuíndo o que presenceiam a ilusão, sugestão, alucinação ou delírio produzido por doença, tudo que a sua cega ignorância e falta de coragem mental lhes sugere. Mesmo quando os seus próprios sentidos físicos atestam a realidade dos fenómenos sem possibilidade de dúvida, o receio do ridículo leva-os a calarem-se e a atribuirem o que lhes acontece a qualquer disparate, inclusivamente a julgarem-se doidos, em vez de reconhecerem a realidade.

Em Lourenço Marques conheci o senhor Tomé, cidadão sino-português natural de Macau, educado num seminário, católico convicto, boa pessoa, embora dogmático e limitado no seu raciocinio.

Era o senhor Tomé casado com uma senhora macaísta e tiveram quatro filhos, dois rapazes que haviam morrido com poucos anos de idade e duas meninas que vivam ainda.

A morte de um dos pequenos, creio que do segundo, foi assim: — a criança, que devia ter três anos de idade, adoeceu. Na farmácia, por acaso de uma irmã da esposa do senhor Tomé, houve engano ao aviar a receita, e o doentinho, em vez de se restabelecer, morreu envenenado. O pai durante oito meses chorou a perda do filho e afligia-se, imensamente preocupado, pensando se o filho, criança de uma inteligência e desenvolvimento precoces, não teria cometido algum pecado que lhe impedisse a sua entrada no céu. Foi então quando o filho lhe apareceu de noite, por várias vezes, estando ele sempre acordado, a confortá-lo e a tranquilizá-lo.

Da primeira vez apareceram-lhe os dois filhos (os dois rapazes que tinham morrido) e o que morreu envenenado falou ao pai e disse:

— Nosso Senhor teve dó de ti e mandou-nos para que tu nos visses e ficasses descansado.

Doutra vez veio novamente o mesmo filho e disse várias coisas, parte em inglês, outras em chinês e poucas em português. Da última vez que lhe apareceu o espírito do filho, o senhor Tomé estava também acordado e, embora tivesse os olhos cerrados, via-o como habitualmente. O espírito do filho disse-lhe:

— O papá pensa que está a dormir, mas não está. Ora, abra lá os olhos, que vai ver-me.

O senhor Tomé, desconfiado e receoso, obedeceu; e abrindo, cautelosamente, os olhos, viu um grande globo luminoso que, flutuando no espaço, se deslocava lentamente diante dele e que acabou por desaparecer inteiramente.

O senhor Tomé, talvez julgando-se vítima de alguma cilada do demónio, procurou um padre, narrou-lhe o acontecido, mas o sacerdote católico não adiantou qualquer explicação, deixando-o na dúvida.

Há muitos anos, numa aldeia aqui próxima mataram um homem.

Um serão, o nosso Carlos, depois de acabado o jogo em casa de um amigo, regressava à sua residência e durante todo o trajecto caminhou absorto, pensando profundamente no assassinado, que conhecera muito bem e com quem convivera algumas vezes. Foi-se deitar. Estava sózinho em casa, portas e janelas trancadas, como sempre acontecia. A certa altura começou a ouvir passos dentro de casa. Acendeu a luz, correu a casa toda, mas não encontrou ninguém. Pensou que tinha sido ilusão auditiva. Tornou a deitarse, tornou a acontecer o mesmo. Nova vistoria, mas, nada. Dentro de casa não havia ninguém, a não ser ele, nem ninguém podia ter entrado. No entanto, os passos ouviam-se, logo que se metia na cama e apagava a luz. Tornou a deitar-se disposto a não se levantar mais.

Desta vez já não foram passos: agarraram-lhe na roupa da cama e deram-lhe um puxão de tal modo violento, que quase lha tiraram de cima.

Durante toda a noite, o Carlos não conseguiu dormir, porque *sentia* que o rodeava qualquer influência que ele não compreendia nem via, mas que o importunava e contra a qual procurava reagir, cheio de medo. Apesar de tudo isto, hoje, passados anos, ainda diz que não houve realidade nos fenómenos que presenceou, embora seja ele que os conte e autentifique...

A mãe do Carlos estava uma noite em casa sózinha. Era no princípio do serão. Em dado momento começou a ouvir passos no compartimento contíguo. Ficou quase sem respiração. Levantou-se da cadeira, mansamente, e, aterrorizada, sem voltar as costas, foi recuando até que saíu pela porta da rua. Só tornou a entrar em casa quando o marido chegou, chamado por um visinho, a seu pedido.

A avó de Carlos, anciã muito boa e sempre bem equilibrada no seu juizo até ao último momento da sua vida física, alguns anos antes de morrer admirava-se de a filha e outras pessoas não verem e ouvirem o que ela via e ouvia. Contava que via à sua volta homens e mulheres, em grande multidão por vezes, uns bonitos, outros com feições horrí-

veis, falando muito uns com os outros, quase sempre fazendo barulho, incomodando-a com a sua presença.

A maior parte das vezes nem falava no que via para não lhe chamarem maluca.

Todos estes protagonistas contaram, espontâneamente, que foram passados com eles os fenómenos espiritas que acabo de descrever, mas todos eles têm tido receio do ridículo procurando convencer-se a si próprios de que talvez não estivessem no seu perfeito juizo quando tais fenómenos ocorreram.

Os *pseudo* materialistas, aceitando apenas o que os sentidos atestam, acabam por duvidar dos próprios sentidos... e deles mesmos. Que contraditórios! Que incoerentes!...

Faltavam dois dias para terminar a promessa e a senhora D. L., nas suas orações, lembrou insistentemente à Sãozinha que só faltavam aqueles dois dias e que ela esperava absolutamente confiada que lhe soltasse o filho. Na noite da véspera, a senhora D. L., que estava deitada na sua cama e ainda acordada, teve subitamente uma visão em que lhe apareceu o filho a caminhar com duas malas nas mãos. Depois disto, dormiu a noite toda. Na manhã seguinte levantou-se e indo casualmente à porta da rua, qual não é o seu espanto e a sua alegria, quando vê o filho, que acabava de chegar com as duas malas nas mãos!... Tinha sido solto à hora da noite em que a mãe tivera a visão. Cerca de um ano depois, a sua inocência foi então reconhecida.

ACONTECEM...

UMA ALMA DESASSOMBRADA

Conheci em África uma senhora católica, desassombrada nas suas ideias, apesar das peias que a sua religião lhe impunha, que não desdenhava do Espiritismo nem das religiões, embora não conhecesse a essência e a causa dos fenómenos. Passou-se com esta senhora um caso anímico-espirita interessante, que ela relatava com verdadeiro entusiasmo e gratidão: Um electricista, filho da senhora D. L., trabalhou, durante a última guerra, numa fábrica de armamento do Transval. Acusado de fazer espionagem, foi preso. Não obstante os seus protestos de inocência, as aparências foram contra ele e acabou por ser metido num campo de concentração. Passados tempos, a senhora D. L., cheia de desespero, depois de muito ter sofrido e chorado, lembrou-se de entregar o caso do filho à Sãozinha. Orou-lhe fervorosamente e fez-lhe a promessa de estar um certo tempo sem comer pão, que era o de que ela mais gostava, para que a Sãozinha lhe conseguisse pôr o filho em liberdade. Começou a sua abstinência escrupulosamente, sempre a orar.

DESDOBRAMENTO E MISTIFICAÇÃO ASTRAL

Ele era um rapazito bom e simplório. Era caixeirito no estabelecimento do tio, próximo do Porto. Na casa havia uma criadita da mesma idade. Nutriam mútua simpatia de adolescentes e, quando se encontravam sós, gostavam de se entregar a brincadeiras e expansões próprias da idade, espécie de iniciação amorosa. O estabelecimento era no rés-do-chão, bem como parte da residência. Os quartos ficavam no primeiro andar.

Uma tarde em que o nosso amigo viu a criadita subir a escada, para lhe ir abrir a cama, esgueirou-se surrateiramente, como de costume, até ao primeiro andar. Entrou no seu quarto e, vendo-a debruçada sobre a cama ocupada em lhe alizar as roupas, o nosso amigo, confiadamente, num gesto que já lhe era habitual, estendeu os braços para agarrar as carnes da rapariga. Porém, não aconteceu como das outras vezes. As suas mãos não encontraram nada sólido, encontraram apenas o vácuo.

As saias e as pernas da moça tinham a consistência do ar e as suas mãos passaram através delas sem encontrar resistência. E logo toda a criadita se dissipou, desaparecendo como se fosse uma visão irreal ou um fantasma. O nosso amigo achou-se só, no quarto, e, cheio de horror, sem poder respirar, deitou a correr escada abaixo, quando lhe surgiu a criadita que, meigamente e surpreendida da sua atitude, lhe perguntou:

—Que é que tem? Que lhe aconteceu?

O nosso herói, com os cabelos em pé, não foi capaz de lhe responder e correu até se refugiar na loja, pois desconhecia que os vivos pudessem projectar os seus duplos a distância, estar num sítio e mostrar noutro, com aparência tão real.

O tio do nosso sensitivo costumava ir às feiras, a vender mercadorias do seu estabelecimento. Um dia em que o rapaz se encontrava, com outro, numa feira a armar uma tenda, viu aparecer diante dele um galo muito bonito, de excepcional beleza, que passava pela sua frente, em atitude de desafio.

— Olha que galo tão bonito! — disse ele para o outro.

— O outro nada via e o nosso vidente, admirado da cegueira do companheiro, ia-lho apontando:

— Aqui, olha, aqui, tão bonito!

O outro continuava sem ver o galo e, como, a certa altura, começasse a duvidar do perfeito juizo do companheiro, o nosso herói tentou agarrar o animal. Perseguiu a ave, de braços estendidos, correndo e saltando de um lado para outro, metendo-se em toda a parte, mas o galo, quando parecia que lhe ia cair nas mãos, conseguia escapar-se àgilmente. Ante o pasmo do companheiro, que nada percebia, e, de boca aberta, julgava que ele endoidecera, enfiou atrás do galo por debaixo de uma carroça e, quando, por fim já tinha a certeza de que a ave não lhe escaparia, estendeu as mãos, mas o animal desvaneceu-se por completo, desaparecendo ainda mais misteriosamente do que tinha aparecido, mostrando, claramente, que não se tratava de um galo de matéria física.

Manique do Intendente

INTRODUÇÃO À FIL
DE GUSTA

Tradução de I. D. S.

I — *A Filosofia do Inconsciente*

Geley, este grande homem de ciência e notabilíssimo filósofo, foi o mais original e apaixonado cultor da Metapsíquica no mundo inteiro. O seu sentimento não se limitou ao fenómeno metapsíquico. Ultrapassa as suas dimensões objectivas e, baseando-se na realidade que o caracteriza, apresenta à filosofia europeia do seu tempo um sistema metafísico-idealista tão lógico e verosímil, que até hoje ainda não foi superado por qualquer outro.

No seu livro «Do Inconsciente ao Consciente», faz uma crítica geral do conhecimento e dos sistemas naturalistas mais conhecidos, infiltrando-se paulatinamente nos mais importantes problemas do ser para fundamentar uma conhecida teoria da Existência e do Espírito.

O tema do inconsciente, que ele estuda com erudição profunda, é que lhe permite realizar um trabalho científico e filosófico até encontrar — podemos dizê-lo — uma verdadeira explicação metapsíquica do homem e do universo. No livro citado examina a «filosofia do inconsciente», contra os princípios de Bergson. Diz que a expressão «filosofia do inconsciente» foi inventada por Hartman, mas a base desta doutrina ou a noção de um Inconsciente criador, imanente e omnipresente, é de todas as épocas e de todas as civilizações.

Assinala que até aos tempos modernos aquela concepção repousara apenas na intuição, quer dizer, era de ordem puramente metafísica e por isso rodeada de obscuridades e contradições; mas que ao entrar no domínio da filosofia científica daria lugar à fusão dos dois génios: oriental e ocidental, que permitiria constituir a base e a ossatura de um edifício ao mesmo tempo filosófico e científico, que reuniria todas as aspirações e ideais humanos.

Reconhece a Scopenhauer o mérito de haver sido o primeiro que adaptou a filosofia aos factos, ao conceber o mundo «como vontade e representação», terminando por analisar profundamente o pessimismo daquele filósofo.

A este respeito exprime que tal pessimismo não só é consequência das suas premissas filosóficas, mas que também mergulha a raiz na sua visão da vida.

Esta visão — diz Geley — inspira-lhe imensa piedade: piedade pelos animais, que, se não se entredevoram mùtuamente, sofrem todas as misérias «num inferno onde os homens são demónios»; piedade pelos homens, cujo desejo de viver os conduziu a penas e a dores compensados por gozos muito raros e portanto baseados na ilusão.

Mas a estas amargas considerações oporá Geley a sua magnífica concepção da evolução palingenésica que permitirá aos seres, do inconsciente ao consciente, realizar a *soberana consciência, a soberana justiça e o soberano bem.*

Somos obrigados a dizer que um filósofo como Geley, que compreendeu todas as frioleiras da vida dos homens e dos outros seres, não podia ficar preso e desorientado sob a influência de um Scopenhauer. Ele, que viu as realidades mais vivas do mundo metapsíquico, avançou com fé de apóstolo, consolidando assim, para bem das futuras gerações, um esboço de filosofia sobre a qual poderíamos dizer: se não é verdadeira, a raça humana não tem salvação e a alma está irremediàvelmente destinada a perecer entre as sombras da morte e do nada.

II — *Do Inconsciente ao Consciente*

Com o resumo que faz de uma doutrina racional da evolução e do indivíduo, sobre a base de factos naturais e metapsíquicos, Geley inicia o seu labor filosófico com extrema cautela. É por isso que diz:

«Deixaremos de lado, sistemàticamente, tudo o que é *pura metafísica:* os temas de Deus, do infinito, do absoluto, do princípio e do fim, da natureza essencial das coisas, etc. *Só enfrentaremos o que é possível saber e compreender acerca do destino do mundo e do destino individual, segundo o grau de capacidade intuitiva e intelectual que permite a presente realização evolutiva*».

Com efeito, «isto é pouco, relativamente. Apesar disso, é muito mais do que ensina a filosofia clássica». Mas «este sacrifício — ao qual Geley se submete — permite evitar todas as vãs discussões especu-

OSOFIA CIENTÍFICA
VE GELEY

Por HUMBERTO MARIOTTI

lativas, todas as fórmulas estéreis, todos os sistemas contraditórios em que hão mergulhado sucessivamente as mais preclaras inteligências que têm um único interesse histórico ou artístico».

Para este sábio metapsíquico, os dois postulados principais da filosofia — expostos magistralmente no seu livro — são os seguintes:

1.º *O que há de essencial no Universo e no Indivíduo é um dínamo-psiquismo único, primitivamente inconsciente, contendo em si todas as potencialidades. As aparências diversas e inumeráveis das coisas, não são mais do que suas representações.*

2.º *O dínamo-psiquismo essencial e criador passa do inconsciente ao consciente, através da evolução.*

Estas duas proposições — afirma Geley — repousam sobre os factos e podem ser rigorosamente demonstradas, primeiro no indivíduo; depois, por vasta indução, podem trasladar-se ao Universo.

III — *O indivíduo concebido como dínamo-psiquismo essencial e como representação*

A concepção do homem, segundo o pensamento de Geley, talvez seja verdadeira, ou pelo menos, está assente num seguro cálculo de probabilidades. A observação dos fenómenos metapsíquicos permitiram-lhe conhecer a verdadeira natureza do ser e das coisas, assim como a queda da maçã permitiu a Newton descobrir os segredos da lei de gravidade.

A aparência da matéria feita homem é destruída. Com a realidade metapsíquica, o homem adquire ou recupera a sua origem essencial, o que nos demonstra que o ser é uma representação transitória durante o período da sua existência terrena: materialização psíquica e espiritual. E esta hipótese ou tese, não é inverosímil, se repararmos que actualmente já se fala em materialização e desmaterialização das forças metapsíquicas.

Quanta certeza e verdade havia nele, quando dizia: «Temos sido obrigados a concluir que a forma é uma simples ilusão temporal». E quando acrescentava: «os orgãos e os tecidos não têm verdadeiras determinações específicas; todos os orgãos e tecidos, assim como nasceram de uma única célula primordial, a célula-ovo, podem voltar, durante a vida, a essa substância primordial susceptível de organizar-se imediatamente sob novas formas e constituir, por algum tempo, orgãos e tecidos diferentes».

Em seguida penetra na teoria da unidade substancial, ao referir-se ao corpo. Dizia assim: «Numa palavra: temo-nos rendido à evidência de que o complexo orgânico, o corpo, não tem qualidades definitivas e absolutas, nem especificação própria. Pela sua origem, pelo seu desenvolvimento, pelas suas metamorfoses embrionárias e post-embrionárias, pelo seu funcionamento normal e possibilidades chamadas supra-normais, pela manutenção da forma habitual e pelas materializações e desmaterializações metapsíquicas, este organismo transforma-se num dinamismo superior que o condiciona. *O complexo humano apresenta-se-nos, não como indivíduo completo, mas como produto ideoplástico do que há de essencial no indivíduo: um dínamo-psiquismo que o condiciona inteiramente, que é o todo.* E acrescentava: «Em termos filosóficos, o organismo não é o indivíduo; pelo contrário, é apenas a representação do indivíduo».

IV — *O indivíduo considerado como representação*

A tese materialista, segundo a qual o *indivíduo era o organismo* e que este último encerrava todas as manifestações da actividade individual, encontra na concepção metapsíquica de Geley uma explicação nova que faz do homem e dos seres um dínamo-psiquismo essencial indestrutível e eterno que se engrandece mediante representações sucessivas do inconsciente ao consciente, em virtude da evolução palingenésica.

O sábio francês resume esta doutrina do seguinte modo: «*Tudo ocorre* — diz — *como se o dínamo-psiquismo essencial se objectivasse para criar o indivíduo, não numa representação única, o organismo, mas numa série de representações jerarquizadas que se condicionam mùtuamente*».

Seguindo o fio do seu pensamento, vemos que Geley continua a analisar a consti-

tuição do Ser, conforme os princípios da *ideia nova*. Considera o Eu como dinamismo essencial em contraposição à psicologia clássica, que o considera a soma de estados de consciência e que o consciente e o inconsciente se interpenetram para se condicionarem recìprocamente.

Conceptua, sempre pelos mesmos factos, que o dínamo-psiquismo inconsciente ou subconsciente tende, por evolução, a converter-se em dínamo-psiquismo consciente; por isso é que todas as aquisições conscientes são assimiladas e *convertidas em faculdades*. O Ser desenvolve-se, ou manifesta, adquire e fixa deste modo faculdades novas para sentir, conhecer e saber. O progresso espiritual e psicológico é a *conversão dos conhecimentos em faculdades* que se adquirem por experiência através de vidas sucessivas e que Geley denomina *evolução palingenésica*.

Alcança, deste modo, pela experiência científica e indução filosófica, a síntese do indivíduo que, como essência manifestante, se objectiva em representações jerarquizadas que se condicionam recìprocamente e que, segundo os conhecimentos actuais, são:

O mental.
O diamismo vital.
A substância única.

Dedica mais adiante páginas admiráveis à interpretação da Psicologia, segundo as novas noções. E assim demonstra que os factos psicológicos (na psicologia clássica são puro mistério) são para a metapsíquica estados anormais com pontos de contacto inevitáveis e mútuas relações que se interpenetram frequentemente.

V — *A evolução universal*

Como já sabemos, a evolução universal é para Geley «o passo do inconsciente ao consciente no Universo».

«Tal como o indivíduo — diz ele — o Universo deve conceber-se como representação temporal e como dínamo-psiquismo essencial e real. Assim como o organismo do indivíduo é apenas um produto ideoplástico do seu dínamo-psiquismo essencial, também o Universo se apresenta como admirável materialização da potencialidade criadora».

Para o metapsiquista francês e dentro deste princípio filosófico, a evolução é aquisição da consciência, quer para o microcósmico, quer para o macrocósmico.

Por isso explica que as faculdades evolutivas, já que no transformismo clássico não têm esclarecimento racional, se compreendem, vendo *que o mais pode sair do menos*, posto que a imanência criadora, que está na própria essência das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização.

Assim, a evolução colectiva pode resumir-se desta forma: *passo do inconsciente ao consciente*. Por isso, escrevia:

«No indivíduo, o Ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmero em sua duração, não é o Ser real; é uma simples representação ilusória, atenuada e fragmentária. O ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se a si mesmo e ao Universo, é a *centelha divina a caminho de realizar a sua divindade*, infinita em suas potencialidades, criadora e eterna. No Universo manifestado, as diferentes aparências das coisas são mera representação ilusória, atenuada e restrita da unidade divina, realizando-se na evolução indefinida. A constituição dos mundos e dos indivíduos é também a realização progressiva da *consciência eterna* por multiplicidade progressiva de criações temporais ou de objectivações».

VI — *Consequências da evolução palingenésica*

Aqui é que o génio filosófico de Geley atinge a gloriosa cúpula da sua obra. Sem declamações exaltadas, visto que perante o conhecimento positivo resultariam estéreis, o nosso pensador refuta o «grito lacerante» do pessimismo que «um grande príncipe árabe do décimo século, difundiu no reinado que marcou o apogeu do califado de Córdova (Efêmero príncipe que era simples representação transitória, apesar do seu luxo e esplendor, da essência divina em suas manifestações múltiplas e eternas!).

— Em que consiste esta existência? — perguntava-se o príncipe.

— Em trabalhar um quarto de século para adquirir os meios de vida; em lutar outro quarto, no meio de sobressaltos perpétuos, para se obter um rendimento suficiente; e depois morrer, sem saber, na realidade, por que se viveu — respondia-lhe o senso comum.

«Tantas dores e tristezas, sobressaltos e temores neste pequeno quarto de século em que o homem «desfruta» as suas aquisições! Juventude efêmera com suas ilusões perdidas; vida passada a preparar-se para viver; esperanças sempre frustadas e ressurgindo sempre; flores colhidas ao passar na borda do caminho, quase sempre murchas quando se lhes toca com a

mão; instantes de repouso e logo a marcha apressada que recomeça. Angústias pessoais; angústias de família; trabalho rude e descanso; temores, desilusões e decepções; isto é o vulgar para a maioria dos mortais. Para quem tem um «ideal» é pior ainda: algumas bebedeiras na cola da ilusão e persuasões lastimosas para alcançá-la». Eis a existência, do ponto de vista material. Mas a esta concepção sombria do mundo opõe Geley o conceito optimista das escolas que dizem que se pode esperar uma era de menos dores, menos miséria e menos doenças repugnantes. Numa palavra: em vez da noite escura de infortúnio e sofrimento, iluminada por alguns raios de gozo efêmero, deve esperar-se uma aurora de felicidade em que a dor humana saliente melhor a sua harmoniosa beleza.

Geley responde assim ao falso optimismo da vida:

«Sim, pode esperar-se tudo isso! Mas ao gozar este ideal, a humanidade não verá o seu triunfo e felicidade sobre as hecatombes das humanidades passadas, isto é, desfrutará uma felicidade que os homens não terão merecido, da mesma forma que os seus antepassados também não mereceram as suas misérias. Há nesta concepção tão grande injustiça que, por si só, basta para arrastá-la ao mais cruel pessimismo filosófico».

Em troca e para que a visão se modifique, para que o pensamento das misérias humanas e da morte se despojem do seu carácter sombrio e da sua aparência maldita, é preciso a ideia e ensinamento da doutrina palingenésica. Então «tudo se esclarece — declara Geley —: as campas deixam de ser campas; são asilos passageiros no fim da vida, como os leitos são asilos de repouso no fim da jornada. «Assim como, pela ideia palingenésica, enfraquece o carácter fúnebre da morte, assim também se desmorona a injustiça edificada pelo evolucionismo clássico. Já não há sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e colectivos, todos os sofrimentos e amarguras terão acabado na realização da justiça e na preparação do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque t o d o s teremos contribuído para eles».

Em completo domínio da verdade palingenésica, Geley acrescentava o seguinte, como luz filosófica para a sociedade e para o pensamento futuro dos mundos evolucionados:

«Não. A essência una, seja qual for o nome que se lhe dê, criadora de inúmeros representações, não acaba na vaga materialização de uma ilusória fantasmagoria de mundos, de formas e de seres sem passado nem futuro, *representações absurdas, mundos incoerentes, sem sentido ou de loucura,* vãos fantasmas desvanecidos sem deixar vestígios! Não. A essência una não acaba, com maior razão, criando mundos de dor, *para que sirvam de marco ao sofrimento universal imerecido, inútil e infecundo*».

«As representações fugitivas — esclarecia — não são incoerentes nem desventuradas: graças a elas e por elas, a essência única, a única realidade, chega paulatinamente, por inumeráveis experiências, a conhecer-se progressivamente a si própria, individual e colectivamente, nas partes e no todo.

«As representações, finalmente compreendidas, revelam harmonia soberana. Delas se desprende o fim supremo, a finalidade verdadeiramente divina. A harmonia é o acordo imanente de umas com outras, a solidariedade estreita das parcelas individualizadas do princípio único e sua união irrefragável no todo.

«O objecto — conclui Geley — é a aquisição da consciência, o passo indefinido do inconsciente ao consciente; e é por este meio que se desenvolvem todas as potencialidades, *constituindo a realização, na evolução, da soberana inteligência, da soberana justiça e do soberano bem*».

Nesta tríplice realização do Ser e do Cosmos, Geley resume a divindade da essência que, sendo cada vez mais consciente em sua evolução palingenésica, alcançará talvez o que a nossa razão actual não suspeita.

E com esta tríplice realização do Ser, termina o seu livro «Do Inconsciente ao Consciente», colocando sob a égide das famosas palavras de Averroes, «para o apresentar com o mesmo título — diz — aos crentes, aos filósofos e aos sábios».

«A religião particular dos filósofos — escreveu Averroes, é estudar o que é, pois o culto mais sublime que se pode tributar a Deus é o conhecimento de suas obras que nos conduz ao conhecimento de Ele mesmo em toda a sua realidade. Esta é, aos olhos de Deus, a mais nobre das acções».

Ora bem; o que resulta estranho e incompreensível é ver como a cultura filosófica contemporânea continua a ignorar as teorias do dinamo-psiquismo essencial, expostas em b a s e s experimentais nesse grande livro intitulado «Do Inconsciente ao Consciente».

(De «Prédica do Pensamiento Espiritualista Moderno», de Buenos Aires)

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

PITÁGORAS

A melhor maneira de nos aperfeiçoarmos é aproximarmo-nos de Deus.

Pitágoras

Pitágoras, que nasceu na ilha de Samos em 580 A. C. desde muito novo, por decisão de seu pai Mnésarchus se começou dedicando à ciência, à filosofia e às artes; mas a sua insatisfação, o seu desejo constante de querer saber mais, levou-o a sair da terra natal, para beber mais profundos conhecimentos nas próprias origens. Depois de estar algum tempo na Ilha de Greta e nas principais cidades da Grécia dirige-se para o Egipto, onde durante 20 anos estuda a ciência esotérica que se ministrava nos templos; é iniciado no estudo das matemáticas chamadas sagradas, na lei da evolução do universo, etc.

É levado cativo para a Babilónia, visto o Egito ter sido invadido pelas tropas de Cambirres. Aí, estuda os mistérios das antigas religiões e a influência que certos sons podem produzir, assunto a que mais recentemente Anie Beasant também se refere.

Voltou finalmente para a terra natal onde pouco se demora, dirigindo-se para Crotona. Ali funda uma escola esotérica, onde eram ensinados os mais variados ramos do saber humano. Cultivava-se lá com grande desenvolvimento a aritmética e a geometria, distinguindo-se neste estudo os seus discípulos Filolau em Tebas e Arquitos em Tarento. Deve-se a Pitágoras o célebre Teorema de Pitágoras, base essencial de toda a geometria, que nos permite relacionar fàcilmente a hipotenusa com os catetos de qualquer triângulo rectângulo. Este seu teorema é de tal maneira importante que podemos dizer que não existe quase qualquer problema da geometria, em que ele se não aplique. Ensinava que na vida política se devia ter uma atitude enssencialmente conservadora e aristocrática — princípio que valeu à sua escola ser mais tarde ferozmente perseguida quando a democracia se estabeleceu nas cidades gregas do sul da Itália.

A música era também ensinada na sua escola, quer a parte prática, quer a teórica. É da sua autoria o princípio: «A altura dos sons depende do comprimento da corda vibrante».

Pitágoras, com a sua ciência dos números, viu neles «não só a expressão das relações entre as coisas reais, mas também o seu núcleo e a sua própria *essência.* Aquele pensamento, ainda pouco desenvolvido, julgava captar, por meio dos conceitos abstratos, inevitáveis para pensar o concreto, não abstrações mas coisas reais». (V. História da Filosofia de August Messer, pág. 20).

A metafísica, psicologia e ética eram também objectos de estudo aturado. Afirmando que «de dois homens iguais na força, é sempre mais forte aquele que tem razão» tentava desenvolver o poder da análise nos seus discípulos, pois só por meio dela nos podemos despir de todos os fanatismos que a tradição nos deu, e conhecer assim mais de perto a Verdade! Propagando a existência de Deus, a imortalidade da alma e a reencarnação dizia aos seus discípulos que à medida que fossem substituíndo os prazeres da carne pelos prazeres do espírito, iam progredindo na escala evolutiva: «Marcha com o pé direito para as tuas obrigações e com o pé esquerdo para os teus prazeres».

Acreditava que a terra tinha forma esférica e girava em torno do Sol (ao contrário dos seus sucessores Platão e Aristóteles, como tivemos já ocasião de ver), não em volta do seu eixo, mas — segundo imaginava — em torno de um fogo central, existente numa região da terra para nós inacessível (!). Dois jovens pitagóricos, porém, Kfantos e Aristarco, corrigem mais tarde estas e outras fantasias de que está eivada esta teoria.

Atribuem-se-lhe umas 15 obras sendo as principais *Do Universo* e a *Palavra Sagrada,* mas nenhuma delas conseguiu chegar até aos nossos dias. Apenas por aquilo que nos transmitiram seus discípulos, podemos conhecer a obra do Mestre! A Lysis é atribuido os *Versos de Ouro,* espécie de resumo da doutrina do filósofo, que transcrevemos na íntegra, dada a sua extraordinária beleza, e os seus preciosos ensinamentos. (Vidé «A Vida Perfeita», do Dr. Paul Carton):

PREPARAÇÃO

O CULTO DE DEUS — *ter uma religião.* Antes de tudo presta aos Deuses imortais o culto prescrito pela lei. Respeita também a fé jurada. Reverenceia em seguida os heróis sublimes e os Espíritos semi-deuses.

PURIFICAÇÃO

O CULTO DA FAMÍLIA — *Amar os pais e todos os nossos parentes* — Professa o culto da família, cumpre inteiramente os teus deveres para com teu Pai, tua Mãe e os teus parentes.

O CULTO DA AMIZADE — *Amar os nossos semelhantes* — Escolhe para teu amigo o homem melhor e mais virtuoso. Obedece aos seus doces conselhos e segue o seu exemplo salutar. Esforça-te, tanto quanto possas, para não te desviares dele por qualquer pequena falta, porquanto a Vontade marcha lado a lado do Destino como potência directriz da nossa evolução.

A CULTURA PESSOAL — A CULTURA MENTAL. *Ser senhor de si mesmo.* — Não te esqueças de que deves aprender a dominar as tuas paixões, a ser sóbrio, activo, casto. Nunca te deixes arrebatar pela cólera.

SER HONESTO, FRANCO JUSTO — Sê irrepreensível perante os outros e perante ti pró-

prio. E acima de tudo, respeita-te a ti mesmo. Que toda a tua vida, que todas as tuas palavras, se inspirem na mais pura justiça.

SER REFLECTIDO — Não te acostumes a viver maquinalmente, mas reflecte bem que a morte é o maior destino comum e que as riquezas materiais podem adquirir-se ou perder-se com a mesma facilidade.

TRABALHAR COM TODA A CONFIANÇA. — Contra o destino que te haja sido marcado pelas leis divinas, por mais rude que seja, não te revoltes contra ele, suporta-o com serenidade, esforçando-te por melhorá-lo quanto possas. Os Deuses, com efeito, preservam os virtuosos dos maiores males.

SER TOLERANTE E PACIENTE — A Verdade e o Erro encontram-se misturados nas opiniões humanas. Abstém-te pois de as aprovar ou rejeitar em bloco, a fim de conservares a tua harmonia. Se o erro triunfa momentâneamente, afasta-te e aguarda com paciência.

CRIAR EM SI PRÓPRIO UM RACIOCÍNIO SÃO E FIRME — Observa sempre com todo o cuidado o que vou dizer-te: Não te deixes arrastar sem reflexão pelas palavras e actos de outrem. Fala e procede sòmente quando a tua razão te houver indicado o mais justo caminho. A deliberação, obrigatória antes da acção, evitar-te-á assim os actos impensados. O que verdadeiramente interessa é o falar e proceder sem regra nem medida.

SER PREVIDENTE — Prevê bem as consequências, ainda as mais afastadas, de cada umas das tuas decisões, para não teres depois de que te arrepender.

SER MODESTO — Não tenhas a pretensão de fazer o que em realidade ignoras; aproveita, pelo contrário, todas as ocasiões de te instruires. Assim levarás uma vida altamente agradável.

A CULTURA CORPORAL — *Seguir um regime puro e fisiológico. Fazer exercício.* É preciso igualmente cuidar da saúde do corpo. Usa moderadamente dos alimentos, das bebidas e dos exercícios que te forem necessários. A tua justa medida será aquela que impedir que te enfraqueças. Assim, deverás habituar-te a um regime puro e severo.

SER RESERVADO. — Segue o teu ideal sem ostentação para não atraires a incompreensão hóstil dos ignorantes.

SER PONDERADO — Não procedas à semelhança das pessoas sem senso que gastam mais do que necessário ou então se entregam à avareza, mas aprende a guardar em tudo o meio termo. Não faças, pois, nada que possa prejudicar-te, e por isso reflecte antes de proceder.

PERFEIÇÃO

OS MEIOS DE APERFEIÇOAMENTO — *O exame de si mesmo.* — Logo que acordes, aproveita a lucidez que o sono faculta, para elevar o teu espírito e reflectir nas boas obras que deverás realizar. Todas as noites, antes de adormeceres, faz o teu exame de consciência, repassa muitas vezes pelo teu espírito os actos do teu dia e pergunta a ti mesmo: Que fiz hoje? Cumpri bem o meu dever em todas as coisas? Examina assim cada uma das tuas acções. Se compreenderes que andaste mal, repreende-te severamente; se foste irrepreensível, dá-te por satisfeito.

A MEDITAÇÃO — A FÉ — A VIDA VIRTUOSA — *A Ciência do Universo* — Medita estes conselhos. Ama-os do fundo da tua alma e esforça-te por pô-los em prática. Conduzir-te-ão às virtudes divinas. Juro-te por Aquele que traçou no nosso espírito a Tétrada sagrada, fonte e emblema da Natureza eterna.

A ORAÇÃO — Mas, metendo mãos à obra, ora sem cessar aos Deuses, para que te ajudem a concluí-la.

A INICIAÇÃO — Quando estiveres bem compenetrado destes preceitos, chegarás a conceber a constituição íntima dos Deuses, dos homens e de todas as coisas, e a compreender a rigor e unidade que penetra em toda a obra natural; conhecerás então esta lei universal. Por toda a parte, no mundo, a matéria e o espírito são idênticos por natureza.

A CLARIVIDÊNCIA — Tornado assim clarividente deixarás de ser atormentado por desejos ilegítimos. Reconhecerás então que os homens são os criadores dos seus males. Desgraçados! Não sabeis que os seus verdadeiros bens estão ao seu alcance dentro deles mesmos. Como são raros aqueles que conhecem a maneira de se livrarem dos seus tormentos! A cegueira dos homens é tal que lhes perturba a inteligência! Semelhantes a cilindros que rolam ao acaso, não cessam de ser acabrunhados por males infinitos. Porque, não suspeitando da funesta incompreensão que está dentro deles e os acompanha por toda a parte, não sabem distinguir o que é justo daquilo que é preciso evitar inteiramente.

A VERDADE OCULTA — Deus, nosso Pai! Digna-te livrá-los dos seus sofrimentos e mostrar-lhes de que força sobrenatural eles podem dispor! Mas não: aquietemos-nos: os homens são da raça dos Deuses e a eles pertence o descobrir as verdades sagradas que a natureza oferece à sua investigação.

A RECOMPENSA — A SABEDORIA. A BEM-AVENTURADA IMORTALIDADE. — Se chegares a penetrá-las, cumprirás então fàcilmente todas as minhas prescrições e terás merecido ver-te livre das tuas provações. Mas abstém-te dos alimentos interditos nas purificações e prossegue na obra de libertação da tua alma, fazendo uma escolha judiciosa e reflectida em todas as coisas, de maneira a estabelecer triunfo do que há de melhor em ti — o Espírito. Então, quando abandonares o teu corpo mortal, elevar-te-ás no éter e, deixando de ser mortal, revestirás tu mesmo a forma de um Deus imortal.

Pitágoras, graças ao seu talento, inteligência e cultura, ràpidamente foi admirado e considerado em toda a parte; e os seus discípulos, mostrando uma bagagem de conhecimentos e uma conduta invulgares, serviram ainda mais para elevar a figura do Mestre!

por ANTÓNIO CARDOSO

MENSAGENS ESPIRITUAIS
RECEBIDAS POR ERNESTO BEVIN

«O nobre Brutus disse-vos que César era ambicioso». Lembrei-me destas palavras ao ler num jornal de domingo que Ernest Bevin ficara desapontado por não ser Primeiro Ministro.

O meu pensamento volveu ao ano de 1943, quando três de nós merendávamos num gabinete particular no Trocadero. Além de Ernesto Bevin, havia um dirigente industrial interessado em Espiritismo e socialismo.

Antes da merenda tive uma notável visão que descrevi a Bevin. Parecia o cair do pano no Coliseu, tantas foram as pessoas conhecidas que se manifestaram imediatamente.

Reconheci muitos antigos homens de estado, incluíndo vários Primeiros Ministros. Ramsay Mac-Donald permanecia um tanto desconfiado a um canto, como se não sentisse bom acolhimento.

Bevin explicou que tinha discutido com «Mac» um projecto que apresentara tendente a reduzir o desemprego. Dessa discusão resultou acabar a velha amizade que unia os dois políticos.

Quando eu disse que «Mac» estava ansioso por auxiliar em tudo o que pudesse, Bevin saudou-o e agradeceu-lhe as boas intenções.

Durante o almoço, Bevin disse-nos que já pouco lhe interessava a política e que desejava descançar, logo que a guerra terminasse . Manifestou também o desejo de abandonar o Parlamento para escrever a sua autobiografia.

Fui então obrigado a dizer-lhe energicamente:

— Nunca a escreverás. Outros o farão. Tu continuarás no Parlamento e morrerás a trabalhar.

— Não quero — responder Bevin.

Eu acrescentei:

— Os trabalhistas subirão ao poder e tu conduzirás a Nação à PAZ. Não os abandones, porque a Grã-Bretanha necessita de ti.

O industrial também insistiu e não resta dúvida de que Bevin ficou abalado por acentuarmos que a nação precisava dos seus serviços. É que ele desconhecia o seu valor. Estou convencido de que esta mensagem lhe modificou a directriz no final da sua carreira.

O espírito que deu todas estas informações era o professor Goldwyn Smith que, embora desconhecido para nós, vimos depois tratar-se de um conhecido Victoriano desencarnado em 1910. Era amigo de W. E. Glasdstone e foi professor na Universidade de Oxford e depois na de Cornel, nos Estados Unidos, e, finalmente, pertenceu ao Senado da Universidode de Toronto.

Mais tarde falou a Bevin cerca de uma hora, através de conhecido médium. Bevin descreveu esta sessão (realizada no Hotel Euston) e acentuou ter sido a melhor experiência que tivera.

Incidentalmente, o espírito comunicante pediu-me que me retirasse do aposento enquanto eles discutiam assuntos políticos de carácter secreto!

As mensagens que recebeu não pertenciam só a espíritos cultos. Muitas eram de trabalhadores humildes que vinham saudá-lo e oferecer-lhe o seu auxílio. Foi desta origem que recebeu avisos sobre a bomba voadora, a guerra bacteriológica e um grupo perigoso de refugiados alemães que estavam em Londres.

Mesmo quando as coisas corriam mal, os espíritos lhe garantiram que a Inglaterra sairia vitoriosa, apesar das suas grandes perdas. E quando todo o Gabinete esperava a invasão da Índia, os mesmos amigos invisíveis lhe afirmaram que não havia perigo.

(Do Psychic News, de 5-5-951)

Escreveu Robert Goldsbrough

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UM GRANDE MÉDIUM CURADOR

O sr. Ian Scott publicou em *Two Worlds* de 17 de Fevereiro último um artigo sensacional acerca das curas extraordinárias do médium D. H. Emerson que, no dizer daquele semanário de Manchester, se destina a figura de grande relevo no movimento espirita inglês. Vamos trasladar para aqui o artigo, ao menos nas suas partes essenciais, para edificação dos leitores.

O médium curador ainda pouco conhecido, D. H. Emerson, de Manchester, tem realizado as mais notáveis curas e diagnósticos sob o *contrôle* do seu guia «Rocky Glen». Os casos são autenticados pelos doentes e uma testemunha e garantidos por outros documentos. Além disso, têm-se observado os relatórios de médicos especialistas antes e depois do tratamento, bem como papeletas dos hospitais e chapas de raios X. O curador tem em seu poder alguns desses relatórios e radiografias. Houve até um caso especial em que permitiram a Emerson tratar um enfermo no próprio hospital!

Um dos casos mais sensacionais é o tratamento da pequena Janice Saunders, de 16, Vale Street, Hulme, Manchester.

Esta garotinha começou a ser tratada há duas semanas com um pé deformado. Nasceu em 23 de Junho de 1950 e o Dr. None (em certos casos o nome do doente é pseudónimo, por motivos compreensíveis, mas nós temos em nosso poder todos os elementos de informação) observou-a no mesmo dia, diagnosticando «contracção dos músculos do pé». Em 25 de Junho, um médico especialista de um hospital de Manchester confirmou a deformidade, o que produziu grande admiração.

No dia 8 de Julho, Emerson fez-lhe tratamento espiritual durante 20 minutos com inteiro êxito.

A criança voltou ao hospital para observação e *o especialista perguntou se alguma coisa lhe tinham feito ao pé, que estava perfeitamente normal e direito.* Esta informação pode verificar-se no hospital, sob o número 50/5979.

John Dawson assistiu aos trabalhos de um grupo de curadores dirigido por Emerson em Agosto de 1950 e soube pelo guia «Rocky Glen» que estava tuberculoso dos dois pulmões, sobretudo do lado direito, cuja parte superior — afirmava o espírito — se encontrava sèriamente afectada.

O Médium Curador D. H. Emerson

Como se vê, nem o próprio doente sabia o que tinha e por isso se tomaram disposições para a respectiva radiografia. Pois bem; a radiografia e o respectivo relatório estão nas mãos do curador e confirmam absolutamente o diagnóstico do espírito guia. Eis o relatório:

«(OPD) Relatório de Raios X — E. 9469 Código 4 — Tórax — Há vestígios de tuberculose bilateral, mais acentuada no lobo superior direito».

Isto foi assinado por um especialista bem conhecido dó hospital de Manchester. O doente foi depois curado pela mediunidade de Emerson.

O mais notável caso de todos os últimos casos de Emerson, talvez seja o da irmã de caridade M. H. Batey, S. R. N., S. C. M., residente num grande hospital de Manchester, visto ter sido autorizado a tratá-la directamente naquele estabelecimento, durante o tempo em que ela ali esteve internada. Foi grande exemplo para todos.

A doente entrou para o hospital em 25 de Dezembro de 1950 com hemorragia interna aguda e na semana seguinte piorou de tal forma, que os especialistas não puderam operá-la.

Na noite de 25 para 26 recebeu tratamento a distância e na manhã de 27 Emerson disse que, embora pensasse que ela morreria naquela noite, pelo contrário, melhorara ligeiramente.

O curador foi chamado à cama da doente na noite de 30 de Dezembro e fez-lhe tratamento espiritual directo nas últimas horas de manhã. O guia disse que estaria com ela na «sala de operações» e que a a restabeleceria ràpidamente.

Às 2 da manhã o cirurgião-chefe operou a enferma e diagnosticou uma úlcera gástrica que obrigaria a remover uma grande parte do estômago.

Primeiro foi a operação e depois a transfusão de sangue, pois a hemoglobina da doente era de 30 % e a pressão sanguínea tão baixa, que não se pôde verificar.

Logo a seguir à intervenção cirúrgica, a pressão do sangue subiu a 120 e o cirurgião disse

que era o caso mais notável de que tinha conhecimento.

Nunca operara uma doente em estado tão grave — disse ele — e via que ela deixava a sala em melhores condições do que entrara e principalmente com maior pressão sanguínea.

Foi qualquer coisa a que ele nunca tinha assistido e que não podia compreender!

A Irmã Batey restabeleceu-se com uma rapidez que excedia todos os casos semelhantes do seu conhecimento.

Mesmo assim, os médicos eram de opinião que a doente se não restabeleceria em menos de dois meses; mas no princípio de Fevereiro deste ano, isto é, pouco mais de um mês após a operação, preparava-se para convalescer numa casa de Grange.

Finalmente—escreve o sr. Ian Scott — deixem-me contar o caso da pequena Susan Frazer, de 10, Harden Grove, Manchester, 13. Sua mãe Audrey Frazer tomou parte num grupo curador dirigido por Emerson em 7 de Setembro de 1950, quando o espírito-guia fez um diagnóstico na ausência da criança, o qual foi absolutamente confirmado pelos médicos oficiais.

O guia diagnosticou doença de nariz e pulmões, sobretudo na parte superior do pulmão direito, e confirmou que a respiração estava sendo afectada e que a tosse se desenvolveria dentro de algumas horas.

O tratamento a distância começou logo e a mãe da criança regresssou a casa, verificando a respiração normal com grandes melhoras no estado geral.

No dia seguinte chamaram um médico e, sem nada lhe terem dito, diagnosticou: «Asma mais predominante na parte superior do pulmão direito».

Dias depois, a Sr. Frazer revelou que a tosse se tinha desenvolvido, como fora pre-diagnosticado, e concordava com a observação do guia de que a respiração se tornara irregular nas últimas cinco horas.

A criança está quase curada.

E o articulista termina asssim o relato: «Como dissse, muitos casos de Emerson estão apoiados nos mais autênticos testemunhos que tenho visto. Os casos citados comprovarão esses testemunhos e servem para mostrar não só a eficácia do tratamento, mas o absoluto rigor do diagnóstico».

AS VIBRAÇÕES MEDIÚNICAS

O sr. Max Kohleisen, de Piracicaba, escreveu um artigo na *Revista Internacional do Espiritismo,* comentando a advertência do Espírito *Zodíaco* que se costuma comunicar pela senhora Winifred Moyes, no Santuário do Greater World, de Londres. E embora não possamos subscrever algumas afirmações nele contidas por carecerem de base científica e constituirem até um caso estranho na fenomenologia espirita, não deixamos de lhe fazer referência. Pode ser que alguns investigadores abalizados nos tragam as suas opiniões e mais um esclarecimento aumente o acervo de factos que temos em nosso arquivo.

A advertência em questão é esta: Depois de o citado Espírito fazer a sua pregação através de Miss Moyes, desceu da tribuna para dirigir palavras de conforto a um ou outro assistente no vasto salão da colectividade. O presidente quis auxiliar a médium a descer a escada e, quando lhe estendia a mão, Zodíaco disse-lhe imediatamente:

— Não toque no corpo da médium!

Ao retirar a mão, tocou sem querer no corpo de Miss Moyes e ficou queimado no sítio em que se deu o toque. Então o espírito-guia desculpou-se com estas palavras:

— Não foi minha intenção queimá-lo.

«Posteriormente — diz o sr. Kohleisen — a médium Miss Winifred Moyes, ao saber do ocorrido, exprimiu o seu pesar ao presidente e explicou que aquela sensação de queimadura, como fogo vivo, é devida à tremenda aceleração das vibrações, quando um médium se encontra sob *contrôle* de um espírito altamente evolvido».

Sabemos que o instrumento mediúnico sofre grande transformação do ponto de vista psíquico a que não é estranho o estado celular. O que ignorávamos — quem diz a verdade não merece castigo — é que pudesse armazenar tão poderosa carga eléctrica sem prejuízo da vida vegetativa... Apelamos para o sr. Boddington, do *Psychic News,* que se tem dedicado ao estudo da mediunidade, pois talvez tenha alguma coisa a alegar em sua defesa...

Toda a luz que se projecta no assunto deve ser bem-vinda aos investigadores de boa vontade.

A propósito desta médium informa o articulista que ela se encontra há anos paralítica e que assim mesmo não falta às reuniões semanais, sendo conduzida aos centros espiritas em cadeira de rodas, sempre assistida por duas enfermeiras.

Logo que *Zodíaco* se manifesta, o corpo da médium deixa de estar paralítico. Durante o tempo em que dele se utiliza para transmitir a pregação, desce às vezes sem qualquer auxílio até meio da assistência para dizer isto ou aquilo a uma ou outra pessoa. Depois volta à tribuna e abre os braços para abençoar os presentes. No momento em que deixa o corpo da médium, descem também os braços de Miss Moyes. Então, o corpo, já desocupado, é recebido pelas enfermeiras, que acomodam a paralítica na sua cadeira de rodas.

CURIOSA APARIÇÃO

Sob o título «A Visita», Afonso Schmidt publica um artigo na *Revista de «O Pensamento»,* de S. Paulo, o qual vamos resumir para os leitores.

Júlio Ribeiro e Horácio de Carvalho eram amigos velhos e tinham prometido o seguinte: «Aquele que morrer primeiro, se continuar consciente, virá comunicar isso ao que ficar».

«Passaram os anos e Júlio Ribeiro faleceu em Santos. Horácio de Carvalho, o conhecido jornalista, sentiu a morte do amigo. Nos primeiros tempos, lembrando-se da avença, esperou uma pancada sobre a mesa ou uma pedrada na vidraça. Nada. Sentiu-se mais triste. A morte era, de facto o fim; de contrário, o amigo teria voltado, conforme o acordo. H. de Carvalho nesse tempo trabalhava no *Diário,* do Major Campos. Era redactor e tinha lá o seu quarto. Uma noite ficou até tarde na rua. Voltando, abriu a porta e entrou na redacção deserta, quase escura. Mas quase despencou pela escada... Sentado à sua mesa de trabalho, estava Júlio Ribeiro, com o ar mais natural deste mundo. Ao vê-lo, ergueu-se e disse-lhe:

— Horácio, venho cumprir o ajuste. A vida continua do «outro lado».

H. de Carvalho fez-se espiritualista e deixou fama de mago. Quando morreu deixou S. Paulo inundado de livros sobre ciências ocultas...

Notas & Comentários

A FIDELIDADE DE UM CÃO...

Segundo lemos em Two Worlds, um cão chamado «Schnapps» que pertencia a um dos governadores da prisão de Portland, caiu inanimado no instante da morte do seu dono.

O capitão Dawson encontrava-se muito doente e «Schnapps» não entrava no quarto de seu dono. Permanecia dia e noite num capacho, do lado de fora da porta. Tinha perfeita saúde, e no momento da morte do capitão o animal caiu morto ao pé da porta. Porque seria? Teria a morte do dono influído no estranho fenómeno?

Jean Graham, que relata o caso, diz que é absolutamente verídico, pois o ouviu à própria viúva de Dawson. Quando o doente expirou, o cão começou a uivar.

«Dizem que os animais não têm alma, não dizem? Eu admiro-me», — acrescenta o articulista, depois de escrever o relato.

Nós também nos admiramos. Brevemente faremos o nosso depoimento a respeito e talvez muitos «espíritos fortes» se admirem connosco, rectificando ideias erróneas.

HERESIAS DO ESPIRITISMO

O Semeador Baptista, jornalzinho que vê a luz dos tempos em Leiria, como órgão oficial da Convenção Baptista Portuguesa, demonstra o seu zelo evangélico atacando o Espiritismo com velhos argumentos bebidos no Levítico, que transcreve à bel-prazer. Diz ele:

«As suas heresias são abomináveis e os perigos que traz consigo são enormes». E mais abaixo: «Há o espiritismo chamado científico em que lúcidas mentes se perdem em lucubrações sem fim. Mas ao lado deste espiritismo, há o charlatanismo, o bruxedo, tudo de consequências funestas para muitos, como se pode ver nos hospitais de doidos e no noticiário dos jornais». E finalmente: «Visitando há anos o Hospital do Conde Ferreira, no Porto, para tratamento de doenças mentais, vimos numa estatística exposta a todos os olhares, que o espiritismo é o maior contribuinte dos doentes ali tratados».

Este pano de amostra é para dizer que a primeira heresia espírita é negar o nascimento miraculoso de Jesus-Cristo, ao contrário do que ensinam as Escrituras, e que a segunda é negar a maneira miraculosa como Jesus encarnou.

Afinal, o colega baptistinha não é tão mau como parece ao interessado que nos mandou a folha e ao qual dedicamos estas linhas. Aquilo da estatística tem graça! Com que então, o Espiritismo a fornecer o manicómio?! Deve haver mais adeptos do que as míseras centenas calculadas há tempos pelo crítico literário da República, ao apreciar o livro «Dois Mundos»... Sem pôr em dúvida a afirmação do articulista, quere-nos parecer, todavia, que se deve tratar de alucinação. Há 30 anos que mourejamos nesta seara e ainda não soubemos de um profitente que enlouquecesse. Bem ao contrário, muitos «loucos» dos hospícios têm sido normalizados nas sessões espiritas...

Quanto às heresias... não vale a pena tocar no assunto. São modos de ver e de raciocinar. O tempo do crê ou morres já passou. Cá pelo Espiritismo andamos às claras, pensamos por nós mesmos e só aceitamos o que nos parece, quer dizer, o que é lógico e racional. As infantilidades e o credo quia absurdum são para os irmãos baptistas, que gostam de semelhante comodidade. Continuem a atacar o Espiritismo com armas desse género e passem por lá muito bem. O mundo culto não lê essas atoardas. Quando uma doutrina é durante quatro horas objecto de discussão no Parlamento inglês, sem que vozes discordantes se ergam a combatê-lo, é criancice falar em heresias. O pensamento humano não se extingue com apagadores de lata. É chama eterna de progresso que varre o obscurantismo e obriga às vezes a caminhar mais depressa do que alguns desejam...

UM TEATRO ASSOMBRADO

Na cidade de York há um teatro assombrado, segundo lemos em Two Worlds, que inicia assim o relato: «Nos círculos teatrais diz-se em sentido figurado que os fantasmas passeiam à sexta-feira, mas no Teatro Real de York aparece um autêntico».

Esta casa de espectáculos tem criptas e antigas pedras ao lado do palco e o fantasma que por lá deambula aparece em forma de coluna nevoenta, até que se transforma numa freira.

Qual será a origem do fenómeno?

Sabe-se que o teatro em questão, muito velho, por sinal, foi construído com materiais de um mosteiro, a começar pela parede do palco, inteiramente aproveitada para o efeito...

A propósito, lemos noutro número do mesmo jornal uma notícia, segundo a qual se têm ouvido vozes de fantasmas na Câmara dos Comuns, desde Outubro de 1950. O Ministro do Trabalho, aludindo ao caso, disse: «É improvável que o sistema de ar condicionado seja a origem dessas vozes. A dificuldade é objecto de investigação. Tudo será normalizado o mais depresssa possível».

TRANSCRIÇÕES

Progresso Espirita, de Buenos Aires, transcreveu o artigo de Ramos Pereira intitulado «Novos Rumos da Terapêutica?», publicado em Abril de 1950. O tradutor, Natalio Ceccarini, filho, fê-lo acompanhar das seguintes palavras que muito honram o nosso querido companheiro:

«As experiências dos doutores Inácio Ferreira e Carl Wicland acerca da realidade das obsessões espirituais, como causa de muitas loucuras e que, tratadas pela terapêutica espirita, têm evidenciado um factor patogénico ainda não reconhecido pela ciência, induzem a redacção deste Boletim a publicar o presente artigo, fruto de uma vigorosa mentalidade do Espiritismo de Portugal, o prof. Ramos Pereira, cujos conceitos hão-de suscitar profundas meditações em médicos imparciais e nos próprios espiritas, como conquista de verdades tendentes a solucionar muitos casos inexplicáveis de doentes mentais».

Muito gratos pelas referências feitas a Ramos Pereira.

Noticiário

12.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

No 12.º Sorteio de Livros Espiritas, realizado agora no Centro Espiritualista Luz e Amor, foram distribuídos os seguintes livros a outros tantos subscritores deste *Fundo Permanente de Assistência:*

1.º Prémio — «Grandes e Pequenos Problemas» — Bartolomeu Bana Martins, de Manique do Intendente.

2.º Prémio — «Domínio Nefando» — D. Palmira Duarte Santos Bacelar, de LiLsboa.

3.º Prémio — «Flores de Outono» — Rui de Jesus, de Luanda.

4.º Prémio — «Ciência — Religião — Fanatismo» — José Ferreira Madaleno, de Lisboa.

5.º Prémio — «Amor, Vida e Evolução» — D. Maria Guadalupe Machado, da Cova da Piedade.

6.º Prémio — «Cegos!» — D. Antónia Leyguarda Ferreira, de Lisboa.

Como se vê, este Fundo de Beneficência tem merecido grande interesse dos leitores, que souberam compreender o alcance desta feliz iniciativa.

Continuamos a apelar para todas as almas bem formadas, no sentido de radicar a formosa planta da caridade, cujos frutos sazonados outras almas alimentarão, libertando-as e orientando-as.

«DOIS MUNDOS»

Acaba de entrar na 2.ª edição o livro «Dois Mundos», ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos ao director desta revista. É a melhor prova do seu merecimento. Todos os espiritas devem adquirir esta obra, pois todos nela têm que aprender. Como disse Ramos Pereira, é livro onde cada qual encontrará na medida de suas necessidades.

Temos recebido inúmeras cartas de leitores que nele beberam muitos conhecimentos, além de valiosas indicações que servem de farol no caminho da vida.

Os confrades que não puderam adquiri-lo na 1.ª edição, não deixem de o adquirir na 2.ª, fazendo-o circular entre os seus amigos. Prestar-lhes-ão um belo serviço espiritual. Toda a crítica responsável elogiou esta obra estranha de grande poder convincente, aconselhando-a sem reservas.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme anunciámos, realizaram-se em 13 e 27 de Maio e 10 e 24 de Junho a 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª conferências de Ramos Pereira, da série «Humanismo e Espiritismo».

Na 3.ª conferência, depois de resumir o que dissera acerca da estrutura do espírito, serviu-se da teoria da existência de um corpo intermediário entre o corpo somático e o espírito para explicar os diversos fenómenos metapsicológicos. Na 4.ª, fez um estudo minucioso e claro da teoria evolucionista, afirmando que os germes da vida se encontram até no reino mineral e referiu-se a um interesssante trabalho apresentado à Academia das Ciências de Paris, a respeito da sensibilidade dos metais.

Em 10 do corrente estudou a reeencarnação, explicou o *processus* da morte e, finalmente, em 24, apresentou os postulados de ordem moral que se deduzem da lei palingenésica.

O Presidente da Direcção congratulou-se mais uma vez por estes belos trabalhos, que têm servido, não só de propaganda, como também de explicação a certos pontos obscuros que ainda não tinham sido estudados de forma satisfatória.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1951

Dia 1 de Julho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 5 de Julho, 5.ª-feira, às 21,30 — Sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 8 de Julho, domingo, às 16 horas — 6.ª conferência de Ramos Pereira da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 12 de Julho, 5.ª-feira, às 21,30 — Sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 15 de Julho, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 19 de Julho, 5.ª-feira, às 21,30 — Sesssão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 22 de Julho, domingo, às 16 horas — 7.ª Conferência de Ramos Pereira da série «Humanismo e Espiritismo».

Dia 26 de Julho, 5.ª-feira, às 21,30 — Sessão de irradiação mental do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 29 de Julho, domingo, às 16 horas — Encerramento dos trabalhos do Centro em que falarão vários oradores.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são exclusivas dos sócios com as cotizações em dia, devendo, para isso, munir-se da última cota paga.

Fundo de Beneficência

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos.

Mês de Maio — P. B., de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; C. S. S., de Lisboa, 20$00; D. Maria Moreira, de Leiria, 20$00; Anónimo, 55$00; R. R., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 12.º Sorteio de Livros Espiritas, 110$00.

Total — 265$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		60$00
2.º volume		60$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	40$00	52$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	35$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	26$00	35$00
Cartilha da Natureza, pelo Espírito do poeta Casimiro Cunha	18$00	
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	20$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	35$00	50$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	35$00	50$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	26$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	38$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	44$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	40$00	55$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	28$00	42$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	35$00	50$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	28$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	50$00	65$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	54$00	65$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	45$00	58$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	26$00	37$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	50$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	50$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	35$00	50$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
Bem (A) da Verdade, refutação da teoria do corpo fluídico de Jesus, pelo Dr. Henrique de Andrade	40$00	
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	46$00	56$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	30$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	26$00	38$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cristianismo (O) do Cristo e o dos seus vigários, pelo *Padre Alta*	35$00	50$00
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	12$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	26$00	38$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	46$00	60$00
Domínio Nefando, por *Arlindo Colaço*		24$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	56$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	26$00	40$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	45$00	60$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espírito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	25$00	37$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	35$00	
Factos Espíritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	45$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	24$00	38$00
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	20$00	32$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	37$00	50$00
Heroínas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	25$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	20$00	32$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	26$00	38$00
Martírio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	30$00
Mediunidade, pelo Comandante Edgar Armond — Estudo prático da mediunidade	25$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	28$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	45$00	60$00
Margem (A) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	27$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	50$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	26$00	38$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a **Maeterlinck**, por *George Déjean*	20$00	34$00
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	22$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		45$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	50$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	26$00	40$00
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	12$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	75$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Revelações de Além-Túmulo, pelo *Dr. Antão de Vasconcelos*	30$00	44$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	35$00	
Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, por *Osvaldo Melo*		25$00
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		34$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	50$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	30$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	24$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Oiven*	24$00	38$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		40$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	56$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	27$00	

Nestes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

«Estudos Psiquicos» encontra-se à venda em todo o país, ilhas, colónias e no Brasil

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

LEOPOLDO MACHADO

(Ver pág. 205)

CONTÉM: Dever, da **Redacção**; Os Fenómenos Metapsicológicos, por **Ramos Pereira**; Lord Baldwin e o Espiritismo, por **Fred Archer**; Frutos do Trabalho Cristão, por **Alfredo Miguel**; O Homem Caridoso, pelo **Espírito de Reper-Siam**; A Prece Faz Milagres, por **Henrique Magalhães**; Leopoldo Machado; Deus, Causa das Causas, por **F. Noronha**; Brasil e Portugal; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); Relógios Que Andam... Relógios Que Param, por **António Cardoso**; Bibliografia, por **Ramos Pereira**; A Nossa Luta, por **António Martins**; O Lado Espiritualista da Vida, por **Leopoldo Machado**; Um Filho Vem Dizer: Sou Eu, Mamã, por **Achille Biquet**; O Tempo e a Ideia (Do livro «Dois Mundos»); O Livro «Dois Mundos» e a Crítica; Pietro Ubaldi visita o Brasil; Notícias do Brasil; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

12.º ANO JULHO DE 1951 N.º 7

MARIA G. DUARTE SANTOS
Pundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*OrvilleDerb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O Principiante Espirita	12$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	25$00	38$00
O livro dos Médiuns	25$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	25$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	25$00	38$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	34$00	46$00
Joana d'Arc Médium	32$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	30$00	
No Invisivel (nova edição)	36$00	48$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	30$00	
O Espiritismo Perante a Ciência	30$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Animismo ou Espiritismo?	28$00	40$00
Fenómenos Psiquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00
Urânia	20$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1951 — N.º 7

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

DEVER

Há grande tendência para cada um reivindicar aquilo a que vulgarmente chamamos o «nosso direito». Uma acção meritória, um esforço eloquente, exigem logo recompensa, colocando o indivíduo em posição de suposta vantagem. Poucos haverá — podem contar-se pelos dedos — cujo trabalho não exija salário imediato. Alguns até chegam a reclamar a paga antes da tarefa concluída.

Em nossa opinião, é compreender muito mal o significado da palavra. Em moral — e principalmente moral espirita — o «direito» tem menos valor do que em regra se lhe atribui. Qualquer doutrina elevada impõe deveres a seus adeptos: deveres para com Deus, deveres para com o próximo. E entre estes dois extremos, quantas outras circunstâncias não lembram ao homem a sua eterna dependência, como premissa de vida relativa!

Os códigos de direito são legendas humanas e por isso transitórias. Os códigos do dever estão impressos nas almas e sentimos necessidade de observá-los com rigor, se quisermos viver em paz, que é a suprema aspiração do homem. Mas para que ele se mantenha nesse estado de felicidade é preciso que não abandone a subordinação ao equilíbrio moral que se deve a si próprio.

O direito penal, o direito comercial, o direito civil, são regras convencionais que se alteram com o tempo, dando lugar a outras mais adequadas à época e reflectem sempre o grau de evolução das sociedades, ao passo que a moral do dever infere-se da posição dos seres entre si e nada tem com exterioridades arbitrárias, muitas vezes opostas à nossa natureza divina.

Dependência não é escravidão. Dependemos uns dos outros, porque o homem é um ser sociável. Está na sua idiossincrasia, na sua limitação, na sua tendência. Se nos prestam auxílio, faz-se ouvir em nós a voz do dever, num gesto de sujeição voluntária. Se nos defendem, se nos acarinham, a mesma voz se alteia, se espraia em simpatia, em renúncia instintiva, cujo fluido se transforma em energia vital.

É o dever que acorda em nós e não exige direitos. Quem se entrega em espontaneidade sugere o dever aos outros e o seu cumprimento é já de si uma recompensa que dá tranquilidade e obriga a novo esforço equilibrante.

Os que se ajustam às regras do dever estão no caminho que conduz a Deus. É o mais árduo, o mais difícil de percorrer, mas é também o que menos surpresas desagradáveis nos oferece. A consciência vive em calma, as células orgânicas reflectem logo o panorama espiritual. Há saúde, alegria de viver. E não é isso que se almeja? Não é isso que se busca em todos os actos e palavras? Então, pague-se integralmente o que se deve e o sol raiará no mundo interior. Deste modo, pagar é receber; portanto, o dever será direito inalienável que entrará em nós e afirmará soberania moral.

O espirita, mais do que outro qualquer, deve integrar-se neste princípio. Se tal fizer, não terá discórdias, não planeará vinganças, porque seus olhos não verão, seus ouvidos não ouvirão e seus pés não terão asas para correr ao mal. Não originará tristezas, não alimentará intrigas, nem dúvidas cruéis. O dever será o móbil da sua felicidade.

Repetimos o que dizemos acima: «os códigos de direito são legendas humanas». O dever tem outras exigências: manieta, limita, circunscreve, mas a alma realiza surtos grandiosos.

Trabalhemos humildemente e silenciosamente no edifício moral que há-de obrigar os nossos mais íntimos pensamentos. O dever será a viga mestra que desafiará os séculos, abrindo-nos as portas de ouro da evolução.

HUMANISMO E ESPIRITISMO

III

A NATUREZA DOS FENÓMENOS

Afirmada a existência do espírito humano e apontada a sua particular natureza, o Espiritismo desenha à sua custa toda uma teoria dos fenómenos chamados «metapsicológicos» que tanta celeuma tem levantado nos últimos cem anos. Nenhuma das interpretações dadas a esta categoria estranha de factos psíquicos tem o carácter de *monismo* da tese espirita. É esta uma das primeiras decisivas consequências da posição mental específica tomada.

Com efeito, é possível dar uma explicação satisfatória — lògicamente suficiente, portanto — do «modus» do fenómeno, recorrendo apenas às premissas da «teoria estática do espírito humano». Trata-se, então, de duas teorias *inter-sustentadas?* Não nos repugna a afirmativa, mesmo que não há nela uma petição de princípio...

Mas que fenómenos metapsicológicos são esses? Será possível dar uma *definição?* Não bastará considerá-los *supra-normais,* porque supra-normais são, por exemplo, os transcendentes raciocínios dos génios e os voos dos místicos e, no entanto, não são *metapsicológicos...* no sentido dado ao termo. Por tal nós entendemos:

— *fenómenos de carácter físico-químico, biológico ou psíquico, anormais e inatribuíveis a qualquer acção consciente do sujeito humano cuja presença é a condição «sine qua non» da observação do fenómeno.*

E tais fenómenos existem? Quem pode hoje — cientìficamente — negar a sua existência, depois de dezenas de experiências conduzidas segundo as regras rígidas dos métodos científicos? *O fenómeno existe!* — eis uma certeza que só os zoilos e os ignoros se atrevem a criticar. Mais provas? Ah! Quantas teorias aceites universalmente e assentes em conjuntos menos numerosos e menos concludentes de experiências! Mas aqui as perspectivas são demasiado perturbadoras — o espírito de muitos enfrenta temerosamente a afirmação de que a vida não é apenas uma corrida desabalada entre dois pontos limites e nem ao menos se detem para tentar a compreensão da desesperada angústia do seu viver.

Nesse grupo de fenómenos, o Espiritismo distingue duas categorias:

a) — *fenómenos anímicos* — designação (bastante imprópria mas já algo consagrada pelo uso) para os fenómenos metapsicológicos *directamente* ligados ao complexo bio-psíquico do passivo;

b) — *fenómenos espiritas* — em que a personalidade do passivo (médium) intervem *indirectamente* (fornecendo apenas os meios para a produção do fenómeno).

OS FENÓMEN

Eu preferiria designar os primeiros por:

— fenómenos metapsicológicos pessoais

e os segundos por

— fenómenos metapsicológicos a-pessoais.

Naquela categoria englobamos as seguintes classes:

1. Magneto-hipnotismo:
   a) estados magneto-hipnóticos;
   b) sugestão magnética e post-magnética;
2. Conhecimento supra-normal:
   a) Telepatia;
   b) clarividência (visão de objectos a distância, de objectos escondidos, do próprio organismo, etc.);
   c) clariaudiência;
   d) psicometria e rabdomancia;
   e) intuição.
3. Alterações da personalidade.

Na segunda categoria, nos fenómenos espiritas ou metapsicológicos a-pessoais distinguimos as seguintes classes e sub-classes:

1. Mediúnicos — quando o meio para a produção do fenómeno é o próprio organismo do médium:
   a) psicografia;
   b) incorporação.
2. Metamediúnicos — quando não há in-

tervenção directa visível do organismo do médium:

a) escrita directa e voz directa;
b) apports, passagem da matéria através da matéria, levitação.
c) «materialização» e moldagens.

Note-se que a enumeração das sub-classes é meramente exemplificativa e nunca exaustiva.

Caberia aqui uma descrição pormenorizada do «curriculum» do fenómeno? Parece-nos bem que não, porquanto esse é o objectivo da metapsicologia, ramo da Psicologia Geral, e mesmo porque o Espiritismo não pode (nem deve) tomar perante esse problema uma atitude específica: — diante do fenómeno, o observador «espirita» não *deve* divergir da posição de um «metapsiquista», é um observador que busca a determinação das condições e das causas imediatas do fenómeno e, como tal, não assume qualquer atitude mental apriorística. Mas logo que se caia no problema da interpretação final do metapsicologismo, surge em toda a sua aliciante estranheza a tese espirita que se pode sintetizar nas seguintes premissas:

1.ª — o psiquismo humano pode agir e reagir para além dos limites determinados pelo complexo orgânico dos sentidos.
2.ª — o psiquismo humano pode *existir* (agindo e reagindo), posteriormente à morte do corpo somático.

É sem dúvida arrojado pretender basear experimentalmente a afirmação de que o *espírito é imortal* e de que pode *comunicar-se* «post-mortem». E arrojado porque, até ao advento do Espiritismo hodierno, a tese da imortalidade do espírito e da sua existência independente da matéria orgânica era um problema de Metafísica e... o *Espiritismo fez dele um problema de filosofia científica,* discutiu-o numa especulação filosófica sobre os dados imediatos de uma ciência de objecto e métodos próprios, à semelhança do que se fez com as questões da natureza e origem da matéria ou com a da origem das espécies animais. E é, inquestionàvelmente, muito mais fácil combater uma tese erguida apenas por um esforço de razão, do que outra que tem por detrás de si os caboucos indigestos... da observação experimental.

É precisamente nesta característica do espiritualismo espirita que está a causa dos engulhos que ele determina em outras escolas e das inquietações do cientismo materialista... Os primeiros têm laivos de inveja e as segundas facetas de egoísmo...

Neste despretencioso ensaio interpretativo do fenómeno metapsicológico, eu pretendo sòmente mostrar como a tese espirita se socorre apenas dos dados da sua «teoria do espírito» exposta anteriormente e como ela nos arremessa irresistivelmente para as permissas enunciadas. Trabalho de interpretação, de desobnubilamento de perspectivas...

OS METAPSICOLÓGICOS

por RAMOS PEREIRA

OS FENÓMENOS ANÍMICOS

Entre estes fenómenos avultam pela sua complexa natureza e pelos horizontes que rasgam os chamados *magnéticos* que fundamentam cabalmente a existência das radiações biopsíquicas que afirmámos em ensaio precedente. Situam-se em três estados conceptualmente distinguíveis (e falamos assim porque no caso prático eles podem coexistir no todo ou parte):

1. sugestionabilidade.
2. analgesia.
3. transe sonambúlico.

O primeiro caracteriza-se não pela abulia do passivo mas pela sua incapacidade em recusar uma adesão psicológica áquilo que o agente lhe afirma; o segundo, pela insensibilidade orgânica que pode ser total ou parcial; o terceiro, por uma capacidade extraordinária de conhecimento supra-normal.

Admitamos que o agente magnético emite radiações que qualitativamente traduzem as suas imagens mentais e quantitativamente (na frequência) o seu coeficiente voluntário posto em jogo. Essas radiações, chocando

nos centros psico-sensoriais do passivo (e isto porque ele é um hiper-emotivo), excitam-nos, ocasionando *sensações* na zona da consciência psicológica deste. Como pode surpreender-nos então que o sensitivo acredite nas sugestões feitas pelo agente, se ele as recebe como autênticas sensações? Na sugestão magnética, o objecto excitante continua existindo e determinando o processo psico-fisiológico corrente: — é a radiação mental. Vejamos se consigo precisar melhor o meu pensamento.

Quando olho um objecto, eu tenho uma sensação luminosa. Porquê? Porque o objecto emite uma radiação cuja frequência está dentro dos limiares sensoriais do orgão visual. A modificação fisiológica por este sofrida é transmitida pelos nervos ao cérebro e eu tenho a sensação. No caso da sugestão magnética, dá-se a activação directa do centro nervoso e o passivo tem uma sensação; — a imagem mental do agente é o objecto causa dessa sensação.

Eu julgo que neste estado mais simples, o agente apenas consegue controlar a zona consciente do passivo, pois que lhe determina tão só as sensações que são estados psicológicos elementares.

Quando a acção magnética se prolonga e intensifica, o passivo cai num sono característico, sintoma de que as radiações atingiram o «centro regulador do sono» ou «centro de von Economo» cuja activação gera as «ondas de inibição» que, propagando-se ao longo do cortex cerebral, imobilizam os centros nervosos, total ou parcialmente. Paralelamente, deverá dar-se uma exteriorização, completa ou incompleta, do perespírito, porque só assim se poderá compreender a analgesia orgânica que se constata tanto na catalepsia como na letargia.

No estado mais profundo — no transe sonambúlico —, a primeira impressão é de que todo o comportamento psicológico do passivo está suspenso da vontade do agente. Pois não se diz que este pode produzir-lhe verdadeiras alterações da personalidade? Eu penso que não, contra a opinião de uma grande maioria, e... justifico-me.

Admitamos que um passivo se encontra no estado de transe sonambúlico e que lhe sugiro firmemente que ele é uma fidalga de alta linhagem. O passivo *interpreta* então essa figura: — os seus gestos e palavras exteriorizam a personalidade que, *segundo ele*, deve caracterizar tal dama. Sem dúvida que se trata de uma alteração de personalidade (provocada), mas alteração simplesmente externa, tanto mais perfeita quanto mais fortes forem as faculdades histriónicas do passivo. Existem passivos que nos dão a ilusão perfeita de uma modificação profunda do modo de ser. Há anos tentámos obter com um sensitivo um destes fenómenos: — sugerimos que ela era uma velha mendiga, encarquilhada, de dedos torcidos pelo reumatismo. Ficámos maravilhados com a perfeição da modificação: — durante quase uma hora, o sensitivo falou numa voz cansada, trémula, passeando lentamente pela sala, todo curvado, apoiando a mão direita de dedos dobrados e rígidos a uma bengala invisível. Mas, repito, trata-se de uma alteração aparente, de uma alteração que não afecta as características essenciais da personalidade. Com efeito, suponhamos que se está experimentando uma senhora a quem, no estado de transe sonambúlico, se sugeriu que era uma rameira. Ela representará o papel, mesmo com alguns gestos e ademanes lascivos. Ordemos-lhe então que se dispa; o sensitivo hesitará. Mantenhamos a ordem dada. Ela chorará provàvelmente, gritando que não pode. Perguntamos: — se houvesse uma autêntica alteração da personalidade, a ordem não seria cumprida? Porque o não é, pela senhora do exemplo? Porque... é um gesto que se opõe ao seu sentimento de pudor, porque vai contra as determinantes da sua personalidade feminina. Verifica-se mesmo que os sensitivos se recusam à prática de actos (chegando a despertar bruscamente do transe sempre que esses actos se opõem ao conjunto das tendências e incturações enraizadas nas camadas estáveis do inconsciente. Se eu convenço um sonâmbulo de que um assistente merece o seu ódio e que, para vingar-se, deve matá-lo; se ele crava um imaginário punhal no peito do seu «inimigo», isso indica-nos que o gesto sugerido acorda com a sua personalidade — o sonâmbulo é um desses indivíduos capazes de actos violentos sob o impulso passional do ódio. Se o assassinato lhe repugnar, nunca conseguiremos que ele pratique o gesto desejado.

Por tal, eu penso que:

— *o agente do sono magneto-hipnótico pode dominar o consciente e sub-consciente do passivo e pode influir no inconsciente desde que as imagens sugeridas estejam em harmonia com os carácteres especiais desse inconsciente.*

Que se possa dominar o consciente, é um

fenómeno perfeitamente compreensível dentro da hipótese formulada. Mas porque obedece o passivo às sugestões mentais do agente que podem ir até ao ponto de obrigá-lo a *recordar passos escondidos da sua vida íntima e... passos perdidos de existências anteriores?* Que reacções psíquicas subtis entram em jogo neste fenómeno tão interessante pelos seus complexos refolhos e tão perturbador pelas suas consequências filosóficas? Não sei formular uma hipótese explicativa, pelo menos razoàvelmente satisfatória... Aqui fica exposta a questão para que sobre ela se pronuncie quem tenha atingido o nível de tal hipótese. Pelo que sabemos, *está por fazer uma teoria suficiente da sugestão magnética.* Aquele que a esquadriar terá, *simultâneamente,* feito a *teoria da obsessão,* esse impressionante estado psicopatológico que tantas vezes desafia impunentemente a ciência oficializada... Porque fazemos esta afirmação? Porque a observação cuidada de algumas dezenas de casos de obsessão nos radicou na conclusão de que o obsidiado actua como um sonâmbulo sob o influxo de um agente magnético invisível...

O aparecimento de fenómenos de conhecimento supra-normal no estado mais completo do sono magnético — telepatia, clarividência, clariaudiência — é explicável por um «desdobramento» total ou parcial do perispírito, ou seja, por um deslocamento completo ou incompleto da sua massa hipersensível: radiações físicas que no estado normal não podem ser percebidas pelos orgãos sensoriais ou porque a sua frequência de vibração está para além dos limiares psico-físicos característicos do indivíduo ou porque existem obstáculos à determinação dos seus efeitos excitadores, produzem a vibração sincrónica das moléculas perispirituais e daí a excitação dos centros nervosos e correlativas sensações na zona psicológica do consciente; e igualmente para as radiações psíquicas (causa dos fenómenos telepáticos).

Nos chamados clarividentes, clariaudientes, telépatas e «psicómetras», (que, em transe sonambúlico ou sob simples acção magnética, apresentam um coeficiente de resultados muito mais alto), o fenómeno deverá ter uma explicação análoga: — uma dilatação dos limiares sensoriais em virtude de um destacamento momentâneo da massa perispiritual, que, em meu entender, nunca é espontâneo. Se o sensitivo é submetido à acção magnética exterior, à causa do «desdobramento» está no fluxo magnético irradiado pelo agente; se o sensitivo se *predispõe,* a causa eficiente está na sua concentração consciente que representa sempre uma acumulação de energia, determinante do afastamento das moléculas perispirituais.

Estes fenómenos são o resultado de um jogo energético, do choque de radiações, psíquicas ou físicas (luminosas, sonoras, etc.). Mas poder-se-á interpretar também assim a «psicometria», termo inteiramente impróprio para designar aqueles fenómenos em que o sensitivo descreve factos relacionados com objectos e inatribuível o seu conhecimento a quaisquer qualidades visíveis — forma, cor, substância, etc. — de tais objectos? Sem dúvida, desde que admitamos com MYERS que em torno de cada objecto há um «ambiente metaetérico», uma «aura», complexo de radiações com o qual o sensitivo se sintoniza: — «... da mesma forma por que os físicos e astrónomos são levados a admitir que as vibrações luminosas percorrem o espaço infinito sem jamais se extinguirem, assim também poder-se-á admitir a persistência visual de toda a forma de vibração cósmica».

Consideraremos então que os objectos se rodeiam de um campo vibratório onde se exteriorizam e gravam não só as alterações sofridas pelo próprio objecto, como os reflexos de uma energia psicofísica irradiada pelos indivíduos.

E quanto à rabdomancia? Também será devida a radiações emitidas pelos objectos escondidos e que o sensitivo procura com o seu pêndulo ou as suas varas? Admitamos como princípio que o objecto emite radiações; mas estas não podem ser a causa dos deslocamentos dos pêndulos e varas, porque, sendo assim, todo o indivíduo poderia produzir o fenómeno, o que indubitàvelmente, não se verifica. Eu julgo que os deslocamentos provêm do choque de duas radiações: — uma emitida pelo objecto escondido e outra pelo rabdomante e da qual se carrega o pêndulo ou a vara.

Quanto ao fenómeno da intuição, ainda hoje incompletamente estudado, a interpretação que perfilhamos foi exposta por Abdallah em estudo publicado em *Estudos Psíquicos,* n.º de Janeiro de 1951 — «Mediunidade intuitiva». O que neste momento poderíamos dizer não seria mais que uma repetição, mesmo porque ainda não tivemos tempo para maduramente meditar sobre essa «lição» dada pelo meu Mestre invisível.

Como se vê, no seu conjunto, os fenómenos anímicos são susceptíveis de uma expli-

cação geral concordante com a «teoria estática do espírito». Formula-se assim uma «teoria energética» que, ao mesmo tempo que nos dá uma visão monística de um agregado de fenómenos tão heterogéneo pelos seus aspectos formais, nos arremessa para aquelas proposições enunciadas tão difíceis de digerir pelas mentes aferradas ao dogmatismo materialista.

Mas não nos iludamos: — o facto de ser possível dar essa interpretação, formular essa teoria geral não significa que ela esteja acabada. Não tomemos a «nuvem por Juno»... Não basta reconhecer e argumentar a concordância lógica entre o complexo fenoménico e a teoria. É forçoso compreender que esta está apenas exposta no seu delineamento geral: — falta o acabamento suficiente e destruidor das dúvidas. É forçoso que o experimentador conduza os seus trabalhos no sentido de demonstrá-la e acabá-la nos pormenores mais ínfimos. Houve quem reconhecesse a existência das radiações psíquicas e chegasse mesmo a concretizar alguns efeitos e aspectos, como CAZZAMALLI, OCHOROWICZ, SCHRENCK-NOTZING e FUKURAI. Mas daí à solução das derradeiras questões vai uma passada muito larga... Quantas dúvidas se podem erguer em torno da teoria! É certo que elas não destroiem a sua ossatura, mas também não é menos certo que elas patenteiam que não há ainda carne suficiente para cobrir o esqueleto...

E eu sinto que pouco ou nada se tem feito nos últimos anos no objectivo de desfazer essas e outras dúvidas. E já lá vai um século desde que se expuseram as primeiras proposições do Neo-espiritualismo Experimental ou Espiritismo! Tem-se lamentàvelmente esquecido o dilema posto pelo próprio KARDEC: — «O Espiritismo ou será Ciência ou nada será»... Tanto se tem feito no campo doutrinário (puro e aplicado) e tão pouco no plano verdadeiramente científico ou no filosófico! A continuar esta tendência, o corpo do Espiritismo acabará por se converter numa teratologia ideológica: — o desenvolvimento das partes não será harmónico, a hipertrofia doutrinária viverá diante da atrofia do fundo filosófico-científico e o Espiritismo... converter-se-á em mais um desses complexos de ideias deslocados no tempo! A progredir a corrente referida, o Espiritismo passará a exigir a Fé daqueles que baterem às suas portas e não a Razão, o Sentir e a Vontade, como está no seu fundo; passará a dirigir-se apenas a um lado da personalidade humana. *Pregar a doutrina cristã de uma regeneração, chamar os espíritos para a necessidade de compreender os problemas do destino e dor, erguer monumentos de caridade viva, é muito, é necessário, mas não é suficiente.* O Espiritismo tem de conquistar a incondicional adesão do Homem e para tal não pode pedir-lhe que abra apenas as portas do seu sentir: — tem de lhe oferecer um espaço harmónico onde sentir e pensar sejam o trampolim, do qual, pelo esforço do querer, se saltará para um Viver menos paradoxal, para um Existir mais completo e mais perfeito. E esse trampolim jamais se poderá erguer se fecharmos os olhos ao espectáculo de um conjunto inacabado de teorias, se voltarmos cobarde e comodisticamente as costas aos fantasmas das dúvidas que nos pormenores ensombram a perfeição lógica do traçado geral de tais teorias. Não queiramos erguer uma estátua grandiosa... com pés de barro. Não nos limitemos à atitude de mera espectativa. Não foi assim, ó espiritas, que se levantou o edifício admirável da Ciência moderna e se reconstruíu uma Filosofia abalada pelos sopros devastadores dos ventos materialistas do século passado. Que me compreendam: — ao fazer uma exposição da posição mental do Espiritismo, não posso nem *devo* deixar de apontar os lados incompletos, as insuficiências, as dúvidas e mesmo a ignorância extraordinária mas numa parte ainda no estado de potência; *urge torná-la* um facto ou o trabalho de Kardec, de Denis, de Bozzano, de Delanne perder-se-á numa porção substancial. O pensador espirita que se limita a glosar os temas dos mestres, à semelhança dos filósofos medievais para com Aristóteles, porque considera essa a sua missão, nega-se como espirita e como homem em evolução. Fazem-me lembrar aqueles que são capazes de recitar, sem falhas, milhentos nomes e datas da História e perderam o sentido do «processo histórico», da longa e lenta ascensão do Homem a dentro dos grupos sociais; ou aqueles que despejam os conceitos e princípios expostos nas ciências físico-químicas ou matemáticas ou económicas, sem canalizar esforços para os complementar, superar ou simplesmente comprovar. Eu sei que é duro o que digo, mas... falto à verdade?

Voltemo-nos para os fenómenos «espiritas» para ver se aqui a teoria não enferma de imperfeição no acabamento...

LORDE BALDWIN E O ESPIRITISMO

Por FRED ARCHER

«Considero a comunicação espirita como a maior coisa do mundo» — disse Lorde Baldwin, governador das Ilhas Leeward, cuja opinião é nisto tão corajosa e franca, como em todos os assuntos que tenha estudado.

O Conde Baldwin de Bewdley, antigo visconde de Corvedale e ainda mais conhecido por Oliver Baldwin, acredita que a vida após a morte — ou seja a sobrevivência da personalidade humana — é um facto comprovado. Quer dizer que admite a comunicação dos mortos com os que ainda estão na terra.

LORDE BALDWIN

Quando lhe perguntei como se tinha convertido ao Espiritismo, disse que fora através de um livro escrito por sua avó, intitulado «The Shadow on the Blind» (A Escuridão dos Cegos). Nessa altura era ele um belo rapaz embrenhado na primeira guerra mundial e notou que possuia faculdades mediúnicas.

«Em 1918 comandava eu a Companhia de Guardas Irlandeses — disse ele —. Era um dia triste e estávamos sendo bombardeados fortemente. Durante a ronda senti-me cansado e sentei-me ao lado de uma estrada submersa, com a minha ordenança ao lado. Imediatamente senti no ouvido direito uma voz dizendo com clareza: «Vai ver a tua companhia». Só ali estava a minha ordenança, que não tinha ouvido a voz, e eu sentia que a mensagem não viera deste mundo.

«Levantei-me e dirigi-me à companhia, mas ainda não tinha andado vinte metros, quando senti uma granada a fender a atmosfera. Levei as mãos ao rosto. O projéctil caiu junto da ordenança e nunca mais soube dela».

Desde então Lorde Baldwin tem assistido a sessões com numerosos sensitivos.

Lorde Baldwin crê que é chegado o tempo de o Espiritismo ser considerado a única religião. Ele próprio tem falado em benefício da doutrina no Queen's Hall, proclamando a sua crença na nossa filosofia.

Quando lhe perguntei a sua opinião a respeito dos ensinamentos dos espíritos, respondeu com a seguinte palavra: «Conforto».

Baldwin foi durante muito tempo membro da Câmara dos Comuns e depois sucedeu a seu pai na Câmara dos Lordes.

É de parecer que religião e política serão um dia a mesma coisa. Eu tinha as minhas dúvidas a respeito do que ele dizia quando lhe perguntasse se ainda auxiliava os espiritas nos seus esforços contra as leis da feitiçaria e da vadiagem, mas a sua resposta foi absolutamente afirmativa. Depois contou-me duas experiências a que assistiu dentro da Câmara dos Comuns com alguns amigos, quando um indivíduo que se encontrava noutra mesa caiu sem sentidos. Todos se dirigiram para a vítima do acidente e Baldwin disse imediatamente.

— Não se mexam. O homem está morto.

Quando o médico, pouco depois, fez a sua observação, confirmou o diagnóstico psíquico.

O outro caso sucedeu um dia numa votação. O locutor ia lendo os nomes dos votantes na altura em que Lorde Baldwin se encontrava fora da Câmara a falar com um amigo. Ainda aquele não tinha atingido três quartos da nomenclatura, quando Baldwin se voltou inesperadamente, dizendo ao companheiro:

— Devo voltar à Câmara, que o próximo número será o meu.

E entrou quando era lido o seu nome.

Embora a lei não reconheça oficialmente a mediunidade, as faculdades psíquicas continuam a exercer-se, mesmo dentro do Parlamento.

(Tr. de I. D. S.)

(Do «Psychic News», de 27-8-949)

Frutos do Trabalho Cristão

Por ALFREDO MIGUEL
(correspondente em Salvador-Bahia)

Testemunhei, certa ocasião, o desapontamento de um doutrinador espirita, contrariado por ter acorrido a convite para falar num Centro, não tendo comparecido, aí, mais de vinte pessoas, de condição humilde, para ouvi-lo.

O dedicado instrutor achava que houvera perdido o tempo...

Bom que fosse ele o único a pensar assim.

No entanto, laboram nesse engano muitos obreiros da seara cristã, cuja missão consiste em explicar para o público a verdade imortalista, à luz do Espiritismo.

Há alguns anos passados também eu entendia que o bom resultado de uma prelecção espirita, era quando o dissertante tinha diante de si uma assistência selecta e numerosa.

Sei hoje, com base na experiência, que o êxito ou proficuidade da doutrinação não se condiciona ao maior número dos que a escutam.

Os oradores geralmente gostam de se dirigir a assembleias grandes, onde haja vibração e não lhes faltem os aplausos também. Porém, mais do que os aplausos, o que os impressiona agradàvelmente é o salão repleto, gente a se espraiar por todos os cantos. Quando os assentos estão na maior parte vazios, sentem-se até desanimados e queixam-se de ter gasto os minutos num trabalho improdutivo...

Ora, conforme tàcitamente ficou dito, os auditórios compactos nem sempre são os mais receptíveis; compõem-nos, às vezes, quase só as pessoas levianas, despreocupadas e curiosas. Não se mantendo tais espectadores numa atitude mental capaz de estabelecer sintonia com a mente do orador, a doutrina aí exposta é qual a semente lançada no pedregulho...

Nem se pense, ademais, que a posição social e a indumentária vistosa são as características que distinguem os ouvintes em condições de reter os ensinos espiritualistas. De ordinário, quem está bem instalado na vida, sem angústias que reclamem lenitivo, pouco se preocupa com os problemas da alma e da existência porvindoura. Ouve falar sobre estes assuntos com menos atenção do que se estivesse a assistir a uma audição radiofónica de músicas populares...

Por isso mesmo, não se descoroçôe o lidador cristão quando tenha de anunciar a mensagem do Alto e não veja mais do que um grupo reduzido de criaturas anónimas à sua frente. Pode se dar que nos seus semblantes se estampe um ar cansado e taciturno, a espalhar sombras de desolação no ambiente. É este o comum aspecto dos que se vêem exaustos de lutar contra a Dor que os persegue, e buscam um reduto do Espiritismo, onde haja quem os conforte e explique a causa secreta de seus tormentos. Suas almas aflitas, entretanto, têm ânsia de consolo e estão atentas. A palavra do Evangelho, dissipando as amarguras do coração, lhes fará um imenso bem. Falai-lhes, pois, a linguagem singela e amena que vá directa ao entendimento; falai-lhes em tom fraterno, elucidando, esclarecendo, sugerindo, e todos se sentirão reanimados, fortalecidos, tocados de esperança. E não duvideis de que o vosso verbo encontrará receptividade e produzirá resultados fecundos.

Jamais olvidarei a maneira por que me falou uma senhora, há pouco tempo. Postado à entrada de um estabelecimento comercial, vi que se encaminhava em minha direcção, ensaiando um sorriso prazenteiro. Junto de mim estacou, percorreu-me com um olhar benévolo e suas primeiras palavras deixaram-me perplexo:

— Ah! seu Miguel, toda vez que lhe vejo recordo sempre o enorme benefício que me fez. Por isso não cesso de pedir a Deus, em minhas preces, pelo senhor.

Externei, como era natural, minha emocionada surpresa, pois nem sequer julgava ter visto algures quem de tal forma me sensibilizava o coração.

— Bem, redarguiu, o senhor pode não saber quem sou; porém eu lhe conheço e me confesso eternamente agradecida...

E passou a rememorar uma palestrazinha que eu, havia uns seis ou sete anos, fizera

num modesto núcleo espirita, onde os ouvintes, de ambos os sexos, criaturas simples, não chegavam a completar duas dezenas. Como uma das circunstantes, prestara a máxima atenção aos comentários, que giraram em torno de um passo do Sermão da Montanha. Na ocasião tinha a alma profundamente atribulada e precisava mesmo de exortações que lha soerguessem do desalento. Finda a reunião, voltou para casa aliviada; vinha mais confiante em Deus, mais conformada com a sorte...

No dia seguinte, se dirigiu a uma livraria e comprou O Evangelho segundo o Espiritismo, o livro cujos ensinamentos tornam felizes os desditosos, no dizer do palestrante. Por ele iniciou-se no conhecimento da Doutrina Espirita, e esta imprimiu rumo novo à sua existência. Foram-se as causas de desequilíbrio e intraquilidade doméstica; presentemente colabora com a sua filha nas lides do Espiritismo cristão e ambas fazem parte de uma Juventude. A fé, viva, que cultivam, serve de anteparo nas vicissitudes inevitáveis.

O episódio acima resumido é sobremodo ilustrativo para que deixe margem a se duvidar da eficácia do nosso labor em prol dos necessitados de luz.

Certamente o doutrinador espirita, bem intencionado, numa terá uma actuação infrutífera, quer se contem por multidão ou pequeno grupo os que o escutam, quer ainda procedam estes das altas esferas sociais ou do seio das classes proletárias. Não podendo identificar imediatamente os efeitos da obra que realizam, apenas isto faz com que alguns, menos experientes, suponham estar despendendo energia sem proveito. Mas eis que vêm mais tarde as circunstâncias provar o contrário.

No ano transacto a União Espirita Bahiana encetou uma «Campanha contra o Suicídio», movimento a que eu não podia negar o meu integral apoio. Na imprensa local a iniciativa ecoou com simpatia, pois os jornais, ordinàriamente, com espaço mui exíguo, ou sem nenhum espaço, para as notinhas acerca do Espiritismo, dessa vez concederam algumas linhas mais ao nosso noticiário. Embora devessemos esperar casas à cunha, dado o provável interesse que o assunto veiculado iria despertar, a assistência, no correr de cinco domingos consecutivos, não se elevou muito acima da comum. Quatro oradores revezaram-se na tarefa de apontar as terríveis consequências que o acto tresloucado acarreta para o espírito dos suícidas. Além das explicações e advertências que promanaram de uma análise circunstanciada da matéria, páginas impressas foram copiosamente distribuídas dentro e fora da União, contendo os apelos emocionantes, dirigidos aos incautos, pelos Espiritos de homens eminentes, que num gesto de desespero desertaram da vida, precipitando-se em abismo de sofrimento inenarrável.

Os que participaram desse trabalho, contribuindo com o melhor da sua inteligência e boa vontade, perceberam e sentiram que ele foi edificante, que alguns dentre tantos que o apreciaram, teriam recolhido seus generosos frutos.

Contudo, nenhuma surpresa ser-nos-ia tão grata ao coração como a que tivemos, últimamente, quando estimado confrade, evocando aquela nobre campanha, nos falou mais ou menos nestes termos:

— Sabe? aquilo foi um esforço abençoado, pelos ricos benefícios que produziu. Vocês iluminaram muitos entendimentos, curaram da dúvida uns e a outros salvaram do desespero. F., residente ali no Barbalho, por exemplo, estava vivendo momentos críticos, e me contou que andara com a ideia de matar-se encaixada no cérebro. Soube das doutrinações que se estavam fazendo na União, e, pondo o ouvido à escuta, quando discorria um conferencista, de lá volveu encorajado e com vergonha de ter pensado em suicídio.

«Aliás, adiantou, você não ignora que eu mesmo, há menos de três anos, abriguei o sinistro desígnio, chegando a introduzir o cano de um revólver no ouvido... Devo o estar hoje aqui, são e salvo, a uma pregação espirita, a que assisti nesta Casa mesmo, pela primeira vez. Desde então fiquei sendo frequentador assíduo das sessões, aqui, aos domingos».

Isto é pura verdade; e valeria a pena sumariar o caso desse amigo, por certo um dos mais significativos e interessantes que conhecemos. Seu intento de refugiar-se na morte gerara-se no prognóstico da ciência oficial, que o desenganara, após sucessivos exames clínicos de seus mais conspícuos representantes, e à vista das chapas radiográficas dos pulmões, revelando em que estado precarissimo se encontravam!

Mas a «doença» era de fundo espiritual; a entidade, inferior, que fazia o paciente experimentar os mesmos sintomas da moléstia que lhe entregara o corpo à sepultura, à força das prédicas dos doutrinadores, na

"ALMAS ERRANTES"

Já se encontra à venda este estranho livro de 312 páginas, ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) ao director desta revista, que o recebeu intuitivamente, sem qualquer rasura.

Como já dissemos, o cenário apresenta uma coorte de saltimbancos e um grande proprietário que, depois de liquidar o contraente para desposar a mulher amada, sobe um calvário de amargura em que intervém o espírito do assassinado. Mas as situações alternam-se com tamanho vigor e numa linguagem tão aliciante e sugestiva, que não se pode largar a leitura enquanto se não volta a última página.

Leiam esta obra de extraordinário realismo e ficarão sabendo o poder que os «mortos» exercem sobre os «vivos», quando há motivos fortes, como aqueles que se observam no caso presente.

Romance ou novela, pouco importa a classificação que lhe dê a crítica literária. O que interessa é o seu conteúdo, o seu estilo e a moral que o leitor extrairá quando chegar ao fim.

PREÇO { ***Para Portugal — brochado, 30$00; encadernado, 42$00***
Para o Brasil — brochado, cr.$ 30,00; encadernado, 42$00

Os assinantes de *Estudos Psíquicos* e os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor têm o desconto de 10 %.

PEDIDOS À REDACÇÃO — RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

União, assenhoreara-se do seu próprio estado, esclarecera-se, largando a sua presa, a que se agarrara inconscientemente. O «doente», que juntas médicas garantiram não sobreviver mais de quinze dias, vendo-se livre da influência malsã, recobrou completamente a saúde, aumentando em pouco tempo o seu peso dos vinte e três quilos que havia perdido.

Em face de testemunhos, absolutamente verídicos, quais os que ficam consignados linhas acima, ao doutrinador espirita não é lícito se deter um só momento em conjecturas pessimistas. Duvidar de que a sua acção é essencialmente útil e benemérita, equivale a descrer de que está ensinando a Verdade e o Bem. E quantos, nas justas da razão, nestas duas forças se escudam, vencem e convencem! Destarte, quer fale perante assembleias copiosas ou a meia dúzia de ouvintes; quer se componham os auditórios de doutos ou analfabetos; de pessoas bem trajadas ou maltrapilhas, — não vacile o doutrinador, nem desanime nunca; exponha a Doutrina, com clareza e lógica, de jeito que se perceba que ela tem explicação para todas as incógnitas da vida e pode tornar o homem perfeitamente feliz. «Bemaventurados, escreve José Ingenieros, os que espalham sementes a mancheias, generosamente, sem se importarem com as que se hão de perder, mas tão sòmente com a menor delas, que pode ser fecunda». O Espiritismo é doutrina aliciante; sua rápida propagação depende muito de que haja «urbi et orbi» adeptos esclarecidos que ajudem o público a compreendê-lo. Os frutos desse trabalho serão tanto mais abundantes quanto maiores forem as legiões de doutrinadores dispersos por toda a parte numa actividade intensa e extensa. As sociedades espiritas, a seu turno, terão de ver nisso um problema de sua alçada a resolver, dispondo-se a qualquer iniciativa, ou com seu alheamento mostrarão ter fugido ao imperativo de sua própria existência. Vale recordar que o Cristianismo teria morrido no nascedouro, se não fora a propaganda oral feita por seus mais resolutos seguidores, destacando-se mais tarde a voz de Paulo de Tarso a proclamá-lo por toda a Ásia convertendo os gentios. A palavra dos doutrinadores espiritas é tão necessária hoje como a do Apóstolo cristão erguendo da impenitência a alma do paganismo.

O HOMEM CARIDOSO

pelo Espírito de REPER - SIAM

Queridos amigos, que vossas quedas desapareçam para vossa tranquilidade e evolução, eis os nossos pensamentos e votos mais fortes.

Falar sem agir é como fumo que se esvai à mínima aragem. Não ligar os actos às palavras é bater em sino de papelão. Não ecoa, não se ouve, causa a troça e a zombaria de quem passa.

É preciso sentir-se a dor alheia, como se nossa fosse. Não basta a caridade material. Mais valiosa do que esta é a caridade espiritual que nos leva sempre à tolerância com os que nos rodeiam. É preciso que à nossa volta todos se sintam bem com a nossa lhaneza, com a nossa tranquilidade. Umas palavras de incentivo a tempo, um fechar de olhos a uma falta, tudo isso é caridade, da caridade que perfuma até as cloacas e monturos. Quem dá um bocado de pão e não é capaz de um gesto ou uma palavra de tolerância, não é caridoso, porque em vez de caminhar para a harmonia, provoca a discórdia, onde quer que se encontre.

O homem caridoso é sempre humilde, nunca se julga mais do que os outros. Quando convive, esquece-se de si próprio para atender ao seu interlocutor e interessar-se pelas suas palavras, pelos seus assuntos.

É assim que eu desejo ver-vos. Trabalhando e orando sem pensar mal de ninguém, a harmonia e a paz não tardarão a ser o vosso estado permanente.

Experimentai, amigos, a fazer o que vos aponto. Esforçai-vos por comungar no Bem, no Amor e na Caridade. Não vos lembreis dos maus, nem dos que vos ofendem. Vede se lançais sobre eles um véu de esquecimento. Não vos lembreis deles. Desta maneira, o esquecimento vos levará à indiferença e daqui surgirá o campo neutro que vos iniciará em novas tentativas de acordo, quando surgir a oportunidade. Desta maneira, nunca alimentareis dissenções, nem quisílias. Se não for numa existência, será noutra, as pazes se farão em condições propícias. O que é necessário é evolucionar. Não alimentar o mal, já é alguma coisa.

Fazer a caridade está na mão daquele que carece de pão e de abrigo. Basta ter elevação espiritual. Quem abranger tudo isto terá completado a sua evolução terrena.

Amar ao próximo é o maior expoente de caridade. Se houvesse amor ao próximo, o problema estava resolvido. Mas aquelas duas palavras do Cristo proferidas há dois mil anos, como estão longe de ser compreendidas! «Amai-vos uns aos outros!». E os homens emendam: «Odiai-vos uns aos outros!». Por isso, não admira que a evolução terrena seja o que presenceais.

Achareis talvez monótono o facto de eu bater sempre no mesmo ponto: a caridade e o amor. É que aqueles que trabalham em campos como o vosso nada produzirão de outra forma. Este lado é o mais apropriado. Nos negócios, na vida mundana, pode triunfar o empedernido, pode marchar o que só entrevê o que se lhe mostra e ele apalpa; mas outro que transcendeu esses limites, esse tem que procurar novas armas, novas ferramentas com que forjar o destino. A este não é mais permitida a vida ociosa — comer, dormir e procriar — trabalhando apenas para aquelas funções.

Aos que conseguiram encontrar na terra as origens do que são e do que representam no Universo, a esses não mais será permitido o esquecimento dessa verdade. Por isso sofrem, por isso às vezes parecem mais infelizes do que os outros. Mas os outros passarão pela mesma fase. É sempre doloroso o despertar de um sonho mau e deparar-se com realidades duras. A vida humana tem que harmonizar-se com a vida espiritual. É tempo e hora de começar o ajuste de contas Aqueles que persistirem, apesar da luz que os rodeia, serão acordados pelas agruras. Aí está porque às vezes o que se esforça por cumprir é mais infeliz do que o outro. Aquele já começou a compreender e, portanto, a expiar. Tanto, tanto que tendes de percorrer para chegar à meta onde já vos julgais! Por tudo isto, a caridade que tiverdes com os que vos cercam encontrá-la-eis quando soar a hora do resgate. Como fizerdes, assim achareis. Se fordes duros, não espereis suavidade. A falta de caridade é arma de dois gumes que se volta fàcilmente contra quem a usa. Pelo contrário, cada acto caridoso e humilde ser-vos-á devolvido com capital e juros. Aqui está porque o homem, em sua cegueira, trabalha contra si próprio. Anda para trás. Procura a felicidade pelo lado oposto.

Amigos, acho que a qualquer pessoa seria suficiente o que vos venho dizendo, há tanto tempo, para que iniciasse vida nova. Não é correndo muito que se chega mais depressa, mas procedendo mansamente e caridosamente.

Se experimentasseis, verieis como o serviço se faria alegremente, sem quedas sucessivas.

Meditai as nossas palavras. Extraí delas a ideia, corrigi-vos e vereis o resultado.

23 de Outubro de 1949.

MÉDIUM — MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

A PRECE FAZ MILAGRES

Por HENRIQUE MAGALHÃES

Jamais nos cansaremos de incentivar o cultivo da prece por verificar, através do nosso testemunho, o seu benefício.

Certa feita evitou-se uma desgraça com o auxílio eficaz da prece.

Visitávamos determinado lar — tratava-se de um casal de portugueses, de modesta condição social, humildes e honestos. O chefe da casa era dono, com outro homem, de pequeno *café*, em sociedade comercial. Íamos aplicar passes a irmã enferma, quando, logo ao entrar, fomos defrontados pela dona da casa. Rolavam por seu rosto copiosas lágrimas, denotando grande aflição.

Um pouco adiante achava-se o marido, sentado, de olhos chumbados no chão.

À pergunta que fizemos indagando a causa daquele quadro, a senhora informou:

—Meu marido recebeu proposta indecorosa do sócio, em razão da qual será jogado na rua. Não sabendo ler nem escrever, meu marido foi embrulhado por aquele homem sem entranhas. Não tendo o dinheiro exigido pela proposta que o outro lhe fez e vendo-se miseràvelmente roubado, planejou, com amigo íntimo, um açougueiro, assassinar o sócio desleal. Explicaram mais tarde que esse sócio tinha entrado para a firma sem um níquel, levando em consideração seu desembaraço e prática do assunto. Com o tempo dispôs as coisas a seu modo, escrita, etc., e praparou-se para dar o golpe. E levando as mãos juntas em direcção ao tecto, ajuntou:

— Apieda-te de nós, Senhor, neste momento terrível!

Ficámos petrificados!

Passado o primeiro momento e já refeitos do susto inicial, indagámos:

— A senhora é religiosa?

— Oh! Sim! Sou católica.

— Então vamos orar — aconselhámos. O Pai há-de vir em seu auxílio.

Acto contínuo orámos, seguidos pela mulher aflita.

O marido continuou sentado, olhos no chão, mudo como uma pedra.

Estava-se vendo que seu raciocínio tinha-se agarrado à ideia de liquidar aquele que o queria desgraçar.

Finda a oração e sem saber por quê, fomos levados a falar à criatura nestes termos:

— Tem a senhora e seu marido alguns conhecidos nas redondezas?

— Conhecemos os fornecedores e também alguns homens que carregam mercadorias, pois são fregueses da casa — disse ela.

A cena passava-se próximo do Mercado, no Rio, onde existem criaturas que labutam como carregadores de carrinho de mão.

Dirigindo-lhe novamente a palavra em tom de comando, disse:

— Seu marido vai permitir que a senhora procure esses amigos, onde irá conseguir a importância necessária.

A criatura fez uma careta e ponderou:

— Não é possível! A importância é grande e ninguém ma emprestará.

— Não se preocupe com o montante que tem em vista — revidei —. Divida a importância por todos, pedindo um pouco a cada um. Ficarei com seu esposo até à volta.

A mulherzinha saiu, carregando consigo a dúvida e a esperança.

Sentei-me próximo do homenzinho, orando em silêncio, após o que entrei a aconselhá-lo, lembrando-lhe as Leis Eternas de Deus e o sofrimento que nos espera, se infrigirmos a ordem natural das coisas. E assim passou talvez uma hora ou um pouco mais.

Quando menos esperávamos, entra a esposa, portas a dentro.

Depositando, em cima da mesa, um lenço de bolso amarrado, exclamou, triunfante:

— Aqui está o dinheiro!

O marido escancarou os olhos, assombrado, mal podendo acreditar...

Encarando-me, esclareceu:

— Fiz como o senhor aconselhou, pedindo um pouco aqui, outro ali e além e já tinha a importância necessária, quando encontrei o Joaquim (outro carregador). Contei-lhe o caso e, sem que lho pedisse, colocou-me nas mãos mais um conto de reis — (moeda de então e que hoje valeria cinco vezes essa importância).

Rosto emoldurado pela satisfação incontida, desabafou o que lhe ia na alma, exclamando:

Leopoldo Machado

Da Comissão Organizadora da festa em homenagem ao Professor Leopoldo Machado recebemos a seguinte carta, datada de 27 de Junho:

Irmão e Confrade Isidoro:

Paz e Alegria. O caso é que os moços espiritas resolveram homenagear um grande amigo e benfeitor — que a vós está ligado pelos laços do espírito — e que é o professor Leopoldo Machado, com uma festa que expresse bem o grande sentimento de gratidão que vibra intensamente em seus corações.

Para a realização desse edificante congresso sentimental está marcada a data de 22 de Julho vindouro.

Logo no início do movimento foi lembrado o nome de Isidoro Duarte Santos para participar dessa festividade. Tão só o anúncio de tal ideia bastou para despertar gigantesco entusiasmo, que demonstra o muito que o querido irmão português significa em terras brasileiras que agora estão a exigir-lhe a presença.

A campanha para a vossa vinda vai em franco progresso, já havendo recebido muitas adesões, mas ainda não está concluída. Convidamos, pois, o nobre confrade a deixar por momentos a pátria e vir trazer, de viva voz, a saudação afectiva e cristã que o nosso querido professor Leopoldo Machado merece receber como penhor da amizade e coroa de louros pelos seu trabalho fecundo.

Fraternais saudações.

Orlando Sobreira Sampaio
(Presidente)

É sabido que Leopoldo Machado esteve gravemente enfermo durante meses, em virtude do esforço que dispendeu na *Caravana da Fraternidade* que atravessou o Brasil em viagem de propaganda. E agora, que se encontra em franca convalescença, as falanges intemeratas dessa *Mocidade Espirita* que ele organizou e estimulou para grande missão renovadora querem prestar-lhe homenagem que simbolize o muito que lhe devem e o muito que esperam ainda da sua operosidade.

Temos pena de que o tempo escasso não permita que enviemos a nossa mensagem a esse estrénuo obreiro a que estamos ligados por elos inquebrantáveis; mas ele sabe que a nossa alma vibra emocionada com a notícia da homenagem e que lá estaremos em espírito a comungar na onda vibratória que o banhará e fortalecerá para novas e prestantes empresas. De resto, ele sabe o que diríamos, se lá estivessemos. E daí, talvez nada mais fizessemos do que envolvê-lo num grande abraço fraternal, que as palavras fogem quando a emoção nos invade, impedindo-nos de manifestar verbalmente o nosso entusiasmo.

As *Mocidades Espiritas Brasileiras* não ignoram que têm apoio de *Estudos Psíquicos*, revista que desde a primeira hora animou esse galhardo movimento que atravessou a Terra de Santa Cruz como estranho rastilho e se radicou em todos os Estados para dar à doutrina continuidade lógica e chamar novos elementos de progresso. Elas contam connosco, confiam em nós, que lhes temos dado as maiores provas de carinho e simpatia. Estaremos sempre ao lado de Leopoldo Machado, o grande paladino do Espiritismo de Vivos que sacrificou a saúde em holocausto ao Ideal que serviu com perfeita nobreza, e que, reduzido embora em esforço objectivo, não deixa de ser uma gloriosa presença a incentivar os novos que surgem para o bom combate. Daqui enviamos às Mocidades e ao irmão querido o nosso amplexo pronto a receber o eco das vozes brasileiras.

— Graças a Deus!

Em meu íntimo, com o coração trasbordante de alegria, murmurei:

— E graças também à prece realizada, pois, por seu intermédio, atraímos os Mentores do espaço que, em nome desse Deus magnânimo e bom, facilitaram a obtenção da importância necessária para dar ao intruso, salvando três homens dum desastre irreparável.

Eis aqui, amigo leitor, um testemunho do valor positivo da Prece.

Deus nos proteja, hoje e sempre.

Deus, Causa das Causas

por F. NORONHA

Um brasileiro ilustre, Deolindo Amorim, em lição sobre *o aspecto filosófico do Espiritismo*, em Dezembro do ano pretérito, no Rio de Janeiro, deu-lhe este remate: «o Espiritismo parte dos factos (efeitos) para afirmar a existência de Deus. Não é, portanto, uma doutrina apriorística: a existência de Deus não se demonstra em laboratório, mas se compreende e sente pelos seus efeitos. O ponto de partida e a base deste princípio estão no facto: a prova positiva da existência do espírito». E em livro notável, *La Science du Gouvernement*, por M. de Real, a lume em Paris, 1751 (*Traité du Droit naturel*, cap. II, secção 1.ª) deparam-se-nos estes períodos:

«A existência de Deus é a mais em evidência, como a primeira e maior de todas as verdades. Pouca filosofia faz pender o espírito para o Ateismo; bastante filosofia guia o espírito ao conhecimento de Deus. Aquele que avalia superficialmente as causas secundárias, separadas e desunidas, poderá limitar-se a isso e não avançar mais; mas quem analisa profundamente estas mesmas causas ligadas e encadeadas umas às outras, é forçado a apelar para uma sabedoria infinita que tudo criou e lhe mantém o aprumo».

«Por maiores esforços que façam os libertinos para apagar a impressão geral de uma Divindade que a vista deste mundo acorda naturalmente em todos os homens, não conseguem aniquilá-la nem sombreá-la inteiramente: tão fortes e profundas são, para assim dizer, as raízes que ela tem em nosso espírito. À razão apenas basta obedecer ao seu instinto natural para convencer-se de que há um Deus criador de tudo o que vemos. Os movimentos regulados dos grandes corpos que giram por cima das nossas cabeças, esta ordem da natureza que nunca se desmente, o laço admirável de todas as suas componências que se sustentam umas às outras, só podendo subsistir pela ordem natural que elas se estabelecem; a diversidade de pedras, de metais, de plantas, a estrutura surpreendente dos corpos animados: sua produção, seu nascimento, seu crescimento, sua morte, todas estas maravilhas nos fazem ouvir, em nós próprios, a voz secreta que proclama tudo isto não ser o efeito do acaso, mas de alguma causa possuíndo em si todas as perfeições que notamos nesta grandiosa obra».

«O acaso a que se quereria atribuir tantas maravilhas é um nome vazio de sentido, uma palavra que nada diz, um puro prestígio, um vão fantasma que a nossa imaginação se formou».

Recordo estas palavras, que li algures, dispostas em rima: «E até tu, miserável ateu, que de negar um Deus não cessas, no acaso, a teu pezar um Deus confessas».

Todos nós, mais ou menos, testemunhamos um espectáculo permanente: acção e reacção.

E tal é ele, que passa desapercebido por maioria de razões; mas lembramo-nos de Santa Barbara quando ribombam trovões.

E assim deveria ocorrer connosco a respeito do Nume Eterno.

Um dia, assistindo ao exame de Filosofia, prestado por um estudante de bom aspecto e amadurecido na idade, este por qualquer motivo, tratando-se de demonstrar a existência de Deus, desenvolvera-o mediante argumentos adequados, esquecendo ou não querendo formular o de causalidade.

E, então, um espectador, sentado ao meu lado, que tinha colocado o seu chapeu, de abas largas, numa mesa a nosso alcance, levantou-se, lançou mão do aludido chapéu, com rapidez, cobriu-se com ele e logo, tirando-o da cabeça, o repôs onde estivera.

Como quer que fosse o caso não passara desapercebido ao examinando, o qual, notando no homem aquele gesto mudo de causa e efeito, acabou brilhantemente o acto académico de prova oral, pondo em evidência o princípio de causalidade.

Destruir o potencial irrefutável e imperativo desta oração ou proposição periodal não cabe na hermenêutica humana, nem é possível e viável com habilidade sofística de qualquer grau.

Temos de aceitá-la, e aceitámo-la, de facto, por luminosa e lógica.

E não será certo, outrossim, que na série de causas uma se atinge de consubstanciação perfeita?

Será concebível o fabrico delicado e a montagem respectiva de todas as peças de um relógio, presidindo-lhe o acaso?

Explica-se por este, o fenómeno de divergência entre os sinais digitais dos seres humanos, a tal ponto de precisão e de segurança, que definem e inconfundem a identidade pessoal de cada indivíduo?

Onde estaria a capacidade genial, susceptível de semelhante efeito perdurável?

Só Deus vinga nos quadros e no panorama da Imensidade só a sua sombra está presente na aspiração do Infinito, no Além, na Glória imortal!

Tudo te revela, ó Ente incriado, onde quer que se dirija a luz do nosso entendimento, a energia da nossa vontade e o impulso do nosso sentimento.

A suavidade da brisa, o gorgeio da ave, o arrebol da aurora, o mar sereno, a abobada celeste cintilando, todo o encanto peregrino da flor espontânea, toda a gracilidade empolgante da criança no berço, toda a doçura que nos felicita e toda a magia da natureza em festa, falam-nos de ti, ó Deus de unção, mas também não são mudas para nós as expressões dos teus reversos, de imponência e sublimidade, tanto no hórrido estonteante dos elementos enfurecidos, quanto de sedução e inebriamento os arroubos dulcificantes na face do Belo! És quem és. Se nos fora dado penetrar na tua essência, não serias tu Deus, nem nós seríamos homens.

Em breve triunfaria o caos, precedendo apenas por minutos o apocalipse totalitário.

A unidade da fonte suprema, da presciência omnipotente, do expoente sumo, afirma-se e resplende, de continente a continente, de estrela a estrela, do infinitamente minúsculo ao infinitamente agigantado.

E o testemunho palpitante de inteligência, de plano assente, de

legislação inimitável, sobressai na ridência autêntica dos sentidos, pelo que respeita ao físico e no que se impõe ao espírito, pelo que exprime ou significa de carácter necessário.

Isto é, os sentidos têm um domínio; as verdades necessárias pertencem a outro domínio, regem-se por lei diferente. Aqui a razão, ali, a observação e a experiência. De um lado a matéria, do outro, o espírito, o imortal.

Numerosas hão sido por entre os séculos e as gerações humanas, as escolas e as ideias.

E em seus progressos e vitórias têm surgido tentames de vária ordem, ensaios típicos e teorias específicas, travando por vezes ritmos de avanço e contrariedades de insucesso.

Por igual, determinadas subtilezas tiveram aceitação, aliás de monta insignificante e sem longa dura, mas infiltrando-se com vestígios; e soou no campanário do tempo a badalada do sucessor do século 19, cujo meado conta um activo dantesco de carnagem e desmantelamento cruel e vilipendioso, sem precedentes na História Geral e na rapina dos mais celebrados espoliadores de povos.

E ainda na hora que decorre não cessou fogo nem razia, o dia da Paz é um enigma, a solércia uma doutrina, e a insídia uma adopção e adaptação lisonjeiras sistemáticas!

Ter-se-á Deus afastado de presença, neste planeta atrasado?

Respondo a mim próprio: «Deus é Deus e um só existe».

Consagra-o a natureza em seu constante vaivém, em seus cenários inutrapassaveis, em suas provas indeléveis e em suas ressonâncias inequívocas, que o assomam em todos os horizontes e o patenteiam em todos os raciocínios.

Eis o ponto áugico de todas as realidades indiscutíveis, a máxima das máximas de todas as filosofias, a lição magistral de relevo ingente e de fundamento opimo, a síntese que representa e enflora a base e o grimpa de todo o edifício científico e que, exposta em problema e de solução em solução, sempre guindando-se mais e mais, de absorção em absorção, concretiza-se num conjunto de volume, peso e estrutura: o Universo, efeito da sua causa, Deus, espiritualidade, o Infinito!

O efêmero, o contingente vivo ou abandonado, não se perde no laboratório, seu destino. Tudo muda, tudo se transforma, e a retorta em que se praticam as operações físico-químicas, obediente às suas leis imutáveis conjuga-se com o existente, funde-se no todo cósmico e em sua inerência relativa, faz coro harmónico de conceito genérico no emergir cognoscível da causa das causas: o autor inconcusso e excelso, o Artífice Divino, o Deus único e Todo Poderoso!

O Espiritismo, que estuda e experimenta, é fraterno e operoso, anima-se perante Deus que adora e, certo da alma, da imortalidade e da Justiça, prepara-se e alenta-se para a viagem do Além e as provações ou libertações que merecer.

BRASIL E PORTUGAL

(Entra uma menina ou menino olhando através de um binóculo e envolvido na Bandeira Brasileira, trazendo à frente uma fita com a palavra Brasil).

BRASIL *(divisando Portugal ao longe).* — Oh! Portugal querido, tu és a pátria dos meus avós. Amo-te como ao meu caro Brasil! Contemplo o teu passado pleno de feitos brilhantes, admiro o heroísmo de teus filhos. *(Senta-se e fica meditativo, enquanto ouve ao longe uma canção portuguesa).*

BRASIL *(levantando-se).* — Parece que estou sonhando... Ouço o clamor de Portugal tão perto de mim... Será que estou em terras portuguesas? O povo espirita brasileiro tem procurado atender ao clamor incessante dos portugueses. Lá em terras lusas estão os emissários. *(Levantando o binóculo e fingindo divisar Portugal ao longe)*... Ah! Portugal! Às vezes, fico desanimado quando ouço os teus filhos. Os nossos irmãos estão maltratando os nossos enviados.

(Entra um menino, ou menina envolvida na Bandeira Portuguesa, trazendo na fronte uma fita com a palavra Portugal).

PORTUGAL — Lá em terras européias eu me acho, situado no meio de um vulcão que vomita, momento após momento, o fogo do ódio, da contenda, do egoísmo e da guerra. Tenho procurado educar os meus filhos afastando-os destes sentimentos tão vis e hediondos... Agora, mais do que nunca, rogo à minha Pátria irmã, continui a dar-me o seu apoio. Sòmente o Evangelho sublime do Cristo poderá modificar Portugal! Há centenas de filhos meus cujas vidas têm sido uma inspiração! Aceitaram este Evangelho e têm-no posto em prática.

BRASIL — Mas, Portugal, porque ainda consentes que os nossos emisssários sofram perseguições?

PORTUGAL — Não é de mim que partem as perseguições. Realmente, ainda tenho filhos que não reconheceram os verdadeiros valores... Mas o dia chegará quando todos os portugueses reconhecerem os teus enviados e hão de ajudá-los a falar deste Jesus que é a fonte donde promana a água viva que apaga o fogo do ódio, da contenda, do egoísmo e da guerra! Não desanimes, Brasil querido! Os teus esforços em benefício de meus filhos nunca serão olvidados... Podes continuar esta tarefa árdua, mas que no futuro reverterá em bençãos, não só para os meus filhos, mas para os teus próprios!

(Ouve-se ao longe a música de uma canção portuguesa. Brasil e Portugal ajoelham e firmam o olhar no céu, enquanto ouvem a música).

BRASIL *(levantando-se)* — Ah! Portugal! Desde os primórdios de minha existência há entre nós intercâmbio... E agora estamos mais ligados do que nunca, pelos laços indissolúveis do Evangelho! *(Brasil dá a mão a Portugal).* Temos agora um único ideal... o de conduzir os nossos filhos aos pés do Salvador! Os meus filhos de hoje em diante duplicarão as suas actividades em benefício de Portugal.

PORTUGAL — Bravo, meu Brasil querido! O sentimento de altruismo tem dominado o coração de teus filhos. Os meus que já aceitaram o Evangelho unificarão as suas forças à dos teus e juntos trabalharemos para ganhar Brasil e Portugal para o Cristo. *(Saiem abraçados, cantando um hino).*

(Este trabalho foi extraído do livro «Florilégio Cristão», de Arith Drumond, e dedicado à Colónia Portuguesa na pessoa do nosso colaborador José Simões de Matos, por ocasião da festa oferecida às «Mães» pelo S. de E. E. à Criança, da Federação Espirita do Rio Grande do Sul).

ECOS DO ALÉM...

III

Em 31 de Maio a sessão é realizada à mesma hora. A médium declara, após a concentração habitual:

— D. Maria acaba de chegar. Anda de um lado para outro com folhas brancas de papel.

E dirige-me a seguinte mensagem:

— Não abras o teu coração a todos. Há verdadeiros e falsos amigos. A crítica está muito espalhada. Não vejas nas minhas palavras motivo de desânimo. Mas previno-te. Nem a todos podes ler o que transmito. Nem todos compreendem...

— Poderias concretizar?

— Não quero que te incomodes. São avisos.

— Para que servem as folhas que trazes?

— Para trabalhar. Trabalho muito. Escrevo... Doutrino... Espalho o bem...

— Já estás integrada na nova vida?

— Já.

— Mas tens saudades da Terra...

— E terei. Compreendiamo-nos bem e vejo a falta que te faço.

— Hoje tenho-te sentido muitas vezes.

— Desejava que viesse a noite. Agora posso falar à vontade.

A seguir falou de assuntos particulares em relação com a doutrina, revelando sempre o mesmo carácter e a mesma coerência. Referiu-se às consagrações que lhe fizeram em Lisboa e no Rio de Janeiro e deu instruções acerca da mediunidade da Gena. Depois mudou de assunto e eu perguntei:

— Qual foi a origem exacta da tua doença?

— Fígado.

— Quiseste dizer-me alguma coisa nos últimos momentos?

— O adeus.

— Porquê o adeus? Tinhas a certeza de que partirias tão ràpidamente?

— Já sabia. Tu é que ignoravas.

— Desde quando?

— Desde que piorei.

— Disseste que não vencerias a doença... (1)

— Já sabia. Tinha a certeza.

— E porque não querias fazer análises ao sangue?

— Não valia a pena. Tinha a certeza de que morria.

— Porque não tomaste disposições especiais? Não tinhas nada a recomendar-me?

— Não. Tudo estava bem. Posso dizer agora.

— És tu que me ergues os braços, antes de começar a receber as Mensagens?

— Quem querias que fosse?

— Não poderíamos convencionar um alfabeto por intermédio dos meus braços?

— Não acho necessário.

— É que às vezes vacilo, não consigo captar-te o pensamento.

— Mas eu insisto.

A conversa segue rumo muito diferente, que não reproduzo, em virtude do seu aspecto melindroso. Mas não deixo de dizer que a médium D. Maria Bacelar revelou coisas espantosas, algumas delas passadas há cerca de 28 anos por alturas do meu casamento. Se mais provas não houvesse de suas faculdades e da comunicação do espírito de minha mulher, bastaria o que se passou nesta sessão para que o mais incrédulo se convertesse.

Duas pessoas de família foram descritas com grande precisão, assim como certos acontecimentos da época a que acima aludo, incluindo frases completas que então se proferiram e se me gravaram para sempre na memória, embora neste momento não me ocorressem.

Meses e meses andei a pensar nesta sessão. Foi tão palpitante, tão real o que ouvi e senti, que me era impossível duvidar da presença da entidade comuni-

---

(1) Em Cebolais teve o pressentimento claro do que sucederia e disse-me claramente: «Eu morro disto».

cante. Só ela poderia ditar o que a médium transmitiu. Mas esse relato fica para mim. Pertence ao meu arquivo interior. A vida terrena é experiência dolorosa, mas de grande utilidade para quem a faz. Pomos à prova as nossas qualidades, aprendemos a conhecer os homens, ensaiamos os passos numa jornada incerta cuja distância ignoramos... E assim percorremos a senda que nos traçaram, subindo ou descendo, gozando a felicidade que alcançámos ou caindo sob os madeiros que o destino impõe às almas iludidas.

Depois mudei de assunto:

— Capto bem o teu pensamento?

— Sim.

— Não me podes dar sinal mais claro da tua presença?

— Talvez com o tempo. Devagar se vai ao longe.

— O sinal que sinto é difícil de especificar (1).

— Com boa vontade...

— Às vezes julgo que é comichão.

— Já sabes que não é (2).

— Estás tantas vezes ao pé de mim?

— E porque não?

— É um grande prazer ter-te assim ao lado.

— E meu também ser-me permitido.

— Tenho mais coragem e ando mais alegre. Julgo que não morreste.

— Pois não morri. Então de que te serve a doutrina?

— Falo no sentido de «partir», abalar para novas paragens.

— Mas não parti...

— Para que a ilusão seja completa quero treinar-me na vidência. Se te vir, a saudade diminuirá. Mas depois de te ver... hei-de querer ouvir-te...

— Não será muita ambição?

— É aspiração lógica.

— Parece...

— Há videntes e audientes...

— E há os que nunca viram, nem ouvem, nem sentem. Tu já conseguiste muito.

— Querer é poder. Hei-de ser auxiliado.

— Eu farei o possível para isso.

— E tu seguirás novo caminho na vida?

— Daqui a muito tempo. Outras missões... noutros mundos. Nessa altura também terás as tuas.

— A tua partida teria sido chamamento espiritual?

— Irmãos de branco me chamaram, entre eles, um chamado João.

Agora, D. Maria Bacelar dá nova série de pormenores de grande rigor probatório. A sua análise encheria um grande capítulo para edificação de pesquisadores que buscam fenómenos sensacionais. Infelizmente, não posso referi-los. Só digo uma coisa: ante as narrações mediúnicas, tinha-se a impressão de que aquela senhora fora familiar da comunicante e que assistira aos factos, tal o realismo com que os descrevia. E a verdade, como já disse, é muito diferente: apenas se encontraram duas vezes na vida terrena, sem qualquer troca de impressões a esmaltar o acontecimento.

Os pormenores a que aludo constam dos meus relatos particulares que serão franqueados a pessoas idóneas que demonstrem interesse pelo caso. Verificarão que as minhas palavras ficam muito aquém da realidade e que a clarividência da médium foi de uma projecção verdadeiramente assombrosa. Do que arquivei se infere uma particularidade notável: a vida espiritual obedece a leis imutáveis que partilham do electromagnetismo. Para que duas ondas se captem é preciso que tenham igual frequência vibratória. Eis porque muitos desencarnados não encontram seres que na Terra andaram nos mesmos caminhos ou viveram nos mesmos lares. Uma vez libertos da matéria, adquirem todo o valor intrínseco, segundo o seu grau de evolução. A médium via três coisas distintas: minha mulher, um espírito inferior e um corpo inanimado. O espírito inferior fitava o corpo num

---

(1) Já lá vai um ano sobre a sessão desta noite. Hoje, o sinal é muito claro e frequente. Não se confunde com pruridos.

(2) Às vezes, quando sentia o sinal na face direita, pedia mentalmente que passasse para a esquerda. Logo o prurido amortecia a pouco e pouco, até se extinguir de todo. Dois minutos decorridos, começava a senti-lo no lugar designado. Com efeito, a comichão não é inteligente e não responde a solicitações deste género. Tal circunstância convenceu-me logo da veracidade do fenómeno.

«ah» de admiração. Conheceu-o e admirou-se, não viu o espírito que abandonara o invólucro e que estava ali presente, mas que, por vibrar em maior frequência, não podia ser visto ou sentido por aquele (1).

★

Na sessão de 7 de Junho verificou-se um fenómeno muito interessante que nos impressionou logo no início dos trabalhos. A vidente notou a vinda de Lia e exclamou:

— Cá está ela!

E logo a seguir:

— Está aqui uma figura branca cheia de rosas.

De facto, todos, menos eu, sentiram o perfume.

— Que significa essa figura com as rosas? — perguntei.

— Irmãos elevados que vos saudam — diz a médium, traduzindo a frase que lhe ditam.

Eu agradeci. E a mesma entidade prossegue:

— Todos descem, quando o ambiente lhes é propício. São banhos de luz que os bons espíritos recebem. É luz espiritual.

A médium esclarece que a personagem vem de tranças loiras, cabelo apartado ao meio e véu na cabeça. Seguidamente tira uma coroa, acrescentando: «Isto não vale nada. Vale mais a coroa de luz que me envolve o espírito». E diz: «Isabel».

A médium continua:

—Depois desse livro grande, há-de escrever outro mais pequeno, com capa branca. No primeiro vejo «Páginas de Saudade» e no segundo vejo «Dois Mundos» (2). Agora D. Maria está a subir e ampara outra pessoa. É no Além. Entra numa porta. Há camas, tudo muito branco. Há intensa claridade. É uma espécie de camarata e a porta parece que tem vidros. Ouço dizer: «Hospital Espiritual». Apresenta-se de cabelo cortado e frisado e diz assim, dirigindo-se à minha pessoa:

— Vês que me desdobro e que nada perco? (3).

Ajudo aqui, ajudo ali, ajudo além... Todos somos poucos para muitos que sofrem!

— É esse o serviço de socorro a que te referes no livro que me estás ditando?

— É.

— Onde está esse hospital?

— No Além. Muito longe e muito perto. A distância não conta.

— Há lá médicos que foram da Terra?

— Alguns há que deixaram de ser médicos devido a incapacidade moral. Outros que são pedintes analfabetos. Mas há antigos pedintes que são alguém aqui.

A médium diz que vê um jardim. E eu pergunto:

— Há flores, campos, rios, como na Terra?

— Há de tudo como na Terra.

— No fim da labuta recolheis a casa?

— A labuta não pára.

— E o vestuário?

— É sempre o mesmo. Os atrasados é que julgam que se vestem e comem, no sentido que dais à palavra. Mas depois vão-se desiludindo e vendo que o espírito não precisa de certas coisas e que só progride no bem, na justiça e na verdade.

— Não sentiste grande diferença?

— Primeiro, senti-me perturbada. Depois elucidaram-me. Como conhecia a doutrina, vi logo o meu caso. Ainda tenho muito que andar para alcançar a perfeição!

---

(1) No livro «Pierino Gamba» apresento o caso do sistema telegráfico «Duplex», para compreensão da vida espiritual. As mensagens podem ser enviadas simultâneamente no mesmo fio, sem que haja interferência. Actualmente (1951), podemos utilizar um único condutor para muitos telegramas. Ora, no Além, as almas atraem-se por afinidade, como se diz em «Dois Mundos», recebido depois das sessões descritas neste estudo, e por isso se torna fácil compreender o fenómeno citado. Em «Libertação», livro ditado a Francisco Cândido Xavier pelo Espírito de André Luiz, pode ver-se igual exemplo. Os seres atrasados ignoram muitas vezes a presença de outros, cuja evolução é superior à deles.

(2) Nesta data tinha recebido 5 ou 6 capítulos da obra, mas depois verifiquei que o título não podia ser mais adequado. Eu ainda não tinha pensado em semelhante coisa e por isso achei o episódio extraordinário.

(3) Alusão directa a certa observação que semanas antes lhe fizera.

— Estás aqui muitas vezes?

— Quando vos lembrais de mim é como se uma faisca se soltasse do vosso cérebro e viesse ao meu encontro.

— Não sentes emoções fortes?

— Não. É tudo suave.

— Até as lembranças que te acompanham?

— É tudo suave.

Eu informei que gostaríamos nos fosse enviado perfume mais intenso. E como alguém tivesse falado em «rainha santa», a outra entidade esclareceu:

— Rainha, não, nem santa. Isabel apenas. Não há santos, há mártires.

Quatro circunstantes sentem outra vez o perfume. Eu peço à vidente que observe o vestuário de minha mulher e ela esclarece:

— É branco transparente. O de Isabel é branco levemente prateado. Estão ambas descalças, sem tocar no soalho.

Neste momento senti o aroma que os outros haviam notado.

— Lia, — disse eu — onde conheceste Isabel?

— Vi-a agora.

— Queres dizer alguma coisa acerca da obra que estou a receber? (1).

— Havemos de acabá-la. Há-de ser lida por muitos. E bem comentada por outros.

— Terei forças para chegar ao fim?

— Até para fazer mais.

A concisão das respostas obtidas faz lembrar o estilo do «Dois Mundos». O mesmo podemos dizer do conceito, que chega a atingir grande beleza formal.

A médium fala de um livro:

— É castanho e dourado... O título é «Saudade» e tem muitas folhas.

— Com que se relaciona?

— Com vida espiritual e material.

E numa digressão de pensamento exclama:

— Aquela menina que espreitava por cima do seu braço está aqui.

— Ela conhecia-me?

— Não conhecia.

Nova digressão da médium:

— D. Maria não usava um chalezinho?

— Usava.

— Fazia «crochet» naquela poltrona?

— Fazia.

— E também fazia «napperons»... E cozinhava. Fazia um pouco de tudo. Ouço dizer: «E faz mais quem quer do que quem pode».

Dirijo-me outra vez a minha mulher:

— Que te sucede quando nos emocionamos?

— Faz-me pena. Mas tudo é relativo.

— Então, nós sofremos mais do que tu...

— Sim, mas é razoável.

— E vês-nos, como quando cá estavas?

— As auras é que vejo melhor.

— E os corpos?

— Também. Mas vejo melhor as auras, sinto melhor os pensamentos.

— Não preciso de articular para me compreenderes?

— Não vês que respondo aos teus pensamentos, quando estamos a escrever?

— Já tenho notado isso.

D. Maria Bacelar descreve agora um sobrinho meu:

— Ele já comeu nesta casa. Ali... naquele lugar... com uma camisa branca... desabotoada... de colarinhos grandes... E a Gena estava ao lado dele...

Esta descrição foi também admirável. Estava ligada ao espírito acima citado que não podia ver a entidade superior.

Lia falou novamente.

— Queres dizer mais alguma coisa? — inquiri.

— Tenho muito que falar contigo. Meses... anos... Temos muito que conversar...

—Quando eu aperfeiçoar as faculdades...

—É o nosso trabalho.

— E quando desenvolver a vidência...

— Também é o nosso trabalho. É preciso paciência e força de vontade. Havemos de fazer coisa que se veja e se leia e ajude a iluminar os espíritos.

— Estou ansioso por essa hora.

(Continua)

I. D. S.

---

(1) No dia 1 de Julho comecei a receber o livro «Dois Mundos», mas estava convencido de que não o concluiria. Além disso, julgava-o de somenos valor. Só depois verifiquei o contrário, através de pessoas sensatas e conhecedoras do assunto.

RELÓGIOS QUE ANDAM... RELÓGIOS QUE PARAM

por ANTÓNIO CARDOSO

A vasta literatura metapsíquica conta-nos muitos e curiosos casos de relógios que param ou começam a tocar inesperadamente, sem que qualquer causa visível concorra para isso, dando-se estes factos precisamente no momento em que alguém distante ou perto desencarna, ou outro facto importante sucede.

O Sr. Garnier (Vide *As Casas Mal Assombradas*, de Camille Flammarion) conta a este respeito o seguinte facto: «Na noite de 15 para 16 de Maio, toda a família S... composta então do casal e da senhorita Maria (havia outra filha casada, em Corbies) tinha-se deitado às 21 horas. O quarto da senhorita é contíguo ao dos pais e contém duas camas, isto é, a dela e a da irmã. O quarto do casal tem apenas o leito comum, cuja cabeceira fica encostada ao tabique que separa os dois quartos. Entre a beirada da cama e a parede, um espaço livre, da largura mais ou menos de 1 metro, de sorte que o leito pode ser contornado por três lados. Correspondendo aos pés da cama, no ângulo esquerdo, uma cómoda com prateleiras encostada à parede. Sobre esta cómoda está um pequeno soco de madeira no qual se apoia um pequeno relógio de salão, sempre regulado e funcionando admiràvelmente. Pouco distante e fronteando o meio da cama, também encostada à parede, vê-se uma poltrona deixando um vão de 70 cm entre ela e a dita cómoda. Isto posto, para melhor compreensão do sucedido, voltemos aos três ocupantes ali acomodados. A senhorita não podia adormecer, muito angustiada, e soluçava convulsivamente, de quando em quando. Depois de procurarem acalmá-la com palavras carinhosas, os velhos começaram a adormecer quando um grito estridente, inarticulado, como de alguém que se estivesse estrangulando, a todos sobressaltou. Maria exclamou: «Papá, mamã, ouviram?!». Ao mesmo tempo, queda como de um corpo pesado sobre almofadas macias. O Sr. S... ligou de pronto a luz. A primeira coisa que se deparou foi o relógio, inda há pouco isócrono em seu tic-tac, de pernas para o ar, no assento da poltrona. Os ponteiros parados marcavam justamente 11 h 30 m! O Sr. S... levantou-se e examinou toda a casa, nada encontrando de anormal; nem gato, nem cachorro e muito menos vivalma que pudesse emitir o longo gemido simultâneamente ouvido por todos. Imediatamente após esses factos psíquicos inexplicáveis, a senhorita sentiu dissipar-se-lhe a angústia e até a empolgava um certo bem-estar, concluindo logo que o noivo havia falecido naquele momento. Resumindo: quem deu aquele gemido lúgubre? Quem atirou o relógio à distância de um metro? Verificou-se que de facto Luís Garnier havia morrido nessa trágica noite!

No Congresso Internacional de Investigações Psíquicas reunido em Copenhague de 28 de Agosto a 2 de Setembro de 1921, o Dr. Schrenck-Notzing relatou alguns estranhos factos que puderam ser verificados pela própria polícia. Em Hopfgarten, perto de Weimar mora um relojoeiro casado pela 2.ª vez e possuindo um rapaz do 1.º matrimónio, que por sinal se dedica ao estudo do ocultismo. Um dia quando vem visitar a madrasta encontra-a doente, resolvendo minorar os seus sofrimentos com tratamento hipnótico. No dia 17 de Fevereiro, isto é, 7 dias depois de ele ter começado o tratamento, a madrasta piora. Nessa noite, por volta das 23 horas, ouvem-se rumores no seu quarto, nas portas, mesas, etc. Como os rumores devido à sua frequência perturbassem os moradores da casa, estes queixaram-se à polícia, e esta muito zelosa dos seus altos deveres tratou logo de tentar descobrir o autor daquela *brincadeira!* Mas apesar da vigilância feita, a *brincadeira* continuou, e os agentes vendo vários objectos a movimentarem-se sem ninguém os tocar, não tiveram outro remédio senão dar o braço a torcer, afirmando no seu relatório serem os factos inexplicáveis. O que deste caso nos interessa é que um relógio que não se encontrava com qualquer defeito, parou também misteriosamente.

H. Faber, engenheiro agrónomo em Bissen (Luxemburgo) conta que uma ocasião seus pais encontravam-se com outros amigos à cabeceira de um doente agonizante, esperando a todo o momento que a vida desaparecesse daquele corpo; de repente o relógio da parede, que há muitos anos se encontrava parado, começou a bater desordenadamente, fazendo um grande barulho, como se se encontrasse ali alguém a bater com uma bigorna. Pouco depois o enfermo desencarnava.

Na vila de Silver, no norte do Canadá, um fenómeno análogo tem vindo intrigando a polícia, que por mais investigações que faça não consegue explicar o mistério». O caso, conta-se em poucas palavras: por quatro vezes já, sem que ninguém tenha influído para isso, o relógio da torre da igreja da localidade começa a dar badaladas sem conto... precisamente quando a Igreja está fechada e portanto sem qualquer pessoa lá dentro; o mais curioso do caso é que essas badaladas começam precisamente *no momento* em que alguém morre na localidade!

A *República* de 21 de Abril deste ano conta-nos que no Palácio da Justiça de Santo Estêvão, em França, sucedeu um facto extraordinário: um advogado antes de iniciar a defesa de um réu, prestou a sua homenagem a um seu colega Valette que horas antes havia morrido num desastre de automóvel. Ora, precisamente *no momento* em que pronunciou o seu nome, o relógio do tribunal, há dois anos parado por se encontrar avariado, deu 12 horas seguidas, que a todos lembrou um dobre a finados.

Como explicar estes casos? O 1.º caso pode-se explicar assim: no momento de morrer, Luís Garnier pensou intensamente nos seus, principalmente na noiva, lembrando-se de que *nunca mais a veria.* Este pensamento fê-lo transportar no momento do desenlace (ou momentos antes por desdobramento) a casa da sua noiva e provocar os fenómenos que já conhecemos. Neste caso a hipótese da acção telepática a distância não pode ser invocado, porque ela não explicaria o formidável grito ouvido por três pessoas simultâneamente, o que invalida a hipótese de sugestão.

O 2.º caso parece-me que po-

BIBLIOGRAFIA

ALMAS ERRANTES, por Isidoro Duarte Santos. Ed. Estudos Psíquicos. Lisboa, 1951.

Atribuído ao espírito de Maria Duarte Santos, recebido por psicografia intuitiva, é um romance espirita mas que foge, em grande parte, à «tradição» desta forma de literatura do Espiritismo. O seu fim (pareceu-nos) é mostrar como por detrás dos dramas e das paixões humanas há determinantes espirituais localizadas no Além ou em pristinas existências.

Sem dúvida que a crítica literária não a considerará no lugar adequado, dando-lhe mais a categoria de novela que de romance, mas não poderá negar-lhe a vivacidade do descritivo e de muitos diálogos, o dramatismo intenso de algumas cenas, a sinceridade crua de muitas quedas passionais e impulsos instintivos, e o aliciante do encadeado das situações. Há figuras superiormente recortadas, como a do saltimbanco Gregório, alma tenebrosa, cúpida, sem escrúpulos; a de Marcelo, jovem empuxado pelo espírito de aventura e em quem a voz poderosa do instinto sobreleva muitas vezes anelos amorosos mais puros; e a de D. Pablo Martínez, homem rico e voluntarioso, debatendo-se no meio de um vendaval de paixões que desencadeou com o assassinato de Torrientes, rival preferido nas graças de uma dama e cujo «fantasma» perpassa ao longo de toda a obra como mão invisível a manejar os cordéis dos títeres humanos.

Numa «nota explicativa», a autora põe de sobreaviso contra o «realismo» de algumas cenas, mas nada encontrámos de semelhante com o que nos habituámos a ler em Zola, Flaubert ou Eça de Queiroz, para só falarmos nos iniciadores da «escola realista». Sem dúvida, que pôr a nu (embora sem pormenores contundentes) alguns factos dos instintos é... caso pouco comum (não sei mesmo se virgem) na bibliografia romântica espiritista.

O estilo é, em muitos pontos, semelhante ao de «Dois Mundos», mas uma análise do caso espirita através daquele elemento torna-se nesta obra quase impossível — dado que não se poderá cotejá-la com outras que Isidoro Santos tivesse escrito.

Quanto ao modo de apresentar os personagens e articular as cenas, fez-nos lembrar as «Vinte e Quatro Horas» de Louis Bromfield, se bem que não seja lícito apontar uma influência desta na obra em epígrafe.

Não queremos dar aqui um resumo do entrecho do livro, porque isso seria tirar o sabor que muitos poderão e deverão encontrar na sua leitura que, indubitàvelmente, nos prende.

RAMOS PEREIRA

derá ter duas explicações; ambas satisfatórias: ou acção do espírito sobre a matéria, ou acção de entidades sobre ela, servindo-se da energia da sensitiva.

O 3.º caso apresenta-se mais complexo. Jorque bateu o relógio, antes da pessoa falecer? E para quê, se ela se encontrava ali, perto dos seus amigos? Isto só se explica se admitirmos que o moribundo compreendendo que a vida continua, quisesse dar aos seus amigos uma prova de que estava mais vivo do que nunca. Mas porque deu antes do desenlace? Com medo de depois perder a consciência e só mais tarde poder comunicar com os seus. São perguntas a que não será muito fácil responder.

O 4.º caso explica-se ou por acção telepática, ou por acção do próprio espírito do desencarnado. Mas porque escolheram 4 espíritos daquela aldeia o relógio da torre, e não cada um um objecto diferente, para se manifestar? Para chamar a atenção do povo para aquele facto? Talvez, mas para isso temos que admitir que eles em vida já conheciam os outros casos que lhes antecederam, e portanto ao morrerem, no momento em que se dá a *visão panorâmica* se lembrarem desses factos, e por sua vez quisessem também produzir o mesmo fenómeno.

O 5.º caso explica-se, por acção do próprio Valette sobre o relógio do tribunal, para demonstrar aos presentes que estava vivo.

Não julguem os leitores, porém, que os espíritos tenham predilecção especial pelos relógios, e portanto só desta forma se costumem manifestar em efeitos físicos. O que acontece é que eles vêem que os relógios representam a maneira mais fácil de fazer pensar aos da terra sobre o caso. De facto se fosse um objecto que caísse ao chão, o que muitos poderiam argumentar? Que estava mal colocado, que não estava seguro no sítio onde se encontrava, etc., etc. Ao passo que relógios que param sem motivo plausível, relógios que começam a dar horas sem qualquer razão, precisamente no momento em que alguém desencarna, faz pensar os homens com maior interesse nas causas do fenómeno. E quanto maior for o interesse, maiores e melhores serão os resultados.

A NOSSA LUTA

Por ANTÓNIO MARTINS

O mundo em que vivemos atravessa uma grave e profunda crise moral. Sem rumo e sem norte caminha ao acaso debatendo-se entre falsas ideias e errados princípios que ameaçam arrastar consigo para o abismo que estão cavando tudo o que faz a glória das gerações passadas. Pobre humanidade que assim perdeste o sentido do teu glorioso destino! Deixas-te conduzir, cega que és, pelas forças do mal, sem suspeitares que estás preparando todo um futuro de dores e de lágrimas! Crise moral; crise de consciência. Crise moral pelo desprezo dos mais sagrados princípios do Código Divino que Jesus legou à humanidade e pelos quais tem forçosamente de guiar-se se quiser salvar-se e caminhar firme para as alturas onde reina a harmonia e o amor. Crise de consciência, porque assistimos à luta onde se degladia outra parte da humanidade pela hegemonia daquilo a que ela chama a verdadeira religião cristã.

Por um lado o materialismo desenfreado, aterrador, falseando tudo e enganando as massas com mentirosas promessas de igualdade, impossíveis de realizar por contrárias à lei natural, para melhor atingir seus fins, impor a lei da força e dela se servir para escravizar e viver a egoística vida do materialista, na matéria e só para ela, vida sem finalidade, vida animal, despida de quaisquer valores pelos quais ela vale a pena de ser vivida.

Pobre doutrina, nua de todas as virtudes que elevam e enobrecem a alma humana!

Família, Deus, Espiritualidade, alma e seu futuro, tudo é negado e contestado, só porque o grosseiro não vê mais que a pesada matéria que o rodeia e a densa atmosfera que o envolve.

Noutro campo assistimos à luta aberta, longa de muitos séculos, entre seitas que pretendem possuir o monopólio das concessões divinas. Por sua natureza de terrenos tudo amoldaram a essa condição e a verdade saíu traída, e as consciências em sua grande maioria navegam no vácuo da incerteza e da imprecisão, sacudidas pela borrasca das penas eternas ou abrasadas na insólita e mentirosa fogueira do inferno. Assim marcha o mundo olhado de cima com extrema piedade por Aquele que tudo lhe deu para o salvar. Assim lutam essas forças cegas por um fim que jamais alcançarão, porque não é verdadeiro, não é útil nem satisfaz o desejo de verdade dos que do alto anseiam pela evolução e pelo progresso humano. Essa evolução e esse progresso só terão lugar no dia em que o homem compreenda o seu próprio ser, a razão da sua existência e a finalidade do Criador ao lançá-lo na liberdade, no consciente, na ciência e no amor, mas também na responsabilidade. Grandioso destino o espera. Mas que doutrina, que religião, que certeza o poderá conduzir a essa compreensão? Que alavanca, que poder, que força capaz de o impulsionar para a suprema aspiração do homem, para a divinização? Não faltam religiões ou doutrinas todas boas em sua essência mas incapazes, por ignorância, interesse ou comodismo, de mostrar o real porquê da vida actual do homem, consequência do longínquo passado e razão certa de sua vida futura.

A lição de factos que datam de todos os tempos, o exame aprofundado das leis da natura a confirmá-los, as manifestações sem conta que nos chegam do Além com seus constantes apelos à razão e à observação, a vida e obra do Mestre querido que é Jesus a norteá-lo, fazem do Espiritismo a doutrina Ideal e única para resolver problema de tanto interesse e de capital importância para a vida dos seres.

Mostrando ao homem que sua vida vem de longe e continua para além da sepultura dando os mais sérios exemplos e testemunhos desta verdade, apontando a moral, a tolerância e o amor como veículos que conduzem à perfeição, pondo em frente da sua consciência, não as penas eternas e o tradicional inferno, mas o prémio das boas acções e a certeza que todo o mal que fizer, cedo ou tarde contra ele se voltará, que tudo receberá mas que inevitàvelmente tudo terá que pagar em sucessivas reencarnações, porque já lhe não é permitido pensar que com a morte se extinguirão as infracções à lei moral com que houver sobrecarregado o seu carma, tormento que não terminará sem a necessária reparação tantas vezes em dores e lágrimas. O Espiritismo presta ao ser humano o mais relevante dos serviços. Posto em frente desta tremenda mas benfazeja realidade, o seu espírito raciocina, hesita, debate-se, mas até por força do seu natural egoísmo não quer fazer mal a si próprio e consequentemente, compreensivamente, passa a

O Lado Espiritualista da Vida

Por LEOPOLDO MACHADO

Ninguém pense que tudo na Vida é matéria, são materialidades.

O lado espiritualista da Vida é, ainda e sempre, seu lado melhor.

O sentimento religioso no homem é instintivo e natural.

E marca — diz eminente filósofo materialista — a única distinção séria entre o homem e o bruto.

Leão Tolstoi escreveu que «todo homem normal deve ter religião».

Não diz o pensador russo qual seja ela, que se encontraria em dificuldade para tanto, diante das sessenta e tantas religiões, das seis mil e tantas seitas, credos, chismas e crenças que se derramam mundo em fora com o nome de religião...

Deve ter uma religião que o prepare para o bem, melhorando-o e espiritualizando-o para Deus; que o relique a Seu Criador e Pai, que outro não é o significado de Religião, quer derive de «religião», quer ve-
o que já foi ligado.
nha de «religare». Só se religa

O homem, criatura de Deus, imagem e semelhança do Criador, obra prima da Criação, filho racional do Pai-Todo-Poderoso, que anda a evocar, a preceito do Cristo, no *Pater*, tem que ser ligado a Seu Criador, deve retornar ao Original, precisa volta ao Pai, há-de ascender ao Autor da Criação...

Eis a finalidade da Religião e não de uma religião, que todas as religiões são caminhos diferentes que levam ao mesmo destino; são prismas diversos por que se encaram os problemas do Espírito.

Maximé, as religiões monoteistas.

As cristãs, principalmente, de vez que somos de uma civilização que se diz cristã, pois todas elas têm o Cristo de Deus como figura central.

É, de resto, o próprio Cristo quem o diz, com a autoridade que todas as religiões cristãs Lhe reconhecem: «Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; essas, também é necessário que eu as traga; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor» (Jo. 9-16).

Assim, ovelhas do Cristo são todas que lhe ouvem a voz, que se esforçam, à força de actos e exemplos cristãos, para seguirem as pegadas daquele que é «o Caminho, a Verdade e a Vida».

Dir-se-á que o próprio Cristo reconhece a necessidade, que se tem ainda, de muitas religiões, até que a humanidade chegue à idade esclarecida de compreender que deve formar «um só rebanho para um só pastor».

O sentido espiritualista da Vida é assunto que já não comporta mais dúvidas e discussões.

Dominou a própria Física, com o o magnetismo animal.

Impôs-se à Medicina, que já não se nega, cientificamente, a cura pelo Espírito, a manifestação de espiritualidades como preces e passes. Provam-no sábios da estirpe de um Alexis Carrel, que dá o testemunho de curas extraordinárias verificadas à força de orações, sòmente...

Atrai a atenção de toda a gente que já tem olhos de ver e inteligência de compreender, com os fenómenos da materialização que, por toda a parte, se vão multiplicando.

Dir-se-á que estamos no alvorecer da era espiritualista, da era em que ficará indiscutìvelmente demonstrada a todos a existência da alma, a sua imortalidade e a sua manifestação *post-mortem* para que se afirme, efectivamente, a consciência espiritualista a todos; para que todos formem «um só rebanho para um só pastor».

---

ser o obreiro dum mundo melhor.

É para este ponto que devem convergir todas as energias e todos os esforços honestos. É luta difícil, penosa e longa, bem o sabemos, porque a transformação da sociedade não se opera com duas penadas. Mas haverá ideal mais nobre e alevantado que lutar pela espiritualização do ser humano? Arrancá-lo à incerteza, à miséria, à dor e à morte para lançá-lo na compreensão, na luz e na certeza da sua imortalidade, é lutar por uma causa nobre e pelos supremos desígnios da Providência. Espiritas que me lerdes: vós melhor que ninguém compreendereis o sentido das palavras que aí ficam. Vós melhor que ninguém compreendereis a necessidade da divulgação pela palavra e pela pena, desassombrada e corajosamente, destas consoladoras verdades. Sois obreiros da mesma cruzada e conscientemente não podeis negar-vos a carrear a vossa pedra para o edifício comum: a levar a fé e a esperança lá onde só existe o caos e a incerteza.

Lutemos por estes sagrados princípios, porque esta é a luta de todos, porque esta é a nossa luta!

UM FILHO VEM DIZER:

EM Abril de 1944 fazia oito meses que a senhora Yvonne Burguet, 90, Rua Edouard Vaillant, em Alfortville (Seine) estava sem notícias de seu filho, deportado na Alemanha em serviço de trabalho forçado.

Ante a confusão da pobre mulher, uma vizinha pediu-lhe que a acompanhasse a uma sessão de espiritismo organizada com o concurso de Madame Soler de Villard, esperando que um espírito-guia lhe pudessse esclarecer as causas do silêncio do ausente.

A senhora Burguet acedeu, apesar de não conhecer a médium, nem os assistentes, e ignorasse as possibilidades do Espiritismo.

Quando as duas senhoras entraram na sala da reunião, Madame Soler de Villard já estava em transe. Depois de alguns espíritos familiares se terem comunicado, a voz da médium mudou de súbito. Uma nova entidade se apresentou e disse imediatamente:

— Mamã, sou eu, Yves.

Após um momento de assombro, a mãe dominou-se e respondeu:

— Mas tu não morreste...

— Sim, mamã, sou eu, Yves Burguet. Morri em 21 de Fevereiro no Hospital de Niemmgamm. Sossega, que eu não fui maltratado. Era a minha hora. Fui arrebatado pelo tifo. Fui enterrado convenientemente. O meu corpo levou o pull-over verde de gola enrolada *que me tinhas enviado na última encomenda. Diz a minha mulher* Simone *que pode recomeçar a sua vida, mas tu, mamã, vela pelos meus filhos e sobretudo pela minha pequenina* Nicole, *que eu nunca pude ver* com os meus olhos humanos (1). *Eu quero evolucionar. Tem coragem, mãezinha, e não chores.*

Esta conversa patética entre a mãe e o filho para além das fronteiras da morte emocionou todos os assistentes. A senhora Burguet sofreu um grande abalo, profundamente sensibilizada no seu amor maternal. Ao regressar a casa, perturbada e aterrada, contou ao marido o que tinha presenceado. Este ralhou-lhe e chamou-lhe maluca, dizendo que era preciso ter perdido a razão para admitir a posssibilidade de comunicar com os mortos e acreditar que seu filho pudesse ter deixado a vida terrestre. Mas os dias passavam sem notícias e uma carta poderia fazer cessar a angústia dos infelizes pais.

A mãe voltou às sessões, na companhia de sua nora. Yves comunicou-se novamente e deu outra vez os mesmos informes acerca da morte. Conversou com sua mãe e fez-lhe certas recomendações.

Quarenta dias após a primeira sessão vem um ofício com a notícia de que Yves Burguet tinha falecido com febre tifóide, em 21 de Fevereiro de 1944, no hospital de Niemmgamm.

Antes de fazer os comentários agradecemos a estes cavalheiros a autorização que nos deram de publicar esse facto verdadeiramente incontestável. Apesar da sua dor, inclinam-se perante o facto e querem colaborar na propaganda do Espiritismo.

Felicitamo-los pela sua excelente iniciativa. Dão um bom exemplo; e estamos convencidos

(1) A menina ainda não tinha nascido, quando ele foi deportado.

O TEMPO

Há ideias que não andam bem expressas e sofrem contínuas modificações. O tempo é uma delas. Vós julgais que estamos fora dele e não estamos. A relatividade não destrói a ideia de tempo. Altera-a, mas não a destrói, porque os sentidos lá estão a registá-la. Nada podeis fazer contra eles. Os sentidos é que amoldam as ideias.

Os acontecimentos sucedem-se uns aos outros. Na sucessão há ideia de tempo. Os sentidos apreendem-na. *O conceito matemático é abstracção, é puro raciocínio. Mesmo que ele, filosòficamente, destruísse a ideia de tempo, os sentidos continuariam a apreendê-lo.*

Há séculos que marcais as horas no relógio. A sequência dos factos é que obrigou a essa divisão.

As nossas acções exercem-se no tempo. Que importa que seja diferente do vosso? Integrada num sistema de mundos unificados, conhecemos o tempo pelas radiações da luz.

Não quiseram destruir o éter? Em teoria, podem destruí-lo. As vibrações continuarão a propagar-se. Destruir um nome não importa. A causa lá fica a produzir o efeito. O fenómeno lá está a impressionar os sentidos.

Tendes a prova do que afirmo. Não estamos à hora aprazada. Se vivêssemos fora do tempo, não estaríamos presentes no minuto

"SOU EU, MAMÃ..."

de que a sua decisão alegrará o seu filho, que assim terá contribuído para dar à humanidade uma prova da imortalidade da alma. Verificamos, pois, que o Espiritismo terá mais uma vez mitigado a dor de um pai e uma mãe, porque o sr. e a sr.ª Burguet ficaram com a certeza de que a morte de seu filho é apenas uma separação momentânea.

Vamos agora ao facto. Ele é tão nítido, que não necessitaria de comentários, se os adversários do Espiritismo não fossem tão obstinados. Analisemos este caso à luz (ou à neblina) das suas teorias.

Seria absurdo atribuir ao subconsciente da médium a origem da comunicação. Como poderia ela saber que Yves Burguet tinha morrido de tifo em Niemmgamm, no dia 21 de Fevereiro de 1944, quando os pais se esforçavam por saber notícias? Crer que o subconsciente pode fornecer dados tão rigorosos sem necessidade de prévia informação, seria reconhecer-lhe um poder omnisciente igual ao da Divindade.

Por outro lado, se o subconsciente fosse omnisciente, teríamos que admitir a sua infalibilidade. Ora, quem experimenta sabe que não é assim. Pelo contrário, nem sempre se consegue obter uma comunicação inteiramente correcta, tantas e tão numerosas são as posssibilidades de interferência.

A hipótese de leitura de pensamento por Madame Soler de Villard é igualmente prejudicada, visto que a própria mãe ignorava a morte do filho e todos os pormenores que a ela se ligavam.

A hipótese do acaso também não pode ser tomada em consideração.

Como diz o filósofo Henri Bergson, seria preciso um número infinito de coincidências.

Com efeito, a probabilidade mínima, *contando com dados muito reduzidos e longe da realidade, é de*

$$\frac{1}{2 \times 2 \times 100 \times 100 \times 240 \times 10 \times 10 \times 50 \times 50} = \frac{1}{2.400 \text{ biliões}}$$

Expliquemos os números do denominador:

(2) Escolha entre a vida e a morte.

(2) Escolha entre a morte acidental ou por doença.

(100) Supondo 100 espécies de doença.

(100) Supondo 100 cidades com hospital.

(240) Número de dias em oito meses.

(10) Espécies de vestuário.

(10) Cores diferentes de pull-over.

(50) Mínimo de nomes vulgares para designar Simone.

(50) Mínimo de nomes vulgares para designar Nicole.

E sem atender a outros factores, tais como o estado civil do interessado e a sua situação familiar, etc.

Vê-se, pois, que a única hipótese racionalmente admissível é reconhecer que Yves Burguet se manifestou pessoalmente.

Este facto é pertinente e refuta qualquer argumento que possam apresentar os negadores mais irredutíveis.

Quem puder dar outra explicação, que nos escreva. Examiná-la-emos com objectividade.

ACHILLE BIQUET

(Correspondente em Liège)

E A IDEIA

estabelecido. Só por casualidade nos encontraríamos.

Mas o caso é diferente. Assimilamos essa ideia melhor do que vós, visto que somos mais pontuais. Junto de vós, temos os vossos relógios. Longe de vós, temos as radiações da luz.

Bem sei que isto é complicado. Há muitas coisas que se ignoram e outras que andam deturpadas, como se verdades fossem. E vive-se bem nessa doce ilusão. O conhecimento é o maior apoio do espírito na sua jornada. À medida que avança, vai modificando a obra. Lima, desbasta, aformoseia. Mais tarde não a conhece, tantas foram as emendas!

Quando se contempla o passado que nos diz respeito, um «ah!» de admiração nos surpreende. Será possível? Fomos nós que fizemos *aquilo*? Somos nós as personagens que vemos, praticando acções que hoje repudiaríamos? Não podemos acreditar. Parece inverosímil.

Mas é a realidade. Somos nós mesmos que estamos lá, naqueles quadros centenários, a viver entre o bem e o mal. Os tempos eram outros, o conhecimento era outro. Fomo-nos alterando, emenda aqui, emenda ali; até nos deslocarmos nessas comparações que causam admiração.

(Do livro DOIS MUNDOS, ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos).

O LIVRO "DOIS MUNDOS"

«DOIS MUNDOS» (Editora Estudos Psíquicos — Rua do Salitre, 149 1.º — Lisboa).

Dois mundos! Desde o admirável Parménides — o descobridor do Princípio da identidade — que a teoria dos dois mundos tem empolgado os espíritos empenhados no estudo dos segredos da Metafísica. O divino Platão desenvolve magnìficamente a teoria dos mundos *sensível* e *inteligível* (o ilusório e o real), admitindo e sustentando a possibilidade e a actividade espiritual em ambos. O mundo das ideias seria o verdadeiro e no qual os espíritos conviveriam com os deuses na posse de toda luz, gozando a plenitude do conhecimento. Com a decadência, os espíritos seriam forçados a viver no mundo sensível, que é o nosso, só percebendo a realidade parcial, através da reminiscência.

De Platão aos nossos dias o assunto nunca foi inteiramente descurado, girando sempre em torno dos mais diversos temas, tendo em vista o *ser* e o *não ser, o físico* e o *psíquico, o cognoscível* e o *incognoscível* (Comte), o *real* e o *ideal,* o *amanual* (Heideggar) e o *problemático...*

Com Allan Kardec devia fazer-se — e fez-se — uma distinção última e definitiva. Existem, de facto, dois mundos: o *material* e o *espiritual.* Do material constam os planetas, conhecidos e desconhecidos, habitados por espíritos *encarnados,* isto é, possuídos de um corpo carnal; do espiritual consta o Espaço infinito habitado por almas ou espíritos *desencarnados.*

«Dois Mundos», que o espírito de «*Lia*» inspirou ao humanista português Isidoro Duarte Santos, é um livro singular que nos fala não apenas desses dois mundos kardecianos, mas que nos revela coisas estupendas, nos faz verdadeiras revelações acerca da vida deles... Revela-nos coisas de concepção quase inatingível, mas preciosas, do mundo espiritual e, por incrível que pareça, mostra-nos coisas importantes do mundo material a que pertencemos, que desconhecíamos, e que gente boa, para não dizer muito sábio de fancaria, ignora ainda!

Maria Gonçalves Duarte Santos, em muitas passagens da sua excelente obra, faz-nos lembrar André Luís, espírito lúcido que, por intermédio do nosso Chico Xavier, tão conhecido e justamente apreciado pela excelência de suas obras psicográficas numerosas, nos tem brindado com profundos conhecimentos de carácter científico-religioso.

Alguns desses livros, a princípio, custaram a ser compreendidos até por espiritas de renome. Verdadeiras restrições foram feitas às teorias sustentadas nesses soberbos manan-

E A CRÍTICA

ciais de saber. A mesma sorte coubera ao livro «A Vida Além do Véu», de G. Vale Owen!

Admitamos, com efeito, que nesses livros se sustentam teses legìtimamente revolucionárias, na boa acepção do vocábulo. Teses que, já agora, não podem ser ignoradas e muito menos rejeitadas pelos que se jactam de possuir *olhos de ver* e entendimento de entender! Os espíritos retrógrados só tardiamente identificam a evidência dos factos. O retardamento psicológico, aliás, não é apanágio apenas dos espíritos medíocres. Há espíritos atilados e clarividentes que se deixam dominar pela névoa dos preconceitos. E não se diga que o nosso meio prima por uma objectividade integral! Há, pelo contrário, quem prefira a subjectividade. Às vezes ela se torna mais cómoda, mais conveniente... Nem todos gostam de fazer força e por isso preferem o servilismo.

O comodismo é uma das quimeras da vida que desfrutam de incontestável prestígio e exercem profunda influência nos espíritos rotineiros. Se já possuíamos uma meia-verdade, eminentemente consoladora, para que buscarmos uma verdade-integral?!...

Eis porque as ideias simplesmente avançadas são às vezes combatidas e julgadas aprioristicamente.

«Dois Mundos» é um livro de incontestável mérito. Nele há conceitos de profunda objectividade. Há filosofia verdadeira, exposta em termos de singeleza comovedora; há ciência legítima, que entra pelos olhos com uma espontaneidade maravilhosa; há princípios religiosos de pura moral, que transcendem a mais franca e natural sensibilidade. O texto da obra fala-nos, todo ele, de problemas sérios, de temas singulares, de postulados e regras de conduta que bem dizem da sua utilidade prática e objectiva. As ideias são expostas com cativante clareza de linguagem, num estilo próprio e agradável. Os assuntos primam pela ordem e coerência dos conceitos, evitando-se os escolhos da fantasia e da metáfora que, se por um lado emprestam um indisfarçável colorido literário, por outro arrastam, não raro, o leitor desprevenido ao cipoal da ficção e do fantástico, capazes de levá-lo aos perigos da dúvida céptica.

Os vários capítulos da obra, conquanto versem assuntos heterogéneos, formam, no entanto, um conjunto harmónico, homogéneo, um maciço de beleza doutrinária do ponto de vista moral, capaz de impressionar as pessoas mais desavisadas.

«Dois Mundos» é livro que merece ser lido por quem realmente se interessa pelos problemas fundamentais da Vida e quer aprimorar conhecimentos relacionados com a Terceira Revelação.

AMADEU SANTOS

(Da «Revista Internacional de Espiritismo»)

PIETRO UBALDI VISITA O BRASIL

Nos fins de Junho recebemos carta de Pietro Ubaldi, nosso redactor-correspondente em Itália, informando-nos de que seguiria de avião para o Brasil em 14 ou 21 de Julho corrente, devendo tocar no Aeroporto de Lisboa às 6,45 desse dia, com demora de 50 minutos. A fim de o cumprimentar, deslocámo-nos à Portela de Sacavem acompanhados dos confrades major Eurico Zuzarte, António Cardoso e Túlio Rosa.

Ali soubemos, porém, que o avião não trouxera aquele amigo. Ficava agora a hipótese do dia 21.

Em virtude de afazeres particulares não pudemos comparecer à hora exacta, razão por que o nosso confrade major Zuzarte apresentou a Pietro Ubaldi os nossos cumprimentos e os do Centro Espiritualista Luz e Amor, desejando-lhe feliz viagem.

Quando chegámos ao Aeroporto já o escritor estava a bordo da aeronave.

Pietro Ubaldi vai ao Brasil a convite dos espiritas de Além-Atlântico. Que ele encontre as maiores facilidades na sua empresa, são os desejos de nós todos, que nos habituámos a admirá-lo através da sua extraordinária obra mediúnica.

Notícias do Brasil

Pelo nosso correspondente no Rio de Janeiro

FACULDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS PSÍQUICOS — Foi restabelecida ùltimamente, no *Curso de Espiritismo* da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, no Rio de Janeiro, a cadeira de *Psicologia*, a cargo do Dr. Túlio Chaves, médico homeopata, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. A 1.ª aula do Dr. Túlio Chaves em Maio último, causou óptima impressão. O Professor começou dizendo que viera do materialismo e por isso pretendia dar uma ideia geral do que se entende por alma, segundo o conceito materialista de Psicologia, para entrar, depois, na Psicologia espiritualista, que é a Psicologia que está de acordo com o Espiritismo. Na 1.ª aula tratou apenas da generalidade da matéria, tendo dado uma introdução muito interessante. Agora está iniciando os seus passos no Espiritismo, depois de haver abandonado as ideias materialistas. Já em seu último livro, — *Medicina Psico-Somática* — deixa bem claro o princípio de que a alma influi sobre o corpo, o que é bem uma prova de sua inclinação, agora bem franca, para o Espiritismo. Todos os assistentes ficaram muito satisfeitos com o restabelecimento da cadeira de Psicologia no Curso, assim como pela óptima aula inicial do Prof. Túlio Chaves, que fora, aliás, professor desta matéria na outra fase da Faculdade. O Dr. Túlio Chaves formou-se na Suíça e fez curso de especialização na Itália, tendo-se tornado, depois, homeopata. Outra novidade da Faculdade de Estudos Psíquicos foi a introdução da cadeira de *História das Grandes Religiões*, pelo Prof. Mário Lobo Leal, cuja primeira aula foi dada perante grande assistência, no segundo sábado de Junho. O Professor estudou o Egito, sua geografia, sua história, etc., para entrar na religião do antigo Egito. Deu uma aula de cunho verdadeiramente didáctico, simples e precisa. O Professor Mário Lobo Leal, que é profundo estudioso de Religiões comparadas, línguas antigas e história religiosa, sabe expor a matéria, ensinando-a com ilustrações no quadro negro e com linguagem ao alcance de todos. É teosofista, pertence à Loja Teosófica «Perseverança». Tendo pertencido à Ordem Dominicana, na França, onde fez o lastro de sua cultura religiosa, não quis seguir a carreira eclesiástica, e por isso voltou para o Brasil. É ainda moço, tem vocação para o ensino da matéria e é culto, apesar da simplicidade, da naturalidade com que versa o assunto.

Actualmente a Faculdade está funcionando com as seguintes matérias: *Parte científica* do Espiritismo, pelo Prof. Newton de Barros; *parte doutrinária* do Espiritismo, por Deolindo Amorim; *parte religiosa* e comentários evangélicos, pelo Coronel Delfino Ferreira, Director do Curso. Por motivos de afazeres na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, o Dr. Lauro Sales não pôde continuar a dar as suas aulas sobre o *Espiritismo e o Direito*, tendo deixado vaga, por enquanto, a cadeira a seu cargo. Pretende a direcção do Curso, todavia, restabelecer as aulas sobre o *Espiritismo e o Direito*, para orientação legal dos directores de sociedades espiritas, o que será feito oportunamente.

★

LIGA ESPIRITA DO BRASIL—Em assembleia geral, no dia 13 de Maio, foi eleita a nova administração da Liga Espirita do Distrito Federal, para o triénio de 1951-54, na seguinte ordem: Presidente, Aurino Barbosa Souto (reeleito); 1.º Vice-Presidente, Dr. José Augusto Miranda Ludolff; 2.º, Vice-Presidente, Dr. Artur Lins Vasconcelos Lopes (reeleito); Secretário Geral, Deeolindo Amorim (reeleito); 1.º Secretário, Gulater Mano; 2.º Secretário, Prof. Sebastião Tourinho; Bibliotecário, Flávio de Sousa Pereira; 1.º Tesoureiro, António Macário Pinheiro(reeleito); 2.º Tesoureiro, Nelson Baptista de Azevedo; Procurador, Dr. Sílvio Freire; Director do Departamento de Assistência Social, Coronel Dr. Telémaco Gonçalves Maia (actual vereador à Câmara do Distrito Federal); Director do Departamento Escolar, Sr.ª Idalinda de Aguiar Matos (reeleita); Director do Departamento da Juventude, Aghadyr Teixeira Torres. Foram eleitos na mesma ocasião os membros da Comissão Fiscal e seus suplentes. No final de seus trabalhos, a assembleia da Liga Espirita do Distrito Federal fez inserir na acta, como de costume, um voto de homenagem aos confrades desencarnados durante o ano, social inclusivé o Coronel Faure da Rosa, antigo Presidente da Federação Espirita Portuguesa.

★

CENTRO ESPIRITA «18 DE ABRIL» — Está sendo distribuído, para divulgação doutrinária, gratuitamente, o *Caderno Doutrinário n.º 2*, relativo aos estudos didácticos do Centro Espirita «18 de Abril». A sede do Centro, desde a sua fundação, é a própria sede da Liga Espirita do Distrito Federal, Rua Uruguaiana, 141, sob., Rio de Janeiro.

★

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA PAN-AMERICANA — A Confederação Espirita Pan-Americana (CEPA) sob a presidência do Coronel Delfino Ferreira, comemorou pùblicamente, com todo o êxito, o «Dia Pan-Americano» e o aniversário da desencarnação de Allan Kardec, este último no dia 31 de Março. A CEPA recebeu mensagens de solidariedade procedentes da Argentina e de Cuba. Já está em cogitação, entre os directores da CEPA, a representação que deverá representar os espiritas do Brasil no 3.º Congresso Espirita Pan-Americano, a realizar em Cuba no ano de 1951.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

MOCIDADE ESPIRITA DE PELOTAS

Felicie Emma Tordjman, assinante de *Estudos Psíquicos* em Pelotas, Rio Grande do Sul, enviou-nos um comunicado do qual extraímos a seguinte nota, que publicamos com o maior prazer.

No dia 17 de Dezembro, realizou-se no *Centro Espirita Jesus*, daquela cidade, uma sessão relativa à posse da nova directoria da *Mocidade Espirita de Pelotas*.

O sr. Francisco Silveira, também director dos trabalhos espirituais do *Grupo Rafael*, explicou os fins da reunião e convidou os representantes dos centros e grupos espiritas a tomar parte na mesa. Como representantes da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, estavam o Dr. Bender e o Coronel Felisberto do Amaral Peixoto, que agradeceu a convite e falou, demonstrando alegre surpresa pelos progressos ali realizados, aconselhando união, para que o Espiritismo se fortaleça. Depois, disse que aquela Federação está a construir em Porto Alegre a *Casa do Espirita* e narrou as dificuldades enfrentadas por seus directores. Felicitou a nova directora da *Mocidade Espirita de Pelotas*, senhorita Nelli Pamplona Silveira, que imediatamente agradeceu, convidando os assistentes a comungar numa prece colectiva. Em seguida explicou os progressos alcançados pela *Mocidade Espirita*, que estava no firme propósito de trabalhar, como obreiros da seara do Mestre. Então o Dr. Bender, como representante da *Liga Espirita* e do *Hospital Espirita de Pelotas* (em construção), fez a chamada dos jovens no meio de grandes aplausos.

A nova Directoria é composta pelos seguintes confrades. Nelli Pamplona Silveira (Presidente); Getúlio Dias (Vice-presidente); Nei Ferreira, Eloi Cruz, Carlos Kund Filho, Delmar de la Torre (1.º Secretário); Cleusa Recuero e Cacilda Dias.

Falou também D. Lília Carbonel Gardelli acerca da instituição, evocando dificuldades e obstáculos que surgiram durante cinco anos e lembrando o amparo de Amália Dominggo Soler, guia-espiritual daquela *Mocidade*.

Seguiu-se um programa de trechos escolhidos, no fim do qual todos os presentes entoaram o *Hino da Mocidade Espirita de Pelotas*.

Os fluidos que as entidades espirituais derramavam na assistência deixaram em todos bem-estar indefinível e alegria sem par, sensibilizando os corações agradecidos. Por fim, todos de pé elevaram o pensamento a Deus em prece fervorosa, rogando paz e compreensão para a humanidade, que atravessa neste momento grande crise evolutiva.

À *Mocidade Espirita de Pelotas*, os nossos cumprimentos com votos de acção benéfica em sua nova fase de trabalhos.

BELA IDENTIFICAÇÃO DE UM ESPÍRITO

Two Worlds de 5 de Maio último publica o seguinte relato que demonstra a realidade da sobrevivência e o interesse dos desencarnados em provar a sua presença..

O Dr. F. H. Wood professor de música na Universidade de Liverpool, contou na Sociedade de Investigações Psíquicas de Leeds como o seu falecido irmão escreveu pela mão de um médium uma composição musical de que só ele, Wood, tinha conhecimento.

O irmão caira de um autocarro de Marble Arch e faleceu no mesmo dia. O Dr. Wood ficou muito impressionado e na casa mortuária de Paddington jurou que havia de encontrar o irmão, se ele, de facto, existisse.

Afinal, foi o irmão que o encontrou!

Certo dia deparou com um desconhecido que lhe perguntou:

— Conhece alguém chamado Dennis Wood?

— Conheço. Mas por quê? Era meu irmão.

O desconhecido pediu desculpa da liberdade que tomara e explicou que sua esposa era médium psicográfica e alguém, ao comunicar-se, pedira o seguinte:

— Digam a meu irmão que venha falar-me. Sou Dennis Wood.

Na verdade, encontrar o irmão da entidade espiritual era o que se chama meter uma lança em África.

No domingo seguinte, o Dr. Wood foi a casa da médium. Depois de fazer algumas perguntas ao espírito comunicante que dizia ser seu irmão, e obter respostas satisfatórias, falou nestes termos:

— Se, realmente, és meu irmão, dá-me prova concludente.

O espírito desenhou ràpidamente cinco linhas paralelas com um sinal de clave e preencheu-as com as notas musicais de uma melodia. O Dr. Wood executou-a ao piano e disse:

— Era uma pequena ária que eu e meu irmão compusemos, quando andávamos na escola. Como ninguém mais a conhecia, foi a melhor prova que me podia dar.

Contando mais algumas experiências, o Dr. Wood referiu-se a numerosas sessões que realizara com o conhecido médium Tom Terryl. Numa delas, apresentou-se um espírito que dizia ser Johannes Brahms. O orador e um amigo seu que era violinista tocavam juntos, no momento em que Tom caiu em transe, dizendo: «Sou Johannes Brahms». E a seguir. «Oh, guerra, maldita guerra! Infeliz Áustria!».

Isto foi durante a primeira grande guerra. O Dr. Wood tocou alguns trechos de Brahms, julgando auxiliar o espírito comunicante, que exclamou:

— Toque o meu sexteto em *si-bemol*.

O Dr. Wood ficou surpreendido. Conhecia bem o sexteto em ré, mas o outro nunca o tinha ouvido.

Mais tarde descobriu então que o sexteto em *si-bemol* fora escrito em Viena, em 1862, já no fim da vida do compositor, que o considerava a sua obra mais valiosa.

Depois do médium despertar do transe, o Dr. Wood perguntou-lhe se sabia o que era um sexteto.

— O que é um sexteto?

Tom ficou um pouco atrapa-

lhado; mas pensando um momento, disse:

— Não é um instrumento de bordo?

Referia-se a um *sextante* e não fazia a mais pequena ideia do que era um sexteto.

Como é que o médium falava de uma peça musical que o próprio Dr. Wood desconhecia, embora fosse perito no assunto?

O Dr. Wood é um investigador muito conhecido no tocante à antiga linguagem egípcia, pois realizou numerosas experiências, descritas no seu livro, intitulado «Ancient Egipt Speaks» (Fala o Antigo Egito).

ENTERRADO VIVO?

Jornal Espirita, do Rio de Janeiro, publica um relato de Isaura Cavalcanti Diniz que passamos a transcrever por nele se encontrar um caso de sonho verídico digno de menção, ocorrido em 1924:

Minha família é muito grande — diz a articulista —. Só minha avó paterna teve 25 filhos. Todos se casaram e foram bastante prolíficos, excepto minha tia Isaura, que não teve nenhum filho. E resolveram adoptar um menino que, de físico e de carácter, herdara muito da sua progenitora.

Ao perder minha mãe fui residir com os pais adoptivos de Manuel, — era esse o nome do menino —. Nessa altura conheci a mãe do garoto, baixa, feia, estrábica e preguiçosa, de palavriado grosseiro e pornográfico. Seu filho que tomou o apelido dos pais adoptivos também era feio e estrábico, mas de inteligência viva e criadora, com vocação para o desenho artístico e para a declamação.

Eu e minha família somos da religião católica e meu tio é o mais católico de todos. Desta sorte, a educação do molequinho foi entregue ao catolicismo, tendo o rapaz vivido constantemente com freiras e padres. Não obstante, o molequinho não se aprumava e bebia, dava passeios, tomava banhos no rio, e num destes afogou-se.

Molequinho foi enterrado. Dias depois, aparece em sonhos a minha tia e à freira do convento de Patos, ignorando eu se apareceu simultâneamente ou alternadamente. O facto é que, no sonho, dizia que *não tinha morrido e que o mandassem desenterrar.*

Minha tia, mulher de idade avançada, sentimental e nervosa, se já não tinha sossego com a morte do filho adoptivo, só faltou perder o juízo após aqueles sonhos; e quando soube que a freira também sonhara, resolveu desenterrar Molequinho. Era um absurdo. Ninguém poderia estar vivo, enterrado dentro de um caixão. Mas minha tia não se conformava com isso. E não se arredou do projecto macabro de desenterrar o filho. Conseguiu a licença necessária e procedeu à exumação do cadáver.

Abriu-se o caixão: o corpo estava em decúbito abdominal, encolhido como era possível e a mais feia expressão no rosto, já em decomposição.

Tenho uma tia no Rio (Nina Cavalcanti) e outros parentes, católicos praticantes, que não se negarão a confirmar a veracidade destes factos.

O ESPIRITISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Da *Revista Espirita do Brasil*, do Rio de Janeiro, transcrevemos a seguinte nota, com a qual estamos de absoluto acordo:

Realizou-se em New-York, em 10 de Dezembro de 1950, a *3.ª Concentração Espirita Anual*, sob os auspícios da Associação Espiritualista Espano-americana (Spanish American Spiritualist Association) daquela cidade. Recebemos, como de costume, os anais da referida Concentração, que é, como já tivemos ocasião de dizer, a propósito de concentrações anteriores, um movimento promovido por espiritas de língua espanhola, residentes nos Estados Unidos. Esse movimento, que se bate pela prevalência do carácter científico do Espiritismo, rejeitando sistemàticamente qualquer manifestação religiosa nas práticas espiritas, é muito diferente do movimento espirita de origem norte-americana.

A Associação Espiritualista Espano-americana tem a sede em Nova-Iorque, onde já reúne grande número de adeptos, mas não segue a orientação dos espiritas dos Estados Unidos.

Causou-nos boa impressão a matéria dos Anais da Concentração, cujo volume está primorosamente organizado. É verdade que não estamos de acordo com alguns pontos, aliás substanciais, das conclusões da Concentração espirita de Nova-Iorque. Não aceitamos, por exemplo, o ponto em que *condena a prece*, dando-se a entender que o Espiritismo seja oposto ao Cristianismo. Não concordamos com esta conclusão.

Sabemos muito bem que os membros daquela Associação se referem ao *cristianismo* dos homens, com suas seitas, seus dogmas, seus rituais, suas imagens, etc. O Espiritismo não é seita cristã, nem deseja esse tipo de *cristianismo* na terra. Mas daí não se vai dizer que seja oposto à doutrina de Jesus. A moral espirita, para os que seguem a codificação cardeciana, é precisamente a moral do Evangelho. Os homens deturparam a essência dos ensinos de Jesus, mas a moral do Evangelho continua inatacável.

Estamos de acordo, porém, com outras conclusões. Esta, por exemplo: *as reuniões mediúnicas ou de fenómenos espiritas deverão interessar-nos, como meio ou método pragmático de educação e nunca como meio de buscar a solução de problemas da vida material.* Achamos certa a interpretação. Não estamos de acordo, porém, com a conclusão em que aqueles nossos irmãos negam a «prova» e a «expiação». Estamos com o ensino de Kardec: o espírito escolhe a prova por que terá de passar. Escolhe, é claro, porque tem livre-arbítrio. A «Declaração de Princípios» nega formalmente este ponto. Nesta parte, a nossa divergência é franca. Pelas relações que temos com o movimento espirita norte-americano (diversas correntes) compreendemos bem o fenómeno que ocorre naquele país: o Espiritismo sofre ali a influência protestante; suas organizações adoptam a Bíblia e, ao mesmo tempo, praticam o mediunismo. Naturalmente esse sistema provocou a reacção do grupo filiado à Associação Espano-americana, de tendência científica e anti-cristã. Daí a «Declaração de Princípios» ser demasiadamente rigorosa quanto à rejeição de qualquer tendência religiosa.

Suas conclusões finais rejeitam incondicionalmente «tudo o que se relaciona com ritos místicos, altares, imagens, quadros dos chamados santos ou «salvadores» com vestimentas especiais para médiuns relíquias, amuletos, velas, incenso, «banhos» espirituais etc. Estamos de acordo.

Bem haja a *Revista Espirita do Brasil* por estas palavras tão judiciosas que reflectem absolutamente a nossa maneira de ver. É preciso defender a Doutrina Espirita, preservá-la de perigosas inovações que a deturpem e enfraqueçam.

Notas & Comentários

TRANSCRIÇÕES

Os jornais brasileiros têm distinguido esta revista com sucessivas transcrições. É motivo de júbilo que queremos exteriorizar. Não deixa de ser interessante que partilhem de nossas opiniões. Assim, entre vários, A Centelha, *de S. Paulo, transcreveu da «Crónica Estrangeira», «O Menino que não estava lá», e fê-lo com referências amáveis.* Jornal Espirita *transcreveu, da mesma secção, «O Electro-choque nas doenças mentais».* A Revista Espirita do Brasil *transcreveu o artigo de Alfredo Miguel intitulado «Imprensa Espirita». Outros têm transcrito a seu bel-prazer, segundo o que mais os impressionou. Achamos bem, que nós fazemos o mesmo para manter os leitores ao corrente do movimento espirita múndial e dar-lhes o que de melhor se tem escrito noutras latitudes em matéria de Espiritismo. Nunca, porém, deixámos de mencionar as fontes do que transcrevemos. Ainda há pouco transcrevemos de* La Revue Spirite, *«História de Uma Reencarnação», cuja origem foi cortada pelo paginador. Imediatamente escrevemos uma nota que publicámos no número seguinte, pedindo desculpa do lapso. E tudo ficou esclarecido.*

Agora lemos no jornal O Poder, *de Belo Horizonte, Minas Gerais, um artigo intitulado «Ernesto Bevin Espirita», da autoria de Robert Goldsbrough e por nós transcrito do semanário inglês* Psychic News. *Ficámos admirados de não se ter mencionado a origem da tradução. Estamos certos, todavia, de que foi um lapso, pois os confrades do semanário espirita de Belo Horizonte são pessoas correctas e amáveis, incapazes, portanto, de falta de ética jornalística. Convictos de que assim é, aqui estamos a agradecer-lhes a transcrição. Que eles leiam muito a nossa revista e que dela extraiam sempre o que lhes agrade e lhes pareça. O intercâmbio espirita é absolutamente necessário. E quando é digno, quando enobrece e eleva os seus propulsores, como no caso de transcrições necessárias e oportunas, deve sempre promover-se para bem da Causa.*

Que nos desculpem estas ligeiras considerações escritas currente calamo *e sem intuitos de especulação, que não está em nosso objectivo. Apenas desejamos harmonia com todos. Para isso, o melhor é observar a máxima cristã, muito vulgar entre espiritas: «A Deus o que é de Deus; a César o que é de César».*

A REENCARNAÇÃO NA INGLATERRA

Como é sabido, há entre os espiritas de língua inglesa grandes divergências acerca da teoria da reencarnação. A maioria não a aceita, por influência da religião protestante, que se subdivide em vários ramos, desde o anglicano ao metodista. Os dois principais órgãos do Espiritismo — Psychic News, *de Londres, e* Two Worlds, *de Manchester — têm aberto as suas colunas ao debate das opiniões e é de ver o entusiasmo com que os contendores defendem o seu reduto. Dois dos mais aguerridos são W. T. Evans e Shaw Desmond. O primeiro, contra, e o segundo, a favor.*

Numa palestra que realizou, Desmond apresentou fortes argumentos para basear as seguintes afirmações:

«Muitos repelem a reencarnação porque temem o látego. Sofrem nesta vida e não querem voltar a ela».

«As «almas antigas» são almas que vieram à Terra muitas vezes, como Francisco de Assis, e aceitam de bom grado a doença».

Um dia perguntou ao grande pianista Schnabel:

— Já pensou que não aprendeu piano nesta existência?

O pianista não soube responder.

E voltando-se para os assistentes:

— Julgam que Beethoven aprendeu numa só vida o necessário para tocar piano sem a mínima preparação?

E concluíu o raciocínio:

— Nós voltamos à Terra. A alma volta. Nunca poderá morrer. Continua a viver sempre.

A brecha vai sendo alargada. F. Wood também depôs em discordância com W. T. Evans. E nos últimos congressos espiritas internacionais a onda avassalou muitos renitentes apegados a antigos dogmas religiosos.

É um mal a divergência? De modo algum. Em Espiritismo só aceitamos o que é racional e lógico. Mas depois ficamos mais firmes na convicção e difundimos a doutrina com mais tenacidade. Rectificar ideias não é incoerência; é prova de evolução mental e espiritual. Só evolucionando se caminha para a verdade. E não há dúvida de que só a teoria da reencarnação explica os enigmas e as aparentes anomalias que nos envolvem. Se não temos outra melhor, é dever de todos aceitá-la, mesmo como base de estudo. Guerreá-la sem apresentar coisa mais aceitável é trabalho destrutivo que devemos evitar.

A DESENCARNAÇÃO DE UM GRANDE CURADOR

Segundo lemos em Two Worlds, *desencarnou o grande médium curador John Ward, que foi no seu tempo o que é hoje Harry Edward, que em Londres e outras cidades inglesas tem realizado famosas curas. Ward deixou a Terra em 30 de Junho último na sua casa de Greave Road, Offerton, Stockport, na provecta idade de 91 anos.*

Afirmava ter curado milhares de pessoas pelo poder magnético de suas mãos, e entre elas cantores de ópera, parlamentares e jogadores de futebol.

O povo de Horwich, Bolton, deu-lhe uma vez uma bolsa de oiro, como lembrança das curas que realizou na cidade.

AOS ASSINANTES BRASILEIROS

Chamamos a atenção dos prezados assinantes brasileiros para o preço da assinatura de "Estudos Psíquicos" que é de Cr$. 60,00 anuais.

Esperamos o melhor acolhimento para esta informação.

Noticiário

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o nosso companheiro Ramos Pereira realizou as duas últimas conferências do tema «Humanismo e Espiritismo». Terminou o seu trabalho referindo-se ao problema religioso, como remate de uma série de postulados, cuja interpretação ficou na memória de quantos o ouviram.

Em certa altura referiu-se ao verdadeiro místico e definiu-o do seguinte modo:

— É aquele que sente verdades divinas, a força da intuição, sentindo o que o cerca no que está em si, e sentindo o que está em si naquilo que o cerca. Não é o que cai aos pés da imagem e procura visioná-la na sua frente. Esse é místico passivo. O outro é místico activo. Consciente das forças existentes, procura realizar Deus na sua vida.

Depois admirou-se de que espiritas intelectuais afirmassem que o Espiritismo era uma religião e lembrou as palavras de Kardec: «Ou será científico ou não será», acrescentando:

— Prefiro o lado filosófico a outro lado qualquer. Compreendo religiões e atitudes humanas, pois são graus de evolução para que se não estagne na mesma forma de sentir. Não admito religiões que estagnem a despeito da evolução temporal. Não há nada eterno na vida do homem, mas este sentirá insatisfação perante as ideias estagnadas. Admiro a coerência de qualquer atitude moral. É preciso cumprir os princípios. O céu da consciência ganha-se, pautando os actos com as palavras. Somos passivos de quedas, mas que elas não signifiquem atrasos na vida espiritual.

Em seguida aludiu assim a uns tantos criadores de religião:

— Construirão templos com altares e cruzes. Médiuns com assistência em torno do altar. Os médiuns dirão o que quiserem e levarão os assistentes subordinados às entidades espirituais. Depois teremos uma nova religião, miscelânea de catolicismo e outras religiões. Mas o Espiritismo não quer nada disso. Preferiria antes uma sala circular com cadeiras à volta e no tablado só a *prece*. Ali se reuniriam para ouvir a doutrinação e um médium idóneo absorveria em si a súmula do Evangelho, como se fazia nas catacumbas. Ali se reuniriam em círculo. O mais velho, de lágrimas nos olhos, lia o Evangelho. Os outros, à volta, erguiam-se e confessavam as suas culpas. Era o cristianismo puro, sem artifício. Era a prece e a meditação sobre o Evangelho. Quando se sentiam abalados, descia uma alma eleita ao corpo do médium e dava-lhes a sugestão: «Não temais! Tereis o beneplácito do Cristo». E viam-se mulheres e crianças morrerem sorridentes nas praças públicas. Hoje ninguém faria isso, porque se perdeu a essência do Cristianismo. Vive-se de sensações, não se vive de ideias.

E num arroubo eloquente:

— Eduquemos a razão e fortaleçamos o sentimento! O Cristo tinha consciência da sua espiritualidade!

É-nos impossível dar um pálido resumo do belo improviso de Ramos Pereira.

O tenente Isidoro Santos, que falou a seguir, fez a análise da conferência, dizendo que a ouvira com o maior agrado. Apreciou um depoimento cheio de sabedoria e dignidade, de uma atitude notável de coerência.

— O Espiritismo não pode estatificar — acrescentou — e é preciso que novos depoimentos surjam para arejar a Doutrina. Temos de estudar muito para actualizar o existente, de harmonia com a recomendação de Allan Kardec. Temos de preparar novos arautos que sintam e compreendam a necessidade de alargar a acção espirita a todos os sectores morais e sociais.

Referindo-se ao misticismo, narrou o seu caso psicológico e colocou-se na posição de *místico racional*, por entender que era a única atitude que poderia assumir, como entidade responsável.

Por fim agradeceu ao conferente o propósito de aumentar o seu esforço na consolidação e prestígio do Centro Espiritualista Luz e Amor, que estende os braços a todos os adeptos sinceros.

13.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Realizou-se mais um sorteio de livros espiritas pelos subscritores deste Fundo Permanente de Assistência à pobreza envergonhada, mantido há mais de um ano pelo Centro Espiritualista Luz e Amor. Foram contemplados os seguintes confrades, aos quais apresentamos os nossos cumprimentos:

1.º prémio — «Valor e Nobreza» — João Pinto Muge, da cidade da Beira, Moçambique.

2.º prémio — «Casa Assombrada» — Jorge Augusto Raimundo, de Lisboa.

3.º prémio — «Últimos Contos» — João Maria dos Reis, de Lourenço Marques.

4.º prémio — «Volta Bocage» — D. Fortunata da Conceição Bravo, do Cartaxo.

5.º prémio — «Contribuições para o Espiritismo» — tenente Monteiro Lourenço, da Guarda.

6.º prémio — «A Verdade Espiritualista» — D. Minervina Lameiras Franco, de Lisboa.

7.º prémio — «Cegos!» — D. Marílio Lameiras Franco, de Lisboa.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinado ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Julho — P. B., de Lisboa, 20$00; J. M., da cidade da Beira, Moçambique, 44$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 13.º Sorteio de livros espiritas, 120$00. Total, 204$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em deposito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		52$00
2.º volume		52$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	35$00	48$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	34$00	46$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	34$00	46$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	24$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	24$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	37$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espiritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	48$00	62$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	42$00	54$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	45$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	33$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnifica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	28$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	24$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	10$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	24$00	36$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	44$00	56$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Grande (A) Sintese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Menezes*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Margem (À) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de critica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	60$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	30$00	
Sonâmbula (A), romance espirita por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

HENRIQUE DA SILVA HORTA

(Ver página 246)

CONTÉM: Bibliografia, da **Redacção**; A Investigação Psíquica, pelo **Dr. Carl Wickland**; Normas Salutares, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Os Fenómenos Metapsicológicos, por **Ramos Pereira**; Faina Meritória, por **Deolindo Amorim**; O Espiritismo na Escola Militar; Sócrates, por **António Cardoso**; Médium Extraordinária, Tradução de **Mário Bacelar**; Ecos do Além... (Mensagens do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); Em Frente, por **F. Noronha**; Ayer y Hoy, por **Elias López**; Uma Curiosa Prova de Reencarnação, por **Henrique da Silva Horta**; Livros de Todo o Mundo, Comentados por **Ramos Pereira**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros da Editora «O Pensamento».

12.º ANO AGOSTO DE 1951 N.º 8

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1951 — N.º 8

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

BIBLIOGRAFIA

Ninguém ignora que o Espiritismo é senhor de vasta bibliografia que o acredita na mente das pessoas cultas. Escritores de todo o género lhe têm dedicado páginas consoladoras que vão impressionar estudiosos do psiquismo, os quais, uma vez orientados, se transformam em arautos de magnífica doutrina. Médicos, advogados, engenheiros, psicólogos militares de todas as graduações, lhe ergueram pedestais e o propagaram como coisa séria e digna de todos os esforços no sentido da sua compreensão. É uma ideologia segura, com bases sólidas, cujos vigamentos assentam no coração e na inteligência dos adeptos que se capacitaram de realidades inconcussas e se dispõem a pregá-las para bem de todos. Ninguém ignora isto. Ninguém pode ignorá-lo, porque os livros correm mundo como bandeiras desfraldadas, asas poderosas que ora tocam as almas no âmago sensível, ora iluminam a consciência em labaredas de fé inapagáveis. Mas no meio dessa avalanche bibliográfica que faz gemer os prelos em partos lancinantes há mediocridades que afrontam a doutrina e gozam de impunidade no mercado dos talentos. Os «críticos» elogiam tudo. Na sua boca tudo é bom, tudo é belo, tudo é perfeito. Adquire-se o livro e então é que se avalia o critério literário de quem o analisou. Isto não pode ser. É preciso seguir novos caminhos, impedindo os nulos de atravancar estradas com fardos de pacotilha. Escreva quem saiba orientar. Estudos Psíquicos *mantém a sua linha, segue a sua trajectória, fiel ao princípio da verdade. Quem nos mandar seus livros ouvirá opinião imparcial e verdadeira. Não cogitaremos de nomes, cogitaremos de obras. Mas nunca o acinte norteará os nossos passos cheios de boa vontade.*

Todas as publicações deviam manter secção bibliográfica a cargo de pessoa idónea com inteira independência e conhecedora do assunto, porque a análise literária demanda conhecimentos variados e sério juizo de valores. Assim, não haveria elogio barato e cada um ficaria com o que era seu. O público saberia escolher a leitura adequada ao conhecimento e à tendência individual e a doutrina estaria melhor escudada. Os adversários olhar-nos-iam com mais respeito, em vez de nos atacarem com armas que lhes fornecemos.

Têm-nos chegado às mãos verdadeiras futilidades que não merecem análise. Lá que seus autores se entretenham a escrevinhar, é com eles, que ainda poderiam fazer pior; mas que nos obriguem a ler salsadas em linguajar espúrio, ultrapassa a cerimónia habitual em coisas deste género.

No departamento mediúnico o caso assume proporções assombrosas. A falta de probidade é manifesta. Qualquer fulano põe-se ao alcance dos maiores génios da humanidade. Vitor Hugo, Goethe e Shakespeare são tu cá, tu lá com analfabetos consumados. Contrôle, *para quê. Foi o médium que recebeu e o «irmãozinho» que ditou... Pronto. Quem duvidar, é suspeito. Assim se formam igrejinhas e editores ambulantes sem ciência, nem consciência.*

A crítica literária tem função nobre a desempenhar no vazadouro da bibliografia universal. É preciso conter a onda de intrujice que ameaça o campo arroteado. As publicações honestas, que arripiem caminho enquanto é tempo. A conspiração do silêncio é arma poderosa contra o vício da asneira. Salve-se ao menos a doutrina, esse património que devemos legar intacto aos futuros mentores da Causa. Um mau livro é pior que um mau homem. O primeiro fala para os séculos e o segundo fala para as horas. No fim de contas, o que interessa é a pureza do ideal que se vive e sente.

A INVESTIGAÇ

Transcreve-se um capítulo da obra "Thirty Years Among I

Os estudos psíquicos abarcam problemas da maior transcendência para a humanidade e têm chegado a constituir um factor importante na vida social. Todavia, é indiscutível que as escolas que se dedicam a esta espécie de estudo pretendam dar a seus descobrimentos uma base puramente psicofisiológica.

A psicanálise mantém a teoria de que a origem e a base de muitas psicoses residem em qualquer lesão ou trauma psíquico oculto ou esquecido. O psicólogo experimental torna possíveis a classificação e o isolamento dos indivíduos mentalmente defeituosos, valendo-se das medições mentais e das provas da inteligência. Por seu turno, os neurólogos e os psiquiatras esforçam-se por reparar os factores etiológicos que se apresentam nas diferentes neuroses, nas aberrações mentais e nas manias, e em descobrir os métodos mais eficazes no intuito de preveni-las e curá-las.

Ainda que estas escolas sejam refractárias a aceitar a hipótese de que as inteligências desencarnadas constituem factor activo e excitador em muitas psicoses e aberrações, não se pode negar que prestam serviços importantes ao descobrir e evidenciar os desequilíbrios que se apresentam nos neuróticos, nos impressionáveis e em todos os predispostos a desarranjos mentais.

O campo dos estudos psíquicos apresenta duas fases ao investigador: a normal e a mental.

A fase normal põe, entre outras, a seguinte questão, que tanto interessa ao médico, como ao sacerdote: Que é do homem depois da morte? Eis um problema de importância vital para o enfermo que se encontra no limiar do sepulcro e cheio de incerteza pelo futuro, tremendo le medo pela sorte que o espera. Não se enobreceria o médico assistente, se pudesse assegurar ao enfermo, por convicção adquirida ou de forma prática, que a morte não existe em realidade, mas que se trata de um despertar em novos planos de actividade e com novas posssibilidades nas esferas mais elevadas da inteligência?

A fase anormal dos estudos psíquicos exige a mais ampla preparação da parte do médico no referente ao misterioso funcionamento das almas encarnadas ou desencarnadas. Os estudos de psicologia normal ou anormal, não só indicam de maneira terminante a existência dos espíritos, como também demonstram sem discussão possível que tais seres desempenham grande papel nas várias psiconeuroses e manias.

É também o médico quem está mais ao corrente das consequências que pode acarretar a investigação psíquica inadvertida. Este intrometimento conduz muitas vezes a determinadas aberrações mentais que requerem a intervenção imediata do médico, do qual depende a sorte da vítima. Bastaria esta razão para que o médico considerasse, não como prerrogativa, mas como obrigação urgente o conhecimento dos aspectos que apresentam os estudos psíquicos e em especial os perigos a que se expõem os investigadores imprudentes, sobretudo as pessoas com predisposição para as psiconeuroses.

As consequências alarmantes que nalguns casos tiveram os estudos psíquicos levaram-me a investigação especial para descobrir as causas secretas desses lamentáveis incidentes, coisa que pertence inteiramente à esfera de acção do médico.

A primeira vez que me dediquei ao grave problema dos desarranjos mentais resultantes de experiências psíquicas levadas a efeito por ignorantes, foi quando soube que alguns indivíduos acabaram em loucos furiosos devido a várias tentativas de escrita automática e de experiências de prancheta, sendo necessário interná-los num asilo apropriado.

O primeiro desses casos foi a senhora Bl., cujos dessejos de escrita automática acabaram em transtornos mentais e alteração da personalidade. Trata-se de uma pessoa que no estado normal era amável, piedosa, tranquila e de gosto requintado e que se converteu em desordenada e turbulenta. Deu-lhe para retouçar e bailar de maneira descomposta. Empregava linguagem grosseira e afirmava que era artista, insistindo no vestir-se em estilo de cenário e dizendo que tinha de ir ao teatro a horas determinadas, sob pena de perder o emprego. Chegou a tal estado de irresponsabilidade, que o remédio foi interná-la no hospital.

Outro caso do meu conhecimento foi o da senhora Bn. À força de praticar a escrita automática, converteu-se, de uma dama refinada e artista, noutra pessoa diferente e de carácter violento. Esfregava constantemente as fontes com as mãos, vociferando em altos gritos: «Piedade, Senhor, piedade!». E precipitava-se na rua em grande correria, ajoelhava-se na lama, rezava e não queria alimentar-se, afirmando que ficaria condenada, se comesse alguma coisa antes das seis da tarde.

A senhora S., que também se entregara a essas práticas, foi igualmente vítima de transtornos mentais e os seus acessos de fúria chamaram a atenção da polícia. Levantava-se durante a noite e colocava-se no escaparate da sua loja de modas, na clássica atitude de Napoleão, personagem que dizia ser. Finalmente, depois de muitos actos próprios de pessoa irresponsável e que implicavam transgressões da lei, teve que ser enviada a um hospício de alienados.

A senhora Wr. sentiu-se obsidiada com alucinações em virtude das mesmas práticas, afirmando que Deus falava com ela constantemente e lhe deitava em cara as más acções que ela havia cometido. Também teve que ser enviada ao hospital, depois de tentar o suicídio, a instâncias desse Deus que falava com ela (1).

---

(1) *Também conhecemos o caso semelhante de uma mulher que nos visitou, alardeando grandes faculdades psíquicas e dizendo que falava muitas vezes com Deus. E quando lhe pedimos informações a respeito dessa entidade, respondeu inopinadamente:*

— É um velho de longas barbas que está no Céu.

— Em pé ou sentado?—inquirimos.

— Sentado, com uma vara na mão.

Ignoramos se ela foi ou não parar ao manicómio. (Nota do tradutor).

ÃO PSÍQUICA

ead' (Trinta Anos Entre os Mortos) do Dr. Carl Wickland.

Chegaram ao meu conhecimento muitos outros casos desastrosos devido ao emprego da prancheta (Ouija board) e aparentemente inocentes, o que me levou a estudar os fenómenos psíquicos, buscando a explicação de casos tão estranhos.

A minha esposa foi um excelente intermediário psíquico facilmente acessível às inteligências desencarnadas. Respondendo a certas dúvidas expressas por ela a propósito do direito de «incomodar os mortos», aquelas inteligências afirmaram que entre os mortais existia um conceito lastimàvelmente erróneo acerca das condições que imperam depois da morte.

Asseguraram que não existe realmente a morte, mas uma transição natural do mundo visível ao invisível, e que os espíritos que atingiram elevado grau de progresso se esforçam por entrar em comunicação com os mortais para os ilustrar a respeito das possibilidades que aguardam os espíritos progressivos. Mas sucede que a morte — ou seja, o acto de libertar-se o espírito do corpo — se apresenta de maneira tão fácil e natural, que se dá a circunstância de que a maior parte dos indivíduos desencarnados ficam muito tempo inconscientes da mudança que neles se operou. Tais indivíduos, falhos de qualquer educação acerca de sua natureza espiritual, continuam a viver nos lugares que frequentavam na vida terrena.

Afirmaram também que muitos desses espíritos se viam atraídos para a aura magnética que envolve os mortais — sem que nem uns nem outros tenham consciência do fenómeno — e desta maneira, obsidiando ou apossando-se de suas vítimas, se convertem por ignorância ou malícia na causa de incríveis sofrimentos e danos, chegando a provocar a invalidez, a imoralidade, o crime e a loucura aparente.

De suas afirmações se deduz que o maior perigo a que se expõe o noviço inexperto nas investigações psíquicas consiste na intromissão de espíritos desta espécie; mas o perigo ocasionado pela ignorância destas coisas aumenta mais no caso das pessoas neuróticas muito sensíveis.

As aludidas inteligências asseguraram também que se podia demonstrar a exactidão desta hipótese e esclarecer as coisas, recorrendo ao processo de *transferência*, isto é, obrigando os seres obsessores e passar da vítima para um intermediário psíquico. Uma vez realizada a transferência, verificar-se-á alívio na psicose do enfermo, dando lugar a que os obsessores fiquem ao alcance de espíritos mais elevados, que os tomem sob sua protecção e os instruam nas leis superiores da vida.

Disseram que minha mulher era um instrumento adequado a estas experiências e instaram-me a que, para demonstrar a veracidade de suas afirmações, colaborasse com elas, tomando a meu cuidado a instrução destes espíritos ignorantes, para o que elas permitiriam que se apoderassem temporàriamente, mas completamente, do corpo de minha esposa, sem dano algum.

Desejosos de averiguar a verdade ou falsidade de tão importantes afirmações que, a serem certas, implicavam consequências muito importantes relacionadas com os problemas mais desorientadores da criminologia e da psicopatologia, aceitámos uma empresa que parecia cheia de perigos.

Os Espíritos-guias, na ânsia de realizar seus propósitos, proporcionaram inúmeras manifestações, até de forma imprevista, algumas delas quando fazia os meus primeiros estudos de medicina.

Saí um dia de casa sem o menor intuito de me dedicar às primeiras práticas de disecção; portanto, o ser subconsciente de minha mulher não podia saber o que ocorreria depois. Pediu-se aos estudantes que fizessem a dissecção de metade de um cadáver. O primeiro corpo que se nos deparou foi o de um homem de sesssenta anos e eu principiei naquela tarde a dissecar um membro inferior. Regressei a casa às cinco e ainda mal tinha transposto a porta, quando minha mulher se sentiu sùbitamente enferma. Queixava-se, dizendo que experimentava uma sensação rara e cambaleou, parecendo que ia cair no chão. Coloquei-lhe a mão no ombro e ergueu-se imediatamente em êxtase ou transe, tomada por um espírito desconhecido, que exclamou, num gesto de ameaça:

— Porque me está você a cortar?

Respondi que ignorava estar a cortar alguém, mas o espírito retrucou furioso:

— Sim, senhor; está a cortar-me a perna!

Notando que quem me falava era o espírito que pertencia ao corpo que eu estava a dissecar, comecei a dialogar com ele, depois de colocar minha mulher numa cadeira.

O espírito opôs-se vivamente a isto, dizendo que não tinha nada que lhe tocar. Ao objectar-lhe que tinha pleno direito de tocar em minha mulher, disse-me:

— Sua mulher? Mas, de que está você falando? Eu não sou sua mulher. Sou um homem.

Expliquei-lhe então que ele já tinha abandonado o corpo físico e que utilizava o corpo de minha esposa; que o seu espírito se encontrava aqui, mas que o corpo se encontrava na Universidade. Quando me pareceu que ia compreendendo, acrescentei:

— Suponha que eu estava agora mesmo a cortar-lhe o corpo na Universidade... Eu não o mataria a si, ainda que o cortasse, visto que você está aqui e não lá.

O espírito confessou que o meu argumento era convincente e rematou:

— Afinal, sou o que chamam «um morto», de maneira que para nada me serve já o meu antigo corpo. Se aprende alguma coisa com isso, vá cortando nele.

Mas logo exclamou:

— Oiça; dê-me um bocado de tabaco para masçar.

Respondi-lhe que não o tinha. Pediu-me então que lhe desse um cachimbo carregado, informando:

— Morro por fumar.

Como é de supor, também me neguei a esta pretensão (O facto de minha mulher sentir sempre verdadeiro asco pelos mascadores de tabaco afasta a posssibilidade de que o seu subconsciente tomasse parte neste episódio).

Depois de lhe explicar pormenorizadamente que ele era já o que se chama «um morto», compreendeu a sua situação e retirou-se.

Ao examinar mais tarde a dentadura do cadáver notei que fora durante a vida um autêntico fumador.

Doutra vez fui nomeado ajudante do professor de uma aula de dissecação e escolheu-se o cadáver de um preto. Ainda não se havvia tocado no cadáver, quando certa manhã minha esposa recebeu um espírito desconhecido, que dizia:

— Oiça, patrão! Suponho que não irá cortar esse preto!

Respondi-lhe que ele se encontrava já no estado a que o mundo chama «morto»; que não estava no seu antigo corpo, mas no corpo de uma mulher. Não havia maneira de convencê-lo e então mostrei-lhe as mãos de minha mulher, fazendo-lhe observar que não eram negras, mas brancas, e obtemperou:

— É porque as tenho cheias de cal. Sou caiador de ofício.

Era um espírito muito obstinado e antes de confessar a verdade recorria a toda a espécie de desculpas. Mas por fim convenceu-se e afastou-se.

Relatarei outro caso para que se veja até que ponto incrível sentem os espíritos apego a seus corpos terrestres, por desconhecimento do falecimento ou morte.

Tínhamos na sala de anatomia o corpo de uma mulher de uns quarenta anos de idade, falecida no mês de Julho anterior, no *Cook County Hospital* de Chícago. Em Janeiro, ou seja, sete meses depois do seu falecimento, indicaram aquele cadáver a um certo número de estudantes, entre os quais eu me encontrava. Começaram a trabalhar nele uma noite em que eu estava ausente. Nenhuma explicação me deram; mas, fosse pelo que fosse, os estudantes não voltaram a tocar no cadáver.

No dia seguinte não havia aula de tarde e eu pus-me sòzinho a fazer experiências de dissecção, no braço e no pescoço. A sala estava situada nas trazeiras de uma parte do rés-do-chão e em lugar muito tranquílo. Imediatamente ouvi uma voz baixa, mas muito clara, que dizia:

— Não me assassine!

A voz chegava muito fraca, como se viesse de longe; mas como eu não era supersticioso nem atribuía a influência dos espíritos alguns pequenos incidentes, deduzi que essa exclamação viria de algum menino que estivesse a jogar na rua, embora ali não visse nenhum grupo de crianças.

Na tarde seguinte, encontrava-me também a trabalhar sòzinho, quando senti um ruído, como quando se pisa papel. Não dei importância ao caso e nem sequer falei nisso a minha mulher.

Esqueci o episódio. Alguns dias depois estávamos reunidos em minha casa num grupo psíquico e já se haviam retirado os

NORMAS

Queridos amigos, como eu desejaria encontrar-vos sempre num ambiente como aquele que agora disfrutais! Assim, a vida correr-vos-ia alegre e com bons resultados. Comparai e vede se não vale a pena sacrifício e humildade para conseguir tal estado de alma. Saúde, paz, felicidade, só se atingem assim. Não é preciso renunciar ao necessário, à vida material, não é preciso que vos eleveis aos páramos dos eleitos; basta que sejais humildes e caridosos, basta que, ao olhar para vossos interesses, olheis também para os dos outros com quem tendes contratos.

É tão fácil ser-se compassivo, quando a vontade de elevar-se é forte! E essa vontade eu queria que presidisse a todos os vossos actos e palavras. Discussões, sofrimento, orgulho, para no fim se chegar ao mal-estar, à discórdia, ao ódio! Quem conseguisse não discutir com um parceiro teimoso teria ganho o estado de espírito a que acima me refiro. Com tais estados de alma, as ideias são lúcidas e há menos probabilidades de errar — erros que se pagam bem caros, como se verifica muitas vezes.

Quando a tranquilidade e a harmonia acompanham as pessoas é raro que surjam notas discordantes. Porquê? É que nessa altura o ambiente está limpo, o auxílio espiritual pode ser recebido; portanto, a criatura está no bom caminho. Dominar as paixões seria a primeira coisa a fazer; o resto viria depois. As paixões e os defeitos é que vos infelicitam. O mal que suportais nunca vem de fora, está sempre dentro de vós, visto que passa despercebido, quando a criatura é limpa de corpo e alma. Enquanto o orgulhoso e o egoísta vêem mal em tudo e todos, o homem caridoso e humilde é inacessível a tais pensamentos. Sabe pautar a vida e coloca-se em tal posição, que os invejosos e egoistas não podem atingi-lo. As criaturas como eu desejaria que fosseis pairam acima das mesquinharias que constituem a vida de relação e procuram no Alto e no isolamento a força para passar adiante, sem estragos de maior. Quando a adversidade as perseguem, não dão por ela. Dar pela desgraça é ser vencido. O homem elevado, humilde e caridoso, nunca é desgraçado, é sempre forte e activo. Nunca se queixa, nunca desanima, nunca se ofende.

É teoria, direis vós. Sim, teoria que pode passar à prática se atenderdes às vossas forças espirituais, se dei-

SALUTARES

Pelo ESPÍRITO DE REPER-SIAM

tardes fora o lastro que vos carrega desde tempos remotos. Tornai-vos criaturas novas. Matai em vós o ser antiquado e misantropo, triste e acabrunhado, que de tudo tem medo. Sede destemidos, não receando nem o mundo, nem o mal, nem a idade, nem as intempéries. Sereis fortes, se o quiserdes. Caireis por terra, se não souberdes apelar para vossas forças espirituais, se não quiserdes receber o auxílio que vos oferecem. Dos terrícolas só desilusões podeis esperar. Esta verdade já vos tem sido muitas vezes demonstrada.

A humildade conquista as melhores situações; o orgulho tudo envenena. A caridade perfuma os ambientes, sobretudo quando se trata de caridade espiritual, evitando a tempo uma palavra, perdoando uma falta na hora em que o perdão é solicitado e agradecido, ao passo que o egoismo só gera guerra e discórdia. Por egoismo se teima sem finalidade. Por egoismo se é odiado pelo semelhante, por egoismo se ambicionam os primeiros lugares, por egoismo alguns pretendem toda a felicidade da terra e do céu. O egoista convence-se de que o mundo foi feito para ele. Não é capaz de um esforço meritório, mas entende que todos lhe devem sacrifícios.

Vede os contrastes. Os que pecam por orgulho, por egoismo e por maldade, têm a paga no viver que suportam. Quem não olha a meios para conseguir os fins é egoista. Pode triunfar aparentemente, mas o seu karma vai-se tornando pesado. Quando, porém, o conhecimento chegou à criatura, já não lhe é permitido desconhecer as leis. Por isso sofre ao mínimo deslise, enquanto outros vão seguindo a sua rota, como se para eles não houvesse justiça. São os impedernidos que aguardam a sua hora. Caminham sem se aperceberem da verdade e mais tarde expiarão em existências desgraçadas a cegueira actual. Só vêem o que tocam ou vai ao sabor de seu interesse. Deixai-os entregues a si mesmos. Não vos é permitido julgar, mas ensinar a quem queira aprender. Só com luz se pode semear. Às cegas, a semente cairá nas pedras, com o semeador inadvertido.

Sede tolerantes e complacentes. Quem tem alegria interior mostra-o em toda a parte.

Médium — Maria Gonçalves Duarte Santos

nossos «colaboradores invisíveis». Vi que minha mulher continuava em estado semicomatoso. Aproximei-me dela para ver o que sucederia, quando o espírito que dela se apoderara se levantou e me deu furiosa bofetada:

— Temos que ajustar contas! — exclamou.

Ao cabo de um momento de luta com o espírito desconhecido, perguntei-lhe a que vinha tudo aquilo.

— Por que pretende matar-me? — perguntou o espírito.

— Eu não pretendo matar ninguém — respondi.

— Sim, senhor. Está a cortar-me o braço e o pescoço! Gritei-lhe que não me matasse e fiz ruído com o papel que estava no chão para o assustar, mas você não fez caso.

O espírito soltou uma gargalhada e acrescentou, com regozijo:

— Mas aos outros, sim, que os assustei!

Tive necessidade de explicar-lhe o seu estado actual e disse-me que se chamava Minnie Morgan. Acabou por compreender e retirou-se, prometendo que procuraria vida mais elevada.

Era tal a facilidade com que os espíritos se apossavam do intermediário psíquico, neste caso a minha mulher, que a maioria deles não sabiam que pertenciam ao mundo dos «mortos» e que permaneciam temporàriamente no corpo de outra pessoa.

É fácil fazer compreender às almas o anormal da situação. Basta chamar-lhes a atenção para a dissemelhança entre as suas formas corpóreas anteriores, entre as suas mãos, seus pés, seus vestidos e os do intermediário psíquico. Isto sucede especialmente quando se trata do espírito de um homem, porque então ressalta à vista a diferença. Ao observar-se ao espírito que o corpo em que permanece pertence a minha mulher, a resposta geral é esta: «Eu não sou mulher». E depois vejo-me obrigado a uma larga explicação para lhes fazer compreender que estão na posse momentânea do corpo de outra pessoa.

Por outro lado, encontram-se espíritos que não é possível arrancar da incredulidade e que se negam obstinadamente a compreender o seu trânsito do mundo físico. Estes não obedecem a razões e não sentem a sua nova situação, nem mesmo quando os colocam em frente de um espelho; dizem então que foram hipnotizados e dão tais provas de obstinação, que o remédio é obrigá-los a abandonar o corpo físico, deixando-os ao cuidado dos cooperadores invisíveis.

Para facilitar a transferência da aberração mental ou psicose do enfermo ao intermediário psíquico, — a senhora Wickland —, recorremos ao emprego da electricidade estática, aplicando-a ao paciente, muitas vezes na presença do mesmo intermediário. Esta espécie de electri-

cidade é totalmente inofensiva para o paciente, mas é de grande eficácia, porque o espírito obsessor não pode resistir muito tempo e abandona o corpo daquele (1).

Aconselhado então pelos nossos colaboradores invisíveis, o espírito costuma colocar o intermediário em estado de transe. Nessa altura podemos pôr-nos em comunicação com ele, procurando fazer-lhe compreender a sua verdadeira situação e abrindo-lhe os olhos às possibilidades de vida mais elevada. Finalmente, obrigamo-lo a retirar-se e fica ao cuidado de outros espíritos mais elevados. A senhora Wickland volta então ao estado normal.

São muitos os casos em que se tem demonstrado eloquentemente que a causa determinante das aberrações do enfermo eram inteligências desencarnadas; para isso temo-nos valido do «grupo psíquico». Desalojam-se os espíritos obsessores do corpo das vítimas, que às vezes estão longe daquele lugar e as inteligências cooperadoras conduzem esses espíritos ao grupo, permitindo-lhes que se apoderem do intermediário. Às vezes começam a queixar-se de que se vêem obrigados a mudar de lugar, mas ignoram que são espíritos e que se servem do corpo de outras pessoas ou que exercem influência sobre elas.

Mas fica demonstrado de forma indubitável que a causa dos transtornos do doente era aquele espírito, quando se compara a semelhança dos actos que realiza o espírito, valendo-se do intermediário, e as melhoras experimentadas pelo paciente, depois de se desalojar o espírito que o obsidiava. Tem havido muitos casos em que se pôde identificar claramente a personalidade do espírito. Logo que se consiga desalojar para sempre o obsessor, o enfermo melhora gradualmente, embora às vezes seja necessário desalojar do mesmo enfermo mais do que um espírito.

Perguntar-se-á por que razão os espíritos superiores não se encarrregam daqueloutros espíritos apegados à terra, ilustrando-os sem necessidade de acudir ao recurso de um médium. A explicação é que muitos destes espíritos ignorantes só podem ser ajudados pelos espíritos superiores quando chegam ao contacto com a realidade física. Então são obrigados a conhecer a sua verdadeira situação e seguem o caminho do seu progresso (2).

Ao mesmo tempo que se procura, mediante a possessão do intermediário psíquico, que o espírito ignorante abra os olhos à realidade, o investigador tira proveitosas lições. Não param aí os benefícios, pois consegue-se que outros grupos de espíritos ignorantes beneficiem com a lição que representa a mudança de procedimento do espírito com quem se comunicou.

Muitos espíritos obsessores conduzem-se como dementes e é muito difícil convencê-los. Devemos buscar a causa nas doutrinas falsas, nos preconceitos e em certas opiniões geralmente admitidas no mundo físico. Às vezes são indómitos e insensatos e é necessário segurar as mãos do médium para não fazerem distúrbios.

Há muitos espíritos que ao conhecerem a sua verdadeira situação parecem experimentar sensação de agonia. Significa que vão perdendo o domínio do médium.

Outros espíritos, finalmente, permanecem numa espécie de entontecimento e torpor e só querem que os deixem tranquilos. Nessa altura deve-se recorrer a frases fortes para os despertar, como se pode ver nalguns casos que registamos noutro capítulo. Ver-se-á que os espíritos obsessores falam às vezes de um «calabouço» em que são encerrados os espíritos rebeldes; os espíritos que se apoderam do médium queixam-se com frequência de que têm estado presos num calabouço (3).

Devido a certa lei psíquica os espíritos superiores podem colocar os espíritos ignorantes em situação que poderia apelidar-se de cárcere, rodeando-os de um muro impenetrável de que não podem escapar-se. E nesse lugar permanecem, vendo apenas a sua imagem e contemplando as suas acções passadas até que se arrependam e provem que estão dispostos a adaptar-se ao novo estado, conformando-se com as leis espirituais do progresso.

A senhora Wickland, minha esposa, cai nas experiências em estado psíquico de êxtase inconsciente; fecha os olhos e a sua própria alma se ausenta. Adormece por algum tempo. Terminado o êxtase, não se lembra do que sucedeu naquele período.

Nos intervalos de uma a outra experiência o seu estado psíquico não sofre perturbações; conserva o equilíbrio mental e plena consciência de si mesma. Ao cabo de 35 anos de experiências não sofreu o menor transtorno, nem prejuízo de qualquer espécie.

Protegem-na do mundo invisível um grupo de inteligências superiores (Grupo da Misericórdia), que guiam os nossos trabalhos e se esforçam por convencer a humanidade de que a transição do que chamamos morte é um passo bem simples de importância transcendental para compreender a situação do espírito após a morte.

A finalidade que nos propusemos em nossas investigações foi conseguir provas fidedignas, irrefragáveis e de primeira mão acerca da situação dos espíritos «depois da morte», e com este objectivo taquigrafámos todas as conversações durante as experiências, para fixar com rigor a situação das inteligências com quem estabelecemos comunicação.

(Tradução de I. D. S.)

(1) *Às experiências do Dr. Wickland neste sentido deram origem a que os médicos psiquiatras mais tarde recorressem ao electro-choque, o qual, pela sua extrema violência, é contra-indicado em trabalhos de desobsessão.* (Nota do tradutor).

(2) *Chamamos a atenção dos investigadores para os ensinamentos contidos neste parágrafo.* (Nota do tradutor).

(3) *Terá isto relação com o «ergástulo» de que se fala no livro «Dois Mundos», ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)? Quando recebi essa obra, desconhecia inteiramente este passo do livro do Dr. Wickland.* (Nota do tradutor).

"ALMAS ERRANTES"

Já leu este estranho romance ditado por Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)?

Então, leia, e verá um livro que lhe deixará impressões indeléveis, digno de aconselhar aos seus amigos.

Os assinantes de **Estudos Psíquicos** ***e os sócios do Centro têm o desconto de 10%.***

HUMANISMO E ESPIRITISMO

III

FENÓMENOS ESPIRITAS

A psicografia (produção artística cuja causa não pode ser atribuída à personalidade do médium) é susceptível de 3 formas:

a) — inconsciente ou mecânica
b) — semiconsciente
c) — consciente ou intuitiva

Na primeira, o braço que desenha ou escreve pode estar num estado mais ou menos perfeito de letargia, apresentando por vezes movimentos convulsivos e desordenados, o que se pode verificar também na segunda forma e só muito raramente na terceira. Tem-se visto, porém, o carácter distintivo destas formas psicográficas no grau de consciência que o passivo diz ter da produção e o seu aspecto supranormal no desnível entre a capacidade do passivo e a que se revela nessa produção. Se aquele é muito difícil de estabelecer, o mesmo se não dirá do segundo, dada a possibilidade de aplicação do crivo apertado da «crítica literária» e «artística».

Certos aspectos do fenómeno, tais como:

— letargia do braço

— impulso (muitas vezes indominável) para escrever ou pintar induzem-nos à hipótese de que ele tem a sua origem numa actuação magnética por um agente «invisível», visto ser em tais casos impossível atribui-la à acção (consciente ou inconsciente) dos assistentes. No caso da psicografia intuitiva a actuação magnética deverá reduzir-se a uma sugestão (incidente no subconsciente?); no da psicografia mecânica, a actuação deverá canalizar-se sobre os centros psicomotores e músculos do braço. Mas apesar de algumas indicações espontâneamente dadas por esses agentes «invisíveis», o facto é estar ainda imperfeitamente conhecido o mecanismo completo do... mais simples dos fenómenos espiritas.

E que agente «invisível» será esse? A possibilidade de comunicações entre «vivos» por psicografia, revelada pelas sensacionais experiências de Newnham com sua esposa e de William Stead com miss Summers, coloca-nos perante a perspectiva de que tais agentes sejam... personalidades humanas não corporalizadas— os mortos!... Eis-nos a levantar as pontas dos véus de que tantos materialistas riem e que certos espiritualistas desejam manter abaixados.

O fenómeno de «incorporação»—tão frequentemente observado entre nós — tem aspectos objectivos mais claros, oferecendo maiores facilidades de experimentação, mas levantando também inúmeras questões sobre a forma de operar. É uma modificação da personalidade do médium, (sob o ponto de vista externo) de aparência espontânea, brusca e fugaz e cuja causa não tem natureza

OS FENÓMENOS METAPSICOLÓGICOS

2.ª PARTE

por RAMOS PEREIRA

histero-sonambúlica, não podendo atribuir-se a uma acção sugestiva consciente de qualquer assistente. É o aparecimento de uma nova personalidade, nem sempre bem recatada nos pormenores e independência, que, frequentemente, se assemelha às personificações criadas pelos agentes magnéticos por sugestão.

A observação de casos de incorporação, prolongada por alguns anos, leva-nos hoje a admitir duas formas gerais deste fenómeno que designamos por:

1. personificações sugestivas ou pseudo-incorporações
2. incorporações pròpriamente ditas.

As primeiras são compatíveis com os estados pouco profundos do sono magnético, pouco nítidas, muito plásticas, resultando tanto de uma auto-sugestão como de uma hetero-sugestão. São as mais frequentes e queridas do público que enche as salas das sessões, pelo facies teatral de que quase sempre se revestem, principalmente se o director de trabalhos é habilidoso no puxar os cordelinhos da cena... As comunicações que se obtêm neste caso, quer sob o ponto de vista da linguagem quer dos conhecimentos patenteados, raramente excedem a craveira mental do sensitivo. Tomando em conta as centenas de «incorporações» (?) que pudemos analisar de perto, afirmamos que 95 % dos casos eram pseudo-incorporações, personificações sugestivas criadas pelo ambiente ou pela predisposição do sensitivo, pois que nos repugna o ilogismo de supor que seja possível convencer do absurdo dos seus erros os espíritos de um tacanho, de um criminoso relapso ou de um alcoólico inveterado no curto espaço de 10 a 20 minutos(!...), às vezes com uma argumentação mais frágil ainda que a personalidade manifestada. Dos 5 % restantes, uns tinham de ser explicados por acção sugestiva de um agente invisível, não só pela maior resistência da «personalidade» à acção convencedora do experimentador como por manifestar, quase sempre, conhecimentos inatribuíveis ao comportamento interno do médium. Quanto muito, a fraca percentagem de 2 % representaria casos perfeitos de incorporação, traduzindo-se por:

a) — estado profundo do sono do médium, de longa, lenta e gradual consecução;

b) — modificação visível da voz, dos gestos ou da fisionomia do médium;

c) — nitidez perfeita no recorte da personalidade manifestante, revelando independência completa e conhecimentos de factos ou ideias que o médium não poderia possuir.

Estes não podem ser explicados pela simples acção sugestiva; trata-se de uma autêntica possessão do organismo mediúnico. Mas *como* se dá essa possessão? O «espírito» do sensitivo é retirado e... depois? A explicação corrente dá do corpo do médium a ideia de uma luva elástica... o que não pode satisfazer quem deseje realmente conhecer a natureza íntima do fenómeno. Mais espaços em branco, mais dúvidas a desfazer!

E quando entramos no campo dos fenómenos metamediúnicos — escrita directa, *apports*, levitação, «materialização», etc. — embora recorramos a «fluidos» e «ectoplasmas», as questões levantam-se a cada passo. Fez-se muito no sentido de caracterizar em extensão os fenómenos, de provar a sua realidade, mas pouco ou quasè nada no das forças que neles entram em jogo. Admitindo que os agentes invisíveis são os «espíritos dos mortos»—e essa é a tese até agora inabalada do Espiritismo — e admitindo que o organismo mediúnico fornece os meios à manifestação daqueles (meios nem sempre perfeitamente conhecidos na natureza e qualidades), não podemos julgar que todas as dúvidas e perguntas caem por terra como folhas secas... Uma se ergue desde logo e que fica sem resposta: — *como* é que esses meios são extraídos do corpo do médium? Por acção de *uma radiação* emitida pelo agente? Que radiação é essa? Porque não desagrega a matéria orgânica e apenas retira dela certas partes?

Mas passemos em revista os diferentes fenómenos...

A escrita pode ser conseguida por *projecção* ou pela utilização de lápis, tinta, etc. No caso de projecção, quando se empregam chapas fotográficas, o fenómeno é perfeitamente explicável admitindo que as radiações mentais têm acção química semelhante à da luz (cf. experiências de Darget e Fukurai). Mas se a projecção se faz sobre uma placa de vidro? Uma radiação capaz de atacar o vidro como o ácido silícico?...

E, quando se encerra um pedacito de lápis e um papel numa caixa ou um fragmento de giz entre duas lousas, o papel ou a lousa aparece escrita? A admissão simples de radiações mentais é impraticável e só a hipótese de Zoellner de que os agentes fenoménicos são seres com o conhecimento da 4.ª dimensão constitui uma base explicativa aceitável. E de facto os «fantasmas» deverão ser seres quadri-dimensionais, porquanto é fre-

quente, mesmo materializados, mostrarem em sessões que o volume não lhes oferece a mínima resistência. Os «apports», a passagem da matéria através da matéria, além de outros, são fenómenos que argumentam também em pró dessa temática. Quadri-dimensionais e fulcros de energia irradiante produzem essa série quase alucinante de fenómenos que nos coloca perante a certeza de que o espírito pode dominar a própria matéria «bruta», desfazendo-a e refazendo-a diante dos olhos pasmados dos assistentes.

Mas se é condição «sine qua non» a existência de um médium, é porque esses seres quadri-dimensionais não podem por si sós produzir os fenómenos—levitações, «apports», etc., — correntemente denominados «fenómenos físicos da mediniudade». Nas levitações e nas materializações, é o «ectoplasma» retirado do organismo mediúnico que serve de veículo da acção, ora um ectoplasma plástico ora rígido como uma alavanca. E nos restantes casos?

Temos de aceitar que, mesmo aqui (talvez até... mais aqui), enfrentamos muitas interrogações ainda insolúveis.

PERSPECTIVAS

No traçado geral, aquelas proposições fundamentais da «teoria estática do espírito» permitem-nos encontrar uma explicativa dos fenómenos metapsicológicos, se bem que se esteja ainda longe da interpretação completa do traçado particular. Mas nós estamos em campo filosófico e, embora tenhamos arguido ao trabalho experimental a sua insuficiência actual de conclusões, não queiramos abandonar esse campo...

O fenómeno metapsicológico oferece-nos à meditação uma perspectiva filosófica fundamental — *a intercomunicabilidade dos espíritos para lá das vias estreitas dos órgãos sensoriais* (estreitas, apesar das invenções de Marconi, Bell ou Edison) *e do próprio desaparecimento do corpo somático!*

Essa intercomunicabilidade coloca em foco o problema do poder do pensamento. É facto que o ciclo dos efeitos sugestivos é restrito ou redutível se o passivo reage contraditòriamente às correntes que o assaltam, vindas do exterior. Mas até onde se alargará, quando o passivo é um predisposto? Quantas psicopatias desafiando a ciência médica, quando a causa originária da perturbação da mente reside na acção de... outra mente! Se a ciência oficializada admitisse — pelo menos como simples hipótese de trabalho — a intercomunicabilidade mental, aumentaria consideràvelmente a percentagem de curas nos seus «manicómios». Poderão continuar a criar termos à semelhança das esquizofrenias e ciclotimias que eles manter-se-ão como rótulos a esconder a ignorância das verdadeiras causas do patológico. Se uma psicopatia não tem natureza tóxico-infecciosa, como curá-la com drogas, duches e... choques eléctricos? Note-se que, assim pensando, o Espiritismo não deseja invadir os *sagrados* terrenos da medicina, mas pôr alguns pontos à sua douta consideração. Não se admite o efeito da sugestão? E não existem inúmeros fenómenos metapsicológicos comprovativos de que a sugestão magneto-hipnótica tem uma esfera de efeitos possível altamente dilatada? Por assim supor e por actuar em conformidade, pôde Carl Wickland triunfar em muitos casos em que os seus colegas tinham lamentàvelmente falhado.

O Espiritismo não pode olhar o homem como um espaço fechado, mas como um espaço estruturalmente aberto, partícula comungante do concerto universal da Vida. Mergulhado num oceano imenso de vibrações, o homem recebe-as vindas dos mais desencontrados pontos e enviando para ele, consciente ou inconscientemente, outras que nem sempre primam pelo equilíbrio dos fins visados. Dessas vibrações atingem-no mais fàcilmente aquelas que mais se aproximam da sua própria natureza e que são as emitidas pelos outros humanos, corporalizados ou não. Ganha aqui uma expressão maior aquela proposição de que «viver é essencialmente conviver».

Infelizmente o desconhecimento da sua natureza espiritual e da natureza do seu espírito, leva o homem a assumir atitudes de pura negativa perante os fins últimos dessa natureza. Soubesse o homem servir-se melhor e mais conscienciosamente das forças contidas no seu espírito; soubesse o homem dirigir-se com mais firmeza para aquele mundo de super-consciência criado pelas poderosas vibrações dAqueles que se libertaram há muito das leis da carne; e outro seria o viver do homem, outra seria a Vida na Terra!

Mas como surgiu o «espírito»? Como se deu a sua evolução até às formas humanas actuais? Serão estas as questões fundamentais com que nos preocuparemos no próximo «ensaio» — a «teoria da psicogénese».

«FAINA MERITÓRIA»

por DEOLINDO AMORIM

(Correspondente no Rio de Janeiro)

Fui dos primeiros, creio, a receber o livro *Dois Mundos,* ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos *(Lia),* infatigável esposa e companheira de lutas de Isidoro Duarte Santos. Apesar de ter sido, como disse, dos primeiros, sou dos últimos, talvez, no rol dos que já escreveram sobre o interessante livro mediúnico. Circunstâncias alheias à minha vontade determinaram que assim fosse, conquanto razões de velha amizade me prendam a Isidoro Duarte e, por intermédio deste, me prendessem àquela que foi, sem o menor exagero, o seu braço direito na terra. Não estou, entretanto, fora de época, porque os bons livros são vertentes que nunca se esgotam, e por isso, em qualquer tempo, há sempre o que se dizer a respeito deles. *Dois Mundos* é um destes livros.

Não sendo possível comentar todos os capítulos, cujo entrosamento forma, sem dar a perceber, inteligente unidade de pensamento, vou tomar para tema deste artigo o capítulo 22, cujo título é *Faina meritória.* Este capítulo por motivos que não sei explicar bem, me falou à inteligência e ao coração de modo muito especial. Diz o espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos: *Libertar um ser de preocupações e levá-lo a enfrentar a vida sem receio é tarefa meritória. É melhor do que escrever coisas lindas que poucos entendem. O que mais fàcilmente se compreende é o benefício que recebemos. Esse, não exige linguagem apropriada. É acção que se reflecte em nós.* Eis aí uma síntese capaz de nortear a actividade intelectual em face dos princípios evangélicos. Nem todos sabem fazer bom uso do talento, segundo a passagem evangélica. Há muita gente que escreve, e escreve bem, mas não edifica. O intelectual, principalmente quando é espirita, não deve escrever apenas pelo prazer de escrever, mas pelo prazer de *servir,* o grande verbo da linguagem evangélica. Há muitas maneiras de servir: uma delas é a actividade intelectual.

Ensina-nos ainda o espírito, que, diga-se de passagem, já partiu da terra, sabendo fazer bom uso dos talentos de que fala o Evangelho:

> *Eu regulo tudo a meu modo e por isso atendo os pedidos que me fazem e dito mensagens de elucidação aos enlutados. É o maior auxílio que presto. Vale tanto como aliviar a dor a um doente. Encaminha, orienta e conforta. Quem ler estas páginas esquece a morte.*

Grande ensino podemos tirar deste período. Elucidar — diz o espírito — vale tanto como aliviar a dor a um doente. É profundo o conceito. Elucidar, esclarecer, instruir, orientar, portanto, eis a tarefa dos espíritos iluminados. Nem todos compreendem assim. Muitos ainda querem ver no Espiritismo apenas uma espécie de «elixir de longa vida», uma fonte de receita para os males do corpo, esquecendo-se de que os males da alma são muito piores. Curar o espírito da ignorância, pelo esclarecimento, é cumprir um dever de caridade, e dos mais duradouros. Muita gente, entretanto, entende que os espíritos devem ter por única preocupação apenas o corpo, os

O Espiritismo na Escola Militar

É facto notório que o Espiritismo está muito difundido nas Classes Armadas do Brasil. Tanto no Exército como na Marinha e Aeronáutica, assim como nas Polícias Militares, que são Forças auxiliares do Exército, é muito grande o número de espiritas, em todos os graus da hierarquia. Na antiga Escola Militar, na Cidade de Rezende, (hoje Academia Militar de Agulhas Negras) existe até um núcleo de moços espiritas, formado de alunos. Temos agora uma notícia recente. Fundou-se na Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre, Capital do Rio Grande do Sul, com aprovação do próprio comandante da Escola, uma Juventude Espirita. *Diversos cadetes adeptos do Espiritismo obtiveram permissão para fundar uma* Juventude, *e o fizeram com muito entusiasmo. Esta notícia foi transmitida, com aclamação geral, na última assembleia da Liga Espirita do Distrito Federal, pelo Prof. Paulo Pastor de Almeida, que se congratulou com os presentes pela auspiciosa realização. O* cadete *(aluno da Escola Militar) que teve a iniciativa de fundar a* Juventude Espirita *dentro da Escola é filho do Prof. Lauro Pastor, e fora encaminhado para as actividades espiritas desde menino. Tendo feito exame para a Escola Preparatória de Porto Alegre, assim que lá chegou, tratou de organizar um movimento espirita, para o que, felizmente, encontrou apoio de seus superiores hierárquicos. Belo exemplo!*

problemas materiais e imediatos, quando, antes de tudo, precisamos de resolver os problemas do espírito. Não vamos, com isto, ao exagero de negar mérito às obras de assistência material, mas devemos notar que o fim precípuo da doutrina espirita é reformar o homem, moralmente. Sem a reforma moral, de nada valem as construções materiais, os gestos de benemerência, que, sob base moral, só têm valor perante o mundo.

Do livro *Dois Mundos* colhemos mais esta lição: esclarecer é caridade, no mais alto sentido espiritual. Quem esclarece, ensina, instrui, orienta, e quem faz tudo isto, aponta a seu semelhante o caminho do bem. Gostaríamos que todos os homens de responsabilidade, no movimento espirita de língua portuguesa, lessem o que se encontra nos ensinos de *Dois Mundos*. Livro bom, claro, confortador. Livro, portanto, dos que *ficam* através dos tempos, porque estes nunca se perderão na poeira das velharias literárias. Bom espírito! Que possas derramar luz, sempre e sempre, sobre os nossos pobres entendimentos, tão necessitados de sabedoria espiritual!

Rio de Janeiro, Junho de 1951.

HOMENS DE ONTEM... GENIOS DE SEMPRE

SÓCRATES

Na *Antiguidade Clássica*, devido principalmente ao extraordinário incremento que assumira a cultura grega, fazia-se sentir nas escolas existentes, onde o ensino era feito à base de ginástica, métrica e cálculo, conhecimentos mais profundos do que aqueles que eram ministrados aos seus alunos. Para que essa lacuna desaparecesse, vários homens ofereceram-se desinteressadamente para darem à juventude dessas escolas noções de filosofia, principalmente de ordem política e ética. A esses homens foi dado o nome de *sofistas*, isto é, mestres de sabedoria. Muitos limitavam-se a repetir os conhecimentos adquiridos, mas outros introduziam nos seus ensinos ideias novas, modernas, concepções sobre diversos problemas filosóficos, chegando alguns a ser verdadeiros revolucionários espirituais. Para estes, a moral devia ser inteiramente livre — isto é, não devia estar dependente de quaisquer convenções ou dogmas, de contrário, passaria a ser mais um código de deveres e não um sistema ético.

Foi assim que pensou o *sofista* Sócrates, foi assim que ele pregou durante toda a vida àqueles que dele se acercavam, desejosos de ouvir as palavras do Mestre. No princípio da vida havia-se dedicado à escultura, mas tempo depois — sentindo talvez uma voz interior a dizer-lhe que o seu caminho durante a vida terrena não seria aquele — abandonou esssa profissão, dedicando-se então por completo à difícil tarefa de atingir a clarividência espiritual, de compreender os *porquês* das coisas, de investigar as causas dos fenómenos. Mas Sócrates, pelo grande amor que tinha à Humanidade, pela grande compaixão que tinha pelo seu semelhante, não se limitou a adquirir conhecimentos, não. Sócrates, mal atingiu essa *clarividência* passou o resto da vida trabalhando para que os outros chegassem ao mesmo grau de evolução. Tanto nas praças públicas como nas oficinas, quer nos ginásios, quer mesmo em particular, servia-se de todos os meios possíveis para ministrar aos outros as suas ideias. Distinguia-se no entanto dos outros sofistas, pois não ministrava, nos seus discursos conhecimentos já definidos, mas procurava, pelo contrário, servindo-se da razão, do raciocínio (e daí o seu ensino ser extremamente *racionalista*) obrigar os outros a formular a definição ou a ideia mais perfeita sobre o objecto em estudo — precisamente a definição ou ideia que já prèviamente ele trazia na mente. Para isso, para obrigar os que o rodeavam a esta ginástica mental, fazia-lhes perguntas, não perguntas aparentemente complicadas, mas perguntas tão simples, tão simples, que as pessoas interrogadas ficavam embaraçadas para poderem dar uma resposta concreta, e ainda mais atrapalhadas ficavam quando ele lhes perguntava o *porquê* ou a causa dos conceitos formulados. Em via de regra, a pessoa chegava a um certo ponto em que se começava a contradizer e a não saber que responder. Então era fácil para Sócrates desfazer todo o frágil edifício dos errados conceitos que essas pessoas tinham e mostrar-lhes que eles não eram mais do que o produto de definições mal assimiladas, costumes enraizados e quantas vezes dogmas de origem religiosa. Não admira, portanto, que devido a este método de ensino, que não respeitava qualquer tradição ou dogma, Sócrates fosse considerado por muitos como perigoso, revolucionário e... um autêntico massador! Infelizmente todos os grandes génios têm sido sempre olhados com desprezo e só muito tempo depois da sua morte o mundo profano reconhece o seu valor e os consagra então como pioneiros da Verdade.

Um dia Sócrates foi convidado a assistir a um banquete em casa de Agaton em honra deste, que havia conquistado o primeiro prémio do Teatro Grego com um drama da sua autoria; o premiado convidara ainda, além de Sócrates, Aristófanes, Fedro, Pausânias, etc. Em determinada altura da festa, os convivas começaram a discutir sobre o eterno tema — daqueles assuntos que por muito que se fale nunca se diz tudo — o *amor*. Pausânias disse — com o que estamos completamente de acordo — que só o amor das almas é imortal, porque o outro «foge ao passar o viço da mocidade»; Aristófanes e Fedro definiram também o amor, segundo os seus pareceres. Perguntaram então ao Mestre o que ele pensava sobre tão discutido problema. O que eles talvez não esperavam é que Sócrates, antes de responder pròpriamente à pergunta feita, usando daquele seu processo de perguntas que já atrás explicámos, reduzisse a erros os conceitos que haviam formulado. Respondendo então aos amigos, disse: «O amor é o ardente anelo da alma humana pela beleza divina. O amante anseia não só por encontrar a beleza, mas por criá-la, perpetuá-la, lançar no corpo mortal a semente da imortalidade. É por isso que se amam os sexos um ao outro — para se reproduzirem e assim prolongarem o tempo até à eternidade. E é por isso que os pais amam os filhos. Porque a alma dos pais afectuosos cria, não apenas filhos mas também investigadores e companheiros, colaboradores e sucessores na eterna busca da beleza. E que é esssa beleza que todos procuramos perpetuar através do amor? É a sabedoria, a virtude, a honra, a coragem, a justiça e a fé. Numa palavra, beleza e verdade. E a verdade é o caminho que conduz directamente a Deus». Escusado será acrescentar que vibrantes aplausos remataram estas brilhantes palavras do Mestre.

Sócrates dizia que toda a racional demonstração traria como

consequência a acção justa, e que portanto por meio daquela, seguindo um caminho inteligentemente traçado, a virtude poderia ser aprendida, e ainda mais — praticada. Sim — isso teòricamente é exacto — e pràticamente também o é, para aqueles que como Sócrates conseguem agir na vida consoante os conceitos formulados pelo seu raciocínio. Mas, tirando estas raras excepções, é isto o que a vida dia a dia nos mostra? Não é preciso sequer dois minutos de reflexão para verificarmos que não. Com efeito, quantas vezes convencemos um indivíduo a praticar um certo acto A e deixar de executar um outro B; apresentamos os nossos pontos de vista, a nossa argumentação — e o indivíduo, numa determinada altura, sinceramente, confessa que se encontra vencido; a razão está do nosso lado. No entanto... sim, no entanto, embora o seu raciocínio lhe mostre claramente que é o acto A que deve praticar, embora ele veja que não está procedendo de acordo com o raciocínio, executa o B. Porquê? Porque motivo falha aqui a teoria de Sócrates? Simplesmente, porque o genial filósofo se esqueceu de acrescentar a frase *a recta evidência tem como consequência a justa acção, as palavras, desde que o indivíduo seja espiritualmente evoluído,* caso contrário o seu «inconsciente colectivo» obriga-o a não cumprir esta lei... teòricamente exacta! Da mesma forma poderíamos criticar a sua afirmação: «Existe necessária conexão, por um lado entre a virtude e a felicidade, e por outro, entre a perversidade e a desdita».

Sócrates acreditava na existência dos *Guias*, e ainda mais, era o próprio a afirmar que em todos os momentos difíceis da sua vida ouvia a voz dessa entidade no sentido de o desviar de qualquer caminho que lhe fosse prejudicial. «Esta voz — afirma ele — não intervém senão para me desviar daquilo que vou fazer; ela nunca me leva a fazer qualquer coisa». A estes espíritos tutelares os antigos chamavam «demónios» que a Igreja Católica, inspirada na sua «origem divina» (?!) traduziu logo por espíritos inferiores, diabo. Infelizmente os protestantes deram-lhe idêntica significação.

No entanto, tudo isto é errado, porque os «daimon» dos gregos eram espíritos de elevada categoria, e não espíritos inferiores. Lamartine, falando acerca do filósofo diz: «Sim, ele era inspirado, ele o diz, ele o repete; e porque recusaremos nós acreditar no homem que deu a sua vida por amor da Verdade? Há aí muitas testemunhas que valham a palavra de Sócrates moribundo?... Sim, ele era inspirado... A Verdade e a sabedoria não são nossas: elas descem do Céu aos corações escolhidos que são suscitados por Deus segundo as necessidades dos tempos». (Vide «La Mort de Socrate» do autor). De facto se «demónio» fossse a designação de um espírito *inferior*, como a Igreja quer, como se compreende que tal espírito *inferior* tivesse ajudado Sócrates a livrar-se dos perigos? Mistérios da Igreja, que nos não é dado desvendar...

Infelizmente porém a grande maioria dos humanos revolta-se quando alguém lhes mostra os podres em que têm vivido, as misérias com que têm pactuado, os erros que têm feito! Sócrates não podia ser uma excepção, e por isso, simplesmente pelo facto de ser um batalhador incansável pelo bem da Humanidade, foi perseguido como perigoso para a sociedade. Até que um dia — triste dia esse para a história das misérias humanas — ao passar de manhã pela Praça do Mercado, encontrou a seguinte acusação afixada.

Sócrates é culpado de crime: primeiro por não adorar os deuses que a cidade adora, mas introduzir novas divindades suas; segundo por corromper a mocidade. A pena que lhe cabe é — a morte.

Quem influiu na afixação desta infame acusação foi um mercador de couros, chamado Anito, pelo simples facto de seu filho ter sido aconselhado por Sócrates a desembaraçar-se da tutela da família para se dedicar ao estudo da filosofia.

Sócrates se desejasse poderia escapar à pena de morte, pois segundo a lei ateniense, uma pessoa que se encontre nestas circunstâncias pode optar pelo exílio. Mas para ele—para quem passara a vida à procura da Verdade — que lhe podia interessar a morte do corpo, se *sabia* que a alma continuaria a existir? Que lhe importaria que amanhã suas mãos, pés, braços, não fossem mais do que um simples amontoado de matéria em desagregação, de cheiro nauseabundo e forma confusa, se as suas ideias, as suas teorias, o seu amor pela Humanidade, continuavam com ele? «Enfrentemos a morte — dizia — como enfrentámos a vida, corajosamente... Não consiste a dificuldade, oh juízes meus em fugir à morte, mas à culpa, pois esta é mais veloz do que a morte, e agarra-nos com muito mais rapidez...».

No último dia em que permaneceu na Terra, foi rodeado pelos seus amigos, que até ao último segundo, queriam estar com aquele que lhes deu a coisa mais bela da vida, o tesoiro mais rico deste mundo — a luz espiritual. Sócrates encontrava-se calmo, ao contrário dos seus amigos, que se entristeciam por ser aquele o último dia em que estavam com seu Mestre. Falando do Além, Sócrates dizia: «E lá, meus amigos, ninguém é morto pelas suas opiniões... Alegrem-se portanto, e não deplorem o meu passamento...».

Quando a tarde findou, entra o carcereiro com uma taça de cicuta. Sócrates, calmo, sem a menor hesitação bebeu o veneno... enquanto as lágrimas corriam pelas faces dos seus amigos; ao reparar nisso ainda teve a coragem para dizer: «Que tolice é essa? Mandei embora as mulheres, principalmente para evitar uma cena semelhante... Aquietem-se pois e deixem-me morrer em paz». Os discípulos, perante esta ordem, envergonhados da sua inferioridade, não choraram mais, mas no íntimo, no interior da sua alma, existia já o luto, o vazio, a tristeza pelo desaparecimento daquele que os ensinara a Viver.

O veneno começa a fazer o seu efeito e a vida começa gradualmente a fugir daquele corpo. E Platão no seu *Fedon* descreve os derradeiros momentos daquele corpo: «E houve então um movimento convulsivo e os olhos de Sócrates imobilizaram-se. Tal foi o fim do nosso Mestre a quem posso verdadeiramente chamar o mais sábio, o mais suave e o melhor de quantos homens jamais conheci».

por ANTÓNIO CARDOSO

Médium Extraordinária

Simples operária em Agen, conversa com os mortos e cura doentes

(Do jornal parisiense «La Presse» transcrevemos o seguinte artigo, cuja essência verdadeiramente significativa demonstra o interesse que suscitam os fenómenos psíquicos).

A Elite, cada vez mais numerosa, que se interessa pelos fenómenos ocultos, vê-se obrigada a raciocinar sobre as experiências recentes.

As de Eusápia Palladino ou Rudi Schneider, ainda que apaixonantes, são já antigas e... digamos a verdade... muito remexidas. Além disso, encontram-se registadas em todas as obras que tratam de Metapsíquica.

Teremos de concluir que o último meio século não oferece aos investigadores esses passivos cheios de potencialidade, tais como sabia descobrir o sábio dr. Osty?

Entretanto, ainda há médiuns em França. Madame Georgette Bussat, Rua 14 de Julho, em Agen, fornece a prova viva e irrefutável...

★

Antes de mais nada, é preciso dizer que M.me Georgette Bussat não é profissional do Além. É uma simples operária de conservas, de 30 anos de idade e mãe de três filhos. De boa saúde e físico agradável, todos que a conhecem elogiam a sua afabilidade.

Além dessas qualidades originais, M.me Bussat é médium. Se coloca as mãos sobre a mesa, o móvel anima-se, estala, ondula, volteia, parecendo derrogar as leis físicas conhecidas.

Coisa notável, o fenómeno produz-se em qualquer parte e em qualquer altura, na sombra ou em plena claridade.

Basta que imponha as mãos e concentre a vontade. Tudo se passa então como se uma alavanca invisível levantasse a mesa.

Até aqui, nada difere das experiências que tantas vezes se têm realizado. No entanto, os metapsiquistas concordam em reconhecer que a «técnica» dos médiuns consistia em recolher a energia vital normalmente exteriorizada pelos assistentes à experiência e empregá-la para provocar, entre outros, os ruídos ou movimentos anormais da mesa. (1).

Ora, Georgette Bussat é capaz de produzir os fenómenos sem auxílio de qualquer assistente. Seu fluido pessoal supre qualquer ajuda exterior e só esta faculdade bastaria para classificar a jovem agenesa entre os médiuns vivos mais notáveis. Mas há melhor...

Logo que há quatro ou cinco anos teve a revelação fortuita do seu dom, Georgette não ficou positivamente encantada. Antes pelo contrário! A força misteriosa que fazia dela um ser aparte causava-lhe até um certo receio e teria abandonado todo o género de experiências, se o pai não a tivesse gradualmente incitado a tornar-se uma espécie de traço de união entre os contemporâneos e o mundo invisível.

Contudo, a ligação entre as pancadas da mesa e a sua significação especial não se estabeleceu logo no espírito da médium.

Donde provinha o seu fluido? Que queria dizer essa agitação frenética dum móvel sob os seus dedos? Não estava preparada para obter a resposta a tais perguntas.

Um dia, a pedido de seu pai, juntara-se a um grupo de amigos que em vão pretendiam fazer girar uma mesa. Ela impôs as mãos sem acreditar um segundo no seu poder e, contra todas as espectativas, a mesa girou...

Outros ensaios se seguiram, igualmente concludentes.

Precisemos agora que a senhora não é mística.

A hipótese espirita é para ela tão estranha, como a mecânica ondulatória ou o processo de desintegração do átomo. Quando se chegou ao fim das suas experiências ainda ela não tinha ouvido falar de Allan Kardec nem do coronel de Rochas. Além disso, sem ser precisamente ateia, a prece é-lhe desconhecida. Pratica a moral das pessoas honestas e nunca lhe passou pela ideia o problema da sobrevivência. Portanto, nada de predestinação especial no seu caso.

(1) Ver «O homem e os Imponderáveis», do dr. Oudinot, editor Dougles.

Apesar disso, os espíritos (ou aquilo que se convencionou chamar como tal) responderam às suas evocações.

Primeiramente foi sua avó, depois sua mãe e depois o senhor Banabera, ex-jornalista que morreu em França após o seu regresso da deportação.

Note-se que, se esse sr. Banabera alguma vez falou com o pai de M.me Bussat, esta só o viu em raras ocasiões e já se não lembrava dele.

A conversação estabelece-se segundo normas usadas pelos espiritas. O número de pancadas corresponde às letras do alfabeto e algumas abreviaturas convencionais aceleram a elaboração das respostas.

Graças a seus guias, M.me Bussat pode dar certas informações que um simples mortal não poderia recolher: objectos perdidos, previsões diversas, pesquisa de pessoas desaparecidas, numa palavra, tudo que é causa de inquietação ou de tormento, à excepção de perguntas relativas à vida sentimental dos consulentes.

Em assuntos deste género Georgette não faz intervir os seus guias, já porque não acredita na infalibilidade deles (não se trata, em verdade, de entidades superiores), já porque compreendeu, por instinto, que a natureza das respostas é função da *moral* da pergunta formulada. Um pouco como se os amigos invisíveis quisessem prestar o seu concurso a uma angústia real, mas recusando-se tenazmente a satisfazer os simples curiosos, em males de amor ou faltas de dinheiro.

Em troca, aqueles que sofrem (ricos ou pobres) podem contar com o seu apoio. E não ficaríamos admirados se ela enfileirasse um dia junto dos que Pierre Neuville tão verìdicamente arquivou no seu famoso livro «Os Melhores Curadores de França» (A. P. D. Editores, 8 Rua do Crescente, Paris).

Porque M.me Bussat não se limita a perguntar aos espíritos a natureza duma doença ou lesão. Mais do que isso: põe o seu fluido excepcional ao serviço dos doentes.

Georgette Bussat

Como age a força radioactiva que lhe irradia das mãos pertence à ciência defini-lo.

Os resultados estão lá, sem medicação, sem preces, sem encantamentos.

M.me Bussat curou reumatismos, doenças do fígado, constipações rebeldes, úlceras varicosas, queimaduras, e ùltimamente salvou a mão esquerda dum acidentado de La Rochelle que, depois de alguns meses de tratamento infrutífero num hospital, se havia resignado a sofrer a amputação.

A auto sugestão não tem nada que ver aqui. Os bebés de 10 meses ou 2 anos a quem ela cura de convulsões, não experimentam, na sua presença, esse sentimento de fé profunda que condiciona os milagres.

Aqui há outra coisa. Porque a auto-sugestão também não serve para os animais doentes que Georgette Bussat restitui à saúde, pela simples imposição das mãos.

É preciso dizer também que, sem nunca ter entrado numa sala de anatomia, põe no seu lugar nervos e músculos deslocados. Quem lho ensinou? Ninguém. Ninguém também ensinou a ciência da harmonia ao jovem Mozart ou a extração de raízes cúbicas ao calcular analfabeto Inaudi.

Georgette Bussat é também um ser de excepção. Ela possui as qualidades inatas que marcam os grandes médiuns:

Mediumnidade mecânica, demonstrada pela mesa, como levitações e outros fenómenos físicos...

Mediumnidade consciente, graças à qual, (sem entrar em hipnose) pode comunicar com o mundo invisível...

Mediumnidade curadora, manifestada pelo fluido curativo irradiado de suas mãos.

Só lhe resta utilizar tudo isto pelo melhor. Quer dizer, em benefício dos mais desgraçados.

Sabemos, que ela se dedica a isso com o espírito mais altruista.

(Traduziu Mário Bacelar)

ECOS DO ALÉM...

IV

Na sessão de 7 de Junho que descrevi no último capítulo há um caso muito curioso que omiti e que agora vou referir, pela importância que reveste. Depois de uma narração que não vem ao caso, D. Maria Bacelar informou:

— Vejo ali o rapazinho que costuma estar ao pé daquela porta. E diz: «Que pena eu não estar aqui! Está a Gena?».

Trata-se do espírito de um vivo que àquela hora (23,30) foi atraído à sessão. E a médium descreve:

— Ele tinha botas de cabedal e estava fora da sua terra. Anda a correr e abraça-se a um homem magro e doente, não muito alto, que está triste e apoquentado. O garoto segue de combóio para qualquer lado e de vez em quando vai à terra onde está o homem, que gosta muito dele, mas não lhe mostra boa cara, em virtude da tristeza que o invade. Este homem parece que vem cá ou pensa nesta casa. Parece que vem... E a D. Maria conheceu o garoto. Olha para ele e ri-se.

— Tinha predilecção por ele?

— Quase tanto, como pela Gena.

A médium continua:

— Agora, o garoto é mais pequenino. Parece que encolheu. Vejo na mesma casa uma mulher idosa e doente, com pensamentos ocultos contra qualquer pessoa que lá vive. Ou é o seu pensamento que lá está preso. Há ali uma pessoa de quem ela gosta muito e outra de quem não gosta... Quando o garoto era pequenino, ainda estava viva e era doente. Agora, o garoto é crescido e ela é espírito. Andava de preto... Usava fato preto e era escura por dentro... Tinha maus pensamentos e diz-me:

— Para que me descobres?

— Para que vejas a verdade, replica a médium.

— A verdade... a verdade... Hei-de agarrá-lo e levá-lo comigo (E agarra-se a um homem).

A médium prossegue:

— Ouço vozes que não percebo. Agora, essa mulher está com um rapazinho ao colo... Ele vai crescendo... Faz-se homem. É o homem a que ela se agarra. Parece filho... Estou a ver que o criou... Mas quando ele era pequeno não moravam naquela casa. Era noutra. Parece que estão em situação mais desafogada. Há um homem que também morreu e que a afasta do caminho e ela empurra-o. É um espírito que lhe pertenceu e lhe diz: «Não faças isso!». Mas ela empurra-o e retruca-lhe: «Deixa-me».

Este caso faz-me entrever uma série de personagens bem delineadas. Vejo-as claramente e ser-me-ia fácil nomeá-las. Algumas já foram vistas atrás, em circunstâncias diferentes. É pena que não possa analisar aqui o assunto. Tenho a certeza de que o leitor ficaria impressionado como eu fiquei. Ouvindo a médium relatar com tanta fidelidade, chegaria a pensar que ela teria assistido aos acontecimentos. O garoto, as botas de cabedal, o homem magro, o portão de ferro, as flores, a casa grande caiada de branco, tudo isto é exacto, tudo isto baila na minha retina como coisa indelével. Depois, as cenas que se sucedem no tempo estão perfeitamente ligadas, evidenciam caracteres e sentimentos que brotam das almas, semelhando nascentes que alimentam riachos e se transformam em rios caudalosos. Se eu pudesse falar e localizar as cenas, veriam quão pequeno é o saber humano que circunscreve os maiores problemas ao recinto estreito de mão que se fecha ou de olhos que se abrem para a matéria que nos cerca. Mas eu não sou cronista no sentido vulgar do termo e limito-me a tocar em certos pontos para não ferir susceptibilidades. É que há verdades que não devem dizer-se. A sua repercussão originaria melindres que não quero provocar.

★

Na sessão de 14 de Junho, a médium diz, referindo-se a Lia:

— Já cá está. Está também a senhora loira.

— Qual o aspecto de Lia?

— Mais satisfeita.

— Ainda perdura a impressão de 31 de Maio? (1).

— Menos — diz o espírito comunicante —. A pouco e pouco irão compreendendo.

Aqui mudei de assunto e perguntei se outra entidade me erguia os braços, quando eu recebia as Mensagens. A resposta não se fez esperar:

— Reper-Siam. Às vezes somos ambos. Outras vezes sou eu só.

— Porque demorei tanto a receber a Mensagem de hoje?

— Estavas cansado.

— Lês o que escrevo?

— Sim. Estou encostada ao teu ombro e leio...

— Mesmo sem eu pensar?

— Não é preciso. Sei o que te vou ditar, preparo o campo e espalho as ideias.

— Necessitas de tanto tempo de preparação?

— Conforme o teu estado.

— O livro já vai em meio? (1).

— Ainda não. Mas não deve faltar muito.

— Alguém te ajuda a ditá-lo?

— Não.

— Qual o objectivo desta obra?

— Espalhar doutrina.

— Cá não eras escritora...

— Escrevia outras coisas e escrevia bastante. Aqui tenho novos conhecimentos e posso iluminar melhor certos espíritos.

— O livro deve ser publicado logo que esteja concluído?

— Sim, mas depois de bem revisto. Não deve faltar nada do que desejo. Quero uma obra harmoniosa.

Segue-se uma vidência muito interessante e que deixo de narrar, por me faltarem elementos de prova. Pareceu-me tratar-se do meu amigo João Amado Venâncio, então na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Dei à médium uma fotografia da família Venâncio e declarou, apontando o Venâncio, que ela desconhecia inteiramente:

— Este já cá esteve em casa e falou no centro (2). Parece que é de uma terra portuguesa. Foi para longe já crescido. E tem casa numa terra provinciana, com árvores de fruto e vinhas. Ainda tem pai e mãe, pessoas idosas, nessa terra...

Tudo certo, certíssimo. E deu muitos pormenores que depois reconheci serem verdadeiros, quando aquele meu amigo chegou a Portugal com a esposa.

— Que faz o rapaz que se vê na fotografia?

— Estuda — diz a médium.

É verdade. É o Eloi, o filho de João Venâncio.

Agora volto à conversa interrompida. Queria saber uma particularidade. Quando utilizo a comunicação pelos braços, sinto-os mover quinze a vinte segundos depois de formular a pergunta.

— Porque será? — inquiri —. É o processo da mesa?

— Deves ter paciência e saber esperar.

— É necessário saturares-me os braços de fluido?

— Com certeza.

— Então é essa a demora?

— São as duas coisas.

— Não haveria meio de comunicação mais perfeito?

— Vamos indo devagar. Já muito conseguiste.

— Sou exigente?

— Um bocadinho...

— Deves gostar da minha exigência...

— Mas nem sempre pode ser satisfeita.

— Às vezes, talvez sofras com isso. Queres transmitir uma ideia e...

— Tenho que esperar a ocasião.

---

(1) Referia-me à sessão em que foram revelados acontecimentos relativos ao nosso matrimónio e que a deixaram muito pesarosa.

(1) Referia-me ao livro «Dois Mundos».

(2) Exacto. João Amado Venâncio esteve em minha casa no ano de 1946 e falou no Centro E. Luz e Amor.

— *Sucede-te como nos últimos dias. Andas triste.*

— *Hoje estou um pouco melhor.*

— *Se a comunicação fosse mais perfeita, andavas mais contente...*

— *As comunicações vão-me satisfazendo.*

— *Alegra-me a resposta. Quando te aproximas de mim tens sempre que me dizer?*

— *Nem sempre.*

— *Vens matar saudades...*

— *Venho ver como tudo segue.*

— *Agora, pouco te interessa a vida material...*

— *Interessa-me a vida dos que lá deixei.*

— *Essa é normal. A mim, interessa-me a tua.*

— *Com a minha não te preocupes.*

— *Porquê?*

— *Porque vai bem. Sou feliz onde estou.*

— *Andas em viagem?*

— *Auxilio onde sou precisa. Trabalho. Ajudo a levantar os que caem.*

— *Queres que leia a Mensagem em que falas nisso? (1).*

— *Se achas necessário...*

Leio a Mensagem e pergunto:

— *Lembras-te dela?*

— *Lembro-me de todas.*

— *Tens boa memória. Sempre tiveste...*

— *E agora, melhor. Essa é a minha vida actual. A minha e a de milhares de espíritos.*

— *É uma bela missão.*

— *Aqui somos irmãos de verdade. A fraternidade é real.*

— *Um por todos e todos por um. O nosso amigo Reper-Siam ditará o prefácio da obra?*

— *Talvez no fim.*

— *E quem o receberá?*

— *O mesmo que recebe as Mensagens.*

— *Lembras-te das que dele recebeste na Terra?*

— *Lembro. Algumas bem amigas e bem bonitas.*

— *E quando eu me arreliava por ele nunca estar satisfeito connosco? Exigia muito de nós...*

— *E também me lembro da paciência dele.*

— *Foi mais do que um pai.*

— *Um pai e um amigo.*

— *Fazem-me falta as suas Mensagens.*

— *Não tens agora as minhas?*

— *É o que me vale. O fardo é muito pesado.*

— *Todos nós temos um fardo.*

— *É a nossa cruz.*

— *Cruz, não. Cruz foi a do Cristo. Mas injusta. As nossas são justas, não são cruzes.*

— *Mas tenho força para a suportar.*

— *Muito me alegro.*

— *Espero empregar bem o tempo que nos separa.*

— *Quanto melhor o empregares, mais te aproximarás de mim.*

— *Ainda sentes perturbação?*

— *Estou quase liberta.*

— *Andas com Reper-Siam?*

— *Nem sempre. Também tem as suas missões. Mas, mesmo de longe, acompanha-me em pensamento.*

— *E teus companheiros eram velhos conhecidos?*

— *Uns, sim; outros, não. Um era João.*

— *É um dos teus melhores amigos?*

— *É.*

— *Mas ele não acreditava. Ou acreditava?*

Agora é a médium que descreve:

— *Ele lia. Lia muito. Era instruído. Mas não vivia em Lisboa... Vivia numa terra onde há um rio quase ao meio, com árvores... E há uma avenida com casas ao meio. E há uma avenida com casas só de um lado, longe do rio. É uma cidade. E nessa terra anda um espírito branco iluminado... com tranças muito loiras e olhos azuis e tem crianças: um rapaz e meninas... Um palácio ou casa grande de pedra de cantaria e um vestido de cauda. Parece que a mataram, parece muito aflita e anda por lá... Alta, esbelta. Bem proporcionada. Grandes tranças...*

— *Estará ligada ao espírito de João?*

— *É muito mais elevada do que ele.*

---

(1) *Referia-me ao capítulo 29 de «Dois Mundos», intitulado «Missões de Auxílio».*

Disse que a mataram e aponta para dois meninos e uma menina. Um era mais velhinho. Cresceram...

Este assunto fez-me lembrar um drama antigo de loucura. Eis por que inquiri:

— Não te lembras de quem era João?

— Andou comigo pela mão, quando eu era pequena. Mas havia mais meninas de família...

D. Maria Bacelar elucida:

— Parece que eram três. Duas parecem da mesma casa.

— Ainda estão na Terra?

— Uma está; a outra, não.

— Não queres fazer recomendações especiais?

— Concentra-te amanhã, se não estiveres muito cansado. Estarás menos tempo.

— É continuação do livro?

— Amanhã não é do livro.

— Devo estar lá à mesma hora?

— Sim. É bom ser a horas certas.

— Lembras-te do parentesco que tinha connosco esse amigo João?

— Tio.

— Eu escrevi-lhe em circunstâncias anormais...

— As coisas desagradáveis procuramos esquecê-las.

— Foi sempre muito nosso amigo.

— Muito.

E a médium, num aparte:

— Diz que ele era um pouco ríspido, mas bom.

Continuo a perguntar:

— Que faz ele agora?

— Ajuda os fracos. Ilumina os ignorantes.

— Levou mais tempo do que tu a compreender o seu estado espiritual?

— Levou. Tinha mais contas a ajustar.

— Então viste a beleza da doutrina espirita...

— Não vi só agora. Já a tinha visto. Por isso a queria espalhar.

— Um dia chegaste a ter receio de que o Espiritismo me conduzisse à loucura. Lembras-te?

— Criancices.

— Tenho o mesmo equilíbrio de sempre e tu o mesmo desejo de nos auxiliar.

— É o meu desejo maior. Auxiliar a todos que de mim precisem.

— Estou satisfeito com tudo.

— Graças a Deus!

— Só às vezes me amargura a saudade.

— Procura reagir.

— Há momentos de fraqueza.

— Todos os temos. É compreensível.

— É o vazio que se forma à nossa volta.

— Como um apoio que nos falta.

— Mas depois surgem as Mensagens e levanto-me...

— Vamos conversando aos poucos.

— É uma grande felicidade.

— Nem todos a têm. Talvez bem poucos.

— O Leopoldo Machado lamenta-se do isolamento.

— Não lhe resta a consolação que tens...

— Não lhe podes dar notícias de D. Marília?

— Está longe, numa boa missão.

— Vens sempre às nossas sessões das quintas-feiras?

— Sempre que mo permitem. Quando tenho serviço, venho em pensamento.

— E quando ditas as Mensagens?

— Estou junto de ti.

— Sempre?

— Sempre. Não me sentes?

— Sinto. Mas também sinto erguerem-me os braços. Julgo que és tu e às vezes não serás.

— Mas estou presente.

— E porque os não ergues tu, se me dirigo a ti e não a outro?

— Nem ao nosso pai? (E ri-se). (1).

— Que pai?

— Ao Reper-Siam (Ri-se novamente).

— Responde por ti?

— Se está presente, ajuda. Somos dois amigos que se ajudam mùtuamente.

Neste relato há coisas que impressionam pela veracidade com que são apresentadas. Infelizmente, ainda não posso

---

(1) Quando minha mulher começou a receber mensagens de Reper-Siam, *fomos informados espontâneamente de que, noutras vidas, havíamos pertencido ao mesmo agregado familiar, na China e na Irlanda. O ano passado, D. Maria Bacelar viu* Reper-Siam *com duas crianças pela mão, as quais iam crescendo, até se transformarem em* Lía *e no autor desta obra... Agora compreende-se a alusão ao* pai...

EM FRENTE

por F. NORONHA

Parar é fenecer. E não está certo com a psique humana deter-se, enquanto o arcaboiço pode obedecer-lhe às determinantes.

Também não está no senso lógico volver à rectaguarda, perdendo avanço, em recuo vexatório.

As aspirações das nossas faculdades revelam-se e identificam-se no rumo do Infinito.

O espírito, a alma, enamora-se de ascese.

Enleva-se no Além, vislumbrando o Inefável.

Tem a certeza, de raiz, na existência duma Coisa que não vê, que os sentidos não lhe alcançam, mas que a consciência proclama.

O espírito é uma verdade, e a lei uma conclusão axiomática de raciocínio fulgurante.

Verifica-se norma assente no Universo, unidade de energia nas revoluções matemáticas dos corpos celestes na amplidão do Espaço, dirigência absoluta e obediência completa, dentro e fora do plano orgânico, independente de nossa intervenção precária.

Não haja renitência. Lembro, a propósito, uma frase do autor da obra, «Da Imitação De Cristo»: «Perfeita vitória é de si mesmo triunfar.»

Quem ler com atenção o livro *Dois Mundos*, há pouco a lume, e já em 2.ª edição, perceber-se-á por certo habilitado para semelhante vitória, e se todos o percorressem, constituiriam um bloco potentíssimo com incidência ética e moral através do elemento populacional do globo.

Neste momento mantém-se viva, e assim está lançada, sem sombra de nulidade revogativa, uma decisão parlamentar da nação britânica, enobrecedoura do povo inglês e da sua pátria, e honrosa, sem favor, aliás, para o Espiritismo.

Aludo ao famoso projecto de lei concernente a médiuns fingidos, agora letra definitiva em todo o ambiente da Grã-Bretanha.

Algumas das figuras de maior prestígio entre os espiritas, floresceram e florescem naquele país que William Crookes, Lodge e tantos outros puseram em evidência experimental. De lá nos atinge, nesta hora, um rádio prático de fulgor vivente, que o bom senso aceita e aplaude, ficando norma para idênticas iniciativas através da terra, na esfera de racionalidade.

É incontestável que o livro atrás citado, recebido por capítulos ditados pelo espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos ao esposo nunca abstracto, é uma prova de constância no ideal e um testemunho de alma depurada na convicção de bem servir.

Quando mesmo pondo de parte a ideia espirita, a sua leitura tem o condão de edificar igualmente os *in albis* em matéria de espiritismo, sedentos de bons textos e ponderados no campo analítico.

No sujeito caso torna-se recomendável segunda leitura, de percurso atento. A autora demonstra interesse de verdade, clareza de raciocínio, pronto acesso de compreensão a todos os graus de entendimento.

E, assim, conseguiu proporcionalidade preciosa de eficácia, falhada ou errónea em inúmeras elaborações impressas.

Fez-se esta luz no meu espírito, posteriormente à exteriorização do meu sentir acerca da publicação referida, em número precedente deste mensário. Permanecendo, porém, a oportunidade e conservando índole própria, aqui acomodada, completo o meu pensamento a tal respeito, não ferindo a sua expressiva modalidade.

Cobri as presentes linhas, intitulando-as: *Em Frente*.

É a lição do Tempo no relicário da História, que patenteia a marcha evolutiva da humanidade, por entre fenonimia de todas as categorias, tanto quantitativas, como qualitativas.

O Espírito de modo algum é alheio ou estranho à evolução. Debalde o seria, se o preocupasse contrariá-la.

Aperfeiçoar-se e aperfeiçoar é subir, subir sempre, transcender.

A Arte jamais se satisfaz consigo mesma.

falar alto. Há obstáculos que mo impedem terminantemente. Alguns leitores, porém, saberão tirar o véu da letra e apontarão fàcilmente as personagens. Eles que o façam, se quiserem. Eu limito-me, como já disse, a reproduzir os factos e a contar as minhas impressões. Isto faz-me pensar. Faz-me pensar mais do que eu queria. Se a médium não assistiu pessoalmente aos acontecimentos, nem conheceu os comparsas, como se explica esta série de revelações extraordinárias?

AYER Y HOY

Al Doctor y Licenciado en Derecho, el Caballero y Cristiano Español y Alcalde Honorario de el Ferrol, Don Rodrigo SÁNZ LÓPEZ, como inolvidable recuerdo de su discípulo, en el doce aniversario de su fallecimiento.

Ayer le vi rozagante
lleno de luz y de vida,
hablando animadamente
con placentera sonrisa,
entonando mil canciones
de las muchas que sabía,
y contándome varias cosas
de las muchas que vivia.
Hoy contemplando su nicho
donde la tristeza anida,
frío, negro, silencioso,
insensible a mis diatribas,
me digo yo: Cielo santo!,
en esto acaba la vida?
Todas aquellas promesas,
todas aquellas delicias
de proyectos venturosos,
de virtudes escogidas,
concluyeron para siempre?
Murió su enseña bendita?
Las frases de amor eterno,
eran acaso mentiras?

Oh!, no, no, yo no lo admito,
Dios es la suma Justicia
y no puede permitir
que en un desgraciado día
se rompan todos los lazos
que formó su esencia misma.
Eran sublimes verdades
que sin tregua fructifican,
y El, que quiso que nacieran,
ha de querer que subsistan.
Como? Pues obrando bien
y mirando siempre arriba.

Desde lo alto Vd. me habla,
sin descanso me protege,
y con frecuencia, me inspira...

I yo, que ansioso recojo
los efluvios que me envía,
más que nunca ahora le quiero,
y propicio le dedico,
mis recuerdos permanentes,
mi amor, mis versos, mi vida.

EL FERROL

Elias López,
26-8-951

O mesmo ocorre em todos os campos de actividade humana e em toda a atmosfera do ente pensante.

Neste sentido, o espírito é o privilegiado da grei, é aquele que remonta ao astral, que, perante a agonia de Jesus, se enleva, no Calvário, até o véu do Além na crença firme da imortalidade. O Espiritismo é uma força de coesão imaterial, valorizando-se em si própria, com a arma diamantina da prece.

Sabe de si e reconhece o Deus das alturas, ouvindo-se interiormente, e fixando os órgãos da visão física no panorama da imensidade.

Tão belamente provido, é trepador de grimpas por impulso espontâneo voluntário, e rasgador de enigmas por intimativa serena de consciência livre.

O que não poderá levar a peito e executar cabalmente o Espiritismo, integrado pelo vínculo resistente da Fraternidade em sua missão doutrinária e de cogitar científico?! Cabe-lhe, compete-lhe uma obra de bonança incalculável e uma aproximação conciliatória entre indivíduos, povos e nações.

Participa do Decálogo, pelo amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo, da razão imparcial, pelo Direito e Justiça, conteúdos no princípio e virtude de fraternidade, pelo, «em espírito e em verdade», de Jesus, seu grande iniciado.

Em Frente, espiritas, toca-nos avançar num abraço de irmãos, de olhos fitos no Além!

Lia era o espírito comunicante e sabia tudo aquilo que aqui aparece em linguagem sibilina. Só ela poderia ter informado a médium, visto que as informações chegavam quase sempre de surpresa, sem eu ter ensejo de coordenar os pensamentos. Por isso abano a cabeça e digo sinceramente:

— Isto dá que pensar... Isto dá que pensar...

(Continua)

I. D. S.

UMA CURIOSA PROVA

por HENRIQUE DA

Faz, precisamente, agora, sete anos que me encontrava em Coimbra, quando fui instado por um amigo meu, para que realizasse algumas sessões espiritas em casa de uma família sua amiga. Embora não tivesse um médium para me auxiliar nestes trabalhos, mas sabendo que se tratava de pessoas muito sérias e dignas, tentou-me a ideia de constituir um grupo espirita familiar no seio desta honesta família. Possuindo os seus membros boa harmonia de pensamentos, amizade recíproca, moral sã e físico saudável e não sendo sugestionáveis, factores essenciais para se conseguirem bons fenómenos, aceitei o encargo para que fora solicitado.

Esta família era constituída pelo chefe da casa, sua esposa e duas filhas ainda muito jovens, desconhecendo completamente o Espiritismo e os seus fenómenos, porém, ansiosas por os observar, mantendo-se sempre na espectativa, o que representava para mim uma preciosa garantia de seriedade no decorrer dos trabalhos que eu propunha a mim mesmo realizar.

Ignorando se entre os assistentes existia um médium, iniciei as experiências utilizando uma mesa de três pés (chamada de pé-de-galo). E foi por este processo, com o contacto das nossas mãos sobre o tampo, que dei início às sessões. E em tão boa hora o fiz que, logo de princípio, a mesa começou a mover-se ràpidamente e a erguer um dos pés. E uma vez estabelecido um código de sinais, acabou por responder às minhas perguntas, perante a admiração dos meus companheiros que, como já confessei, ignoravam semelhantes fenómenos.

Henrique da Silva Horta

Foi sempre neste ambiente de seriedade e de comunhão de pensamentos que decorreram os nossos trabalhos. Nunca realizámos sessões na escuridão, mas sempre com luz suficiente, para nos vermos uns aos outros. Apenas um papel de seda de cor vermelha em volta de uma lâmpada eléctrica de 40 velas que iluminava suficientemente a pequena sala onde fazíamos as experiências.

Logo nas primeiras sessões obtivemos resultados que nos deixaram absolutamente satisfeitos. As perguntas eram feitas e as respostas não se faziam esperar, com precisão e verdade. Na primeira sessão perguntei à entidade comunicante se tinha dúvidas em declarar a sua identidade. Imediatamente se identificou, o que impressionou bastante as pessoas da casa, por se tratar de uma menina que falecera havia poucos anos e que fora sempre uma boa amiga desta família. A fim de sabermos se, de facto, se tratava desta entidade (que em vida se chamara Maria), fiz-lhe várias perguntas por indicação de Eduarda, a filha mais velha do casal, que fora sua condiscípula e a sua amiga dilecta, às quais respondeu com precisão que não deixou subsistir nos nossos espíritos a mais pequena dúvida acerca da sua identidade.

Os trabalhos seguiram-se em dias fixos e a horas cer-

DE REENCARNAÇÃO

SILVA HORTA

tas, e os fenómenos obtiveram-se em ritmo crescente e de maneira a trazer-nos imensamente interessados e entusiasmados. Todos ansiávamos pelo dia e hora das sessões que, para nós, representavam inefável prazer espiritual. Nas pessoas da casa, desconhecedoras dos fenómenos espiritas, estes trabalhos produziam autêntico deslumbramento.

★

Quase todas as perguntas eram feitas em pensamento e as respostas eram imediatas e de precisão admirável.

Maria, mas que em vida tratavam por «Mimi», declarou-nos em determinada altura que era o espírito-guia daquele lar. Dava-nos conselhos acerca de vários assuntos de interesse para nós, desde os mais simples, até aos de maior importância. As suas frases eram sempre espirituosas e alegres. Nós mesmos acusávamos a sua influência, logo que ela se comunicava. Sentíamo-nos bem dispostos e animados de um bem-estar espiritual e físico difícil de descrever.

Os diálogos que travei com esta entidade foram sempre animados e cheios de interesse, sendo as suas respostas concisas e de uma elevação digna de nota. No decorrer de nossas conversações declarou-me que, tanto Eduarda, como Octávia, a filha mais nova da casa, eram boas médiuns e que era devido a elas que conseguia manifestar-se. Esta confissão animou-me a proceder a várias experiências, no sentido de obter outros fenómenos, tendo conseguido alguns que classifico de interessantes: pancadas nos móveis e na própria mesa onde trabalhávamos; perfume de várias flores, cujo aroma forte era assinalado por todos nós sem que pudesse haver sugestão ou subsistisse a mais pequena dúvida a respeito da sua autenticidade. Estes fenómenos davam-se sempre a meu pedido e sem prevenir os meus companheiros das experiências a que ia proceder.

Mais de uma vez coloquei um lápis em cima da mesa onde trabalhávamos, o qual, embora não se conseguisse erguer, chegou a ser objecto de oscilações observadas por todos os presentes. Então verificávamos que tanto dos dedos de Eduarda, como dos de Octávia, seguia em direcção ao lápis uma claridade que, envolvendo-o, algumas vezes o conseguiu mover. «Mimi» dizia-nos então que tentara erguê-lo, mas que os médiuns não lhe haviam fornecido a força de que necessitava para produzir manifestação mais perfeita.

Numa destas sessões, obtive sinais digitais, razoàvelmente nítidos, em ardósia coberta de farinha.

Um dia levei minha mulher a estes trabalhos. Ficou fora da corrente e a distância razoável da mesa em que fazíamos experiências. Disse-lhe que fizesse algumas perguntas mentais e conseguiu respostas que a deixaram surpreendida, embora conhecesse havia muito os fenómenos espiritas.

Queixando-me a «Mimi» da morosidade com que decorriam as comunicações, pois a formação das palavras pelo processo de pancadas roubava-nos muito tempo, declarou-me no mesmo instante que podia transmitir por escrito através de Eduarda e Octávia.

Fiz a experiência nessa sessão, tendo verificado que, de facto, «Mimi» cumpria mais uma vez o prometido. Nessa mesma noite obtive pelas duas irmãs algumas comunicações psicografadas muito interessantes.

Daí para o futuro, os nossos trabalhos aumentaram de interesse, em virtude dos diálogos serem mais rápidos e extensos. Concentrávamo-nos após as preces de abertura e em breve os braços de Eduarda e de Octávia se agitavam num tremor convulso, para em seguida os lápis começarem a correr vertiginosamente sobre o papel, dando-nos comunicações de grande elevação moral e respostas interessantes às perguntas que fazíamos. Nesta altura, outra entidade invisível passou também a comunicar connosco através de Octávia. Na última encarnação havia sido irmã de «Mimi», e chamara-se Luísa, desencarnando após aquela, com a mesma doença que em dois anos vitimou toda a família: pai, mãe e três filhos — a tuberculose.

★

Manifestada nas duas irmãs a mediunidade de escrita mecânica, que de sessão para sessão foi tomando maior desenvolvimento, conseguimos resultados apreciáveis nos nossos trabalhos experimentais. Os assuntos mais diversos, mas sempre elevados, eram discutidos por estas entidades com equilíbrio e coerência admiráveis.

Durante uma das sessões a «Mimi» declarou-nos que a sua passagem pela terra, havia sido interrompida; portanto, tinha de voltar brevemente ao plano físico. E tendo-lhe eu observado nessa ocasião a minha estranheza, porquanto a sua estada no Além era relativamente curta e consequentemente não havia adquirido a devida preparação para voltar novamente à prova, repetiu-me que havia sido uma vida interrompida e por isso necessitava de voltar para maior elevação espiritual, tanto mais que tinha uma tarefa a cumprir que a morte prematura interrompera. E acrescentou mais: que viria a ser filha de Eduarda e do meu amigo, que já estavam noivos.

Como o meu amigo lhe observasse sinceramente e até com deliciosa ingenuidade que não viesse no primeiro ano do noivado, devido a compromissos materiais que surgem sempre que se muda de estado, «Mimi», apressou-se a sossegá-lo, dizendo-lhe que não se assustasse! Dar-lhe-ia tempo para satisfazer os seus compromissos materiais, pois só viria 28 a 29 meses após o casamento. Palavras textuais que todos os presentes fixaram, visto representar para nós uma prova de reencarnação interessante, caso viesse a verificar-se. Quando voltávamos a focar este assunto, tornava a fazer a mesma afirmação, com uma convicção que a todos nós admirava, — acrescentando ainda que viria a ser a segunda «Mimi».

A entidade Luísa a quem passámos a tratar por «Luisinha», também passou a manifestar-se com mais assiduidade pela médium Octávia, dando a esta constantes conselhos acerca dos seus estudos. Esta entidade ainda era mais alegre do que a «Mimi», de maneira que os trabalhos decorriam em ambiente de boa disposição que a todos encantava. As conversações que se estabeleciam entre as duas irmãs desencarnadas eram admiráveis, mormente no que respeitava a «contrôle».

★

Um dia perguntei a «Mimi» se seria possível adquirir uma fotografia sua, ao que ela respondeu afirmativamente:

— Tenho uma tia em Amarante que possui um retratinho meu. Pode pedir-lho.

A seguir, deu-me todas as indicações necessárias, que tive o cuidado de anotar no meu livro de apontamentos. Mas como regressei a Lisboa no dia seguinte, as minhas ocupações profissionais não permitiram que tratasse imediatamente deste caso. Só passados quinze dias escrevi a uma pessoa amiga que reside em Guimarães, mas que vai frequentemente a Amarante, rogando-lhe que procurasse a referida senhora, cujo nome e morada indiquei, dizendo-lhe apenas que uma família de Coimbra que fora amiga da sobrinha desejava possuir o seu retrato. Só passados dez dias recebi uma carta deste meu amigo, onde me pedia desculpa de não me haver respondido há mais tempo, pois só agora tivera possibilidade de se deslocar a Amarante e avistar-se com a senhora em questão, que ficara muito admirada com o pedido, visto sua sobrinha ter falecido havia alguns anos, achando estranho que houvesse ainda quem se interessasse pela sua fotografia. Contudo, emprestava-a, para que a mandássemos reproduzir, mas com a condição de a devolvermos depois, em virtude de ser esta a única recordação que possuia da sobrinha.

Fiquei radiante ao ver esse retratinho que tinha a seguinte dedicatória: «Ofereço esta fotografia à minha querida tia, como recordação do dia em que fiz o meu 5.º ano do Liceu».

No dia seguinte recebi de Coimbra uma carta do pai das médiuns em que me dizia: «A «Mimi», manifestou-se hoje e escreveu por intermédio de minha filha Eduarda a carta que junto...».

Grande foi o meu espanto ao ler a comunicação da «Mimi» que, entre outras coisas, dizia: «enviem esta carta ao sr. Horta, para ele «controlar» a letra da dedicatória da fotografia que tem em seu poder, com a letra desta carta...».

Exultei ao confrontar as letras e as assinaturas; eram sem dúvida idênticas. No entanto, com receio de me haver sugestionado, procurei uma pessoa amiga, cuja profissão a obriga a verificar a letra e assinaturas de contratos comerciais. Quis conhecer a sua opinião, sem lhe dizer o assunto de que se tratava. Depois de curto exame à letra da dedicatória e da carta, bem como as respectivas assinaturas, disse-me que não havia dúvida, tinham sido feitas pela mesma pessoa!...

Fiquei satisfeito com esta prova de sobrevivência. Nem

o meu amigo de Guimarães, a quem incumbi de fazer o pedido à tia da «Mimi», nem esta senhora, nem tampouco o meu amigo que verificou a letra e as assinaturas da carta e da fotografia conheciam o assunto, ignorando ainda hoje o papel que desempenharam neste curioso trabalho experimental. Os meus amigos de Coimbra, quando me enviaram a carta, desconheciam que eu tinha a fotografia em meu poder; contudo, quase no momento em que eu recebia a fotografia, a «Mimi» se manifestava em Coimbra, por intermédio de Eduarda, escrevendo a carta e pedindo para que esta me fosse enviada, a fim de eu fazer o devido confronto. Os meus amigos de Coimbra, ainda hoje desconhecem as pessoas que inconscientemente intervieram neste caso.

Continuámos com relativa regularidade as sessões que decorreram o melhor possível, fornecendo-nos essas duas entidades invisíveis provas concludentes da imortalidade da alma que nos deixaram maravilhados. Cada sessão que se efectuava eram mais provas de sobrevivência que se adquiriam.

★

Passaram-se alguns meses. Eduarda casou com o meu amigo e foi viver para sua casa. Então os nossos trabalhos passaram a realizar-se alternadamente em casa do pai das médiuns, com a médium Octávia; e em casa do meu amigo, por intermédio de Eduarda, sua esposa.

As sessões continuaram, até que numa noite a «Mimi», ao manifestar-se, comunicou-nos que estava preparando o seu regresso ao nosso plano, o que de futuro não lhe permitiria grande assiduidade aos trabalhos. De facto, as suas manifestações começaram a rarear, até que veio despedir-se de nós, dizendo que em breve reencarnaria e que nasceria de Eduarda, como nos havia prevenido, e que esta, muito brevemente, sentiria os primeiros sintomas de gravidez.

Essa sessão deixou lembrança inolvidável a quantos a ela assistiram. A «Mimi» já não se manifestou com aquela alegria e entusiasmo habituais, mas antes lhe notámos manifesta gravidade nas frases e grande apreensão no êxito da nova experiência que ia tentar. Consoante a «Mimi» afirmara, assim sucedeu! Os sintomas de gravidez começaram a manifestar-se em Eduarda e continuaram a acentuar-se dia a dia.

Nunca mais conseguimos falar com a nossa «Mimi», mas ùnicamente com a «Luisinha», pela médium Octávia, que nos ia informando acerca do processo de reencarnação que se operava na «Mimi».

Interrogada a «Luisinha» a respeito do sexo em que sua irmã viria à terra, respondeu-nos que seria uma segunda «Mimi»; isto é, que viria no sexo feminino conforme ela nos afirmara sempre. E como tivéssemos em outras sessões voltado ao mesmo assunto, tornou a fazer-nos a mesma afirmação, mas com uma convicção que não deixou dúvidas em qualquer de nós:

— Podem fazer o enxoval cor de rosa, pois em breve terão uma encantadora menina.

Esta entidade continuou a manifestar-se com a maior regularidade, e o assunto versado era geralmente a volta da «Mimi» ao plano físico.

A minha ansiedade aumentava. Em 7 de Maio último, precisamente vinte e nove meses após o casamento de Eduarda, eu recebia em Faro, onde então me encontrava no desempenho da minha profissão, um telegrama de minha mulher que dizia: «nasceu uma menina de Eduarda». Mais uma vez se cumpriam com precisão impressionante as previsões da «Mimi».

Fiquei radiante, embora estivesse absolutamente seguro de que assim sucederia. No entanto, não consegui encobrir o meu entusiasmo em presença de prova tão evidente de reencarnação.

Já fui a Coimbra ver a «Mimi», a quem os pais baptisaram com o nome de Luísa, como homenagem ao espírito daquela que foi sua irmã na última encarnação e que presentemente é o seu espírito-guia.

É uma menina encantadora, robusta, bonita e alegre. Com um mês apenas já se ri e parece envolver-nos em sorriso acolhedor que nos inunda de felicidade espiritual.

Aproveitando a oportunidade da minha estada em Coimbra, realizei uma sessão com a médium Octávia, em que a «Luisinha» se comunicou e veio felicitar os pais de Luísa, pelo nascimento desta, com palavras de grande elevação, agradecendo também por haverem posto o seu nome à recém-nascida. Fez várias considerações de ordem espiritual e material. Deu conselhos acerca da alimentação a ministrar à menina, que estão de harmonia com as indicações do médico assistente. Relatou-nos também minuciosamente o concurso que foi prestado à mãe e à filha durante o renascimento desta e os variados auxílios que lhes foram prestados por entidades do Além que colaboraram neste processo de reencarnação.

Esta prova de sobrevivência

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

134. ESPIRITOLOGIA. José Cirne. Ed. da Liga Espírita do Estado de S. Paulo; 1948.

É uma obra mediúnica atribuída ao espírito do Irmão Dalva e recebida por José Cyrne, contendo «elementos de ciência venusiana». Recheada de gráficos, contém definições e afirmações que, por vezes, estão muito longe dos conhecimentos ou precisão científicos. A forma de exposição torna a leitura confusa e a compreensão difícil.

Vejamos, no entanto, se nos será possível efectuar anotações sobre um ou outro ponto mais relevante...

Depois que a teoria ondulatória de Young-Fresnel, ultrapassando a concepção de Newton, levou a admitir a existência de um «meio hipotético», de constituição atómica, que seria o éter cósmico, com a mecânica relativista, «em lugar dos espaços interparticulares vazios e sem realidade que em nada participavam dos fenómenos físicos e cujo único papel era o de se deixar franquear por acções a distância, faz-se intervir agora um meio extremamente activo, que não é «vazio» se não porque é impalpável, mas que em todos os fenómenos que nós atribuímos aos corpos palpáveis, manifesta a sua actividade de múltiplas maneiras, porque é ele que transmite, segundo leis que lhe são próprias, as acções de força de partícula a partícula» [G. Mie]. Ora, na obra em epígrafe, diz-se que o éter cósmico «é uma *gasosidade electromagnética*, super-rarefeita, de cuja condensação resulta um *grão sólido* que é o electrão, unidade do fluido vital, perispiritual, etc.». Não se volta um tanto à concepção ondulatória? Que será isso de «gasosidade electromagnética»?

A condensão do éter em electrões, afirmação que lembra a dos atomistas gregos (!), é atribuída à «natureza electronrádio-centrípeta do electromagnetismo etérico»!!! Que será isto?

No capítulo da massa do electrão aponta-se que esta «varia desde o electron do *fluido cósmico* até à do *fluido infra-vermelho*», o que subentende a existência de electrões distintos. Como se operou a distinção? O que é o fluido infra-vermelho? É a radiação infra-vermelha? Neste livro é dado o número 0,0005 gs. para massa do electrão, o que é um erro grosseirísimo! Com efeito, experiências delicadas permitem calcular o chamado número de Loschmiot

$$6{,}06 \times 10^{23}$$

que indica o número de moléculas que se contêm em cada «mol». Ora, sendo 2,0156 o peso molecular do hidrogénio (elemento de molécula biatómica), o peso em grs. do átomo de hidrogénio será

$$\frac{2{,}0156}{2 \times 6{,}06 \times 10^{23}} = 1{,}66 \times 10^{-24}$$

E como a relação entre os pesos do electrão e do átomo de hidrogénio é $\frac{1}{1840}$, temos para peso do electrão

$$\frac{1{,}66}{1840} \times 10^{-24} = 9 \times 10^{-28} \text{ gr.}$$

que nos coloca, entrando em linha de conta com a acção da gravidade, perante um número totalmente diverso para exprimir a massa, um número muitos milhões de vezes menor! Qual a causa deste tremendíssimo erro? O autor tomou para massa do hidrogénio o número (aproximado) com que se representa o peso atómico ou átomo-grama deste elemento, confundindo assim — o que é lamentável... — átomo-grama com... massa do átomo!

Não resistimos a transcrever, a título de exemplo, algumas passagens desta obra para se avaliar do seu estilo:

— «O perispírito vê e o espírito entende *aquilo que foi visto pelo perispírito*»...

— «No estruturamento do perispírito e *demais objectos fluídicos* tem que haver a estabilização dos *fluidos electrónicos*, que é também conseguido à custa de *solda magnética*»...

é das melhores a que tenho assistido.

Estive durante sete anos em comunicação com uma entidade invisível que me forneceu provas evidentes da sua identidade e da sua sobrevivência e que nem uma só vez errou as suas previsões. Tudo foi previsto por esse espírito que preparou a sua reencarnação com o maior cuidado, escolhendo-lhe o sexo, os pais e o lar, e marcando com a maior precisão o dia do seu regresso ao plano físico e anunciando-me o que iria suceder, para que não subsistisse a mais pequena dúvida no meu espírito.

Todos os meus trabalhos foram realizados em família com as mesmas pessoas e os mesmos anseios e desejos de investigação, sem se deixarem iludir ou sugestionar. Um ambiente são e de simpatia mútua auxiliou as nossas experiências e facilitou os fenómenos, que foram devidamente «controlados» e obtidos com uma nitidez que não deixou ficar a mais pequena dúvida da sua realidade.

— «O cerebelo perispiritual é *magnético-elástico*» (?)...

— «Da mesma forma que uma lâmpada só produz luz *quando o negativo puxa a electricidade que é o positivo*, igualmente o indivíduo só move um membro quando nele existe uma «*bobina magnética*» que «puxa» do *cerebelo perispiritual* os necessários *fluidos alimentares*»...

— «é na fase animal *aquática ou psicológica* que adquirimos o instinto referente ao *mundo hidráulico* que oferece uma *enciclopédia hidráulica*»...

Que contraste entre esta obra tão cheia de absurdos científicos, de incompreensões, de erros, com a superioridade da concepção e a transferência do estilo da «Grande Síntese»! Gostaríamos de fazer aqui um comentário circunstanciado das ideias que nela se atiram sob uma fraseologia com neologismos quilométricos, mas... são tantos os pontos que nos chamaram a atenção, que a dissecação... levaria muitos números de «Estudos Psíquicos». E valeria a pena? Os que têm alguns conhecimentos de químico-física, que leiam a obra e que nos respondam... A tal «ciência venusiana» deixa, infelizmente, muito a desejar. Que nos perdôem este desabafo sincero: — livros como «Espiritologia» nunca deveriam ver a luz da publicação, no nosso modesto entender, porque só armas vão fornecer aos detractores do Espiritismo. O que ali se contém é, no geral, uma caterva de afirmações gratuitas sem lógica e sem base científica.

135. *EM TORNO DO MESTRE*. Vinícius. Ed. da F. E. B. Rio, 1948.

Mais uma obra do autor brasileiro que tantas belas páginas de evangelismo nos tem dado. Não se trata aqui do puro comentário ao texto dos Evangelhos, mas de uma exposição de ideias, de sugestões e de conselhos bolsados «em torno» do Pensamento do Redentor, num estilo claro e incisivo.

136. *CENAS DA NOSSA VIDA*. T. J. Papa.

Nesta obra contam-se três peças dramáticas de fundo espiritista. Acção bem movimentada, com diálogos claros e naturais, páginas arrancadas à vida, tão cheia de contrastes.

137. *AS VEREDAS DA PAZ*. Mário Ferreira. S. Paulo, 1948.

Analisando os desencontros flagrantes do viver actual que, cìclicamente, conduzem às hecatombes bélicas, o Autor busca as «veredas da Paz» numa reeducação espiritual do homem, chegando mesmo a propor um «plano de acção». É uma obra sugestiva e digna de estudo e meditação na sua postulatória geral.

138. *FANTASMAS, FANTASIAS E FANTOCHES*. Carlos Imbassahy e Pedro Granja. Ed. Edipo. S. Paulo.

C. Imbassahy e P. Granja, dois *nomes* prestigiosos das Letras Espiritas, associaram-se para uma obra de resposta ao livro anti-espirita do Dr. Silva Melo — «Mistérios e realidades deste e do outro mundo». Desta parceria só poderia provir trabalho excelente pelo poder da argumentação crítica e pela vernaculidade e beleza do estilo.

Pudemos, com o maior agrado, voltar a ler aquelas páginas de fina ironia que caracterizam o tom polémico de Imbassahy e a incisão crítica de Pedro Granja.

Na primeira parte desta obra, Carlos Imbassahy responde às *doutíssimas* afirmações do Dr. Silva Melo com um articulado de argumentos e citações que, se por um lado revelam uma vez mais a sólida cultura do operoso escritor espirita, por outro lado constituem massas muito indigestas se acaso o autor dos «Mistérios» quiser um dia degluti-las... Imbassahy atira as respostas aos lotes de Silva Melo com uma simplicidade e uma facilidade de manejo da espada crítica, que nos faz lembrar a atitude do espadachim consumado a brincar com um florete só pelo prazer de... brincar, de mover o braço. Sente-se que não houve esforço no descarregar de um pesado martelo sobre o bloco aparentemente maciço, erguido laboriosamente pela paciência de Silva Melo.

Na segunda parte, Pedro Granja atira golpes talvez mais contundentes. Permita-se-nos esta imagem: — Imbassahy é um florentino de fino estoque —, picando nos pontos sensíveis mas sem se lançar no lote final, deixando que a vítima caia... por si; Granja é um português de pesado montante, batendo logo com força. Assim, diz o primeiro, a propósito da obra de Silva Melo: — «Colosso, de facto, o trabalho do Professor, mas colosso pelo tamanho. O Autor já começa o seu triunfo pela extensão das páginas. A fim de contraditá-lo, de mostrar-lhe os erros, seria preciso ler aquilo tudo, e aquilo tudo é como a livraria do Jacinto, o do Eça, diante do qual esmoreciam as mais temerárias investidas». E invectiva o segundo: — «Fora dessas especialidade (a especialidade médica do Dr. Silva Melo), porém, perde um pouco o equilíbrio, e quando se mete a discorrer sobre assunto de que não pesca, o tombo é inevitável. Foi o que vimos com o seu volumoso «tratado» de 610 páginas maciças, maçudas e maçantes»!

Através de 400 páginas que se lêem sem cansaço, defendendo a realidade dos «fantasmas», Imbassahy e Granja apontam as múltiplas «fantasias» da obra de Silva Melo, reduzindo-a a um meio... «fantoche» inchado de pseudo-cientismo.

Obra de polémica digna e dignificante, não temos rebuço em aconselhá-la aos espiritas portugueses: — de muito lhes serviria, porque... «cá e lá Silvas Melos há»...

139. COMUNICAÇÕES DE TERESINHA FLORES. Ed. do Centro Espirita Amor e Caridade. Belo Horizonte, 1950.

É um conjunto de mensagens de consolo e conselho ditadas pelo espírito de Teresa Flores através de vários médiuns: — Raul de Carvalho, Francisco Cândido Xavier, António Flores, Henrique Borges e Pedro Machado. Algumas destas comunicações, como «Evangelho», «Abecedário Divino» ou «Mensagem das benções», atingem um alto nível evangelizador dentro de uma admirável beleza formal.

140. CEGOS! — José de Oliveira Rebordão. Lisboa, 1947.

Peça dramática em 1 acto e 9 cenas, é traçada num quadro emocional da maior pureza servido por uma dialogação adequada, quadro que nos compensa quase sempre da imobilidade do episódio. Se em vez das personagens contarem o seu passado as vivessem na cena, o Autor teria criado uma obra mais movimentada e mais forte na realização dos objectivos moralizadores que o norteiam.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

CONSELHO ESPIRITUAL MUNDIAL

O 6.º Congresso Anual do Conselho Espiritual Mundial realizou-se em Bruxelas no Palácio de Egmont, de 14 a 18 de Julho, sob a presidência de Mr. Wittemans, presidente da Comissão Internacional do C. E. M., secretariado por Mrs. Lachambre, vice-presidente, Toussaint, secretário geral, Ruyter, tesoureiro, Mr. Henri Regnault, vice-presidente da União Espirita Francesa, que representava também o Caodaismo de que é delegado em França e a União Internacional das Artes.

O C. E. M. é um organismo cujo fim é unir os espiritualistas de todas as religiões e de todas as tendências e aproximá-los, afastando o que os divide e proporcionando o advento da fraternidade universal. O C. E. M. está inscrito entre as organizações não governamentais da O. N. U. e os seus aderentes procuram resolver em comum os problemas humanos sem abandonar ou modificar suas convicções religiosas ou filosóficas. Longe de ser empresa de conversão, é uma colaboração baseada na Carta Espiritual da Humanidade e destina-se a estabelecer em todos os países uma vasta síntese entre as religiões, as filosofias e as culturas do Oriente e do Ocidente, entre as diversas ideologias e as aspirações da *elite* e das massas.

O objecto do 6.º Congresso foi conseguir o universalismo em matéria religiosa, filosófica e cultural.

Entre as nações representadas estavam Portugal, Espanha, América do Norte, Holanda, o Himalaia, o Tibet, a Índia, Suiça, Dinamarca, Bélgica, França, Grã-Bretanha, Uruguai, Colômbia e Brasil.

Henri Regnault, nosso redactor-correspondente em Paris, apresentou um relatório demonstrando a necessidade da fusão das religiões, que todos os caodaistas consideram possível. O Caodaismo — disse ele — tem a maior tolerância para todos os credos e respeita as consciências. Nos templos caodaistas os fieis veneram o Cristo, Buda, Lao-Tsen, Confúcio e Maomé, assim como todas as mensagens divinas.

No Congresso de Assis, este confrade fez adoptar uma tese, tornando necessário ao lado da declaração universal dos direitos do homem assinalar os deveres resultantes desses direitos. Nesta conformidade apresentou um relatório à Comissão Francesa das Organizações não Governamentais.

Foram apresentadas seis moções e aprovadas por unanimidade:

1.ª — Um apelo às autoridades para que reconsiderem na sua posição doutrinal à luz dos seguintes factos:

De um lado, as mudanças que se operam consagram definitivamente a unidade do mundo; do outro, a obstinação de indivíduos isolados ou em grupo que, por ignorância, agravam os conflitos entre classes, nações e raças, ameaçando a civilização dos maiores perigos. Impõe-se orientar a educação segundo um plano de revisão de valores espirituais através de esforços pessoais inteligentes, tendente à cessação de lutas intestinas.

2.ª — Considerando que a ignorância é a causa principal da intolerância e do materialismo e que a religião universal só pode vir do conhecimento profundo de todas as religiões e filosofias, exprime o voto de que o ensino comparado de todas as filosofias, religiões e místicas seja inscrito no programa dos estudos secundários.

3.ª — O C. E. M. é de opinião que se editem e espalhem, quer por escrito, quer por meios auditivos e visuais, exposições objectivas dos princípios fundamentais de todas as religiões, num espírito de aproximação e união, estabelecendo assim uma vasta síntese entre as religiões, as filosofias e as culturas, a fim de promover a evolução do homem de amanhã.

4.ª — O C. E. M. é de opinião que a questão dos deveres do homem e dos Estados seja estabelecida ao mesmo tempo que a dos direitos universais do homem.

5.ª — O C. E. M. propõe a formação dum grande movimento em que estejam representadas todas as religiões e associações espirituais, independentemente de classes, religiões, nacionalidades ou raças, para conseguir um auxílio tangível e espiritual às colectividades humanas. Como realização imediata, o C. E. M. preconiza o envio à Coreia do Sul e do Norte, por intermédio da O.N.U. e da Unesco, de uma missão de auxílio técnico, cujos quadros poderiam ser fornecidos pelas organizações culturais, filosóficas e religiosas que agissem no seio do C. E. M., a fim de conseguir melhor compreensão entre os homens.

6.ª — O C. E. M. deseja que os projectos da criação de uma aldeia infantil em França e Bélgica sejam patrocinados pelos seus membros e pelas associações fraternais adesas.

MACACO QUE FALA

O jornal brasileiro *Folha da Noite* inseriu uma curiosa notícia que deve alegrar os darwinistas modernos que procuram bordões onde apoiar suas teorias. E embora o eco sensacional venha da decantada América onde a bonomia infantil dá largas ao fantástico e ao inverosímil, não temos elementos para impugnar o asserto.

Por agora, o caso é simples para uns e difícil para outros. A Associação Americana de Psicologia acha-o digno de menção e por isso o gravou em disco no intuito de comprovar o fenómeno. Um chimpanzé falante é coisa rara. Há símios que usam bengala e chapéu de coco, que manejam talheres e guiam automóvel. Este chama-se Viki, tem três anos de idade, veste-se, brinca, dá risadas de criança e é «filho adoptivo» do Dr. Keith J. Hayes, do «Primate Biology» de Orange Park, Florida, e de Mrs. Cathy Hayes. Além disso, diz três palavras e utiliza-as correctamente.

A razão por que o chimpanzé não fala explica-a o Dr. Hayes na sua exposição. Ele que o diz, lá tem suas razões. Não é porque tenha algum defeito na cavidade bucal ou em qualquer órgão da fonação, nem por falha de inteligência, pois os «tests» mostraram que Viki tem o cérebro semelhante ao de uma criança de três anos, correspondente à sua idade. A origem da falha está no

cérebro que, no homem, controla a fala. Isto diz o Dr. Hayes, crente de que o chimpanzé poderá articular outras palavras. O douto investigador vê este animal como veria um homem que perdesse o dom da palavra em virtude de lesão cerebral no centro respectivo e que pudesse compreender melhor do que falar.

A educação de Viki começou aos cinco meses de idade. Aos 14 meses o Dr. Hayes ensinou-lhe a colocar os lábios para articular a palavra «mamã». Iste levou duas semanas. A princípio auxiliava-lhe o movimento dos lábios com os dedos, mas depois o chimpanzé demonstrou grandes progressos, aprendendo a movê-los com auxílio da mão, orientando-se pelo som.

O segundo termo aprendido é «papá», que ele dirige carinhosamente ao Dr. Hayes. Aos 28 meses aprendeu, finalmente, a pronunciar *cup* (chávena), mas esta palavra só a usa quando deseja «matar-o-bicho» ou beber qualquer coisa.

Tudo isto é possível, amigo leitor. Lembremo-nos dos cães-sábios e dos cavalos-matemáticos que agitaram durante muito tempo a psicologia experimental; lembremo-nos igualmente das experiências telepáticas de Henri Regnault com uma cadelita deveras inteligente, as quais chamaram a atenção de milhares de pessoas no Salão de Geografia de Paris, e custar-nos-á menos a aceitar a notícia da *Folha da Noite*. Sim, há muitas coisas na terra de que não cogita a humana filosofia...

UNIÃO MUNICIPAL ESPIRITA DE BAURÚ

Esta União é um elemento de grande valor que exerce o seu mister na florescente cidade de Baurú e vive integrada na União Social Espirita de S. Paulo. No dia 17 de Junho último foi eleita a sua nova Directoria composta pelos seguintes operosos confrades: *Presidente* — Roberto Previdelo; *1.º e 2.º Vice-presidentes* — Homero Escobar e Joaquim Marques Figueiredo (este bom português e brasileiro de coração); *Secretário Geral* — Joaquim Alves Ferrer; *1.º e 2.º Secretários* — Senhorita Helena Moré e António Simalha; *1.º e 2.º Tesoureiros* — Marcílio Paulovic e Caetano Aiello; *Procurador* — Benedito de Castro Luz. *Conselho Fiscal* — Dr. António Moreto Sobrinho, José Nunes de Araújo e Paulo Galbiatti O mandato desta Directoria é para o exercício de Julho de 1951 a Junho de 1952.

Esta colectividade mantém um programa denominado «Momento Espirita Radiofónico», irradiado aos domingos às 18,05, em ondas longas e médias da PRG-8, Baurú Rádio Clube, estação difusora local, serviço que dura há quatro anos com a colaboração de diversos confrades.

A União visita duas vezes por mês o Asilo-Colónia Aimorés, onde já foi construido, por seu intermédio e de colaboração com a direcção do Asilo e dos internados espiritas, o *Centro Espirita Jesus Gonçalves*, o qual em 13 de Maio findo comemorou o seu primeiro aniversário.

Nas Caravanas Mensais que visitam o Asilo, a União dirige sempre palavras aos internados, com agrado e satisfação de todos.

Também em Fevereiro último foi inaugurado o *Albegue Nocturno de Baurú*, sob a Direcção do *Centro Espirita Amor e Caridade*, cujos serviços de assistência aos itinerantes pobres têm dado óptimos resultados, na média de 150 albergados, sendo o Albergue provido de belas instalações com Ambulatório Dentário e Médico, além do Serviço de Cozinha (Sopa) e Café (de manhã e à noite). Além disso, dispõe de 60 leitos para homens e mulheres.

No dia 13 de Maio foi também inaugurada a sede própria do *Centro Espirita Esperança em Jesus*, em cujas solenidades falaram diversos oradores, entre eles, o Presidente e o Secretário da União, srs. Roberto Previdelo e Joaquim Alves Ferrer.

A cidade de Baurú é um dos melhores baluartes do Espiritismo no Estado de S. Paulo; por isso nos congratulamos com o progresso alcançado pela União Municipal Espirita, de que fazem parte homens dinâmicos e empreendedores.

GABRIEL MARCEL E O ESPIRITISMO

La Revue Spirite de Julho-Agosto, insere uma nota acerca das ideias espiritas do notável dramaturgo Gabriel Marcel e que reproduzimos como símbolo da influência que a nossa doutrina exerce nas almas.

«Com uma gravidade que fará meditar os que o seguem, — leitores e expectadores da sua obra teatral — Gabriel Marcel tem-se interessado há muito pelo problema do Além. Mas desde o prefácio que escreveu para o livro «Au Diapason du Ciel», de M.me Marcelle de Jouvenel, até à sua nova obra «Mors et Vita», não esconde a simpatia pelos trabalhos dos espiritas.

«Numa entrevista que deu há pouco a G. d'Aubarède, publicada nas *Nouvelles Littéraires* (n.º 1240) lemos estas linhas características, que nos fazem remontar à guerra de 1914-18:

«A saúde do escritor ressente-se deste esgotamento. Não é mobilizado e vai empregar-se, durante a guerra, na Cruz-Vermelha, em busca dos desaparecidos.

— Esta experiência repercutiu consideràvelmente na minha vida interior.

— Porquê?

— Por muitas razões. Em primeiro lugar... não se ignora o interesse enorme que me tem ligado às coisas da «vida invisível».

— Sim, o sr. explicava-se há pouco no prefácio do seu livro «Mors et Vita». Nessas páginas protestava contra a ideia preconcebida, comum à maioria dos filósofos, de rejeitar *a priori* as experiências dos «espiritas», não hesitando em classificá-las de desonestidade intelectual caracterizada. E acrescentava que tal atitude lhe era interdita depois de ter verificado a realidade de certos factos metapsíquicos. A descoberta do seu poder mediúnico remontaria aos tempos da sua vida a que nos referimos?

— Precisamente. Sem afirmar coisa alguma, creio ter comunicado com um «desaparecido» por intermédio da chamada *prancheta*. Mas, os numerosos contactos que tive com famílias dolorosamente experimentadas exerceram acção profunda na orientação do meu pensamento. Esta severa lição alimentou o dramaturgo. Muitas das minhas peças — principalmente «A Câmara Ardente» — inspiraram-se em tudo o que sei e ouvi então. Sobretudo prestou ao filósofo o grande serviço de o afastar da abstracção contra a qual não cessei de lutar obstinadamente. Tinha descoberto o mundo do sofrimento e a sua cruel realidade.

Quantos dramaturgos não haverá como Gabriel Marcel, que se recolhem ao silêncio, para não cair na rede da opinião pública, quase sempre guiada pela ignorância que alcandora o insensato e apedreja o sábio que vive da renúncia?

Notas & Comentários

UMA PROVA DE REENCARNAÇÃO

Chamamos a atenção para o belo trabalho de Henrique da Silva Horta, intitulado «Uma Curiosa Prova de Reencarnação», publicado noutro local deste número. O caso em apreço demonstra não só belo espírito de investigação, como também elevado critério e persistência. O seu autor levou sete anos a estudar o assunto, sujeito a contingências da vida profissional, mas nem por isso esmoreceu na ideia que, desde a primeira hora, lhe guiou os passos. O seu esforço pode e deve ser tomado como exemplo a seguir.

Em Espiritismo, o trabalho honesto é quase sempre moroso e subordinado a factores de tal modo inconstantes, que se torna muitas vezes necessário repetir experiências cujo ambiente variavel implica resultados precários que levam à desilusão. Sabemo-lo por experiência própria e por isso melhor avaliamos a obra do nosso querido colaborador, homem sinceríssimo, incapaz de faltar à verdade. Apenas uma coisa foi alterada: o nome dos médiuns, senhoras muito conhecidas em Coimbra; no entanto, o autor está autorizado a dar todas as explicações a quem o desejar.

A MORTA TOMA UM TÁXI...

Mais parece o título de uma novela policial escrita pela imaginação de Agatha Christie ou Edgar Wallace, mas o facto passou-se recentemente em Guatemala, segundo relata «Two Worlds».

Uma jovem toma um táxi perto do cemitério da cidade e pede ao motorista para a conduzir a várias igrejas, voltando depois à porta da... «cidade dos mortos». Aí, disse para o motorista que sua mãi lhe pagaria a importância do serviço feito, entregando-lhe como garantia um «broche» que trazia no vestido.

Imagine-se a surpresa e comoção da mãe da jovem quando foi procurada pelo motorista, pois que a filha tinha morrido duas semanas antes! As autoridades, tomando conhecimento de tão extraordinário fenómeno, resolveram abrir o túmulo, constatando que o vestido do cadáver estava rasgado precisamente no ponto onde o «broche» fora pregado, o tal «broche» que fora dado ao motorista e que a mãe reconhecera como pertencente a sua filha.

Dificilmente se poderá imaginar uma tão concludente prova de sobrevivência e de «materialização». Que dirão a isto os senhores cépticos e «materialistas»? Mistificação? Alucinação ou tudo efeito de sugestão colectiva? Que grande trabalho para explicar este inusitado fenómeno!...

ESPIRITISMO E REENCARNACIONISMO

Quando se olha a panorâmica do Espiritismo mundial, excluindo certas divergências de somenos importância sobre a interpretação de um ou outro fenómeno, há um facto que causa evidente estranheza: — enquanto os espiritas latinos são, na sua maioria, reencarnacionistas, os germânicos e anglo-saxónicos não aceitam a postulatória da lei do karma. Será que esteja por detrás dessa «repugnância» pela ideia da reencarnação — no fundo — aquele «racismo» característico daqueles povos?... Por muito que isso tenha de incompreensível, a hipótese de que um filho das loiras Albion a Germânia possa vir um dia a manifestar-se no corpo de um negro ou de um china (mas principalmente de um negro...) deve constituir para eles, por muito convictos que estejam das proposições espiritas, como algo de trágico...

Aceita-se a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos «mortos» e a existência dos mundos astrais, mas nada que cheire a reencarnacionismo!... Ainda recentemente, em «Two Worlds», lemos artigos assinados por Ripley Webb e K. P. Guzdur, opondo-se à teoria reencarnacionista com argumentos tão frágeis que nos fizeram sorrir: — o primeiro baseando-se em que Deus, sendo todo Amor, não pode castigar; o segundo procurando estabelecer ilogismos... Guzdur formula uma série de questões que já temos ouvido da boca de muito materialista e cujas respostas se encontram em qualquer dos grandes Mestres do Espiritismo latino. Às perguntas do sr. Guzdur — um hindu — nós pospomos outras: — admitindo que cada alma é criada por Deus no momento em que se nasce, em que fica a Justiça, o Amor e a Misericórdia de Deus se a par de uma alma cheia de impulsos criminosos cria a de um santo? se a evolução espiritual se continua pelos mundos astrais, quer dizer que o primeiro degrau dessa evolução é a vida terrena? sem reencarnação, como explicar a existência de um inconsciente inato, como conciliar um criacionismo espiritual «ex nihilo»... com o evolucionismo formal?

O CENTENÁRIO DE OLIVER LODGE

Em 12 de Junho, passou o 1.º Centenário do nascimento de Sir Oliver Lodge, um dos maiores cientistas do século XX e um dos que mais desassombradamente defendeu o Espiritismo. Professor de Física aos 30 anos, iniciou as suas experiências de metapsicologia em 1883, tornando-se espiritualista muito antes da morte de seu filho Raymond e das suas sessões com Miss Osborne Leonard. Naturalmente que não pôde escapar à crítica malévola dos zoilos e caluniadores que chegaram a alcunhar de «a-científico» o homem que foi presidente da «Physical Society of London» e medalhado por várias associações científicas! Mas a calúnia e a ridicularização nada puderam contra a sua consciência, como nada puderam contra Crookes e Bozzano. Com razão escreveu o «Hibbert Journal» depois da sua morte — «Ninguém conhecia melhor do que ele a que perigo um homem de ciência expõe a sua reputação .. ao tornar-se um defensor da crença de que os «mortos» provaram a sua sobrevivência por comunicação com os vivos».

Oliver Lodge foi um exemplo de probidade e de coerência de carácter: — convicto de uma Ideia, não receou arriscar toda a sua auréola de cientista na sua afirmação e defesa, pois que essa Ideia ia contra as convicções arreigadas de uma maioria.

Noticiário

14.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Mais um sorteio de livros espiritas. É o 14.º que se processa, com sete valiosos prémios oferecidos aos subscritores desta modalidade de beneficência. Eis o nome dos contemplados a quem apresentamos as nossas felicitações:

1.º Prémio — «Filosofia do trabalho» — João Oliveira Pinto Muge — Cidade da Beira, Moçambique.

2.º Prémio — «Ensaio Sobre a Evolução da Ideia» — Bartolomeu Bana Martins — Manique do Intendente.

3.º Prémio — «O Iniciado Indiano e a Feiticeira Russa» — D. Virgínia Moura Lameiras Franco — Lisboa.

4.º Prémio — «A Força Que Paralisa a Bala» — Cristiano de Almeida Henriques — Bissau, Guiné.

5.º Prémio — «O Templo do Silêncio» — José Pinho Trindade — Luanda.

6.º Prémio — «Vantagens da Riqueza» — João Maria dos Reis — Lourenço Marques.

7.º Prémio — «Cegos!» — Manuel Gonçalves Viana da Cruz — Porto.

FÉRIAS DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Com uma sessão solene em que falaram vários oradores, terminaram em 31 de Julho último os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, cujas férias principiaram em 1 de Agosto corrente.

Apesar disso, alguns Grupos experimentais mantêm sessões regulares na sede do Centro, tais como, o Grupo Maria Santos e o Grupo Isabel de Aragão.

Fundo de Beneficência

Destinado ao Fundo de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Agosto — Nini e Belita, de Lisboa, 20$00; P. B., de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Joaquim da Silva Gomes, de Pernambuco, 100$00; Subscrição do 14.º Sorteio de livros espiritas, 130$00. Total — 290$00.

Recebido até Julho de 1951	4.329$90
Distribuído até à mesma data	2.630$50
Saldo existente	1.699$40

AS NOSSAS EDIÇÕES

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção. 350 páginas de texto.

Brochado ..... 35$00
Encadernado ... 45$00

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado ..... 18$00

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ... 42$00

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado ..... 20$00

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.*

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra lança poderosa luz sobre a morte e o Além. Os próprios espiritas têm nela muito que aprender.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ... 40$00

ALMAS ERRANTES por *Isidoro Duarte Santos.*

Grande romance realista ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebido sem uma rasura. Um livro profundamente emotivo e cheio de interesse humano no qual o fantasma de um assassinado desempenha papel extraordinário, através do mais intenso dramatismo. 312 páginas.

Brochado ..... 30$00
Encadernado ... 42$00

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus) ..... 28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica) ..... 22$00
Homeopatia Doméstica ..... 18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna ..... 24$00
Cultura (A) do Pensamento ..... 22$00
Força (A) do Pensamento ..... 26$00
Lei (A) do Novo Pensamento ..... 20$00
Leitura Prática do Pensamento ..... 15$00
Mente (A) e o Corpo ..... 35$00
Nova (A) Psicologia ..... 16$00
Poder (O) do Desejo ..... 24$00
Poder (O) da Fé ..... 24$00
Poder (O) da Regeneração ..... 24$00
Segredo (O) do Sucesso ..... 30$00
Sugestão e Auto-sugestão ..... 25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal ..... 18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar ..... 8$00
Correntes Mentais ..... 8$00
Cultura (A) da Coragem ..... 25$00
Economizai vossas forças ..... 25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento ..... 15$00
Lei (A) do Triunfo ..... 25$00
Leis da Saúde e da Alimentação ..... 15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc.... 200$00
Vantagens da Riqueza ..... 8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHARACA

Ciência (A) da Cura Psíquica ..... 26$00
Cura Prática pela Água ..... 18$00
14 Lições da Filosofia Yogi ..... 35$00
Ciência Yogi da Respiração ..... 22$00
Forças (As) Subtis da Natureza ..... 28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais) ..... 40$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor) ..... 40$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes) ..... 40$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago ..... 35$00
Grande (A) Mensagem ..... 32$00
No Santuário ..... 35$00
Nos templos do Himalaia ..... 35$00
Templo (O) do Silêncio ..... 15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa ..... 40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado... 24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara..... 16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume ..... 115$00
A Usina Humana por Henri Durville ... 30$00
Caminho (O) de Jesus ..... 32$00
Cartas Rosacruzes ..... 25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg ..... 20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca... 40$00
Curso de Iniciação Esotérica ..... 40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias) ..... 8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen 30$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama ..... 24$00
Dicionário de Ciências Ocultas ..... 18$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi ..... 100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Idcia, por Barlet ..... 18$00
Evangelho de Ramacrishna ..... 40$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda ..... 24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda 24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester ..... 15$00
Forças Ocultas ..... 40$00
Forças (As) Subtis da Natureza, pelo Yogi Rama Prassad ..... 28$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam) ..... 45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi ..... 52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra) ..... 75$00
Hipnotismo ..... 50$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin ..... 15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann ..... 22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston ... 20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo ..... 16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas) ..... 45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville 30$00
Mistérios Iniciáticos, por Henri Durville 50$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker ..... 14$00
Projecção dos Eflúvios Vitais, por A. Lalia-Paternostro ..... 22$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot ... 15$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico ... 30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas) ..... 45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck ..... 28$00
Sessões Espiritas, por Hans Harnold ... 25$00
Somos Todos Irmãos, crónicas espiritualistas, por Afonso Schmidt ..... 28$00
Sonhos e Visões ..... 30$00
Viagem Astral por Ernest Bosc ..... 30$00
Vida (A) Depois da Morte, por Yogi-Ramacháraca ..... 28$00
Ziska, grande romance reencarnacionista, por Maria Corelli ..... 30$00

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	42$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Margem (À) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	60$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	30$00	
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

RED LILY
Espírito-guia de Mrs. Pierce

(Ver pág. 285)

CONTÉM:

Mensagem, da **Redacção**; Fernando Ortiz e a Criminologia Moderna, por **Deolindo Amorim**; Duplo Nas Plantas, por **Henrique Magalhães**; Arabescos, por **Abdallah**; Caridade, por **Alfredo Miguel**; Livros de Todo o Mundo; As Manifestações Post-Mortem, por **António Martins**; Visão-Síntese, por **Pietro Ubaldi**; A Psicologia da Tolerância, por **Tito L. Bancéscu**; Notícias do Brasil; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); O Sentimento das Almas (Excerpto do livro «Dois Mundos», ditado por **Maria Gonçalves Duarte Santos**); Os Voluntários da Dor, por **Cyrillo Aleixo**; Inconsciente e Subconsciente, por **Otto A. Prado**; O Espiritismo e o Crime, por **F. Noronha**; As Nossas Edições; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário; Livros da Editora «O Pensamento».

12.º ANO — SETEMBRO DE 1951 — N.º 9

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*OrvilleDerb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O Principiante Espirita	12$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	25$00	38$00
O livro dos Médiuns	25$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	25$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	25$00	38$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	34$00	46$00
Joana d'Arc Médium	32$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	30$00	
No Invisivel (nova edição)	36$00	48$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	30$00	
O Espiritismo Perante a Ciência	30$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Animismo ou Espiritismo?	28$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00
Urânia	20$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1951 — N.º 9

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 66 05

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 52 95 — LISBOA

MENSAGEM

Nesta hora dramática da Vida em que as crises económicas ou políticas são simples véus a ocultar a realidade mais pungente da crise das consciências, em que a Paz é um fantasma fugindo às mãos dos homens com gargalhadas de louca histeria, talvez a nossa mensagem tenha o som lúgubre de um dobre de finados para aqueles que à Vida apenas suplicam o prazer efémero das aparências! Mas que nos importa a opinião dos que se limitam a passar pela Vida, se, de há muito, sentimos profundamente a trágica beleza do «gosto amargo de ser homens»? Que oiçam esta voz aqueles que pedem mais do que o desencontro brutal do viver terreno que é, na essência, uma constante agonia; para esses falaremos, porque eles nos entenderão...

— Não basta dizermo-nos homens, só porque a forma exterior com tal nos aparenta. É forçoso que sintamos a humanidade a viver em nós, e sentir a humanidade é rasgar a concha coriácea do individualismo, é estender as mãos em eterna oferta muda, depondo nelas tudo o que somos, é ter nos lábios a confissão sincera da relatividade das qualidades e da grandeza gigantesca dos defeitos, é arrancar dos olhos as lágrimas pelo sofrimento dos que pisam as ruelas torcicoladas da vida neste mundo, é amar a força do próprio Amor pela ânsia de olharmos o outro no espelho da nossa alma e vermo-nos a viver na alma do outro.

— Não chega termos o rebate de desculpar o mal que alguém nos fez. É preciso ganhar a coragem maior de oferecer em troca do mal recebido o calor fraterno do nosso peito, porque só transmudando o mal em bem, o mal se esfumará, voltando ao nada de que a alma humana o foi tirar para lhe dar vida.

— Por muito convictos que estejamos das nossas conclusões, não nos fechemos na perturbadora e desfeiteante atitude dogmática, procurando pela coacção de qualquer ordem que os outros mostrem a aparência de uma adesão aos nossos princípios. O homem é um ser relativo por natureza; como julgar algum que tem a Verdade, e não só uma verdade? Limitemo-nos à exposição singela do nosso pensamento, a ouvir sem rancor as críticas que nos lançarem, a argumentar sem ódio e sem malsinações, a conceder aos outros a mesma liberdade de pensar que queremos para nós e a reconhecer honestamente os erros dos nossos princípios ideológicos, quando eles se tornarem claros ao nosso espírito. Não nos julguemos mestres nem gigantes do Pensamento, porque somos (e seremos por muito tempo ainda) pigmeus no mundo liliputiano das nossas construções mentais e simples aprendizes na escola criada pelo Verbo Divino.

Mais vale o mísero das coisas da Terra que segue a luminosidade da Palavra do Cristo, que o potentado político ou económico em toda a pujança da sua influência ou da sua riqueza, esquecido daquela Palavra; mais vale o que pròdigamente distribuir os tesouros imorredoiros do seu espírito, que o que esconde o seu saber para só o lançar à cara dos ignorantes em assomos de vaidade e de orgulho; mais vale o que suporta o fardo pesado da Vida com que a pertinaz indiferença dos outros lhe vergar os ombros, que aquele que procura atingir os pináculos sombrios da escada social, sacrificando corpos e almas à sua ambição de domínio.

Não busquemos o ópio adormecedor das coisas fáceis; procuremos ganhar a luta contra as nossas inferioridades. Ficaremos armados para dominar a transcendência essencial da própria Vida. Esta é a nossa mensagem.

DEOLINDO AMORIM — escreveu...

Este artigo foi escrito especialmente para a *Gazeta Judiciária* do Rio de Janeiro, número de 31-5-951, por Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente naquela Capital. O director da *Gazeta* é de opinião que o assunto fará revolução no meio jurídico, razão por que transcrevemos o artigo, autorizados pelo nosso redactor

Fernando Ortiz e a

A evolução da criminologia ampliou muito a perspectiva dos estudos inerentes à delinquência. Anteriormente, ainda que se tivesse a intuição do problema criminal em suas relações com a ciência social, apenas os especialistas, divididos em grupos, segundo as escolas tradicionais e suas tendências doutrinárias, se preocupavam com as questões atinentes à criminologia, cujo campo não tinha, como tem hoje, tanta elasticidade. O problema criminal, a bem dizer, era assunto exclusivo dos juristas e, como especialização, dos estudiosos do Direito Penal. Hoje, porém, a não ser quanto à técnica do Direito Penal, que exige, é claro, cultura especializada, o problema criminal interessa tanto ao penalista, como ao sociólogo, ao jornalista, ao teólogo. Não há quem não deseje, em sã consciência, uma sociedade melhor. Como decorrência desta proposição, diversos tipos de pesquisa convergem para o problema criminal, porque o índice de criminalidade, tanto em alta como em baixa escala, é um reflexo de evolução social. Não se pode estudar uma sociedade, sob o ponto de vista do comportamento humano em face dos fenómenos sociais, sem conhecer a posição de seu coeficiente criminal, quais os factores que preponderam no aumento ou na diminuição dos delitos, assim como o seu sistema de sanções e prevenção. Sob este aspecto, a criminologia já não pode mais ser um departamento indevassável, fechado à curiosidade dos que, não sendo especialistas em matéria criminal, são obrigados, por força de outros estudos, a fazer incursões na seara dos penalistas. Quem estuda, por exemplo, a organização social, os costumes, as reacções dos grupos humanos, ainda que o faça dentro do ângulo puramente sociológico, não pode deixar de tocar em determinadas teses de Direito Penal, principalmente quanto à figura do criminoso, considerado em relação às influências mórbidas ou sociais.

Fora da esfera profissional, demarcada pelos limites a que estão circunscritos os diversos ramos de actividade, não há, presentemente, a rigor, o que se possa chamar assunto impenetrável, uma vez que a cultura geral se aplica à solução de muitos problemas em cuja discussão se encontram criminalistas, educadores, moralistas, homens públicos, técnicos, etc. Claro é, portanto, que a criminologia, sobre ser um campo vastíssimo e complexo, comporta estudos especiais, à luz de prismas novos, naturalmente estranhos às velhas escolas penais: clássica, positiva e sociológica. Todavia o Direito terá sempre uma técnica própria, como a Sociologia, a Psicologia, etc. sem que deixe de haver entrosamento entre as ciências. A própria ciência penal moderna já se desenvencilhou muito do tradicionalismo académico, em consequência do ecletismo, fenómeno que também se verifica nos circulos de outras ciências, como reacção, aliás inevitável, a tudo quanto se transforme em cristalização ou estagnação das ideias. Sob estas premissas, o Direito Penal também pode ser encarado por aspectos novos, desde que através de tais aspectos algumas questões, ainda sujeitas a discussão, venham a ser de algum modo elucidadas. A Ciência, em qualquer de seus ramos, não pode rejeitar contribuições honestas, seja qual for a crença ou a orientação filosófica daquele que, inspirado no desejo de procurar a Verdade, se propõe a aumentar o património científico da humanidade com alguma observação ou experiência pessoal.

O Professor Fernando Ortiz, da Universidade de Havana, é um revolucionário em matéria penal. Que o diga, logo à primeira vista, o título de um de seus livros, publicado há pouco, na Argentina, pela «Editorial Vitor Hugo», de Buenos Aires: LA FILOSOFIA PENAL DE LOS ESPIRITAS. É, como diz o sub-título, um estudo de filosofia jurídica, não é uma apologia ou uma crítica do Espiritismo sob o aspecto fenomenológico ou religioso. Diga-se, desde já, que Fernando Ortiz não é espiritista. Pretende êle, porém, colocado simplesmente na posição de criminalista, aliás avançado senão corajoso, mostrar que a filosofia espirita pode escla-

recer alguns aspectos da criminologia moderna. A atitude é arrojada, mas não é, como parece, fruto do arrebatamento ou da imaginação. O trabalho de Fernando Ortiz não pode ser condenado como heresia jurídica, porque está bem condensado, embora defenda uma tese capaz, até, de provocar escândalo entre juristas pouco familiarizados com os temas da metapsíquica ou do Espiritismo. Na América Latina, ao que parece, é a primeira vez que um criminalista se dispõe acima de preconceitos religiosos ou de convencionalismos académicos, discutir princípios da ciência penal à luz do Espiritismo. A tese de Fernando Ortiz poderá ser discutida e, por fim, rejeitada, mas o que é verdade é que o seu livro deve ser lido pelos criminalistas, porque põe em foco um tema inteiramente novo em Direito Penal. Que relação tem o Direito Penal com o Espiritismo? É justamente neste ponto que está a originalidade do livro. Não se trata, porém, de uma originalidade extravagante ou de uma das muitas «criações cerebrinas» de nosso século: trata-se de um estudo filosófico, de um confronto prudente e desapaixonado entre Lombroso e Kardec. Trabalhos de tal ordem não devem ser criticados *a priori*, apesar do espanto que possa causar tal aproximação, embora Lombroso tenha dado testemunho público de convicção a respeito dos fenómenos espíritas.

Diz Fernando Ortiz:

«O Espiritismo pode chegar na magnitude de sua concepção evolucionista a um atavismo mais radical, e com o qual não sonhou o génio de Lombroso, o atavismo interplanetário».

Fernando Ortiz toma por base precisamente o livro que contém a parte filosófica do Espiritismo: O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Sem fazer profissão de fé, sem querer, portanto, formar nas fileiras dos discípulos de Allan Kardec, espalhados pelo mundo inteiro, o ilustre professor cubano, que já publicou, entre outros trabalhos especializados, *La criminalità dei negri in Cuba*, no «Arquivo de Psiquiatria e Medicina Legal e Antropologia», e *Supertizioni*

Criminologia Moderna

Criminose, Turim, não nega o atavismo criminal, mas recorre à filosofia espirita para esclarecer a questão. Fá-lo com imparcialidade, com a isenção espiritual de todos os homens infensos a dogmatismos de qualquer espécie. Argumenta Fernando Ortiz: «Já se compreenderá fàcilmente como o evolucionismo espirita pode explicar a herança moral comprovada cientìficamente até certo ponto pela antropologia». Os antropologistas filiados à escola materialista procuram explicar as anomalias psíquicas pela constituição somática, o que leva o criminalista a um círculo muito acanhado, porque há, como se sabe, degenerescências morais que não apresentam qualquer indício de anormalidade física. Não se vai, com isto, ao extremo de dizer que os aleijões físicos do tipo lombrosiano não sejam a expressão evidente, na maioria dos casos, de anormalidades psíquicas. Entretanto a predisposição criminal pode ser explicada pelos antecedentes espirituais do indivíduo. Este ponto é muito transcendental ou metafísico, mas não deve ser desprezado quando se procura, como no caso de Ortiz, estabelecer paralelo entre o estado moral do criminoso e as suas características físicas. Existe, de facto, relação entre o estado moral e o estado físico? Sob este aspecto, a tese de Ortiz inclina-se para a solução espirita: o estado moral vem da inferioridade do espírito, não procede, portanto, de causas orgânicas. Neste caso, segundo a tese espirita, as deformações do corpo, as fisionomias monstruosas e outras chamadas «aberrações da natureza» têm certa relação com a vida espiritual, com aquilo que poderíamos chamar a vida pregressa do espírito em anteriores existências. Tais aberrações, pelo princípio da reencarnação, defendido por Allan Kardec, são efeitos e não causas. O livro de Ortiz estuda a criminologia moderna precisamente sob este ponto de vista. Daí a associação aparentemente inexplicavel de Lombroso e Kardec no livro do criminalista cubano. Resta, porém, examinar a questão sem qualquer ideia preconcebida. Lê-se, em «La Filosofia Penal de los espiritistas», pág. 56:

«Se é certo que a ciência descobriu que a herança psicológica existe, demonstrando a persistência de caracteres nas mesmas famílias e até nos mesmos povos através do tempo e de gerações, também é certo que as leis da herança não estão descobertas como o está o fenómeno».

Para esclarecer a questão,

fora do círculo, já conhecido, das escolas penais, o Prof. Ortiz recorre à filosofia espirita, com o que corrobora o seu pensamento. Apoia-se ele no seguinte princípio da codificação doutrinária de Allan Kardec: «Com frequência, os pais transmitem aos filhos a semelhança física. Transmitem eles também a semelhança moral?». Resposta:

«Não, porque têm almas ou espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, porém, o espírito procede do espírito. Entre os descendentes de uma raça não existe mais do que consanguinidade».

As qualidades morais residem no espírito, e não podem ser transmitidas pelos caracteres somáticos. Basta verificar, na prática, o que ocorre em diversas famílias: pais, filhos e irmãos com inclinações e graus de moralidade muito diferentes uns dos outros. A hereditariedade não explica este fenómeno. A História do Brasil tem um exemplo frisante no contraste psicológico entre Pedro I e Pedro II. Admite-se a influência, aliás relativa, de certas peculiaridades ancestrais no temperamento, no carácter do indivíduo, mas daí não se infere que todo o processo de formação e desenvolvimento de suas qualidades psicológico-morais obedeça, de modo absoluto, à sequência das vias hereditárias. O Autor de *La Filosofia Penal de los Espiritistas* prefere, neste particular, a tese espirita, apoiada, aliás, no processo reencarnacionista. A cor e a raça não têm influência no estado moral, porque a superioridade ou inferioridade do homem está no espírito. Este princípio, defendido por Allan Kardec, é aceito, hoje, por eminentes antropólogos, inclusive aqueles que, como o nosso ilustre e saudoso Artur Ramos, que teve ocasião de citar o Prof. Ortiz, não se filiam a qualquer pensamento religioso. Allan Kardec não foi especialista em antropologia, mas o que é verdade é que as suas ideias contrárias ao preconceito racial, sustentadas na segunda metade do século XIX, coincidem com o que afirmam, nos dias actuais, verdadeiras expressões desta ciência.

Artur Ramos, como se sabe, nunca se revelou simpático ao Espiritismo. Entretanto a sua grandiosa e humanitária campanha contra o preconceito de cor, campanha sempre apoiada na ciência, nunca inspirada em sentimentalismo ou demagogia, afirmou exactamente o princípio de que a superioridade ou a inferioridade, tanto do indivíduo como dos grupos, só se afere pelas qualidades do espírito, e não pela epiderme. Pois bem, este mesmo princípio fora sustentado por Allan Kardec, no século passado. O Prof. Ortiz verificou, assim, o que os sociólogos ainda não verificaram: o Espiritismo é uma doutrina fundamentalmente contrária ao preconceito de cor, tanto por sua organização filosófica, como por suas consequências morais. No embasamento de sua filosofia, o Espiritismo vincula alguns aspectos positivos do problema criminal aos antecedentes espirituais do criminoso. Diante deste postulado, torna-se discutível, assume outro carácter a figura do criminoso nato. É aqui, precisamente neste ponto, que está a parte nevrálgica do livro de Fernando Ortiz. O criminoso nato, segundo a doutrina espirita, é um doente do espírito, é um indivíduo que trás, de seu passado espiritual, um acervo de culpas e deformações morais. Logo, dentro desta tese, o instinto criminal não tem a sua fonte nas deficiências orgânicas, embora estas (efeitos e não causas) tenham influência nas paixões como nas atitudes. Por outras palavras, isto significa nada mais nada menos que a predisposição criminal é uma degenerescência de origem moral, nunca de origem física. Tendo partido deste ponto, Fernando Ortiz vê a escola de Lombroso dentro de um campo muito maior e mais claro. Faltou ao glorioso criminalista e psiquiatra italiano, mestre consagrado, um passo para subir da evolução puramente humana à evolução espiritual.

Fernando Ortiz, escudado em Allan Kardec *(Livro dos Espíritos* e *A Génese)*, assim como em Gabriel Delanne *(A Evolução Anímica)*, não nega que haja tipos predispostos ao crime. A predisposição, porém, segundo a filosofia espirita, vem do espírito. O conceito de criminoso nato, portanto, em face das duas teses — a espirita e a lombrosiana — magistralmente estudadas e discutidas por Fernando Ortiz, não desaparece, tanto mais que Ortiz é um lombrosiano convicto. Entretanto o trabalho de Ortiz dilata a visão geral do problema, não apenas em relação à escola positiva, mas em relação, também, às outras escolas.

O facto de haver criminoso nato (escola positiva) não leva ao determinismo biológico. Foi sob este ponto de vista, especialmente, que Ortiz estudou o assunto à luz do Espiritismo. Sendo a tendência criminal um defeito do espírito, muitas vezes ligado a causas remotas, através de outras existências (princípio reencarnacionista) a regeneração espiritual, por meio da educação e da reforma de costumes, pode modificar o com-

Duplo nas plantas

por Henrique Magalhães

Dia a dia mais nos convencemos da existência do duplo em tudo que vive. Todos aceitamos a duplicidade dos corpos, nos humanos — pelo menos nos meios espiritistas — tendo a acrescentar a essa dupla a parte essencial — o espírito.

A fotografia e a «vidência» nos afirmam que os animais têm o seu duplo. Por outro lado, os espíritos também atestam essa afirmativa. Raymond, desencarnado na guerra de 1914-18, filho de Oliver Lodge, o grande sábio inglês, deu ao genitor várias comunicações a respeito, notificando-o de que um cão pertencente à família, morto antes, achava-se em sua companhia. Também o «Livro dos Espíritos» nos fala na sobrevivência dos animais.

É, portanto, um caso consumado, revestido das provas necessárias, tanto pela ciência da Terra, como pelas assertivas dos desencarnados.

André Luiz, o grande pesquisador de além-túmulo, informa que também as plantas têm o seu duplo!

Vejamos o caso em apreço, ao nos relatar a passagem em que uma menina desencarnada, residente na esfera, «Nosso Lar», vem à «Crosta» da Terra, em companhia de sua mãe, em visita ao que na Terra fora pai e esposo, aproveitando o liberamento provisório do espírito deste, através do fenómeno do sono. Lê-se em «Os Mensageiros», pág. 191, o seguinte, relatado por André Luiz:

«Aniceto (mentor espiritual), Vicente e eu, em companhia de outros amigos, fomos ao pequeno jardinzinho, que rodeava a habitação. As flores veludosas rescendiam. A claridade espiritual ambiente, como que espancava as trevas da noite.

«Respirando as brisas caricosas, que sopravam da «Guanabara», notei pela primeira vez delicado fenómeno, que não havia observado até então.

«Uma pequena carinhosa, enquanto a mãezinha palestrava com um amigo, colheu um cravo perfumoso, num grito de alegria.

«Vi a menina talar a flor, retirá-la da haste, ao mesmo tempo que a PARTE MATERIAL DO CRAVO EMURCHIA, quase de súbito.

«A sr.ª repreendeu com calor:

— Que é isso, Regina? Não temos direito de perturbar a ordem das coisas».

Não esqueçamos de que se trata de espíritos desencarnados. Só se pode admitir, pois, que a garota cortou a parte perispiritual, ou seja o duplo do cravo, tanto que a parte material do cravo emurcheceu!

Se a parte material do cravo ficou no pé, emurchecida, e a menina levou o cravo, depois de talá-lo, à sua mãe, é fora de dúvida que se tratava do duplo fluídico do cravo.

Também não podia ser de outra forma, levando-se em conta o paralelismo das coisas, segundo as leis universais, quando se trata da natureza.

De facto, se os outros seres viventes têm o seu duplo, sobrevivendo à morte, porque é que as plantas, que também possuem vida, não deviam ter o seu duplo?...

É razoável! É lógico!

---

portamento do delinquente nato. Esta proposição exclui, como se vê, o determinismo absoluto. O determinismo sociológico também não se harmoniza com a doutrina espirita, porque nem sempre o criminoso é um escravo do meio social. O indivíduo liberta-se das influências sociais, da imposição do meio à proporção que vai fazendo melhor uso de seu livre arbítrio. Não se pense, porém, que a filosofia penal do Espiritismo cai na escola *clássica*. Aliás, Fernando Ortiz passa também por esta escola em seu interessante livro. O livre-arbítrio — afirma a doutrina espirita — não é absoluto, porque depende da elevação do espírito. Logo, perante o Espiritismo, é falso o princípio de que o criminoso é sempre responsável, porque é livre, tem vontade própria. A liberdade está na razão directa do adiantamento espiritual, cuja base é a reforma moral do indivíduo. Por todos estes motivos, o livro de Fernando Ortiz merece a atenção dos penalistas, dos homens emancipados, que não têm receio de tomar conhecimento de qualquer discussão. Assim, pois, *A Filosofia Penal dos Espiritas*, que vai ser publicado, brevemente, em português, pela Livraria «Allan Kardec», de S. Paulo (tradução de Carlos Imbassahy) é um livro discutível, não há dúvida, mas é um livro sério, profundo e avançado.

A R A B

(III)

De novo, aquele olhar percurciente do Velho mergulhava até ao mais fundo do meu ser, causando-me um arrepio em que eu não era capaz de separar o receio do desconhecido, da atracção pelos novos rumos mentais que Ele me abrira... Um sorriso em que à ironia se mesclava o interesse simpático desenhava mais fundo a rede complicada das rugas da sua face.

Eu queria sustentar o seu olhar, mas uma dor aguda obrigava-me a desviar a vista. Era mais forte do que eu, incomensuràvelmente mais forte... Quem era o Velho? para que se interessava por mim? como podia ler no meu espírito mais seguramente do que eu as páginas do Al-Koran? Estas e outras questões ferreteavam-me de há muito o cérebro de um modo obsessivo...

— Que importa mais: — saciar o teu espírito de novas ideias a responder a essas ninharias que em nada podem modificar a linha do teu viver? — pronunciou lentamente o Velho. — Eu compreendo-te: — és homem... e a maioria dos homens preocupa-se mais com o acidental do que com o essencial, com a análise que com a síntese...

— Não, não é bem isso! — ousei afirmar.

— Eu *sei* que por detrás dessas questões está latente o teu desejo de mergulhar num passado que não recordas por mais que tortures o cérebro. Mas para te responder, teria eu de recuar no tempo e reviver vidas que há muito atirei para trás como trapos velhos e inprestáveis. O que *de facto* importa é eu estar aqui...

— Perdoa-me, Mestre, a minha insistência. Tu és um Espírito e vens falar-me!

— E depois? Que há de extraordinário em tudo isso? Desde que admites a imortalidade da alma, mas imortalidade sinónimo de permanência da personalidade, porque te admirares que eu regresse? Serias tão néscio que pudesses supor que após a morte viria a eterna bem-aventurança do céu de Mohammed — uma eternidade passada nos braços lascivos das formosas huris sempre virginais?

— Oh! Não, isso não, mas...

— Mas o quê? Se amanhã despires o albornoz da tua carne para ficares apenas com as vestes mais finas do teu *corpo espiritual*, não sentirás interesse pelos que ficaram ainda, não desejarás falar-lhes?

— Sem dúvida, mas como é possível, não que tu desças mas que eu te veja e fale, como se *vivo* fosses...

— ... e sou mais *vivo* do que quando era como tu, porque já não sofro os limites angustiosos do abraço da matéria. Porque me vês e ouves? Porque em ti penso, porque em ti me foco e porque... as tuas longas meditações foram aos poucos aumentando a tua sensibilidade, criando a tela onde os nossos pensamentos se puderam encontrar. Não te iludas, ó Abdallah: — é simples aparência a sensação de que tu e eu nos encontramos *neste lugar*. A verdade é bem diferente, embora te surpreenda: — nós estamos num *plano de pensamento* onde subsistes pela força da tua vontade de conhecer e onde desci pelo peso do meu desejo de te encontrar. No entanto, não é esta a única forma de saltar as barreiras entre a «morte» aparente e... a «vida» das aparências: — muitos, por uma particular contextura dos seus sistemas nervosos são capazes de «ver» e «ouvir» aqueles que, pelas características das suas personalidades, mais próximos se encontram do plano de pensamento que é o da humanidade terrena que *vive*... Mas esses nunca poderiam ver-me *com forma*, porque a vibração da onda do meu pensar excede os limites da capacidade receptiva do seu conjunto corpo-alma. Os primeiros *buscam* e os segundos *são buscados*... *a continuidade do espírito exige a sua própria comunicabilidade*. Não achas que seria um absurdo lógico — dada a existência de Allah — que havendo a imortalidade das essências não houvesse comunicabilidade das existências? Eu sinto esse absurdo embora não possa apontar as regras da silogística aristotélica a que o raciocínio dedutivo que pudéssemos formular não obedece... Se negarmos a comunicabilidade existencial dos espíritos ou se, sòmente, a licitarmos em tempo ou espaço, negaremos ou limitaremos automàticamente a comunicabilidade entre o espírito individual e... a existência de Allah! Repara, ó Abdallah, neste meu pensamento: — *sendo cada espírito uma simples partícula da Criação — que nada mais é que a manifestação da existência de Allah — e sendo a Criação uma unidade, como supor um todo uno formado de partes interincomunicáveis?*

— Mas esse teu raciocínio, ó Alma Grande, conduz-nos não só à proposição da comunicabilidade dos espíritos mas ainda destes com tudo que os cerca e recìprocamente!

— E porque não? É possível que o homem não tenha consciência dessa comunicabilidade universal, mas ela *existe*, *o homem faz parte de um todo; nele, dele e para ele vive e há-de existir*. Fixa isto num princípio: — *na medida em que o homem for ultrapassando os círculos concêntricos*

S C O S

por ABDALLAH

gerados pelo impulso individualista em torno da sua alma, ele irá tomando consciência dessa comunicabilidade e desejando, em relação a si mesmo, torná-la de potencial em actual. Medita ainda neste pensamento: — se admitimos que é a Ideia de Allah que rasgou os caminhos em que a Criação rola terá de ser pela comunicabilidade que o espírito do homem *compreenderá* essa Ideia, passando a existir nela e dela, já que *por ela* é que hoje vive. *A Unidade só se poderá refazer pela comunhão.*

— Compreendo e aceito as tuas conclusões, ó Irmão Maior. Só não vejo ainda como é *formalmente* possível essa comunicabilidade. Porque é que eu te vejo e oiço e tu me auscultas tão perfeitamente?

— Através da Energia, que é o substracto essencial da existência criada, de que cada ser é um fulcro de vibração constante, de aparência tão eterna como a própria Criação. A luz deslumbrante do Sol ou a força portentosa do raio nada mais são que simples *modos* dessa Energia; e *modos* são ainda aquilo que mantém o equilíbrio dos astros e o que constitui a substância do teu espírito e o que é na sua realidade última a grosseira aparência da matéria. Neste momento, a comunhão dos nossos espíritos é tão só o resultado de dois fulcros de energia se terem encontrado; o que tu vês e ouves são efeitos do choque da onda mental que eu emito sobre os teus sentidos orgânicos, porque... eu não tenho forma, e não falo... porque não tenho boca. De igual modo, o que eu *vejo em ti* não é o teu corpo físico mas... o corpo mais definido da tua personalidade, e o que eu *ouço de ti* não são as palavras que proferes mas as vibrações que percorrem o teu espírito quando pensas. Compreendes-me?

— Sinto-te, mais do que te compreendo...

— Mas é isso mesmo, ó homem: — tu percebes o meu pensar por uma espécie de luz interior, sendo ao mesmo tempo incapaz de justificar, pela via da lógica pura, *porque* aderes assim ao raciocínio que te não é exposto em obediência ao critério (tão estreito!...) da demonstração.

— Todavia, porque mereci eu receber a luz do teu Espírito?

— Volta a falar o homem agarrado às coisas da terra... Porque não aceitas aquilo que te dão sem procurares os motivos? Achas que é muito em relação ao juízo que fazes de ti próprio? Então procura valorizar esse juízo... agindo por forma que engrandeças o teu espírito, dando ao dos teus irmãos mais do que recebeste — dando isso e o que é pròpriamente teu. Quando achares que é pouco... faz penitência, porque a vaidade te assalta: — Allah não manda mais do que cada um pode conter. Mas se o *pouco* é sòmente em relação à tua ânsia de mais, então, ó Abdallah, só te resta um caminho: — buscares as forças mais escondidas do teu ser e lançares-te na senda desse *mais*, porque, se o fim que te nortear por moralmente digno, eu te afirmo, em nome de Allah — tu o encontrarás! Além disto: — julgas-me acaso um espírito puro, um eleito de Allah? Desfaz essa impressão falsa, enquanto é tempo. Posso, no momento actual, ver um pouco mais longe que tu, estar um ou dois degraus mais acima na escada imensa da evolução dos espíritos, mas... que distância entre mim e a pureza imaculada do Cristo deste mundo! Toma-me como sou e não faças juízos temerários sobre um homem que provou o vinho embrutecedor das paixões carnais antes de ter compreendido a dulçura extasiante das paixões do Espírito! Eu sou um mendigo como tu, um mendigo das esmolas que caem incessantemente do regaço misericordioso de Allah! Por amor de ti e de mim, não me julgues um gigante quando não passo de um pigmeu. Eu tenho o orgulho maior do *pobre de espírito* que repele as vestes luxuosas com que lhe querem dar uma aparência enganadora dos estranhos, mas não da sua consciência.

...E dizendo isto o Velho curvava o seu dorso magro, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces até se perderem entre os fios da sua barba branca...

— Perdoa-me, ó Alma Grande, se te fiz sofrer com a minha pergunta, mas sinto-me tão pequeno a teus pés, que só com admiração te posso olhar...

— Perdoar-te, *eu*? *Só Allah é senhor do perdão* e tu não és passivo de culpa: — nem tu és tão pequeno nem eu sou tão grande como me julgaste. Somos... o que somos e deixemos ao Cristo da terra o peso dos nossos merecimentos relativos; demos fraternalmente as mãos para andarmos mais firmes os caminhos de Allah que o Cristo aponta.

Senti que qualquer coisa se quebrava em mim. A figura veneranda do Velho foi-se esbatendo até se transformar numa claridade que se perdeu nos primeiros alvores da madrugada que avançavam pelo quarto.

Ajoelhei-me e encostei a fronte ao solo. Orei, talvez uns momentos, talvez séculos! O tempo contará quando, no Amor do Cristo, buscamos a Misericórdia de Allah?

Há mais espíritos do que terras por cultivar.

LA BRUYÈRE

CARI

por ALFRE
(Correspond

Muita coisa ainda não podemos dizer, alto e bom som, no meio da colectividade espírita, sem provocar imediata reacção e escândalo. Para evitar intempestivas celeumas, manda então a prudência que falemos baixinho, só para uns poucos, em tom confidencial, as coisas que a maioria não pode ouvir... Vamos, pois, discretear com toda a precaução, assim como quem cochicha, embora certo de que raciocinar não é pecado, nem o raciocínio é algo que esteja sobrando no indivíduo. Culpa é estagnar, não desenvolver o discernimento; e isso faz com que a pessoa se nulifique, se assemelhe a múmia... Ora, os espíritas — pelo menos esses que zelam a sua independência intelectual — não vivem sob a mordaça de dogmas nem reverênciam tábus... Logo, são livres para externar suas ideias e dizerem o que sentem. Mas existem os «outros», os que não perceberam — ou não podem perceber — que o ideal do Espiritismo é emancipar o homem, arejar-lhe e renovar-lhe a mente, exercitar-lhe a razão, torná-lo, em suma, mentalmente autónomo. Pois ninguém pode ser escravizado, ou manter-se em escravidão, ou plantar-se na inércia, por força do Espiritismo. A redenção do homem está justamente em se amoldar às directrizes de uma doutrina capaz de libertá-lo dos prejuízos sectários, de elevá-lo a um plano mais alto de pensamento e acção, de fazê-lo feliz pela alegria de conhecer-se a si mesmo e saber interpretar o sentido espiritual da vida. O Espiritismo surgiu com esse escopo e esse poder. Por isso mesmo não logrará o misoneismo de uns, a estreiteza de vista de outros, modificar-lhe a tendência natural ou desviar o curso da sua acção no cenário da sociedade, onde ele terá de executar a sua obra reformadora. Urge, não obstante, fixarmos com atenção a realidade que se nos apresenta; e ele é de molde a não devermos calar um brado de alerta, diante de falsa exegética que ganhou terreno, e vai por aí, apresentando o Espiritismo, desvirtuado da sua finalidade educativa, como fábrica de esmoleres e celeiro de abastecimento material dos que não têm pão.

Bem sabemos que esta franqueza desagradará a muitos e não escapará a interpretações equívocas. Uns deduzirão que somos infenso à distribuição de socorros aos necessitados de qualquer espécie; pensarão outros, essa actividade humanitária. No entanto, nem somos contra os labores da beneficência nem tão pouco achamos que se os devem limitar. Pelo contrário; melhor fora que os espiritas brasileiros — e de todos os países onde o Espiritismo desfraldou a bandeira da Fraternidade — dispusessem de recursos ilimitados para ampliar continuamente os serviços de amparo e protecção aos deserdados da sorte. Cremos mesmo que os sofredores e menos rigoristas, que opomos restrições a infelizes foram postos no nosso caminho para comover-nos o coração e induzir-nos aos actos de piedade. Cada infortunado representa, com efeito, um ensejo e um convite à prática do bem, — e ai de nós se os não encontrássemos a cada passo, a relembrar-nos com sua presença o apelo de Jesus, para que lhes não faltássemos com a nossa misericórdia. Porém, já é tempo de persuadirmo-nos de que «*a verdadeira caridade não é dar ao necessitado; é evitar que haja necessitados*». Constâncio Vigil, a quem ocorreu este enunciado, à guisa de réplica, teria escutado esta interrogativa: E será possível uma sociedade, onde todos os seus membros possuam suficiência de meios para viver? Talvez nos fosse dado responder afirmativamente, se, por efeito de uma educação calcada nos princípios da solidariedade, cada indivíduo se contentasse com o necessário, renunciando a avidez do supérfluo. Mas, como evitar que haja párias numa sociedade onde o egoismo predomina? E como extinguir o pauperismo com uma caridade feita por egoistas? Oh! triste ironia. Atentai nisto: A caridade não cessa de socorrer a miséria; todavia, quanto mais ela se desdobra em solicitude pelos miseráveis, tanto maior se apresenta o número destes. As casas-pias, ou instituições socorristas, contam-se hoje ao quíntuplo das que existiam há meio século; a coorte das almas altruísticas, representando a iniciativa particular, também aumentou, e a sua bondade prestimosa prossegue intensificando medidas de preservação aos desemparados; mas tudo isso só demonstra que a penúria e o sofrimento recrudesceram e se alastraram. Que,

portanto, o remédio da caridade, para suprimi-los ou atenuá-los, não provou sua eficácia. O mesmo nos é dado observar quanto às doenças. Por um lado, a Ciência, sempre laboriosa nas suas pesquisas, alargando mais e mais o seu domínio, graças às descobertas de novas fórmulas medicamentosas e novos processos terapêuticos; e por outro lado, os hospitais, bem providos, com todos os recursos da técnica moderna, destinados ao tratamento dos doentes. Sabe-se, entretanto, que a Medicina, a despeito de suas avançadas conquistas no campo da patologia, embalde tem lutado por subtrair o mísero ser humano às mais dolorosas enfermidades. E, *pari-passu* com os progressos da ciência médica, novas moléstias vão surgindo e desafiando cura, salientando-se, no momento, a mais terrível de todas, que é, inegàvelmente, o cancer. A multiplicidade das casas de saúde, de par com as exigências de mais postos médicos e hospitais, é indício seguro e certo de que o surto de doenças na actualidade é bem maior do que outrora e sua extinção não depende apenas da intervenção clínica no organismo material. As doenças são efeitos, que só se eliminam destruindo as causas que as geraram. Mas as causas originárias dos estados mórbidos não residem, como se pensa, nos recônditos da organização fisiológica. Neste ponto ouçamos o que diz uma autoridade do plano superior, o sapientíssimo Emmanuel: — «As chagas da alma se manifestam através do envoltório humano. *O corpo doente reflecte o panorama interior de um espírito enfermo*». E acerca das obras da caridade material, não é menos categórico quando afirma que «*sòmente alcançam a sua feição divina quando colimam a espiritualização do homem,* renovando-lhe os valores íntimos». *(O Consolador)*. Tudo isso é de uma lógica translúcida. Se a fonte de todas as dores demora exactamente nas imperfeições da alma, a caridade mais proveitosa que podemos dispensar aos desventurados consistirá, já se vê, no socorro espiritual que lhes prestarmos, tendo em vista corrigir-lhes aquelas imperfeições. Então a caridade material é respeitável a absolutamente necessária por conservar-lhes a existência, possibilitando a tarefa maior de reabilitação de seus espíritos. Nisto, seguramente, é que se define a caridade legítima, duradoura, efectiva, — essa que permite aos infelizes retornarem, felizes, à Espiritualidade, ou empreenderem novas experiências na carne, isentos das aflições do presente. Não será, conseguintemente, completa a caridade que só atenda às necessidades físicas ou domésticas, desatenta ao objectivo supremo, que é a «*espiritualização do homem*», consoante a expressão de Emmanuel. A caridade material é adjuvante, isto é, auxiliar; a caridade espiritual é precípua, isto é, básica. A coexistência de ambas realiza o ideal do Espiritismo.

Nestas condições, quantos se sintam empolgados de amor ao próximo, variadas oportunidades terão de servi-lo. Não são sòmente os famintos de pão e os doentes do corpo que estão a carecer de protecção e arrimo; existem os que têm a mesa farta e gozam saúde, e todavia são mais necessitados ainda. Figuremos, por exemplo, um grupo de dez indivíduos, sendo que sete sabem ler e três são analfabetos. Estes últimos, coitados, nada aprenderam, estão fadados a permanecer numa triste situação de desprestígio e inferioridade; aqueles, porém, frequentaram a escola, instruiram-se, e, contudo, *não gostam de ler;* são indiferentes aos livros, e nisto o seu estado espiritual é tão mesquinho e tão digno de lástima como o dos outros três, iletrados. Eis que aí a caridade dos espíritas é chamada a intervir e exercer a sua função beneficiadora. A esses que *não sabem ler,* tomará ela o nobilitante encargo de alfabetizar e instruir, incutindo-lhes simultâneamente interesse e amor aos livros. Aos outros, que *sabem ler, mas não lêem,* assiste-lhe o dever de aconselhar, exortar, suscitando e desenvolvendo-lhes o gosto da leitura. E mais tarde, não tenhamos dúvida, aqueles seres saídos da apatia intelectual em que estacionaram, sentir-se-ão *outros,* porque os livros desempenham na vida do homem o papel de guias. «Talvez — escreve um publicista — nada tenha tanto poder como os livros, para levantar o pobre acima da sua pobreza, o miserável acima da sua miséria; para aliviar o sofrimento dos enfermos e as angústias do infeliz; para arrancar à abjecção a quem nela se despenhou. «António Silvino, o antigo bandoleiro do nordeste, no curso dos anos que passou recluso na Penitenciária do Recife, regenerou-se; e contam que,

Livros de todo o Mundo

139. *A Grande Síntese de Pietro Ubaldi.* Edições da Lake. S. Paulo, 1950.

La Grande síntesis de P. Ubaldi. Editorial Vítor Hugo. Buenos Aires, 1950.

Quando, recentemente, Albert Einstein apresentou uma memória sobre a «teoria do campo unificado» onde transcende as conclusões da sua «teoria da relatividade», voltou-se a falar pùblicamente do nome de Ulbadi porque... a conquista matemática do génio de Einstein fora precedida pela exposição filosófica da «Grande Síntese»! Enrico Fermi, o famoso físico italiano, reconheceu o facto, escrevendo nesse sentido a Pietro Ubaldi. Bastaria isto para que se justificasse o aparecimento de mais duas edições, uma brasileira, outra argentina, daquela extraordinária obra.

Gostaríamos de fazer um comentário tão apropriado quanto possível à grandeza do objecto, mas para tal falece-nos o espaço normal desta secção de «Estudos Psíquicos». Reconhecemos em «Grande Síntese» o mais transcendente trabalho da bibliografia espirita dos últimos 30 anos e uma das mais belas obras da filósofia moderna. A sua leitura determinou mesmo no nosso espírito uma das linhas fundamentais da sua orientação pelo «mare magnum» das perspectivas do Espiritismo. Aqueles problemas que víramos estudados dentro da «filosofia científica» como questões independentes — os problemas das origens da matéria, do universo, das espécies, da vida — aparecem-nos na «Grande Síntese» como meros aspectos de uma linha evolutiva. Fundamentalmente, a tese «recebida» por Ubaldi é um *monismo evolucionista* que nos pospõe um quadro de conclusões à luz da qual temos de modificar a posição mental perante as temáticas centrais das chamadas «ciências sociais» e da própria «ética». É efectivamente uma *síntese* do pensamento humano vista pela genialidade de um Pensamento super-humano que o poder intuitivo de Ulbadi permitiu captar e transformar em letras terrenas. Lendo-as, ficamos a sorrir daqueles que ignaramente afirmam que do mediunismo só resultam «coisas insignificantes, sem mérito e sem transcendência», «manifestações indignas dos espíritos e dos homens»...

140. *Rumo à Luz.* N.os 1 a 10 do órgão oficial da tenda Espirita São Miguel Arcanjo.

É uma publicação «umbandista» mensal que se caracteriza pelo tom doutrinário dos seus artigos. Surpreendeu-nos porém que o Centro titular desta Revista se intitule «Tenda Espirita» quando nele se seguem os princípios ideológicos de Umbanda. Ou... Umbanda é Espiritismo, no puro sentido do termo?

141. *Zarabatana rediviva.* Olívio Novaes. Ed. pela Casa Espirita Irmã Zarabatana. Rio de Janeiro.

É um pequeno opúsculo onde se narra a história da índia Zarabatana e da sua mate, história tão simples como a vida dos selvícolas amazónicos.

143. *Sublimes receitas* — ditadas pelo espírito de José G. Rosso. Ed. do Centro Espirita Amor e Caridade. Belo Horizonte, 1950.

Estas «receitas» espirituais, recebidas pelo médium António Loreto Flores, são feitas mediante uma fórmula química geral... onde se doseiam 50 % de bom senso e 50 % de dartrinarismo espirita.

144. *Qué es del Espiritismo?* Editorial «La Conciencia». Buenos Aires, 1950.

Neste opúsculo foram reunidas algumas páginas de Allan Kardec por forma à constituir um resumo dos princípios ideológicos fundamentais do Espiritismo. Constituiu-se, desta forma, um apreciável manual introdutório a uma leitura mais aprofundada da obra do Codificador.

---

premido pelo arrependimento da vida pregressa que levára, dizia, tempos depois, acabrunhado e pesaroso: — «Outrora eu matava para não morrer; hoje, sou capaz de morrer para não matar». Foram os livros espiritas que recuperaram António Silvino e o fizeram pensar assim. As mãos dadivosas que lhos ofereceram, propiciaram-lhe, efectivamente, a mais perfeita obra de caridade, afastando-o da senda escabrosa do crime e pondo-o no caminho da sua reabilitação moral.

Não é mister reiterar que a esmola perpetua a miséria, longe de proscrevê-la. Ao passo que a educação das almas, livra-as das *causas* de infortúnio e de dor, ao mesmo tempo que as habilita a volver à vida terrestre em condição próspera e feliz. Será o meio de «evitar que haja necessitados», — num futuro que não importa esteja separado de nós por cinquenta gerações ou distânciado por milénio. Compete aos paladinos do Espiritismo, e, extensivamente, a todos os idealistas sinceros, quaisquer que sejam as suas convicções filosóficas ou religiosas, lançarem-se ao apostolado do bem à luz de nova pedagogia e apressarem o advento desse porvir. As condições actuais do mundo, reflectindo o caos em que se debate a pobre humanidade agrilhoada ao sofrimento, exigem que essa obra iluminativa o mais depressa possível alcance e comova a todos os corações agrestes e a todas as mentes entenebrecidas, derramando neles a sua luz.

As Manifestações Post-Mortem

POR ANTÓNIO MARTINS

A alma humana em suas eternas manifestações de vitalidade não se cansa de protestar por toda a parte contra aquilo a que vulgarmente se chama morte.

Os que morrem sem educação espiritual adequada, espantam-se de, no Além, se reconhecerem vivos. Na incompreensão completa da metamorfose por que passaram, revoltam-se contra parentes e amigos a quem vêem e ouvem, mas dos quais são agora ignorados e de quem já não é possível obter resposta.

Situação angustiosa, desesperadora, que empurra essas almas de encontro às mais tristes conjecturas. Saber-se vivo e compreender que «morreu», responderem-lhe ao abraço amigo, ao beijo terno, à saudade infinda com a mais completa das indiferenças é sentir em todo o seu ser quanto há de falso e hediondo na educação que se ministra e se recebe, no tocante ao portentoso problema da imortalidade do ser. Ensina-se que as manifestações dos que partiram são pura mistificação, que devem repudiar-se por impossíveis, ou porque são obra do *diabo*, e opõe-se assim a mais tremenda barreira ao impulso mais querido e justificado, à aspiração mais bela e nobre de toda a alma amorosa e sensível, ansiosa por dizer aos entes queridos que continuam sua peregrinação na Terra:

— Cá, onde me encontro, compreendo melhor que o amor, a saudade e os pensamentos altruistas são o cordão de luz que nos une e à humanidade inteira, por toda a eternidade. Somos os viandantes do Progresso, lançados na estrada do Infinito e em busca da meta longínqua que alcançaremos uns após outros...

Mas a falsa noção da vida dos seres, os erros conscientes de várias religiões e doutrinas impedem, — oh! desgosto! — a aproximação das almas e a comunhão mais generalizada dos dois mundos.

A literatura espirita que, da Índia ao Egito e através da Bíblia até às célebres manifestações das irmãs Fox, tem registado, ao longo dos tempos e das idades, os mais variados casos de comunicações com os mortos, atira aos incrédulos e detractores desta regeneradora doutrina os nomes sagrados de Krisna, Buda e Confúcio na Índia, os imortais sacerdotes dos templos do antigo Egito, com Moisés à cabeça: Sócrates, Platão, Plótino e tantos outros na velha Grécia, pregando a imortalidade da alma, Jesus no Jardim das Oliveiras e Paulo na Estrada de Damasco em sublime mediunidade, todos em suas brilhantes irradiações deram conta em todas as épocas da história do mundo, sob o nome de adivinhos, sibilas ou profetas, da grande e sempre actualizada verdade da comunicação com os que transpuseram a barreira da morte.

Nos tempos modernos registaram-se casos de manifestações de mortos que enchem livros sem conto, e cuja lista extremamente se alongaria; mas merecem especial registo os nomes prestigiosos de William Crookes, Russel Wallace e Aksakof com os célebres casos das materializações dos espíritos de Katie King, Abdulah e John King, cujas fotografias correm mundo.

Porque se move tanta guerra, se falseia tanta verdade, se forjam em silêncio as armas da ignorância e da calúnia, para deter em seu curso aquilo que a nenhum ser humano jamais será dado fazer?

Não se luta contra uma lei natural, e o Espiritismo não é invento humano porque irradiou da própria Natureza. Árvore frondosa, é tão velha como o pensamento humano e suas hastes entrelaçadas abraçam os dois mundos a apontar para o Alto em busca da perfeição divina.

Como seria diferente a vida do ser terrestre se fosse educado — íamos a dizer iniciado — nos princípios reconfortantes da Verdade Espirita! Quer dizer, a lei de Deus interpretada pela moral de Jesus, alicerçadas uma e outra pela certeza da vida eterna, não em vã contemplação como erradamente o ensinam velhas e cansadas teorias, mas a vida activa, criadora, fremente de energias e fonte de inesgotáveis gozos de alma, prémio concedido pela consciência ao dever cumprido.

Assim, o intercâmbio espiritual entre a terra e o desconhecido seria grandemente facilitado, se fossem recebidas e estudadas com o carinho e interesse que merecem e por toda a parte onde irradiam, as manifestações de vida que os mortos se esforçam por nos fazer chegar como podem, e não certamente como querem.

Abrir-se-ia deste modo uma janela sobre o infinito por onde entraria em caudais divinos a ciência, a arte e o amor.

PIETRO UBALDI escreveu

(Transcreve-se o último capítulo do livro inédito «Deus e Universo», de Pietro Ubaldi, o qual será publicado em Itália depois da viagem do autor ao Brasil)

Antes de abandonar definitivamente o assunto, desejo resumi-lo, para que tudo se torne claro no vosso pensamento, numa visão de conjunto num panorama sintético, revendo-o do princípio.

Já vimos os três aspectos da susbstância ou os três momentos da Trindade Divina, isto é: 1.º) — Espírito, a concepção; 2.º) — O Pai, o Verbo, a acção; 3.º) — O Filho, a criatura. Tudo isto é sempre o mesmo Deus, nos seus três momentos. No 1.º momento, a criação foi concebida; no 2.º, continuada; no 3.º), completada. Neste 3.º momento, o incêndio total do ser como que se dividiu em infinitas centelhas: a criatura. Temos de recorrer a esta imagem antropomórfica para tornar mais claro o processo. Isto que nós, filhos do relativo no espaço-tempo, consideramos como uma divisão, resultou do Amor que presidiu ao divino princípio da criação. Por criação, entendemos a criação originária dos espíritos perfeitos e não a actual, a nossa, que é apenas deformação. Na primeira criação «perfeita» a criatura, centelha em que o incêndio divino se dividiu por Amor (criação) ficou «una», porque existe um um só organismo unitário, Deus, que, se por Amor se dividiu para dar o ser às criaturas espirituais, tal divisão se realizou apenas no Seu íntimo, continuando a existir como um todo orgânico, uno e individual, de que as criaturas aperfeiçoadas fazem parte.

Desta forma, a unidade de Deus, nos seus três aspectos, permanece intacta. A criação puramente espiritual realizou-se no Seu seio, no todo-uno, e nele continua. Deus quis multiplicar-se numa infinidade de seres, continuando a ser «uno». Com tudo isto, a concepção antropofórmica relativa à nossa posição humana, que é completamente diversa, não é obstáculo à compreensão; pelo contrário, facilita-a. Noutros termos, podemos imaginar o processo criacionista como íntima elaboração, segundo a qual um Deus uniforme se transformou num organismo que, continuando a ser «uno» na sua essência, se dividiu em elementos diferentes, mas tão bem coordenados em gerarquia e função, que mais reforça ainda a unidade de Deus.

Assim, esta unidade compreende em si a primeira criação perfeita de puros espíritos, existindo no seio de Deus. Dessa primeira criação faz parte o Cristo. Desta forma, torna-se compreensível que Ele seja o Filho e a 3.ª Pessoa ou momento da Trindade. Só assim se compreende que ele seja Deus e uno com o Pai, que é o Verbo criador, a acção à qual o filho deve a sua génese.

Portanto, temos: No primeiro momento o Espírito concebeu e pensou; no 2.º o Pai ou verbo executou, criando; no 3.' o Filho, íntima multiplicação, por Amor, do Deus indivisível, teve a sua existência. Mas tudo isto se realizou no seio de Deus, que continuou sendo «uno», o todo, intacto. As constantes referências do Cristo ao Pai, no sentido de unidade e o regresso ao seio de Deus depois da Sua descida à terra, provam-nos que os espíritos perfeitos existem em Deus com o seu 3.º aspecto de Filho, e, finalmente, que tudo é Deus e perfeito. Assim, o Cristo, sendo Espírito perfeito, é Deus, sendo também Filho, no seu 3.º aspecto ou momento.

Nesta altura dá-se um facto novo, já mencionado acima, devido ao mau uso que o ser fez da sua liberdade: a queda dos anjos. Parte dos espíritos revoltaram-se contra o sistema. O nosso universo não é a criação, mas sim a queda da criação, que foi espiritual e se tornou material; que tinha carácter infinito e caiu sucessivamente na evolução de sempre mais limitadas dimensões. Nela caíram também todas as centelhas de Deus que originàriamente a constituiam e que continuam a animá-la; caiu também, em parte, o 3.º aspecto, o Filho, representado por Cristo, Filho de Deus, que trabalha e sofre para readquirir a antiga perfeição, como nos prova a cruz do Gólgota. Compreende-se assim como o Cristo, o Filho, o Espírito perfeito, quisesse suportar as dores das criaturas imperfeitas. Isso prova também a imanência de Deus no universo, subindo, como Filho, à perfeição original.

Desçamos agora ao nosso universo que, no sentido absoluto, não pode considerar-se como todo, porque fora dele está Deus, nos seus três aspectos. Trata-se de um organismo imperfeito no seio da perfeição, infinito organismo do todo-uno-Deus, de uma unidade doente, de uma criação deformada, caída na forma material; uma criação res-

trita por involução e que por evolução deve tornar a expandir-se até Deus, de quem tentou separar-se. Neste caso, a centelha espiritual está mergulhada nas trevas da forma-matéria, de que surgirá e se libertará.

Só assim poderemos compreender o nosso universo como contracção em que o estado cinético ondulatório da energia se localizou fechando-se em si mesmo, no estado vorticoso, gerando a matéria, concentração do espaço fluídico-dinâmico. Temos assim a queda das dimensões de que resultou primeiro o tempo e depois o espaço, que pode contrair-se até ao ponto. Os fenómenos do nosso mundo, que a ciência objectiva toma como base e considera verdadeiros, não são mais do que posições contraídas, não evoluídas, forçadas e falsas, da verdadeira verdade que só reside em Deus. Aquilo que a ciência estuda é o universo caído, em dimensões involucionadas, estado especial próprio dos seres decaídos. Basearem-se no concreto como em certeza objectiva, representa uma fase espiritual não evoluída que só sabe conceber em função das ilusões dos sentidos e que profunda os mais baixos planos de vida, os satânicos. É esta a razão porque a ciência está limitada à análise e ao relativo, e, pela sua essência, é impotente para alcançar a grande síntese universal, devido ao seu método de orientação. Limitada pelo seu positivismo ao nosso mundo e sem o lampejo intuitivo que lhe revele conceitos impossíveis de atingir doutro modo, a ciência nunca poderá compreender e admitir que o mundo que ela considera como verdadeiro, não é mais do que um mundo invertido e negativo. Sem as grandes orientações, obtidas por intuição, a ciência continuará a debater-se nas trevas.

Só desta forma tudo se torna lògicamente compreensível. O egoismo representa a contracção do sistema que, do infinito, desce ao finito em partículas cada vez mais separadas e isoladas, isto é, egoistas. Quanto mais descem para Satanás, maior se torna a queda. Os espíritos não revoltados e perfeitos, conservam-se fundidos na unidade.

A prisão onde caiu o espírito humano é o corpo. Para subir de novo até Deus, o espírito tem de consumir na dor o seu invólucro, fato de carne, que é a sua animalidade, a parte mais inferior que pertence aos planos menos evoluídos da existência. Envergonhamo-nos da nossa nudez, porque ela representa a animalidade que nos torna semelhantes aos animais e cobrimo-la para esconder e idealizar a nossa miséria. Existe constante luta entre essa animalidade que está no princípio do caminho evolutivo e o espírito que se encontra no fim. A dor é o caminho da ascenção que termina na libertação do espírito. No entanto, admite-se para a nossa animalidade uma parcela de prazer que a auxilie a suportar a carne e a viver. E a sua vida torna-se necessária para que se possa sofrer a dor libertadora. Sem este mínimo de prazer (alcançado pela nutrição e pela reprodução), a carne recusar-se-ia a viver e não poderia cumprir a lei do sofrimento. Deixemos que os ingénuos acreditem que a vida representa alegria e que dar vida seja o mesmo que dar a felicidade. Não, a vida é dor. O seu primeiro alvo é a evolução e, portanto, sofrer, ou seja, conquistar a verdadeira felicidade. «Crescei e multiplicai-vos». Só é necessário viver porque é necessário sofrer. Entre pais e filhos só existe um laço: a dor comum. Os prazeres concedidos ao corpo têm por fim induzi-lo a viver e a sofrer; e os ingénuos que não compreenderam a estrutura do sistema, acreditam que seja possível basear a sua felicidade nesses efémeros prazeres. Ilusão. Os prazeres, tão ambicionados na terra, pelos quais tanto se luta, são, pela sua natureza, limitados ao mínimo para suportar a vida e sofrer. O que se nos afigura uma traição, só tem por fim a evolução e, com ela, regressarmos a Deus e reconquistar a felicidade perdida. Não é traição. Por isto se vê quanto optimismo deve existir no fundo do nosso pessimismo.

Fazendo o cálculo total e utilitário das consequências de tudo isto, em relação ao homem, poderemos dizer que, se a posição do ser, no mundo decaído, é muito dura, porque o seu destino é a dor, na obri-

VISÃO-SÍNTESE

gatória canseira de envolver para redimir-se por muito decaído que esteja esse ser, resta-lhe sempre o dom supremo da vida intacta, a despeito de tudo, a liberdade de aceitá-lo ou não. No meio da sua dor, o homem não só está sempre amparado pelo Amor que é o divino princípio do ser, mas pode recusar-se a viver. Mas pode certificar-se de que essa recusa o lançaria num inferno eterno, isto é, em tanta dor, precipitando-se cada vez mais no mal, afastando-se tanto de Deus, invertendo tanto o caminho, que maior lhe será o tormento da ascenção. Também lhe resta a evasão da vida, precipitando-se no nada. Mas ao ser resta-lhe muito mais do que essa liberdade de escolha e o assenhorear-se da própria vida. E isso é muito, porque se a causa da revolta e da queda hoje apenas significa dor e sofrimento, implica também a possibilidade de recuperação e representa o direito absoluto à felicidade. Felicidade ainda distante, mas de direito inegável.

Eis a posição do homem perante Deus, tal como é, sem que ninguém possa modificá-la. A vida é sofrimento, é escada para subir, auxílio de Amor, felicidade no fim dessa escada. Mas também é escada para descer, escada que nos dá a ilusão de fuga, e que, pelo contrário, agrava o nosso mal até ao infinito da dor no aniquilamento.

Quisemos assim esclarecer melhor e resumir o nosso pensamento sobre o tema do 10.º volume: «*Deus e o Universo*», num quadro sintético que vai de Deus ao homem, no último resumo que abraça e enquadra no infinito a «Grande Síntese», o nosso primeiro livro.

(SIBIL traduziu)

A Psicologia da Tolerância

Por TITO L. BANCÉSCU

(Correspondente em Rosário-Argentina)

As fases históricas que mais se caracterizam pela tolerância foram as que maiores impulsos deram às variadas manifestações do espírito. As artes, as ciências, a literatura, a filosofia e a moral progrediram de forma assombrosa. A própria duração da paz esteve em relação directa com a tolerância, de que resultou a compreensão e o respeito mútuo. A tolerância e a compreensão permitiram melhor entendimento entre os homens.

Do exposto se depreende que a tolerância tem sido o factor mais significativo das virtudes cardiais, pois contempla e respeita a lei da diferenciação, cujo carácter cósmico é inquestionável perante a ciência. Daqui surge a natureza harmónica da tolerância. Ela persegue sempre finalidades criadoras, propósitos analíticos e aspectos multiformes, mas afins entre si. Assim como as notas vibratórias dos instrumentos musicais de uma orquestra cooperam na formação da beleza, da mesma forma a tolerância constitui um factor vital que conduz ao intercâmbio de apreciações, isto é, de emissões do pensamento, avaliando as alheias expressões.

A tolerância tem a grande virtude de calcular a idade psíquica dos semelhantes, ao entabular conversação. Em tais casos, o filósofo nato e sem ilustração escuta, medita, calcula, inquire e informa-se para maior cotejo, enquanto o intolerante procura impor a vontade. Quando este possui alguns conhecimentos, então é insuportável, é o único que tem a palavra, gesticula, grita, insulta, arremete inconsideradamente. E quando a intolerância atinge o fanatismo, encontramo-nos pràticamente ante um espírito enfermo de que é preciso fugir, porque obrigá-lo a raciocinar é impossível.

A intolerância é, realmente, um fenómeno que perturba tudo o que é harmónico; e o intolerante é um eterno descontente de tudo o que vê e observa. O intolerante cria em torno de si um ambiente repulsivo. A sua cegueira espiritual inspira compaixão.

Dois intolerantes da mesma ideologia depressa provocam bruscas explosões, contendas ou lutas funestas. O ódio os alimenta até ao inverosímil e os afunda no abismo que bruscam afanosamente e inconscientemente. Por isso é lógico afirmar que a intolerância tem feito mais estragos no mundo do que todas as guerras. O intolerante é o produto de seus atavismos psíquicos. A sua evolução espiritual está na infância. E como não realiza esforço algum para assemelhar-se lentamente e jerarquias anímicas superiores, vegeta na órbita anacrónica, sofrendo por sua impotência e por não ser capaz de atingir os degraus da satisfação que dá o prestígio e a autoridade.

A tolerância encontra-se livre dos lobos ferozes que havia no mundo interior do homem feliz. Isto é que chama mais a atenção da intolerância que, no seu foro íntimo, inveja a sorte alheia, em vez de armar-se de vontade para desalojar essas feras perturbadoras que causam a sua infelicidade. Por isso os intolerantes sucumbem ao peso do progresso, da harmonia e das manifestações que embelezam.

NOTICIAS DO BRASIL

DESENCARNAÇÃO DO GENERAL MANUEL ARARIPE DE FARIA — Em idade já bastante avançada, apesar de admirável vigor espiritual, desencarnou a 17 de Julho último, no Rio de Janeiro, o general Manuel Araripe de Faria ex-director da Liga Espirita do Distrito Federal, conferencista espirita dos mais prestigiosos. O general Araripe de Faria era engenheiro militar, membro da Sociedade Brasileira de Filosofia. Durante muitos anos ocupou, sempre com brilho, a tribuna espirita, tendo-se revelado profundo conhecedor da doutrina. Colaborou em diversos jornais espiritas do Brasil e do estrangeiro e fez muitas conferências pela rádio. Quando se verificou, há mais de dez anos, a campanha da Sociedade de Medicina e Cirurgia contra o Espiritismo, o general Araripe de Faria, que acabava de deixar uma comissão militar em Pernambuco, tomou atitude franca, pela imprensa, em defesa do Espiritismo, o que lhe permitiu formar grande ambiente de simpatia no meio espirita. Era considerado, no Brasil, um dos grandes valores culturais do movimento espirita.

★

O ANIVERSÁRIO DE ALLAN KARDEC NA LIGA ESPIRITA — Como nos anos anteriores, o que já constitui, aliás, uma tradição, a Liga Espirita do Distrito Federal (ex-Liga Espirita do Brasil) está preparando interessante programa para comemorar, no dia 3 de Outubro, o aniversário de Allan Kardec. O orador da solenidade será provàvelmente o Dr. Carlos Imbassahy, festejado escritor espirita. Consta do programa deste ano uma exposição de jornais e revistas espiritas do Brasil e do estrangeiro. *Estudos Psíquicos* vai figurar na referida exposição, devendo o Secretário Geral da Liga fazer breve história de sua existência. A 1.ª Exposição deste género, na sede da Liga, foi organizada em 1939, pelo 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritas. Ao que nos informam do Brasil, a Liga já tem publicações oriundas da Holanda, África do Sul, Itália, etc. Espera-se que a exposição seja um documentário da imprensa espirita mundial.

★

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANÁ — A Federação Espirita do Paraná, que tem sua sede em Curitiba, capital daquele Estado, vai comemorar, em Agosto de 1952, o 50.º aniversário da sua fundação. Estão sendo preparadas, desde já, grandes festas na capital paranaense. Deverão estar presentes delegações procedentes de diversos Estados. Pelo que tudo indica, a festa do cinquentenário da Federação do Paraná será um acontecimento espirita de grande repercussão.

★

ALLAN KARDEC E A SOCIEDADE BRASILEIRA DE FILOSOFIA — Tendo escolhido Allan Kardec para seu patrono, de acordo com a última reforma do estatuto, do que, aliás, já demos notícias, o coronel Delfino Ferreira pronunciou, na Sociedade Brasileira de Filosofia, importante conferência sobre o Codificador do Espiritismo. Por deferência do presidente, Dr. Canabarro Reichardt, foram convidados para a mesa directora dos trabalhos os representantes da Federação Espirita Brasileira, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro e da Liga Espirita do Distrito Federal, o que prova, mais uma vez, o espírito eclético daquela Sociedade cultural. A conferência foi muito aplaudida, tendo o nosso Confrade Deolindo Amorim, correspondente de *Estudos Psíquicos*, pronunciado algumas palavras de congratulação com a Sociedade. Usou também da palavra para tecer considerações doutrinárias o Prof. Arnaldo S. Tiago. Deveria falar pròximamente outro espirita — o general Manuel Araripe de Faria — para fazer, também, o elogio de seu patrono: Gabriel Delanne. Cessou, porém, a espectativa, porque este ilustre Confrade desencarnou logo depois da escolha de seu patrono, aliás muito bem escolhido. Outros espiritas, membros daquele sodalício, deverão falar, futuramente, sobre seus patronos: Léon Denis, Flammarion, Gustavo Geley, Bezerra de Menezes. Verifica-se, pois, que já existem diversos espiritas no seio da Sociedade de Filosofia. *Estudos Psíquicos* vai publicar, na íntegra, a conferência do coronel Delfino Ferreira, presidente da Confederação Espirita Pan-Americana (CEPA), sobre Allan Kardec.

★

EDIÇÃO, EM PORTUGUÊS, DO LIVRO DO PROFESSOR FERNANDO ORTIZ — A Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, vai lançar, brevemente, traduzido pelo Dr. Carlos Imbassahy, uma edição, em português, do livro do Professor Fernando Ortiz, intitulado «La Filosofia Penal de los Espiritistas», publicado pela Editorial Vítor Hugo, de Buenos Aires. O Dr. Roberto Lyra, catedrático de Direito Penal, director da *Revista Brasileira de Criminologia*, em carta ao nosso redactor-correspondente, declarou que está estudando o asssunto com especial interesse. É significativo este registo, porque se trata de um criminalista de projecção, e embora não seja espirita, acaba de declarar que está, no momento, tomando interesse pelo assunto. De facto, a tese do Dr. Ortiz, criminalista cubano que também não é espirita, é muito séria: o Direito Penal à luz da filosofia espirita. Os tempos são chegados, não tenhamos dúvida. Sobre este importante livro, a Liga Espirita do Distrito Federal tomou a iniciativa de promover uma conferência pública, a qual se realizou com a sala completamente cheia, notando-se a presença de autoridades policiais convidados, etc. O conferencista foi o Dr. J. B. de Paula Fonseca Júnior, comissário da Polícia Civil do Distrito Federal. O conferencista estudou as escolas penais em confronto com o Espiritismo, com base no livro do Prof. Fernando Ortiz. O movimento promovido pela Liga Espirita teve muita repercussão. Esteve presente o Dr. Carlos Imbassahy. A CEPA fez-se representar pelo Coronel Delfino Ferreira. Vamos ter, ao que parece, uma revolução nos domínios do Direito Penal, tal o interesse que, por certo, irá despertar, entre os juristas, o livro do Prof. Ortiz, catedrático da Universidade de Havana.

ECOS DO ALÉM...

V

A sessão de 21-6-950 foi heterogénea. Dias antes tinda eu dirigido alguns trabalhos de desobsessão e um companheiro nosso sentira-se fortemente influenciado. Digo isto para justificar o que vai seguir-se.

Depois da prece de abertura, D. Maria Bacelar informou que o meu rosto se havia transformado no de um bebé, logo substituído pelo de um adulto de bigode preto.

— Vejo um boné de marinha com capa branca — acrescenta —. Vejo o sr. a bordo de um navio dirigir-se a terra de pretos. Entra numa habitação com uma varandinha onde há um casal de brancos. A terra é grande, mas os edifícios de cal e areia são poucos. Há terrenos desabitados e sem plantações. Ouço dizer: «estação». Parece que esteve muito tempo nessa terra por causa de estudos. Foi para mudar de posto. Mostram-me dinheiro e galões dourados. É mudança de posto. O sr., quando regressou, tomou o comboio e foi a uma terra onde um sujeito de idade avançada lhe deu um grande abraço. Parece que foi descansar da viagem e matar saudades (1).

Sem saber por quê, comecei a sentir nervosismo. Mal podia concentrar-me. A médium informou então que ouvia uma voz exclamar:

— Para que me chamaste? Para que me chamaste?

Pedi a atenção de D. Maria Bacelar para o ambiente que me rodeava.

— Está aí um espírito de homem — disse ela.

— Veja se ele esteve cá ontem à noite.

— Estive e hei-de estar — disse ele.

— Porquê?

— Tens algum interesse nisso? Chamaram-me . . .

— Mas, ontem, quem te chamou?

— Vim com o T . . .

— Ontem à noite?

— Vim com o T . . .

— Queres alguma coisa de mim?

— Ao menos, faz uma prece para me ajudares. Tens vontade forte, podes fazer-me esse jeitinho . . .

Fizemos uma prece pela entidade.

— Obrigado, — disse ela —. Sempre valeu a pena cá vir . . .

E referindo-se ao T . . .:

— Ele é que anda com um gancho a apanhar a gente . . . Há pensamentos que nos atraem . . . Se hão-de afastar-nos, atraem-nos: «Porque sou atacado . . . porque tenho obsessão» . . . e nós vamos indo... Ao menos, andamos ao pé de alguém. Sentia-se mal? Rezava um padre-nosso *e nós íamos andando . . . Às vezes tropeçam e desculpam-se connosco. Temos as costas largas . . .*

Admirei-me desta intromissão, mas depressa lhe encontrei a causa (1). *Todavia, um problema se apresentava à minha inteligência: Se Lia estava presente (havia mais de 10 minutos que eu notava o seu sinal característico), porque não se manifestava, afastando o intruso?*

— Podes responder-me a algumas per-

---

(1) Tudo isto é verdadeiro. Há 23 anos fui para Cabo Verde a bordo da Canhoneira Zaire *e lá permaneci cerca de vinte meses, em tirocínio, para mudança de posto. A palavra «estação» significa estágio de navio em qualquer parte do ultramar. E quando regressei muni-me de licença e dirigi-me à terra natal, onde minha mulher permaneceu quase todo aquele tempo. De facto dei-me com um casal de brancos que residiam numa casa com uma pequena varanda. Mais tarde vieram para Lisboa, onde mantivemos boas relações.*

(1) As sessões de desobsessão requerem grande elevação espiritual. O afastamento de certos e espíritos esbarra às vezes com enormes dificuldades, entre elas, perseguição acintosa a quem dirige os trabalhos. Assim, o obsessor de T... apresentou-se ali com seus fluidos grosseiros, talvez na mira de encontrar a vítima da noite antecedente. E outras entidades ali vieram, em virtude de causas semelhantes.

guntas? — inquiri, dirigindo-lhe a palavra.

A resposta veio imediatamente:

— Bem sabes que diante de amigos se conversa mais à vontade. O nosso coração se abre. E quando se vê um inimigo, ele se retrai . . .

— Referes-te a inimigo espiritual?

— Pois.

— Estava cá algum?

— Por ele estar aqui, é que eu não podia falar.

— Conheceste-lo na tua última existência?

— A ela, sim; a ele, não.

— A ela, quem?

— A mãe (1).

— Ainda continua a obsidiar o filho?

— Menos, mas continua. Depois afastar-se-á. Há irmãos espirituais que auxiliam a cura.

— Mesmo na ausência dele?

— Sim, que não deve ser prolongada. Ele é impaciente.

— Será da doença?

— É também de ser voluntarioso, de fazer sempre o que queria. O mimo demasiado não é bom. Pela vida fora há desilusões. É preciso saber obedecer.

— E esses elementos que te impediam de falar, onde estão?

— Lá dentro, junto dele (refere-se ao filho da entidade). Foi como se varressem esta casa, para eu entrar no que está limpo.

— E ele cura-se?

— Não completamente. O complexo nervoso é grande.

Depois mudei de assunto.

— Ontem à noite, enquanto trabalhava, estiveste muito tempo comigo?

— Até te ires deitar.

— Os fluidos fortíssimos que senti eram teus?

— De quem querias que fossem?

— É que perguntei (por intermédio dos braços) se sofrias ao aproximar-te de mim e a resposta foi afirmativa. Por isso estranhei. Logo vieram aqueles fluidos que me abalaram. Não eram suaves, como os teus.

— Mas eram meus. Mais fortes, para te reanimar.

— Porque sofrias na minha presença?

— Porque via o teu sofrimento.

— Disseste que te sentias mal ao pé de mim . . .

— Por isso mesmo.

— Depois disseste que era um amigo que desejava comunicar . . .

— Um amigo mais forte do que eu. Estávamos os dois. (A médium descreve um homem de perinha, alto, olhos negros e brilhantes, atrás de Lia. Pelos traços, devia ser Reper-Siam). O fluido de ambos é que te perturbou.

Li a Mensagem n.º 103 (um capítulo de «Dois Mundos») e perguntei se a ouvira ler.

— Ouvi — disse ela —. Haverá muitas e mais interessantes.

— Estamos longe do fim?

— Do fim e do princípio . . .

— Não compreendo.

— Fim de um e princípio de outro.

— A tarefa é maior do que eu julgava . . .

— Fim de «Dois Mundos». Já estás cansado. Não te sentes bem comigo?

— São as horas mais belas da minha vida.

— E um pouco longas . . .

— O meu maior desejo é ser veículo dos ensinamentos do Alto. Creio que este livro causará sensação.

— Veremos . . . veremos . . . Nem todos sabem ler tudo.

— Vai elucidar muitas almas.

— Isso, não há dúvida.

— E obrigará outras a estudar.

— A meditar um pouco.

— Ontem, na preparação para a Mensagem, senti um toque forte na mão, quando estávamos a comunicar pelos braços. Que foi aquilo?

— Não te disseram que são as minhas mãos que te fazem mexer os braços?

— Até me assustei com o choque.

— Estavas muito nervoso . . . (e ri-se).

— Estudas, primeiro, a Mensagem?

— Para quê?

— Nós necessitamos de estudar.

— Nem todos. Alguns têm o dom da palavra.

---

(1) É preciso esclarecer que estava presente o filho desta entidade, que é a mesma que menciono no princípio do último capítulo. Como aquele amigo era perseguido por ela, aconselhei-o a retirar-se para uma sala contígua, até final dos trabalhos.

— *Tu ditas de improviso?*

— *Como escrevia.*

— *Mas agora és mais profunda.*

— *Agora sou o que era antes de encarnar.*

— *Que eras nesse tempo?*

— *Era elevada. Mas ainda me faltava cumprir aquele tempo de escravidão na carne . . .*

— *Tinhas contas a ajustar com a família onde nasceste?*

— *Tinha. Com o pai.*

— *Éreis dois espíritos muito diferentes. Sabes agora a razão de tudo?*

— *Tínhamos contas a ajustar.*

— *Ainda há relutância entre vós?*

— *Da minha parte, não. Ele é duro.*

— *Fostes companheiros nalguma vida?*

— *Homens que não se entendiam, que se maltrataram. Nessa altura, prevaleceu a minha vontade. Agora prevaleceu a dele, porque era justo e eu não. Por isso, veio a mandar em mim.*

— *Foi grande ensinamento . . .*

— *Como todos os que o Pai dá. Só aqui os vemos.*

— *É a lei em que falas nas Mensagens?*

— *É. É a lei que temos de cumprir. Dizem que Deus escreve direito por linhas tortas . . . mas nós é que as entortamos.*

★

Em 28 de Junho D. Maria Bacelar narra algumas vidências que não pude controlar, mas uma delas pareceu-me relacionada com a guerra da Coreia. Depois disse:

— *Vejo D. Maria à frente de muitos espíritos, todos de branco, numa estrada larga . . . Parece que vêm buscar gente ou prestar socorro. E ouço dizer: «Trabalhamos. Temos que ajudar os que precisam de auxílio. Aí não podia auxiliar como desejava. Aqui posso satisfazer a vontade. Dou o que quero. Assim é que eu entendo a caridade espiritual, mas nem todos sabem ou podem fazê-la».*

Depois seguiu-se um diálogo levemente sibilino que me pareceu influenciado por entidades estranhas ao ambiente. Cheguei a duvidar do comunicante, que parecia retrair-se, e fiz uma experiência pelo abecedário, cujas conclusões se harmonizavam com as palavras da médium.

— *A tua dúvida não tem fundamento — transmitiu D. Maria Bacelar —. A minha vontade é grande, mas tem limites. Aí podemos dizer o que devemos e não devemos. Aqui só podemos dizer o que devemos. Estás satisfeito?*

— *Estou.*

— *Ainda bem. Era uma dúvida pueril.*

— *Conheces bem o meu feitio . . .*

— *Como tu conhecias o meu. . .*

— *Dizias sempre o que sentias.*

— *Mais uma vez o disse. E porque não? Sabes que há deveres mais graves a cumprir. Vontade mais forte a respeitar.*

— *Falas no estilo das Mensagens.*

— *Então, já me conheces bem.*

— *O livro «Dois Mundos» vai muito adiantado?*

— *Ainda não vai em meio, mas pouco falta (1).*

— *Tens assunto para tanta coisa?*

— *Até para muito mais.*

★

Em 5 de Julho usámos o abecedário. A minha mão direita era guiada por força oculta que indicava as letras inscritas num grande rectângulo de papel. D. Maria Bacelar e seu marido apoiavam os dedos num pires que deslizava, procurando letras e formando palavras. Mas cheguei à conclusão de que, embora se tenham obtido identificações por tal processo, há falhas irremediáveis que neutralizam inesperadamente excelentes mensagens, em virtude dos espíritos atrasados terem grande simpatia pela comunicação através da «prancheta».

Uma vez obtive uma prova concludente após a recepção da Mensagem habitual. Coloquei a mão sobre o abecedário e perguntei ao espírito de minha mulher se me poderia dizer uma coisa de que só eu tivesse conhecimento. E logo os meus dedos avançaram e recuaram sobre o papel, iludindo muitas vezes a minha própria expectativa e formando palavras em que eu estava longe de pensar. E veio a seguinte frase de aparência sibilina: «Eu baixei manga uma vez que mandei ao

---

(1) No fim da sessão fiz a mesma pergunta pelo abcedário e obtive igual resposta.

agente um fato. Tu mandaste elevar e veio de manga muito curta».

A princípio fiquei perplexo. Não consegui decifrar o que me parecia autêntica charada. Mas logo se fez luz na minha memória e compreendi tudo, cheio de verdadeiro espanto. Aquele «agente» julgava eu que estava ali a mais. Por isso inquiri:

— Queres dizer «alfaiate»?

— Não — respondeu.

E repetiu a palavra que tinha ditado.

De facto, o alfaiate é o agente, isto é, o artífice do vestuário. O vocábulo estava bem empregado.

Ora, cinco anos antes mandara eu fazer um fato e veio de mangas compridas. Devolvi o casaco ao alfaiate, depois de indicar a altura onde devia ficar a bainha. Quando o casaco chegou a nossas mãos, a manga vinha muito curta, por lapso de quem fizera o conserto. Eu fiquei arreliado com o acontecido e minha mulher resolveu remediar o caso, «baixando a manga», como se diz na Mensagem. A construção da frase é preconcebida e a transposição e inversão de certas palavras deixa entrever uma inteligência esclarecida com desejos de afastar todos os elementos susceptíveis de avivar em meu espírito a lembrança do caso, para que a prova fosse completa.

Confesso que me senti abalado. Se eu próprio tive que me esforçar para compreender o significado daquelas frases . . . Aqui estava um facto irrefragável, a maior prova, para mim, de que era o espírito de minha mulher.

Voltando, porém, à sessão, queria eu dizer que houve intromissões lamentáveis, o que levou a mesma entidade a dizer que não podia evitar que as «crianças fizesssem maldades, metendo-se onde não eram chamadas, e acrescentando:

— É preciso ensiná-las com amor e paciência. Senão, ainda fazem pior. Tudo são ensinamentos.

— Ontem mostraram-me uma Mensagem que te era atribuída e em que falavas a meu respeito . . .

— E que tu aceitaste?

— Repeli-a imediatamente.

— Vejo que sabes onde está a verdade.

— Eram muitas palavras e poucas ideias . . .

— Poeira que se sacode e nada fica.

— Tens comunicado por outros médiuns?

— Não há necessidade disso.

— Porque não comunicas através do abecedário?

— Há perturbações.

Depois mudei de assunto:

— Falaste-me há dias numa madeixa de cabelo... (1).

— Eram da minha «permanente».

— Mas tu não os viste cortar...

— Quem disse?...

— Já tinhas desencarnado.

— Quem disse que não vi?...

— Não to diria algum espírito que disso tivesse conhecimento?

— Eu sei (e aponta com o dedo para o peito).

A médium pergunta: «O cabelo era do lado esquerdo? Vejo a falta do lado esquerdo... sobre a orelha...» (2).

— Não te lembras de outra particularidade que só eu e tu conhecêssemos?

A médium pergunta: «Não lhe tiraram um anel?».

— Tiveste consciência desse facto, quando to tiraram ou quando passou a perturbação?

— Senti tirarem-mo (3).

— Também sentiste algum tratamento que te fizeram antes de desencarnar?

— Injecções? Sofrimento inútil (4).

---

(1) Dias antes, após a recepção de uma Mensagem, pedira-lhe uma prova através do abecedário e recebi o seguinte: «A fita de cabelo que tu cortaste no dia do enterro... Adeus. Adeus. Beijos à Gena. Diz-lhe adeus por mim. Adeus. Adeus». A palavra «fita» obrigou-me a pensar em cinema; depois é que me lembrei de que no dia do enterro pedira a uma sobrinha que lhe cortasse uma madeixa de cabelo para recordação. A entidade chamou fita à madeixa. Era, de facto, uma boa prova, visto que eu não pensava em cabelo.

(2) Eu ignorava o sítio onde fora cortada a madeixa. Escrevi então a minha sobrinha e a resposta, chegada cinco dias depois, confirmou em absoluto a vidência.

(3) Já o médico tinha verificado o óbito.

(4) O médico deu-lhe duas injecções: uma intravenosa no braço esquerdo e outra no coração. Pelas contracções produzidas, deviam ter sido dolorosas.

— *Não pudeste despedir-te?*

— *Não pude dizer o que queria. Mas ainda um dia o saberás* (1).

— *Poderás dizer-mo pelo abecedário, como fizeste acerca da madeixa?*

— *Veremos. De uma forma ou de outra. Descansa, que to direi.*

— *Desculpa eu exigir provas. Bem sabes que há espíritos que interferem.*

— *Mas, pelo modo de falar, logo vês que sou eu. Quando interferirem, ajuda-os, como eu faço.*

A médium diz: «Tiraram-lhe o anel quando já estava inconsciente. Mas ainda não tinha acabado, porque sentiu».

— *Tiveste consciência dos que te rodeavam?*

— *Um pouco.*

— *E dos médicos que te assistiram?*

— *Esses já não me interessavam.*

— *Qual era a coisa que mais te interesssava nessse momento?*

— *Ouvir-te e à Gena. Fiz a diligência até poder.*

— *Qual a tua missão actual?*

— *Ajudar uns e outros e trabalhar para as criancinhas.*

— *E acerca do livro? Agora é mais complicado. Não será profundo demais?*

— *Achas? Eu não acho.*

— *Há nele imagens que nunca havia sentido.*

— *É bom que aprendas.*

— *Não tens auxiliares para essa obra?*

— *Vejo e ouço outros irmãos.*

— *Há tão pouco tempo que aí estás...*

— *E as outras vidas, não contam?*

— *Tens visto algumas? Não te surpreendeu o panorama?*

— *Resta-me dar graças a Deus pelo muito que passei, pelo muito que sofri e pela felicidade que tive.*

— *Que fui eu na tua vida?*

— *Uma luz.*

— *Teria sido providencial a tua partida?*

— *Foi. Assim tinha que ser, Estava marcado...*

— *Se fosse eu, seria pior?*

— *Eu tinha que vir e dar-te estas provas da sobrevivência. Não são só para ti. São para o mundo. Tudo é trabalho para a Causa. Tínhamos de continuar a trabalhar juntos e a provar que a alma é imortal. A obra de Deus é sublime.*

— *Há dias esteve aqui um médium vidente. Disse que te viu junto de mim. É certo?* (1).

---

(1) *Três meses após a desencarnação de minha mulher, encontrei uma cigana, num passeio ao campo. Logo que me viu, manifestou desejo de me ler a sina. Estendi-lhe as mãos e ela disse imediatamente:*

— O sr. perdeu há pouco uma pessoa de muita amizade que à hora da morte lhe quis falar e não pôde. Levou-o atravessado no coração.

De facto, os gestos que ela fez com os braços (como de quem quer agarrar), pareciam solicitar-me, mas já não podia coordenar os movimentos.

(1) *A médium D. Albertina Serrano visitou-me no dia 3 de Julho, a fim de pagar uma quota do Centro Luz e Amor, em cuja secretaria eu me encontrava a receber uma Mensagem, e por isso foi a Gena que a atendeu no meu escritório. Mal se sentou, disse esta senhora:*

— Vejo seu paizinho a escrever à secretária e D. Maria atrás dele a ditar-lhe uma lição. Está vestida de branco, como as irmãs de caridade, e vejo um livro já grande em que ele escreve. Ela tem uma auréola amarelo-dourado, que quer dizer «Ciência».

De facto, eu estava no outro extremo da casa e já tinha 10 linhas escritas do capítulo «A Metamorfose», que faz parte do livro «Dois Mundos». Quanto ao «vestido branco», coincide com a descrição feita noutra emergência por D. Maria Bacelar.

O SENTIMENT

A transição da morte é o amplificador dos sentidos. Tudo se modifica em nós. Vivemos mais intensamente. É o «outro mundo» em que falais e do qual se dizem coisas mirabolantes. Nós é que o fizemos. Descobrimos o que nos era oculto. Depois usámos os meios que encontrámos em treino natural.

Se aperfeiçoardes os vossos dons no desejo de lobrigar o que há neste mundo, podereis ver, embora a vossa linguagem não consiga traduzir. Ficareis com a imagem na retina. E os vossos passos serão mais firmes.

Pensai bem nisto. As ciências psíquicas são manancial e degrau. São nascente e caminho. Cultivai-as e resolvereis melhor as vossas questões. Sereis mais fortes, mais calmos, mais confiantes.

— É.

— Que fazias nesse momento?

— Conversávamos. Estávamos em comunhão de pensamentos. Porque, às vezes, falo e tu não percebes.

O leitor já verificou, certamente, que não sou muito crédulo. No decorrer destes trabalhos houve controvérsias que me faziam lembrar um passado recente em que o espírito de minha mulher se afirmara em plenitude.

Um dia, numa sessão a que assistia a médium psicográfica D. Maria Luiza Bravo, pedi àquele que me desse uma síntese orientadora. A sua pena começou a deslizar e tive o prazer de ler o seguinte:

«Maria: Diz a meu marido que a síntese que me pediu a respeito dele é a de que só se vive vencendo a vida. Isto é, ele deve vencer-se a si próprio na dor da minha perda, lutando pelo nosso ideal sem vacilar. A minha perda, como bem sabe, é temporária. Um de nós tinha que vir primeiro. O querido Isidoro que se conforme, pois eu estou sempre ou quase sempre em comunhão de pensamento com ele. E tu, não descures as tuas faculdades mediúnicas. Adeus. Dá saudades a todos esses bons amigos — Maria».

Fiquei chocado, confesso. Não poderia haver síntese mais perfeita, que melhor se adaptasse ao meu caso psicológico. Mas aquela frase — «só se vive vencendo a vida» — deixou-me verdadeiramente perplexo. Eis uma frase que lhe era peculiar e que eu depois encontrei em Mensagens por mim recebidas dois meses antes! Embora não tivesse elementos de prova total, estou convencido de que mais ninguém poderia ditar semelhante comunicação.

Se o ser que desencarna tem desejo forte de provar a sua existência, aproveita todos os meios para isso. Nem só o facto é evidência irretorquível. Há pequenas coisas que valem tanto como as grandes. O modo de dizer e a forma de encarar certos problemas é um precioso elemento de identificação.

Tenho escrutado os mais leves pormenores e seguido veredas que conduzem à certeza absoluta. O que tenho obtido chega para a minha exigência (1). Os outros pensem o que quiserem do meu depoimento. Eu escrevo mais para mim, que para eles, ainda que esta obra seja susceptível de chamar a atenção para um problema de grande complexidade que poucos se dão ao trabalho de estudar e resolver...

(Continua)

I. D. S.

---

(1) Em 14 de Julho recebi uma comunicação pelo abecedário. Enquanto a minha mão girava, a Gena ia apontando as letras.

— Quantos capítulos terá o livro «Dois Mundos»? — inquiri.

— Duas vezes te disse que teria 54.

Efectivamente, no dia 1 de Agosto estavam escritos 54 capítulos. Os dois últimos foram reduzidos ao «Epílogo»... e outro serviu de prefácio. Portanto, tudo certo. Depois, a mão continuou a deslisar:

— Vê a Gena, uma mulher às direitas! Diz-lhe que sua mãe a beija com pura amizade. Diz-lhe que bem sabe que deve zelar pelo paizica. Deve fazer dele um verdadeiro pai e a demonstração disso é a urgente metamorfose de uma faceta... (E esclareceu o caso, apontando um hábito da Gena). Eu estou bem e peço a Deus que dê ao paizica muita delicadeza, porque ele, às vezes, é pouco cerimonioso, mormente com pessoas mais idosas.

A palavra «paizica» que ela costumava empregar em conversa com a Gena, quando se referia à minha pessoa, e o facto de eu não pensar naquele instante em semelhante vocábulo, são para mim de valor extraordinário, como elemento probatório.

O DAS ALMAS

Senhores de uma chave abrireis muitas portas fechadas aos leigos. Decifrareis enigmas. Vereis o que há para além da névoa que separa os dois mundos.

É tarefa espinhosa, bem sei, mas de grande alcance na vida das almas. Lançai-vos nela, embebei-vos nela. Estudai e meditai. Procurai compreender. Tendes elementos de penetração. São as vossas faculdades anímicas. Foram convosco e virão convosco, correctas e aumentadas.

Usai-as, enquanto é tempo. Quando chegardes, encontrareis o caminho aberto, como se tudo vos esperasse. Não sereis colhidos de surpresa. O que virdes será continuação. Será o complemento do caminho que percorrestes.

(Do livro «Dois Mundos», ditado por Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)

Sofres e choras? Vem comigo.

Vou mostrar-te o caminho que conduz ao país do sonho e da ventura!

Como esse rosto macilento reflecte bem o teu estado de alma, onde a tristeza e a desilusão há muito assentaram arraiais!

Conheci-te outrora. No teu semblante, pareciam estampadas, para sempre, a esperança e a alegria! Mas as tempestades da vida, desencadeadas sobre a tua cabeça indefesa, foram pouco a pouco alquebrando-te as forças e desse esplêndido ser dos tempos idos, resta um farrapo, nas garras ensanguentadas da dor e do desengano!

— Não me olhes com essa expressão desalentada! Não maneies a cabeça ante a incredulidade que avassala o teu coração! Esse país existe e todos podemos alcançá-lo, por mais grave que pareça o nosso caso.

Sentiste, ainda que por um fugaz momento, o brilho de uma pálida esperança, ante esta minha afirmação consoladora?

É natural, porque apesar do cepticismo em que a brutal realidade da vida te mergulhou, ainda restam as cinzas ténues, bruxuleantes, daquela intuição que todos temos em dias melhores.

Vi esboçar-se uma débil expressão de anelo, que a todo o custo procuras abafar, como se fosse um crime saires do reduto onde esperas passar o resto da existência.

Envolvem-te crepes tão escuros como a noite mais cerrada, reflexo das trevas onde vive o teu espírito, esse peregrino que Deus criou para altos destinos.

Como pode ele, o pobrezinho, cumprir a sua missão, se o algemaste nas malhas férreas da descrença, contra a qual nada lhe é dado fazer?

Estou lendo o que te vai no pensamento, ao ouvires as minhas palavras de consolo, porque um sorriso amargo procura gelar o débil impulso de tua alma, onde as minhas palavras estão caindo como bálsamo bendito. Sim, no meio deste mar de ódios, injustiças e rancores, em que se debate a humanidade, ainda podemos ser relativamente felizes. Felizes, sim, mas há que distinguir a verdadeira da falsa felicidade. Esta última não é mais do que uma armadilha, destinada a afastar-nos cada vez mais da nossa finalidade.

Se queres gozar de relativa ventura neste planeta, deixa falar à vontade a parte do ser que em ti dormita. Liberta-o da pesada grilheta em que o mantens e ele te mostrará uma face inédita da vida, plena de suaves perspectivas, como jamais havias sonhado.

OS VOLUNTÁ

QUE CYRILLO A

Temos vivido mergulhados em profundo sono e é tempo de abrirmos os olhos às magníficas realidades, aos tesouros que jazem ocultos nas profundezas do nosso ser.

A posse dessas riquezas vem solucionar de vez o antigo problema da felicidade.

A era do bezerro de ouro, ídolo sinistro que tanto mal nos tem causado, há-de passar. As riquezas encerradas em nosso interior são infinitamente mais valiosas, projectando torrentes de luz na trajectória do nosso destino, aclarando de tal maneira a nossa finalidade, que acabamos mesmo por sorrir à própria dor, reconhecendo nela a sua origem humana e a certeza de que o seu reinado cessará, quando o código divino for devidamente compreendido e respeitado.

Os pisos que até agora temos trilhado, nada mais nos podem conceder além de mal-estar, desconfiança mútua e conflitos de toda a ordem.

É necessário arejar a alma. Há nela energias e possibilidades latentes, aguardando apenas a ordem de entrarem em acção forças poderosas capazes de operar a reforma radical de que a sociedade carece.

O teu anseio é o anseio de toda a gente. É o grito do fragmento divino, que, consciente de seu destino sublime, procura ouvir-se através das pesadas paredes em que as paixões o enclausuraram.

Mas a era instintiva está a atingir o seu limite e a alma, cansada do círculo vicioso em que tem vegetado, sente em si o palpitar de nova vida, vida esplendorosa, que há-de impeli-la a nobres empreendimentos.

Mas não penses em ser feliz, sem trocares primeiro essas vestes sombrias, por outras que melhor se harmonizem com o objectivo a alcançar.

Para quê crepes negros, se tudo no Universo é um hino a Deus, à sua infinita sabedoria e misericórdia?

A dor é mero produto humano, oriundo da atmosfera deletéria que envolve a partí-

RIOS DA DOR
EIXO ESCREVEU

cula divina e o problema da felicidade está em nos desembaraçarmos dessa crosta venenosa, constituída por todas as imperfeições, a fim de que em nós imperem soberana e definitivamente, os atributos divinos.

Enxuga essas lágrimas, pois os entes queridos que viste partir e julgas perdidos para sempre gozam agora a verdadeira vida, no seio do éter infinito, sua pátria eterna. Abandonaram estas paragens provisórias, depois de nelas terem pugnado pelo seu desenvolvimento psíquico.

Não os lastimes; deixa antes que tenham piedade dos que ainda se conservam nestas plagas inóspitas, onde todo o auxílio é pouco para triunfarmos das múltiplas ciladas da vida, a fim de que se cumpra na íntegra o plano estabelecido no além, quando da nossa vinda a este planeta.

Acaso os reclusos de um presídio deploram a libertação dos seus camaradas, ou os doentes de um hospício lamentam os internados que vão tendo alta?

Substitui essa amargura cruel pela certeza fagueira de que um dia, quando o nosso programa estiver cumprido, partiremos também para junto deles, os quais, de braços abertos, nos receberão no limiar do etéreo.

As tuas preocupações devem ser outras, procurando pela força de vontade, sòlidamente cimentada na fé, cumprir, a todo o transe, as obrigações impostas e respeitar os santos compromissos, assumidos no solene momento do ingresso no reino da matéria, para o que terás de lutar com obstáculos formidáveis, mas não inamovíveis, porque Deus, em sua infinita bondade, nunca nos concede fardos superiores à nossa força.

«Mas onde está esse tal reino da ventura?», dirás tu, com um sorriso entre irónico e desalentado.

«O meu reino não é deste mundo», afirmou o meigo nazareno e o reino desse espírito cintilante é o que todos nós demandamos e pela posse do qual estamos há milénios empenhados, numa série ininterrupta de lutas de toda a espécie.

«O meu reino não é deste mundo» mas a felicidade que podemos e devemos aqui gozar é idêntica à de um viajante a caminho de paragens mais belas e que, consciente do seu destino, aceita de bom grado todos os acidentes da viagem, ou à de um enfermo que, tendo a certeza da cura, se submete com prazer ao tratamento que há-de salvá-lo, por mais custoso que ele seja. Como viandantes também, que nos importam os mil acidentes destas viagens pelos mundos, se nos esperam grandes alegrias e recompensas, quando o objectivo final for alcançado?

O sofrimento estende suas funéreas asas sobre o mundo, por a vida não nos facultar aquilo que só nos será outorgado, quando atingirmos a maturação espiritual, encarando-se a dor, não como hábil burilador de nossa alma, mas como uma simples maldição, quais viajantes, para quem os incómodos da viagem fossem coisa dispensável e pretendessem gozar a alegria e quietude das paragens que demandam, ou, quais enfermos, rebelados com o tratamento doloroso que há-de salvá-los.

Se a nossa finalidade é, portanto, o ingresso nesse reino de ventura sem par, é necessário sabermos qual o caminho que mais ràpidamente nos possa lá conduzir.

Além da rota sem desvios, por onde bem poucos enveredam, há atalhos tão perigosos, que palmilhá-los corresponde a protelarmos a chegada a tais mansões de luz, pela profusão de precipícios, por onde resvala a maioria e dos quais só é possível sair-se à custa de muito sacrifício e sofrimento.

Para lá chegarmos quanto antes, é indispensável pormos em prática os ensinos de Jesus-Cristo, por constituirem o código divino que rege o destino humano.

Esses preceitos não são fáceis de acatar, quando a existência não passa de simples trampolim para a satisfação de todas as paixões inferiores, resvaladouro sinistro que nos conduz a um báratro de sofrimentos terríveis.

Amar ao próximo como a nós mesmos, fazendo-lhe tudo o que desejaríamos nos fosse feito e perdoar aos nossos inimigos, não são normas simpáticas a quem tenha o coração a trasbordar de orgulho e de egoismo.

Mas ai de quem for insensível a esses surtos divinos, porque uma série de sofrimentos será a consequência natural da infracção

ao código extra-humano, a fim de que seja aprendida a lição do amor e do perdão.

Não vês que a centelha divina é a mesma em todos nós, havendo sòmente a considerar a maior ou menor espessura do véu que lhe impede o fulgor, constituído pelas imperfeições da nossa natureza ainda tão animal?

Não te revoltes contra ninguém, não procures ódios nem vinganças, porque o irmão que te ofendeu é antes digno da tua consideração. Através das infracções às leis de Deus, o infeliz mostra como ainda é densa e asfixiante a atmosfera que o envolve e o teu dever é auxiliá-lo, indicando-lhe os meios de conseguir desembaraçar-se das impurezas que o fazem sofrer.

Senhores do livre arbítrio, é-nos dado abreviar ou retardar as nossas misérias.

Há só um meio de nos emanciparmos das tristes condições presentes: respeitar integralmente as leis cósmicas, reveladas pelo nosso Mestre Jesus, uma vez que não nos é dado alterá-las e ainda bem, porque na sua cegueira e ignorância, não faltaria quem a troco de efémeras ilusões, comprometesse irremediàvelmente a felicidade futura, alvo supremo das nossas lutas e sofrimentos.

«A fraqueza humana...». Sim, a fraqueza humana é a capa de misericórdia para a cobardia moral dos apáticos e dos que receando nada existir de superior às suas pobres concepções, passam a vida no estreito limite em que se colocaram. Como se enganam esses desgraçados míopes! Acima das ilusões da vida, paira um mundo de sensações desconhecidas, um mundo de soberbas realidades, como a imaginação jamais pôde conceber!

Lança-te em sua busca, ó desiludido da vida, e verás como não há satisfações maiores do que as interiores, nem consolações mais suaves do que as sentidas nesse mundo de mistério que em todos nós existe!

Que fazermos para encontrá-lo?

Habituar-nos ao recolhimento e à meditação. Fugirmos de vez em quando dos rumores do mundo e, no isolamento, concentrarmos o pensamento em nosso interior, pedindo auxílio a Deus para encontrarmos o nosso verdadeiro eu, aquela parte de nós que, pobrezinha, vive desprezada no meio das artificialidades impostas pela ignorância e convenções sociais. Após várias tentativas, verificamos que, de facto, nas profundezas do nosso ser, existem tesouros ocultos, riquezas inexploradas, enfim, um vasto mundo de sensações novas que deixam a perder de vista todas as percepções do mundo objectivo.

Quem é que não ouviu já o eco, embora longínquo, da doce harmonia dessa mansão desconhecida, quando em certas ocasiões nos sentimos arrebatados para além dos limites sensoriais e tocados pela intuição de que a vida não passa de um amálgama de ilusões e de que algo de mais belo, embora vago, existe irrevelável a nossos parcos sentidos?

Compartilham já desses gozos inefáveis os que, pela calada da noite, se sentem comover ante as doces notas de instrumentos musicais, ou se extasiam perante os maravilhosos espectáculos da natureza, aqueles que se sensibilizam com os sofrimentos alheios ou sentem os olhos marejados de lágrimas, sempre que uma justiça é feita.

Esses sim, sabem bem como são delicadas e profundas as sensações do mundo que em nós dormita!

Como manifestações do Supremo Poder Infinito, dentro de nós jazem ocultas possibilidades imensas, infinitas, mas, mau grado nosso, arrastamos a vida quais mendigos, que ignorassem a existência de tesouros fabulosos, em seus tugúrios miseráveis.

Quando aprendermos a utilizar para o bem o poder oculto que em nós existe, passaremos a ser invencíveis e invulneráveis, não havendo dificuldades que não sejamos capazes de vencer. A nossa evolução poderá ser assim acelerada, com uma mais fácil eliminação de todos os nossos defeitos, os quais, nas condições vulgares, parecem a nossos olhos colossos invencíveis. «A fé transporta montanhas», admirável proposição do Rei dos Reis.

Ter fé é ter a certeza no êxito, é pôr em acção o poder infinito que em nós existe e que de tudo é capaz.

Deixemos de olhar tanto para o exterior, a fim de tomarmos posse das riquezas interiores que por direito nos pertencem. A partir desse momento, uma doce e inalterável paz passará a ser a eterna companheira, nesta gloriosa jornada para o país do sonho e da ventura.

«A Grande Síntese»

Desta obra, que se encontrava esgotada nesta redacção, acabamos de receber nova remessa, podendo desde já satisfazer aqueles que desejarem obter este grande trabalho mediúnico.

PREÇO 120$00

Inconsciente e Subconsciente

Por OTTO A. PRADO

EM todos os tratados de psicologia se empregam estes vocábulos sem forma determinada, como se exprimissem uma só coisa. Se juntarmos numerosas denominações usadas por diferentes psicólogos, como: infraconscientes, temos um mare magnum *de nomes e definições da actividade psicológica que transforma esta disciplina num verdadeiro caos.*

Como já experimentámos esta confusão ao querer decifrar as doutrinas dos diferentes autores, poremos em ordem a nossa interpretação do que constitui o inconsciente e o subconsciente. Semelhante interpretação está de acordo com a magnífica teoria geleana e desde já advertimos o amigo leitor que, no intuito de esclarecer e firmar os nossos conceitos, — coisa tão difícel em psicologia — teremos de nos repetir, se for necessário.

São inconscientes as reacções primitivas que se ocultam sob o veniz do civilizado, assim como os sentimentos de ódio ou ira e os movimentos automáticos instintivos.

São subconscientes as aquisições conscientes que implicam tendência evolutiva, as capacidades inatas, o génio, a ânsia de superação que reside no íntimo, como parte da actividade supranormal.

Quanto ao consciente, é o estado actual em que se encontra o espírito na vida de relação. É o agir no presente com inteiro conhecimento do que se faz ou pensa.

A nossa posição eminentemente espirita discrepa da psicologia que se ensina nas universidades, porquanto aquelas partem de confusa posição somática ou psicossomática; assim, fizeram da ciência do espírito uma fria teoria que prescinde da aplicação espiritual, quer dizer, que não considera o espírito separável do corpo, resultando (raro paradoxo da psicologia) uma ciência do espírito, mas «sem espírito».

Podemos considerar a escola da psicanálise, iniciada por Freud, como expressão contemporânea dessa ciência oficial, chamemos-lhe assim, que se ensina nas universidades. Dentro desta escola, o mestre que merece a nossa preferência é Carlos Gustavo Jung, porque é ele que dá origem a um movimento renovador, aproximando-se paulatinamente de uma concepção espiritualista da psicologia, através de numerosos trabalhos.

Vejamos o que ele diz sobre o inconsciente, na sua obra «Tipos Psicológicos»:

«É um conceito-limite-psicológico em que se incluem todos aqueles conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, que não estão de modo perceptível ligados ao eu...». E depois de outras considerações, acrescenta: «...os conteúdos conscientes podem converter-se em inconscientes por perda do seu valor energético»; «que estes conteúdos não se perdem sob o umbral da consciência, di-lo a experiência».

Por nossa parte, consideramos o inconsciente, o consciente e o subconsciente como estados da actividade espiritual, como maneiras de agir do espírito humano. O inconsciente deve ser claramente separado do subconsciente e por isso o encaramos como ressurgimento do primário, de épocas passadas do Ser.

O subconsciente é a compreensão de todos os conteúdos conscientes na larga trajectória do espírito durante a sua evolução biológica e anímica; captação que regista e arquiva minuciosamente todos os pormenores e processos ocorridos, deixando como síntese um pensamento orientador, um ensino proveitoso para o Ser, registo e arquivo que se confirmam na citação de Jung, quando diz que «não se perdem no umbral da consciência».

Os vocábulos inconsciente e subconsciente não são homónimos na nossa acepção; pelo contrário, são antónimos, opostos. O primeiro significa estancamento, regresso a um processo psíquico anterior; o segundo é progresso, evolução. O inconsciente é o lastro acumulado que se deve ir perdendo na ascensão espiritual. O subconsciente é conhecimento que se acrescenta para aproveitamento ulterior. O inconsciente é o acto psíquico indeliberado proveniente de nossa anterior experiência orgânica, trófica ou vital. É, portanto, de origem animal, infra-humana. Se dizemos o ser inconsciente referimo-nos ao indivíduo orgânicamente considerado, a um aspecto intranscendente do seu psiquismo; se falarmos do ser subconsciente, referir-nos-emos ao espírito em sua função evolutiva, ao aspecto transcendente ou imanente do psiquismo.

O inconsciente, de acordo com Gustave Geley e o próprio Jung na citação feita, foi realização consciente em época anterior, deliberação cabal, cuja repetição habitual deu origem a um automatismo; por isso o inferior, já superado pelo esforço intelectual, é escala evolutiva — pertence ao passado.

Se o inconsciente é a reminiscência da actividade actual, o subconsciente é a actividade permanente e eterna do ser individual, domina o passado e o presente e, por efeito do transe psíquico, voluntário ou acidental, pode inferir o futuro. Este último é comprovado pelo Dr. Osty na sua obra «A Utilização Prática dos Sujeitos Dotados de Conhecimento Supranormal».

Definitivamente, concluímos que inconsciente, consciente e subconsciente são formas de comportamento do espírito; que o primeiro é o inferior, e o terceiro suplanta a ambos, porque age sem limite espacial-temporal.

Por isso, enquanto a psicologia académica, imbuída do preconceito materialista pseudo-científico do século passado e que em toda a parte pretende excluir a escola espirita, caminha aos tombos, afogando-se em confusão indescritível, espalhando etiquetas, como diz Geley, de infraconsciente, coconsciente, etc., nós outros, assentes em base firme — a realidade do espírito como entidade separável do corpo, — podemos pisar terreno de maior solidez para as nossas investigações.

Maio de 1951.

O Espiritismo e o Crime

por F. NORONHA

«O amor, essa labareda imensa que ilumina as almas e as prepara para a vida eterna». *Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)* — «Dois Mundos»

«E o Senhor disse a Caim: Onde está teu irmão Abel?...». *Génese*, cap. IV, vers. 9.

«É preferível prevenir os crimes, a ter de puni-los». *Reccaria* — «Dei Delitti e delle Pene».

Data de longe a acção criminosa. Vem da aurora do planeta grosseiro, em que vegetamos.

Aquele grande iniciado que, a pouco menos de 2.000 anos, dizia a discípulos humildes: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei,* também amou um Caim, que o não matou, mas vendeu-o aos matadores, e enforcou-se na figueira.

O assasino de Abel, invejoso do irmão respondeu ao Senhor, que não sabia onde ele estava e não era seu guarda. Em suma, os passos do homem sobre a terra marcam-se com sangue, e no líquido purpurino se ensopam em todas as épocas da História e no remoinho de todas as idades.

Dotou-nos de livre arbitrio o Senhor dos senhores, e deu-nos lei preciosa de orientação preclara na letra acessivel do *Decalogo.*

Jesus, seu Enviado, o do holocausto sublime do Gólgota e anunciado pelos videntes de Israel, afirmou não vir para destruir a Lei e os Profetas, mas para dar-lhes cumprimento. E a sua vida, toda amor e mansidão, exceptuando o caso típico dos vendilhões no templo, a sua expressão oral desdobrada e desenvolvida em parábolas, tanto simples quanto profundas, na modalidade e na essencia, todos os actos e gestos de semelhante exemplificador impecável da própria palavra, punham em evidência a formosura moral da sua alma e a dedicação sem limites ao próximo. Inclusive, não fazia distinção de sensibilidade, de ser para ser, na esfera humana. Mereciam-lhe amor e prece outrossim os inimigos, os carrascos mesmo. Pendente na agonia da Cruz, implora para eles o perdão do eterno Pai.

Não sabiam o que faziam, é a aura que lhes lança, o anátema que lhes dirige, a imprecação desprendida dos seus lábios de moribundo!

«Conheço muito bem a bondade e a maldade dos homens e por essa maldade cada vez conheço melhor e amo mais a Deus» — diz um falecido sacerdote, Baltazar Dinis de Carvalho, *Romeiro da Verdade e da Justiça,* salvando um condenado inocente e restituindo-o ao meio social, o que não perdera direito.

«No campo criminal, — diz um douto causidico, o Dr. Fereira Deusdado, — mais do que em qualquer outro, é melhor prevenir do que remediar».

É à luz radiosa desta verdade, imperativa e triunfante, que eu defino o Espiritismo e o coloco no ponto áugico de todas as instituições de benemerência que existam à superfície do globo, por ele abertamente suplantadas em seu princípio fundamental dirigente e acalentador: a *Fraternidade,* o laço de amor que o crime de Caim e dos sicários seus pares rompe brutal e firmemente, mas sem eco no coração e na doutrina do Crucificado, no coração e na doutrina de Allan Kardec.

Quanto de bom exprime e executa no ambiente espirita de solidariedade fraternal o acordo de vontades no exercício da caridade!

Caridade é amor, socorro, amparo, protecção, senso prático, aliviando o necessitado e acudindo à miséria, procurando-lhe ou investigando-lhe «a causa, para a combater e assim ocasionar a cessação do efeito» conforme diz um homem de bem e nobre espírito em assunto de outra natureza, — Álvaro Valente *(Grades Eternas).*

Quando mais forte for o grau de fraternidade entre os espiritas e mais assomar em todas as suas situações e actividades, mais eficaz como sugestão modelar se tornará

AS NOSSAS EDIÇÕES

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção. 350 páginas de texto.

Brochado	**35$00**
Encadernado ...	**45$00**

CIENTISMO E ESPIRITISMO, por *Leopoldo Machado.*

Estudo comparativo das actuais doutrinas científicas perante o Espiritismo. 4.000 exemplares quase esgotados.

Brochado	**18$00**

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado	**30$00**
Encadernado ...	**42$00**

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. Um êxito sem precedentes. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado	**20$00**

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.*

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra lança poderosa luz sobre a morte e o Além. Os próprios espiritas têm nela muito que aprender.

Brochado	**30$00**
Encadernado ...	**40$00**

ALMAS ERRANTES por *Isidoro Duarte Santos.*

Grande romance realista ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebido sem uma rasura. Um livro profundamente emotivo e cheio de interesse humano no qual o fantasma de um assassinado desempenha papel extraordinário, através do mais intenso dramatismo. 312 páginas.

Brochado	**30$00**
Encadernado ...	**42$00**

para o público, para a multidão anónima, o seu efeito imediato, reflectindo-se na diminuição da criminalidade.

O cinema e o noticiário pormenorizado são agentes do crime, quando falhos de ponderação e de sensatez. Desde que a imprensa, por exemplo, deixou de encher colunas acerca de suicídios, estes diminuiram sensìvelmente.

Será uma cruzazda e empresa magnífica, por nossa parte, compenetrarmo-nos dos serviços prestados à humanidade, a nosso alcance e de molde a realização, em toda a parte, da propaganda de Fraternidade que nos une, equivalente a afastar do crime.

Só onze homens, visto que o Judas perdeu-se, bastaram para levar a todas as gentes a evangelização do Calvário.

Milhares de irmãos, no Espiritismo, não serão mais do que suficientes para insuflar no ánimo de todos os povos o espírito fraternal que os guia e orienta?

É mais do que indubitável, é de certeza matemática.

Já, de si e em si, é função psíquica de mutualidade afectiva. É obra ou tarefa calma, agradável Áquele que deu à ave a arte habilíssima do ninho, e a exuberância de amor na maternidade efectiva, que às vezes é deficitária na femea humana.

Carecemos e muito de, em tudo e por tudo, assumir posição ajustada e desempenhar papel correspondente no cenário das coexistências e no plano das sociedades constituidas, cujas codificações orgânicas acatamos, como é de razão e de direito.

«Le droit c'est la vie» disse Lerminier, talento francês, digno de recordo e admiração.

Assiste-nos direito ao ideal que professamos, em que a evolução e a ciência se conjugam, e ao conceito das altas dirigências sociais, como arautos da Paz, que a Fraternidade abraça e preconiza.

Esta, a Paz do espírito e o amor entre os racionais, congrega-nos pelo pensamento e pelo querer livre, libérrimo.

É a afirmação pura do que há em nós aspirando ao infinito, e o enlevo de alma entrevendo o Além. Sejamos, pois, constantes na eficiência, firmes no afecto, inquebrantáveis na propaganda, assíduos na íntima correlação.

Tudo isto prova disciplina, é lição de equilíbrio, ascese para Deus. E não contribui para fortalecer laços de amizade sã, interesse pela paz, declinação de criminalidade?

Eis um espelho apetecível e uma vitória do espírito.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

A MEDIUNIDADE DE CHARLES BAILEY

W. H. Evans publicou em *Two Worlds*, de Manchester, um artigo intitulado «Charles Bailey, o grande médium de *apport*», no qual nos baseamos para dar aos leitores uma ideia desse notável instrumento de pesquisa. Sapateiro de profissão, sentiu a mediunidade em 1889 e durante muitos anos trabalhou com Thomas William Stanford, de Melbourne, Austrália, que por seu intermédio obteve uma enorme colecção de objectos, tais como, moedas antigas, pedaços de sarcófagos babilónicos com inscrições cuneiformes e até aves vivas, peixes, répteis, etc. Este estudioso doou ao *Leland Stanford* da Universidade da Califórnia a soma de 50.000 dólares para investigações psíquicas e a sua colecção de *apports* que lá figura numa secção do Museu Universitário.

No seu livro «Regid Tests of the Occult», o médico C. W. McCarthy, de Sidney, relata muitas sessões com Bailey, que era metido num saco lacrado com duas pequenas aberturas para os braços, de modo que não pudesse segurar os objectos. Na sala só havia cadeiras e uma mesa.

O seu principal espírito-guia era um «Dr. Whitcomb», antigo médico de Melbourne; o segundo era o *Dr. Robinson*, que dizia ter sido professor de literatura siro-caldaica em Nova York; o terceiro era uma hindu chamado Abdul, um dos que trazia os objectos. As sessões eram realizadas às escuras, mas de modo que Bailey não pudesse «fazer contrabando» quer dizer, não pudesse subtrair qualquer objecto aos olhares dos circunstantes.

Muitas moedas e restos de sarcófagos foram observados por especialistas. Conan Doyle disse que havia judeus que imitavam aqueles objectos que ficaram carregados de fluido magnético e assim poderiam ser mais fàcilmente *transportados*. Quanto às aves vivas com ninhos e ovos, eram também trazidas. Às vezes ficavam, outras vezes desapareciam no fim da sessão.

Bailey visitou a Europa a convite do Prof. Falconer e deu sessões na Sociedade de Investigações Psíquicas de Milão. Aqui recusou despir-se, mas produziu fenómenos autênticos que foram atestados por uma comissão de que faziam parte Baccigaluppi, A. Brisschi, Dr. Clericitti, O. Cipriano, Dr. F. Ferrari, A. Marzorati, Odorico Radealli e o Dr. E. Greffini. Eis o que se lia no relatório:

Embora deploremos a estranha obstinação do médium em permanecer vestido; e tendo sido obrigados a aceitar a escuridão total no momento crítico dos «apports»; tendo-nos sido impossível devido à rapidez da investigação e à natureza dos fenómenos, aplicar qualquer método que nos habilitasse a verificar com precisão científica o processo e origem dos fenómenos em questão, somos obrigados a declarar que durante desassete sessões nada encontrámos que justificasse a hipótese de fraude e que, mesmo admitindo que alguns fenómenos pudessem ser explicados — por exemplo, o «apport» das aves vivas e o desaparecimento de uma pequena ave — não julgamos possível formular semelhante explanação; além disso a hipótese da sugestão é inadmissível, se tomarmos em consideração o número de experimentadores que eram constantemente revesados e não assistiam durante o mesmo lapso de tempo, bem como os traços naturais deixados pelos fenómenos. Posto isto, e embora mantenhamos reserva acerca do valor arqueológico de certos «apports», julgamos concluir a favor da realidade dos factos e chamamos a atenção da ciência para estes fenómenos ainda não explicados por leis conhecidas».

Depois de dar algumas sessões em Roma, Bailey voltou à Austrália. Em 1900 voltou à Europa, mas foi acusado de fraude.

Em Junho de 1931 no *Psychic Pesearch*, Harry Price publicou alguns passos de uma carta que recebeu de Mr. H. L. Williams, um magistrado de Punjab, em que este recorda a recepção, por meio de «apport» (transporte sem contacto), de um elmo sarraceno de armadura sobreposta, uma moeda de prata com inscrições, 30 ou 40 figuras chinesas entalhadas em marfim, representando a corte real, um roble completo de mandarim que certo amigo de Mr. Williams viu cair do tecto, aves vivas, restos de sarcófagos babilónicos pedras cortadas e pulidas, moedas de ouro, prata e cobre com inscrições em sânscrito, persa e árabe e moldes de gesso de mão e pés de adultos provenientes de materializações. Mr. Williams diz que metade da casa de Bailey está fornecida com estes «apports».

PROVAS IRREFRAGÁVEIS

Two Worlds, de Manchester, insere uma interessante notícia assim intitulada: «Um médium prescreve em Inglaterra e um médico confirma em Portugal». Chamou-nos a atenção este título sugestivo e começámos a ler...

«A prescrição dada em Inglaterra pelo espírito de um tal Dr. Lopo de Almeida através da mediunidade de Joseph de Santos foi inconscientemente confirmada pelo médico português que observou o doente a quem a receita era dirigida.

«O doente era o sr. F. Porfírio, Avenida Comandante Ferreira de Matos, 279, Matosinhos, que ràpidamente se viu normalizado da sua enfermidade (palpitações do coração). Sua mulher, D. Maria Amélia, foi igualmente tratada pelos médicos espirituais que trabalham com Joseph de Santos e tem sido consideràvelmente beneficiada. Note-se que este médium não tem conhecimentos de medicina nem do mais leve receituário.

«O sr. Porfírio entrou em correspondência com Joseph de Santos e por acaso, numa das cartas, lembrou-se de dizer que sentia perturbações cardíacas com violentas palpitações. O médium consultou logo os seus espíritos-guias e foi atendido por um espírito que fora médico portu-

guês, o Dr. Lopo de Almeida, o qual visitou o doente e descobriu logo o que o perturbava. E aconselhou «Valeriana».

«Joseph de Santos nunca tinha ouvido falar em valeriana, mas indagou e soube que se tratava de uma droga em forma de pílulas. Acto contínuo comprou uma embalagem e enviou-a pelo correio ao sr. Porfírio, explicando-lhe o que tinha feito e como tinha obtido a informação.

«O médium ficou surpreendido e bem recompensado com a resposta que obteve quinze dias depois, na qual o sr. Porfírio dizia que o médico português que o observou lhe receitou precisamente a mesma coisa.

«Numa última carta, o sr. Porfírio disse mais que desde que tomou o medicamento as palpitações amorteceram e que a análise do sangue mostrava a normalização do seu estado orgânico, embora outra análise anterior mostrasse o contrário. E acrescentou que sua mulher tinha beneficiado muitíssimo com o tratamento aconselhado».

UM DESENHO EM LOUSAS SELADAS

O *Psychic Observer* de Nova York publicou recentemente o relato interessantíssimo de uma sessão com o médium americano de efeitos físicos James J. Dickson, em que três espíritos materializados falaram com o médium e os assistentes, enquanto um desenho era feito em lousas seladas e lacradas.

Como sabemos, a «escrita directa» é um dos fenómenos mais impressionantes do Espiritismo que, por si só, demonstra a existência de seres conscientes fora da matéria. Todos os investigadores lhe dão enorme importância. Se, na Terra, a assinatura do indivíduo serve para o indentificar e nos satisfazemos com isso, não podemos usar outro critério para com aqueles fenómenos, que garantem, seja em grafia ou desenho, a acção de entidades que continuam a viver em circunstâncias que não nos é dado ainda apreender.

O desenho em questão é de «Red Lily», espírito-guia de Mrs. Pierce, de S. Francisco da Califórnia. A assistente, Mrs. Madalena Pierce declarou que as lousas estiveram sempre sob a sua vigilância e que ninguém lhes tocou durante o tempo que levou a executar o desenho. Esta senhora visitou o médium na 19.ª Avenida, em S. Francisco, levando consigo as lousas que não foram tocadas por outras pessoas. Depois num quarto, à luz do dia, sentou-se em frente do estrado com as lousas bem seguras na mão. James J. Dickson sentou-se à esquerda dela e enquanto o desenho se executava o seu guia «Red Lily» materializou-se próximo do estrado em trajo de pele de gamo com mangas franjadas, e cinto guarnecido a contas de rosário e uma fita na cabeça.

Red Lily, espírito-guia de Mrs. Pierce

«Red Lily» avançou para a senhora Pierce, com a qual esteve a conversar; entretanto «Juanita» guia do médium, materializou-se e avançou também seguida de «Minnie Brown», outra guia de James Dickson. Esta última informou que ia fazer o desenho de «Red Lily» e pouco depois anunciou a conclusão do seu trabalho.

Ninguém se moveu, ninguém tocou nas lousas, mas o caso é que ao abrir as lousas a senhora Pierce encontrou um perfeito desenho de «Red Lily», exactamente como havia pousado para o artista.

GEORGE SAND ESPIRITUALISTA

Segundo lemos em *La Revue Spirite*, M.me Suzanne Misset-Hopès realizou há pouco uma conferência na «Associação de Amigos de George Sand», em que estuda uma interessante faceta da autora de «Os Lírios do Campo», demonstrando que era de extraordinária inteligência e de largueza de vistas profundamente ligadas às nossas ideias. E contou um facto da vida da escritora. Apenas com 11 anos de idade, criou um deus imaginário que apelidara de «Corambé», nome que ouvira durante o sono e ao qual se entregara inteiramente...

Para se avaliar o grau de saber oculto que esta mulher atingira, basta dizer que, já no fim da vida e temendo que as suas ideias espiritualistas não fossem bem disseminadas nas suas obras teve a coragem de as resumir num livro intitulado «Exposé d'une Croyance Spiritualiste» que viu a luz da publicidade após a sua morte, mercê dos esforços de sua neta M.me Aurore Sand. E para provar que as ideias espiritualistas emitidas nos romances de George Sand não passaram despercebidas, a conferente leu uma carta amabilíssima de Allan Kardec à escritora na altura da publicação do «Livro dos Espíritos», oferecendo-lhe um exemplar como prova de gratidão pela simpatia que ela manifestava nos seus escritos em face da doutrina espirita.

Finalmente, M.me Misset-Hopès recordou as palavras que Victor Hugo proferiu sobre o túmulo da genial romancista:

«Choro uma morta e saúdo uma imortal. Esta grande figura desapareceu, mas não se extinguiu. Longe disso, poder-se-ia quase dizer que ela se realiza; tornando-se invisível sob uma forma torna-se sensível sob a outra. Transformação sublime! George Sand era uma ideia. Agora está fora da carne; ei-la, está livre! Ela está morta, ei-la vivente!».

Notas & Comentários

ECOS DA ARGENTINA

La Conciência, de Buenos Aires, transcreveu na íntegra o nosso artigo de fundo de Março último, intitulado «Ser Espiritista», corroborando tudo o que dissemos e acrescentando:

— Confessamos que sentimos profundo reconhecimento perante defensores da envergadura de «Estudos Psíquicos». Explica-se assim o lugar preponderante que ela ocupa na imprensa espirita mundial.

A independência de que gozamos e o espírito de imparcialidade que nos move na apreciação de todos os problemas facilita a nossa tarefa e dá-nos força que falta a outros, enfeudados como estão a determinadas capelas com pruridos de hegemonia.

Fazem-nos bem as palavras daquela revista, também independente, ao serviço de um saneamento necessário e preconizando normas salutares que vão de encontro aos objectivos da doutrina.

A repercussão de uma ideia, mesmo de uma palavra, é sempre motivo de prazer espiritual. Sabemos que há um indivíduo ou uma colectividade que pensam como nós, que vibram como nós. São ecos de simpatia, eflúvios de amizade que nos acalentam e incitam.

Temos recebido muitas cartas que aplaudem a acção e orientação de Estudos Psíquicos, dizendo-nos que «está cada vez melhor», mas nós não podemos conformar-nos com tais opiniões e procuramos superar o esforço da véspera, variando o conteúdo e o aspecto gráfico, para que o dinamismo apresente facetas novas que atraiam o leitor e o simpatizante. Agradecemos os aplausos e aproveitamos o tempo de espera no sentido de fazer mais do que já fizemos, de modificar o existente, demonstrando que o progresso arrasta os homens em todas as conjunturas.

Os ecos da Argentina caíram em nossa alma como sopro rejuvenescedor. Sabíamos que esta revista ocupava lugar digno na imprensa, mas não sabíamos que era preponderante. Se assim é, cumpre-nos vigiar ainda mais as ideias para que a harmonia seja maior. Que deste baluarte surjam fachos de bom senso e coerência doutrinária, para que a nossa posição não estratifique, mas sirva de exemplo a outros que no mesmo sector terçam armas semelhantes

CONTRA A GUERRA

Após a segunda guerra mundial a humanidade permaneceu perante os mesmos problemas que elevaram os governantes ao manejo de armas homicidas. Os imperialismos bélicos, políticos ou económicos, são todos baseados no egoísmo, por mais que os doirem com véus de pretensa fraternidade, semelhante, afinal, à que existia entre o lobo e o cordeiro. Torna-se, pois, necessário destruir nas almas a psicose da guerra e às mães cabe um grande papel de concórdia, na formação de mentalidades que amanhã desabrocharão com as tendências mais variadas.

Vejamos um nobre exemplo que «Édipo», de S. Paulo, extraiu do Echo du Nid, de Saint-Raphael, e se destina às crianças. É um belo ensinamento, no qual os próprios adultos podem meditar. Eis, porque o transcrevemos nesta secção.

O episódio intitula-se: «Mamã, porque destruiram a ponte?» e passa-se em França.

«Foi pouco depois da libertação. O comboio atravessava um rio, por um viaduto reconstruído. Pouco adiante via-se o arco partido da velha ponte destruída pelo bombardeio.

«—Olha, mamã! Que é aquilo?

«—É uma ponte.

«—Porque está ela assim?

«—Rebentou-se.

«—Mas, mamã, porque se arrebentou a ponte?

«—Porque foi bombardeada. Foi a guerra...

«—Porque havia guerra? Que é a guerra, mamã?...

«A senhora tornou-se grave. Depôs o «tricot» e disse, inclinando-se sobre a cabecinha do filho:

«—Lembras-te de que esta manhã, enquanto faziamos as malas, tu querias a boneca de tua irmã e que a quebraste, porque não querias entregá-la? Depois terias batido nela, se teu pai não tivesse chegado. Isto é a guerra, meu filho. Quando a gente é criança, toma os brinquedos da irmã e dos companheiros e rebenta-os. Depois dá socos e pontapés... Quando a gente é grande, é a mesma coisa: quer tomar os campos, as oficinas, as cidades. E quando a gente não pode tomá-los, arrebenta-os, destrói-os por meio de canhões e aeroplanos, que matam as criaturas. Mas é tudo a mesma coisa. Esta manhã, também tu fizeste a guerra...

«A criança baixou a cabeça. Ficou muito tempo em silêncio. Depois levantou os olhos para a mãe e disse:

«—Sabe, mamã, não farei mais guerra à Suzete. Também não farei guerra quando for homem»...

A FOTOGRAFIA DO SONHO

Segundo lemos em Two Worlds, o jornal Tit-Bits informa que um sábio italiano declarou poder fotografar os sonhos, acrescentando que as actuais fotografias provêm dos excitamentos nervosos enquadrados no sonho, que é reconstituído de harmonia com o modelo dos referidos excitamentos.

Parece que o italiano Calderon (assim se chama o cientista) realizou experiências baseadas na teoria de que, num sonho ou alucinação, o pensamento é susceptível de impressionar o nervo óptico e criar na retina a imagem do sonho.

Ora a retina compõe-se de 500.000 fibras nervosas, separadas individualmente por substâncias gordurosas, formando um «mosaico» semelhante aos emissores de televisão.

O excitamento provocado pelo sonho nessas fibras é que dizem ter sido fotografado por máquinas especiais e Calderon é o primeiro cientista responsável que afirma poder fotografar os sonhos.

Será verdade? Será mentira? «A ver vamos», como diz o cego...

Noticiário

O TIRO AOS POMBOS

Entre as brincadeiras de mau gosto a que se entregam alguns bípedes do século vinte está o chamado desporto do tiro aos pombos, que a *Sociedade Portuguesa de Naturologia* tem verberado acerbamente.

No dia 26 de Agosto último, promoveu aquela Sociedade a 5.ª sessão de propaganda contra o negregado costume, sob a presidência do nosso colaborador Capitão José Gonçalves Losa. O local escolhido foi o Salão da Banda dos Bombeiros Voluntários de Colares, onde falaram Luciano Silva, Dr. João Barreto Atalaião, Jorge Branco e José de Castro.

Por mais esforços que façamos não somos capazes de conciliar o sentimento de bondade e espiritualidade de certos «atiradores» com a sua preferência pelo tiro aos pombos. Tão negregada diversão é imoral e imprópria de gente equilibrada. Não há direito de se estadear semelhante passatempo, quando se fala tanto no reinado do espírito e no desenvolvimento progressivo de qualidades que, a existirem, dariam novas e mais belas prerrogativas à sociedade. A solidariedade e a bondade deve estender-se aos animais domésticos, entre os quais se contam essas aves inofensivas.

Não estivemos nessa reunião de protesto, mas aqui erguemos a nossa voz, juntando-a à de todos os que em Colares estiveram presentes para condenar esse hábito nefando. Abaixo o tiro aos pombos!

EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPIRITA

No próximo mês de Novembro, em data a anunciar, realizar-se-á na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor uma exposição de livros espiritas das principais editoras — Estudos Psíquicos Editora, Federação Espirita Brasileira, do Rio de Janeiro, Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, Editora «O Pensamento», de S. Paulo, «O Clarim», de Matão, Editorial de Vítor Hugo, de Buenos Aires, etc., etc.

Serão expostas as obras mais recentes, para que se avalie, objectivamente, o imenso esforço de divulgação feito através do mundo e que talvez tenha passado despercebido a muitos daqueles que professam o Espiritismo.

Durante a exposição serão leiloadas algumas valiosas ofertas de livros, destinando-se o produto ao *Fundo da Beneficência* do Centro. Também serão distribuidos numerosos opúsculos e revistas.

As obras expostas que existam em depósito poderão ser adquiridas com descontos variáveis de 10 e 15 %.

A Direcção do Centro Luz e Amor e o *Núcleo de Acção e Propaganda «Maria Santos»*, que estão a trabalhar activamente na realização desta tão útil quão oportuna exposição, esperam que a sua iniciativa mereça do público e dos espiritas portugueses o maior interesse.

15.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Continua o entusiasmo em torno desta modalidade de beneficência. De várias partes nos têm vindo cartas, umas com óbulos, outras com palavras de incitamento. Seria interessante para todos que os subscritores aumentassem, pois aumentariam igualmente os prémios a distribuir.

O 15.º sorteio teve o seguinte resultado:

1.º Prémio — «Entre Dois Mundos» — D. Amélia D. Santos Barreto — Nova-York.

2.º Prémio — «A Fazenda Mal Assombrada» — D. Glória dos Santos Moura — Cebolais de Cima.

3.º Prémio — «Terceiro Livro de Leitura» (Evangelho das Crianças) — Menina Maria Aida de Figueiredo — Sagres.

4.º Prémio — «Contribuições Para o Espiritismo» — António José da Costa Félix — Moura.

5.º Prémio — «A Verdade Espiritualista» — D. Maria do Céu Faria Lopes — Leiria.

6.º Prémio — «Ensaio Sobre a Evolução da Ideia» — D. Julieta Reis Beleza — Tunes-Garc.

7.º Prémio — «Cegos!» — Rafael da Silva Marques — Serpa.

Aos contemplados, apresentamos as nossas saudações.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO DE 1951

Dia 7 de Outubro, Domingo, às 16 horas — Inauguração dos trabalhos do Centro com uma sessão em que falarão vários oradores.

Dia 11 de Outubro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 14 de Outubro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 18 de Outubro, Domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira.

Dia 25 de Outubro, 5.ª-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 28 de Outubro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 1 de Novembro, 5.ª-feira, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 8 de Novembro, 5.ª-feira, às 21,30. — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Mês de Setembro — Joaquim da Silva Gomes, de Pernambuco, 100$00; P. B., de Lisboa, 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Francisco Joaquim Martins, de Lourenço Marques, 60$00; D. Emília Pereira Santos, de Lourenço Marques, 20$00; Menina M. Cecília Pereira, de Lourenço Marques, 20$00; Subscrição do 15.º sorteio de livros espiritas, 145$00. Total, 385$00.

Livros da Editora "O Pensamento"

Chegaram ao nosso Depósito as seguintes obras da Livraria Editora O PENSAMENTO, as quais podem ser enviadas à cobrança, acrescidas das respectivas taxas, ou adquiridas nesta redacção.

OBRAS DE FRANCISCO V. LORENZ

Bhagavad Gitâ (o livro sagrado dos hindus)	28$00
Cabala (Os ensinos da tradição hebraica)	22$00
Homeopatia Doméstica	18$00

OBRA DE W. W. ATKINSON E BEALS

Consciência (A) Interna	24$00
Cultura (A) do Pensamento	22$00
Força (A) do Pensamento	26$00
Lei (A) do Novo Pensamento	20$00
Leitura Prática do Pensamento	15$00
Mente (A) e o Corpo	35$00
Nova (A) Psicologia	16$00
Poder (O) do Desejo	24$00
Poder (O) da Fé	24$00
Poder (O) da Regeneração	24$00
Segredo (O) do Sucesso	30$00
Sugestão e Auto-sugestão	25$00
Vidência (A) pela Bola de Cristal	18$00

OBRAS DE PRENTICE MULFORD

Arte (A) de Estudar	8$00
Correntes Mentais	8$00
Cultura (A) da Coragem	25$00
Economizai vossas forças	25$00
Felicidade (A) pelo Pensamento	15$00
Lei (A) do Triunfo	25$00
Leis da Saúde e da Alimentação	15$00
Nossas Forças Mentais (Obra monumental em 4 volumes primorosamente encadernados) Brochado, 160$00; enc.	200$00
Vantagens da Riqueza	8$00

OBRAS DO YOGI-RAMACHÁRACA

Ciência (A) da Cura Psíquica	26$00
Cura Prática pela Água	18$00
14 Lições da Filosofia Yogi	35$00
Ciência Yogi da Respiração	22$00
Forças (As) Subtis da Natureza	28$00
Gnana Yoga (os poderes do homem e as forças naturais)	40$00
Hatha Yoga (segredo da energia e do vigor)	40$00
Raja Yoga (desenvolvimento das forças latentes)	40$00

OBRAS DE A. VAN DER NAILLEN

Baltazar, o Mago	35$00
Grande (A) Mensagem	32$00
No Santuário	35$00
Nos templos do Himalaia	35$00
Templo (O) do Silêncio	15$00
Vida Espiritual e Vida Submissa	40$00

OBRAS DIVERSAS

Alegria e Triunfo, por Lourenço Prado	24$00
Alquimia Mental, por O. H. Hara	16$00
Astrologia (Do Instituto de Ciencias Herméticas), um grosso volume	115$00
A Usina Humana por Henri Durville	30$00
Caminho (O) de Jesus	32$00
Cartas Rosacruzes	25$00
Clarividência e Psicometria, por G. Phaneg	20$00
Cristianismo Místico, por Ramacharaca	40$00
Curso de Iniciação Esotérica	40$00
Cruz (A) de Caravaca (colecção de preces várias)	— 8$00
Da Pobreza ao Poder, por James Allen	30$00
Diário dos Invisíveis, obra psicografada por Zilda Gama	24$00
Dicionário de Ciências Ocultas	18$00
Dogma e Ritual de Alta Magia, por Elifas Levi	100$00
Ensaio Sobre a Evolução da Ideia, por Barlet	18$00
Evangelho de Ramacrishna	40$00
Filosofia do Trabalho, por S. Abhedananda	24$00
Filosofia Vedanta, por Swani Vivekânanda	24$00
Força (A) que Paralisa a Bala, por A. Loester	15$00
Forças Ocultas	40$00
Forças (As) Subtis da Natureza, pelo Yogi Rama Prassad	28$00
Grafologia (arte de descobrir o carácter pela escrita, útil aos que desejam conhecer aqueles que os rodeiam)	45$00
Grande (O) Arcano, ou Ciência dos Magos, por Elifas Levi	52$00
Higiene e tratamento Homeopático das Doenças Domésticas (obra importantissima do Dr. Alberto Seabra)	75$00
Hipnotismo	50$00
Iniciado (O) Indiano e a Feiticeira Russa, por Charles Lancelin	15$00
Iniciativa (A), a Coragem e a Audácia, por G. A. Mann	22$00
Intuição (A), por W. Newel Weston	20$00
Luz no Caminho, por Mabel Collins, tratado clássico de ocultismo	16$00
Magnetismo (do Instituto de Ciências Herméticas)	45$00
Magnetismo Pessoal, por Henri Durville	30$00
Mistérios Iniciáticos, por Henri Durville	50$00
Pensamentos (Os) são Coisas, por Edward Walker	14$00
Projecção dos Eflúvios Vitais, por A. Lalia-Paternostro	22$00
Prolonguemos a Vida, por Jean Finot	15$00
Problema (O) do Além, pelo Dr. Alberto Seabra, obra de caráctaer científico	30$00
Radiopatia (do Instituto de Ciência Herméticas)	45$00
Sabedoria (A) e o Destino, por Maurice Maeterlinck	28$00
Sessões Espiritas, por Hans Harnold	25$00
Somos Todos Irmãos, crónicas espiritualistas, por Afonso Schmidt	28$00
Sonhos e Visões	30$00
Viagem Astral por Ernest Bosc	30$00
Vida (A) Depois da Morte, por Yogi-Ramacháraca	28$00
Ziska, grande romance reencarnacionista, por Maria Corelli	30$00

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		52$00
2.º volume		52$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	35$00	48$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	34$00	46$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	34$00	46$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	24$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	24$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	37$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros), Nova edição melhorada	48$00	62$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	42$00	54$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	45$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	33$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi* Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	28$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	24$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	10$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	24$00	36$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	44$00	56$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) **Consolador, pelo *Padre Marchal***	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) **sob Novo Prisma**, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) **dos Suicidas**, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	

	br.	enc.
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Margem (A) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) **e o Espiritismo**, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) **da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela***	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	60$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) **de Coral, pelo *Dr. A. Wylm***, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	
Sonâmbula (A), romance espirita, por *Antônio Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

CONTÉM:

Uma Pergunta, da **Redacção**; A Lei do Esquecimento na Reencarnação, por **Alessio Galati di Riella**; Espírito e Matéria, por **Leopoldo Machado**; A Questão do Divórcio, por **Alfredo Miguel**; Falando com os Espíritos, por **Frederico Duarte**; Fenómenos Impressionantes, pelo **Dr. Haroldo Penas Ribas**; O Pêndulo de um Vedor num Processo de Herança, tradução de **Mário Bacelar**; Leopoldo Machado e a Sua Obra, por **Carlos Imbassahy**; O Espiritismo; Ecos do Além (Mensagens do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); Antistenes, por **António Cardoso**; Auxílio aos Necessitados; A Força Psíquica, adaptação por **Damião de Vasconcelos**; O Livro «Almas Errantes» e a Crítica; Um Caso Provante, por **F. Noronha**; Caridade Espiritual, pelo **Espírito de Reper-Siam**; Um Livro Ditado do Além; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

Uma fotografia psíquica

(Ver pág. 318)

12.º ANO OUTUBRO DE 1951 N.º 10

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baía	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Macaió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00—Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O Principiante Espirita	12$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	25$00	38$00
O livro dos Médiuns	25$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	25$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	25$00	38$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	34$00	46$00
Joana d'Arc Médium	32$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	30$00	
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	30$00	
O Espiritismo Perante a Ciência	30$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Animismo ou Espiritismo?	28$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00
Urânia	20$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1951 — N.º 10

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 66 05

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 52 95 — LISBOA

UMA PERGUNTA

Aproxima-se o dia em que aos obreiros será feita uma pergunta:

— Que fizestes do mandato que vos confiaram? Como desempenhastes vossas tarefas? Que ideias perseguistes?

A resposta será sucinta. A própria obra dará a medida justa do esforço de cada um. Bastará apresentá-la. As palavras serão supérfluas. Quando um trabalho se impõe, o silêncio é mais eloquente do que um chorrilho de palavras.

Ai dos que tiverem que falar muito para justificar o que não fizeram! Ai dos ociosos tragados pelo comodismo! Ai dos desertores sugestionados por miragens efêmeras! Ai dos hipócritas, que se enganaram a si mesmos!

A estrada continuará aberta, mas eles não a poderão palmilhar. A outros será franqueada, que a saibam merecer, que apreciem a paisagem.

Não pode haver misericórdia para os que não cumpriram. Quem se compromete e falta sujeita-se às sanções legais. Não dos tribunais da terra, que são falíveis e precários, mas de outros que julgam do Alto e regulam as leis da evolução.

O mundo está cheio de faltosos que trocaram o esforço pela ociosidade. A princípio animados de desejos sãos, prestes resvalaram em abismos vários, de onde não sairam, junjidos ao vortilhão. O arrependimento acicatou-os, a tristeza invadiu-os, o desespero apoderou-se de seus espíritos fracos. Viram quadros dolorosos, exemplos providenciais a despertá-los para a luta gloriosa e fecharam olhos e ouvidos. Insensibilizaram-se como seres hibernantes, fugiram ao sol do trabalho, tresmalhados, sem orientação, entregues ao acaso das paixões grosseiras onde refociliaram. Depois foi o caos e o ranger de dentes, o choro aflitivo, a revolta inútil, o anseio de voltar ao ponto de partida. Foi a vertigem escaldante, a ventosa que absorve, a verruma que perfura. Há qualquer coisa que se agita, que se estorce para salvar-se. Pretende galgar o pântano, atraído para belezas que só então aprecia. E a vontade exerce-se quando os obstáculos atingiram grande altura e as forças reunidas já não vencem a inércia. O ser sofre mutações estranhas. Quer e não pode. Mede a extensão do erro, mas não consegue emendá-lo. O fosso alarga-se, a luz desaparece. Sente-se apertado e triturado sob pilão medonho que o esmagará inteiramente. Esbraveja, grita, vocifera. Tudo, menos aquele inferno vermelho em que se queima a rede celular. Tudo, menos aquele suplício que ultrapassa quanto podeis conceber de apavorante.

Eis o quadro na sua maior singeleza. Os arautos e os difusores, os adeptos e os missionários devem cingir-se à gleba que lhes coube e desdobrar-se em serviços, para que a obra se expanda. Trabalho é vigilância, é garantia de êxito, é selo de vitória. E quando a harmonia culmina a obra, quando o esforço se conjuga para fim comum, nada resiste à marcha operosa. A vontade é um cilindro que vai rolando e abatendo os pedregulhos da estrada.

Arripiai caminho, ó vós que vos encontrais em débito para com a Seara. Volvei à gleba, enquanto as forças podem vencer o obstáculo. Não deixeis a resolução para mais tarde, que o fosso pode alargar-se e a luz desaparecer. Vinde todos. Não sereis apertados, nem temereis o pilão. Ao calor de vossos braços, a espiga se transformará em pão delicioso.

E assim, ao responder à pergunta, podereis exclamar:

— Fiz o que pude. Trabalhei e vigiei. Coração e inteligência se irmanaram no mesmo impulso sagrado. Agora estou tranquilo.

E se em vez destas palavras apresentardes uma obra, tereis construido o melhor silêncio da vossa vida.

LIA

A LEI DO ESQUECIMENTO

ARTIGO DE
ALESSIO GALATI DI RIELLA

A pergunta espontânea e vulgar que a teoria das vidas suecessivas sugere é o porquê do esquecimento das vidas passadas. Vamos tentar responder a esta pergunta com a maior clareza possível e nos limites impostos pela concisão e limitado espaço, em comparação com a vastidão do problema.

Antes de mais nada, a lei do esquecimento, a cuja sanção parecem fugir poucos e incrédulos indivíduos, não é absoluta como muitos podem supor. É absoluta na generalidade, mas relativa do ponto de vista individual e evolutivo. Os casos excepcionais de reminiscência devem ser considerados como antecipação de um processo normal bio-psicológico universal, em que estes casos, demonstrando a relatividade da referida lei, revelam o futuro de uma condição não evoluída de «esquecimento» para uma condição complementar de «memória».

Esquecimento e memória igualam-se pois, como dados relativos do «devenir» fenoménico e nesse critério evolucionista podem classificar-se cientificamente as discriminações psicológicas de memória boa ou má, auditiva, visível, orgânica, afectiva, etc., à qual afloram, como diferenciações de frases históricas ou ancestrais.

Na realidade, os conceitos de esquecimento e memória indicam com estas duas locuções de comodidade analítica, dois estados psicológicos do homem mais próprios e evidentes, estados que se confundem noutros mais genéricos, mas fundamentais, do ponto de vista evolucionista de «inconsciência» e «consciência», sendo notório que o processo catártico da evolução leva a um estado primordial de involução inconsciente e de evolução de consciência.

Dito isto, a «memória» pode considerar-se como estado particular da natureza, faculdade própria da matéria viva que nasce com a primeira forma de movimento ou de vida sobre a Terra e revela-se, fundamentalmente, como «ritmo».

De facto, os ritmos que observamos na Natureza e cujas leis os estudiosos conhecem, são, precisamente, pela sua constância periódica fenoménica, *apelos* que podemos considerar como «memória», uma averiguação da fenomenologia rítmica, assim como a «lei biogenética» de Heckel, como típico exemplo mnemónico de síntese rítmica. Processos mecânicos inconscientes da «memória», porque só num plano superior (ciclo) da Natureza, isto é, na «mente» do Homem, é dada a faculdade mnemónica, que classificamos como «consciência intelectiva», ou seja a propriedade abstracta de compreender (síntese) os vários ritmos fenoménicos da Natureza.

Sem dúvida, nós temos, fenomènicamente, uma «memória inorgânica» pertencente ao Reino Mineral, uma «memória sensitiva» própria do Reino Vegetal, uma «memória (orgânico-sensitiva) afectiva» peculiar ao Reino Animal e uma «memória (orgânico-sensitivo-afectiva) intelectual», exclusiva do Reino Humano.

Como se vê, é um processo rítmico-evolutivo em que cada fase histórico-biológica ou ciclo fenoménico «retoma» (recorda) as fases inferiores ou passadas, que persistem em estado latente (repouso), prontas a ressurgir sob determinados estímulos do ritmo universal. Assim, na sua fenomenologia, a vida seria uma expressão contínua de «reflexos condicionados» que se tornariam evolutivamente «conscientes» por um processo individualizado a que podemos chamar reencarnação.

Ao chegar ao homem, a especial condição mnemónica da Natureza (a *Mneme* de Semon) distingue-se pela necessidade reprodutiva natural e condicionada, isto é, torna-se livre e abstracta devido à diferença dos reinos sub-humanos, nos quais os processos de reminiscência se limitam a estados sensitivos e afectivos que reaparecem determinadamente com a apresentação *objectiva* daquilo a que originàriamente se haviam ligado, ao passo que no homem tal processo pode efectuar-se

subjectivamente subordinado ao seu centro de volição ou consciência, o Eu, que é seu atributo evolutivo específico.

A teoria cíclica universal diz-nos que todos os fenómenos ou grupos de fenómenos são um ciclo (1) e que cada ciclo está condicionado pelos ciclos inferiores e é condição para os ciclos superiores. Sem este «ritmo evolutivo» a Criação deixaria de existir.

Ciclo significa *círculo* e esta explicação etimológica basta para lançar certa luz sobre o problema da memória na sua essência dinâmico-cíclica, como um «regresso» rítmico, relativo a diversos pontos ou planos de vida, bem entendido, pois o regresso absoluto seria absurdo, seria a imobilidade (2). A recordação por *associação* pode classificar-se neste dinamismo cíclico.

Uma série de existências formam um «ciclo biológico», do mesmo modo que uma só vida que o constitui é, por sua vez, um «ciclo biológico» constituído por ciclos menores que formam a «personalidade» do indivíduo. Portanto, é lógico que, assim como um indivíduo pode recordar-se de factos ocorridos no curso da sua vida, possa também recordar-se de vidas passadas. Vejamos como:

Sabemos que cada organismo é, antes de mais nada, um acumulador de forças. Pelo critério dualista de força e matéria, a física nuclear ensina-nos que o átomo é um vórtice dinâmico de energia, susceptível de libertação por desintegração electrónica. Um organismo, é pois, um sistema de forças e sistema significa coordenação cinética de sistemas atómicos, segundo um equilíbrio determinado por um princípio directivo. Este princípio coordenador é a própria evolução com as suas leis, que torna possível a coordenação em equilíbrio instável de forças num «ciclo fechado» (átomo), em forças num «ciclo aberto» (orgânica). A instabilidade típica dos equilíbrios orgânicos é devida, precisamente, a este único princípio directivo, *tornando-se* rítmico em fórmula aberta (química orgânica) pela emissão de outras forças no próprio âmbito *(processo metabólico* da Natureza). A vida que desse modo surge de uma fase orgânica e protozoica primordial e potencial, reside, assim, no mesmo princípio coordenador das forças dinâmicas e evolve por síntese cíclica, nas suas quatro expressões fenoménicas (ciclos) ou «reinos» da Natureza, até um ciclo humano mais amplo nas

NA REENCARNAÇÃO

A personalidade de um indivíduo é constituída por ciclos a que podemos chamar *Skandhas,* segundo os teósofos que se baseiam nos ensinamentos budistas. Esses ciclos são cinco (3).

Quando a morte destrói a personalidade, estes ciclos ou *skandhas* deixam de ter razão *orgânica* de existência e coesão cíclica (o *Thana* dos teósofos), subsistindo apenas a razão psíquico-espiritual ligada a nova expressão vital orgânica de trabalho, segundo a lógica evolutiva.

Compreende-se assim que a recordação das vidas passadas não possa ser abrangida pelo nosso critério de lembrança do passado, mas como síntese lógica da nossa vida individual. Por outras palavras, o nosso Eu poderá recordar, *verum ipsum factum,* no sentido reencarnacionista ou causalístico *(Karman)* da sua construção no tempo infinito. Essa memória é a «consciência absoluta» de si mesmo. Ora vejamos:

dimensões da «consciência». Assim, torna-se bem clara a analogia entre memória e consciência, que representam a própria vida na sua forma cíclica mais evoluída e é claro que a síntese cíclica da «consciência» tende a invadir — pela sua maior amplitude e intrínseca natureza abstracta (espírito) — todos os fenómenos da Vida (síntese fenomenoló-

(1) Período de tempo como «medida» do dinamismo fenoménico.

(2) O movimento cíclico universal é espiralóide. («A Grande Síntese»).

(3) *Rupa* (forma ou corpo), qualidade material; *Vedana,* sensação; *Sanna,* ideia abstracta; *Samkhara,* princípio de inteligência; *Vinnana,* faculdade mental. A esta classificação de Blavatsky preferimos a de Steiner, mais clara: 1.º, corpo físico; 2.º, corpo etérico ou vital; 3.º, corpo anímico; 4.º, alma racional; 5.º, alma consciente espiritual. O homem actual encontra-se em pleno ciclo racional, ou quarto *skandhas* e próximo do quinto. Isso constitui o germe de nova faculdade do *ser* e nova expressão futura de Civilização.

gica=Espírito) numa visão monística (Ciência=Filosofia=Religião), sempre mais profunda e essencial do que estas, ou seja, em última análise, o desejo de penetrar na sua íntima razão «rítmica» de existência, isto é, de conservar a recordação (consciência) da razão das vidas passadas e, portanto, do princípio único directivo que impera na fenomenologia (Lei, Deus); processo cartártico mnemónico universal, cujo «passado» (esquecimento, inconsciência) é absorvido pelo «presente» (consciência = memória = eternidade) do Eu, como «consciência» do princípio da Existência (Logos, Cristianismo, Eternidade).

Como se passa de um ciclo a outro? Por graduação dinâmica, facto bem conhecido em Física como «*princípio de dispersão da energia*». Cada ciclo (força) tende ao esgotamento da sua «razão de existir» (trabalho); mas, pelo «princípio de conservação da energia» renasce (evolução) numa nova forma (panlingenesia) ou ciclo fenoménico complementar do precedente. Processo de «entropia», diriam os físicos; de «sublimação», os psicanalistas; «metanoico», os teólogos; de «síntese dos opostos», os filósofos idealistas.

Fica assim explicada a relatividade da lei do esquecimento nos seus princípios cíclicos. Trata-se, em resumo, de ciclos que, por graduação dinâmica, se fecham (morte), e por «entropia» se abrem (vida) e cuja continuidade é dada pelos últimos ciclos mais amplos e profundos (espirituais) da «alma» e da «consciência», que não poderá ter o verdadeiro conhecimento ou memória lógica do seu passado, enquanto não compreender a verdadeira fenomenologia rítmica, de cuja síntese nasceu, visto que será sempre relativa, subordinada a um ciclo complementar de esquecimento, como condição necessária de repouso do trabalho construtivo mnenónico e consciente do seu «tecido» de vida (1).

É evidente que o poder mnemónico é tanto mais relativo, quanto menos evolvida for a consciência que está mais próxima do ciclo instintivo-afectivo do reino animal, a que está ligada. Por isso, a infância, que representa e reproduz essa superação da animalidade, possui memória mais afectiva e sujeita a períodos de esquecimento (o sono, por exemplo) mais longos e frequentes.

Façamos outra demonstração: as raças humanas representam as diferenciações dos ciclos evolutivos, peculiares à espécie (2). Assim, cada raça tem a sua memória especifica. A raça chamada Vermelha, a primeira que apareceu, possui memória nitidamente sensitiva; a raça Negra, a segunda na evolução, possui memória mais afectiva. A raça Amarela, a terceira na ordem cíclica, tem memória afectivo-intelectual. Com efeito, a característica da Ásia é a meditação de ordem prática (religiões filosóficas). A quarta e última raça, a Branca, possui memória intelectual (intuitiva). A faculdade típica desta raça é, de facto, o pensamento especulativo (abstracto), prelúdio de memória-consciência, de «síntese» ou de «superconsciência».

Começa, assim, a delinear-se a quinta raça (ciclo) que resolverá, biològicamente, o estado de superconsciência por síntese racial, porque conterá em si o princípio rítmico da existência na sua continuidade fenoménica, ou seja, na sua Lei, Lei Universal da Vida, já manifestada na forma hipostática perfeita (síntese cíclica «consciente») do *Redentor* do Mundo.

Desta última consideração se conclui que, se a memória-consciência absoluta é um facto evolutivo que se reconhece pela compreensão da Lei Divina, essa memória é, sobretudo, devida a um estado moral de existência; assim, a lei do esquecimento revela-se sanção providencial. Se, de facto, como diz Bergson, o mundo das recordações não é mais do que o da nossa personalidade orientada para as exigências da vida e da acção, visto recordarmos só o que nos interessa, compreender-se-á fàcilmente, segundo o nível moral passado e presente, a sua lógica e sanção necessária. De resto, o equilíbrio é perfeito em tudo.

Concluíndo este artigo, verificamos ainda que, de harmonia com o «trabalho» evolutivo — e que isto sirva a todos os homens *de boa vontade* — as quatro raças indicadas correspondem aos quatro reinos da Natureza, aos quatro estados do Homem e seus *skandhas* e até à posição na Terra, quando, livremente, o Homem complete em si próprio o sentido da Criação, isto é, a *Eternidade consciente do seu Eu* que o Cristo, vindo ao Mundo tenebroso da *inconsciência*, nos revelou com a Sua Morte e a Sua Ressurreição.

(De *Le Vie dello Spirito*)

---

(1) Esta forma de consciência super-evolvida já se manifestou com antecipação no autor da «Grande Síntese». O leitor que se interesse por estes problemas pode consultar este livro, que o auxiliará no desejo de penetrar o grande mistério.

(2) *Lei progressiva da variedade*, de Rosa.

ESPÍRITO E MATÉRIA

por LEOPOLDO MACHADO

O Espiritualismo integral não desmerece a matéria, nem invalida a importância do corpo.

Se prepara para «viver no mundo sem ser do mundo», a preceito do Cristo, não quer dizer que o mundo seja desprezível, que seja abjecta a vida material.

«Vosso corpo santo é» — diz Paulo de Tarso.

E vai mais longe, apresentando-o como o verdadeiro templo do Espírito, que deve, por isso mesmo, ser considerado a cuidados e zelos sensatos.

Assim, cuidar da saúde do corpo, de sua higiene e de sua apresentação na sociedade é também dever divino, um imperativo do verdadeiro espiritualismo.

O mal não está no uso de tudo que pode conservar a saúde do corpo e sua boa nutrição e apresentação sadia e decente, nem na comparticipação dos prazeres e alegrias que possam atenuar os percalços e dissabores da vida do Espírito na Terra. O mal está no abuso que se faz dessas coisas, de que derive viver-se exclusivamente para a matéria, para a materialização do próprio espírito.

Viver num mundo desespiritualizado sem perder o sentido espiritualista da Vida é virtude maior do que ser puro e bom por viver entre os bons e os puros.

A maior glória do Cristo não está, certamente, nos prodígios que realizou, nos ensinamentos que deixou, que não passarão, embora passe o Céu e a Terra, como Ele mesmo diz. Sua glória maior está nos exemplos de pureza e santidade que deu ao ser torturado e esmagado entre duas civilizações impuras — a judia e a romana — sem se deixar contagiar de impurezas, sem excomungar e amaldiçoar ninguém. Antes, a suplicar, do alto da cruz em que fora crucificado, o perdão para seus algozes, que não sabiam o que faziam, o pecado que estavam cometendo.

O pecado, coisa da Terra, é sempre fruto da ignorância.

Por isso mesmo «o Pai tanto ama o pecador, que é sempre um ignorante, infeliz, como abomina o pecado». Está no Evangelho.

Por isso, o Cristo comeu com pecadores, abençoou Zaqueu, estendeu a mão redentora à Madalena, prometeu o paraíso a Dimas e gemeu na hora extrema:

— Pai, perdoai-lhes, que eles não sabem o que fazem...

O Cristo foi, portanto, o exemplo mais vivo do espiritualismo perfeito.

Se disse que «a carne para nada aproveita», disse-o comparando-a com o Espírito, que é tudo, que não para amesquinhar o corpo, para denegri-lo.

E toda obra de Deus é santa e pura, embora a maldade e o pecado humanos a salpiquem de impurezas.

O sentido espiritualista da Vida nunca se impôs à civilização ocidental como na hora que passa, cheia de existencialismos. De revivescências, portanto, de epicurismos, de paganismos grego-romanos feitos de materialidades a serviços de gozos efémeros, perturbadores do próprio corpo e da alma.

Suicida-se quem dá ao corpo gozos e canseiras superiores a sua possibilidade de realizações e de gozar.

Porque o materialismo objectivo arrastou o homem a viver mais do corpo e para o corpo, segue-se que o homem não morre, mata-se.

«Somos uma humanidade suicida», — disse eminente pensador. Com efeito assim é.

A fisiologia moderna ensina que o homem devia viver os anos que o organismo gasta para seu completo desenvolvimento, multiplicando por 5.

O organismo gasta de 20 a 25 anos para desenvolver-se integralmente. Multiplique-se isto por 5, que se terá 125 anos.

O livro da Vida, a Bíblia, diz, no *Genesis*, 6-3, que os dias do homem serão 125 anos.

É a sabedoria moderna confirmando a sabedoria antiga, a revelação divina.

Quem vive, hoje, 125 anos?

O espiritualismo de verdade, conferindo ao homem alegrias divinas na Terra, sem impor-lhe a abstinência das alegrias humanas, sensatas e puras, leva-nos até à conservação da Vida, até ao tempo exacto que deveríamos viver...

Espiritualizemo-nos, que é este o mais sério problema a resolver na Vida, e teremos voltado à categoria de deuses, conforme o asserto autorizado do Cristo de Deus.

A QUESTÃO DO DIVÓRCIO

É inegável que a maioria dos espiritas brasileiros atribui maior apreço às sessões mediúnicas e à prática da beneficência, do que aos livros. Para esses não falou Allan Kardec, dizendo que o Espiritismo não veio para ser crido e aceito cegamente e sim para ser discutido e examinado. Por causa, ao que parece, desse alheamento ao estudo, é que se nota, em nossos correligionários, um ar de surpresa ou admiração, quando certas questões, pouco usuais, são expostas, nos Centros, tais como, entre outras, a eutanasia e o divórcio. Cuidariam que o Espiritismo não interfere nessas questões, e o Espiritismo não sòmente as apresenta como dá sobre as mesmas o que chamaríamos — a última palavra.

Acerca do divórcio, leia-se o capítulo 22 de «*O Evangelho Segundo o Espiritismo*», onde o emérito codificador da nossa Doutrina elucida o significado das palavras de Jesus, consignadas pelo evangelista Mateus, no cap. 19, versículos 3 a 9. «O divórcio — escreve o mestre — é lei humana, que tem por objecto separar legalmente o que já, de facto, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina». E continua noutro parágrafo: — «Nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse Ele: «Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres?». Isto significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: «no princípio não foi assim», isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia e não da vaidade ou da ambição, nenhum ensejo davam ao repúdio».

Aliás, à pergunta formulada por Allan Kardec, sobre se está na lei da Natureza, ou sòmente na lei humana a indissolubilidade absoluta do casamento, responderam os Espíritos reveladores nestes termos: — «É uma lei humana muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis». («*Livro dos Espíritos*», n.º 697).

Agora mesmo, nos círculos jurídicos e sociais do Brasil, a questão do divórcio vem suscitando vivos debates. Começou a discussão na Câmara dos Deputados Federais, motivada pela apresentação de um projecto, dispondo sobre anulação do casamento, — por incompatibilidade dos cônjuges para a vida em comum, depois de cinco anos de desquite. Como isso não deixa de ser uma forma indirecta de divórcio, eis que este passou a ser o assunto principal em todas as rodas, ecoando também, como era natural, nos Centros Espiritas.

Foi aí que depois duma sessão em que se fizera larga explanação do tema, distinta senhora se acercou de nós e inquiriu: — «Não acha que muitas discórdias domésticas, culminando às vezes na separação dos esposos, podem ser tramadas por Espíritos malévolos?

E nesse caso não seria inconsequente e desarrazoado apelar para o recurso extremo do divórcio?».

— Sim, respondemos; mas importa não confundir a excepção com a generalidade. Que espíritos inferiores, tangidos por sentimento de ódio ou de vingança, insuflam nos lares a desarmonia, perpetuam desavenças e arrastam aos piores desatinos os que lhes não sabem resistir, não seremos nós que o contestamos; porém não é essa a regra geral. De resto, se nas dissenções entre esposos se descobre a influência tenebrosa desses malfeitores do Espaço, quem ousaria desaconselhar aos desavindos consortes de recorrerem aos meios espirituais tendentes a eliminir as causas da perturbação no lar?

Outra objecção e esta aparentemente mais séria: — Os Espíritos têm uma liberdade relativa na escolha das provas que devem sofrer, pois é sob o guante da dor que resgatam o passado delituoso e progridem. Assim sendo, os males que sobrevêm ao indivíduo no curso da vida terrena, inclusive as infelicidades conjugais, não deverá ele sofrer resignadamente, uma vez que semelhantes desditas representam aquela provação, optada por seu espírito antes de renascer?

Preliminarmente convém ponderar que a lei de provação não tem a elasticidade que alguns supõem, sendo grave erro inferir que todas as tribulações que experimentamos na vida nós as previmos e buscámos. Previstos só são os factos principais que influem no destino, correndo as particularidades por nossa conta. (Conf. *Livro dos Espíritos*», n.º 259). É mister levar em consideração também o livre-arbítrio, que distingue a criatura humana dos irracionais; de outro modo cairíamos no fatalismo.

Graças a essa prerrogativa, o homem é um ser consciente e responsável. A responsabilidade do homem decorre mesmo da consciência que ele tem dos actos que pratica. Se erra quase sempre e sofre por seus erros, só se deve queixar de si próprio, dado que as mais das vezes age contrariando a voz da razão e do bom senso.

«Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas da sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

«Quantos se arruínam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!

«Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo o género!».

Um comerciante dá de vender fiado a todo o mundo ou geriu mal o seu negócio, e vai à falência.

Um pai excessivamente tolerante com os filhos, descuida-se de combater-lhes logo cedo as más tendências, e mais tarde, ao vê-los ébrios, desor-

deiros, mandriões, sentir-se-á pungido de desgostos...

Foram provações oriundas de compromissos assumidos no Espaço, ou semelhantes infortúnios resultaram da irreflexão e da incúria?

Todas as vicissitudes da vida têm necessàriamente uma causa — actual ou remota. As acima aludidas mostram que a sua causa está no presente e bem poderiam ser evitadas, se aqueles que são por elas feridos tivessem agido com mais prudência e discernimento.

Vemos, ao contrário, certos sofrimentos e revezes a que o indivíduo tenta em vão subtrair-se. Um cavalheiro conhecemos que já se sente receioso de fazer o bem, tão duras são as ingratidões que recebe dos beneficiados...

Pessoas há que levam a existência inteira presas de doenças insidiosas, gastando inùtilmente rios de dinheiro com médicos e com farmácia.

Outras chegam a este mundo cegas, aleijadas, e com estes estigmas vão viver da mendicância por lhes faltarem os meios de ganhar a vida pelo trabalho.

A mudez, o cretinismo, a idiotia, são igualmente infelicidades congénitas, cujas causas só podem estar no passado da alma. (Ver «*Ev. seg. o Espiritismo*» cap. V: Causas actuais e anteriores das aflições).

Provações dessa espécie não duvidamos hajam sido impetradas por Espíritos delinquentes ao prepararem-se para uma nova encarnação terrestre. São meios de resgate e de progresso.

Nem a todos os Espíritos, porém, é facultada a livre escolha das provas. Sofrem-nas então compulsòriamente, e tais são os casos em que o atraso do Espírito lhe não permite optar com acerto e os em que a extrema gravidade da culpa exige uma punição drástica.

Se se perguntasse por que indícios se pode distinguir a verdadeira provação — escolhida ou imposta — responderíamos que, ao nosso ver, o que a torna inconfundível é ser ela persistente e inelutável.

Sòmente precisamos convir que, em nenhuma outra circunstância a inelutabilidade se torna manifesta, senão quando o homem esgota no combate contra as forças adversas todos os recursos da sua inteligência e da sua vontade. A passividade não é virtude e embora cônscio de que está sendo castigado por um destino inexorável, o dever de cada um é lutar por aplacar-lhe a cólera...

Nosso bem-estar e nossa tranquilidade assim como nossa vida, precisamos a todo o custo preservar. Todos os seres, do ínfimo animal ao rei da criação, guardam consigo esse instinto de defesa.

E por que injustificável excepção haveria de curvar-se o marido ou a mulher ao inimigo da sua felicidade doméstica?

Se ambos não se atraem, antes se repulsam; se as divergências os repelem reciprocamente e os atritos ameaçam degenerar um dia em tragédia; de que se os arguirá, procurando na lei — se lei existe — um termo a essa situação?

Acresce que Deus não constrange a permanecerem juntas pessoas que se hostilizam, como no caso dos esposos irreconciliáveis. («*L. dos Espíritos*», parte quarta, cap. I: Uniões antipáticas).

Os antidivorcistas, principalmente os que o são por motivo religioso, costumam tomar como ponto de partida de sua argumentação as bem conhecidas palavras de Jesus-Cristo: «Não separe o homem o que Deus ajuntou».

Ora, se toda a grita contra o divórcio vem daí, nenhum mal vai em se admitir a recíproca; isto é, ter por lícito ao homem separar o que *ele mesmo* ajuntou, ressalvando assim o respeito ao que foi ajuntado por Deus. E estará terminada a balbúrdia...

A questão, como se vê, está em definir precisamente o que foi que Deus uniu, para acabar com a confusão entre o divino e o humano.

Quando o casamento se funda na afeição dos seres temos que sob as vistas de Deus se realizou essa união.

A afeição das almas é muito forte e constitui garantia de felicidade conjugal. Contra essa união não prevalecerá a lei de divórcio, o que vale dizer que para os consortes entrelaçados pelo amor a separação será impraticável, ainda que o quisessem os homens...

Porém, figuremos qualquer sujeito sem escrúpulo, desses que não escolhem meios quando querem atingir um fim... Inclinou-se para uma jovem rica e com lábias passou a requestar-lhe a amizade e a confiança. Casaram-se, e logo a pobre moça viu que esse indivíduo o que queria era abocanhar-lhe a fortuna. E se o matrimónio foi uma burla, a vida em comum tornou-se insuportável. A desventurada tudo daria agora para sair desse calvário...

Ter-se-ia efectuado sob as vistas de Deus ou segundo os ditames da sua lei esse consórcio?

Se a resposta a esta pergunta é negativa, que pecado cometerá essa esposa divorciando-se do causador de sua infelicidade e unindo-se a um outro homem que a possa fazer feliz?

Toda a razão tem Allan Kardec quando na sua análise serena sobre a questão da indissolubilidade do matrimónio, remata um período com estas palavras:

«Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número das uniões irregulares».

De nossa parte preferimos ficar com o filósofo a quem Camille Flammarion chamou «o bom senso encarnado».

Por ALFREDO MIGUEL

Correspondente na Bahia

FALANDO COM

Por FREDERICO DUART

Em 5 de Junho de 1942 meu filho Gabriel caiu mortalmente ferido na batalha de Tobruk e no dia 4 de Janeiro do corrente ano decidi visitar novamente a Denbigh Spiritualist Church, de Longsight, Manchester, onde havia um «Open Circle» (grupo público).

O Centro estava repleto de pessoas, entre as quais só havia umas duas que me conheciam.

Fiquei surpreendido quando uma das senhoras presentes, de nome Madame Davis, me informou que a minha mãe estava ali perto de mim acompanhada de vários espíritos amigos. Quando eu estava a olhar para Madame Davis, esta caiu sùbitamente em «transe» e todos pudemos ver distintamente as feições de minha mãe, dizendo num tom baixo, em português:

— Meu filho, meu filho!

Depois, lançando-me muitos beijos, desapareceu e ficámos todos admirados ao ver a fisionomia nítida de um chinês, que eu reconheci logo como sendo o meu guia FENG. Falando-me em inglês, num tom de voz muito meu conhecido, disse-me:

— FREDERICO, tu fostes treinado no conhecimento de línguas estrangeiras para com elas beneficiares a humanidade. Tens ainda um dever a cumprir e de maior responsabilidade do que o que fizeste até agora, antes de te irmos buscar para te unires aqui aos teus numerosos amigos e entes queridos. Vamos guiar-te e proteger-te sempre, proporcionando-te os meios e modo de compilares teus escritos sem dificuldade alguma, empregando quase sempre como instrumentos aqueles que estudam e procuram consolo espiritual, a verdade pura, e que tu até então desconhecias.

Dirigindo-se depois a todos os presentes concluiu assim:

— Deus, o Pai, vos abençoe a todos.

As transfigurações foram perfeitas e em plena luz eléctrica, tendo causado profunda impressão aos presentes.

Mas... havia mais em reserva...

A BRUXA

Muitos dos meus leitores já estão ao facto de que, quando criança, fui acometido duma paralisia e que uma mulher de aldeia conhecida por «A Bruxa», me curou. Uma simpática senhorinha chamada «Miss Green» que estava presente, saiu sùbitamente do seu lugar e em completo transe começou a «espalhar» raios de luz por todos os presentes, estando completamente controlada pela «Bruxa», que, ao passar por mim, se sorria e murmurava umas palavras que não pude distinguir. Os movimentos dos braços desta senhorinha foram «terríveis»! Parecia que se deslocavam dos ombros! No final caiu na cadeira, ficando completamente normal em menos de dois minutos, sem dores nenhumas! Madame Davis dramàticamente se me dirigiu, dizendo:

— Estão aqui muitos espíritos de estrangeiros e, entre eles, há um moço de uniforme, sendo esta manifestação feita aqui em sua honra. Ele diz que o sr. sabe muito bem quem ele é e a que se refere a data de amanhã!

Eis aqui, caros leitores, mais uma prova absoluta de que o meu filho não morreu!

O MEU RELÓGIO DE PULSO

Numa das minhas recentes visitas à *South Manchester Spiritualist Church*, de Yarborough Street, encontrava-se ali como médium o senhor Gee de Ashton-under-Lyne, o qual, na primeira parte da sessão, evidenciou bem as suas faculdades de clarividente, dando mensagens a alguns dos presentes que foram reconhecidas e confirmadas como exactas.

Quando o «Circle» ficou livre, sendo convidados os presentes a levantar-se e a dar qualquer mensagem ou mencionar qualquer impressão que tivessem, Miss Elsie Banford, minha médium bem conhecida, dirigiu-se-me assim:

— O senhor Duarte encontra-se hoje aborrecido, zangado, de mau humor. De facto, veio aqui esta noite para se esquecer de tudo relacionado com o materialismo!

Desatei a rir, como todos os presentes, que me conhecem bem, por visitar com regularidade este Centro Espirita.

— Pois, caro senhor, tudo isso é motivado e relacionado com o relógio que traz no seu pulso esquerdo!

— ?. ! ? !

— Não se ria nem se admire disso. Vou interrogá-lo à maneira desportiva. O amigo levou esse relógio ao estrangeiro?

OS ESPÍRITOS

(De MANCHESTER)

— Sim, minha senhora, por duas vezes.

— Pois bem. Não o comprou lá, mas aqui em Manchester. Diga a verdade. Onde foi que o comprou?

Houve gargalhadas entre os presentes, quando eu disse: Comprei-o numa «Casa de Penhores», em frente do Kings Theatre de Longsight.

— Correcto. Você diz a verdade. Pois esse relógio pertenceu a um cavalheiro que, tendo-se visto um dia em apuros financeiros, o empenhou, mas infelizmente não pôde desempenhá-lo por ter desencarnado. Por isso o senhor Duarte comprou uma pechincha! Mas um belo dia o dono do relógio viu-o no seu pulso e, como gostava do objecto, de tempos a tempos mexe nele. Além disso, era homem de temperamento peculiar e o senhor Duarte recebe as suas vibrações de «mau humor». Aconselho-o a nunca usar o relógio todas as vezes que tiver de falar em público. Ou, melhor ainda, aconselho-o a que se liberte dele!

Caros leitores, isto é... fantástico!

De tempos a tempos tenho sido forçado a levá-lo ao relojoeiro, por parar, e dizem-me sempre que não está avariado e que um dos parafusos duma das rodas da corda se encontra solto! Antes disto, costumava partir frequentemente os vidros e perder os ponteiros! O relojoeiro, que conheço há muitos anos, posto que não seja espirita, confessou-me estar «perplexo» e é de opinião que eu largue o relógio e compre outro.

O mais interessante é que, se deixo o relógio em casa sobre a mesa, trabalha perfeitamente, dias e... mesmo semanas!

Deve haver certa «veracidade» no caso. Como foi que Miss Banford soube que eu tinha o relógio no pulso quando lhe era absolutamente impossível (e a outras pessoas) vê-lo, por o ter oculto com a manga do sobretudo?

O ANÃO

No meu tempo de rapaz havia em Portelo de Cambres um anão muito popular que costumava fazer balões de papel de seda que iam pelos ares fora, durante as festividades, não só do Nosso Senhor d'Aflição, daquela aldeia, como noutras realizadas em diversas partes onde o anão era contratado, e os rapazes entusiasmados juntavam-se em volta do balão, enquanto ele acendia a mecha.

Numa das minhas visitas a um Centro Espirita desta cidade, fiquei admirado quando uma senhora minha desconhecida se me dirigiu, dizendo:

— Não o conheço, não sei quem é o senhor, mas posso dizer-lhe o que vejo em sua frente: A cena passa-se num país estrangeiro que o senhor conhece muito bem. Vejo um anão atarefado a tratar de acender um balão de papel de seda, tendo à volta muitos rapazes, dando «vivas», e antes do referido balão subir, esse anão, que tem uma pessoa perto de si a servir-lhe de intérprete, pede-me para dizer ao senhor o seguinte:

«Não se incomode com os seus críticos e todos aqueles que não são da mesma opinião acerca da sobrevivência. Quando tais pessoas se encontrarem às portas da Morte, então é que saberão a verdade e notarão que o senhor tem vivido num meio muito mais adiantado do que aquele onde tais pessoas viveram». Agora, o anão está prestes a soltar o balão; e rindo-se, continua: «Diga-lhe que embrulhe os seus desgostos e aborrecimentos num papel de seda, (passando-me espiritualmente o tal papel) e mo entregue para juntar à mecha. Quando o balão estiver no ar, essse «fardo» desaparecerá».

Há perto de 40 anos que me encontro na Inglaterra, falando raras vezes em português, sentindo porém um grande prazer com as visitas que faço regularmente aos diversos Centros Espiritas, onde, de vez em quando, recebo mensagens extremamente interessantes e de grande valor, pois sendo a sua origem só conhecida por mim, como fica indicado, não podem ser refutadas e são a prova absoluta de que tais me vêm do Mundo Espirita e não por meio de telepatia.

"A GRANDE SÍNTESE"

Se ainda não tem este livro, adquira-o no nosso Depósito. É a mais extraordinária obra dada ao homem por via mediúnica.

Preço: 120 escudos

FENÓMENOS IM

pelo Dr. HAROLD

O diário «Vanguarda», do Rio de Janeiro, tem uma secção permanente intitulada «Fronteiras do Outro Mundo», na qual colaborou há pouco o médico Penas Ribas, professor da Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos. Eis o seu interessante depoimento:

Posto que convivesse com os fenómenos mediúnicos desde a a infância, houve um largo hiato na sequência de minhas observações. Desde que parti para o colégio interno, até quando terminei o curso médico, não cogitei desse assunto. A princípio, empolgado pelos estudos, como aluno exemplar que fui, e, mais tarde, enfatuado com o materialismo académico, procurei àvidamente tudo saber. Só não me esforcei por conhecer-me a mim próprio. Confiado na Ciência e na fortuna de meu pai, encarava o futuro com segurança e euforia.

Mas, por volta de minha maioridade, sem atinar com o motivo, quase imperceptìvelmente fui sentindo, gradativamente, um insopitável impulso para desbravar os mistérios da Vida. Compreendi que a Ciência tão pródiga sob múltiplos aspectos, é sempre árida e estéril em relação às supremas questões do sentimento. E eu buscava uma explicação para o problema do destino humano, em geral, e para o meu, em particular.

Foi assim que iniciei meus namoros com a Filosofia e com a Religião. Li muito. Li e meditei. Discuti, também, com intelectuais das mais variegadas culturas. À maneira de Sócrates no Mercado de Atenas, espreitava os talentos para sugar-lhes a seiva. Além disso, frequentei as conferências para intelectuais organizadas por afamado jesuíta. Fui arrebatado, muitas vezes nas asas da Filosofia aos píncaros do Pensamento. Mas as religiões apresentavam-se sempre dogmáticas em suas concepções especulativas, embora revestidas, algumas vezes, das louçanias do talento e ataviadas com as florações da retórica. Eu buscava convicção baseada em factos de observação. Elas impunham-me uma crença que eu considerava irracional, inconciliável com minha estruturação mental. E assim permaneci, sedento de luz espiritual, até que os factos falaram por si mesmos: os Espíritos começaram a brincar comigo!

A LUZ EXTINGUE-SE SÒZINHA, OS MÓVEIS ESTALAM E EU SOU SACUDIDO NO LEITO!

Nessa época, eu morava sòzinho num quarto de pensão. Todas as noites, como era hábito arreigado, gostava de ler até tarde. Mas, repentinamente, um imprevisto veio interromper meus planos. Sempre que abria um livro, maxime se se tratasse de assunto religioso, a luz se extinguia. A princípio, julguei tratar-se dum acidente; depois propendi para outra explicação — seria uma pilhéria de mau gosto. Contudo, de investigação em investigação, cheguei à conclusão de que o fenómeno era local, do meu quarto. Examinei a instalação eléctrica, estava perfeita. E o fenómeno, dia a dia, ampliava de intensidade, agora acompanhado de estalos violentos nos móveis! Simultâneamente, sentia uma espécie de descarga eléctrica na medula e — por que não confessar? — um medo inexplicável se apossava de mim. Depois os fenómenos tomaram outra direcção. A lâmpada ficou em paz. Mas eu não. Sempre que ia adormecendo, sentia que me sacudiam e eu acordava, trémulo, espantado. Passado o susto punha-me a coordenar ideias, buscando, mentalmente, nos capítulos da Física, uma explicação plausível para os fenómenos . . .

Para agravar a situação alguém brincava à cabra-cega com meu destino. Formado havia pouco mais de um ano, o roteiro que me tracei foi tantas vezes alterado por uma força mais poderosa, que eu atravessava a crise moral mais aguda de toda a minha existência.

O ESTÍMULO PROVIDENCIAL DE «FRONTEIRAS DO OUTRO MUNDO»

Foi nesse estado de espírito — que *Vanguarda* me encontrou, em 1932, quando iniciou suas ruidosas reportagens intituladas «Fronteiras do outro mundo».

Minha enfermeira, espírita convicta, vendo-me muitas vezes acabrunhado, tentara abordar o Espiritismo comigo. Mas minhas indagações eram muito profundas para a cultura dela. De sorte que não me pude interessar pelo assunto.

Mas quando apareceram aquelas reportagens não perdeu tempo. Diàriamente comprava *Vanguarda* e a depunha sobre minha mesa. Automàticamente, passei a ler as reportagens. A primeira que me caíu diante dos olhos foi o depoimento de um médico — dr. Levindo Melo, actual presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo. Fiquei admiradíssimo! Pois, então, havia médicos que acreditavam no Espiritismo? Não era, porventura, o Espiritismo crendice de negro boçal com passagem directa para o Hospício? O caso é que lá estava a opinião dum colega estribado em factos de observação.

A MENINA QUE SE RECORDOU DA ENCARNAÇÃO ANTERIOR

No acervo daqueles preciosos testemunhos calou-me fundo na alma, a declaração de um general, que esteve em evidência no Governo Epitácio Pessoa. Mandado a Londres, em missão oficial, certo dia, ao passar diante duma mansão aristocrática, sua filhinha, apontando para o prédio, diz que ali estava sua casa! Não houve meios de convencê-la do contrário. Queria, à viva força, safar-se do pai para penetrar na casa. A cena despertou a atenção do porteiro que, por sua vez, estava admirado com a semelhança física entre aquela criança e a filha do patrão, falecida poucos anos antes.

Não se contendo, o fâmulo interpela o general. Enquanto procurava explicar o equívoco da filha, a menina, burlando a vigilância paterna, entra, correndo, dentro de casa. Forçado pela situação o general penetra na mansão, para escusar-se. Mas lá encontra o nobre abraçado à criança, que lhe chama «pai» e conhece todas as minúcias da casa.

A CURA MILAGROSA DE HEITOR DE CARVALHO

Todavia, a prova crucial, para mim, foi o facto relatado por

PRESSIONANTES

PENAS RIBAS

Jarbas Ramos na *Vanguarda* de 5 de Março de 1932:

Quando cheguei ao consultório, encontrei minha enfermeira radiante. «O caso de hoje, passou-se com meu filho, doutor!» — disse-me ela com ares de vencedora.

Em resumo, é um caso gravíssimo de meningite cérebro-espinal, tratado com todos os recursos da época e já completamente desenganado pelo médico assistente. De facto, como a própria mãe confirmou pessoalmente, a criança já estava em coma — cega, surda, muda e paralítica havia mais de 48 horas!

Desesperada, a mãe, até então católica, procura, a instâncias de pessoas amigas, aquele saudoso confrade. Depois de demorada concentração junto da mãe aflita, o médium-farmacêutico declarou que, embora muito grave, o caso não era perdido. Receita, então, dois medicamentos homeopáticos, que foram aplicados em algodões encharcados: um, na narina, outro, no conduto auditivo externo! E a criança salvou-se!

Ao ler este relatório, algo de extraordinário se passou comigo. Como águas represadas que arrombam as comportas, de meu subconsciente borbulham, e, depois, escachoam todos os factos presenciados durante a minha infância; e revejo claramente, como se presente estivesse, a cura de minha irmã, também com o auxílio dos espíritos e também com a homeopatia!

Positivamente, o Espiritismo e a Homeopatia estavam em meu destino... Querem saber quem é esta criança? É fácil: chama-se Heitor de Carvalho e é locutor da Rádio Nacional...

Entre as centenas de factos por mim observados desde que me converti ao Espiritismo, contarei agora, apenas, como tornei a encontrar meu avô — dr. Randulpho Augusto de Oliveira Pena — vinte anos depois de desencarnado!

CASO IMPRESSIONANTE DE CURA

— Um dos casos mais notáveis que conheço na literatura mundial foi a cura de minha irmã, hoje casada com o dr. Haroldo Costa Rodrigues, secretário da Câmara de Reajustamento Económico. Notável, porque a cura se processou em duas fases, com a colaboração de dois médiuns: primeiro da própria enferma, e, depois, de minha mãe. Vou resumi-lo. Minha irmã naquela época com sete anos de idade, estava gravemente enferma, havia dois anos. Apesar de morarmos numa fazenda, não faltaram recursos. Muitos médicos foram chamados. Mas os diagnósticos divergiam. Lembro-me perfeitamente que a molestava uma dor violenta, assestada na fossa ilíaca direita; dor tão aguda que não se lhe podia tocar, sequer, na pele, e que, para aliviar, obrigava a pequena enferma a manter, diuturnamente, a perna e a coxa em flexão, calçadas com travesseiros. Esgotados todos os recursos, os médicos aconselharam uma intervenção exploradora!

Ora, naquela época, tal intervenção seria um assassinato praticado à sombra da lei. Os próprios médicos não escondiam a gravidade da situação. Mas seria o último recurso, diziam eles! E meus pais, abatidos pela dor e vencidos pela palavra da Ciência, capitularam diante do irremediável. A operação foi marcada.

UM SONHO SALVADOR!

Na véspera da operação, à tarde, eu me encontrava, em companhia de minha mãe, junto à enferma, que, esquálida e lívida, cochilava tranquilamente, sem que a gente pudesse atinar, à primeira vista, se dormia, ou se morria...

De repente, minha irmã desperta excitada e, segurando a mão da mãe que vigiava debulhada em lágrimas, concitou-a: «Não chore mais, mãezinha! Eu não vou morrer! Esta moça (e apontava para um lugar no espaço), esta moça acaba de me dizer — «Dulcinha, V. não vai morrer! Eu sou sua tia Zizinha. Diga a sua mãe para mandar chamar o dr. Montemor!». Minha mãe ficou estupefacta! A princípio aconselhou-a que dormisse, cuidando estivesse delirando com a febre. Mas minha irmã descreveu a fisionomia e a indumentária de nossa falecida tia com tal perfeição que não se poderia mais duvidar! Pois, quando esta irmã de minha mãe desencarnou, minha irmã era recém-nascida, e lá em casa não havia nenhum retrato dela! Mas... quem era o dr. Montemor?

Impressionada com a descrição de minha irmã, minha mãe vai ao encontro de meu pai e conta-lhe o sucedido. Agora, foi ele quem se espantou, porque, ninguém, excepto meu pai, conhecia o dr. Montemor! Diante dessa prova não titubiou.

Chamado por telegrama, o dr. Montemor chegou «na hora H». Já estava tudo pronto para a operação: a mesa de cozinha, transportada para a sala de jantar, forrada com um lençol de linho, os ferros fervidos...

Enfim, uma operação à moda antiga — sem antissepsia e sem assepsia!

Cloroformizada a doentinha, no momento da acção os médicos entraram a discutir. Um deles, afirmando tratar-se de um caso de quisto hidático do fígado, queria puncionar; o outro, estribado no diagnóstico de apendicite supurada, propendia para uma ampla laparatomia! Foi aí que entrou em cena o dr. Montemor. Analisou o estado da enferma, considerou as precárias condições do ambiente, e apelou, com veemência, para que seus colegas desistissem do intento! Era mais humano deixá-la morrer naturalmente do que matá-la com a Ciência! E, com tamanha eloquência falou, que venceu a teimosia dos colegas! A operação foi suspensa. Minha irmã estava salva da cirurgia. Mas não se salvara ainda da morte...

A RECEITA MILAGROSA!

Impugnada a operação, perdurava o impasse: a doença continuava a zombar de todos os recursos da medicina! Minha mãe, de tanto chorar, já não tinha mais lágrimas. De vez em quando, soltava um suspiro tão doloroso que despedaçava o coração mais empedernido! E os dias corriam, infindáveis, marcados pelo cortejo lúgubre de sofrimentos atrozes...

Passados tantos anos, não posso precisar, exactamente, quanto

O PÊNDULO DE UM VEDOR

De «LA PRE

Há onze anos se arrasta uma raivosa batalha judiciária onde se mistura o amor, o ódio e o mistério, pondo em zaragata os herdeiros de rica solteirona que desapareceu em 1939, durante o êxodo. O veredicto de um *pêndulo* harmonizou, finalmente, esses adversários encarniçados, que se reconciliaram e partilharam a herança, depois de terem tentado cada um sentar o outro no banco dos réus.

Foi o caso que, antes da guerra, um homem de letras, conhecido pelo pseudónimo de «Sylvain Déglantine», autor de vários romances premiados pela Academia Francesa, entre eles «Dois Corações na Tempestade» (prémio Monthion) e «A Nova Babel», era amigo de solteirona muito rica, Mademoiselle Valentina Pillot, que residia em Paris, na Rua de Turenne, onde tinha numerosos móveis antigos de grande valor e uma magnífica colecção de pintura, a qual solteirona fizera testamento beneficiando o escritor.

Deste modo, Sylvain Déglantine tornara-se herdeiro universal daquela que ele soubera cativar. A guerra, porém, ia separá-los para sempre...

Em 1939, Valentina, prevendo a invasão e os bombardeamentos, transportou grande parte do seu precioso mobiliário para Monterichard, no Loire-et-Cher. Ficava neste calmo retiro provinciano, com os seus objectos de arte, até à chegada dos alemães, mantendo com o seu amigo uma correspondência assídua, tão terna como brilhante.

Depois, a 10 de Julho de 1940, assustada pelo ruído da batalha e a fuga do povo para o Sul, Mademoiselle Pillot, que já ultrapassara os sessenta, fugiu também, abandonando todas as suas riquezas. Ninguém mais a tornaria a encontrar viva.

Durante dois anos sem notícias, Sylvain esperou o regresso da sua amiga, mas em 1942 foi avisado oficialmente do seu desaparecimento por um notário do *boulevard* Beaumarchais, que lhe comunicou a morte, dizendo-lhe que ele, Sylvain, herdara todos os seus bens. Todavia, uma desagradável surpresa esperava o herdeiro universal: no momento de tomar posse desse legado considerável (muitos milhões) só pôde verificar que tudo havia desaparecido. A grande casa da Rua de Turenne fora liquidada, o mesmo sucedendo aos quadros guardados em Monterichard, e o cofre forte estava vasio de papéis e de dinheiro. Até se tinham apoderado de um romance seu de noventa e cinco folhetins, um manuscrito de versos e um volumoso pacote de correspondência literária e sentimental.

Que se tinha passado? Sylvain Déglantine não tardou a sabê-lo. Uma prima da defunta Matilde Brisville tinha-se apoderado da sucessão que ela julgara voltar à família. O herdeiro protestou, mas a senhora, que era autoritária, não o quis ouvir. Com a ajuda do advogado Alberto Brunois, o escritor queixou-se à polícia judiciária contra a recalcitrante.

---

tempo durou ainda aquele martírio. Lembro-me todavia, como terminou:

Um dia — grande dia aquele! — minha mãe, desesperada dos homens, volta-se para Deus, e ora, fervorosamente, implorando uma orientação para a desorientação dos esculápios! Terminada a oração, minha mãe levanta-se e caminha em direcção ao seu guarda-roupa sem que eu possa dizer o que pretendia fazer. Eu estava no quarto e vi tudo. De repente, a meio caminho, ela estaca, lívida, corpo oscilante, e diz:

— Será possível? Acabo de ouvir, distintamente, um voz que me diz dentro da cabeça: «Abra o livro da Homeopatia, página tal, linha tal!

Abro aqui um parêntese — não sei como este livro foi parar a minha casa. Meu avô foi um médico venerado pelas filhas. Ainda hoje, as que estão vivas acham que ele era o melhor médico do mundo! Ora, meu avô ridicularizava, muitas vezes, a terapêutica de Hahneman. Não acredito, por conseguinte, que venerando o pai, minha mãe houvesse, jamais, experimentado a homeopatia. Não tenho a menor ideia do emprego dessa sublime terapêutica em meu lar paterno, excepção feita para o caso vertente. Insisto na informação: nunca vi minha mãe manusear nenhum manual homeopático. Fecho o parêntese.

Mas o facto é que a voz insis-

NUM PROCESSO DE HERANÇA

E», DE PARIS

Mas esta, manhosa, contra-atacou imediatamente: aconselhada pelo advogado Marcel Remond, depôs falsamente ante o magistrado sr. Lavadoux, dizendo que o testamento era apócrifo, que não era a letra da prima e que ela nunca redigira tal documento.

De nada valeu a comédia. O perito grafólogo Rougemont demonstrou que a letra era bem a de Valentina Pillot.

A prima Matilde não perdeu as estribeiras e fez nova queixa. Alegou que o corpo da prima nunca fora encontrado, acabando por dizer que tinha sido assassinada depois de a obrigarem a fazer testamento.

Mas essa queixa era muito vaga e em 10 de Outubro de 1949 o Tribunal Correcional condenou-a por maledicência a 2 meses de prisão, 9.000 francos de multa e 1 milhão de francos de indemnização a Sylvain.

Mas não ficou por aí! Nova demanda contra o escritor.

— Este homem tem poderes sobrenaturais, — dizia ela aos juízes —. Ele pratica a bruxaria e o hipnotismo! Subjugou a minha prima, enfeitiçando-a e magnetizando-a. Foi assim que a infeliz lhe fez testamento.

É que Matilde era apaixonada das ciências ocultas! Na sua vila de Cormeilles-en-Parisis recebia numerosos adivinhos e radiestesistas. Tal como os seus hóspedes, ela acreditava na existência de certas ondas emanadas dos corpos e capazes de impressionar a varinha de aveleira de um prático. E pôs assim a questão:

Que era feito de Valentina? Onde repousava seu corpo? E recorreram ao pêndulo. Um radiestesista amador de Cormeilles-en-Parisis explorou o mapa. De súbito, a varinha põe-se a oscilar e depois a vergar com toda a força. Estava ali a sepultura de Valentina. O local foi marcado por uma cruz. Era à saída de Monterichard, a alguns quilómetros da localidade, perto de uma quinta isolada...

Recorrendo da condenação, Matilde depôs no tribunal de Blois contra um desconhecido, acusando-o de assassinato e designando o lugar onde estava enterrado o cadáver. Os polícias de Orleans foram ao local. A Terra foi cavada, mas não encontraram vestígios.

Um deles teve então a ideia de interrogar os camponeses que se juntaram a soube-se que, em 1940, devido a um bombardeamento, uma mulher fora enterrada à pressa à beira da estrada, mas depois havia sido desenterrada e transferida para o cemitério de Monterichard. As autoridades foram lá e mandaram abrir a campa anónima. A varinha não se tinha enganado! Era bem Valentina. Mas a autópsia feita a seguir destruiu toda a hipótese de crime. A infeliz, atingida gravemente, tinha morrido de esgotamento.

Após dez anos de luta sem tréguas, Sylvain e Matilde, inimigos reconciliados, acabam de desistir mùtuamente de suas querelas e resolvem chegar a acordo.

(Traduziu Mário Bacelar)

---

tia: «Abra o livro da Homeopatia, página tal, folha tal».

Aberto o livro na página ordenada, lá estava a indicação de Mercurius solubilis e de Beladona para as inflamações!...

E como minha mãe hesitasse, novamente a voz lhe soprou: «Suspenda todo o tratamento prescrito, e dê, apenas, os dois medicamentos homeopáticos ambos de quinta; sua filhinha ficará curada.

Em face dessa nova prova, minha mãe rendeu-se: suspendeu tudo e iniciou a medicação homeopática. No dia seguinte — parece milagre! — o quadro da moléstia que, durante dois anos, permanecia estacionário em torno duma síndrome abdominal, modificara-se totalmente. A febre desapareceu como por encanto, a perna pôde estirar-se, e a enfermazinha sentou-se no leito! Um mês depois aquele corpinho macilento estava curado.

Posso asseverar a autenticidade dos factos relatados, em seus mínimos detalhes, porque, pela grande afinidade espiritual que tenho com minha irmã, embora com oito anos de idade, acompanhei o seu calvário sem me apartar dela; e, também, porque minha mãe que ainda está viva, muitas vezes trocou comigo, impressões sobre o caso.

Todavia, por incrível que pareça, tais fenómenos, aparentemente, não deixaram um sulco profundo em meu espírito.

Leopoldo Machado e a sua Obra

por CARLOS IMBASSAHY

Leopoldo, ao ver a homenagem que se preparava para ele, poderia, desconfiado, dizer como certo escritor francês:

— Será que já me acho tão mal assim?...

Felizmente, o de que se trata é de vir dizer, ao trabalhador indefesso, infatigável, inexaurível, o quanto o estimamos e de como soubemos ou temos sabido apreciar a sua luta nesta Causa onde todos nos achamos reunidos e empenhados.

Ainda agora, esta doença que o traz acamado, que o priva temporàriamente do nosso convívio, não teve outro motivo que a sua prolongada viagem ao Norte do País, em que andou, já pelos caminhos da terra, já pelos caminhos do espaço, procurando unir a família espirita, para que ela se tornasse forte pela coesão, digna pela solidariedade, feliz pela harmonia, cristã pela amizade.

E o batalhador não poupou esforços. Malbaratou a saúde, não como os pródigos, que a jogam fora em troca dos prazeres mundanos, mas como os heróis que a sacrificam em prol dos seus semelhantes.

É para têmperas deste jaez que não devia existir a ampulheta do tempo, no período da vida planetária. Para ele e por ele os relógios não deviam contar, ou então deveriam ser como os de que nos fala o estro de Tomás Ribeiro:

«E o relógio parado na parede
das horas se esqueceu. Séculos
[mede...»]

Infelizmente os nossos relógios só param em bolsos onde reina a incúria. No dos que laboram, como que andam mais depressa.

Magalhães, em belas estrofes, dizia a Napoleão Bonaparte:

— És homem, pára.

E o guerreiro parou, — dizem uns, — coberto de glórias. De mim para mim, notei que ele parou e parou tarde. Triste cobertura de glórias, quando o chão fica inteiramente coberto de cadáveres!

Também poderíamos dizer ao nosso homenageado: «Pára, que és homem», se ele não fora um espírito, se o prélio não fosse sem limites, se as armas não fossem as da paz, se o escopo não fosse o do bem, se o tempo não fosse a Eternidade.

De Robespierre afirmava Mirabeau:

— Ele vai longe, porque acredita no que diz.

Nós podemos dizer de Leopoldo que ele não parou; ele vai longe, porque sabe o que faz.

Há um deus dentro de nós — dizia Ovídio — que respira esse divino fogo, pelo qual somos animados.

Pois quando esse fogo divino, que melhor chamaríamos luz, ilumina a nossa alma, aquece as nossas energias, alimenta as nossas esperanças, coroa as nossas obras, não há parar nesse roteiro em que nos achamos irmanados na mesma fé, prontos a cair no mesmo pego ou a subirmos ao mesmo astro.

O relógio não parou. Nem Leopoldo. Nem nós. Ele irá connosco, e nós iremos com ele.

★

O de que me incumbiram pròpriamente, foi tratar da parte bibliográfica, foi estudar Leopoldo como escritor.

A matéria é árida e penosa, embora o escritor seja excelente. Todas as dificuldades aqui se reuniram por tornar espinhosa a tarefa de que me incumbiram.

E elas avultam já, pelo número de obras que o autor tem dado à luz da publicidade. Como analisá-las, estudá-las, criticá-las, comentá-las, no curto espaço que nos cabe? Falar dos livros do Leopoldo sem apresentar aqui um trecho, ali uma passagem, mais adiante um período ou uma página inteira, seria o mesmo que apresentar um prato opíparo, sem dar um naco a provar. Como me avir, porém, diante da profusão literária do nosso amigo? Toma-nos o receio da imensidade. Como escolher, dentro de tantas laudas, nas aperturas do espaço, nas imposições do tempo, na indigência dos meus recursos?

Como um musicista eclético, ele dedilhou por todos os instrumentos da orquestra. Dir-se-ia que sondou todos os aspectos da literatura; e no campo espirita não houve terreiro que deixasse de perlustrar. A actividade produz estes milagres.

Quem ler umas quadrinhas que ele tem espalhado por toda a parte, que constam de álbuns, revistas, hinos, cânticos, julgará que ele não passa de um poeta de folhinha. Mas o espanto subirá de ponto, se folhearmos as suas «Saudades», colectânea de sonetos, constantes de duas séries. E, sobretudo, se comoverá o leitor com a arte, que se encontra no *Iluminação,* poesias dignas de um grande menestral.

Passemos à prosa.

Tempos houve em que se tornou temível: foi a fase da polémica. Mas a sua temibilidade não estava no aspecto agressivo do livro, na virulência da pena, nas objurgatórias do escritor, senão na lógica irresistível dos argumentos.

Leopoldo não é contundente; mas a sua hermenêutica é um escudo onde vêm morrer as flechadas do adversário.

Não tinha ele o costume da flama irritada, que cospe em cima do provocador. O segredo das suas vitórias estava na habilidade das réplicas, no conhecimento do assunto, na convicção da verdade.

E assim vemos desfilar o «Julga leitor por ti mesmo», a «Sensacional Polémica», «Pigmeus Contra Gigantes», «Doutrina Inglória», «Guerra ao Farisaismo» e outros.

Dizendo-se um dos pigmeus, se não tinha a farromba, a estatura física de um Golias, o gigante de facto era ele.

Passou, ao que parece, com o ímpeto dos verdes anos, o escritor belicoso. Temos, então, o dramaturgo e o seu *Teatro Espiritualista,* escrito em três séries, aí se acha, representando-se as suas peças em todas as festividades espiritas, para recreio e satisfação dos pequenos e dos maiores, que têm sempre uma

lágrima ou um sorriso para aplaudir o drama, quando o estampido dos aplausos não quebra o silêncio das salas ou o protocolo dos programas.

Depois o temos nos contos, nas crónicas, ora leves, ligeiras, ora cheias de profundo espiritualismo: «Prosa de Calibam», «Consciências», «Para a Frente e Para o Alto», «Para o Alto», «O Natal dos Cristãos Novos». Algumas teses fazem parte do seu escrínio literário, como o «Espiritismo é Obra de Educação», «Das Responsabilidades Maiores dos Espiritas do Brasil», «Observações e Sugestões». Não é de desprezar o seu opúsculo «Nada lhe é no Momento Maior», escrito com fins de propaganda do Hospital Pedro de Alcântara.

As suas viagens têm sido descritas, cheias de cores vivas e episódios interessantes, nos periódicos espiritas. Em livro acham-se algumas no «Ide e Pregai», visto que o fim das suas excursões não tem sido outro que levar a toda a parte e a toda a gente o Evangelho do Senhor, como mandava o Divino Mestre.

Em matéria científica escreveu «Cientismo e Espiritismo».

É possível que nesta longa lista nos tenha escapado alguma obra. O que aqui está já basta para dar-nos ideia do dinamismo do escritor. Os seus trabalhos nos chegavam às mãos, quando ainda não tínhamos acabado de ler o anterior. No meio da calmaria reinante, calmaria da indiferença, do egoísmo ou do comodismo, a operosidade de Leopoldo era um como furacão.

Não me cabe falar na sua obra social. Nos asilos que fez, nos que aconselhou que se fizessem, nos em que contribuiu para que pudessem ser feitos; não me cabe falar no seu poder de eloquência, no dom da palavra que ele possui, dom de entusiasmo; como um *duce*, é capaz de fazer prosélitos, de orientar os que o acompanham, o que tudo me faz persuadir tivesse sido já um grande revolucionário, sedutor das massas, condutor de povos; não me cabe falar na sua acção de propagandista, que o fazia não temer viagens, nem poupar sacrifícios, nem arrostar perigos para levar o facho sagrado da Causa aos mais distantes rincões do país. Não me cabe falar ainda no seu génio de incentivador das mocidades.

E felizmente não me cabe falar em tudo isso, nos seus périplos, na sua facúndia, na sua obra de caridade, senão eu não acabaria mais. É trabalho para muitos ou para arrojada biografia. Nem tinha eu forças para ela, quando vejo a indigência da minha descrição, a pobreza das minhas palavras, em contraste com a opulenta obra escrita de Leopoldo Machado.

Dizia Lamartine, referindo-se a Camilo Desmoulins:

— A natureza que deu a esse jovem a inquietação e o calor dos *meneurs de foule*, (condutores de multidões), recusou-lhe a exterior: uma alta estatura é condição indispensável aos favoritos das massas.

Leopoldo, como Desmoulins, não tem lá essas grandes alturas; mas desmente Lamartine, porque mesmo do meu tamanho, ou quase, tem sabido arrastar ao seu credo todos os que possuem a fortuna de ouvi-lo.

Em suma, o nosso caro amigo, parece ter seguido o conselho de Gabriel Palau, quando dizia:

— Compraze-te em espalhar a luz, em ensinar aos outros, para que os que sabem sejam felizes.

A vida inteira de Leopoldo Machado tem sido a de desenvolver inteligências e corações. Professor, leva à mente das mocidades o ensino propedêutico, as lições que hão-de conduzir os jovens a posições de relevo, que lhes darão a cultura, uma das grandes asas do progresso individual; propagandista, tem trazido às almas o consolo para as agruras da vida, as esperanças de um mundo melhor.

E agora, em torno de si meninos, moços e velhos, recebem de suas luzes e de seu tirocínio os conhecimentos necessários para compreenderem a vida, e a coragem precisa para não temerem a morte.

O ESPIRITISMO

— é, na sua essência, uma posição filosófica perante os problemas fundamentais do Homem e da Existência, posição que cimenta, de um modo geral, nos dados da Ciência, e, de um modo particular, nos dessa ciência nova denominada metapsicologia;

— deduz, sobre tais dados, que:

— o fenómeno psicológico não é redutível a um simples aspecto do fenómeno orgânico;

— o espírito é imortal, pre-existindo ao nascimento do corpo e subsistindo à morte deste, sendo o resultado de uma longa evolução, cuja linha é paralela à da evolução das espécies;

— cada vida é, para o espírito, uma experiência, sendo nas sucessivas manifestações vitais que ele se aperfeiçoa, desde que nelas vá despertando, em escala progressiva, a sua consciência de valores e realizando a gama positiva dos valores espirituais (éticos e místicos);

— o espírito no estado livre é capaz de manifestar objectivamente a sua existência, quer agindo sobre outros espíritos (livres ou «incorporados»), quer directamente sobre a matéria;

— não é uma religião, procurando, no entanto, despertar em cada homem o sentimento da religiosidade consubstanciado na máxima cristã do «amar a Deus sobre todas as coisas».

— aceita a ideia de Deus cuja existência encontra na Criação, mas não pretende discutir a sua essência, porque, reconhecendo o Homem como um ser contingente e relativo em toda a sua estrutura psicológica actual, julga-o impotente para investigar a natureza do que é Necessário e Absoluto;

— considera Jesus como a manifestação terrena mais perfeita do Cristo — a parcela do Verbo ou Pensamento Divino que assiste à evolução do nosso mundo espiritual —, e toma os Evangelhos, não no sentido da «letra que mata», mas no do «espírito que vivifica».

O ESPIRITISMO

— é Mensagem de Paz e Amor, chamando o Homem para o Cristo através do conhecimento da sua natureza, da sua origem e do seu destino espiritual.

ECOS DO ALÉM...

VI

12 de Julho de 1950...

Depois de pequena descrição que não pude autenticar, a médium informou:

— A sr.ª D. Maria anda de um lado para o outro, como quando estava viva. O fato é uma espécie de nuvem. Vejo cravos ao pé dela: vermelhos, amarelos, cor-de-rosa. E cheira os cravos...

— De onde são esses cravos? — perguntei.

— Do meu jardim espiritual. Tenho cá muitas flores.

E dirigindo-se à médium:

— Quer ver?...

D. Maria Bacelar vê cravos, amores-perfeitos e hortênsias azuis.

— São da cor do céu — exclama a entidade.

A médium está a ver o sol e não compreende a significação do fenómeno. Mas Lia elucida:

— Sol é calor, o calor da fé.

Em seguida indaguei:

— Houve alguma dificuldade na transmissão da mensagem de hoje?

— Houve.

— Podes dizer a causa?

— Foi de cá.

— Não estiveste presente?

— Tive de voltar.

A médium vê muitas crianças em torno de Lia, ao mesmo tempo que esta diz, apontando-as:

— Por isto. Temos deveres a cumprir...

— E amanhã prosseguirás?

— Concentra-te. Não sei o que surgirá de um momento para o outro.

— Tens algum pressentimento?

— Não.

— E não poderás acabar a obra? (1).

— Só tenho uma palavra. Disse que acabava e hei-de acabar.

— Admiro-me de não ter hoje recebido uma só palavra, apesar de bem concentrado.

— Já te disse o motivo. Não foi a primeira vez, nem será a última. Mas nem por isso deves desistir.

Lembrei-me de mudar o rumo à conversa:

— Haverá entidades que se fazem passar por ti?

— É preciso distinguir...

— Tens dificuldade em falar pelo abecedário?

— Não.

— As mensagens que dás por esta via chegam truncadas...

— Metem-se de permeio...

— Haverá maneira de o evitar?

— Com o tempo.

— Será falta de concentração?

— Não é. São intrusos mais ou menos atrevidos.

— E como devo proceder com eles?

— Com paciência e amor.

Acto contínuo deu-se um caso muito curioso que prova a reflexão e vigilância dos espíritos acerca dos nossos pensamentos. Como se compreende, as perguntas são formuladas e escritas quase ao mesmo tempo. Por isso, não admira que haja deficiências de minha parte. E assim é que perguntei, obedecendo a uma ideia fortuita:

— Manejas bem a minha mão durante as mensagens?

— «Manejo», empregando o mesmo termo (riu-se).

Eu reconheci a impropriedade do vocábulo e rectifiquei:

— De facto, não é manejo. É acção. Acciona-la com facilidade?

— Com o tempo menos me custará.

---

(1) *Referia-me ao livro «Dois Mundos».*

— *Tens família desse lado?*

— *Já cá estão alguns, de agora e de outras vidas.*

— *Falaste em jardins e eu pergunto: também tendes animais domésticos?*

— *Também. Mas não para matar. A vida é respeitada...*

— *E escolas? E museus?*

— *Tudo o que precisamos para nos instruirmos, para cultivar o espírito.*

— *Usais os braços e as pernas?*

— *Evidentemente.*

— *Os médiuns dizem que deslizais...*

— *Devido à rapidez dos movimentos.*

— *E as casas? Para que servem?*

— *Para abrigar.*

— *Sentis calor e frio?*

— *Mais atenuados.*

— *E o lugar onde estás é longe da Terra?*

— *Não. Basta pensar. Penso em ti e estou contigo. Penso em Cebolais e vejo-me lá.*

— *Foste tu que me pediste que fosse à praia da Nazaré?* (1).

---

(1) *Em princípios de Junho de 1950, um cunhado meu convidou-me a acompanhá-lo à praia da Nazaré, onde permaneceríamos o mês de Julho ou Agosto. Eu não aceitei logo o oferecimento. A Gena tinha vontade de ir, não só pela necessidade de banhos de mar, mas também pela simpatia que lhe inspiravam os primos, filhos de meu cunhado. Andei doze ou treze dias nesta indecisão. Um dia, após a concentração habitual, pus as mãos no abecedário (prancheta) e recebi a seguinte mensagem:*

— *Isidoro vai a a Nasaré.*

Fiquei admirado dos dois aa repetidos e da palavra «Nazaré» com um s. Pedi que repetisse a frase. Veio da mesma forma. Tive logo a intuição de que os dois aa eram a contracção da preposição a com o artigo a, visto o abecedário não ter a letra à. Quanto ao nome da praia, minha mulher escrevia Nazaré com s. Verifiquei o facto depois da frase recebida.

No momento não pensava em qualquer assunto e por isso obtemperei:

— *À Nazaré? À fazer o quê?*

— *Fazer a minha vontade.*

Só então me lembrei do convite de meu cunhado. E acrescentei:

— *Queres lá estar connosco?*

— *Sim.*

— *Com o Zé Luís e a Rosita?*

— *Sim...*

Minha mulher tinha predilecção especial por estes dois sobrinhos e continua a mantê-la ainda, como demonstram as suas palavras. Vê-se que a morte do corpo não altera as inclinações do espírito.

— *Gostava que fosses lá. Já sei que vais...* (1).

— *Para te fazer a vontade.*

— *Só?...*

— *E à Gena... e a todos. Somos amigos...*

— *Felizmente! Assim fossem todos!*

— *Também lá estarás?*

— *Porque não?...*

— *Tens apreciado a revista? Queres dar algum alvitre?*

— *Há coisas nas minhas mensagens que podes aproveitar para artigos. São ensinamentos que enquadram bem. Continuaremos os dois a fazê-la.*

— *E artigos de fundo?*

— *Não prometo. Mais tarde, talvez. Há muito que fazer.*

— *Disseste que me darias novas provas...*

— *Ver-me-ás.*

— *Só uma vez?*

— *Ainda me não viste e já perguntas se é só uma vez?*

— *Falo com intenção. Se me leres no pensamento, compreenderás.*

— *Ficarás surpreendido e exclamarás: «Lia!...».*

— *Já mo disseste através dos braços...*

— *Então, bem vês que está certo.*

— *Eu faço controlo para ver se é verdade ou ilusão o que recebo. Assim fico mais contente.*

— *Com a certeza do porvir...*

— *Lembras-te da frase da «manga»? Onde estavas tu quando a baixaste?*

— *Era uma charada... Estava na minha cadeira.*

— *Não tens outras charadas para me dizer?*

— *Tenho muitas.*

— *Sou coleccionador, para mostrar ao mundo a realidade da sobrevivência. Por isso te peço que me auxilies nessa missão. Mas gostava que viessem por intermédio de D. Maria Bacelar. Teriam mais valor para os incrédulos.*

— *Daremos essas provas.*

Nesta altura um assistente perguntou à entidade se já vira D. Cecília de Fi-

---

(1) *Neste momento já eu tinha resolvido aceitar o convite.*

gueiredo, recentemente desencarnada. E a médium declarou:

— Era de muita idade? Não está junto de D. Maria. Era gorda? Falava com meneios? Andou sòzinha, como que perdida... não via nada. Sofria muito do coração. Esforçava-se muito. Tinha o cabelo um pouco frisado e a cabeça bem composta. Era uma pessoa que falava bem... educada... fina...

— Veja se tinha faculdades psíquicas — inquiri.

— Tinha mediunidade psicográfica. E via... tinha visão interior. Via as coisas dentro dela, como se fossem figuras minúsculas. E tinha pressentimentos...

Admirei-me da exactidão do descritivo, pois a médium nunca vira a pessoa visada.

★

Na sessão de 19 de Julho houve uma particularidade que me chamou a atenção. Tenho lido que os espíritos superiores podem dominar inteiramente os inferiores, isolando-os ou manietando-os, e por isso ouvi com interesse que estava ali um espírito de homem a fazer-se passar por Lia, pondo a mão sobre a minha cabeça. Era uma entidade frívola e vaidosa. De facto, eu senti-me envolvido em atmosfera pesada. Tinha feito experiências com o abecedário, sem conseguir eliminar os intrusos, e interpelei:

— Lia pode responder a uma pergunta?

(O «homem» mete as mãos nos bolsos e diz: «Pronto!», como que a prometer que não perturbará. Mostra a mão fluídica e torna a metê-la no bolso).

— Sentiste a interferência de alguém na comunicação pelo abecedário?

A médium explica: «Ela viu-o, mas ele não a viu a ela».

— E não pudeste evitar a intromissão?

— Podia, mas não o fiz.

Admirei-me da resposta e exclamei:

— Permite-se tal abuso?

— Viste que se permitiu... É porque se permite.

— E não há meios de defesa?

— Joeirar.

— Joeirar é afastar?

— Escolher.

— Se os espíritos superiores têm poder sobre os inferiores...

— Limitado.

— Não podem defender-se deles?

— Sim, mas vós não podeis defender-vos como nós.

— Os intrusos só perturbam e fazem perder tempo.

— Tu joeiras. Onde há intromissão, riscas...

— E não consegues transmitir sem interferência?

— Hei-de conseguir, como consigo com as Mensagens.

— O intruso que falou por ti foi logo denunciado...

— Aí é que está o joio.

— Como queres fazer a revisão da obra?

— Depois te direi.

Um assistente perguntou:

— Porque é que os espíritos inferiores produzem desarranjos em criaturas indefesas, levando-as ao suicídio?

— Têm que reagir por si próprias.

Ao que eu respondi:

— Na Terra há sanções para esses criminosos...

— Às vezes é resultado de vidas passadas. Na Terra anda-se às cegas. Ignora-se a causa de muitas coisas.

— Se o suicídio atrasa o progresso...

— Até certo ponto. Quantos não há que são empurrados e conseguem reagir?...

— Não temos guias que nos aconselham?

— Para o bem e para o mal. Temos que ganhar por nós próprios. Nem sempre há força para reagir. No entanto, poucos se deixam levar. Às vezes condoemo-nos e foi um acto de justiça que se praticou...

— Justiça... justiça...

— Aqui é justiça. Na Terra pode ser injustiça. Neste mundo, cada um tem o que merece.

Depois inquiri:

— Do teu mundo podes ver o que passa entre nós?

— Agora estou aqui...

— E para ver necessitas de auxílio de médium?

— Não. Quando não há médium, vejo também.

— *E pensas como quando estavas na Terra?*

— *Com pequena diferença.*

— *E vês as letras do abecedário?*

— *Vejo.*

— *E lembras-te da ortografia?*

— *Lembro* (1).

D. Maria Bacelar ouve dizer: «Ah! Irmão! Irmão!...», ao mesmo tempo que o espírito citado tira a mão do bolso e a leva ao nariz, dizendo: «Shiu!». Este perturbador tem uma facha à frente e diz à médium: «És tu que me vendas os olhos!». Há também uma figura branca, empunhando uma palma muito verde. E diz: «Filomena». Tolhe o passo ao espírito, mas este não a vê.

Do que fica exposto — e já aludimos a isto noutra ocasião — nem todos os espíritos desencarnados se vêem mùtuamente. Tudo depende do grau de vibração. De igual modo, os espíritos superiores não podem dominar inteiramente os inferiores. Se assim fosse, a liberdade seria condicionada e a responsabilidade passaria a simulacro.

Quanto à justiça... Cada qual a encara de modo diferente, de harmonia com sua evolução mental e moral. A justiça é alheia ao sentimento. Na maioria dos casos o que se pratica com esse nome é uma série de actos unilaterais. É a justiça de cada um. A frase: «Na Terra a justiça pode ser injustiça», é absolutamente lógica, encarada do ponto de vista humano. Senhores de ínfima parte do conhecimento, apreciamos as coisas erròneamente. A nossa verdade é sempre relativa à posição que ocupamos na vida cósmica.

★

Em 26-7-950 não pude compreender as visões. D. Maria Bacelar disse que via uma folha de papel escrita com letra muito miudinha:

— *Dizem-me: «Lia». Mas eu não vejo. Agora vejo mão que escreve. A manga é branca, em forma de véu. Vejo malmequeres e outras flores... e uma arcada de onde saem muitos rapazes... E vejo outra vez a menina com a palma verde, cabelos loiros sobre os ombros. É criança. Põem-lhe uma coroa com flores brancas e ela tira-a. Parece que uns militares lhe fizeram mal. Têm calções... Está ali um homem de túnica, cuja ponta lhe assenta no ombro. Tem ares de importância. Estende o dedo para a criança e diz qualquer coisa... O soldado poisa a mão no ombro dela. O homem usa sandálias com correias que se metem entre os dedos e o soldado usa correias ao longo das pernas para prender os sapatos. Essa menina volta à Terra em missão... Filomena, Isabel e Lia... espíritos protectores.*

E a seguir:

— *Vejo D. Maria no lugar do costume. Está em pé, com o braço no pescoço do Isidoro.*

— *A Gena poderá experimentar com o abecedário? — perguntei-lhe. — Terá faculdades para isso?*

— *Tem.*

A médium informa que vê um pequeno objecto com uma tampa e ouve dizer: «Não tenhas pressa. Aguarda». E acrescenta que vê espíritos muito brancos de mãos no ar, como quem implora e canta. E aparece e desaparece uma chama doirada...

★

Em 2 de Agosto houve uma experiência psicométrica. Dei um sobrescrito fechado à médium.

— *Tenho a impressão de cabelo — disse ela —. Duas coisas: cabelo e fazenda. Vejo uma carta. Papéis escritos que vieram de longe. Um homem mete a carta no correio e fala na D. Maria. Vejo-a a ela também. De vez em quando vejo cabelos escuros. É uma pequena madeixa, de oito a dez centímetros... Mostram-mos e um casaco castanho de duas cores... Parece que pertenceu à pessoa dos cabelos... Mas há aqui um pensamento a baralhar o caso...*

E numa intuição rápida:

---

(1) *Está explicada a razão por que, ao transmitir a mensagem pelo abecedário, grafou Nazaré com s. Sempre assim escreveu...*

— *Os cabelos são de D. Maria. Cortaram-lhos. E o casaco também é dela.*

— *Porque apareceu o casaco na sua visão?*

— *Não sei — disse a médium —. Primeiro, apareceu a fazenda; depois, o casaco...* (1).

★

1 de Novembro de 1951. Como se vê, as sessões têm sido de grande variedade. Logo no princípio apresenta-se Lia e a «mulher loira» das flores. Esta dá o nome de Isabel e tem olhos azuis. Junto dela está um homem de cabelo escuro e pera, com gibão e cinto largo. Pertence à loira, que vem aqui por gostar de minha mulher e do ambiente. Quer auxiliar-nos. Das suas mãos irradiam fosforescências...

Lia tem o braço no meu ombro e mostra um anel na mão esquerda.

— *Mas isso ficou na Terra... — aventurei.*

Ela ri-se e diz, espreitando para o meu rosto:

— *Estou a vê-lo...*

— *Ainda te lembras dele?*

— *Como havia de esquecer-me?! Sabias o que representava para mim...* (2).

— *Há quem esqueça essas pequenas coisas.*

— *Quem lhes não ligue importância? Se todos pensassem como nós, haveria menos infelicidade.*

— *Recordas mais pormenores da nossa vida?*

— *Alguns.*

A médium descreve: «Vejo os dois com flores brancas. É fora de Lisboa. E um largo e uma igreja pequena. Parece um casamento e vejo D. Maria a rir-se. Ouço dizer: «Cebolais». O sr. Domingos (meu cunhado) está junto de uma senhora altinha, de cabelo escuro...».

Tudo isto é verdadeiro. Refere-se ao casamento de minha sobrinha Graciosa e às flores de noiva levadas pela Gena.

— *Lembras-te de algum caso ligado apenas a nós ambos?*

A médium volta a descrever: «Vejo um livro e ouço dizer: «Essa cabecinha! Essa cabecinha!». Vejo também um papel preenchido num notário público. Um homem numa secretária, o sr. tenente e a D. Maria. Parece que estão a fazer qualquer coisa. Mas falam na Gena. O papel é azul. E tem um selo branco. Depois escrevem. E a sr.ª D. Maria diz coisas... Parece que é para dar à Gena. Parece que falam numa casa fora daqui... (1). *O livro tem páginas em branco e vejo um lápis a escrever. Parece que é outro que o sr. receberá. Ouço dizer: «É o terceiro da série». Vejo obstáculos ao seu trabalho. Mas ouço: «Teima, que vencerás». Contrariedades passageiras. Vejo um bispo. Põe e tira a mitra e anda de um lado para o outro, no escuro. Dizem-me: «Perturbam, mas não vencem».*

— *Quem lhe mostra tudo isso?*

— *É a D. Maria. Diz: «A palavra de Jesus vencerá sempre».*

— *Haverá perseguições ao Espiritismo? — perguntei a Lia.*

— *À ocultas, como é costume deles.*

— *E a respeito de «Dois Mundos»?...*

— *A minha obra! A nossa obra!...*

— *Espero que seja bem recebida.*

---

(1) *O sobrescrito continha a madeixa de cabelo de minha mulher que lhe fora cortada no dia do enterro. Mas estava bem embrulhada, fora do alcance do tacto. Os cabelos eram escuros e as dimensões da madeixa eram precisamente de oito a dez centímetros, tanto no comprimento como na largura.*

Quanto ao casaco castanho, também a vidência estava certa. Havia no guarda-fato um casaco castanho que D. Maria Bacelar identificou. Mostrei-lhe dois: um curto e outro comprido. O curto é que se encontrava na visão psicométrica.

De facto, nos últimos tempos de vida terrena, minha mulher tinha grande predilecção por aquela peça de vestuário e usava-a muitas vezes. Creio mesmo que a trazia vestida na derradeira viagem de Cebolais a Lisboa. O que não compreendo é a ligação entre o cabelo e o casaco... Por enquanto, isso pertence aos domínios do incognoscível.

(2) *Ofereci-lho com gravação especial, numa data muito querida.*

(1) *Eis um facto só do meu conhecimento relatado com óptimos pormenores. Oito meses antes de desencarnar, minha mulher fez testamento em benefício da Gena e o quadro visto pela médium não podia ser descrito mais fielmente. O meu pensamento estava bem longe desse facto!...*

— *Será mais lida, do que meditada.*

— *É assim em tudo. A curiosidade entretém certa gente culta.*

— *Mais do que devia ser.*

— *Há muita frivolidade... Mandarei o livro para o Brasil.*

— *Estou satisfeita com isso. Há lá quem compreenda.*

— *Cá também alguns serão tocados.*

— *E outros que o não dirão...*

— *Com vergonha...*

— *Sim, de ser espiritas. Ou por conveniência.*

— *O que importa é a propaganda da doutrina.*

— *É o que é preciso. Teimar sempre. Lançar a semente.*

— *A tua obra continuará — disse eu.*

— *Sempre!...*

— *Venceremos todos os obstáculos.*

— *Todos!...*

— *Lutarei até ao fim da vida.*

— *E eu te ajudarei. Se houvesse muitos assim! Mas afastam-se à primeira contrariedade... Espíritos fracos....*

— *Tens aqui estado muitas vezes?*

— *Sempre que posso. Quando não venho, estou com os meus pequeninos ou com os meus doentes.*

— *Fizeste longa ausência...*

— *Precisavas de descansar...*

— *E tu, não descansas?*

— *Trabalho sempre. O espírito não necessita de repouso.*

— *Continuas a ser médium, como dantes?*

— *Continuo.*

— *Sabes que há quem atribua outra paternidade ao livro «Dois Mundos»?*

— *Que importa?!...*

— *Acham-no profundo demais...*

— *Para ser ditado por mim?... Quem o pode afirmar? Sabem o que eu era, mas não sabem o que fui.*

— *Alguém te auxiliou?*

— *Não.*

— *Ainda hoje pasmo de ter recebido um livro assim. Parece-me um sonho...*

— *Tinha em mim o meu passado...*

— *E a obra que ditarás será do mesmo género?* (1).

— *Não sei. Talvez digam que não é minha. Mas não importa. As vozes do mundo não nos perturbam.*

Agora, D. Maria Bacelar vê um homem de barba castanha, cabelos compridos e olhos castanho-doirados e uma túnica romana cor-de-rosa. E levanta as mãos...

— *Tem relação com Lia?*

— *Tenho relação com os espíritos bons e maus. Todos são meus. A todos amo.*

Depois afasta as mãos.

— *Vens por bem?*

— *Venho.*

— *Interessa-te o nosso trabalho?*

— *Interessa.*

Lia esclarece:

— *Vês como é bom ter o espírito em paz? Esta entidade veio para que os obreiros da sua doutrina não desfaleçam. Quando há perigo, aproxima-se... Não poderão deitar abaixo o que está construído. A verdade brilhará sempre...*

A médium vê um homem a pisar uma coisa e a coisa a fugir... «É a Doutrina» — informa.

— *A palavra do Pai! — diz Lia —. Nós venceremos! Nós venceremos!... Sentem-se ameaçados e «apertam», querem oprimir.*

A médium continua a descrever: «Vejo muitos a fugir, a dirigirem-se a um sítio para formar um bloco, mas o chão oscila debaixo deles... São escuros... Ouço dizer: «É a mentira». Agora vejo um letreiro sobre esses homens negros: «É a mentira». Vejo também crianças a pedir e eles a afastá-las... Parece que são filhas de alguns, que as repelem...

Lia exclama:

— *Vai-se aproximando o seu fim...*

O mesmo padre aparece e responde, ameaçador:

— *Veremos!...*

— *Aparentam grande força — disse eu.*

— *Mas estão a ressentir-se... As malhas apertam-se. E hão-de apertar-se mais...*

— *Foste sempre dessa opinião?*

— *Fui. Mas agora vejo melhor. Agora vejo claro...*

(Continua)

I. D. S.

---

(1) *É o romance «Almas Errantes», publicado em 1951.*

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

ANTÍSTENES

Por ANTÓNIO CARDOSO

Quando Sócrates desencarnou — isto no ano 399 A. C. — deixou na terra vários discípulos e admiradores que cedo começaram a pregar as ideias do Mestre. Entre eles não devemos esquecer Euclides, em todas as escolas conhecido como o fundador da Geometria clássica, por isso mesmo chamada euclidiana, e Antístenes.

Este filósofo partilha da opinião de Sócrates de que existe uma íntima correspondência entre a virtude e a felicidade. Já no número anterior disse, quando tratei de Sócrates, que esta correspondência só é real quando o indivíduo se encontra já espiritualmente evolvido; de facto não encontramos nós por todo o lado, a demonstrar o meu ponto de vista, indivíduos que se dizem felizes apesar de levarem uma vida desregrada, cheia de pecados? E não encontramos homens verdadeiramente virtuosos, cheios de boas qualidades, que no entanto se dizem infelizes, só porque algum parente muito amigo morreu ou algum aborrecimento tiveram na vida? No entanto, para um indivíduo verdadeiramente superior — como Sócrates — essas desgraças dos outros não passam a ser mais do que simples acidentes sem importância, pois o que representa para eles a morte de um corpo, se *sabem* que a alma continua a viver? Que pode representar para eles um aborrecimento na vida, se para a eternidade, esse aborrecimento não é maior do que um grão de pólen?

Antístenes, no entanto, neste capítulo vai mais longe do que o seu Mestre, pois seguindo um método nitidamente intuitivo, estabelece o conteúdo daquilo *que julga ser* a virtude; e digo *que julga ser*, pois é humanamente impossível determinar com uma precisão matemática um juízo de valores acerca dos actos virtuosos ou não virtuosos. O que para A pode ser virtuoso, para B pode representar pecado; em contrapartida o que para B representa um acto imoral, para C é um acto da mais alta moral. Exemplos não faltam a comprovar estas afirmações: os antropófagos não acham muito natural o facto de se comer carne humana? Em certas regiões do Extremo-Oriente não é vulgar oferecer-se aos hóspedes a mulher ou uma das filhas, para passarem a noite? Para certas seitas religiosas não é um pecado trabalhar-se aos domingos, e para outros, pelo contrário, não é uma heresia ter-se qualquer actividade aos sábados? Sob este ponto poderíamos dizer o mesmo que para o anterior: a concepção sobre a virtude varia de indivíduo para indivíduo, consoante o seu grau evolutivo, e será tanto mais perfeita quanto maior for essa evolução.

Para Antístenes o ideal do ser humano é sentir que ele próprio se basta a si mesmo *(autarquia)*, isto é, que o caminho da verdadeira vida, que a autêntica alegria não se encontra nas coisas efémeras da vida material, mas sim no interior de cada um de nós. Para ele o valor do indivíduo era intrínseco e não extrínseco, como a maioria dos humanos considera. Por isso desprezava a posição que as pessoas ocupavam na sociedade, os grandes homens do governo e os factos chamados heróicos da sua própria história. Um filósofo afirmou: «A minha pátria é o mundo»; pois Antístenes era assim que sentia o mundo — como um bloco, sem distinção de religiões ou de nacionalidades. Certamente muitos dos meus leitores estarão pensando que ele era um fervoroso adepto dum regime democrático ou partidário de uma política equivalente a um dos muitos *ismos* existentes actualmente. De facto ao ver o seu completo desprezo por aquilo a que hoje se chama patriotismo fica-se com essa impressão; no entanto, por mais que isso possa fazer pasmar aqueles que me lêem, a verdade é que Antístenes não era partidário de nenhum destes regimes, mas... de uma monarquia absoluta!!! Ele afirmava (e como ele todos os que seguiram a sua doutrina) que neste modo de governo dá-se o desaparecimento das fronteiras entre os antigos Estados-cidades, e ao mesmo tempo das velhas nacionalidades, ao

Auxílio aos Necessitados

Aproxima-se a quadra do Natal e mais uma vez lançamos o nosso apelo aos leitores generosos que nos anos transactos acorreram ao chamamento. Cada vez é mais necessária a solidariedade humana. Um sorriso que se cultiva, uma lágrima que se estanca, um coração que se fortalece, faz parte do nosso activo espiritual. Ai daqueles que nunca praticaram acções benéficas, nem se sacrificaram pelo semelhante!

Este ano desejávamos ampliar o auxílio aos necessitados, distribuindo roupas, mesmo usadas, por aqueles que não tenham vestuário. Os queridos leitores poderão colaborar connosco nesta cruzada bendita, trazendo-nos o seu óbulo ou uma peça de roupa fora de uso. O supérfluo de uns é o necessário de outros. Tudo é relativo no mundo que habitamos.

A caridade é a maior virtude. Já S. Paulo dizia que o homem podia ser rico e sábio e virtuoso, mas de nada lhe serviria se não tivesse caridade. Cultivemos essa formosa virtude, esquecendo momentâneamente os nossos problemas, para resolver os problemas dos outros. E o mundo será mais belo, o sol mais radioso e o ar mais puro. Os corações pulsarão em uníssono, quando nos desdobrarmos em acções nobres.

Há 10 anos que a fundadora desta revista argamassou os alicerces da subscrição do Natal, e de ano para ano os donativos têm aumentado e aumentarão ainda, se a vossa bondade continuar a exercer-se, como água de nascente!

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

Revista «Estudos Psíquicos»	*50$00*
Centro E. Luz e Amor	*100$00*
Isidoro Duarte Santos	*50$00*
Maria Eugénia Duarte	*25$00*
António da Silva Braga Júnior	*50$00*
Manuel Gonçalves Viana da Cruz	*50$00*
Raúl Ribeiro	*40$00*
Total	*365$00*

passo que a aristrocracia jamais prescinde dos seus privilégios.

A Liberdade, no seu sentido mais perfeito e mais humano, era para Antístenes uma coisa sagrada. Para que o homem pudesse ter a liberdade de dar completa satisfação a todos os seus desejos, devia ir limitando estes o mais possível. No entanto, repito mais uma vez, condenava categòricamente todo o desejo ligado aos prazeres sensuais, a tal ponto que, referindo-se a Afrodite, deusa do prazer exótico, afirmava: «Se a encontrasse matava-a».

Combateu igualmente o politeísmo, defendendo portanto a existência de um único deus, negando também o valor às lendas correntes, mas procurando reconciliar as suas ideias religiosas com os mitos do poeta Homero, considerado naquele tempo como depositário de uma autêntica revolução!

Entre os seus discípulos devemos citar Diógenes de Sinope (séc. IV) chamado o santo patrono dos cínicos. Todos eles seguiram os mesmos caminhos do Mestre — e por isso os cínicos eram conhecidos por se afastarem de qualquer actividade política e trabalharem para o bem comum sem distinção de raça, sexo ou nacionalidade. E basta-nos ver um grupo de homens assim proceder para compreendermos sem hesitação quão grande não seria já a evolução do seu Mestre — Antístenes.

A FORÇA PSÍQUICA

O accionamento das forças que os grandes espíritos possuem, que todos podem chegar a possuir pelo simples exercício da vontade, é o grande dínamo, gerador de tantas maravilhas ainda mal estudadas!

É a força da comunhão do nosso pensamento, partilhado pela multidão, das comunidades e das almas ardentes de fé, que passa como um vento de tempestade e congloba todas as vontades a um fim comum e que faz os milagres nos Santuários, — a Fé que remove montanhas, como disse Jesus.

Aí se exterioriza essa singular química psíquica, passível de esses grandes fenómenos, na ordem social, pela aplicação das leis da expansão, ao ritmo dos sentimentos na forte projecção do pensamento e da vontade. Vê-se ali o pensamento fixo de que toda a multidão se apossa com fervor, vê-se a convicção firme exteriorizada por todas as vozes que imploram a Deus, e consideremos o poder dessa poderosa alavanca com que os mundos podem ser levantados e que amplia tão singularmente as potências das almas em comunhão. Não é assim que as ideias colectivas terminam por objectivar-se em uma espécie de ser astral, a constituir o ideal e o modo de ser de uma sociedade de cujo poder moral cada indivíduo se torna um depositário à parte? Era por esse princípio que os antigos Iniciados consideravam todos os seres, não sòmente os homens, mas os animais inferiores e as expressões elementares da vida, susceptíveis de estados vibratórios, constantemente modificáveis, segundo as condições da gama.

Dessa ciência resultaram as observações da astrologia, segundo as quais todos os seres criados são considerados como uma sinfonia de ritmos astrais, vibrando segundo a hora, harmónica ou desarmònicamente, como o ritmo cósmico. Essa fora, na sua origem, a música senão o modo pelo qual os Iniciados procuravam condensar as vibrações para influenciar determinados estados da alma? Assim, a condição física no indivíduo estará sempre na relação directa das forças latentes que se elaboram na fonte de energias que o espírito do homem concentra. E era assim que Jesus operava sobre o físico, com uma ampli-

O LIVRO «ALM

A CRÍTICA JÁ COM

Da DEMOCRACIA DO SUL:

«A Editorial Estudos Psíquicos, Rua do Salitre, 149, 1.º, Lisboa, trouxe agora a público um romance assinado por Isidoro Duarte Santos — «Almas Errantes» — que há pouco nos dera «Dois Mundos».

«Tal como no primeiro, o subscritor de «Almas Errantes», — chamemos-lhe assim, porque ele nos afirmou que não é o autor mas apenas receptor e transmissor, pois confessa ainda que a autora é sua falecida esposa Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), que lho ditou — esforça-se por convencer os seus leitores não só da imortalidade da alma, como da justiça imanente a pesar sobre as consciências intranquilas e a compensar as infelizes vítimas da perversidade.

«A tese é discutível, mas a nossa missão é referir-nos à feitura da obra e ao seu valor.

«Almas Errantes» lê-se com desenfado, com apetite mesmo. A emoção está conduzida com desembaraço e atinge o alvo — que é a sensibilidade do leitor.

«Duarte Santos subintitula-o de neo-realista. Melhor lhe poderá chamar impressionista, dada a sequência trágica da acção e das cenas que vivem as personagens».

Do Jornal A BOLA:

«Na capa e no frontespício aparece, ao alto, o nome do sr. Isidoro Duarte Santos como autor da obra, mas no frontespício lê-se, em subtítulo, a seguinte advertência: «romance neo-realista ditado pelo espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia)». Quer dizer: o sr. Isidoro Duarte Santos foi apenas o receptor do estranho romance enviado do Além.

«Cremos tratar-se de uma obra de propaganda espiritista, através de um género literário muito do agrado do público ledor: o romance. Os autores chamam-lhe «neo-realista», por desconhecerem, certamente, o significado da etiqueta com que rotularam a escola litterária que predomina hoje em todo o mundo.

«Tècnicamente, o romance tem mérito. O desenvolvimento da acção desperta verdadeiro interesse e embora, a partir de certa altura, se adivinhe o desfecho, o romance lê-se com agrado até à última página. «Almas

AS ERRANTES»

EÇOU A FALAR...

Errantes» oferecem o pormenor singular de terem duas espécies de personagens: os exotéricos e os esotéricos.

«Quanto à expressão verbal, os autores renunciaram ao estilo telegráfico sistemático, que lhes tínhamos censurado em «Dois Mundos». Aplaudimos a decisão.

«Notamos, porém, em «Almas Errantes», um defeito a corrigir: a transposição súbita dos tempos dos verbos, do passado para o presente e vice-versa, sem nada que o justifique. Em futuros trabalhos de ficção, os autores devem uniformizar o seu emprego, para não afrontar a unidade da acção e a ortodoxia sintáxica».

Nota da redacção. — Ao contrário do que afirma o crítico, a transposição referida é absolutamente lógica e reconhecida pela gramática, quando há necessidade, como nos casos sujeitos, de actualizar a acção para lhe dar maior realce.

Do JORNAL DO COMÉRCIO:

«Há pouco ainda referimos aqui a aparição de «Dois Mundos», curiosa obra ditada do outro mundo pela esposa de Isidoro Duarte Santos. Agora é um romance neo-realista que surge pela mesma via estranha e fácil. Isidoro Duarte Santos nunca escreveu obra de ficção, nem pensou em ser romancista; pois este romance, mesmo sendo neo-realista, escreveu-o em 45 sessões de três horas cada, sem esforço, nem rasuras.

«O facto é tanto mais para pasmar, quanto o romance, apesar de neo-realista ou por isso mesmo, ser cheio de peripécias, folhetinesco, passado em lugares vários e várias regiões, dar bons conselhos e tocar meios perigosos e cenas de todos os géneros de moral, com personagens simpáticos, nobres e bandidos, crianças roubadas, ciganos, enfim, tão enredado enredo, que a qualquer mortal, mesmo um Sue, um Escrich, um Salgari, daria água pela barba e seria impossível sem rasuras.

«Ensaio de literatura espirita — define, do Além, a autora o seu trabalho. Aqui fica o anúncio para todos, que crítica não nos atrevemos a fazer por incapacidade de ir mais além do que aconselhar os vivos contemporâneos».

tude tanto mais vasta quanto maior soma de poder dispunha a sua alma forte que se desligara de todos os instintos. Ele sòzinho poderia fazer mais que uma multidão, porque a alma é mais forte quando menos participa da matéria. E foi por esse poder que, por ser extraordinário, não excedia nem contradizia as leis naturais, que Lázaro ressuscitara, ressurgindo do estado cataléptico, ao influxo magnético do olhar e da vontade do Grande Enviado. Por esse símbolo, pelo qual a morte era vencida, proclamava-se que a vida é a única filha da imortalidade.

E aqueles que têm ùnicamente pensamentos de egoísmo, de ódio e sensualidade, criam à sua volta elementos com essas características, e essas formas-pensamentos só conseguirão atrair espíritos inferiores; ao passo que aqueles que a par de uma vida regrada tiverem sempre pensamentos de amor para com os seus semelhantes (amigos e inimigos) e de caridade, criarão à sua volta um ambiente psíquico favorável que formará como que uma couraça intransponível aos maus pensamentos. Ao mesmo tempo o corpo astral ou perispírito irá sendo revestido de camadas cada vez mais subtis de matéria, que conduzirão o indivíduo, após a sua *morte*, às mais altas esferas.

Mas de que maneira? Simplesmente assim: quando estamos meditando, o pensamento, que é energia quintessenciada, está agindo sobre os átomos cerebrais ou do espaço-ambiente, decompondo-os em ondas hertzianas, ondas essas que são depois captadas, como as do rádio, pelo cérebro dos sensitivos, que são como verdadeiras estações receptoras e transmissoras.

A propósito, escreve Artur Thompson numa das suas obras: «O pensamento produz ondas, como o som, a luz, a electricidade; a velocidade da sua emissão é maior que qualquer dos outros. Cada pensamento bem nítido produz um duplo efeito: uma vibração radiante (colorida) e uma forma susceptível de flutuar no espaço (espécie de resssonância).

O poder do pensamento concentrado é formidável, mormente quando em sintonia com os luminosos planos divinos. É tão grande, que chega a provocar estupendos fenómenos mediúnicos de efeitos físicos.

Os próprios sentimentos humanos, quando puros e elevados, são também fontes criadoras de vida, de harmonia e de felicidade. A virtude, como a fé, cura e salva.

(Adaptação de «O Homem, Esse Desconhecido», de A. Carrel, «Os Grandes Iniciados», de Schuré, e «A Evolução dos Mundos», de A. Thompson, feita por Damião de Vasconcelos).

UM CASO PROVANTE

Por F NORONHA

Ocorrem factos com frequência maior do que julgamos que, se fossem registados de momento, constituiriam razão forte do argumento, sob o aspecto psíquico pròpriamente dito.

O discurso de nossa existência, os nossos afazeres e as nossas cogitações são de tal ordem, que nos escapam numerosos fenómenos de carácter espirita, dignos de fixação e até de apreço intrìnsecamente científico.

Há duas semanas, um amigo meu, de 50 de idade e de convivência próxima, iniciada desde os seus 25 anos exactamente, faleceu em Lisboa, numa madrugada, já fora do leito e vestido, na casa de habitação de outro meu querido amigo de pelo menos três décadas, o dr. Antóno Manuel dos Santos Vila, Rua da Boa Vista, 69, 3.º, Dt.º e escritório de causídico, Rua Garrett, 74, 2.º, Dt.º, com quem residia e trabalhava, quer no no escritório, quer no domicílio, redacção do quinzenário *Trás-os-Montes,* de que foi administrador e de que Santos Vila, brigantino de nascimento, é proprietário e director.

Possui este uma propriedade urbana e rústica em Carcavelos, com caseiro e outro trabalhador.

Na noite que precedeu a manhã do falecimento do aludido empregado, de nome Manuel da Encarnação Carrilho, nado na capital, mas com ascendência alentejana, (Estremoz) o caseiro, que lhe era muito afeiçoado, sonhou que o via morto e despertou chorando.

O outro trabalhador, notando este facto, perguntou-lhe qual o motivo das suas lágrimas, e, ouvida a razão destas, da boca do companheiro, disse-lhe ser parvoice acreditar em sonhos.

Horas depois, porém, sabida a desencarnação de Carrilho, que foi sem agonia e rápido, a falar com uma irmã, verificou-se a exactidão matemática da visão do caseiro em seu sonho angustioso e aflitivo.

Leitores benévolos: contra factos não procedem nem provam argumentos.

O Espiritismo tem base ou fundamento de solidez, profunda, prevalecendo no tempo e no espaço à prova de evidência.

Entre tantíssimas obras que o abonam dia a dia, através do mundo culto, apraz-me citar — *A Grande Síntese,* de Pietro Ubaldi, italiano de nascimento ou seja, da mesma pátria de Pierino Gamba, o mocinho maestro que tem asombrado maestros consumados e vincou rasto luminoso e perdurável onde quer que tem regido orquestras.

Tudo isto, peregrinos espectáculos desta natureza, a sessão, na Inglaterra, país natal do proeminente escritor, desencarnado aos 94 anos, de nome Bernard Shaw, cujo espírito se identificou por intermédio de Joseph de Santos, médium de Manchester, pelo *fac-simile* de quatro assinaturas indubitáveis, comparadas com o *fac-simile* de sua assinatura em vida (*vide Estudos Psíquicos,* n.º 3, Março de 1951, págs. 72 e 73), tais manifestações palpitantes de fenonimia espirita, consentem confusão, sofisma ou negativa ?

O caso aqui referido, de que foi cenário Carcavelos, não terá um valor provante ?

São semelhantes ocorrências, rigorosamente verificadas, a expressão incontestável da coexistência de dois mundos e do predomínio espiritual de um deles, de sublimada transcendência, aq ue aspiram as faculdades psíquicas e velado aos olhos de curto alcance do corpo material.

Entretanto, não se nos extingue a preclaridade etérea, assomando mesmo em indivíduos de condição modesta, que aliás não raro se impõem como espelho modelar e testemunho autêntico de superioridade anímica.

Em minha carreira oficial depararam-se-me bastantes exemplificações desse quilate e até singulares abnegações de ética pura.

O caseiro a que me reportei revelou, evidentemente, grau elevado de emoção e de sentimento que, infelizmente, não abundam neste planeta grosseiro e atrasado em que a guerra e a malícia vil surgem e manobram por todos os lados !

Não se ausentou todavia o Deus das alturas, não emudeceu de todo a consciência humana, não desfalece no materialismo o Espiritismo de raiz. O Sol vivaz da verdade suprema esplende, potente e criador, com a mesma eficácia que lhe imprimiu o Legislador Augusto, em seu *Fiat* de Omnipotência.

Cabe-nos, em nossa orientação de Fraternidade, amando a Paz, a integração total nas leis eternas que a orgânica proclama, que múltiplos sinais ou avísos psíquicos afirmam e que o anseio de nossas esperanças e de nossas almas não desmente nem abjura.

Ponho aqui ponto às presentes linhas, provocadas por um facto íntimo, positivamente confirmado e que me alongou talvez em demasia.

CARIDADE ESPIRITUAL

pelo Espírito de REPER-SIAM

Irmãos e amigos: o mundo é uma escola dura mas proveitosa. Quem a conseguir abandonar alijando um pouco de lastro de outras vidas, já avançou alguma coisa. Por isso, não vos incomodeis tanto com o mal que nos façam. Desde que estejais couraçados com bons pensamentos, com propósitos de trabalho e de paz, nada perturbará a boa marcha dos acontecimentos. Se, pelo contrário, derdes pasto àquelas influências, elas se aninharão em vosso meio tornando-vos vítimas submissas. Eis, porque vos indico sempre o verdadeiro caminho da caridade e da fraternidade. É que, embora me doa dizê-lo, ainda não sois humildes, fraternos e caridosos como eu desejava. Muitas vezes vos tenho dito que é mais fraterno e caridoso quem nunca deu um centavo, do que outros que distribuem dinheiro a mancheias. Estes dão o supérfluo.

É preciso ser-se espiritualmente caridoso, para que a caridade material seja efectiva e benéfica. De outra maneira é repor dinheiro de onde se tirou e nada mais. A caridade manda acarinhar o deserdado que aí foi com carga pesada. Não basta deixar o óbulo material que mata a fome do estômago; é preciso deixar a consolação que só a caridade espiritual sabe dar.

Há muitas pessoas que, embora não tenham crença religiosa, sentem o que eu desejaria despertar em todos. Acompanhar a esmola material de palavras de conforto, de uns momentos de companhia, é coisa que só pode apreciar quem se vê na contingência da fome e do abandono. Experimentai, pondo em prática essa caridade, ao menos umas vezes por outras. Veríeis como ficaríeis de bem com a consciência e como sentiríeis uma calma e uma satisfação que só residem no dever cumprido.

Sim, amigos, onde não há caridade espiritual não há elevação espiritual. A esmola material é flor ressequida, não exala perfume. Começai a experiência, visitando alguém que necessite de caridade completa. Depois sentireis sempre necessidade moral de o repetir.

O homem não progride só pelo trabalho, seja manual ou intelectual. Também progride pelas boas acções. Recalcai, pois, toda a manifestação que cause sofrimento e substituí-a por acções que dêem felicidade, sobretudo aos que vivem em pesar contínuo.

Há muitas pessoas que na sombra praticam as melhores obras do mundo: a tal caridade espiritual. Não gostam de ostentações, escondem da mão esquerda o que dá a direita. São os que andam bem dispostos, a quem a vida sorri, que espalham alegria e bem-estar em toda a parte.

O ambiente espiritual que se irradia está na proporção do bem ou mal que se pratica. Pessoas há que, onde chegam, carregam, carregam logo o ambiente. São os que enchem a vida de ideias ambiciosas, de preocupações, em azáfama constante, são os que nunca tiveram tempo de cultivar as tais flores perfumadas da caridade espiritual. Podem ser indivíduos importantes e correctos, mas cuja presença não alegra ou tranquiliza. Outros há, porém, de quem se conhecem alguns pecadilhos e que modificam o ambiente, levando alegria e boa disposição a todo o lado. São os que praticam a caridade espiritual. Sempre de sorriso nos lábios, com a preocupação de não molestar o próximo, sempre prontos a minorar a dor com uma palavra e a esconder a mais leve acção perturbadora, essas criaturas conquistam a simpatia alheia, vencem muitos pleitos, sem saber às vezes a que atribuir tais vitórias.

Notai as vantagens que se tiram da caridade espiritual. Não é preciso muito. Basta recalcar o orgulho e o egoísmo, basta criar pensamentos de amor ao semelhante, basta pegar no bordão e caminhar apoiado ao Ideal que se acalenta.

O Cristo foi o maior expoente da verdadeira caridade espiritual. Nada tinha para dar; no entanto, ele foi a caridade personificada que arrastou as multidões e levou ao mundo materializado a luz da salvação. Caridade espiritual, eis a chave que vos abriria portas que se encontram fechadas. Basta sentir amor cristão. Começai pelos deserdados que de tudo necessitam e chegareis a não sentir a ofensa dos que vos querem mal. É que o hábito de fazer bem absorve por completo a criatura.

Praticai a caridade espiritual ao menos uma vez por semana, não falando nos actos quotidianos em que ela deve estar em acção. Ligai-a depois à material e sentir-vos-eis consolados. É que aquela caridade é contagiosa. Beneficia o que a dá e o que a recebe. Uma acção boa e cristã alivia sempre, fortifica sempre. A caridade espiritual é o maior auxílio na boa marcha.

Irmãos e amigos: com preces constantes e sinceras, com ideias de concórdia em palavras e actos, conseguireis fàcilmente ser caridosos.

Lisboa, 13 de Novembro de 1949.

Médium — MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS

UM LIVRO DITADO DO ALÉM

Eis como «La Revue Spirite», de Paris, se referiu ao livro «Dois Mundos» pela pena de Louis Fourcade:

O nosso amigo Isidoro Duarte Santos, de Lisboa, director de «Estudos Psíquicos», publicou há meses o livro «Dois Mundos», cuja leitura nos cativou verdadeiramente. Tem 52 capítulos e foi-lhe ditado em dois meses por sua esposa, desencarnada no dia 4 de Fevereiro de 1950. Duas almas que eram uma só alma, quer pela cultura, quer pela dedicação ao próximo e ao nosso ideal e que, apesar do véu da separação, nem por isso deixam de trabalhar na obra de redenção a que foram destinados.

Neste conjunto de pérolas maravilhosas unidas uma a uma, em que frases breves se sucedem sem interrupção ou subtileza, aprecia-se fàcilmente um estudo do homem e da sociedade que o envolve, não em forma de objecto ou coisa, mas de acção de vida espiritual e de progresso, menos sob a capa das aparências, que do pensamento criador. É preciso dizer que esta obra, escrita em português, interessará um público bem maior que o dos espiritas e principalmente os psicólogos e os filósofos, não só pelos caudais que origina, mas sobretudo pelo seu conteúdo ao mesmo tempo original pela condensação do estilo e pelo seu alcance ético altamente inspirado.

Este livro, como as outras obras de «Estudos Psíquicos», mantém um poder tonificante, mesmo para os que revelam certa prevenção contra este género de literatura.

Agora, vejamos a opinião de «A Centelha», de S. Paulo:

Com grata dedicatória recebemos de seu ilustre autor, o interessante livro «Dois Mundos», em que são descritas preciosas narrações do espaço inspiradas pelo luminoso espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos.

Isidoro Duarte Santos, com a maestria de escritor aprimorado, intuído pelo espírito daquela que foi sua amada companheira, produziu um trabalho de estilo, digno de figurar entre os mais cultos, que a par de verdades indeclináveis esclarece a marcha do mundo terrestre, não poupando, é certo, os ressaibos de um amargor penalogista trescalando fortemente a certeza das coisas e pugnando ainda assim pela melhoria da humanidade, único meio de iniciar-se o aperfeiçoamento, que está longe . . .

E assim «Dois Mundos» se compôs, dando-nos o real conhecimento de ambos, principalmente o «daqui», sendo que o do «lado de lá» nos traz, a par de variada e sábia contribuição, a plena certeza de que NÃO HÁ MORTE E QUE O SER INTEGRAL PERMANECE NA BATALHA DA VIDA.

Nossas Edições

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo. O maior êxito de crítica espirita e profana. Os últimos exemplares encontram-se em depósito nesta redacção. 350 páginas de texto.

Brochado	**35$00**
Encadernado ...	**45$00**

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *Sir William Barrett.*

Análise científica dos fenómenos espiritas, em tradução de Isidoro Duarte Santos. Livro quase esgotado, apesar dos 2.000 exemplares de tiragem. Apenas restam alguns exemplares nesta redacção.

Brochado	**32$00**
Encadernado ...	**44$00**

PIERINO GAMBA, por *Isidoro Duarte Santos.*

O problema dos meninos prodígios exaustivamente estudado. A primeira obra mundial sobre este assunto palpitante, com muitas gravuras em papel «couché».

Brochado	**20$00**

DOIS MUNDOS, por *Isidoro Duarte Santos.*

Descrições do Além ditadas pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebidas intuitivamente pelo autor, sem uma única rasura. Esta obra lança poderosa luz sobre a morte e o Além. Os próprios espiritas têm nela muito que aprender.

Brochado	**30$00**
Encadernado ...	**42$00**

ALMAS ERRANTES por *Isidoro Duarte Santos.*

Grande romance realista ditado pelo Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) e recebido sem uma rasura. Um livro profundamente emotivo e cheio de interesse humano no qual o fantasma de um assassinado desempenha papel extraordinário, através do mais intenso dramatismo. 312 páginas.

Brochado	**30$00**
Encadernado ...	**42$00**

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

DUAS OPINIÕES E UM CORRECTIVO

De vez em quando aparecem «salvadores do mundo» a vender elixires ao povo ignaro. As agências telegráficas exploram o caso e a imprensa digere a notícia. Depois, o leitor incauto recolhe o fruto de uma insigne piolheira. O homem de mediana cultura alimenta a própria corrosão em movimento paradoxal.

Vem isto a propósito do que *La Conciencia*, de Buenos Aires, escreveu sob o título «Superpoblación Humana e Eliminación de las Raças Inferiores». Vamos arquivar essas palavras que parecem nossas, tão admiràvelmente reflectem a nossa modesta opinião:

«Com data de 29 de Abril do corrente ano, o telégrafo veiculou um telegrama publicado nos diários, difundindo a opinião de um senhor chamado Robert C. Cook, «perito norte-americano em questões genéticas», que alarmou o mundo com sua caprichosa maneira de estudar o problema demográfico. Mantém este «perito» que a superprodução de seres humanos é mais perigosa do que a bomba atómica, afirmando que no ano de 2160 o planeta terá 18 mil e 400 milhões de habitantes.

«E em que se apoia este bom senhor para afirmar semelhante teoria? Nada menos que na superprodução de Porto Rico entre 1900 e 1950 e na da Irlanda após a introdução da batata. Os seus cálculos não deixam de ser risonhos, pese à circunstância de não demonstrar estatìsticamente que a humanidade terrestre corre o risco de morrer de fome por falta de «espaço vital». Este novo Mathus desconhece evidentemente as leis da Natureza que operam visìvelmente no nivelamento da demografia.

Outro senhor, bispo em Inglaterra, é mais contundente que o anterior, ao afirmar que «os 2.200 milhões de seres humanos espalhados pelo mundo são o motivo da crise de alimentação e alojamento». Não se limitou apenas a aconselhar o aborto e a esterilização, e declarou com a consciência tranquila: «Preservar as raças inferiores seria obrigar um país a terrível e crescente peso social e diminuir talvez a qualidade geral. Será possível a eliminação das raças humanas inferiores, sem a esterilização ou o infanticídio.».

«Dois exemplares humanos que encarnam dois prototipos da nossa convulsionada época. Ambos tàcitamente preconizam a necessidade de uma guerra para diminuir a população do planeta. Não é isto horroroso e inconcebível? Não entram semelhantes apreciações no quadro da psicopatologia? Sem dúvida. Recorrer à esterilização, ao aborto, ao infanticídio e ao homicídio, destruindo a gente de cor, demontra que tais homens perderam o controlo de seus actos e são irresponsáveis, perante a humanidade e perante Deus.

«Ambos os peritos se esforçam por ocultar a verdade, negando taxativamente a evolução, o poder da ciência e as forças criadoras do homem. Não é verdade que o género humano corra o risco de sucumbir à fome. O que se verifica é uma péssima produção e distribuição das riquezas que nos oferece a natureza generosa.

«De 1930 a 1932 outros peritos congéneres ignoravam como resolver o problema da superprodução, enquanto o desemprego e a fome reinavam em toda a parte. O leite era derramado, o café e as bananas eram lançadas ao mar, a cana de açúcar era queimada em grande escala...

«Querido leitor: falámos de um problema económico, mas também moral, para mostrar que o futuro da espécie humana não pode nem deve ser joguete de quem tenha da vida ideias tão pobres e destestáveis, como os que sugerem a necessidade de recorrer ao genocídio (destruição em massa de seres humanos), esterilização, aborto, etc., para normalizar erradamente o problema económico, determinando consequências gravíssimas no organismo da humanidade».

O problema não é só económico. É moral e humano. E muito fraca mentalidade é a desses dois «salvadores» para se apoiarem a semelhantes teorias. Não haverá por aí manicómio que aceite o sr. Cook e o seu acólito? A língua deve servir a humanidade e não subvertê-la com ideias que revelam a existência de fenómenos... teratológicos.

UMA ENTREVISTA DE PIETRO UBALDI

O nosso redactor-correspondente Pietro Ubaldi anda pelo Brasil em viagem de propaganda e as suas admiráveis conferências têm chamado a atenção dos homens cultos de todas as classes sociais. «A Grande Síntese» está na ordem do dia, é assunto obrigatório nas tertúlias literárias. Encontra-se quase esgotada a primorosa edição da Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, cuja segunda remessa acabámos de receber agora.

Quando chegou a Belo Horizonte, o *Seara Juvenil* resolveu entrevistar o missionário italiano na residência do Dr. Osório de Morais, com a presença do nosso colaborador Clóvis Tavares, grande amigo de Ubaldi. É esse relato que passamos a transcrever, por lançar extraordinária luz na obra de um dos maiores médiuns de todos os tempos. Vamos resumi-lo:

— Qual o papel da juventude na nova civilização? — perguntou o jornalista.

— Trabalho muito importante, porque a juventude representa a geração do futuro em que se realizará a nova civilização, que podemos caracterizar assim:

1.º Quando começará?

2.º Como se concretizará?

A nova civilização começará no princípio do 3.º milénio. Assim como o Cristo esteve dois dias na obscuridade do túmulo e ressuscitou ao 3.º dia, também a humanidade ressuscitará na luz do espírito, após 2.000 anos de pre-

paração. Portanto, temos 50 anos à frente, com transformações sociais e políticas e destruições bélicas tendentes a preparar o terreno para a nova construção.

A nova civilização será diferente da actual, baseada em princípios opostos, obedientes às leis da vida. Se esta é materialista, a nova será espiritualista. Isto significa que os valores actualmente mais apreciados, isto é, a riqueza, a força, a astúcia, etc., serão substituídos por valores opostos: bondade honestidade, espiritualidade, inteligência dirigida para o bem.

— Na «Grande Síntese» diz o prezado confrade que o chefe será escolhido biològicamente. Que significa essa escolha?

— Darwin admitiu a evolução puramente física, mas a evolução sustentada pela «Grande Síntese» leva esse conceito ao campo espiritual, que faz parte da vida. Por isso, o *Chefe* será escolhido pelas suas qualidades biológicas entendidas no sentido espiritual. O novo conceito de poder é que ele não deve ser baseado na força ou no interesse individual de uma classe, mas representar função social de interesse colectivo, universal. Esse tipo de chefe deve coincidir com um tipo biológico de super-homem, a quem será confiada — e sòmente a ele — a função de comando.

— Quais os livros de Kardec que tem lido e estudado?

— O «Livro dos Espíritos» e o «Livro dos Médiuns».

O sr. Pietro Ubaldi diz que Allan Kardec foi um grande missionário no desenvolvimento do Espiritismo; mas, embora a sua doutrina seja totalmente verdadeira, é necessário desenvolvê-la para vencer o materialismo com suas próprias armas e impulsionar o Espiritismo até às descobertas físico-matemáticas e aos mais recentes conceitos filosóficos, dando explicação completa a todos os fenómenos do universo.

— E os livros de Francisco Cândido Xavier? Serão um passo a mais na obra kardeciana?

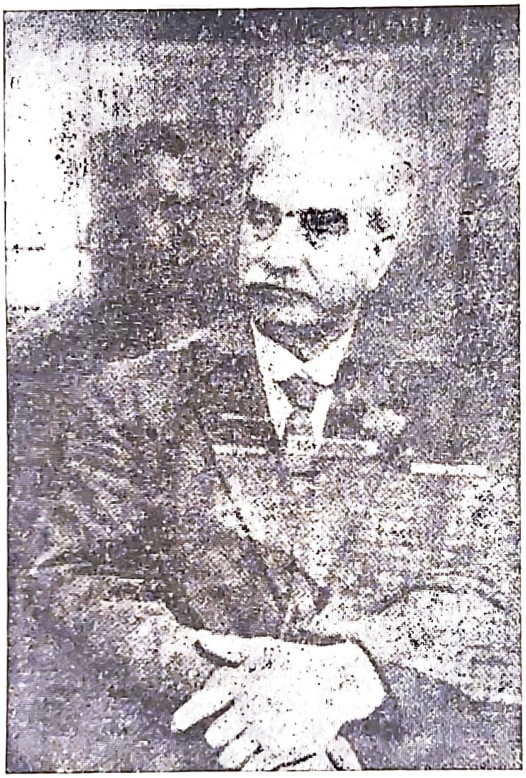
— Sim, é uma grande contribuição moral e espiritual.

— Como interpreta a teoria da reencarnação?

— Sem ela, os maiores problemas da vida são incompreensíveis. Teríamos a injustiça divina e a vitória do mal. A dor não se justificaria. No meu próximo volume creio demonstrar cientìficamente e biològicamente a reencarnação, como facto evidente e necessário.

— Quais os livros que mais o impressionaram?

— Primeiro o «Evangelho». Depois, a «Divina Comédia», de Dante; o «Livro dos Espíritos», de Kardec; o «Fausto», de Goethe, e outros de Léon Denis, Flammarion, etc. Também tenho lido com agrado alguns de F. Cândido Xavier.



Uma fotografia psíquica

— Quem estará mais alto aos olhos de Deus: o que trabalha não contando com o isolamento e a meditação, mas que beneficiou o próximo, ou o que tem contacto mais íntimo com a Divindade?

— Todos têm a sua função. A vida é um organismo que exige todos os orgãos para se completar.

Finalmente, exprimiu-se do seguinte modo acerca do médium de Pedro Leopoldo:

— Não tenho a alegria de conhecer pessoalmente o sr. Francisco Cândido Xavier, mas já li alguns livros seus e admiro a sua obra da divulgação educativa, pensamento cristão e moral evangélica. Impressionou-me o «Paulo e Estevão» e «Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho».

FOTOGRAFIA SUPRANORMAL

A fotografia que publicamos foi obtida com máquina e película inteiramente novas e parece uma sobreposição. Pertence a uma colecção de trezentas arquivadas no Instituto de Investigações Psíquicas de Newcastle. A pessoa sentada é o falecido David Jewson, ex-presidente da Whitley Bay National Spiritualist Church, de Northumberland.

Segundo informa *Two Worlds*, de Manchester, o *extra* surgiu espontâneamente e trata-se de um rapaz que desencarnou há muito tempo. É um sobrinho de Jewson.

A fotografia foi tirada à hora do jantar no sotão vazio de uma loja, onde Jewson trabalhava. O fotógrafo era um rapaz da casa que tinha comprado a máquina na ocasião, carregada com a película. A ideia de dupla exposição não pode admitir-se, tanto mais a pessoa não estavva presente, visto haver deixado a terra muitos anos antes.

A revelação do negativo descobriu a figura, uma cruz um livro e uma mesa, coisa que não havia no recinto quando se tirou o retrato. O fenómeno deve, pois, atribuir-se ao trabalho das forças psíquicas...

Há muitos indivíduos cuja renitência os leva a repelir todos os fenómenos inexplicáveis pelas leis conhecidas. O da fotografia psíquica ou supranormal é um deles. Em vez de o estudar, repudiam-no e acabam às vezes por negá-lo, pura e simplesmente, sem dignidade ou critério científico. Depois, para justificar «atitudes de ignorância», que o bom senso não admite, inventam hipóteses mirabolantes que impingem como ciência infusa aos párvulos que não investigam. Afogam a verdade, mas ela, teimosa, vem à tona de água...

Notas & Comentários

HÁ FANTASMAS?

Esta pergunta, respondida muitas vezes pelo grande fisiologista Charles Richet, aflora à nossa mente, em virtude de notícia que agora mesmo nos veio de Inglaterra.

Já nos temos referido à fleuma britânica, verdadeiramente apreciável e reveladora de bom senso e espírito crítico, que ultrapassam em muito a perfuntória análise do latino. Não há assuntos bons oú maus para quem tenha critério científico ou filosófico. Tudo é digno de atenção. O mundo que nos cerca solicita o homem de tal maneira, que não podemos desinteressar-nos de seus fenómenos, sob pena de nos isolarmos, com grave perigo para a nossa evolução. O inglês vê tudo, estuda tudo, ainda as coisas mais inverosímeis, mas de vez em quando o seu progresso faz mover o telégrafo em revelações que dão a justa medida do seu valor mental.

Pois bem; o Tablet *acaba de informar que as estatísticas de Geoffrey Gorer, de Haywards Heath, demonstram que, de 14 ingleses, um deles já viu ou ouviu fantasmas e que 20 por cento da população de Londres — parte sul — acreditam neles.*

O inquérito foi realizado por meio de questionário e limitou-se a ingleses e por ele se nota que há mais crentes na parte sul, que na parte norte.

No sueste de Londres, dezanove por cento acreditam; no sudoeste, porém, a percentagem é de 16... 38 por cento destes últimas afirmam que têm visto ou ouvido fantasmas, em contraste com a percentagem de 45 nos Midlands.

Os jovens até aos 24 anos acreditam mais em fantasmas do que os velhos, mas têm-nos visto menos. Só um em cada cinco dos jovens que acreditam tem sentido a presença dessas entidades, ao passo que nos velhos além de 45 anos a percentagem é de 75 (dois em cada três).

Afinal, há fantasmas ou não há?... Os ingleses dizem que sim. Como se vê, a votação é enorme. Em Portugal seria impossível um inquérito deste género. Com a nossa mentalidade e o apego à courela que alimenta a carcassa, não haveria tempo para semelhantes frioleiras. Mas isso não impede os outros de galgar horizontes que levemente entrevemos e de experimentar sensações que nos serão permitidas daqui a vinte anos...

A RESPEITO DO CORONEL FAWCETT

O caso do coronel Fawcett, célebre explorador inglês que se perdeu nos sertões brasileiros, deu que falar durante muitos anos. Agora o Sunday Empire News *dá um estranho relato, segundo o qual a famosa clarividente Miss Nell St. John Montagne «viu» o assassino do coronel, cinco anos após o seu misterioso desaparecimento. Esta descrição coincide com as recentes descobertas feitas pela expedição que o governo brasileiro enviou ao território onde o Coronel se perdeu.*

A irmã do explorador, sr.ª Evelyn Isacke é que revelou a história ao jornal citado, pois assistira à sessão com Miss *Montagne, na presença de* Sir *Ralph Paget, de um Embaixador do Brasil e de um íntimo amigo de Fawcett. Diz-se que* Sir *Ralph deu à médium uma folha de papel pedindo-lhe que a colocasse na bola de cristal para ver se revelava alguma coisa. Esta assim fez e viu uma cena dramática em que três homens brancos quase exaustos ou moribundos abriam caminho na floresta. Depois mudou a cena e o assassino surgiu aos olhos de* Miss *Montagne.*

A folha de papel dada à médium fora rasgada da última carta do Coronel Fawcett a Sir *Ralph, escrita antes de entrar na zona amazónica em que desapareceu. Eis, porque este titular disse a* Miss *Montagne no fim da sessão:*

— Você confirmou o receio que eu e muitos outros sentimos durante anos pela sorte de três amigos íntimos.

O que se passou nesta sessão manteve-se anos em sigilo. A médium chegou a ser consultada pela realeza e desencarnou em 1944 devido à explosão de uma bomba voadora. Em Abril do mesmo ano anunciou-se que uma expedição enviada pelo governo brasileiro encontrava uma sepultura que diziam ser a do explorador inglês e que os índios Kalapolos tinham conhecido o assassino dos três companheiros.

A NAMORADA FANTASMA

O jornal O Globo, *do Rio de Janeiro, publicou a seguinte notícia de Petrópolis, com data de 12 de Setembro último:*

«Sob efeito de intoxicação alcoólica ou por fenómeno de elaboração mental que a psicologia fàcilmente explica, o facto é que o homem acompanhou, alucinado, até ao cemitério, aquela fascinante figura de mulher, vendo-a, finalmente, desaparecer no seu interior.

«O jovem Ary Vieira de Lima Filho relatou aterrorizado ao «reporter» as peripécias de uma «conquista amorosa» que se desvaneceu como um pesadelo, quando a «pequena» se sumiu na necrópole municipal, onde entrara fàcilmente, embora o portão estivesse fechado. Afirmou que vira a estranha mulher mais de uma vez no omnibus *e dela se enamorara. Ontem, cerca das 23 horas, quando regressava a casa, deparou com a jovem, novamente, no colectivo. Sentou-se junto dela e dirigiu-lhe a palavra. Nessa ocasião sentiu arrepios de frio.*

«Desceram ambos a Praça de Osvaldo Cruz, defronte da necrópole, e encaminharam-se para uma rua próxima. Pararam um pouco adiante, beijaram-se e trocaram juramentos de amor. Depois a jovem despediu-se, dizendo que morava ali pertinho, tendo antes combinado novo encontro para hoje. A mulher encaminhou-se vagarosamente para o cemitério e Ary viu-a passar através das grades do portão e sumir-se no escuro. Ary dominou-se e teve forças para correr até a casa e promteu a si mesmo não se meter em aventuras românticas, enquanto na sua memória permanecer aquela «mulher fantasma»...

Faz-nos lembrar o caso da mulher da gabardine que correu mundo em versão semelhante. O facto — se de facto se trata — é verosímil e pode enquadrar-se na fenomenologia espirita.

Noticiário

16.º SORTEIO DE LIVRO ESPIRITA

O 16.º sorteio de livros espiritas sugeriu-nos a ideia de intensificar ao máximo esta modalidade de beneficência. O que temos é muito pouco, é quase nada para o muito que há a fazer. E só dos prezados consócios e assinantes nos poderá vir o necessário para estabilizar uma obra meritória que estancará lágrimas e remediará situações difíceis, das mais dolorosas e contingentes que se apresentam na vida humana.

O Fundo de Beneficência tem que ser alimentado com receitas permanentes; de outra forma, corre o risco de desaparecer, com prejuizo da Causa e da pobreza envergonhada.

Que representam alguns centavos mensais no orçamento de qualquer indivíduo? E quem nos diz que não viremos também a beneficiar, quando a adversidade nos bater à porta? Só por si, a solidariedade é um sentimento nobre que impõe as criaturas. Mas quando se dirige aos que se envergonham de pedir esmola e vão empenhando até ao último farrapo o vestuário que lhes resta, então é dever imperioso que nenhum homem sensível poderá esquecer.

Irmãos e amigos! Venham os fundos regulares! Trazei-nos o óbulo salvador! Fumai menos um cigarro, bebei menos uma cerveja, para que esta obra frutifique e se desentranhe em bem-fazer! Além do mais, podereis receber valiosos prémios que ultrapassarão em muito os donativos enviados.

Eis o resultado do 16.º sorteio:

1.º Prémio — «Jesus Perante a Cristandade». — Manuel Francisco Pereira, de Lisboa.

2. Prémio — «Pérolas Ocultas». — Eduardo F. Gomes, do Funchal.

3.º Prémio — «Protestantismo e Espiritismo». — D. Cecília Mesquita Guerra, de Benavente.

4.º Prémio — «O Problema da Sobrevivência». — João Oliveira Pinto Muge, da Cidade da Beira, Moçambique.

5.º Prémio — «Inquérito Original». — D. Marília Lameiras Franco, de Lisboa.

6.º Prémio — «Interpretação Sintética do Apocalípse». — Rui de Jesus de Luanda.

7.º Prémio — «Uma Nova Ciência». — D. Maria Ilidia Armada, de Lisboa.

REABERTURA DE TRABALHOS

No dia 7 de Outubro reabriu o Centro Espiritualista Luz e Amor os seus trabalhos ordinários com uma sessão solene em que vários oradores afirmaram o seu desejo de que no ano em curso ampliássemos as tarefas e incrementássemos a Beneficência em moldes mais práticos e de maior rendimento.

O presidente da Direcção disse que não tinha programas a apresentar, mas que tudo se conjugaria no verdadeiro sentido da marcha. O programa estava na boa vontade dos dirigentes e colaboradores que não esqueciam a responsabilidade de seus cargos e missões. Depois exortou os presentes à unificação de esforços para que o Centro encarasse novos progressos apoiado em novos colaboradores.

Falaram também os nossos confrades Carlos Pereira, Henrique da Silva Horta e Ramos Pereira que aduziram considerações idênticas, afirmando o seu desejo de auxiliar a obra que estamos a realizar.

CORONEL FAURE DA ROSA

No dia 11 de Novembro próximo, o Centro Espiritualista Luz e Amor comemorará o 1.º aniversário do passamento do nosso colaborador Faure da Rosa que à Causa Espirita dispensou os maiores serviços. Como articulista, afirmou-se notàvelmente nestas colunas, que o tiveram presente até ao dia em que deixou as plagas terrenas; como conferencista, vimo-lo dezenas de vezes no estrado do Centro, com o seu bom humor, erguendo bem alto o lábaro da fé que nunca o abandonou. Dirigiu connosco a *Revista de Espiritismo* e mais tarde o *Mensageiro Espirita* e a *Revista de Metapsicologia*, demonstrando sempre bom senso e tolerância para com todos, inclusive aqueles que o abocanhavam sem consideração pela sua idade e pelos serviços prestados à Federação Espirita Portuguesa, de que foi um dos maiores esteios.

PROGRAMA DOS TRABALHOS NO MÊS DE OUTUBRO DE 1951

Dia 4 de Novembro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Novembro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 18 de Novembro, domingo, às 16 horas — Sessão de homenagem ao coronel Faure da Rosa, em comemoração do primeiro aniversário do seu trespasse.

Dia 25 de Novembro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 2 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 9 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

GRUPO REPER-SIAM

Todas as 5.as-feiras — Dia 1, 15 e 29 de Novembro, sob a direcção de Isidoro Duarte Santos. Dia 8 e 22 de Novembro e 6 de Dezembro, sob a direcção de Ramos Pereira.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Francisco Henriques, de Almeirim, 32$00; João Maria dos Reis, de Lourenço Marques, 52$50; Anónimo, 20$00; P. B., 20$00; I. S., 20$00; Anónimo, 20$00; J. J. J., 15$00; Anónimo, 5$00; Subscrição do 16.º Sorteio de livros espiritas, 140$00. Total — 324$50.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		52$00
2.º volume		52$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	35$00	48$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	34$00	46$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor* ...	34$00	46$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos) ...	24$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	24$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	37$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	48$00	62$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*...	42$00	54$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos* ...	24$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granjo*	45$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	33$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida* .	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi* Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	28$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Néto*	24$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira* ...		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	10$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	24$00	36$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	44$00	56$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

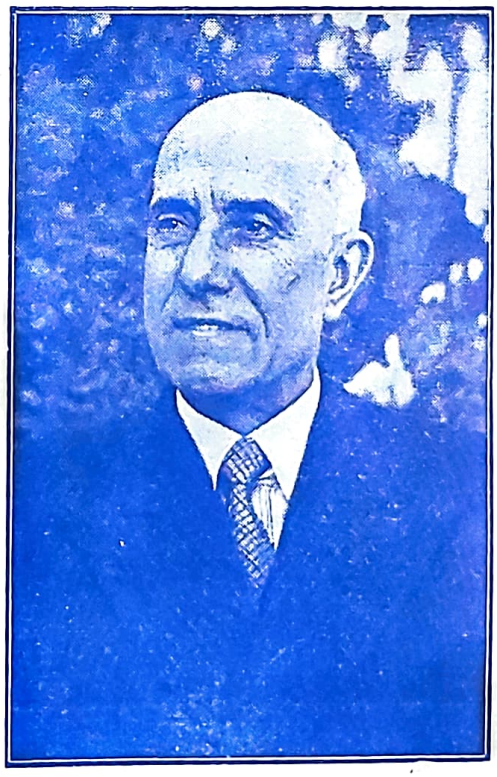
	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) à luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbítrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lídia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Margem (A) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espírito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	60$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental



Coronel Faure da Rosa

(Ver pág. 329)

CONTÉM: Um Projecto, da **Redacção**; Elogio de Allan Kardec, pelo **Coronel Faure da Rosa**; Simpatias e Antipatias, por **Alfredo Miguel**; A Bíblia, por **Leopoldo Machado**; O Livro «Dois Mundos» vai ser traduzido na Argentina; Sessão de Homenagem ao Coronel Faure da Rosa; O Coveiro (Capítulo de um novo livro transmitido pelo **Espírito de Lia**); Um Caso de Cura, por **José Cardeira Baptista**; Ecos do Além (Mensagem do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); Francisco Cândido Xavier na Intimidade, por **Cesar Burnier**; Epicuro — Homens de Ontem... Génios de Sempre, por **António Cardoso**; Livros Novos; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário.

12.º ANO NOVEMBRO DE 1951 N.º 11

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
Santiago do Chile	*Ernesto Moog*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	Maceió	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	Fortaleza	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	Franca	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	Cruzeiro	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	Passo Fundo	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	Sacramento	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	Paraiba	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	Juiz de Fora	*Orville Derb y Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Bêranger da Silva*	Pelotas	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	Bajé	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O Principiante Espisita	12$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espiritos	25$00	38$00
O livro dos Médiuns	25$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	25$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	25$00	38$00
LEON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	34$00	46$00
Joana d'Arc Médium	32$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	30$00	
No Invisivel (nova edição)	36$00	48$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	30$00	
O Espiritismo Perante a Ciência	30$00	42$00
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Animismo ou Espiritismo?	28$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00
Urânia	20$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1951 — N.º 11

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

UM PROJECTO

Como dizemos noutra página, um deputado argentino apresentou um projecto de lei ao Parlamento no intuito de regularizar as práticas espiritas e libertar a nação dos grandes e horríveis prejuizos causados pelas sessões mediúnicas. E argumenta ao acaso, citando este e aquele, afirmando ou negando conforme o fim a atingir. Nos preâmbulos do seu projecto está o alvo, embora se encubra com as resoluções do Ministério da Saúde Pública, segundo as quais os médiuns activos deverão submeter-se a exame psicológico, metapsicológico e psiquiátrico. O deputado é o padre Virgílio M. Filippo. Como não há-de ser capcioso o seu projecto? Não nega — porque não pode negar — que o Espiritismo se baseia em factos incontroversos, mas discreteia sobre a fraude, como se ela pudesse fazer doutrina, como se os espiritas não fossem os primeiros a vigiar os médiuns, evitando que a mentira se junte à verdade.

O padre Virgílio tem medo que os manicónicos se encham de doentes devido ao exercício da mediunidade, mas não receia a acção nefasta dos prostíbulos que têm carta branca numa sociedade que se preza de civilizada. E depois de se intitular «peronista», termina o projecto, exclamando:

— Somos um povo de crentes e não de crédulos.

O que ele quer, afinal, é combater o Espiritismo, é amesquinhar uma doutrina que marcha por si própria sem favor do estado. Isto é o que lhe interessa e se depreende dos seus desarticulados e infelizes considerandos.

Uma das mais peregrinas afirmações do reverendo é esta: «A ciência não necessita de multiplicar métodos sem necessidade (sic) e menos ainda os que constrangem tão irregularmente a personalidade humana». Chama-se a isto, — no dizer de Junqueiro — querer apagar o sol com o apagador de lata de uma igreja. Que sabe ele de métodos científicos para falar de ciência? Se fosse sábio, se fosse investigador, saberia que os métodos variam infinitamente de laboratório para laboratório. Todos os métodos adoptados pela ciência são úteis a seu progresso.

Ora o Espiritismo é uma ideia construtiva e os seus postulados atravessaram um século de ataques incongruentes, uns claros, outros ocultos, uns directos e outros indirectos. Os seus livros foram queimados em autos de fé e os seus adeptos esbulhados de posições hierárquicas ganhas por concurso. Enfim, a cada circunstância correspondia um assédio.

Sumidades médicas o autopsiaram com trémulas lancetas, mas o morto ressuscitava, afirmando os seus direitos e a sua força. Outras sumidades o deturparam e abocanharam, aconselhando a não leitura de suas obras, mas os leitores eram ávidos de fruto proíbido. Livro condenado era livro esgotado...

O melhor é deixar falar quem fala, desde que a sociedade não seja abalada. As ideias más extinguem-se por si próprias. As boas, pelo contrário, resistem aos grandes vendavais.

Se o Parlamento argentino aprovasse o projecto do padre Virgílio M. Filippo, atentaria contra a liberdade do cidadão e daria mostras de fraca mentalidade. Faria o contrário do Parlamento inglês, que reconheceu ao Espiritismo direitos sagrados. Se fôssemos a esgrimir com a saúde do povo, então tínhamos muito em que falar. Teríamos de saber ao certo as causas do fanatismo que obscurece as massas e apresentar projectos semelhantes.

O Espiritismo não teme os ataques do padre argentino. Se fosse atreito a poderes temporais, talvez receasse a ira dos poderosos. Assim, não. Tanto lhe interessa um osso, como um fruto. O que deseja é o bem da humanidade.

ELOGIO DE ALLAN KARDEC

Pelo CORONEL DELFINO FERREIRA

I

Temos o prazer de publicar em colaboração especial o discurso do Coronel Delfino Ferreira proferido em 24 de Julho de 1951 na Sociedade Brasileira de Filosofia, fazendo o elogio de Allan Kardec, patrono da cadeira de que é detentor naquele cenáculo.

O nosso colaborador de hoje é o presidente da Confederação Espirita Pan-Americana e uma das figuras de maior relevo no movimento espirita brasileiro.

Em discurso nesta casa, proferido em Outubro de 1946, assinalámos o espírito de tolerância que tão galharda e confortadoramente se faz aqui viver neste augusto recinto, recebendo em vosso seio a quem sabíeis espiritista e quando, pelo menos cinco outros vinham figurando no quadro social, não contado um já ido do plano físico da terra, o ilustre e culto Coronel Barros Fournier. Nesse discurso que ora relembramos não nos limitámos a manifestar o profundo reconhecimento de que nos achávamos animados e a declinarmos a corrente de nosso pensamento filosófico; fomos além, prevendo para esta Sociedade uma glória por certo não buscada, talvez mesmo não imaginada ainda, mas nem por isto diminuída em suas futuras consequências morais e históricas, com o dizermos que estáveis *iniciando uma obra de justiça que enaltecerá o pensamento brasileiro, a cultura brasileira e, assim, a própria filosofia no mundo, qual a de abrirdes o lugar, que já se impõe, no quadro das escolas filosóficas, à filosofia espirítica, e na galeria luminosa dos grandes filósofos da humanidade, a Allan Kardec.* Um dia, Srs., acrescemos agora, tais palavras serão talvez lembradas e confirmadas como proféticas, pois, inconscientemente que seja, a Sociedade Brasileira de Filosofia está avançando nesse sentido, e, àquilo a que naquele discurso chamámos aurora, madrugada de luz da justiça de um reconhecimento, de um abrir de espaço para a Filosofia Espirítica e para Allan Kardec, tomou corpo com a aceitação do glorioso nome deste grande vulto, que o futuro mais agigantará, para patrono de uma das cadeiras de Membros Titulados, criadas pelos novos Estatutos na renovação deste Sodalício. É justo por sermos o primeiro ocupante dessa Cadeira que estejamos nesta tribuna para, como nos cumpre, fazer o elogio do patrono, cujo nome imortal no seu já hoje inegável universalismo, e por isto mesmo não estranho a esta Casa, primeira vez não é que neste recinto ressoa; e, se por nossa palavra não retumba agora, retumbou já, por outras, em verdade, possantes. Para dignamente exaltá-lo tudo é apoucado em nós, e nossa presença que para isto devera ser nesta tribuna, se verifica por simples imperativo de um dever estatutário. Vós mesmos, sois testemunho de que nesta Casa quase nos limitamos a ouvir. Não costumamos participar de seus altos debates e não nos apresentamos na tribuna senão quando para tanto convocado. Daí resulta ser esta a terceira vez que a ocupamos em quase seis anos. Merecemos, assim. uma complacência maior do que a costumeira em vós. Pedimos, pois, indulgência.

Começaremos, procurando responder a uma pergunta, por certo brotada no íntimo de não poucos e suscitada por natural espírito crítico: será Allan Allan Kardec um filósofo?

Não nos é fácil fazê-lo. E isto por ser tão possível concluir pela afirmativa, quanto pela negativa, dependendo do critério de concepção dos requisitos intrínsecos a um filósofo, o que conduz igualmente ao conceito a se ter de Filosofia. Ora, tal seja este, talvez mesmo alguns filósofos clássicos não resistam ao exame. Não obstante buscaremos afirmá-lo, justificando a justiça de sua inclusão no quadro dos Patronos. Para tanto, porém, imprescindível se nos faz referir preliminarmente ao movimento filosófico por ele realizado, de vez que pela importância da obra melhor se infere do valor do obreiro. E como no Espiritismo, fruto máximo de seu intenso e fecundo labor, reside a força dos atributos que lhe conferem a qualidade de filósofo, permitido nos seja, em síntese ligeira, expor o panorama geral desse movimento de ideias, que não apenas em teorias ou abstracções se estrutura, sim na eloquência, digamos mesmo, na teimosia dos factos de onde tira a força de seus princípios. Apresenta-se, ao demais, como alta expressão de cultura, inconfundível com o abastardamento de seus fenómenos por pessoas sem responsabilidade, quer intelectual, como principalmente moral. Não é, além disto, a fenomenologia em si que o caracteriza antes as consequências que Allan Kardec soube dela tirar, dando ao mundo sua explicação absolutamente natural, sem nada de maravilhoso ou milagroso, o que permitiu a Léon Denis, um dos seus mais preclaros vultos, sentenciar: «O Espiritismo é a morte do sobrenatural» (1). E tudo isto porque coligiu as leis que regem essa mesma fenomenologia, sua origem, seu processo, suas consequências, algumas das quais, quiçá sua maioria, são de tal projecção moral, solucionando, outras, velhos problemas humanos que ele, o Espiritismo, se impôs foros de cidade e é clàssicamente concebido e definido como Ciência, Filosofia e Religião (no bom sentido do termo).

Como filosofia, por exemplo, ultrapassa o Espiritualismo e

(1) *Léon Denis: «No Invisível». Edição portuguesa da Federação E. Brasileira.*

compreende e não repele o Materialismo, corrigindo os erros de ambos, porquanto, bem estudado, bem assimilado, conduz esses dois sistemas a uma linha única pois, como bem observou Gustavo Geley, médico, metapsiquista, fundador do Instituto Metapsiquista Internacional, de Paris, e seu primeiro director, o Espiritismo oferece campo de conciliação ao Espiritualismo e Materialismo, considerado o facto indubitável de Espírito, Força e Matéria coexistirem em conjunção inseparável, dado não se poder compreender qualquer deles isoladamente (2). E interessante é ressaltarmos aqui, quanto a essa indecomponibilidade, a analogia com o Espiritismo que, não obstante seu tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião, não pode igualmente, sem prejuizo da integralidade de sua acção, dos efeitos, diremos, mesmo, de suas consequências, ser tomado isoladamente por qualquer desses aspectos. Daí certo divórcio do chamado Espiritismo Científico e o Espiritismo pròpriamente dito que não abre mão, como aquele, do sentimento de fé, compreendida, porém, como disse Kardec, uma fé capaz de encarar a razão frente a frente (3). Ainda, pois, que Espiritualismo e Materialismo, em última análise, não se reduzissem a mera expressão verbal no campo do Espiritismo facilitando sobremodo a atitude de seus profitentes face a um conflito que para eles deixa pràticamente de existir, esse facto e a compreensão, em presença igualmente de outros problemas, de certos princípios e leis fundamentais, lhes criam profundo espírito de tolerância, o qual mais avulta em extensão e profundidade no espiritista que, dentro naturalmente da relativa possibilidade humana, melhor haja assimilado a essência da Doutrina, permitindo ver no adversário de suas ideias uma criatura evolutiva como ele e, pois, num estágio diferente na marcha ascensional e infinita da vida imortal. E isto, que liberta dos ardores opinativos, não aniquila a vontade, o esforço, o entusiasmo pela difusão do ideal, dado conter, implícito, um dever, qual o de trabalhar pelo bem geral. E bem é o induzir a outrem ao caminho que ao bem conduz e, consequentemente, à verdade de que entende estar de posse. Aqui se ostenta a interpretação e a prática nos limites espiritistas, do lema que de Jean Jacques Rousseau através de Pestalozzi, Allan Kardec herdou e legou ao Espiritismo: Trabalho, Solidariedade e Tolerância.

Este lema, e notadamente seu terceiro termo já encerra por si só um mundo de filosofia, dessa filosofia, afinal, indefinível no pélago das definições... Todavia, muito me hei, Srs., ilustrado na leitura dos Anais desta Sociedade, neles haurindo o sentir, o pensar de cada um de vós, desde os que foram primeiros aos por últimos chegados. É assim que hemos logrado descobrir no fundo de vossas almas aquela linha comum, tal a do encontro de todas as águas no curso de todos os rios, reconhecendo existir em todos o mesmo afã de saber, a mesma ânsia de encontrar a verdade. Por isso não vemos em nenhum de vós, que não em aparência, adversários de ideal. Reflectimos, porém, já haver o filósofo máximo, Jesus de Nazaré, nos advertido contra o ilusório das aparências e daí o erro de fazê-las base de nossos julgamentos.

Ora pelo que de vós hei lido, é filósofo quem ama, não apenas a filosofia pròpriamente dita, mas a todo o saber. Ora, o Espiritismo, já o dissemos, é doutrina de alta cultura e que, opinou Kardec, «tudo vem explicar com facilidade» (4). Não obstante, afirmou igualmente, «o seu estudo lançando-nos de repente em uma ordem de coisas tão novas e tão grandes, só pode ser feito, com proveito, por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenção e animados por vontade firme e sincera de chegar a um resultado» (5).

Notemos que embora afirmando não poder ser considerado apto a esse estudo os que prejulgam, bem como outros cujo perfil traçou na mesma página, não lhes associou os incrédulos. É que, Srs., não é crença que o Espiritismo exige. Nem crentes pretende fazer. Pede apenas que o estudem, o comprendam e o respeitem. Estudando-o, porém, que se o faça certo de que ele requer, como advertiu Kardec, séria atenção, profunda análise e principalmente, como todas as outras ciências, método e perseverança. «Se — argumentou ele — são precisos anos para que um indivíduo se torne médico medíocre e três quartas partes da vida para se chegar a ser sábio, como se há-de querer adquirir em algumas horas a ciência do infinito?» (6). «O estudo do Espiritismo, — diz ele a seguir — que toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, é imenso; é todo um mundo que se abre diante de nós». «Como percorrer-lhe o campo em algumas horas, quando sua doutrina se prende a todos os ramos da Filosofia, da Psicologia e da Moral?» (7).

A esta altura sinto pairar no ambiente a indagação universal, imposta a todas as coisas: que é o Espiritismo? É natural o homem busque sempre definições, muito embora já lhe devera a experiência ter mostrado não ser com elas que esclarece o entendimento. Uma definição, nos moldes clássicos, cumpre explicar o sentido de uma palavra, a natureza de uma coisa; ser curta, clara, restringir-se ao definido e abrangê-lo todo. Daí, raro uma definição atingir sua finalidade. Se assim tem sido com tudo, quão mais difícil com algo novo como o Espiritismo, que envolve conhecimentos múltiplos e transcendentes?

Como palavra é um neologismo cardeciano e significa *Doutrina dos Espíritos*. Vejamos bem: Doutrina dos Espíritos. A esta doutrina que, explicando a fenomenologia espirítica, sua origem, seus efeitos e consequências, de tudo tirando directrizes morais que se constituem regras de vida, que vão do indivíduo à colectividade, considerados do particular ao geral, é que Allan Kardec denominou Espiritismo; não aos fenómenos, repitamos, nem à mediunidade veículo dos mesmos, de onde perder o carácter de Espiritismo toda e qualquer prática mediúnica processada com procrastinação dos princípios e regras fundamentais à doutrina. O mediunismo, pois não caracteriza o Espiritismo, embora lhe seja indispensá-

---

(2) *Geley: «Resumo da Doutrina Espirita». Edição de «Estudos Psíquicos». Lisboa. Tradução de Isidoro Duarte Santos.*

(3) *A. Kardec: «O Evangelho Segundo o Espiritismo», Cap. I, item 5.*

(4) *A. Kardec: «Livro dos Espíritos». Introdução.*

(5) *Idem, idem.*

(6) *Idem, idem.*

(7) *Idem, idem.*

vel como seu instrumento de pesquisas, sua fonte de esclarecimento seu material, enfim, de laboratório, tal como à Física, à Química à Biologia e outras ciências, com que nelas se transformem, são igualmente indispensáveis os respectivos laboratórios e suas equipagens apropriadas.

Se, como palavra, Espiritismo significa Doutrina dos Espíritos, como defini-lo por sua acção?

Para tanto passemos a palavra a Allan Kardec, porquanto, respondendo, sumàriamente, aliás, à mesma pergunta: que é o Espiritismo?, esclareceu: «O Espiritismo, poderemos dizer, é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos, então, defini-lo assim: «O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal» ([8]).

Por tal definição temos o Espiritismo uma ciência cujo objecto é precisamente a mais transcendente das especulações filosóficas: *que é a alma? como é? de onde vem. para onde vai? como se comporta no meio dito material? que finalidade tem?*

Por tudo isto mesmo, Kardec, em outra oportunidade, afirmou o Espiritismo Filosofia Científica ([9]), e Léon Denis: Uma ciência positiva, uma filosofia moral e uma solução social, dado considerá-lo a mais alta e científica formá do Espiritualismo ([10]).

Outrossim, Congressos Espiritas Internacionais, realizados desde 1922, trienalmente, em Paris, Londres, Haia, Barcelona, Glasgow e outras cidades, a que compareceram dezenas de nações de todos os continentes, representadas, não poucas, por vultos de alto saber e acatado renome, apresentaram, reiteradamente, a seguinte conclusão:

«O Espiritismo é uma filosofia que assenta em dados precisos e cujos princípios fundamentais assim se enunciam:

1.º) Existência de Deus, Inteligência e Causa Suprema de todas as coisas;

2.º) Existência da Alma ligada durante a vida terrena ao corpo físico, perecível, por um elemento imperecível, chamado perispírito, ou corpo fluídico ou etéreo;

3.º) Imortalidade da alma, sua evolução contínua para a perfeição, através estádios de vida progressivos;

4.º) Responsabilidade individual e colectiva entre todos os seres, segundo a Lei de Causalidade;

5.º) Possibilidade de comunicações, pela mediunidade, entre o mundo visível e o invisível, ou seja, entre vivos e mortos.

Os itens 3 e 4, esclarecemos, encerram, por seus termos, o princípio reencarnacionista, único a explicar, sem deixar dúvidas quanto à justiça de Deus, as diferenças profundas, sob todos os aspectos, existentes entre os homens como entre os povos.

Por sua vez, dois Congressos Espiritas Pan-Americanos, realizados, um em Buenos Aires, em Outubro de 1946 e que, como homenagem ao Brasil, nos coube a honra de presidir; e outro, nesta capital, em 1949, igualmente em Outubro, apresentaram as seguintes conclusões:

1 — «O Espiritismo é a religião da consciência, do foro íntimo, sem ritos, nem clero, que tem por objecto reviver o Cristianismo na pureza diáfana e simples de seu fundador.

2 — O Espiritismo é adogmático, não é sectário e prescinde de partidos políticos; confirma os sublimes ensinamentos de Jesus, interpretando-os em espírito e verdade, ampliando seu alcance em âmbito do Universo que a cultura contemporânea tem revelado de insuspeitável grandeza.

3 — O Espiritismo vincula para sempre o mundo invisível ao visível, unindo indissolùvelmente o sentimento religioso com o conhecimento científico.

4 — O espiritista (o homem) é o ser pensante que gravita para a perfeição mediante o estudo, o trabalho e o amor, através da Palingenesia; é o autor consciente da própria salvação e em todos os momentos procura — voluntàriamente — alcançar a maior sabedoria possível.

5 — O espiritista deve ser amoroso, humilde e tolerante por se saber imperfeito; sua sinceridade se mede por sua constante transformação para superar-se baseado na certeza que tem de que as luminosas sendas da espiritualidade são privativas daqueles que por seus esforços a mereçam.

Seguem-se agora as do 2.º Congresso:

1 — Sendo universalmente aceitas pelos espiritistas, como princípios fundamentais de suas crenças, a existência de Deus e a imortalidade da alma, o Congresso afirma, em decorrência, o princípio da reencarnação, ou das vidas sucessivas como explicação da Justiça Divina.

2 — Não sendo possível confundir a palavra reencarnação com ressurreição, visto que a primeira se refere ao corpo, segundo tradição de povos primitivos enquanto a segunda se refere ao espírito, o Congresso concorda em concluir pela aceitação das teorias reencarnacionistas à luz da codificação de Allan Kardec, respeitando. porém, a opinião dos espiritistas entre os quais ainda não se haja firmado essa convicção.

3 — Considerando que a Religião é matéria de foro íntimo, não podendo, portanto, ser determinada por normas humanas; considerando, mais, não haver ainda unanimidade quanto ao modo de interpretar o Espiritismo em face do problema religioso, o Congresso não estabelece normas a respeito e resolve dar plena liberdade neste sentido; afirma entretanto os aspectos científicos e filosóficos do Espiritismo, segundo a codificação de Allan Kardec, tendo por base moral os ensinos de Jesus, de acordo com as tendências espirituais dos povos do Ocidente, sem que o Espiritismo deva ser transformado em seita religiosa, recomendando, neste sentido, a designação de cristianismo espirita.

4 — Afirma o Congresso que na interpretação da palavra religião o Espiritismo repele o significado comum de seita, ritual e organização hierarquizada ou sacerdotal, e proclama o sentido espiritual de traço de união entre a criatura humana e o seu Criador, que é Deus, essa Causa Primária de todas as coisas.

Seguem-se ainda quatro outros itens que encerram resoluções de ordem prática, administrativa.

Uma doutrina pois, Srs., que, tal acabamos de expor, coloca seus princípios fundamentais, na vida de relação de modo a orien-

([8]) *A. Kardec: «O que é o Espiritismo».*

([9]) *Idem, idem.*

([10]) *Léon Denis: «Synthèse Spiritualiste Doctrinal et Pratique».*

tá-la sob a égide de leis naturais profundamente morais, estabelecendo entre os homens o mais franco espírito de solidariedade pela mais estreita cooperação, e das relações dos homens passando às dos povos e nações, projectando-se também para o extra-corpóreo, o extra-terreno, transcende os limites da filosofia fixados por Strauss, para quem colocar a ideia no terreno humano para imprimir direcção às acções humanas foi sempre o ponto de vista da Filosofia (11).

E desde que citamos Strauss — que não foi, ao que saibamos, adepto ou pesquisador espiritista — permitido nos seja fazermos desfilar alguns nomes, de projecção universal, de vultos que, uns apenas deram testemunho da realidade e do valor da fenomenologia espirítica, e outros o passaram a professar pela força dos factos ou da lógica.

Foram, entre mais de duzentos: — César Lombroso — Victorien Sardou — Victor Hugo — Gladstone e Balfour, antigos presidentes de Conselho, na Inglaterra — Rainha Vitória — Abraão Lincoln e Sadi Carnot, Presidentes dos Estados Unidos da América do Norte e da França, respectivamente — William Barrett, professor da Universidade de Dublin — Thomas Edison — Russel Wallace, émulo de Darwin e presidente da Sociedade Inglesa de Antropologia — Alfred Binet, médico, antigo director do laboratório da Sorbonne, colaborador de Charcot e autor de interessantes obras, inclusive «Estudo de Psicologia Experimental» — Von Molke — Bevin, ministro inglês, recém-desencarnado — Conde Alexandre Aksakof, que foi Conselheiro particular do Imperador da Rússia e lente, como Zoellner, da Universidade de Leipzig e autores, ambos, de obras recomendáveis, notadamente: do primeiro, «Animismo e Espiritismo», já tornada clássica, rebatendo Hartman, e, do segundo, «Física Transcendental», ambas editadas em português como várias outras além de quase tudo quanto escreveram Kardec, Léon Denis e Gabriel Dalanne, pelo Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira e outras Editoras espiritas nacionais, como a LAKE e a ÉDIPO, em S. Paulo, onde existe também antiga editora O CLARIM, na cidade de Matão, que publica a *Revista Internacional do Espiritismo*, circulando há mais de um quarto de século — Camilo Flammarion, célebre astrónomo e cientista, igualmente autor de notáveis obras, não poucas em nossa língua — Oliver Lodge, cognominado «o pai da física», prof. de várias ciências, inclusive Filosofia Natural, em diversas Universidades inglesas e Reitor da de Birmingham e membro da Real Sociedade de Londres—Carl du Prel — Henri Martin — Dr. Oxon, prof. da Universidade de Oxford, onde já se estuda a fenomenologia metapsíquica — Connan Doyle, médico, historiador e romancista — Paul Gibier, médico, bacteriologista, autor de «Análise das Coisas» — Juiz Edmond, antigo presidente do Senado dos Estados Unidos — Eugéne Bonnemère, também autor de conceituadas obras doutrinárias e que disse, alhures: «Ri-me, como muita gente, do espiritismo; mas o que eu tomava então, como o riso de Voltaire, não era mais do que o riso do idiota, muito mais comum que aquele». — Robert Hare, sábio norte-americano, prof. de química na Universidade de Pensylvânia. Deste é interessante a confissão de que, em 1853, estimulado pelo que entendia ser um dever para com seus semelhantes, passara a estudar o Espiritismo, objectivando deter essa «*demência popular*». «*Três anos após*», entanto — diz ele próprio — «*eu era também um demente e comunicava minhas observações à Sociedade para o Progresso da Ciência*». — Herbert May, prof. de anatomia comparada no Real Colégio dos Cirurgiões, de Londres. Para suster, porém, esse honroso desfile de grandes nomes de alta responsabilidade moral, científica, filosófica, política, religiosa e artística, em uma palavra, cultural, acrescentaremos apenas dois outros: Ochorovicz, sábio polaco, prof. da Universidade de Lemberg, que afirmou: — «*quando me lembro que li as obras de Crookes sobre os fenómenos mediúnicos com o sorriso estúpido que iluminava o rosto de seus colegas ao simples enunciado de tais coisas, eu coro de vergonha, de mim mesmo e deles*».

E propositalmente por último, aquele agora acabado de citar por Ochorovicz: William Crookes, já prof. aos 20 anos, do Colégio Real; físico notável e não menos notável químico; membro da Sociedade Real de Londres e da Sociedade de Química dessa capital; descobridor do quarto estado da matéria e do tálium, construtor do radiómetro, inventor das ampolas a que deu seu próprio nome e são a base da radiografia.

Até aqui apenas nomes europeus e norte americanos. Não pequena seria a relação dos que na América latina hão aderido à Doutrina: um Cosme Mariño, fundador de «La Prensa», na Argentina, para sòmente citarmos um; Dr. Ouvídio Ribaudi, do Paraguai; Ramon Negron Flores, escritor, jornalista, historiador, e, sobretudo, poeta, em Porto Rico; Fernando Ortiz, prof. e jurista cubano, autor da notável obra «La Filosofia Penal dos Espiritistas», prestes a ser vertida para português pela pena de Carlos Imbassahy.

No Brasil é confortadora a lista imensa de ilustres nomes em todas as esferas sociais, nas artes, nas letras, nas armas, nas ciências, na política, no jornalismo e, já hoje, no radialismo, que, franca e ostensivamente, abraçaram o Espiritismo, ou que apenas lhe reconheceram as verdades que proclama. Dentre tão só os primeiros bastará que vos citemos alguns, já desencarnados, que tiveram a recomendá-los outros títulos que não os conquistados no campo doutrinário: Vejamos, primeiro que todos, aquele que mereceu o cognome de Kardec Brasileiro: Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, oficial médico cirúrgião do Exército, jornalista, romancista, deputado, presidente da Câmara da Corte, hoje Câmara dos Vereadores em cuja Boblioteca se ostenta esplêndida obra de arte, o retrato a óleo, em tamanho natural, desse grande homem público, carácter de escol, e que de todos os seus títulos prezava sobre todos o de «médico dos pobres», retrato oferecido não a ele, mas à Municipalidade, pela colónia portuguesa do Rio de Janeiro; — Marechal Ewerton Quadros, provecto engenheiro militar, doutor em engenharia, que presidiu o Clube Militar, sucedendo, em delicada fase da política brasileira, a Custódio José de Melo; — Dr. Dias da Cruz, médico, presidente perpétuo do Instituto Hanemaniano do Brasil; Dr. Aristides Spínola, jurisconsulto, parlamentar, ex-Governador de Goiaz e co-fundador do *Jornal do Brasil*;

(11) *Strauss: «A Antiga e a Nova Fé». Trad. de A. Pimenta. Ed. Lello & Irmãos. Porto.*

Bittencourt Sampaio, jornalista brilhante e mais brilhante poeta, de quem fez Sílvio Romero o seguinte juizo crítico: «poeta de merecimento e filósofo idealista, nele predominava o lirismo local, tradicionalista, campesino, popular, sendo por este lado, dos melhores do Brasil»; foi Director da Biblioteca Nacional, Redactor de Debates da Câmara dos Deputados, na Assembleia Constituinte de 1890, propagandista da República, tendo assinado com Bocaiuva e Saldanha Marinho o histórico e célebre Manifesto de 70; foi Deputado em duas legislaturas, no Império e Presidente da então província do Espírito Santo, tendo, pois, renunciado a uma firme situação política para abraçar o ideal republicano. Numerosas e louvadas são suas obras poéticas dentre as quais a *Divina Epopeia*, que é o 4.º Evangelho posto em Cânticos, com uma fidelidade ao texto digna de admiração. Igualmente elogiadas as suas traduções de poemas de Lamartine, Hugo e Longflelow. Dele, como poeta, disse Macedo Soares ser o primeiro lírico, no Brasil, logo após Gonçalves Dias; — Leôncio Correia, outro republicano histórico, também jornalista e poeta, Deputado em mais de uma legislatura, Director da Instrução Pública desta Capital, também da Imprensa Nacional e do Internato Pedro II. E para não alongarmos, juntemos a estes apenas os nomes de quatro outros brasileiros: Desembargador Gustavo Fernese, General Jacques Ourique, Dr. Guillon Ribeiro e Leopoldo Cirne.

Eis, Srs., a projecção do Espiritismo, que por sua força, baseada na verdade dos factos, por sua elevada moral estadeada na filosofia colhida desses mesmos factos que vieram comprovar as realidades ocultas do Cristianismo, como das mais religiões, com as quais não veio a competir, antes servir-lhes de denominador comum, teve o poder de arregimentar tantos vultos ilustres. Com este panorama, Srs. que julgámos imprescindível focar para moldura natural da respeitável figura de Patrono que nos permitistes eleger, elegendo-o, consequentemente, também vós, pensamos haver defendido e provado o direito de ALLAN KARDEC ao título de filósofo. Resta-nos agora, entrar, de facto, no objecto de nossa presença nesta tribuna. E já sem necessitarmos de nos estender o quanto, de outro modo, se faria mistér.

SIMPATIAS E ANTIPATIAS

por Alfredo Miguel

Diante de mim estão duas pessoas, que os meus olhos enxergaram pela primeira vez... Eis, porém, que, por uma dessas pessoas eu sinto uma simpatia espontânea e forte: suas expressões, sua mímica, seus gestos, seu olhar, seu sorriso, — tudo, enfim, nela me impressiona agradàvelmente. A outra, pelo contrário, me desperta uma violenta impressão de angústia, uma incoercível repulsa... Não vejo como poder dominar a profunda antipatia que ela me causa.

Isto que eu sinto, todo o mundo sente!

Nenhuma religião, ou ciência, explicou, jamais, o porquê dessas simpatias e antipatias instintivas, — e a explicação, aliás, só será possível admitindo-se a teoria da preexistência da alma humana, ou melhor, a doutrina dos renascimentos.

O estudo da memória demonstra que esta é um imenso reservatório de todos os acontecimentos e actos de nossas encarnações, e o que nela se grava os séculos não extinguem. Nosso esquecimento é apenas temporário; quando o espírito abandona a carne, recupera a lembrança de tudo. Mesmo assim, há os casos excepcionais, que a História regista, referentes a indivíduos que se recordavam de episódios de suas pretéritas existências. Também vemos coisas, de que não guardávamos a mais vaga reminiscência, passadas há dezenas de anos no curso da nossa encarnação presente, de súbito se projectarem na nossa mente sob o império de uma emoção momentânea. As sensações que nesse instante experimentamos, são naturalmente peculiares à natureza dos acontecimentos que a nossa memória revive. Quando, por exemplo, nos surpreende a presença de uma criatura que um grande mal nos causou — embora o mal e a criatura jazessem para nós completamente olvidados — instantâneamente o nosso coração se confrange e não é com agrado que contemplamos a face do nosso inimigo. Se foi, pelo contrário, um bem que nos fez, o nosso ser se alegra e é com um sentimento de acolhedora afeição que fitamos o nosso amigo ou benfeitor.

Desde que concebamos, pois, um passado aquém do nosso berço, isto é, uma existência vivida antes da actual, — em que as pessoas que hoje nos provocam simpatia ou desdém desempenharam connosco um papel no drama terreno — fàcilmente as poderemos identificar como sendo nossos amigos ou inimigos de épocas remotas... Suas fisionomias carnais nos são agora totalmente estranhas; mas as vibrações psíquicas que recìprocamente se permutam, reflectindo aqueles contraditórios sentimentos, as tornam reconhecíveis, a despeito de não haver incompatibilidade aparente entre indivíduos que se defrontam pela primeira vez...

A BÍBLIA

por LEOPOLDO MACHADO

Todos os povos e todas as religiões têm seus códigos de espiritualismoo e de espiritualização: livros em que se condensam os ensinamentos e as lições da doutrina que difundem.

A *Bíblia* é um desses códigos.

É o livro por excelência das religiões monoteístas.

É o livro do povo que se presumia eleito de Deus, privilegiado para reinar e dominar, a cavaleiro dos outros povos, das outras nações.

Nenhum outro livro expõe melhor o convívio dos Espíritos com as criaturas, de Deus com os homens, a manifestação, em suma, das entidades espirituais com a Terra. O livro que melhor trata dos fenómenos supranormais, mediúnicos, metapsíquicos, físico-psíquicos, espiritualistas...

Decorre daí que tudo na *Bíblia* é para merecer crédito?

Não o cremos, que acreditar literalmente em tudo que se contém na *Bíblia* seria temeridade. Seria incidir em absurdos tremendos, de que não se sairia fàcilmente.

Seria admitir um Deus que errasse e se irasse a cada passo; um Deus nepotista e vingativo. Um Deus capaz de abrandar sua cólera por ouvir conselho de um mortal. Essas qualidades negativas de Deus militariam contra sua omnipotência, sua omnisciência, sua justiça e misericórdia. E nos domínios da Espiritualidade e da espiritualização tudo deve ser muito claro, muito lógico, muito positivo, que o espírito humano pode, às vezes, fanatizar-se fàcilmente; chega, às vezes, por força de incoerências, a negar as coisas mais santas e mais puras...

Aceitar o que se contém na *Bíblia*, só pelo que aí está, é objecto de fé, apenas, que não se discute, embora quem o aceite venha a encontrar-se num emaranhado de dificuldades de que não saberá sair.

Aceitá-lo analìticamente é coisa diferente.

Por isso é a *Bíblia*, para cetinos e agnósticos, um livro perigoso, imoral e subversivo. Frederico Niestsche classifica-o como o livro mais contraditório e nocivo à humanidade.

Será?

Não o cremos, que somos; setenta por cento, amigo da *Bíblia*, pois já aprendemos a distinguir o que, na *Bíblia*, é divino e é humano, o que é de natureza lendária e histórica, o que é obra de espíritos de luz e fruto de possíveis mistificações e engodos.

Porque Niestsche desclassifica tanto a *Bíblia?*

Quem acreditará na sabedoria de um Deus que cria a luz no primeiro dia da Criação e o sol, que é a fonte dessa luz, no 4.º dia?

Quem aceitaria a omnisciência de Deus, se Deus se arrependeu de haver feito o homem? Arrependimento tão profundo, que lhe doeu no coração, lá está na *Genesis*, 6-6?

Como compreender um Deus Criador e Pai que se ira — e nós chegamos a assinalar 27 vezes Deus irado na *Bíblia*, enquanto filhos seus, cá em baixo, apresentem a ira feita um pecado grave, como a gula e a inveja?

Jeová, o Deus do velho *Testamento*, fala a cada passo com os seus eleitos, entre os homens de seu povo eleito.

Duas vezes eleitos, portanto, aqueles a quem Jeová se dirige.

Cremos tenha sido Jeová mesmo que falou a Moisés, no monte Sinai, transmitindo-lhe o *Decálogo*, que é, incontestàvelmente, a síntese perfeita de todas as leis de que carecem os povos e as nações para serem felizes.

Mas seria o mesmo Jeová que disse a Moisés: «Vinga, primeiro, os filhos de Israel dos medianistas e depois irás unir-te a teu povo»?

E Moisés cioso de servir a seu Deus e de unir-se a seu povo, armou seus homens, que mataram todos os medianitas, levando cativas suas mulheres com seus pequeninos, despojando-os de todos os seus rebanhos e de todos os seus bens. Queimaram-lhes, a fogo, todas as cidades em que habitavam e todos os acampamentos. Ainda insatisfeito, «indignou-se Moisés contra os oficiais do exército», porque a vingança não tinha sido completa, mandando mais que matassem todos os homens e as mulheres que conheceram homens, reservando, apenas, as donzelas para seus guerreiros...

Tudo isso lereis em *Números*, 31.

João Evangelista aconselha, claramente, que não se creiam em todos os espíritos, mas sòmente naqueles que vêm da parte de Deus.

Ora nenhum espírito que aconselha o ódio e a vingança, a carnificina e a concupiscência pode vir da parte de Deus, quanto mais ser Deus ele mesmo. Ademais, «o Espírito

O LIVRO "DOIS MUNDOS" VAI SER TRADUZIDO NA ARGENTINA

Uma boa notícia aos leitores que apreciam bons livros e lutam com a dificuldade da escolha: «Dois Mundos» vai ser traduzido em castelhano por Genaro Pucci e Tito L. Bancéscu, respectivamente, director e redactor de «La Conciencia», uma revista desassombrada com sede em Buenos Aires e que, apesar de nova, conta em seu activo belas afirmações de fé que se registam com admiração nos anais da propaganda.

Estes confrades solicitaram-nos os direitos de tradução, acrescentando: «Se não puder conceder-no-los, procuraremos em Buenos Aires uma editora que o remunere monetàriamente».

Respondemos que sim, que traduzissem a obra, desde que respeitassem o original. Não queremos um centavo para nós. O livro pertence à Causa. Fomos seu veículo e o nosso desejo é que ele corra mundo, ilumine e console. Quem quiser traduzi-lo, que o faça livremente. A fonte não se recusa a lábios sequiosos. Só impomos aquela condição natural e compreensível.

Começamos agora a notar o valor do livro. A princípio duvidávamos do seu futuro, embora se tratasse de coisa singular na bibliografia da especialidade. Depois, a marcha intensificou-se e fizemos nova edição destinada ao Brasil. Os primeiros dois mil esgotaram-se em menos de um ano. É o triunfo de uma obra que interessa a todos, onde todos encontram pábulo para o seu espírito.

Esperamos que não fique por aqui. Todas as almas a deviam ler pelo bálsamo que se desprende de suas páginas.

pode tudo, até penetrar a obra oculta de Deus».

E os falsos profetas da Espiritualidade agem como os da Terra, com tal subtileza, que até aos escolhidos podem mistificar e engodar.

São coisas estas também do Evangelho.

Aceitamos assim como sendo Jeová o Espírito que transmitiu o *Decálogo* a Moisés.

Mas, que fosse o mesmo espírito, embora declinasse o nome de Jeová, o que impeliu Moisés à vingança e ao morticínio dos medianitas?

Foi espírito que não deu provas de ter vindo da parte de Deus.

Um falso profeta da erraticidade, que Moisés não soube bem distinguir, sendo, por isso mesmo, arrastado aos crimes nefandos que perpetrou.

A advertência de João Evangelista procede em todas as circunstâncias. E harmoniza-se admiràvelmente ao conselho de Allan Kardec, para que se prefira recusar 99 manifestações verdadeiras a aceitar uma só falsa.

A dificuldade, para quem vai sem reflexão e análise, está, exactamente, em distinguir a comunicação verdadeira da mentirosa. Dificuldade, entretanto, que vai desaparecendo à medida que se estuda com amor e zelo o Sentido Espiritualista da Vida...

SESSÃO DE HOMENAGEM

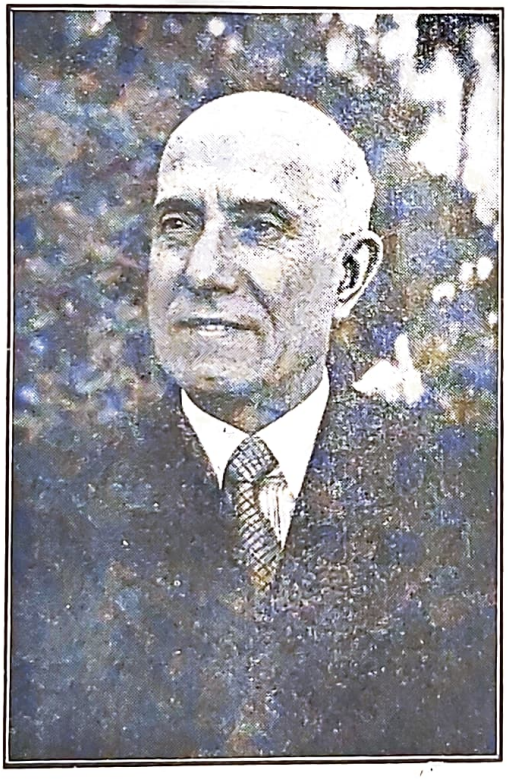
AO CORONEL FAURE DA ROSA

Conforme estava anunciado, o Centro Espiritualista Luz e Amor realizou no domingo, 18 de Novembro, às 16 horas, uma sessão de homenagem ao Coronel Faure da Rosa, desencarnado há um ano aproximadamente e cuja figura tão cedo não se poderá desvanecer de nossas mentes, porque ele foi um dos trabalhadores mais activos que o Espiritismo Português tem contado nas suas fileiras.

Dirigiu a sessão o Presidente do Centro, Isidoro Duarte Santos, secretariado por D.ª Ivone de Sousa, Dr. Carreira Dias de Sousa, António Cardoso e Carlos Bivar. Na assistência, além da família do homenageado, encontravam-se ainda Virgílio Maria, Presidente do Instituto Espiritualista Português, e o capitão José Gonçalves Losa, nosso prezado colaborador, Vice-Presidente da Ordem Esotérica Iniciática.

O Presidente, abrindo os trabalhos, afirmou que aquela sessão era diferente das que habitualmente ali se realizavam, pois naquela tarde não se iria falar acerca deste ou daquele ponto doutrinário, mas prestar justa homenagem a quem tantos e tantos serviços prestou à causa.

— Orador nato — afirmou — conseguia nas suas conferências interessar vivamente a assistência, mesmo quando expunha as mais transcendentes teorias, porque não só dava a todos os seus trabalhos a maior clareza possível, mas ainda porque os sabia polvilhar com a sua graça inconfundível. Poderemos dizer que durante a sua vida, quer em conferências, quer em artigos, esgotou todos ou quase todos os assuntos da parapsicologia, tantos e tantos foram os artigos que escreveu e as questões que estudou.



Coronel Faure da Rosa

«Quando há anos — continuou Isidoro Duarte Santos — esteve em Portugal um escritor belga que veio fazer ao Teatro de S. Luiz uma conferência contra o Espiritismo, eu e ele fomos assistir, para podermos apreciar as ideias desse orador. Mas quando ele começou a dizer que em Espiritismo tudo era fraude e artimanha e outras *novidades* do género, o Coronel levantou-se no intuito de se ir embora. Como eu dissesse que, já agora, ouviria o resto, ele respondeu:

— Então fique você, que é mais novo e tem mais paciência.

«E fiquei. Fiquei, e ao voltar para casa pensei que a melhor maneira de responder a esse orador que se havia mostrado completamente leigo em matéria de Espiritismo, era organizar uma conferência que defendesse a nossa doutrina. Faltava apenas uma coisa: o orador. Lembrei-me então de convidar o Coronel Faure da Rosa, que, por excessiva modéstia, não queria aceitar o encargo; mas por fim, a muito custo, lá aceitou o meu pedido. Estávamos numa segunda-feira, se não estou em erro. O Coronel perguntou-me:

— Quando quer V. o trabalho pronto?

— No próximo sábado.

«Pois bem! Faure da Rosa cumpriu o que havia prometido! No sábado tinha a conferência pronta, conferência que foi depois realizada no Cinema Condes e que constituiu um autêntico triunfo para a propaganda do nosso Ideal. Essa conferência foi depois publicada num folheto intitulado «A Metapsíquica e o Espiritismo à Luz dos Factos». A essa grande jornada que levámos a cabo, assistiram pessoas de todas as condições sociais: médicos, advogados, professores, oficiais do exército e da armada, etc. Foi um autêntico triunfo para a Causa e a Faure da Rosa se devem em grande parte, os louros da vitória».

Isidoro Santos disse ainda que apesar de terem trabalhado juntos e convivido durante mais de vinte anos, nada houve que toldasse a amizade que os unia. É que — afirmou — o Coronel era um espírito tolerante, um espírito que sabia compreender os outros, embora os outros muitas vezes não o soubessem compreender a ele. Não significa que estivéssemos sempre de acordo em todos os pontos da doutrina; não quer dizer que víssemos pelo mesmo prisma todos os problemas.

«Muitas vezes divergíamos completamente, as nossas opiniões eram diametralmente opostas, mas isso não conseguia alterar a grande amizade que

nos unia, pois a discussão, a diferença de pontos de vista, é condição necessária para o progresso e perfeição de qualquer doutrina».

Após estas vibrantes palavras, que foram ouvidas pela assistência com o máximo interesse, o Presidente deu a palavra ao nosso colaborador António Cardoso que leu as seguintes palavras:

«No curto espaço de um ano o Espiritismo Português perdeu duas das suas figuras mais representativas. A esposa do Presidente deste Centro, D. Maria Gonçalves Duarte Santos, e o Coronel Faure da Rosa, duas personalidades que embora de características diferentes muito contribuiram para o progresso do Espiritismo entre nós. Enquanto D. Maria Gonçalves Duarte Santos se dedicava aos trabalhos de administração, com aquele zelo e competência que todos lhe conhecíamos e dirigindo mesmo nos primeiros tempos a revista *Estudos Psíquicos*, o Coronel Faure da Rosa aparece-nos como um fervoroso propagandista das ciências psíquicas, pondo sempre, até aos últimos momentos da sua vida na terra, a sua inteligência e as suas altas virtudes ao serviço da Causa. Foi o colaborador n.º 1 desta revista, isto, porque durante a sua vida terrena não houve um único número de *Estudos Psíquicos* no qual não colaborasse. Colaborou em muitas outras revistas do género — sempre com artigos novos, escritos todos eles de uma forma verdadeiramente *sui generis*. Foi também presidente da Federação Espirita Portuguesa, onde soube sempre manter, mesmo nos momentos mais críticos desta Federação, um espírito de concórdia e de verdadeiro desinteresse pelas honras que pudesse vir a ter, critério esse que infelizmente muitas vezes não foi compreendido nem seguido. Quando existia qualquer discórdia grave entre os dirigentes, lá aparecia o Coronel Faure da Rosa, que com o seu bom senso peculiar, a sua vontade de acertar e o seu amor desinteressado pela Causa, conseguia acalmar os ânimos e sufocar as paixões. E o que é mais de louvar neste homem, é que nunca fazia isto com sombras de superioridade, com ar enfatuado de snobismo, ou gestos desprovidos de naturalidade. Não. Faure da Rosa dava sempre o seu parecer com a maior naturalidade, dava sempre a sua opinião como se ela fosse a pior de todas, quando afinal era a melhor, apresentava sempre uma sugestão sem qualquer espírito de ditador, que quer que as suas opiniões prevaleçam sobre as outras. Nada disso. O Coronel Faure da Rosa foi sempre de uma modéstia a toda a prova, de um desinteresse e dedicação difíceis de encontrar, quando quase todos os homens procuram única e exclusivamente usufrir bens materiais, voltando as costas às ideias nobres.

«Como conferencista e como escritor, o Coronel Faure da Rsa sabia dar a todos os seus trabalhos um cunho especial, que fazia com que eles fossem largamente apreciados por toda a gente. Sem dúvida que o Coronel Faure da Rosa não veio apresentar nada de novo ao Espiritismo, quer no campo científico quer no filosófico. Sem dúvida que não apresentou nenhuma teoria explicativa de certos pontos obscuros do Espiritismo, das muitas existentes. Não. Faure da Rosa não foi um investigador neste sentido. Mas isso não o desvaloriza em nada, porque dedicou-se a uma faceta, tão árdua como essa, tão difícil como a investigação. Faure da Rosa foi essencialmente um compilador — mas um compilador que ia buscar a um livro o melhor que ele continha, a um artigo uma ou outra frase, a um jornal uma outra notícia. Depois *amassava* tudo isso muito bem, *temperava* tudo com um pouco da sua graça e do seu engenho, e assim conseguia *cozinhar* um artigo que saía sempre óptimo, na opinião dos seus leitores. Apresentou assim trabalhos importantíssimos sobre as experiências de muitos médiuns, entre os quais não esqueceu o grande médium português Fernando de Lacerda.

«Todos sentimos imenso a sua falta, pois era um trabalhador que apesar da sua avançada idade jámais recusou dar o seu valioso concurso a toda a campanha que servisse para elevar a Causa. Todos sentimos imenso a sua falta, repito, mas ao contrário de muitos, não choramos a sua partida, porque sabemos que toda a lamentação vai perturbar a entidade desencarnada, retardando a sua evolução, e nós não queremos que o nosso irmão estacione; nós queremos é que ele evolua sempre para mundos melhores, onde haja mais amor e menos ódio. Perdemos um irmão na terra, sem dúvida; mas ganhámos mais um amigo no além».

Falou em seguida D. Ivone de Sousa, que afirmou ser aquele momento uma hora de recordação. Mais do que recordação, de saudade, pois certamente não haveria um único espiritista que não se lembrasse ainda nìtidamente da figura do Coronel e recordasse os seus preciosos ensinamentos. «Foi ele — disse — que me ajudou sempre neste campo, incitando-me e encorajando-me».

Contou que lhe haviam mandado de Inglaterra uma carta, que leu em seguida, e que não era mais do que uma comunicação psicográfica a ela dirigida, assinada por *José Augusto* — precisamente o nome do Coronel. Constava de uma explicação porque os espíritos têm por vezes enorme dificuldade em comunicar com os da terra. Nessa comunicação o Espírito não faz a mínima referência à família que deixou, mas D. Ivone disse que isso não era para admirar; de facto, se o Coronel estivesse já num plano bastante superior poderia considerar essas coisas como supérfluas, e portanto não aludir a elas.

O Dr. Carreira de Sousa, que falou em seguida, afirmando que «felizmente em Espiritismo, cada um pode ter a sua opinião», disse que não lhe repugnava aceitar que tal comunicação podesse vir do Coronel. Depois referiu-se ao homenageado, mais ou menos nos termos dos oradores que o antecederam.

O Professor Francisco Cabrita referiu-se igualmente às virtudes do homenageado, com o qual convivera durante longos anos.

Carlos Bivar contou em seguido como o conheceu, quando a Federação Espirita Portuguesa estava instalada na Costa do Castelo. Desde a primeira vez que o viu, compreendeu «que estava em presença de um *bom*», e os longos anos que conviveu com ele confirmaram a sua opinião.

Na impossibilidade de comparecer, o nosso prezado colaborador D. Francisco de Melo e Noronha mandou algumas linhas de homenagem que foram lidas por Isidoro Duarte Santos e que diziam:

«Justificadíssima é a homenagem rendida hoje neste Centro, prestimoso e radiante, comemorando o primeiro aniversário da data em que desencarnou do corpo material o espírito lucido do nosso distinto confrade, o Coronel Faure da Rosa.

«Tenho a consciência de poder defini-lo perfi-

lhando as expressões de Pirro acerca de um romano exemplo: «Ille est Fabricius, qui dificilius ab honestate, quam sob a curou suo, avert potest». De facto, digna assistência, mais fàcilmente o sol se desviaria do seu curso do que ele do caminho da honra. Abraçou a carreira militar, serviu a Pátria na metrópole e no além ultramarino, e, imácula, envergou sempre a farda, sem quebranto respeitou sempre o seu juramento de soldado.

«E assim exalou o derradeiro alento em sua existência contemporânea, assim a sua alma, depurada, transpondo o véu, terá agora no mundo inefável o galardão de bem merecida glória.

«Onde porém, Faure da Rosa atingiu proporções peregrinas e vinculou o nome com prestígio indelével foi entre nós, neste meio de estudo e ascese, nesta atmosfera de razão, experiência e fraternidade.

«Em suas linhas fisiológicas transparecia a bondade que o seu trato não desmentia e, neste, revelava-se uma educação fina e esmerada, que logo no início de nossas relações pessoais me despertou aberta simpatia.

E quando, um dia, a empolgante convite de Sua Ex.ª, então presidindo à Federação Espirita Portuguesa, ali realizei uma conferência, o saudoso Coronel informára-me, em carta prévia, que, para me evitar o relento da noite na travessia do Tejo, na margem esquerda do qual resido, marcara para mais cedo a hora habitual, fazendo, nestes termos, uma alteração de delicada gentileza, que registo muito grato.

Apóstolo proeminente do Espiritismo, que versava com desassombro, vasta erudição, lógica impecável e hermenêutica resistente, é incontestável que prestou à causa serviços de autêntica invulgaridade, sendo os seus discursos, alocuções e conferências preciosas lições e os seus labores imprêssos magníficas fontes de consulta.

Estudos Psíquicos, neste capítulo, constituem um testemunho eloquente do que acabo de afirmar e a plena evidência dos méritos categóricos, reconhecidos mesmo fora de nosso ambiente e de nossa grei, em sua pessoa inconfundível.

«Pode dizer-se, peremptòriamente, que Faure da Rosa nunca escreveu sobre o joelho ou falou sem ciência e consciência.

«Chegou a ser exaustivo até aos mínimos pormenores, e também não foi omisso de elegância no verbo de grafia e oral.

«Em certa maneira participou da índole e estrutura psíquicas de Allan Kardec, sem se diminuir aliás no brilho anímico e no valor intrínseco de sua própria personalidade.

«Exagero sem atenuante assomou em alguns elementos vivos de nossa espécie, não por certo verdadeiros espiritas, na acepção nobre da palavra, que não mantiveram, para com o leal cavalheiro Faure da Rosa, a atitude cortês e a cordura ponderada, que os sãos princípios de civilidade e solidariedade impõem a pessoas de brio, em climática social.

«Doeu-me deveras e lamentei a sós comigo semelhante prova ingrata de insensatez malévola e de impaciência ciosa precipitada.

«Devemo-nos cordealidade de irmãos, recíproca tolerância e sinceridade no afecto.

«Em tudo e por tudo, especialmente por direito soberano de modalidade inconcussa, o culto e dedicado espirita coronel Faure da Rosa permaneceu em sua existência, muito acima de pouquidades mesquinhas, de cálculos interesseiros, de pedantismos, tanto ridículos quanto irrisórios.

Apareceu-me sempre igual a si mesmo, sem mescla e pecha de qualquer natureza e espécie.

A verdade enamorava-o, atraía-o, encantava-o.

Se não se lhe deparasse, enoitecer-se-lhe-ia, espiritualmente a mentalidade, arrastando-lhe a ideia o inevitável empanamenta.

Não se deixou deslumbrar por aparências. Foi cauto e jamais desequilibrado sem acicate de invejas.

«A família teve um altar em seu afecto e, como pai, exemplificou-se no cumprimento espontâneo dos deveres morais, correspondentes às graves responsabilidades que definem a situação e posição dos progenitores perante a prole.

«Em suma, integrado no em espírito e em verdade da sua elevada ideologia, quis até que fosse despido de todas as vaidades o acto de restituição do seu arcaboiço à madre legítima original.

«Irmão do Astral, satisfiz um anelo que me emocionava: evocar-te em desafogo do meu sentimento íntimo, aqui, recinto de molde à celebração do cerimonial de Justiça a que me associo, e que tu acompanharás com eflúvio fraterno».

E, para terminar, subiu ao estrado o Dr. Ramos Pereira, que mais uma vez conseguiu empolgar a assistência com as suas vibrantes palavras, aliadas à facilidade de expressão, de todos conhecida.

O Coronel Faure da Rosa fora para ele um autêntico Mestre, um mestre que o soube encaminhar na estrada do Espiritismo. «Tantas vezes me chamava «O Meu querido Neto»! E, de facto — disse —, se não era meu avô pela carne, era-o certamente pelo espírito. Quando me via desejoso de querer mudar as coisas, quando me via no ardor dos 26 anos a querer modificar os homens à força, para engrandecer cada vez mais o Espiritismo, dizia-me: «Ramos Pereira, é preciso ir devagar! É preciso ser tolerante!». Sendo tolerante por natureza, era um ferveroso adepto da não violência. Os homens — afirmava o coronel — devem ser convencidos pela persuasão e não pela força. Esta doutrina foi em grande parte devida às ideias orientais que assimilara quando esteve na Índia. E certamente — afirmou Ramos Pereira — um dos Espíritos que o encaminhará na sua evolução será Ghandi, pois as suas ideias assemelham-se às dele, porque ambos foram, enquanto estiveram na terra, fervorosos adeptos da não violência. Se pudesse ser ouvido, diria aos filhos que era preciso coragem e que a dúvida — a eterna dúvida — não mais encontrasse acolhimento nas suas almas. Palavras de incitamento e saudade diria também a Isidoro Santos, Dr. Carreira de Sousa, D. Ivone e, de um modo geral, a todos os presentes.

Ramos Pereira terminou pedindo a todos que o acompanhassem numa prece na qual pedia aos Espíritos Superiores e em especial a Jesus, perdão para todas as nossas fraquezas e que continuassem ajudando este nosso Irmão a evolucionar no mundo em que se encontra.

E foi assim, num ambiente de prece e elevação espiritual, que terminou esta sincera homenagem a um dos mais antigos pioneiros do Espiritismo em Portugal. É nestas figuras, é nestes exemplos dignificantes que os novos, que os espiritas que entram agora nesta seara, devem pôr os olhos, para poderem nortear a vida pelo caminho da Virtude e do Amor.

LIA TRANSMITIU U
DELE EXTRAÍMOS O

O CO

Papel ingrato e triste o de fechar o livro da vida terrena! Dobrar a última página, numerar a fachada, catalogar o volume... Nada mais. A biblioteca fica para os minutos ou para os séculos, assinalada pelo coveiro, sob cuja enxada se verga a glória do mundo. A terra que deita sobre o livro não é vernis que preserva, é acidez que ajuda a transformar. Daí a tempos, o número continua a indicar um infólio que não existe. Em vão se poderá ler a obra...

Esse homem taciturno tem nas mãos a história dos corpos, como o cronista a história das almas. É o escultor da natureza morta. Todas as vaidades lhe caiem aos pés lodosos, todos os triunfos, todas as vitórias. E não tem uma palavra de crítica para a vida que tombou. É igual a outras tantas vidas que se exercem e acabam na vala comum, termo de jornadas interrompidas que o ponto final marcou. Sim, para ele são todas iguais. A boca que mordeu é igual à que abençoou. A mão que lapidou é igual à que demoliu. A mesma algidez envolve o corpo da cortesã e o da rainha. A morte é a rasoira no alqueire. Tudo se nivela no pórtico sombrio. Que importam os féretros puxados a oito cavalos? Que importam os ricos mausoleus? O destino é comum e dos interstícios da pedra escorre o mesmo fio de água verde. Qual será mais belo: apodrecer na pedra ou apodrecer na argila? No fim de contas, tudo é apodrecer.

O coveiro olha para isto em silêncio. Não diz uma palavra. Mas cogita no seu infólio, perguntando a si mesmo quem o arrumará no subterrâneo, apontando o número aos curiosos que passem. Será mais um bloco submerso no arsenal das podridões. E encolhe os ombros ao pensar na sua vez... É o calidoscópio celular que o impressiona. E começa a evocar:

— Este Petrónio tinha bolor nos lábios e os olhos comidos pela morfeia. O aprumo, o donaire, a jactância, esconderam-se num corpo encarquilhado que os vermes roerão. Aquele rotundo agiota morreu especado a contemplar as moedas reluzentes que o não livraram da papeira. O ministro agaloado trocou os pulmões pelo jazigo. O ricto zombeteiro que ainda conserva, talvez se dirija aos que o adularam em fingidas curvaturas...

E a fileira estende-se, diferente e variada. Lavradores, industriais, funcionários públicos, generais, operários, homens sem profissão, mulheres de luto, salteadores, mendicantes, tudo pertence à história do coveiro. Dele é sempre a última palavra... O seu olhar enigmático encara o despojo e percorre-lhe os escaninhos. Nada fica por vasculhar na mirada inquiridora. As virgens mirradas ficam ao lado das matronas. Crianças imberbes, ao lado de velhos centenários. Tudo arrumadinho na biblioteca. A vala é o lugar das brochuras desfeitas, cujas páginas meio delidas ostentam pétalas murchas que tiveram aroma. O granito é a percalina do cemitério. O mármore é a encadernação luxuosa de grandes parangonas. Mas em brochura, carneira ou percalina, o olor é sempre o mesmo. O estojo não altera a medalha. É o pó amassado em glória ou amassado em lágrimas, subordinado à enxada do coveiro que tudo nivela, sem contemplação ou resquício de piedade.

Que haverá nos silêncios tenebrosos de sua alma inquieta? Que filosofia será a do homem que enterra os outros? Que noções terá do Além e do Aquém? É governador de uma cidade estranha, onde cada um fala por escrito e outros emudeceram para sempre. De noite vigia o bairro. Choupanas, palácios, casebres, tudo é objecto de seu reparo, nada escapa ao seu olhar de lince. Não tem chave, tem gazúa. Os mortos receiam-no. Quando se aproxima, encolhem-se para que os não veja. É que seria horrível voltar à terra...

Nessas jornadas nocturnas, o coveiro medita e compara. Pensa nas castas, no sangue azul, nas hierarquias, e um sorriso irónico lhe emoldura o rosto parado. Emblemas... distintivos... insignias... paramentos... Que é isso, senão pó que a vaidade emoldurou? Na estranha cidade tudo se amalgamou, sob o signo da enxada. As honrarias tombaram, como folhas ressequidas. O orgulho rolou no pântano alimentado pela vaga. Só o coveiro se ergue no meio da voragem, hirto e silencioso, criador de legendas e numerador de corpos... É senhor de um mundo exótico que inspira receio e tanto lhe obedece o mausoleu como o jazigo.

Todos os homens têm horror à cova. Queriam ser imortais e vêem com pesar o enfraquecer das células e o rolar dos anos. E se soubessem que a todas as horas, minutos e segundos se abrem covas em seu organismo sempre a decompor-se... A combustão orgânica crepita sem parar. As células não se extinguem: dão lugar a novas

M NOVO LIVRO
SEGUINTE CAPÍTULO

VEIRO

células. Só o espírito... O coveiro sabe... O enterramento da matéria deu-lhe noções perfeitas da vida. Ele sabe que o espírito é imortal e que a Terra é morada transitória. E ri-se da cidade de mármore que governa, atira-lhe o seu desdém, porque — diz ele — tudo é podre e nauseabundo na biblioteca que arrumou. Da pompa dos féretros e da elegância da percalina só estrume resta devolvido à cova. A flor é pó; o fruto é dejecto. A condição humana sumiu-se na argila com a filáucia e a basófia. Adeus, jactância, adeus vanglória! Agora, o organismo é um relógio paralizado. Ninguém lhe pode dar corda. E como as peças são intransmissíveis, não servirão mais a outros. Cova com elas, terra em cima e um número ao alto. «Aqui jaz um fautor de impérios que a desgraça arrasou». Além outro relógio desconjuntado que em vez de número tem um pórtico: «Aqui jaz um arquiduque». Gloríola vã que nada acrescenta ao valor do homem!

— O berço doirado — pensa o coveiro — amimou-lhe o corpo e embotou-lhe o espírito. Mas os despojos são iguais. Os epitáfios são anúncios a tanto por tabela. O mármore consente os maiores opróbrios.

Há títulos ao contrário. É quando a alma é lama. Isto diz o coveiro e talvez esteja perto da verdade. Há almas torvas, sombrias como calabouços. Irradiam pus, humor pestilento. E quando o corpo se arquiva, legendas o enfeitam de rosas. O bondoso e o angélico se irmanam no mesmo epitáfio. O coveiro sabe... o coveiro sabe tudo isso. E anda silencioso e taciturno. Se ele tivesse forças para recalcitrar! Se pudesse caldear o mármore e o granito e substituir as legendas, que coisas espantosas não surgiriam!... Mas não pode. A humanidade continuará a manter o coveiro e ele a enterrar a humanidade...

Gosta mais dos mortos, que dos vivos, tão preso está ao seu mister! Aqueles não recalcitram, estão sempre de acordo com ele. Não aceita reclamações... Só tem que vigiar os ossos...

Cidades mortas... cidades vivas... todas têm o seu coveiro operoso e solícito. Onde é preciso enterrar, aparece de enxada ao ombro, com o mesmo ricto, o mesmo esgare duvidoso. Olha, ouve, cogita e lança qualquer coisa sobre a morte. Umas vezes, terra; outras vezes, lodo.

E sobre a vida, que lança ele? Que enxada empunha, que covas abre, que peitos quebra o coveiro? Todos o sentem e desejariam enterrá-lo primeiro. Todos o vêem, todos lhe tocam... e fingem ignorá-lo.

Há coveiros de homens e coveiros de impérios, coveiros de corpos e coveiros de ideias. Cada um brande a sua enxada na cola do objectivo. Quando uma cova se fecha, duas se abrem no cenário da vida. As almas assistem ao enterro, ouvem o *requiem*. Imprecações, revoltas, críticas acerbas, nada vem à superfície do rosto, que encara o fenómeno como coisa imanente.

Quem há aí que não tenha aberto uma cova? Que não tenha brandido a enxada, zurzindo alguém? Ou lançado terra ou lama sobre um vencido? Ou denegrido ou vituperado?... Coveiros de ofício ou coveiros amadores, todos são coveiros de enxada na mão para o arranque final.

E odeiam o coveiro, fogem de seus passos como de peste negra, quando melhor fora fugirem de si próprios. Assim haveria coerência.

Em certos campos há coveiros a mais e corpos a menos. As obras estiolam, as forças quebrantam e as covas surgem a cada passo, aliciantes e traiçoeiras. Vem a enxada e arrasa tudo. Outras obras se erguem, outros monumentos se constroem; e os coveiros, que pareciam ausentes, aproximam-se de olhar álgido e entram em função. Obras acima, obras abaixo. Covas que se fecham, covas que se abrem, porque o coveiro é necessário à criação.

Extraí o véu da letra para entender esta parábola. Grandes mistérios e grande sabedoria se concentram na alma do coveiro! Não é marco miliário, é pedra angular do edifício humano, que adora a vida e zomba da vida, da comédia de uns e da trajédia de outros. É o ponto final de todos os dramas desse mundo.

Aqui, os coveiros são diferentes. Um dia os conhecereis. Por enquanto interessa-vos a matéria falaz, que é felicidade ou desgraça de muitos. Por isso é preciso abrir covas, hoje e sempre, para enterrar os mortos da vossa morte. E lembrai-vos que depois de morta a humanidade, o coveiro ficará de enxada ao ombro a contemplar a sua biblioteca...

(De um novo livro ditado pelo espírito de LIA e recebido intuitivamente por Isidoro Duarte Santos).

Os factos entre nós

UM CASO DE CURA

Prezado amigo
Sr. Isidoro Santos

Escrevo estas simples palavras com o fim de testemunhar a minha gratidão.

É infinitamente reconhecido que agradeço ao meu prezado amigo a maneira como debelou o meu horrível sofrimento.

Peço mil perdões de ferir a sua modéstia com tão humilde agradecimento, mas a consciência exigia este dever de justiça.

Fico-lhe também muito grato pela publicação do relato que se segue, não como reclamo, pois não existe entre nós essa vaidade, mas apenas com o fim de esclarecer algum irmão doente com padecimentos semelhantes aos que me atormentaram.

Quando olhamos diàriamente para a triste e monótona série de doentes que conhecemos, ocorre-nos perguntar se a saúde perfeita é apanágio deste mundo, e se, racionalmente, se pode crer na existncia de um ente assáz feliz, por ter uma constituição perfeitíssima, uma vida, enfim, passada nas melhores condições fisiológicas.

Qual de nós poderá afirmar que possui uma saúde e um bem-estar ideal?

Não, este sistema terreno é de sofrimentos, bem o sabemos. Há atenuantes, como, por exemplo, os médicos, que com os seus medicamentos podem equilibrar a matéria modificada pela doença, dando-nos algumas vezes a saúde orgânica.

Isto, quanto à matéria.

E para males psíquicos?

Acontecerá o mesmo?

Deixo a resposta à vossa consciência, amigos.

No entanto, podeis analizar o que vou resumir respeitante a um caso de doença que me atormentou há três meses.

Sintomas:

1.º — Sufocações horríveis quando deitado para dormir;

2.º — Iguais sufocações ao iniciar as refeições, não podendo, portanto, tomar alimentos.

Recorri prontamente a um ilustre professor da Escola Médica.

Diagnóstico provável:

a) Mal no esófago (divertículo);

b) Doença no coração.

Para confirmar esse diagnóstico:

5 radiografias ao esófago e um electrocardiograma.

Entretanto, o sofrimento continuava a definhar-me, sendo notório o meu estado de enfraquecimento aos olhos de pessoas de família e dos funcionários da minha Repartição.

Um caso curioso:

Quando procediam ao estudo radiológico, uma sufocação atormentou-me, a ponto de manifestar uma força hercúlea, de que resultou avariar o aparelho de Raios X.

Todavia, declaro que no meu estado normal nem um décimo dessa força me podia ser atribuída.

Dias passados, compareci novamente no médico, com o fim de conhecer o resultado das radiografias e do electrocardiograma.

— Não vejo sintomas clínicos — disse o médico.

— Será nervoso? —, perguntei-lhe.

Mas não obtive resposta. Apenas me entregou um papel, onde se lia o seguinte medicamento:

Belagradon-papaverina — 1 tubo.

— Tome estes comprimidos — disse o médico, despedindo-se muito amigàvelmente.

Tomei alguns comprimidos de *Belagradon,* que me agravaram a doença.

Um dia deitei sangue pela boca. Não podia ser mal pulmonar, porque o médico me afirmou não sofrer de lesão alguma.

E nesta desorientação passei alguns dias de sofrimento.

Iniciei então um auto-estudo à doença.

Passei a observar-me.

Notei que, quando *deitado* ou às *refeições,* as sufocações apareciam. Porém, na posição horizontal e fora das refeições, nada sentia, senão astenia geral.

Com estes sintomas, não havia dúvida, tratava-se de um caso psíquico.

Recorri ao meu amigo Isidoro Santos, pedindo conselhos sobre o meu sofrimento.

Iniciou imediatamente um tratamento magnético.

No dia imediato, numa sessão do Centro Luz e Amor, a médium vidente, viu a actuação de uma entidade que me perturbava. Tinha morrido de tuberculose.

Pessoa alguma sabia o que

Livros de todo o Mundo

Comentados por RAMOS PEREIRA

145. ALMAS SEM MEDO, por *Guedes de Amorim*. Ed. Domingos Barreira, Porto.

Três novelas — mais três obras em que o Autor se continua mostrando o contista humano, de um realismo que, sendo «nu e cru», não é à Zola ou à Flaubert. Se é certo que o romance de Guedes de Amorim é superiormente equilibrado e pleno de dramatismo, o facto é *nós* o sentirmos mais completo no campo do conto e da novela. Parece mesmo que ele sente por este género literário uma atracção subconsciente mais viva. Não sei se o que vou dizer corresponde a uma verdade já sentida ou pressentida pelo Autor: — eu penso que o motivo fundamental desse interesse maior pelo conto e pela novela está no seu Amor ao «vivo», mas ao vivo que *o* é mesmo nos mais fundos recessos — o «vivo» que *o* é por ser feito de bruscos sobressaltos, de desmesurados estender de mãos, de gritos agónicos em todos os tons. O romance é a corda que se arremessa num longo e lento desenrolar de nós; o conto e a novela são os elásticos que se esticam num movimento rápido e que depois saltam para nos deixar nos dedos o ardor de uma coisa que veio, bateu e... foi. A novela está mesmo mais conforme com a sofreguidão móvel do viver moderno.

«Último Caminho», «Vidas na Rampa» e «Moínho Parado» é um tríptico que nós admirámos, incapazes de marcar o ponto em que a vida seria a ficção ou em que a ficção desnudava a vida. As figuras e as situações não são «criadas»; houve momentos em que tive a impressão de que se «impunham» ao Autor, como retalhos de dramas extranhos que tivessem entrado na sua alma pelos canais abertos do seu sentir de artista. O mineiro Albertino e Maria José, do «Último Caminho»; o enlouquecido João Duartete de «Vidas na Rampa»; Henriqueta e Guidinha do «Moínho Parado», entre outros, penetram-nos no pensar e no sentir e, mesmo depois de fechado o livro, ficam-nos a verrumar o ser, pelas ideias que o seu contacto nos gerou. O brilhante romancista de «Aldeia das Águias», se não tivesse já escrito os contos de «A Cidade e o Sonho», de «Patamar» e de «Anjos na encruzilhada», bastaria «Almas sem medo» para, no meu sentir, lhe conferir um lugar destacado entre os novelistas portugueses contemporâneos. E quantas vezes ele nos tem feito lembrar a singeleza da apresentação, a par da intensidade dramática dos fundos, que caracterizam os nórdicos, como Unset, Christiansen ou Sahuinen!

146. OS DEZ MANDAMENTOS, por *C. Tavares e N. Arueira*. Livraria Allan Kardec, S. Paulo.

Neste livrinho dedicado às crianças, os Autores consignam comentários adequados ao decálogo moisaico, mas coado já pela «confirmação» do Cristo. Oxalá, num futuro próximo, eles se entreguem à tarefa mais ingente de colocar o Evangelho ao alcance das mentalidades infantis.

147. TEMAS MUNDANOS E ESPIRITUAIS, por *António M. Alves de Lima*. S. Paulo, 1950.

Retalhos de prosa, de mistura com poesias, constituem uma obra de agradável leitura, que nos dá uma imagem da íntima personalidade do Autor.

148. DR. INÁCIO FERREIRA, PSIQUIATRA Y ESPIRITA, por *Natálio Caccarini*. Ed. Fiat Lux, Buenos Aires, 1951.

Trata-se de um pequeno opúsculo onde o Autor analisa a figura e obra do psiquiatra brasileiro Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberaba e autor do livro «Novos rumos à medicina», por nós já anotado nesta secção.

149. O FENÓMENO ESPIRITA, por *Gabriel Delanne*. Ed. da F. E. B. Rio, 1951.

Na sua tão louvável obra de divulgação dos grandes mestres do Espiritismo moderno, inclui agora a F. E. B. mais um livro devido ao génio de Delanne, que com Kardec e Léon Denis constitui a trilogia superior do pensamento espirita francês.

Depois de uma síntese da evolução histórica do Espiritismo, Delanne aborda a essência e forma do fenómeno supra-normal, acumulando factos onde o aliciante do descritivo não fica atrás da transcendentalidade da explicação causal. E fecha com a justa e necessária cúpula filosófica onde palpita inteira e viva a luminosidade da «doutrina de Redenção».

---

me acontecera e nesta altura informei os presentes de que já tinha deitado sangue pela boca.

Estava explicado o fenómeno da actuação da entidade. O tratamento adequado continuou diàriamente. E então, coisa curiosa:

As sufocações desapareceram, dando lugar a uma dor de estômago que, desta vez, aparecia na posição contrária: De pé, dores no estômago; assentado, imediatamente desapareciam.

Mais tratamento magnético, e hoje, graças a Deus, encontro-me bom, recuperando ràpidamente o peso que tinha perdido.

Repito, não tenho pretensões de fazer reclamo.

Relatei um caso que julgo estranho.

Parece-me que divulgá-lo será prestar esclarecimentos a algum amigo com doença, cujas causas tenham sido desconhecidas.

Lisboa 16 de Novembro de 1951.

José Cardeira Baptista

ECOS DO ALÉM...

VII

Abrimos um pequeno parêntese no nosso estudo, a fim de apresentar alguns relatos de outras fontes. Está em jogo a nossa probidade. Os que nos conhecem sabem que somos incapazes de subscrever afirmações gratuitas e que tudo o que dizemos é verdadeiro. Mas há muitos que o ignoram e poderão julgar que reclamamos a médium com fins ocultos, pondo em relevo a importância das mensagens. O que temos referido pode ser testemunhado. Os cadernos estão numerados e datados, ao alcance dos estudiosos. Não os negaremos a ninguém. Verão que omitimos interessantes pormenores esclarecedores de certos passos da obra e ficarão sabendo os motivos da omissão. Os diálogos que têm lido são a cópia fiel da verdade, mais perfeitos do que se fossem obtidos por taquigrafia. Nenhuma frase se corta; nenhuma frase se acrescenta. Admiramo-nos de poder captar inteiramente o que se profere na sessão, mas a realidade não deixa dúvidas a respeito.

Lia é a personagem fundamental, como não podia deixar de ser. Está cumprindo a sua promessa, dentro e fora deste Grupo, e as identificações são tão numerosas, que seria parvoice duvidar.

É altura de ouvir relatos diferentes que possam valorizar este livro. Vai falar o Dr. Álvaro Ramos Pereira, redactor de «Estudos Psíquicos» e sério investigador nada atreito a crendice. Ouçamo-lo:

«Nas minhas andanças de espirita por centenas de sessões heterogéneas e por vezes disparatadas, pude colher um número, embora restrito, de fenómenos, daqueles que constituem... «casos». A maior parte situa-se no campo da clarividência, mas neles avultam os observados em duas extraordinárias sessões com a sr.ª D. Maria Bacelar, tanto pela profusão dos pormenores, como pelas condições em que as sessões se realizaram, como pela perfeita justeza dos resultados.

«Na primeira que obsequiosamente me foi cedida, acompanharam-me, além de minha mulher e de um dos meus filhos, uma senhora amiga inteiramente desconhecida de D. Maria Bacelar. Passados alguns minutos de nos termos sentado, a vidente começou a falar.

«— Este menino teve há pouco uma doença... uma doença de garganta. Tem dormir inquieto. Fala de noite...

«— É verdade — respondi.

«— Mas uma de suas filhas vê... É uma criança que tem uma coisa no peito... Coração, isso mesmo, coração.

«— Efectivamente, os médicos diagnosticaram a minha filha mais velha uma doença cardíaca.

«— A menina vê. Às vezes chora de noite e acorda sobressaltada. Nunca deu pela presença de um espírito em sua casa, espírito de homem alto e magro? Não é mau...

«— Houve um médium que uma vez me disse o mesmo e nós próprios já sentimos essa presença.

«— Mas há outra criança. É uma pequenita.

«— Que vê nela, minha senhora? — perguntei.

«— É criança pouco vulgar. Gosta muito do senhor Ramos Pereira.

«— Talvez...

«— Gosta muito de papeis, de mexer em livros. É muito desinquieta.

«— Sim, isso é verdade. Que mais vê?

«— É esperta, muito esperta. Começa a falar muito cedo.

«E talvez porque não quisesse adiantar mais neste campo, D. Maria dirigiu-se directamente a mim e minha mulher, descrevendo-nos de um modo fiel e tão repleto de minúcias por nós sòmente conhecidas, que nos forçou a sorrir... É que lia em nós como se fôssemos livros abertos...

«— A senhora tem tido grandes desgostos — disse ela, dirigindo-se à senhora me acompanhava —. Vejo-a com um fato branco e mexer em dinheiro. Faz contas, mas vejo-a também com remédios. É enfermeira?

«— Sim, mais ou menos — respondeu.

«A delicadeza do assunto que depois se versou não me consente que eu faça uma descrição pública completa, mas declaro que em nenhuma das suas afirmações a grande clarividente se afastou da pura verdade. Factos da maior intimidade, inteiramente desconhecidos por D. Maria Bacelar, foram descritos sem uma falha ou um erro. Durante mais de uma hora fomos brindados com uma sessão de clarividência em que não sabíamos que admirar mais: se o poder da médium, se a sua simplicidade, se a forma polida com que os assuntos eram abordados e descritos.

«Quando saímos, eu não julgava que se pudesse ser mais perfeito... Faltava-me assistir a outra sessão, que eu reputo comparável às melhores em que brilharam as superiores faculdades de Osborne Leonard, Pascal Forthuny e tantos que se celebrizaram nos horizontes da clarividência.

«Reunidos em casa de pessoa amiga, depois de uma breve concentração D. Maria Bacelar disse que via junto de mim um meu protector espiritual já seu conhecido, «Abdaliah». Esta afirmação sugeriu-me uma ideia, se bem que o motivo da reunião não tivesse qualquer ligação com ela.

«— Os meus amigos do Além conhecem a minha forma de pensar — disse eu —. Sabem que antes de tomar as minhas resoluções não costumo solicitar-lhes qualquer sugestão ou aviso. Não é por orgulho; é pela convicção de que só a mim compete a responsabilidade dos meus problemas. Pela primeira vez, vou rogar-lhes que me digam, por intermédio da D. Maria, o que pensam do momento que atravesso.

«E, mentalmente, expus o que desejava. Nenhum dos assistentes, à excepção de minha mulher, conhecia os factos e essa mesma ignorava as perguntas que eu iria fazer, pois que eu próprio, antes da sessão, não pensava em formulá-las.

Momentos depois, D. Maria começava:

«— Ouço dizer: «Terás o que pretendes». Mas... vejo-o chorar. Isto significa que sofrerá para alcançar o que deseja. Não desespere. Vencerá.

«— Eu sei, minha amiga.

«— Vejo-o em frente de uma secretária. O sr. está de pé. Há um homem sentado.

«— Como é ele?

«— Espere um momento. Se me mostrarem...

«— É homem de idade?

«— Não. É um sujeito alto, com boa figura. É pessoa de meia idade. O sr. pede-lhe qualquer coisa. Uma das suas pretensões depende dele.

«— É verdade.

«— Mas vejo um outro ao lado dele.

«— Distingue-o?

«— Agora... É baixo, cheio. Diz-lhe coisas ao ouvido.

«— Está certo.

«— O que ele diz prende-se com o sr. Ramos Pereira. Pensam em mandá-lo para o estrangeiro?

«— É facto.

«— Agora vejo um livro, grande e volumoso.

«— Livro impresso?

«— Não. Mão magra está escrevendo. Tem estes dois dedos queimados (e indica o polegar e o indicador). A pessoa escreve até muito tarde e fuma muito.

«— Não vê quem escreve?

«— É o senhor. Distingo-lhe esta parte — diz-me ela, apontando os olhos e a fronte —. Tinha hesitações, mas depois voltava a escrever muito depressa.

«— Tudo isso é verdade.

«— O sr. era ajudado. Havia dois espíritos ao seu lado. Um deles passava-lhe as mãos pela cabeça. Quer publicar esse livro?

«— Sim...

«— Mas o sr. não está satisfeito...

«— É verdade.

«— Não é por causa desse livro que resolveu não aceitar a ida ao estrangeiro, mesmo que lha ofereçam?

«— Sim.

«— Esse livro está ligado a estudos grandes. Não são coisas de Espiritismo. São coisas do curso que tirou.

«Devo esclarecer que há cerca de dois anos iniciei estudos que me levaram a escrever um trabalho para apresentar a um professor da escola que frequentava. O pouco tempo de que dispuha obrigava-me a aproveitar as noites, mantendo-me à secretária até às duas e três da madrugada. Houve domingos em que escrevi das 8 às 24 horas, com ligeiros

intervalos para as refeições. Só assim me foi possível completar em três semanas um trabalho que consumiu perto de trezentas páginas de papel, formato 20×26. Naturalmente que tive muitos momentos de desânimo, de cansaço e de hesitação. Era então que me vinha aquela viva sensação de que não estava só, de que mãos etéreas me passavam ao longo do cérebro, afastando fraquezas e dúvidas. Terminado o curso, pensei em vários temas para concorrer a outro grau universitário, até que a minha escolha recaiu no trabalho atrás referido. Para o aperfeiçoar, venho trabalhando e trabalharei mais um ano, pelo menos. Tudo isto é verdadeiro, tem testemunhas oculares e foi, em resumo, visto pela médium!...

«— Há um homem novo que anda muito consigo — continuou D. Maria Bacelar —. Aperta-lhe muitas vezes a mão... É seu colega.

«— É possível; mas como há vários... Distingue-o bem?

«— É moreno, mais baixo que o senhor. Andou consigo no Instituto. Teve qualquer coisa numa perna. *O senhor ajudou-o nos estudos.*

«— Talvez... — repliquei —; mas sendo quem suponho, ignoro se teve qualquer afecção numa perna.

«— Ele não é forte de pulmões.

«— Sim, eu sei que ele esteve assim... um tanto ou quanto enfraquecido... Mas o pormenor da perna...

«— Esteve até de cama...

«— É possível, não digo que não. Perguntar-lhe-ei.

«Efectivamente, no dia seguinte, o meu colega e amigo confirmava-me que anos antes fora obrigado a recolher à cama por virtude de uma queda em que magoara uma perna com certa gravidade! Quando lhe contei o motivo da pergunta, foi nítido o seu pasmo... tão grande como o meu, pois que via a médium acertar até neste pormenor.

«Dirigindo-se depois a outros assistentes, D. Maria Bacelar teve mais visões absolutamente confirmadas. No que me respeita, não só todas as suas palavras estavam certas, como tudo se ligava, numa cadeia lógica, à questão que eu mentalmente propusera ao Guia, que, no seu dizer, estava presente, se bem que eu não pensasse nas minúcias, surpreendendo-me de cada vez que a médium as fixava.

«Repito: para mim, foram duas sessões memoráveis, daquelas que o espírito guardará para sempre; para mim, tive duas sessões com uma clarividente extraordinária. *Pena tenho de não poder relatá-las completamente, porque mais teria o leitor para se admirar e negar o lugar comum repisado de que «em Portugal não há médiuns como no Brasil ou na Inglaterra»...*

É tão eloquente o que aí fica, que dispensa comentários. Ramos Pereira, espírito culto e sagaz que tem conhecido muitos médiuns nas suas sondagens do Além, homem de honra cuja inteireza moral se reflecte em suas palavras, sempre disposto a afrontar o preconceito para que a verdade realce à luz do sol, obteve provas irrefutáveis que o admiraram pela veracidade e afirma-o com desassombro igual à sua noção de justiça. Isto não é reclamar um médium, é verificar um facto. Nós também andámos na peugada de fenómenos que baseassem a convicção formada através de leituras preciosas, e muitas vezes a desilusão foi o prémio vil do nosso esforço ordenado. Médiuns havia, cujas faculdades excediam a craveira normal, mas que se retraíam, refractários ao testemunho que era preciso dar. E por isso resolvemos apoiar-nos a trabalhos alheios, que o próximo era tão sério como nós. Até que a morte nos levou um braço inesperadamente e nos vimos em dificuldades de toda a ordem. A sobrevivência não era dificuldade para nós. Lia havia partido e no mesmo dia dava o alerta aos que ficavam, de forma tão exuberante e categórica, que não admitia dúvidas. D. Maria Bacelar reforçou o que sabíamos de nossa companheira e cimentou-nos a base, tornando-a inabalável. Por isso nos é grato arquivar testemunhos outros, para que o nosso trabalho se valorize no mercado das afirmações.

Agora é D. Aurora Aleixo que fala. Reside em Lisboa e é uma senhora sincera e correcta e amante da verdade. Ouçamo-la, que muito haverá de extraordinário na sua exposição:

«Certo dia — diz ela — resolvi falar com D. Maria Bacelar, médium clarividente de seguras faculdades, segundo

ouvira dizer a várias pessoas. O objectivo principal da minha visita era conhecer certos pormenores da doença de meu irmão e confesso que tudo o que me foi dito durante a sessão me impressionou profundamente, se bem que espírita de há muitos anos.

«Julguei que seria necessário mostrar-lhe um retrato de meu irmão, mas verifiquei no momento que o havia esquecido com grande surpresa minha. Todavia, D. Maria Bacelar pôde descrevê-lo, feição por feição, dizendo qual a sua doença e avisando-me até de que eu não devia insistir com ninguém a fazer operações, pois que essa decisão só aos interessados competia.

«Na realidade, tinha sido eu uma das pessoas que mais instara meu irmão a submeter-se a uma operação, embora, é claro, me animasse a melhor das intenções.

«Mas aquela senhora tocou ainda noutros assuntos, sempre de modo minucioso e correcto. Referindo-se a uma sobrinha que tenho, descreveu o seu penteado que, por certas circunstâncias, só a família conhece e, ainda, que ela desejava muito possuir uns sapatos brancos. Na verdade, logo que chegou a Lisboa, disse-nos:

«— Comprem-me uns sapatinhos, um chapéu e umas luvas, tudo branco, para ir a uma procissão.

«Falando para minha irmã Maria de Guadalupe, que me acompanhava, disse que ela estava a escrever um livro, uns contos, o que corresponde inteiramente à verdade.

Um dos factos que mais me impressionaram foi ter-me declarado que eu, havia pouco tempo, tinha visitado um rapaz míope que falava muito e vivia numa casa pequena e que no seu quarto de dormir havia caminhas de criança. Ora, dias antes, eu fora a casa de Ramos Pereira, a quem aqueles sinais se ajustam perfeitamente.

«D. Maria Bacelar afirmou ainda que via junto de minha irmã uma rapariga alta, loira, de olhos azuis, que se chamava Lurdes. Respondi que com essas características só conhecera uma antiga aluna do liceu, de nome Maria de Lurdes, D. Maria afirmou ser essa a jovem que via e que ela lhe pedia para me transmitir que há muito tentava fazer-se notada por mim, mas que só agora eu dava por ela. Recordei então que, muitas vezes sonhara com a minha falecida colega. Os sonhos continuaram por algumas noites, sendo frequente eu contá-los à minha família, sem saber explicar a sua causa, se bem que Maria de Lurdes houvesse sido uma das minhas grandes amigas.

«Descreveu-me ainda não só características de meus pais, como particularidades da minha vida que eu há muito tinha esquecido.

«Foram três horas de sessão, durante a qual as minuciosas descrições se acumularam, acerca de factos que só quem tivesse convivido comigo durante muitos anos poderia conhecer, e não é este o caso de D. Maria Bacelar.

«Devo dizer que, segundo declaração de Ramos Pereira, a médium nunca fora a sua casa e ignorava em absoluto que entre nós existiam relações de amizade, desde os tempos do liceu».

Estes dois relatos são edificantes e estamos satisfeitos de poder transcrevê-los aqui. O conjunto fica mais harmonioso e o leitor sente-se melhor para avaliar o que lhe dizemos.

★

Em 15 de Novembro, a sessão foi de outro género. Assistem João Amado Venâncio e a esposa, D. Mimosa, dois excelentes amigos de Porto Alegre que se encontravam em Portugal. D. Maria Bacelar revelou o carácter de ambos com grande rigor psicológico, apesar de os não conhecer nem deles ter ouvido qualquer pormenor que a pudesse elucidar.

— Vejo aquela senhora (D. Mimosa) a chorar por um homem idoso... muito longe... fora daqui... e ao pé dela um rapaz novo que estuda. Hão-de estar de luto. Noto gente de cor. Parece que é na casa desses senhores... uma loja com duas portas... com coisas que exportam por vapor, pois vejo homens que trazem coisas às costas. Aquele sr. (Venâncio) é muito activo, muito mexido. Ouço dizer: «Há uma luz no caminho de todos. Quem a seguir terá ganho». Tem mediunidade de incorporação e é muitas vezes actuado. Muitas vezes, mesmo. Vejo-lhe duas mãos nos ombros. Tem bom pensamento e vontade forte...

E após ligeira pausa:

— A Gena tem uma grande luz na cabeça...

Depois voltou ao casal Venâncio:

— Onde foram deixaram saudades. São amigos. Vejo um arco a envolvê-los aos três (Isidoro e casal Venâncio). Vejo-os trocar dinheiro. Foram os dois (Isidoro e Venâncio) a um escritório a tratar de assuntos comerciais. Parece que também foram a um Banco... E oiço dizer: «Está bem encaminhado. Resta ver agora lá... Por Deus tudo há-de ir bem». Há lá uma senhora que os espera e fala com o rapaz novo, de cabelo castanho escuro e olhos pretos e cujo pensamento está aqui. Ele costuma pôr o pé na parede quando está em pé... Dobra uma perna e encosta o pé à parede. Parece que é alegre. Vejo muita gente, longe, muito longe... e há um padre que persegue aquele sr. (Venâncio). Um padre que tem saias até aos sapatos e uma coisa vermelha... Já o tem transtornado em negócios e na doutrina.

— Vê mais alguma entidade espiritual? — perguntei.

— Vejo a D. Maria junto da Gena. Este lado está todo iluminado.

A Gena é actuada. Ergue o braço e acarícia-me a cabeça, enquanto a médium elucida:

— Há uma luz doirada e está aqui a tal criancinha com a D. Maria. A Gena também é médium de incorporação. A D. Maria põe-lhe o dedo na testa e passa-lhe as madeixas pelo rosto.

A Gena encosta a cabeça ao meu ombro e eu sinto que Lia vai falar.

— Estás contente? — inquiri.

A Gena abanou a cabeça afirmativamente e a seguir a médium informou:

— Vejo um «eléctrico» passar junto à casa desta senhora e uma criança ao colo dela... Mas não é filha... Vejo a Gena a falar como médium...

Momentos depois a Gena exclama em semi-transe mediúnico:

— Olha! Estou aqui. Aqui, ao pé de ti. Sim! Estou aqui. Estou muito contente de estar ao pé de ti!

João Venâncio não se contém ao ver a Gena transfigurada:

— Minha amiga! Mais uma vez nos encontramos, como se estivesses realmente em nossa companhia.

A Gena continua de olhos fechados.

— Eu não posso falar-lhe (ao Venâncio). Fala tu por mim. Agradece-lhe muito, sim? Agradece muito por mim. Ainda não há força para eu falar. Fala tu por mim. Estou muito contente. Oh! Eles são tão bons! Tão bons! Oh! Muito amigos! Muito amigos!...

D. Maria Bacelar intervém:

— Ouço dizer: Não há palavras para agradecer a verdadeira amizade».

E a Gena prossegue:

— Custa-me a falar. Custa. Mas hei-de falar muito. Hei-de. Oh! Hei-de falar muito para ti! Muito!... Vamos devagarinho. Chega-se lá...

— Tens acompanhado os meus trabalhos?

— Sim. Sempre. Eu também tenho trabalhado muito...

— Onde?

— Neste lugar. Há muitos lugares. Eu estou num deles. Já estiveste pior. E eu, cada vez melhor. Cada vez trabalho mais.

— Custa-te a falar pela Gena?

— Custa. Mas é natural. Já hoje falei muito.

— Onde?

— No caderno (refere-se à Mensagem que eu recebera de manhã). Mas também quis falar aqui.

— Não podes continuar?

— Posso. Mas não convém.

— Há muito tempo que aqui estás?

— Vim logo.

— Não queres dizer nada ao sr. Venâncio?

— Queria, mas não sei se terei meios para isso...

A fala da Gena é quase imperceptível, como candeia que se esgota.

— Não estás mais calma?

— Mas é difícil falar para ele. A força é pouca e pode faltar. E eu fico mal...

A Gena está como que adormecida e D. Maria Bacelar retoma a clarividência.

— Aquela senhora tem uma luz azul na cabeça. Gosta de dar aos pobres. Já tem dado roupas e dinheiro. Tem uma casa grande... cadeiras estofadas... carpetes... uma estatueta na mesa... Já tem trabalhado como médium, numa poltrona... Mas é longe... Há bancos ou cadeiras onde se sentam... E aparece agora uma mulher de cor com o lenço amarrado à cabeça... E diz: «Já falei e quero falar mais. Eu sou boa». É gordinha... Há muitos espíritos bons que querem falar por

esta senhora (D. Mimosa), porque é boa e atrai os bons. É muito condoída. Tem qualquer desgosto e chora. Já tem levado má paga, mas não se importa. Segue o seu caminho. O mal fica com quem o faz...

Depois de revelar particularidades muito curiosas da vida dos nossos amigos, acrescenta:

— Vejo um carro à porta deles. Não parece automóvel. Parece uma carroça a carregar coisas. Tem uma roda amarela e vermelha...

E mudando de tom, para João Venâncio:

— O sr. costuma andar em mangas de camisa de um lado para o outro e tem pessoal sob as suas ordens... Já lá andou gente à roda da porta com más intenções... Ali perto não há um jardim com relvado, onde brincam crianças vigiadas por mulheres com punhos gomados?

O que aí fica é impressionante. Os nossos amigos de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, estavam admirados e não tinham palavras para traduzir o que sentiam. Ler um relato é uma coisa e ser protagonista é outra. Assistir à revelação de coisas íntimas, inteiramente ignoradas dos assistentes e ver o carácter exposto em frases incisivas, como pinceladas de água forte, é de confundir os próprios estudiosos. Foi o que sucedeu com eles. Eu também fiquei impressionado com a actuação da Gena; tão impressionado, que não pude suster a emoção. A presença de Lia era evidente aos meus sentidos. Que grande momento aquele!... Como eu desejaria vê-lo repetido muitas vezes!...

★

Em 22 de Novembro, novas impressões me dominaram. D. Maria Bacelar vê-me num barco, muito longe. Subo uma escada pequena, sem forro, escorrego e bato com o peito... E vê também um retrato dentro de uma carta para minha mulher...

— Veio nesse barco?

— Não. Foi de terra, mas distante. E vejo também uma carteira... Parece uma prenda... Ouço dizer: «recordações». D. Maria era médium e tinha atrás a figura de um homem muito trigueiro, de olhos vivos e brilhantes e uma chama doirada. Era um espírito muito elevado. Passava a mão pelo seu ombro e o espírito dela tornava-se mais leve com esse contacto. Fundiam-se os dois. Este espírito acompanhou-a no desprendimento. Ouço uma voz dizer: «Maria!» e ela abrir os olhos e vê-lo. Ouço dizer: «Não querias vir?». «Não, — diz ela — mas agora bendigo a hora em que vim»... Ela nem sempre teve a cabelo cortado. Depois é que o cortou. E era grossa a trança. E tinha o cabelo preto, comprido e farto... Quando o sr. tenente a conheceu tinha o cabelo comprido... Vejo-a naquele retrato, viva... Fecha a boca... mexe os olhos... Do retrato sai uma claridade branca que se dirige para si...

Eu não ousava abrir a boca. Estava assombrado.

— Também era médium intuitiva e via longe, no futuro, antes das coisas acontecerem... Previa. Era recta e sensata. E boa dona de casa, amiga de poupar... Fazia muitas contas antes de proceder...

O ambiente da sessão era de grande expectativa. E D. Maria Bacelar modifica o semblante:

— Gostava de dar, mas não era a todos... Gostava de dar a quem necessitava... Tinha infamação no abdómen... e leve prisão de ventre... E o sr. não lhe fazia passes?

— Muitos.

— Ela sofria e não se queixava. Vejo-lhe o sofrimento, mas vejo-lhe a boca fechada. Não se queixava, não. Gostava de ir para o campo e sentar-se na relva. Agora vejo-a muito concentrada, a escrever a uma secretária. Era enérgica...

Tudo isto era verdade, meu Deus, nos pequenos e nos grandes pormenores: a queda na escada, o retrato, o cabelo, a mediunidade, o escrúpulo que punha na esmola, a inflamação e os passes magnéticos... A emoção apoderou-se de mim e não pude articular palavra. A mesma emoção estranha se apoderou de mim agora, quando escrevi estas palavras. Um pranto convulso que me custou a dominar. Mas depois serenei e fiquei tranquilo, como se um fluido suave me percorresse todo...

(Continua)

I. D. S.

Francisco Cândido Xavier
NA INTIMIDADE

I

(O artigo que vai ler-se é uma das melhores biografias do conhecido médium brasileiro que tantas obras psicográficas nos tem dado e foi publicada no jornal «Síntese», de Belo Horizonte)

O primeiro dever de quem se propõe a discorrer sobre uma pessoa, cuja vida passa a interessar o domínio público, é o de apresentar essa mesma pessoa àquele que ouve a narração.

Ora, o Sr. Francisco Cândido Xavier é o portador desse interesse teu e meu — caro leitor.

Principiemos por onde todos começam sempre: o Sr. Francisco Xavier é um moço de trinta anos (1), mais ou menos, moreno, de compleição robusta, olhar penetrante e inteligente, maneiras extremamente polidas, gestos calmos e expressivos.

Logo ao primeiro contacto com ele percebe-se que o moço possui óptimo coração e carácter íntegro.

Sua voz é agradável, natural. A simplicidade é o traço predominante, por excelência, na pessoa do Chico, como todos o chamam. Não existe nele indício algum que revele distúrbios mentais ou inclinações marcadamente «místicas».

Retirando-lhe as manifestações mediúnicas, nenhuma outra anormalidade se lhe nota, tanto no físico, que é bastante saudável, como no psiquismo.

Francisco Xavier é muito sociável, comunicativo, amigo da boa palestra, aprecia muito a música, as amizades inteligentes, as afeições sinceras. Até à presente data nunca pessoa alguma lhe notou um gesto de impaciência, ou uma palavra de mau humor.

Ama a vida, cuja beleza exalta.

Seu desprendimento pelo dinheiro e pelas coisas materiais do mundo é simplesmente edificante; não desaprecia o relativo conforto, porém *não lhe faz culto.*

Veste-se com a máxima sobriedade. É extraordinàriamente asseiado.

Sua família ama-o como a um verdadeiro pai. É tido por todos os que o conhecem como um padrão moral.

Como funcionário público é modelar, tanto no conceito dos companheiros, como no dos chefes da repartição.

Pedro Leopoldo, pequena cidade mineira, distante 48 quilómetros de Belo Horizonte, serviu-lhe de berço.

É aí, nessa pacata e gárrula cidade, que o médium mora e sempre morou.

Toda a cidade o conhece e o viu crescer. Escusado será dizer-se, leitor, que Francisco Xavier é a pessoa mais importante de sua família, a que assiste, paternalmente, com seus trabalhos e conselhos.

Actualmente, exerce ele o cargo de dactilógrafo da Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo, onde percebe quatrocentos cruzeiros mensais. Na repartição funciona, de preferência, no gabinete do Director — o Dr. Rómolo Joviano — que sobremodo o estima. É que Francisco Xavier impôs-se, desde os primeiros momentos, na opinião justa daquele operosíssimo chefe. Conquistou-lhe a confiança, com a sua dedicação ao trabalho. O passado, porém, do Sr. Francisco Xavier é muito mais modesto, senão vejamos: o moço é filho do casal Maria São João de Deus-João Cândido Xavier, ela já falecida; ele, presentemente, viúvo, pela segunda vez, de D. Cidália Baptista. O Sr. Francisco Xavier conta ao todo 15 irmãos, dos quais nove do primeiro casamento, e seis do segundo.

No momento em que traço estas linhas, a família do Sr. Francisco Xavier, a que realmente vive sob o seu tecto, é composta de dezoito pessoas. É que, com a morte de dois irmãos seus (José e Mundico Xavier), teve o médium que arcar com a manutenção das viuvas e dos filhos desses dois irmãos.

O tronco de tão numerosa família é o Sr. João Cândido, homem alquebrado pelos anos de luta; ganha o pouco que se pode conseguir com o comércio ambulante de bilhetes de lotaria, em uma cidade de modestos recursos, como é Pedro Leopoldo.

Resumindo, acrescentarei: toda a família Xavier trabalha para auxiliar a manutenção da casa, inclusive as moças e crianças.

Como o ganho dessas moças é muito pequeno, e o de seu progenitor ainda seja menor, fica o médium Francisco Xavier com a maior parcela na despesa do lar.

Entre os 4 e 5 anos de idade, a morte roubou-lhe o carinho materno.

Orfão tão cedo, sem carinho, ausente, constantemente, de casa, o pai às voltas com o serviço, foi o pequeno entregue aos cuidados de uma senhora do lugar — D. Ritinha Correia.

Dois anos e tanto permaneceu ele em companhia dessa senhora.

Aos sete anos contrai o pai segundas núpcias.

Chico Xavier encontrou na madrasta a mais santa das mães, perfeita em amor, sacrifício, dedicação!... Esta reuniu, em torno de si, toda a irmandade dispersa, tornando-se credora, pelos seus extremos, da gratidão de toda a família.

Os estudos do médium não foram além dos que são ministrados no curso primário de um grupo escolar. Curso de criança pobre, que mal tem tempo para meninice e brincar...

Aos doze anos terminou o menino, com enormes sacrifícios, o curso escolar.

A partir dessa idade, redobraram-lhe os sofrimentos. É que, em virtude da precária situação económica dos seus, viu-se o petiz forçado a abandonar os estudos para ir competir com as outras crianças, na fábrica de tecidos, no ganho dos minguados ordenados que lhe assegurassem o pão. Ainda hoje é ali, naquele estabelecimento fabril e na qualidade de simples operário, que as irmãs de Francisco Xavier auferem os recursos com que auxiliam o custeio da casa.

(1) Esta biografia foi escrita em 1944.

Se a bondade do leitor me permitir, eu farei um ligeiro parêntesis para relatar o seguinte: sempre que vou a Pedro Leopoldo hospedo-me na casa de Chico Xavier. Adquiri esse hábito desde 1938. Faço-o porque muito amo a pobreza encantadora daquele ambiente, sua atmosfera saturada de bom humor, de esperança em Deus.

Chico Xavier nunca se deita sem que todas as irmãs tenham chegado.

Faz questão de ser o último a correr os ferrolhos da porta.

Enquanto espera, conversa com os parentes, responde cartas, põe a vida em dia. Os serões da fábrica terminam à meia noite. As operárias, todavia, têm que vencer longa caminhada, pois a fábrica está situada num dos recantos da cidade.

Via de regra o moço vai ao encontro das irmãs, à saida da fábrica.

era boa, começou a declinar muito desde esse tempo. Datam também dessa época penosa, as primeiras escaramuças experimentadas pelo garoto com a fenomenologia mediúnica.

Suas noites de vigília não tinham conta. Aos íntimos não oculta o médium o rosário de padecimentos acerbos, as mil angústias, as confusões enormes que lhe povoaram a vida nos primórdios do seu mediunismo.

Os espíritos, muito mais do que as dores de dentes e de ouvidos, não o deixavam pregar olhos! Assustavam-no horrorosamente; induziam-no ao suicídio; esforçavam-se para convencê-lo do acerto dessa medida.

De manhã, ainda em jejum, corria o inexperto menino à procura do padre, a quem relatava, em lágrimas, as visões entrevistas e conselhos recebidos.

Longe, porém, de receber os esclarecimentos almejados e de

morte prematura da madrasta, que deixara no mundo *mais seis pequenos orfãos*, trouxe para o mocinho sérios embaraços.

Quem substituiria a morta junto das crianças pequenas?

A solução tinha que ser aquela: — Chico Xavier. O pequeno havia entrado nos seus 14 anos; estava, portanto, em idade de gerir a vendola do seu padrinho, o sr. José Felizardo Sobrinho, situada nos cómodos da frente da sua própria residência. Assim, *poderia ele atender aos dois misteres:* a venda e aos irmãos pequeninos:

Fixou-se-lhe o ordenado — umas duas ou três dezenas de mil reis mensais.

Foi naquela vendola, servindo aguardente e cerveja, na sua função de caixeiro caipira e inexperiente, que o «Globo» do Rio o foi surpreender em 1934, quando de suas lembradas reportagens

Por CÉSAR BURNIER

Não que lhes falte companhia, pois as operárias recolhem-se aos bandos. Mas porque isso muito agrada ao sentimento fraterno.

Ele é extremosíssimo para com os seus. Ora, eu mesmo, em várias ocasiões, já lhe fiz companhia durante o tempo em que ele aguardava o regresso de Lucília e Cidália.

Tive, assim, oportunidade de ver essas mocinhas chegarem encharcadas pela chuva, às vezes sob o mais intenso frio.

Mas nunca as vi regressar contrariadas ou denotando o menor indício de desânimo. Bem ao contrário, vendo-as entrar, com um alegre sorriso nos lábios, tinha a impressão de que elas vinham de um baile, de uma festa agradável. É esse, amigo leitor, o retrato psicológico do ambiente em que vive o discretíssimo «intérprete de Humberto de Campos».

Agora, depois desse aditamento, vou fechar o parêntesis. Prosseguirei partindo daquele trecho em que justificava os motivos porque tão cedo Francisco Xavier deixou os estudos e ingressou no estabelecimento fabril da sua terra.

Aos 12 anos, como disse acima, o menino entregou-se aos serões (sempre os serões) da fábrica de tecidos. Sua saúde, que já não

ouvir conceitos que se afinassem com o Amor de Jesus, recebia a infeliz criança prescrição de penitências estúpidas (perdoem-me o termo).

Era com essa terapêutica que o padre julgava possível afastar o demónio... Santa ignorância!

E impossível resumir aqui, em meia dúzia de frases, o relatório singularíssimo que Chico Xavier nos faz dessa quadra da sua existência. Depois de muito penar — diz-nos o médium — «supliquei à alma de minha mãe que se condoesse de mim e junto de Deus intercedesse em favor do filho pobre e desamparado que o «Demónio» escolhera para sua vítima. Não havia outro recurso: ou minha mãe me socorria, ela que tanto me amava, ou eu me mataria mesmo»...

Depois dessa súplica — pondera Francisco Xavier — «comecei a distinguir a voz do meu guia. Que alívio! Quanta misericórdia havia em seus conselhos! Não eram mais incentivos ao suicídio que me feriam o ouvido; eram palavras de esperança, de coragem, que me faziam feliz!». O certo é que, com o correr do tempo, a mediunidade de Francisco Xavier foi-se aprimorando cada vez mais, até se transformar no esplêndido potencial que representa hoje. A

tendo por objecto o seu notável mediunismo.

Sabe o leitor qual o resultado dessa propaganda de «O Globo»? A vendola teve que cerrar as portas, porque o sr. José Felizardo Sobrinho, seu proprietário, faliu!

De certo, quem se abalançaria, depois de tantas revelações do outro mundo, ir até ali refrescar-se com um gole de espírito... de vinho? Fugiram, amedrontados, os poucos fregueses, enquanto o pobre Chico, sem pão e sem emprego, lamentava, a um canto, a bisbilhotice humana.

Felizmente, lá para o ano de 1935, um amigo caridoso, o sr. Fausto Joviano, obteve-lhe o cargo que o médium exerce ainda hoje na Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo.

O novo emprego representava-lhe àquele tempo, nada mais, nada menos, que 140 mil reis mensais!...

Nos períodos precedentes falei sobre a vida privada do médium, o seu meio familiar, a sua cultura, etc.; historiei com pormenores, a génese da sua mediunidade. Cabe-me agora fixar outros aspectos seus, como sejam: *a maneira pela qual ele recebe as comunicações* e, finalmente, entrar na apreciação dessas mesmas comunicações.

Preocupemo-nos, por ora, com aquele primeiro pensamento. Todas as comunicações são recebidas na casa existente ao lado da em que reside o médium, local justamente em que se realizam, às terças e sextas-feiras, as sessões noturnas em que Chico Xavier funciona como médium principal do «Centro Luiz Gonzaga». Nos fundos desse prédio residem duas cunhadas suas, ambas viuvas, e os filhos destas senhoras, em número de 5. A sede do «Centro Luiz Gonzaga» constitui-se de um cómodo regulamento grande, coberto de telhas, sem forro, no meio do qual se vê uma mesa comprida, tosca, circundada por dois grandes bancos de madeira.

A mesa é coberta por uma toalha de algodão branco e mostra, bem ao centro, o desenho de um nome — *Emmanuel* — bordado, em caracteres grandes, a linha vermelha.

Do tecto, projectando-se sobre a mesa, pende um fio comprido, a cuja extremidade brilha uma lâmpada forte.

No espaço que fica ao lado da mesa, (o outro lado desta fica quase encostado à parede), vêm-se tamboretes, caixotes de querozene, malas de madeira desconjuntadas. São os móveis, direi melhor, as cadeiras em que o público se acomoda. A pobreza do Centro é extrema.

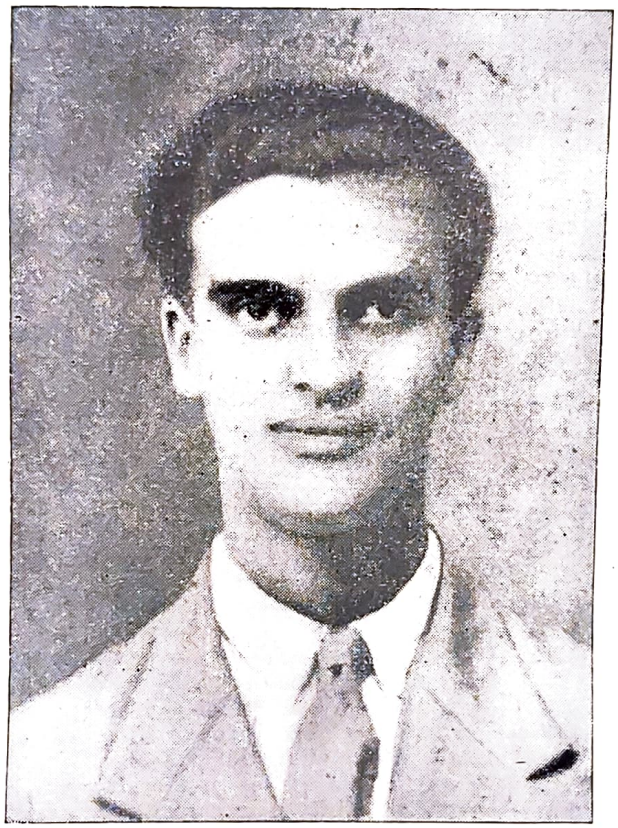
Pavimento a tejolo requeimado, alto e bem arejado, o cómodo, apesar da sua simplicidade, é muito simpático e agradável.

São frequentadores do centro: pretas velhas, soldados, funcionários da estrada de ferro, amigos do médium, tropeiros; enfim, gente de condição humilde, simples, gente ávida de consolo e de esperança... Quem preside aos trabalhos é um moço da localidade, o sr. *José Martins*, sapateiro de profissão.

De suas orações e linguagem, inteiramente desprovidas de artifícios, transborda muito fervor e convicção. O sr. Martins tem pouca instrução. Vive — como já disse — de bater sola de manhã à noite. Mas é no tocante ao evangelho, de cultura invulgar. Poucos se lhe aproximam.

As sessões do Centro começam às 20 horas, terminando, quase sempre, às 22.

A disposição dos assistentes é a seguinte: o presidente dos trabalhos ocupa a cabeceira, o médium à sua esquerda, ao lado; em frente do médium localiza-se o dr. Rómolo Joviano, (director da Fazenda Modelo e amigo do sensitivo); em seguida vêm-se as visitas e todos quantos queiram formar a «corrente psíquica» para os trabalhos.



Francisco Cândido Xavier

Nas malas, tamboretes, caixotes, etc., assentam-se os demais assistentes.

Nem sempre os espectadores apresentam a mesma fisionomia social. Constantemente aparecem ali outros semblantes bem diferentes: médicos engenheiros, banqueiros, literatos, jornalistas, funcionários públicos, estudantes, etc. Muitas senhoras de Belo Horizonte e cercanias costumam frequentar o Centro. Às vezes surgem dois, três ou mais automóveis à porta e enchem, com o alarido das suas vozes femininas, o silencioso salão em que os espíritos se comunicam. Nas sessões do Centro só não deparei ainda, até aqui, pelo menos, com a fisionomia de padres...

Nem todos os consulentes — devo frisar bem — nem todos os consulentes agem com desassombro. Numerosos procuram o médium às ocultas — direi por exemplo — sem tempo para que possam tomar parte nos outros trabalhos públicos...

Chico Xavier é a criatura mais indulgente da terra. Acha tudo isso natural e evita conversar sobre o assunto; pede mesmo que silenciemos a respeito. Jámais, por seu intermédio, soube alguém o nome deste ou daquele amigo apressado, que o procurou em momento de aflição...

No «Centro Luiz Gonzaga» as sessões têm início, invariàvelmente, com uma prece, feita pelo presidente.

Os trabalhos mediúnicos variam. Tenho que distinguir duas espécies de sessões ali: a de *evangelização* e a *comum*.

Vou descrever a primeira. Ela é muito interessante. O médium concentra-se alguns minutos; depois transmite aos que o cercam o que ouviu do espírito guia: «*Emmanuel* pede que se abra a esmo o Evangelho, ou um romance, ou qualquer página de alcance moral». Uma das pessoas presentes, (de preferência uma das visitas), abre o volume. O médium transmite segundo recado: «Emmanuel pede que fulano leia, em voz alta, a página que foi aberta». Faz-se a leitura. De novo o sensitivo pondera: «o Guia diz que o sr. fulano de tal (de preferência uma das visitas) deverá abrir o Evangelho e ler, para que todos ouçam, o *capítulo que cair por sorte*». Obedecido, o espírito aponta, durante a nova leitura, o trecho moral, o versículo ou a parte do versículo do Evangelho que se aplica ao assunto da primeira leitura.

Confesso sem exagero: é admirável e imensamente convincente esse processo. E o mais estranhável não é sòmente essa «coin-

cidência»; o mais estranhável é a maneira eloquente, brilhantíssima, verdadeiramente magnífica, com que o guia explana os assuntos lidos.

Seus conceitos nada têm de comum, de repetido; revelam um sabor novo, forte, original. Semi-incorporado no médium, ele examina a questão de frente, sob os mais variados prismas, desde o místico ao científico, do económico ao social.

Findos os trabalhos evangélicos, o médium descreve para os assistentes (facto comum em todas as reuniões do Centro), tudo quanto os mesmos lhe disseram em referência às pessoas presentes; relata, em minúcias, seu físico, suas roupas, seus sestros; assombra, enfim, o auditório com autênticas «fotografias» espirituais em que nada fica olvidado.

Não raro a visita é um curioso, assim mais ou menos refratário ao «misticismo» do meio... Durante o tempo em que os outros estiveram concentrados, toda a sua atenção esteve voltada para o médium, os assistentes, a porta da rua... Estampa no rosto uma certa expressão de ironia disfarçada, de descrença naquela «superstição»... Ouvindo, porém, de súbito, quando menos esperava, o nome, que ninguém conhecia ali, do pai morto no Ceará, em S. Paulo ou no sul do país; escutando, sem mais essa, recados, citações de coisas íntimas, recordações que o coração não esquece nunca, provindas de alguém que se encontra do outro lado da vida, esse visitante curioso não pode conter o pranto da saudade que lhe inunda a face e... chora copiosamente. Se eu quisesse catalogar aqui tudo quanto nesse sentido já presenciei, em Pedro Leopoldo, creio que teria que escrever um livro...

O procedimento dos visitantes descrentes, em face do médium, merece mais um reparo. É que muitos comparecem no Centro com nome trocado, dissimulando situações equívocas, mentindo por todos os processos. Conheço vários casos desse jaez.

Um deles, sobretudo, tornou-se mais digno de registo. Eu o resumirei nos seguintes termos: certo grupo de pessoas dirigiu-se, uma noite, a Pedro Leopoldo. Essas pessoas chegaram na hora em que o Centro ia funcionar. Fizeram-se as apresentações: o sr. fulano, o sr. sicrano. Declinaram-se os nonomes das senhoras. O médium indicou os lugares que os visitantes deveriam ocupar — o sr. fulano aqui, ao lado da sua senhora; o sr. sicrano ali, junto da sua espôsa. Começou a sessão. Chico psicografou muito. Todos se entreolhavam surpresos com o que deveria provir dali. Finda a «escrita», o médium dirigiu-se ao grupo visitante:

— Meus amigos, estou embaraçado; não sei como explicar-me. Imaginem que recebi aqui um lindo soneto de fulano (tratava-se de conhecido e inimitável poeta nacional). O soneto é dirigido a sua viúva, presente aqui, chamada Diva (imaginemos que seja esse o nome).

E leu a linda peça literária, dedicada à senhora, um trabalho impecável, cem por cento do poeta morto. A senhora pôs-se em pranto. Estava identificada. Era inútil continuar com o nome trocado. E o pior é que o poeta fazia, naqueles catorze versos, alusões que se prendiam intimamente ao assunto da sua morte...

Há quem pense que o sr. Francisco Xavier dispõe da companhia dos espíritos toda vez que quer. Francisco Xavier nunca invoca os espíritos. Ele sabe melhor do que ninguém *que isso não é Espiritismo.* No «Centro Luiz Gonzaga» os espíritos comparecem espontâneamente, *como e quando querem.* Julgo bom frisar essas palavras, pois há muita gente que ignora totalmente *essa proibição da doutrina.*

Francisco Xavier recebe os espíritos *sem a mínima contracção muscular.* Sua fisionomia *fica inalterável, serenissima.* Tudo quanto se tem dito em oposto, é ficção, ou sugestão, nada mais.

Sua atitude, quando grafa, é a seguinte: apoia a cabeça na mão esquerda, *cerra totalmente os olhos,* segura o lápis e escreve.

Comumente usa papel sem pauta, que reune, em forma de bloco, diante de si. As frases são lançadas no papel como se este fora pautado — com absoluta simetria. O lápis é o seu instrumento preferido.

Depende dos espíritos, que comunicam, a maior ou menor velocidade (algumas vezes velocíssimos) no modo de escrever.

Nem todos seguram o lápis da mesma forma: uns, o fazem com naturalidade, de leve, sem esforço; outros, operam nervosos, escrevendo forte, pesadamente.

Espíritos há que se servem de outros dedos para segurarem o lápis.

Alguns vi eu que punham completamente a palma da mão sobre o papel enquanto, com o lápis comprimido entre os dedos, iam escrevendo, letra por letra, a mensagem póstuma.

Quase todos esses originais comunicantes eram velhos de mãos trémulas, ou paralíticos. Até nisto eles se identificam! Parece incrível!...

As crianças escrevem sem firmeza, mais ou menos débeis, como os velhos. As mulheres utilizam-se mais das letras verticais, grandes; os homens as desenham inclinadas, mais miúdas. O talhe da letra e a ortografia de tais comunicações oscilam muito.

O médium não reproduz a letra do morto. Nem poderia fazê-lo, de acordo com os cánones do Espírito. Entretanto, em alguns casos aproxima-se bastante da mesma.

Francisco Xavier apresenta uma modalidade impar: reproduz, isto sim, e com frequência, a assinatura do espírito que se comunica.

Tenho presenciado, constantemente esse fenómeno. As comunicações em língua estrangeira são difíceis de obter. Não cabe aqui, por enquanto, a explicação dessa dificuldade.

Direi apenas isto: o médium psicografou (é tudo quanto chegou ao meu conhecimento) algumas mensagens em inglês e espanhol e uma em alemão para o dr. Rómolo Joviano (pessoa de quem ouvi a narração do facto). Essas mensagens foram obtidas espontâneamente, sem provocação alguma. Uma dessas mensagens (pelo menos uma, haverá mais?) era de um antigo colega, de universidade, do dr. Rómolo (Universidade de Inglaterra). O médium desconhecia a existência dessa criatura. Quem mo contou foi o próprio dr. Rómolo Joviano. Sei também que Francisco Xavier psicografou, em idênticas circunstâncias, uma mensagem em inglês dirigida ao consul da Inglaterra em Belo Horizonte, o meu particular amigo, que não é espirita, sr. Harold Walter. Ouvi-o dos seus próprios lábios. Na União Espirita Mineira, com sede em Belo Horizonte, o médium recebeu também algumas mensagens em inglês, escritas da direita para a esquerda. Foi necessário lê-las reflectidas no espelho.

O ilustre oficial da Polícia de Minas, Tenente José Rodrigues Lelis, possue uma mensagem em alemão, transmitida de forma análoga às precedentes, através dos canais suprassensíveis de Francisco Xavier.

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

EPICURO

A justiça é a vingança do homem social, como a vingança é a justiça do homem selvagem.

Epicuro

Na ilha de Samos — que em 404 A. C. estava em poder de Lisandro, e em 363 de Timóteo — nascia no ano 342 A. C. uma criança que foi baptizada com o nome de Epicuro, filha de um professor ateniense. Sua mãe dedicava-se à venda de orações, dessas conhecidas preces que, segundo os seus vendedores, são uma verdadeira panaceia para certas e determinadas enfermidades. Andava de porta em porta, vendendo essas orações, acompanhada de seu filho, a quem obrigava a acompanhá-la nessa sua *piedosa* romagem. Epicuro, porém, já nesse tempo dotado de viva inteligência, cedo compreendeu que tudo aquilo não era mais de que um lucrativo negócio, aliado ao mais abominável dos fanatismos. Isto teve como resultado que, durante toda a sua vida, combateu sempre todas as superstições da época, pois entendia que todo o humano que se agarre a tais crendices passa a ser governado por elas, e portanto perde o poder sobre ele próprio.

Quando tinha a idade de 14 anos foi enviado para uma escola de Teos, famosa por se reunir lá o pequeno mundo elegante daquela época. Por lá permaneceu três anos, aprendendo retórica, matemática e filosofia. Já naquela época se interessava imenso pelos problemas filosóficos, e foi portanto com real interesse que ouvia as lições do seu mestre e tomava contacto com a teoria atómica de Demócrito. Um dia, quando seu mestre, falando acerca da criação do Universo, disse que ele provinha do caos, Epicuro perguntou donde vinha então esse «caos»; o professor, provàvelmente embaraçado com esta pergunta inesperada, não teve outro remédio senão confessar a sua ignorância, acrescentando no entanto que ninguém saberia responder a essa pergunta. Claro que isto não satisfez aquela criança, já naquela idade sequiosa de conhecimentos, e a verdade é que daí por diante não descansou enquanto não resolveu o problema: a origem do caos.

Quando tinha 18 anos foi para Atenas, onde, apesar dos seus serviços militares que lhe ocupavam imenso tempo, arranjava sempre ocasião para se dedicar aos seus estudos predilectos. Aí teve como companheiro o futuro poeta Menandro.

Nesse tempo essa cidade era governada por um tirano, um verdadeiro ditador no mais amplo sentido da palavra, que tentou combater o espírito democrático em todos os estados gregos, expulsando as pessoas que não tinham a sua maneira de ver, indiferente à desgraça que isso lhes pudesse causar! Entre os que tiveram de abandonar as suas terras encontravam-se os pais de Epicuro, que se foram refugiar na Ásia Menor, onde seu filho os foi encontrar depois da sua curta permanência em Atenas. Todas estas desgraças, todas estas agruras da vida trouxeram grande inquietação ao espírito vivo e irrequieto de Epicuro e influiram extraordinàriamente na formação dos seus princípios filosóficos. Para ele o problema n.º 1 não se resumia já em só descobrir a origem do caos, mas achar também como era possível *sair* desse mesmo «caos». Jamais resolveu esse seu problema, mas os seus esforços não foram totalmente em vão, porque criou um conjunto de princípicos metafísicos e físicos que muito contribuiram para a evolução do pensamento daquela época, como veremos adiante. E, assim, volta a Atenas, onde funda uma academia ao ar livre e pretende ensinar tudo aquilo que aprendeu e concebeu, depois de doze anos de reflexão e meditação (322-310). Nessa academia admite toda e qualquer pessoa como discípula, seja ela de alta hierarquia social ou não, inclusive escravos e mulheres, mesmo que fossem prostitutas. Nessa academia todos viviam, sob a sua direcção, no melhor convívio e na mais pura das amizades. Tinham uma vida simples, o mais longe possível das riquezas e dos prazeres materiais do mundo vulgar. Para Epicuro «o homem é rico desde que se familiariza com a pobreza» e «o homem que não se contenta com pouco nada o satisfaz»; para ele «não é pobre aquele que possui pouco, mas aquele que, possuindo muito, deseja possuir ainda mais». Dava um conselho a quem aspirasse à riqueza: «Queres ser

rico? Não te fatigues para aumentar os bens, mas para diminuir a tua cobiça». A comida era o mais sóbria possível — pão de cevada e água; só de tempos a tempos comiam queijo ou bebiam uma pequena quantidade de vinho. «Fascina-me o meu pão com água — afirmava — e cuspo sobre as iguarias, não por causa delas, mas por causa das inconveniências que as acompanham». Para ele, *gozar a vida* não consiste no *prazer* dos sentidos físicos, baixo e grosseiro, mas no divino *prazer* do espírito, na infinita satisfação que todo o ser sente (desde que seja suficientemente evoluído, claro está) ao dedicar-se à ginástica intelectual. E assim, se essa academia pôde ser considerada por alguns *pobre* de prazeres materiais, era ela extremamente *rica* de prazeres intelectuais. Com os seus ensinamentos conseguiu criar inúmeros discípulos, como Tito Lucrécio Caro (97-55) e Quinto Horácio Flaco (65-8), embora este último fosse igualmente bastante influenciado pela filosofia dos estóicos.

Para o homem poder ser de facto *Alguém*, para poder superiorizar-se perante os outros, deve — segundo Epicuro — alhear-se de tudo aquilo que diga respeito à vida vulgar dos outros seres. Estamos de acordo! Mas ele vai mais longe, muito mais longe, e aconselha as pessoas a afastarem-se dos negócios, da política, a viverem num recolhimento quase claustral, a deixarmos os nossos semelhantes naufragar nas tempestades da vida enquanto de longe observamos todos esses tumultos do mundo; não recomenda o casamento, devido às muitas doenças provocadas por virtude da mulher e filhos — enfim, uma filosofia que, como o leitor está vendo, é completamente impraticável em pleno século XX, além de que não consideramos que seja um processo muito racional e, vamos lá, mesmo, muito moral uma pessoa alhear-se do mundo... para poder fugir às tentações desse mesmo mundo! Onde está então a superioridade da sua conduta? Onde pode residir o mérito dessa pessoa... se foge covardemente do meio onde as tentações residem e onde podia então mostrar a sua superioridade (ou suposta superioridade, quem sabe?!) fugindo delas? Sócrates, Platão e tantos outros génios que temos estudado nestas biografias jamais aconselharam alguém a estes excessos... e no entanto não se deixaram corromper nem fizeram com que os seus mais queridos discípulos se corrompessem..., apesar de viverem no mundo, no meio de tanta devassidão e pecado. Por isso, neste ponto, os epicuristas divergem completamente dos estóicos, o que levou Nietzsche a fazer a seguinte comparação: «O epicurista procura a posição, as pessoas e inclusive os acontecimentos que melhor se adaptem à sua natureza extremamente intelectual e sensível; renuncia a tudo o mais — quer dizer, a quase tudo —, porque seria um alimento demasiado forte para ele. Em compensação, o estóico exercita-se a engolir pedras e ratos, pedaços de vidro e escorpiões, e a comê-los sem repugnância; quer que o seu estômago acabe por se tornar indiferente a tudo quanto os acasos da existência lhe possam oferecer». Em muitas outras coisas porém assemelha-se extraordinàriamente aos estóicos: 1.º, não recear a morte nem qualquer dor; 2.º, saber que a felicidade está na sobriedade e não na devassidão e incontinência, etc. Afirmava: «É preferível ser sensato e infeliz a ser insensato e feliz». Para ele, a amizade é um bem superior, e essa virtude cultivou-a sempre com todos os seus discípulos e amigos.

Por ANTÓNIO CARDOSO

Dizia que a lógica apresentava uma estrutura *canónica*, visto apresentar-nos a medida (*canon*) daquilo que devemos repelir e desejar, daquilo que é falso e exacto. Como as imagens dos sentidos são todas exactas (!?!), concluía que a doutrina do conhecimento é estruturalmente sensualista, dando apreço extraordinário à experiência (indução).

Como se disse já, desde bastante novo Epicuro se insurgiu contra todas as superstições da época. Um dos seus *cavalos de batalha* foi o combate incessante ao medo existente dos deuses. Nós, como humanos, não devemos executar os nossos actos, ou não executá-los única e exclusivamente, porque tememos a ira dos deuses... que vivem entre os diversos mundos, formados de partículas extremamente subtis, invisíveis para nós. Devemos apenas tomar esses deuses como ideais que queremos atingir, e assim caminharemos para aperfeiçoar-nos, despojando-nos das nossas inferioridades e pecados. Portanto, a verdadeira religião não consiste na superstição, no sacrifício ou no temor — mas num esforço incessante para podermos imitar os deuses, ou seja, para nos podermos aperfeiçoar.

Imbuído com as ideias atomistas de Demócrito, apresentava o Universo como um conjunto mecânico, todo constituído por áto-

LIVROS NOVOS

A Astrologia ao Alcance de Todos, por *Maria Luiza Dias Lesa*	45$00
A Cabala, por *F. Valdomiro Lorenz*	22$00
Cartomancia Astrológica, por *Xasbil*	5$00
A Ciência Secreta, grande obra em 2 volumes, por *Henri Durville*	130$00
Como Evitar Preocupações, por *Dale Carnegie*	40$00
Como Fazer Fortuna em Pouco Tempo	20$00
Como Fazer-se Yogui, por *Swami Abhedananda*	20$00
Curso de Magnetismo Pessoal, por *V. Turnbul*	22$00
A Felicidade ao Seu Alcance, pelo *Dr. Toulouse*	25$00
É Fácil Ser Feliz, por *David Dunn*	22$00
Educação Pessoal, Manual das Ciências Herméticas	30$00
Fisiognomonia, Manual das Ciências Herméticas	45$00
A Força do Pensamento, por *W. W. Atkinson*	22$00
Grande Oráculo da Sorte, por *Edwin Rafael*	7$00
Grande Oráculo do Destino Humano	5$00
A História da Bíblia, por *Hendrik Van Loon*	35$00
Os Homens que Constroem o Futuro, por *Bruce Bliven*	35$00
Iniciação de Jesus, pelo *Dr. S. Clymer*	6$00
Leitura do Nosso Destino Pelas Estrelas, por *Selen Jazer*	24$00
Lições de Ocultismo Utilitário, por *F. V. Lorenz*	35$00
O Livro do Êxito	8$00
Karma, por *Annie Besant*	18$00
Magia Mental, por *W. W. Atkinson*	60$00
Magia Teúrgica, Manual das Ciências Herméticas	65$00
A Maravilha da Vida, Sexo, formação e nascimento, por *Milton Levine e Jean Seligmann*, com muitas gravuras em papel couché	45$00
O Ocultismo e o Amor, pelo *Dr. Emil Laurient e Paul Nagour*	25$00
Perpétuo Horácio Astronómico ...	4$00
Práticas Esotéricas, por *Loester* ...	45$00
Profecias de Nostradamus, por *Marques da Cruz*	70$00
Psicanálise Prática, por *Rosabis Camaisar*	20$00
Quiromancia, Manual das Ciência Herméticas	55$00
Raymond, ou a Vida e a Morte, por *Oliver Lodge*	25$00
Realização do Homem Superior, por *Papus*	8$00
Reencarnação, por *Annie Besant* ...	20$00
Ser Feliz no Casamento (casado)	10$00
Ser Feliz no Casamento (solteiro)	10$00
Tratado Elementar de Magia Prática, de *Papus*	90$00
A Verdadeira Vida, por *Leon Tolstoi*	10$00
A Vida Fora de Matéria, com numerosas gravuras a cores mostrando o que se passa depois da morte	80$00
Você é Mais Moço do que pensa, pelo *Dr. Martin Grumpert*	35$00

Enviamos estas obras à cobrança, excepto para o ultramar, para onde as enviaremos contra pagamento adiantado.

mos em constante movimento; da agregação desses átomos vieram as estrelas e os planetas — e assim nasceu a Terra, que primitivamente não era mais do que uma massa de argila —, nascendo depois a vegetação, as primeiras formas animais, rudimentaríssimas, e assim por diante até chegarmos ao Homem, que não é mais do que um conjunto de átomos já suficientemente evoluídos. No entanto, apesar de afirmar que os átomos são imortais e de dizer que a alma humana representa um agregado desses átomos, afirma que com a morte do corpo, enquanto se dá a desagregação dos átomos deste, se dá igualmente a desagregação das moléculas da alma!!! Vemos, portanto, que Epicuro, apesar de conceber um sistema de criação do Universo verdadeiramente genial, apresentou uma teoria incompleta, pois, negando a existência de um Princípio Criador e de uma alma imortal, não só não explica quem faz mover esses átomos de que fala, como não nos indica por que motivo os átomos que formam o ser humano são já mais evoluídos do que aqueles que formam os outros seres, se — segundo a sua teoria — esses átomos se desagregam uns dos outros após a morte do corpo! Se, de facto, assim sucedesse, de que serviria igualmente essa evolução dos átomos, se eles se perdiam no Cosmos após a morte do corpo somático?

Durante a sua vida escreveu cerca de trezentas obras, mas infelizmente todas elas se perderam, salvo alguns fragmentos acerca da Natureza, uma centena de aforismos, diversas cartas, e ainda *De Rerum Natura*, o famoso poema de Lucrécio que nos descreve a sua filosofia. O pouco que nos resta mostra-nos, no entanto, claramente que a academia de Atenas e a sua filosofia, apesar das imperfeições que apontámos, foram para aquela época um verdadeiro facho de luz na história do pensamento.

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

HOMENAGEM A LEOPOLDO MACHADO

Aproveitando o aniversário do Congresso de Mocidades Espiritas, que foi um movimento excepcional, e do restabelecimento do nosso querido amigo Prof. Leopoldo Machado, os seus numerosos amigos e admiradores promoveram-lhe significativa homenagem que se realizou em Nova-Iguaçú, na sede do Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade.

Mais de 500 pessoas estiveram presentes e a reunião decorreu num ambiente de alegria, emoções fortes e vibrações intensivas.

A sessão foi aberta pelo jovem Orlando Sobreira e dirigida pelo professor Olívio Novais, que historiou a origem e diligências da homenagem. A seguir entoou-se a «Canção de Alegria Cristã» acompanhada por violinos, acordeão e violões. A menina Angélica, do Lar de Jesus, profere a prece de abertura e presta-se homenagem a D. Marília e a J. B. Chagas, ambos em fotografia no palco. O prof. Newton de Barros faz a biografia de Leopoldo Machado e a senhorinha Maria Luiza Babo, do Mocidade Espirita, lê a biografia da grande animadora D. Marília. O Dr. Carlos Imbassahy fala da produção bibliográfica do homenageado e cuja peça oratória publicámos o mês passado. Outros falavam ainda, entre eles, Alziro Zarur, Maria da Conceição Teixeira, do *Lar de Jesus*, num «Recadinho ao Papá Leopoldo», Abstal Loureiro, etc.

Falaram também outros confrades: os emissários dos movimentos juvenis de Belo Horizonte, de Belém do Pará e de S. Paulo. A senhorinha Maria Antunes, do Pará, o poeta Apolo Oliva Filho, de S. Paulo, e o representante mineiro foram inspiradíssimos nas suas peças, filhas do reconhecimento e da justiça. O sr. J. A. Marques, seu companheiro de direcção no Centro, agradeceu comovidíssimo, em nome do homenageado. Seguiu-se a parte artística, a cargo da Mocidade Espirita de Iguaçú, e cantou-se novamente a *Canção da Alegria Cristã*.

A sessão foi irradiada e filmada. A filmagem completou-se no quarto de enfermo de Leopoldo Machado, que já se encontra em franca convalescença.

UM CASO DE CLARIVIDÊNCIA

Sob este título publicou a extinta revista *La Luz del Porvenir* um artigo de José Barcelona acerca de um fenómeno obtido em centro espirita organizado e que transcrevemos para estas colunas.

Em meados de Fevereiro de 1935 encontrei casualmente um amigo que há muito tempo não via. Demonstrou grande alegria pelo nosso encontro e depois dos cumprimentos tivemos pequena conversa, durante a qual me disse que em consequência das impressões que antes disso trocara comigo acerca de Espiritismo, não só acreditava, mas que se filiara num centro chamado *Sociedade de Estudios Psicológicos «Amor y Progreso»*.

Aproveitando esta ocasião, manifestei-lhe os meus desejos de ver como funciona um centro organizado e com este motivo resolvemos que no próximo sábado, dia de sessão no centro a que pertencia o meu amigo, assistiríamos juntos e ali teria ocasião de satisfazer os meus desejos.

No sábado, 23 de Fevereiro, dirigimo-nos ao referido centro, onde fui apresentado ao presidente e a alguns sócios da agremiação.

Às dez da noite começou a sessão com a leitura de um capítulo das «Memórias do Padre Germano». Depois, a parte dedicada à mesa e por fim a clarividência.

Aqui vem o mais interessante.

Apagadas as luzes e iluminado o salão a luz vermelha colocada na parte central do tecto, a vidente D. Maria Bermúdez, dirigindo-me a palavra, indicou um por um os seres que me acompanhavam e quando chegou ao fim, exclamou:

— Vejo um ataúde. Vejo-o como se viesse do campo e passa numa rua muito estreita.

Como eu ficasse perplexo, disse-me:

— Isso é consigo.

E prosseguiu:

— Agora chega um jovem. Sentou-se nessa cadeira.

E apontou uma cadeira que estava na minha frente.

— Este jovem está muito preocupado —continuou a vidente—. Tem na mão uns papeis e com a outra arrepela os cabelos. Também lhe vejo uma cicatriz.

Terminada a sessão, eu não podia pensar quem fosse o do ataúde, e muito menos o jovem da cicatriz, por não conhecer na minha família, nem nas minhas relações, quem pudesse ter aquele sinal.

Pensei nisto toda a semana.

No sábado seguinte, 2 de Março, voltei ao mesmo centro. Aberta a sessão, e terminada a parte de leitura, começou a da mesa, cujos movimentos desordenados eram incompreensíveis para todos. E não havia maneira de saber a causa, porque a vidente não tinha assistido, por se achar enferma de gripe.

Mas um dos presentes pareceu-lhe observar que a mesa queria voltar ao seu lugar habitual, quando se não fazia uso dela; e dando a conhecer esta observação deixou que a mesa se movesse a seu talante, isto é, sem lhe dirigir pergunta alguma.

Assim sucedeu: a mesa foi colocar-se no lugar do costume e respondeu que por não haver ambiente favorável se interrompia a sessão, o que se fez no momento.

Isto sucedia no sábado, 2 de Março. A sessão do ataúde realizara-se no sábado, 23 de Fevereiro. No domingo, dia 5 de Março, recebi o seguinte telegrama:

«Nicomedes faleceu ontem à noite».

Dois dias passados, recebia por carta a mesma notícia, mais pormenorizada e nela me comunicavam que a morte de Nicomedes ocorrera às dez da noite do sábado, 2 de Março, isto é, minutos antes de suspendermos a sessão da mesa e uma semana depois da sessão em que a vidente viu o ataúde e o jovem da cicatriz.

UMA OBRA NOTÁVEL

Na cidade mineira de Juiz de Fora há uma instituição filantrópica destinada a abrigar, proteger, instruir e educar meninas orfãs, sem destinção de raça, cor, nacionalidade e credo religioso. É o *Instituto Maria*. Sito na Rua de São Mateus, 1001, ali continua sem cessar a construção dos seus pavilhões, cujo *cliché* temos o prazer de apresentar aos leitores.

À esquerda é o pavilhão-auditório, em vias de conclusão. Desde o dia 19 de Agosto que ali funcionam diversões com números de arte e cinema, o que representa uma grande fase vencida desta útil e bela obra.

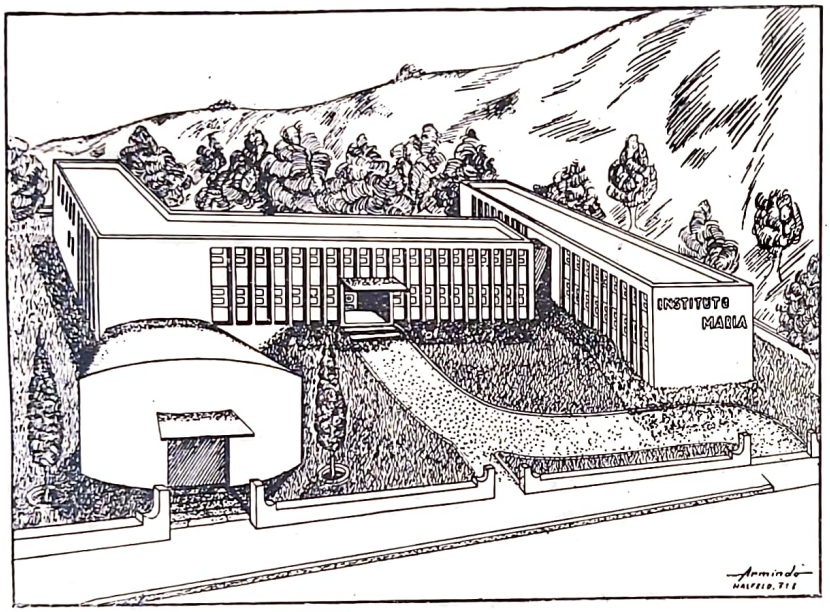
O pavilhão-administração está principiado. É o que se vê ao fundo. O pavilhão escolar encontra-se em actividade, pois já começou o desmonte de terra para o seu início.

O *Instituto Maria* tem seis moradias construidas e alugadas, como património. O seu terreno, que é de 48.000 metros quadrados, está plantado e cercado de casas para funcionários, com numerosas benfeitorias, tudo integrado na sua ampla finalidade.

Em todos esses serviços e aquisições, foram aplicados mais de um milhão e trezentos mil cruzeiros. O *Instituto* tem feito tudo isto com ajuda de corações generosos, com a cooperação de muitos e grande ajuda do Alto.

Apesar das dificuldades, todos vêem com bons olhos o seu futuro promissor, e o pavilhão-administração funcionará em breve, se Deus o permitir.

Já em tempos nos referimos a este Instituto com os louvores que merecia tão belo empreendimento e publicámos a circular que então distribuiram os confrades que se abalançaram à construção de uma obra cujo alcance estavam bem longe de prever. Minas Gerais pode orgulhar-se de um estabelecimento modelar em que todos são recolhidos generosamente, mercê do espírito de tolerância que anima os espiritas de Juiz de Fora. Que outros institutos se ergam para benefício da orfandade. Estas casas ficarão na história do Espiritismo a atestar as excelências da doutrina e a protestar contra o egoismo da sociedade.



O Instituto Maria, de Juiz de Fora

21 NOMES INDIVIDUAIS EM DUAS MENSAGENS

Two Worlds, de Manchester, publica em sua edição de 13 de Outubro o relato de uma sessão em Harringay, Londres, com o clariaudiente Basil Sladen. O articulista é o sr. P. Weber, cujo trabalho vamos transcrever.

A experiência realizou-se sob a direcção do sr. Toser, no Santuário de Santo André, 65, Duckett Road e Basil Sladen deu uma série de mensagens. Duas impressionantes por incluirem 21 nomes individuais em que entravam nomes de baptismo. As mensagens foram identificadas em muitos pormenores e revelaram fenómenos genuinos, através de dois médiuns, um dos quais deseja manter o anónimato.

À sr.ª Hanmer, 61, Myddeton Buildings, Islington High Street, London, n.º 1, deu Basil Sladen o nome de catorze entidades espirituais, incluindo nomes de baptismo e sobrenomes, além de muitos outros pormenores.

Eis os espíritos que se comunicaram e que eram parentes ou amigos das pessoas a quem se dirigiram: A sr.ª Redding e John Redding, a sr.ª Stephenson e Phyllis Stephenson, a sr.ª Parker, Elizabeth Turner, o padre Green, Sarah Powell, a sr.ª Bycroft, Ted Smith, Walter Parkinson e Grandma Elizabeth.

O pai de um assistente comunicou-se, demonstrando óptima disposição e declarando que tinha encerrado um casal de pássaros nas trazeiras de um pequeno jardim, o que foi confirmado. Finalmente, Sladen ouviu algumas referências a uma senhora Jackson que tinha lido uma sina. Imediatamente se levantou a sr.ª Hanmer e disse, apontando uma senhora que estava próxima:

— Esta é a sr.ª Jackson. Foi ela que me leu a sina!

Um médium que assistia aos trabalhos e que Sladen desconhecia pôs em relevo a verdade da sobrevivência. Depois, mais sete espíritos se comunicaram, dando os nomes com pormenores confirmados.

O falecido sr. King voltou e foi descrito como pessoa bem constituída e logo a seguir a sr.ª Scott, uma vizinha com atitudes maternais. A sr.ª Mitchell, que, antes de desencarnar fora auxiliada pela mediunidade de um circunstante, estendeu-lhe as mãos. A sr.ª Wright ficou radiante ao ver novamente uma pessoa a quem se dirigiu. E o médium exclamou:

— Está a dizer-me que em sua casa há uma fechadura que não funciona.

— Sim, respondeu o interessado, a minha porta de serviço tem a fechadura avariada.

A seguir comunicaram-se três espíritos que disseram ser as senhoras Watkins, Sarah Bolton e George Bolton. Agora, Slade dirige-se a um assistente:

— Você tem a perna doente. É reumatismo desde o dedo do pé até ao joelho. E tem andado em grupos espiritas a desenvolver a mediunidade — acrescentou.

Também era verdade, bem como outras revelações feitas pelo médium.

Notas & Comentários

QUE SERÁ?

Da Região de Leiria de 25 de Outubro último extraímos o seguinte:

«Há dias o «Jornal de Notícias», do Porto, publicava a notícia que se segue:

«Pedradas misteriosas sobre os telhados do Alentejo. — Disseram esta noite de Viana do Alentejo que está a verificar-se ali um acontecimento extraordinário: do respectivo castelo são arremessadas, de curto em curto espaço, violentas pedradas sobre os telhados próximos, obrigando alguns locatários ao abandono das suas moradias.

«O «fenómeno» tem alarmado a população, dando motivos às mais absurdas e pitorescas explicações por parte do povo.

«A Guarda Nacional Republicana passou a patrulhar o local, não tendo até agora feito qualquer descoberta sobre o caso, que continua envolto na mais densa intriga».

Dois ou três dias depois voltou ao assunto, da seguinte forma:

«Ainda não foi desvendado o caso das misteriosas pedradas em Viana do Alentejo. — «O misterioso caso das pedradas que estão surgindo do castelo de Viana do Alentejo sobre os telhados próximos não foi ainda descoberto não obstante as diligências feitas pelas autoridades. Os habitantes têm já o testemunho pessoal do presidente do Município vianense, sr. José Fragoso, que, entrando numa casa onde o «fenómeno» frequentemente se repete, ia sendo vítima de uma violenta pedrada; e do médico da localidade, Dr. Júlio Garrido, que, colocado num muro, observou e acompanhou visualmente a trajectória das pedradas.

«A população continua a viver em sobresalto, enquanto o «mistério» não for desvendado».

Se todas as pesquisas foram inúteis, teremos de reconhecer que há efeito sem causa? De onde vêm as pedras? Quem as atirou? Um pouco mais de calma e tudo será esclarecido. O químico Lavoisier também afirmava que não caíam pedras do céu e os meteórito são uma realidade...

TOUROS DE MORTE...

Chegou aqui uma circular assinada por «Um grupo de educadores», edição responsável de Fernando de Almeida Pereira. E intitula-se «Os touros de morte não são para nós!».

A seguir, veemente protesto contra a manigância de um grupo de aficionados tendente à revogação de um decreto que proibiu as corridas de touros de morte.

Que mentalidade será a desses indivíduos? Que diferença haverá entre o sadismo que os caracteriza e a energia com que o pobre touro enfrenta os matadores traiçoeiros? Escondem a espada e oferecem a capa. O touro vem e morre. É o bolo sugestivo polvilhado de arsénico.

Nós protestamos contra essa forma de humanismo. Nem touradas, nem combates de galos, nem tiro aos pombos. Todas essas formas são regressões lamentáveis aos tempos da caverna. Os animais são nossos amigos. Servem o homem, amenizam-lhe a existência e dão muitas vezes exemplos dignos de imitar-se. Por isso achamos absurda e extemporânea a grita desses jovens que reclamam os touros de morte, como se fossem poucas as touradas. Querem festa? Saltem para a arena e enfrentem-se mutuamente. Saberão a figura que fazem e talvez percam a vontade de pedir touros de morte. Em vez de competições, escolas de civismo; em vez de lutas primitivas, sementeiras honrosas. E a sociedade ir-se-á apetrechando para os novos tempos que se aproximam.

PIETRO UBALDI EM BAURU

Do nosso correspondente em Bauru recebemos um pequeno relato da passagem de Ubaldi em Bauru, Estado de S. Paulo, onde foi aguardado por uma grande comissão de que faziam parte muitas autoridades constituidas. Ali, o autor de «A Grande Síntese» realizou duas conferências subordinadas ao título de «As Novas Orientações da Ciência» e «O Momento Histórico Actual».

CONTRA O ESPIRITISMO

As revistas argentinas anunciam que o deputado nacional sacerdote Virgílio M. Filippo apresentou ao Parlamento um projecto de lei que não só estabelece o controlo das sessões espiritas, como também retira às Sociedades o direito de fazer experiências, autorizando-as, contudo, a realizar actos teóricos, culturais, filosóficos e religiosos.

Consta só de três artigos:

«1.º — Ficam proibidas as sessões espiritas em que trabalham médiuns à excepção das que deseje realizar o Ministério de Saúde Pública, por intermédio da Direcção de Psicopatologia Social, com objectivo de experimentação natural para o progresso científico, autorizando-se as sociedades espiritas inscritas no Ministério de Relações Exteriores e Culto a trabalhar sòmente sob o aspecto cultural, filosófico, moral ou religioso.

«2.º — Os assistentes às sessões espiritas mediúnicas devem provar igualmente, por atestado expedido pelo Ministério de Saúde Pública, a sua idoneidade para assistir a elas.

«3.º — A realização de sessões clandestinas em que se não observem as regras correspondentes aos artigos anteriores e estabelecidas pelo Ministério de Saúde Pública, serão motivo para que às ditas sociedades se retire a personalidade jurídica e aos assistentes se aplique a pena de prisão de um a seis meses e aos promotores e organizadores a pena de um mês a um ano».

O sacerdote, a meter-se a legislador, esqueceu a legenda do Cristo: «não julgues para não seres julgado». Que diria ele se um jacobino incitasse o Parlamento a proibir os actos do culto? Esqueceu-se de que os espiritas pertencem à comunidade e pagam contribuições e têm os mesmos direitos que os outros. Estamos convencidos de que o falar vai do queixo e nenhum parlamento responsável subscreveria matéria tão nefasta e atentória dos direitos individuais. O parlamento em questão saberá gritar bem alto que a Argentina é dos... argentinos, sem excepção.

Noticiário

17.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Continuando o nosso empreendimento de distribuição de livros espiritas pelos subscritores desta modalidade de beneficência, temos o prazer de informar o resultado do 17.º sorteio que constou de sete valiosos prémios, cujos contemplados passamos a enumerar, como habitualmente:

1.º prémio — «O Protestantismo e o Espiritismo» — Isaac Oliveira Marques, de Viseu.

2.º prémio — «Para o Alto» — D. Palmira Duarte Santos Bacelar, de Lisboa.

3.º prémio — «O Problema da Sobrevivência» — Mateus José da Conceição Martins, de Silves.

4.º prémio — «A Consciência Interna» — António Luiz Lopes Dias, de Luanda.

5.º prémio — «Irmãos de Jesus» — Joaquim da Silva Gomes, de Pernambuco.

6.º prémio — «O Livro de Tobias» — Gilberto Oliveira Gonçalves, de Lisboa.

7.º prémio — «História de Catarina» — José Francisco Amaral, de Lisboa.

Como dissemos, é preciso que venham novos subscritores com seus óbulos, para que o Fundo Permanente de Beneficência se mantenha para bem da pobreza envergonhada.

MARIA GONÇALVES DUARTE SANTOS (LIA)

No dia 4 do próximo mês de Janeiro de 1952 passará mais um aniversário da desencarnação de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), que tão grandes serviços prestou à nossa revista e ao Centro Espiritualista Luz e Amor. Por esse motivo ser-lhe-á prestada homenagem numa sessão especial a que assistirão os seus amigos e admiradores. Nessa noite serão lidos alguns capítulos do novo livro que acaba de transmitir ao nosso director e cuja amostra vai noutro lugar deste número.

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Recebemos mais os seguintes donativos, destinados à subscrição do Natal:

Transporte do número anterior	365$00
Carlos Pereira	25$00
J. F. C.	10$00
Catarina C. Charrua	10$00
Eugénia S. Charrua	10$00
Dr. Júlio Magalhães	30$00
Fortunata C. Bravo	105$00
Correia Gouveia	20$00
Por amor de uma alma	20$00
Maria Guadalupe Machado	5$00
Frederico Pereira	10$00
Anibal Gonçalves Portutugal	5$00
António Simões	20$00
Manuel Pereira	5$00
Evangelho de Mateus, 42-108	5$00
Maria da Conceição Ribeiro	20$00
G.	5$00
Gertrudes	375$00
Um desterrado	375$00
António Duarte de Almeida	10$00
Álvaro Lucas Franqueira	20$00
Manuel Lopes Gonçalves	20$00
Anónima	2$50
Luiz Crisóstomo Fernandes	20$00
Torcato Cardoso Ferreira	10$00
Maria Alice de Sousa	30$00
Luzia da C. Martins Alves	20$00
Margarida Marta da Silva	20$00
Glória da R. Martins	2$50
Maria Manuela Martins	20$00
Maria de Vasconcelos	20$00
Adelina Nobre e Silva	5$00
Carlos Bivar	10$00
João Antunes Fragoso	15$00
António Martins	50$00

PROGRAMA DOS TRABALHOS NO MÊS DE DEZEMBRO DE 1951

Dia 2, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira.

Dia 6, 5.ª feira, às 21 horas — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 9, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 10, 2.ª feira, às 21 horas — Eleição dos corpos gerentes para o próximo triénio.

Dia 13, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 16, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 20, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 23, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 27, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 30, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 3 de Janeiro, 5.ª feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam dirigida por Túlio Rosa.

Dia 4 de Janeiro, 6.ª feira, às 21,30 — Sessão de homenagem ao Espírito de Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia), comemorando o 2.º aniversário da sua desencarnação.

ALMOÇO DE HOMENAGEM

A Revista *Estudos Psíquicos* vai promover um almoço de homenagem ao seu redactor Ramos Pereira, não só pelo curso que acaba de concluir com grande brilhantismo, como pela operosidade e desassombro com que defende a Causa Espirita. E para que a ideia não se limite aos seus mais íntimos admiradores, aceitamos inscrições de quantos nos queiram acompanhar.

FUNDO DE BENEFICÊNCIA

Destinados ao Fundo de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que muito agradecemos:

D. Elvira Nobre Carvalho, de Lisboa, 20$00; D. Maria do Céu Faria Lopes, de Leiria, 20$00; D. Maria Ernestina Gomes da Costa, do Cartaxo, 5$00; P. B. de Lisboa 20$00; I. S., de Lisboa, 20$00; Subscrição do 17.º sorteio de livros espiritas, 140$00. Total — 225$00.

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psiquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		52$00
2.º volume		52$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	35$00	48$00
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel* (nova edição)	34$00	46$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	34$00	46$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	24$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	24$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	37$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	48$00	62$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	42$00	54$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romance mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	45$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	33$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo Giber*	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi*. Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	28$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espírita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	24$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espírita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	10$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	24$00	36$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	44$00	56$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	

(Continua na 4.ª página de capa)

	br.	enc.
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) á luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espirito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	42$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espirito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	16$00	28$00
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Solér*	42$00	54$00
Margem (A) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Solér* (3 volumes num só)	60$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	16$00	28$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espirito de Vitor Hugo*	30$00	
Sonâmbula (A), romance espirita, por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espirito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

Nêstes preços não está incluido o porte do correio. Enviam-se remessas à cobrança, para o continente e Ilhas Adjacentes. Para as colónias e estrangeiro, só contra pagamento adiantado, que deve incluir 10 % para porte, registo e embalagem.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

Louise Smith, saindo do Psychic News, depois de contar a sua notável história

(ver pág. 381)

CONTÉM: Fraternidade, da **Redacção**; Elogio de Allan Kardec, pelo **Coronel Delfino Ferreira**; Histerismo ou Ignorância?, por **B. B. Martins**; Nossos Poderes Ocultos, por **Cirilo Aleixo**; Limitação, por **Mário Nobre**; Homens de Ontem... Génios de Sempre-Marco Aurélio, por **António Cardoso**; «Dois Mundos» põe-nos em Contacto com o Mundo Invisível, por **Tito L. Bancéscu**; Ecos dos Além (Mensagem do **Espírito de D. Maria Gonçalves Duarte Santos**); Francisco Cândido Xavier na Intimidade, por **César Burnier**; «Almas Errantes» e os Leitores (Carta de **Cirilo Aleixo**); O Primitivismo na Peninsula Ibérica, por **Damião de Vasconcelos**; As Curas de Fernanda Gonçalves, por **S. Teixeira**; Crónica Estrangeira, por **Isidoro Duarte Santos**; Notas & Comentários; Noticiário

12.º ANO DEZEMBRO DE 1951 N.º 12

MARIA G. DUARTE SANTOS
Fundadora e antiga Directora

REDACTORES — CORRESPONDENTES

Rio de Janeiro	*Deolindo Amorim*
Nova Iguaçú	*Leopoldo Machado*
Uberaba	*Dr. Inácio Ferreira*
Baia	*Alfredo Miguel*
Porto Alegre	*Dr. Paulo Hecker*
Gubbio, Itália	*Dr. Pietro Ubaldi*
Belo Horizonte	*Dr. Noraldino de M. Castro*
Buenos Aires	*Dr. Luís Postiglioni*
Paris	*Henri Regnault*
Liège	*Achille Biquet*
Baurú	*Nabor da Graça Leite*
México	*Rufino Juanco*
Rosário	*Tito Livio Bancéscu*

REPRESENTANTES NO BRASIL

Rio de Janeiro	*Dr. José Bittencourt A. Coutinho*	**Maceió**	*Jaime Xavier da Silva*
S. Paulo	*"Alvorada de Uma Nova Era"*	**Fortaleza**	*José Borges dos Santos*
Campos	*Clóvis Tavares*	**Franca**	*Dr. Angelo Morato*
Curitiba	*João Ghignone*	**Cruzeiro**	*José Zácaro Neto*
Vitória	*Dr. Airton Loureiro Machado*	**Passo Fundo**	*Ney Vaz da Silva*
Porto Alegre	*José Simões de Matos*	**Sacramento**	*Corina Novelino*
Ribeirão Preto	*Dr. Jaime Monteiro de Barros*	**Paraiba**	*Dr. Orlando Romero*
Taubaté	*Geraldo de Oliveira*	**Juiz de Fora**	*Orville Derby Dutra*
Belo Horizonte	*Jorge Béranger da Silva*	**Pelotas**	*Dr. Djalma de Matos*
Natal	*Filipe Soares de Melo*	**Bajé**	*José Ferreira da Mota*

Mário Caeiro Alves — representante em viagem no interior do Brasil

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores ★ Não se devolvem originais, sejam ou não publicados

ASSINATURAS

Continente (cada série de 6 números, não incluindo as despesas de cobrança), 30$00 — Brasil (12 números), Cr. $60,00 — Colónias (12 números) moeda equivalente a 70$00 — Número avulso 5$00 — Número atrasado, 6$00.

Orgão do Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, e da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
ALLAN KARDEC		
A Prece	8$00	
O Principiante Espirita	12$00	
O que é o Espiritismo	14$00	
O Livro dos Espíritos	25$00	38$00
O livro dos Médiuns	25$00	38$00
O Evangelho Segundo o Espiritismo	25$00	38$00
O Céu e o Inferno	28$00	40$00
A Génese (nova edição)	28$00	40$00
Obras Póstumas	25$00	38$00
LÉON DENIS		
Catecismo Espirita	7$00	
Cristianismo e Espiritismo	30$00	42$00
O Além e A obrevivência do Ser	12$00	
O Grande Enigma	18$00	30$00
O Porquê da Vida (nova edição)	20$00	32$00
O Problema do Ser e do Destino (nova edição)	34$00	46$00
Joana d'Arc Médium	32$00	45$00
El Problema del Ser e del Destino	30$00	
No Invisível (nova edição)	36$00	48$00

	br.	enc.
GABRIEL DELANNE		
A Alma é Imortal	30$00	
O Espiritismo Perante a Ciência	30$00	42$00
O Fenómeno Espirita	32$00	
ERNESTO BOZZANO		
A Crise da Morte	20$00	
Enigmas da Psicometria	22$00	
Animismo ou Espiritismo?	28$00	40$00
Fenómenos Psíquicos no momento da Morte	30$00	
Pensamento e Vontade	16$00	
Xenoglossia	24$00	
CAMILLE FLAMMARION		
O Fim do Mundo	32$00	
Sonhos Estelares	24$00	
Stella (romance astronómico)	36$00	48$00
Urânia	20$00	

(Continua na 3.ª página de capa)

ESTUDOS PSIQUICOS

Mensário independente ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro

Fundadora e antiga Directora — Maria Gonçalves Duarte Santos

12.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1951 — N.º 12

Redactores: **Ramos Pereira** / **António Cardoso** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria Eugénia Dias Duarte**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA — Telefone 5 6605

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

FRATERNIDADE

A quadra do natal é propícia a gestos altruistas, a rasgos de generosidade que põem a nú uma das mais belas faces do homem. Abarca-se num relance o conjunto social e acorda em nós um elemento positivo que influencia as almas e as leva a caminhos, até então desconhecidos de muita gente que era preciso ser tocada.

Os que não têm família choram a falta de um lar onde o coração mergulhe as raizes, um aconchego salutar onde a alegria tenha seus reflexos duradoiros. Tudo vem à superfície nesta época saudosa e os próprios rebentos que vivem à margem da sociedade sentem necessidades que despertam sentimentos nobres.

A fraternidade entoa cânticos sublimes e abraça no mesmo amplexo a dor do mundo e a justiça de olhar vendado, o esforço que se alteia em dádiva e os olhos que se fecham em concha para que se não veja a lágrima. Época de comunhão e consolação que se aproveita na prática do bem, devia estender-se ao ano inteiro, para que a beleza moral se afirmasse em actos de harmonia.

O homem gosta de fraternidade, sente os benefícios que dela provêm; mas de vez em quando escuta vozes de estranho encanto e solta rumos velhos, direito a passados que envergonham e confundem os mais dignos. Depois arrepende-se, verte lágrimas, junta as mãos em prece votiva à espera de milagre que não vem. As suas faces são reflexos diferentes do mesmo todo insondável que resiste à análise psicológica e reage à simples impressão de agrado e desagrado.

Os donativos que chegaram a nossas mãos são bençãos divinas que dessedentam sequiosos, porque, afinal, quer se destinem à obra, quer aos necessitados, tudo é fraternidade palpitante. Uma coisa faz parte da outra. O homem solidariza-se com o que lhe é afim, estende as mãos para frutos sazonados que dos ramos pendem ou oferece os frutos escolhidos para que outrem os saboreie. Nisto consiste a fraternidade, o intercâmbio afectivo que modela inteligências e forma caracteres.

Este ano pudemos distribuir agasalhos a algumas dezenas de crianças. Além dos habituais donativos que alegraram mais de duzentas famílias, a fraternidade desentranhou-se em flores mimosas que perfumaram os seus animadores. Os que deram receberam maior quinhão de alegria. Viram-se inundados de luz radiosa, escudados em amor que se desdobrou e começaram a sentir a recompensa e ficaram aptos para novos surtos fraternais.

A quadra do Natal aproxima o homem do seu inimigo, faz-lhe esquecer o lastro que o prende à crosta, abre-lhe clareiras esplendorosas e amacia-lhe a estrada. Todos os anseios convergem para os fracos, que requerem protecção. O apoio oficial não chega para os libertar da intempérie. É preciso que o auxílio venha do próprio homem, do seu temperamento, da sua estrutura moral, para que o fraco deixe de ser fraco e o forte conserve a sua força. Por isso as nossas colunas se abrem aos pregoeiros da bondade, para que o mundo seja mais belo e as almas mais dóceis.

Fraternizando e amando se diminuem distâncias, se estreitam laços, se esbate sofrimento. O homem torna-se mais diáfano aos clarões da ideia, dá passos mais firmes, tem arroubos mais altos, que a superfície terrena é visco que prende o insensato que as paixões escravizam. Preso ao lodo, como poderá caminhar? Como poderá atingir seus alvos naturais, se ventos contrários o solicitam? Seja simples de coração, espalhe o bem a mancheias, renuncie ao supérfluo, que nisso está o segredo da verdadeira vida. Verá que tudo se esclarece à sua volta e nas próprias charnecas germina o grão. Fraternize e ame o seu próximo, dê aos que não têm, alivie os tristes, ampare os deserdados e a quadro do Natal será extensiva a todo o ano.

Elogio de Allan Kardec

Pelo CORONEL DELFINO FERREIRA

II

Nasceu Allan Kardec em Lion, na França, aos 3 de Outubro de 1804, desencarnando em Paris aos 31 de Março de 1869, sucumbindo, aos 65 anos incompletos de idade, vitimado pela rutura de um aneurisma, em plena actividade. Seu túmulo, no Père Lachaise, continua objecto de romaria dos espiritistas de todo o mundo em passagem por Paris. Tombou Kardec em plena acção, no fragor da luta, como tombam os fortes.

Sua vida podemos dividí-la em duas fases marcantemente distintas: a do berço a 1855, e de então à morte. Este último período, de catorze anos incompletos, é o momento áureo em que se processa o advento do Espiritismo.

Allan Kardec, seu pseudónimo na difusão da doutrina, teve como nome civil o de Léon Hippolyte Denizard Rivail. Desde o verdor dos anos atraído para o magistério e pelos estudos da ciência e da filosofia, não seguiu, por isto, a carreira de seus ascendentes, que haviam brilhado na magistratura e na advocacia, embora se houvesse formado em Direito, bacharelado em ciências e letras, doutorando-se também em medicina, com luminosa defesa de tese. Possivelmente devido à situação reinante em França no respeitante ao ensino e à liberdade religiosa, Denizard Rivail, não obstante nascido católico, foi educado entre protestantes. Daí haver sido enviado à Suíça, estudar sob a orientação do renomado educador Pestalozzi, «de quem cedo — diz um seu biógrafo — se tornou dos mais eminentes discípulos e colaborador inteligente e dedicado. Muitíssimas vezes — acrescentou — quando Pestalozzi era chamado pelos Governos, um pouco de todos os lados, para fundar institutos semelhantes ao de Verdum, confiava a Denizar Rivail o cuidado de o substituir na direcção de sua Escola. O discípulo tornado mestre, tinha, além de tudo, com os mais legítimos direitos, a capacidade requerida (12).

Temo-lo assim tornado pedagogo. Seu pendor, aliás, para o magistério se lhe manifestou desde seus primeiros anos, porquanto, desde os catorze ensinava aos seus condiscípulos mais atrasados, o que ia aprendendo. (13).

De 1835 a 1840, deu, em sua casa, cursos gratuitos de física, astronomia, química, anatomia comparada, etc., «empresa digna de elogios em todos os tempos, mas principalmente numa época em que poucas inteligências se arriscavam a tal senda», diz outro biógrafo (14).

Entre outras de suas obras de educação, registam-se:

— Plano para melhoramento da instrução pública (1828).

— Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método Pestalozzi (1829).

— Gramática Francesa Clássica (1831).

— Manual para exames de capacidade (1846).

— Soluções Racionais de questões e problemas de Aritmética e Geometria (1846).

— Programas de curso ordinário de física, química, astronomia, fisiologia (que ele fazia no Liceu Polimático) (1848).

— Pontos para exames do Município e da Sorbonne (1849), acompanhados de instruções especiais sobre as dificuldades ortográficas, «obra — diz esse biógrafo, em 1869, muito estimada na época de sua aparição, da qual ùltimamente ainda se faziam novas edições». (15).

Foi membro de muitas sociedades culturais, científicas, entre elas a Academia Real de Arras, que lhe laureou em 1831 uma notável Memória sobre «Qual o sistema de estudos em harmonia com as necessidades da época.».

Outrossim, buscando facilitar o estudo da História, engenhou um quadro mnemónico da História de França e um método especial de aprender a contar. Poliglota, traduziu para o francês várias obras educacionais alemãs, como para o alemão obras francesas de educação e moral, inclusive de Fénelon.

Por tudo isto, já em 1927, Henri Sausse, traçando rápida biografia de Allan Kardec, encontrada em «O Principiante Espirita», ed. da Federação Espirita Brasileira, fls. 8, disse, com elevada justiça; «Todos sabeis que a nossa cidade» — referia-se a Lyon — se pode honrar, a justo título, de ter visto nascer entre seus muros esse pensador tão arrojado quão metódico, esse filósofo sábio, clarividente e profundo, esse trabalhador obstinado, cujo labor sacudiu o edifício do velho mundo e preparou os novos fundamentos que deveriam servir de base à evolução e à renovação de nossa sociedade caduca, impelindo-a para um adiantamento intelectual e moral seguros».

Muito ainda poderíamos dizer da obra de Denizard Rivail, antes de que este nome, não obstante de «um sábio enciclopédico», qual o designaram alhures, entrasse na sombra. Urge, porém, não alongar demasiado nosso trabalho, a despeito do íntimo desejo, do impulso mesmo de apresentar em toda sua pujança a acção polimorfa desse Génio.

Génio, sim. E sua genialidade se vem revelar, em plena evidência, precisamente quando, tendo renunciado às glórias que o nome de Rivail ainda poderia acrescer ao seu já tão notável acervo, seu ilustre e laureado portador preferiu considerar todo esse brilhante património como coisa do passado, sepultar aquele nome tão justamente festejado, e iniciar, sob outro nome, totalmente des-

conhecido e talvez exótico, mas que lhe lembrava uma outra remota existência, e com ele iniciar uma era nova de vida, surgindo no cenário do mundo como outra personalidade, animada de propósitos também outros, a serviço de um ideal nascente, cujas perspectivas eram ainda enfumadas pela obscuridade do desconhecido. E morre então o nome Denizard Rivail, dando nascimento ao de Allan Kardec, com o qual, genialmente, em menos de catorze anos, faz esquecer totalmente o futuro, com o desempenho de uma missão que se manifesta através de um trabalho assombroso, por seu volume só que fosse, dada a exiguidade do tempo em que se realizou. Bastará assinalar-se que toda a Doutrina do Espiritismo e sua acção se baseiam na obra kardeciana, nos escritos de Kardec que atingem nesses tormentosos catorze anos de actividade a mais de sete mil páginas em cerca de vinte volumes, de 350 páginas, em média! E cumpre a este labor juntar o incalculável volume da correspondência e os artigos de defesa do Espiritismo na imprensa leiga, os discursos e a esplanação doutrinária oral, além da revisão das reedições de seus livros e a direcção suprema do movimento.

Dentre sua obra escrita há destacar seis, hoje consideradas clássicas do Espiritismo: « O Livro dos Espíritos», cuja 1.ª edição, datando de 18 de Abril de 1857, contém a parte filosófica da doutrina e assinala, em verdade, o nascimento do Espiritismo que, perdôem-nos repisar, não reside no mediunismo, instrumento da fenomenologia espirítica, o qual, absolutamente natural, manifesta-se independente da crença de quem a possui, da compreensão ou ambiência do meio em que ocorra; da forma porque se a aceite, a considere ou a pratique, dado que Espiritismo, qual ficou repetidamente dito aqui, é uma doutrina filosófico-moral. Esta, e sòmente esta a caracteriza.

A seguir a este «Livro dos Espíritos», do qual, logo ao sair, disse o Abade Laçang que, praticando-se tudo quanto ensina tem-se feito o bastante na terra para se ser santo, vieram a lume: «O Livro dos Médiuns», (Jan., 1861), «O Evangelho, segundo o Espiritismo», (Abril, 1864); «O Céu e o Inferno» (1-8-65); «A Génese, segundo o Espiritismo», (Jan., 1868) e «Obras Póstumas», reunião de trabalhos doutrinários encontrados no arquivo do mestre.

Destes livros fundamentais, os três primeiros: «Livro dos Espíritos», Livro dos Médiuns» e «O Evangelho», constituem em seu conjunto a pedra de ângulo do majestoso edifício do Espiritismo.

O 1.º, como dissemos, encerra a parte filosófica, estudando o homem e o universo, sua criação, evolução e finalidade; a posição do homem não apenas na terra mas no Cosmos, e, focando-lhe a situação na sociedade, notadamente em sua vida moral, através das leis naturais ou divinas, cuja exposição nesse livro encara os problemas humanos por forma não superada pela posterior, louvável e assás louvada encíclica Rerum Novarum.

O 2.º deles nos oferece o *modus operandi* da fenomenologia espirítica, suas leis, acção e consequência. Nele temos o estudo do aspecto científico do Espiritismo em sua parte experimental.

O 3.º, finalmente, o Evangelho, o grande livro-coração, talvez o de maior tiragem no Brasil onde só pelo Departamento Editorial da Federação foram lançados mais de 300 mil exemplares, em 39 edições. Nele deparamos, como orientação moral, os preceitos cristãos expostos por Jesus, de vez que nenhuma outra forma de Moral jámais se ofereceu tão alta e mais pura à Humanidade. Nesse livro, pois, o aspecto religioso, no verdadeiro sentido do termo.

Quanto aos dois outros: «O Céu e o Inferno» e «A Génese», como que completam a estrutura doutrinária, participando o primeiro do aspecto filosófico, com o discutir o problema do bem e do mal, a Justiça Divina, combatendo a desrazão dos dogmas de penas e gozos eternos, face aos ensinos de Jesus que, através da sentença afirmativa de que a cada um é dado consoante suas obras, proclamou o império da Lei de Causalidade, erigindo o Espírito humano a um ser livre e, por isto mesmo, responsável. Quanto ao segundo, participando dos dois aspectos, o filosófico e o científico, envolve igualmente, pelo aspecto moral das consequências resultantes que estuda, o aspecto também religioso.

Os demais escritos de Kardec são: «O Que é o Espiritismo» — «O Espiritismo em sua expressão mais Simples» — «Instrução Prática sobre as Manifestações dos Espíritos», que, desenvolvido pouco mais tarde, foi substituído pelo «Livro dos Médiuns». O conjunto destes livros apresenta cerca de 3.000 páginas! A elas há que juntarmos 4.367 que formam onze volumes da «Revue Spirite», de Janeiro de 1858 a Março de 1869, toda ela redigida por Kardec. Estes onze volumes da revista, que ainda circula, estão sendo caprichosamente traduzidos pelo Dr. Júlio Abreu Filho, e editados pela *Édipo*, de S. Paulo.

Se considerarmos mais que o grande Charles Richet, criador da Metapsíquica, empregou mais de 40 anos para, após experiências numerosíssimas, pesquisas e observações, apresentar, por fim, essa ciência cujos contornos não chegou a bem definir, iniciando seu trabalho quando já existia a obra de Kardec, oferecendo, portanto, rico material de base, com o que não contou Kardec ao iniciar-se em seus estudos; se considerarmos ainda, que todo o trabalho de Richet em 40 anos limitou-se a apenas uma parte das conclusões kardecianas, expostas, aliás, no «Livro dos Espíritos, no cap. VIII da Parte II, intitulado «Da Emancipação da Alma», em que são estudados fenómenos produzidos, não por Espíritos desencarnados, mas por esse mesmo agente —o espírito— preso ainda ao corpo físico, não tendo encontrado o renomado sábio da Sorborne explicação para os fenómenos cujo agente não era o próprio homem, havemos de convir que, realmente, Kardec foi um Génio, tanto mais quanto como tal se considera a Richet.

Acoimou-se Kardec de *homem de boa fé*, quiçá de místico. Nada mais falso. E vamos vê-lo:

Em 1848, em Hydesville, nos Estados Unidos irromperam e despertaram mundial atenção certos fenómenos que conduziram a experimentações por toda parte. A verdadeira epidemia chegou naturalmente a Paris e toda a gente se preocupou, à guisa de divertimento, é verdade, com as chamadas mesas girantes. Já em 1854 procuram nisso interessar Kardec. Negou-se. Falaram-lhe em magnetismo. E ele, que o conhecia e o estudara, continuou a negar-se. Entra, enfim, o ano seguinte, 1855, amigos insistem, e ele sempre a se desinteressar, descrente do que lhe afirmavam. Por fim, em uma noite de Maio desse ano, por insistência de um amigo cujo carácter lhe merecia consideração, mormente por, tal como ele, não ser homem de fáceis entusiasmos, antes, ponderado e frio,

assentiu em acompanhá-lo, mais por atenção ao amigo.

Como verdadeiro sábio não repelindo *a priori* e não julgando preconcebidamente o que não conhecia, entrou a observar, atentamente, o desenrolar dos acontecimentos. Leiamos, porém, o que ele mesmo escreveu: «Longe estava eu de firmar minhas ideias; mas ali se deparava um facto que deveria ter uma causa. Entrevi oculto naquelas futilidades aparentes e entre aqueles fenómenos de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a revelação de uma lei, que fiz o propósito de descobrir» (16).

De seu critério na observação dos factos, nas conclusões a colher e nos princípios a fixar, podemos concluir pelo que se estabelece como norma, em «O Livro dos Médiuns» (17): — «Desde que uma opinião nova se apresente, por muito duvidosa que vos pareça, é prudente passá-la pelo laminador da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai francamente: *Vale mais repelir dez verdades do que admitir una única mentira ou falsidade*».

Despedindo-se do Mestre à beira do túmulo, Camillo Flammarion, o poeta da Astronomia, sábio renomado, autor de tantas obras de subido valor, disse entre outras coisas, proclamando-lhe os méritos:

«*Ele foi o que chamarei o bom senso encarnado*. Razão firme e judiciosa, aplicava-se sem descanço à sua obra, às íntimas indicações do senso comum. Não era essa uma qualidade sòmente na ordem das coisas que nos ocupam. Era, seguramente, a primeira de todas e a mais precisa, sem a qual a obra não se teria popularizado nem distendido pela terra suas grandes raizes».

Temos neste pouco que vos demos do carácter e do critério de Allan Kardec e nestas palavras de Flammarion, o bastante para se reconhecer nele um espírito de escol, um espírito prudente e forte. Não basta, porém, há que juntar outra virtude, outro mérito maior que todos, porque vera expressão, melhor, exacta síntese de todos: a bondade. Allan Kardec foi, acima de tudo, um bom. Quer pelo seus actos pessoais, quer pelo bem que sua doutrina vem realizando no mundo. E é ainda a Flammarion que vamos pedir o valioso testemunho. Foi ainda à beira do túmulo. Lembrando a orientação impressa pelo Mestre ao Espiritismo, levando-o mais ao coração do que ao cérebro, muito embora não descurado houvesse jámais de sua feição científica, increparam-lhe isto como erro. Disse, então, Flammarion; «Increpou-se ao digno amigo ter preferido constituir um corpo de doutrina moral, a aplicar a discussão científica à realidade, à natureza dos fenómenos. Talvez fosse melhor que as coisas tivessem assim começado. É preciso não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações esta crença religiosa tem levado aos corações! Quantas lágrimas enxugado! Quantas consciências se têm expandido aos raios da beleza espiritica! Nem todos são felizes na terra onde muitas afeições são despedaçadas, e muitas almas têm sido envenenadas pelo cepticismo! Não é de grande valia ter trazido ao Espiritismo tantos seres que flutuavam num mar de dúvidas e que eram indiferentes à vida física quanto à intelectual?» (18).

Foi precisamente, ajuntamos nós, nessa atitude, que Allan Kardec mais frisantemente se mostrou, como disse Flammarion, o bom senso encarnado. É que o Missionário trás, no interior de si mesmo, a grande força propulsora do êxito da missão a que vem. Jesus prometera, para mais tarde, após sua morte, um outro Consolador, e o Espiritismo pelas características expostas pelo Cristo é esse Consolador. Consolador porque ensina, explica, esclarece, como porque conforma o homem com as imposições da Lei de Causalidade. Daí a suave resignação dos que sabem sofrer; resignação diferente da teológica e variando segundo a compreensão mais ou menos consciente de sua natureza.

Se algo mais o Espiritismo não provasse além da sobrevivência activa da alma e de sua volta ao plano físico para retomada de sua evolução, já com isto, revolucionando os costumes, as leis humanas e determinando novos e mais elevados rumos à conduta do homem e dos povos, já com isto teria resolvido parte da grande indagação humana: de onde vim? para onde vou? porquê e para quê ai estou?

Descreem ainda, entretanto, multidões. Sabemo-lo.

Que importa? A dúvida não é tão negativa como parece. O descrente de hoje será o crente de àmanhã. É da lei. Enquanto não, que duvide; até que a própria vida, nem que seja na morte, ensine como ao Espírito do que foi na terra Antero do Quental, que o expôs no soneto, impecável, na opinião de Berilo Neves, ditado ao médium, de apenas instrução primária, Francisco Cândido Xavier:

Crê-se na Morte o Nada, e, toda-
[via,
A Morte é a própria Vida, activa
[e intensa!
Fim de toda a amargura da des-
[crença,
Onde a grande certeza princípia.

O meu erro no mundo da Agonia
Foi crer demais na angústia e na
[doença
Da Alma que luta e sofre, chora
[e pensa
Nos labirintos da filosofia...

E no meio de todas as canseiras
Cheguei, enfim, às dores derra-
[deiras
Que as tormentas de lágrimas
[desatam!...

Nunca, na terra, a crença se rea-
[liza
Porque em tudo, no mundo, o
[homem divisa
A figura das dúvidas que matam...

Não dissemos do Mestre o que em verdade ele é. Foi tosco o perfil que lhe compusemos. Está frusto nosso objectivo. Não foi feito o Elogio de Kardec.

Perdoai-nos vós, que ele, excelso nas virtudes e no saber da Lei, não perdoa, dado só perdoar quem se ofende e só se ofender quem muito se estima ou ainda que pouco, pois Kardec reconhece, sabe que a luz mortiça de hoje será o sol de amanhã, ele, que proclamou:

Nascer, Viver, Morrer, Renascer ainda, Progredir sempre, tal é a lei.

---

(12) Henri Sausse. Biografia de Kardec. O Principiante Espírita. F. E. B.

(13) Revue Spirite. Maio 1869, em Obras Póstumas. F. E. B.

(14) H. Sausse, ob. cit.

(15) Revue Spirite, cit.

(16) Kardec: Obras Póstumas. P. II «A minha iniciação no Espiritismo».

(17) Kardec: Livro dos Médiuns. N.º 230. F. E. B.

(18) Kardec: Obras Póstumas: Discurso de Flammarion. F. E. B.

FIM

O ESPIRITISMO E A FRENOLOGIA

por ARNALDO MATEOS

Tanto a verdade filosófica como a verdade religiosa emanam de um mesmo Deus que é centro e origem de toda verdade e por isso estão e hão-de estar em completa e admirável harmonia.

Mariano Cubí Soler

Exercendo-se todas as funções da vida material por meio de orgãos, é natural que as funções da inteligência tenham também orgãos adequados à sua manifestação durante a vida física.

O cérebro é o instrumento pelo qual se manifesta a alma humana; e como as qualidades desta são numerosas, a posição dos orgão e seu desenvolvimento, bem como a harmonia entre eles, constitui o objecto da Frenologia.

É facto comprovado pela experimentação que as faculdades morais e intelectuais dos indivíduos correspondem ao estado dos orgãos cerebrais; e isto serviu para que alguns supusessem que a Frenologia vinha a sancionar as teorias materialistas. Não acreditamos que a ciência, a verdadeira ciência, possa confirmar o materialismo, porque este é a negação da ciência. Todas essas faculdades tendem ao conhecimento da verdade; e a cada novo passo que o homem dá no infinito campo do desconhecido, adquire uma prova a mais da existência de Deus.

A Frenologia nunca disse que o cérebro é o princípio inteligente, mas que é o instrumento de que se serve a alma para a sua manifestação na vida corporal. «Eu tenho para mim — diz o ilustre propagador da Frenologia em Espanha, Mariano Cubí Soler — que nenhum frenólogo pode ser materialista, nem nenhum materialista, frenólogo».

Não vamos aqui estudar a Frenelogia na sua parte teórica, nem mesmo prática; nem é o lugar próprio para isso, nem temos competência para o fazer. Só queremos encará-la sob o aspecto espiritualista e espirita. No primeiro, isto é, segundo o dogma que admite uma só existência corporal e a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo, veremos que não se ajusta à bondade e justiça do Criador e pode ser atacada. Considerada sob o critério espirita, explica-se de forma racional e portanto satisfatória.

Para que a Frenologia pudesse difundir-se em Espanha é provável que o eminente frenólogo tivesse que adaptar os seus livros e dissertações ao critério da Igreja Católica Romana. E mesmo assim não se viu livre da perseguição e denúncia ante os tribunais eclesiásticos. De nenhum outro autor poderiamos, pois, tomar os dados necessários para o nosso objecto. A citação que fazemos da sua obra «La Frenologia y sus Glorias», reprodu-la o autor de um folheto que publicou em 1847, repelindo as acusações que lhe dirigiu um sacerdote de Santiago de Compostela que nesse tempo o acusou ante o tribunal eclesiástico daquela cidade. Diz assim:

«A Frenologia nos diz que assim como um navio, por bom que seja o vapor de água, não pode andar se a máquina estiver desafinada, ou anda bem ou mal, conforme o estado em que ela se encontrar; que assim como uma luz, por brilhante que seja, não pode manifestar-se se estiver rodeada de tubos obstruídos, ou se *manifesta* segundo o estado em que estes se encontram; da mesma maneira, — se é que acerca da matéria cabem comparações — a alma, por sublimes, puros, espirituais e imortais que sejam seus atributos, manifesta-se segundo o estado da máquina, ou dos instrumentos através dos quais prouve ao Omnipotente fazê-la trabalhar neste mundo. Assim é que a Frenologia, sem separar-se jamais do destino da alma, da sua espiritualidade, da sua imortalidade, nem da sua liberdade inata, explica como afecções do cérebro, como afecções do seu orgão material, todas as suas aberrações e, filosòficamente, até a sua existência, mesmo quando tenha deixado de manifestar-se».

Esta teoria ajustar-se-à, sem dúvida, ao critério dos teólogos romanos, posto que o livro que a reproduz tenha sido aprovado pela censura eclesiástica. Examinemos agora se ela se ajusta à razão.

Se durante a vida corporal a alma se manifesta de harmonia com o estado de seus orgãos cerebrais, até que ponto, moralmente falando, é ela responsável pelos actos que executa através do organismo? Não são apenas devidas ao estado deste? E se assim é, não será a alma escrava da

matéria? Que mérito tem o virtuoso e que culpa aquele cujo desequilíbrio orgânico o leva a cometer actos condenáveis?

Se expuséssemos aqui todas as considerações que nos ocorrem, encheríamos muitas páginas. Mas nós queremos ser breves. Bastam as que indicámos. Essa teoria é inadmissível; dela se conclui que há seres privilegiados e deserdados moral e intelectualmente, pois o cultivo das faculdades na vida corporal produz desenvolvimento relativo. Assim é que, de um homem vulgar, não poderá fazer-se um S. Vicente de Paulo ou um Newton.

É evidente que há seres bondosos e perversos. Há uns em cuja fronte brilham vívidos os lampejos da inteligência e outros de fulgores tão pálidos, que apenas iluminam seus passos. Assim mesmo —e esta demonstração deve-se à ciência criada por Gall — é claro que nuns e noutros essas faculdades estão em relação com o desenvolvimento de seus orgãos encefálicos, os quais, desde a infância, indicam o que pode esperar-se do indivíduo.

Mas isto não nos prova que as boas ou más inclinações dos homens sejam devidas à maior ou menor harmonia de seus organismos cerebrais, porque não podemos admitir que o princípio inteligente que anima um anjo de bondade possa nele obrar como um malvado pela harmonia do seu instrumento de manifestação, assim como também não podemos admitir o que diz o autor citado no seu livrinho «Elementos de Frenologia», segundo o qual a alma é «a mesma num imbecil e num Napoleão», num sábio e num *ignorante*.

Todas as faculdades residem na alma, são da alma, e por conseguinte o seu aparelho de comunicação na vida física há-de estar em relação com o seu estado.

Admitindo o princípio da pluralidade de existências da alma; admitindo que todas foram criadas simples e ignorantes mas com aptidão para o progresso; admitindo que isto o realiza o espírito mais ou menos ràpidamente em suas diversas existências, em virtude de seu livre arbítrio, podemos firmar o princípio de que o cérebro do indivíduo corresponde ao estado do ser que o anima.

O que cada um possui é fruto de seu trabalho adquirido em várias existências, que são para a vida do espírito o que as jornadas são para a vida corporal.

O grau de elevação moral adquirido manifesta-o o espírito em suas reencarnações. O intelectual pode não o manifestar, mas deve estar indicado no seu organismo cerebral. Quer dizer, o frenólogo, pelo estado dos orgãos, reconhece grandes aptidões para este ou aquele conhecimento em indivíduos que seguiram carreiras diferentes; em nossa opinião são conhecimentos adquiridos noutra ou noutras existências que ficarão nesta em estado latente, se não os avivarmos pelo trabalho.

Um sábio antigo disse que «aprender é recordar»; em muitos indivíduos cremos que é assim. E poderíamos citar como exemplos essas crianças cuja precocidade chama a atenção do público, que na mais tenra idade manifestam faculdades extraordinárias para qualquer ciência ou arte; os que, sem as terem cultivado, demonstram que não lhes são estranhas; e os que neles fazem progressos tão rápidos, que causam assombro aos próprios mestres.

Os espíritos que realizaram grande progresso intelectual, neste ou noutros mundos, ao encarnar entre nós com o objectivo de impulsionar algum conhecimento humano ou levar a efeito uma grande empresa, manifestam claramente em largos planos que em suas frontes mora um génio; e o frenólogo não se enganaria ao afirmá-lo, depois de examinar aqueles orgãos tão desenvolvidos, auxiliados por um temperamento que lhes dá força para empreender grandes coisas e lutar denodadamente contra os obstáculos que se lhes apresentem. Tais foram Aristóteles, Hipócrates, Moisés, Sócrates, Arquimedes, Galileu, Newton, Kepler, Gall, Hahnemann e tantos outros, cujos venerados nomes bastariam para encher muitas páginas.

Mas dissemos que as faculdades intelectuais podem ficar em estado latente durante a encarnação. Com efeito, quantas pessoas há que devido às circunstâncias não puderam adquirir as noções indispensáveis para exteriorizar o talento que o frenólogo nelas adivinha! O seu organismo demonstra que tais espíritos possuem conhecimentos, mas não os tendo despertado nesta existência, não os manifestam. São diamantes em bruto que a lapidação faria brilhar, mas que permanecem ocultos, talvez porque convenha ao seu progresso moral, que é o verdadeiro progresso. Não obstante, o público classifica-os de *talentos naturais*, porque, embora incultas as suas faculdades, revelam lucidez intelectual e critério tão claro, que não existe noutros, cujo encéfalo não apresenta as mesmas condições. Há indivíduos a quem o frenólogo diz após o exame: «Você seria um bom pintor, ou matemático, ou médico, ou jurisconsulto», sem que eles jamais tenham pegado na paleta ou no com-

passo, nem tenham a menor noção de medicina ou de legislação. O frenólogo não é espiritista e poderá explicar esta disposição pelo estudo dos orgãos; mas nós, concordando nisto com ele, cremos que essas aptidões se devem a trabalhos adquiridos pelo espírito que anima o sujeito em questão, e, como as possui, manifestam-se no seu organismo.

O progresso moral adquirido revela-o o homem com seus actos em todas as condições da vida humana, estejam ou não cultivadas as suas faculdades intelectuais. Estas são apenas o meio, a escala para atingir as morais. Não é em vão que na parte superior do crânio se alojam os orgãos que lhes correspondem. A elevação moral do espírito é que o aproxima de Deus; por isso estas faculdades, que são de todos os tempos e lugares, as manifesta sempre o homem no grau respectivo e são susceptíveis de desenvolvimento, como as intelectuais.

A Frenologia prestou um serviço à psicologia, determinando de forma patente as faculdades do espírito, por meio do estudo de seus orgãos de manifestação humana; e presta-o ao indivíduo, apontando-lhe o caminho que deve seguir na vida para alcançar o progresso, quer estimulando com o trabalho as faculdades debilitadas, quer procurando não excitar as que estejam excessivamente debilitadas. Trabalhando para harmonizá-las, trabalha em seu favor no sentido do seu progresso. Também demonstrou que o mal, em princípio, não existe no homem. O mal tem origem na perversão de uma ou algumas de suas faculdades.

Vemos, pois, que se o estudo da Frenologia é útil a todos os homens, aos espiritas é utilíssimo.

O Espiritismo não pode contrariar a Frenologia, nem a Frenologia o Espiritismo. É que uma verdade não pode contradizer outra verdade; pelo contrário, ambas devem harmonizar-se. Os pontos duvidosos que a ciência de Gall, filosòficamente considerada, pode apresentar aos partidários de um dogma e aos materialistas, desvaneceu-se, examinados à luz do Espiritismo. Não é em vão que se tem dito que o Espiritismo não é uma ciência, mas que é a Ciência...

(I. D. S. traduziu)

Auxílio aos necessitados

Transporte do número anterior ..... **1.715$00**
Gabriela Jervis Ferreira, 10$00; Bárbara Brito Ramos, 20$00; Glória dos Santos Moura Belo Romãozinho, 20$00; F. M. G., do Rio de Janeiro, 1.500$00; Armando Araújo, 30$00; David da Silva Guimarães, 20$00; José A. Pais de Carvalho, 10$00; João Augusto da Costa, 10$00; Sebastião Elviro Martins, 20$00; António da Costa Felix, 20$00; Joaquim Dias, 20$00; S. A. S., 10$00; Maria Madalena de Jesus Macedo, 15$00; Maria Emília de Oliveira, 10$00; Cesaldina Emília Gonçalves, 10$00; Jorge Augusto Raimundo, 20$00; Anónino, de S. Miguel, 20$00; Julieta Reis Beleza, 20$00; Laura Valdez 30$00; Cipriano José Marques 52$50; Um anónino, de Vila Franca, 100$00; Outro anónino, de Benavente, 40$00; Cecília Mesquita Guerra, 20$00; Por M. H. S. B., 100$00; José Joaquim, 10$00; Zahyra Fontes Pereira de Melo, 20$00; Maria Luísa Brandeiro, 20$00; Manuel Fonte Santa, 5$00; A. Santos, 20$00; Gracinda Pires da Rocha 20$00; Anónino, 10$00; Isaac Marques 30$00; Alvaro Garcia, 20$00; Matias Nobre, 10$00; Ilheu, de Ponta Delgada, 20$00; Francisco Henriques 50$00; António Martins de Almada, 50$00; Luís Campos da Glória, 5$00; Maria Aida Rodrigues Alves, 50$00; A. R., 10$00; Lucinda Mendes, 50$00; Artur Levi Gomes, 20$00; José Pinho Trindade, 100$00; Alfredo Vieitas, 20$00; Manuel Gonçalves Viana da Cruz 30$00; José Farinha, 30$00; Manuel Oliveira Gouveia, 50$00; Romão Saragoça Velez, 20$00; Carlota Valério da Silva, 20$00; José Rebordão, 20$00; António Constantino Brites 20$00; Francisco Gomes Paixão, 20$00; António Pereira, 20$00; Arnaldo Carvalho da Cruz, 20$00; Sócia n.º 106, 10$00; José Cabral, 25$00; Violeta Antunes Lopes 20$00; H. S., 20$00; António Gonçalves de Campos, 50$00; Maria Gentil Ramos Duarte, 20$00; A. C. G., 20$00; Aires dos Santos Pinto 200$00; Piedade de Barros Gomes, 150$00; João Pinto Muge, 50$00; A. J. Pinto de Almeida (por intenção de sua esposa), 20$00; Manuel da Silva Dionísio, 10$00; J. Nunes, 10$00; João Albuquerque, 10$00; Maria Antónia, 20$00; Jaime Henriques Caetano, 20$00; Sebastião Maria de Araujo, 20$00; Faria & Novais, 50$00; Miguel Matias de Carvalho, 20$00; De Alberto e António, 200$00; Ana Colaço Guerreiro, 20$00; F. E. de Carvalho Simão, 50$00; Pelo Espírito de Lusitana Cruz, 15$00; Manuel Afonso Joia, 10$00; Francisco Cipriano Figueiredo, 20$00; Bernardo Correia de Almeida, 10$00; Fernanda Graça, 20$00; Dr. Beleza de Andrade, 20$00; Eugénia C. Paiva, 17$00; José Augusto Taveira, 20$00; E. Ferreira Alho 20$00; F. Z., 2$50; Dr. Leão de Castro, 20$00; Tito Zuzarte, 20$00; Dr. Adriano de Oliveira, 20$00; C. S. S., 15$00; Belita, Nini, Melita, 20$00; Emília da Piedade, 10$00; Manuel Tavares, 20$00; César Alves, 20$00; Pelo Espírito de Maria Cândida e Gervásia, 20$00; Maria Ilídia Armada, 50$00; António J. Martins 200$00; Manuel J. Santana, 57$50.

(Continua)

HISTERISMO OU IGNORANCIA?

por B. B. MARTINS

Rogério, trinta e poucos anos de idade, casado, pai de quatro crianças, abastado proprietário e próspero negociante em importante vila ribatejana, educado e de inteligência evidente ao convívio. Periòdicamente é vítima de terríveis ataques que o fazem perder por completo o controlo de si mesmo. Espanca barbaramente a resignada esposa, parte as portas e os móveis a pontapés, fez um buraco nas costas da cama de tanto bater com a cabeça, rasga-se todo e tem mostrado tendência para o suicídio. Depois das crises passadas, chora arrependido e pede perdão à esposa maltratada, que está sempre pronta a desocupá-lo, pois diz ela que bem vê que aquilo não é do marido. Ele já tem também vertido lágrimas de não poder ter uma crença, por não compreender a existência de Deus, nem admitir a sobrevivência da alma.

Nenhum tratamento tentado tem produzido resultados satisfatórios. Já esteve num manicómio, mas voltou na mesma. O Naturismo do professor Capo e a dieta vegetariana que segue sempre com entusiasmo também não produziram melhoras. Sòmente as coisas correm menos mal nos dias em que a esposa ora com mais fervor. Mas ela é fraca e desanima.

A esposa, apesar de católica convicta, resolveu, no seu desespero, experimentar um conselho que lhe deram e foi a uma sessão de Espiritismo para tentar a cura do marido. Foi-lhe aí dito que o marido estava sendo obsidiado por um tio dele que se tinha suicidado, o qual se esforçava para o levar também ao suicídio.

Sem dúvida, devido aos preconceitos da sua dogmática religião e porque a cura milagrosa não se obteve numa única sessão, a pobre senhora não teve coragem de persistir na direcção em que se lhe tinha feito alguma luz sobre a causa da doença do marido e voltou novamente desalentada para a sua igreja, que talvez lhe possa ainda curar o seu possesso do «demónio».

II

Miguel, campónio, de 76 anos, toda a vida foi pessoa de comportamento normal, trabalhador e amigo de zelar pelos seus haveres. Alguns anos atrás tornou-se vidente. Tinha um irmão conhecido pela alcunha de «Fadista», que era demente. O irmão desencarnou há poucos meses e, no dia seguinte ao desenlace, o Miguel começou a manifestar sintomas de loucura fazendo os mesmos trejeitos e tomando as mesmas atitudes do irmão falecido. O desassossego aumentou, não parava em casa fugindo para o campo e afirmando que lhe diziam que «aquela casa não era dele, que não podia ali estar». Ia à cavalariça, soltava os animais, não se queria alimentar, tendo a filha e o genro que o abocarem à força como a qualquer animal fastiento para o obrigarem a engulir alguma comida. Não tinha sossego nem de dia nem de noite, sofrendo e fazendo sofrer a família.

Trouxeram-no os seus à Medicina Oficial. Foram-lhe prescritos diversos calmantes, mas as melhoras foram nulas, apesar de insistir no tratamento indicado pelo facultativo. Pelo contrário, parecia que o mal refinava. Alguém lembrou de o levarem a uma vidente a Santarém. E a vidente, que nunca o tinha visto nem lhe conhecia a família, descreveu prontamente a causa da doença. Eram vários espíritos perturbados que o molestavam com o seu assédio. Um era um espírito que em vida fora conhecido pelo «Fadista» (o irmão que fora demente, quando encarnado). Outro era o espírito da mulher do doente, já desencarnada, que queria levá-lo com ela. E outros ainda, não identificados, que não o deixavam sossegar.

III

Sabina, cerca de 30 anos, casada, com dois filhos, pessoa de hábitos normais e regulares, começou a ter estranhos ataques. Em sua casa ou no consultório da Medicina Oficial (pois fizera uma operação e andava em tratamento) começava de repente a gritar, numa grande aflição, e atirava-se para o solo, estrebuchando. O nosso Medicina Oficil, de educação católica, acudia-lhe prontamente, desancando-a com sádico prazer, punha-lhe um joelho na barriga e todo ele se regalava, esmurrando-lhe o rosto de tal maneira que, durante muitos dias, a infeliz andava com equimoses nos olhos e nos malares pela bár-

bara tareia. Era uma vergonha aquela forma de tratar uma doente, mas, apesar da brutalidade e do enxovalho por que passava a infeliz, os diagnosticados ataques de histerismo (?!...) continuavam a repetir-se em casa da doente, mais ou menos a horas certas, e no consultório da Medicina Oficial quando calhava. O que valeu à pobre Sabina foi que a certa altura começou a ver em sua casa o espírito duma tia desencarnada havia vários anos, a qual lhe dizia que «queria que ela fosse a uma igreja de Santarém pagar-lhe uma promessa».

Um dia a Sabina meteu-se a caminho e lá foi pôr a vela na igreja indicada. E, caso estranho, o que as sovas e os medicamentos não tinham conseguido durante tanto tempo, conseguiu-o num momento aquele acto tão simples. Não houve mais ataques, não voltou a mostrar-se mais o espírito da tia falecida.

IV

Felizmina, 20 anos, solteira, começou sùbitamente a sofrer duns ataques que a Medicina Oficial dizia serem ataques de histerismo. Calmantes, hipnóticos, sovas mestras, nada conseguiu impedir a repetição destas perturbações histéricas (!) que teimosamente deixavam em xeque os métodos da Medicina Oficial. A primeira vez deu-lhe no consultório e a própria Medicina Oficial a foi levar a casa como morta. Repetiam-se em casa, gritando tão aflitivamente, que a residência se lhe enchia de vizinhança que acorria a ver o que se passava. A Felizmina lutava desesperadamente e o seu corpo delgado parecia ter mais força que quatro homens. Gritava que a queriam afogar, que a estrangulavam, que morreria. Dava murros nas paredes e em toda a parte, sem evitar de se magoar. O pai, robusto camponez habituado aos rudes trabalhos do campo, agarrava-lhe os pulsos, com toda a força, para ela se não magoar, mas os seus fortes braços eram afastados e repelidos com toda a facilidade como se fossem os de uma criança. A Felizmina agarrava-se aos ferros da cama, contorcendo o corpo em luta angustiosa com inimigo invisível, e a cama, que era resistente, ficou toda desconjuntada.

Depois disto ficava de tal modo exausta, que não se podia mexer e quase emudecia durante alguns dias.

Dois representantes da Medicina Oficial, competentíssimos noutro género de doenças (nas doenças orgânicas), trataram a Felizmina e ambos afirmaram, isoladamente, que a doença eram ataques histéricos. Ambos prescreveram, ainda que diversamente, e ambos colheram insucesso, visto que o mal continuava cada vez mais violento, apesar dos seus esforços, quer pelas drogas, quer pelo processo preferido — a pancadaria à discrição. A moça continuava a ter ataques tão violentos que dizia que morria e a família via-a tão mal, que cria que ela, de facto, não poderia resistir. Gritava que a queriam asfixiar, que lhe apertavam a garganta, e apontava para um canto da casa, dizendo:

— Está ali... Eu vejo. Está ali... Quer apertar-me o pescoço...

O pai sensurava-a:

— Não está ali nada, Felizmina. Eu não vejo nada.

Ela continuava a afirmar, desesperada:

— Está ali... Eu vejo...

Mas ante a censura do pai acabava por se calar receosa de explicar o que via, o que a atacava. Um dia viu-se tão sucumbida, que pediu que lhe fossem chamar o irmão que prestava serviço militar nas Caldas da Rainha, pois que morreria e queria vê-lo antes de morrer. Veio o irmão à pressa, chorando o estado da irmã, que parecia prestes a partir deste mundo.

Depois, alguém lhes lembrou que deviam procurar uma médium curadora em povoação próxima, que tem curado muita gente deste género de doenças. Às escondidas da Medicina Oficial, sem dizerem nada a ninguém, mandaram lá a roupa da Felizmina. A causa do mal foi logo decifrada: Tratava-se de acto de magia negra que uma vizinha lhe tinha feito, por causa de um namoro. O rapaz queria a Felizmina, e a outra queria o rapaz, mas este não lhe ligava importância.

Para os afastar, a vizinha tentou resolver o caso por meio de bruxaria. A curadora prescreveu um tratamento para casa e ela mesma fez lá umas rezas e umas benzeduras.

O que certo é que os ataques não se repetiram e a rapariga hoje está sã e escorreita, embora a família faça grande segredo do caso com receio de que a Medicina Oficial venha a saber.

«Quem tem olhos de ver, veja. Quem tem ouvidos de ouvir, oiça».

LEIAM
«A GRANDE SINTESE»
de PIETRO UBALDI

NOSSOS PODERES OCULTOS

Por CIRILO ALEIXO

Depois de te ter mostrado o caminho do país do sonho e da ventura, vou falar-te dos tesouros que jazem em nós adormecidos e dos quais não fazes a mais pequena ideia.

É necessário e é tempo de nos desembaraçarmos de muitos sofrimentos, aceites até hoje pela ignorância, como coisas inevitáveis e deixarmos de curvar a fronte a toda a sorte de fatalismos, que transformam a vida num verdadeiro inferno.

Não somos os joguetes das forças da natureza, como muita gente supõe, mas seres livres e senhores de potencialidades capazes de nos fazerem triunfar de todas as lutas e vencer os obstáculos erguidos no nosso caminho.

Lançando um olhar sereno sobre o mundo, qual romeiro no alto da montanha espraiando a vista pela amplidão do horizonte, que vemos? Uma humanidade sombria e turbulenta, acotevelando-se e guerreando-se no meio de fragas e blasfêmias, impelida pelas inflexíveis leis da evolução, no lento mas seguro caminhar para um mundo melhor, pleno de amor e de compreensão.

Para quê tanta luta e tanto rancor, se a meta pode ser alcançada por meios mais suaves e mais humanos?

Para quê tanto orgulho, tanta inveja e tanta ambição, se todos somos frutos da mesma origem e marchamos para o mesmo fim? Em vez de ódio e de rivalidades, por que não damos as mãos uns aos outros, ajudando-nos fraternalmente nesta espinhosa ascenção, que é nosso fado? É que a fase razão não tem ainda o vigor das coisas maduras e por isso vacila, sob múltiplas influências atávicas.

Daí esse estendal de misérias, essas lutas fratricidas, esse cortejo interminável de seres, para quem a vida é bem horrível fardo, fruto da nossa ignorância e resultado da transgressão às lei do amor e da humildade.

Prescrutai o íntimo das pessoas que nos cercam e ficareis admirados como se perde tempo com verdadeiras frioleiras, como nos preocupamos com míseros e falsos preconceitos, pondo de lado questões de ordem mais elevada, que nos ajudariam a libertar destes desoladores estados animalescos! Indagai das causas de um crime, de uma desgraça qualquer, e vereis que no fundo, a base real de todas essas misérias, é sempre a mesma, a propensão para tudo que é baixo e nos mantém em forte apego ao lodaçal dos vícios e das paixões.

A verdadeira causa da maior parte, para não dizer de todas as nossas desinteligências, é, pois, de natureza tão fútil, que se fica admirado como se chega às do cabo, por meras questões de lana caprina.

Se sofres e desejas libertar-te das férreas algemas da dor, procura elevar-te acima da animalidade inconsciente e emancipar-te do jugo ignóbil das paixões efémeras, que acorrentando-te a todas as baixezas, te impedem o ingresso nos planos superiores.

Dentro de ti jazem ocultos tesouros magníficos, possibilidades inimagináveis, aguardando a ordem de entrar em acção e essa ordem há-de partir de ti, senhor absoluto dessas riquezas, que poderão transformar-te num ser livre e consciente, qual valoroso soldado, na luta contra as trevas da ignorância e da superstição.

Abre os olhos às realidades superiores, fugindo do sombrio covil onde se degladiam os insensatos, pela posse daquilo, que só as virtudes da alma podem conceder.

Proclama alto e bom som que és livre, senhor de um vasto império, como jamais havias sonhado e isso te dará a força necessária para venceres todos os obstáculos e triunfares de todas as vicissitudes da vida. Não sorrias a esta afirmação, nem duvides da realidade desses tesouros. Compara-te antes a quem, vivendo em extrema miséria, tivesse, sem o saber, uma riqueza fabulosa.

Assim como não se compreenderia que um mendigo morresse de fome ao lado de valores sem conto, não se pode tolerar também que, senhores de possibilidades infinitas, a vida não passe geralmente de um triste pesadelo. E no entanto, todos nós, sem excepção, somos senhores de tesouros ocultos, que são nossos, muito nossos e estão sempre e inteiramente à nossa disposição, a questão é saber utilizá-los.

Se não és de todo incrédulo, só a ideia de possuires tamanha riqueza te encherá de uma alegria e de uma serenidade sem par. Assim como quem — econòmicamente falando — não receia o dia de amanhã, por possuir recursos necessários, também as possibilidades que em nós dormitam, são de molde a nos fazerem enfrentar todas as circunstâncias com calma e confiança absolutas.

«Mas, afinal, que tesouros são esses?» perguntarás talvez com curiosidade.

São tesouros que ultrapassam tudo quanto se possa imaginar e nos facultam os meios de passarmos a encarar a vida sob um aspecto inteiramente novo, assente em bases inabaláveis, quais sólidas rochas, insensíveis às fúrias do mar.

Habituada ao mundo objectivo, muita gente não se apercebeu ainda da existência desses valores internos, com os quais nos é possível libertar-nos do jugo da dor e passarmos a viver com mais consciência e mais de acordo com os desígnios da Providência.

Nunca te passou pela mente de que todos nós somos manifestações do Supremo Poder Infinito? Somos senhores da sabedoria, do poder e da bondade da Fonte de onde emanamos, atributos esses que se encontram latentes nas profundezas do ser e prontos a manifestarem-se, quando aprendermos a despertá-los convenientemente.

As decepções e o desânimo têm lugar por não sabermos tirar proveito dessas amplas possibilidades que constituem o nosso património e se o fracasso vem coroar muitos dos nossos empreendimentos, é porque não aprendemos ainda a conhecer suficientemente o nosso verdadeiro eu.

É que ele, o pobrezinho, soterrado sob as múltiplas artificialidades mundanas, passa, por assim dizer, despercebido no meio do rodopiar da vida, sendo geralmente tomados por ele, certos estados mentais, que não passam de outros tantos falsos eus.

Se quereis descobrir vosso eu real, tereis primeiramente de vos isolardes, concentrando depois a atenção no mais profundo do vosso ser, até a centelha divina se manifestar, o que, após algumas tentativas, vem a ocorrer, quando um doce arrebatamento vos advertir de que chegastes enfim, ao sagrado santuário do vosso ego.

Devemos habituar-nos a ir ao seu encontro, quando as circunstâncias o exigirem e a não nos esquecermos de que é senhor de poderes infinitos.

O segredo do êxito está aí e quem aprender a utilizar este poder convenientemente, entrará na posse de uma satisfação e tranquilidade jamais sonhadas, ao mesmo tempo que, com a dispersão das pesadas nuvens do pessimismo, os benditos raios da esperança virão dourar a existência mais sombria.

Para conseguirmos este objectivo, é necessário sabermos primeiro desembaraçar-nos de todas as condições mentais que a nossa ignorância confunde com o verdadeiro eu.

Acostuma-te a essa tarefa, aproveitando todas as oportunidades diárias e assim, em face de qualquer acontecimento, aprende a desfazer-te de todos os estados mentais que surjam, como outros tantos falsos egos, procurando refúgio no doce sacrário da centelha que nos anima, esse centro de forças e de influências infinitas, livre, eterno, invencível e invulnerável.

Por maior que seja a desgraça desabada sobre vós, aurireis nesse contacto divino uma energia tal, que se vos tornará bem fácil encarar todas as circunstâncias com um sangue frio e clarividência admiráveis, a ponto de o mundo se admirar como podeis permanecer calmo, quando os outros, em idênticas condições, se debatem em desespero.

A confiança em nós mesmo, é um factor decisivo para o bom êxito de qualquer empresa e quem sabe extrair das profundezas do seu ser as energias necessárias ao labutar diário, não pode deixar de possuí-la de uma forma ilimitada, cônscio da existência, em seu âmago, de poderes infinitos, que aguardam apenas a ordem de entrar em acção.

Como e de que natureza é essa ordem?

O pensamento é uma força poderosa, capaz de operar prodígios e se examinarmos as vidas de todas as grandes figuras da humanidade, verificaremos que foi aquela força portentosa que os elevou acima da craveira normal.

Mantendo constantemente o pensamento no êxito, com a certeza de possuirmos poderes suficientes para nos fazerem triunfar, colocamo-nos numa situação tal, que tudo se conjugará infalìvelmente para que os nossos objectivos se efectivem, porque então, pomos em jogo forças poderosas e inteligentes, aptas a resolverem todas as dificuldades e a vencerem todos os obstáculos.

Numa palavra, adquirimos assim, aquela fé, que, no dizer de Jesus-Cristo, transporta montanhas e para a qual não existem quaisquer impedimentos aos objectivos em vista.

De facto, ter fé é ter de antemão a certeza na vitória, é pôr em acção o poder infi-

LIMITAÇÃO

AO JAIME XAVIER DA SILVA

Debruço-me sobre a vida, volto às origens,
Numa ascenção ou descenção, nem sei;
E transformado na energia pura
Pressinto o absoluto e o *meu* princípio

No infinito sem tempo, indestrutível,
Incorporo-me ao movimento em turbilhão,
E em circulares mutações constante
Sou vibração, calor — luz inicial —,

A imortal luz que em absorção contínua
Entumesceu-se e, grávida dos mundos,
Explodiu em nebulosas, sóis, estrelas...

E eu que fui som, poeira, lama, tudo,
Hoje crispado — triste forma humana —
Contenho o universo e quedo mudo!

Maceió-Alagoas — 1951.

MÁRIO NOBRE

nito que em nós existe e que de tudo é capaz.

Sem fé, nada é possível conseguirmos, porque então, esse poder latente não chega a ser despertado, por falta de confiança em nós mesmos e o fracasso virá coroar todos os nossos empreendimentos.

Nada mais fácil entretanto do que ter fé, essa fé inabalável, capaz de coisas maravilhosas, bastando para isso sabermo-nos possuidores — e nisto não há excepção — de poderes grandiosos, prontos a servirem a nossa causa, aprendendo depois a operar em todas as circunstâncias da vida, com a prévia certeza de que o bom êxito será o natural resultado do emprego do nosso poder infinito, mantido desperto, graças a essa atitude positiva do nosso ego.

São os estados mentais negativos, que nos fazem desconfiar de tudo e de todos e nos afastam cada vez mais da fonte inexaurível das energias criadoras, pela falta de sintonização, digamos assim, entre ela e o nosso ser, originada pela falta da confiança em nós mesmos.

Somos, na verdade, o fruto do nosso pensamento, cabendo-nos, portanto, a responsabilidade dos fracassos da nossa vida e, senhores como somos do livre arbítrio, se podemos alimentar ideias de tristeza, desânimo e insucesso, podemos igualmente ter pensamentos contrários, de fé e de triunfo.

Em qualquer dos casos, tudo correrá de acordo com a ideia dominante, como obreiros que somos de nossas existências.

«Eu não tenho sorte. Tudo me calha mal. Pode ser, mas duvido...», etc., etc.

Todos estes conceitos, indicam claramente o estado de espírito de quem os emite e o resultado dos seus empreendimentos não pode ser por forma alguma animador.

Digamos antes «tenho a certeza de que vou ser bem sucedido. Tudo me calha bem», etc, etc., alimentando no pensamento a convicção na vitória — espécie de sintonização com o poder infinito que em nós existe — essa fé absoluta em nossas possibilidades e o êxito não será mais do que o natural resultado dessa atitude confiante.

Vós, a quem a vida tem feito caretas amargas, aprendei a penetrar na fortaleza inexpugnável do vosso Eu real e a haurir aí as energias necessárias para fazer frente a todas as contingências da vida.

A chave desse reduto está em vossas mãos. Podeis e deveis refugiar-vos em seu interior, sempre que as circunstâncias o aconselhem, porque as vibrações deletérias, levantadas pelos ventos da adversidade, só podem atingir os castelos construídos nas areias movediças da personalidade superficial.

HOMENS DE ONTEM... GÉNIOS DE SEMPRE

MARCO AURÉLIO

Costuma-te a não pensar em nada que não possas confessar francamente se to perguntarem.

Marco Aurélio

por ANTÓNIO CARDOSO

No ano 121 da era cristã nasceu Marco Aurélio, mais uma nobre alma que veio à terra para adquirir novas experiências e para mostrar aos homens que só o amor e o culto da verdade podem contribuir para a evolução do espírito. Desde os 11 anos, sentiu um interesse extraordinário para as ciências abstratas, para aquelas em que a inteligência tem de andar de braço dado a uma sensibilidade especial, que infelizmente nem todos os humanos ainda possuem. Porém, seu tio — o Imperador Antonino Pio — achou que o sobrinho era a pessoa indicada para vir a ser o sucessor no trono. E assim, quando Marco Aurélio atingiu a idade dos 18 anos, viu-se metido em estudos que nada o entusiasmaram, Eram ministradas diàriamente páginas e páginas de retórica, descrições verdadeiramente maçadores de história, e nos quarteis regras nada atraentes sobre táctica militar. Como os leitores decerto já compreenderam, tudo isto era para o nosso rapaz um verdadeiro suplício, pois o seu espírito não podia compreender a *beleza* de todas aquelas coisas mesquinhas da matéria comparada com a delicadeza das coisas espirituais. Já nessa altura Marco Aurélio havia renunciado aos prazeres vulgares; apesar de a sua pouca idade, já compreendia perfeitamente os sublimes ensinamentos dos estóicos e os utilitários princípios dos cínicos. Foi portanto com verdadeiro sacrifício que se dedicou à tarefa imposta por seu tio.

Mas a tragédia começou verdadeiramente quando Antonino Pio desencarnou. Marco Aurélio viu-se assim de um dia para o outro posto no trono. E agora — pensava ele — o que hei-de fazer? Como hei-de resolver as injúrias que vejo à minha volta, e de que não sou culpado? Como hei-de escapar às acusações que fazem ao governo e que eu ainda há momentos ignorava? Como hei-de conciliar as minhas ideias com a posição que presentemente ocupo? E naquele cérebro acastelavam-se teorias, surgiam dúvidas, apareciam interrogações. Era a tragédia, era o sofrimento verdadeiramente sublime de uma alma, que se vê presa à terra e que quer evolver, que quer sair do mundo em que vive, da sociedade em que o puseram, por compreender que a verdade não está ali, que a verdade só se consegue alcançar pelo estudo, pela meditação e nunca pela hipocrisia, pela maldade e pela corrupção de que se sentia rodeado! Não! Ele não podia ser como os outros. Não! Ele não queria ser mais que os Césares que subjugavam o povo, que espalhavam o sangue e que com o seu regime de ditadura provocavam a miséria em todo o reino! Não, ele queria ser diferente e por isso mesmo ao subir ao trono disse a si próprio: «Toma cuidado para não te transformares em César».

Tentando por todos os meios ao seu alcance arranjar tempo para se dedicar à filosofia, nomeou Lúcio Vero, seu irmão adoptivo, co-dirigente do Império, enviando-o com um exército para sufocar uma revolta dos Partos, que habitavam, como se sabe, a região do Tigre. Mas parece que a fatalidade não o queria abandonar e assim, passado pouco tempo, Lúcio Vero desencarna. Marco Aurélio viu-se novamente numa situação o mais possível embaraçosa, sem saber que partido tomar. Via-se diante de um Império, de um vasto Império, que era preciso governar, mas ouvia uma voz interior dizendo-lhe que tudo aquilo era efémero, que todas aquelas riquezas não representavam nada para a evolução do ser.

No entanto, os bárbaros preparavam nova revolta. Que fazer? Deixá-los invadir o Império? Combatê-los, organizando um exército? Eis duas interrogações que bailavam em seu cérebro, sem saber qual das resoluções é que devia tomar. Por fim, resolveu leiloar todas as riquezas do seu palácio e com o dinheiro apurado organizar um exército que fosse sufocar a revolta iminente. E eis o imperador-filósofo marchando para a guerra, levando junto de si, não joias, não pérolas preciosas, mas... os seus livros de filosofia. À noite junto da sua tenda, enquanto os outros passavam o tempo em conversas supérfluas, que nada contribuíam para o seu progresso, ele, o chefe do exército, ele, o chefe do Império, estudava, estudava sempre, convencido como estava das sublimes verdades do espírito. Alumiado por uma frouxa lâmpada de óleo consultava livros, desfazia interrogações, e cada vez mais se convencia de que a guerra não passa de uma selvajaria, só própria de seres ainda muito inferiores. Dizia: «Como Antonino, a minha pátria é Roma; como homem, a minha pátria é o mundo. Somos todos concidadãos, somos todos irmãos; devemos amar-nos, porque temos todos a mesma origem e o mesmo fim».

Devido à grande diferença numérica, a luta que se ia travar podia considerar-se já ganha pelos bárbaros. No entanto, conta a história que nessa altura se desencadeou na região um forte temporal, com chuvas torrenciais e grandes trovoadas, que pouco ou nada molestaram os romanos, mas que muito dano causaram aos bárbaros, a tal ponto que foi possível fàcilmente derrotá-los. Ora, como no exército romano havia já nesse tempo inúmeros cristãos, espalhou-se ràpidamente a notícia de que tudo aquilo não tinha sido mais do que uma revelação do cristianismo, provando a sua origem divina. Além disso sabia-se que os cristãos haviam rezado ao seu chefe, o Deus da Batalha, implorando-lhe que os bárbaros fossem derrotados.

Marco Aurélio, porém, registou enèrgicamente essa explicação. Ele não podia conceber a existência de um Deus que dirigisse a guerra, de um Deus que espalhasse a miséria, que provo-

casse a morte e fizesse derramar sangue! Não! Ele não podia acreditar num Deus que considerasse certo povo como amigo, pelo facto de ser cristão, e considerasse outro como inimigo, pelo facto de ter ideias contrárias. Pois se ele Marco Aurélio — um ser inferior, como dizia — considerava todos os homens como irmãos, como poderia Deus, um ser superior, não sentir esse mesmo amor por todos os seres? A sua lógica só lhe mostrava um Deus que infundia Bondade, um Deus que era a imagem nítida do Amor, um Deus que lutava pela fraternidade dos povos, e nunca pela sua separação. Parece no entanto que os *cristãos* que se seguiram ao reinado desse imperador, não compreenderam as suas palavras, não entenderam as suas ideias, e assim ainda hoje, passados 19 séculos, nós vemos que para muitos Deus deve presidir às batalhas e encorajar os combatentes, que vão muito *religiosamente* lutar com o inimigo! Pobre Marco Aurélio, que as tuas ideias, que as tuas palavras não foram, nem serão ainda tão cedo compreendidas pelos homens! Quanto mais se mata, mais *cristão* se é! Quanto mais *herejes* se degolam, mais *próximo* de Deus se encontra! Quanto mais inimigos, e descrentes se lançam na miséria e na ruina, mais *religioso* se mostra ser! A história jámais poderá esquecer exemplos frisantes como as Cruzadas, como essas guerras *santas* como os crentes ainda hoje lhe chamam; a história jamais poderá esquecer os horrores e as torturas praticadas durante a Idade-Média, em que a Europa viveu horas de um atrós sofrimento, provocado pelo mais cego e feroz fanatismo religioso que é possível imaginar-se; foi a inquisição, essa inquisição que que era feita em nome de Cristo, de Deus, e que tantos e tantos milhares de pessoas levou para a fogueira... para se converterem!

Mas voltemos a Marco Aurélio. Pouco tempo depois desta batalha, que fora ganha por mero acaso, como já disse, informaram o imperador de que Avídio Cássio, um dos generais em quem depositava maior confiança, estava preparando na Síria uma revolta contra ele. Porém, confiado ainda demasiadamente na bondade dos homens, crente na sinceridade daqueles que o rodeavam, não deu a menor importância a tais avisos. No entanto, mais tarde, com grande pezar seu, viu-se obrigado a acreditar naquilo que lhe haviam dito, quando a revolta estalou ao dar Cássio a notícia de que o Imperador havia falecido. A guerrilha durou no entanto pouco tempo — apenas 100 dias, terminando com a morte do seu chefe, assassinado.

Marco Aurélio, era muito superior a certos governantes da nossa época. Esse imperador romano *sentia* com muito maior clareza os problemas do homem, que os chefes actuais. Em vez de castigar os insubordinados, de os prender, de reduzir a família à miséria, por meio de certas «habilidades» tão sobejamente conhecidas nos nossos dias, foi o primeiro a não permitir que nenhum deles sofresse o mais pequeno dano, o mais leve castigo: «Permiti que os banidos voltem às suas casas, que sejam restituídas aos proscritos as suas propriedades. Desejaria, apenas, poder chamar de entre os mortos as pobres vítimas que já sofreram essa pena». Afirmava: «Desejo mais conservar um único cidadão, que destruir mil inimigos». Para ele tudo aquilo que representasse rivalidade e vingança era indigno de ser praticado. Dizia: «A discórdia tem três inconvenientes — o tédio, a impaciência e a perda de tempo». E como tudo isto fosse pouco, foi ele próprio visitar os lugares que mais sofreram com a revolução,

"Dois Mundos" põe-nos em co

Poucas vezes é dado ler um livro pequeno de grande conteúdo, como é «Dois Mundos», de Isidoro Duarte Santos, já em 2.ª edição, segundo anuncia a prestigiosa e difundida revista Estudos Psíquicos, *que se encontra sob a direcção do mesmo. A série de capítulos que abarcam 280 páginas, são mensagens mediúnicas, recebidas pelo mencionado escritor, que lhe foram ditadas do Além por sua esposa, a irmã Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia).*

Não extremaríamos a nota se disséssemos que cada mensagem embeleza e ilustra, porque a referida senhora, fisicamente desaparecida, narra a vida do Além em suas diferentes manifestações. Diz-nos com simplicidade e delicada habilidade de escritora o que é a vida no espaço, como foi recebida, qual a sua primeira impressão ao passar de um plano a outro, isto é, da terceira à quarta dimensão. Numa palavra: essas lições são formidáveis, desde o momento em que impressionam vivamente o leitor, mentalmente trasladado a regiões espaciais que constituem a ressonância psíquica do que foi terrestre.

Não nos atrevemos a indicar qual é o melhor capítulo, porque todos são admiráveis, visto que giram em torno da mesma lei: a lei moral. «Essa lei — diz — liga tudo, subordina tudo. O que nos dá prazer e o que proporciona felicidade, emoção ou sabedoria, tudo se liga ao problema moral, tudo se radica nele, tudo se entronca nele. A própria ciência é lei moral, é trabalho, é progresso». E mais adiante: «Neste campo gigantesco há uma fonte energética, cujos raios envolvem toda a criação».

O mundo invisível oferece enormes ensinamentos, abre perspectivas admiráveis a todos os seres inquietos. Por isso, as mensagens de LIA são ensinamentos, orientações, acicates; é a voz de uma espiritista, a que nos fala e nos descreve a realidade da morte que só existe

ntacto com o mundo invisível

por TITO L. BANCÉSCU
(Correspondente em Rosário — Argentina)

na imaginação dos seres que se recusam a estudar um dos maiores problemas individuais, porque todos desaparecerão como entes físicos.

E quando lemos o que ela afirma: «Não há separação possível entre duas almas que se amaram e vibraram em unissono para lá de seus mundos», «A união mantém-se inalterável», experimentamos pelo menos a sensação do consolo, esse consolo que nos abre amplíssimos horizontes além do sepulcro.

Que é o bem e o mal? Ela o analisa com critério positivo que repoisa em princípios científicos. Porque também nas esferas invisíveis tudo é relativo e fora de Deus não há nada absoluto.

Por estas rápidas considerações achamos que o livro «Dois Mundos» devia ser lido e relido. Mais ainda: não deve faltar em nenhum lar, nem biblioteca espirita. Nas suas páginas há esperanças nobremente inspiradas; é a sincera voz de uma espiritista consequente que nos dirige as suas mensagens, a sua palavra alentadora, seus conselhos fraternos, pintando-nos a realidade do mundo invisível, desse mundo que não devemos temer, nem desdenhar, já que as leis naturais nos oferecem um campo de grandiosas possibilidades.

Expressemos a esta escritora a nossa sincera gratidão, porque ela não nos esqueceu, antes nos oferece do Além a tábua de salvação, essa tábua de salvação que se acha em nós próprios, em nosso empenho de vibrar cada dia melhor, fazendo e pensando bem, por ser esta a única maneira de poder vibrar em maiores frequências. É a única maneira de podermos sintonizar-nos com espíritos de alguma categoria.

levando a todos palavras de amor e confiança. Nessa sua jornada acompanhou-o seu filho e sua mulher Faustina, que adoeceu e desencarnou a meio da viagem. Foi um duro golpe para o imperador, pois apesar de os boatos que corriam acerca do comportamento de Faustina, ele nunca a deixou de amar e de lhe dedicar a maior fidelidade até aos últimos momentos da sua vida na terra. Foi um duro golpe — repito — e mais duro se tornou, porque ele deu-se inesperadamente, quando nada fazia supor tão próximo desenlace. Marco Aurélio, embora vergado por mais este sofrimento, soube também mais uma vez reagir contra a adversidade que desde pequenino o acompanhava. Ele sabia que tinha que continuar a lutar, cada vez mais, ele sabia que o seu Ideal não podia ser desfeito por um simples golpe, por mais forte que ele fosse. Ele sabia que tinha que continuar a viver, que é como quem diz, a sofrer.

Ao contrário dos cristãos, e em regra geral de todas as correntes filosóficas, os estóicos não se preocupavam com os problemas relacionados com a sobrevivência da alma humana. Para eles isso era um problema secundário, sem importância de maior. Um dos seus princípios era viver de acordo com a natureza, e portanto nada seria para recear seguindo essa regra, pois a morte não é mais do que um fenómeno da própria natureza, como a nutrição e a reprodução. O homem — segundo eles — mesmo que não queira é obrigado a seguir, por vezes mesmo inconscientemente, a natureza. É bem eloquente a este respeito uma oração que reconhece de Cleantes, um estóico, que diz assim: «Ó Zeus, todo poderoso, e tu, destino, conduzi-me para onde determinastes. Sem vacilar vos sigo. Mas se não o quisesse fazer e me convertesse num homem perverso, teria, não obstante, de vos seguir». Não admira portanto que Marco Aurélio, imbuido até certo ponto destas doutrinas, não desse especial interesse ao problema da sobrevivência do ser. São suas estas palavras: «Se na morte se extinguem todos os sentidos, não pode existir o sentido da perda. Mas se adquirimos um sentido diferente da Natureza, tornamo-nos criturás diferentes e não cessamos de viver». É interessante notar neste pensamento, a maneira elegante, digamos assim, com que Marco Aurélio expõe o problema. Ele apresenta a questão duma maneira clara e curiosa, mas... deixa aos outros o trabalho de a resolverem! Maneira elegante de encarar um problema — maneira elegante, e sobretudo cómoda, que nós — evidentemente — não podemos de forma alguma aceitar, a não ser que nos mostrem que é preferível apresentar um problema de uma forma elegante, embora sem darmos um passo para a sua solução, a uma resposta o mais possível concreta, produto de estudo ou intuição, embora sem a delicadeza do estilo de Marco Aurélio.

Mas Marco Aurélio, ainda mais uma vez antes de deixar a terra teve que abandonar um pouco todas estas teorias, pois os deveres de imperador impunham-lhe a formação de novo exército, para combater os bárbaros outra vez revoltados. E como anteriormente, aí vai ele à frente dos seus homens, levando a seu lado os seus companheiros inseparáveis; os livros. Em 179 derrotou finalmente o último contingente de tropas inimigas. Mas devido à sua longa permanência no campo, contraíu uma doença, vindo a desencarnar no ano seguinte. E se com a sua morte se alegraram os possíveis sucessores do trono, o mundo intelectual de então jamais deixou de lamentar a sua tão inesperada partida.

ECOS DO ALÉM...

V.III

Na sessão de 6 de Dezembro recebi duas pequenas mensagens. A primeira era subscrita por «Um Amigo». Dizia ele:

«Amigo, coragem e avante! A luta é grande, mas é preciso vivê-la. O ideal necessita de braços fortes que o saibam amparar e proteger. Avança serenamente. Trabalha, que o nosso apoio será mantido.

«Confia em nós, que te ajudaremos a vencer os obstáculos e a criar novas fontes de receita moral e espiritual. Nunca o apoio faltou aos que muito trabalharam e mereceram. Sabemos que tudo farás pelo triunfo da ideia e que em ti não farão ninho elementos de desagregação que enfraqueçam a doutrina.

«Prossegue, que nós estamos vigilantes. Disse-to mil vezes e mil vezes cumpri a minha palavra. Disse-to mil vezes e mil vezes estive presente na tua luta. Agora somos dois a impulsionar-te, somos dois a escudar-te o pensamento. Não desanimes. Há obstáculos e más vontades que se erguem, quando era preciso haver coesão de forças benfazejas. Mas tu vencerás, como tens vencido sempre.

«Empunha a pena, desfralda a bandeira espiritualista e proclama a verdade da sobrevivência».

A segunda era de Lia e veio contra o costume. Nela se nota incitamento e coragem de que eu tanto necessitava naquela altura. Ei-la:

«Cá estou novamente. Julgavas que me esquecia? Venho quando é preciso encorajar-te. Não estás sòzinho. À tua volta congregar-se-ão amigos e trabalhadores que não deixarão morrer a obra. Não se pode destruir o que levou anos a erguer. Tem coragem, pois. A chama da fé há-de contagiar os homens de boa vontade!

«Prepara-te para outra tarefa maior e de mais responsabilidade. Mais uma vez daremos as mãos para elucidar o mundo e iluminar muito antro escuro que deve ser batido pelo sol. Mais uma vez estaremos unidos, mais uma vez colaboraremos numa obra comum. Quanto mais lucidez tiver, melhor te ajudarei. Mas tu não esmorecerás por maior que seja a luta.

«O mundo espirita está posto à prova. É preciso que os homens sejam prudentes, sem deixar de ser enérgicos, ouviste?

«Nada te sucederá que impeça a marcha da nossa obra. Prepara-te para novo avanço. Brevemente lançaremos os fundamentos de outro livro. É preciso dar testemunho do Além em que tantos pensam e no qual tão poucos acreditam. Eu vim para dar esse testemunho e impulsionar o que fundei, ou antes, o que fundámos e que não pode morrer, por mais fortes que sejam os ventos contrários.

«Toda a vida não vale um ideal que se viveu e sentiu verdadeiramente. Mesmo que se gaste nele a existência terrena, esta ainda será pouca para o engrandecer e apoiar. Depois é que teremos a recompensa, depois é que veremos os resultados. E nenhum se arrependerá do trabalho dispendido, ao ver que das cinzas do brazeiro surgem plantas verdes onde as mais belas flores desabrocham.

«Avante! Uma luz te guia. Segue seus raios orientadores! Quero que sejas humano. Quero que dês o máximo da tua força, suceda o que suceder».

D. Maria Bacelar, que observara tudo, declarou que Lia estava à minha esquerda e Reper-Siam à direita. E acrescentou:

— Há muitas luzes de vários matizes: azul, verde, cor de rosa... A Gena tem a cabeça iluminada e sobre a mesa há muitas violetas. Vejo dedos que as espalham. O ambiente é muito bom. Uma menina crescida traz um vestido cor de rosa pálido. Está descalça a alguns centímetros do soalho. Parece que vem no ar e exclama: «A esperança em vossos corações!». Agora vejo uma grande estrada branca e Lia a apontá-la, dizendo: «Para trás não se vira e dos lados não conta! Segue para a frente. Segue o caminho!». Mostrou a estrada. À frente, há rosas no chão; atrás estão os espinhos. Vai andando e pisando as flores... e aparecem

os espinhos. Rosas variegadas... um grande clarão... e nada mais. E Reper-Siam ri-se. Tem dentes muito brancos e olhos vivos e penetrantes. Parece que se desprende calor de seus olhos e eu sinto-o, quando me fita. Também tem magnetismo nas mãos. Quando toca nos braços do sr. tenente, os braços deste agitam-se... Tenho estado a ver um disco que parece o sol, mas pode olhar-se para ele. Vejo-o sempre ao alto, não sei o que significa. Ouço dizer: «Na vida só há um caminho certo. Quem o encontra?».

Fazia três semanas que não obtinha mensagens, apesar da concentração habitual, e por isso perguntei:

— Que é que tem impedido a comunicação?

— Os meus trabalhos — respondeu.

— Mas tenho-te sentido muitas vezes.

— Tenho múltiplas coisas a fazer. Para trabalharmos no que desejo é preciso haver mais calma, ou antes, menos preocupações. Estou aqui pouco tempo.

Depois disse que estava inteiramente liberta da Terra e que só lhe interessavam as coisas espirituais.

— Agora vês tudo de forma diferente...

— Muito diferente. Algumas coisas bem tristes... espalhadas pelo mundo...

— E as que mais te interessavam?

— Essas, estou com elas.

— Não te preocupa o corpo material?

— Não. Mete pavor o seu estado.

— Nunca mais o viste?

— Nem quero, nem me interessa. Há tanta podridão que se vê sem querer!

— Agora tens outro melhor...

— Sem comparação.

E estendeu-me os braços, segundo a visão de D. Maria Bacelar.

— Agora — diz a médium — vejo uma senhora que não é nova a mostrar-me um anel e um sapato com um laço no peito do pé. Tem carrapito e o cabelo mais preto que branco e usa saia comprida. Ouço dizer: «Minha pobre mãe!».

— Qual é o aspecto desta senhora?

—É gorda, de cabelo grisalho. Bom cabelo. E faz comida na cozinha.

—Pode descrever a casa dela?

— Não tem um poço no quintal?

— Tem.

— E criação e porcos?

— Tem.

— E flores... e uma coisa com paus espetados... (1).

A seguir a médium informou-me que eu devia receber uma carta da Federação Espirita Portuguesa e ficaria contrariado, embora não fosse coisa grave. E faz uma descrição impressionante do vendaval que tem atingido aquela colectividade (2).

★

Na sessão de 13 de Dezembro houve algumas clarividências que não menciono por não ser possível explicá-las. Em certo momento, D. Maria Bacelar acusa a presença de Lia:

— Está com a menina pela mão.

— Que menina será?

— É uma das muitas que estão comigo — responde a entidade.

A médium diz que Lia está satisfeita e que há nuvens claras no ambiente e violetas espalhadas na mesa. Muitas violetas... E a minha cabeça estava envolvida numa espécie de capacete branco...

— Queres dar alguma mensagem?

— Poucas palavras. Experimentemos. Concentra-te.

D. Maria Bacelar ouve dizer: «Envolvo-te num abraço. Bem juntos, bem unidos, formando um só espírito e uma só vontade no bem. Receber e dar» (e faz o gesto com as mãos). Refere-se à Doutrina: «Eu espalho aqui, tu espalhas aí, com o meu auxílio. O culto das belas obras nunca se deve perder».

— O sr. tenente, — continua a médium — está envolvido numa capa de fluido branco que tapa também a D. Maria. Mais atrás vejo outra aura doirada e Reper-Siam. Ela está muito risonha, muito contente. Agora não tem a criança, que está junto de outras numa espécie de colégio. Vejo rosas muito vermelhas e

---

(1) A mãe de Lia está bem descrita, assim como os pormenores a respeito da casa. Os paus espetados são varas que esticam a rede do galinheiro.

(2) De facto, vim a receber um ofício da Federação Espirita Portuguesa, na qual se atribuía ao Centro Espiritualista Luz e Amor a importância de 500 escudos no rateio do legado de Firmino Teixeira, enquanto outra agremiação recebia 4 contos...

D. Maria compara a criança ao botão de rosa, dizendo: «É o jardim que eu cultivo. Não se parece com a Terra. É muito muito superior. Quando cá vivermos todos, será o ideal. E não queria eu morrer!».

— Já te lembras bem da vida terrena?

— De tudo, não. Há coisas ainda vagas. Outras, não procuro lembrá-las.

— Lembras-te de alguma que te desse alegria?

— Temos muitas.

E a médium descreve:

— Vejo D. Maria abraçar o sr. tenente na sua terra. Parece que o sr. lhe deu uma prenda nessa altura. Parece que foi uma joia... Parece que vejo brincos... Ficou muito contente. Ouço falar em anos... E vejo jantar... festas... muitas coisas na mesa... vinhos... saudações... E D. Maria a brincar, a fingir que mostra os brincos, a pôr o cabelo para trás e a rir... Mas parece que há várias pessoas... vieram cartões de parabens... bilhetes de visita... Parece que vejo perú ou galinha assada... E ouço dizer: «Do menu já basta». E ri-se. D. Maria espreita para a sua cara e exclama: «Está certo?». E ouço-a dar uma gargalhada, dizendo: Não foi bem imitada, mas, enfim...». (Refere-se à gargalhada que a médium imitou). Ouço dizer: «A sr.ª é um pouco mais tristonha. Eu era mais alegre e mais faladora. Falava... falava... falava...».

E dirigindo-se a mim:

— Às vezes até dizias que falava demais. Lembras-te?...

— De que lado está ela? — perguntei a D. Maria Bacelar.

— Do lado direito.

Era onde eu estava a sentir o sinal.

Lia prossegue:

— Chegavas a adormecer e eu a falar. Embalavam-te as minhas palavras... E algumas não te agradavam muito. Descobria certas coisas... Ia lá buscá-las ao fundo... É como a verdade que vem ao cimo de água... E disse tanto e tanto... e ainda ficou muito por dizer. E agora tomaras tu que eu lá estivesse a serrazinar-te aos ouvidos. Mas não era aos ouvidos, era ao braço, que tinhas que dar à pena. O que vale é que, com rabugisse e tudo, sempre nos entendemos bem.

— Admiràvelmente.

— Eras um bocadinho teimoso... Sim, um bocadinho é favor...

— É verdade. Qual de nós seria mais?

— Vá lá, vá lá... Nunca há um só...

— Era o que eu te dizia. Lembras-te?

— Por isso eu repeti...

— Mas tu agastavas-te...

— Era sol de pouca dura.

— Não gostavas que eu discordasse.

— Mas também não podemos estar sempre de acordo, pois não se chega a certas conclusões.

— Era essa a minha opinião. Tenho muita saudade desse tempo.

— A teimosia faz aquecer um bocadinho... Mas no fim chegávamos a acordo. Um jeitinho daqui... outro dali...

— É verdade!

— Com mais ou menos vontade... Mas às vezes saía obra asseada... E nós ainda nos riamos da nossa teimosia. Casos, coisas que se passam na vida...

A médium descreve novamente:

— Às vezes sentava-se assim na cama (e exemplifica)... a falar... com grande calor... a gesticular... e depois voltava-se para o outro lado. E levava-lhe chá à cama. Era muito carinhosa... meiga... Mas o sr. tenente, às vezes, era um pouco sacudido... Ela também era um pouco ciumenta de feitio, da boca. Depois não fazia caso, por não haver razão. Era engraçada, alegre, graciosa e brincalhona. Gostava de brincar e ver brincar. Agora abaixa a cabeça e espreita para a cara do sr. tenente. Ela parece que se magoou numa perna. Ouço dizer: «Mais um ponto certo. Vá lá! Está com sorte, o menino». E faz o mesmo gesto com a cabeça (1).

— Lembras-te dos tratamentos que te fazia? — aventurei:

— À barriga? E melhorei.

— Não só aí...

— E na perna.

A vidência seguinte é igualmente espantosa:

— Vejo tratamento com água. Cober-

(1) Antes de continuar, tenho que esclarecer tão extraordinária clarividência. Os factos descritos são absolutamente verdadeiros. À medida que a médium falava, eu tinha a impressão de que era Lia que estava na minha frente, tal a familiaridade da conversa e a riqueza dos pormenores. Nunca julguei que se pudesse levar tão longe a análise de coisas que eu havia esquecido total-

tores... flanela... água... Parece que se embrulhava naquele cobertor e transpirava. E ela ensinou isso a outras pessoas. Principalmente a um homem. E diz: «Essa terapêutica...». Parece que molhavam também os pés em água fria e esfregavam... E embrulhavam-se naquilo... «E vinha a reacção...» — diz ela —. E... ia-se a constipação embora. Então, não era bom? Económico» (1).

— Continuas a ser económica?

— Pois... Quanto mais poupar, mais tenho para dar. Não te sabia bem? Também sabe aos outros...

— Agora, é outra economia...

A médium altera a expressão e muda de assunto.

— O sr. deu-lhe uma pulseira. Ela mostra-a e diz: «Já agora... Deu-me muitas coisas bonitas...». Trouxe louça de fora? Parece que eram chávenas... E vestidos... sedas...

Eu estava confuso, não sabia que responder. Eram tantas as provas, que só me faltava ver a entidade para fundamentar, em absoluto, o meu juizo. E as revelações vinham sucessivamente, sem a mínima interrupção. Quase não me davam tempo a reflectir no caso.

Apesar de exigente (sempre o fui em matéria de investigação), estava galvanizado. Não havia dúvida. A sobrevivência era um facto incontroverso, nenhuma dialética o podia negar.

Quem teria informado a médium, a não ser a protagonista destas cenas, uma vez que eu era colhido de chofre pela revelação? Onde fora ela buscar as informações? Todas as hipóteses que se formulem para explicação do fenómeno à margem da sobrevivência serão precárias e inconsistentes. O facto está à vista, não precisa de mais análise. Se D. Maria Bacelar ignorava tudo e eu não pensava nas ocorrências, só um caminho poderemos seguir para chegar à verdade. Negar a presença de Lia nestes episódios é fechar os olhos para não ver.

— Onde está ela? — perguntei.

— Na mesma posição, com luz própria a envolvê-lo. E diz-lhe: «Está quietinho. Estás com pena que isto se não prolongue?...». Agora vejo um cesto pequeno. Parece que tem garrafas... garrafas de vinho do Porto... E uma mulher gorda na cozinha... cabelo escuro... ao mesmo tempo que D. Maria. Dava-lhe comida para levar. Ouço dizer: «Isso é que é a vida posta a limpo! Até parece ontem» (2).

A médium prossegue na descrição dos quadros, cada vez com maior precisão:

— Ela dizia-lhe às vezes: «Queres chá de limão?» e o sr. respondia-lhe: «Não quero cá nada». E ela lá ia sempre com o chá, exclamando: «Vá lá...». E às vezes, quando estavam a escrever, tinham as suas controvérsias. Ela escrevia depressa.

Tudo isto é exacto. Quando eu estava constipado, não queria que me levantasse da cama e costumava levar-me chá de limão. Eu era renitente. Queria sentar-me à mesa para lhe evitar maçadas e dizia-lhe aquilo, textualmente.

— Não lhe deu um alfinete de gravata?

— Quis dar-mo, mas eu não quis.

Lia retrucou logo à minha frase:

— Lá está a tal teimosia. Fiz mal em não o ter comprado e não to ter dado. Já lá o tinhas. E havias de usá-lo. Todo autoritário e senhor do seu nariz... Mas eu também lhe seringuei bem os ouvidos!

---

mente. Como poderia D. Maria Bacelar conhecer particularidades tão íntimas, a ponto de revelar facetas que só eu conhecia e que se enquadram à maravilha numa tela psicológica? Poderão dizer que tais painéis eram apresentados à visão mediúnica por mecanismos ignorados, mas isto não altera o estranho do fenómeno, antes o complica mais e mais. Para mim, que fui comparsa dos episódios descritos, era a própria Lia que os recordava. Não vejo outra hipótese plausível. Ela estava aí a palpitar e a vibrar. Que melhor prova se poderia exigir da sua presença? Não são os pequenos pormenores que fornecem as grandes identificações? Ela prometera demonstrar a sobrevivência da alma humana e deu o seu testemunho incontestável. Não pode haver mais bela confirmação.

(1) Minha mulher era grande admiradora de Sebastião Kneipp. Havia mais de 15 anos que se entregava ao estudo da cura das doenças pela água. Apaixonou-se tanto por este método, que o empregou com óptimo resultado na terapêutica familiar. Os cobertores, a flanela e a água, tudo era aplicado para as reacções necessárias. E ensinou o método a muitas pessoas. O Dr. Fred Wachsmann, nosso médico assistente, é testemunha destes factos, pois muitas vezes conversou com ela e teve ensejo de apreciar esses conhecimentos.

(2) Este «ontem» referia-se ao que Lia ouvira na véspera numa sessão de clarividência em casa da irmã de D. Maria Bacelar. As circunstâncias eram semelhantes.

D. Maria Bacelar continua:

—Agora, mostra-me uma carteira. Ou lha deu ou lha quis dar.

Eu disse que era exacto. E logo a resposta:

— É exacto, pois é. Ainda quer mais? Ainda quer mais?...

— Hoje estás muito alegre, obtemperei.

— Estou sempre bem disposta. Quando o ambiente é bom há mais calma nos espíritos... Onde há paz sentimo-nos bem. Podemos emitir melhor as vibrações. A curiosidade também nos perturba.

— Estás satisfeita com a minha acção?

— Estou.

— Quando te fazes sentir é para manifestar satisfação?

— Gosto de estar contigo e às vezes gosto de te fazer uma partidinha. Agora digo-te as verdades, sem que mas possas contestar...

— Que partidas me podes fazer?

— Brincadeiras como estas. Um prurido... um aperto de mão...

Efectivamente, senti qualquer coisa na mão direita ao fazer movimentos com o braço, através de actuação habitual.

A médium informou:

— Agora veio o outro, pôs-lhe as mãos no ombro e afastou-se. Tem uma luz tão doirada! E branca! E diz-lhe: «Irmã, és precisa». Ela riu-se. Voltou-se para ele e riu-se. As mãos dela percorrem os braços do sr. tenente e diz-lhe: «Vês, como tenho muitas ocupações? Fiz-te hoje uma grande companhia! Dei-te muitas provas... brinquei...». E veio outra vez a menina. E agora, quando for, está lá e cá ao mesmo tempo. Vejo dois corpos e uma só cabeça...

— Hoje foi uma grande surpresa, disse eu a Lia.

— Assim traduzido tem mais valor.

— Queres dizer registado?

— Traduzido, o pensamento.

A médium acrescentou que os pés eram só dois: dois pés, uma cabeça e dois corpos... que se distendem...

— Tencionas dar outra obra?

— Tenciono. Não achas que tivemos hoje uma grande conversa? Gostas de apreciar os bons bocados...

— Momentos destes são raros.

— Mas tudo tem fim. Fim, não é bem. Tudo tem intervalo...

— Pois claro. Não te quero maçar mais.

— Tenho que ir aos meus meninos... aos meus botões de rosa... já que o meu amiguinho ficou satisfeito.

— Queres que me concentre amanhã?

— Experimenta. Farei a diligência. Não prometo ser pontual. Mas em breve recomeçaremos as nossas mensagens.

★

Este relato é dos mais edificantes. O leitor passa a conhecer o carácter de Lia através de informações de uma pessoa que não privou com ela em vida. As minhas relações pessoais com a médium eram de cortesia e nunca lhe contei nada do meu foro particular. Alguns diálogos tocam em assuntos que eu quase esquecera; outros, que me obrigavam a grande esforço de memória. E quando conseguia reconstituir as cenas, um grande prazer me inundava. Sim, era bem ela, a companheira dilecta, o braço feito alavanca, o cérebro feito guia, a reviver o passado, com suas ilusões e suas agruras, misturando lágrimas e sorrisos, abarcando sol e sombra... E eu ficava em êxtase, murmurando baixinho uma oração. Lá do alto onde se encontrava, exerceria em mim benéfica influência, ajudando-me a resolver os problemas da vida. Tinha a certeza disso, porque as provas eram a mancheias, ninguém podia duvidar da realidade que se apresentava inopinadamente à minha inteligência.

O quadro dos cobertores é tão palpitante, que dispensa comentários. Bastava para me convencer, se eu não estivesse convencido. Durante muitos anos evitámos drogas e xaropadas para debelar constipações e tosses rebeldes. A hidroterapia à base do Kneipp era de efeitos decisivos e benéficos. Um dia, a Gena adoeceu, tinha então seis anos. Veio o médico assistente e diagnosticou febre intestinal. Indicou logo o tratamento pela água e no dia seguinte a doença degenerava em escarlatina. Novas aplicações com os tais cobertores e enfaixamentos e vinte e quatro horas depois surgia o sarampo. Passados cinco dias o organismo estava normalizado, graças ao esforço, saber e persistência de uma grande enfermeira. Recordo isto com profunda admiração e cheio de saudade.

Quem nunca sentiu estes acontecimentos, não sabe avaliá-los em justa medida. Perder um bem para os sentidos comuns, não o vermos, não o ouvirmos, não o tocarmos... sobretudo quando a amizade mais sólida unia duas almas irmanadas no mesmo sentimento e no mesmo ideal, e, de repente, assistir a panoramas semelhantes, nos quais a que partiu dá testemunhos irretorquíveis de sua presença, é coisa de pasmar, mesmo para quem se habituou a confabular com o invisível.

Assistir a uma identificação na pessoa dos outros é diferente de senti-la em nós próprios. É como ler uma história e ser protagonista. Podemos emocionar-nos na descrição dos lances e admirar a audácia dos heróis ou a resignação dos mártires, que isso nada se compara com a sensação individual. Essa é de grande importância, sobreleva quanto se pode imaginar.

Assim, não se admirem de dar pasto à confusão, quando surgiam revelações espantosas como a da pulseira, a das chávenas, dos vestidos e das sedas. Nesses momentos não nos damos ao trabalho de procurar a causa do assombro. Remetemo-nos ao silêncio e deixamos vibrar as células.

Foi o que me sucedeu. Todas as descrições se adaptavam a cenas vividas com admirável riqueza de pormenores. Por isso, não me admiro da frase de Lia, ante o meu pasmo justificado:

— Isso é que é a vida posta a limpo!

Sim, posta a limpo por olhos que viam mais que os meus olhos apagados.

D. Maria Bacelar olhava em alvo, como quem está a ver para lá de certo limite e necessita de concentração adequada, a fim de apreender as cores do panorama. Que extraordinária simplicidade! Quem vê, acha natural, como quem ouve ou sente. Só depois de perder as faculdades sensoriais é que avaliamos a grandeza dos sentidos. Ela descrevia tudo fàcilmente, ora sorrindo da facécia, ora franzindo a testa a certas atitudes das personagens espirituais. O seu aspecto era de quem via e sentia verdadeiramente.

Ela não visava intuitos de notoriedade ou propaganda, visto que eu não pensava na publicação destes relatos. Só muito depois me abalancei à faina, por ver que havia provas incontestáveis dignas de ser conhecidas. E quando lhe manifestei a ideia de divulgar as sessões do «Grupo de Maria Santos», mostrou-se surpreendida, perguntando se haveria nelas alguma coisa que prestasse...

Tenho lido muitos livros do género e acompanhado muitas investigações similares. Apreciei métodos de trabalho, analisei conclusões e estou plenamente satisfeito com o controlo que sempre exerci e com a compreensão desta médium excepcional que tornei conhecida do grande público, mercê de circunstâncias que ficarão na história da investigação a atestar esforço e desejo de acertar.

D. Maria Bacelar — digo-o com aprazimento — nunca se agastou com o rigor da investigação. Sabe muito bem que o meu desejo é não ser enganado e nesse sentido põe a melhor boa vontade, sujeitando-se à experiência. Se o resultado é nulo, limita-se a exclamar:

— Digo o que vejo e ouço...

Quando lhe pedem que se concentre e lhe perguntam se poderá saber isto ou aquilo, responde invariàvelmente:

— Se me mostrarem...

É que ela não tem interesse especial em apresentar fenómenos e assim deveriam ser todos os médiuns. Se não viu ou não captou, paciência. Nem todas as sessões podem ser positivas. Como não se trabalha com massa amorfa, mas com inteligências libertas da matéria, há fracassos absolutamente naturais, porque as entidades não estão sempre à disposição dos investigadores. E ela diz o que vê, ouve e sente, sem preconceitos de qualquer espécie. No género, é das pessoas mais despreendidas que conheço e por isso a sua presença inspira simpatia.

A sua mediunidade está em franco desenvolvimento e é possível que fenómenos mais transcendentes coroem o nosso trabalho. Depende de nós e dos amigos do Além. Lia promete e cumpre. É um elevado espírito que me acompanhou na Terra e me protege do espaço. Que Deus a proteja e ilumine sempre.

(Continua)

I. D. S.

Francisco Cândido Xavier
NA INTIMIDADE

II

Mensagens em alfabeto de cego tem recebido muitas.

Não conheço outras além das que acabo de citar. Também nunca vi o médium psicografar com a mão esquerda. Penso que isto jámais lhe aconteceu. Provàvelmente os espíritos canhotos se colocam em posição diferente, quando vão escrever.

Os espíritos costumam dar outras provas da sua origem, realizando coisas que ninguém faz, com facilidade. Esclareço-me: sucede, em certas ocasiões, que uma mensagem é sùbitamente interrompida num ponto qualquer do papel e reinicia mais abaixo, ou do outro lado do papel. Fica, assim, um claro de tamanho variável, entre o trecho interrompido e o início da frase seguinte. Ora, nem sempre o assunto interrompido é o mesmo sobre que versa a frase seguinte. Em outros termos: o espírito está escrendo — suponhamos — sobre a sua morte, a sua doença, os filhos que ficaram no mundo. Depois salta doze linhas e meia, por exemplo, e passa a falar sobre, imaginemos isto, sobre a caridade existente no espaço, onde todos se auxiliam. Terminado esse último período, volta o espírito ao ponto onde houve a interrupção e prossegue, na explanação do pensamento anterior, *completando-o admiràvelmente* e, não poucas vezes, entremeando diversos, até esbarrar na frase em que houve a segunda interrupção.

Tem-se a impressão de que tudo isso é feito com o auxílio de um compasso, matemàticamente calculado.

No espaço em branco as palavras vão-se alojar como um mosaico, dispostas com perfeita simetria.

A *sequência dos pensamentos* é realizada de maneira a causar espécie. Lendo-se a mensagem, não se sabe onde houve o interregno. Tudo nela é lógico, equilibrado, proporcional.

Correcções durante a percepção da mensagem é acontecimento raro. Não sei porquê.

Terminando — devo dizer-te, leitor, que Francisco Xavier trabalha às claras sob o clarão da lâmpada, à vista de todos. Embuste, durante o transe, é hipótese que deve ser posta de lado, pór inadmissível.

O médium produziu, até o presente momento, cerca de vinte volumes (1).

Destes, quatro são romances, os outros restantes (16), livros de versos e obras contendo matéria doutrinária. Os volumes que trazem o nome de Humberto de Campos são em número de cinco ou seis, não mais. Sindicâncias levadas a efeito por mim, em companhia de outros interessados, revelaram-nos o impressionante montante dos seus livros publicados até à presente data: *Cento e setenta mil* exemplares, ao todo. É de pasmar, não há dúvida!...

Ao que me consta, *nenhum escritor no Brasil conseguiu, até hoje, tão alta tiragem.* Francisco Xavier, se não fosse muito modesto, poderia ufanar-se *de ser o autor (?) mais lido do país.*

A primeira obra mediúnica de Chico Xavier surgiu em 1934 (Parnaso de Além Túmulo); a sua última produção veiu à lume em 1944 (Nosso Lar). Pela indicação, percebe o leitor quando o sensitivo tem sido farto nesse curto lapso de tempo.

O médium tem agora aí uns trinta e três anos, aproximadamente. Aos cinquenta, se chegar até lá, quantas obras terá ele produzido? Espantoso, pois, não? Entretanto, existem ainda outras considerações a fazer, como sejam: terá a mediunidade de Chico Xavier *atingido o seu nível máximo de produtividade e perfeição* naquilo que elabora? Eu penso que não. Acredito até que enormes *surpresas nos espreitam para o futuro.* Convém esperarmos.

Quando tomei a peito traçar a presente reportagem, estabeleci meu programa de trabalho, o qual não desejo alterar.

Sou forçado, desta arte, e transferir para mais tarde a crítica literária que ainda terei que tecer em torno da produção literária do médium.

Será melhor assim, porque evitarei atropelos. Isto, todavia, não me impede de ensair alguns breves comentários sobre o referido tema.

Preliminarmente, formulo-te, leitor, uma pergunta muito simples: que pensas tu da obra literária do Sr. Francisco Xavier? Tu não a leste nunca? Mas essa omissão não te impede de opinar. Senão, vejamos:

A discussão levantada em volta dos seus livros *é o melhor testemunho,* quanto ao seu conteúdo. Do norte ao sul do Brasil discute-se, há muitos anos, o quilate literário das obras de Francisco Xavier. O país inteiro tem-se pronunciado sobre estas obras, da maneira mais controvertida Os críticos têm ido aos extremos. Se alguns deles lhe exaltam, sem limite, o mérito, outros o rebaixam sem consideração.

Esse procedimento não parte de bisonhos; ele é encabeçado pelos maiores expoentes da cultura brasileira. Grandes poetas e jornalistas, literatos de renome e de reputação ilibada, inimigos e amigos do credo religioso do sr. Francisco Xavier, todos ilustraram, ùltimamente, as páginas das revistas e dos jornais com entrevistas sumamente distanciadas.

O povo, até agora, ainda espera quem lhe dê a última pala-

(1) Actualmente, já passaram a casa dos trinta — *Nota da Redacção.*

rra, não obstante a celeuma levantada.

A confusão parece aumentada, ao envés de diminuir...

Comporta aqui, hoje mais do que ontem, a pergunta que te formulei antes, leitor: afinal, os livros do sr. Francisco Xavier prestam ou não prestam? Então, será possível que se agite tanta gente, que se gaste tanto papel, que se consuma tanta tinta, tanto tempo e esforço com o propósito único de evidenciar *aquilo que já é evidente por si mesmo*, isto é, a *nulidade* de semelhantes obras? A recíproca talvez não seja menos verdadeira.

Argumentarás, assim: mas se as obras são belas, não haveria tanta discórdia na sua conceituação. É lógico. Vamos —tu e eu— meu caro leitor, vamos colocar os pontos nos *ii*.

As obras do sr. Francisco Xavier não são nulas nem assombrosas. Elas são muito belas, dignas de uma boa estante. Dão a quem as lê momentos de muito prazer, de sumo encanto mesmo. Na França, que é a pátria do pensamento e da cultura generalizada, passariam sem rumor, seriam comuns. No Brasil, não. A nossa literatura é pobre, paupérrima. No género romance, então... Que dizer a gente, por exemplo, dos últimos espécimes dados à luz no país? Concordemos que escritores como Coelho Neto, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Manuel Macedo, Euclides da Cunha, José de Alencar e poucos outros, *são raridades valiosíssimas* no panorama nacional. Quanto ao resto... Eu sei que muitos dos que se pronunciaram, nos últimos tempos, sobre os livros do Chico Xavier, foram excessivamente rigorosos. Alguns houve que os arrasaram mesmo, sem a mínima cerimónia. Revelaram nisso certa volúpia até... Tudo se mostrava tão simples... Demais, falemos baixinho, quase todos sabiam que Chico Xavier não se defenderia nunca! Ele não se inculca literato, não tem pretensões... *São os mortos que escrevem por ele...* A verdade é que *muito pouca reputação literária se salvaria* se me fosse permitido dizer tudo que o público pensa em relação a muitos críticos sem obra, sem talento e sem valor para nada, *que trocam elogios por aí...*

A época não é de dispersão. Não é aconselhável, confessemos, gaste a gente tempo com inutilidades. Mas faz dó, francamente! Às vezes dá vontade de romper todos os diques, o da paciência à frente, para proclamar certas verdades que até aqui não foram ditas por várias circunstâncias...

O fulcro da questão não é propriamente *o valor das obras. Ele se esconde por detrás dessa desculpa.* Ninguém negaria palmas, muitas palmas, ao sr. Francisco Xavier, como grande escritor, se... Esse «se» *é o diabo, é o rabo do gato*, que ficou de fora. Trata-se, caro leitor, de matéria da mais subida importância, *trata-se do conflito religioso* que o «Caso Chico Xavier» envolve!...

Reconhecer o grande mérito das suas obras em face do que o próprio médium afirma, isto é, *que os livros não são seus*, implica no endosso da hipótese espirita, evidentemente. Ora, nenhum católico ou ateu seria capaz de semelhante coragem, nenhum!

Duas alternativas se impõem, então: a) as obras são muito boas, aproximam-se, em beleza, estilo e colorido, das obras que produziriam os seus supostos autores espirituais. Francisco Xavier, neste caso, é o genial *autor dos pastiches*, é a inteligência que plasmou os volumes; b) — as obras são ruins, não valem nada. Francisco Xavier, com muito maior razão ainda, *é o autor* desses livros. Pois não são eles indignos do talento de fulano, sicrano, beltrano?

Na corrente dos primeiros formam fila os que levam um pouco em consideração o merecimento real das obras; e atentam um pouquinho no que nós espiritas e outros experimentadores não espiritas lhes dizemos no tocante aos múltiplos fenómenos presenciados.

Na corrente dos segundos opositores formam ala os que sempre resolvem as dificuldades da vida pelos processos mais práticos e fáceis — negando tudo.

Existe ainda uma terceira categoria — a dos que vivem nas chinelas dos padres, por utilitarismo. Desses não cogitamos nós, caro leitor, para ganharmos tempo. Sei que militam algumas circunstâncias de ordem literária em favor dos negadores.

No género dessas, citarei, de começo, as seguintes: *os erros apontados nas mensagens, a limitação das inteligências que se comunicam, etc.*

Falarei, em outra parte, com mais vagar, sobre essas falhas e limitações. Apesar de ter que protelar a discussão do caso (para não desviar a minha atenção), isso não me impede de estranhar neste espaço de coluna, que muitos críticos tapem os ouvidos *às advertências de natureza técnica* que nós lhes fazemos com vistas a essas falhas e limitações. Por que não nos ouvem nunca? Tudo está a indicar que nos deveriam ouvir, que deveriam pesar as nossas palavras, acatar, ao menos para exame, o que nós, o que todos os espiritas afirmam sem discrepância, no concernente às limitações.

Às advertências da prática, preferem a ridícula monotonia dos mesmíssimos chavões bolorentos, avelhantados, já pulverizados mil vezes pelas polémicas de um Imbassahy, de um Leopoldo Machado, de centenas de estudiosos.

Não é honesta essa conduta! Está certo que não abracem o nosso ponto de vista; é perfeito que o repilam, até. O que, porém, ninguém justifica, é que nos façam ouvidos moucos por esperteza, na discussão.

Explicarei o problema mostrando a calva dos que nos combatem. Para ser fiel à palavra empenhada, devo proceder com igual rigor no que se refere aos espiritas. É o que vou fazer. Articulemos — caro leitor — as perguntas que o raciocínio nos impõe também diante dos espiritas: não serão os espiritas juizes mais que suspeitos na apreciação das obras literárias do sr. Francisco Xavier? Porventura não existe para eles, também, o mesmo interesse religioso que já descobrimos nas esferas do catolicismo? De certo que sim. O interesse é idêntico, *análoga a suspeita*. Homologar a sua opinião, não

Por CÉSAR BURNIER

significaria solucionar o problema... A ideia do «outro mundo» é realmente alguma coisa de inverosímil... Devemos, pois, agir com a máxima cautela. O primeiro cuidado de quem for chamado à responsabilidade do assunto, deve ser até o de afastar do cérebro essa equação. Deve existir outra saída, com certeza. Encaremos todas elas, uma por uma, sem excepção. Investiguemos tudo. Transformemo-nos em detectives. Imitemos a polícia, quando é chamada a esclarecer algum mistério intrincado, isto é, procedamos a um inquérito meticuloso, honesto, à altura da nossa inteligência. O médium deverá estar sob o nosso controlo. Não haverá necessidade que nos algememos a ele; basta que o não percamos de vista. Transportemo-nos ao clima de suas «mágicas», ao meio social, cultural e psicológico em que ele opera. Sejamos seus amigos, pois que nada há que no-lo impeça. Convivamos com os seus íntimos, seus parentes, companheiros e chefes de serviço. Colhamos, no seio destes, os informes que mais nos possam orientar. Saibamos, por exemplo, a espécie de indivíduo que ele é, seus sentimentos, suas inclinações, suas manias, enfim, tudo que o possa caracterizar diante dos nossos olhos.

É ele trabalhador. Tem vícios? Procede mal na sociedade? É pessoa de bem? Frequenta boas companhias? Tudo isso, e muito mais, devemos observar.

Frequentemos também as pessoas do seu ambiente religioso, aquelas criaturas que formam o padrão psicológico (os médicos usam termo diferente), do seu meio ambiente.

Sejamos assíduos às suas sessões, durante 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e tantos anos quantos forem precisos ao completo conhecimento da causa. A paciência, como vê o leitor, deve ser como que a sombra de quem deseja investigar.

Cada fenómeno que se nos deparar, deverá ser catalogado com método.

Nunca os devemos considerar isoladamente. É imprescindível que *só os julguemos em definitivo depois de repetidamente* ocorridos nas mesmas situações e em circunstâncias idênticas.

Desconfiemos muito de nós mesmos, do nosso sentimentalismo, das influências pessoais... Recordemo-nos de que muito mistério tido como insondável à primeira vista, torna-se banal, no fim de alguns dias...

Nada de ideias preconcebidas. Nada de preconceitos idiotas. Muita coragem moral. Bebamos nos livros especializados tudo quanto nos puder ser útil. Adquiramos livros que estejam sempre ao alcance de nossas mãos.

Organizemos mesmo uma biblioteca completa.

O estudo bem conduzido deve caminhar connosco, sobre os nossos passos.

Não nos olvidemos de passar em revista todos aqueles conhecimentos que nos possam auxiliar na análise dos fenómenos.

Que sabemos, por exemplo, do sistema nervoso, da sugestão, do subconsciente, do hipnotismo, da psicologia, da transmissão do pensamento, do histerismo, da psicanálise? Reforcemos os nossos conhecimentos nessas matérias. Elas nos serão preciosas.

Substituamos por nós mesmos, nas experiências, sempre que possível, a pessoa do médium. Os entendidos não dizem que todas as criaturas são mais ou menos médiuns?

Aproximemo-nos de outros sensitivos e observemo-los também.

Em se tratando de um médium com a especialidade do sr. Francisco Xavier, leiamos os seus livros, todos eles, um por um, uma duas, três, quatro ou mais vezes.

Anotemo-los página por página, em cada passagem que nos possa esclarecer alguma coisa.

Estabeleçamos o nível cultural existente nesses livros e aquele que o médium revela. O tempo, o convívio e a observação já nos devem ter dado os elementos mais que necessários para essa aferição.

Consideremos, com carinho e interesse análogo, o que nos dizem os opositores da nova doutrina.

Pesemos, com escrúpulo, os seus argumentos. Esses opositores — devemos reflectir — *estudaram e ventilaram, antes de nós*, o problema que nos preocupa agora. Estes não deixarão passar gato por lebre, pois têm interesse vital em deitar abaixo a concorrência religiosa... (Se o leitor ler muito os seus livros, acaba abraçando mais depressa o credo espírita).

Caro leitor, foi essa a rota que eu me tracei para o estudo do Espiritismo e do «literato Chico Xavier»; essa é a directriz da grande maioria dos espiritas de responsabilidade, daqueles que mais apaixonadamente defendem a origem espiritual dos trabalhos literários do médium Xavier.

Quem toma por esse atalho (que atalho, Santo Deus!) não pode ser taxado de suspeito ou interesseiro na aceitação da debatida tese. *Nem um só dos demolidores das produções mediúnicas de Francisco Xavier pode gabar-se de ter feito a décima parte do que acima foi apontado.*

Todos eles, do primeiro ao último, *são espectadores à distância*; são testemunhas *por ouvir dizer*, ou quando muito criaturas que apenas viram o médium de esguelha. Os espiritas — será preciso prolongar-me mais? — os espiritas *fundamentam sua opinião numa série de factos que falecem, por completo, aos ateus e aos católicos.*

Não o asseveram tendo por apoio apenas o conteúdo dos livros de Chico Xavier, não. Eles sabem muito bem que esse médium, além de escrever esses volumes, *dá origem, simultâneamente, a outros muitos fenómenos* que ultrapassam o fisio-psiquismo humano, isto é, peneira os mistérios do Além-Túmulo e exuma dalí coisas assombrosas que escapam ao comum dos mortais.

Não são lá muito inteligentes os inquéritos levados a efeito, até aqui, junto de Chico Xavier. Poucos se deram ao trabalho de pesquisar certos traços da existência do moço, cujo nome temos repetido tanto.

Não seria de conveniência, por exemplo, que os noticiaristas ouvissem os seus chefes e companheiros de trabalho?

Quem, melhor do que estes últimos, poderá falar com mais acerto sobre a sua inteligência, a sua cultura?

O meio social e psicológico em que vive o médium não será, por ventura, outro elemento apreciável de pesquisa?

Quantos foram os que se abalançaram à procura desses informes preciosos? — inquiro eu novamente. Tais perguntas me ocorrem em virtude de uma crítica inserta, há tempos, na imprensa de Belo Horizonte.

Certo jornalista asseverou que Chico Xavier era uma criatura muito hábil, capaz de improvisar coisas inauditas, muito embora só tivesse frequentado o grupo escolar.

O jornalista, querendo dar força às suas palavras, lembrou até um exemplo: o nome de um

certo intelectual de relevo em Minas, pessoa instruída, que não passara, entretanto, dos bancos do grupo. Até aí tudo vai bem. Concordo que a cultura não é privilégio das academias. Pode-se ser culto, sem que se tenha frequentado as faculdades. O que, porém, ninguém consegue neste mundo é adquirir cultura *sem livros e tempo para os ler*.

Cultura espontânea, nem mesmo no outro lado da vida!

Ao Chico não só faltam livros (ele precisaria de muitos volumes de especialização histórica, geográfica, psicológica, de cultura económica, social, etc.), como lhe falta também «ambiente cultural».

Poucas, muito poucas, são as pessoas verdadeiramente cultas, em Pedro Leopoldo (emprego o termo no seu mais amplo sentido). Depois, permito-me uma ressalva: nem o intelectual citado — perdoe-me ele o desplante — nem o jornalista a que me refiro — ambos embora brilhantes — serão capazes de ombrear com o escritor ou escritores que se revelam por intermédio do dactilógrafo de Pedro Leopoldo.

Os romances escritos por intermédio de Chico Xavier («Há Dois Mil anos», «50 Anos Depois», «Renúncia», «Paulo e Estevão») deixam a perder de vista todos os ensaios literários que surgiram em Minas, nesses vinte anos... Não faço excepção.

A polidez está a proibir-me o desnivelamento apontado, eu sei. Mas eu estou aqui à frente de uma tese religiosa e científica, que vem apaixonando o Brasil inteiro. Devo, pois, ser franco e sincero. Assisti, na União Espírita Mineira, ao ligeiro discurso que Agripino Grieco fez ali logo após ter visto, com seus próprios olhos, Francisco Xavier psicografar memorável mensagem de Humberto de Campos.

Guardei de cor as palavras cheias de assombro proferidas, então, por Grieco. Posso repeti-las a quem quiser escutá-las. Grieco pasmou com a velocidade com que a mensagem fora escrita, assim como pasmou também com o seu conteúdo, o seu estilo e as citações e intimidades reveladas por Humberto naquela esplêndida peça literária. Falou bem claro e em alto som, para que todos ouvissem, o seguinte: — «Nem eu, que vivo da pena, nem pessoa alguma, no Brasil, é capaz de escrever essas belíssimas páginas assim, com essa rapidez, e sem correcção, como este moço acaba de fazer (apontava para Francisco Xavier).

Vê, pois, o ilustre jornalista, que a minha opinião não está muito isolada...

Nem se me revide ter Agripino se retratado mais tarde. Tê-lo-ia feito? Conversei com ele imediatamente após a sessão com o Chico; ouvi-o tempos depois, a sós, como amigo. Compreendo que Agripino, acossado pelos anti-espiritas, se tenha retraído. É até natural que o fizesse. Afinal de contas, ele não é espirita e não tem interesse algum em se incompatibilizar com os católicos. Devemos ser justos. Mas o que ninguém pode apagar das nossas memórias são as suas expressões de espanto e admiração pelos poderes miraculosos, que ninguém imita, ninguém, do sr. Francisco Xavier.

Tenho interpelado muito o médium com respeito ao modo por que os espíritos se comunicam através de seu aparelho mediúnico. Acredito ser relevante para nós sabermos como isso acontece.

O sensitivo não se furta à indagação. Basta que alguém se lembre de fazer-lhe a pergunta, para que ele se disponha a satisfazê-la.

Francisco Xavier tem muitas médiunidades, a psicografia (a mais importante e desenvolvida delas), a incorporação, a audição, a vidência, etc. Alguns já o têm visto incorporado. Eu não pertenço ao número destes. Sua incorporação, ao que parece, é semi-consciente. A psicografia traduz-se em Francisco Xavier de diversas maneiras: ora o médium sente o braço ser movimentado mecânicamente, sem a mínima intervenção sua, ora intervém ele também nos movimentos.

Em muitos casos enxerga o sensitivo, como que escritas numa tela etérea, as palavras que deverá copiar; outras ocasiões as palavras são-lhe transmitidas oralmente. Sua tarefa, nessas duas hipóteses, resume-se em reproduzir o que vê e ouve.

Fiz-me compreender? Devo explicar-me melhor: o médium vê as palavras projectadas no éter. À proporção que as vai registando no papel, novas palavras vão sendo projectadas nessa espécie de tela imponderável. Nem sempre o médium vê a mão que as vai gravando. O sensitivo apreende as frases com o cérebro, não com os órgãos visuais comuns, pois trabalha com os olhos cerrados. Também, quando ouve, tem a impressão de que não utiliza os ouvidos, mas sim os centros nervosos responsáveis pelo fenómeno da audição.

Tudo o que acabo de declarar, significa dizer: o médium, se, por desgraça, ficasse cego e surdo (que essa infelicidade lhe não aconteça nunca!) — *continuaria a ver e a ouvir* as suas mensagens mediúnicas.

Quando os espíritos agem mecânicamente, pode o médium aplicar-se a qualquer outra coisa diferente, sem prejuizo do trabalho que está grafando. Via de regra, nem percebe ele o sentido das frases, pois mantém-se de olhos fechados e não acompanha os movimentos que os seus dedos realizam sobre o papel. É durante esses trabalhos, puramente mecânicos, que ele costuma conversar mentalmente com os espíritos e ouve seus recados, nomes, etc. O médium tem uma técnica toda sua para trabalhar. Nunca se preocupa em demasia com o que ouve ou vê. Ele sabe que a emoção forte interrompe fàcilmente o curioso intercâmbio. Sua maior preocupação é trabalhar da melhor maneira possível. Evita, para ser bem sucedido, opor embaraço aos espíritos. Segura o lápis com leveza extrema, sem obstar-lhe a acção. Treinou muito, durante anos, para a melhoria da sua especialidade. Em outro local falarei à vontade sobre esse treino psíquico.

Os espíritos apresentam-se de maneira diferente. Entre eles há, assim, uma escada enorme no modo de se comunicarem. Existem entidades que se apoiam muito no braço e no ombro do médium, causando-lhe peso e cansaço; há os que agem mais sobre os centros nervosos do sensitivo, influenciando-lhe os dedos através do cérebro; finalmente, tenho que citar os que, menos experientes, ou por qualquer outro motivo, se revelam titubeantes, como que inibidos na sua actividade. Esses são penosos ao médium...

Haverá espíritos analfabetos? De certo que sim. Entretanto, pelo que tenho lido e observado, estou inclinado a admitir que muitas comunicações são obtidas por intermédio do Guia do médium. Deve ser bem difícil mesmo o manejo espiritual sobre o mundo biológico e psíquico do médium. Nem todos os espíritos

"ALMAS ERRANTES" E OS LEITORES

Acabei de ler «Almas Errantes» e envio-lhe as impressões que senti durante a leitura de tão vigoroso romance.

Não há dúvida de que estamos em face de uma obra notável, sob todos os pontos de vista, rica em lances humanos expostos com maestria em linguagem lindíssima e estilo cintilante, que prende e jamais enfastia.

Confesso que foi com mágoa que vi aproximar-se o fim da obra e quando acabei de ler a última frase fiquei absorto em como era possível fazer-se uma descrição tão realista de factos profundamente humanos, num estilo que acho um deslumbramento. Oh! O estilo, que mimo, que elegância de conceitos, que clareza de ideias e sobretudo que encadeamento tão sugestivo!

Este livro não se pode ler de ânimo leve. Quem assim o fizer, passa em claro os pontos essenciais que nos arrebatam e dão à leitura a impressão de que, enquanto os olhos lêem, no cérebro, transformado em estranho palco, se desenrolam com surpreendente nitidez todas as cenas nele descritas!

Quantas vezes parava a reler várias frases, onde, em poucas palavras, a autora nos abria um mundo de sensações! É nisso que eu acho este livro superior aos outros. Meia dúzia de palavras escolhidas e pronto! O resto vem por indução, galvanizado pela magia dos vocábulos. Sem exagerar, confesso que, de todos os romances espiritas e profanos, foi este o que mais me encantou. Que belo filme dava este romance!

CIRILO ALEIXO

hão-de ser hábeis nessa operação. Chico Xavier tem horas prèviamente determinadas para os trabalhos que devem ser reunidos em livro.

Não os psicografa em sessões comuns, ao que penso.

Sempre que algum livro lhe vai ser transmitido, ele é avisado com antecedência. Quando começa um livro, não sabe qual será o seu desfecho. Ignora totalmente a sequência dos acontecimentos que ainda estão por ser descritos.

Os espíritos dispõem-no psìquicamente para o trabalho em vista.

Durante o período de tempo que ele grafa as páginas desses romances ou desses volumes de ensinamento moral, vislumbra, no éter, todas as cenas que vão ou estão sendo fixadas no papel.

Essa minha indiscreção serve para mostrar quanto é particularmente intensa a vida interior do médium.

Realmente, como é assombroso ouvir vozes que soaram há séculos, ver semblantes que viveram há milénios, integrar-se no passado remotíssimo da humanidade!... Chico Xavier não tem a mínima vaidade do seu mediunismo. Aprendeu a considerá-los como a coisa mais natural do mundo.

Com os invisíveis ele aprende muito, em todas as directrizes.

Página literária que atravessou o seu organismo mediúnico, fica latente no cérebro do moço. É como se ele a tivesse decorado, depois de a ter lido muito.

Não admira, diante do exposto, que Chico Xavier progrida mentalmente. Ele já aprendeu muito verbo bonito, nomes complicados de botânica, física, etc., com os espíritos...

Não obstante, o mediunismo tem-lhe trazido tristezas e tormentos sem conta.

Há espíritos que se regozijam com assustar o próximo; há entidades que vivem no obscurantismo, mergulhadas no ódio, etc. Ora, essas criaturas não podem tolerar os que fazem da virtude e do bem a razão única da existência. De sorte que o sensitivo tem que suportar a sua actividade nefasta e dolorosa.

Estou, porém, em que os seus piores inimigos são os homens da terra, aqueles que não medem consequências para a satisfação do ódio gratuito e criminoso.

Em se tratando de uma alma simples e inofensiva como é a do sr. Francisco Xavier — criatura que nunca fez mal a ninguém — são capazes de tudo...

O exercício—até neste assunto a regra é aplicável — aprimora a mediunidade (já me referi ao caso). É essa a razão porque Chico Xavier não psicografa hoje como o fazia nos primeiros tempos. *Melhorou muito em tudo*, inclusive, mesmo, quanto à filtragem das mensagens que recebe. Quero dizer: sua intervenção nos ditados é actualmente menor do que o era há alguns anos atrás.

Em vigor, o médium não se sente fadigado, após a função. Exceptuam-se os casos em que a entidade espiritual é portadora de algum sofrimento físico ou moral.

Nessas hipóteses, o sensitivo acusa idêntico mal-estar; essa sensação, felizmente, não perdura muito.

FIM

O Primitivismo na Península Ibérica

Por DAMIÃO DE VASCONCELOS

Há anos foi descoberta na Andaluzia uma grande caverna, composta de duas grandes divisões. No interior, assentadas em bancos de pedra, em círculo, múmias, cada uma das quais tinha na mão uma haste de madeira encimada por uma ponta de pederneira (uma lança). No centro, também assentada em um banco idêntico e tendo na mão uma lança da mesma espécie, ostentava distintamente outra múmia um diadema de oiro na cabeça.

As múmias trajavam túnicas de couro ou de esparto pisado, unidas nas costas por um cordão ou correia. Calçavam todas alpergatas de esparto. Nos pés de cada múmia havia um vaso de louça de barro, contendo uma matéria enegrecida, sobre a qual estavam madeixas de cabelo e flores.

Ora, este monumento, em que se não encontra outro metal além do ouro, é, pelo menos, da última idade da pedra, e remonta a 4.000 ou 5.000 anos.

No jazigo céltico de Bensafrim (Algarve), explorado pelo ilustre arqueólogo Estácio da Veiga, encontram-se com os ossos dos defuntos, pontas de lanças de ferro, contas esmaltadas de azul e branco, braceletes de ouro e outros adornos. Por cima deste cemitério está uma grande camada de terra com outro cemitério romano, o que denota a grande antiguidade do primeiro.

Note-se que em Bensafrim, como na Andaluzia, os defuntos iam armados e ornamentados de colares e joias para passarem a outra existência; era a crença na imortalidade individual, comum nas raças dos povos primitivos.

Aquele singular jazigo da Andaluzia contém revelações preciosas.

A rocha das cavernas estava saturada de grande quantidade de salitre; portanto o salitre é próprio para a conservação e mumificação dos corpos. A mesma substância usavam os egípcios para a conservação dos seus defuntos.

E os homens daquele tempo, visto que vestiam, adornavam os seus mortos, lhes punham comida, acreditavam numa outra vida e na imortalidade individual. Numa palavra: eram espiritas a seu modo. Os cabelos e flores depostos aos pés dos defuntos, denotam a saudade e o respeito consagrado pelos parentes e amigos, e as túnicas de esparto de que estavam vestidos, os primeiros fatos que usavam os nossos antepassados.

Se passarmos à América Central antiga, veremos que os povos descendentes dos Atlantes da Atlântida, em especial os Astecas do México e os Incas do Peru, antes da descoberta pelos espanhóis, enterravam os seus mortos pela forma seguinte:

Colocavam os mortos na posição de uma pessoa sentada, encerravam-nos com todo o seu fato em sepulturas fechadas ou em carneiros de família; às vezes construía-se por cima um maciço ou uma pirâmide. Era vulgar enterrar com um Inca os seus servos e as mulheres que ele mais amara. Os reis e os chefes eram embalsamados.

Há, pois, aqui, uma notável semelhança entre os enterramentos dos povos ibéricos e os dos povos primitivos da América, descendentes da Atlantida, como vimos. Podemos, pois, concluir que os primitivos *americanos* tiveram uma origem comum — a Atlântida.

Ora, naqueles tempos, era preciso aos espíritos todas as condições indispensáveis à sua existência póstuma. A cada família cumpria velar pela sorte dos seus parentes, constituindo culto doméstico dos antepassados. Havia nisso uma dupla vantagem: impedir que os espíritos atormentassem os vivos e conseguir até que eles os auxiliassem nas suas empresas, nos seus negócios, e terem provisões para lhes servirem de alimento no dia da ressurreição.

Por isso, e para isso, surgiu a necessidade de conservar os cadáveres para que o espírito, ao despertar da morte, encontrasse ainda o corpo em estado de o habitar novamente, não precisando, por isso, de se apoderar dos corpos dos vivos. Esta circunstância é que mais contribuiu para estabelecer as regras do culto dos mortos, pois domina na Antiguidade, como entre os povos selvagens, o receio de que as almas, privadas do seu corpo

AS CURAS DE FERNANDA GONÇALVES

Por S. TEIXEIRA

Em vários pontos do mundo estão a acontecer factos extraordinários que deixam os escolásticos boquiabertos ou mal humorados mas que servem para reavivar a fé dos que já a haviam perdido há muito.

Será o trabalho preliminar para o estabelecimento do Reino de Deus na Terra? Certamente o mundo não pode permanecer mergulhado em ondas de ódio e malquerença, de fúria destruidora e morte. Estamos convencidos de que em breve será feito, do Alto, apelo às consciências para que o Caminho da Luz e da Verdade seja buscado, a fim de que os verdadeiros problemas se resolvam, para que o mundo se espiritualize.

Em Fevereiro último D. Fernanda Gonçalves teve a visão, segundo nos contou, de uma grande cruz no céu e a revelação de que podia curar. Começou então a visitar alguns doentes. Assim, foi a casa do paralítico Alexandre Teixeira, em Cambres, e eis como as coisas se passaram, conforme testemunho do próprio doente:

«Eu era muito forte e não havia serviço que me metesse medo. Nem a chuva nem a neve me detinham. Mesmo de inverno, quando me molhava, a roupa enxugava-se-me no corpo. Até que há coisa de cinco anos caí doente com um resfriamento. As minhas pernas enfraqueceram e já não podia mais andar. Passava o tempo na cama. Ùltimamente nasceram-me umas feridas pelo corpo por tanto tempo estar deitado.

«Um dia à tarde entrou em minha casa a Senhora D. Fernanda, acompanhada pelo seu marido. A senhora aproximou-se da minha cama e disse-me:

«— Como está?

«— Muito doente — respondi. Encontro-me paralítico há cinco anos e agora, devido a feridas que tenho no corpo, sinto muitas dores.

«E começou a pôr-me as mãos no peito, nos braços, nas pernas e a rezar umas orações. Por fim perguntou-me:

«— Quere curar-se?

«— Quero, sim, — respondi.

«— Então tenha fé. Voltarei amanhã.

«No dia seguinte, que era quarta-feira, voltou, e na quinta também. Depois de me pôr as mãos como nos outros dias disse-me assim:

«— Vocemecê, no próximo domingo, vai jantar a minha casa, em Lamego.

«Eu sentia-me já melhor, mas nem queria acreditar. Como não pensava andar mais pelo meu pé, não tinha vestuário nenhum e respondi:

«— Não tenho roupa...

«— Tem, sim; fica aqui roupa de meu marido.

«Sairam e eu vesti-me. Fiquei então muito contente, porque já podia andar. A gente do meu povo estava muito admirada e todos me queriam ver. No domingo indicado pus-me a caminho de Lamego e perguntava a mim mesmo se seria verdade ter melhorado em três dias e poder andar cinco quilómetros a subir. Muita gente me acompanhou e só descansei a meio do caminho.

«Chegámos a Lamego, a casa da Senhora D. Fernanda, e todos entrámos. Connosco entrou um rapazinho apoiado a muletas. A Senhora fez-lhe tratamento e passado um pouco o rapaz saía gritando que estava curado, tendo deixado ficar as muletas».

Eis o que nos contou um dos primeiros curados por D. Fernanda Gonçalves, casos, aliás, conhecidos aqui de toda a gente.

Lamego 22-4-951.

---

físico, andem, errantes e maléficas, como sombras tenebrosas, procurando abrigo no corpo dos vivos.

Assim se compreende o zelo de muitos povos em conservar os cadáveres e a preocupação dos embalsamadores, em especial dos egípcios, para os mortos de alta gerarquia.

Por sua vez, os índios da América Central e descendentes dos Atlantes, também supunham que todos os privilégios adquiridos na vida se mantinham depois da morte.

E na América Central, Egito e Península Ibérica, os povos primitivos, como descendentes dos Atlantes da Atlântida, tinham as crenças e costumes iguais; e, por isso, a caverna da Andaluzia nos mostra aquelas múmias, como prova demonstrativa das crenças espiritas dos povos peninsulares primitivos.

Ora, as analogias e semelhanças dos monumentos da América Central e do Egito, provam uma ideologia idêntica que tem a sua origem na Atlântida. Colunas, pirâmides, hierógrifos e tantíssimos motivos se repetem, assemelham e identificam, quando estudamos os monumentos dum povo.

Egito, Pérsia, México, Peru e Península Ibérica, são, pois, regiões banhadas pelo espírito de uma civilização de base unitária que os cataclismos da Era Terciária isolaram umas das outras, fazendo supor, a quem desconheça ou não aceite essas verdades, que tais civilizações se desenvolveram isoladamente e à parte, sem ligações remotas.

E a caverna da Andaluzia significa o culto dos antepassados, e deste culto se iniciou a religião espiritualista entre nós.

(Excerto de «*A Atlântida e a Península Ibérica*».

Crónica Estrangeira

Por ISIDORO DUARTE SANTOS

UMA CURA EXTRAORDINÁRIA

O *Psychic News* de 1 de Dezembro relata um caso de cura verdadeiramente notável na pessoa da senhora Louise Smith, moradora em 20 Murphy Flats, Londres, S. E. 1. Apesar de já ter sofrido 13 operações cirúrgicas, os médicos não lhe davam esperança de cura.

Em 6 de Novembro último houve grandes festas numa clínica de Hahnemann para convalescentes, com canções e bailados, celebrando o 35.º aniversário da doente acima citada, que se encontrava verdadeiramente radiante. Cinco anos antes adoecera com perturbações internas que deram início a uma longa e séria doença que lhe ia custando a vida.

Até Junho tinha sofrido nove intervenções cirúrgicas e durante o verão estava a trabalhar como dactilógrafa, quando adoeceu e mais uma vez baixou ao hospital para nova operação. Afinal, não foi uma, foram quatro e a última delas bastante melindrosa.

A sala estava preparada. Trouxeram a senhora Smith e a operação começou. Pouco depois a doente desfalecia. O coração deixava de bater. Quatro longos minutos lutaram ansiosamente médicos e enfermeiras para fazer reviver a senhora Smith. Conseguiram-no a muito custo, mas tiveram que suspender a operação, vista a gravidade do caso. A própria família foi avisada de que a morte poderia sobrevir de um momento para o outro. Podia viver uma semana ou um mês, mas os facultativos não tinham a mínima esperança de cura.

A senhora Júlia Ling, irmã mais velha de Louise, trabalha no escritório do sr. Podro, o curador de Finchley, o qual, ao saber pela empregada que a irmã desta estava gravemente enferma, foi logo visitá-la ao hospital e no dia seguinte fez-lhe um ligeiro tratamento, a ocultas dos médicos. E todas as noites o nome da doente era mencionado nas sessões de irradiação mental, em 77 Station-road, n.º 3, dirigidas por Podro com auxílio de sua mulher Anne Podro, conhecida clarividente de North London. Durante dois meses esteve desenganada, quando inesperadamente começou a recobrar as forças. Ninguém olhou isto com esperança, por já se ter repetido algumas vezes. Ela, porém, nunca estivera tão doente e aqueles que no hospital conheciam a sua história clínica tive-

Louise Smith, saindo do Psychic News, *depois de contar a sua notável história*

ram ainda surpresa maior quando pensaram numa enxertia cutânea. O estômago da senhora Smith ficara tão lacerado pelas operações, que os cirurgiões disseram que era necessário um enxerto; mas quando examinaram o organismo viram que as feridas e as cicatrizes estavam tão boas, que já não era precisa a operação. E, de facto, não foi precisa.

Mr. Podro continuou com o nome de Louise na sua lista de curas a distância e a enferma recuperou gradualmente a saúde. Pela primeira vez, durante cinco anos, se viu completamente curada.

Em Outubro passou à casa de saúde Hahneman, em Westcliff, Bournemouth, e quando lá chegou encontrou um grande ramo de flores oferecido pelos médicos e enfermeiras que a tinham assistido no Hospital de Westminster, juntamente com um cartão deles para a sua «doente miraculada».

A MEDIUNIDADE DE UM FRADE CAPUCHINHO

O diário *La Razón*, de Buenos Aires, publicou em 8 e 10 de Setembro uma interessante revelação que causou grande impressão nos leitores. Di-lo *La Idea*, donde extraímos os elementos desta nota. Trata-se do padre Pio de Pietralcina que na aldeia italiana de S. Giovanni Rotondo (Foggia), onde exerce as suas funções eclesiásticas, assombra o povoleu que acorre em massa a vê-lo agir, produzindo fenómenos verdadeiramente extraordinários de levitação de objectos e de mediunidade vocal e curadora.

La Idea transcreve as palavras do Dr. Domingo F. Bergaglio, como testemunha ocular daqueles factos, e que nós a seguir reproduzimos:

«O padre diz missa às cinco da manhã e uma hora antes já o templo está repleto de fiéis de todas as partes do mundo: alemães, espanhois, italianos, ingleses, norte-americanos, canadianos e franceses. Para celebrar despoja-se das luvas que lhe cobrem mãos e braços e então podem ver-se-lhe as chagas das mãos. Eu até pude tocá-las. São feridas de dois centímetros de diâmetro que trespassam as mãos de lado a lado. A missa dura hora e meia, porque de vez em quando cai em transe, durante o qual se eleva do solo cerca de meio metro. No instante da consagração parece lutar com um inimigo invisível que procura afastar de si com

gestos firmes. Pronuncia palavras em hebreu, em grego e italiano e ouve-se-lhe dizer, entre lágrimas e suspiros: «Vai-te! Vai-te daqui!». Vê-se que está cansado, como que esgotado, mas com semblante de homem feliz.

O doutor Bergaglio, que teve a honra de ser recibdo pelo frade na própria cela diz que é um homem de 64 anos, de compleição robusta, estatura elevada e belo carácter. «Desde 1918 que tem nas mãos, pés e costas, os estigmas das chagas do Cristo. Eu via-as e toquei-as».

E concluindo, o Dr. Bergaglio acrescenta:

«Ao ver-me, fixou-me nos olhos e ante o meu assombro descreveu a minha vida, desejos e preocupações. Mostrei-lhe a fotografia de um rapaz italiano que tinha ido à guerra havia 12 anos e de quem não havia notícias. Olhou-a, abençoou-a e falou: «Diga a sua mãe que ore, ore, ore muito por ele. Está tuberculoso na Rússia, mas regressará em breve». Efectivamente, ao cabo de um mês, chegou Arturo Tavella (assim se chamava ele) procedente da Rússia, com 1.500 prisioneiros italianos. A minha conversação com o padre Pio teve lugar no dia 2 de Março e Tavella voltou a casa em meados de Abril, com a doença citada».

Na crónica de 10 de Setembro contam-se maravilhas deste grande médium, entre elas, casos surpreendentes de cura que realiza com a maior facilidade.

Assim como o dom das línguas, de que falava S. Paulo, o espírito tem o dom da cura e muitos outros mais que só não vê a cegueira voluntária dos misoneistas apegados ao dogma. Mas a luz vai espancando as trevas e adelgaçando o nevoeiro dos obstinados. Um frade-médium é coisa muito estranha e digna de notícia re tumbante nos anais do psiquismo. Mas é preciso falar baixo, não vá o cego voltar-se contra a esmola... Deixemos o capuchinho exercer à vontade o seu mister, antes que o visite o anátema no seu retiro de S. Giovanni...

2.º CONGRESSO ESPIRITA DO RIO GRANDE DO SUL

Do nosso correspondente de Porto Alegre recebemos o seguinte comunicado:

Constituíu um acontecimento sem precedentes a realização do *2.º Congresso Espirita do Rio Grande do Sul*, ocorrido de 3 a 7 de Outubro do corrente ano, em Porto Alegre, capital do Estado.

Após uma preparação de mais de um ano, em que a Comissão Executiva do Congresso envidou o máximo esforço para que o certame se revestisse do maior brilhantismo e obtivesse êxito excepcional, verificou-se um feito verdadeiramente histórico para a vida da Doutrina Espirita no sul do Brasil, com profunda projecção no âmbito nacional.

É que os problemas ventilados não ficaram adstritos intrinsecamente aos estudos da doutrina, em sua característica teórica e prática, mas penetraram maiores horizontes da vida humana, numa consciente interpretação dos destinos universalistas que o Espiritismo trás no plano de suas realizações. Por isso penetrou fundo na obra de Educação e de Assistência, a ponto de criar para o Congresso o expressivo dístico: *Educação-Redenção.*

Basta atentar para os temas programados e desenvolvidos com proficiência nas teses oficiais, para termos a fisionomia do espírito que preocupou a família espirita riograndense, no memorável movimento.

No dia 3 teve lugar a sessão solene de abertura, no Teatro S. Pedro, gentilmente cedido pelo governo do Estado, quando o presidente da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, coronel Hélio de Castro, proferiu magistral discurso inaugural, em que, após homenagear a memória do eminente codificador Allan Kardec, pela passagem de seu 147.º aniversário de nascimento, fez um estudo sobre a doutrina, focalizando os seus múltiplos aspectos, numa exaustiva e brilhante exposição de sua história e de sua evolução.

Nessa mesma sessão foi apresentada a tese «Educação Evangélica da Infância», para, nas sessões subsequentes, serem apresentadas as demais teses oficiais, assim intituladas: «Evangelização dos Lares», «Educação Evangélica da Juventude e da Mocidade», «Moderna Organização de Uma Sociedade Espirita», «Doutrina Espirita», «Assistência à Juventude e à Mocidade Desajustadas», «Assistência às Mães e à Infância Socialmente Abandonadas». Além do temário oficial, constou da pauta do trabalho a apresentação e aprovação das seguintes teses apresentadas por congressistas individuais: «Religião», pelo Dr. Djalma de Matos; «O Esperanto Como Língua Auxiliar do Espiritismo», pelo confrade Alberto Flores; «A Infância, a Juventude e o Cinema», pelo confrade Roberto Barbosa Ribas, e «Exercício da Actividade Espirita» pelo Dr. Paulo Hecker.

Independentemente do estudo das teses, o plenário apreciou, também, várias moções, indicações e proposições, dentre as quais se destaca a apresentada pelo congressista individual coronel Hélio de Castro, pela qual o Congresso aprovou um voto de louvor e de caloroso agradecimento aos orgãos de Administração Pública sediados no Estado, representados pelos seus dirigentes, por terem criado um ambiente de serenidade, livre de quaisquer restrições ao exercício da actividade espirita e pelo espírito arejado e despido de sectarismo com que vêm examinando as pretensões das entidades colectivas da Doutrina, sejam de natureza cultural, assistencial ou educacional.

Não é possível condensar nas colunas de um noticiário onde há limite de espaço, o que representou para a vida do Espiritismo no extremo sul do Brasil o magnífico movimento que foi cognominado o «Segundo Grande Congresso Espirita do Rio Grande do Sul». Os «Anais», que serão publicados em breve, dirão em pormenor e com documentário ilustrado a grandiosidade do feito. Por agora, a título de curiosidade, ressaltaremos nesta nota que o Congresso em apreço registou um facto ainda inédito em certames de idêntica natureza, no que diz respeito ao número de congressistas nele inscritos, visto que se elevou a cerca de 150 o de congressistas colectivos e a mais de 1.200 o de congressistas individuais.

É justo o júbilo que invade a alma daqueles que labutaram, que cooperaram, que se esforçaram, para dar o público testemunho da pujança da nossa Doutrina no Estado do Rio Grande do Sul.

EM BREVE:

«Galeria de Fantoches, ou As Duas Faces do Homem». Ditado pelo espírito de LIA.

Notas & Comentários

A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO

Temos em nossa frente várias notícias acerca do livro «Almas Errantes» extraídas da secção bibliográfica de alguns jornais lisbonenses, aos quais enviámos a obra. Mas confessamos o nosso desapontamento. Quanto maior é o periódico, menor é a função do crítico, que se vê limitado às ordens de patrões quase analfabetos, subordinados a preconceitos ou a clientelas. Há um regime de compadrio em que o elogio mútuo assesta baterias, uma espécie de cabotinismo literário que caracteriza admiràvelmente os tempos que decorrem.

Já ouvimos cauterizar a chaga em tribuna radiofónica e bem hajam as almas que aplicaram a terapêutica, para que as não incluissem no rebanho de Panúrgio.

Nota-se o desejo sub-reptício de conspirar contra as obras de Estudos Psíquicos, *que aparecem sistemàticamente nas livrarias sem auxílios nem muletas de ninguém. E como não têm argumentos para combatê-las, sob o aspecto gráfico ou literário, usam as armas dos medíocres. O melhor e mais cómodo é silenciar em torno delas, para que as não leiam, para que as não conheçam. Mas as edições sucedem-se, porque o público as aprecia, mesmo sem críticas laudatórias.*

A conspiração do silêncio é uma bexiga que de vez em quando encolhe as belfas enfunadas; e assim é que pudemos ler com grande satisfação o depoimento de A Voz, *aliás muito bem feito. Eis o que diz o crítico:*

«Se tivéssemos que fazer uma apreciação sumária a este livro («Almas Errantes») diríamos que era um romance como qualquer outro, tendo procurado no fantasmagórico, no sobrenatural, o reclamo. Mas aqui há qualquer coisa mais: declara-se que o livro foi ditado por uma alma do outro mundo e defende formalmente, embora romanceando, a doutrina espirita, defesa pela Igreja. A Voz, *jornal conservador e católico, não pode portanto ocupar-se desta obra, a não ser para avisar os leitores de que, dada a índole do trabalho e a oposição em que está às leis da Igreja católica, a sua leitura não pode ser permitida, nem aos novos, nem aos espíritos fracos, nem a qualquer que não tenha uma sólida formação religiosa».*

Notem o acicate: «a leitura não pode ser permitida». Não se aconselha. Impõe-se, única e simplesmente. Afinal, os espiritas são espíritos fortes, como, tàcitamente, diz o crítico... a soldo do jornal católico.

A grande imprensa vive amarrada ao pelourinho da veniaga. Pensa-se com os miolos do patrão. E quando alguém se esforça por alargar a coleira, os donos de letra gorda dão um berro de dez repetições e o escriba acocora-se.

Mas nem toda a imprensa usa coleira, nem todo o crítico tem algemas. Ainda hoje ouvimos Ápio Garcia no Rádio Peninsular a gritar bem alto que não havia dinheiro que lhe pagasse a opinião. Honra lhe seja feita! O crítico exerce uma função saneadora e moralizadora no pandemónio das ideias e ai daquele que se afasta das rotas da justiça para servir compadres e afilhados.

Nós não precisamos de favores da crítica e muito menos da crítica barata que não tomou contacto com as letras do abecedário. Continuaremos a escrever, sem nos importar a conspiração dos cabotinos das novas arcádias. Talvez sintam necessidade de nos ler um dia, quando chegar a sua hora. E se não chegar, pouco interessa ao caso. Alterou a Terra o movimento ao clamor dos críticos de Galileu?... Deixou a lua de girar ao latido dos podengos, cuja pescoceira se vai pelando à fricção da corda?...

O livro «Dois Mundos» está prestes a esgotar a 2.ª edição e vai ser traduzido na Argentina. Todos os nossos livros estão esgotados ou quase esgotados, apesar da atitude dos críticos... A maior parte das vezes o leitor é enganado. Ouviu palavras laudatórias acerca de uma obra e sofre desilusão tremenda ao percorrê-la. E exclama, pleno de revolta :

— Raios partam o crítico e a sua rabeca!

Os críticos leram a obra, foram impulsionados até à última página num crescendo de interesse e iludiram os leitores, quando falaram dela. Atraiçoaram o seu papel e deram exemplos de submissão aos donos de letra gorda que pontificam na caixa dos jornais. Que lhes faça bom proveito e sejam felizes no frete literário. Nós diremos sempre a verdade. Não tememos a crítica sem dentes que trabalha em vão no exercício das queixadas.

18.º SORTEIO DE LIVROS ESPIRITAS

Como de costume, realizou-se em 30 de Novembro último o 18.º sorteio de livros espiritas, que tanto interesse tem despertado entre os amantes da beneficência e da boa leitura. Foram distribuídos 7 belos prémios aos seguintes beneficiados a quem apresentamos as nossas felicitações, fazendo votos para que o número dos subscritores aumente cada vez mais:

1.º prémio — «Comentários à História das Religiões» — João Oliveira Pinto Muge, da Cidade da Beira, Moçambique.

2.º prémio — «Mariuccia» — D. Julieta Reis Beleza, de Tunes-gare.

3.º prémio — «Porquê a Guerra?» — D. Fortunata da Conceição Bravo, do Cartaxo.

4.º prémio — «O Mistério das Sombras» — D. Carolina Duarte Santos Bacelar, de Lisboa.

5.º prémio — «Um Inquérito Original» — D. Maria Ilídia Armada, de Lisboa.

6.º prémio — «Mensagens Mediúnicas» — Augusto Ferreira da Conceição, de Lourenço Marques.

7. prémio — «O Problema da Sobrevivência» — António Duarte de Almeida, de Lisboa.

BOLA DE CRISTAL

Chegou nova remessa de bolas de cristal para satisfação dos pedidos de alguns confrades que pretendam desenvolver a clarividência e a concentração. Recomendamo-la aos estudiosos da doutrina.

Noticiário

CORPOS GERENTES DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

No dia 10 de Dezembro corrente realizou-se a eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1952 a 1954, com o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente — *Dr. Sebastião Elviro Martins.*
Vice-presidente — *Américo de Oliveira Monteiro.*
1.º secretário — *José Cardeira Baptista.*
2.º secretário — *Mário Gouveia Bacelar.*

Comissão de Contas

Presidente — *António Dias Gigante.*
Relator — *João Maria Rodrigues.*
Secretário — *Jorge Augusto Raimundo.*

Direcção

Presidente — *Isidoro Duarte Santos.*
1.º secretário — *Dr. Alvaro Ramos Pereira.*
2.º secretário — *António Bastos dos Santos.*
1. tesoureiro — *João José Pilar.*
2.º tesoureiro — *Raúl Ribeiro Pesqueira.*

Substitutos

João Guilherme Carvalho Duarte
Policarpo Rocha
Luís Lopes da Silva Faria
Joaquim Dias
Joaquim da Rocha Pereira Júnior
Carlos Pereira

Também as nossas filiais de Santarém e Almeirim passam a ser dirigidas durante o mesmo triénio pelos seguintes confrades:

SANTARÉM

Presidente — *Manuel Marecos Henriques.*
Secretário — *Francisco Ribeiro de Almeida Júnior.*
Tesoureiro — *José Lopes Júnior.*

Substitutos

Presidente — *José Leonor Frazão Júnior.*
Secretário — *António Rodrigues.*
Tesoureiro — *Francisco Bernardino Nogueira.*

ALMEIRIM

Presidente — *Francisco Apolinário Henriques.*
Secretário — *Torcato Cardoso Ferreira.*
Tesoureiro — *António José P. Gonçalves.*

Substitutos

Presidente — *Francisco de Freitas Moura.*
Secretário — *Deodato da Mota Cerveira.*
Tesoureiro — *Virgílio Godinho Pereira.*

AMIGOS DA NOSSA OBRA

Destinados à revista *Estudos Psíquicos* recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

A. da Silva Braga Jor.	60$00
F. M. G., do Rio de Janeiro	2.396$00
M. J. G., do Rio de Janeiro	2.000$00
Jaime João Jerónimo	100$00
A. Monteiro	500$00
João Guilherme Carvalho Duarte	23$00

F. M. G., do Rio de Janeiro (pagamento do nosso débito ao Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira) 1.820 cruzeiros.

Que Deus proteja estes bons amigos e cooperadores!

ALMOÇO DE HOMENAGEM A RAMOS PEREIRA

Continuamos a receber inscrições para o almoço de homenagem a Ramos Pereira, que se realizará no 4.º domingo de Janeiro de 1952. Os inscritos serão informados oportunamente acerca do local e hora a que deverão comparecer. Informamos que as inscrições devem ser acompanhadas da importância de 50$00 e são extensivas a homens e senhoras.

PROGRAMA DOS TRABALHOS NO MÊS DE DE JANEIRO DE 1952

Dia 4, 6.ª feira, às 21,30 — Sessão de homenagem a Maria Gonçalves Duarte Santos, no 2.º aniversário do seu trespasse.

Dia 6, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 13, domingo, às 16 horas — Palestra por Ramos Pereira.

Dia 18, 6.ª feira, às 21,30 — Sessão experimental, dirigida por Ramos Pereira.

Dia 20, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Fernanda Moreira.

Dia 27, domingo, às 16 horas — Sessão do Grupo General Passaláqua, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

GRUPO REPER-SIAM

Todas as 5.as feiras às 21,30, continua a funcionar este Grupo, sob a direcção geral de Isidoro Duarte Santos.

Fundo de Beneficência

Destinados ao Fundo Permanente de Beneficência, recebemos os seguintes donativos, que agradecemos:

Grupo Allan Kardec, 226$00; P. B., 20$00; I. S., 20$00; João Pinto Muge, 100$00; Subscrição do 18.º Sorteio de livros espiritas, 145$00. TOTAL — 511$00.

Saldo existente em Julho de 1951	1.699$40
Recebido até Dezembro de 1951	1.735$50
Total	3.434$90
Distribuído até à data	3.327$50
Saldo existente	107$40

Obras de Ciências Psíquicas e Filosofia Neo-Espiritualista

(em depósito nesta redacção)

	br.	enc.
DR. INACIO FERREIRA		
Conselhos a Meu Filho		15$00
Espiritismo e Medicina	18$00	30$00
Novos Rumos à Medicina, livro célebre, muito ilustrado, descreve os métodos da cura psíquica do Sanatório de Uberaba — 1.º volume		52$00
2.º volume		52$00
Têm Razão?, resposta magistral aos ataques feitos ao Espiritismo	35$00	48$00
FRANCISCO CANDIDO XAVIER (Médium)		
Agenda Cristã, pelo *Espírito de André Luiz*	15$00	
Alvorada Cristã, pelo *Espírito de Neio Lúcio*, livro maravilhoso e educativo, para crianças de todas as idades	16$00	
Boa Nova (quadros evangélicos), ditados pelo *Espírito de Humberto de Campos*	20$00	32$00
A Caminho da Luz, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	25$00	
Caminho, Verdade e Vida, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
O Consolador, pelo *Espírito de Emmanuel*, resposta a 461 perguntas	24$00	35$00
Crónicas de Além-Túmulo, ditadas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	
Emmanuel, repertório de ensinamentos cristãos, ditados pelo Espírito de *Emmanuel*	18$00	
Falando à Terra, colectânea de mensagens de homens célebres brasileiros há dois mil anos, romance empolgante ditado pelo *Espírito de Emmanuel*	27$00	38$00
(nova edição)	34$00	46$00
50 Anos Depois, continuação do romance supra, pelo *mesmo autor*	34$00	46$00
Lázaro Redivivo, pelo *Espírito do irmão X* (Humberto de Campos)	24$00	
Libertação, pelo *Espírito de André Luiz*	26$00	
Luz Acima, crónicas pelo *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Mensageiros (Os), pelo *Espírito de André Luiz*	24$00	36$00
Missionários da Luz, pelo *Espírito de André Luiz*, obra dedicada às pessoas cultas	37$00	50$00
Nosso Lar, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
No Mundo Maior, pelo *Espírito de André Luiz*	25$00	38$00
Novas Mensagens, do *Espírito de Humberto de Campos*	22$00	34$00
Obreiros da Vida Eterna, pelo *Espírito de André Luiz*	34$00	46$00
Pão Nosso, pelo *Espírito de Emmanuel*	26$00	
Parnaso de Além-Túmulo (maravilhosa colectânea de poesias ditadas por espíritos de poetas luso-brasileiros). Nova edição melhorada	48$00	62$00
Paulo e Estevão, nova edição, pelo *Espírito de Emmanuel*	50$00	64$00
Pontos e Contos, pelo *Irmão X*	27$00	
Renúncia, romance empolgante e consolador, destinado aos tristes e desesperados, ditado por *Emmanuel*	42$00	54$00
Reportagens de além-túmulo, pelo *Espírito de Humberto de Campos*	24$00	36$00
Volta Bocage, Sonetos pelo *Espírito de Bocage*	12$00	
Voltei, do *Espírito de Jacob*	20$00	
OBRAS DIVERSAS		
A Abadia dos Beneditinos, romanc mediúnico pelo *Espírito do Conde de Rochester*	45$00	
Afinal Quem Somos? por *Pedro Granja*	45$00	
Almas Crucificadas, empolgante romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	33$00	45$00
Análise das Coisas, pelo *Dr. Paulo* Giber	18$00	30$00
Barqueira do Júcar, romance mediúnico, recebido por *J. F. Colavida*	20$00	32$00
Beijo (O) da Morta, romance mediúnico recebido por *Celestina Arruda Lança*	22$00	34$00
A Casa Assombrada, romance pelo *Dr. Bezerra Meneses*	26$00	38$00
A Casa Assombrada, por *Maria Veleda*	15$00	
O Caso Humberto de Campos, descrição do célebre processo judiciário movido à Federação E. Brasileira e ao médium Francisco Cândido Xavier, da autoria de *Miguel Timponi* Um grosso volume	24$00	38$00
Chanceler (O) de Ferro, empolgante romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde de Rochester*	42$00	54$00
Ciência Metapsíquica, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*, obra magnífica que interessa a todos os estudiosos do Espiritismo	28$00	
Cinquenta e Duas Lições de Catecismo Espirita, por *E. Rigonati*	8$00	
Ciência Divina, pelo *Espírito de Jaime Braga*, recebido pelo médium *Doutor Porto Carreiro Neto*	24$00	36$00
Claustro (O), romance realista acerca da vida eclesiástica, por *Manuel Arão*		35$00
Conselhos a Meu Filho, (colectânea de ensinamentos morais muito interessantes), pelo *Dr. Inácio Ferreira*		15$00
Contribuições para o Espiritismo, por *Alexandre Dias*	12$00	
Corpo e Espírito, por *Carlos Imbassahy*	20$00	32$00
Cristianismo (O) do Cristo e o dos Seus Vigários, pelo *Padre Alta*	45$00	
Cruzada Redentora, romance reencarnacionista de fundo histórico, por *António Lima*	40$00	54$00
Didaquê Espirita, por *Carlos Lomba*, Curso completo de Espiritismo para crianças de 6 a 14 anos	10$00	

(Continua na 4.ª página de capa

	br.	enc.
Desmaterialização Parcial do Corpo de Um Médium, por *Alexandre Aksakoff*	22$00	
Deus para as Criaturas, *mensagens mediúnicas*	40$00	
Do Calvário ao Apocalipse, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	24$00	36$00
Do Calvário ao Infinito, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vítor Hugo*	44$00	56$00
Dor Suprema, grande romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	54$00	
Doutrina (A) de Jesus, por *Vinicius*	7$00	
Eça de Queiroz Póstumo (Comunicações de Eça de Queiroz ditadas a Fernando de Lacerda)	20$00	32$00
Elucidações Evangélicas (resumo da obra de Roustaing), pelo *Dr. António Luiz Saião*	40$00	50$00
Entre dois mundos (romance), por *Antoinette Boudin*	20$00	32$00
Espiritismo e Medicina, obra em que o autor faz sua profissão de fé espirita, pelo *Dr. Inácio Ferreira*	20$00	32$00
Espiritismo (O) á luz dos Factos pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	30$00	44$00
Espírito (O) Consolador, pelo *Padre Marchal*	30$00	45$00
Espiritismo (O) e os Problemas Humanos, por *Deolindo Amorim*	22$00	
O Espirito do Cristianismo, por *Cairbar Schutel*, um grosso volume		45$00
Existência (A) de Deus e a Imortalidade da Alma, por *Adauto Pontes*	17$00	
Expiação, por *Areolindo Gorjão*	24$00	36$00
Eleonora, romance espirita por *Codro Palissy*	32$00	
Factos Espiritas, por *William Crookes*	20$00	28$00
Faraó (O) de Mernephtah, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	42$00	
Fazenda (A) Mal Assombrada, romance por *Alexandre Dias*	20$00	
Flores do Outono, pelo poeta leproso *Jesus Gonçalves*	18$00	
Funerais da Santa Sé, pelo espírito de *Guerra Junqueiro*	25$00	
Grande (A) Síntese, obra maravilhosa de ciência e filosofia espiritualista, por *Pietro Ubaldi*		120$00
Grandes e Pequenos Problemas (aplicações do Espiritismo aos problemas da vida), por *Angel Aguarod*	20$00	
Granja do Silêncio (A), por *Paul Bodier*	18$00	30$00
Herculanum, romance mediúnico ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	35$00	48$00
Heroinas (As) de Hydesville, por por *Alfredo Miguel*	15$00	
Iluminação, por *Leopoldo Machado*	10$00	
Irmãos de Jesus, por *Kruger de Matos*	10$00	
Jerusa, romance mediúnico	20$00	
Jesus Perante a Cristandade, pelo *Espírito de Bittencourt Sampaio*	20$00	
Livre-arbitrio e determinismo, por *Louis Gastin*	5$00	
Lidia, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	20$00	
Loucura (A) sob Novo Prisma, pelo *Dr. Bezerra de Meneses*	18$00	30$00
Marieta (páginas de duas existências), romance medúnico, recebido por *Daniel Artazú*	22$00	34$00
Martirio (O) dos Suicidas, por *Almerindo Martins de Castro*	18$00	
Memórias de uma alma, romance mediúnico, recebido por *J. Suriñac*	24$00	
Memórias do Padre Germano, por *Amália Domingo Soler*	42$00	54$00
Margem (À) do Espiritismo, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	24$00	
Na Seara do Mestre	24$00	36$00
Na Sombra e na Luz, grande romance mediúnico, ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	32$00	46$00
Nas Pègadas do Mestre, por *Vinicius*	24$00	36$00
Nova (A) Luz, ditado mediúnico de crítica a Maeterlinck, por *George Déjean*	18$00	
No Limiar do Etéreo, Estudo da Voz Directa, por *Artur Findlay*	22$00	
Outro (O) Lado da Vida, por *Carl du Prel*	20$00	
Parábolas e Ensinos de Jesus, por *Cairbar Schutel*		40$00
Pela Vitória do Espirito, pelo *Dr. Fred Wachsmann*, de colaboração com Isidoro Duarte Santos	46$00	
Protestantismo (O) e o Espiritismo, por *Benedito A. da Fonseca*	15$00	
Problema (O) da Sobrevivência, pelo *Dr. A. Lobo Vilela*	8$00	
Perdôo-te, grande romance mediúnico, por *Amália Domingo Soler* (3 volumes num só)	60$00	
Reencarnação, por *Djalma Farias*	18$00	
Roma e o Evangelho, por *J. Amigó y Pellicer*	28$00	40$00
Rosário (O) de Coral, pelo *Dr. A. Wylm*, médico neurologista	20$00	34$00
Redenção, romance mediúnico ditado pelo *Espírito de Vitor Hugo*	30$00	
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo, por *Aurélio Valente*	28$00	
Sonâmbula (A), romance espirita por *António Lima*		30$00
Spiritus Maledictus, romance mediúnico recebido por *J. Suriñac*	18$00	
Sinal da Vitória, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	48$00	
Teatro da Mocidade, por *Leopoldo Machado*	25$00	
Uma (Apenas) Sombra de Mulher, romance espirita por *Fernando do Ó*	23$00	
Verdade (A) Espiritualista, por *C. Picone Chiodo*	10$00	20$00
Vida (A) Além do Véu, descrições do Além pelo *médium G. Vale Owen*	23$00	35$00
Vida e Actos dos Apóstolos, por *Cairbar Schutel*		35$00
Vida de Jesus, por *António Lima*	22$00	
Vingança (A) do Judeu, romance ditado pelo *Espírito do Conde Rochester*	38$00	52$00
Voz (A) do Antigo Egito, por *Vladomiro Lorenz*, o caso estranho das comunicações de *Rosemary*	20$00	32$00
Vozes (E as) falaram, novela empolgante, por *Fernando do Ó*	24$00	

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA